

SÃO DANIEL COMBONI

ESCRITOS 2

Nº 3700 - 7257

N.º 579 (550) - ACORDO COM AS IRMÃS DE S. JOSÉ
ASSGM, Afr. C. (1874), v. 8, ff.236-239

1874

Anexo n.º 1

ACORDO ESTIPULADO ENTRE
O rev.mo pró-vigário apostólico da África Central
e a rev.da madre geral das Irmãs
de S. José da Aparição

3700

A fim de coadjuvar a missão da África Central *em todas as actividades de instrução e caridade* em favor da condição feminina e da infância, a congregação das Irmãs de S. José da Aparição concorre generosamente com as suas irmãs para esta sublime obra de apostolado. Pelo que a rev.ma madre geral desta congregação, a senhora Emilie Julien, e o pró-vigário apostólico da África Central, *Daniel Comboni*, estabeleceram juntos o seguinte recíproco acordo formal, que terá força e vigor, até depois da morte de ambos, entre os seus sucessores, enquanto assim o queira a Santa Sé.

Artigo primeiro

3701

A superiora geral deverá ter presente que o apostolado da Nigricia é sumamente árduo e trabalhoso, pelo que procurará enviar para lá religiosas aptas a esse fim.

Artigo segundo

3702

O pró-vigário apostólico ocupar-se-á com todo o cuidado para que em cada casa em que as irmãs se encontrem ao serviço da missão possam elas observar perfeitamente as regras do seu instituto de forma compatível com as necessidades práticas da missão.

Artigo terceiro

3703

O pró-vigário obriga-se a fornecer às irmãs uma casa decentemente mobilada, equipada com o necessário para constituir uma regular instituto de missão.

Artigo quarto

O pró-vigário obriga-se a entregar a cada irmã a importância de quinhentas libras anuais, por adiantado, em duas vezes, isto é, duzentas e cinquenta cada semestre.

Artigo quinto

3704

O pró-vigário suporta todos os gastos das viagens, incluindo a do regresso das irmãs, como também todos os gastos provenientes de mudança, transferência ou substituição das irmãs, ou por razão de saúde, ou por casos imprevistos que o pró-vigário ou a rev.ma madre geral julguem necessário.

Artigo sexto

Os trabalhos que realizarem as negras serão em benefício da missão, assim como os donativos que os benfeitores entregarem para o instituto das mesmas negras.

Artigo sétimo

3705

Em caso de morte, far-se-ão pelas irmãs os funerais e sufrágios que se fazem pelos sacerdotes missionários falecidos, na medida em que as normas litúrgicas o permitirem.

Observações sobre o acordo

Do Anexo n.º1

3706

1.º Como a missão da África Central é completamente nova para as irmãs e não se podem medir ainda as vantagens e os inconvenientes que este acordo oferece às duas partes, seria prudente que tivesse valor só *ad quinquennium*, reservando-se ambas as partes o direito de estipular um novo acordo, após realizar a experiência quinquenal.

2.º Os deveres e funções das irmãs consistem principalmente em educar as jovens negras, dirigir as creches, enfermarias, etc., e prestar-se a todas as actividades caritativas requeridas pelas necessidades da missão, e que sejam conforme o objectivo da congregação de S. José.

3707

3.º O artigo *quinto* haveria que modificá-lo assim: «O pró-vigário arca com todos os gastos das viagens das irmãs, tanto para a sua ida para a missão como para o seu regresso por motivos de saúde ou por casos imprevistos julgados necessários pelo pró-vigário apostólico e pela madre geral. Não ficarão a cargo da missão as viagens das irmãs que a madre geral mande regressar, por serem destinadas por ela a outros estabelecimentos por vontade própria.»

3708

4.º O artigo *sexto* deveria ficar assim: «Todos os bens, ofertas, esmolas ou legados oferecidos aos institutos que as irmãs dirigem, como também o que for cobrado pelas aulas ou pelos trabalhos dos próprios institutos, serão em benefício da missão e, portanto, estão à disposição do pró-vigário apostólico.»

3709

Nota bene: humildemente expostas estas observações, o pró-vigário Comboni mostrará a melhor disposição e alegria em fazer tudo o que a S. C. considerar oportuno; e, portanto, sem necessidade de ser mais ouvido sobre o assunto, assinará esse acordo, que lhe será remetido pela Propaganda, na qual reconhece a vontade de Deus.

N.º 580 (1162) - À MADRE EUFRÁSIA MARAVAL
ASSGM, Afrique Centrale Dossier

Cartum, 1874

3710

...Encarreguei Sórora Genoveva, depois de muitos meses, que escreva à madre geral, rogando-lhe que prepare uma superiora provincial para o mês de Março e que a envie para o Egipto. Nós precisamos de dez Irmãs, porque no fim deste ano abriremos a missão de Gebel Nuba. Por favor, envie-me irmãs como a Ir. Josefina: preciso de irmãs árabes, virtuosas, recém-saídas do noviciado. Estas habituar-se-ão mais facilmente.

Agradeço-lhe por me ter mandado a Ir. Ana, de quem espero bons resultados.

Rogo-lhe que se mostre benévola com a África Central, na qual tem posto todo o seu interesse a França inteira. Precisa-se de capazes e santas irmãs para esta missão, porque é a mais difícil.

Que Deus a abençoe. Reze por mim.

P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário ap. da Africa central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 581 (551) - À MADRE EMILIEENNE NAUBONNET
ASSGM, Afrique Centrale Dossier

J. M. J.

Cartum, 12 de Janeiro de 1875

Minha veneradíssima madre,

3711

Com a maior satisfação recebi a sua estimada carta junto com a da nossa querida madre geral, nas quais se me comunicou a boa notícia de que a senhora foi escolhida para superiora provincial da África Central, como eu desejava e tinha suplicado insistentemente ao cardeal-prefeito da Propaganda e à rev.da madre geral. Confesso-lhe francamente que a nossa caríssima madre geral não podia satisfazer melhor os meus ardentes anseios, que com a graça que me concedeu de escolher para a minha grande missão a veterana das irmãs missionárias do Oriente, quer dizer, a si, minha boa madre, que educou quase todas as nossas estupendas irmãs árabes e sobretudo a que ainda não cessei de chorar: a Ir. Josefina Tabraui. A madre, que veio pela primeira vez ao Oriente trazida pelo P.º Ryllo, cujo túmulo está situado no meio do jardim das nossas irmãs aqui em Cartum, a trinta passos da nova casa que construí para si; a madre, dizia, conhece perfeitamente a vida apostólica das missões.

3712

Nunca agradecerei suficientemente à madre geral por ma ter concedido, como na minha última carta agradei ao cardeal Franchi, o qual não deixou de instar perante a madre geral para que satisfizesse as minhas aspirações.

Não importa que a irmã tenha uma idade um pouco avançada: creio que aqui rejuvenescerá. É suficiente o olhar e a presença de uma boa superiora, sem trabalhar muito, para fazer andar as coisas para a frente. O seu nome é bem conhecido entre nós; nunca se passou um dia sem eu ouvir o seu venerado nome às irmãs e sobretudo às nossas Ir. Josefina Tabraui e Ir. Ana Mansur, a quem a irmã tão bem educou. Espero-a, pois, com impaciência em Cartum e vou dar instruções para que venha do melhor modo possível. Peço-lhe, minha madre, que não poupe nada para tornar a viagem menos difícil.

3713

A viagem é fácil; apenas o deserto é um pouco trabalhoso durante uns dias. A sua admirável obediência à madre geral, vindo para a África, apesar da avançada idade e do peso de tantos anos de missão, foi-me muito edificante. Com este espírito, Deus abençoa-la-á, assim como às irmãs e ao pró-vigário apostólico mons. Comboni, ao qual a senhora dará as suas instruções.

Assim, pois, a irmã poderá conscienciosamente provar a Ir. Genoveva (que tem defeitos misturados com virtudes e que é Irmã de S. José e, portanto, filha nossa), após o que estaremos em condições de decidir bem o que se deve fazer: se destiná-la a um bom lugar na África Central ou dar-lhe a carta de obediência.

3714

Espero que tenha compreendido o meu pensamento. Rogo-lhe, pois, que se encarregue de escrever à madre geral neste sentido, porque eu não tenho tempo de o fazer e agradeça-lhe por ela ter dado à África Central o precioso dom de Sórora Emilienne, a veterana missionária do Oriente.

3715

Jamais darei alguma incumbência ou encargo ao P.º Estanislaou Carcereri. Com a sua louca cabeça expôs toda uma caravana a sérios perigos e a muitos sofrimentos e gastou-me muito dinheiro por tomar um caminho que não conhecia. Seguindo o percurso ordinário, naquela estação a caravana poderia ter chegado a Cartum para a Imaculada Conceição, enquanto agora já não a espero senão lá para Fevereiro próximo.

Como tenho toda a confiança em si, revelo-lhe a minha dor. Estou muito pesaroso, porque temo que a Ir. Angélica e as outras duas tenham passado muito frio.

3716

A Ir. Ana tem a bicha solitária; um dia está nas aulas, outro na cama. Escrevi a P.º Bartolo para que me mande os remédios necessários para livrar a Ir. Ana desse parasita. Tenha a bondade de se informar bem sobre isso no hospital com a superiora e os médicos e envie os remédios e traga-os a irmã também. Fica entendido que, se antes de ter as respostas da madre geral tiver ocasião de partir, deverá arrancar imediatamente para Cartum, porque as cartas recebê-las-á aqui.

3717

Pelo caminho de Suakin, no mar Vermelho, pode chegar a Cartum em menos de trinta dias. Mas P.^e Bartolo dir-lhe-á tudo.

Tenha a bondade de saudar da minha parte as irmãs e sobretudo a madre superiora do hospital, enquanto abençoando-a me declaro nos Corações de Jesus e de Maria

Seu af.mo

P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário apostólico

Original francês
Tradução do italiano

N.º 582 (552) - À MADRE EMILIE JULIEN
ASSGM, Afrique Centrale Dossier

J. M. J.

Cartum, 24 de Janeiro de 1875

Minha caríssima madre,

3718

No dia 22 do corrente, às sete da manhã, a Ir. Genoveva partiu para o céu, depois de recebidos os sacramentos e a bênção papal *in articulo mortis*. Encontrava-se muito forte e cheia de saúde, quando lhe veio uma doença de sete dias. Depois de uma indigestão (como dizem a Ir. Severina e a Ir. Ana) tomou óleo de rícino, de que ela mesma tinha recolhido os frutos e extraído o suco. Os médicos disseram que era o tifo. O facto é que eu queria curá-la, mas ela negou-se. Na mesma situação estava a Ir. Faustina, que, como a Ir. Genoveva, nunca tinha sido sangrada. A Ir. Faustina deixou-se curar por mim à meia-noite e já começa a levantar-se. A Ir. Genoveva não sabia que eu tinha a sua carta de obediência. Pelo contrário, eu decidira esperar pela madre Emilienne para nomear a Ir. Genoveva como Superiora no Cordofão, se lhe agradasse. Enfim, adoremos os desígnios da Providência. Mas o meu pesar é muito grande.

3719

O paxá enviou um bei com doze soldados e quatro janízaros para a acompanhar ao cemitério. Os seus funerais foram magníficos. Deus tê-la-á no Céu. Era devota e muito amante da oração. Eu, que a confessei durante os últimos seis meses, nunca a vi faltar ao tribunal da penitência. Desde a ida da Ir. Maria José para o Cordofão, eu estava satisfeito com a Ir. Genoveva, que também foi chorada em Cartum. Celebrarei por ela muitas missas. Logo que chegar a caravana, que já saiu de Dôngola, far-lhe-emos um grande serviço litúrgico, porque agora sou o único sacerdote que aqui diz missa.

3720

Agradeço-lhe infinitamente, minha boa e cara madre, por ter concedido à África Central a veterana das missionárias, Ir. Emilienne. Não me podia fazer favor maior, nem podia mandar-me uma irmã mais adequada e capaz para o objectivo proposto. Não se preocupe por ser velha. Fá-la-emos rejuvenescer. Guardá-la-emos como uma relíquia: basta-nos a sua presença: não trabalhará. Com ela espero poder conseguir boas e valiosas irmãs árabes, como a Ir. Josefina e a Ir. Ana, que faz tanto bem, apesar de ter a bicha solitária.

3721

Receba, minha boa madre, a minha gratidão pela preciosa prenda que me deu na pessoa da Ir. Emilienne. É causa de alegria para todos, mas quem está mais contente sou eu, porque, a julgar pelo que ouvi à Ir. Josefina e a todas as irmãs sobre Sórora Emilienne e pela carta que me escreveu, estou convencido de que ela é uma santa e excelente religiosa e superiora. Ficará alojada perto do túmulo do P.^e Ryllo (o qual se encontra no jardim das irmãs), que a levou a primeira vez para a Síria.

Trata-se, pois, de um dos maiores confortos que recebi no meio das minhas cruces (a maior das quais é a do P.^e Carcereri, de que lhe escreverei). Obrigado, minha boa madre. O Espírito Santo inspirou-a para o bem da África.

3722

Eu sabia perfeitamente que a Ir. Emilienne estava em Marselha disponível; mas nunca teria tido a coragem de lha pedir para a missão, tão laboriosa, da África Central, porque era muito mais modesto nas minhas súplicas.

Porém, o dia em que me chegou a sua carta com uma da Ir. Emilienne, na qual me dizia que, cumprindo as ordens da sua madre geral, considerava fazer a vontade de Deus ao vir para a África Central, fiquei impressionado pela sua generosidade e perfeição. Eis uma santa religiosa digna de ser canonizada. Ainda que velha e habituada às comodidades de Saida e ao trato com os padres jesuítas (que são os mais estimáveis missionários) e com os patriarcas e bispos do Oriente, vem enterrar-se com os negros. É uma santa e, portanto, uma grande bênção para a África Central.

3723

Receba todo o meu agradecimento por isto. A Ir. Severina é com os doentes uma irmã incomparável. Também fez muito por P.^e Pascoal. Transmita as minhas saudações à madre Eufrásia, à assistente, à Ir. Celeste e à senhora de Villeneuve.

P.^e Daniel Comboni

Original francês

Tradução do italiano

N.º 583 (553) - AO CARDEAL ALEXANDRE FRANCHI
AP SC v. 8, ff. 302-303

N.º 1

Cartum, 31 de Janeiro de 1875

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

3724

Seria meu dever comunicar a V. Em.^a Rev.ma o feliz começo das minhas práticas para a fundação e próxima instalação da comunidade camiliana em *Berber*. Mas como o aspecto substancial deste importante assunto do meu vicariato está descrito na carta junta de 23 do corrente do P.^e Franceschini, camiliano, que ma mandou aberta para que eu a lesse e depois a enviasse ao seu geral, o rev.mo P.^e Guardi, permito-me remetê-la a V. Em.^a tal como me foi enviada, a fim de que se digne lê-la para conhecer a situação do mencionado assunto e depois fazê-la chegar às mãos do dito rev.mo P.^e geral. Interpretando que conto para isso com o total acordo do P.^e Franceschini, tomei a liberdade de copiar para V. Em.^a um extracto dela; quer dizer, a parte que se refere à missão de Berber e que interessa à obra africana que concedi aos padres camilianos com base no meu conhecido acordo com o rev.mo geral dos mesmos, válido por cinco anos.

3725

O vicariato da África Central entra hoje numa nova fase pela introdução nele de uma nova ordem religiosa, que, bem tratada e governada com prudência e sabedoria, pode ser útil ao apostolado da Nigricia. Mas a experiência e a história das missões em que trabalham diferentes corporações nos ensinam que, do concurso de diversos institutos numa mesma missão, pode resultar um grande bem, mas também um grande mal, como efeito, principalmente, da prudência ou imprudência do chefe ou do espírito com que se trabalha na vinha de Cristo. Por isso, conhecendo bem a gravidade da minha posição, depois de madura reflexão e de incessantes orações Àquele de quem provém toda a luz, decidi não dar nenhum passo de importância nas minhas relações com a nova ordem camiliana e com o superior local da nova casa de Berber sem consultar a Propaganda e invocar a preciosa ajuda dos sábios conselhos, ideias, instruções e ordens de V. Em.^a e mantê-lo informado exacta e conscienciosamente de todas e de cada uma das minhas diligências com a dita ordem (sobretudo porque é preciso comprovar durante alguns anos a sua aptidão para o apostolado das santas missões, que até hoje não foi a sua finalidade essencial) e especialmente com o superior da nova casa de Berber, o P.^e Carceri.

3726

O único motivo pelo qual aceitei fundar uma Casa Camiliana no meu vicariato foi a esperança e o desejo de salvar o maior número de almas na imensa vinha que a Santa Sé me confiou. E para ter êxito no meu in-

tento, é preciso que proceda com a máxima prudência e moderação, sem deixar de me manter no meu posto nem de fazer valer com firmeza os meus direitos, que redundam no maior bem para o meu vicariato. Por isso é sumamente útil e necessário recorrer ao mais eficaz e poderoso meio providencial oferecido a todos e, de modo especial, às mais trabalhosas e difíceis missões do universo, como é a Propaganda que é dirigida por uma sabedoria sobre-humana, infinitamente superior a todas as luzes da experiência que podem ter os superiores imediatos das missões estrangeiras.

3727

Portanto, suplico a V. Em.^a que se digne assistir-me também nos assuntos aludidos, enquanto com a ajuda do Senhor, da Virgem Imaculada e de S. José e suportando com júbilo as inevitáveis cruces que os acompanham, confio firmemente superar qualquer obstáculo e em tudo triunfar.

3728

Na carta junta do P.^e Franceschini ao rev.mo P.^e Guardi, certamente chamarão a atenção a V. Eminência estas palavras: «Fiquei não pouco surpreendido ao ver o pró-vigário, *cujas circunstâncias críticas me eram bem conhecidas*, não olhar a gastos para comprar uma casa que fosse digna de acolher uma ordem religiosa», etc. Pois bem, é certo que me encontro *em circunstâncias críticas*, porque tenho o *cofre vazio*. E não é que este vicariato careça de recursos ou que se realizem mais obras do que as que se podem, pois o vicariato tem receitas suficientes, e eu nunca empreendo uma obra sem a certeza de dispor dos meios necessários.

3729

O que me pôs nestas circunstâncias é o atraso da caravana em chegar a Cartum. Em poucos meses tinham sido destinados a este vicariato mais de 74 000 francos em donativos, uma parte dos quais foi recebida pelo P.^e Carcereri, graças a uma minha carta de recomendação, e a outra chegou ao Cairo, como de costume, às mãos do meu incomparável e excelente representante, P.^e Bartolo Rolleri, superior dos meus institutos egípcios. Porém, estas últimas somas chegaram ao Cairo quando se encontrava aí Carcereri, o qual, valendo-se da sua autoridade de meu vigário-geral, quis levar tudo. E de nada serviram os rogos e pedidos de P.^e Rolleri, que queria, como era costume e para maior segurança, mandar-me o dinheiro por meio do Consulado austríaco, sabendo que eu o precisava.

3730

Carcereri partiu do Cairo no dia 24 de Outubro do ano passado e ainda não chegou a Cartum, porque quis tomar uma rota diferente da normal do deserto de Korosko, seguida até agora por todos os missionários e comerciantes; pelo contrário, ele tomou a de Wady-Halfa, que é insegura e mais longa e dispendiosa. As caravanas saídas do Cairo nos fins de Novembro ou princípios de Dezembro já chegaram há uns dias a Cartum. A caravana do P.^e Carcereri não sei onde está. Paguei a casa de Berber até ao último centavo, mas tenho a caixa vazia. Esta é a minha situação real. Beijo-lhe a sagrada púrpura, etc.

Seu hum., devot.mo e obed.mo filho

P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário apostólico

N.º 584 (1207) - BREVE NOTA
AP SC Afr. C., v. 1005, f.1495

Janeiro de 1875

N.º 585 (554) - À MADRE EMILIE JULIEN
ASSGM, Afrique Centrale Dossier

J. M. J. N.º 2

Cartum, 28 de Fevereiro de 1875

Minha muito boa madre,

3731

A notícia do casamento do sr. Augusto de Villeneuve com a senhora Tanquerelle des Planches provocou em mim muita alegria e satisfação. O incomparável coração da senhora Villeneuve merecia esta graça pela sua abnegação e pela sua fé.

Naturalmente, vou escrever à senhora e a Augusto; porém, entretanto, faça-lhes chegar os meus parabéns e os meus votos pela sua felicidade. Não deixei passar um dia sem rezar por eles. O acordo pôr-se-á em prática segundo o desejo da madre Emilienne, que esta tarde deve chegar a Suakin, no mar Vermelho, aonde já enviei o P.^e José a recebê-la.

Depois do documento que a madre me mandou, já não tenho nada a ver com o Sr. Lourenço, graças a Deus. Se tiver a ousadia de recorrer aos tribunais, será derrotado como merece. O assunto é só entre si e mim e refere-se à pequena soma de 3000 francos.

3732

De momento não posso enviar-lhe nada. Os enormes gastos a que devo fazer frente, sobretudo no Cairo, para construir duas grandes obras e as casas de Berber e de Cartum, não me permitem dar nem um centavo. Julgava poder acabar com este assunto dos 3000 francos com a chegada da caravana; porém, a má administração do P.^e Carcereri na viagem, gastando-me 40 000 francos e deixando todas as provisões em Wady-Halfa, etc., deixaram-me um pouco arruinado. Ele é a causa de que dos 73 000 que em seis meses recebeu o meu vicariato, eu só tenha tocado em 10 000. As irmãs Teresa e Vitória são testemunhas do esbanjamento de dinheiro e de provisões levado a cabo sem consciência por ele que era o meu vigário-geral. Já estou saturado. Porém, paciência: P.^e Bartolo Rolleri é um homem santo e de valia e muito generoso com as irmãs. Esforçar-me-ei para lhe pagar este ano.

3733

Sua Eminência o cardeal Franchi, nosso Pai, escreve-me: «Soube com agrado que o acordo assinado entre esse vicariato e as irmãs se lhe revelou satisfatório. O senhor tem razão em gloriar-se das suas irmãs que, deixando de lado todo o interesse pessoal, se sacrificam nessas terras pelo bem da Religião.»

Estas palavras agradaram de modo particular às nossas boas irmãs. A irmã Severina é muito activa e fez muito bem aqui.

Reze por

Seu af.mo

P.^e Daniel Comboni

Original francês
Tradução do italiano

N.º 586 (555) - A P.^e BARTOLOMEU ROLLERI
«Les Missions Catholiques» 304 (1875), p. 166

Fevereiro 1875

Breve artigo.

N.º 587 (556) - A BERARD DES GLAJEUX
APFP, Boîte G 84

J. M. J.

Cartum, 10 de Março de 1875

Senhor presidente em Paris,

3734

As doenças que todos nós temos sofrido neste tórrido clima pela enorme subida do Nilo, que no último Outono ameaçou com a destruição da cidade de Cartum, e a impossibilidade de apresentar contas exactas sobre o último exercício, pelo atraso da caravana do P.^e Carcereri, que tinha nas suas mãos parte considerável das ajudas que a Propagação da Fé e outras sociedades mais pequenas me tinham concedido no ano de 1874, impediram-me de lhe enviar para o primeiro de Outubro as tabelas estatísticas do meu vicariato com a

informação completa, para servir para a futura repartição. Por isso limitei-me a enviar-lhe, no dia 3 de Dezembro passado, um pequeno relatório sobre o feliz andamento desta missão, as mencionadas tabelas estatísticas, ainda que incompletas.

3735

Agora que o P.^e Carcereri trouxe do Cairo a Cartum o pessoal da caravana, deixando, por falta de camelos, todas as caixas e as poucas provisões de reserva em Wady-Halfa, ou seja, na segunda catarata, a quarenta dias daqui, dou-lhe igualmente, abreviando, as contas mais exactas sobre a situação financeira junto com as tabelas estatísticas do vicariato. Rogo-lhe, pois, sr. presidente, que tome em consideração este pequeno relatório, melhor que o de 3 de Dezembro passado, porque agora que conheço os enormes gastos que a viagem do P.^e Carcereri com a caravana provocou, mudou um pouco as previsões expostas nessas tabelas estatísticas que lhe enviei, de modo que me vejo forçado a expor-lhe a urgência e necessidade que o meu vicariato tem de ajudas mais abundantes que os outros anos, a fim de cobrir o défice do passado exercício e reforçar e desenvolver amplamente esta importante missão, lá onde nunca penetrou a palavra do Evangelho.

3736

Para consolidar bem a missão principal de Cartum é de absoluta necessidade construir uma igreja, mais o instituto das irmãs, com salas de aula, a creche, as dependências da creche, a enfermaria, etc. Da igreja (que será a catedral) ocupar-nos-emos no futuro. Para a casa completa das irmãs faltam pelo menos 80 000 francos, incluído o que já gastámos.

3737

Graças ao Sagrado Coração de Jesus e a si, recentemente terminou-se quase a metade do mencionado edifício. Com um gasto de 24 416 francos construí uma casa que, de momento, é suficiente para as Irmãs, as salas de aula e o jardim-de-infância. Para a realização (sob a minha direcção imediata) desta metade da obra empregaram-se 723 947 tijolos vermelhos, cada um de 25 centímetros de comprimento, 12 de largo e 6 de espessura; além disso, 1642 *ardebs* de cal, 984 jornadas de pedreiros a 9 ou 10 francos por dia, mais 10 372 jornadas de escravos e 4349 francos de madeira. Os meus ferreiros, carpinteiros e o pessoal da missão fizeram-nos poupar mais de metade do custo da construção. Ainda que incompleto, este edifício é de imensa utilidade, tanto para a saúde para como para o apostolado de Cartum e da África Central. Em fins de Março mandarei interromper as obras para as retomar noutro ano.

3738

A Missão do Cordofão, sobretudo com a instalação das Irmãs, ganhou nova vida. Fora as reparações feitas na casa dos missionários para proteger o pequeno seminário ou colégio de negros, vi-me obrigado a rodear toda a casa das Irmãs com um muro e a reparar as cabanas. Desde o mês de Maio temos aqui uma capela sempre com o Santíssimo Sacramento. O conjunto é construído de areia, como se usa na região. Por tudo isto, limitado ao estritamente necessário, gastei 4105 francos com 7 cêntimos. Ainda fica muito para fazer e gastar antes de dotar do necessário esta missão. Não obstante, continua a ser a base de operações e o centro de comunicação para toda a parte do vicariato.

3739

Actualmente o Cordofão converte-se num ponto de partida da nova missão de Gebel Nuba. Quando S. E. Ismail Paxá Ayub, governador-geral de Cartum, passou por El-Obeid para ir à conquista de Darfur, visitou as nossas duas casas do Cordofão e escreveu-me que ficou encantado e cheio de admiração ao vê-las tão florescentes, sobretudo a casa das irmãs, e assegurou-me que ficará sempre contente de proteger uma obra tão eminente da civilização europeia.

3740

A S. C. da Propaganda ordenou-me que fundasse, quanto antes, a missão de Gebel Nuba, a sudoeste do Cordofão. Como sabe, em Outubro de 1873, mandei a essas tribos dois padres, Carcereri e Franceschini, e fiz com que fosse com eles um veterano da missão da África Central, o sr. Augusto Wisnewsky, da diocese de Ermland, que desde há vinte anos se encontra no nosso vicariato e que conhece perfeitamente todas as tribos destas terras até ao 4^o de lat. norte.

3741

Acompanhado deste excelente homem, o P.^e Carcereri visitou os primeiros povoados destas tribos, onde existe o grande chefe e escolheu a localidade de Delen para começar o apostolado e a regeneração dos Nuba. No mês de Novembro mandei ao dito lugar dois membros da missão para preparar aí habitações. Nesta pequena expedição gastei 2490 francos, entre camelos, provisões, ferro, etc. Porém, chegada a Cartum a caravana do P.^e Carcereri, apressei-me a enviar dois sacerdotes para preparar duas casas, uma para os missionários outra para as irmãs.

3742

No próximo mês, uma vez chegada a Cartum a madre provincial, a Ir. Emilienne Naubonnet (que foi trinta anos superiora na Síria), e recebidas de Wady-Halfa as caixas que o P.^e Carcereri deixou lá por não ter encontrado camelos suficientes, partirei para Gebel Nuba com o fim de fundar a nova missão. Para esta missão e para levantar a casa dos missionários e a das irmãs são precisos pelo menos, este ano, 10 000 francos.

3743

Por outro lado, no passado mês de Novembro abri já a missão de Berber, para a confiar aos padres de S. Camilo de Lelis, destinando para aí o P.^e José Franceschini com um dos meus irmãos leigos. Na actualidade estão instalados em Berber (uma das cidades mais comerciais do Sudão) cinco padres camilianos e dois irmãos. Essa formosa casa junto ao Nilo, entre os gastos de aquisição e dos primeiros acondicionamentos e reparações, custou-me 8134 francos com 75 cêntimos. Como não vai precisar de novas reparações durante alguns anos, a dita casa, com os cinco mil francos anuais estabelecidos no acordo com o P.^e geral dos camilianos, funcionará muito bem.

3744

O superior dela é o P.^e Carcereri que, como consequência, deixa de ser o meu vigário-geral.

Para este posto de muita importância nomeei, com total satisfação de todos os meus missionários, o cón. Pascoal Fiore, que, até agora, foi Superior e pároco da missão de Cartum.

Além dos gastos correspondentes às missões do vicariato, este ano preciso de fazer despesas extraordinárias com as duas casas preparatórias do Cairo, a que a S. C. da Propaganda dá uma grande importância, sobretudo para a aclimação nelas dos missionários e das irmãs da Europa destinados ao vicariato.

3745

O senhor sabe que até ao presente os meus institutos do Cairo estiveram instalados em duas casas pelas quais pagava anualmente um pesado arrendamento. Depois de ter experimentado mil meios para evitar isto, ao cabo de três anos dirigi-me a S. A. o quédive, a fim de obter no Cairo um terreno onde construir duas casas.

Sua Alteza respondeu que mo conseguiria; mas, após muitos esforços do meu representante P.^e Bartolo Roller, esse terreno só foi concedido no mês de Agosto passado e em condições que exigem grandes sacrifícios.

3746

Na verdade, o terreno concedido está num dos melhores lugares do Cairo e o seu valor é de 43 000 francos pelo menos, segundo os cálculos dos engenheiros. Realmente trata-se de algo magnífico para os interesses do meu vicariato. Mas tenho que efectuar neste primeiro ano um gasto de 50 000 francos de construção para me assegurar a propriedade. Para este fim, envio-lhe a cópia exacta do documento francês-árabe que me deu o governo egípcio (*Anexo II*).

Ainda que eu e os meus missionários tenhamos sofrido muitos apertos o ano passado para preparar, construir e organizar as nossas obras, estamos dispostos a sofrer muito também este ano, para economizar, a fim de podermos edificar as casas do Cairo.

3747

Se Deus nos abençoar, dentro de cinco ou seis anos os Institutos e as obras do vicariato estarão mais florescentes. O nosso ânimo para criar e formar com plena vida e actividade o vicariato mais difícil e colossal do universo no meio de mil obstáculos será inquebrantável se o senhor tiver a coragem de aumentar consideravelmente o generoso contributo que a sua imensa caridade deu nos anos transactos para este vicariato.

Já começaram as obras das duas casas do Cairo e gastaram-se até hoje uns oito mil francos. Porém, o Governo egípcio exige que em dezoito meses, a partir de 4 de Agosto, ou seja, para o dia 4 de Fevereiro de 1876, se tenha efectuado o gasto de 50 000 francos. Espero, não obstante, que, feito este desembolso, possam instalar-se lá os dois institutos, após o que a construção do restante se irá realizando pouco a pouco. Para poder fazer frente a tudo, reduzi ao mínimo o pessoal do Cairo e transferei para Cartum também os três estudantes de teologia que tinha naquela capital.

3748

Como o senhor verá pelas estatísticas do passado exercício, requerem-se consideráveis somas para as viagens do pessoal, não só desde a Europa até Cartum mas também desde Cartum até às outras estações do vicariato. A estes enormes gastos acrescentou-se a desgraça da caravana do P.^e Carcereri. Com esta caravana, incluída a viagem dele à Europa e as compras ordinárias, consumiu-se a desmesurada importância de 36 680 francos com 91 cêntimos, enquanto se outro tivesse guiado a expedição não teria empregado nela 20 000 francos. E, para além de todos estes dispêndios, as provisões que deixaram encontram-se ainda a mais de quarenta dias de Cartum, em Wady-Halfa, de onde, por agora, é impossível retirá-las.

3749

O P.^e Carcereri cometeu dois grandes erros nesta expedição. Chegado a Assuão, devia ter feito o mesmo que todos os missionários desde o ano de 1848, e todos os comerciantes: desembarcar os embrulhos e transportá-los sobre camelos até Schellal (duas horas de viagem), para aí serem embarcados e levados a Korosko, seguindo depois pelo deserto até Berber. Isto foi o que sempre fizeram os missionários. Pelo contrário, ele quis fazer passar pelas cataratas de Assuão até Schellal não só as embarcações, mas também o pessoal e os ajudantes com o perigo de serem tragados pelo Nilo.

3750

O pessoal teve a sorte de se salvar descendo para terra ao começo da catarata e indo a pé até Schellal; mas as embarcações ficaram muito avariadas pela passagem das cataratas e uma afundou-se no Nilo. Passo em silêncio a desgraça da morte de um dos meus bons agricultores, um veronês que, caído num redemoinho do Nilo, nas cataratas de Schellal, se afogou. Se o P.^e Carcereri tivesse tomado em Assuão os camelos para um percurso de duas horas até Schellal, como fizeram todos os demais, ter-se-iam evitado todos estes infortúnios.

Em segundo lugar, o P.^e Carcereri quis tomar o caminho de Wady-Halfa, em vez do de Korosko. Ele nunca fizera esta rota, não conhecia Wady-Halfa, mas foi até lá; enquanto muitos comerciantes egípcios, seguindo a de Korosko, chegaram felizmente do Cairo a Cartum em sessenta dias.

3751

Pois bem, já em Wady-Halfa, Carcereri teve que se deter aí trinta e quatro dias; e quando, por fim, pôde partir (após a minhas diligências perante o Governo), só lhe foi possível fazê-lo com dezanove camelos. Portanto, do Cairo a Cartum gastou 103 dias. Quanto às provisões, mais de metade se perdeu nas cataratas e o resto está ainda em Wady-Halfa, onde há perigo de que também se perca. Assim pois, de Cartum mandei lá um dos meus bons irmãos leigos buscar essas provisões.

No deserto de Bayuda ele encontrou a caravana (à qual enviei os biscoitos de que carecia) e o P.^e Carcereri ordenou-lhe que se detivesse em Dôngola. Tendo-me inteirado deste novo contratempo, apressei-me a ordenar ao meu irmão leigo que prossiga a viagem até Wady-Halfa e que dali leve o resto das provisões para Korosko e, através de Berber, as traga até Cartum.

3752

Deste modo aumentam ainda os gastos da caravana, para não perder tudo, e no fim esta expedição custará mais de 40 000 francos. É certo que se torna muito difícil a viagem à África Central; mas jamais voltarei a pôr o P.^e Carcereri à frente de tais empresas.

Apesar destas enormes despesas, encontro-me sem provisões e, por cima, em apuros, porque não posso deixar esta capital para cumprir as ordens da Propaganda de ir fundar a nova missão de Gebel Nuba. Porém, toda a minha confiança está posta no Sagrado Coração e na Propagação da Fé.

3753

Graças ao divino Coração de Jesus e a si, apesar de tantas dificuldades, a Sagrada Congregação da Propaganda pôde reconhecer que não foram em vão os sacrifícios que os benfeitores da Obra fizeram por este colossal Vicariato. Eis um pequeno extracto de uma carta que me dirigiu S. Em.^a o cardeal Franchi:

Roma, sede da Propaganda, 29 de Agosto de 1874

3754

«Na assembleia geral de 14 do corrente mês de Agosto, a Sagrada Congregação da Propaganda ocupou-se dos assuntos dessa missão, com o objectivo de lhe proporcionar uma estruturação mais sólida. Consideradas, pois, as informações enviadas por V. S. em diversas épocas, assim como as apresentadas pelo P.^e Carcereri, a sagrada assembleia teve o prazer de saber que o Senhor se dignou abençoar o princípio de uma obra de tanta glória para Ele e que *fundamentalmente se espera* que continuará a proteger com os seus celestiais favores. Portanto, os eminentíssimos padres ordenaram que se institua imediatamente a nova missão em Gebel Nuba, para que, com os meios que actualmente estejam ao alcance do senhor, procure a conversão ao Cristianismo desses povos tão desventurados.»

3755

Depois de me darem sábias instruções sobre o modo de agir quanto ao tráfico de negros e à escravidão e sobre como acabar pouco a pouco com as desordens destes povos, S. Em.^a fez-me saber que a S. C. decidiu a minha nomeação para bispo e vigário apostólico; porém, só será comunicado ao Santo Padre uma vez estabelecida a missão de Gebel Nuba. A carta termina assim:

3756

«Finalmente tenho o prazer de lhe participar que os meus eminentíssimos colegas tributaram elogios ao empenho com que o senhor iniciou a árdua empresa de evangelizar essas gentes e encorajam-no a continuá-la sem desanimar pelos obstáculos que vier a encontrar. Pelo contrário, contando com a divina assistência, que, certamente, não lhe faltará...», etc., etc.

Para lhe dar uma ideia cada vez mais exacta e verdadeira da administração deste vicariato, junto as seguintes notas:

[Seguem notas administrativas e quatro anexos]

3757

Com este relatório e com o que tive a honra de lhe enviar no dia 3 de Dezembro passado, espero ter-lhe exposto a situação e o grande futuro do vicariato da África Central. Rogo-lhe com lágrimas nos olhos que aumente muito este ano a generosa ajuda ao mesmo, a fim de poder adquirir as proporções que Deus parece ter-lhe destinado para a salvação de tantos milhões de almas.

3758

A conquista do Equador, levada a cabo pelo coronel Gordon, e a do império de Darfur, realizada pelo quèdive, abrirão em pouco tempo um campo mais seguro e extenso ao nosso laborioso apostolado.

Digne-se, senhor presidente, aceitar os meus humildes respeitos e apresentá-los a todos os membros dos conselhos centrais e a todos os sócios, pelos quais rezo diariamente.

Seu dev.mo e agradecidíssimo

P.^e Daniel Comboni

Pró-vigário apostólico da A. C.

Original francês

Tradução do italiano

N.º 588 (557) - A ESTANISLAU LAVERRIERE
«*Annales de la Propagation de la Foi*» (1875), pp. 361-363

Cartum, 10 de Março de 1875

3759

A missão do Cordofão ganhou nova vida. Pude terminar a construção de metade da casa das Irmãs. É feita de tijolo vermelho e, para o país, é uma maravilha. Tive que ampliar o seminário, o pequeno colégio de negros.

Cartum, que é o centro de comunicações, continua a ser para nós a base de operações e o ponto de partida da nova missão de Gebel Nuba.

3760

O governador-geral do Sudão, S. Exia. Ismail Paxá, que à passagem por El-Obeid para as operações em Darfur visitou as nossas duas casas do Cordofão, escreveu-me que ficou maravilhado, sobretudo com a casa das irmãs e assegurou-me que se sentirá sempre contente por proteger «uma obra tão eminente da civilização europeia».

Desde o passado Novembro tenho aberta uma casa em Berber, cidade muito comercial da Núbia Superior. Já estão instalados lá cinco sacerdotes e dois irmãos, sob a direcção do P.^e Carcereri, que é o superior.

3761

Nomeei o cón. Pascoal Fiore, superior da missão de Cartum, meu vigário-geral, em substituição do P.^e Carcereri. A casa de Berber pode converter-se no centro de outras missões nas províncias de Suakin, Taka e Dongo.

3762

Anuncio-lhe uma muito feliz mudança na situação dos nossos Institutos do Cairo, destinados, como sabe, à aclimatação dos missionários e das Irmãs da Europa. Eu pagava anualmente pelas duas casas uma renda muito elevada. Para eliminar este pesado fardo, eu tentara desde há três anos, diversas soluções. Finalmente dirigi-me a S. A. o quèdive e pedi-lhe um terreno no Cairo. Após mil fadigas e tentativas de P.^e Roller, superior dos institutos, e do P.^e Carcereri, na sua passagem pelo Cairo, S. A. o vice-rei concedeu-me gratuitamente, a 4 de Agosto de 1874, o terreno solicitado. Esse terreno foi avaliado em 43 000 francos.

3763

Uma das cláusulas da doação obriga-me a fazer no espaço de dezoito meses obras no valor de 50 000 francos. Estas condições são onerosas, mas o vicariato tem absoluta necessidade de duas casas no Cairo. O terreno, que mede 3609 metros quadrados, fica situado no bairro de Ismailiah, um dos melhores da capital do Egipto. Recentemente escreveram-me de lá a comunicar-me que os alicerces estão terminados. Mas por agora não posso continuar as obras por falta de meios.

P.^e Daniel Comboni

Original francês
Tradução do italiano

N.º 589 (558) - AO CÓN. JOSÉ ORTALDA
«*Museo delle Missioni Cattoliche*» XVIII (1875), p. 328

Cartum, 10 de Março de 1875

3764

Darfur já está submetido em parte. O sultão deste vasto império encontra-se aqui em Cartum. Tem consigo poucas mulheres, mas está acompanhado de muitos soldados e de cinco filhos. Em Darfur tinha duzentas mulheres e milhares de escravos. Vejo que está resignado à sua sorte. «Deus é o único Senhor – disse-me; o homem, ao invés, hoje é rei, amanhã escravo. Eu era sultão, hoje sou um prisioneiro. Deus o quis e tem razão, porque Ele é que é o único Senhor e sultão do universo; todos nós somos seus servidores e escravos.» O sultão de Darfur é guardado por um *sandiak* e por um grupo de soldados, que dentro de uns dias o conduzirão ao Cairo.

3765

Sabe o árabe mediocrementemente. Em breve lhe mandarei notícias sobre a conquista de Darfur. Estas empresas humanas são, no meu entender, meios de que a Providência se serve para facilitar as comunicações no meu imenso vicariato e para contribuir para que nele entre a fé. Entretanto, trabalha-se activamente na construção do caminho de ferro entre Wady-Halfa e Mothhammah, perto de Shendi. Deve estar terminado dentro de cinco anos. Então já não teremos que atravessar o deserto. O P.^e Carcereri está em Berber e fica lá como superior. Todas as caixas da sua caravana se encontram ainda em Wady-Halfa.

(Daniel Comboni)

N.º 590 (559) - AO P.^e ESTANISLAU CARCERERI
APCV, 1458/458

Cartum, 14 de Março de 1875

Breve nota.

N.º 591 (560) - AO CARDEAL ALEXANDRE FRANCHI
AP SC Afr. C., v. 8, ff.313-318

J. M. J. N.º2

Cartum, 25 de Março de 1875

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

3766

É lei constante da Providência que as obras de Deus tenham a marca da cruz. Por isso não é pequeno conforto para o meu espírito, embora muito débil, ver-me com o peso de mui graves cruzes. Estas fortalecem-nos imensamente se pensarmos que com a cruz J. C. salvou o mundo e que com a cruz o nosso adorado Santo Padre Pio IX elevou a tanta altura a glória do Pontificado, que um severo ministro da Inglaterra não pôde

fazer menos que dizer que a *Igreja Católica é hoje, ainda que inerte, a potência mais formidável e colossal do universo*, enquanto esse Barrabás charlatão de Vila Severini se atreveu a afirmar desenvoltamente que o *Papado já teve o seu tempo*. Sejam, pois, sempre benditas as cruzes: as obras de Deus são solidíssimas por nascerem ao pé do calvário.

3767

A caravana guiada pelo P.^e Carcereri chegou a Cartum a 3 do passado mês de Fevereiro, 103 dias depois de sair do Cairo; mas chegou só o pessoal da expedição (menos o excelente José Avesani, agricultor veronês, que morreu afogado no Nilo por alturas de Schellal), com dezanove camelos, pela rota de Dôngola. Todo o resto de caixas e provisões correspondentes à carga de sessenta camelos foi deixado pelo P.^e Carcereri em Wady-Halfa, ou seja, a mais de quarenta dias de Cartum. Grande parte das provisões e todos os paramentos sagrados, que me tinham mandado de todas as partes da Europa, perderam-se ou estragaram-se nas cataratas de Assuão; e se o resto das provisões continua em Wady-Halfa acabará por se perder.

3768

Uma embarcação da caravana, batida pelas vagas ao passar as cataratas quebrou-se nos escolhos e foi ao fundo, embora se conseguissem tirar alguns objectos deteriorados. O prejuízo que sofreu a missão, além de muitos outros inconvenientes, ascende a mais de *vinte mil francos* ou talvez mais de *trinta mil*, o que me cria não pouca preocupação. Mas nas barbas de S. José encontram-se escondidos não só *trinta mil francos*, senão milhares e milhões de guinéus; pelo que não duvido que o nosso querido protector da Igreja Católica e da Nigrícia cumprirá com o seu dever de ressarcir a obra africana do seu divino Filho. Para este objectivo são dirigidas especialmente as nossas orações neste mês a ele consagrado.

3769

Até agora, nunca tinha acontecido semelhante desgraça a nenhuma caravana da missão da África Central desde o ano de 1846, em que foi erigida em vicariato. Tanto os missionários como todos os comerciantes chegados a Assuão sempre desembarcaram as provisões e as mercadorias e transportaram-nas até Schellal por meio de camelos. E sempre se seguiu este procedimento, porque, fazendo passar as embarcações pelas cataratas, corre-se o perigo de perder pessoal e carregamento. De modo semelhante, todos os missionários e comerciantes que, navegando, chegaram a Korosko, tomaram sempre a rota do deserto de Atmur até Berber e *nunca* os missionários seguiram a de Wady-Halfa e Dôngola, especialmente quando transportavam muitas caixas, porque em Wady-Halfa é difícil encontrar camelos; e ainda que houvesse camelos, essa rota é sempre mais longa e fadigosa e pressupõe um gasto maior.

3770

Todos os que estamos aqui não pudemos compreender ainda porque ocorreu ao P.^e Carcereri a ideia de fazer passar as embarcações pelas perigosas cataratas de Assuão, nem a razão pela qual tomou o caminho incerto de Wady-Halfa, que ele mesmo nunca tinha visto, afastando-se do processo e da rota seguidos sempre pelos missionários e comerciantes. Entretanto, eu vejo-me obrigado a fazer novos gastos de alguns milhares de francos para fazer transportar para Cartum as caixas de Wady-Halfa. E talvez tenha de seguir o conselho do I. R. consul austro-húngaro e do governador de Cartum: mandar ao meu bom Augusto Wisnewsky (a quem enviei a Wady-Halfa, onde não encontra camelos) que embarque de novo todas as caixas e as leve para trás para Korosko, para daí tomar a antiga rota do deserto de Atmur e de Berber. Faça-se sempre a vontade divina.

3771

Logo que chegaram a Cartum os missionários, enviei ao Cordofão uma nova caravana, para dar começo à missão de Gebel Nuba. Apenas recebido o meu aviso, o grande chefe apressou-se a mandar a sua gente a El-Obeid buscar e conduzir os missionários a Delen. A pequena caravana, constituída por dois sacerdotes e dois hábeis e piedosos artesãos, mais um aluno meu da tribo dos Nuba como intérprete, já saiu de El-Obeid para o seu destino. Com a ajuda do chefe devem preparar na povoação de Delen dois estabelecimentos, um para os missionários e outro para as irmãs, e uma capela. Até à data não tenho nenhuma notícia nem da viagem nem da chegada da caravana a Delen.

3772

A excelente madre geral das Irmãs de S. José mandou de Marselha para o Cairo a madre provincial que eu tanto lhe havia pedido, na pessoa da Ir. *Emilienne Naubonnet*, talvez muito conhecida na Propaganda, porque esteve trinta anos como superiora na Síria; e telegrafei ao Superior dos meus institutos do Cairo ordenando-lhe que a envie quanto antes para Cartum pela rota do Suez, mar Vermelho e Suakin. Ao mesmo tempo, mandei a esta última cidade um missionário que a vá receber e que, *pelo deserto dos Bisharin*, a conduza a Berber. Tanto a madre provincial como o missionário enviado não só chegaram a Suakin, como até se encontram já de viagem a camelo em direcção a Berber.

3773

Tendo-me declarado o P.^e Carcereri que era vontade da Propaganda e do seu Geral que ele ficasse um ano em Berber e compreendendo eu que tal era o desejo do P.^e Carcereri, julguei conveniente aceder a isso; pelo que partiu com todos os seus religiosos para Berber, onde chegou há tempos. Assim todos os camilianos estão já instalados naquela nova casa.

3774

No dia 22 de Janeiro, morria em Cartum a superiora das Irmãs de S. José, Ir. Genoveva Nivelet. Entre as recém-chegadas há uma (a mais forte), a Ir. Vitória Maillé, que está gravemente doente. Na realidade, ela chegou já mal a Cartum e temo que também esta tome o caminho do Céu. De resto, o clima da África Central é melhor que o de muitas outras missões. Aqui há que suportar grande número de fadigas e sofrimentos, mas pode-se subsistir: basta saber-se orientar bem.

3775

Veio prisioneiro para Cartum o sultão de Darfur acompanhado de muitos filhos. Em Darfur tinha mais de duzentas esposas e concubinas. O governador militar de Cartum levou à missão o sultão e os seus filhos, todos mais negros que o carvão, para me fazerem uma visita. Ficou pasmado de admiração ao ver o nosso jardim e, sobretudo, o novo estabelecimento que construí para as irmãs. O sultão, falando-me do seu cativeiro, disse-me, entre outras coisas, em língua árabe-sudanesa, na qual se exprime bastante bem, que «Deus é Senhor de todos os reinos e de todas as coisas: hoje cria os reis e manda que eles dêem ordens; amanhã faz deles servos e ordena que obedeçam. Ontem eu era rei; os meus antepassados tinham mandado em Darfur como senhores da vida e da morte de todos os mortais, ao longo de uma dinastia de 467 anos de existência. Hoje, em troca, de repente vi-me transformado num escravo e devo ir servir para longe do meu país. Deus é meu Senhor: Deus tem razão, visto que quer assim. Deve-se fazer o que Deus quer».

3776

Os seus filhos imperiais ficaram boquiabertos quando lhes mostrei a grande fotografia de S. E. Ismail Ayub Paxá, governador-geral do Sudão e generalíssimo do exército egípcio de Darfur. Estes príncipes negros reconheceram perfeitamente na grande fotografia aquele que os fizera prisioneiros e se tinha apoderado da sua capital e do seu país. Primeiro mostraram assombro e comentavam: «É ele, o Ismael Paxá.» Depois começaram-se a rir de forma incontida, repetindo: «*Hua zato, hua bardo.*» Até que, de repente, se evaporaram do meu salão sem se despedirem e fugiram da missão. Há quem diga que os filhos do sultão, crendo encontrar-se realmente em presença de Ismail Paxá, seu inimigo, se deram à fuga.

3777

Agora, que está ausente S. E. Ismail Paxá, todos os comerciantes de Cartum se encontram muito descontentes com quem desempenha as funções de governador-geral, que é Tuak Paxá, e suspiram pelo regresso daquele. Mas tardará muito a voltar a Cartum, Porque desta vez recebeu a incumbência de S. A. o quédive de estabelecer um governo regular no império conquistado de Darfur, o qual se dividirá em cinco grandes províncias ou mudiriés e se abrirá ao comércio e às comunicações com outros países da África e com os europeus. Espero que não vamos tardar muito a implantar a cruz na sua capital.

3778

Peço-lhe perdão por me ter alargado um pouco. Ficaria feliz se a exímia bondade de V. Em.^a me obtivesse do Santo Padre uma bênção para suportar alegremente as cruces que me afligem e, em especial, para o bom êxito na erecção da nova missão de Gebel Nuba. Antes de partir para território Nuba proclamarei, numa circular, o jubileu ou Ano Santo.

Rendendo-lhe humildemente a homenagem da minha profunda devoção, tenho a honra de lhe beijar a sagrada púrpura e de me declarar nos Sagrados Corações de Jesus e Maria

De V. Em.^a Rev.ma
Hum., devot.mo e af.mo filho
P.^e Daniel Comboni
Pró-vig. ap. da África Central

3779

Na minha última carta esqueci-me da cópia anexa relativa ao estabelecimento de Berber, feita com permissão do autor, o P.^e Franceschini, que informava o seu geral sobre a casa camiliana de Berber.

25 de Março de 1875

Breve nota sobre uma carta.

N.º 593 (561) - NOTA A UMA CARTA DE P.º LOSI
ACR, A, c. 27/11, n.4

Cartum, Março de 1875

N.º 594 (562) - DECRETO DA ERECCÃO DA CASA DE BERBER
AP SC Afr. C., V. 8, F. 329

Cartum, 1 de Abril de 1875

ANEXO A. – Decreto da erecção canónica
da casa da missão de *Berber*
Decreto

3780

Dado que S. S. nosso senhor Pio IX, Papa por divina Providência, nos concedeu a nós, ainda que indignos, a suprema autoridade do vicariato apostólico da África Central e que é nosso dever pôr o máximo cuidado em atender com grande empenho às pesadíssimas tarefas do nosso apostolado e com todas as nossas forças procurar diligentemente a salvação eterna destes povos, depois de elevar com fervor preces e súplicas diárias a Jesus Cristo, eterno e sumo Pastor, considerámos que deveríamos dispor as coisas de forma que, sob o nosso poder e autoridade, também as ínclitas famílias dos regulares acorressem em ajuda dos dilectos sacerdotes do nosso Instituto das Missões *Pro Nigris*, de Verona, sacerdotes a quem foi confiada e encomendada pela Santa Sé Apostólica a administração e o cuidado espiritual de todo o vicariato da África Central.

3781

De entre as ditas famílias, preferimos a Congregação dos Clérigos Regulares Ministros dos Doentes, fundada por S. Camilo de Lelis, porque pensámos que sobretudo esta, ao ser-lhe próprio o duplo carisma do serviço eclesiástico e da exímia caridade, poderia responder extraordinariamente às necessidades das regiões africanas.

3782

Portanto, proposto ao rev.mo P.º Camilo Guardi, superior geral da mesma ordem, um determinado acordo para tal fim, válido por um quinquénio, pensámos confiar a estes religiosos, escolhidos e aprovados pela S. Congregação da Propaganda Fide, mediante uma carta de autorização, o cuidado espiritual com a jurisdição ordinária paroquial – apenas sob a nossa autoridade e dependência e a dos nossos sucessores – sobre todos os fiéis de um e de outro sexo, de qualquer nacionalidade e rito, que se encontram na província de Berber, na Núbia Superior, desde Suakin até ao mar Vermelho e desde Taka até ao limite setentrional com a Abissínia e com o antigo reino de *Dôngola*, como estão civilmente constituídas e unidas ao nosso vicariato.

3783

Portanto, visto o referido rev.mo P.º Camilo Guardi e a S. Congregação da Propaganda Fide se terem dignado benevolentemente dar a tudo isso a sua aquiescência e se encontrarem já no nosso vicariato os aprovados e escolhidos da dita ordem religiosa, nós, após madura e diligente indagação sobre eles e escutada a opinião de alguns membros do nosso instituto veronês para as missões, dos mais venerados e tidos em consideração pela sua experiência, determinámos entregar a casa da missão de Berber, por nós fundada, aos dilectos filhos de S. Camilo de Lelis e proceder à erecção canónica da mesma casa para a família dos camilianos.

3784

Pelo que decidimos no Senhor erigir canonicamente a supradita casa da missão dos Clérigos Regulares dos Ministros dos Doentes na cidade de Berber. Desde hoje, com a nossa presente carta, declaramo-la erigida solenemente, segundo a forma e as condições subscritas no referido acordo por nós propostas, aceite pelo rev.mo P.º Camilo Guardi e benevolentemente aprovado pela S. Congregação da Propaganda Fide

Dado em Cartum, na nossa residência principal, a 1 de Abril de 1875.

(L. S.)

P.^e Daniel Comboni
Pró-vig. ap. da África Central
Paulo Rossi, secretário

Original latino
Tradução do italiano

N.º 595 (563) - AO P.^e ESTANISLAU CARCERERI
APCV, 1458/458 (Cronaca..., p.35)

Cartum, 11 de Abril de 1875

3785

«Em atenção ao desejo que me expressou verbalmente em Cartum no passado Fevereiro e, do Cairo e Wady-Halfa, me comunicou por escrito em várias cartas, declarando a sua vontade de renunciar a ser meu vigário-geral, e uma vez que essa função é incompatível *hic et nunc* com o seu novo cargo de prefeito da casa camiliana de Berber, manifesto-lhe por meio deste escrito que aceitei definitivamente a sua renúncia à mencionada função. Em virtude do que fica despojado de todas as faculdades ordinárias e extraordinárias inerentes à mesma e que eu lhe conferi mediante documento expedido em Maio de 1873 e noutras épocas tanto verbalmente como por escrito.

3786

Com a presente carta declaro igualmente nulas e de nenhum valor, a partir de agora, todas as faculdades que, como vigário-geral, outorgou aos seus irmãos camilianos, reservando para mim mesmo conceder-lhes no futuro mediante o correspondente documento os poderes e faculdades que considere oportuno, etc...»

P.^e Daniel Comboni

N.º 596 (564) - AO P.^e CAMILO GUARDI
AGCR, 1700/35

N.º 1

Cartum, 14 de Abril de 1875

Rev.mo padre,

3787

Ainda que tarde, chegou finalmente às minhas mãos a sua estimadíssima carta de 14 de Dezembro do ano passado. Não só foi V. S. rev.ma um homem de palavra como também demonstrou ter palavra de rei. Mas da minha parte tenho a satisfação de não ficar atrás no que se refere ao cumprimento da palavra, pois, embora me encontrasse na absoluta impossibilidade de oferecer imediatamente em Berber uma casa digna de acolher uma ordem religiosa, tanto pelas obras que me tinham ocupado, como porque quase todos os recursos do vicariato estavam nas mãos do P.^e Estanislau e do superior dos meus pequenos institutos do Cairo, para fazer frente aos gastos da grande caravana que o P.^e Estanislau devia conduzir à África Central, contudo fiz sacrifícios superiores às minhas forças, com o fim de ver depressa preparada e erigida material e canonicamente a casa camiliana, segundo os seus veneráveis desejos, que repetidamente me tinha exposto por escrito o P.^e Estanislau Carcereri.

3788

Para satisfazer a vontade de V. P. Rev.ma, expressa também pelo dito padre, consenti que todos os religiosos permaneçam reunidos em Berber, enquanto eu não tiver absoluta necessidade deles. Possivelmente só chamarei a Cartum e por pouco tempo o P.^e Franceschini. Como ele tem autorização de V. P. rev.ma para fazer uma visita a Verona, desejaria que me acompanhasse na minha viagem da África Central à Europa quando, fundada a missão dos Nuba, tiver que ir a Roma; o que não demorará muito, já que chegaram os meus missionários a essa tribo e foram bem acolhidos pelo chefe e pela população de Delen.

3789

Entretanto, a pedido do P.^e Estanislau, no dia 1 do corrente promulguei o decreto da erecção canónica da casa da missão de Berber, do que mandei cópia à Propaganda. E ainda que, devido às graves perdas sofridas pelo naufrágio de uma embarcação nas cataratas de Assuão e pelo atraso em recuperar o resto das provisões – que na data em que escrevo ainda estão em Wady-Halfa, a mais de 40 dias de Cartum – me encontre desprovido de fundos, o seu paternal coração pode estar completamente seguro de que a sua família religiosa de Berber não deixará de ser abastecida do necessário. A Providência Divina ajudar-me-á – espero – a assistir esta primogénita das congregações regulares do vicariato.

3790

Quando tiver a dita de ir à Cidade Eterna, se Deus me der vida, confio poder conversar longamente com V. P. rev.ma sobre muitas coisas de importância relativas aos interesses e ao maior bem de seus filhos africanos e de sua obra. Agrada-me muito o R. P.^e Afonso Chiarelli.

3791

Em cumprimento do artigo IX do nosso acordo, pus o olhar no P.^e João Baptista Carcereri para a eleição do futuro pároco de Berber; e para este objectivo, com carta de 11 do actual, comuniquei ao P.^e Estanislau que vou nomear provisoriamente vigário-geral o seu irmão J. Baptista. Por isso rogo a V. P. rev.ma se digne fazer-me saber se é do seu agrado que este padre (a quem conheço há mais de 30 anos e que com o M. R. P.^e Tomelleri e o P.^e Ragazzini foi meu condiscípulo no Instituto Mazza, de Verona) seja eleito pároco de maneira definitiva; nesse caso comunicar-lhe-ei a devida patente. Por muitos bons motivos, que, sem dúvida, não escapam à sabedoria de V. P. Rev.ma, parece-me muito oportuna esta escolha.

3792

Finalmente, atendendo a repetidas cartas do P.^e Estanislau, enviadas de Verona, do Cairo e de Wady-Halfa, e à intenção que me manifestou em Cartum de renunciar ao cargo de meu vigário-geral para atender com maior dedicação ao estabelecimento da casa religiosa de Berber, aceitei a solicitada demissão, por ser uma função tão grave, verdadeiramente incompatível com a sua nova missão e a prolongada residência em Berber.

3793

Assegurando-lhe todo o meu cuidado e afecto pela sua dilecta família religiosa de Berber e com o ardente desejo de o ver em breve em Roma, ofereço-lhe o meu sentimento de homenagem de veneração e gratidão, com o qual tenho o prazer de me subscrever de todo o coração

De V. P. rev.ma hum. e verdadeiro servidor
P.^e Daniel Comboni, pró-vig. apost. da A. Central

N.º 597 (565) - AO CARDEAL ALEXANDRE FRANCHI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 323-324

J. M. J.

Cartum, 14 de Abril de 1875

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

3794

Não obstante nada à erecção canónica da casa da missão em Berber, onde já se encontram reunidos cinco sacerdotes religiosos de S. Camilo munidos da patente da Propaganda e dois leigos, no dia 1 do presente mês de Abril publiquei o decreto para a erecção canónica da dita casa-missão, cumprindo o dever de lhe remeter cópia a V. Em.^a Rev.ma como *Anexo A*.

3795

Por outro lado, tendo-me o P.^e Carcereri, com carta de 16 do passado Março, manifestado o desejo de V. Em.^a de que eu examinasse o P.^e José Franceschini (a quem V. Em.^a expediu a patente de missionário que ele me mostrou) sobre os seus conhecimentos e aptidão para o ministério apostólico, por este candidato se encontrar em Berber, deleguei no P.^e Carcereri que realizasse o requerido exame. Efectuado mesmo no dia 2 do presente mês de Abril, enviou-me uma *declaração* sobre o assunto, na qual reconhece no dito jovem mis-

sionário boas qualidades para a missão da África Central e que, ratificadas por mim, passo a remeter a V. Em.^a Rev.ma como *Anexo B*.

3796

Todas as caixas e provisões da expedição do P.^e Carcereri, que ficaram após o desastre nas cataratas de Assuão, se encontram ainda em Wady-Halfa, a mais de 40 dias de Cartum. Seguindo o parecer do I. R. cônsul austro-húngaro, do Governo local e de alguns comerciantes experimentados, dei ordem ao meu enviado Augusto Wisnewski para levar todas as provisões e roupas de volta a Korosko, seguindo o deserto de Atmur por Abuhammed e Berber. Espero, dentro de mês e meio, poder receber tudo em Cartum.

3797

A rev.ma madre provincial, Ir. Emilienne Naubonnet, ainda que velha e com *trinta anos* de missão na Síria, passou felizmente o deserto dos Bisharin desde Suakin, no mar Vermelho, até Berber (15 dias de camelo). No dia 7 do corrente partiu desta última cidade e, possivelmente, dentro de uma semana chegará a Cartum. Vai ser uma dor para ela não encontrar já a excelente Irmã Vitória Maillé, a qual voou para o eterno descanso no dia 2 do presente mês.

3798

No passado domingo recebi cartas de Gebel Nuba, onde chegaram sem contratempos os meus missionários e foram acolhidos cordialmente por aquele chefe e pela povoação de Delen. Espero que o Sacratíssimo Coração de Jesus abençoe esta nova missão.

3799

Também S. E. Ismail Paxá, governador-geral do Sudão e generalíssimo do exército egípcio no império de Darfur, me escreveu daquela capital com data de 10 de Safar (17 de Março), dando-me muito boas novas dessa recente conquista, pedindo notícias minhas e mostrando a melhor disposição. Está a organizar *em cinco grandes mudérias* ou províncias o vasto reino conquistado e depois voltará a Cartum.

3800

O coronel Gordon, nomeado agora *ferik paxá*, deixou Gondokoro, para fixar a sua residência principal a Ladó, a três horas mais para norte. Abandonaram-no quase todos os seus colaboradores, que regressam à Europa – diz-se – devido ao seu grande rigor. Mas a razão determinante é que se trata de um verdadeiro soldado, que exige ordem e pontualidade e que não permite roubar. Além disso, mostra-se terrível e inexorável com o tráfico de escravos, que desapareceu completamente das localidades próximas da sua residência; porém, o comércio de escravos continua com pleno vigor a alguma distância de Ladó e das margens do Nilo Branco, onde as suas escassas tropas não chegam.

Honrando-me em lhe exprimir os meus sentimentos de profunda veneração e beijando-lhe respeitoso a sagrada púrpura, passo a subscrever-me nos Sagrados Corações de J. e de M.

De V. Em.^a rev.ma
Hum. e dev.mo e af.mo filho
P.^e Daniel Comboni
Pró-vig. ap. da A. Central

N.º 598 (566) - AO P.^e ARNOLDO JANSSEN
AVR, 1626-1633

J. M. J. N.º 1

Cartum, 14 de Abril de 1875

Ilustríssimo e dilectíssimo senhor,

3801

Ontem recebi a sua carta de 18 de Fevereiro deste ano, junto com as três folhas da sua pia revista, que tem o doce título de *Kleiner Herz-Jesu Bote* («Pequeno Mensageiro do Coração de Jesus»).

3802

Agradeço-lhe imensamente pela sua gentileza e caridade e também aos meus piedosíssimos benfeitores que, por meio de si, se compadeceram desta trabalhosa missão da África Central e dos meninos negros.

3803

Todos os dias, em público e em privado, rezamos ao Coração de Jesus, a quem com a autoridade do Sumo Pontífice Pio IX e da Santa Sé Apostólica consagrei todo o vicariato por si e pelos benfeitores da Alemanha

católica, bem como pelos intrépidos bispos, sacerdotes e fiéis da Prússia renana e germânica, cuja fé, firmeza e heroísmo contemplam admirados o mundo, os anjos e os homens. Os missionários da África Central, ainda que extenuados por um enorme trabalho, não nos consideramos dignos de ser chamados discípulos dos valerosíssimos homens da Alemanha, tanto eclesiásticos como leigos católicos. O vosso exemplo fortalece o nosso espírito e incita-nos a sofrer mais pela salvação e redenção dos negros da África interior. Ânimo, pois! O próximo triunfo consolar-vos-á a vós e à Igreja de Cristo. O Coração de Jesus está convosco.

3804

O rev.mo senhor pároco Nöcker, de Colónia, em trinta meses, a partir de Setembro do ano de 1872, deu ao meu vicariato 40 000 (quarenta mil) francos e também o encargo de comprar meninos.

3805

Porém, como não me chegou a carta em francês, a que o senhor se dignou referir na sua carta, até agora não conheço inteiramente as condições e as intenções especiais dos meus generosos benfeitores: o ilustríssimo e rev.mo pároco Nöcker, junto com os membros da pia Sociedade de Colónia para o resgate e a educação das crianças negras (com os quais estou relacionado há quinze anos), é e foi sempre muito exacto e fiel a enviar o dinheiro e a transmitir as intenções dos benfeitores da África Central.

3806

Os motivos pelos quais não recebi essa carta em francês podem ter sido vários:

1.º O serviço postal de Alexandria ou do Cairo, ou, numa palavra do conjunto do Egipto e da Núbia, não é como o europeu. Por isso, muitas cartas, que me são enviadas para a África ou que eu escrevo para a Europa, extraviam-se. E de nada têm servido as minhas queixas ou as do I. R. cônsul austro-húngaro ao Governo egípcio. As cartas e os escritos são transportados em camelos e ao árabe falta-lhe muito de civilização, ainda é primitivo.

2.º O rev.do P.º Carcereri, antes meu vigário-geral, é um excelentíssimo escritor e redactor e muito instruído; mas (para lhe dizer confidencial e secretamente a verdade) é um péssimo administrador e muito inexperienced ao tratar dos assuntos. Nos dois anos em que permaneci em El-Obeid, no Cordofão, ele recebeu em Cartum todas as cartas a mim dirigidas da Europa e foi muito negligente em fazê-las chegar às minhas mãos.

3807

O P.º Carcereri saiu de Cartum a 10 de Dezembro de 1873 em direcção à Europa, onde percorreu a Itália, França, Alemanha e Áustria devido a assuntos da missão, após o que regressou ao Egipto e depois a Cartum. Agora é superior da casa da missão de Berber. Ele mesmo, antes de Julho do ano passado, recebeu na Europa para mim muitas cartas de muitos dos meus benfeitores da Itália, Alemanha e Áustria e, com elas, dinheiro, roupa, livros, paramentos e vasos sagrados; mas não me falou nem escreveu especificando as diferentes coisas e os benfeitores, excepto num caso ou noutro.

3808

Agora, de Berber, mandou-me muitas cartas fechadas nos meses de Abril, Maio e Junho do ano passado. Do Cairo, também me mandou algumas cartas atrasadas, outras de Wady-Halfa, Assuão e Dôngola, e ainda há outras nas caixas de géneros alimentícios e outras coisas que levou do Cairo até Wady-Halfa e que continuam lá desde há cinco meses, porque não pôde transportá-las para Cartum, por falta de sessenta camelos.

3809

O P.º Carcereri foi a Colónia em Junho do ano passado, onde recebeu do rev.mo Nöcker 20 000 francos. E certamente a sociedade dos negros ou o rev.mo pároco Nöcker entregaram-lhe todas as notas necessárias com as intenções dos benfeitores, como se faz sempre.

3810

Feito este esclarecimento, com prazer cumprirei as condições e os desejos expressos na carta de V. S. recentemente recebida. Resgatarei os dez negros na missão do Cordofão; mas seja gentil escrevendo-me os nomes dos meninos que o senhor e os benfeitores desejam. Já resgatámos muitos meninos em El-Obeid com o dinheiro da Sociedade de Colónia e, no próximo mês, quando for a terras dos Nuba para fundar uma missão por mandato da Santa Sé Apostólica, administrarei o baptismo em El-Obeid a vinte e cinco ou trinta crianças resgatadas o ano passado. Far-me-á, pois, ilustríssimo senhor, um assinalado favor se, logo que receber a minha carta, me mandar os nomes dos meninos negros resgatados pelos benfeitores de Westfália.

3811

Desculpe-me por lhe escrever em latim, mas é que não durmo por excesso de ocupações e estou esgotado. Por este motivo não lhe escrevo em alemão, porque precisaria de mais tempo e teria que usar o dicionário. O senhor, porém, pode escrever-me em alemão, pois percebo-o bastante bem. Ou, se preferir, pode fazê-lo igualmente em francês, inglês, espanhol, português, italiano ou em latim, línguas faladas pelos ocidentais.

3812

Os meus colaboradores, isto é, o meu vigário-geral e superior de Cartum, P.^e Pascoal Fiore, o meu secretário, P.^e Paulo Rossi, e P.^e Losi, reitor da missão do Cordofão, far-me-ão chegar, sem falta, todos os escritos que o senhor me mandar. E o mesmo fará P.^e Bartolomeu Rolleri, superior do colégio de negros do Cairo, no Egipto.

Rogo-lhe me mande a sua estupenda revista *Kleiner Herz-Jesu Bote*, de Março, Abril e dos meses seguintes, porque é um feliz compêndio da história das missões apostólicas. Agradeço-lhe por isso.

3813

Quando dispuser de mais tempo, escrever-lhe-ei sobre o meu vicariato, que é muito extenso e o mais povoado de todo o mundo e cujas gentes e povos se encontram nas trevas e sombras da morte.

3814

Expresse o meu agradecimento o mais que puder aos meus benfeitores e transmita-me, se possível, os nomes das pessoas mais dignas de veneração, para que as recordemos nas nossas orações. Pelo que respeita ao dinheiro, se recolher algum, tenha a bondade de o mandar sempre ao senhor Nöcker.

No Sacratíssimo Coração de Jesus subscrevo-me humildemente,

Seu servo em Xsto.

P.^e Daniel Comboni

Pró-vigário apostólico da África Central

Original latino

Tradução do italiano

N.º 599 (567) - A D. GODOFREDO NÖCKER

«*Jahresbericht...*» 22 (1875), pp.52-55

Cartum, 20 de Abril de 1875

Ilustríssimo e rev.mo senhor,

3815

Ocupado com trabalhos importantes e urgentes e pressionado por visitas de toda a espécie, fui até agora impedido de enviar notícias sobre a situação e as condições da nossa missão. Peço-lhe mil desculpas. Neste tempo, o bom Deus deu-me um excelente secretário, cheio de espírito apostólico, na pessoa de P.^e Paulo Rossi, um aluno do nosso Instituto Africano de Verona, por meio do qual poderei em breve mandar, sob a bênção que o Coração de Jesus tem reservada para o nosso vicariato da África Central, pormenorizadas informações à Sociedade de Colónia, a cujas fadigas deve este imenso vicariato a sua ressurreição e existência.

3816

Como antecipação, mando-lhes com a presente os acordos a que cheguei, por um lado, com o superior geral dos Clérigos Regulares Ministros dos Enfermos e, por outro, com a superiora geral da congregação das Irmãs de S. José da Aparição e que foram aprovados pela Propaganda em Roma. A tudo isso acrescento o recente decreto sobre a erecção canónica de uma casa missionária em Berber. Todos os padres da congregação de S. Camilo de Lelis, chamados também Clérigos Regulares Ministros dos Enfermos, devem permanecer em Berber um ano por desejo do seu prefeito, o P.^e Estanislau Carcereri; ficam disso excluídos os padres Franceschini e Chiarelli, que, juntamente com um veterano da missão, o rev.do sr. Wischnewsky, da diocese de Ermland, na Prússia, se mantêm preparados para visitar, sob a minha pessoal direcção, os povos Nuba. Já mandei também lá, guiados por P.^e Luís Bonomi, do nosso Instituto de Verona, quatro irmãos coadjutores. Chegaram há dois meses ao primeiro povoado, chamado Delen, onde o chefe os recebeu com muito agrado. Aí vão construir duas casas, uma destinada a acolher os missionários e outra as Irmãs de S. José.

3817

Há pouco veio para Cartum, pela rota do mar Vermelho e de Suakin, a rev.da madre provincial, Sórora Emilienne Naubonnet, que já foi durante trinta anos superiora das missões na Síria. Chegou pela primeira vez ao Oriente com o rev.do P.^e Maximiliano Ryllo, sacerdote da Companhia de Jesus, que morreu em 1848 como primeiro pró-vigário apostólico da África Central e cujos restos estão enterrados no jardim da casa das irmãs que construí recentemente. Já dois anos antes tinha pedido ao falecido cardeal Barnabó uma madre

provincial para a África Central que exercesse o cargo da direcção religiosa dos Institutos das Irmãs e agora concederam-me este favor tanto o novo prefeito da Propaganda, Sua Em.^a o cardeal Franchi, como a superiora geral. Uma mulher forte, dotada de ânimo viril, de 56 anos e de singular experiência e habilidade, será, se Deus quiser, de uma utilidade muito grande para o vicariato.

3818

Os missionários que partiram do Cairo a 24 de Outubro de 1874 chegaram a Cartum a 3 de Fevereiro do presente ano; porém, fizeram-no sem as provisões e as outras coisas que traziam para a missão. Isso permaneceu quatro meses em Wady-Halfa e desde então até agora na capital de Dongola e perdeu-se quase tudo. Este prejuízo, que ascende a quase 30 000 francos foi motivado por dois equívocos do condutor da expedição. Com efeito, em vez de ir pelo caminho normal, o de Korosko a Berber, que seguem os comerciantes e desde 1847 os missionários, tomou a rota de Wady-Halfa e Dôngola, que é demasiado longa, arriscada e dispendiosa; e, em vez de passar as cataratas de Assuão com as embarcações vazias, enquanto a carga – como haviam feito os missionários a partir de Knoblecher – era transportada mais para lá das cataratas, por terra, em camelos, e as pessoas sobre burros, ele passou esses perigosos lugares com as embarcações carregadas e, portanto, sem as devidas precauções, de modo que os missionários e as irmãs se viram expostos a grande perigo de se afogarem e só por um milagre escaparam a um naufrágio certo.

3819

Mas infelizmente, uma embarcação que levava provisões e os paramentos da igreja, partindo-se, acabou por se afundar no rio, em cujas águas encontrou a morte o nosso querido irmão José Avesani. Por esta razão e por tão graves perdas, por agora não estou em condições de ir ao Cordofão e a Gebel Nuba. Embora isto, por agora, me mantenha muito aflito, não quero perder o ânimo. Antes pelo contrário, direi com o patriarca Job: «*Deus mo deu, Deus mo tirou; como o Senhor quis, assim aconteceu. Bendito seja o nome do Senhor!*»

O divino Coração de Jesus nos anime e conforte. Receba o senhor as minhas cordiais saudações e tenha uma amável recordação para o seu

Obrigadíssimo amigo
P.^e Daniel Comboni, pró-vigário

Original alemão
Tradução do italiano

N.º 600 (568) - A AUGUSTO DE VILLENEUVE
AFV, Versailles

J. M. J.

Cartum, 25 de Abril de 1875

Meu caríssimo Augusto,

3820

Encontro-me à frente da mais vasta missão de todo o universo, rodeado das maiores e pesadas cruces. No meio das minhas penas e trabalhos e apoquentado por um terrível calor, veio trazer-me um imenso e inefável conforto a notícia que a madre Emilie Julien me deu do seu casamento com um maravilhoso anjo, ou seja, a senhora de Tanquerelle des Planches, sobrinha do card. de Cheverus, a qual é hoje sua muito amada esposa. Oh, caríssimo amigo, esta notícia encheu-me de verdadeiro gozo e levantou-me o coração, tanto pela sua felicidade como pelo desejo satisfeito da sua incomparável mãe. De modo que cantámos uma missa solene na minha pequena catedral, para dar graças a Deus por esta grande ventura.

3821

É o fruto, caro Augusto, de tantas preces que sua admirável mãe elevou e fez elevar ao Céu em todo o universo. Sim; nem sequer nas distantes regiões da África Central deixei um só dia de pedir a Deus que lhe desse uma companheira na Terra e esteja certo de que o mesmo se fez na Ásia, na América, na Austrália, em Roma e em toda a parte, porque a sua incomparável mãe, possuída de uma fé heróica e de uma perseverança sem igual, é bem digna de ser escutada. Desde há muitos anos ela derramou muitas lágrimas e suspiros e fez rezar por este feliz resultado até a augusta majestade de Pio IX. Assim, o imponderável Deus viu-se obrigado a atender essa poderosa oração materna.

3822

Agradeça, meu caro Augusto, antes de tudo a Deus, à Santíssima Virgem e a Pio IX e, depois, à fé dessa extraordinária mãe que conseguiu tal dita e procurem o senhor e sua esposa servir bem a Deus e fazer felizes sobre a Terra os dias da sua boa mãe, pois ela merece-o pela sua fé, a sua perseverança e o seu amor materno.

Solicito-lhe, caro Augusto, apresente os meus afectuosos respeitos a sua esposa, a quem espero conhecer pessoalmente antes de morrer e rogo-lhe que me mande uma fotografia dela por correio. Esta é a minha direcção:

Mons. Daniel Comboni
Pró-vigário apostólico da África Central
C/Egipto – Cartum (Sudão)

No dia 16 de Junho celebrarei missa no Cordofão por si, sua esposa e sua mãe.

Seu amigo P.^e Daniel Comboni

Original francês
Tradução do italiano

N.º 601 (569) - A Mme. A. H. DE VILLENEUVE
AFV, Versailles

J. M. J.

Cartum, 25 de Abril de 1875

Estimadíssima senhora,

3823

Rogo-lhe que me conceda o seu perdão, minha mui apreciada senhora, pelo silêncio da minha caneta. Têm-me apoquentado tantas cruces, doenças, traições e fadigas tão grandes, que, para lhe dar uma pequena ideia delas, necessitaria de cinquenta folhas. Contudo, mesmo no meio das minhas tribulações não deixei de pensar em si, nem de rezar por si e por Augusto. Que grande felicidade, senhora, me produziu a notícia do casamento de Augusto com a senhora de Tanquerelle des Planches, que é bem digna dele! Posso dizer-lhe que isto me fez esquecer as minhas penas.

3824

Sou testemunha, senhora, das promessas que fez por isso. Penetrei muito no seu coração e conheço a fundo a sua alma. Enfim, mereceu esta graça: Deus devia conceder-lha e Augusto, pela sua entrega a sua mãe, foi abençoado. Agradei muito a Deus, muito estimada senhora, por esta ventura. Agora há que rezar para que ele tenha filhos e Deus lhos conceda.

Logo que receber a esplêndida casula que a senhora me enviou (que é a única que se salvou – dizem-me – no naufrágio nas cataratas), com ela cantarei a missa por si e por seus filhos. No meio das desgraças e das imensas perdas que sofri, o bom Deus concedeu-me muitos dons, entre eles o de um milagre que livrou da morte todos os missionários e três Irmãs de S. José quando um dos meus missionários, por imprudência, em vez de desembarcar em Assuão, fez entrar todas as embarcações nas cataratas, onde uma delas ficou destruída ao embater contra os escolhos e se perdeu toda a carga.

3825

Porém, com as provisões e os objectos de culto podiam ter-se perdido os missionários e as irmãs e, por graça de Deus, só um agricultor se afogou. Esta caravana, que saiu do Cairo a 24 de Outubro, ainda não chegou toda a Cartum. Foi para todo o meu vicariato uma verdadeira desgraça, que me deixou num grande aperto e provocou prejuízos imensos, além de um grande atraso nos assuntos. Tudo pela imprudência e teimosia de um só homem. Mas *fiat!*

3826

Tive um prejuízo de mais de trinta mil francos, louvado seja Deus! Mas entre estas grandes cruces e outras ainda mais terríveis, o Senhor abençoa este imenso vicariato, a missão mais vasta e difícil da Terra, que é maior que toda a Europa e é povoada por mais de cem milhões de infieis. Pude construir uma bela casa em

Cartum para as Irmãs de S. José e outra no Cordofão; além disso, abri e erigi canonicamente a nova missão de Berber e empreendi a fundação da missão entre os povos Nuba, a sul do Cordofão e de Darfur.

3827

A nossa madre geral, Ir. Emilie, contribuiu de novo para consolidar as casas das suas irmãs no meu vicariato. Deu-me uma superiora provincial, que eu lhe tinha pedido com insistência, a qual deve ir para a minha residência episcopal. Esta madre é a Ir. Emilienne Naubonnet, de Pau, que foi durante trinta anos superiora no Oriente: uma estupenda mulher, modelo de missionária, cheia de valentia e abnegação. Chegou há três semanas a Cartum, onde pude conhecê-la bem. Estou satisfeito com ela.

A madre Emilie não podia atender melhor o meu pedido senão mandando-me a Ir. Emilienne. Esta formou e educou na Síria quase todas as irmãs árabes, das quais tenho três na missão. Trata-se de verdadeiros soldados, que ganham muitas almas e que se fazem respeitar e temer por turcos e africanos.

3828

Uma destas magníficas irmãs, vendo que eu não conseguia dissuadir da sua conduta um homem que vivia amancebado, apresentou-se às boas em casa deste, tirou de lá a concubina e levou-a para nossa casa, onde, após a converter e instruir, fez com que eu a baptizasse. Agora é uma boa cristã, que vem confessar-se todos os domingos. O que era seu amante veio repetidas vezes ter comigo para reclamar a sua amante; mas sempre lhe respondi que não era assunto meu e que fosse falar com as Irmãs. Foi várias vezes, mas em vão, porque ao cabo de um mês, a concubina, convertida, lhe mandou recado pela irmã árabe, dizendo-lhe que não quer voltar a estar com ele, que é cristã. São uma irmãs bem úteis nas missões! Contar-lhe-ei mais dentro de pouco tempo.

3829

Digo-lhe em segredo que a S. C. da Propaganda, na assembleia do passado Agosto, me elevou ao episcopado; mas antes de ir a Roma para a sagração é preciso que abra e ponha em andamento a nova missão dos Nuba. É uma viagem longa que devo empreender. Penso que poderei estar em Roma no próximo ano. Não preciso de lhe dizer que, esteja eu Roma, em França ou no extremo do mundo, logo que sagrado bispo, quero vê-la, ir a sua casa e passar alguns dias consigo, com Augusto e sua esposa e espero que esteja a senhora Maria. Então falar-lhe-ei também da missão mais trabalhosa e maior de todo o universo. Desejo ter a foto da sua nora, o que já pedi a Augusto. Dê-me notícias acerca do seu nascimento e da sua educação e sobre a circunstância humana que determinou este acontecimento. Espero que a jovem partilhe a sua vida consigo.

3830

Desejo-lhe tal sorte. A senhora mereceu este anjo para si e para Augusto. Saúde da minha parte a senhora Maria e todos os que conheço da sua família. A Ir. Emilienne, a superiora da África Central, a quem falei de si, pede-me que lhe apresente os seus respetos. Da minha parte, rogo-lhe que me dê notícias de Urbansky e, na esperança de voltar a escrever-lhe em breve, declaro-me nos corações de Jesus e de Maria com todo o meu coração

Seu dev.mo

P.^e Daniel Comboni

Original francês

Tradução do italiano

N.º 602 (570) - AO P.^e ESTANISLAU CARCERERI
APCV, 1458/458 (Cronaca...)

Cartum, 25 de Abril de 1875

Frases de Comboni da «Cronaca di P.^e Stan. Carcereri».

N.º 603 (571) - AO P.^e ESTANISLAU CARCERERI
APCV, 1458/351

Maio de 1875

Autenticação de um decreto da Propaganda.

N.º 604 (572) - AO P.º JOÃO BAPTISTA CARCERERI
APCV, 1458/351

Maio de 1875

Autenticação de um decreto da Propaganda.

N.º 605 (573) - AO P.º GERMANO TOMELLERI
APCV, 1458/370

J. M. J.

Cartum, 5 de Maio de 1875

M. R. P.º Germano,

3831

Agradeço-lhe infinitamente o bom livro de inscrições latinas e italianas, tributo de affecto aos padres Bresciani e Artini, que compendiam a vida e as empresas destes dois astros do clero veronês. Causou-me um grande prazer, lembrando-se da minha pequenez e enviando-me tão boa oferta. Porém, seria muito desejável que, como tributo de amor filial, os camilianos da província véneta realizassem o seguinte: 1) Publicar todas as orações fúnebres do incomparável P.º Fundador Bresciani, modelo de sagrada eloquência, sobretudo em retratar perfeitamente o carácter do herói que celebra, em cujo caso eu me comprometeria a adquirir doze exemplares. 2) Compor a oração fúnebre de ambos os padres da família camiliana véneta e especialmente a do P.º Bresciani, que, depois de ter celebrado os maiores homens da pátria, morreu sem que até agora nenhum fizesse a sua oração fúnebre. Não obstante, nunca é demasiado tarde para a fazer, pois aquele apóstolo da caridade mereceu-a. 3) Finalmente, publicar a vida do P.º Bresciani e também a do P.º Artini, a qual, embora não seja toda de cristal, pelas ideias um pouquinho liberais em 1866, depois de tudo, constitui, como a outra, uma flor do jardim veronês.

3832

Em Berber todos estão de perfeita saúde e mantenho com essa casa correspondência semanal. Alegro-me muito de que o P.º João Baptista Carcereri tenha decidido consagrar-se ao apostolado africano: estuda intensamente o árabe e com verdadeiro aproveitamento. Propus ao rev.mo P.º geral que me permita nomeá-lo definitivamente pároco de Berber. Entretanto, mantenho-o como vigário paroquial, com a faculdade de administrar o sacramento da confirmação nas quatro grandes províncias de Berber, Taka, Suakin e Dôngola. Publiquei o decreto de erecção canónica da casa da missão de Berber. Dentro do corrente mês provavelmente chamarei a Cartum o excelente Franceschini. Recomendo-me às suas orações, às do pio Irmão Bonzani e às dos padres de Verona, a quem envio as minhas mais cordiais e respeitadas saudações. Nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria declaro-me sentidamente seu af.mo e devot.mo no Senhor.

P.º Daniel Comboni
Pró-vigário ap. da Áf. C.

N.º 606 (575) - AO CARDEAL ALEXANDRE FRANCHI
AP SC Afr. C., v. 8, ff 329-330

N.º 4

Cartum, 12 de Maio de 1875

Em.º e Rev.mo Príncipe,

3833

Que todas as obras da salvação nascem e se desenvolvem ao pé da cruz é um facto já corroborado pela contínua experiência de dezanove séculos; e a persuasão disto susteve fortemente o meu ânimo no meio das dificuldades entre as quais se encontrava a obra redentora da África, assim também me conforta mais e mais nos presentes desastres. A infeliz passagem de uma inteira caravana – nunca tentada antes pelos missionários

– através de Assuão; a rota insólita, mais longa e dispendiosa, de Wady-Halfa, empreendida ultimamente pelo P.^e Carcereri, deixando a de Korosko, que até agora tinham seguido todos os missionários com caravanas de até setecentos camelos; o subsequente e extraordinário atraso das caixas com as provisões restantes, que, saídas do Cairo em Outubro do ano passado e deixadas pelo P.^e Carcereri em Wady-Halfa, ainda não chegaram a Cartum: todos estes e alguns outros inconvenientes causaram em conjunto à missão um desastre considerável, cujas consequências se haveriam de sentir por muito tempo.

3834

Mas o Senhor, que aflige e alegra, enquanto com uma mão me oferece uma cruz que abraço com um espírito que voluntariamente aceita um penhor seguro de protecção, com a outra indica-me motivos de esperança e de conforto. Tenho a firme esperança de que o divino Coração de Jesus na sua infinita bondade e misericórdia compensará todos os males, por ser quem, com a sua graça, guiou, guia e guiará sempre a santa obra. E, com efeito, após cinquenta e cinco dias de feliz viagem pela rota do Suez, Suakin e Berber fazia chegar a Cartum, no dia 18 de Abril último a superiora provincial das Irmãs do vicariato, Ir. Emilienne Naubonnet, de cinquenta e seis anos de idade, que já estivera trinta como superiora no Oriente, onde fundou as casas de Saida, Deir-el-Qamar e Beirut. Depois de Deus, tenho a dita de ser devedor da exímia bondade de V. Em.^a pela prenda desta superiora, que por ser – como pude comprovar neste tempo – boa e trabalhadora, muito sensata e experimentada, de muito ânimo e provada abnegação, ser idónea para a regular direcção das Irmãs e para o progressivo crescimento da obra.

3835

Quanto ao mais, graças ao Sagrado Coração de Jesus, a missão vai bem: todos os camilianos estão reunidos em Berber e já começam a desenvolver as suas actividades; trabalha-se em Cartum e no Cordofão; também, desde há mês e meio, em Gebel Nuba, na preparação das casas; e, enquanto me for possível, eu também irei lá para ajudar aqueles excelentes missionários a estabelecer solidamente a nova missão. Entretanto, não posso não expressar a S. Em.^a a minha satisfação pela valentia e espírito de sacrifício dos meus missionários para lá enviados, P.^e *Luís Bonomi*, superior, e P.^e Jenaro Martini, os quais, embora tenham encontrado nessas tribos um terreno nada fácil, estão a despender uma energia verdadeiramente admirável, sempre confiados na protecção e no auxílio de Deus, o qual já mostrou a sua intenção de os favorecer. Só a Ele a honra e a glória.

3836

Os outros dois assuntos de importância, a conquista de Darfur e a do equador, empreendidas há algum tempo, continuam, porém, com resultado variado. A primeira é já um facto consumado e S. E. Ismail Ayub Paxá mostra-se actualmente muito activo, formando com esse império conquistado cinco grandes províncias. Grande número de funcionários provenientes do Cairo partiram naquela direcção e, além disso, está-se a trabalhar com presteza na construção de uma estrada nova, que ligará directamente a cidade de Dôngola à capital de Darfur. Entretanto, não vai tão bem a conquista do equador que empreendeu o coronel Gordon, porque os subordinados o abandonaram e não recebe reforços das tropas do Governo, o qual não quer favorecer a abolição do tráfico de negros, uma das principais metas do coronel Gordon.

Tenho a honra de lhe beijar a sagrada púrpura e de me declarar nos Sagrados Corações de J. e de M.

De V. Em.^a Rev.ma
Hum.mo, devot.mo e obed.mo filho
P.^e Daniel Comboni, pró-vig. apost.

N.º 607 (576) - À MADRE EMILIE JULIEN
ASSGM, Afrique Centrale Dossier

J. M. J.

Cartum, 12 de Maio de 1875

Minha rev.da madre,

3837

Há dois meses que dei ordem na Europa para lhe remeterem para o mês de Julho 3000 francos, a fim de terminar com o assunto do sr. Lourenço. A madre sabe perfeitamente que neste assunto a tratei, bem como à sua querida congregação, como um amigo generoso, porque para fazer bem ao seu Instituto e, ao mesmo

tempo, livrar-me desse velhaco mentiroso, que criou problemas e pôs em dificuldades muitas congregações e missões no Oriente e na França, especialmente a sua, comprometi-me (depois de consultar eminentes personalidades) a pagar-lhe 8000 francos, quando, segundo os meus estudos e contas, só me encontrava devedor de 3000 francos, como declarei no meu documento de obrigação. Portanto, uma vez recebidos esses 3000 francos, rogo-lhe que me envie uma declaração escrita e assinada por si, na qual declare ter recebido de mim 8000 francos (5000 em 1873 e 3000 em 1875), como saldo de todo o débito que eu tinha com o sr. Lourenço, etc.

3838

Sabe bem que, possivelmente, nenhum Vicário Apostólico agiu em relação a si com tanta generosidade como eu, e, como consequência, deve prover-me de boas e capazes superiores e irmãs para a África Central. Já começou dando-me esta boa e valiosa madre provincial, a Ir. Emilienne, que tanto me consolou das minhas grandes cruzes. Tem trinta anos de missão e nesses trinta foi superiora. Conhece bem as missões, sabe desempenhar bem o seu cargo e só com duas palavras nós entendemo-nos perfeitamente.

É uma mulher à altura da sua missão, pelo que se acabaram as dificuldades que eu tinha com as outras superiores, que não sabiam realizar a sua missão lá muito bem, ainda que tivessem outras virtudes. Com esta aqui, num momento acerta-se tudo. Assim, pois, agradeço-lhe muito, minha madre, que tenha dado a Ir. Emilienne à África Central. Asseguro-lhe que ela não morrerá e que Deus a conservará muito tempo para a missão. A Ir. Germana queria que ela fosse de seguida para o Cordofão, mas eu opus-me. Irá lá no Inverno.

3839

Para além de outras boas Irmãs que a madre me mandará (e para a África Central deve escolher as mais virtuosas, as de saúde mais forte e as mais capazes de se governar a si mesmas) rogo-lhe que me conceda o favor de me enviar as seguintes:

- 1.º Ir. Arsénia, agora na casa-mãe, que é sapateira e, além disso tinha a seu cargo a cozinha.
- 2.º Ir. Colette, que também se encontra na casa-mãe
- 3.º Ir. Emília Chalhoub, de Saida, que tem vinte e seis anos e há oito que é religiosa. Estou muito contente com a Ir. Eufrásia. Reze por mim.

P.º Daniel Comboni

Original francês
Tradução do italiano

N.º 608 (577) - A ESTANISLAU LAVERRIERE
«*Les Missions Catholiques*», 319 (1875), p. 344

Cartum, 23 de Maio de 1875

3840

Entre as bênçãos que Deus me deu, uma das mais gratas a meu coração é ter obtido para a África Central uma superiora provincial das Irmãs de S. José da Aparição com os mesmos poderes que a madre geral. Foi-me concedida para esta difícil obra a Ir. Emilienne Naubonnet, nascida em Pau, de 56 anos. Foi durante trinta anos superiora na Síria e em Chipre e fundou as casas de Saida, Deir-el-Kamar e Beirut. Na época dos terríveis massacres de 1860, recolheu centenas de órfãos e realizou milagres de caridade. Dada a sua idade, ordenei que a enviassem a Cartum pela rota do mar Vermelho, Suakin e Berber. Esta rota é muito custosa, porém mais curta e menos dura. Tendo saído do Cairo a 22 de Fevereiro de 1875 com uma irmã árabe, a Ir. Emilienne chegou a Cartum, em perfeito estado de saúde, a 19 de Abril.

3841

A conquista de Darfur é um facto consumado. O governador-geral, S. E. Ismail Ayub Paxá, que levou a cabo esta importante operação, escreveu-me que em breve voltará a Cartum, uma vez terminada a divisão administrativa daquele extenso país em cinco províncias. Espero poder fundar proximamente uma missão na capital, El-Fascer ou Tendelti.

3842

Os nossos missionários enviados ao país Nuba trabalham na preparação das casas.

A missão do coronel Gordon ainda não teve o sucesso da expedição de Darfur. Encontra imensas dificuldades e como é inexorável contra o tráfico de negros, não lhe são enviadas todas as ajudas necessárias; foi até abandonado pela maior parte dos companheiros.

Original francês
Tradução do italiano

N.º 609 (578) - AO CARD. ALEXANDRE FRANCHI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 333-334

J. M. J.

Cartum, 2 de Junho de 1875

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

3843

Enquanto continuo a esperar com impaciência o resto das provisões e as caixas, que o P.^e Carcereri deixou em Wady-Halfa e que ao *cabo de sete meses e dez dias* desde a sua partida do Cairo ainda não chegaram a Cartum, desejo comunicar a V. Em.^a um assunto sobre o qual ainda lhe não disse nada: em que ponto se encontra a importantíssima questão dos meus estabelecimentos do Egipto.

3844

Em 1867 empreendi a fundação de dois Institutos no Egipto e concretamente no Cairo, um masculino e outro feminino, com o objectivo de preparar neles pessoal para as missões da África Central e aclimatar os missionários e as irmãs procedentes da Europa. A Propaganda conhece bem os primeiros frutuozos resultados desta obra e sobretudo a grande importância de ambos os estabelecimentos para o bem do vicariato da África Central.

3845

Admitida desde o princípio a utilidade, incluindo a necessidade destes dois institutos, estabeleci-os em duas casas tomadas de arrendamento nas quais as mantive durante alguns anos. Porém, quando em 1872 a S. C. se dignou confiar ao meu instituto de Verona o vicariato da África Central e eu fui nomeado pró-vigário apostólico, pensei em adquirir a propriedade de dois imóveis; e como tanto os arrendamentos como as casas em propriedade no Cairo estão a um preço sumamente elevado e se requerem grandes somas de dinheiro, depois de maduras reflexões elevei a S. A. o quédive, por meio do I. R. agente diplomático e cônsul-geral austro-húngaro no Egipto, uma petição para que me desse um terreno por mim escolhido no melhor bairro do Cairo, a fim de construir nele, pouco a pouco, os dois projectados estabelecimentos. Confortado com boas palavras e generosas promessas deixei o Egipto e vim para o vicariato.

3846

Como sucede sempre nos consulados – onde não há muito zelo pela religião – e nas cortes – onde há muitas intrigas –, a minha petição descansou muito tempo na mesa consular e vice-real. Para movimentar o assunto, aproveitei a estada no Egipto do P.^e Carcereri no seu caminho para Roma; e, de facto, seguindo as minhas ordens, o dito padre preparou uma solitação ao I. R. cônsul-geral austro-húngaro, que apresentou em Março do ano passado, antes de sair para a Itália com o fim de favorecer o bom resultado da minha petição.

3847

Finalmente, nos últimos do passado mês de Julho, S. A. o quédive, apoiado por poderosas recomendações que eu arranjava na corte imperial de Viena, concedeu-me o ansiado terreno que escolhera, avaliado em 42 045,73 fr. (quarenta e dois mil quarenta e cinco francos com setenta e três cêntimos), segundo a estimativa dos engenheiros do Governo egípcio. Este terreno, que é ideal e mais que suficiente para construir nele os dois estabelecimentos preparatórios para a África Central e que dista pouco do terreno que obtiveram os franciscanos para construírem uma igreja, foi-me concedido nas mesmas condições que a eles, ou seja, a condição de submeter à Administração do quédive o projecto das obras e de gastar nele pelo menos 50 000 francos nos primeiros dezoito meses, após a aprovação governamental do referido projecto. Depois do quê se obterá o *hoggiet* ou decreto de propriedade.

3848

Assim, pois, após me ter consultado, o rev.do P.^e Bartolo Rolleri, superior dos meus institutos do Cairo e meu procurador no Egipto, aceitou com plena satisfação o mencionado terreno e apresentou o meu projecto

dos dois estabelecimentos a erigir no Cairo. Já com a aprovação do mesmo por parte da Administração vice-real, empreendeu a construção de ambos os institutos, em que até à data gastou 14 000 francos e espero que estejam concluídos a seu devido tempo.

Hoje, no meu salão, onde recebo, a temperatura é de 42 graus Réaumur.

Beija-lhe a sagrada púrpura

Seu hum.mo, devot.mo e obed.mo filho

P.^e Daniel Comboni

N.º 610 (579) - AO CARD. ALEXANDRE FRANCHI

AP SC Afr. C., v. 8, ff. 337-340

N.º 6

Cartum, 20 de Junho de 1875

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

3849

Finalmente, a 7 do corrente, após *sete meses e meio* da partida do Cairo, chegaram a Cartum o material e as provisões da caravana do P.^e Carcereri. Porém, é muito pouco o que chegou inteiro e em boas condições, ou melhor dito, quase nada; de modo que a perda daí proveniente para a missão supera a importância de 30 000 francos. Bendito seja o Senhor. Eu estava preparado para esta não pequena cruz, pelo que desde há tempos que me ocupei em procurar remédio; e já o nosso caro S. José, ecónomo do vicariato da África Central, começou a acertar as coisas radicalmente. Assim, no momento em que tenho a honra de escrever a V. Em.^a, devo dizer que não só tenho mantido bem todas as estações do vicariato da África Central e as casas do Egipito, tanto dos missionários como das irmãs, mas também, além disso, depois de prover de móveis e do necessário a casa camiliana de Berber e já está bem restaurada e preparada, entreguei o contributo anual de 5000 francos, para o período compreendido entre 1 de Março de 1875 e 1 de Março de 1876, aos camilianos, cujo administrador me passou o respectivo recibo. À parte isto, tenho suficiente dinheiro para fundar a nova missão de Gebel Nuba, *sem dever sequer um centavo*, nem no vicariato, nem na Europa, já que também paguei a última parte da dívida que tinha para com a venr.da madre geral: os três mil francos a que fiz referência na minha última Informação anual à S. C., correspondentes ao ano passado. Permita-me, pois, o piedoso coração de V. Em.^a exclaimar com a mais sentida gratidão: «Viva S. José, protector da Igreja universal e ecónomo da Nigricia!»

3850

Sem dúvida, conhecerá V. Em.^a Rev.ma o bem que fez à África Central o *Alto Comité da Sociedade de Maria*, de Viena, que durante mais de vinte anos sustentou abundantemente o vicariato com consideráveis somas de dinheiro; e, embora agora consiga recolher só pequenas ajudas, estas continuam a ser valiosas. Além disso, desde que a Santa Sé me confiou o vicariato, cada ano aumentava os seus recursos. A existência deste Alto Comité na capital austríaca é de sumo interesse para o vicariato, porque indica a protecção régia que conferiu ao mesmo S. M. apostólica o imperador Francisco José e é uma permanente recordação ao liberal Governo austríaco, *coxo do ponto de vista religioso* como todos os outros da Europa, em relação à postura do imperador, que quis a fundação do comité e o protectorado da África Central.

3851

É, portanto, de sumo interesse para a missão a existência deste comité. O seu presidente é S. E. rev.ma mons. *Kutschkar*, bispo de Carré e vigário-geral de S. E. o card.-arcebispo de Viena. Mas a alma do comité desde a sua fundação em 1851 era o nobilíssimo barão de *Spens-Booden*, antigo chefe da Secção do Ministério do Culto, o qual morreu a 14 de Março do presente ano. E ainda que o dito comité se tenha reunido a 20 de Abril passado e tenha nomeado para o lugar deixado vacante pelo valiosíssimo vice-presidente outra excelente personalidade, o senhor *Steiner*, genro do incomparável barão de Spens-Booden, uma recomendação da Propaganda animaria poderosamente os membros dessa ínclita sociedade. Portanto, solicitaria a V. Em.^a rev.ma que escrevesse ao núncio de Viena, mons. Giacobini, para o convidar a manifestar ao Alto Comité a dor pela morte do digníssimo barão de Spens (a quem o Santo Padre nomeara, três anos antes, comendador

da Ordem de S. Gregório Magno) e que interessa muito à Propaganda que a Sociedade de Maria prospere, em benefício da África Central.

3852

Por outro lado, deixo para a primeira ocasião em que eu possa deslocar-me a Viena procurar reforçar o comité vienense com novas e influentes personalidades húngaras (porque na Hungria há um clero caritativo e com dinheiro, ainda que teimoso), a fim de que possa prover de abundantes ajudas a Nigricia.

3853

Logo que chegou o que havia ficado da expedição em Wady-Halfa, preparei uma nova caravana de vinte e seis camelos, que fiz seguir para o Cordofão a semana passada. Dez desses camelos devem esperar-me em Tura-el-Kadra, no Nilo Branco, a seis dias de Cartum. E *amanhã de manhã*, num vapor que o Governo pôs à minha disposição, partirei com missionários e irmãs para Tura-el-Kadra, onde montaremos nos camelos para ir para o Cordofão e, depois, seguir para Gebel Nuba fundar a missão. Já se está lá a trabalhar com celeridade; mas, por haver muitas tarefas a realizar, chamei de Berber o P.^e Franceschini e o excelente P.^e Afonso Chiarelli, a quem conheço há muitos anos e já se encontram os dois em Cartum desde há uns dias. A estes levá-los-ei comigo.

3854

Como a fundação da Missão de Gebel-Nuba é de importância, desejaria uma especial bênção *ad hoc* do Santo Padre, que é um grande santo e um milagre vivo dos nossos tempos.

Pedindo humildemente a bênção de V. Em.^a Rev.ma, beijo-lhe a sagrada púrpura e declaro-me com toda a veneração.

De V. Em.^a Rev.ma
Hum. e devot.mo, obed.mo filho
P.^e Daniel Comboni
Pró-vig ap. da A. C.

N.º 611 (1209) - DOCUMENTO
SOBRE O TERRENO CONCEDIDO NO CAIRO
AP SC Afr. C., v. 8. ff.335-336 v

Junho de 1875

Cópia do documento sobre o terreno concedido por S. A. o quedge para construir no Cairo dois estabelecimentos preparatórios para a África Central.

N.º 612 (581) - AO CARDEAL ALEXANDRE FRANCHI
AP SC Afr. C., v. 8 ff- 341-343

N.º 7

El-Obeid, capital do Cordofão
13 de Julho de 1875

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

3855

Como lhe comunicava na minha última carta, a n.º 6, zarpei no dia 21 do passado Junho com alguns membros da missão e duas irmãs árabes a bordo do vapor que o Governo tinha posto à minha disposição. Após navegar pelo Nilo Branco, no dia 26 desembarcámos em Tura-el-Khadra e, depois de uma viagem fadigosa pelas ardentes areias e as espinhosas selvas do Cordofão, com vinte e nove camelos, chegámos sãos e salvos no dia 6 do corrente a esta capital, onde fomos recebidos com honras pelo governador daqui e pelos notáveis da população cristã e muçulmana.

3856

Deixando para a Informação anual, que redigirei dentro de alguns meses, falar em pormenor do Cordofão e dos bons começos da nascente missão de Gebel Nuba, limitar-me-ei a dizer-lhe agora que o Senhor parece abençoar verdadeiramente estas duas importantes missões. Estou muito satisfeito com o andamento das obras do Cordofão e as obras que recebi da recente Missão dos Nuba confortam-me sobremaneira. As casas para os missionários e para as irmãs já estão preparadas, segundo o costume do país, mas muito melhores e mais sólidas. Dizem-me os Nuba que recentemente os nossos missionários e o chefe de lá me enviaram. Entretanto, desde a minha chegada a El-Obeid fiz preparar a carga de cinco camelos para mandar a Gebel Nuba ao nosso veterano Augusto Wisnewscky com o excelente P.^e Afonso, camiliano (a quem chamei de Berber com o P.^e José Franceschini, depois de haver pago a essa casa religiosa a acordada atribuição anual), a fim de irem até lá com as provisões e utensílios de artes e ofícios que precisam dos nossos bons missionários. Esta pequena caravana partirá amanhã com os mencionados Nuba. Pela minha parte, partirei para lá com o resto depois de ter realizado alguns trabalhos e despachado vários assuntos nesta missão do Cordofão.

3857

Compraz-me repetir a V. Em.^a Rev.ma, para glória de Deus, que estou muito contente pela satisfatória situação económica do vicariato.

3858

Tinha um grande temor de sofrer muito pelas consideráveis perdas da última caravana do Cairo, sobre a qual noutra ocasião falei a V. Em.^a; mas os Sagrados Corações de Jesus e Maria e S. José não o permitiram. O vicariato, além de não dever nem um cêntimo, encontra-se provido dos suficientes fundos para ir em frente todo este ano, manter todas as estações e fundar bem a missão dos Nuba e, por cima, gozar de universal credibilidade, especialmente aqui e em Cartum, para poder dispor com segurança de qualquer ajuda ou subsídio. O Senhor vela com amoroso cuidado pela sua obra.

3859

No vizinho império de Darfur recentemente conquistado estão a organizar-se cinco grandes mudiriés ou províncias egípcias, por obra de S. A. Ismail Paxá, governador-geral e amigo meu. Também estou perfeitamente informado de que o poderoso quédive deseja conquistar o grande império de Waday e o de Bornu e, diria, quase todo o centro da África. Apesar de não poucas objecções em sentido contrário, eu sou do parecer de que o facto inevitável das conquistas egípcias pode contribuir para a difusão da verdadeira fé católica na África Central. Eu estou com cem olhos para estudar os meios de tirar proveito destes importantes acontecimentos. Assim como nas maravilhosas descobertas da indústria e nas sublimes concepções do génio humano, olhar iluminado pela fé contempla, especialmente no nosso século, os meios de que Deus se serve para realizar os seus desígnios sobre os povos e conduzir os homens ao seu destino imortal, do mesmo modo parece-me que a Providência se vale das conquistas humanas par favorecer nestas terras a difusão do Evangelho e o triunfo da verdade.

3860

O Egipto está a tornar-se cada vez mais importante. Além da recente conquista do império de Darfur, uma carta, que hoje recebi do coronel Gordon, informa-me de que pôde percorrer com uma falua o trajecto do Nilo Branco compreendido entre Regiaf e Kerri, quando até agora se acreditava que era impossível a navegação do mesmo, devido às cataratas que o tornavam intransitável. Portanto diminuiram as dificuldades de comunicação entre Gondokoro e as nascentes do Nilo e o Nyanza. Parece que a empresa de Gordon toma um melhor caminho.

3861

Com base nestes resultados obtidos e com os que provavelmente se obterão, permita-me assinalar à atenta mente de V. Em.^a Rev.ma este facto importantíssimo: se as conquistas egípcias prosseguem a este passo, dentro de poucos anos S. A. o quédive governará um reino colossal. Tenho um grande empenho em estudar toda a maneira para obter proveito em favor da nossa Santa Sé. É de sumo interesse que a Santa Sé se encontre em bons termos com o quédive e com o Governo egípcio, que em substância são mais tolerantes que o grande sultão e o Governo otomano. Assim, pois, convém sobremaneira que o representante da Santa Sé no Egipto goze de boas relações com essa corte e com esse *Divã* (1).

3862

No Sudão, graças a Deus estou de bom entendimento com todos os paxás e os governadores, ainda que aqui cheguem também os jornais turcos, árabes e franceses, que revelam a estes nossos governantes os deploráveis feitos de Bismark, do grão-vizir, dos hereges e cismáticos arménios contra os católicos e sobretudo dão a conhecer a ímpia guerra que a maçonaria internacional leva a cabo contra o Papado e a religião católica. Eu estou muito alerta, a observar estas coisas, para prevenir e ter longe do nosso vicariato qualquer consequência nociva. Deus queira.

Beijo-lhe a sagrada púrpura e pedindo-lhe a sua paternal bênção, declaro-me com todo o respeito

De V. Em.^o Rev.ma devot.mo e indig.mo filho
P.^e Daniel Comboni, pró-vig. apostólico.

(1) Os cônsules-gerais estão todos comprados pelo astuto quédive e, em geral, actuam segundo as sugestões dos seus governos, salvo alguma rara excepção.

N.^o 613 (582) - AO P.^e ESTANISLAU LAVERRIERE
«*Les Missions Catholiques*» 329 (1875), p. 466

El-Obeid, 26 de Julho de 1875

3863

A caravana e as caixas que tinham ficado em Wady-Halfa chegaram a Cartum no dia 7 de Junho. Após isso, pensei em preparar uma nova caravana, para a enviar ao Cordofão e ao país dos Nuba.

3864

No dia 18 de Junho fiz sair de Cartum 29 camelos. A 21, festa de S. Luís de Gonzaga, empreendi viagem pelo Nilo Branco num barco a vapor que o coronel Gordon tinha posto à nossa disposição mediante o seu representante, o sr. Gessi. Eu ia acompanhado de dois missionários, duas irmãs árabes de S. José da Aparição, três jovens clérigos e o sr. Augusto Wisnewscki. No dia 26 de Junho desembarcámos em Tura-el-Khadra, onde encontrámos os nossos camelos, com a ajuda dos quais prosseguimos o nosso caminho. A 7 de Julho chegámos a El-Obeid. Os nossos missionários, as irmãs e o governador turco brindaram-nos com o mais simpático acolhimento.

3865

Dois mensageiros de Gebel Nuba entregaram-me umas cartas dos nossos missionários, nas quais nos pediam ajudas e provisões de que não era possível dispor. Eles chegaram há uns dias a Delen, sede da missão; e o sr. Augusto, que mais adiante terá de me acompanhar ao país dos Nuba, já está aqui de regresso.

3866

As notícias da Missão dos Nuba são consoladoras. Os missionários mandaram construir em Delen uma residência para eles, uma casita para as irmãs e uma modesta igreja de palha. É a primeira etapa da missão. Para estabelecer definitivamente a estação central é preciso avançar mais para o interior. Tomaremos uma decisão a este respeito depois da exploração que eu mesmo realizarei em Setembro e Outubro próximos.

A 21 de Julho administrei solenemente o baptismo a dezasseis adultos já preparados pelos nossos missionários e as nossas irmãs de El-Obeid. Dia de Pentecostes, o superior de Cordofão, P.^e João Losi, tinha baptizado numerosos adultos negros.

P.^e Daniel Comboni

Original francês
Tradução do italiano

N.^o 614 (583) - A MONS. JERÓNIMO VERZERI
ACR, A, c. 15/177

J. M. J.

Gebel Delen (tribo dos Nuba)
8 de Agosto de 1875

Excia. rev.mo,

3867

Embora esteja muito ocupado com os preparativos desta nova missão, onde nunca brilhou a luz da fé católica e que eu devo fundar por ordem da S. C. da Propaganda, contudo, o meu olhar dirige-se agora em direcção à pátria e sobretudo ao digno pastor e anjo daquela querida Igreja, à qual pertenço pela razão da origem.

3868

Por ordem minha, no dia 30 do próximo mês de Setembro haverá neste imenso vicariato apostólico, em todas as igrejas paroquiais, missa cantada, *Te Deum* e exposição do SS.mo Sacramento, na celebração do 25º aniversário, ou seja, o jubileu pontifical, da promoção de V. E. Rev.ma ao episcopado da ilustre Igreja de Bréscia. Nesse dia elevar-se-ão do centro da África fervorosas preces ao trono de Deus e votos ardentes como as áridas areias da Nigrícia, de onde escrevo, pela conservação da preciosa vida e pela prosperidade de V. E. Rev.ma e dessa gloriosa Igreja e diocese que o senhor santificou com o seu suor, com a sua sábia doutrina e com as suas esplêndidas virtudes.

3869

Digne-se, pois, aceitar com coração magnânimo a fervorosa homenagem de filial reverência que os meus companheiros missionários, as minhas generosas irmãs e eu lhe dedicaremos em tão faustoso dia a partir desta tribo dos Nuba, do Cordofão, da missão principal de Cartum e de Berber, em que rezaremos por V. E. Rev.ma e pela minha amada pátria.

3870

Agora não tenho tempo para lhe enumerar nem sequer breve e sucintamente as generosas bênçãos que, no meio de mil cruces, derramou o dulcíssimo Coração de Jesus (a quem a 14 de Setembro de 1873, com a aquiescência do Sumo Pontífice Pio IX, consagrei este imenso vicariato) sobre o nosso apostolado da África Central. Dir-lhe-ei apenas que o Senhor mostra especiais mãos largas para com estas regiões e que só este ano, ainda que com grandes sacrifícios, pude fundar e estabelecer duas novas missões, a de Berber e esta dos Nuba.

3871

Porém, para que *qui incrementum dat* faça frutificar esta campo virgem e inculto, suplico da exímia piedade e caridade de V. E. que eleve e mande elevar preces ao Sacratíssimo Coração de Jesus para que nos assista na árdua empresa, que não busca senão a glória de Deus e a salvação das almas mais abandonadas do mundo. E... por certo, como gostaria ter aqui, partilhando connosco as batalhas do Senhor, algum piedoso e generoso sacerdote bresciano! Mantenho essa aspiração.

Rogo-lhe que dê lembranças da minha parte ao seu venerável e fidelíssimo secretário, mons. Carminati e às piedosíssimas Filhas do Sagrado Coração de Bréscia. Entretanto, na esperança de poder apresentar-lhe os meus respeitos pessoalmente no próximo ano, beijo-lhe humildemente o sagrado anel e declaro-me nos dulcíssimos Corações de J. e M.

De V. E. Rev.ma
Hum.mo, devot.mo e af.mo filho
P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário apost. da África Central

N.º 615 (584) - CARTA AOS SEUS MISSIONÁRIOS
ACR, A, c. 21/1 n. 2

El-Obeid, 12 de Agosto de 1875

Aos nossos dilectos filhos os rev.dos párocos
e os superiores das missões
do nosso vicariato apostólico, paz e bem.

3872

Com o coração trespassado de acerba dor, anuncio-vos, caríssimos irmãos e filhos, que no dia 29 de Junho passado, consagrado aos triunfos dos Príncipes dos Apóstolos Pedro e Paulo, expirava no castelo imperial de Praga, nos braços do Senhor, Sua Majestade apostólica o *imperador e rei Fernando I da Áustria*, insigne benfeitor da nossa santa missão, com a venerável idade de oitenta e dois anos.

3873

Este glorioso monarca, orgulho e pérola dos príncipes verdadeiramente cristãos, veio ao mundo a 19 de Abril de 1793, filho do imperador Francisco I e da imperatriz Maria Teresa, nascida princesa das Duas Sicílias. A 2 de Março de 1835 cingia a gloriosa coroa dos Habsburgos, após ter-se unido em matrimónio, em Fevereiro de 1831, à piedosíssima princesa Maria Ana, filha de Vítor Emanuel I, rei da Sardenha. E em 2 de

Dezembro de 1848, numa resolução magnânima, cedia o trono imperial ao seu augusto sobrinho Francisco José I, que desde há *vinte e sete anos* reina gloriosamente como imperador da Áustria e da Hungria.

3874

Durante os quase catorze anos do seu reinado, o Imperador Fernando I, juntamente com a sua augusta consorte, foi para os soberanos modelo de incorruptível justiça e de insigne clemência, generosidade, bondade, munificência e amor aos seus súbditos. Na caridade e munificência, no zelo pela glória e prosperidade da religião e na piedade e veneração pela Santa Sé Apostólica e pelo vigário de Jesus Cristo, emulou os esplêndidos exemplos dos seus gloriosos antepassados St.^o Estêvão da Hungria, St.^o Henrique, imperador, e São Leopoldo.

3875

Nos subsequentes vinte e sete anos do seu magnânimo e pacífico retiro, nos quais permaneceu na mais íntima união de coração e de obras com a sua angelical e imperial consorte, teve sempre perto de si sábios e ilustrados mestres de espírito, foi um portento de piedade cristã, um prodígio de caridade e generosidade régias. E a corte imperial de Praga chegou a ser, e ainda é, um jardim celestial fragrante de sublimes virtudes, um paraíso de piedade cristã, um oceano de maravilhosa caridade, do qual brotaram indefectivelmente e dimanam ainda rios e torrentes de generosas e extraordinárias dádivas e ajudas, para alívio dos pobres e desditosos e em benefício de todas as obras de piedade e beneficência cristãs, não só pertencentes a todas as províncias do vasto Império Austro-Húngaro, mas também em qualquer parte do mundo onde o requereram os interesses da glória de Deus, da salvação das almas e do incremento da religião. O nosso imenso vicariato apostólico, desde a sua fundação até aos nossos dias, tive a dita de experimentar repetidamente os benéficos efeitos da soberana caridade do magnânimo imperador Fernando I; e a nossa santa obra da regeneração da Nigricia teve estável e sólida base na insigne caridade e munificência da corte imperial de Praga.

3876

Por isso, levados pela mais profunda admiração e impregnados de sentimento do dever da mais viva caridade para com o augusto e imperial benfeitor, decidimos ordenar e assim o ordenamos com a presente circular que o dia 2 de Setembro próximo, dedicado ao seu ilustre predecessor St.^o Estêvão, rei da Hungria, em todas as igrejas paroquiais do nosso vicariato apostólico se celebre, com o máximo esplendor que as nossas habituais limitações permitirem, um divino ofício solene com missa cantada de *requiem* em sufrágio da alma do falecido monarca. Com esta finalidade, convidamos também todos os sacerdotes seculares e regulares do nosso vicariato a celebrar cada um cinco missas neste próximo mês de Setembro e instamos as nossas diligentíssimas Irmãs de S. José da Aparição espalhadas pelas missões da África Central e a todos os alunos dos nossos estabelecimentos masculinos e femininos a oferecerem com a maior frequência possível a santa comunhão durante este ano. Igualmente, os bons fiéis, nossos filhos, rogarão ao Deus das misericórdias pela alma eminentemente cristã do ilustre e imperial finado.

3877

Deixamos para mais adiante estabelecer com o respectivo decreto que cada ano, num dia de Julho, nas igrejas paroquiais de cada uma das actuais missões do vicariato da África Central, como também nas igrejas ou capelas dos nossos estabelecimentos do Egipto e de Verona, se celebre *in perpetuo* o ofício de defuntos com missa solene de *requiem* em sufrágio do augusto desaparecido.

3878

Aproveitamos esta propícia ocasião para vos exortar encarecidamente, caros irmãos e filhos, a rogar e a fazer rogar ao dulcíssimo Coração do nosso Divino Redentor pela prosperidade da augusta viúva, a imperatriz Maria Ana, a fim de que se digne consolá-la e conservá-la por muitos anos, para ornato e glória da augusta Casa de Habsburgo e do Império Austro-Húngaro, bem como para honra da Igreja, alívio da humanidade sofredora e abandonada e incremento e benefício da nossa santíssima religião.

Dado em El-Obeid, na nossa residência do Cordofão, aos 12 de Agosto de 1875.

P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário ap. da África Central

N.^o 616 (585) - AO P.^e ESTANISLAU CARCERERI
APCV, 1458/35

El-Obeid, 15 de Agosto de 1875

Concessão de faculdades.

N.º 617 (586) - AO CARD. ALEXANDRE FRANCHI
AC SC Afr. C., v. 8, f. 345

15 de Agosto de 1875

Breve nota.

N.º 618 (587) - AO CÓNEGO JOSÉ ORTALDA
«*Museo delle Missioni Cattoliche XVIII*» (1875), pp. 697-698

El-Obeid, 17 de Agosto de 1875

3879

Aproveitando o envio da carta junta ao nosso P.^e Gennaro, mando-lhe uma afectuosa e respeitosa saudação e reitero-lhe os sentimentos de veneração, carinho e gratidão que sempre tive para consigo e que conservarei até à morte. Agora que parto para a tribo dos Nuba e que vou estar uns meses com P.^e Gennaro, terei a dita de falar todos os dias de si, como fiz em Cartum e durante todo o tempo que aí permaneceu, na minha residência principal.

3880

No próximo ano, espero ter a sorte de passar por Turim e de, juntos, conversarmos sobre o difícil e laborioso apostolado desta grande missão. O senhor, que *tem palavras de vida eterna*, faria muito bem se me escrevesse umas linhas; e a sua caridade para com a minha obra seria suma se mandasse para Verona algum bom elemento piemontês, que tanto bem poderá fazer.

Saúdam-no com toda a consideração os missionários daqui. Rogue aos doces corações de Jesus e de Maria pelo seu af.mo amigo

P.^e Daniel Comboni
Pró-vig. ap. da África Central

N.º 619 (588) - AO CARD. ALEXANDRE FRANCHI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 343-344/347-348

J. M. J. N.º 8

El-Obeid, 21 de Agosto de 1875

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

3881

Nas tribos dos Nuba trabalha-se a bom ritmo para estabelecer a nova missão. Já lá há quatro sacerdotes missionários e dois leigos europeus, para além do pessoal indígena das nossas casas e o veterano do vicariato, o sr. Augusto Wisnewsky. Embora alimente boas esperanças de uma sólida implantação, não darei informações à S. C. até não se terem realizado os trabalhos essenciais que ordenei e até que eu mesmo não tenha posto devidamente em andamento a obra.

3882

Aqui no Cordofão tenho dois clérigos estupendos, estudantes de teologia, que fizeram os seus estudos filosóficos em Roma com os dominicanos na Minerva. Um chama-se Vicente Marzano e o outro Carmelo Loreto e estão providos de excelentes atestados de mons. Piacelli. Como desejam ardentemente receber as ordens menores, eu estaria disposto a satisfazê-los, porque deram provas de óptimo espírito e de grande abnegação e isto faz-me esperar muito deles para bem dos pobres negros. Por isso suplicaria da bondade de V. Em.^a que me obtivesse do Santo Padre a faculdade de conferir aos ditos clérigos as ordens menores.

3883

Tenho também nesta missão dois rapazes negros de inteligência desperta e que suscitam belas esperanças, os quais são os primeiros frutos do nosso apostolado no Cordofão, quando há dois anos passei seis meses

nesta zona. Estão bem iniciados na piedade e na religião, e também no italiano e num pouco de latim. Um chama-se Daniel e o outro Artur e têm aproximadamente *doze ou treze anos* de idade. Desejaria que V. Em.^a os admitisse no Colégio Urbano da Propaganda, a fim de que se alimentassem do espírito reinante nesse cenáculo de verdadeiros apóstolos, para depois o transmitirem às almas dos seus irmãos que vivem ainda na sombra da morte. Suplico humildemente da bondade de V. Em.^a que atenda a minha súplica, por esperar disso benefícios para a Nigricia.

3884

Chegou às minhas mãos uma brevíssima circular impressa por V. Em.^a com data de 4 de Agosto de 1874, relativa às publicações correspondentes a estes *três períodos*: anterior, contemporâneo e posterior ao Concílio Vaticano. Pois bem, acontece que tenho uma carta em latim dirigida ao S. Concílio Vaticano com o conseqüente *Postulatum pro Nigris Africae Centralis*. É um trabalho meu. Além disso, este postulado, subscrito por muitos prelados e aprovado pela congregação examinadora das propostas dos padres para a sua admissão na secção *De Missionibus Apostolicis*, foi apresentado por Vossa Eminência, como secretário da dita congregação, à Santa Sé na tarde do memorável dia 18 de Julho de 1870 e obtive a assinatura do Santo Padre, etc, etc. Por isso, sem mais, mando a V. Em.^a a cópia impressa deste documento para que faça com ele o que lhe parecer. Recebi a venerada carta de V. Em.^a de 24 de Maio passado, pela qual chega a meu conhecimento a importância de 2000 francos que me destina a Santa Infância de Viena. Dentro de pouco enviar-lhe-ei um pequeno relatório sobre o trabalho dos meus missionários e irmãs em favor dos meninos infieis. Preciso de um número maior de Irmãs para desenvolver esta obra e também dois dispensários, ou farmácias, em Cartum e em El-Obeid.

3885

Por outro lado, na mesma venerada carta V. Em.^a exprime o temor que tem do clima pouco salubre de Cartum. Permita-me, em.mo príncipe, que deixe para outra oportunidade a descrição das verdadeiras condições climáticas de Cartum, porque agora estou ocupadíssimo, além de que sempre executarei à letra qualquer ordem que V. Em.^a me dê, que sempre considerarei como a clara vontade divina. Agora assinalo-lhe, no entanto, os seguintes pontos:

3886

1.º Quando vim pela primeira vez ao Sudão em 1857, Cartum era, de facto, uma cidade insalubre; mas, desde que diversos governadores, imitando a missão, fizeram cobrir as fossas donde extraíam a areia para construir as casas e que, ao cessar das chuvas, exalavam cheiros letais que produziam aquelas febres tão perigosas, deixou de ser insalubre. Hoje não é nem mais nem menos que Roma, a qual tem um ou outro mês de malária, como Cartum depois das chuvas. Até agora fiz frente ao problema transferindo os de saúde mais delicada para duas casas que me deixou um amigo meu muçulmano em Geref, um lugar de melhores ares situado a duas horas de Cartum. Além disso, isto ficará perfeitamente solucionado quando puder construir quatro quartos *de segundo andar* na magnífica casa que recentemente construí para as irmãs.

3887

2.º Nenhuma das quatro Irmãs mortas em Cartum (e assisti-as eu a todas) faleceu pelo clima deste lugar, mas de doenças crónicas ou de outro tipo que trouxeram para Cartum.

3.º De todos os missionários que vieram sob as minhas ordens desde 1871 até hoje nenhum morreu.

4.º Tanto os missionários como as irmãs devem estar isentos de doenças crónicas, pois de contrário morrerão em Cartum, como morreriam em qualquer outra missão.

5.º Os missionários e as irmãs de Cartum devem seguir o regime de vida que lhes tracei com base numa larga experiência.

6.º É mister que a congregação de S. José me proporcione um conveniente número de irmãs *sãs*, porque aqui há muito que trabalhar e grandes esforços para realizar; de outro modo, as poucas irmãs que até agora me mandaram ficaram esgotadas em pouco tempo.

3888

7.º Humildemente devo observar a V. Em.^a que Cartum é uma cidade de mais de 50 000 habitantes, capital do Governo do Sudão egípcio e residência dos altos dignitários, para além de centro da administração governativa de um território *quatro ou cinco* vezes maior que toda a França. Em Cartum temos almas para salvar, sobretudo por meio das irmãs. Há lá gente de diversos países europeus e de várias zonas do Oriente. O cônsul austríaco, que é de Viena, já está em Cartum há vinte e dois anos; o nosso veterano Augusto esteve vinte; o cónego P.^e Pascoal Fiore, superior e pároco, vive lá há três anos seguidos; e eu estive dezanove me-

ses consecutivos e não tive mais que uma única febre, embora tenha lá trabalhado muito física e mentalmente.

3889

Algumas irmãs que no Cairo pareciam fracas conservaram bem a saúde. Como resulta de provas científicas e da experiência vivida pelos beneméritos padres do Espírito Santo e do S. C. de Maria nas suas missões da África Ocidental e pelas suas religiosas, a irmã resiste mais nestes climas africanos que o missionário. Se a isto se soma o facto de que há ali muitas almas para salvar e que os comerciantes não olham muito para o clima por uma vil ganância, parece-me que, por agora, é seguir em frente, aperfeiçoando e corrigindo o que é susceptível de aperfeiçoamento e correcção com a ajuda do Senhor; e tanto mais que Cartum, pelo caminho de ferro do Sudão, que se começou a construir, e pelas grandes conquistas que realizaram e continuam a levar a cabo as armas egípcias, parece destinada a converter-se numa grande capital.

3890

Aqui em El-Obeid, no dia 21 do passado mês de Julho administrei solenemente o baptismo a *dezasseis* adultos infiéis e, além disso, este ano atraiu-se um discreto número de almas, pelo que há ainda muitos catecúmenos. Porém, o meu processo é avançar com grande lentidão e circunspecção. O que mais me satisfaz e que creio ter conseguido com a ajuda do Senhor é a consolidação deste imenso vicariato e a sua estabilidade e perpetuidade. Há muito que sofrer, naturalmente, e, por isso, precisam-se vocações sólidas, generosas e seguras. Também se precisam meios abundantes. Mas como é uma obra totalmente de Deus, eu espero tudo do Sagrado Coração de Jesus e do ecónomo S. José, que nunca abandonaram os que põem no Céu a sua confiança. Também este ano a Propaganda Fide me deu 45 000 francos com 45 cêntimos.

3891

Porém, a construção dos dois novos estabelecimentos do Cairo e a reparação das perdas sofridas pela passada caravana do Egipto absorveram grande parte dessa importância. Também o encarecimento dos víveres no Cordofão, causado pelo grande consumo e pelos latrocínios de milhares de soldados que daqui se dirigiam para o Darfur, aumentaram consideravelmente o gasto que temos de efectuar e, por reflexo, também me custa mais o estabelecimento da nova missão entre os Nuba. Mas S. José arranja tudo. Na barba do seu divino Filho ele encontra as esterlinas como os pequenos cêntimos. E a sua Imaculada Esposa, Rainha da Nigricia, saberá fazer também a sua parte.

3892

Dentro de uns dias, quando minguaem as torrentes produzidas pelas chuvas, partirei também eu para Gebel Nuba; porém, antes, espero submeter-lhe o meu projecto, o qual tem como objecto um maior desenvolvimento da obra das religiosas. As Irmãs de S. José que a madre geral me concedeu são pouquíssimas e não bastam para as necessidades da missão. Mas esse instituto tem o elemento árabe, indispensável para a Nigricia, que não possui o das *Pias Madres da Nigricia*, por mim fundado e estabelecido em Verona sob a égide do meu caro mons. Canossa. Cumprindo-se certas condições que eu exigiria, encontrar-me-ia disposto a fundir este instituto (do qual mons. Canossa acaba de me dar excelentes informações) com o das Josefinas, também para evitar os litígios que por humana fraqueza poderiam surgir entre dois institutos religiosos a trabalharem numa mesma missão.

3893

Contudo, não estou ainda totalmente decidido acerca disto: conviria que, ponderada cada coisa, e tratado *ex professo* o assunto com mons. Canossa e com o excelente reitor de Verona, P.^e Squaranti, tudo fosse submetido à sapientíssima decisão de V. Em.^a

Entretanto, beijo-lhe a sagrada púrpura e declaro-me

De V. Em.^a Rev.ma hum., dev., obdmo. filho,
P.^e Daniel Comboni, pró-vig. apostólico

N.º 620 (589) - AO P.^e CAMILO GUARDI
AGCR, 1700/37

J. M. J. n.º 2

El-Obeid (Cordofão), 23 de Agosto de 1875

Rev.mo padre

3894

Recebi com prazer a sua estimadíssima carta de 18 de Maio e rogo-lhe que me perdoe por ter demorado tanto em lhe responder.

O senhor digna-se humildemente pedir o meu consentimento para que o P.^e Zanoni possa entrar como subordinado para a missão de Berber e eu não posso opor-me a um desejo tão claramente expresso por V. P. rev.ma. Por isso, firme na convicção de que a sua mente tão prudente e sábia procura com o bem do arrependido P.^e Zanoni o da missão camiliana de Berber, aceito de boa vontade e por completo a sua venerada vontade. O senhor conhece a fundo a mudança e a atitude do peticionário: declaro-lhe, pois, que não oponho nenhum obstáculo à plena satisfação do seu desejo.

3895

Contudo, parecer-me-ia oportuno que se esperasse a minha chegada a Roma antes de o mandar para a África, porque o P.^e Estanislau é absolutamente contrário à sua vinda e também os outros padres camilianos de Berber se mostram pouco favoráveis. Deste modo eu tentaria preparar e predispor favoravelmente tanto os que estão comigo como os de Berber, à minha passagem por lá e também eles penso que acabarão por se sujeitar à sapiente e venerada vontade de V. P. rev. ma, como o faço eu de muito boa vontade, porque tenho total confiança, por experiência, no seu juízo e atitude, e na rectidão e santidade do seu procedimento. O P.^e Zanoni também me escreveu a mim uma carta *muito comovedora*, cheia de arrependimento e com a melhor disposição. Deixo, pois, todo este assunto ao pleno arbítrio de V. P. e, pela minha parte, não porei o menor impedimento, mesmo que o senhor o mande imediatamente para a África.

3896

Envie para Berber, ao P.^e João Baptista Carcereri, a patente absoluta de pároco, com a faculdade de administrar também o sacramento da confirmação em perigo próximo ou provável de morte.

3897

Chamei para me acompanhar ao Cordofão e ao país dos Nuba o *perfeito africano* P.^e Franceschini (que após esta viagem me acompanhará também a Roma) e o bom P.^e Afonso Chiarelli, o qual é realmente um verdadeiro e digno religioso e missionário cheio de zelo, de quem espero muitíssimo. A estes já os mandei a Gebel Nuba com o veterano do vicariato, o sr. Augusto Wisnewsky. Dentro de poucas dias partirei também eu nessa direcção com o P.^e José e as irmãs.

3898

[...] Chegou um mensageiro do país dos Nuba, trazendo a notícia de que o P.^e Afonso está doente e teve uma forte febre. Porém, a carta do superior daquela missão diz-me que passou bastante bem e descansou e transpirou e que agora se encontra melhor. Dado que o P.^e Afonso está gordo, cheio e forte e que sempre as piores febres são as primeiras (superadas as quais, tudo o resto é nada, e pode dizer-se que, após estas, um europeu está aclimatado) e, por isso, amanhã mandarei de volta ao território Nuba o P.^e José com o bom Augusto e um excelente criado, munido de novos medicamentos, para assistir o nosso caro e incomparável P.^e Afonso e fazer com que se restabeleça rápido. Espero que, com a ajuda de Deus, tudo corra bem.

Encomendo-me encarecidamente às suas preces; e, com o desejo de que em breve nos voltemos a ver, declaro-me nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria

Seu devot.mo serv. e amigo

P.^e Daniel Comboni
Pró-vig. apostólico

N.º 621 (590) - A FAUSTINA STAMPAIS
ACR, A, 15/151 n.1

J. M. J.

El-Obeid, 4 de Setembro de 1875

Minha caríssima Faustina,

3899

Acedendo ao desejo expresso na última carta, consinto que vás com Filomena ao Cairo, para que, com essa companhia, que me parece boa, tenhas a provável garantia de que te corra bem. Gostaria que me esperasses, mas como insistes no desejo de partir, vai em nome de Deus. Porém, ordeno-te que te portes bem e que, como mulher ajuizada e prudente me escrevas de todas as estações onde parares, começando por Berber, e isto até ao fim da viagem. Todos os padres e irmãs, assim como as jovens, te retribuem as saudações. E tem lembranças minhas, bem como orações para

Teu af.mo P.^e Daniel Comboni
Pró-vig. apostólico

N.º 622 (592) - AO CARD. ALEXANDRE FRANCHI
AP SC Afr. C., v. ff, 451-452

J. M. J.

Delen (Gebel Nuba), 14 de Setembro de 1875

Em.º Príncipe,

3900

O acolhimento que me dispensou esta população Nuba foi extraordinário. O grande chefe mandou que o homem mais influente deste país me fosse buscar, e ele mesmo, em companhia de mais de cinquenta pessoas, acorreu a encontrar-se comigo na véspera numa extensa selva, onde passámos a tarde e a noite a céu aberto. Pela manhã acompanhou-nos a Delen e aí esteve em festa toda a população, com disparos de fuzis e claras amostras de sincera alegria. Se julgo pelo aspecto desta gente e pela primeira impressão que me causou, bem como pelo seu carácter e bom senso, devo conceber grandes esperanças de os ganhar para a fé com a graça do Sacratíssimo Coração de Jesus; porém, temos que vencer muitas superstições e induzi-los a vestir-se. Quanto ao mais, reservo a minha opinião até poder dar um juízo mais seguro, depois de os ter estudado no seu ambiente e depois de ter estudado outros montes. Noutra ordem de coisas, posso dizer que já está estabelecida a missão em Delen. Trouxe comigo duas irmãs, muito experimentadas e de segura moralidade, e encontrei arrançadas as casas para elas, que, tais como as nossas, foram preparadas pelo superior P.^e Luís Bonomi, a quem mandei aqui há mais de meio ano e que, além de ter outras boas qualidades para presidir a esta população negra, tem também a de ser ele mesmo algo moreno.

3901

Aqui o ar é mais saudável ainda que no Cordofão. Este povo é, sem dúvida, o mais inteligente de todas as etnias e tribos que visitei em dezoito longos anos na África Central. Porém, o missionário vai precisar de muita virtude e abnegação para aguentar neste lugar, onde todos são pobres e não existem as coisas que um europeu requer; a maior parte do necessário é preciso trazê-lo de Cartum ou do Cairo. Espero, não obstante, que esta missão seja dentro de pouco a mais florescente do vicariato. Agora estou ocupadíssimo em aprender a língua nuba e compor um catecismo, para o que me serve muito a experiência que adquiri doutras línguas no Nilo Branco. Desejaria uma bênção do Santo Padre para esta nova missão.

3902

Na minha última carta assinali a V. Em.^a a minha ideia de ceder às Irmãs de S. José, sob certas condições, o Instituto das Pias Madres da Nigrícia, que fundei em Verona à custa de grandes despesas e com a aprovação de mons. Canossa; mas nunca chegarei a uma decisão determinante sem submeter antes o projecto à alta sabedoria e juízo de Vossa Em.^a Rev.ma (examinado e concertado tudo previamente com o veneradíssimo bispo de Verona), tendo fortes razões e motivos tanto para o sim como para o não.

Beijo-lhe a sagrada púrpura e declaro-me nos Sagrados Corações de J. e de M. com todo o respeito e absoluta submissão e obediência

De V. Em.^a Rev.ma
Hum., indig.mo, devot.mo filho
P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário apostólico da África Central

Relatório Anual à S. Congr. da Propaganda Fide
sobre o Vicariato da África Central
1 8 7 5

Delen (Gebel Nuba), 8 de Outubro de 1875

Em.º e Rev.mo Príncipe,

3903

Ainda que desde a época em que tive a honra de apresentar a V. Em.^a a última relação oficial (1 de Julho de 1874) sobre o Vicariato da África Central até este dia não faltaram sérios e graves obstáculos suscitados pelo inimigo da eterna salvação das almas, que vê, nestas remotíssimas e tórridas regiões, ameaçado o seu reino pela força irresistível da cruz de Jesus Cristo, tenho a satisfação de poder mostrar a V. Em.^o mediante a presente sucinta relação anual como o Senhor se dignou abençoar esta sua obra e estender e dilatar a sua influência nesta incomensurável parte da sua vinha, abandonada desde há tantos séculos. Os dulcíssimos Corações de Jesus e Maria, o glorioso patriarca S. José, os anjos e santos protectores do vicariato sustentaram-nos poderosamente na nossa fraqueza e assim, o nosso grito de guerra continua a ser o mesmo que no momento em que empreendemos a árdua e laboriosíssima empresa apostólica:

«*Nigrícia ou morte*».

3904

Além de este ano ter consolidado grandemente as duas Missões fundamentais e centrais de Cartum e do Cordofão, abrimos e erguemos canonicamente a casa da missão de Berber e instituímos a nova missão de Gebel Nuba. Além disso, parece que não tardaremos a proceder à reabertura da casa de Schellal, na Núbia Inferior, pois parece que esse lugar está destinado a tornar-se importante para os cristãos europeus e orientais, aos quais atrai a construção da via férrea do Sudão, da qual está pronto o troço de Assuão a Schellal e começado o grande trecho entre Wady-Halfa e Mothhamma (frente a Shendy) que deve prolongar-se até Cartum. Finalmente empreendeu-se a construção de dois importantes estabelecimentos no Cairo para aclimatar neles os missionários e as irmãs da Europa, sobre o terreno graciosamente doado à nossa missão por Sua Alteza o quedeive do Egipto.

3905

Como se disse outras vezes, o Vicariato da África Central é maior que toda a Europa e, segundo a opinião do meu doutíssimo antecessor P.^e Inácio Knoblecher, tem uma população de 90 000 000 (noventa milhões) de habitantes; porém, na minha humilde opinião, ampliando os cálculos ao conjunto das últimas estatísticas de Washington para 1874, conta com mais de 100 000 000 (cem milhões) de infiéis. Abrange vários impérios, reinos e inumeráveis tribos dentro do espaço assinalado por mim no mapa que apresentei à S. C. em 1872, na qual estão traçados todos os limites das missões apostólicas de África, com base nos documentos correspondentes à sua erecção que me foram mostrados.

3906

Quanto às notícias gerais do vicariato e às especiais das duas principais missões, a de Cartum e de El-Obeid, capital do Cordofão, não me parece necessário repetir aqui o que expus no meu último relatório do ano passado, com as excepções do novo e magnífico estabelecimento levantado em Cartum para as irmãs; do pequeno hospital aberto na nossa ampla casa para os europeus doentes, que este ano acolheu não poucos, que devolveu sãos de corpo e alma; e da ampliação do estabelecimento das Irmãs no Cordofão, que permitiu fazer verdadeiro bem pelas almas. Penso, por isso, ser suficiente limitar-me a falar-lhe algo sobre as missões abertas este ano, ou seja, a de Berber e a de Gebel Nuba, para a seguir dizer umas palavras sobre o futuro geral do Vicariato.

Missão de Berber

3907

A cidade de Berber tem pouco mais de 30 000 habitantes, todos muçulmanos, à excepção de uns poucos de coptas e gregos cismáticos, pouquíssimos católicos e grande número de escravos. Sede do Governo da extensa província do mesmo nome, está situada a 17º 45' de lat. norte e dista aproximadamente doze dias de

navegação pelo Nilo desde Cartum e mais de cinquenta dias de viagem do Cairo pela rota ordinária do Nilo. É importantíssima e muito cómoda para o Vicariato, porque lá vão parar, para descansar da comprida e cansativa viagem, as nossas caravanas que vêm do Cairo, quer pela rota do Nilo e do deserto de Korosko, quer pela do mar vermelho e do deserto de Suakin, Além do mais, o seu clima é geralmente saudável.

3908

A missão de Berber foi aberta por mim em 1874 e é constituída por uma formosa e ampla casa, com capela, jardim, locais para aulas, enfermaria e residência situada junto às margens do Nilo, numa localização amena e deleitosa. Segundo o acordo estipulado entre o rev.mo P.^e geral dos Ministros dos Doentes e mim e aprovado pela S. C., foi confiada aos padres camilianos, que tomaram posse formal dela no dia 2 do passado mês de Março. Erigi canonicamente a casa da missão de Berber com decreto de 1 de Abril do corrente ano. A qualquer indicação do pró-vigário, os religiosos devem prestar-se, sob certas condições, a colaborar com os missionários do Instituto das Missões para a Nigrícia de Verona, em qualquer missão interior do Vicariato, sob a dependência do superior local da mesma. Além disso, os religiosos camilianos estão encarregados pelo pró-vigário apostólico de evangelizar e atender espiritualmente os cristãos da província de Berber, da de Taka, que se estende até aos confins da Abissínia, da de Suakin, no mar Vermelho e *ad tempus*, da do antigo reino de Dôngola.

3909

Os religiosos em Berber observam a clausura regular e levam uma vida em comum segundo as regras do seu Instituto. O pároco da nova missão camiliana é eleito pelo pró-vigário apostólico, depois de se ter posto de acordo para essa escolha com o rev.mo P.^e geral da ordem. O pároco actual é o rev.do P.^e João Baptista Carcereri, que tomou regularmente posse do cargo com os nossos decretos a 19 de Agosto de passado. É um religioso consciencioso, de íntegros costumes, versado nas ciências sagradas, e de 46 anos de idade. O superior ou prefeito da casa camiliana é o R. P.^e Estanislau Carcereri, que durante dois anos foi meu vigário-geral e que, agora, pelo seu novo cargo, reside em Berber. Actualmente os religiosos (menos dois que estão comigo em Gebel Nuba) ocupam-se do estudo da língua árabe, razão pela qual ainda não começaram a visitar as províncias a eles confiadas. Segundo o mencionado acordo, a S. C. munuiu-os da patente de missionários apostólicos e nenhum membro da sua ordem será admitido ao apostolado africano sem ter já feito os quatro votos da mesma.

3910

Cumprindo as obrigações que contraí pelo dito acordo, tenho completamente pago desde o último mês de Junho à casa camiliana de Berber a contribuição anual de 5000 francos, isto é, desde 1 de Março de 1875 até ao fim de Fevereiro de 1876, de que me foi passado o correspondente recibo.

Missão dos Nuba

3911

Logo que recebi em Outubro do ano passado as veneradas ordens dessa S. C. de instituir uma missão entre os povos Nuba, mandei partir uma caravana, que desde havia tempo tinha preparada, provida do necessário para preparar duas casas destinadas ao estabelecimento dos missionários e das irmãs no país de Delen, que é a primeira etapa e o primeiro monte dos Nuba. Depois, em Fevereiro, nomeei superior da missão o rev.mo P.^e Luís Bonomi, do meu instituto de Verona, que junto com outros companheiros chegou a Gebel Nuba em Março. Trabalhando com grande zelo e actividade e vencendo não poucos obstáculos, construiu ao pé do monte de Delen, junto à residência do chefe, um grupo de sólidas cabanas, segundo o uso da região, rodeado de uma *zariba* ou sebe de árvores e paus que encerra: 1.^o, no centro uma capela, com uma esplanada à frente; 2.^o, a um lado, locais para dormitórios, sala de estudo, refeitório e oficinas de artes e ofícios, destinados aos missionários, irmãos artesãos e criados; 3.^o, no lado oposto, locais para as irmãs e para as negras, com cozinha e lavandaria.

3912

Estas instalações são suficientes por uns anos, até que o país se estude bem, se aprenda a língua e se determine o lugar definitivo e central de dois amplos estabelecimentos mais sólidos, feitos de madeira dura ou de ladrilhos cozidos ou de pedra, a partir dos quais se domine toda a extensa planura rodeada de mais de vinte colinas, que forma um ameno e esplêndido semicírculo.

3913

Esta primeira parte da tribo dos Nuba, que tem uns 40 000 habitantes, abrange pouco mais de um grau de latitude e dois de longitude, encontra-se precisamente entre os graus 11 e 12 de lat. norte, e entre os graus de 26 e 28 de long. este do meridiano de Paris, e é habitada por infieis que detestam o Islamismo e parecem

saudar com alegria o estabelecimento da missão católica, sobretudo pelo favor que lhe dispensa o *cojur* Kakum, chefe de Delen, o qual exerce uma grande influência sobre este povo; esta primeira porção dos Nuba será absolutamente o ponto de apoio e de partida, o centro de comunicação e a primeira etapa da nossa acção apostólica entre os idólatras do centro do Vicariato.

3914

De Delen vai-se num único dia até ao ponto mais remoto do referido semicírculo; e os lugares mais habitados, como Nhuma, Golfan, Sobein e Carco, distam de três a oito horas de caminho. Assegurado bem este ponto de apoio, onde o clima parece bastante saudável, e cujo terreno cultivado a tempo e só com as chuvas ordinárias, pode dar a todo o pessoal o sustento necessário, a Missão, lançando firmes raízes em todos os lugares mais importantes destes montes, estará, sem dúvida, em condições de penetrar pouco a pouco nas outras partes da tribo dos Nuba e, a partir dela, nas outras tribos feiticistas do centro deste vicariato.

3915

Pelo que é minha opinião que este ponto de apoio, esta primeira parte do território Nuba, rodeada de montes e povoada por uns 40 000 infiéis que detestam o Islamismo – incapaz de lhes fazer abraçar o Alcorão, apesar das suas repetidas tentativas –, e que se nos mostram favoráveis, ainda que seja por interesse material e por esperarem protecção contra as incursões dos nómadas muçulmanos Bagara; esta parte dos Nuba, que habita em terreno muito fértil, melhorável mediante a mão experiente do agricultor, deve converter-se no primeiro campo das nossas fadigas apostólicas entre os idólatras e convém, portanto, que se estabeleça aqui a Missão de Gebel Nuba.

3916

Por esta ser uma obra de Deus, deverá encontrar as suas dificuldades e, certamente, no princípio teremos conflitos, especialmente por parte do fanatismo muçulmano, que não deixará de recorrer às suas insídias, armadilhas e às suas tretas diplomáticas, mesmo mediante as formas mais cortesias através de alguns do Corodão, os quais não vêm com bons olhos que a missão católica se estabeleça em Gebel Nuba antes do Governo egípcio, e também por meio dos Bagara. Mas a Igreja Católica está acostumada a estas provas e a graça de Deus far-nos-á suportar a pé firme todas as dificuldades. Trata-se só de adversidades momentâneas, das quais triunfaremos com o Senhor e com a prudência necessária. A Missão de Gebel Nuba florescerá enormemente sob a égide do Sagrado Coração de Jesus, uma vez percorrido esse carreiro de espinhos por onde devem passar as obras de Deus.

3917

Prescindindo da vantagem da sua proximidade da Missão de El-Obeid, da qual se encontra só a quatro ou cinco jornadas, o argumento mais relevante em favor do estabelecimento desta missão é a índole, o carácter, as qualidades dos indígenas, que são de muito melhores condições que os habitantes das antigas missões de St.^a Cruz e Gondokoro, no Nilo Branco, e que todos os das outras tribos que conheci na África Central.

3918

Em primeiro lugar, estas gentes não são nómadas, tendo, sim, residência fixa nestes montes; e, embora sejam pouco trabalhadores, contentando-se só em cultivar o pedaço de terreno que lhes dá a comida exacta para todo o ano e não se ocupem de mais nada, trabalham ao fim e ao cabo, enquanto as outras tribos que eu conheço não fazem nem isso. Em segundo lugar, trata-se de pessoas muito sensatas, que mostram critério e reflexão e muita sagacidade. Numa palavra, *têm cabeça*, vêm as coisas como são e não se deixam enganar tão facilmente pelos seus inimigos. Além disso, entre os habitantes de cada monte, existe uma solidariedade admirável: todos se dão as mãos para afastar os perigos comuns e também para se ajudarem reciprocamente nas doenças e na pobreza. Quase nunca se levantam contendas entre eles e pode-se dizer que reina uma vida patriarcal.

3919

Finalmente, aqui há melhores costumes; e, ainda que as solteiras e todas as mulheres, em geral, andem nuas, e seja raríssimo alguma que tenha um trapo para se cobrir, mesmo dos nossos missionários, que desde há meses se encontram aqui para com a máxima atenção estudarem o país, nunca se ouviu falar acerca do menor inconveniente surgido sobre a moralidade, o que é raro até na Europa. Também as nossas duas Irmãs de S. José se admiraram disso. É de assinalar, além disso, a submissão e obediência que professam ao *cojur* Kakum, chefe absoluto temporal e espiritual dos seus destinos. Os habitantes de Delen parecem uma só e pacífica família, coisa admirável que a todos surpreendeu. O mandato de Kakum não é hereditário e este chefe não tem organização policial, nem sequer guardas, nem tribunais penais; tão-pouco dispõe de força, nem de nenhum código ou lei, nem de castigos. Contudo, a todos governa pacificamente, mantém com todos a ordem e todos recorrem a ele e ficam tranquilos depois da sua sentença e juízo. E não empreende nada, ainda que seja de pouca importância, sem reunir o conselho do anciãos, os quais tratam e discutem com tanta maturidade de juízo cada um dos seus pequenos assuntos que se fica estupefacto.

3920

Talvez dentro de uns anos, se Deus quiser, não seja improvável que ao evangelizar se aplique aqui o acertado sistema das famosas *Reduções do Paraguai*, ideado pela insigne piedade e sabedoria dos reverendos padres jesuítas, os quais criaram entre aqueles americanos a mais florescente e mais bem dirigida missão do mundo, que com inaudita barbárie e perfídia foi destruída pela ímpia política do seguidor de Bismark, o ministro português Pombal, ou melhor, pela seita maçónica do século passado.

3921

Estas são as principais razões (depois da principal, ou seja, a venerada decisão da S. C., que me ordenou a fundação em Gebel Nuba), pelas quais me parece prudentemente oportuno instituir aqui a primeira missão entre os Nuba.

3922

E não me desanimam os seguintes obstáculos:

1.º A quase absoluta nudez destes habitantes, especialmente das mulheres de qualquer idade. De aproximadamente cem homens, apenas um ou dois terão um trapo. Porém, entre as mulheres, apenas há uma ou duas entre trezentas que tenha as partes pudendas cobertas. Daqui a imensa utilidade das irmãs. E daqui a necessidade também de introduzir o cultivo do algodão, que pode crescer vigorosamente nestas terras.

3923

2.º As curiosíssimas superstições de todo o género e a fé no *Ucuru*, o espírito que, em certos momentos determinados se apodera dos *cojur* (coisa vista com os meus olhos) e que, realmente, adivinha algumas coisas futuras, como a chuva, etc., embora muitas outras não as adivinhe, pelo que os mesmos *cojur* podem dizer em ocasiões, como o nosso nos disse aos missionários e a mim: «O espírito mentiu, desta vez enganou-nos.»

3.º A maneira de ser destas gentes é não nos fazerem nada sem recompensa. Além disso, não cumprem sempre as suas promessas, embora tenham a consciência de se envergonharem quando alguém lho atira à cara.

3924

4.º As frequentes ameaças dos árabes Bagara Homur e de outros nómadas muçulmanos e às vezes dos habitantes de alguns destes montes, que levam gente de ambos os sexos e de noite atacam as sementeiras. Mas a nossa missão inspira sem dúvida muito medo a estes inimigos, ao pensarem que conta com o apoio não só do Governo do Cordofão mas também com forças próprias e que dispomos de fuzis e munições. Portanto, penso que, também por este lado, a missão beneficiará os Nuba. De facto, desde que foi estabelecida a missão em Delen, os Bagara não tocaram nem num menino, nem numa sementeira, salvo um único caso em que num campo afastado feriram um agricultor que nós tratámos.

3925

Apesar de todos estes obstáculos, tenho firme confiança de que a missão lançará sólidas raízes, tanto mais que estamos certos de que os Nuba vão mandar à escola os seus filhos e filhas, como fizeram até agora o grande chefe e muitos outros.

3926

Mas para abrir escolas regulares é necessário que os missionários e as irmãs conheçam a língua nuba e este é o trabalho mais importante ao qual agora todos estamos dedicados. Já aprendemos um bom número de vocábulos, sobretudo com a colaboração do chefe, que sabe bastante do árabe dos *jilabas* e é muito inteligente.

3927

Assim, pois, o que a missão tem que fazer nestes momentos é: aprender bem a língua nuba para abrir regularmente as escolas e pregar o catecismo e o Evangelho; arranjar as coisas para que, pouco a pouco, os indígenas, especialmente as mulheres, possam vestir algo; conservar a população fiel e favorável com o bom exemplo dos missionários e das irmãs, e com a prática da caridade; preparar todos os elementos materiais e formais oportunos para o exercício do santo ministério apostólico entre estes infieis. Espero que o Senhor seja generoso para connosco nas suas divinas ajudas, que certamente nunca nos faltarão.

3928

Aqui devia dizer duas palavras sobre a história dos Nuba, que interessa verdadeiramente à religião. Mas deixo-o para outra oportunidade. Só assinalarei que este povo, que era muito numeroso, acabou por ser dizimado pelas incursões de agentes mandados pelos governadores egípcios do Cordofão, sobretudo desde a época da conquista do Sudão que levaram a cabo as tropas de Mehmet Ali em 1822, sob a direcção do cruel Defterdar e do paxá Ismail, filho do vice-rei, que morreu em Shendi. Estes massacraram grande parte deles e outros, também muito numerosos, foram levados como escravos para o Cordofão e para o Egipto. Foram dizimados também de 1834 a 1844 pelos governadores do Cordofão Rustan Bey, Muhammad Bey, Mustafá

Bey e o paxá Musa. E dizimados foram igualmente pelas incursões contínuas dos *jilabas* ou traficantes de escravos, que todos os anos, até 1870, levavam para a escravidão milhares e milhares para o Cordofão, Núbia e Egipto. Apercebi-me de que esta é a principal razão pela qual os Nuba detestam o Islamismo, de modo que, por muitos ulemas, muftis e faquis que lhes tenham sido enviados (como é contínua prática do Governo egípcio no Sudão) para abraçarem a religião do falso profeta, sempre a rejeitaram com desprezo, preferindo sofrer não poucos a própria morte.

3929

Os Nuba pretendem ser cristãos descendentes dos cristãos da Núbia (que se estende desde o Trópico até Cartum, e desde o Oeste do reino de Dôngola até ao mar Vermelho e aos confins da Abissínia). Daí a origem do nome *Nuba* que se dão a si mesmos e ao seu país. Porém, por terem estado privados de sacerdotes e do ministério sacerdotal durante tantos séculos e de se terem misturado ao longo de mais de quatro séculos com os indígenas feiticistas negros, cheios de superstições, perderam toda a ideia cristã e agora só conservam uma sombra longínqua do Cristianismo, crendo sempre num espírito que os governa e que se chama *Ucuru* e num Deus criador, omnisciente e Senhor de tudo, chamado por eles *Belewto*.

3930

Essa opinião de que descendem dos antigos cristãos da Núbia corrompidos pelos erros de Dióscoro Alexandrino, que até 1300 conservaram ainda alguns bispados, como o de Dôngola Velha, o de Meroe, o de Soba, etc., etc., não me parece infundada, pois tenho a respeito dela sólidas provas históricas e linguísticas desde 1873, quando concebi a ideia de mandar a Gebel Nuba os primeiros exploradores guiados pelo P.^e Carcereri, como demonstrarei e exporei em pormenor numa pequena obra que pensei escrever pouco a pouco sobre a história do Cristianismo na Núbia e países adjacentes e que enviarei a V. Eminência.

3931

Os católicos do Vicariato são actualmente cerca de quinhentos, a maior parte indígenas, com bastantes orientais de todos os ritos, e vários europeus. O maior número deles encontra-se em Cartum e no Cordofão. Os adultos baptizados deste ano chegam a 56. Devo fazer notar a V. Em.^a que o nosso principal empenho nestes primeiros tempos é preparar os materiais e os estabelecimentos necessários para consolidar bem a missão. Mediante expresso decreto, adoptei desde 1873 como texto em todo o Vicariato, até nova ordem, o catecismo árabe de mons. Valerga, patriarca falecido de Jerusalém, texto que me parece o melhor de quantos examinei.

3932

Os proventos do Vicariato desde o dia 1 de Junho de 1874 até hoje, procedentes das sociedades benfeitoras europeias, dos meus benfeitores privados e dos bens imóveis ascenderam à soma de 109 473 francos líquidos, com os quais se fizeram várias expedições custosíssimas e mantiveram-se todos os estabelecimentos do Vicariato e os pequenos institutos do Cairo. Apesar das graves perdas que sofreu a expedição dirigida pelo P.^e Carcereri, o Vicariato não tem nenhum débito, nem na Europa, nem no Egipto, nem no Sudão, à excepção de 986 francos devidos ao meu procurador do Cordofão.

PESSOAL DO CLERO

Sacerdotes missionários europeus

membros do Insto. das Missões para a Nigrícia de Verona

Missão principal de Cartum

3933

1.º P.^e Daniel Comboni, *Pró-vigário apostólico*, nascido em Limone (diocese de Bréscia) a 15 de Março de 1831 e vindo para a África Central em 1857.

2.º P.^e Pascoal Fiore, ex-cónego de Corato (diocese de Trani), superior e pároco de Cartum e, em minha ausência, meu *representante*. De 35 anos e na missão de 1870.

3.º P.^e Salvador Mauro, da diocese de Trani, de 40 anos e na missão desde 1872.

4.º P.^e Paulo Rossi, de Verona, de 26 anos, chanceler e meu secretário. Na missão desde 1874. Há, além disso, um excelente jovem maronita de 24 anos, que me serve de escrivão para as cartas em árabe.

3934

Missão do Cordofão

5.º P.º João Losi, da diocese de Placência, de 37 anos, superior e pároco de El-Obeid. Na missão desde 1872.

6.º P.º Estêvão Vanni, da diocese de Trani, de 39 anos. Na missão desde 1872.

Há aqui três extraordinários clérigos estudantes de teologia, a saber:

1. Aníbal Perbellini, do 3.º ano de teologia e na missão desde o ano de 1873.

2. Carmelo Loreto e

3. Vicente Marzano, ambos do 1.º ano

3935

Missão de Gebel Nuba

7.º P.º Luís Bonomi, da diocese de Verona, de 34 anos, superior.

8.º P.º Gennaro Martini, de Turim, de 32 anos, vigário paroquial. Ambos estão na missão desde 1874

Há, além disso, outros dois sacerdotes ambos camilianos.

Missão de Berber

Sacerdotes Regulares Ministros dos Doentes
chamados camilianos

9.º P.º Estanislau Carcereri, de Verona, superior, de 35 anos. Na missão desde 1867.

10.º P.º José Franceschini, de 29 anos, de Treviso. Na missão desde 1867, agora em Gebel Nuba.

11.º P.º João Baptista Carcereri, veronês, pároco, de 46 anos. Na missão desde 1874.

12.º P.º Afonso Chiarelli, de Ceneda, de 33 anos. Na missão de 1874.

13.º P.º Camilo Bresciani, de Verona, de 25 anos, na missão desde 1874. Também está o ir. José Bergamaschi, de 40 anos, que tomou o hábito no Cairo por obra do P.º Carcereri.

Estabelecimento do Cairo

Membros do Insto. das Missões para a Nigricia de Verona

14.º P.º Bartolomeu Rolleri, da diocese de Placência, superior dos institutos de negros do Egipto, de 35 anos. Na missão desde 1869.

15.º P.º Domingos Noia, da diocese de Trani, de 37 anos. Na missão de 1874.

Além disso, em cada estação, há vários irmãos coadjutores, leigos valiosos, versados em diversas artes e ofícios. Dentre eles destaca-se o valiosíssimo veterano da missão Augusto Wisnewsky, de 55 anos, da diocese prussiana de Ermland, vindo em 1856 para o vicariato, de onde não voltou a sair; domina muitas artes e línguas e serve como um missionário.

3936

Há também várias mestras negras educadas no Insto. P.º Mazza, de Verona, que são de grande ajuda na catequização e nos labores femininos.

3937

Finalmente, as Irmãs de S. José da Aparição prestam assistência ao Vicariato, favorecendo-o com a poderosa acção da mulher católica. Conseguiram obter uma madre provincial ou superiora principal do Sudão, residente em Cartum, que tem jurisdição sobre todas as irmãs do Vicariato; trata-se de Sórora Emilienne Naubonnet, que foi trinta anos superiora no Oriente. Com as Irmãs de S. José estipulei um acordo, aprovado pela S. C., que até agora pela minha parte foi cumprido e observado fielmente. Porém, são poucas as Irmãs, em comparação com as necessidades do vicariato, porque:

Há em Cartum	4 irmãs
“ no Cairo	2 “
“ no Cordofão	3 “
“ em Gebel Nuba provisoriamente	2 “

3938

As duas últimas trouxe-as para aqui para que preparem bem a casa para um instituto formal feminino, com a intenção de voltar a levá-las comigo ao regressar do Cordofão, porque não é prudente deixar as irmãs sós numa região tão remota. Depois, quando chegarem as novas irmãs prometidas, então instalar-se-ão formalmente também em Gebel Nuba.

3939

No Vicariato mantenho muito boas relações com todas as autoridades governativas turcas, que nos prestaram serviços e apoio em todas as circunstâncias. Bem entendido que os turcos e os egípcios e estes paxás não o fazem por simpatia, mas por política, pois se pudessem comiam vivos todos os cristãos. Mas se a eles os move a política, com política actuamos nós também, se bem que com esta diferença: a sua política é a de Bismark, a de Goreschakof, a de Palmeston e a de Napoleão III, e nós respondemos com a política verdadeiramente cristã do Papa, do Cardeal Antonelli e dos nuncios apostólicos.

3940

A Missão, por outro lado, goza de grande crédito tanto entre os infiéis como entre os católicos e cristãos em geral.

As novas conquistas egípcias do império de Darfur e do equador, nas nascentes do Nilo, podem contribuir para que nos estendamos até àquelas regiões quando contarmos com mais forças, já que estou em óptimas relações com os chefes supremos dessas árduas expedições e com as máximas autoridades aí constituídas, tanto muçulmanas como anglicanas.

3941

Isto é quanto lhe posso dizer sobre o estado geral deste imenso Vicariato. Se V. Em.^a lançar um olhar retrospectivo ao estado tão miserável em que se encontrava esta missão há três anos, quando a S. Sé teve por bem confiá-la ao meu Insto. de Verona e o comparar com a situação em que se encontra hoje, terá de se convencer que o Senhor derramou nela as suas bênçãos e que os dulcíssimos Corações de Jesus, de Maria, e S. José nos ajudaram na nossa fraqueza. Deus quer salvar a infeliz Nigricia.

3942

Agora temos maiores trabalhos, *pericula, hoerumnae* e inumeráveis cruces. Porém... *non pervenitur ad victoriam nisi per magnos labores*. Cristo ressuscitou depois de ter sofrido a morte da cruz: que Ele nos ajude a morrer por seu amor e pela salvação da desventurada Nigricia, pela qual também morreu na cruz.

3943

Rogando-lhe humildemente que nos obtenha a benção do Santo Padre, que, com a eloquência do seu exemplo nos ensina a padecer pela Igreja e pelas almas, beijo-lhe a sagrada púrpura e declaro-me nos Sagrados Corações de J. e M.

De V. Em.^a
Hum., obed.mo e indig.mo filho
P.^e Daniel Comboni
Pró-vig. apost. da África Central

N.º 624 (594) - AO CARD. ALEXANDRE FRANCHI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 377-379

J. M. J

Delen (Gebel Nuba), 10 de Outubro de 1875

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

3944

Tenho a honra de lhe enviar o relatório junto sobre o Vicariato da África Central. Calculando a boa quantidade de provisões que mandei neste primeiro ano para Gebel Nuba e não tendo visto o que produzem os indígenas deste país, pareceu-me que para sustentar a Missão dos Nuba era necessário trazer de El-Obeid ou de Cartum quase tudo o que consumissem os missionários. Isto é um erro que manifestei daqui a V. Em.^a na minha última carta, a n.º 9; erro de que me retracto com agrado por amor da verdade. Agora que vi tudo com os meus próprios olhos observando em pormenor, estou persuadido de que nesta terra nuba podemos conseguir com o nosso trabalho e habilidade quase tudo o necessário, excepto a roupa e uma ou outra coisa europeia para manter por completo a missão. Aqui há muito do necessário para a vida, pelo que esta missão pode custar proporcionalmente menos que as outras. Bendito seja o Senhor.

3945

Agora peço-lhe uma graça e suplico a V. Em.^a que ma conceda se tal for a vontade de Deus. Eu rogaria à sua bondade que se dignasse conceder-me licença para ir ao Cairo e à Europa pelos seguintes prementes motivos que dizem respeito ao bem do Vicariato da África Central:

1.º Como escrevi a V. Em.^a noutra ocasião, S. S. o quevede do Egipto concedeu-nos (como aos outros) o terreno para construir dois estabelecimentos no Cairo, para neles se aclimatarem os missionários e as Irmãs do Vicariato; porém, doou-no-lo com a condição (como aos franciscanos) de que em dezoito meses desde a concessão se gastem na construção 50 000 francos. Porém, até este momento só gastámos 16 000 francos e o prazo de 18 meses cumpre-se no próximo Março de 1876. Pois bem, trata-se de obter do vice-rei ou da administração uma prorrogação; conseguir isso seria fácil para mim que estou tão relacionado com personalidades do Egipto e, em contrapartida, seria muito dificultoso para o meu representante P.^e Bartolomeu Rolle-ri, superior dos meus Institutos do Cairo, que não tem os recursos nem os meios que eu possuo.

3946

2.º Em Verona, como lhe escrevi, tenho um Instituto de Irmãs que mons. Canossa e eu fundámos para a Nigrícia e há nele desde há tempos muitas que já estão maduras para a África Central. Porém, não me posso decidir a ceder o insto. veronês às Irmãs de S. José ou a trazer para aqui, independente destas, as minhas irmãs de Verona, sem antes tratar a fundo a questão com o bispo de Verona e submeter por último a decisão a V. Em.^a Por outro lado, mons. Canossa não pode resolver este assunto sem mim, como tão-pouco eu sem ele. Como se trata de algo de grande transcendência para o Vicariato, vou estar não pouco inquieto até o resolver.

3947

3.º Preciso de ir a Viena para fortalecer o Comité da Sociedade de Maria, que se ressentiu da morte do barão de Spens, que era a alma dessa obra. O comité de Viena é da máxima importância para o Vicariato, não tanto pelo dinheiro que dá como porque a sua existência mantém vivo e activo o protectorado sobre o império da África Central, inclusive perante o maçónico Ministério dos Negócios Estrangeiros.

3948

4.º Tenho um grande número de assuntos a expor, de conselhos a tomar e de coisas a tratar com V. Em.^a e com a S. C.; preciso de conversar com V. Em.^a acerca de muitos pontos para poder dirigir bem a minha grande obra, o que dificilmente se pode fazer por escrito. Aqui não tenho os meios para me aconselhar de que se dispõe noutras partes do mundo: o lugar mais perto para tomar um conselho seria o Egipto e está a quatro meses de viagem. Aqui só tenho os meus companheiros. Nós somos os teólogos e tudo.

3949

Portanto, sentir-me-ia contente se me concedesse a graça solicitada, que diz respeito ao puro bem do Vicariato. Além disso, servir-me-ia, ao mesmo tempo, para tomar um pouco de descanso para revigorar a minha saúde, porque três anos de África Central fatigam mais que doze de Índias.

3950

Entretanto, reservando-me eu sempre os assuntos mais graves, deixaria em Cartum como representante meu no Vicariato o estupendo cónego P.^e Pascoal Fiore, homem prudente, sagaz e capaz de me representar segundo o meu desejo.

Submeto-lhe humildemente esta súplica, disposto, não obstante, a fazer sempre a venerada intenção de V. Em.^a, que é o intérprete da vontade divina. Entretanto, beijo-lhe a sagrada púrpura e declaro-me com suma veneração

De V. Em.^a Rev.ma
Hum., devot.mo e indig.mo filho
P.^e Daniel Comboni, pró-vig. ap.

N.º 625 (595) - RELATÓRIO AO COMITÉ DA MARIENVEREIN
ACR, A, c. 12/13

Delen, 15 de Outubro de 1875

3951

Quando a Santa Sé se dignou confiar-me a mim e ao meu Instituto por mim fundado em Verona a direcção do Vicariato Apostólico, a missão católica existia apenas em Cartum, onde dois padres da ordem franciscana e dois leigos se ocupavam dos católicos. Desde o ano de 1872, ou seja, em só três anos desde a consagração de todo o Vicariato ao S. Coração de Jesus, não só se consolidou a Missão em Cartum e se ampliou com um magnífico estabelecimento de irmãs para a instrução feminina e para a atenção aos enfermos, mas Deus quis também estendê-la até Berber, ao Cordofão e às remotas tribos dos negros Nuba. E, embora tenham surgido vários obstáculos enormes, Deus abençoou as fadigas dos missionários apostólicos, cujo grito de guerra é «Nigrícia ou morte»: ou converter a Nigrícia ou morrer.

1. CARTUM

3952

O meu primeiro pensamento depois de ser nomeado pró-vigário apostólico por graça de Pio IX foi consolidar as estações principais do Vicariato: Cartum e El-Obeid, no Cordofão.

Cartum é a sede das supremas autoridades egípcias e do cônsul austro-húngaro, o centro natural de todo o tráfego do Sudão, a base de operações e o centro de onde, através do Nilo Branco, se pode levar o Evangelho até ao equador e mais além, como as regiões orientais.

3953

Não vou falar da estação missionária de Cartum, nem do estado florescente em que se encontra em todos os aspectos, porque o ano passado apresentei um relatório sobre isso ao comité. Quero só assinalar que a construção do vasto estabelecimento feminino chegou a tal ponto que será terminada com um ulterior desembolso de quatro mil a cinco mil francos, o que está em digna correspondência com a construção do meu predecessor de feliz memória, o dr. Inácio Knoblecher. O quintal ou jardim contíguo não só fornece fruta e hortaliça necessárias aos membros da missão mas até produz um rendimento anual de mil francos com a venda de tâmaras, romãs, limões, bananas, etc. A missão deve a casa e o quintal às generosas ajudas da Sociedade de Maria, de Viena, e à munificência dos fervorosos católicos do Império Austro-Húngaro.

2. O CORDOFÃO

3954

Também quero dizer só duas palavras sobre a estação missionária de El-Obeid (capital do Cordofão), dado que já se deram notícias mais extensas na última relação anual.

Até agora, a do Cordofão é a estação mais fecunda do Vicariato, porque, embora tenhamos que nos ter dedicado primeiramente às construções e a outros trabalhos preparatórios, não ficou atrás a promoção espiritual: este ano foram admitidos no seio da Igreja Católica 50 adultos e num só dia (a 21 de Julho de 1875) baptizei e confirmei 17 adultos.

3955

Também em El-Obeid existem dois institutos, os quais, separados apenas pela rua principal (Derb el Sultanie), acolhem um os missionários e o outro as Irmãs de S. José. Estes institutos, como também a igreja, estão construídos segundo os costumes do país, com terra batida. Se mais à frente encontrar os meios necessários, refarei a igreja e os dormitórios com ladrilhos cozidos.

3956

El-Obeid, com mais de 100 000 habitantes, é uma cidade muito adequada para uma estação missionária, em parte devido ao clima saudável e em parte porque constitui uma etapa favorável para levar também a fé ao vizinho Darfur. Este reino, que as tropas egípcias conquistaram muito recentemente, foi dividido pelo governador-geral do Sudão, o paxá Ismail Ayub, em quatro províncias ou mudiriés. O clima aqui é suave e muito melhor que em Cartum.

3. BERBER

3957

A cidade de Berber tem cerca de 30 000 habitantes, na sua maioria muçulmanos; há entre eles também um pequeno número de coptas e gregos cismáticos, apenas alguns católicos e grande número de escravos negros. É capital da extensa província do mesmo nome, situada a umas dez jornadas a norte de Cartum e, por isso, constitui um desejado lugar de descanso para os membros da Missão quando chegam a Berber, após uma fadigosa viagem de cinquenta dias começada no Cairo Velho.

Já tinha sido intenção do benemérito pró-vigário dr. Knoblecher erigir em Berber uma estação missionária e é para mim uma satisfação ter levado a cabo esse santo e acertado projecto. A forma como se realizou encontra-se na relação anual de 1874, página 5.

4. GEBEL NUBA

3958

Já há muito tempo, principalmente em Cartum, recebi a informação de que no Sudoeste do Cordofão existia uma tribo negra que, quanto à inteligência e sagacidade, superava as do Nilo Branco. Eu já me tinha interessado por este povo, que se chama «Nuba», no tempo da minha formação no instituto do famoso P.^e Nicolau Mazza, em Verona, nos anos de 1849 e 1850, quando tive a ocasião de conhecer bem o excelente negro nuba Bajit Caenda.

3959

Pertencente à família do célebre e doutíssimo orientalista conde Miniscalchi, de Verona, esse negro era o modelo perfeito do verdadeiro católico. Falava-me amiúde da sua pátria, Gebel Nuba, e contava-me que lá havia montes e pastos, bom clima e muitos habitantes. Durante mais de 20 anos pensei na terra nuba, dizendo centenas de vezes ao bom Bajit Caenda: «Espero que Deus me conceda a graça de levar a fé católica à tua terra e de ganhar para Jesus Cristo nosso Salvador as tribos dos Nuba.»

3960

Quando no ano de 1873 fui para o Cordofão para erigir canonicamente aquela estação missionária, um dos primeiros pensamentos foi o de recolher informação sobre as vizinhas tribos dos Nuba, e Deus indicou-me a maneira de chegar até eles de modo – poderia dizer – quase milagroso. No dia 16 de Julho de 1873, dia dedicado à Sr.^a do Carmo, ao sair da nossa igreja de El-Obeid, às oito da manhã, depois da adoração ao Ss.mo (em 1868 introduzi a adoração ao Ss.mo Sacramento «pela conversão dos negros» nos meus institutos do Cairo e mais tarde em todas as estações missionárias), apresentou-se um pequeno grupo de homens nuba guiados por Said-Aga, um dos mais distintos chefes daquelas tribos, que vinham visitar-me. Com eles encontravam-se dois senhores coptas, pelos quais se tinham inteirado de que eu desejava informações muito pormenorizadas sobre os Nuba.

3961

Como tinha aprendido de Bajit Caenda diversas expressões na língua nuba e fui capaz de as usar, convenci-me de que eles eram verdadeiramente dessa tribo. Mostrei-lhes logo a nossa igreja, mais a oficina com todo o género de ferramentas artesanais. E após manifestar a Said-Aga a minha firme decisão de fundar entre os Nuba uma estação missionária, pedi-lhe que falasse desse meu projecto com os chefes mais destacados do país e que convencesse um deles a vir a El-Obeid para se fazerem acordos concretos. Said-Aga cumpriu este encargo e a 24 de Setembro apresentou-se o grande chefe de Delen, ou *cojur*, chamado Kakum, que vinha também para entregar ao paxá do Cordofão o tributo anual. Também esta vez a visita coincidiu com uma festa da Virgem e, de novo, com o momento em que saíamos da igreja, depois da adoração. O *cojur* Kakum vinha acompanhado de vinte pessoas da sua tribo. Tendo conversado comigo brevemente e visitado todo o estabelecimento com a máxima satisfação, convidou-me a ir ao seu território para aí construir uma igreja e erigir uma missão católica, prometendo para isso o seu total apoio. Então decidi eu mesmo ir ao país Nuba, passadas as semanas das chuvas; ao mesmo tempo comuniquéi esta decisão aos meus missionários de Cartum.

3962

O P.^e Carcereri, que vivia em Cartum, por ser meu vigário-geral, rogou-me insistentemente que o encarregasse dessa missão entre os Nuba antes da sua partida para a Europa, para contar dela, como testemunha ocular, à S. C. da Propaganda de Roma. Acedendo ao seu desejo, ordenei-lhe que fosse logo para El-Obeid, acompanhado do valioso e experiente veterano da missão católica o senhor Augusto Wischnewsky, leigo da diocese de Ermland, o qual pertence à nossa missão desde o ano de 1856.

3963

Depois da sua chegada a El-Obeid, decidi enviar a Gebel Nuba o senhor Wischnewsky e o P.^e Franceschini, sob a direcção do referido P.^e Estanislau Carcereri.

Partiram a 16 de Outubro e alcançaram em breve o primeiro monte dos Nuba, ou seja, Gebel Nuba, ou Uarco, onde falaram com o *cojur* Kakum e ao cabo de três dias regressaram a El-Obeid. O P.^e Carcereri deu uma informação da exploração, que enviei logo à Propaganda, após o que o dito padre foi pessoalmente a Roma e, de viva voz, deu alguns dados mais. O que a Propaganda decidiu a seguir, indicámo-lo no relatório anual do ano passado (página 1). Igualmente já ficou mencionado (página 3) que no dia 31 de Março de 1875

os missionários P.^e Luís Bonomi, P.^e Gennaro Martini e Domingos Polinari chegaram felizmente a Gebel Nuba, onde foram acolhidos com júbilo pelo chefe Kakum e que também ele me convidou a mim para uma próxima visita.

3964

O superior desta estação missionária, P.^e Luís Bonomi, membro do instituto missionário de Verona, estabeleceu-se com os seus companheiros junto da residência do grande chefe. Construiu depois, não sem vencer muitas dificuldades, um grupo de cabanas segundo o estilo do país, que, rodeadas no seu conjunto por uma *zeriba* (sebe), podem acolher primeiro a capela e a estação dos missionários, assim como a escola e, mais tarde, podem receber também as irmãs e a escola feminina. O primeiro que se fez foi estudar o país e a gente e aprender a sua língua.

3965

Esta missão tem à volta outros vinte montes, que rodeiam em semicírculo uma extensa planície. O território Nuba encontra-se entre os 11 e os 12 graus de lat. norte e entre os 26 e 28 graus de longitude este (meridiano de Paris). Os habitantes, cujo número está calculado em 40 000, são infiéis que detestam o Islamismo, enquanto pelo contrário se mostram favoráveis à missão católica, especialmente por ser tão favorecida pelo *cojur* Kakum.

3966

O nosso estabelecimento de Delen desagradará a mais do que um governador do Cordofão, pelo que é de esperar-se mais que uma tempestade; mas estas são dificuldades que passam e confiamos que a Missão, sob a Protecção do Divino Coração de Jesus, florescerá e prosperará. Prescindindo da vantagem de esta Missão distar de El-Obeid apenas cinco dias de viagem (a camelo), estão a favor dela a índole e carácter dos Nuba, os quais, neste aspecto, superam de longe os habitantes das antigas estações de Santa Cruz e de Gondokoro e os de outras tribos do Nilo Branco.

3967

Em primeiro lugar, os Nuba têm para os missionários a vantagem de não serem nómadas, vivendo, portanto, num sítio fixo. Além disso, ainda que não sejam tão trabalhadores como a gente da Europa, são-no muito mais que as tribos do Nilo Branco e cultivam as suas terras de modo que lhes produzem o necessário para todo o ano. Por outro lado, os Nuba «têm cabeça», isto é, demonstram inteligência e juízo e, amiúde, falando com eles, tem-se a impressão de tratar com europeus cultos; a isto acresce um fino sentido do dever e estima do sacerdócio. Outro mérito é que são muito unidos, ajudam-se mutuamente e, nos perigos comuns, arriscam a própria vida. Quase nunca há entre eles discussões ou zaragatas e pode-se dizer que a sua é uma vida patriarcal.

3968

Finalmente, aqui reina uma moralidade superior à de outras tribos. E, embora as jovens andem quase completamente nuas, sendo raríssimas as que têm um trapo para se cobrir, os nossos missionários, que desde há vários meses estão aqui estudando com cem olhos o país, não notaram entre elas nenhuma imoralidade. Acrescento também a isso a submissão e obediência que professam ao seu grande chefe Kakum, que é seu soberano espiritual e civil. Dão, em resumo, a impressão de formarem uma só e pacífica família, coisa que a todos, nós, missionários e irmãs, nos impressionou igualmente.

3969

Este chefe não tem organização policial, nem sequer algum polícia; tão-pouco tribunais penais. E sem lei, sem código, sem força física, ele a todos governa pacificamente e todos recorrem a ele nas suas pequenas querelas, submetendo-se ao seu juízo, após o qual os culpados sofrem com paciência a pena que ele dita. Contudo, o chefe jamais empreende coisa de alguma importância sem reunir conselho de anciãos do povo. Estes apresentam-se, tomam lugar debaixo de uma árvore (*adansonia*), discutem e tratam com tanta maturidade cada um dos seus pequenos assuntos, que é causa de assombro. Eu fui repetidas vezes testemunha ocular de tais reuniões.

São estas as razões principais que nos fazem esperar que esta primeira missão entre os Nuba se desenvolva felizmente. Talvez mais tarde, quando estiver bem arreigada, poder-se-á avançar com o modelo das *Reduções do Paraguai*.

Há também toda a classe de obstáculos. Os mais importantes são os seguintes:

3970

1) A quase completa nudez da população e especialmente da feminina. Há entre os Nuba o estranho preconceito de que as mulheres vestidas não podem ser mães. Entre cem homens não se encontra quase nenhum que se cubra com um trapo ou com um pedaço de pele as partes do corpo que devem andar cobertas. Mas entre a população feminina isso é ainda pior: haverá bem umas duzentas completamente nuas por uma que traz um pedaço de pano no corpo. Por isso se pode ver quão úteis somos e também quão necessárias são as

Irmãs para educar as mulheres daqui. Mediante o cultivo do algodão, que certamente cresce nesta zona, pode-se-lhe arranjar vestidos adequados.

2) As superstições crassas, às vezes curiosíssimas. Entre outras coisas, crêem num espírito a que chamam *Ocuru*, correspondente talvez ao Orco italiano [*demónio da morte e dos infernos, identificado com Plutão*], a qual se apodera amiúde do grande chefe, como também dos outros chefes e que, como eles dizem, é muito o que adivinha, mas muitas outras vezes «mente».

3971

3) A maneira de ser dos Nuba, que não fazem nada por nós sem recompensa, nem sequer depois das maiores promessas de nos ajudarem. Tomam-nos por grandes senhores ou lordes ingleses.

4) As frequentes ameaças dos seus vizinhos árabes, os nómadas Bagara, ou até os habitantes de algum dos montes próximos, que amiúde vêm para roubar e matar. Porém, é um facto que estes inimigos temem muito a Missão, porque crêem que os missionários têm à sua disposição não só o Governo egípcio do Cordofão mas também forças próprias. Verdadeiramente nunca deixamos desarmada a nossa casa, para nos protegermos dos ladrões, dos leões e das hienas. Portanto, também neste aspecto a Missão favorece os Nuba, já que, desde a nossa chegada até hoje, nem nós nem os habitantes de Delen sofremos dano algum por parte dos antes tão molestos Bagara.

3972

Apesar destes obstáculos tenho a firme confiança de que, sob a protecção do Divino Coração de Jesus, a Missão lançará raízes e mais, dado estarmos certos de que os Nuba, em geral, confiam em nós e irão mandar os seus filhos às nossas escolas, como fizeram até agora o grande chefe Kakum e outros. Mas para ministrar um ensinamento adequado é necessário que antes os missionários e as Irmãs aprendamos bem a língua nuba. Esta, pelo que até agora pude julgar, é muito mais rica que as línguas dinca e bari. Já aprendemos um bom número de vocábulos, sobretudo com a ajuda de Kakum, que sabe bastante árabe sudanês e, portanto, nos pode explicar as coisas do melhor modo possível.

3973

Caberia aqui fazer uma referência à provável história da tribo Nuba, mas, como quero fazê-lo posteriormente mais por extenso, por agora limitar-me-ei a dizer duas palavras sobre o que tenho plena certeza. Os Nuba foram antes um povo muito numeroso, mas foi dizimado pelas contínuas invasões dos muçulmanos mandados pelos governadores do Cordofão, bem como às incursões dos árabes nómadas e dos pérfidos *jilabas* e dos traficantes turcos. Todos estes assassinos e ladrões se apresentavam todos os anos bem armados, matavam os homens e levavam os rapazes e raparigas, conduzindo-os aos mercados de escravos de El-Obeid, Cartum e Egipto.

3974

Com os rapazes formaram mais tarde regimentos inteiros de soldados. Isto, que se vinha a fazer desde há muito tempo, adquiriu maior intensidade a partir de 1822, depois da conquista do Sudão pelas tropas egípcias de Mehmet Ali e faz-se até hoje. Causadores dos maiores estragos foram os governadores Rustan Bey, Mustafá Bey e Muhammad Bey desde 1836 a 1844. O primeiro atrás referido apresentou-se com fuzis e canhões e, após destruir e saquear tudo o que encontrava à sua passagem, matou os chefes, entre eles o pai do *cojur* Kakum e levou milhares de escravos para o Cordofão. Com os jovens mais fortes formou cinco regimentos Nuba, que mais tarde se mostraram extraordinariamente valorosos. Nessa altura o tráfico de escravos ainda não tinha sido abolido pelas potências europeias. Hoje está abolido, mas só no papel, como letra morta, porque o comércio de escravos continua bem florescente, apesar de todas as leis e decretos do quédive do Egipto, que o proíbe. Estas disposições estavam já vigentes no ano de 1856 sob o vice-rei de então, Said; mas tinham validade unicamente de dia: de noite podiam vender-se os escravos livremente... e por cada um deles ia uma taxa para o erário do vice-rei.

3975

Convenci-me de que toda esta violência dos muçulmanos contra os Nuba é a razão principal pela qual estes detestam o Islamismo. Assim, embora os muçulmanos tenham mandado muitos muftis, faquis e ulemas (a modo de missionários, como tem por costume o Governo egípcio nas suas conquistas no Sudão) a pregar-lhes o Islamismo, sempre o rejeitaram com desprezo e às vezes preferiram a morte.

3976

Os Nuba afirmam descenderem dos cristãos da Núbia Superior (entre Wady-Halfa e o Cordofão, os desertos ocidentais de Dôngola, Abissínia e o mar Vermelho) a quem os muçulmanos, há séculos, vindos através do Egipto e da Arábia, teriam empurrado para sul; razão pela qual conservaram o nome de «Nuba» e pretendem ser cristãos. Isto não é de todo improvável e há bastantes indícios históricos e linguísticos, sobre os quais mais tarde, quando os missionários e eu tivermos feito investigações mais precisas, não deixarei de dar informações mais pormenorizadas.

3977

Quanto ao mais, pelo facto de que estas tribos foram expulsas da sua primeira pátria, misturaram-se com outros negros idólatras e viram-se privados durante séculos do sacerdote cristão; isso faz compreender que tenham perdido toda a ideia do Cristianismo, à excepção da cerimónia que praticam no nascimento de um filho: a da imersão deste na água. Além disso, crêem num único Deus e num mundo de espíritos (os demónios). A Deus chamam-no Beletwo.

3978

Bastem por agora estas poucas notícias sobre a nova estação missionária dos Nuba. Espero que Deus bendiga as nossas fadigas e que o ilustre Comité da Marienverein continue a prestar-nos a sua preciosa ajuda, por uma parte mediante contributos produtivos e, por outra, garantindo-nos com a sua influência moral a necessária protecção do Governo real e imperial. Agora flutua a bandeira de Sua Majestade Apostólica I. R., do clementíssimo imperador Francisco José I, triunfante nas estações missionárias de Berber, Cartum, Cordofão e Gebel Nuba; é honrada e temida pelos turcos e pelos negros da África Central; constitui um símbolo da paz, da fé católica e da poderosa protecção de que gozam os missionários em todo o vastíssimo Vicariato.

5. SCHELLAL

3979

Dentro de pouco terei que restaurar também a Missão de Schellal para poder assistir os cristãos que actualmente trabalham aí na construção do caminho de ferro, que deverá chegar até Cartum. Já está construído entre Assuão e Schellal e começou-se com a linha de Wady-Halfa a Dôngola, etc.

A nossa casa em Schellal (construída durante o mandato do pró-vigário mons. Kirchner) está nas melhores condições. Poder-se-á fazer à volta dela um quintal, porque a missão tem aí um terreno de 14 *feddan* (uns 50 000 metros quadrados) que, bem cultivado, produzirá sem dúvida o suficiente para alimentar o futuro pessoal da missão. Além disso, havendo um maior tráfego de pessoas, graças à linha do comboio, aumentarão também aí os cristãos e os membros da missão poderão desenvolver um bom trabalho.

6. OS INSTITUTOS DE NEGROS PARA A ÁFRICA CENTRAL DO CAIRO

3980

Destes Institutos deu-se notícias nas anteriores informações anuais, pelo que esta vez só quero aduzir uma razão da sua importância. Destes estabelecimentos do Cairo, fundados por mim em 1867, enviei em 1871 como exploradores ao Cordofão dois missionários que neles se tinham aclimatado a partir de 1867, os padres Carcereri e Franceschini, para que procurassem um lugar favorável onde fundar a missão. No ano de 1872 a Santa Sé confiou-me o Vicariato Apostólico da África Central. Desde então até hoje chegaram ao mesmo como missionários catorze sacerdotes europeus e nestes quatro anos não morreu nem um deles; pelo contrário, todos estão fortes e sãos e trabalham cheios de zelo na difícil vinha do centro da África. A razão disso deve-se certamente ao facto de não terem ido directamente da Europa para a África interior, mas terem-se aclimatado primeiro e durante muito tempo no Cairo.

3981

Além disso, neste intervalo, os missionários podem estudar a língua árabe, assim como os usos e os costumes tanto dos árabes como dos outros povos, e depois, já preparados do melhor modo possível, empreender a actividade missionária; enquanto antes, com o excelente senhor pró-vigário dr. Knoblecher (1848-1858) e os seus sucessores mons. Kirchner e Reinhaller, a maior parte dos membros da missão morriam pouco tempo depois da sua chegada a Cartum, a Santa Cruz ou a Gondokoro.

3982

Desde o ano de 1867 todo o pessoal da Missão do Cairo teve que viver em casas tomadas de arrendamento, pelas quais eu tinha de pagar anualmente cem napoleões de ouro. Para evitar este gravoso gasto, fiz diligências no sentido de obter em doação do vice-rei do Egipto um terreno para construir casas, uma para os missionários e outra para as Irmãs. Para este fim dirigi-me repetidamente com pedidos ao I. R. cônsul-geral, o cavalheiro von Schreiner, para conseguir do que vive esse terreno, mas sempre sem êxito. Porém, quando o cavalheiro Ceschini se tornou cônsul-geral e agente diplomático no Egipto, Deus abençoou as nossas fadigas e o vice-rei doou à missão um magnífico terreno para nele construir, situado no bairro central do Cairo Velho (bairro de Ismailia), o qual mede 3891 metros quadrados, extensão suficiente para construir os dois institutos.

3983

Segundo a taxaço dos engenheiros egípcios do vice-rei, este terreno tem um valor de 43 000 francos. Muito obrigado, pois, ao magnânimo vice-rei e sobretudo ao generoso senhor cônsul-geral, o cavalheiro Ceschini, que fez tanto esforço para nos conseguir esta preciosa oferta! Já se começaram a levantar as duas casas. Os gastos da construção realizada até agora ascendem a 22 000 francos e estão pagos; mas tenho verdadeira necessidade de grandes ajudas por parte dos amigos da missão, que permitam promover e completar esta obra tão importante para o Vicariato.

3984

Nas várias estações missionárias do mesmo vivem actualmente 14 sacerdotes, 9 religiosas (Irmãs de S. José) e 7 leigos europeus como coadjutores, entre eles o mui benemérito veterano da missão senhor Augusto Wischnewsky, que veio para Cartum já no ano de 1856 com os missionários L. Gerbl, I. Lanz, e A. Kaufmann. Para além do pessoal citado, tenho que manter também um número maior de mestras negras com os fundos da missão, as quais foram educadas em Verona e quase cem alunos de ambos os sexos.

3985

Mas até agora Deus concedeu-nos manifestamente a sua bênção e não tenho dúvidas: esta vez, só uma caixa vazia. Contudo, o bom Deus para quem trabalhamos, prestar-nos-á a sua ajuda também no futuro, e nos conservará os velhos benfeitores, suscitando ao mesmo tempo outros novos. O meu programa é: «Nigrícia ou morte». Ao menos eu resistirei até ao último alento.

3986

Este ano, dois comerciantes hereges abjuraram da sua antiga confissão de fé. Além disso tivemos 69 baptizados de adultos. No dia 21 de Julho de 1875, em El-Obeid, administrei numa só vez o santo baptismo e o sacramento da confirmação a 16 adultos.

O INSTITUTO DAS MISSÕES DA ÁFRICA CENTRAL DE VERONA

3987

Este último existe desde 1867 sob a protecção de Sua Excelência Rev.ma o bispo mons. Luís, marquês de Canossa, e por benevolência de Sua Majestade o imperador Fernando e da imperatriz Ana Pia e foi formado com o objectivo de formar missionários para a África Central.

3988

A este instituto confiou a Santa Sé o nosso Vicariato Apostólico. Ao instituto para os futuros apóstolos da África Central acrescentei um segundo: o das Pias Madres da Nigrícia, com o fim de obter mestras para o sector feminino nas missões. Até agora saiu dos referidos institutos muito pessoal para a África Central. Actualmente há neles, segundo dados do rev.do superior, P.^e António Squaranti, seis candidatos e quinze irmãs, as quais já estão preparadas para se transferirem para a África como úteis mestras.

3989

Isto é um ligeiro esboço da actual actividade missionária em e para a África Central. A Marienverein favoreceu-a imensamente na Áustria-Hungria e suplico ao ilustre Comité e a todos os membros desta associação que nos continuem a assistir também no futuro. Por nossa parte, rogaremos todos os dias por Sua Majestade apostólica real e imperial e por toda a sua augusta casa; fá-lo-emos também pelo rev.mo presidente do ilustre comité e por todos os seus membros, assim como todos os benfeitores vivos da nossa missão; mas rogaremos igualmente pelo descanso eterno dos seus dois maiores benfeitores, Sua Majestade o imperador Fernando e Sua Alteza imperial o sr. duque de Módena e igualmente pelos beneméritos protectores da nossa missão, o conselheiro áulico Frederico von Hurter-Ammann, de feliz memória, e o inolvidável sr. barão de Spens.

P.^e Daniel Comboni
Pró-vig. apost.

Original alemão
Tradução do italiano

N.º 626 (596) - CARTA CIRCULAR
ACR, A, c. 18/9 n.1

Delen, 28 de Outubro de 1875

P.^e Daniel Comboni
por graça de Deus e da Santa Sé Romana
Pró-vigário Apostólico da África Central

3990

Ao venerável clero secular e regular e aos dilectos fiéis do nosso Vicariato Apostólico. Paz e bem.

É certo que as nossas tribulações são muito grandes e sem número, caríssimos filhos! É certo que por toda a parte nos acompanham os perigos, a sede, as doenças, as aflições, as lutas e as cruces. Porém, com toda a verdade podemos dizer com o Apóstolo das Gentes que o conforto que nos envia N. S. J. C. superam aquelas. Por isso nós, na humildade do nosso coração, convidamo-vos a louvar e abençoar a bondade e misericórdia do Sacratíssimo Coração de Jesus Cristo. Recordais bem com quanta alegria e exultação de espírito no dia 14 de Setembro de 1873 consagramos solene e publicamente a nossa pessoa, o nosso imenso Vicariato Apostólico e a vós, filhos dilectíssimos, ao divino Coração de Jesus. Recordais que as esperanças que então concebemos de que se nos depararia uma nova era de graça e de bênçãos e de que para nós e para os mais de cem milhões de infiéis do nosso laborioso vicariato se abririam os tesouros da piedade e misericórdia deste adorabilíssimo Coração.

3991

Porém, que criatura humana ou angélica seria capaz de nos facilitar a entrada nesse santuário divino ou fazer com que derramassem sobre nós as suas inesgotáveis riquezas? Ah, chorava o discípulo predilecto ao ver aquele livro misterioso selado com sete selos, ao mesmo tempo que um Anjo com voz sonora exclamava: Quem é digno de abrir o livro e soltar os seus selos? *Quis est dignus aperire librum et solvere signacula eius?* E ninguém respondeu nem no Céu nem na Terra: *et nemo poterat neque in Coelo neque in Terra; et ego flebam multum (Ap 5, 3-4)* Quem, então, nos abrirá o livro misterioso do Coração Sacratíssimo de J. C.? Qual será a chave bendita que nos abra a sua porta?... Pois bem, sequemo-nos as lágrimas, caríssimos filhos, enxuguemos o pranto, consolemo-nos...

3992

Porque a bela filha do rei David, Maria Virgem Imaculada, tem nas suas mãos essa preciosa chave; e mais, ela é a mística chave do adorável Coração de seu Filho Jesus. Sim, Maria abre esse Coração e nada o pode fechar; fecha-o e ninguém o pode abrir: *Clavis David quae aperit et nemo claudit; claudit et nemo aperit.* Ela abre esse divino Coração a quem quer, como quer e quando quer. Dispõe dos tesouros infinitos desse divino Coração como lhe apraz e em favor de quem lhe apraz. Mas porque é que Maria pode tanto sobre o adorabilíssimo Coração de Jesus? Porque é a Bem-Aventurada Mãe de Jesus Cristo e, portanto, *Rainha e Senhora do Coração de Jesus.* Este nome inefável é mel na boca, melodia nos ouvidos, júbilo no coração; *mel in ore, melos in aure, in corde jubilum.*

3993

É um nome que fez brilhar a bondade do Coração de Jesus Cristo nestes tempos calamitosos, para iluminar e consolar a todos, confortar a quantos a Ela recorrem. Porque agrada-lhe ser invocada como *Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus*; título com o qual é proclamada despenseira generosa de todos os imensos tesouros e de todas as graças do Sacratíssimo Coração do seu divino Filho Jesus. É proclamada a mãe mais terna e amorosa de todas as mães; a advogada mais eloquente que todos os anjos e todos os santos; a esperança dos pecadores; a consoladora dos aflitos; a luz dos peregrinos; o porto dos que correm perigo; é saudada como a mulher sem mancha, a sede da sabedoria, o prodígio do infinito amor de Deus, o perpétuo panegírico de todos os séculos, o elogio universal de todos os seres, a harmonia pública e geral de todas as criaturas, o milagre da onnipotência divina.

3994

Nossa Senhora do S. Coração de Jesus!! Oh, quantas glórias encerra este augusto nome! Quanto valor e grandeza contém em si! Por isso, este bendito nome soa nos lábios de muitos milhões de fiéis (1). Invocam-na de todos os cantos do mundo justos e pecadores, sacerdotes e leigos, príncipes e vassalos, grandes e pequenos: todos...

Sim, todos aqueles a quem chegou este nome dulcíssimo o saúdam, clamam por ele, invocam-no e todos experimentam efeitos salvíficos, obtendo copiosas graças espirituais e temporais desta piedosíssima mãe! Daí que todos os dias de todos os pontos do orbe católico se eleve ao Céu uma melodia celestial de infinitas vozes, as quais bendizem a Senhora do S. Coração de Jesus por tantas graças impetradas por Ela (2)!

3995

E o Coração de Jesus como se compraz em ver Aquela a quem tanto ama tão honrada e glorificada aqui na Terra! Por isso, do Céu faz chover cada vez mais as suas bênçãos sobre os seus adoradores e os admirado-

res de sua Mãe. E a todos diz Jesus: se quereis entrar em Meu coração e participar das graças e das Minhas bênçãos, recorrei a Maria e, por Ela, tereis acesso a Mim. Invocai-a como Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus, que ela vos consolará. Sim, dilectísimos filhos, vinde ver as obras do Senhor. Vinde contemplar este prodígio da graça de Deus, N. Sr.^a do Sagdo. Coração adorável de seu filho Jesus. Ela pode tanto que por excelência se denomina «a advogada das causas mais difíceis e desesperadas». E St.^o Efrém chama-a “a esperança dos desesperados”: *spes desperantium*. E São Bernardo a “omnipotência suplicante”.

3996

Pois bem, não é para o nosso querido Vicariato da África Central um grande sinal de salvação e de graça este novo título, com o qual nestes tempos aparece gloriosa entre nós a grande Mãe de Deus? Se Nossa Senhora é a chave mística do Coração de Jesus, não quererá ela dar acesso aos infinitos tesouros desse Coração adorável a estas almas abandonadas dos descendentes de Cam? Se Maria, assim invocada, não sabe negar graças a ninguém, quererá e poderá ela negar-se a socorrer-nos em nossas grandes tribulações, no nosso laboriosíssimo e difícil apostolado, em todas as nossas necessidades?

3997

Não, não, não... Jamais se ouviu de ninguém que, após invocar Nossa Sr.^a do Sagdo. Coração de Jesus em suas necessidades, não tenha sido por ela escutada. Reavivemos a fé, filhos dilectísimos; reavivemos a fé. A divina Mãe profetizou que todas as gentes a chamariam bem-aventurada: *ex hoc beatam me dicent omnes generationes (Lc 1,48)*. E, porventura, a Etiópia, a África Central, não entrarão no concerto das bênçãos à Grande Mulher sem pecado?... Sim, entrarão. E por ela encontrará o seu Deus Salvador e o adorará: *coram illo procedent aethiopes*, diz outra profecia (Sal 71).

3998

Sim, sigamos esta fulgurante estrela de Jacob, Nossa Sr.^a do S. Coração e em breve a África Central encontrará o seu salvador Jesus. “*Lumen requiramus lumine et inveniemus Jesum.*” Por isso recorramos a ela cheios de confiança. É nossa intenção oferecer e consagrar-lhe a nossa própria pessoa e também a vós, filhos devotíssimos, e a toda a gente do nosso imenso Vicariato. D’Ela, a Sr.^a do Sagdo. Coração de Jesus, esperamos as ajudas, os meios e as graças necessárias para poder estabelecer e implantar sobre estas abrasadas planuras da África Central o glorioso estandarte da adorada cruz de Jesus Cristo.

3999

E quando estas gentes que agora vivem nas deploráveis trevas da idolatria e do feiticismo se tiverem convertido e refugiado no Coração de Jesus C., quando o nome de Jesus ressoar nos lábios dos filhos de Cam, então elevar-se-á um hino de alegria de todos os peitos e exclamarão: louvor, glória e eterna bênção a N. Sr.^a do S. Coração de Jesus. Por Ela, temos entrada no Sacratíssimo Coração de Jesus; por Ela conhecemos Jesus Cristo; por Ela participamos da redenção, das graças, dos méritos, da herança de J. C. Nosso Salvador, e por Ela esperamos entrar um dia no reino dos céus que J. C. nos prometeu, o qual está na glória com o Pai e com o Espírito Santo pelos séculos dos séculos.

4000

A fim de completar e aperfeiçoar o acto de consagração do Vicariato ao S. Coração de Jesus, que realizámos solenemente em tempos não distantes, e de assegurarmos todos os tesouros de graças e bênçãos deste adorabilíssimo Coração, na humildade do nosso espírito, estabelecemos que na próxima festa da Imaculada Conceição, em todas as paróquias do nosso vicariato, depois da missa solene e após as ladainhas lauretanas, se reze, diante do Santíssimo Sacramento exposto solenemente sobre o altar, o seguinte acto de consagração da África Central a N. Sr.^a do S. C. de Jesus, terminando a sagrada função com a bênção do Santíssimo.

4001

Para tal fim, com base nas amplísimas faculdades que nos outorgou a Santidade do Sumo Pontífice Pio IX, concedemos indulgência plenária a todos os fiéis que, arrependidos e confessados, se acerquem da mesa eucarística, assistam à mencionada função e roguem pela vitória da Igreja e pelo triunfo do vigário de J. C.

Dado em Delen (Uarco), nossa residência provisória de Gebel Nuba, na festa dos Santos Apóstolos Simão e Judas, a 28 de Outubro de 1875.

P.^e Daniel Comboni
pró-vig. ap. da África Central

O secretário

(1) Os inscritos na Arquiconfraria de N. Sr.^a do S. C. ascendem a mais de doze milhões.

(2) Até hoje, no registo central de Issoudun estão recolhidas 120 000.

N.º 627 (598) - A FAUSTINA STAMPAIS
ACR, A, c. 15/151 n.2

El-Obeid, 25 de Novembro 1875

Breve bilhete.

N.º 628 (599) - ACTO DE CONSAGRAÇÃO DA ÁFRICA CENTRAL
A N. SR.ª DO SAGDO. CORAÇÃO DE JESUS
ACR, A, c. 18/9 n.2

Novembro de 1875

4002

Eis-nos aqui prostrados a vossos santíssimos pés, ó Virgem bendita e Mãe de Deus, Maria; exultantes de júbilo saudamo-vos pela primeira vez nestas áridas terras com o novo e glorioso título de Nossa Senhora do Sagdo. Coração de Jesus. Este nome augusto brilha hoje para nós como um sol nas trevas, como um arco-íris de paz e de reconciliação entre a Terra e o Céu. Ao appareceres hoje no meio dos vossos filhos, reavivais as nossas esperanças e consolais-nos recordando-nos que hoje se nos mostra a bondade e a benignidade de Nosso Salvador J. C.; porque hoje abris a todas estas terras os tesouros de graças e bênçãos encerrados nesse Coração adorável, do que só Vós sois a Rainha e a Senhora.

4003

Sim, saudamo-vos, ó Maria, ó Augusta Soberana do Sagdo. Coração de Jesus. Saudamo-vos nesta sagrada solenidade, ó filha predilecta do Eterno Pai, por quem o conhecimento de Deus chegou até aos últimos confins da Terra. Saudamo-vos, ó casa do eterno Filho, que nasceu de Vós vestido de carne humana. Saudamo-vos, ó Morada inefável do Eterno Divino Espírito, o qual derramou em Vós todos os seus dons e todas as suas graças. Ó Maria, ó rainha amável do Sagdo. Coração de Jesus, que oportuna acudis às nossas necessidades! A Divina Providência reservou-Vos para estes tempos e lugares... Vinde, sim, vinde até nós, ó Virgem Imaculada. Vinde, reinai e sede senhora destas terras desoladas e abandonadas!... Só vós, ó Maria, podeis fecundar com a vossa bênção este solo já árido e espinhoso de 19 séculos. Só Vós podeis iluminar com a vossa luz tantos pobres infieis, filhos do desditoso Cam, os quais vivem ainda nas sombras da morte! Só Vós podeis dar o seu Deus e Senhor a tantos milhões de desventurados!...

4004

Por isso, cheios de confiança na vossa maternal piedade, recorreremos a Vós; refugiamo-nos sob a vossa poderosa protecção, certos de que Vós nos consolareis, escutareis as nossas súplicas e enxugareis as lágrimas de tantos filhos vossos! Ficai, pois, a nosso lado, ó Maria, Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus. Apresentai-vos e vinde em nossa ajuda. Em vós, depois de Jesus, depositamos todas as nossas esperanças. Vós sois o estandarte da fé ortodoxa: estendei-a por estas terras com o vosso poder... Vós sois a mãe bem-aventurada do Nosso Divino Redentor morto por todos na cruz. Fazei que esta se implante em toda a Nigri-cia! Vós sois a Rainha dos Anjos: enviái muitos esquadrões angélicos em nossa ajuda para acabarmos com o reinado de Satanás! Vós sois a mãe dos apóstolos: suscitei em muitos obreiros evangélicos o espírito apostólico e conduzi-os a esta parte abandonada da vinha do Senhor! Vós sois... oh! Vós sois tudo para nós, depois de Jesus. Por isso, após ter-nos oferecido e consagrado ao Ss.mo Coração de Jesus, hoje, solenemente, nos dedicamos e consagramos a Vós. Sim, a Vós, Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus, nós nos oferecemos, nos doamos, nos consagramos.

4005

A Vós nos consagramos nós mesmos, as nossas famílias e todo o Vicariato da África Central. Consagramo-vos os nossos pensamentos, as nossas palavras, as nossas acções. A Jesus e a Vós oferecemos e consagramos os nossos sofrimentos, as nossas fadigas, toda a nossa vida. A Vós e a Jesus encomendamos e consagramos todas as almas das regiões da África Central. E Vós Maria, N. Sr.ª do Sagdo. Coração de Jesus, cuidai dos nossos pobres filhos, guardai-os como herança e propriedade vossa. Sede nossa guia nas viagens, nossa mestra nas dúvidas, nossa luz nas trevas. Sede nossa saúde e fortaleza nas doenças, nossa advogada, nossa mãe ante o Coração de vosso bendito Filho Jesus em toda a nossa vida. E depois, na hora da morte, protegei-nos, ó Maria, assisti-nos com Jesus. Que digamos como últimas palavras: amado seja em toda a

parte o Sagdo. Coração de Jesus; louvada e bendita seja em todas as línguas Nossa Senhora do Sagrado Coração. Ámen.

P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário Apostólico da África Central

N.º 629 (1210) - AO P.^e ESTANISLAU CARCERERI
AGCR 1694/106

Novembro de 1875

4006

«Gebel Nuba é insalubre um mês, creio, mas o resto do ano é saudável».«Acertaremos tudo em Berber, onde, depois de termos discutido um pouco, acabaremos por *nos abraçar*, porque lhe tenho o mesmo carinho de sempre e continua a ser o meu *primogénito*.»

Algumas frases de uma carta de Comboni de uma carta do P.^e Carcereri.

N.º 630 (600) - A FAUSTINA STAMPAIS
ACR, A, 15/141 n.3

Cartum, 15 de Dezembro de 1875

Breve bilhete.

N.º 631 (601) - AO CARD. ALEXANDRE FRANCHI
AP SC Afr. C. v. 8, ff. 385-386

J. M. J.

Cartum, 18 de Dezembro de 1875

Em.º e Rev.mo Príncipe,

4007

Espero que V. Em.^a tenha recebido a minha informação geral com a carta de 8 de Outubro, a n.º 10, enviada de Gebel Nuba e a carta de 29 de Novembro, a n.º 11, de El-Obeid, em que, entre muitas outras coisas, lhe expunha a urgência da minha presença no Cairo para obter uma pequena prorrogação quanto ao cumprimento do compromisso contraído com a Administração egípcia de construir aí por um mínimo de 50 000 francos. Tendo, pois, pedido autorização a V. Em.^a para ir ao Cairo e considerando que lá tenho jurisdição sobre os meus dois pequenos estabelecimentos, mantidos pelo vicariato, os missionários de Cartum entendemos que, dada a urgente necessidade e ser este o tempo propício para a viagem, o pró-vigário da África Central, seguindo a pressuposta venerada intenção de V. Em.^a, pode partir para o Cairo para assuntos que importam substancialmente ao Vicariato.

A importância dos institutos de aclimação do Cairo, deixando de lado outras importantes razões, destaca-se simplesmente por isto: quando há dezoito anos vim para o Vicariato, estando à frente do mesmo o pró-vigário P.^e Inácio Knoblecher, de todos os missionários chegados de novo da Europa morriam pelo menos metade no primeiro ano e nos primeiros dois anos da sua chegada da Europa faleciam pelo menos dois terços. Em contrapartida, desde a época da aplicação do meu plano até hoje, *em quatro anos, dos missionários sacerdotes europeus não morreu nem um*; antes, estamos os quinze sãos e em condições de trabalhar.

4008

Isto deve-se a que, entre as novas disposições que eu introduzi, está essa primordial, ou seja, aclimatar-se no Cairo durante um ano ou dois: o mais que se puder. O excelente professor Turoni, que, como antigo mi-

nutante, conhece *intus et in cute*, a África Central, pode apreciar o que se adiantou. Porém, a principal razão disso é que o Coração de Jesus quer a conversão da Nigéria.

Portanto parto já para o Cairo, visitando Suakin, no mar Vermelho, a qual está sob a minha jurisdição.

No domingo administrei o baptismo e a confirmação a seis adultos aqui em Cartum. Beija-lhe a sagrada púrpura este que é

De V. Em.^a Rev.ma
Hum., devot.mo e obedmo filho
P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário apostólico

N.º 632 (603) - DECLARAÇÃO AO P.^e ESTANISLAU CARCERERI
APCV, 1458/402

Berber, 31 de Dezembro de 1875

Breve bilhete.

N.º 633 (803) - A FAUSTINA STAMPAIS
ACR, A, c. 15/141 n. 4

J. M. J.

Berber, 31 de Dezembro de 1875

Minha cara Faustina,

4009

Envio-te junto a carta do avô e ordeno-te que me aguardes no Cairo. Amanhã espero partir para Suakin. Se chegar a tempo de tomar o vapor, dentro de um mês estou no Cairo. Manda rápido, rápido, ao avô a carta junta. Saúda da minha parte P.^e Bartolo, P.^e Alexandre e as irmãs, o P.^e Pedro, as irmãs do Hospital, etc. etc. A Ir. Germana fez comigo o que fez contigo. Mas... está em Cartum e já nunca «será» superiora. Vi com os meus próprios olhos. Quanto a P.^e Mauro, admirei a força de ânimo que teve no Cordofão e fiz-lhe justiça. A madre provincial é uma pérola. P.^e Pascoal irá para o Cordofão. Reza por

Teu af.mo
Daniel Comboni

4010

Recebi todas as tuas cartas até 26/11, dia da tua partida de Berber. De todos os que me combateram neste anos terríveis, o maior inimigo foi o meu caro P.^e Bartolo Rolleri, a quem perdoo de coração. Não fales das tormentas com ele nem com ninguém. Apesar de tantos ataques, tenho a satisfação de ver que o Vicariato segue em frente. Posso dizer que é um milagre do Sagrado Coração.

4011

Não temo absolutamente o Inferno: eu sei tudo. E ainda que a ímpia guerra tenha continuado encarniçada, com a graça de Deus vencerei a todos e Deus será glorificado. Voltaram-se contra mim os santos e os velhacos. Mas as obras de Deus devem ser combatidas. E eu estou mais contente que nunca e forte como a morte.

N.º 634 (604) - À OBRA DA PROPAGAÇÃO DA FÉ DE PARIS
APF, Boîte G 84, n. 121

1875

Estatísticas e notas administrativas.

N. B. O mesmo documento (n. 605) foi enviado à Propagação da Fé de Lião.

N.º 635 (606) - EXTRACTO DE UMA CARTA
À MADRE NAUBONNET
ASSGM

1875

N.º 636 (807) - A ANÍBAL PERBELLINI
ACR, A, c. 15/169

1875

4012

Meu caro Aníbal Perbellini: Boas Festas e um Bom Ano Novo. Não posso escrever. Continua com paciência pelo recto caminho. Com paciência, tudo se vence. Estuda teologia, árabe e quanto é útil, sob a direcção dos superiores. Deus premeia quem n'Ele confia.

P.º Daniel Comboni

N.º 637 (608) - A P.º ANTÓNIO SQUARANTI
ACR, A, c. 19/10 n.4

1875

Notas a uma informação.

N.º 638 (609) - A ARNOLDO JANSSEN
ACR, A, c. 20/28 n. 1

Cartum, 1875

Nota a uma carta.

J. M. J.

Berber, 3 de Janeiro de 1876

Rev.mo P.º geral

4013

Com sumo prazer recebi em Cartum a sua estimadíssima carta de 11 de Novembro passado. Encontro-me desde há uns dias em Berber de passagem para o Cairo. Foi grande o meu espanto ao inteirar-me aqui de que o nosso caríssimo P.º Estanislau Carcereri tinha dirigido já uma petição a V. P. rev.ma para abandonar o apostolado da África Central, pelo qual trabalhou com zelo e coragem fora do comum; e doeu-me muito ter ele dado semelhante passo por divergências e mal-entendidos nascidos entre ele e mim. A agudeza de V. P. rev.ma sem dúvida terá adivinhado que só o Demónio é o autor de todos os problemas e trata de semear a discórdia entre nós porque vê ameaçado o seu reinado e não quereria que a cruz de Cristo lhe partisse os cornos. Porém, Cristo deve triunfar.

4014

Examinei calmamente cada coisa com o bom P.º Carcereri, discutimos todos os pontos e ambos ficámos de perfeito acordo; de maneira que o P.º Estanislau está completamente decidido a rogar a V. P. rev.ma que dê por não sucedido o incidente em questão e por não realizada a diligência que ele empreendeu consigo. Com estas duas linhas eu faço-lhe o mesmo pedido e, assim, suplico-lhe que escreva rápido a este filho seu e meu, que tem tantos méritos para o confortar e lhe manifestar que considera como não tomada a sua anterior decisão nem apresentada a sua solicitação. A dizer a verdade, teria sido para mim uma grande dor perder o meu primogénito, com quem partilhei tantas alegrias e tantas penas pela redenção da Nigricia.

4015

Na certeza de que o paternal coração de V. P. rev.ma aprovará quanto decidimos fazer depois de bem meditada cada coisa, roguei encarecidamente ao P.º Estanislau que assuma desde agora a direcção e o governo da missão de Gebel Nuba, no intuito de consolidar fortemente esta missão de Gebel Nuba, a mais importante do Vicariato, a qual tanto quer o P.º Carcereri, tanto nos importa a todos nós e é de tanta glória para Deus. O P.º Estanislau aceitou o meu convite e, sob a minha plena e total responsabilidade perante V. P. rev.ma, partirá quanto antes para Cartum, Cordofão e Gebel Nuba. Suplico-lhe, pois, que o faça encontrar numa destas missões do Vicariato uma apreciada carta de V. P. rev.ma, em que lhe conceda a sua santa bênção também para esta nova empresa a ele confiada, bênção paternal que lhe dará forças na sua apostólica missão. Por outro lado, espero dentro de dois meses poder ir a Roma, onde...

[Aqui estão apagadas quatro linhas e meia]

4016

V. P. rev.ma ficará satisfeito e pôr-nos-emos de acordo sobre todas as coisas para o maior bem da infeliz Nigricia. Entretanto, seguindo o critério de do P.º Estanislau, ordenei ao bom P.º Afonso Chiarelli que deixe seguidamente o Cordofão e venha para Berber. Eu parto amanhã para Suakin, no mar Vermelho, onde, se se tornar conveniente, entrarei em negociações sobre uma pequena residência camiliana: entende-se que examinarei o lugar e, depois de submeter tudo a V. P., decidiremos em Roma.

4017

A casa camiliana de Berber é muito adequada para o fim para o qual foi criada. Aqui leva-se uma vida de verdadeiros religiosos em perfeita calma e liberdade, muito melhor que na Itália sob o reino bem-aventurado. O P.º João Baptista Carcereri, que será o representante do P.º Estanislau em sua ausência, *acerrime incumbit studio arabicae linguae* e fez bons progressos na língua escrita, que é a base da vulgar.

Renovando-lhe as minhas súplicas, rev.mo padre, deleito-me na esperança de, se Deus quiser, o ver brevemente em Roma.

Entretanto, com o sentimento da mais autêntica estima e veneração, declaro-me no Sagrados C. de J. e M.

De V. P. rev.ma

Devot.mo, af.mo e verdadeiro servidor
P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário ap. da África Central

N.º 640 (611) - AO P.^e ESTANISLAU CARCERERI
APCV, 1458/458 (Cronaca... p.50)

Berber, 3 de Janeiro de 1876

Meu caro P.^e Estanislau,

4018

Não duvide da boa conduta do P.^e José. Em todo o tempo em que ele esteve comigo, ou seja, desde Junho passado, não encontrei nada repreensível no seu comportamento moral: mostrou-se sempre digno filho de S. Camilo e, como missionário experiente, prestou-me uma assistência activa. Espero, por outro lado, que não mo negue como acompanhante na minha viagem à Europa.

(L. S.)

Daniel Comboni
Pró-vigário apost. da África Central

N.º 641 (612) - AO P.^e ESTANISLAU CARCERERI
APCV, 1458/397

DANIEL COMBONI
PROVICARIUS APOSTOLICUS AFRICAE CENTRALIS

Berber, 3 de Janeiro de 1876

4019

Ao nosso irmão e filho o P.^e Estanislau Carcereri, prefeito dos MM. dos Enfermos em Berber e missionário apostólico: paz e bem.

4020

Com o presente documento, baseando-nos na autoridade que nos foi outorgada pela Santa Sé Apostólica e no nosso acordo com o rev.do P.^e Guardi, geral da ordem camiliana, nomeamos o nosso querido irmão e filho o rev.mo P.^e Estanislau Carcereri, superior, pároco e explorador da nascente missão de Gebel Nuba, com a faculdade de administrar o sacramento da confirmação e com a de absolver até nos casos contidos na bula *Apostolicae Sedis moderationi, ad exceptionem absolutionis complicit in peccato turpi*.

4021

À sua chegada a Delen e durante a sua estada entre os Nuba, cessarão nos nossos caros filhos P.^e Luís Bonomi e P.^e Gennaro Martini, até nova ordem, as faculdades que lhes outorgam os títulos de superior e de pároco dos Nuba. Porém, não cessarão todas as outras faculdades que lhes concedemos, excepto a da Confirmação no caso de P.^e Martini. Portanto, o rev.mo Carcereri poderá servir-se da laboriosa actividade dos dois mencionados missionários dos Nuba do modo que considerar mais oportuno, com a advertência de que na exploração de cada lugar de alguma importância se deverá redigir um documento sobre a opinião de cada um dos três, que nos será transmitida. Por outro lado, o nosso sobredito primogénito P.^e Carcereri determinará, ouvido o conselho dos outros dois, o lugar mais oportuno para o estabelecimento formal da Missão.

4022

À sua passagem por Cartum e El-Obeid, ele poderá levar destas estações os objectos que considere necessários e convenientes para a empresa que vai levar a cabo; para este objectivo demos as correspondentes ordens.

Dado em Berber a 3 de Janeiro de 1876.

(L. S.)

P.^e Daniel Comboni

pró-vigário apost. da A. Central

O secretário
Paulo Rossi

N.º 642 (613) - AO CARD. ALEXANDRE FRANCHI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 393-394

J. M. J.

Cairo Velho, Insto. de Negros,
11 de Fevereiro de 1876

Em.º e Rev.mo Príncipe,

4023

Como saberá pelo meu excelente secretário P.º Paulo Rossi, cheguei felizmente ao Cairo através do deserto de Suakin e do mar Vermelho. Aqui no Cairo tenho quase acertados todos os meus assuntos e desejo ardentemente ir para Roma para falar com V. Em.^a sobre os interesses do meu importantíssimo Vicariato que, graças a Deus, vai andando, apesar de todos os esforços do Inferno para parar a obra de Deus.

4024

Como no meu regresso do país dos Nuba vim a saber que algum dos meus bons missionários tinha mandado um relatório à S. C. acusando Cartum de abrir as cartas e dado que tal acusação se refere sobretudo ao meu referido secretário, mandei-o à minha frente ter com V. Em.^a, a fim de que o examine a seu gosto. Nem ele, nem eu, nem ninguém em Cartum teve jamais essa ideia de abrir cartas dos missionários e muito menos dirigidas a superiores maiores. O meu secretário P.º Paulo Rossi é um jovem missionário santo, recto, douto e prudentíssimo. Tem o espírito de Deus e verdadeiro zelo pelas almas: é um perfeito missionário. E embora tenha 27 anos, tem o juízo, a sensatez e a prudência de um homem de 50 anos. No caso de V. Em.^a precisar de ulteriores informações a respeito dele, pode perguntar a mons. Canossa, o bispo de Verona, em cujo seminário foi sempre em todos os cursos *Primeiro Prémio* em ciências sagradas, na piedade, boa conduta e juízo. Porém, Roma tem a vista aguda, especialmente a Propaganda, e verá tudo por si mesma.

4025

A última carta que recebi de V. Em.^a foi em Berber e trata-se da n.º 4, com data de 10 de Novembro de 1875. Depois já não me chegaram mais. Tenho *noventa* probabilidades sobre *cem* de que o duque de Módena (que pouco antes de cair doente me escreveu uma longa carta e me mandou 2000 francos ouro) me tenha deixado 100 000 francos. Sabê-lo-ei certamente dentro de pouco pelo venerado conde de Chambord, a quem escrevi exprimindo as minhas condolências. S. José é o verdadeiro pai da Nigricia.

Na esperança de me encontrar em breve a seus pés, beijo-lhe a sagrada púrpura e declaro-me nos Corações de J. e M.

De V. Em.^a rev.ma
Devot.mo, hum., indig.mo filho
P.º Daniel Comboni
Pró-vigário apost. da Áfr. Central

N.º 643 (1211) - AO P.º ESTANISLAU CARCERERI
AGCR 1694/114

Cairo, 14 de Fevereiro de 1876

Algumas palavras de Comboni sobre uma carta.

N.º 644 (614) - A Mgr. JEAN FRANÇOIS DES GARETS
APFL, Afrique Centrale, 4

J. M. J.

Cairo, 18 de Fevereiro de 1876

Senhor presidente,

4026

Envio-lhe as duas notas para a repartição. Estou-lhe infinitamente agradecido pelo subsídio do ano passado, do qual tive notícia em Gebel Nuba. Rogo-lhe insistentemente que me outorgue uma grande ajuda este ano, porque ainda estou necessitado dela. Dentro de pouco mandar-lhe-ei dois relatórios sobre o Vicariato, um para Lião outro para Paris. Aqui vou assinalar um facto que lhe demonstrará a importância das casas que estamos a construir no Cairo.

4027

Desde 1848 até 1860, de quatro missionários que iam para a África Central, dois morriam no mesmo ano da sua chegada e, no segundo ano, outro pelo menos. Morriam sempre metade dos missionários no primeiro ano. Em contrário, desde 26 de Outubro de 1870, quando enviei ao Cordofão os primeiros exploradores, até hoje (mais de cinco anos), nenhum sacerdote missionário europeu morreu: quinze sacerdotes europeus chegaram à África Central e quinze vivem ainda em plena actividade.

Rogo-lhe, sr. presidente, que se lhe for possível envie para o Cairo ao P.^e Roller 10 000 francos por conta do próximo subsídio a fim de podermos continuar a construção dos nossos dois importantes estabelecimentos. O prazo de 18 meses que nos deu o Governo egípcio para gastar 50 000 francos termina em Março próximo, mas obtive uns meses de prorrogação. Quando tiver terminado de resolver aqui os meus assuntos, partirei para Roma.

Receba a minha homenagem de devoção e de agradecimento, extensivas a todos os membros do Conselho.

Nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria fica para sempre

De si, sr. presidente,
Devot.mo e agradmo. servidor
P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário apostólico da África Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 645 (615) - AO P.^e CAMILO GUARDI
AGCR, 1700/39

J. M. J.

Cairo, 26 de Fevereiro de 1876

Rev.mo padre,

4028

Recebi a sua estimadíssima carta de 19 de Fevereiro e estou de acordo. Cumprirei as condições que deseja. Sobre a primeira não tenho nenhuma dúvida, a segunda não a compreendo; mas submeterei tudo ao seu cordato juízo e se o considerar necessário farei também o segundo, embora não tenha nada a ver com a publicação de algo que ignorava. Mas sei manter a minha palavra; e a V. P. rev.ma abrirei o meu coração, que não parece lá muito bem conhecido. Tudo seja pelo bem da Nigricia e de quem trabalha para ela.

Aceite os meus sentimentos de veneração.

Seu devot.mo no Senhor
P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário apostólico

N.º 646 (616) - À MARQUESA D' ERCEVILLE

Cairo, 4 de Março de 1876

Senhora presidente,

4029

A sua carta de 5 de Julho encontrou-me entre os habitantes de Gebel Nuba, onde fui testemunha do desolador estado dos escravos. Assim, para se apoderarem de 500 escravos, matam mais de duzentos; os sobreviventes são atados pelo pescoço com uma corda, homens e mulheres, e, em tais condições, obrigam esses infelizes a fazer a pé uma viagem de vários meses até que os vendem.

Depois de alcançar a capital do Cordofão e de viajar durante mais de dois meses pela rota de Suakin e do mar Vermelho, cheguei ao Cairo. Ficarei aqui até resolver os meus assuntos, após o que seguirei para Roma. De lá mandar-lhe-ei uma informação pormenorizada sobre o Vicariato e sobre o grande bem que a Obra Apostólica pode fazer e fez até ao presente.

4030

Permita-me chamar a sua benévola atenção sobre as condições do meu imenso Vicariato, que é o maior de todo o universo – maior que a Europa – e mais difícil e trabalhoso. Neste momento não tenho tempo para escrever; só lhe peço que destine ao meu Vicariato uma boa parte de tudo, especialmente de tecidos para os missionários e para as pobres mulheres. Elas precisariam de algo forte, pois dormem no chão e vivem em pequenas cabanas. Recebem os vestidos, mas até agora tem-nos sido impossível vê-las com eles: só os vestem nas suas cabanas, para passar a noite, porque durante o dia faz muito calor e as noites são comparativamente muito frias para quem não tem com que se cobrir.

Em duas tribos Nuba só vi um chefe com uma manta de lã que lhe demos nós. Todos os demais dormem sem manta alguma, nus, exceptuando alguns que têm peles.

Peço-lhe desculpa por estes tristes pormenores, porém a maior parte do meu Vicariato está mais atrasada quanto à civilização e costumes que os nossos primeiros pais, Adão e Eva. Por isso, a admirável obra que a senhora fundou e que agora está tão florescente pode ajudar muito a África Central.

4031

Quase tudo o que me enviou há dois anos se afundou nas cataratas do Nilo; e um serviço completo de missa ficou totalmente estragado. Porém, graças a Deus, foi a única vez desde 1848 que aconteceu algo assim e espero que seja a última. Para economizar, o P.^e Carcereri quis passar as cataratas e a sua embarcação despedaçou-se e foi ao fundo. Isso foi uma grande perda para mim. Mas paciência! A caridade francesa é inesgotável! Exceptuando o da missa, não sabemos o que é o vinho. Mas acontece que li nos seus *Anais*, tão interessantes como consoladores, que em Bordéus existe a obra de colecta de garrafas, para distribuir pelos missionários para o santo sacrifício. Que comovedora caridade seria se, além do vinho, acrescentasse o caldo *consomé* para os nossos doentes.

4032

Por amor de Deus, envie-me vinho ou caldo. Não saberia descrever-lhe aqui as perturbações que suportamos na África Central. As missões do Oriente, da Índia, da China, da América e da Austrália nadam na abundância em comparação connosco. Assim pois, enquanto socorre esses veneráveis campeões da Fé – que, sem dúvida, têm também as suas cruces, porque elas são o distintivo dos operários do Evangelho – não se esqueça da África Central e tenha por bem fazer-me um abundante envio.

4033

Lembre-se de 1870, na época do Concílio Vaticano, quando a senhora estava em Roma pela sua obra admirável. A minha obra era nessa altura bem pequena: eu não tinha mais que duas pobres casas no Cairo com as negras. Ao contrário, veja como agora os Sagrados C. de Jesus e Maria abençoaram esta obra: conto com duas casas em Verona, duas no Cairo, dois grandes institutos em Cartum, dois no Cordofão e dois em Gebel Nuba. Tenho que estabelecer a mais difícil missão da Igreja Católica e deve ser consolidada de tal maneira que esta missão seja eterna e se arvore o estandarte da fé lá onde nunca se tinha ouvido a palavra do Evangelho.

Bendiga, pois, comigo os Corações de Jesus e de N. Sr.^a do Sagdo. Coração e S. José, S. Pedro e São Paulo.

Apresente os meus respeitos a todas as veneráveis senhoras da obra.

P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário apostólico da A. C.

Original francês
Tradução do italiano

N.º 647 (617) - À CONDESSA LUDMILA DE CARPEGNA
AFVG

Cairo, 4 de Março de 1876

Nobilíssima sra. princesa,

4034

Para dizer a verdade, estou muito em culpa em relação a si, porque não lhe escrevi nunca desde há três anos. Nomeado pró-vigário do mais vasto e árduo dos vicariatos, têm sido tantos os meus trabalhos, tantos os meus sofrimentos, que é por milagre que me encontro ainda neste mundo. Porém, jamais passou um dia sem que eu rezasse por si e pela sua nobilíssima família, de que tanto gosto e que está escrita a caracteres indeléveis no meu coração e, por isso, mal passou uma hora sem que eu me lembrasse de todos.

4035

Nestes três anos realizei longuíssimas viagens a camelo, fundei as missões do Cordofão, Gebel Nuba e Berber e assim dilatámos as tendas do Senhor, colocando-as onde tudo eram sombras de morte. Em suma, nos oito anos e meio desde que só e sem meios humanos, mas, com a protecção de mons. Canossa, comecei a minha obra, tenho dois estabelecimentos em Verona, meus e criados por mim, dois no Cairo, dois em Cartum, dois no Cordofão, dois em Gebel Nuba e um em Berber e gastei neles mais de 800 000 francos nestes tempos calamitosos e difíceis. Já vê bem que a empresa é obra de Deus. Mas não vou falar disso, para lho dizer de viva voz. Entretanto, queria escrever a P.^e Horácio e a Guido, mas estou cheio de frio, depois de me ter tostado bem nos desertos do centro da África. Lá, um companheiro meu, no dia 4 de Novembro passado, duas Irmãs de S. José, um criado leigo e eu encontrámo-nos em verdadeiro perigo de morte. Desfeitos pela febre, sem água nem comida, rodeados toda a noite por cinco leões a rugir e a nove horas de distância do ponto onde encontrar água barrenta, estávamos a passar a noite no chão duro, com a música dos leões que fazia tremer as pobres irmãs, não havia esperança de sair com vida. Mas, graças a Deus, depois de 4 meses de fadigósissima viagem, pude ainda escrever à princesa Falconieri e, ainda por cima, escrever em perfeito estado de saúde (embora gelado de frio), entoando sempre o meu grito de guerra: «*Nigrícia ou morte*».

4036

Dê muitas saudações da minha parte à sua piedosíssima irmã, depois de ter apresentado os meus afectuosos respeitos ao príncipe, seu consorte, ao meu sempre querido Guido e à sua angelical esposa, ao conde Filipe e ao fiel e apreciado Nannucci, que não tenho esquecido. Ah, que feliz serei dentro de um mês ao ver os meninos de Guido, que estarão já bem crescidos. E que prazer quando a puder ver a si, princesa, de quem sou e serei sempre

Dev.mo e af.mo
P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário da África Central

N.º 648 (618) - A MGR. JOSEPH DE GIRARDIN
ACR, A, c. 14/137 n.2

J. M. J.

Cairo, 8 de Março de 1876

Monsenhor,

4037

Ao fim de mais de um ano desde que tive a honra de receber a sua carta de 28 de Julho de 1874, dirigi-lhe uma minha no dia 20 de Outubro do ano passado desde a tribo de Gebel Nuba, carta em que lhe incluía uma informação sobre o meu imenso Vicariato da África Central e na qual lhe pedia insistentemente que acudisse em minha ajuda. Mas como o correio entre Gebel Nuba e o Cordofão não funciona e devemos confiar a nos-

sa correspondência a dois africanos que nós mesmos enviamos a expensas nossas do território Nuba a El-Obeid, capital do Cordofão, e que às vezes não conseguem chegar ao seu destino por causa dos assassinos Bagara ou porque eles mesmos são roubados e vendidos, pode ter acontecido que a minha carta e o meu relatório se tenham perdido, como muitos outros envios, por não ter chegado a El-Obeid.

4038

Tendo eu saído de Gebel Nuba no passado dia 30 de Outubro e chegado ao Cordofão, parti dali imediatamente em Fevereiro último, pela rota de Cartum, Berber, Suakin e mar Vermelho, vim para o Cairo, de onde lhe dirijo esta carta com uma ardente e premente súplica para que a admirável Obra da Santa Infância venha em ajuda da África Central, que é o mais vasto difícil e laborioso de todos no universo. E aqui devo repetir-lhe, em poucas palavras, o que dissera no meu relatório perdido.

4039

O Vicariato da África Central foi erigido por Gregório XVI com o breve de 3 de Abril de 1846 e abarca uma imensa extensão, muito maior que a Europa, situado entre o Egipto, o mar Vermelho, a Abissínia, o vicariato dos Gallas, os 12^o de lat. norte, as duas Guinés e a linha entre o Níger e a prefeitura de Trípoli.

Os primeiros missionários que se estabeleceram no Vicariato, em Cartum, foram o P.^e Ryllo, mons. Casolani, Knoblechter, Vinco e Pedemonte, que chegaram a Cartum a 6 de Fevereiro de 1848. Desde então até 1861 (eu cheguei a Cartum em 1857) foram ao Vicariato 37 missionários europeus com muitos irmãos leigos alemães. Durante este tempo fizeram-se muitas expedições. Porém, os missionários europeus das várias expedições morriam metade no primeiro ano da sua chegada ao Vicariato e a outra metade morria quase toda no segundo ano. De modo que, quando chegavam ao Vicariato, por exemplo, seis missionários, 3 morriam no primeiro ano da sua estada na Missão, 2 no segundo, etc.

Na segunda época, a dos franciscanos, compreendida entre 1861 e 1871, de mais de 40 franciscanos morreram 22 e os outros voltaram para o Egipto ou para a Europa, depois de terem sofrido muito.

4040

Agora, na última época, em que a Santa Sé me confiou o Vicariato a mim e ao Instituto das Missões para a Nigricia, que fundei em Verona com a ajuda e protecção de mons. Canossa, isto é, em cinco anos, 15 missionários europeus chegaram ao vicariato em 4 expedições e 15 missionários vivem ainda e trabalham em plena actividade, sem que no espaço de cinco anos algum deles tenha falecido. Eis aqui o bom resultado e o feliz efeito do meu Plano para a Regeneração da África.

Antes da minha de nomeação e de ter sido encomendado ao meu instituto de Verona o apostolado da África Central, em todo o Vicariato só havia uma pequena comunidade de franciscanos em Cartum, constituída por dois padres e dois leigos, entre eles um padre alemão que era um verdadeiro santo.

4041

À hora em que lhe escrevo, monsenhor, a minha obra para a regeneração da África possui dois grandes institutos em Cartum, dois no Cordofão, dois em Gebel Nuba, uma casa de camilianos em Berber, duas pequenas casas no Cairo para aclimatar os missionários e as Irmãs europeus e dois institutos em Verona para formar os candidatos, tanto homens como mulheres, para o apostolado da África Central.

A conservação da vida dos missionários europeus no Vicariato, apesar do clima abrasador, das imensas fadigas, das penosas viagens e das grandes privações, deve-se além de à graça do S. C. de Jesus, ao sistema que estabeleci, que consiste em fazer com que os missionários passem no Cairo algum tempo para se aclimatarem. Isso nunca tinha acontecido antes.

4042

Julguei meu dever dizer-lhe tudo isto para que compreenda o carácter de estabilidade e perpetuidade desta laboriosa missão, se a Providência lhe der os meios necessários para viver e fazer viver. Ora, a admirável Obra da Propagação da Fé e os donativos de algumas obras mais pequenas têm sido o meu sustento até ao presente. Mas os notáveis contributos que nos dá a Propagação da Fé não chegam para prover o Vicariato de tudo o que é de primeira necessidade para que o nosso apostolado alcance um grande desenvolvimento.

4043

Em primeiro lugar, as compras feitas no Cairo (porque nestes países centrais faltam muitas coisas) tornam-se muito caras quando chegam ao Vicariato, porque tudo deve ser transportado em camelos. As viagens são longas, fadigasas, intermináveis e muito custosas.

A última caravana de provimentos do P.^e Carcereri demorou mais de sete meses a ir do Cairo a Cartum. Assim, é considerável o gasto que há que fazer nas viagens, nas quais se sofre de tudo. Depois, os víveres são muito caros. Os missionários e as Irmãs não conhecem quase o vinho, que, para nos aguentarmos nas nossas enormes fadigas, seria tão necessário ao menos uma vez por semana. Mas, por falta de recursos, tivemos que prescindir dele, porque um litro de vinho que no Cairo custaria meio franco, no Cordofão encontra-se por oito francos.

4044

Diga-se o mesmo de outros artigos de alimentação, de roupa, etc. Além disso, precisam-se casas para albergar os missionários e as Irmãs, mas casas sólidas de tijolo vermelho, que protejam do terrível calor e das variações atmosféricas, para se poder conservar a vida.

Mas somente em Cartum pude construir até agora tais casas. No Cordofão ainda não temos dessas, mas umas feitas de barro e palha que poderiam servir para os períodos em que não chove; porque, quando vêm as chuvas e são intensas, desmoram-se como o açúcar e o chocolate quando lhes cai a água. Eu, como representante da Santa Sé neste Vicariato, que é habitado por mais de cem milhões de infiéis, disponho do quarto mais sólido da nossa casa no Cordofão, mas ao chegar a chuva tive sempre que escapar e refugiar-me numa cabana de palha.

4045

O ano passado aconteceu várias noites o mesmo às nossas Irmãs: tiveram que se refugiar numa cabana próxima da sua casa. Portanto seria necessário construir casas de tijolo para conservar bem a vida e a saúde dos membros da missão. No Cordofão, embora o custo de uma casa de tijolo seja muito elevado, seria necessário realizar esse gasto; mas até agora têm-me faltado os meios. Em Gebel Nuba todos nos alojamos, até Nosso Senhor, em cabanas de palha que nós defendemos como Deus quer das chuvas, dos elefantes, das hienas e dos leões, que se ouvem toda a noite. Uma boa construção na interessante Missão de Gebel Nuba proteger-nos-ia também dos assassinos Bagara, à semelhança do modo que os veneráveis franciscanos da Terra Santa utilizaram para se defenderem, durante séculos, dos turcos.

4046

Tudo isto são coisas materiais, mas de primeira necessidade, para conseguir tenazmente o fim espiritual e consolidar as nossas obras, sobretudo os aspectos relacionados com a finalidade da Santa Infância. Na China há casas e segurança para as Irmãs; mas na África é preciso criar tudo, porque tudo é primitivo.

4047

Até ao presente, portanto, não posso apresentar a respeito da África Central as listas dos meninos salvos como as que costuma receber das missões da China. Porém, se tiver os meios para preparar as casas e os asilos para alojar bem as crianças e os missionários e irmãs, asseguro-lhe, monsenhor, que em breve poderemos apresentar-lhe quadros bem consoladores. Temos meninos recolhidos em Cartum, no Cordofão e em Gebel Nuba, e continuamos a recebê-los; mas se dispuséssemos dos meios para construir casas sólidas, a obra da irmãs e dos missionários florescerá grandemente.

Precisamos dos meios para levantar as barricadas, as trincheiras, etc. que permitam o assédio à formidável fortaleza da Nigricia. É preciso obter os canhões, as metralhadoras, ou seja, todos os elementos necessários para que o apostolado seja frutífero e, entre estes elementos, contam-se os alojamentos para assegurar a vida.

4048

Com este objectivo dirijo-me à admirável Obra da Santa Infância, no intuito de obter uma boa ajuda para criar na África Central uma obra destinada aos meninos, por meio da qual sejam educados na fé e assegurem a salvação eterna. Rogo-lhe, monsenhor, pelo amor do Sagrado Coração de Jesus, que é o dono da África Central, que tenha por bem ajudar esta importante Missão.

Espero que desta vez a humilde súplica dos missionários do vicariato mais difícil e trabalhoso da Terra chegue ao coração dos membros do conselho central e ao seu, monsenhor, que arde pela salvação das almas.

4049

Há 27 anos e 62 dias que jurei morrer pela África Central. Passei as maiores dificuldades, suportei as mais pesadas fadigas, vi muitas vezes a morte ao pé de mim e, apesar de tantas privações e sofrimento, o Coração de Jesus manteve no meu espírito e no coração dos meus missionários e das boas Irmãs de S. José da Aparição a perseverança, de tal modo que o nosso grito de guerra será até ao fim. «*Nigricia ou morte!*»

Temos o conforto de ver os alicerces da nossa obra solidamente lançados para triunfar no nosso objectivo de ver a bandeira da cruz flutuar onde nunca foi escutada a Palavra do Evangelho, graças à Propagação da Fé e às obras que nos ajudaram.

4050

Deixo para outra ocasião dar-lhe pormenores das nossas missões do Cordofão, Cartum e Berber e dos horrores da escravidão de que somos continuamente testemunhas, já que a mesma está em pleno vigor no Sudão, apesar de todos os tratados das potências europeias e de todas as mentiras dos jornais. Vou apenas dizer-lhe uma palavra sobre a nova Missão de Gebel Nuba, que fundei há pouco.

4051

Os povos Nuba constituem uma raça especial e das mais inteligentes, mais bem dotados que as tribos dos Kich e dos Bari, entre as quais passei muito tempo desde 1857 a 1859. Vivem em imensas planícies rodeadas

de montanhas e cultivam as terras durante a estação das chuvas, de Junho a Outubro, época em que arranjam o necessário para viverem frugalmente todo o ano.

Quanto ao resto, são pobres. Detestam o Islamismo e os muçulmanos, porque estes dizimaram ou destruíram quase por completo estas tribos, convertendo em escravos os seus membros ou fazendo deles soldados ao serviço do Governo egípcio do Sudão. Estudámos aturadamente as suas superstições e a sua língua, mas ainda nos falta muito para penetrarmos nos mistérios das suas crenças e extravagantes superstições.

4052

Estabelecemos a primeira estação entre os Nuba em Delen, que os indígenas denominam *Uarco*. É um grupo de cinco montes, cujas rochas de granito formam saliências e concavidades, onde mora uma parte da população.

4053

Pelo que pude compreender, estas populações não são idólatras. Parece-me que têm uma religião muito peculiar que prescreve muitas cerimónias com as quais pretendem honrar um só ser superior, dono e director de todo o universo e, ao mesmo tempo, certos espíritos protectores. Presidem e dirigem as cerimónias religiosas certos *cojur* ou sacerdotes, que em Delen são cinco. O grande *cojur*, chamado *Kakum*, é também rei ou chefe do Governo, que preside às cerimónias mais solenes, respeitantes ao culto e aos interesses de toda a tribo.

Não têm templo, mas cada *cojur* tem uma cabana especial que é reservada para as cerimónias religiosas.

4054

No interior dessa cabana, quatro paus de um metro de altura elevados no solo unidos com umas tábuas toscas formam um estreito palco. Aos lados da cabana vêem-se alguns crânios de vacas, cujo uso ainda não consegui conhecer. Eis como se desenrolam as cerimónias: com o povo à espera fora da cabana, o *cojur* sobe ao pequeno palco e estende-se sobre ele. Depois põe-se a soprar com grande força e a rebolar-se para um lado e para outro. A pouco e pouco, com o rosto avermelhado e os olhos esbugalhados, começa a deixar escapar uns gemidos surdos. Paulatinamente, os gemidos vão-se tornando mais altos até se converterem em gritos e em estranhíssimos urros e, sem deixar de se agitar, chega a lançar espuma pela boca e a enrouquecer.

4055

Então o espírito apodera-se completamente do *cojur*... e o povo, em absoluto silêncio, espera os oráculos. Um representante do *cojur* está à porta da cabana para recolher as palavras que saem da sua boca, porque o *cojur*, dominado pelo espírito, não sabe depois dar conta aos demais do que disse durante o seu pretenso êxtase.

Então, com uma voz surda e de várias vezes, começa a falar de acordo com as circunstâncias, reprimendo o povo pelas suas faltas, predizendo o futuro ou dando resposta àquilo por que se realiza a cerimónia. A palavra do *cojur* invadido pelo espírito é sacrossanta para todos e é recebida com muita fé e com grande respeito. Quando deixa de falar, o *cojur* fica estendido algum tempo. Depois, num salto põe-se de pé, como para se sacudir dum profundo sono, e escuta dos lábios do seu representante, como se as ignorasse, as coisas que o espírito deu a conhecer por meio dele.

4056

Ainda não conseguimos saber o que é que eles entendem por espírito. Cada *cojur* possui um próprio, e o grande *cojur* *Kakum*, além do seu espírito particular, é também assistido pelas sombras dos outros *cojur* menores que se encontram na cabana destinada às cerimónias. Geralmente, termina tudo com muitas libações de *merissa* (espécie de cerveja abundante em álcool, feita com cereal fermentado), até ao ponto de haver cenas desagradáveis de embriaguez, a seguir às cerimónias religiosas. Estes actos são frequentes e regulam todas as acções não só da vida privada, mas também da pública.

Poderia contar aqui muitas mais coisas; mas fica para outra ocasião, quando se tiverem podido estudar mais profundamente, com o grande fim de combater tudo isto para fazer triunfar a nossa santíssima fé.

4057

Surpreenderam-me duas circunstâncias. A primeira é que, apesar de esta gente, tanto homens como mulheres, andar vestida quase como os nossos primeiros pais Adão e Eva antes do pecado, não dá o menor escândalo e, em geral, é de bons costumes. Há sete meses que os meus missionários estão em Delen e nunca descobriram nenhuma desordem; e as nossas Irmãs, que estiveram bastante tempo em contacto com as mulheres indígenas, não viram nem um desses vícios que são frequentes em toda a parte. Por meio das Irmãs, fizemos todo o possível para conseguir que as mulheres andem vestidas, especialmente as jovens e as casadas e encontrámos não poucas dificuldades.

4058

As razões pelas quais as mulheres não se vestem são principalmente duas: a primeira é que carecem de roupa; a segunda é uma superstição que impera entre os Nuba: crê-se, em geral, que, uma vez vestida, a mulher não pode ter filhos. Porém, a estas objecções a nossa santa religião dará uma completa resposta: primei-

ro, proporcionando-lhes vestidos; segundo, instituindo matrimónios cristãos, segundo o rito da nossa fé e então o povo verá perfeitamente que as nossas mulheres católicas, embora andem vestidas, podem ter filhos.

4059

A outra coisa que me causou viva impressão foi o respeito, a docilidade que este povo manifesta ao seu grande chefe. É um espectáculo bem surpreendente. O grande *cojur* Kakum não tem código, nem leis, nem cárceres, nem nenhum meio coercitivo. Não obstante, resolve todas as questões, escuta e julga todos os seus súbditos que a ele recorrem e, uma vez emitida a sentença ou o juízo, obedecem-lhe absolutamente.

Impressiona ouvir da sua boca as considerações antes de se pronunciar sobre um assunto. Mostra muito critério e juízo nas suas reflexões. Frequentemente consulta os anciãos que constituem o conselho, que reúne debaixo de uma árvore. Eu assisti mais de uma vez a essas deliberações e fiquei favoravelmente surpreendido. O grande *cojur* é um chefe muito perspicaz, prudente e sábio, que conhece todas as manhas dos homens e sabe dirigir os ânimos. Sem dúvida o grande *cojur* Kakum saberia governar bem uma província da França e até um pequeno reino: impera nele o bom senso.

4060

Não obstante, no que respeita à nossa religião, vamos ter que nos esforçar muito para vencer tantas superstições e para superar tantos obstáculos, por causa dos árabes Bagara Homur, que são muçulmanos e que amiúde devastam as terras dos Nuba, roubando o seus meninos para os venderem e destruindo os seus haveres. Porém, com o tempo se alcançará tudo.

Temos uma completa liberdade para difundir os nossos princípios e a nossa fé entre os Nuba, concedida pelo grande *cojur* Kakum, que veio em pessoa a El-Obeid para me convidar a estabelecer uma missão no seu lugar de residência. Todos nos mandam os seus filhos. Porém, precisamos de meios para aprender bem a língua, que é completamente diferente da das outras tribos e do árabe. Uma vez que tenhamos consolidado uma missão em território Nuba, a porta estará aberta para entrarmos pouco a pouco no coração da África Central.

Para este fim, peço insistentemente as suas orações e a sua ajuda. Termino este escrito contando-lhe uma viagem-aventura que lhe fará compreender quantas privações temos que suportar nas nossas viagens.

4061

Foi no dia 3 de Novembro último. Depois da nossa partida de Gebel Nuba, a nossa caravana, constituída por dezasseis camelos, encontrava-se num grande bosque de ébano, de acácias e de outras árvores, cheio de leões e outras feras; não havia água. As chuvas tinham deixado de cair havia um mês. Deus quis que, por casualidade, sem que nos apercebêssemos, a caravana se dividisse em duas.

Atrás tínhamos ficado o P.^e José, o sr. Augusto, serralheiro, de Ermland, na Prússia, o meu *cavas* turco, duas Irmãs de S. José da Aparição, isto é, Ir. Germana Assuad, de Alepo, e Ir. Madalena Caracassian, de Erzerum; e eu. A razão de termos ficado para trás era o facto de o P.^e José ter febre e, de vez em quando, detinha-se no seu camelo por estar sem forças. Parava cada quarto de hora e depois esforçava-se para continuar, mas rapidamente ele voltava a parar. Pelo que todas as pessoas mencionadas fomos ficando pouco a pouco para trás, junto ao camelo do P.^e José. Às nove da manhã, o doente pára. Depois de fazer baixar o camelo, declara que não pode continuar mais. Nós desmontamos dos nossos camelos e arrastamos o pobre doente para debaixo de uma árvore, porque o Sol era de fogo.

4062

Todas as nossas provisões iam adiante; tínhamos apenas num camelo um cantil com uns três litros de água bem suja. O P.^e José ardia com uma febre espantosa; de maneira que ao fim de uma hora, entre dar-lhe de beber e molhar-lhe a cabeça, conforme solicitava, a água acabou. Ele estava à beira da morte.

À uma da tarde, após indizível sofrimento, adormeceu; mas meia hora depois acordou ensopado em suor. A febre tinha baixado muito, mas estava exausto. Contudo, como é muito corajoso, disse que era necessário partir.

4063

Depois de pensar uns minutos, ordenei que retomássemos a marcha, se bem que o céu parecesse em chamas pelo calor do Sol. Os motivos foram estes: todas as nossas provisões e a água para dois dias iam adiante com dois cameleiros e P.^e Luís e o P.^e Afonso; eu estava esgotado por uma febre de vinte e dois dias, que me duraram até à véspera da partida de Delen; era uma e meia da tarde sem termos ainda tomado algum alimento e, com a sede que nos abrasava a todos, não tínhamos nem gota de água; além disso, havia que caminhar um dia para alcançar os outros, porque, antes de nos pormos a caminho pela manhã, tínhamos ficado em prosseguir até um lugar combinado, para chegar no dia seguinte a Schinjokaen, onde havia água.

4064

Caminhámos todo o dia com uma fadiga enorme, porque estávamos todos doentes, até as Irmãs. Ao anoitecer, a exaustão era também geral pela fome, sede (porque não tínhamos nada, tudo ia à frente) e a fadiga. Encontrámos uma pequena *foulah*, espécie de barranco com água negra e barrenta, onde entram os camelos e o gado para beber: essa água era amarga. Dada a nossa sede extrema, todos, até as Irmãs, bebemos dessa água que nos deu ânimo para prosseguir viagem.

Mas, chegada a noite, como o bosque era muito denso e o terreno irregular, avançávamos com dificuldade entre as plantas espinhosas que havia no caminho, de modo que os nossos chapéus e os véus das Irmãs e os vestidos estavam todos rasgados.

4065

Além disso, a marcha do camelo na obscuridade, sem ver nada, preocupava-me muito, sobretudo desde que no dia 25 de Novembro de 1873 parti o braço esquerdo ao cair de um camelo no deserto do Cordofão. E como se não bastasse, os leões começavam a rugir no bosque. Então dei ordem de pararmos para passarmos a noite debaixo de uma acácia. O *khabir*, ou guia, o *cavas* e o nosso bom Augusto opuseram-se, dizendo-me que se parássemos era certo que os leões nos devorariam e que só nos faltavam três horas para chegar a Schinjokaen. Eu já não tinha forças para continuar e o caminho na escuridão era ainda mais fadigoso. Assim, fui o primeiro a descer do camelo e ordenei a todos que desmontassem. A Ir. Germana e o P.^e José também não podiam mais.

4066

Tirei do bolso uma moeda (*megid*), dei-a em seguida ao meu *cavas* (o qual é um fortíssimo atleta que me enviou o governador do Cordofão), dizendo-lhe: «Vai já para a frente, alcança o resto da nossa caravana, fáz-los parar e diz-lhes que nos esperem até amanhã e tu volta aqui com os camelos da água e das provisões.»

Ao que o *cavas* respondeu: «É impossível, porque, indo só, os leões devoram-me.» Em suma, todos nos instalámos debaixo das árvores e acendemos um fogo em círculo que devia durar toda a noite. Mas não havia nada para comer nem para beber, nem para se tapar e a nossa cama era o chão nu. Então encomendámo-nos ao S. Coração, à SS. ma Virgem, a S. José e a S. Judas Tadeu, padroeiro dos casos desesperados.

4067

Com uma grande confiança em Deus, preparámo-nos para a morte. Eu fiquei comovido pela coragem das duas Irmãs de S. José da Aparição, tão admiráveis que qualquer elogio fica abaixo da realidade. Elas davam-me ânimo a mim. As pobres estavam exaustas pela fome e sede como eu. Não havia nada. Entretanto começou o rugido dos leões por três lados, rugidos que faziam estremecer a selva, os camelos e a alma no nosso corpo. Não há nada mais espantoso no mundo que encontrar-se na noite como nós estávamos. Porém, o Coração de Jesus e a Santíssima Virgem sustentavam o nosso ânimo.

Encontrávamo-nos meio mortos pela fraqueza. O *cavas* deu-me a capa do seu uniforme para me tapar. As pobres irmãs tinham um xaile. Mas precisávamos de comer algo e não havia nada.

4068

Por acaso o *cavas* tinha meia libra de carne crua e eu, por sorte, guardava na minha pequena mala um pedacinho de três bocados de chouriço que tinha comprado por 5 francos em Cartum; tínhamos comido deles duas vezes em cinco meses, ou seja, uma vez no Cordofão e outra em Gebel Nuba, numa altura em que ficámos 14 dias a comer sem sal.

Fizemos então o seguinte: do melhor modo possível, as irmãs puseram este pouco de carne misturada com o chouriço num pedaço de ferro (porque não tínhamos nenhum utensílio – estavam à frente na outra parte da caravana) e colocámos isso sobre o fogo. Em quatro minutos, vendo que era impossível cozer, dividimos esta comida, tomando cada um pouquinho. Depois, cantando um pequeno hino de acção de graças, pusemo-nos no nosso sítio para passar a noite. Esta pareceu-nos um ano, porque nos foi impossível descansar e dormir.

4069

Nos nossos sofrimentos tínhamos um infável conforto ao pensarmos que sofríamos por Jesus Cristo e pelas almas. Oh, que indizível sabedoria mostrou o divino Salvador criando e construindo a cruz! A cruz é o conforto e o remédio mais poderoso para suavizar os males da vida, e estou convencido de que a cruz é o que dá força ao nosso Santo Padre Pio IX na sua prisão do Vaticano e que o torna temível para os corifeus da revolução cosmopolita.

4070

E com a parte da caravana que tinha seguido à frente que tinha acontecido? O seguinte: P.^e Luís Bonomi e o P.^e Afonso (que estava esgotado pelas febres passadas), vendo que eu tinha ficado para trás com as irmãs e o P.^e José, pararam várias vezes à nossa espera. Mas os patifes dos cameleiros não estavam de acordo com isso, pois diziam que era preciso chegar a um lugar onde houvesse água. Mais tarde os cameleiros fizeram crer aos missionários que nós tínhamos seguido outro caminho e que íamos adiante. Porém, soube depois que aquela noite, quando nós parámos, também os missionários o fizeram a uma hora de distância de nós; e como

eles tinham as provisões e a água, comeram e beberam o suficiente e deitaram-se a dormir também acompanhados pelos rugidos dos leões, mas sobre as suas esteiras. Pela noite, os camelheiros beberam toda a água dos missionários, devido ao qual, para não morrerem de sede, pela manhã continuaram a viagem até Schinjokaen, onde eles acreditavam, pelas palavras dos camelheiros, que nós tínhamos chegado.

4071

Porém, de facto não era assim. Chegada a manhã, em que pelo cansaço e sede nos encontrávamos com uma fraqueza deprimente, ordenei que nos puséssemos a caminho. Depois de mil sofrimentos e de seis horas de marcha entre os espinhos, alcançámos, mais mortos que vivos, o povoado de Schinjokaen, onde os nossos irmãos se preparavam para nos irem procurar na floresta com água e víveres. Apenas chegámos, devorámos água e leite e, preparando-nos para uma grande febre, agradecemos de coração a Deus por nos haver salvo.

4072

Oito dias mais tarde chegámos a El-Obeid, capital do Cordofão. Por este pequeno relato pode o senhor fazer uma ideia das viagens dos missionários e das Irmãs da África Central. Porém, como estas almas que com tantos esforços e penas inauditas vamos procurar já foram resgatadas pelo sangue de Jesus Cristo, estamos certos de que Deus nos ajudará e que a sua eminente caridade virá a socorrer-nos para bem da desventurada infância da África Central.

4073

Agora dirijo-me a si com lágrimas nos olhos, venerável monsenhor, rogando-lhe que apoie a minha causa no conselho central, a fim de eu poder ser ajudado quanto antes pela admirável Obra da Santa Infância e isto de dois modos: 1.º com as orações dos associados; 2.º, com abundantes esmolas da Santa Infância.

Se Deus o inspirar a socorrer-me, rogo-lhe que me dirija as cartas a mim, ao Insto. das Missões da Nigrícia, Rua do Seminário, 12, Verona ou a mons. o marquês de Canossa, bispo de Verona.

Nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, tenho a honra de me considerar com o maior respeito, de si, monsenhor,

Hum.mo e devot.mo servidor P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário da África Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 649 (619) - À MADRE EMILIE JULIEN
ASSGM, Afrique Centrale Dossier

J. M. J.

Roma, 8 de Abril de 1876

Minha rev.ma madre,

4074

Umás breves palavras para lhe comunicar que cheguei a Roma. Nestes últimos anos sofri as dores da morte. A guerra que me fizeram de todos os lados (e a madre conhece o principal autor dela; ele até utilizou uma ou outra Irmã) devia ter acabado comigo. Porém, eu vim a Roma e espero que a verdade e a inocência triunfarão. Encontrei Roma de braços abertos. O card.-prefeito recebeu-me com imensa bondade. Ordenou-me que fizesse um relatório sobre a história do Vicariato desde 1872 até hoje.

A Congregação de S. José desempenhará nela um papel tão clamoroso como bem merecido, porque a abnegação da congregação e de muitas Irmãs chega ao heroísmo. Desenvolvi o meu projecto de vos confiar completamente a vós o Insto. das Pias Madres da Nigrícia e de instalar (a congregação) em Verona e no Véneto. Estou orgulhoso da Ir. Verónica: é uma Irmã estupenda, observei-a bem no Cairo.

4075

A experiência fez-me compreender que não se deve prestar ouvidos a todos ao tratar das coisas. O homem só aprende com a experiência.

Não tenho tempo de lhe dar notícias pormenorizadas sobre a obra das Irmãs na África Central. No seu relatório à Propaganda e aos bispos e regulares é suficiente dizer que as Irmãs desenvolvem na África Central todas as actividades católicas: a instrução, as escolas, os orfanatos, os asilos de escravos, os doentes nos hospitais e no domicílio, os baptismos nos haréns e nas casas dos infieis, o apostolado (elas converteram almas à

fé), etc., etc. A Irmã na África Central é tudo. Quando eu tiver feito os relatórios em Roma, enviarei a Marseilha o meu incomparável secretário P.^e Paulo Rossi, que une a uma bondade angelical um eminente talento e um juízo, uma calma e uma prudência próprias de um homem de mais idade. A nossa madre provincial conhece-o a fundo.

Reze por mim, que tanto tenho sofrido, e que não estarei tranquilo até terminar os meus assuntos em Roma. Propuseram-se destruir-me; mas os cornos de Jesus Cristo são mais duros que os do Diabo. A verdade triunfará.

4076

Dê-me notícias da senhora de Villeneuve, a quem quero escrever. As melhores Irmãs e as mais úteis da África central são Sórora Emiliene e a Ir. Ana. A inveja e a maldade não podem tirar nada aos seus méritos.

Sem mais, por agora (salvo dizer-lhe que no dia 7 de Março ordenei ao P.^e Mauro que pagasse à madre provincial de Cartum o semestre do primeiro de Abril ao primeiro de Outubro de 1876 para as irmãs de Cartum e do Cordofão), sou nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria,

P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário da África Central

Num destes dias, quando receber a atribuição, far-lhe-ei chegar duzentos francos.

Original francês
Tradução do italiano

N.º 650 (620) - AO CARD. ALEXANDRE FRANCHI
ACR, A, c. 13/23

RELATÓRIO GERAL
Sobre o Vicariato Apostólico da África Central

Roma, 15 de Abril de 1876

Em.mo e Rev.mo Príncipe,

4077

Obedecendo ao grato convite de V. Em.^a Rev.ma, é para mim um dever apresentar-lhe sucintamente um quadro da história da santa obra para a Redenção da Nigricia, da actual situação do Vicariato da África Central e do carácter de estabilidade e perpetuidade que seriamente manifesta esta árdua e laboriosa missão, a qual é, sem dúvida, uma das obras mais sublimes e importantes do apostolado da Igreja Católica entre as nações infieis do universo.

4078

E antes de tudo, para uma melhor compreensão da história desta Missão e da sua situação geográfica, creio oportuno referir aqui a V. Em.^a as três Posições, relativas à erecção, às competências e à organização do vicariato, das quais a S. C. se ocupou, respectivamente, em Janeiro de 1846, em Maio de 1872 e em Agosto de 1874; e assinalar-lhe o mapa que tive a honra de apresentar à S. C. em 1872, no qual eu tinha traçado com precisão os limites dos vicariatos e prefeituras apostólicas de toda a África, com base em documentos que me foram mostrados pela Propaganda.

4079

A história do Vicariato deve considerar-se dividida em três períodos. No primeiro deles, esta grande missão encontra-se sob o governo do P.^e Ryllo, que morreu em Cartum em 1848 e, depois, sob a de vários sacerdotes seculares alemães e italianos até 1861. No segundo período, de 1861 a 1872, foi dirigido pelos rev. dos padres franciscanos. Finalmente, no terceiro período, o compreendido entre 1872 e 1876, encontra-se sob a direcção dos sacerdotes do Instituto para as Missões da Nigricia, fundado por mim em Verona em 1867 sob os auspícios do bispo mons. Canossa.

4080

O relatório que apresentei na Posição de Maio de 1872 explica que no primeiro período abriram-se quatro estações no Vicariato: a de *Schellal*, no Trópico do Câncer, junto à ilha de *Filé*, na Núbia inferior; a de *Car-*

tum, capital das possessões egípcias no Sudão, situado a 15 graus de lat. norte, na Núbia Superior; a de *Santa Cruz*, na tribo dos Kich, no 7º grau de lat. N., e a de *Gondokoro*, na tribo dos Bari, a 4º lat. N., no Nilo Branco. Durante os primeiros catorze anos do primeiro período derramaram nelas o seu suor pouco menos de 40 sacerdotes missionários europeus e quase todos pereceram vítimas da caridade, de imensas fadigas e da inclemência do clima. No segundo período, em que cedo se abandonaram as missões mais remotas, as de Sta. Cruz e Gondokoro, e, pouco depois, a mais próxima de Schellal, a acção apostólica concentrou-se na estação de Cartum. Aí trabalharam cerca de 50 franciscanos, em grande parte leigos, dos quais morreram 22 e quase todos os sobreviventes se retiraram para o Egipto ou voltaram para a Europa, permanecendo na Missão dois missionários e, às vezes, só um com um irmão leigo.

4081

Por último, no 3.º período, para além de muitos leigos coadjutores, bastantes Irmãos de S. José da Aparição e muitas mestras negras chegaram ao Vicariato e estabeleceram-se nele onze sacerdotes e três estudantes de Teologia do meu Insto. para as Missões da Nigrícia, de Verona, mais cinco padres camilianos. Pois bem, destes dezanove, nenhum perdeu a vida, mas sim todos vivem e trabalham com zelo nesta árdua vinha do Senhor. Disto resulta evidente que o Vicariato da África Central, nos seus começos e no seu desenvolvimento, foi pelos caminhos que a Divina Providência traça a todas as obras santas: o caminho das provas, das lutas e do triunfo.

4082

E aqui preciso de indicar de relance a origem dessa santa obra para a redenção da Nigrícia, que fundei sob os auspícios do ilustre bispo de Verona e que, com a ajuda dos Sacratíssimos Corações de Jesus e de Maria e de S. José, conseguiu, em tempos tão difíceis e calamitosos e através de muitas dificuldades e antagonismos, implantar-se em Verona, no Egipto e na África Central; obra que mantém e dirige actualmente este árduo e laborioso Vicariato.

4083

Entre os primeiros cinco missionários que a Santa Sé enviou à África Central, em 1846, estava o sacerdote P.º Ângelo Vinco, membro do instituto privado de P.º Nicolau Mazza, de Verona, no qual fui educado e do qual fiz parte de 1843 a 1867. Depois da morte do P.º Ryllo, P.º Vinco, que tinha regressado à Europa à procura de esmolas e de missionários, passou dois meses no mencionado instituto, o que foi providencial, pois induziu o ilustre sacerdote Mazza a educar e enviar para a África aqueles de seus filhos que mostrassem vocação para tão elevado ministério. Foi em Janeiro de 1849, quando, sendo estudante de Filosofia, jurei aos pés do meu venerado superior, P.º Nicolau Mazza, consagrar toda a minha vida ao apostolado da África Central – juramento a que, graças a Deus, nunca faltei nas mais variadas circunstâncias – e desde aquele momento só pensei em preparar-me para tão santa empresa. Assim, em 1857, quando estava no auge o primeiro período da missão, fui enviado com outros companheiros sacerdotes a Cartum e às estações do Nilo Branco, onde entre as mais duras provas me encontrei mais de uma vez à beira do túmulo.

4084

Nessa época tive ocasião de conhecer bem a língua, o carácter e os costumes de numerosas tribos da Nigrícia interior. Mas, passando a Missão em 1861 para as mãos dos rev.dos padres franciscanos, retirei-me do Vicariato, depois de ter realizado, por ordem do meu superior, uma importante expedição a Adem e às costas orientais da África. A 18 de Setembro de 1864, após ter assistido em S. Pedro do Vaticano à solene beatificação de Margarida Maria Alacoque, iluminou-me a mente, como relâmpago, o meu *Plano para a Regeneração da África*, que apresentei à S. C. Em seguida, concebi o projecto de assegurar a estabilidade e perpetuidade das missões da Nigrícia interior erigindo para as mesmas um instituto nalgum ponto da Itália e fundando dois estabelecimentos no Egipto para aclimatar os missionários e as missionárias e para os preparar adequadamente para o fadigoso apostolado da África Central.

4085

Porém, como me encontrava só e totalmente desprovido de apoios e de meios económicos para materializar a minha ideia e levá-la à prática, com autorização dos meus superiores percorri durante três anos a Itália, França, Alemanha, Inglaterra e outros países, exercendo o meu ministério sacerdotal, visitando e estudando as obras das missões estrangeiras, procurando ideias, protecção e subvenções e fazendo conhecer a importância da ideia concebida a quem me podia ajudar. Para isso contei com o apoio moral do Em.º card. Barnabó e de ilustres e eminentes personalidades eclesiásticas e seculares e, sobretudo, com o inestimável alento do nosso adorado Santo Padre Pio IX, que em Setembro de 1864 fez ressoar nos meus ouvidos a frase decisiva: *labora sicut bonus miles Christi pro Africa*. E, apesar de me encontrar perante insuperáveis obstáculos e de prever enormes dificuldades, tanto na Europa como na África, sempre confiei naquele Divino Coração

que palpitou e sofreu também pela infeliz Nigrícia e nunca me abandonou a esperança de triunfar na árdua empresa.

4086

Foi em 1867 que a Providência me assinalou o verdadeiro ponto de apoio, onde basear estavelmente o edifício da obra já concebida. Mons. Canossa, o bispo de Verona, tinha visto algumas vezes um grupo de afortunadas negras, que lhe apresentava o piedoso P.^e Olivieri para obter esmola; e, tocado de terna compaixão, mais de uma vez tinha sugerido e encorajado o ilustre P.^e Mazza, seu amigo, a que admitisse no seu Instituto feminino estas filhas da África interior para as instruir na fé, que elas depois poderiam dar a conhecer na sua pátria sob a direcção dos missionários. Tal é a razão pela qual, depois de pensar tudo bem, me dirigi a esse nobre e piedosíssimo prelado. Após ter-lhe exposto o meu projecto, supliquei-lhe insistentemente que tomasse a obra idealizada sob a sua protecção e que assumisse a direcção e a presidência, declarando-lhe que eu seria até à morte o seu braço e até o suporte de toda a obra; e que, quanto aos meios pecuniários e materiais, me ocuparia eu só de consegui-los por meio do ínclito patriarca S. José.

4087

O magnânimo bispo, animado dum espírito verdadeiramente apostólico, sem se queixar minimamente nem dos tempos calamitosos, nem da minha grande fraqueza e pobreza, nem da grandeza e dificuldade da empresa e animado e confortado pelo Santo Padre Pio IX, assim como por Sua Eminência o Card. Barnabó e por um grande número de bispos, a quem tinha tido ocasião de ver comigo em Roma nas solenes comemorações do XVIII Centenário do Martírio do Príncipe dos Apóstolos, assumiu a protecção da obra e o cargo de responsável e presidente da mesma. Assim, sob os seus auspícios, abri logo duas casas em Verona: um instituto para os missionários da Nigrícia e o colégio das missionárias, chamado *das Pias Madres da Nigrícia*. Para sustentar ambos os estabelecimentos criei a Associação do B. Pastor, sob a presidência do bispo, assistido por um conselho de respeitáveis personalidades eclesiásticas e seculares e o Santo Padre enriqueceu-a com indulgências plenárias.

4088

Tudo isto se fez depois de eu deixar para sempre o meu antigo instituto privado Mazza, que se tornara estéril, com o objectivo de fundar o novo Instituto das Missões da Nigrícia, para o submeter à aprovação da suprema autoridade da Igreja e colocá-lo sob o domínio absoluto da Santa Sé. Após ter posto à frente deste novo cenáculo de apóstolos da África o chorado P.^e Alexandre Dalbosco, antigo companheiro meu na missão da África central, parti para o Egipto com dezasseis mestras negras e três Irmãs de S. José da Aparição. Assim, a 8 de Dezembro de 1867, abria eu no Cairo, sob os auspícios de mons. Ciurcia, vigário apostólico do Egipto, dois estabelecimentos: um masculino, de *negros*, confiado aos sacerdotes do meu instituto de Verona, e o outro, feminino, a cargo das Irmãs de S. José da Aparição.

4089

Sobre a finalidade, o espírito, os regulamentos, o desenvolvimento e a situação dos institutos das missões para a Nigrícia, de Verona e do Egipto, erigidos em 1867, V. Em.^a Rev.ma pode ver a Posição de Maio de 1872. Entre os sacerdotes que me seguiram para o Egipto havia dois padres camilianos, Carcereri e Franceschini, que, tendo de abandonar o seu convento de Verona após a supressão das ordens religiosas na Itália, imploraram, por meio de mons. Canossa, visitador apostólico eleito das casas camilianas da província lombardo-vénetica e obtiveram da S. C. de Bispos e Regulares com decreto de 5 de Julho de 1867, a permissão de se associarem *ad quinquennium* à minha obra. Eles colaboraram comigo com muito zelo e actividade na gestão dos institutos do Egipto. Antes, tendo-me os interesses da obra chamado à Europa duas vezes, durante a minha ausência confiei a direcção dos estabelecimentos do Egipto ao P.^e Estanislau Carcereri.

4090

Em 1870 tive a satisfação de apresentar ao santo Concílio Vaticano um *Postulatum* subscrito por muitos bispos, o qual V. Em.^a, como secretário da congregação destinada a examinar as propostas dos padres, na tarde de 18 de Julho submeteu à assinatura do Santo Padre, para passar à Congregação para as Missões Apostólicas.

4091

Vendo amadurecer e prosperar os institutos preparatórios do Egipto, decidi-me a transplantar os seus frutos mais selectos para o interior da África. E como a experiência do primeiro período do Vicariato não tinha oferecido resultados demasiado brilhantes nas margens do Nilo Branco, animado pelo bom espírito dos meus missionários e especialmente do P.^e Carcereri, dispus-me a experimentar no interior, isto é, nos países situados entre o Nilo Branco e o Níger.

4092

Assim, depois de obter informação exacta sobre o reino do Cordofão, onde nunca tinha penetrado nenhum missionário católico, e sabendo bem que a sua capital *El-Obeid* era a sede do infame comércio de escravos, que aí afluíam de cem tribos do interior e dos vastos impérios de Darfur, Waday, Baguermi e Bornu, pensei fundar na capital do Cordofão uma missão, que devia ser o centro de operações e o ponto de partida para expandir gradualmente a acção apostólica aos países e tribos da parte central do Vicariato, tal como *Cartum* é verdadeiramente o centro de operações e o ponto de partida para difundir a fé nas vastas tribos que ocupam a parte austral e oriental do Vicariato. Tendo destinado para esse objectivo como exploradores os padres Carcereri e Franceschini com dois irmãos coadjutores do meu instituto de Verona, pus à frente da expedição o P.^e Carcereri, proporcionei-lhe os meios e o dinheiro necessários para se manterem todos durante dois anos, e dei-lhe as instruções oportunas, isto é, tomar a rota do deserto de Korosko e de Cartum, penetrar no Cordofão e, depois de explorar bem os pontos principais, fixar a sua residência na capital, El-Obeid, a partir de onde deviam explorar os costumes, a população, o clima e o governo do país; e, depois de terem examinado bem tudo, que me enviassem um relatório exacto e que ficassem à espera das decisões que eu pudesse obter da Propaganda.

4093

De facto, realizada em pouco tempo a idealizada exploração, o P.^e Carcereri enviou-me o relatório, que está inserido na parte final da referida Posição de 1872. Além disso, como ele me assegurou que se encontrava disponível em El-Obeid uma cómoda casa feita de areia segundo o uso do país, pelo preço de *mil escudos*, apressei-me a mandar-lhe de Roma essa pequena importância para a compra da dita casa, ordenando-lhe que permanecesse aí tranquilo até novas disposições e que se dedicasse entretanto a estudar a língua do país e a ganhar alguma alma, especialmente entre os meninos *in articulo mortis*. Entretanto, eu ocupei-me da minha obra de Verona, recolhi na Alemanha os fundos necessários para os institutos veroneses e do Egipto e, devidamente encarregado pelo bispo de Verona, vim a Roma para submeter a obra à sanção da suprema autoridade da Igreja.

4094

De acordo com as decisões da S. C. na assembleia geral de Maio de 1872, em que a Santa Sé confiou ao meu instituto de Verona para as missões da Nigricia todo o Vicariato da África Central e a mim o governo do mesmo com o título de pró-vigário apostólico, após honrar em Viena S. M. Apostólica o Imperador da Áustria-Hungria, protector das missões da África Central, de quem obtive grandes mercês, parti com uma boa companhia de auxiliares para o Egipto. Daí enviei imediatamente alguns dos meus missionários ao Cordofão, nomeando temporariamente o P.^e Carcereri meu vigário-geral e ordenando-lhe que tomasse posse, em meu nome, da estação de Cartum – a qual estava prestes a ser abandonada por dois franciscanos, reclamados pelo seu P.^e geral – e que arrendasse uma casa cómoda para nela instalar as irmãs e as mestras negras, que do Cairo eu levaria comigo para Cartum.

4095

Efectivamente, em Janeiro de 1873 saí do Cairo com trinta pessoas, entre missionários, Irmãs, coadjutores leigos, negros e mestras negras. Ao cabo de noventa e nove dias de viagem cheguei a Cartum, onde fui recebido em grande festa por parte do grande paxá, do I. R. cônsul austro-húngaro e da população católica e não católica. Alojsei as Irmãs de S. José e as negras na casa tomada de arrendamento e os missionários na ampla casa construída pelo meu antecessor, o dr. Inácio Knoblecher. Gastei um mês a organizar os estabelecimentos, o dos missionários e o das Irmãs, e a pôr de novo em andamento a missão de Cartum, quase extinta. Depois, deixando nela o P.^e Carcereri como superior, e como seu ajudante o eclesiástico Fiore, membro do meu instituto de Verona, empreendi a viagem ao Cordofão e cheguei a El-Obeid a 19 de Junho. Fui recebido por todos com grande júbilo, especialmente pelo paxá, o qual, talvez por temor, tinha suprimido dias antes a venda pública de escravos, que se realizava nas praças da capital.

4096

Não tendo Irmãs suficientes para estabelecer um instituto normal feminino em El-Obeid, levei para ali, de Cartum, a minha excelente e experimentada prima Faustina, que há mais de quatro anos estava destinada à casa do Cairo, com duas selectas mestras negras, para lhes confiar as negras que depois se resgatassem e as escravas fugidas: ou seja, a obra feminina do Cordofão.

4097

Instalei estas num ângulo isolado por um tabique de divisão, até que pude comprar um amplo e cómodo imóvel, onde estabeleci o instituto feminino sob a supervisão da minha mencionada prima, até que em Fevereiro de 1874, chegadas as Irmãs de El-Obeid, assumiram a direcção de toda a obra feminina. Assim, em muito breve tempo consegui preparar e organizar os dois estabelecimentos do Cordofão, que tanto bem trouxeram e trarão ao apostolado da Nigricia central.

4098

Desde 1848 eu conheci em Verona o excelente jovem negro Bajit Caenda, que, pertencente à nobre família dos Condes Miniscalchi, era oriundo da tribo de Gebel Nuba e conhecido na Propaganda. Nos largos anos de verdadeira amizade e trato íntimo que tive com este fervoroso católico africano, pude admirar com o bispo de Verona a sua extraordinária piedade, a sua fé inamovível e a sua admirável firmeza de carácter; de modo que, quase sem me aperceber, adquiri um alto conceito dos Nuba e repeti mil vezes ao excelente Bajit que eu não estaria contente enquanto não tivesse implantado a cruz de Cristo na sua pátria. Este desejo foi talvez um pouco abstracto nos primeiros anos do meu ministério, posto que a acção apostólica estava concentrada no Nilo Branco.

4099

Mas quando cheguei ao Cordofão e tive ocasião de ouvir falar todos os dias do país do Nuba, das boas atitudes e fidelidade dos servidores procedentes de lá e o interesse com que o Governo egípcio recrutava soldados entre as fileiras dos escravos Nuba que costumavam chegar a El-Obeid, então reavivou-se-me no coração mais que nunca o desejo de estudar os Nuba e de lhes levar a chama do Evangelho. Por isso preocupei-me grandemente por obter informações exactas sobre este povo vizinho e pus-me em contacto com um dos chefes da polícia do *Divã* do Cordofão, de nome Maximos, que entre as suas esposas tinha uma que era parente do grande chefe dos Nuba, com quem ele tinha íntima amizade. A Providência não tardou em conceder-me uma ocasião mais propícia.

4100

Tendo chegado a El-Obeid um dos chefes Nuba de Delen, chamado *Said Aga*, o referido oficial de polícia, Maximos, apresentou-me na Missão na manhã do dia 16 de Julho de 1874, dia consagrado à Virgem do Carmo, quando saíamos da igreja depois da costumada *hora de adoração* ao SS. mo Sacramento, que tenho instituída em todas as minhas casas do Egipto e do Vicariato e que se celebra todas as quartas-feiras *pro conversione Nigritiae*. Acolhi o chefe nuba com muita deferência e mostrei-lhe as oficinas de artes e ofícios, a pequena escola de negros e negras, toquei-lhe órgão e mostrei-lhe também o altar-mor bem adornado, a imagem de Nossa Senhora, etc. Vendo a extraordinária satisfação e o contentamento de *Said Aga*, exprimi-lhe o meu desejo de conhecer o grande chefe dos Nuba e dei-lhe a perceber que não estaria longe do meu pensamento estabelecer uma missão entre o seu povo.

4101

O bom *Said Aga* ficou de tal maneira impressionado pelas maravilhas que dizia ter visto na nossa missão de El-Obeid, que já de volta ao seu país falou tanto que fez com que o grande chefe, o *cojur* Kakum, se decidisse a vir ele mesmo visitar-me ao Cordofão. De facto foi para mim grata surpresa ver entrar na Missão de El-Obeid o grande chefe dos Nuba, com um séquito de mais de 20 pessoas entre chefes e criados, na manhã de quarta-feira, dia 24 de Setembro, dia da Virgem das Mercês, quando nós saíamos da hora de adoração *pro conversione Nigritiae*. Retive comigo todo aquele dia o grande chefe com o seu séquito, falando-lhe extensamente dos meus projectos e mostrando-lhe tudo. Repetiu a visita quatro dias consecutivos e ficou acordado entre nós que imediatamente depois das chuvas eu iria com alguns companheiros visitar o país Nuba, onde, após explorar o mesmo e examinar tudo, provavelmente estabeleceria uma missão. Com esta esperança, ele voltou à sua tribo cheio de espanto pelo que tinha visto e fora de si de alegria pela perspectiva da minha próxima exploração da sua terra.

4102

Já desde 16 de Julho, quando o chefe nuba *Said Aga* me veio visitar, eu informei os meus companheiros de Cartum do acontecido em El-Obeid e de que provavelmente realizaria uma exploração entre os Nuba. O P.^o Carcereri suplicou-me repetidamente que permitisse que ele me acompanhasse; até se ofereceu a levar ele mesmo a cabo essa exploração e a adiar, por essa razão, a sua viagem à Europa que tinha decidido fazer. Depois de ponderar bem tudo, convidei-o a vir a El-Obeid nos primeiros de Outubro; e, bem estudada e discutida a nova exploração, acedi a que ele a realizasse com outros companheiros e obtive do paxá que o mencionado oficial de polícia, Maximos, acompanhasse com um guia os meus exploradores. A dizer verdade, a exploração que levou a cabo o P.^o Carcereri foi muito breve, porque esteve unicamente no primeiro país, em Delen, e só por 40 horas; depois do que regressou a El-Obeid. Não obstante, no seu regresso ao Cordofão confirmou-me a verdade do que eu conseguira saber dos Nuba na visita *Said Aga* e na do grande chefe Kakum.

4103

A 17 de Novembro de 1873, o P.^o Carcereri partiu para Roma, onde chegou em Março de 1874. Eu, depois de ter preparado e organizado os dois estabelecimentos do Cordofão, regresssei à minha residência principal de Cartum. Nesta capital, como as Irmãs estavam numa casa arrendada, que, para além do mais, era um pouco pequena, construí, segundo planta nova, um edifício de 112 metros de comprimento feito de pedra e

de tijolos sólidos cozidos, com a ajuda recebida de diversos benfeitores meus privados, entre eles o imperador Fernando e a imperatriz Maria Ana de Áustria e o chorado duque de Módena; depois disso pude instalar lá a obra feminina, as Irmãs, o orfanato e a escola. Enquanto eu trabalhava com os meus companheiros no campo da missão, o P.^e Carcereri estipulava em Roma, em meu nome, um acordo, válido *por cinco anos*, com o rev.do P.^e Guardi, vigário-geral dos camilianos e outro com a superiora geral das Irmãs de S. José da Aparição.

4104

Com base no acordo com os camilianos ficou estabelecido que estes religiosos trabalhassem para a missão na estação a que o pró-vigário apostólico os destinasse. Além disso, assumi a obrigação de erigir uma casa camiliana em Berber, na qual, de quando em quando, se reunissem os religiosos, os quais deviam também atender espiritualmente os católicos que se encontram nas grandes províncias de *Berber*, *Suakin* (no mar Vermelho), *Taka* e na do antigo reino de *Dôngola*, sempre sob a dependência e jurisprudência do pró-vigário apostólico. Fiel aos compromissos contraídos nesse acordo, dei um salto a Berber, onde comprei e paguei totalmente a melhor e mais cómoda casa da cidade, situada junto ao Nilo. Aí deixei o P.^e Franceschini, ordenando-lhe que fizesse as reparações e melhoramentos necessários para alojar convenientemente nela uma ordem religiosa. A 2 de Março de 1875 instalaram-se lá cinco religiosos camilianos, entre eles o P.^e Carcereri como prefeito, e mais dois leigos. E a 1 de Abril, mediante decreto expresso, erigi canonicamente essa casa, confiando-a aos missionários camilianos.

4105

Eu consenti na introdução da ordem de S. Camilo de Lelis no Vicariato unicamente para facilitar cada vez mais a eterna salvação dos cerca de cem milhões de infiéis que há nele e para obter operários evangélicos solícitos, instrumentos para salvar o maior número possível de almas que me foram confiadas; e, além disso, para premiar os serviços que os padres Carcereri e Franceschini tinham prestado à minha obra. E estipulei o acordo *só por cinco anos*, a fim de ter o meio e o tempo suficientes para verificar se realmente a ordem de S. Camilo podia tornar-se útil para Nigrícia e tomar, assim, decisões oportunas.

4106

Quanto à fundação da nova missão de Gebel Nuba, que me foi ordenada pela S. C. e que iniciaram os excelentes missionários do meu Instituto de Verona P.^e Bonomi e P.^e Martini, bem como quanto à minha estada entre aqueles povos, à importância de tal missão e da sua regular criação, remeto para a minha relação de 10 de Outubro de 1875, que tive a honra de enviar a V. Em.^a Rev.ma do próprio país dos Nuba.

4107

De regresso de Gebel Nuba, estive em El-Obeid, depois em Cartum e daí desloquei-me para Berber; depois visitei a cidade de Suakin, no mar Vermelho, para conhecer as necessidades daquela localidade e administrar aí os sacramentos. Prolonguei a minha viagem até ao Cairo, onde, desaparecidos todos os obstáculos, mandei prosseguir a construção dos novos estabelecimentos preparatórios sobre um terreno que me tinha oferecido o quedge no melhor bairro da capital do Egipto, nos quais se instalaram há pouco os missionários e as Irmãs destinados à África Central, que até agora ocupavam duas casas arrendadas no Cairo Velho.

II

4108

Exposta a breve história sobre a obra da redenção da Nigrícia e sobre a fundação dos diversos estabelecimentos e missões do Vicariato da África Central, passo agora a descrever a V. Em.^a rev. ma *a situação presente do Vicariato e o carácter de estabilidade* que *seriamente* apresenta. Para tal fim, convém considerar o estado actual do Vicariato quanto a: 1) os estabelecimentos e os recursos que possui; 2) os operários que nele trabalham; 3) o clima e 4) a atitude do Governo e das populações entre as quais se exerce o apostolado.

4109

1. Pelo que diz respeito aos estabelecimentos para as missões da África Central, além do que se pode ver na primeira parte do presente relatório, existem dois deles adequados, em Verona: um para os missionários, outro para as irmãs, chamadas Pias Madres da Nigrícia, ambos com os seus respectivos quintais, suficientemente amplos e mantidos pela Pia Associação do Bom Pastor com a renda de dois palácios e de uma quinta que recentemente comprei não longe da cidade por 50 000 libras, dotada de igreja e de duas casas, uma de lavrador e a outra senhorial, situadas ao fundo da mesma. Nestes institutos são postos à prova os candidatos, que ali começam a sua preparação para as missões do Vicariato, a qual completam em dois estabelecimentos construídos segundo planta nova na melhor zona do Grande Cairo, onde se aclimatam, ao mesmo tempo que aprendem os usos e a índole dos negros, em favor dos quais trabalharão nas actuais estações inte-

riores de *Berber, Cartum, El-Obeid e Gebel Nuba* e nas futuras. Em cada um dos lugares mencionados, cujas respectivas populações ascendem a cinquenta mil e até oitenta mil habitantes, a missão da África Central possui estabelecimentos, para além da sólida e cómoda casa em *Schellal*.

4110

A casa de Berber, convenientemente equipada e suficientemente ampla para albergar os missionários e para exercer nela o ministério apostólico, conta com uma capela contígua e um adequado terreno convertível em jardim e está localizada num sítio conveniente tanto para os missionários que a habitam como para as nossas caravanas que chegam do Cairo pelo deserto de Korosko ou pelo mar Vermelho e o deserto de *Suakin*; foi confiada aos camilianos, que se encontram aí no centro dum vastíssimo território que têm a seu cargo. Ao longo de 112 metros está o estabelecimento masculino de Cartum, cuja sólida construção em pedra custou ao meu predecessor Inácio Knoblecher a soma de quase 70 000 libras; e igual comprimento tem o instituto feminino, que eu construí com pedra e tijolos bem sólidos no ano de 1875.

4111

Estes edifícios, separados entre si pela igreja, com a qual ambos confinam, cobrem quase todo um lado do quintal ou jardim da Missão. Este, que nos restantes lados está cercado por um muro em parte de terra e em parte de tijolo, abastece diariamente a missão com os seus produtos; e, além da poupança que isso representa, rende à mesma 3000 libras com as vendas ao exterior. E muito mais renderá quando se tiver aperfeiçoado o modo de fornecer a água, para o que se encontra bem situado, já que pelo lado oposto aos edifícios é banhado pelo Nilo Azul. Contando cada um com a sua própria capela, mas por agora construídos em barro, também se encontram dispostos e organizados os dois institutos de El-Obeid, convenientemente equipados e suficientemente amplos para alojar os missionários e as Irmãs, para acolher as escolas masculina e feminina e permitir, enfim, o exercício do ministério apostólico nessa populosíssima cidade.

4112

Quanto a produtos especiais, além do terreno comum, suficiente mas de escasso rendimento pela falta de água, essas casas só possuem dois armazéns, que, juntos, rendem 500 libras por ano e a *esmola fixa anual* de uns *trinta negritos*. Só as casas há pouco fundadas em Gebel Delen, primeira montanha do Gebel Nuba, é que não têm activo próprio; mas suprem totalmente esta momentânea carência os recursos comuns.

4113

É verdade que são enormes os gastos necessários para as construções, para as duas congregações religiosas introduzidas, para as viagens, para o sustento dos missionários, para os transportes, etc.; mas a Divina Providência sempre socorre nas necessidades, pelo que *nenhuma dívida* pesa sobre o Vicariato. As principais fontes do mantimento do mesmo, tanto no princípio como nos seus rápidos progressos e que o manterão no futuro, não são tanto os bens próprios de cada instituto e as generosas esmolas dos meus benfeitores privados, mas os ordinários contributos das sociedades benfeitoras de Colónia, cujas ajudas ascenderam até agora a 20 000 libras anuais (1), as menores mas sempre crescentes atribuições da Sociedade de Viena e especialmente as da Propagação da Fé, em contínuo aumento, de 45 000 para 54 000 francos anuais. Também contribuíram e contribuem para manter a Obra da Redenção da Nigricia as sociedades de S. Ludovico, de Munique, da Santa Infância e da Imaculada Conceição de Viena, e ainda a Obra das Escolas do Oriente.

4114

E aqui devo acrescentar a soma de 50 000 libras que me deixou no seu testamento o chorado duque de Módena (e que eu porei a render em favor da missão), cuja caridade generosa me confortou amiúde com importantes esmolas. Pelo que até aqui fica dito, ressalta que, graças à Divina Providência e à intercessão do glorioso patriarca S. José, a existência da missão para a Nigricia não corre nenhum perigo, tendo em conta os seus estabelecimentos e os seus recursos.

4115

2. Outro ponto muito importante para provar a estabilidade da Missão é o suficiente número de operários que, de três congregações, como de três cenáculos, vão exercer o apostolado nas abandonadas regiões da África Central: a) dos institutos dos missionários e das Pias Madres da Nigricia, por mim fundados em Verona, sob os auspícios do bispo mons. Canossa, provieram: o superior dos institutos do Cairo, os quatro sacerdotes que trabalham na missão de Cartum, os dois sacerdotes que dirigem a de El-Obeid, os outros dois que colaboraram no estabelecimento da missão de Gebel Nuba e que actualmente a têm a seu cargo, os três clérigos que estudam na estação de El-Obeid e os oito seculares, que ajudam os sacerdotes, ensinando cinco deles artes e ofícios. Todos estes são filhos do instituto masculino de Verona, que pios e activos trabalham comigo nestes campos, em benefício da infeliz Nigricia, dirigidos agora pelo meu representante, o prudente e sagacíssimo cônego P.^e Pascoal Fiore.

4116

Por outro lado, no instituto masculino de Verona há ainda, junto com dois clérigos, quatro seculares estudantes que aspiram ao sacerdócio e três seculares artesãos. Vários sacerdotes de diversas dioceses apresentaram pedidos de admissão nas missões da África Central, entre os quais cinco, vencidas as dificuldades que ainda lhes falta superar, serão admitidos ao noviciado para as missões da Nigéria do colégio de Verona. Além disso, tal como entre os artesãos e o clero, também no ramo feminino vão amadurecendo algumas vocações; e assim o Insto. das Pias Madres da Nigéria já acolheu, desde a sua fundação, dez noviças, as quais, dirigidas por uma excelente superiora, como é a que actualmente as governa, mostram dotes e qualidades muito adequadas para as missões da África Central.

4117

Para pôr em andamento de forma perfeita ambos os institutos só faltarão o professor e a professora de língua árabe; mas esta falta, pelo que os missionários tiveram que aprender o árabe nos institutos do Cairo, será superada. Quanto ao resto, o número de operários evangélicos oferecido pelos institutos de Verona não só é suficiente, mas até irá aumentando, porque pela sempre crescente difusão dos *Anais do Bom Pastor*, a obra tornar-se-á cada vez mais conhecida. E o Senhor, que já mostrou de várias maneiras a sua vontade de admitir no seu redil a tresmalhada ovelha negra, multiplicará entre o clero e o povo, segundo as diversas necessidades, as vocações ao apostolado, ao menos até que a própria África possa ajudar a Europa a regenerar a África.

4118

b) O Vicariato Apostólico da África central também obtém a colaboração da pia congregação das Irmãs de S. José da Aparição, cuja utilidade, não só nos países católicos mas também nos infiéis, tem sido tão fortemente elogiada pelos ordinários dos lugares onde prestou e presta os seus serviços. Desta pia congregação, da qual V. Em.^a é protector, encontram-se já destinadas, em virtude de um acordo, duas Irmãs nos institutos do Cairo, quatro em Cartum e quatro em El-Obeid, sem contar a habilíssima provincial que as governa, residente em Cartum, que já tinha sido durante trinta anos superiora nas missões do Oriente.

4119

c) Finalmente o terceiro cenáculo, do qual também, graças a um acordo, saem apóstolos a ajudar os missionários de Verona na conquista da Nigéria para o S. C. de Jesus, é a ordem camiliana, que até hoje proporcionou cinco sacerdotes e dois leigos. Ainda que, em razão do que acaba de se expor, se possa concluir que o número dos operários da Nigéria seja suficiente e suficientes sejam também as esperanças, contudo, a estabilidade do instituto poderia correr perigo não pelo número de elementos, mas pelo clima que não se adequasse à compleição dos europeus.

4120

3. O clima africano é tido como pernicioso para o europeu e com razão, porque entre os primeiros campeões da fé católica que iam para aquelas imensas areias, no primeiro ano morriam metade e no segundo ano pereciam quase todos os restantes. E verdadeiramente as margens do Nilo, e especialmente as do Nilo Branco, guardam os restos mortais de tantos robustos missionários que, tendo-se dirigido a Cartum e dali a Sta. Cruz e Gondokoro, morreram vítimas do seu zelo, assim como do clima. Porém, as provas feitas com diferentes caminhos e a larga experiência acumulada em relação àqueles lugares contribuíram finalmente para que se descobrisse uma linha ao longo da qual se encontra continuamente um clima não só menos pernicioso que o do Nilo Branco, mas na realidade bom e saudável, como se verificou que são o de Berber, El-Obeid e Gebel Nuba. E se é verdade que nesta linha o calor é algo mais intenso que nos países quentes da Europa, também é verdade que a sua intensidade varia segundo as diversas estações e que fica bastante moderado por um pouco de vento que sopra quase sempre, sobretudo nos desertos; e, de facto, torna-se proporcionalmente menos molesto que o calor de Roma.

4121

Em todo o caso, à diferença dos primeiros missionários, que dos seus países iam directamente para a parte central da África, agora nenhum deles sobe o Nilo sem se ter aclimatado previamente, permanecendo algum tempo nos institutos do Cairo, que se criaram para esse fim. Habitados nestes ao clima, os missionários e as irmãs podem avançar para o interior sem correr perigo certo. É verdade que a passagem da temperatura elevada do dia para a baixa da noite e alguma outra circunstância climática local poderiam ser nocivas para a saúde, em especial para a do europeu. A este respeito, unicamente a estação de Cartum seria pouco sã. Mas só no Inverno, isto é, nos dois ou três meses que sucedem à estação das chuvas, seria aqui menos sã que nas outras estações; e isto pelos miasmas que exalam as águas, as quais ficam estagnadas nas partes baixas da cidade. Tratar-se-ia, pois, duns efeitos que se sofreriam só numa breve temporada e que se poderiam impedir, como se impedirão, nivelando a superfície da cidade.

4122

Por outro lado, encontra-se um paliativo no clima do Nilo Azul, que banha a própria Cartum e o deserto que a rodeia. Um passeio por esse rio, uma estada de alguns dias, para os mais fracos, numa casa adequada num povoado próximo, constituem, contra as indisposições produzidas nessa breve estação, um remédio cuja eficácia imediata está já comprovada por experiência. Quanto ao mais, não é que o clima de Cartum seja absolutamente prejudicial; só requer um maior cuidado que nas outras estações e nas outras regiões ao tomar essas precauções sugeridas pela experiência de muitos anos e que não têm que implicar um grande sacrifício para o missionário, pois são mais ou menos as que se seguem nos climas quentes da Europa: ingerir comidas leves e estas com frugalidade; prescindir dos licores; usar com moderação o vinho, quando se tiver; proteger-se do Sol a certas horas e das chuvas.

4123

Com a prática destes pequenos cuidados, o clima de Cartum não é daninho na breve estação invernal e nas outras estações pode considerar-se saudável. Como verdadeiramente saudável é, em toda a época, com o uso da mesma cautela, o clima de Berber, o de El-Obeid e o de Gebel Nuba até para o europeu, sempre que não se tenha já saído do lugar da proveniência afectado de grave doença, em cujo caso se sucumbe; e a morte vem, haveria que dizer, não por causa do clima, mas da doença preexistente, como sucedeu com alguns dos que se consagraram à Missão da África Central. Por outra parte, residem e afadigam-se em Cartum e outros lugares do Sudão comerciantes europeus procedentes até dos climas frios da Europa. E vivem lá bastantes anos, apesar de não manterem os devidos cuidados.

4124

Portanto, os missionários e as Irmãs que, aclimatados no Cairo, passam directamente ao Sudão, com o uso das referidas cautelas, podem trabalhar aí certamente sem prejuízo da sua saúde. E na verdade os dezasseis sacerdotes europeus e três clérigos que desde 1871 até hoje chegaram às estações centrais não só gozam todos de boa saúde, como até alguns recuperaram ali a que não tinham nos seus países. Além disso, se o missionário europeu pode agora viver na África sem grande sacrifício, melhor poderá fazê-lo no futuro quando, com a introdução da agricultura e mediante os progressos materiais trazidos pela religião e com a religião, melhorar o clima de cada país. Então, se tendo certos cuidados o missionário pode levar na África uma vida tão sã como na Europa, deve-se concluir que a existência da missão não corre em África o menor perigo por parte do clima. Como tão-pouco corre perigo algum por parte das disposições do Governo e das populações.

4125

4.É geralmente admitido que gozar do favor do Governo e das gentes influi positivamente na segurança e no progresso de uma missão, tal como toda a gente reconhece que o aborrecimento por parte deles é um gravíssimo obstáculo não só para o desenvolvimento mas até para a existência da mesma, sobretudo entre os infiéis. Por isso, desde o princípio, procurei com grande desvelo ganhar as graças do povo e do Governo, coisa que, com a ajuda de Deus, pude conseguir; e agora deve ser preocupação de todos, na medida do possível, ao menos não convertê-los em inimigos. Porque hoje, graças ao Senhor, *nem por parte do Governo, nem por parte dos súbditos, nem pela das tribos livres* a existência da missão na África Central corre perigo algum.

4126

Sabe V. Em.^a Rev.ma que, favorecidos pela lei da liberdade de culto, os padres franciscanos têm tranquilamente as igrejas abertas ao público e uma na própria capital, no Grande Cairo. Do mesmo modo, como o poder egípcio entrou há trinta anos no reino do Cordofão, conhece-se a mencionada lei até aos últimos confins deste país. Assim, os governadores desses administradores fanáticos do vice-rei e das suas obras não ousaram ainda molestar seriamente os missionários católicos. E os fanáticos adoradores do grande sultão, seu soberano também no aspecto religioso, beijam religiosamente o grande *decreto* que a missão recebeu dele por meio do imperador da Áustria Francisco José I; e como têm bastante temor e respeito por toda a potência europeia, também temem e respeitam os missionários católicos por serem protegidas da Áustria, a qual está representada na África por dois cônsules, residentes um no Cairo e o outro em Cartum, os quais, também hoje e não sem eficácia, favorecem a missão.

4127

É verdade que nos primeiros tempos um ou outro governador nos mostrou alguma hostilidade, mas depois mudou de atitude: a lei que impede de ofender a missão, as boas graças do quédive, o *decreto* do grande sultão, a protecção da Áustria, representada também por cônsules amigos da missão, tudo concorre para que a religião católica tenha na África uma tranquilidade maior que nalgumas outras regiões mesmo civilizadas. E se o vice-rei concedeu à Missão grátis os serviços dos correios em todos os seus domínios e deu à mesma para os meus institutos do Cairo um terreno avaliado em 43 000 libras, o governador principal do Sudão, residente em Cartum, considera uma honra manter comigo amistosa correspondência, visitar-me frequente-

mente e emprestar-me nas viagens o vapor governativo ou o seu próprio. E concedeu-me vários favores para a missão e para outros, às vezes com prejuízo dos seus próprios interesses.

4128

Por exemplo, o Governo tira proveito da escravatura como de uma mercadoria; contudo, considera livres e já não susceptíveis de ser escravizados quantos, instruídos pela Missão, recebem desta a carta de liberdade e proíbe aos patrões que cometam actos de violência nas casas da Missão para recuperarem os escravos que nela se tiverem refugiado, depois de fugir das casas deles. É certo que às vezes, para favorecer o amo, com o subterfúgio de fazer justiça, o escravo fugido é chamado ao *Divã* do Governo e sub-repticiamente é devolvido ao amo; mas tal artimanha não é de uso constante nem geral. E este é um dos casos em que, às vezes, a Missão, ainda que magoada, se cala, a fim de manter para o maior bem da Nigéria a concórdia e a amizade com o Governo. Precisamente por esta amizade, foi de grande vantagem para a Missão a conquista do reino de Darfur, onde, durante o tempo da sua independência, nenhum europeu podia entrar sem perder a vida; ao invés, agora que caiu no poder do Governo egípcio, a Missão não tem que temer lá nenhuma hostilidade, embora se possa estar e trabalhar com mais segurança noutros países há mais tempo sujeitos ao mesmo Governo.

4129

Aqui a população, ainda que muçulmana fanática, não quer nunca problemas com o Governo, do qual é súbdita cega e temerosa; pelo que não se atreve a ofender os missionários católicos, nos quais vê pessoas que não só têm a protecção das potências europeias e do seu sultão mas também que são amigas do seu Governo e por ele preferidas. Isto não significa que o missionário nesses países desfrute de completa segurança e de absoluta liberdade de acção, de modo que não seja necessário utilizar a prudência e a habilidade e muitas vezes ter paciência; só quero dizer que, mediante o uso de certa circunspecção exterior e de algumas cautelas, os missionários podem ser, e são, temidos e respeitados, até ao ponto de fazer tolerar e também respeitar aí a religião católica, até mais que nalguns países da Europa.

4130

Tal como a existência da Missão não corre nenhum perigo nos submetidos ao Governo egípcio e, portanto, ao Islamismo, tão-pouco o corre entre as tribos livres e pagãs que ocupam o centro da África; porque, se algumas são inacessíveis, outras não mostram hostilidade nenhuma e a essas pode dirigir-se o missionário. Além disso, embora haja tribos totalmente adversas ao trato com o europeu, outras são-no apenas porque, por experiência própria ou alheia, sabem que o europeu fez malefícios, matando gente e levando outra como escrava; de modo que se, por experiência, as persuadirem de que o missionário vem com intenções de amigo, elas recebê-lo-ão bem, como aconteceu com a tribo de *Gebel Nuba*. Por esta confinar com o reino de Cordofão, teve ocasião de se convencer de que o missionário só procura trabalhar em favor dos povos no meio dos quais se encontra; e ainda que não permitissem que o branco em geral se aproximasse, a mim convidou-me e instou repetidamente a que fôssemos, nós os missionários, estabelecer-nos no meio das suas montanhas, onde seríamos recebidos com alegria e respeitados. E assim aconteceu.

4131

Pois bem, o sucedido com a tribo de Gebel Nuba pode acontecer com outras; e, para este fim, o missionário usará também da prudência e habilidade antes de procurar aproximar-se, tentando aprender a língua da tribo para onde quer ir e fazer amizade com alguém da mesma, especialmente com o chefe, do qual os demais dependem cegamente. Uma vez lá, o missionário não se porá imediatamente a falar de religião, mas procurará construir a residência, trabalhando ao mesmo tempo em favor da tribo, tratando os doentes, ensinando alguma técnica, etc. E, enquanto com a sua atitude digna ganha o respeito, com as suas boas maneiras, com a sua conversação, com os curativos e com outras artes ganha o afecto, ao mesmo tempo que aprende a índole e os usos da tribo; após o que já pode começar, da forma mais adequada e sindicada pela prudência, o exercício da actividade apostólica.

4132

De resto, pelo que foi dito até aqui, infere-se que, dada a independência das tribos pagãs entre si e do Governo, a religião católica, em geral, não correria perigo; e não falta todavia maneira de a tornar segura em toda a parte, como acontece presentemente em todos os lugares do Vicariato Apostólico da África Central em que se encontra, embora não falte uma ou outra tribo absolutamente inacessível, como as tribos nómadas dos Bagara, as quais poderiam provocar algum distúrbio passageiro.

4133

Terminando esta II Parte do presente relatório, dos diversos tópicos da mesma (na esperança de que o Senhor continuará a prestar ajuda para bem governar e conduzir sempre a sua obra para uma maior prosperidade) parece-me pode concluir fundadamente que a existência da Missão na África central é simultaneamente *estável e segura*, tal como na terceira parte, que se segue, aparecerá *suficientemente livre e eficaz o exercício da acção apostólica*, a realizar nela.

III Acção apostólica

4134

O missionário que, preparado nos institutos de Verona e completamente capacitado e aclimatado nos do Cairo, segue para o interior para trabalhar em benefício da Nigrícia nas estações e nos postos que o superior lhe atribuir, certamente encontrará, como em toda a parte, obstáculos e dificuldades no exercício do ministério apostólico. E devendo aqui referir-me às diversas religiões contra as quais o missionário tem que lutar, teria que descrever os horrores do cisma copta, que no meu Vicariato chega até aos últimos confins do Cordofão, do Islamismo predominante, que se professa na Núbia, no Cordofão, Darfur, Waday, Baguermi, Bornu e nas tribos árabes nómadas, e das superstições do paganismo, que predomina nas tribos centrais.

4135

Teria que referir de novo as lamentáveis cenas da escravatura, que acontecem todos os dias, e o bárbaro tratamento que sofrem os escravos no âmbito islâmico, que é pior que entre os pagãos. Mas para não me tornar enfadonho, repetindo o que tantas vezes foi lido nos relatórios, os quais, por seu lado, nunca chegam a descrever de forma efectivamente horrível aquelas míseras circunstâncias, contentar-me-ei só com a indicação das mesmas que fiz a V. Eminência.

4136

Obstáculo universal, quer dizer, obstáculo que, por toda a parte, a religião católica encontra na África Central, para além da antiga prática de certos usos imorais, é a natural apatia e indolência, em que nascem e crescem os indígenas da África. Pode ser que tal indolência se deva ao clima quente, mas sem dúvida é também fruto do desconhecimento das comodidades e da falta de necessidades. Habitados ao pouquíssimo que o seu pequeno pedaço de terreno, cavado e semeado pouco antes das chuvas, sem ulterior tratamento, lhes produz ao fim de três meses, o que, juntamente com os produtos dos rebanhos alimentados de pastos espontâneos e verdes na estação chuvosa, e às bagas comestíveis dos arbustos do deserto, os provê do necessário para um ano, não precisam de mais nada, e, portanto, não tentam aperfeiçoar – ou melhor aprender – a arte da agricultura. Além disso, como nalguns sítios andam seminus e noutros completamente nus, não sentem a necessidade de aprender a confeccionar roupas.

4137

Acostumados, por outro parte, a viver à intempérie ou em cabanas de terra e palha, não sentem ser necessário aprender alvenaria, pelo que se contentam só com admirar as obras do missionário. Habitados a não ver nas suas cabanas, fora o recipiente onde cozem o grão inteiro ou triturado sobre uma pedra, outros móveis ou utensílios para além dum grande vaso de terra onde guardam o grão e outro onde conservam a água, não sentem a necessidade de serralheiros e carpinteiros, pelo que não se preocupam em aprender tais ofícios. Estes infelizes não conhecem outras indústrias que a de temperar o ferro, que se encontra em quantidade nas areias do Cordofão, e a de fazer com ele facas, lanças e flechas. Mesmo encontrando-se na miséria extrema, estes povos são os mais ricos do mundo, porque, não possuindo nada, tão-pouco nada precisam; de modo que, neste aspecto, são naturalmente felizes. Mas ao não sentirem necessidade das artes tornam inútil, em parte, o ensino gratuito das mesmas, com o qual podia o missionário conseguir a sua amizade e assim exercer com maior facilidade e eficácia a acção apostólica entre eles.

4138

Isto acontece no princípio e especialmente no meio das tribos livres, onde a inexperiência da vantagem das artes torna aqueles habitantes indiferentes às mesmas; como a impossibilidade de as exercitar, em princípio, para os outros para proveito próprio os torna absolutamente inactivos. Contudo, a prática e o ensino das artes ajuda o missionário, senão a ganhar o amor da população ao menos a conseguir o seu respeito; enquanto para alcançar o afecto não faltam outros meios, como o exercício solícito e gratuito da medicina, as conversas, as prendas, o trato amável e algum ensino. E, enquanto trabalha com este fim, vai praticando visivelmente aquelas normas religiosas que, depois, com prudência, procurará difundir também mediante a palavra e impô-las aos costumes irreligiosos e pagãos.

4139

Para tal objectivo, ajuda a dependência do chefe por parte de todos os membros da tribo. Como todos se submetem a ele, as dificuldades que poderiam apresentar os diferentes indivíduos concentram-se num; e, assim, a eliminação dessas dificuldades por meio dele, embora não se produza imediatamente em todos, fica ao menos facilitada. Por isso, o missionário preocupa-se de modo particular com o chefe. Isto no que se refere à acção apostólica entre os adultos da tribo. E quanto à juventude, que facilmente se pode conseguir que assista à escola do missionário, recebe gratuitamente, juntamente com o ensino moral, o material, ainda que limitado a ler e a escrever e a algum conhecimento técnico que seja mais adequado para o lugar, porém, sem,

entretanto, multiplicar neles as necessidades, mas conservando-os, porquanto comportam a virtude e a religião nos seus usos.

4140

Assim, de modo gradual, se vão educando as mentes e os ternos corações dos jovens na religião católica, na sua fé e na prática dos seus preceitos, até que baptizados e maduros para o matrimónio, se unem catolicamente com alguma das jovens educadas ao mesmo tempo pelas irmãs. Esperamos que, deste modo, a cruz se irá introduzindo e triunfará também entre as tribos livres e pagãs. Entretanto, já se abriu o caminho para esse triunfo, ao ter-se penetrado em 1875 na tribo de Gebel Nuba, que dista de El-Obeid seis dias de deserto. Essa tribo apresenta à paciência do missionário as melhores esperanças, porque, encontrando-se repartida em vários grupos suficientemente numerosos pelos vinte montes que rodeiam uma planície de uma jornada de longitude, oferece maior facilidade de acção, ao poderem fundar-se pequenas e frequentes estações; porque nenhum interesse material vincula com o paganismo a população, nem tão-pouco o sumo sacerdote, que é o próprio chefe político; porque menor corrupção moral que entre os muçulmanos se encontra nessas tribos, cujos filhos, além do bom carácter, mostram boa inteligência e porque, embora pagãos de crenças e costumes, presumem ser cristãos e, ao menos, são geralmente adversos ao Islamismo.

4141

Por tudo isto, e pelo rogos dos meninos defuntos que os missionários baptizaram ao encontrá-los em perigo de vida, que, quais flores temporãs do apostolado, brilham agora no Paraíso, esperamos que a propagação da fé no meio da tribo dos Nuba tenha feliz successo.

4142

Com maior dificuldade e, portanto, mais lentamente, triunfará a religião católica entre o Islamismo, onde se encontram as outras estações. Isso é devido ao facto de ter de estabelecer as mesmas algo distanciadas umas das outras, de doze a quinze dias de caminho, porque tal é a distância a que se encontra reunida em grandes núcleos ou cidades, embora, apenas a umas jornadas destas, se encontrem dispersos povos e aldeias e até famílias isoladas nas montanhas nuas dos desertos. É devido também, para além da falta de missões católicas, a que aí existe, a par da indolência natural, a ignorância prescrita e a corrupção fomentada, a observância do Islamismo, para cujo derrube não há poder que baste.

4143

Não obstante, pondo em prática os meios que lhe permitam entrar nas famílias e ganhar o seu amor e respeito, tão pouco aqui o missionário vê completamente estéril o exercício da acção apostólica. Porque, se com os muçulmanos, cuja religião é predominante, se torna absolutamente infrutuosa a obra do missionário, que, por isso, se ocupa só em não torná-los hostis, não é tão ineficaz o seu trabalho com os europeus e com os católicos orientais de Alepo, da Síria e do Egipto, que só em Cartum são mais de duzentos, constituídos em famílias e dedicados ao negócio.

4144

Também há alguns, ainda que em menor número, em El-Obeid, em Berber e nas províncias submetidas à jurisdição desta e provavelmente serão cada vez mais, porque não deixa de crescer a actividade e de se incrementar o comércio. Igualmente circula entre eles o missionário para promover todo o bem possível, a observância dos preceitos eclesiásticos e divinos, a frequência da igreja e dos sacramentos e a educação dos filhos, e para evitar e impedir-lhes, tanto quanto possível, a prática do mal. Para esse fim, não poupa nada do que sugere a caridade: visitas, exortações, advertências, bem como atenção e alojamento gratuitos na sala a isso destinada da missão, no caso de algum necessitado cair doente, etc.

4145

De tal maneira, com a graça do Senhor, conseguiu acabar-se com certos maus costumes nalgumas famílias e noutras eliminar o amancebamento e regularizar um matrimónio legítimo, dando, por meio das Irmãs, formação católica à amante negra ou abexim; conseguiu-se também que quase todos vão à missa nos dias festivos e que muitos se confessem ao menos uma vez por ano.

4146

Não faltam os hereges e entre eles é vão o esforço do missionário, sobretudo nos lugares onde há sacerdotes coptas, os quais ameaçam de excomunhão a quantos cismáticos se atrevam a frequentar a Missão católica. Contudo, algo se conseguirá, lá onde os coptas não forem governados por sacerdotes, porque, salvo algumas excepções, os coptas agem de boa-fé e, por isso, respeitam e gostam do missionário católico. Mas se entre os coptas não se recolhe nenhum fruto, entre os cismáticos gregos verificaram-se nestes últimos dias três conversões à religião católica e estas, juntas às três outras famílias completas, constituem todos os ganhos da cruz junto dos cismáticos gregos.

4147

O campo que o missionário encontra semeado de mais belas esperanças fica entre os escravos. Esses infelizes, que estão destinados sobretudo ao serviço das famílias muçulmanas e superam largamente o número da

restante população, como provêm das tribos pagãs do centro, são mais fáceis de convencer que os muçulmanos a que abandonem o Islamismo, que se vêem obrigados a abraçar, dada a sua condição.

4148

É verdade que eles, adultos, são algo instáveis e que, encontrando-se em contacto com amos muçulmanos, abandonariam a religião católica; verdade é também que o missionário deve guardar-se de os baptizar, salvo sob a condição de que depois permaneçam na Missão ou sirvam numa família católica, ou se unam em matrimónio com uma das negras já católicas, vivendo do ofício que devem aprender para não se exporem ao perigo de apostatarem caso servissem amos muçulmanos; verdade é, enfim, que, por tudo isto, o missionário só pôde abençoar até hoje nove casamentos de negros em Cartum e cinco em El-Obeid; mas há alguns rapazes e raparigas que, ou porque alguém os deu, ou porque a missão os comprou, ou porque fugiram do seu amo, crescem acolhidos nas casas da missão, que os mantém como filhos adoptivos.

4149

O ano passado baptizei cerca de setenta desses. E são especialmente estes jovens que, unidos aos que os precederam – entre eles doze que me foram arrebatados de morte prematura – e aos que vierem depois, multiplicarão a Igreja Católica à volta das casas da Missão. Entretanto, o missionário dá a estes uma suficiente educação material quanto ao ler, escrever, fazer contas e exercer alguma arte, ministrando-lhes, ao mesmo tempo, uma completa formação na religião católica e nos trabalhos femininos por parte das irmãs.

4150

Ora bem, se, além do cuidado que os missionários e as Irmãs devem ter para conservar o respeito e a influência de que gozam entre a gente, para encontrar e baptizar os meninos moribundos dos muçulmanos, e para promover o bem e alguma conversão e impedir o mal entre os europeus católicos e entre os cismáticos, eles podem também dirigir a estes escravos, como especialmente dirigem, a sua solícita caridade, conclui-se que, também em terras muçulmanas, a cruz encontra campos nos quais pode triunfar, ainda que lentamente.

4151

Triunfará universalmente: não há razão para duvidar disso. Porque se o trabalho apostólico do missionário se viu premiado com suficientes frutos só nos quatro últimos anos, como se vê na terceira parte do presente relatório, maiores frutos produzirá nos anos vindouros, pois nas actuais estações se dirigirá unicamente a tal objectivo a acção do missionário, que já conseguiu obter suficiente liberdade, segurança e solidez. Liberdade, pois não só goza já de protecção, mas do suficiente respeito e amizade do Governo e das gentes.

4152

Segurança, porque o clima é favorável ao longo da linha em que se levantam os novos estabelecimentos e porque se tomaram e praticam medidas para preservar a saúde, concretizadas na aclimação no Cairo e em certas cautelas sugeridas pela experiência. Solidez, porque, se até 1867 a missão só possuía para trabalhar o apagado estabelecimento masculino de Cartum, subsidiado com três ou quatro mil francos anuais pela enfraquecida Sociedade de Maria, de Viena, agora está provido não só de suficientes ajudas privadas mas também de verdadeiras fontes de receita, como V. Em.^a Rev.ma pode constatar pela segunda parte do presente relatório; possui dois estabelecimentos em Verona, dois no Cairo, um em Berber, dois em Cartum e dois em Gebel Nuba, de cuja criação e arranque me ocupei especialmente nos dois últimos anos, como aparece na primeira parte do presente relatório.

4153

Assim, pois, a divina misericórdia, que, ao mesmo tempo que me ajudava a tornar a acção apostólica do missionário livre, segura e sólida, a fez também suficientemente eficaz para obter a eterna salvação das almas naquelas regiões abandonadas, terá por bem confortar o missionário com mais copiosos frutos, ele que agora consagrará unicamente ao santo fim a sua laboriosa caridade. Deus quer a redenção da infeliz Nigrícia, quer! E nos lábios do missionário, como sincera expressão do seu sentimento, soarão constantemente as palavras: «*Nigrícia ou morte!*»

Prostrado, beijo-lhe a sag. púrpura e declaro-me com respeito e veneração,

De V. E. rev.ma hum. e devot.mo filho

P.^e Daniel Comboni

Pró-vigário ap. da África Central

(1) A Sociedade de Colónia obrigou-se, numa carta ao Santo Padre e à Propaganda, a dar-me todas as suas receitas *ad sexenium*, como consta da Posição de Maio de 1872.

Verona, 13 de Maio de 1876

N.º 652 (622) - A Mme. A. H. DE VILLENEUVE
ACR, A, c. 15/180 n.º 2

J. M. J.

Roma, 24 de Junho de 1876
Piazza del Gesù 47, 3.º

Minha caríssima senhora,

4154

Como fui desafortunado de não estar em Verona quando a senhora estava em Milão! Um telegrama que me chegou à Áustria, a Viena (de onde fui Froshdorf passar um dia com o mais santo dos reis, mons. o conde de Chambord), chamou-me a Roma, onde estou a trabalhar em pleno para conseguir que a Propaganda possa tratar em plena congregação, no Vaticano, os assuntos da África central.

4155

Por conseguinte, é-me impossível, por agora, ir à Suíça. Mas seja na Suíça, em Paris ou em Prat-en-Raz, eu irei passar um dia consigo e com as esposas, os filhos e os meus queridos amigos.

Mando-lhe umas cartas que me deu a superiora de Roma, se bem que me pareça um pouco problemático enviar-lhas, porque não consigo entender bem a sua direcção. Porém, vou tentar, registando as cartas para as reclamar oficialmente no caso de não chegarem. Tenha a bondade de me fazer saber rapidamente se recebeu esta.

Envio-lhe também a petição atendida por Carlos Igghiens, de Paris.

Mil saudações ao sr. Augusto e senhora e para si as melhores atenções e sentimentos do seu sempre devoto

P.º Daniel Comboni
Pró-vigário apostólico
da África Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 653 (623) - AO CARD. ALEXANDRE FRANCHI
SCR, S, c. 13/23

Roma, 29 de Junho de 1876

COMPLEMENTO AO RELATÓRIO GERAL
sobre o Vicariato Apostólico da África Central
apresentado ao Em.º Sr. Card. Alexandre Franchi
prefeito geral da S. C. da Propaganda Fide
em Abril de 1876

Em.º e Rev.mo Príncipe,

4156

Depois de ter exposto, ainda que sucintamente, no relatório apresentado no mês de Abril passado a história e os progressos da Missão da África Central e de ter demonstrado a sua estável segurança, para provar ainda mais o carácter de estabilidade que a Missão adquiriu, creio necessário acrescentar, na presente informação, com a exposição das normas disciplinares a que estão sujeitos na África os meus missionários procedentes do instituto de Verona, a prova da suficiência dos mesmos para sustentar as actuais e futuras missões

do Vicariato; e com a exposição da administração temporal, a prova também da estabilidade de meios económicos suficientes. Após isso, passarei a explicar as relações entre o Vicariato e as duas Congregações religiosas dependentes e a conduta dos padres camilianos Carcereri e Franceschini em relação ao Vicariato. E em primeiro lugar:

4157

I. Os missionários, leigos e sacerdotes, que levados a comungar dos mesmos princípios nos institutos de Verona e que, com o espírito aí temperado sob a direcção de um mesmo reitor e segundo as condições da Nigricia, se incorporam, depois, nas missões do Vicariato da África Central, nas tarefas que lhes são distribuídas pelo superior, devem trabalhar procurando não só o bem material, mas sobretudo e especialmente o espiritual daquelas pobres almas, que desde há tantos séculos gemem abandonadas ao escárnio do Demónio. Mas seria vã ou pelo menos coroada de menos frutos a obra do missionário sem uma lei que o governasse e lhe dirigisse as suas acções. Por isso, para além do superior supremo, que se encarrega do governo geral de toda a Missão, cada uma das estações tem à sua frente um superior local, responsável da missão concreta que lhe foi confiada.

4158

Este, exercendo de ordinário também funções de pároco, deve como tal andar entre a gente, pôr-se em contacto com as famílias para conhecer as suas necessidades, restabelecer a paz nas discórdias, eliminar certos maus costumes, levar os católicos ao cumprimento dos preceitos eclesiásticos e divinos, a fim de, em suma, procurar, onde puder e com a máxima prudência, impedir o mal e promover o bem, procurando ao mesmo tempo obter e conservar, com a sua conduta, a estima pela religião e o amor e o respeito pela Missão. Deve manter os registos da paróquia e das missas celebradas e ordenar e dirigir as funções normais da igreja, assim como as solenidades estabelecidas, com o maior decoro que lhe permitirem os meios económicos à sua disposição, persuadido de que, mais que a palavra é a pompa externa o que atrai a mente e o coração do africano, sobretudo no princípio. E se para ele, como pároco (sendo o fim da obra o bem da população), não deve haver outra lei principal que a necessidade da população, moderada só pela prudência, como superior, segundo as várias e diversas exigências dessa lei, pode e deve valer-se da ajuda dos outros missionários, dependentes sempre imediatamente dele. Além disso deve vigiar o bom funcionamento interno da casa, quer dizer, procurar que todos cumpram do melhor modo possível os seus deveres individuais e gerais.

4159

É dever particular dos leigos, depois de terem rezado em comum com os jovens negros as orações da manhã e participado na missa, dedicar o seu dia aos serviços manuais da casa, aos trabalhos da terra e ao ensino de alguma arte manual aos negros; e no fim da jornada recolher-se na igreja para rezar o terço em comum com os padres e com os negros e para o exame de consciência. E imediatamente antes de ir dormir reunir-se de novo na igreja com os negros para rezar as orações da noite. Estas são obrigações próprias dos leigos. Do mesmo modo é particular dever do sacerdote administrador vigiar os trabalhos, atendendo primeiro às necessidades e a seguir a tudo o que for útil para a casa, etc. e do sacerdote professor dar com o devido interesse aulas aos negros nas horas estabelecidas.

4160

Do director e confessor extraordinário das Irmãs – sempre diferente do pároco, seu confessor ordinário – é particular dever ajustar-se às constituições da congregação das Irmãs de S. José da Aparição, E deve não raramente informar o superior supremo da sua partida, como da própria o pároco, do mesmo modo que, por sua parte, o administrador de cada missão deve ordinariamente enviar no fim de cada trimestre uma informação exacta ao administrador-geral.

4161

Além disso, para além da celebração da missa diária e do ofício divino, prescreveu-se a cada sacerdote a meditação diária de três quartos de hora, que, sendo possível, se deve fazer antes da missa e só nalgum caso extraordinário de impossibilidade são dispensados de tais deveres. De igual modo, todos – sacerdotes, leigos, Irmãs, negros e negras – são obrigados a participar na hora de oração que se faz na manhã das quartas-feiras de todas as semanas, assim como na bênção que, precedida das orações estabelecidas para o efeito e de sermão sobre o S. Coração de Jesus, tem lugar com o Santíssimo exposto na noite da primeira sexta-feira de cada mês e nas outras bênçãos e novenas usuais. Por outro lado, se se dispôs que os leigos e os negros e negras se confessem ao menos cada quinze dias, os sacerdotes devem frequentar o sacramento da penitência todas as semanas e todos os anos retirar-se por oito dias, separadamente das Irmãs, na solidão dos santos exercícios, para restaurarem o seu espírito e inflamá-lo ainda mais de zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas.

4162

Estas são as disposições gerais e comuns. E, ao acrescentar ainda que é proibido, especialmente aos leigos, entrar nas famílias sem ter antes recebido autorização para isso do superior, que os negros não podem

sair sem a devida licença e que, a todos, incluídos os sacerdotes, é vedado pôr-se em comunicação com as Irmãs sem necessidade e sem razão derivada do cargo, terei terminado a exposição das normas disciplinares a que estão sujeitos até hoje na África Central os missionários do meu instituto de Verona. As mesmas, sem ser rigorosas, são suficientes para conservar a virtude em todos os que a elas estão sujeitos e oportunas para a acção intensa que, na subordinação ao chefe, se deve desenvolver em favor dos povos extremamente necessitados e abandonados. E verdadeiramente, com a prática dessas normas, o meu suficiente grupo de missionários deu-me até hoje motivos para me sentir recompensado e satisfeito.

4163

II. Pelo que respeita ao número de missionários, embora já tenha falado disto no relatório geral de Abril passado, creio que ainda posso acrescentar algo mais no presente, sobretudo para demonstrar que o instituto de Verona fornece missionários em número suficiente para sustentar as missões, mesmo futuras, da África Central.

4164

E em primeiro lugar ocorre dizer que as Irmãs de S. José da Aparição, juntamente com as mestras negras são suficientemente numerosas para atender às missões actuais; isso pode ver-se facilmente na declaração feita a este respeito na Informação de Abril passado. E não há dúvida de que, por muito rapidamente que progreda a Missão, contará com suficiente ajuda do elemento feminino. De facto, não só se disporia sempre das Irmãs de S. José da Aparição, cuja madre geral nos deve prover delas em força do acordo estipulado em 1874, mas também o *Instituto das Pias Madres da Nigricia*, por mim aberto em Verona e que já acolheu 15 elementos, nunca deixará de mandar colaboradoras para as missões da África Central.

4165

Quanto à suficiência do elemento masculino para as actuais e futuras missões do meu Vicariato, também é indubitável: se o instituto masculino de Verona forneceu missionários em número bastante para manter as missões agora existentes, o mesmo continuará a fazer. E há a assinalar que, dada a singular eficácia da mulher no Sudão, a grande ajuda que, por isso, prestam as Irmãs aos missionários, o pessoal de cada estação interior é suficiente quando for formado por *três sacerdotes e dois leigos*. Pois bem, prescindindo do da estação de Berber e dos meus Institutos do Cairo, os quais têm o pessoal necessário, segundo as condições que lhe são próprias, o pessoal das estações de *Cartum, El-Obeid e Gebel Nuba é suficiente*, segundo a proporção indicada, como manifestei na informação geral de Abril passado. E acontece que ainda se encontram mais *três clérigos* que em breve terminarão os estudos de teologia; ainda por cima, hoje o instituto de Verona oferece *cinco leigos, seis estudantes*, dois deles clérigos, e *cinco sacerdotes*, missionários para as actuais estações.

4166

Por isto pode-se ver facilmente que os institutos de Verona têm proporcionado até agora à nossa cara Missão um número mais que suficiente de missionários; não há, pois, razão para duvidar que ofereçam pessoal suficiente lá mais para diante. É, na verdade, grande o amor que pelas missões da África Central se despertou na província veronesa; grande também o entusiasmo que para com elas se suscitou na Alemanha e numerosos os sacerdotes que solicitam ser admitidos no instituto veronês para as missões da Nigricia. É de crer, portanto, que a sempre crescente propagação dos nossos *Anais do Bom Pastor*, ao difundir cada vez mais extensamente o conhecimento da obra, multiplique e determine vocações cada vez mais numerosas, quer entre o sexo feminino quer entre o clero e artesãos.

4167

III. Provada assim a suficiência dos missionários, que forneceu e fornecerá o instituto de Verona para as actuais e futuras missões do Vicariato da África Central, passarei a falar da administração geral por mim conduzida nos últimos anos. A este respeito deverei: a) provar que foram exactamente satisfeitas as pensões combinadas com a congregação das Irmãs de S. José da Aparição e com a ordem camiliana, se bem que disto tenha ocasião de falar quando expuser as relações do Vicariato com as congregações religiosas dependentes; b) provar a oportunidade, e mesmo a necessidade, das despesas realizadas, embora, por as principais dizerem respeito às obras de construção feitas no Cairo, em Cartum e em El-Obeid, tenha ocasião de me referir a elas no n.º 2 da informação da conduta dos padres Carcereri e Franceschini. Quanto ao resto, creio poder dispensar-me de provar a necessidade dos gastos efectuados para a abertura da Missão de Gebel Nuba e dos que, para dotar de suficientes e estáveis recursos os institutos de Verona, realizou, por ordem minha, o prudente reitor e excelente ecónomo dos mesmos, P.^e António Squaranti.

4168

Preocupação grave e despesa também pesada provocam as provisões quotidianas; e, dado que na sua maior parte não se podem fazer senão no Egipto, como, a pedido meu, tem vindo a fazer até agora anualmente o superior dos Institutos do Cairo, aos gastos das copiosas provisões de comida e roupa, tecidos, ferragens,

madeira, etc., há que juntar os correspondentes ao transporte dos géneros até Cartum e de Cartum até às diversas estações em embarcações ou em camelos. Além disso, a estes gastos devem somar-se os relativos às compras que, em acrescento às provisões gerais, cada estação tem de, cada dia, fazer nas lojas sudanesas, mais os originados pelas viagens dos missionários e Irmãs da Europa para o Cairo, do Cairo para Cartum e daqui para as várias estações.

4169

E se, para além das referidas despesas, se tiver em conta a longa duração das viagens, de cinco e mais meses, durante os quais os missionários devem viver das provisões gerais, a dificuldade em recebê-las rapidamente do Cairo, o que obriga a comprá-las, entretanto, ao elevado preço do Sudão, a diversidade de necessidades das várias estações, e o valor diferente das moedas menores nos diversos países e nas diversas épocas do ano, compreender-se-á facilmente que não são pequenos os gastos do Vicariato da África Central e que não é fácil a sua administração. Contudo, o Vicariato *não tem nenhuma dívida*, e cada estação e cada estabelecimento sempre foi até agora abastecido do necessário, sem que, por outro lado, se tenha gasto em excesso ou sem necessidade nem em construções, nem em viagens, nem em provisões, etc.

4170

Mas se um missionário diferente do superior supremo fosse encarregado da administração geral, poderia dirigir e controlar mais facilmente os múltiplos gastos; por isso, já escolhi e nomeei um sacerdote idóneo para esse cargo, e também porque eu estou muito sobrecarregado com todas as outras importantes tarefas inerentes ao cargo de responsável supremo de tão trabalhosa missão. Por outro lado, graças à poderosa assistência do ínclito patriarca S. José, que se converteu no verdadeiro ecónomo da África Central desde que o Santo Padre o proclamou protector da Igreja Católica, este Vicariato nunca carecerá dos necessários recursos. No momento em que escrevo, não só *eu não tenho nenhuma dívida na África nem noutra parte*, mas, além disso, todas as missões do Vicariato estão suficientemente providas de dinheiro e provisões para todo este ano de 1876. Além disso, *tenho 20 000 francos ouro depositados a seis por cento* no estabelecimento do banqueiro inglês Brown aqui em Roma, para além do dinheiro necessário para a próxima expedição de missionários e Irmãs para o Egipto.

4171

Como se poderá duvidar jamais da Providência divina, nem do solícito ecónomo S. José, que, em *apenas oito anos e meio*, e em tempos tão calamitosos e difíceis, me mandou *mais de um milhão de francos* para fundar e pôr em marcha a obra da redenção da Nigricia em Verona, no Egipto e na África interior? Os meios económicos e materiais para sustentar a missão são a última das minhas preocupações. Basta pedir.

4172

IV. De facto, o Vicariato possui hoje as seguintes *receitas anuais estáveis*:

- a) O quintal de Cartum que produz por ano o valor defr. 3000
- b) A renda de dois armazéns no Cordofão.....fr. 500
- c) A esmola anual, estável, de um devotíssimo cónego siciliano para manter 30 negrosfr. 4000
- d) Renda de 2000 florins da nobre família do príncipe reinante de Liechtenstein de Viena, fundo secular para o resgate de escravos, que desde há quatro anos, após pias diligências perante essa distinta família, foi transferido para a África Central: igual a.....fr. 4500
- e) Esmolas de missas dos missionários, calculadas num mínimo defr. 3000
- f) Renda do legado de 50 000 fr. que me deixou o duque de Módena, cuja importância receberei certamente em Outubro, segundo me assegurou há duas semanas o conde de Chambord e que constituirei num fundo susceptível de dar um seguro produto anual de.....fr. 3000

fr. 18000

4173

Além do pequeníssimo rendimento das paróquias, *existe a perspectiva de próximos e muito substanciosos legados*, que porei em renda fixa.

Há, além disso, benfeitores meus particulares, riquíssimos príncipes, que se mostram cada vez mais generosos. Porém, mesmo prescindindo de tudo isto, estão as sociedades benfeitoras europeias, que nos quatro últimos anos, desde que eu sou pró-vigário apostólico, me deram em *média cada ano*:

A Propagação da Fé de Lião e Paris.....	fr. 50 000
Em Colónia, a Sociedade dos Negro	fr. 20 000
Em Viena, as Sociedades de Maria, da Imaculada Conceição e da Santa Infância e, em Munique, a de S. Ludovico, etc., contribuíram <i>ad minimum</i> com.....	fr. 20 000 fr. 90 000

4174

Ora bem, para sustentar a missão, sem contar os gastos extraordinários das obras de construção, etc., bastam só 50 000 francos, compreendidas as viagens, o mantimento das estações, etc. Portanto, enquanto continuarem os donativos das sociedades da Europa como no passado (e há, antes, perspectivas de aumentarem), eu posso empregar o resto em fundar capitais estáveis e em atender ao desenvolvimento da Missão. E se se produzisse um cataclismo na França, que pusesse fim às ajudas da Propagação da Fé, ficar-me-iam os donativos de Colónia e de Viena, ou seja, da Prússia e da Áustria; se o cataclismo fosse na Prússia, ficar-me-iam os donativos de Lião e de Viena; e se na Áustria, ficar-me-iam os donativos da França e da Prússia.

4175

E se acontecesse um cataclismo na França, na Prússia e na Áustria, então correriam a mesma sorte que a África Central quase todas as missões do mundo. Mas ainda assim *ficaria sempre S. José, triunfador de todos os cataclismos do universo*; de modo que, da minha parte, a esperança permanecerá sempre inquebrantável. Tudo isto pelo que se refere às missões interiores da África Central, sem incluir os institutos de Verona, os quais dispõem de bens para o seu sustento.

O que fica exposto até aqui, como adição ao relatório apresentado no passado Abril, creio que basta para provar suficientemente o carácter de estabilidade que alcançou a Missão da África Central. Pelo que passo a explicar as

Relações entre o Vicariato e as congregações religiosas dependentes

4176

No Vicariato colaboram com os missionários do meu Instituto de Verona:

1. As Irmãs de S. José da Aparição.
2. Os religiosos da Ordem de S. Camilo de Lelis.

Quanto às Irmãs de S. José da Aparição, o acordo estipulado entre a madre geral e mim, em Agosto de 1874, cumpriu-se pelas duas partes com mútua satisfação. No princípio, as superiores dos estabelecimentos femininos e eu mesmo encontrámos algumas dificuldades, dadas as circunstâncias particulares dos lugares. Mas depois tudo foi feito por ambas as partes segundo o espírito do acordo, com plena satisfação da madre provincial residente em Cartum. Quanto ao mais, no que respeita ao zelo, abnegação e actividade que em conjunto desenvolvem estas Irmãs nas missões da África Central, eu não tenho senão elogios, da mesma maneira que em geral elas estão satisfeitas do modo adequado com que respondo à sua solícita colaboração.

4177

A respeito dos religiosos de São Camilo, digo: a) que o acordo estipulado entre o rev.mo P.^e Guardi e mim a 24 de Agosto de 1874 foi por minha parte cumprido exaustivamente; b) que o P.^e Carcereri, prefeito da casa camiliana de Berber, *não o cumpriu nalgumas partes substanciais*, e até o facto de o P.^e Carcereri faltar aos seus deveres me obrigou a gastos bastante importantes.

a) *Quoad primum*: o P.^e Carcereri escrevia-me assim de Roma, a 17 de Julho de 1874: «Sem dúvida o meu primeiro dever é agradecer-lhe de todo o coração pelo acordo redigido e assinado consigo para a nossa existência canónica como missionários camilianos na África Central... Agora cabe-lhe a si preparar casa e capela em Berber... *seriam precisos dez quartos, pelo menos, e lugares anexos, cozinha, refeitório, recepção... e, além disso, capela e, se fosse possível, locais para escola, enfermaria e creche.*»

Anexo A

4178

Se considerarmos que o número de católicos em Berber não passava então, como tão-pouco agora, de seis, vê-se logo quão excessivas eram as pretensões. E se, ao menos, me tivesse concedido um pouco de tempo... Mas pediu e quis que se comprasse ou se construísse logo tal casa. De facto, com data de 18 de Agosto de 1875, escrevia assim de Verona ao superior dos institutos do Cairo: «Com o próximo correio

mandar-lhe-ei cópia do acordo camiliano já ultimado e assinado pelo bispo de Verona, pelo P.^e Guardi e pelo cardeal (mas o acordo tem a data de 24 de Agosto de 1874): tenha a bondade de a submeter em seguida ao senhor pró-vigário, rogando-lhe que faça *preparar imediatamente* a casa de Berber, por ser *desejo da Propaganda* e do geral que *a nossa chegada se efectue a instalação canónica.*»

Anexo B

4179

Não creio que V. Em.^a desse ordem. A verdade é que, ao receber estas notícias, eu mantive-me quieto em Cartum, porque não considerei prudente aventurar-me a novos gastos (além dos muitos que então tinha e desprovido de dinheiro suficiente por culpa do P.^e Carcereri, como se verá depois) antes de receber oficialmente da Propaganda o acordo. Já uns meses antes, eu tinha escrito a Carcereri, rogando-lhe que, entretanto, trouxesse os seus companheiros para Cartum, onde ficariam só até eu ter preparado e equipado a sua casa em Berber.

4180

Contudo, a 27 de Setembro assim me escrevia do Cairo: «Tenho por certo que à minha chegada a Berber tudo esteja lá arranjado para a nossa instalação: *sobre isto não posso transigir e muito menos levar os meus companheiros provisoriamente para Cartum, como parece ser desejo do senhor.* Dado que o contrato deve entrar em vigor não mais tarde que o dia 1 de Janeiro, como verá na aprovação da Propaganda... tenha a bondade de fazer preparar a casa para nós em Berber, de modo que para fins de Novembro esteja pronta e em ordem.»

Anexo C

4181

E assim, secamente, me escrevia a 4 de Outubro do Cairo o P.^e Carcereri: «*Digo-lhe claramente que de nenhum modo levo os meus companheiros para Cartum e que, se não encontrar pronta a casa de Berber, regresso com eles a dar conta a quem de direito.*»

Anexo D

4182

Era esta a linguagem usada comigo pelo P.^e Carcereri noutras cartas e numa ao P.^e Franceschini, que ele me leu, na qual declarava que queria para Novembro uma grande casa com treze quartos, salas, aulas, enfermaria, igreja, farmácia, jardim, etc.

Permita-se-me fazer agora uma observação. Nos primeiros de Novembro, altura em que recebi o acordo camiliano, com o encargo de manter as outras estações e com a obrigação de proporcionar a casa de Berber, eu estava sem dinheiro suficiente para tudo isso, porque o P.^e Carcereri tinha forçado o superior do Cairo com cartas ameaçadoras da Europa e, depois, no Cairo de viva voz, a entregar-lhe todo o meu dinheiro, no seu afã de mo trazer ele mesmo e proibiu-lhe que o enviasse pelo meio normal, mais rápido e seguro, do Governo egípcio; por causa do quê tardou a chegar às minhas mãos não já um, mas quatro meses. A notícia oficial do acordo não a recebi até aos primeiros de Novembro; e o P.^e Carcereri, que conhecia a situação precária da minha caixa, pretendia que em fins de Novembro eu tivesse comprado e equipado já a casa que ameaçadoramente ele reclamava. Tal facto revela o carácter do P.^e Carcereri.

4183

Parece-me que, quando a Propaganda aprova um acordo para a fundação de uma casa religiosa em terras tão remotas, onde não existem as técnicas nem as facilidades da Europa, se entende que concede ao encarregado da missão o tempo necessário, ainda que seja um ano, para pôr em prática o projecto concebido. Contudo, o P.^e Carcereri não quis fazer caso da minha situação e com desconsiderada pretensão tão precipitadamente me obrigava a empreender a compra ou construção naquele momento difícil. Nos negócios requiere-se tempo e calma. Eu podia ganhar tempo; todavia, *pro amore pacis*, conhecendo eu a fundo o carácter do P.^e Carcereri, esforcei-me por contentá-lo.

4184

Corri a Berber, que dista quinze dias de Cartum. O Senhor fez-me encontrar nesta cidade uma das suas casas maiores e sólidas e resolvi comprá-la logo. Paguei por ela 25 000 *piastras* berberinas, ainda que, se tivesse tido um par de meses de tempo, poderia tê-la adquirido a melhor preço. Instalei nela o P.^e Franceschini com um dos meus leigos e, no mesmo mês de Novembro, voltei a Cartum. Bem equipada e provida,

a casa satisfizes totalmente o P.^e Franceschini, que a descreveu numa carta ao seu geral, da qual, com autorização do P.^e Franceschini, mandei cópia a V. Em.^a Rev.ma. Até agora cumpri até de mais o acordo.

4185

Por outro lado, o artigo X do mesmo estabelece que o Vicariato deve contribuir anualmente para a casa camiliana de Berber com 5000 fr. numa ou duas prestações semestralmente antecipadas. Também isso cum-pri.

De facto, pelo que respeita ao primeiro ano, desde 1 de Março de 1875 a 1 de Março de 1876, antecipei o ano inteiro, calculando os gastos que Carcereri realizou na Europa e por ele reconhecidos. Porém, como o P.^e Carcereri não quis reconhecer certas somas gastas a meu cargo, dizendo-me que não as tinha que pagar ele, mas o seu geral, em Junho, ou seja, no quarto mês, encarregou o administrador da casa camiliana de Berber, o P.^e Franceschini, que revisse e encerrasse as contas.

4186

De facto, examinado tudo, o P.^e Franceschini passou-me o recibo regular das contas saldadas até 1 de Março de 1876, como anunciei a V. Em.^a de Cartum, e eu obriguei-me a adiantar-lhe 2000 fr. (e adiantei-lhos) sobre as prestações futuras. Mas como o P.^e Carcereri não estava de acordo com o critério de Franceschini, apesar das cartas deste e do outro camiliano, o P.^e Afonso Chiarelli, que assegurava que, para evitar discussões, eu lhe tinha dado muito mais do que lhe competia; para me tirar de tal situação molesta, deixei-lhe, com outro dinheiro, os 2000 fr., e paguei-lho a seu modo, deixando-o satisfeito. Eu, a dizer a verdade, perdi nisto não pouco dinheiro; mas fiz tudo na esperança de um futuro melhor.

4187

Quanto ao primeiro semestre deste ano de 1876, entre 1 de Março e 1 de Setembro, declaro tê-lo pago. E eis como. O Vicariato recebe sempre em Cartum o dinheiro vindo do Cairo por meio do Governo. Como o paxá governador de Cartum deve passar ao quédive os rendimentos de todas as possessões egípcias no Sudão, aceita de boa vontade as ordens de pagamento do Ministério das Finanças do Cairo para as efectuar a quem se destinam. Mas como havia guerra com o Darfur e a Equatória, a qual requeria muitos gastos, o quédive ordenou ao governador geral do Sudão, paxá Ismail Ayub, que destinasse à guerra os rendimentos sudaneses. Por esta razão, o Ministério das Finanças do Cairo não aceitou, no momento, o encargo de fazer pagar as minhas somas em Cartum, como consta da carta que o cônsul austríaco do Cairo me escreveu e da qual cito um passagem: «Lamento não poder enviar-lhe a remessa de 100 napoleões de ouro, porque o Ministério das Finanças egípcio declara não poder dispor *transitoriamente* da referida importância em Cartum.»

Anexo E

4188

Perante tal dificuldade para fazer chegar o dinheiro da missão ao Vicariato, procedi, por esse momento, da maneira seguinte: como uma senhora de Berber, que sempre tinha tido excelentes relações comigo e com os meus predecessores no cargo de pró-vigários, tinha que fazer certas compras no Cairo por uns 14 000 francos, ao passar eu por Berber no dia 1 de Janeiro deste ano, roguei-lhe que me encarregasse a mim disso e permitisse que eu gastasse do meu dinheiro do Cairo a referida importância; entretanto ela retinha em Berber os 14 000 francos, para depois, a ordem minha os transferir para as nossas casas do Vicariato. Note-se que *as chaves do cofre do dinheiro desta senhora católica as tem e conserva o P.^e Carcereri*, porque os empregados e encarregados que esta senhora tem em casa são todos uns ladrões. Por isso, cada vez que quer tirar do cofre uma importância, deve depender do P.^e Carcereri, o qual leva as chaves e está presente enquanto os encarregados tiram o dinheiro, pois ela encontra-se doente.

4189

Pois bem, a 7 de Fevereiro, dei ordem a esta senhora de pagar a Carcereri o semestre antecipado de 2500 fr. à conta do meu crédito e, ao mesmo tempo, avisei Carcereri que retirasse da dita senhora o seu semestre. Eu sei que as minhas cartas chegaram a Berber a 2 de Março. Aquela senhora esteve sempre disposta a atender os meus rogos; por outro lado, o P.^e Carcereri tem as chaves do seu cofre e só precisa de abrir a boca para obter da senhora qualquer importância. Assim, ouvi com o maior assombro o rev.mo P.^e Guardi no passado mês de Maio dizer que o P.^e Carcereri não tinha podido retirar a prestação do semestre até 5 de Abril. Eu transmiti-o ao P.^e Franceschini, que estava com ele em Madalena, para se informar bem se era possível que o P.^e Carcereri não tinha recebido o dinheiro. Em qualquer caso, creio ter feito quanto estava nas minhas mãos para atender ao que era meu dever. Fazer mais é impossível, porque não há outro meio.

4190

b) *Quoad secundum* – O Artigo I do acordo estabelece que os camilianos que forem destinados à África Central *devem ter já feito a profissão dos quatro votos próprios da ordem*. Contudo, o P.^e Carcereri, *com autorização do seu rev.mo P.^e geral*, levou para o Vicariato os seguintes indivíduos *vestidos de religiosos camilianos*, os quais não só não tinham feito os quatro votos próprios da ordem *mas nem sequer o noviciado*, como consta do escrito feito pelo seu punho e que ele, Carcereri, me enviou para Cartum a 30 de Abril de 1875.

Anexo F

4191

1.Ir. José Righetti, de 36 anos: munido da letra obedencial do geral, com *autorização de fazer em Berber o noviciado*.

2.Ir. José Bergamaschi, de 40 anos, que, membro do meu instituto de Verona, jurou servir durante dez anos, sob a minhas ordens, a missão da África Central. *Recebeu, no Cairo, o hábito de camiliano*, e isto sem ter dito uma palavra nem aos meus representantes, nem a mim, mas *com a autorização do rev.mo P.^e Guardi*.

4192

Se no acordo eu quis que não fosse destinado à África nenhum camiliano que não tivesse feito os quatro votos da ordem, foi para estar certo da vocação dos religiosos, a fim de não gastar dinheiro inutilmente, trazendo-os para África sem vocação. Assim aconteceu com o tal Bergamaschi, que, depois de viajar à minha custa de Verona para o Cairo e do Cairo para Cartum e Berber, há uns meses, largou o hábito camiliano, fugiu de Berber e refugiou-se na Missão de Cartum. O P.^e Carcereri queria que eu reconhecesse o noviciado de Berber. Neguei-me decididamente quanto aos postulantes que viessem da Europa, porque, disse, “os enormes gastos da viagem destes para a África são *certos, mas não assim* a sua vocação”, como, de facto aconteceu no caso de Bergamaschi, com o qual gastei mais de mil francos inutilmente e isto pela maravilhosa cabeça de Carcereri.

4193

O Artigo III do acordo prescreve que os camilianos estejam à plena disposição do pró-vigário, que pode destiná-los a qualquer tarefa e estação do Vicariato.

O P.^e Carcereri faltou a isto, sob pretexto de que *a Propaganda (???) tinha ordenado* que todos devem permanecer um ano em Berber. Faltou: a) negando-me em Abril o P.^e Franceschini, embora mo tenha concedido depois de insistir várias vezes; b) negando-me em Janeiro o P.^e Afonso Chiarelli para Cartum, com o pretexto de que devia estar em Berber para confessar o seu irmão, o P.^e Baptista, que não se queria confessar ao P.^e Camilo Bresciani, por este ser demasiado jovem.

4194

O Artigo VII confia aos camilianos a ocupação ordinária paroquial de visitar os católicos das províncias de Suakin, Taka e o reino de Dôngola. Após 16 meses da entrada em vigor do contrato, não foi visitado nenhum desses lugares. Na minha viagem de regresso à Europa, eu visitei a cidade de Suakin e, regulados os assuntos religiosos, celebrei a *primeira missa*, pois, até então, nunca tinha sido celebrada nenhuma naquela cidade do mar Vermelho.

4195

No Artigo XVI e último, dispõe-se que cada ano o superior dos camilianos apresenta ao pró-vigário apostólico uma informação sobre Berber e sobre o andamento da obra camiliana, que o mesmo deve transmitir depois à Propaganda com observações próprias. Nos 16 meses desde que a casa Camiliana está erigida, o P.^e Carcereri não me apresentou nenhuma informação e, por consequência, não posso transmiti-la a V. Em.^a Rev.ma.

4196

E aqui, sem me dilatar mais, creio poder concluir:

a) Que por ambas as partes e com mútua satisfação se cumpriu o acordo respeitante ao Vicariato e às Irmãs.

b) Que o acordo com os camilianos, cumprido pela minha parte, não foi inteiramente respeitado pelo P.^e Estanislau Carcereri.

*Comportamento dos padres Estanislau Carcereri e José Franceschini
em relação ao Vicariato*

4197

Quando em 1874 consenti estipular um acordo com a ordem de S. Camilo de Lelis, o meu único objectivo foi simplesmente aumentar no meu imenso Vicariato o número de bons operários evangélicos, que me ajudassem a salvar o maior número de almas e, ao mesmo tempo, atender ao desejo da Propaganda (como fica expresso nalguma carta que o P.^e Carcereri me escreveu de Roma e que darei a conhecer), segundo o qual eu devia fundar no Vicariato uma casa camiliana, para que ajudasse os meus missionários naquelas obras próprias do espírito do seu instituto, que é a assistência aos enfermos.

4198

É certo que desde o princípio dei-me conta de que Carcereri *aspirava a sacudir-se um dia da dependência* do pró-vigário apostólico e a *fazer sua a missão confiada ao instituto de Verona*. Porém, não acreditei nunca que pudesse consegui-lo:

1. Porque a natureza das obras do instituto camiliano traz consigo, na cura das almas, a dependência dos ordinários.

2. Porque nunca acreditei que a Santa Sé consentisse em confiar uma Missão independente a esta ordem, que desde S. Camilo até hoje nunca teve missões, nem governo de dioceses, mas sempre trabalhou sob a dependência *quoad curam animarum* dos respectivos ordinários.

3. Porque nas condições em que se encontra o Vicariato da África Central é *necessário que só um seja o responsável dessas missões*, ainda que elas fossem cem. E creio que isso será necessário durante muitos lustros, talvez um século, porque se houvesse mais chefes e não actuassem durante um só e mesmo princípio, todas elas correriam perigo de ser destruídas, pela diversidade de relações com os governadores militares do Sudão.

4. Porque, pela experiência que tenho destes oito anos, partilho a opinião do sapientíssimo bispo de Verona, mons. Canossa, e de muitas outras personalidades, de que a ordem de S. Camilo, dada a sua natureza e finalidade especial, não é apta para manter totalmente, por si mesma, uma inteira missão e muito menos da África Central, que é a mais árdua e trabalhosa do universo.

4199

Não obstante, para ver o que pode fazer a ordem camiliana na África Central, acedi a fundar a casa de Berber para os camilianos e a estipular com o rev.mo P.^e geral Guardi um acordo *ad quinquennium*, para experimentar nesses cinco anos que benefícios os camilianos podem levar à Nigricia. Isto para, no caso de serem verdadeiramente úteis, estabelecer com eles um contrato novo e estável e, no caso de a sua presença se tornar pouco benéfica ou prejudicial, os devolver à Europa.

4200

Ora, os padres Carcereri e Franceschini não só tentaram tornar-se independentes do pró-vigário apostólico prematuramente, como *fizeram todos os esforços para fazerem ruir a minha obra* e para erigir sobre as ruínas da mesma a obra camiliana; e isto com a calúnia, com meios ilícitos e da maneira mais reprovável. Para demonstrar a verdade da minha afirmação podia estender-me muito largamente; porém, à penetrante argúcia e profunda sagacidade de V. Em.^a Rev.ma bastará que eu submeta alguns documentos autógrafos, que ainda conservo, só com algumas breves observações.

4201

Em primeiro lugar, ele tentou destruir os institutos preparatórios e de aclimação do Cairo; e isto contra a minha vontade e enganando-me a mim e à Propaganda. E aqui é necessário assinalar que em 1872, depois de ser nomeado pró-vigário apostólico, não aceitei o conselho de mons. Ciurcia, vigário apostólico do Egipto, que me sugeria que eliminasse o instituto feminino do Cairo e mandasse para a reforma no convento das Irmãs do Bom Pastor as minhas Irmãs de S. José da Aparição destinadas à África Central. Depois parti para o centro da África e ele mandou-me dizer pelo superior dos meus institutos do Egipto que eu devia estabelecer um acordo com ele sobre o *modus vivendi* dos meus institutos do Cairo. Eu mandei para o Cairo o acordo, mas não se fez nada.

4202

Quando em 1874 o P.^e Carcereri partiu para a Europa, encarreguei-o e ele aceitou estabelecer o desejado acordo, como se vê pelas cartas que ele me escreveu do Cairo com datas de 8 e 13 de Março de 1874: «Na passada segunda-feira fui visitar mons. Ciurcia... Abordado o assunto do acordo, ele respondeu-me que P.^e Comboni já devia ter recebido resposta da Propaganda... Eu limitei-me a responder que, já que S. E. queria ater-se ao *ius comune*, não se compreendia facilmente por que motivo tinha solicitado o acordo, uma vez que não havia necessidade de escrever o que estava impresso. Então ele, sentindo a força da observação, respondeu: "Mas quer que o meu sucessor me chame burro?" Eu calei-me e ele também».

4203

«Segunda-feira passada, como lhe tinha prometido a si na minha última carta, fui ter com mons. o delegado e dei-lhe outro toque. Ele alargou-se a explicar-me que o acordo seria inútil, mesmo que se quisesse fazer... Assim que é ele que agora rejeita o acordo e, indirectamente, elogia-o a si por não o ter feito e condena-se a si mesmo que o queria com tanta insistência. Está claro que não deixei de lhe fazer ver com boas maneiras a sua contradição, mas em vão. Eu possuo dois documentos seus com os quais posso pôr a questão em evidência ante a Propaganda no caso de...»

Anexo H

4204

Por isto pode-se ver que eu não encarreguei o P.^e Carcereri de suprimir os institutos do Cairo, mas que estipulasse com o delegado apostólico *o acordo, que supõe a existência dos mesmos*. Contudo, ele escreveu-me de Roma, a primeira vez com data de 7 de Abril de 1874, desta maneira: «Venho da Propaganda... respondi *comme il faut* quanto ao acordo com o arcebispo e mostrei uma carta em que ele confessava não saber de quem dependiam *in spiritualibus* as Irmãs, o que provava que era ele quem tinha provocado o acordo. *Baixaram a cabeça; mas disseram-me que eu tinha feito bem em suprimir os institutos do Cairo, e querem que conste na Propaganda*».

Anexo I

4205

Andava eu atónito por esta primeira e inesperada notícia de um facto tão precipitado e também pela Propaganda, quando muito poucos dias depois recebi de P.^e Rolleri, superior dos institutos do Cairo, a carta que, com data de 18 de Abril de 1874, lhe tinha escrito de Roma o P.^e Estanislau, na qual li: «O novo contrato com as Irmãs já foi combinado nas suas linhas gerais; falta só assiná-lo formalmente, o que faremos, espero, segunda-feira próxima... *Sobre as Irmãs acordou-se que não haja nenhuma no Cairo: as aspirantes à África Central serão acolhidas no hospital, pagando nós o seu sustento*. As ordens a respeito disso dar-se-ão após a assinatura do contrato... *Por agora não diga nada disto às Irmãs, mas actue com cautela e discricção*, ao menos até que a geral lhes escreva a elas, o que fará depois da assinatura, ou seja, a semana que vem...»

Anexo J

4206

Portanto a destruição dos institutos do Cairo estava a ponto de se tornar realidade e indício disso é a decisão definitiva já posta em prática pela geral. De facto, assim escreve ele de Verona, com a data de 11 de Maio: «...Quanto à casa, se há esperança do terreno de que me fala, aceite-o; trata-se agora de uma simples casa para os missionários, *porque as irmãs estarão no hospital com as outras mediante o pagamento de uma pensão*. Falo das irmãs que se devem aclimatar e têm a obediência para o interior: as outras já foram postas à disposição da geral...».

Anexo L

4207

Que a Propaganda aconselhasse realmente a eliminação dos institutos do Cairo, que em verdade fosse isso acordado com a geral e que esta começasse a levar a cabo a decisão tomada, tal como revelam as cartas do P.^e Carcereri, eu não o acreditei; é verdade que o P.^e Carcereri escreveu isso, como também escreveu ao P.^e Rolleri, dizendo-lhe que a Propaganda queria confiar-lhe a todo o custo uma prefeitura apostólica no vicariato, *independente da minha jurisdição*; mas que ele, *sendo um cavalheiro*, a rejeitou decididamente; até tivera que enviar à Propaganda o seu rev.mo P.^e geral Guardi para rogar a Sua Eminência que o dispensasse de tal prefeitura (???)

Anexo K

4208

Pelas três cartas antes citadas, também se vê claramente que o P.^e Estanislau tinha acordado eliminar os institutos do Cairo, não já provisoriamente por esse ano, mas de forma estável e para sempre. Que ele pretendia isto contra a minha vontade, deduz-se evidentemente da carta que, de Verona, escreveu a P.^e Rolleri, com data de 18 de Agosto de 1874: «Pensei consigo que, na verdade, é um gasto inútil a presença permanente no Cairo tanto de quatro como de duas irmãs sem nada que fazer, quando é possível suprir muito bem o

acordo já assinado e rubricado... *Na Propaganda todos me deram razão de não ter uma passividade permanente no Cairo*».

Anexo M

4209

Com isto, não pode ser verdade o que respondeu à geral, como me respondeu de Roma, com data de 3 de Julho de 1874: «A m. geral acusou-me... de me ter desembaraçado de um momento para o outro das Irmãs... Disse que em Abril roguei à madre geral que retirasse as Irmãs que não quisessem ir para o interior. E ficando só *uma* disposta a ir connosco se lho ordenassem, roguei que lhe desse a obediência definitiva e lhe permitisse juntar-se às outras Irmãs até Setembro, altura em que a levaria comigo. Sendo só ela, podia juntar-se às outras provisoriamente, a cargo da missão. E diz agora que as pus na rua?»

Anexo N

4210

Nem pode ser verdade o que *com juramento* atesta na que me dirigiu de Verona a 26 de Junho de 1874, isto é, que ele tinha acordado com a geral a transferência das Irmãs para o hospital só por aquela vez até à sua partida para o interior. Transcrevo a seguir grande parte da dita carta que, junto com a inflexibilidade de carácter do P.^e Carcereri, revela o seu *ódio para com a geral dessas Irmãs*, contra as quais, noutras cartas, escreve que, *façam bem ou mal, por ele podem ir enforcar-se*, que se lhe tornaram tão desagradáveis e anti-páticas, que as não considera *mais que uma coisa*, inúteis, ociosas, etc., etc. «A madre geral brinca ou pretende brincar consigo, comigo e com toda a África Central. Juro que acordei absolutamente com ela: 1) a mudança das Irmãs *hac vice* para o hospital, mediante pagamento de uma pensão, até à partida para o interior. 2) o novo contrato. Ela acusou-me agora a respeito disso perante a Propaganda; *mas, coitadinha dela!*...Pensa que o P.^e Estanislau é como mons. Comboni e ignora que eu sou *um címbrio*.

4211

Combinei com ela bastante bem com base nos documentos, e agora apresso-me a ir a sua casa, tanto foi o medo com que dela fiquei. Esta vez meteu bem a pata na poça; *o card. Franchi não é Barnabó: é mais meu que seu*. Os factos demonstrá-lo-ão. Não sei se lhe escreveu alguma coisa a si. Porém, para sua orientação, não julgue sem ter ouvido a minha versão. E não tema, que eu sou *címbrio: Indrio ti e anca muro* (1). Julgará depois. *Fiz calar o bico a mais de um*; quando tenho razão, *sou uma besta, ninguém a vence*. Coitada! Se nunca lhe aconteceu, este é o primeiro solene fiasco que faz. *Já empunhou suficientemente a vara para mandar nos tempos de Barnabó*; agora é outra época, que ela não conhece ainda e que eu farejei como um cão de caça...».

Anexo O

4212

Por esta carta se vê que a geral acusou o P.^e Estanislau perante a Propaganda. Se isso foi assim, só pôde acontecer após uma carta que escrevi à superiora das minhas Irmãs do Cairo, na qual declarava que não era minha vontade que as irmãs passassem para o hospital, mas que permanecessem no instituto, pelo que eu ordenava àquela superiora que não saíssem de lá, salvo após um aviso da Propaganda. Moveu-me a escrever essa carta a notícia da próxima mudança das Irmãs para o hospital, previsto para os começos de Julho, como fica claro na citada carta do P.^e Estanislau, datada de 11 de Maio de 1874. Fui forçado pela necessidade a escrever à minha superiora dos institutos do Cairo e não ao P.^e Estanislau, pois por me ter chegado tarde a notícia da mudança, já não tinha tempo de o impedir escrevendo sobre isso ao P.^e Estanislau.

4213

A mencionada superiora deve ter mandado a minha carta à geral e esta possivelmente usou-a para desfazer na Propaganda o que se tinha acordado contra a minha vontade. Dito isto, não sei com quanta razão ele se me queixa tanto, até ao ponto de renunciar à dignidade de vigário-geral, *de se declarar indiferente a quanto no futuro possa acontecer no Vicariato, etc.*, e isto com amargura e irreverência. Pretende justificar-se; mas as razões que dá não são mais que contradições, como na sua citada carta a P.^e Rollerli de 18 de Agosto de 1874, onde diz: «A imprudência de me comprometer perante a geral e perante a superiora do Cairo, sem me ouvir, e fiando-se nas informações delas sobre um ponto que *ainda não estava decidido*, dá-me muito que pensar».

Anexo M

4214

Não aduz senão vãs pretensões, como na mesma a P.^e Roller: «Há que julgar após os assuntos estarem *concluídos* e terem sido ouvidas ambas as partes, não antes.» Como se: 1.^o) não tivesse sido ele quem escreveu que tudo estava acordado, e 2.^o) para impedir um facto se devesse esperar que o mesmo se realizasse.

4215

Pelo que até aqui se expôs, fica claramente manifesto que o P.^e Carcereri tentou eliminar, contra a minha vontade, os institutos do Cairo e que depois, para se justificar, se valeu da mentira e da contradição. Além disso, na carta que me escreve a respeito da geral, reflecte-se palpavelmente a inflexibilidade do seu carácter e a aversão que tem contra ela. Isto ver-se-ia ainda mais claramente se a pressa em ser breve não me obrigasse a deixar de citar umas quantas cartas do P.^e Carcereri relativas à geral e às suas Irmãs. Por outro lado, muitas cartas dirigidas a mim e a outros contra mim põem em evidência a soberba, o espírito despótico do P.^e Estanislau e a sua irreverência a respeito da minha pessoa.

4216

Quanto a isto, vou só falar duma carta que me escreveu de Turim com data de 18 de Maio de 1874, por um assunto que brevemente lhe exporei, relacionado com uma certa negra, chamada *Marietta Maragase*, íntima de uma tal Ir. Catarina Valério, ex-franciscana, a qual a pedido de uma devotíssima pessoa benfeitora eu levei de Marselha para o Cairo para que entrasse no convento das boas terciárias franciscanas, no qual se dizia admitida, e que, não tendo para lá entrado por razões que ignoro, recebeu hospitalidade entre as minhas Irmãs de S. José, de onde partiu ao cabo de três meses para dirigir a escola feminina do Cairo Velho, numa casa anexa à paróquia latina franciscana, com a ajuda de algumas das minhas mestras negras e da minha prima Faustina.

4217

Estas duas mulheres, *Marietta e a ex-irmã Catarina*, foram, creio, a *causa primeira da mudança de ânimo e da desmoralização dos padres Carcereri e Franceschini*. Isso ocorreu *estando eu longe, durante a minha estada de dois anos e meio na Europa*, desde 15 de Março de 1870 até 15 de Setembro de 1872, pelos motivos acima referidos, que se relacionavam com a Missão. Durante esse tempo da minha ausência, o P.^e Carcereri dirigia os meus estabelecimentos do Cairo. Essa Ir. Catarina Valério tinha sido durante dez anos *mestra de noviças* das terciárias de S. Bernardino e sempre me repetia que tivera que sair do seu convento em consequência da supressão das ordens religiosas na Itália. Porém, quando na Europa me asseguraram que ela tinha pedido e conseguido o decreto de secularização e do Egipto me chegaram não demasiado boas informações sobre ela, ordenei a sua expulsão do meu instituto, o que levei a cabo por meio de mons. Ciurcia.

[*Falta a p. 46 e as págs. 47 e 48 seguintes estão incompletas: transcrevemos o que resta*]

4218

[p.47] De algo foi advertido o P.^e Estanislau e *castigou o P.^e José com dez dias de exercícios espirituais*. Mas quê! Fazia-os em casa do P.^e Pedro (Pedro de Taggia, devotíssimo franciscano, pároco do Cairo Velho) e o quarto destinado a ele era o que dava para essa casa; por isso os exercícios que fa-.....

4219

[*Nesta p. 47 há as duas seguintes notas:*] Nos meus institutos masculinos tive sempre a regra de que nenhum missionário pode ir ao instituto feminino sem autorização do P.^e superior. O P.^e Carcereri, que em 1871 do Cairo me denunciou em Verona a conduta de um piedoso missionário, que, uma vez, tinha ido sem autorização ver a superiora das minhas Irmãs de S. José, ao invés com o P.^e Franceschini foi sempre muito indulgente e nunca houve regra para ele.

4220

Em dezasseis meses, o P.^e Estanislau gastou-me, em 1870-1871, mais de *trinta mil francos*, fazendo passar grandes necessidades às pobres Irmãs de S. José e tratando-as duramente, enquanto para Marietta e a Ir. Catarina abundava o dinheiro, a roupa e os dispendiosos passeios de carro. Todas as minhas Irmãs de S. José são testemunhas disso.

4221

[p. 48] ... com o P.^e Franceschini *vestida de homem*, como se vê pelo seguinte fragmento da carta que me escreveu de Verona a 27 de Agosto de 1871, fragmento que eu risquei para não deixar semelhante documento no caso de eu morrer, mas que, à vista desarmada ou com uma pequena lente se torna muito inteligível: «Eu não consideraria um pecado mortal *travestir a Marietta ou a Catarina, ou ambas... e fazer isto depois de estarmos fora do Cairo, sem que ninguém o saiba, nem sequer os nossos*, e adiante... Pense nisso e responda-me *reservadamente*.»

Anexo R

4222

Como é natural, a esta pergunta (que então não tomei a sério, mas sim como uma tirada da cabeça muitíssimo precipitada e irreflectida do Carcereri, que porém mostrava tanto zelo pela conversão da Nigrícia e, até então, não me tinha dado tão graves motivos de duvidar do seu espírito religioso) eu respondi *negativamente*. Contudo ela deu-me muito que pensar sobre Marietta e a Ir. Catarina e foi a causa de que, tendo partido do Cairo Carcereri e Franceschini, eu pedisse e obtivesse dos meus missionários suficientes informações relativas à Ir. Catarina e a Marietta, as quais me decidiram a ordenar o seu afastamento dos institutos, pondo no lugar da ex-franciscana a devotíssima Ir. Josefina Tabraui, de S. José da Aparição.

4223

Depois, chegado ao Cairo, em 1872, eu mesmo me neguei a levar com as Irmãs a mencionada Marietta, apesar dos pedidos que em tal sentido me fez Carcereri em muitas cartas, recusa que atraiu a sua ira sobre mim.

Por outro lado, quando em 1874 o P.^e Carcereri empreendeu a viagem para a Europa, passou pelo Cairo e, sem eu o saber, que estava em Cartum, acordou que ao seu regresso da Europa levaria Marietta para a África Central, para a pôr à frente do grupo feminino em Berber. Eu soube isto por P.^e Rolleri, superior dos meus institutos do Cairo e por outros; e para não exacerbar o ânimo de Carcereri, conhecendo a que extremo de ira se deixaria arrebatar, escrevi a Rolleri que dispusesse de modo que Marietta, a qual estava fora do instituto havia já três anos, não pudesse juntar-se a Carcereri para ir para as Missões da África interior.

4224

Bem pouco prudente, P.^e Rolleri advertiu Carcereri, que já tinha saído de Roma para Verona, da minha oposição a respeito das suas intenções sobre Marietta. E foi por isso que Carcereri me escreveu de Turim a seguinte carta com data de 18 de Maio de 1874, a qual, enquanto exagera completamente quanto às dificuldades de Marietta (que estava em boa situação no Cairo), prova a insubordinação e irreverência do seu autor para comigo, que, de maneira mais suave e conveniente, pela primeira vez ao fim de tanto tempo (pela terceira vez a respeito de Marieta), mostrava a minha vontade contrária à sua.

4225

«Venho a um assunto a tratar entre mim e si. Refere-se às indignas medidas que mandou tomar a P.^e Bartolo a respeito de Marietta. Falo-lhe claramente... *Pensava acertar tudo eu e, agora, vejo que quer meter o nariz quem não deveria*. O senhor mudou de opinião mil vezes (*sic*) sobre a mesma e não a esqueceu. Portanto, digo-lhe resolutamente que já basta de martirizar uma pobre criatura como Marietta. Ela foi e é a vítima de um grande ciúme e vingança. Digo-o, afirmo-o e juro-o diante de si, de P.^e Pascoal, de todas as irmãs e de todas as negras. Marietta está fora do instituto porque foi obrigada a sair. Agora encontra-se num estado que faria compaixão a todos, menos a quem a atraçou. Não lhe falta senão o desespero, do qual talvez não esteja longe. Deixem que ao menos possa morrer em paz numa rua, atraçoada, depois de todas as promessas que o senhor lhe fez. Querer levá-la ao ponto de se lançar a um rio, é de feras. *O senhor já foi bastante criticado até em Roma pelos tratos que se lhe fizeram (sic)*...mas o senhor foi levado a tratá-la como um carneiro. *De Marietta ocupar-me-ei eu. Nem o senhor nem ninguém será por ela molestado. Baste-lhe isto.*»

Anexo S

4226

Pois bem, se tanto ressentimento e irritação provocou no espírito rebelde do P.^e Estanislau esta simples decisão minha, a primeira contrária aos seus projectos, V. Em.^a Rev.ma pode facilmente compreender os sentimentos que nele despertaram contra mim quando, contra o que ele havia decidido, a necessidade me levou a escrever à superiora dos institutos do Cairo que não se mexesse dos mesmos até aviso da Propaganda; coisa que, independentemente da minha vontade, causou ao P.^e Estanislau bastante desgosto e humilhação. Foi realmente depois disto que, irritado, manifestou que daí para diante lhe seria indiferente o Vicariato, que renunciou a continuar a ser meu vigário-geral e que, na falsa suposição de que eu havia gasto com a minha caravana, mais numerosa (32 pessoas) que a sua, não mais de 5000 francos, declarou, como depois se verá, que queria gastar mais, afirmando falsamente que noutra ocasião as Irmãs se queixaram à geral do trato que lhes tinha dado P.^e Losi.

4227

«O senhor faz cálculos com os 20 000 fr. recebidos de Colónia e pensa que com 5000 eu posso chegar a Cartum. Pois tire essa ideia da cabeça: receberá o que sobrar. Eu não uso para mim nem um cêntimo, já sabe. A P.^e Squaranti (2) dei já 5000 fr. e com o resto penso evitar que a minha caravana (18 pessoas) sofra. O

senhor faz-me rir ao dizer-me que levou a sua com 5000 francos e que a mantinha à base de carne fresca todos os dias e com tudo o necessário. Se P.^e Losi gastou 2000 francos para sete ou oito pessoas, felicito-o; mas eu sei bem (*sic*) quanto se queixaram dele as Irmãs à geral.

4228

Eu actuarei devidamente, gastando o necessário e nada mais. Porém, fazer sofrer a minha caravana, nem falar. Deixo-os antes a todos no Cairo e fico também eu. *Em verdade digo-lhe que quase lamento certas coisas que fiz à custa de mil sacrifícios meus pessoais...* Estou não pouco desgostoso e já penso ficar-me tranquilo na minha Berber... sem me interessar mais pelos assuntos do Vicariato. *Assim pois, fará bem pensar em substituir-me... O que fez o senhor ultimamente, desaprovando-me sem me ouvir no assunto das Irmãs, tornou-me indiferente a quanto acontecer a seguir e apático em relação a todas as Irmãs».*

Verona, 3 de Setembro de 1874.

Anexo F

4229

Depois disto, a 4 de Outubro de 1874, assim me escrevia do Cairo: «Eu queria instalar por esta vez e provisoriamente as Irmãs no hospital..., mas *aliter visum est*. É o senhor muito amigo de poupar e de gastar como bem entende, muito senhor de querer ter permanentemente no Cairo uma casa de Irmãs ociosas, muito senhor de encher a África de Irmãs inúteis por 500 fr. cada uma; mas eu também sou muito dono de não querer partilhar a responsabilidade... Vejo um futuro mais negro do que o senhor pensa e às vezes assusta-me o fantasma do fracasso de mons. Brunoni em Constantinopla... De toda a maneira, só o senhor sabe com que deve e pode contar. *Digo-lhe claramente que de nenhum modo levo os meus companheiros para Cartum e que se não encontrar a casa preparada em Berber, regresso com elas a dar contas a quem de direito*. Entendamo-nos bem... Parece-me conveniente e já uma necessidade renunciar a ser vigário-geral.»

Anexo D

4230

Contudo, as expressões que utilizei para impedir a supressão dos institutos do Cairo não foram, como disse, tantas nem tão graves; e o próprio P.^e Estanislau Carcereri não pôde não confessar isso perante V. Em.^a rev.ma. Atesta-o ele mesmo na seguinte carta que me enviou do Cairo com data de 11 de Outubro de 1874, na qual volta a manifestar o desprezo da sua soberba ofendida.

4231

«...*Vou dar à madre geral o que merece...* diante do cardeal disse claramente como ela tinha pensado acertado o referir as mais indiferentes expressões de D. Comboni para me ferir... *Eu vou-lhe ensinar como se vive no mundo*. Pode estar certa de que quando tiver ocasião não deixarei de lhe dar a conhecer como é, nem de lhe mostrar a caridade que exercemos até agora, guardando silêncio sobre ela e as suas Irmãs. E elas começaram a perceber que poucas mais gentilezas e simpatias podem esperar de mim; *tornaram-se-me tão indiferentes que já não as considero mais que coisas. Façam bem, façam mal, por mim até SE PODEM ENFORCAR...* Em Roma vi quem são, e sei que ao estulto devemos responder-lhe segundo a sua estultícia, para que não seja insolente: assim o manda o Espírito Santo».

4232

Depois disto, deixo a V. Em.^a Rev.ma julgar se não é o espírito da rebeldia e soberba que domina o P.^e Estanislau Carcereri, por outro lado, outras vezes, activo missionário. Mas o que conta primeiro é o espírito e a humildade.

Anexo V

4233

Se quisesse dar conta de toda a administração que esteve nas mãos do P.^e Estanislau Carcereri, claramente se veria como a conduziu mal já nos primeiros tempos no Cairo, onde, para favorecer a ex-franciscana Catarina e a Marietta, levou a que, às vezes, as Irmãs de S. José da Aparição e outros elementos do ramo feminino sofressem. Claramente se veria como a conduziu mal depois em Cartum, onde, sem ter registado nem as receitas nem os gastos de mais de um ano, quando parti para a Europa em 1874 deixou escrito no registo a declaração de que até então a administração tinha sido irregular, mas daí em diante seria exacta. Claramente se veria, enfim, como a conduziu mal também em El-Obeid, onde se tornaram inúteis as petições que lhe fiz durante *seis meses consecutivos* para que me apresentasse a administração que ele, com o P.^e Franceschini, tinha conduzido durante dois anos; e como, tendo entrado em ruptura o P.^e Franceschini com o nosso procurador daquela estação, este apresentou-me a sua, pela qual se descobriram despesas excessivas e

inúteis, realizadas pelos ditos padres – por exemplo 687 fr. *por um burro* –, junto com a dívida de 10 505 fr. que depois eu tive que pagar.

4234

Mas, por amor à brevidade, deixo tudo isso; basta ter feito uma alusão, para compreender quão falsamente a confiança em mim é apresentada pelo P.^e Estanislau como justificação da má administração, que, também depois, manteve na sua viagem à Europa, estada, compras e regresso à África; e isto, apesar das queixas que eu lhe tinha dirigido pela administração anterior, e não obstante as cartas mediante as quais eu amiúde lhe recomendava que mantivesse registo exacto de todas as contas.

4235

O P.^e Estanislau, adverso às Irmãs por não ter podido destruir os institutos do Cairo, uma vez que a geral se apercebeu de que nisso contrariava a minha vontade, desaprovava na Europa que eu, ao preço convencionado de 500 fr. cada uma, quisesse levar para a Nigricia um número suficiente de irmãs, sabendo: a) que ele mesmo tinha tratado e combinado com a geral essa pensão; b) que, tudo ponderado, não era verdadeiramente excessiva a dita soma, pois, dada a excepcional eficácia da mulher no Sudão, não se podem estabelecer sem Irmãs as missões da África Central.

4236

Como se vê pelas poucas cartas até aqui citadas, o P.^e Estanislau condenava a minha administração por causa dos gastos nas obras de edificação em Cartum, em El-Obeid e no Cairo, sem ter em conta: a) que tais obras eram de absoluta necessidade, já que as Irmãs não tinham casa capaz, segundo o disposto no acordo, nem em Cartum, nem em El-Obeid; b) que as casas do Cairo, além de me proporcionarem o benefício do terreno que para tal fim, depois de vários anos de inúteis solicitações, me oferecia agora o quedge do Egipto, me libertariam das despesas anuais da renda no valor de 100 napoleões de ouro, e apresentavam outras vantagens muito importantes; c) que tais construções forneciam estabilidade à missão; d) que, portanto, se deviam fazer, sendo que, feitos os meus cálculos, verifiquei que podia fazê-las, sem temor de uma crise económica, que, de facto, não aconteceu. A este propósito convirá transcrever alguns fragmentos da carta do P.^e Franceschini ao P.^e Estanislau, datada de 3 de Fevereiro de 1873, da qual o P.^e Franceschini me mandou cópia: «...Francamente... decidiste renunciar ao cargo de vigário-geral pelos imbróglis em que se meteu o monsenhor, contra os teus conselhos.

4237

Quais são esses imbróglis? Que ele tenha querido conservar os *institutos do Cairo, em cuja eliminação tu trabalhaste*, para manter os quais agora se vê obrigado a fazer frente aos gastos de uma construção imensa. Porém, podia ele agir de outro modo? Onde aclimatar os seus missionários e as suas Irmãs? Colocar estas no hospital em regime de pensão levaria a perder os melhores elementos... A Missão *tem absoluta necessidade de uma casa no Cairo para a correspondência* com a Europa, as expedições, as provisões, etc. Além disso, depois de todos os obstáculos que nos puseram no Egipto, com os quais teve de lutar até hoje, renunciar assim, de repente... não convinha nem ao decoro nem à honra do monsenhor... Na fundação dos ditos institutos, tu mesmo escreveste sobre a sua necessidade e importância, e as tuas palavras, graças à imprensa, deram a volta ao mundo. Que diriam agora as sociedades benfeitoras e os benfeitores particulares se soubessem que, com a mesma facilidade com que fundamos, destruímos? De que teriam servido tantas esmolas recebidas para esses institutos?... Portanto, se o monsenhor se meteu neste imbróglis (imbróglis segundo a tua opinião), foi pela necessidade e pelas imperiosas circunstâncias dos compromissos com as sociedades, da sua honra e da conveniência...

4238

Tu pretendes que, com as obras de construção de Cartum, monsenhor se meteu num imbróglis, realizando um gasto superior aos seus recursos e não tendo depois com que fazer frente às despesas com as outras casas, ou com as novas estações a fundar. Mas eu posso assegurar-te que até agora a construção não trouxe ainda um cêntimo de dívida, ainda que desde Julho do ano passado, de 73 000 francos que das sociedades chegaram às tuas mãos e às de P.^e Bartolo, não tenha recebido senão 10 000. As casas e estações têm estado sempre bem providas do necessário; antes, nunca vi tanta abundância, apesar das diversas viagens de Cartum ao Cordofão para mudança de pessoal. Vir-lhe-ão os imbróglis no futuro?

4239

Porventura desapareceram os 73 000 francos? Tu recebeste uma boa soma das sociedades benfeitoras e as compras da caravana ficaram a cargo de P.^e Bartolo, como consta nas contas mensais do mesmo... Não te ficará nada que dar ao monsenhor? Não creio possível. Por outro lado, em Janeiro, monsenhor terá a habitual prestação de Lião; além disso, tem ao menos 20 000 fr. à sua disposição em Colónia, pelo que tu mesmo escreveste. Mais, o comité de Viena manda sempre algo e não faltam ao monsenhor outras fontes para obter

dinheiro... Prescindindo de tudo isto, as obras de construção de Cartum eram uma necessidade: a casa Latif (onde estavam antes as Irmãs) não no-la queriam vender a nenhum preço, além de ser muito incómoda; e não havia outras casas habitáveis ali perto... Então não sei em que imbróglio se terá metido o monsenhor contra os teus conselhos. Se por acaso os tivesse, gostaria de ouvi-los e, depois, ver se são verdadeiros e estou certo de que se reforçaria a minha opinião, porque, *mesmo durante a tua ausência, sempre se agiu com a cabeça e após maduro exame* e não com ligeireza, como facilmente se crê».

Anexo W

4240

Portanto, sem razão, em várias cartas o P.^e Estanislau me reprovou indecorosamente a minha administração e a condenou até perante alguns na Europa: «Estás contra o edifício de Cartum (é o P.^e Franceschini que, na citada carta, fala assim ao P.^e Estanislau) e tenho motivo para crê-lo por tudo quanto tu escreves ao monsenhor e pelo que disseste no Cairo e na Europa, como soubemos por cartas de P.^e Bartolo e de P.^e Squaranti... A linguagem que nestes últimos meses tens usado com monsenhor o pró-vigário, não é certamente uma linguagem de amor. Mais de uma vez tive ocasião de conhecer algumas das expressões com que te dirigiste a ele por escrito... e, se não conhecesse o teu carácter, não teria acreditado que tu tivesses podido escrever como o fizeste. Esse estilo teu tão seco, amargo, ácido e imperioso tocava os nervos mais insensíveis, para não dizer mortos».

4241

Depois disto, dispensando-me de apresentar a este respeito as cartas irreverentes do P.^e Estanislau, passo seguidamente a expor o projecto que, desaprovando o meu, me propunha de Viena a 15 de Junho de 1874, o qual consistia em multiplicar pequenas estações: Schellal, Berber, Cartum, Gebel Nuba, Cordofão, Sennar, Fashoda; construir nelas tugúrios e dotar cada uma de *um só missionário* com um leigo. Eu não aceitei este plano por várias razões:

1) porque o mesmo não fazia estável a Missão, nem no plano material, ao propor cabanas que havia que reconstruir todos os anos, depois das chuvas, nem no plano moral, ao não bastar *um só sacerdote* numa cabana para ganhar influência entre gente primitiva e materialista; 2) porque as citadas estações, por se encontrarem uma da outra à distância de três a vinte e mais dias de caminho, estariam demasiado dispersas na hipótese de se colocar só um sacerdote em cada uma, e não se prestaria portanto a 3) reparar os muitos inconvenientes físicos e morais possíveis naquelas terras.

4242

Ainda que sendo inferior em vantagens, este projecto não teria trazido menor gasto; e o próprio P.^e Estanislau que, *tratando-se do meu plano desaprovava o enorme gasto e a minha confiança em S. José*, mostrando contradição de sentimentos, confessava que o seu *plano não exigiria um menor gasto*, e exortava-me a *confiar na Providência*: «É certo que este projecto custa muito mais que estando juntos; mas Deus mandará mais...»

4243

Por outro lado, eu não sei se na Europa, e especialmente em Roma, se pensa ser muito útil multiplicar do modo referido estações e missões, como afirma o P.^e Estanislau: «*Isto pensam e esperam na Europa que se faça, sobretudo em Roma.*» O certo é que, se não adoptei o sistema proposto, foi porque me pareceu então, tal como agora, prejudicial em todos os aspectos.

4244

Contudo, irritado o P.^e Estanislau por não ter aceite o plano que ele me aconselhava e que segundo a sua própria confissão me obrigava a um desembolso maior, anunciou-me um desastre económico quase iminente pela minha má administração. Tal crise não se verificou, *mas o próprio P.^e Estanislau teria feito todo o possível para que ela sobreviesse*. Ainda que prevendo, de facto, um desastre económico, ele manifestou, como se viu, a sua vontade de proporcionar à caravana comodidades e, com efeito, proporcionou-lhas depois mais do que era necessário. O dia 4 de Outubro de 1874 escreveu-me do Cairo dizendo-me – já vimos – que lá para fins de Novembro queria para os seus camilianos uma casa arranjada e equipada, da qual não me tinha falado antes de 18 de Agosto de 1874, *ameaçando-me de que, a não ser assim, regressaria com todos os seus religiosos*. E ainda que no acordo a casa não figurasse como condição, com a sua grande impaciência obrigou-me a desembolsar inesperadamente 25 000 piastras pela precipitada compra da mesma.

4245

O P.^e Franceschini repreende-o na citada carta, enviada de Berber, onde tinha ido comigo para preparar a casa: «Tu não pedes nem supplicas ao monsenhor; quase como se fosse teu súbdito, mandas e dás-lhe ordens e

até o ameaças, como quando se tratava de comprar a casa camiliana; escreves resolutamente *quero e não quero*, como quando rejeitas freiras e negras em Berber, acrescentando que *não as quererás nunca nesta missão...* Se previste na tua mente que monsenhor vai encontrar-se em apuros por tantos gastos, porque então pretendes com tanta veemência a compra da casa camiliana, ameaçando?... Podias ter mais piedade da sua situação, contentar-te com uma casita de aluguer...»

Anexo W a

4246

Porém, o objectivo do P.^e Estanislau parece ter sido conseguir, quase por vingança, o anunciado desastre. Efectivamente previa a crise; e, contudo, podendo obter do Lloyd austríaco inteiramente grátis a viagem de Trieste a Alexandria, na condição de mandar os missionários de dois a dois, não aproveitou isso e mandou de uma só vez quatro missionários camilianos, tendo assim de assumir a despesa completa da passagem de dois. Previa um desastre económico e, contudo, não deixou de causar o desembolso de uma enorme soma para prover de novo os institutos do Cairo, *os quais, ao não tê-los podido suprimir, ele deixou completamente vazios, contra a vontade do superior dos mesmos*. Este anunciou-mo numa carta de 14 de Dezembro de 1874: «Despojaram estas duas casas, como o senhor depois notará na minha última informação trimestral pelas compras que me vi obrigado a fazer. Levaram até a cozinha de ferro; todas as ferramentas, utensílios, sem deixar nem sequer um prego; até os velhos mosquiteiros das camas, etc., foram, coisas todas elas que nos eram muito úteis e nos poupavam muitos gastos, enquanto a eles só lhes servem para aumentar o custo da viagem...».

Anexo X

4247

Previo Carcereri um desastre; contudo, contra a insistência do superior do Cairo, que queria mandar-me dinheiro por meio do Governo, como sempre se tinha feito até então, o P.^e Carcereri empenhou-se em levá-lo ele, mesmo calculando que não podia fazer-mo chegar antes que o Governo. Assim aconteceu, de facto: contra o que era uso geral, o P.^e Estanislau ordenou que passassem pelas cataratas de Assuão as embarcações carregadas com as coisas e uma foi chocar com um dos tantos escolhos, afundando-se e ocasionando forte perda com gravíssima deterioração da carga (3). Depois, por ter seguido, contra o costume de quantos vão a Cartum, o caminho de Wady-Halfa, alongou a viagem, que acabou por ser de *103 dias* para o pessoal e *de sete meses e meio* para as provisões; de modo que me obrigou a, entretanto, manter as missões com compras diárias, realizadas a preços excessivos nas lojas do Sudão.

4248

Previo um desastre; contudo, quis manter como válido aquele «total» registado no seu balanço, o qual, bem feitas as contas, dá, contra a minha, um excesso de 120 francos. Nesse mesmo balanço figura a meu cargo como gasto seu a importância de 100 fr., desconto de uma letra cambial de Lião, quando a tinha pago o superior dos institutos do Cairo, como se vê pelos resumos trimestrais do mesmo. Regista a meu cargo, como pagamento seu, a viagem de Colónia a Bamberg, quando lhe foi paga graciosamente pela sociedade benfeitora de Colónia, como me disse o presidente desta, mostrando-me os livros. Põe na minha conta a viagem de Verona a Roma, na importância de 115 francos ouro e noutra ocasião por *80 francos ouro*, quando o preço dos bilhetes de segunda no *rápido* é de apenas 47 liras em papel. Aponta a meu cargo 420 *francos ouro* correspondentes à viagem de Bríndisi a Alexandria dele e do sacerdote P.^e Domingos Noya, quando teria obtido do ministro dos Negócios Estrangeiros Visconti-Venosta a passagem grátis por meio de um companheiro seu, o P.^e Baccichetti, que está aqui em Roma, e, quando a viagem do dito trajecto é de *225 francos*, como se pode ver nos escritórios da companhia, *Via Condotti, n.º 48, 2.º piso*. Sem que eu lhe mandasse, comprou em Roma, na Piazza Minerva, um cronómetro de prata (pelo que, segundo os entendidos a quem consultei em Roma, não devia pagar mais de 250 liras) que lhe custou 500 liras em papel; e ele lança-me na conta *500 francos ouro*.

Anexo R

4249

Previo Carcereri um desastre. Contudo gasta na Itália 7650 liras em papel (sem ter levado para o Vicariato nem sequer um alfinete, salvo o cronómetro e outra bugiganga comprada por capricho); mas, no balanço, aponta a meu cargo *tais compras feitas em ouro*, com a gravíssima perda, por minha parte, de 765 liras, como se pode ver pelas contas de Carcereri.

Anexo Y

4250

Para a pensão anual de 5000 francos, que eu devo pagar à casa de Berber, obstinou-se em cobrar o napoleão de ouro à razão de 77 piastras e seis parás, quando em todo o Sudão o seu preço oscila entre 86 e 90 piastras, provocando-me com incrível injustiça a perda de mais de oito por cento. E não valeu a autoridade do cônsul áustro-húngaro de Cartum nem a dos mais honrados comerciantes do Sudão. Para que reinasse a paz, tive que ceder e pagar como ele queria.

4251

Muitas outras anotações do seu balanço apresentam cifras exageradas e inventadas. Para não mencionar outras, o que seria demasiado longo, termino este ponto submetendo a V. Em.^a Rev.ma a anotação de 1943 francos em ouro, com que Carcereri me *carregou como gastos efectuados por ele* para a viagem dos missionários de Verona para o Cairo, quando *esta viagem a tinha pago P.^e Squaranti* da minha caixa de Verona.

4252

Examinado em Cartum, no balanço de Carcereri, o gasto de 1943 francos ouro com que me havia carregado, como eu sabia que se tinha obtido para os missionários a cédula da Propaganda, assinada pela embaixada áustro-húngara de Roma, em força da qual é grátis a viagem desde Trieste a Alexandria e, como tinha ouvido aos missionários que o próprio reitor de Verona tinha acompanhado alguns deles até Trieste e eu sabia bastante de viagens, duvidei da veracidade de tal gasto. Por isso, escrevi para Berber a Carcereri, pedindo-lhe explicações sobre os tais 1943 francos ouro, ao mesmo tempo que também pedia a mesma explicação a P.^e Squaranti, reitor de Verona. Os missionários foram para o Egipto pela rota de Trieste, o Carcereri pela de Bríndisi.

4253

Pois bem, eis que na volta do correio, com toda a tranquilidade, inventando de golpe as cifras e fingindo a mais minuciosa exactidão, anotando até os cêntimos, Carcereri mandava-me para Cartum o seguinte:

Declaração dos gastos realizados pelo P.^e Estanislau Carcereri para o envio para o Cairo dos missionários e leigos

«7 de Agosto de 1874 – P.^e Paulo Rossi e o Cl. Loreto Carmine:

Por passaporte, baú, relógio, crucifixo e outras compras,

segundo nota de P.^e António Squaranti..... fr. 73,75

Viagem até Trieste, comida e gastos miúdos fr. 140,50

Entregue a D. Paulo Rossi para gastos necessários fr. 103,00

Pelo armazém e embarcação de baús procedentes

da Alemanha, entregue a mons. Schneider por P.^e Squaranti fr. ___50,00

Total fr. 367,25

367,25

4254

13 de Agosto de 1874 – P.^e Gennaro Martini,

Clér. Marzano Vicente e Ir. José Avesani:

Pela viagem e provisões fr. 386,61

Por gastos necessários fr. 90,00

Total fr. 476,61

fr. 476,61

16 de Agosto de 1874 – P.^e Afonso Chiarelli e P.^e Camilo Bresciani:

Até Trieste por Udine para visitar os seus parentes fr. 71,30

20 de Agosto: meu irmão e Ir. José Righetti a Trieste

por Veneza e desde aí com os outros dois até ao Cairo..... fr. 546,79

Gasto mais nesta viagem, segundo nota do meu irmão fr. 151,51

Total fr. 769,60

fr. 769,60

4255

7 de Setembro de 1874 – P.^e Luís Bonomi e Ir. José Bergamaschi:

Entregue a P.^e Squaranti para seus gastos de viagem,
compras miúdas, etc. fr. 300,00

24 de Setembro de 1874 – Recompensa a Germano Carcereri

em Alexandria por prendas que ele deu ao receber e servir
os grupos do vapor,

nas alfândegas, consulado e caminhos de ferro fr. 30,00

Tendo posto outros 10; ou sem os pôr na conta da missão,
como ele pode justificar.

Total Fr. ouro 1943,46

P.^e Estanislau Carcereri

Anexo Z a

4256

Recebido em Abril tal balancete, totalmente inventado pelo P.^e Carcereri, como se tivesse pago do seu próprio bolso os gastos com que me sobrecarregava, eis que P.^e Squaranti, o reitor de Verona, respondendo às minhas perguntas, declara que a viagem de Verona para o Cairo a pagou *ele mesmo e não Carcereri*. Por outro lado, os missionários que eu consultei revelaram que Carcereri não havia gasto nada com a viagem deles e que era absolutamente falso que ele lhes tivesse dado as somas assinaladas acima nas suas contas, mas que tinham recebido tudo de P.^e Squaranti, o qual me escrevia de Verona a 29 de Março de 1875 uma carta, indicando-me entre outras coisas o seguinte:

4257

«Segundo capítulo. *Para compras e viagens dos missionários até ao Cairo*, tudo incluído: 1943,00 francos.

Este artigo é falso. *Todas as compras e os gastos de viagem dos missionários daqui até ao Cairo* foram por minha conta e somam

em liras em papel..... 1425,30

assim repartidas:

Para P.^e Rossi e Loreto..... Liras 355,25

Para Martini, Marzano e Avisani..... “ 479,86

Para os 4 camilianos “ 332,69

Para Bonomi e Bergamaschi “ 203,50

Entregue a mons. Schneider, em Trieste,
por factos efectuados “ 55,00

Total liras em papel 1426,30

Esta importância, portanto, *foi anotada indevidamente* no passivo do balanço de Carcereri.

P.^e António Squaranti».

Anexo Z

4258

Por outro lado, o dinheiro que os missionários receberam de P.^e Squaranti e que ascendia a mais de cem francos ouro, eles entregaram-no no Cairo a Carcereri, que, no seu balanço, de nenhum modo o anotou a meu favor.

Ora bem, a restituição deste gasto de 1943 francos ouro, bem como de todos os acima expostos e de muitíssimos outros não anotados nestas contas e indevidamente debitados (que ascendem a muitos milhares de francos), *Carcereri nunca ma quis fazer, como era sua obrigação por dever de justiça*; nem tão-pouco *quis jamais passar-me um recibo para se declarar devedor*, mas só escreveu a outros e me comunicou por meio do P.^e Franceschini que, *se quero ser pago, me dirija à sua ordem e que me pague o seu geral Guardi, se tal for sua vontade*. Mas enquanto ele me debitou em ouro a referida importância de 765 francos, a qual se, como dissemos ele gastou, *fê-lo em notas italianas*, quando se tratou de debitar na sua conta o gasto que (por conta da casa camiliana de Berber) *tinha feito em Verona na importância de 706 francos em papel e a mim debitou-me em ouro*, como figura no seu balanço do anexo Y, *ele para si calculou-o em papel, mas a mim*

descontou-mo em ouro, apontando-mo como pagamento adiantado (sobre a contribuição anual de 5000 francos aos camilianos) só 623,30 francos ouro em vez dos 706 francos ouro que me tinha debitado antes.

4259

Exposto isto, deixo a V. Em.^a julgar como foi a administração que geriu o P.^e Carcereri e, se não tenho razão ao dizer que ele tentou levar-me por todos os meios à bancarrota e de produzir no Vicariato *aquela crise* que ele me havia anunciado como futura, por causa da minha administração, reprovável só por se não ajustar aos seus torcidos conselhos.

4260

Com dor exponho a V. Em.^a o meu subordinado juízo acerca do P.^e Carcereri, e ficaria contente poder me retractar e pedir perdão a V. Em.^a e ao mesmo P.^e Carcereri, se me tivesse enganado. Creio *que o P.^e Carcereri é um homem muito cabeçudo, muito agarrado às suas opiniões e precipitado na acção; um homem sem consciência, sem cabeça, sem coração, e sem espírito, nem eclesial, nem religioso, nem apostólico*. Pode imaginar V. Em.^a Rev.ma quanta paciência tive que ter com ele e quanto me fez sofrer. Porém, Jesus sofreu mais que eu. Bendito seja sempre o Coração trespassado de Jesus!

4261

3. O espírito de soberba do P.^e Estanislau não se limitou só aos factos expostos, mas também se evidenciou noutros casos.

a) Chegado o P.^e Carcereri ao Cairo, vindo da Europa, convidou a fazer-se camiliano um tal José Bergamaschi, um leigo que, *membro do meu instituto de Verona, tinha feito juramento de servir a missão e a mim por dez anos*. É uma boa manhã, sem ter dito uma palavra nem ao superior dos meus institutos de Verona, nem ao superior dos institutos do Cairo, nem a mim, vestiu-o de camiliano com autorização, segundo ele, do P.^e Guardi. Depois, escrevendo a V. Em.^a Rev.ma, disse-lhe que Bergamaschi era membro do meu instituto de Verona; e ao director das *Missions Catholiques* – e assim foi impresso – que era camiliano. Chegado Bergamaschi a Cartum, apresentou-se a mim para renunciar ao hábito camiliano e voltar a ser membro do meu instituto da África.

4262

Eu neguei-me. Então ele foi para Berber e esteve lá um ano como religioso camiliano até que, por divergências com Carcereri, abandonou a ordem há uns meses e refugiou-se em Cartum, onde espera a minha autorização de reingresso. O mesmo tentou o P.^e Estanislau com o sacerdote P.^e Domingos Noya, como mostra a citada carta do superior dos institutos do Cairo, dirigida a mim com data de 14 de Dezembro de 1874: «Quanto ao P.^e Estanislau, poderia o senhor perguntar-lhe também com que direito fez vestir de camiliano e passar por tal José Bergamaschi... Iguamente lhe pode perguntar por que disse ao nosso missionário secular *que depois se podia também fazer camiliano, porque até seria melhor, etc.* Dando a conhecer ao cardeal de Propaganda a saída da caravana (as cartas entregou-mas abertas para que as mandasse) e os nomes dos membros que a formavam, o P.^e Estanislau punha o aludido Ir. Bergamaschi entre os alunos do nosso instituto de Verona. Ao invés, escrevendo para Lião, nomeava-o como pertencente à ordem de S. Camilo. Porquê isto?

Anexo X

4263

Os próprios três clérigos que estão em El-Obeid me declararam que o P.^e Estanislau os tinha convidado a fazerem-se camilianos. Além disso, estou perfeitamente informado de que o P.^e Carcereri fez correr a voz, até na Europa, de que *para ser missionário da África Central é melhor e até necessário fazer-se camiliano*. Reprovava-o o P.^e Franceschini na sua mencionada carta escrita de Berber a 3 de 1875: «Vestiste de camiliano um tal Bergamaschi... sem pedir autorização para isso ao monsenhor, ao menos por consideração... Ti-veste na mira conseguir outros, dizendo que és melhor, junto com outras coisas semelhantes, que dizias na Europa, em benefício só dos Camilianos e em detrimento do clero secular... Os agravos são demasiado fortes e dolorosos».

Anexo W

4264

Nem com isto se deu por satisfeito o P.^e Estanislau, que até procurou tornar mais difícil a minha situação, perturbando directa e indirectamente o Vicariato, buscando em toda a parte apoios para si, desacreditando-me e fazendo com que os meus subordinados dirigissem contra mim documentos, etc., etc., no que colaborou

fortemente também o P.^e Franceschini, que, após passar algum tempo com o P.^e Estanislau em Berber, se pôs a favor dele e contra mim. Quanto a isto, não falo das cartas que o P.^e Carcereri escreveu às negras de Cartum ajudantes das irmãs, arrastando-as para o seu lado por compaixão; não falo da frequente correspondência secreta que manteve com a missão de El-Obeid, da qual, sem saber o seu conteúdo, o superior daquela estação avisou o meu secretário.

4265

Limitar-me-ei a dizer que o P.^e Estanislau tentou *repetidamente*, embora sempre em vão, obter dos sacerdotes seculares *documentos contra mim* como violador de correspondência, com a ameaça de *recorrer ao cônsul italiano* do Cairo; e não parou com essa tentativa nem com essa ameaça, nem sequer depois de, generosamente, procurando só um bem melhor, fazer com ele em Berber uma paz geral, no dia 2 de Janeiro. Tanto é assim que já no dia 4 de Fevereiro de 1876, falando da imaginada violação de correspondência, escrevia: «Levarei as minhas razões ao consulado italiano para fazer sofrer ao culpado todo o rigor da lei.»

4266

b) Se P.^e Bartolo Rollerri, superior dos institutos do Cairo, se voltou contra mim, passando a apoiar Carcereri, foi depois da interessantíssima correspondência que este lhe dirigiu. Antes dela, P.^e Rollerri condenava o procedimento do P.^e Estanislau na Europa e no Cairo e era-me em tudo favorável, como se vê pela totalidade da correspondência que conservo. A este propósito, poderia citar toda a pertencente a 1874; porém, bastará que, à carta antes citada, acrescente a que, com data de 20 de Fevereiro de 1875, escreveu ao próprio P.^e Estanislau e que ele devolveu de Berber, acompanhada de quatro linhas secas, a 26 de Março de 1875: «O dizer-me que tomava a rota de Dôngola, porque o Governo tinha requisitado todos os camelos, não me parece um arrazoado de filósofo, já que os camelos são mais necessários para o caminho empreendido (como se viu de facto) do que para o caminho deixado.

4267

Além disso, ultimamente, entre as muitas cartas que me enviou de Dôngola, com data de 17 de Janeiro passado, escrevia-me num bilhete as seguintes palavras textuais: “*Dizem-me (quem?, se é fruto da sua imaginação esquentada) que o pró-vigário está endividado até aos cabelos e eu há seis meses que mantenho à minha custa a caravana.*” Que poderei *levar-lhe*? Mas pergunto eu: quando a caravana estava em Verona não a mantinha P.^e Squaranti? E quando estava aqui, no Cairo, não a mantinha P.^e Bartolo Rollerri? E não se pode dizer que era o próprio P.^e Bartolo quem a mantinha também na viagem, pois tinha feito tantas provisões (mais de 14 000 francos) para a mesma, para serem suficientes não só para a sua longa deslocação mas também para algum tempo na missão?

4268

Caro P.^e Estanislau, falta-me tempo. Por isso, por agora, limito-me a recomendar-lhe que do modo mais caloroso que use todas as boas maneiras com que se deve tratar um superior, a fim de não entristecer mais o nosso caríssimo pró-vigário, mas, ao contrário, consolá-lo por tantos sofrimentos suportados até agora e por tantos benefícios que ele fez tanto a si como à sua ordem».

Anexo D

4269

Foi depois da correspondência com que o P.^e Estanislau tratou de ganhar para si P.^e Rollerri que este começou a passar para o lado do P.^e Carcereri, e assim continuou até se juntar ao vão intento de perturbar com cartas o Vicariato, para conseguir dos sacerdotes seculares, se bem que inutilmente, um relatório contra mim e para fazer com que eu o nomeasse de novo como meu vigário-geral. Enquanto, de Berber, o P.^e Estanislau agia desta maneira por meio de cartas, o P.^e Franceschini que viajava comigo em visita às estações, não fez menos nem melhor. Fingindo-se muito ligado a mim, solidarizou-se com os injustos protestos (que previamente ele tinha provocado) de duas Irmãs e com elas trabalhou para me desacreditar, tanto em público como em privado, e entre os externos da Missão de El-Obeid.

4270

Tendo-me acompanhado a Gebel Nuba, nem sequer entre os missionários daquela estação, com grande escândalo dos mesmos, cessou de difundir, junto com uma das ditas Irmãs, mentiras e calúnias contra mim. Escrevia-o P.^e Martini, o pároco de Gebel Nuba, ao meu secretário, com data de 2 de Dezembro de 1875. Nesta carta, depois de condenar como injustas algumas acusações que, escrevendo-lhe a ele, tinha feito P.^e Rollerri, continua deste modo: «Digo-lhe entre nós que estou muito escandalizado pela conduta de certa gente, que propala mentiras e trata em toda a parte de desacreditar uns e outros. Era tanta a bília que me perpas-

sava pelo corpo, que mais de uma vez discuti por isso com o P.^e José e com a Ir. Germana, a quem queria nunca ter visto. Mas basta: a verdade é una e santa e triunfa sempre.»

Anexo E

4271

Depois, após regressar de El-Obeid, continuou, em conivência com as mesmas Irmãs, e até intensificou ainda mais a sua obra contra mim. Aconselhou as referidas Irmãs que escrevessem à sua geral e uma (Ir. Germana) confessou-o vangloriando-se disso mais de uma vez. À segunda (Ir. Madalena) incitou-a, até com ameaças, a desobedecer à provincial e a mim, que em nome da mesma lhe disse que ficasse em El-Obeid e que não se mudasse para Cartum. Acerca disto ele até arremeteu contra mim publicamente com um dolorosíssimo ataque, que P.^e Martini e P.^e Bonomi comunicaram ao meu secretário a 19 de Dezembro de 1875: «Como testemunho referirei que em El-Obeid... pôs-se a dizer (o P.^e Franceschini) publicamente insolências contra o nosso superior, na presença de todos nós e do nosso procurador, bem como de um senhor muçulmano que ficou com isso assombrado e mo recordou alguns dias depois... P.^e Bonomi».

4272

«Já quanto à Ir. Germana, como ela se porta (para não me perder em bisbilhotices repugnantes), terá tido ocasião de o verificar em Cartum. Além disso, o P.^e José, para citar um facto inegável, a última noite que esteve aqui portou-se de um modo verdadeiramente escandaloso, tanta foi a insolência, a raiva e a absoluta falta de respeito com que atacou o monsenhor e, para mais, por coisa a ele absolutamente estranha, isto é, porque o monsenhor não julgou oportuno que a Ir. Madalena se mudasse para Cartum!! O escândalo foi grave, muito grave, porque estavam presentes todos os padres, os clérigos, os rapazes, o procurador e até um rico muçulmano que ficou grandemente assombrado... P.^e Martini».

Anexo H

4273

c) Estas difamações públicas e privadas, esta incitação a missionários e Irmãs a apresentar documentos contra mim, estas tentativas para diminuir o número dos que me apoiam eram orientados *para me derrubar*; e o P.^e Franceschini proclamou-o em El-Obeid, dizendo-me: *ou volta a pôr o P.^e Estanislau no seu lugar ou cai o senhor*. O espírito despótico do P.^e Estanislau, que teria com o mesmo intuito tentado destruir os institutos do Cairo e produzir a crise económica e o espírito rebelde do P.^e Franceschini *não deixaram de tentar nenhum meio para triunfar na sua intenção de me ver a mim sair da missão e para a ordem camiliana tomar posse dela*.

4274

A adesão do reitor dos meus institutos de Verona à obra e a mim era a única coisa que ainda se não tinha tentado quebrar abertamente; contudo, ainda que em vão, o P.^e Franceschini procurou indispor-lo, caluniando o meu secretário e a mim, numa carta ferocíssima escrita do Cairo no passado Fevereiro, na qual, todavia, fingia ser muito amigo meu. *Afirmava* nela que não se podia acreditar no meu secretário, por ser um embusteiro, quando não há nenhum motivo para dizer tal coisa dele; *manifestou falsamente* que o meu secretário, a quem V. Em.^a bem conhece, se tornou odioso a todos os missionários pelas suas artimanhas indignas, quando, ao invés, devia ter recordado, como confessou noutra ocasião, os esforços amistosos que realizou o meu secretário, apesar das ofensas e suspeitas do P.^e Estanislau, procurando acertar pacificamente os confrontos suscitados por este. Disse naquela carta que eu não sirvo para governar, porque *a) ninguém às minhas ordens está seguro de continuar no seu lugar*.

4275

Só pode ter dito isto porque foi retirada ao P.^e Estanislau a dignidade de vigário-geral e porque em 1874 ele mesmo foi tirado de El-Obeid. Ora bem, não fui eu quem depôs o P.^e Estanislau; ele mesmo se negou muitas vezes por carta, e até por palavras e sempre indecorosamente, a continuar a ser vigário-geral, esperando talvez que eu lho suplicasse. Porém, não o fiz, mas aceitei a sua renúncia; e não por ressentimento para com ele, mas considerando a incompatibilidade do cargo de prefeito camiliano com o de vigário-geral. O próprio P.^e Franceschini, na sua carta de 3 de Fevereiro de 1875, aconselhava ao P.^e Estanislau tal renúncia, deste ponto de vista: «É uma necessidade que tu deveras renunciés. Se eu fosse o pró-vigário, aceitaria logo a tua demissão, para evitar o embaraço de ser destituído... ficarias melhor, retirando-te agora a bem, dando como motivo que estás encarregado da casa de Berber.»

Anexo N

4276

E se depois tirei de El-Obeid o P.^e Franceschini, foi porque, por causa de certas imprudências suas, com respeito a uma escrava abexim, para além do seu abuso da bebida, *se dizia entre a colónia que ele tinha uma amante*. Para evitar a desonra deste falatório, a veracidade do qual quase se encarregou de provar ele mesmo, afastei-o de lá com o pretexto de que assim o exigia a sua saúde, então realmente delicada. Disse naquela carta ao reitor dos Institutos de Verona que eu não sirvo para governar, porque *b)* sou um mau administrador; contudo, na citada carta de 3 de Fevereiro de 1875, defendia-me neste aspecto contra o P.^e Estanislau. Pelas razões aqui expostas, concluía a sua carta ao reitor dizendo que a Missão não podia andar se o Senhor não punha à frente dela uma mente mais realista, tratando conseguir com isto um voto para o P.^e Estanislau, cujo realismo, ainda que não verdadeiro, ele tanto apregouu.

4277

Foi a soberba que aconselhou o P.^e Estanislau a promover apoios em toda a parte para si e para os seus camilianos, à custa de me desacreditar a mim e aos sacerdotes seculares, tanto na África como na Europa: em Roma, onde, com a persuasão do seu realismo, deixou a convicção da minha ineptidão; em Colónia, naquela sociedade benfeitora e também em Salzburgo, em Verona, etc., onde disse que sou incapaz de administrar, etc., etc. Igualmente a soberba convenceu o P.^e Estanislau de que ele é imprescindível na Missão, até ao ponto de confessar a alguém da sua caravana que a Missão, sem ele, não podia funcionar, enquanto com ele avançou e avançará melhor em todos os aspectos.

4278

d) Preparado o terreno na Europa, o P.^e Estanislau, com a ajuda do P.^e Franceschini, e utilizando directa e indirectamente os meios brevemente explicados no princípio deste último ponto, teria procedido ao meu derrube e passaria ele a governar a Missão. De que tal era o objectivo a que apontava o P.^e Estanislau, persuadem-me, junto com os factos, os sentimentos que exprimi no Cairo o P.^e Franceschini, descritos no seguinte documento:

4279

«Eu, o sacerdote Domingos Noja... levado para os institutos de negros pelo P.^e Carcereri em Setembro de 1874, *certifico com juramento* que o P.^e José Franceschini, ministro dos enfermos, numa conversa mantida há dias com ele, me disse: “Se a Propaganda julgar, como é mais que certo, verdadeiras e justas as acusações contra o pró-vigário, eu voltarei logo para a África Central com outros oito ou dez camilianos, que já estão preparados.” E assim me explicou que o objectivo das acusações maquinadas contra D. Comboni não é tanto derrubá-lo de pró-vigário da Missão da África central, como fazer que esta Missão fique total e exclusivamente entregue aos camilianos, acabando na mesma os alunos do seminário de Verona. Que depois seja mantido na Missão algum dos sacerdotes que actualmente se encontram nela, ou que se admitam outros, será algo sempre dependente da livre vontade dos camilianos. Isto concorda perfeitamente com o que pouco antes me tinha dito um M. R. P. da ordem de S. Francisco: que a Missão da África Central, como se havia dado a entender, ia ser confiada aos Camilianos. Tudo isto certifico com juramento». Dado no instituto de negros do Cairo Velho, a 20 de Fevereiro de 1876.

Padre Domingos Noja

Anexo L

4280

Muito magoado, apresento hoje a V. Em.^a Rev.ma este relatório. O motivo do mesmo não foi a convicção de que o P.^e Estanislau com o P.^e Franceschini tenha procurado a minha deposição do cargo, pois sei que os seus esforços caíram no vazio, porque *a)* os meus missionários da África, à excepção de P.^e Rollerri, me foram sempre fiéis, juntamente com todos os institutos e também com os institutos de Verona, governados por um excelente reitor e presididos pelo bispo; *b)* fiéis permaneceram as Irmãs, juntamente com os institutos femininos, excepto as duas indicadas, cuja conduta até a sua geral desaprovou; *c)* não diminui absolutamente o favor de que eu gozava, nem o das sociedades benfeitoras nem o das pessoas, entre as quais se procurou desacreditar-me; antes pelo contrário, compreendendo as artimanhas dos camilianos, mostraram mais e mais solidariedade para comigo; *d)* a economia do Vicariato não sofreu a pretendida crise, mas, sem dúvida, melhorou, embora Carcereri me tenha feito perder muito dinheiro. Não é, pois, a convicção da dita intenção o

que me aconselhou a fazer este relatório, mas só a persuasão de que fui acusado perante a S. Congregação da Propaganda Fide, como afirmou o P.^e Franceschini.

4281

Contudo, pela medida prejudicial ao P.^e Estanislau, que talvez V. Em.^a Rev.ma me irá aconselhar a tomar, confesso que senti a alma despedaçar-se-me de dor ao redigir este escrito contra ele, de quem sempre gostei, apesar de todas as suas faltas. O P.^e Franceschini escrevia, a 3 de Fevereiro, ao P.^e Estanislau: «Sei com segurança que, no passado, ele (o pró-vigário) tinha uma confiança absoluta em ti, em quem tinha posto todas as esperanças. Muitas vezes considerou-se feliz de ter encontrado em ti um infatigável colaborador para a sua obra; pôs-te num pedestal em toda a Europa; confiou-te os institutos do Cairo e a expedição do Cordofão (1871); deu-te o primeiro cargo do Vicariato, fazendo-te seu vigário-geral; encomendou-te a expedição de Gebel Nuba (1873) e, finalmente, os seus mais delicados assuntos na Europa (1874), entregando-te uma carta dimissória, que eu copiei e conheço bem, e que era a mais lisonjeira e favorável. Tudo isso prova que no passado tinha absoluta confiança em ti. Atrevo-me a dizer, e não me engano, que ninguém gozou tanto da sua confiança como tu.»

Anexo W

4282

Em todo o caso, submeto-me inteiramente à decisão de V. Em.^a Rev.ma, já que o bem da Nigrícia foi o que sempre guiou as minhas ações, os meus anseios. Precisamente por isso tive sempre a meu lado o P.^e Estanislau Carcereri, porque não acreditei que o seu desmedido interesse pelo seu próprio bem e o da sua ordem chegasse jamais ao ponto de destruir o zelo de que parecia animado pelo bem da Nigrícia; nem menos ao extremo de agir no sentido contrário a esse bem, tentando procurar o descrédito da Missão e do seu responsável com palavras e com os factos; promovendo a quebra económica da mesma com as suas irrazoáveis pretensões e com os seus gastos, uns *inúteis e* outros *fingidos*; tratando paralisar as forças que tinham de se usar em favor da África, e procurando, para conseguir isto, separar os operários do Chefe e criar entre os mesmos o desacordo. Pelo bem da Nigrícia tive especiais atenções com o P.^e Carcereri, mas nunca acreditei que ele fosse de sentimentos tão ordinários para esquecer tão rapidamente os benefícios de mim recebidos, as mostras de afecto de que sempre foi objecto da minha parte.

4283

Contudo, não teve comigo a menor compaixão, nem a isso o moveram as difíceis circunstâncias em que, por outro lado, eu me encontrava. Sabia que em 1874-1875 só sobre mim recaíam todas as preocupações e responsabilidades do governo geral e da administração global do Vicariato; sobre mim os cuidados e a responsabilidade do mantimento das casas existentes, dentro e fora deste; sobre mim as construções empreendidas e a direcção e a vigilância da de Cartum; sobre mim toda a correspondência com as estações e com a Europa e, especialmente, com os benfeitores; sobre mim os cuidados para manter a harmonia nas relações com o Governo, necessidade que deve admitir quem quer que pense na lonjura das missões dos países civilizados, na índole própria do muçulmano e nos seus normais sentimentos em relação ao Catolicismo. Ele mesmo sabe quanto trabalho isto supõe e quanta prudência e habilidade é precisa para não incorrer na averção, sempre dolorosa, em que ele caiu em 1873, já que sempre foi mal visto pelo Governo turco.

4284

Quanto a isso, exporei de seguida o que escrevia Sua Excelência Ismail Ayoub Paxá, governador geral das possessões egípcias no Sudão e conquistador do império de Darfur, um turco como todos os outros, mas que fez muito bem a mim e à Missão. Eis o que, com data de 17 de Agosto, esta alta personalidade me escrevia para El-Obeid, de Cartum, onde Carcereri estava como meu vigário. A carta é autografada.

4285

«Desde a sua partida de Cartum não aconteceu nada de particularmente importante, salvo o regresso ao Egipto de Sir Samuel Baker, do que o informarão os jornais e sobretudo, tendo o senhor visto grande parte dos lugares em que agora ele esteve, poderá julgar melhor que qualquer outro os resultados da sua exploração e saber se verdadeiramente merece todo o clamor que levantou.

Agradeço-lhe muito, monsenhor, as gentilezas sobre mim contidas na sua carta. Aceito-as do senhor a modo de estímulo para poder cumprir sempre o meu dever.

4286

Lamento grandemente, monsenhor, ver-me obrigado a queixar-me do seu vigário de Cartum (o P.^e Carcereri). Eis aqui do que se trata. Há algum tempo, em Cartum, quatro negras cometeram um roubo, levando vários objectos; e, enquanto a polícia as procurava, elas foram esconder-se na Missão, sem que ninguém soubesse onde estavam. No outro dia, o sr. Hansal (o cônsul austríaco) enviou-mas com um escrito oficial,

em que manifestava que elas tinham ido à Missão queixar-se dos seus amos e que queriam a sua carta de liberdade. Porém, como, depois, foram reconhecidas como as ladras havia dias, eu mandei-as, em primeiro lugar, a quem competia esclarecer aquilo de que eram acusadas. Mas antes de ter terminado o processo, eis que o seu vigário, através do mesmo consulado, manda-me uma carta com data de hoje, na qual me intima a deixar em liberdade as quatro negras no prazo de 24 horas e, ao mesmo tempo, acusa todos os funcionários governativos de não obedecerem às ordens de Sua Alteza, advertindo de que se verá obrigado a recorrer a S. M. o imperador da Áustria, etc., etc.

4287

Eu creio, monsenhor, que a Igreja não é responsável se os funcionários cumprem ou não com as suas obrigações, e, portanto, o sr. vigário não tem nenhum direito de se imiscuir no assunto dos empregados do Governo. Lamento muito que ele não siga o seu bom exemplo... com o único objectivo de suscitar desavenças entre o governo local e a missão católica. O senhor honrou-nos frequentemente com a sua presença em Cartum, para poder julgar como se porta a nossa administração seja no que for. Por isso escrevo-lhe, monsenhor, a fim de que aconselhe o seu vigário a não meter-se em assuntos completamente alheios à sua missão..., porque não posso tolerar que a Igreja se imiscua nos assuntos da administração, dos quais no fim de contas eu sou o responsável, etc.

Desculpe-me, monsenhor, por ter sido tão extenso ao falar deste acidente provocado pelo seu vigário e tenha a certeza de que, apesar disso, continuo a ser seu muito obediente e respeitoso servidor, etc.

Ismail Ayoub Paxá»

Anexo P

4288

Portanto, o P.^e Carcereri conhecia todos os graves cuidados a que eu estava sujeito, e sabia, além disso, que eu não podia receber suficiente ajuda dos missionários nem das Irmãs, por causa das frequentes doenças naquele ano. Podia, pois, imaginar como devia eu correr para assistir os doentes, atender à paróquia, etc., etc.; podia também supor as longas noites de insónia e angústia que eu tive que passar no meio de tantas preocupações e cruces (4). Em troca, sem sentir a menor compaixão de mim, multiplica as minhas penas, exige que faça novos gastos para a casa de Berber, ordena que me prive do P.^e Franceschini e o envie para Berber para preparar a casa, continua a manter comigo uma correspondência imerecidamente amarga, seca e impetuosa. Sabia ele que, chegada a caravana, recuperada a saúde por parte dos missionários e das Irmãs e saído eu, recentemente, de graves problemas, a outros mais me vi sujeito por culpa do atraso da chegada das provisões, que ele tivera de deixar em Wady-Halfa e pelos preparativos da missão de Gebel Nuba, etc., etc.

Contudo, ele não pára com as moléstias nem com as ofensas; antes, aplica-se com mais energia a trabalhar directa e indirectamente para meu dano, no intento – o que, em toda a sua profundidade, demonstra a enorme ingratidão do P.^e Carcereri – de me remover do Vicariato.

4289

Tudo resultou inútil, é certo: o Vicariato está ainda em paz, os missionários perseveraram, hoje como sempre, fiéis a mim, e o estado moral e financeiro da missão, longe de piorar, melhorou. Tudo resultou inútil, sim; mas o P.^e Carcereri que, como mais tarde o P.^e Franceschini (5), esqueceu os benefícios que fiz à sua pessoa e à sua pobre família, provocou-me maior sofrimento sozinho que todos os meus múltiplos cuidados. Com pena minha, levou-me à convicção de que pouco ou nada de bom posso esperar dele e dos seus irmãos de religião, pelos quais parece secundado.

4290

Em todo o caso, depois de tantos sofrimentos, por graça de Deus, sinto-me ainda mais forte que antes. Conforta-me a convicção de que as cruces são o selo das obras de Deus. E, confiando-me a esse Coração Sacratíssimo que palpitou também pela Nigrícia e o único que pode converter as almas, sinto-me ainda mais disposto a padecer e suar até ao último alento, e morrer por Jesus Cristo e pela salvação dos desditosos povos da África Central; firme na convicção de que de toda esta tormenta o Sacratíssimo Coração de Jesus saberá tirar grande bem em favor da santa obra para a redenção da Nigrícia e de que o meu querido Vicariato, depois de tão duríssimas provas, que quase me custaram a vida, ganhará novo vigor e adquirirá mais estável fundamento, à imagem da Igreja, que da perseguição ressurgirá mais forte e mais fecunda em conversões e em virtudes heróicas.

4291

É ao pé do Calvário que está toda a força da Igreja e das obras de Deus. Do alto da cruz de Jesus Cristo sai esta força prodigiosa e a virtude divina que devem destruir na Nigrícia o reino de Satanás, para o restituir

ao império da verdade e da lei do amor, que conquistarão para a Igreja as inumeráveis gentes da África Central.

Beijo-lhe a sagrada púrpura e glorio-me em declarar-me de V. Em.^a Rev.ma hum.mo, devot.mo e obed.mo filho.

Roma, 29 de Junho de 1876

P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário apostólico da África Central

- (1) Expressão de um soldado austríaco em Verona, para expressar inflexibilidade e firmeza.
- (2) Cinco mil francos que Carcereri fez com que P.^e Rolleri lhe devolvesse logo no Cairo.
- (3) Nas cataratas, perto de Schellal, além disso afogou-se um dos irmãos leigos do meu instituto, José Avesani.
- (4) Quando, como consequência da minha queda do camelo espantado pela hiena no deserto, parti o braço, estive 104 dias sem me poder deitar a dormir. Depois, o ano passado, durante sete meses seguidos não dormi nunca uma só hora das vinte e quatro, mas cada vez menos, etc., etc.; pois bem, sofri mais por culpa de Carcereri que pelo resto.
- (5) Embora não estivesse obrigado a isso, passei 400 francos à paupérrima família de Franceschini, etc., etc.

*N.B. Falta a pág. 46 e as pp. 47 e 48 estão incompletas.
O próprio Comboni não respeitou a ordem alfabética dos anexos.*

N.º 654 (1212) - NOTA
AP SC Afr. C., v. 1005, f. 1434

Junho de 1876

Um as palavras de Comboni.

N.º 655 (1213) - NOTA
AP SC Afr. C., v. 1005, f. 1442

Junho de 1876

Breve escrito de Comboni.

N.º 656 (1214) - CONTAS
COM A OBRA CAMILIANA DA ÁFRICA CENTRAL – 1874
AP SC Afr. C., v. 1005, ff. 1531-1534; 1541-1543; 1545

Junho de 1876

Algumas palavras de Comboni sobre o documento.

N.º 657 (1216) - RELAÇÃO DOS GASTOS DA VIAGEM
À EUROPA (1873-1874)
DO P.^e ESTANISLAU CARCERERI
AP SC Afr. C., v. 1005, ff. 1496-1506v

Junho de 1876

Algumas notas de Comboni sobre a relação do P.^e Carcereri.

N.º 658 (624) - A Mgr. JEAN FRANÇOIS DES GARETS
APFL, 1876, Afrique Centrale, 6

J. M. J.

Roma, 2 de Julho de 1876
Piazza del Gesù 47, 3º

Senhor presidente,

4292

Na esperança de ter a honra de o visitar depois de terminar os meus assuntos na Propaganda, após a congregação geral dos cardeais, que se celebrará, espero, em Agosto ou Setembro próximos, rogo-lhe, senhor presidente, que faça enviar-me a Roma a contribuição que os dois conselhos da Propagação da Fé tenham destinado ao meu Vicariato para o exercício do ano de 1875, por ter aqui o meio de transferir o dinheiro para o Vicariato sem nenhuma perda nas letras.

Rogo-lhe ao mesmo tempo que retire dessa contribuição a soma de 800 francos e a envie à madre Emilie Julien, superiora geral das Irmãs de S. José da Aparição, a Marselha, rue Capellette, pois deve empregar-se para a viagem até ao Cairo das novas Irmãs, destinadas à África Central.

4293

Fico-lhe infinitamente reconhecido, senhor presidente, pela bondade que teve ao enviar 10 000 francos para o Cairo, para a construção aí dos meus dois institutos. Graças à sua caridade, estou em condições de lhe comunicar que os missionários e as Irmãs podem instalar-se nas novas casas nestes primeiros dias de Julho, ou seja, quando tenho a honra de lhe escrever.

4294

Agora estou ainda muito ocupado a trabalhar no terceiro relatório para a S. C. da Propaganda. Depois te-rei a satisfação de me dedicar com o meu secretário a redigir uma informação geral para a admirável Obra da Propagação da Fé, que infundiu vida à missão mais difícil e trabalhosa do universo inteiro, pela qual quero dar todo o meu sangue e a minha vida.

4295

O Diabo anda hoje a rondar por toda a face da Terra para destruir as obras de Deus e tentou inutilmente lançar abaixo a minha obra e acabar comigo e com ela. O Coração de Jesus, que sempre foi a minha força, não o permitiu e nisso pode o senhor ter um novo indício da razão pela qual a Santa Sé está bem convencida da perpetuidade e estabilidade da Missão da África Central.

Digne-se aceitar, senhor presidente, a afirmação dos meus sentimentos de veneração e agradecimento eternos, com os quais tenho a honra de me declarar nos Sagrados Corações de Jesus e Maria

Seu devot.mo servidor
P.º Daniel Comboni
Pró-vigário da África Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 659 (625) - A P.º FRANCISCO BRICOLO
ACR, A, c. 14/28

J. M. J.

Roma, Piazza del Gesù 47, 3º
9 de Julho de 1876

Caríssimo P.º Francisco,

4296

Não pode lançar-me à cara o meu silêncio, porque estamos iguais. Nem tão-pouco acusar-me de falta de afecto, porque o tenho e sempre me é grato recordar-me de P.º Bricolo. Isto sabe-o o nosso incomparável Sciaui e também é notório em S. Carlos. Antes, dirigido desde o Cairo para Trieste, tinha pensado ir a Vicenza antes de ir a Verona, porém, surgiu um problema que mo impediu. Já em Roma, fiquei mal e fui-me resta-

belecer a Colónia, Mogúncia, Sesslitz (em casa de mons. Kirchner), Munique, Salzburgo, Viena, Froshdorf (hóspede do único rei que é digno de reinar: o conde de Chambord) e Bressanone. De Verona, queria ir fazer-lhe uma visita em Junho, porém, o telégrafo chamou-me a Roma.

4297

A conclusão é que um pobre diabo que deve gastar por dia *ad minus* de 500 a 600 liras para manter os estabelecimentos fundados e a missão e que deve tirá-lo todo das barbas de S. José e, portanto, escrever, falar e viajar; um pobre diabo, digo, que tem que dirigir a mais árdua e laboriosa missão do mundo, e lutar com padres, com frades, com freiras de toda a raça e nação, com turcos, com maçónicos e, sobretudo, com santos... loucos, é desculpável, se não escreve. Enquanto o senhor, meu estimado amigo, que se senta comodamente à mesa e que tem as suas santas férias (quando para mim as férias não existem), não tem desculpa. Portanto eu, falemos claro, ganho-lhe em... gentileza.

4298

Feita esta humilde confissão, digna de um que talvez dentro de pouco será bispo, convido-o a escrever-me, a dar-me notícias exactas a seu respeito e a multiplicar de agora em diante as súplicas aos Corações de Jesus e de Maria, e a Pepe, meu ecónomo, por mim e pela minha obra. Não lhe dou notícias do meu Vicariato, que foi abençoado por Deus. Só lhe digo que, enquanto antes morriam todos ou quase todos, em cinco anos, desde que a Santa Sé me confiou o Vicariato, graças à eficácia do meu Plano, *não morreu nem um dos dezanove eclesiásticos europeus* que entraram na África Central, sob a minha bandeira. Não lhe digo nada sobre o estabelecimento para as Irmãs que construí em Cartum, dotado de asilo de escravos, escola, etc.: algo enorme, de 112 metros de comprimento, ou seja, mais que o seminário de Vicenza.

4299

Mas convido-o a vir visitar-me ao Cairo, onde os missionários e as irmãs se instalaram no dia 1 de Julho nos dois novos institutos que construí desde os alicerces, num terreno que o quegive me ofereceu. Convido-o também a ir a Verona, ao meu instituto africano junto ao seminário; e à minha quinta no campo perto de Parona, comprada este ano, a qual me dá um vinho excelente (40 tonéis o ano passado) e estaremos em companhia. Se depois vier a Roma, dar-lhe-ei a alegria de o levar a visitar o Santo Padre Pio IX.

4300

Muitas saudações ao senhor bispo, ao prof. Sartori e a todos os meus conhecidos de Vicenza; mas *quero* (desculpe o tom preemptório) que me dê ao menos uma folha de notícias suas. Devo escrever a P.^e Luciano; mas estou ocupado e, por cima, tenho na cama, com varíola, o meu incomparável secretário, P.^e Paulo Rossi.

4301

Amanhã, pela tarde, pedirei para si a bênção do Santo Padre, que está muito bem, tem uma memória de ferro e conforta o mundo com a sua virtude e longevidade pontifical. Entretanto, creia-me sempre

Tuissimus in Xto.

P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário ap. da Áf. Central

N.º 660 (626) - AO CARD. ALEXANDRE FRANCHI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 423-427

Roma, 20 de Julho de 1876

BREVES NOTAS

Para minha justificação sobre certas acusações
feitas contra mim pelo R. P.^e José Franceschini

4302

Alquebrado pelas doenças, pelos desgostos e pelas fadigas, em Dezembro de 1875 dirigi-me a Berber, para depois continuar a viagem para a Europa, aonde me chamavam importantes negócios do Vicariato. Chegado a Berber, dediquei-me a pôr fim às disputas económicas com o P.^e Estanislau, as quais, por sua culpa ainda não tinham terminado; *e não por estar convencido de que o acerto fosse justo, mas só por não deixar questões pendentes no Vicariato, do qual me afastava, concertei numa paz geral cada divergência particular e dei as garantias que me foram solicitadas*. Expôs-me o desejo de receber tábuas e tijolos e satisfi-lo logo,

ordenando ao superior de Cartum que efectuasse o envio, o qual depois foi levado a cabo. Contente do acordo alcançado, escrevi sobre ele ao P.^e Guardi, que o reconheceu e aprovou.

4303

Assim pois, da minha parte, ainda que contra a razão, a paz tornou-se verdadeira e efectiva, de modo que, chegado em Fevereiro de 1876 o meu secretário a Roma, ainda que tenha ouvido algum falatório contra mim a respeito das relações com os padres camilianos, e ainda que sabendo que por parte dos padres Carcereri e Franceschini continuava com palavras e com factos a inimizade para comigo, recusou-se a apresentar na Propaganda um relatório sobre as divergências dos camilianos, já que a Propaganda tinha como válida a paz restabelecida entre mim e o P.^e Carcereri. Depois disto creio poder dizer rotundamente que, *da minha parte, a paz acordada não somente foi sincera mas também veraz e efectiva.*

4304

Ora bem, ainda antes de estabelecer a paz, acusaram-me os padres camilianos perante a Propaganda? E estas acusações não retiradas pelos padres camilianos depois da paz, considera-as a Propaganda extintas? Em caso de não ser assim, como este ponto não se tratou quando se pôs fim em harmonia às disputas, *ficar-me-ia o direito de me defender e de proceder contra eles*, sempre bem entendido que não emitirei nenhum juízo absoluto, mas *somente os juízos a que me obrigaria a verdade provada dos factos.*

4305

Os padres camilianos, não contentes com terem continuado em segredo as hostilidades contra mim, tanto com factos como com palavras, até depois da paz, que efectivamente continuava da minha parte, acusaram-me à Propaganda também depois da paz? E acusaram-me até do que não lhes diz respeito? *A ser assim, teriam demonstrado querer absolutamente e a todo o custo o meu descrédito e eu sentir-me-ia com maior direito a defender-me e a proceder contra eles.* E precisamente assim parece ter agido o P.^e Franceschini, exactamente no momento em que eu, sem estar obrigado a isso, lhe oferecia um favor dando-lhe a importância que ele me pedia para as suas necessidades.

4306

Exposto isto, passarei a acrescentar o que é suficiente para me justificar. E digo em primeiro lugar que *é falsa* a acusação que se tentaria contra mim, afirmando *que todos os meus missionários me são contrários.* Além disso, supondo que fosse verdade que tenho todos os meus missionários contra mim, como isso parece indicar claramente que eu teria a culpa, ao menos haveria que provar primeiro se a razão e a justiça está do lado dos missionários. Mas isso nunca se poderá provar: *a) porque quanto aos factos que nessa hipótese teriam indisposto os missionários contra mim, eu poderia ter razões justas mas ocultas, que não devia revelar a meus subordinados; b) porque é falsa essa suposição.*

4307

Os meus missionários não me são contrários; e mais, com a única excepção de P.^e Rolleri, todos me ajudam contra os que me queriam prejudicar. A este respeito não falo do meu secretário, do meu representante, do bispo e dos institutos de Verona e do seu reitor: só me referirei aos meus missionários e Institutos de Cartum, El-Obeid e Gebel Nuba. Exceptuada alguma diferença de opinião entre os missionários de El-Obeid e mim, sobre o modo de conduzir a Missão, os quais acabaram por se acostumar à minha maneira de a conduzir, que é a que expus na terceira parte do relatório geral, apresentado no passado Abril, nenhuma outra diferença relevante tive com os meus missionários de Cartum, El-Obeid e Gebel Nuba.

4308

O P.^e Franceschini teria, sim, tentado desacreditar-me; mas entre os meus missionários não o conseguiu. Pelo contrário, todos os sacerdotes seculares, tentando confortar-me dos desgostos e das fadigas, assinaram uma mensagem espontânea redigida por P.^e Luís Bonomi e dirigida a mim, na qual manifestavam a sua fidelidade, agradecimento e amor, a aprovavam o meu governo e a minha administração.

4309

O P.^e Franceschini foi depois dizendo que essa mensagem não tinha sido espontânea e que eu a tinha suscitado. Ouviu este palavrório o meu secretário e interrogou a respeito disso, duma forma reservada, os missionários, os quais lhe responderam que *a mensagem foi totalmente espontânea e que os juízos favoráveis a mim constituíram o fruto dum exame consciencioso.* É tão falso ter eu suscitado aquela mensagem que, uma vez nas minhas mãos, já não me ocupei mais dela, de maneira que agora não a encontro. Todavia, a este propósito, sem querer alongar-me demasiado, citarei a resposta de P.^e Luís Bonomi, superior de Gebel Nuba, que redigiu a mensagem, e a de P.^e Gennaro Martini, que manifesta a natureza desse escrito, ambas dirigidas ao meu secretário e datadas de 19 de Dezembro de 1874.

4310

«Assombra-me grandemente que alguém tenha podido até suspeitar e insinuar que eu redigi e assinei uma mensagem para quem quer que seja, contra a minha vontade e movido por motivos alheios aos nascidos dos meus sentimentos. Por isso, protesto contra essa *falsa e caluniosa* insinuação. Nem monsenhor nem ninguém no mundo, mesmo que fosse o Papa, me teria arrancado um documento ou um testemunho do qual eu não estivesse persuadido. Creio que isto vale também para todos os meus companheiros que assinaram, se considerar o empenho com que discutiram, estudaram e pesaram cada palavra daquela mensagem, antes de a assinar». (P.^e Luís Bonomi)

4311

Pelo seguinte, de P.^e Gennaro Martini, além da espontaneidade, se vê a substância daquela mensagem a respeito do meu governo e da minha administração.

«Quanto ao testemunho dirigido ao monsenhor, que assinei, diz ao P.^e José que o assinei de minha plena, perfeita e deliberada vontade, porque não podia deixar de agir assim, segundo as minhas convicções; e se tivesse julgado que devia agir de outro modo, tê-lo-ia feito sem temer nada nem ninguém. Em todo o caso, que bem que trabalha o Diabo na nossa pobre missão!... disse que estava muito contente com a *administração e o governo* do monsenhor ao assinar esse escrito, porque estou convencido de não ter recebido do monsenhor, desde que faço parte da missão, mais que benefícios e estímulos para trabalhar pela salvação das almas». (P. G. M.)

4312

Portanto, *que os meus missionários me sejam contrários é uma pura mentira*; como também é uma *pura mentira ao afirmar que tenho as Irmãs contra mim*; já que, excepto duas (Ir. Germana e Ir. Madalena), todas as demais desaprovam a conduta de ambas e mostram-me a sua adesão, agradecidas e fiéis. Os motivos pelos quais as duas mencionadas Irmãs me são hostis são os seguintes: a) o ter empreendido eu em 1874 a construção sólida para as irmãs de Cartum e ter adiado a de El-Obeid, onde elas se encontravam, até acabar a de Cartum; b) o ter tirado eu de El-Obeid o P.^e Franceschini, com o qual estavam em estreitíssima relação e ter nomeado para aí outro superior.

4313

Rapidamente se vê quão injustos são os referidos motivos de indisposição contra mim, se se considerar que nem todas as construções podem ser feitas ao mesmo tempo e que, se mudei de El-Obeid o P.^e Franceschini, fi-lo porque corriam sobre ele certas conversas que não honravam a Missão. Todavia, pelo primeiro motivo, as duas Irmãs indispuseram-se só comigo, e pelo segundo zangaram-se comigo e, por reflexo, com o novo superior. Em todo o caso, nunca escrevi nem a elas nem a outros sobre as suas pessoas nenhuma palavra ofensiva ou de queixa, mas sim de estímulo para fazerem o bem. A má disposição dessas duas Irmãs, que diziam querer viver com os camilianos, cresceu quando o P.^e Franceschini contou à Ir. Germana a reprimenda que recebeu de mim pela correspondência secreta, não demasiado louvável, que ele mantinha com ambas.

4314

Por outro lado, entre as Irmãs, foram só estas duas que apoiaram o P.^e Franceschini em 1876, juntando-se a ele para me criar problemas e multiplicar os desgostos. Nestas circunstâncias, a irritação do P.^e Franceschini e das duas Irmãs veio a recair também sobre uma tal Ir. Ana, que foi objecto de mil ofensas e injúrias. Os motivos da injusta perseguição desencadeada contra ela foram os seguintes: a) porque, longe de apoiar o P.^e Franceschini, estava do meu lado como todas as demais, e especialmente b) porque, não podendo utilizar naquele momento aquelas duas Irmãs para certos assuntos, servia-me dela.

4315

A injustiça de tais motivos para perseguir a Ir. Ana vêem-se claramente se se pensar que eu não tinha nenhuma razão para me mostrar desconsiderado por ela, sendo a Ir. Ana activa e fiel; e se a usei para fazer certas compras e tratar algum assunto da Missão próprio da mulher, foi porque ela era, como é, não só de confiança mas também a pessoa adequada, já que por ser árabe domina perfeitamente a língua do país, conhece os costumes, etc., etc.

4316

Contudo, isso despertou a inveja, especialmente na Ir. Germana e aumentou a indisposição do P.^e Franceschini a respeito da Ir. Ana (1); e contra mim se disse, e se tentou persuadir disso, em vão, outros *que eu dou favoritismo à Ir. Ana, que no governo do Vicariato me deixo levar por ela* (2). Separadas depois as duas Irmãs, aquilo terminou e agora está tudo arranjado e em calma, pelo que espero que ambas me ajudem bem no futuro, como me ajudaram até 1874. De resto, é fácil ver quanto há de falso e de paixão na acusação agora mencionada, considerando os referidos motivos que originaram e alimentaram a aversão das duas Irmãs e do P.^e Franceschini a respeito de mim e da Ir. Ana.

4317

Em conclusão: se é falso que os meus missionários estão contra mim, se é falso que estão contra mim as Irmãs, se foi transitória contra mim a aversão das duas Irmãs, se é falso o que se disse sobre as minhas relações com a Ir. Ana, injustamente atacada, então as acusações que se tenham feito contra mim sobre a missa, o ofício divino e a confissão são verídicas se se exprimirem nos sentidos seguintes.

4318

O pró-vigário, que sempre que lhe foi possível, celebrou diariamente a missa, nos meses de Agosto e Setembro de 1875, estando em El-Obeid, e nos meses de Outubro e Novembro de 1875, estando em Gebel Nuba, só a celebrou em dias festivos e num ou outro ferial. O pró-vigário, nos meses referidos, nem sempre rezou o ofício divino. O pró-vigário, *que sempre se confessou ao menos cada oito dias*, nos dois meses passados em Gebel Nuba, ou seja, em Outubro e Novembro, não se confessou mais que uma vez. Se as acusações se expressaram neste sentido, estão certas; de contrário, são falsas.

4319

De qualquer modo, ainda que fossem certas, *creio não poder ser inculcado, uma vez que, quanto à reza do ofício divino, estou facultado para me dispensar a mim mesmo e aos meus missionários havendo uma razão suficiente; ora as circunstâncias em que me encontrava em El-Obeid proporcionaram-me razão suficiente para a omissão da missa em vários dias feriais e do ofício divino*. De facto, no meio de uma actividade intensíssima, como a que me impunha a organização de El-Obeid nas suas relações internas e externas; entre as preocupações surgidas da administração, que, pela dificuldade de mandar dinheiro do Cairo para o Sudão, se tinha posto mais dura e penosa que nunca, perante a perspectiva de grandes gastos que todavia havia que fazer, e sobre o peso de manter correspondência com o secretário e vivas e úteis as relações com a Europa, tinha em cima disto a alma amargurada por mil desgostos devido sobretudo a Carcereri; pela morte de alguns benfeitores; pela conduta do P.^e Franceschini e das duas Irmãs; pela irreverente correspondência semanal de P.^e Rollerli, etc.

4320

E à fadiga pura e simples, bem como à indisposição moral, juntou-se rapidamente, além disso, a indisposição física. Uma constante dor de cabeça, a falta de apetite e uma sede contínua afligiram-me permanentemente em El-Obeid, efeitos do persistente estado febril em que tinha caído. Desde há mais de dois meses em El-Obeid não tinha dormido quase nada (em geral estive mais de sete meses sem dormir); de modo que, de manhã, estava sempre prostradíssimo, até ao ponto de me não poder ter de pé junto ao altar. E, claro, quando se está gravemente doente e com enorme mal-estar, é impossível rezar o ofício e celebrar a missa. Mas nunca passam três horas sem que *eu reze*, onde quer que me encontre.

4321

Só estas circunstâncias chegam, creio, para justificar a omissão em vários dias feriais e do ofício divino nos meses de Agosto e de Setembro, passados em El-Obeid, onde contudo me confessei regularmente e muitas vezes ao próprio Franceschini, à falta de outros. Depois, em Gebel Nuba, onde dois dos meus sacerdotes estavam a trabalhar com um leigo para preparar as habitações, passei por circunstâncias semelhantes e até mais graves.

4322

Aí só me pude livrar do peso da correspondência, pela momentânea falta do meio de comunicação. Porém, quanto ao resto, eu sabia que continuava a irritação do P.^e Estanislau em Berber e de P.^e Rollerli no Cairo e que isto devia reflectir-se nas outras estações; e o desgosto da atitude do P.^e Franceschini e das duas irmãs não cessou, já que, não podendo deixá-los em El-Obeid, tinha-os levado comigo para Gebel Nuba.

4323

E depois, em Gebel Nuba, a fadiga material, por ter que ultimar os trabalhos, estabelecer as relações com o *cojur* chefe e com a população e pôr a Missão em andamento, foi maior que em El-Obeid, com a agravante de contínuas doenças. Com efeito, se, desde Maio, o leigo que os meus missionários tinham levado consigo estava com febres, se em Setembro ficou nas últimas o P.^e Afonso Chiarelli, afectado, logo após a sua chegada, por um terrível sarampo, também o P.^e superior adoeceu rapidamente de forma séria, o qual só se recompôs em El-Obeid para onde voltámos mais tarde. Os que se restabeleceram foram afectados por febres, as quais não tardaram a atacar também o leigo que tinha levado comigo, as Irmãs, o P.^e Franceschini, P.^e Gennaro Martini e a mim: enfim, todos.

4324

No meio da grande actividade desenvolvida entre tantos incómodos físicos e morais, pensei que poderia fazer uso da faculdade que me permitia dispensar-me da reza do ofício divino. De igual maneira que as

mesmas circunstâncias que agravaram a minha indisposição física creio que bastam para me justificar se nalguns dias feriais omiti também a celebração da missa.

4325

Depois, doente com todos os outros sacerdotes e comigo o próprio superior da estação e para mais este de forma grave, e não tendo eu confiança noutros, diferi a confissão (na esperança de me confessar em breve), da qual, por outro lado, não tive absoluta necessidade. Estes breves esclarecimentos *creio que bastem para me justificar das acusações que me foram feitas sobre a omissão da missa em vários dias feriais e do ofício divino e sobre a demora de quase dois meses em Gebel Nuba.*

4326

Portanto, quando após mil dificuldades se puderam ultimar as coisas daquela nova estação, por culpa dos incómodos, vimo-nos *todos doentes e, por cima, faltos de remédios e provisões e na impossibilidade de que nos chegassem provisões* pela momentânea falta de comunicações com El-Obeid, dadas as condições de hostilidade que tinham surgido entre o Governo de El-Obeid e os Nuba, ao negarem-se estes a pagar o tributo anual. Em tais condições, que devia fazer eu, responsável da saúde dos missionários e das Irmãs? *As habitações estavam preparadas, as boas relações estabelecidas, a Missão em andamento:* só restava ocupar-se da saúde de todos. Mas isto não se podia fazer ficando em Gebel Nuba, devido às circunstâncias antes referidas; por outro lado, *a presença dos missionários em Gebel Nuba era inútil, por causa das doenças e, para além dessa inutilidade, corriam perigo, tanto pela doença nas condições expostas como pela guerra que naquelas terras livres e remotas parecia levar a efeito o Governo do Cordofão.*

4327

Dadas todas estas coisas, pedi conselho a todos os missionários e *eles, na sua totalidade, incluído o P.^e Franceschini, concordaram deixar tudo em seguida nas mãos do chefe da tribo, nosso amigo, e regressar, por algum tempo, a El-Obeid* (3). Entretanto, o governador de El-Obeid, que ia armado contra Gebel Nuba, mandou-me um número suficiente de camelos, dizendo-me que os utilizasse, caso quisesse ir-me daí. Todos aproveitámos a ocasião, ainda que prevíssemos os incómodos da viagem, devido às doenças. Mas *tal decisão, nas circunstâncias referidas, longe de ser tida por imprudente, penso que se deve considerar prudentíssima.*

4328

Entregámos tudo ao chefe da tribo e, abandonando temporariamente aquela missão já aberta e iniciada, mudámo-nos para El-Obeid, onde logo me confessei ao superior daquela estação. Depois, *deixando organizado e em paz o Vicariato, já tornado estável e seguro,* vim para a Europa para resolver aqui, além de outros vários, certos assuntos que igualmente respeitam ao bem do Vicariato.

4329

De todas as acusações que fez contra mim o P.^e Franceschini, eu, em consciência, *não me sinto culpado nem de um pecado venial.* Só o lamento por ele, que perderá a sua alma se, antes de morrer, não se retractar ante a autoridade, à qual falazmente apresentou tantas acusações. Eu, por minha parte, perdoo-lhe de coração.

Roma, 20 de Julho de 1876

P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário ap. da África Central

4330

1) Porque também a Ir. Ana me contava em segredo as ligações do P.^e Franceschini com a Ir. Ana [*lappus: Ir. Germana*] e a Ir. Madalena, para os remediar. Por outro lado, a Ir. Ana é a Irmã mais capaz, mais santa e com mais zelo do vicariato. Em mil circunstâncias mostrou verdadeiro heroísmo para ganhar almas para Deus.

2) Além disso, tive que defender – pelo que me agradeceu a superiora provincial – a inocência da Ir. Ana contra as injustas acusações de que tinha sido objecto, agindo sempre de acordo com a provincial.

3) Contudo, eu não tinha intenção de os levar todos a El-Obeid, mas sim que nos detivéssemos em Shinjokaen, a 14 horas de Gebel Nuba. Mas aí não encontramos nada, nem leite, nem carne, e estávamos sem sal. Todos os habitantes tinham fugido com o gado ao aproximar-se o exército, porque os soldados o roubam todo. Então decidi (eu também continuava com febre) levá-los todos para El-Obeid.

J. M. J.

Roma, 21 de Julho de 1876

Caríssima Faustina,

4331

Obrigado pela felicitação que me dirigiste pelo dia do meu santo. Reza muito por mim todos os dias. Os meus assuntos vão estupendamente, mas prolongam-se em excesso.

O teu irmão, a quem vi hoje, encontra-se muito bem. Disse-me que quer pagar-te as lamas [*termais*] de Abano, ainda que gostasse de o fazer eu. De qualquer modo, agora estarás em Abano e, se precisares de qualquer coisa, especialmente de dinheiro, escreve na volta do correio, que logo te mandarei tudo.

4332

Tu sempre tendes a economizar; mas a pele vale mais que o dinheiro. Portanto, antes de tudo, em Abano, que te examine o médico; pagas-lhe, deixas-te dirigir por ele e fazes uma cura completa e, quando tiveres falta de dinheiro, diz-mo.

Tinha escrito ao avô para que fosse contigo também a Recoaro, mas ontem respondeu-me que lhe custa muito sair do seu buraco. Saúda-te a princesa, Madame Brown, e o teu irmão, a quem entreguei a tua carta, logo que chegou ontem à tarde. Mando-te esta por meio de P.^e Paulo que, curado da varíola, vai para Verona, enquanto P.^e Squaranti vem a Roma.

Teu af.mo P.^e Daniel

N.^o 662 (628) - À MADRE EMILE JULIEN
ASSGM, Afrique Centrale Dossier

J. M. J.

Roma, 30 de Julho de 1876

Minha veneradíssima madre,

4333

Acabo de receber a carta da nossa cara Ir. Catarina, que me diz que também está doente. Isso faz-me muita pena. Mas rezarei muito até que o bom Deus a cure por completo. Faça chegar à Ir. Catarina as minhas saudações.

P.^e Silvestre disse-me que a madre deseja ver em Pau a rainha Margarida, sobrinha do rei, o conde Chambord e esposa de D. Carlos. Com este objectivo escrevi uma carta a essa santa princesa que é a cunhada de Maria Imaculada, rogando-lhe que a receba como a senhora merece. Deixo aberta a carta da rainha: leia-a e depois feche-a. Quando chegar a Pau, conviria que se apresentasse cedo no palácio e perguntasse aos criados a que hora a rainha a pode receber. Então entregue a minha carta para que a passem à rainha, a fim de que ela a leia antes de a receber a si e saiba de quem se trata. Recebê-la-á depois do almoço.

4334

Adeus, cara madre. As Irmãs, que vi esta manhã, estão bem. Os meus assuntos vão estupendamente, apesar dos esforços que fizeram os camilianos para me derrubar e se apoderar do Vicariato. Mas eu deixei-os bem servidos. No próximo Agosto terá lugar a congregação geral, e creio que para os últimos de Setembro serei sagrado bispo. Fique isto entre nós. Reze por mim.

Seu af.mo Daniel Comboni
Pró-vigário apost. da África Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 663 (629) - AO CARD. FILIPE DE ANGELIS
ASAF, pos. R. III

J. M. J.

Roma, Julho de 1876

Eminentíssimo e Rev.mo Príncipe,

4335

Na minha pequenez, ganho ânimo para lhe escrever estas duas linhas para saudar V. Em.^a com profundo respeito e fazer-lhe chegar a minha humilde, reverente felicitação pelo faustíssimo acontecimento do cinquen-tenário do glorioso episcopado com que V. Em.^a Rev.ma iluminou a Igreja de Jesus Cristo, consagrando-lhe os exemplos mais sublimes das mais relevantes virtudes episcopais. Pelo que terei a dita de celebrar no dia 6 do corrente o santo sacrifício da Missa junto ao túmulo do Príncipe dos Apóstolos, S. Pedro, pela prosperidade de V. Em.^a rev.ma, implorando do Céu com todo o fervor que conserve a sua preciosa vida para honra e glória da Igreja e satisfação de todos os bons católicos do universo, que vêm no longo episcopado de V. Em.^a rev.ma, como no glorioso e igualmente dilatado pontificado do N. S. P. Pio IX, uma luminosa garantia da protecção que Deus concede à sua Igreja e da solicitude com que vela por ela.

4336

Talvez V. Em.^a não se lembre da minha humilde pessoa. Mas na África Central muitas vezes roguei com os meus missionários por V. Em.^a Rev.ma, que está no meu espírito sempre associado à ideia de Pio IX. Mediante uma carta de recomendação do bispo de Verona, tive a honra de o visitar em Turim e várias vezes lhe beijei a sagrada púrpura aqui em Roma.

Digne-se V. Em.^a conceder a sua santa bênção àquele que se compraz em declarar-se nos Sagrados Corações de J. e M.

De V. Em.^a Rev.ma hum., resp. e devot.mo servidor
P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário apost. da África Central

N.º 664 (6630) - A Mgr. JEAN FRANÇOIS GARETS
APPEL (1876), Afr. C., v. 8

J. M. J.

Roma, 2 de Agosto de 1876
Piazza del Gesù 47, 3º

Senhor presidente,

4337

Com grande emoção recebi a sua venerável carta datada de 6 do corrente e também a excelente contribuição que os dois conselhos, o de Lião e o de Paris, votaram para o meu imenso Vicariato. Não tenho palavras bastantes para devidamente lhe exprimir a minha gratidão pela sua extraordinária caridade, a si e a todos os membros dos conselhos da Propagação da Fé, que deram vida e estabilidade à mais vasta e laboriosa missão do universo. Eu responderei com a consagração da minha vida inteira e de todas as minhas forças e do meu sangue pela conversão da África Central, que é objecto do seu grande zelo e da sua heróica caridade.

A congregação geral para o meu Vicariato realizar-se-á no Vaticano dentro de poucas semanas, segundo o que o nosso venerável cardeal me faz esperar.

4338

Entretanto, até hoje, desde que a Santa Sé me confiou a África Central, nenhum missionário europeu morreu na Nigéria, enquanto de 1848 a 1861 morreram quase todos no primeiro ou no segundo ano. O motivo principal desta bênção é que o Sagrado Coração de Jesus mostrou que chegou o tempo de salvação para a Nigéria. Teremos que sofrer muito, como eu sofri enormemente até agora. Mas depois do calvário vem a ressurreição da África Central e dos seus pobres operários evangélicos.

Digne-se aceitar, sr. presidente, a veneração da minha alma e o agradecimento do meu coração pelo amor e caridade heróica que o senhor guarda para com a África Central. Tenho a honra de me declarar nos Sagdos. Corações de Jesus e de Maria

Seu dev.mo servidor
P.^e Daniel Comboni
Pró-vig. apost. da África Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 665 (631) - A MONS. JOÃO ZONGHI
ACR, A, c. 15/146

J. M. J.

Verona, 12 de Setembro de 1876

Amabilíssimo amigo,

4339

A 9 do corrente recebi a sua muito estimada carta, com a bênção para a nova abadessa das beneditinas de Nonnberg, em Salzburgo, e agradeço imenso por isso. Os nossos queridos Bacilieri, Pighi e Demonte fazem os santos exercícios comigo e com mons. o bispo. Ao primeiro, de passagem neste silêncio, dei-lhe os seus cumprimentos. Porém, ficámos em que, após os exercícios, passaremos muito tempo juntos. Casella está no campo, a quatro milhas da minha casa, junto ao lago de Garda. Rogue ao Senhor por mim e pela minha cara Nigrícia. Deus esteja sempre consigo. Rogando-lhe que dê muitos cumprimentos da minha parte ao reitor do Seminário Vaticano, Melata, manifesto-lhe que sou e serei sempre

Seu af.mo amigo
P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário apostólico

N.º 666 (632) - AO CARD. ALEXANDRE FRANCHI
AP SC Afr. C., v. 8, f.453

J. M. J.

Verona, Instituto Africano
30 de Setembro de 1876

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

4340

Antes de tudo, congratulo-me pelo feliz regresso da sua visita ao Túmulo de O'Konnel e da sua viagem ao Reino Unido. Tenho a honra de lhe apresentar um dos campeões do heróico clero germânico, o M. R. P. *Martin Vossen*, secretário dessa benemérita Sociedade de Colónia, que me deu, para a redenção da Nigrícia, quase 200 000 (duzentos mil) francos. Ele anseia apresentar a V. Em.^a Rev.ma os seus respeitos; no caso de não ser recebido *em audiência privada* por S. S., suplico a V. Em.^a que lha obtenha.

4341

O belo leãozinho para S. S. está prestes a sair de Cartum com Piaggia, o célebre viajante da África Central, e espero que nos primeiros meses do próximo ano chegue são e salvo a Roma. Foi apanhado no recém-conquistado império de Darfur e ofereceu-mo o antigo agente do sultão de lá.

Aproveito esta ocasião para lhe beijar a sagrada púrpura, declarando-me com eterna veneração

De V. Em.^a Rev.ma
Hum. obed.mo e dvot.mo filho

P.^e Daniel Conboni
Pró-vigário apost. da África Central

N.º 667 (633) - A P.^e FRANCISCO BRICOLO
ACR, A, c. 14/29

J. M. J.

Verona, Insto. Africano
24 de Outubro de 1876

Meu caríssimo P.^e Francisco,

4342

Na festa de S. Rafael, protector dos vagabundos e viajantes, estou condenado a permanecer amarrado à mesa e amanhã tenho marcado encontro com o bispo em Grezzano. Inúmeras ocupações impedem-me esta semana de ir a Vicenza e ao clássico Schio. O senhor estará já em Schio (recebi a sua carta agora, às oito da tarde). Rogo-lhe que tenha a bondade de visitar da minha parte o muito erudito e venerável doutor P.^e João Rossi, de cujos lábios brotaram palavras de vida eterna nos exercícios que em Setembro passado deu ao clero veronês e diga-lhe que lhe mando uma respeitosa saudação e que nunca esquecerei os seus ensinamentos, nem sequer entre as ardentes areias da África Central. Falou como extraordinário católico e orador, ensinou como um mestre perito, e deixou gravada nos corações inapagável recordação de si e do poder da sua palavra. Teria desejado fazer-lhe uma visita consigo, mas não posso: faça-se o intérprete dos meus sentimentos de respeito e de veneração.

4343

Hoje recebi do Santo Padre Pio IX uma amplíssima bênção, por meio do meu venerável cardeal. Meu pai, que está aqui há algum tempo, manda-lhe uma cordial saudação. Já tenho o café, as tâmaras e o guarda-sol. Fui a Veneza a semana passada e, passando por Vicenza, lembrei-me da minha promessa. Antes de S. Martinho e talvez do Dia dos Defuntos. Irei lá com estas coisas.

Apresente os meus respeitos a mons. o bispo de Vicenza e a mons. Dalla Vecchia e lembre-se do seu af.mo amigo no Senhor.

P.^e Daniel Comboni
Pró-vig. apost.

Muitas saudações a P.^e Consolaro e *alios*, com vosso pai e irmã.

N.º 668 (634) - AO CARD. ALEXANDRE FRANCHI
ACR, A, c. 13/26

Roma, 18 de Novembro 1876

RESPOSTA

do pró-vigário ao projecto de divisão
do vicariato da África Central, proposto por Carcereri

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

4344

Convidado por Vossa Eminência Reverendíssima a expor a minha opinião sobre a proposta feita pelo P.^e Carcereri, prefeito da casa camiliana de Berber, de uma divisão do meu Vicariato em duas partes, ou seja, uma *oriental* outra *ocidental*, com os limites do Nilo e do Nilo Branco, as quais seriam confiadas uma ao meu instituto de Verona e a outra à ordem camiliana, eis-me aqui disposto a satisfazer conscienciosamente

essa petição, submetendo-lhe humildemente o meu parecer, fundado em muito sólidos motivos e com profundo conhecimento de causa.

4345

Há vinte e dois anos que se concebeu a ideia de uma divisão da África Central e que se pôs a par disso o Em.^o cardeal Fransoni e o card. Barnabó, então secretário. Foi exposta, estudada e discutida de 1855 a 1865, quando se tentava repartir o vicariato entre os missionários alemães do pró-vigário do dr. Knoblecher e o Insto. Mazza, de Verona, de que eu era membro, e quando, em 1865, se queria dividi-lo entre o mencionado Instituto Mazza e a ordem franciscana. Neste assunto, eu desempenhei o papel mais activo e, guiados pelo celeberrimo historiador do império austríaco, o conselheiro áulico de Hurter, presidente do excelentíssimo comité da Sociedade de Maria, de Viena, e pelo eminente professor Mitterrutzner, de Bressanone (que é o mais erudito e profundo conhecedor das missões da África Central e que publicou dois dicionários nas duas línguas do Nilo Branco, a dinca e a bari), os pró-vigários apostólicos que me precederam, meus companheiros missionários mais competentes e eu estudámos a questão com todo o interesse e pormenor.

4346

Examinámos a possibilidade de uma divisão do Vicariato em todos os sentidos: em *oriental e ocidental*, com o limite no Nilo e no Nilo Branco, como na mencionada proposta de Carcereri e em *setentrional e meridional*, com o limite de *Gebel Niemati*, nos 12^o de lat. norte, conforme o parecer do prof. Mitterrutzner, como se vê no meu relatório apresentado ao Em.^o card. Barnabó em 1865. Nós tivemos em conta todas as viagens e explorações que tinham realizado na *parte oriental do Vicariato*, a expedição egípcia de 1824, a de Linant Bey de Beaufond e do sr. D'Arnaud de 1839-1842, a de Brun-Rollet e do sr. De-Malzac de 1850-1854 e a realizada em 1852 pelo sr. Penay, que chegou por Fazogl até Fadassi.

4347

Não tivemos em conta, ao invés, as viagens do meu amigo o sr. D'Abbadie, que ainda vive em Paris, citado por Carcereri, seguindo o texto de Rorbacher, porque D'Abbadie nunca visitou o Nilo Azul, nem esteve nunca em Fazogl, nem em Fasassi, nem entre os Barta, nem entre os Berta, mas explorou, sim, diligentemente os pequenos reinos da Abissínia e as tribos dos Gallas, missões confiadas aos lazaristas e aos capuchinhos, de quem fala D'Abbadie e que não têm nada a ver com o meu Vicariato. Contudo, os nossos missionários empreenderam com esse objectivo várias laboriosas explorações por toda a demarcação setentrional e ocidental e em vários lugares das tribos centrais do *Vicariato Oriental*.

4348

O pró-vigário Knoblecher visitou entre 1848 e 1857 oito vezes o ocidente do *Vicariato Oriental* até ao 3^o de lat. N. e antes de 1860 visitámo-lo mons. Kirchner, Beltrame, Melotto, Überbacher, Mozgan, Kohl, Danninger, Lanz, Kauffmann, Morlang, eu e outros missionários companheiros meus. P.^e João Beltrame, meu companheiro do instituto de Verona, percorreu calmamente em 1855, durante quatro meses de viagem, todo o Nilo Azul, Fazogl, Barta, Berta e Changalla, até aos confins da Abissínia. Em 1859, com Melotto e Beltrame, explorei não só o rio Sobat, que desemboca no Nilo Branco a 9^o de lat. N, sendo nós os primeiros missionários a chegar por ele até onde o permite um pequeno barco, visitando, além disso, o interior do território Dinca, até aos Agnarquei (1).

4349

E depois de muitos profundos estudos acerca do território, das tribos e das línguas do *Vicariato Oriental*, determinou-se que era de primeira necessidade o ponto de apoio de Cartum para dominar tanto o *Vicariato Oriental* como o *Ocidental*, e que, então, uma divisão do vicariato não era útil nem oportuna. Por isso considerou-se necessário que um só responsável supremo dirigisse todas as missões da África Central e que o fizesse com um só processo sabiamente concebido, mantendo-se sempre firme e inamovível nas suas relações com o Governo egípcio, o qual, embora tenha no Vicariato possessões de uma extensão cinco vezes superior a toda a França e planeie outras conquistas, contudo, depois de ter tentado mil divisões e subdivisões para a administração, mantém sempre um *hokombar*, o governador militar, que vigia todas as províncias desde o ponto central de apoio, que é a cidade de Cartum, onde também deve fixar residência ordinária o responsável supremo das missões da África Central, até se ter construído o caminho de ferro do Sudão e sejam mais fáceis as comunicações.

4350

Por outro lado, é falso o que afirmam os camilianos de que no *Vicariato Oriental* não há nenhum estabelecimento dos missionários seculares e que todas as actuais estações se acham na parte *ocidental*. Dá-se o caso de que na parte oriental existe a casa de Schellal, assim como a de Berber, que eu fundei, e que está confiada *por cinco anos* aos camilianos, com a obrigação de atender os católicos das províncias de Taka e

Suakin, que se encontram na parte oriental do Vicariato e que, em dois anos, eles não visitaram nunca. Além disso, a missão principal, a de Cartum, está também na parte oriental, como o estava a antiga de Gondokoro.

4351

Eu prestei também, de forma diligente, muita atenção também à parte oriental; foram os camilianos que não se preocuparam por a cultivar como era seu dever.

Quanto à divisão, os motivos que existiam contra ela no passado persistem actualmente: motivos que tornaram inúteis os estudos que, com o objectivo de efectuar uma divisão adequada, foram levados a cabo durante muitos anos e por muitas personalidades. Pelo que, hoje, não é possível que seja oportuna uma divisão do Vicariato da África Central, de um ponto de vista absoluto.

4352

Quanto à divisão, de um ponto de vista relativo, no que diz respeito às pessoas que separadamente teriam de ocupar e governar as duas partes, hoje em dia não só careceria de utilidade, mas até seria prejudicial. De facto seria útil: a) se os camilianos, que pedem uma parte do Vicariato, uma vez recebida esta, pudessem destinar-lhe maiores meios do que os que para ela dispõem os institutos de Verona. Mas não parece ser tal o caso, porque, ao pedirem a metade do Vicariato, pedem também a metade dos recursos, ou seja, a metade do dinheiro que com tanto trabalho eu pude conseguir dos benfeitores privados e das sociedades benfeitoras; e, por cima, pretendiam, que, com a metade do Vicariato e dos recursos, eu lhes cedesse os estabelecimentos que, fundados por mim com esforço, existem na parte que se deveria atribuir a eles.

4353

Portanto, da perspectiva dos meios disponíveis, tão-pouco seria útil a divisão do Vicariato. Em paridade de recursos, uma divisão teria utilidade: b) se os camilianos pudessem dispor de pessoal mais adequado que o procedente do meu instituto de Verona. Porém, se me é lícito julgar por todos os camilianos que trabalharam e trabalham comigo na missão e pela finalidade do seu instituto, afirmo já que, senão impossível, ao menos é muito difícil que a ordem camiliana dê à missão pessoal mais adequado que o procedente dos meus institutos de Verona. E em paridade de recursos e na disposição de pessoal oportuno e de maiores e melhores meios por parte dos camilianos, uma divisão do Vicariato seria útil: c) só se os camilianos pudessem usar um sistema de missão melhor que o que têm ou podem ter os missionários seculares. Porém, não creio que se possa contar com um sistema melhor que o actual: demonstra-o o passado (voltarei a este assunto depois, ao falar da suficiência do pessoal, oferecido pelos institutos de Verona).

4354

Por conseguinte, uma divisão do Vicariato entre os meus institutos de Verona e os camilianos não seria certamente útil, antes, ousado dizer que seria prejudicial ou, pelo menos, perigoso; e isto pode deduzir-se muito facilmente do seu modo de se comportarem comigo. Fizeram todos os esforços possíveis, servindo-se da mentira e da calúnia e de todos os meios ilícitos (ainda que sem nenhum resultado) para diminuir e destruir a minha influência e prestígio, e a dos membros dos meus institutos, não só entre os muçulmanos, os hereges, os católicos, os amigos e os inimigos, no vicariato, mas até na Europa: em Verona, nas sociedades e entre muitas outras pessoas. Pelo que a vizinhança dos camilianos seria prejudicial ou, ao menos, perigosa.

4355

Portanto, para não ocasionar um dano ou um perigo para a minha instituição, que, com tanto suor e esforço, fundei e que hoje, por graça de Deus, adquire uma sólida base capaz de perpetuar a estabilidade da Missão na África Central, é por isso que, em consciência, não posso dar, nem darei nunca, o meu aval para uma divisão do Vicariato entre o meu instituto e os camilianos, nem para a cessão dos estabelecimentos e dos recursos, sequer em parte. Além disso, como posso eu acreditar que esses camilianos, que não souberam cumprir o acordo que em 1874 estabeleci com eles para que assistissem uma pequena parte do Vicariato, não maior que a Itália, vão ser depois capazes de tomar a seu cargo e governar como é devido metade do Vicariato e, para mais, sem pessoal adequado, sem meios económicos e sem uma casa própria de aclimação no Cairo, que é de absoluta necessidade para manter uma missão na África central?

4356

Não posso dar nem dou o meu voto para a divisão do Vicariato, nem para a cessão sequer parcial dos estabelecimentos que eu fundei com a ajuda do Senhor e dos recursos que S. José nos concedeu a mim e aos meus institutos de Verona para levar por diante a missão a estes confiada.

4357

Não sei como é que os camilianos fizeram crer que estou disposto a ceder-lhes a metade do Vicariato e que eu lhes prometi tal coisa, quando em 1874, ainda antes do acordo, se tinha combinado que a sua participação seria sempre de colaboração com os meus missionários e de ajuda aos mesmos, como consta do acordo e de muitas cartas do próprio Estanislau Carcereri. Este, por exemplo, escrevia-me de Roma, a 7 de Maio de 1874: «...eis os principais pontos acordados: o P.^e Guardi dar-nos-á outros religiosos, sacerdotes missio-

nários; os ditos religiosos poderão ser párocos e confessores de freiras e até dirigir estações da missão e ser ocupados no serviço do vicariato, a pedido do senhor e dos seus sucessores... em suma... *in adiutum*... Mas o P.^e Guardi pede casa própria e *não missão própria*, a fim de que os religiosos possam periodicamente retirar-se nela para renovar o espírito e residir aí, quando não fossem obrigados a estar noutra parte, para viver regularmente... *Nós só estaremos para ajudar*, como várias vezes afirmou o P.^e geral, onde formos requeridos...»

Anexo I

4358

Isto e não mais pedia o P.^e Carcereri em Abril de 1874, *declarando que ele nunca aspiraria a ter com os seus uma missão independente*, mas que, com eles, estaria sempre *para ajuda* dos meus missionários seculares, «que são os primeiros a ter direito à missão, posto que lhes fosse concedida».

4359

Tais são igualmente os sentimentos que o P.^e Carcereri revelava a P.^e Bartolo Roller, do Cairo, numa carta que lhe enviou de Roma com data de 18 de Abril de 1874, acrescentando também que era o acordado na Propaganda: «...Quanto a nós, os camilianos, tudo ficou combinado quer na Propaganda quer com o nosso P.^e geral: pede-se ao pró-vigário uma casa com igreja, os gastos da viagem e os da alimentação e roupa; cada sacerdote está à disposição de mons. o pró-vigário *e para ajuda dos missionários*, com autorização para fazer de pároco, mestre, vigário-geral *et similia*. Eu já escrevi sobre isto ao pró-vigário... mas o senhor fará bem em recordar-lho uma vez mais».

Anexo J

4360

Nestas condições eu aceitei-os e instalei-os em Berber, como se vê claramente pelo acordo. Por isso, se o comportamento do P.^e Carcereri, especialmente desde 1874, não tivesse originado em mim motivos razoáveis para suspeitas graves acerca das suas aspirações, teria agora as maiores manifestações de assombro sobre a proposta que ultimamente apresentou à Propaganda de que se dividisse o Vicariato da África Central em duas partes, uma das quais se confiasse inteiramente à sua ordem. Porém, sabidas as suas intenções ocultas, não me maravilho absolutamente de que agora as expresse e que até peça a sua realização. É bem verdade que o P.^e Carcereri, persuadido que sem uma realização suficiente, a S. C. da Propaganda não privaria os meus institutos de Verona nem sequer em parte dos seus direitos, terá apresentado razões precedendo e acompanhando a petição. Porém, em minha opinião, as razões válidas para a divisão não poderiam ser mais que três: 1.^a, a minha incapacidade ou de outros do instituto de Verona para governar bem o vicariato; 2.^a, a insuficiência do pessoal, proveniente dos Institutos de Verona; 3.^a, a violação do contrato, por minha parte, ou o mau trato de que eles fossem objecto da minha parte.

4361

Se, para levar a efeito a solicitada divisão, a primeira das três razões assinaladas, então, sem pedir que me sejam tidas em conta as fadigas suportadas, os perigos superados, os meios fornecidos, as mortificações sofridas – e tudo isto durante mais de vinte anos –, mas que se examine só quanto fiz ao longo do meu governo, posso dizer que tal razão não existe. Porque: a) nada fiz de precipitado, como se pensa, e como talvez pareça a quem tem mais em conta as palavras que os factos, mas, pelo contrário, agi sempre, em tudo, depois de um sério exame e sem desprezar o conselho alheio; ao invés, não se pode passar em silêncio a inflexibilidade do P.^e Carcereri, mesmo em condição de subordinado: tem uma ideia e quer a todo o custo levá-la a cabo, ainda que as coisas que ele concebe raramente sejam rectas, boas e justas. Além disso: b) com o Governo civil agi de maneira que, sem ser rígido em palavras, de facto consegui sempre o seu favor e o respeito aos direitos da Missão; embora às vezes me tenha tocado procurar a reconciliação com as autoridades civis, molestas devido ao carácter do P.^e Carcereri, que entra em choque, ofende e pretende derrubar, sem mais, quem se lhe atravessa no caminho.

4362

Tudo isto, ainda que em pequena parte, se pode encontrar nos relatórios apresentados. Creia a S. C. que desço com pesar a tais declarações sobre mim e a tais comparações. Nunca tinha pensado que, depois de ter jurado trabalhar unicamente para glória de Deus, me visse obrigado a descer a semelhantes confissões. Porém, provocado, obriga-me a isso o bem da Nigricia e, portanto, a glória de Deus, assim como a justiça, que me impulsionam a fazer observar: c) que não há nada de inoportuno nas prescritas disposições disciplinares expostas no relatório que apresentei no passado Junho. Como também: d) que nunca dispus de maneira inconveniente, dadas as circunstâncias, dos meios pecuniários nos anos de 1874-1875, em que eu tive a admi-

nistração; entretanto, também a este respeito poderia dizer muitas e graves coisas sobre o P.^e Carcereri, o que dá a entender, em parte, o mencionado relatório por mim apresentado.

4363

E aqui, para maior brevidade, creio poder concluir que, se eu não sou o mais apto para o governo da Missão, ao menos nunca realizei nada sem uma razão sólida. Nem me consta ter feito jamais algo do que tenha agora de que me arrepender, salvo a excessiva bondade que tive com os padres Carcereri e Franceschini, apesar das suas faltas, não suficientemente notadas no princípio, mas objecto de suspeita; faltas que, sem duvidar o mínimo delas, me levam a afirmar que qualquer dos meus actuais missionários valeria mais para governar e fá-lo-ia com mais capacidade e rectidão que cada um deles.

4364

Quanto à segunda razão, a relativa à insuficiência do pessoal proveniente do instituto de Verona, digo que tão pouco esta existe, porque tal insuficiência somente se daria naquele sistema de missão que, contra a realidade, considerasse útil e viável na África Central a proliferação de tantas estações como são as cidades, as povoações e aldeias que, com pouca população, se encontram disseminadas aquém e além. O sistema da missão que venho mantendo até hoje foi proposto primeiro à S. C. da Propaganda, que o aprovou; depois, procurei logo pô-lo em prática e, por graça do Senhor, os resultados superaram as expectativas, ainda que através de mil dificuldades.

4365

Construir estações convenientes, dotá-las de suficientes sacerdotes, operários leigos e freiras e escolher para isso os pontos principais, nos quais haja uma população mais numerosa e aonde afluem, de quando em quando, as gentes dos núcleos disseminados com escassos habitantes é, em minha opinião, o sistema não só mais económico, como rapidamente se pode ver, mas também o mais adequado na África Central, já que ao estarem assim mais concentrados os missionários, é mais fácil auxiliar estes nas doenças e nos perigos físicos e morais a que estão expostos.

4366

Entre os sistemas possíveis, este parece-me também o mais útil, Porque, estabelecendo as estações nos pontos principais, ao ser menos, se podem construir com decoro, que é o que mais contribui para ganhar e conservar entre aqueles povos materialistas a influência moral; porque de tal modo é mais viável conseguir a estabilidade; e porque ao poder dispor assim de mais freiras para a educação completa do elemento feminino, de mais operários que eduquem nas artes necessárias para a conservação da fé e de mais sacerdotes para cada estação, é a maneira de prover com maior facilidade, perfeição e segurança, para o bem material e moral de ambos os sexos. Este sistema, que foi aprovado pela S. C. da Propaganda, é o que é mantido até agora; e para continuar a pôr isso em prática os institutos de Verona oferecem e oferecerão o pessoal suficiente.

4367

Oferecem e oferecerão estes o pessoal suficiente não só para manter e continuar a parte que a eles seria concedida se se dividisse o Vicariato, mas também para manter e continuar a parte que, dividindo o Vicariato, passaria aos camilianos. Uma razão mais pela qual não posso dar nem darei nunca o meu voto para uma divisão do Vicariato. Não estou disposto a ceder a parte oriental, quando os meus institutos de Verona podem ocupar-se tão conveniente e utilmente e quando os estabelecimentos aí construídos me custaram tantos suorres; e não estou disposto a ceder a ocidental, porque os meus institutos de Verona a podem manter junto com a oriental e constitui o verdadeiro campo da missão, isto é, o campo das melhores esperanças.

4368

Depois disto, penso que a S. C. não quererá chegar à divisão do Vicariato pela terceira razão, a qual, mais que para que se efectue a pedida divisão a favor dos RR. PP. camilianos, teria que valer mas era para que se afastassem por completo da missão. De facto, eu não os tratei mal, eles é que me trataram mal a mim, e tentaram, por todos os meios, afastar-me da Missão. E se, por acaso, se sentiram em algo por mim ofendidos, o motivo foi a sua conduta; além disso, os meus actos foram justos, sem ser tantos nem tais como deveriam ter sido, nem tantos nem tais como eles afirmam ou crêem.

4369

Tudo isto se vê claramente pelos relatórios que, provocados por eles, tive que apresentar à S. Congregação. Relatórios nos quais somente pus o que me era possível provar sobre eles, com os seus próprios documentos; porém, em consciência teria podido dizer muito mais não só dos padres Carcereri e Franceschini, mas também de outros religiosos camilianos, que, embora não mencionados nos meus últimos relatórios, me deram igualmente muito grandes desgostos.

4370

Assim pois, recebi injustas ofensas desses camilianos, a quem, penso, em consciência, ter tratado sempre com generosidade, admitindo-os como irmãos a partilhar comigo as alegrias e as penas no sublime apostola-

do da África Central, prodigando-lhes os mais solícitos cuidados e benefícios e confiando-lhes os cargos de maior importância, com preferência sobre os mesmos missionários do meu instituto, que o teriam merecido mais. Por isso parece-me impossível que, depois de tão mau comportamento dos camilianos, a Santa Sé lhes quisesse conceder o imerecido prémio de uma missão especial, subtraindo-a ao meu instituto, porque em tal caso se veria retribuído o culpado e castigado o inocente.

4371

Mas já que os próprios camilianos declararam que só permaneceriam na Missão na hipótese de que se lhes concedesse uma parte do vicariato e que, de contrário, voltariam todos à Europa, quero esperar que a Santa Sé aceite a sua resolução e os chame a todos da Missão.

Tenho a honra de lhe beijar a sagrada púrpura, enquanto com todo o respeito me declaro

De V. Em.^a rev.ma
Devot.mo. obed.mo e af.mo filho
P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário apost. da África Central

4372

(1) A 21 do passado Agosto, o meu representante, o cónego Fiore, enviou de Cartum o meu missionário P.^e Gennaro Martini, acompanhado de dois mais, com o encargo de visitar o Nilo Azul, o território dos Barta, Fazogl, Cadaref, Galabat e a província de Taka, onde vivem católicos até agora não atendidos pelos camilianos.

N.º 669 (635) - A P.^e FRANCISCO BRICOLO
ACR, A, c. 14/30

J. M. J

Roma, Piazza Gesù, n.º 47
8 de Dezembro de 1876

Meu caro P.^e Francisco,

4373

Recebi o seu bilhete-postal de 18 do mês passado e também a sua carta de 2 do corrente com a petição episcopal ao Santo Padre junta para si. Quando estiver um pouco libertado dos gravíssimos assuntos que estou a tratar com a Santa Sé, encarregar-me-ei dos pequenos encargos, como também farei o que puder em favor de P.^e Constante, na *firme esperança* de ter sucesso.

Eu não trouxe para Roma nenhum guarda-chuva: nem seu, nem meu, que *ab immemorabili* não tenho nem uso. O seu vi-o sempre no escritório ou gabinete de P.^e António Squaranti, à esquerda, quando se entra no meu colégio. Farei que escrevam a P.^e António sobre isto, já que me pareceu um guarda-chuva muito bom.

4374

Alegro-me da sua amistosa entrevista com P.^e Beltrame. Meço o seu prazer pelo meu, quando ele me veio ver.

P.^e Paulo manda-lhe cordiais saudações. Ele é um grande diplomata e está a tratar bem um assunto com a Santa Sé.

4375

Em confiança e de modo *absolutamente confidencial* comunico-lhe as resoluções secretas tomadas pela Santa Sé sobre o que me diz respeito. Há que notar que os camilianos, depois de me terem caluniado perante a Santa Sé (entende-se que para me derrubar e destruir e para que a sua obra substitua a minha), depois de me terem acusado ante a Propaganda de ser culpado *dos sete pecados capitais e de terem faltado contra os dez mandamentos do decálogo e contra os preceitos da Igreja*, vendo que não podiam conseguir nada, pediram à Santa Sé a divisão do Vicariato em duas partes, escolhendo para si a *oriental*, ao que respondi à Santa Sé com um não rotundo.

4376

No dia 27 teve lugar no Vaticano a congregação geral dos cardeais e, ao cabo de quatro horas, decidiram:

1.º Não se procede à divisão do vicariato da A. C., mas há-de ter um só e único responsável supremo, e este há-de ser D. Comboni.

2.º Carecem de fundamento e de valor algum as acusações dos camilianos; ao contrário, têm validez e impõem-se a defesa e as acusações de D. Comboni contra os camilianos.

4377

3.º Que sejam expulsos imediatamente da Missão os dois camilianos Estanislau Carcereri e Franceschini.

4.º Que se promova ao episcopado D. Comboni. Mas que antes da sua nomeação formal: 1.º, que seja ouvido o rev.mo P.º geral dos camilianos, para saber se tenta deixar os outros camilianos na Missão ou se pretende retirá-los definitivamente a todos; 2.º, que seja ouvido D. Comboni sobre em que condições aceitaria os camilianos sobreviventes e outros novos, no caso de o P.º geral pretender deixá-los na missão. 3.º, se D. Comboni não quisesse mais camilianos ou o geral tivesse intenção de os retirar a todos, que seja ouvido mons. Comboni sobre o modo como ele organizaria o Vicariato só com as forças dos seus institutos e sem a ajuda dos camilianos.

4378

A minha resposta será *breve, breve*: fora todos os camilianos. E quanto se tiverem ido todos, farei com que os meus missionários ocupem a estação camiliana de Berber, à qual juntarei *logo* um instituto de Irmãs francesas de S. José, ou das *Pias Madres da Nigricia*, de Verona, que estão preparadas.

4379

Julgo ter obtido um triunfo completo sobre os meus adversários, embora tendo eles como geral o rev.mo P.º Guardi, consultor das sagradas congregações do Índice, do Santo Ofício ou Inquisição, de Ritos, de Bispos e Regulares e da Disciplina Regular, além de ser examinador de bispos e durante muitos anos geral de uma ordem religiosa, ter nascido em Roma e ter íntima amizade com personalidades como o Papa, cardeais e prelados.

4380

Porém, em Roma faz-se justiça. E a minha obra, tendo saído ilesa desta furibunda tempestade e desta enorme conspiração, tentada com todos os meios diabólicos e sem poupar esforços desde o fundo da África até Colónia para me derrubar e me destruir para sempre, ressurgirá mais forte e próspera e continuará o seu curso através dos séculos, iluminando com a luz do Evangelho a vasta Nigricia, para se deter no porto da eternidade com a Igreja gloriosa de Jesus Cristo. Louvado seja, por isso, Jesus.

4381

Disse-lhe tudo isto *confidencialmente*, porque eu soube-o de maneira *confidencial* e não oficialmente. E é que antes de eu receber uma comunicação oficial disso, devem examinar-se os três pontos da quarta resolução da S. Congregação. Portanto, escrevo-lhe isto *em segredo*, reservando-me dar-lhe em breve outras notícias. *Pecados, nunca mais! Frades, nunca mais!* Eu quero os frades que *são bons*, mas não os maus. Ao dizer «frades nunca mais», refiro-me aos velhacos. Saudações a P.º Consolaro e aos meus conhecidos. *Tuissimus*

Daniel

N.º 670 (636) - A Mgr. JEAM FRANÇOIS DES GARETS
APFL, 1876, Afr. C. 9

J. M. J.

Roma, 21 de Dezembro de 1876
Piazza del Gesù, 3.º

Senhor presidente,

4382

Tenho a honra de lhe remeter duas cópias do quadro que o senhor teve a bondade de me enviar em Julho passado. Depois da festa da Epifania, mandar-lhe-ei dois exemplares de um pormenorizado relatório sobre o meu caro e laborioso Vicariato.

Faltam-me palavras para lhe exprimir o meu profundo agradecimento a si e a essa ordem divina da Propagação da Fé a que se digna presidir, pelas generosas contribuições que concedeu ao meu Vicariato, cuja vida depende dos senhores. Que comovente é ver-me tão generosamente socorrido todos os anos, de modo

que eu possa fazer frente às maiores necessidades! De maneira encarecida, senhor presidente, suplico-lhe que continue a sua acção protectora em favor da África Central e que me aumente este ano o contributo, porque as necessidades multiplicam-se e as nossas fadigas são imensas. Satanás trabalhou duramente para impedir o bem, mas de todas as cruces o Sagrado Coração de Jesus fará surgir um futuro mais brilhante para esta missão da África Central.

4383

Rogo-lhe, senhor presidente, que me envie aqui para Roma a primeira parte da atribuição anual, que a obra costuma distribuir em Dezembro.

Roma, que em verdade é eterna, tem a sabedoria do Espírito Santo e à luz dessa sabedoria divina faz justiça à verdade. A bondade de Deus deu-nos a Igreja Católica. A S. C. da Propaganda tem toda a sabedoria para dirigir na ordem espiritual quatro partes e meia de todo o universo e os conselhos centrais de Lião e de Paris têm a sabedoria do Espírito Santo e a caridade de Jesus Cristo para saber e poder distribuir às mais importantes missões da terra a ajuda necessária que permita continuar a missão do Filho de Deus.

Eu jamais poderei rogar pela Igreja sem fazer outro tanto pela Propagação da Fé.

4384

Tomo a liberdade de lhe enviar a oração para a conversão dos meus cem milhões de infiéis, os que existem no meu Vicariato, à qual o Papa Pio IX concedeu indulgências plenárias e parciais.

Digne-se, senhor presidente, aceitar os meus mais fervorosos votos de que tenha muito felizes estas santas festas e um bom ano novo, enquanto me honro em subscrever-me nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria

Seu dev.mo servidor P.^e Daniel Comboni, pró-vig. ap.

Original francês
Tradução do italiano

N.º 671 (637) - A Mme. ANA H. DE VILLENEUVE
AFV, Versailles

J. M. J

Roma, Piazza del Gesù 47, 3º
31 de Dezembro de 1876

Caríssima senhora,

4385

Faço os mais ardentes votos para que a senhora, bem como o meu caro sr. Augusto e sua esposa, tenha muito feliz ano novo e desejo que Deus a cumule de felicidade espiritual e temporal. Antes de tudo, peço-lhe mil vezes perdão pelo meu longo silêncio, verdadeiramente culpável, mas que não se deveu a ingratidão nem a falta de afecto ou desconsideração, pois nunca passou um dia sem eu pensar em si, em seus filhos e sem rezar por eles e por si.

Nem eu mesmo teria pensado chegar a este momento sem lhe ter escrito, já que sempre conservei as suas cartas e as que me davam notícias dos seus entes queridos, como correspondência a que havia que responder; porém, uma furiosa tormenta me fez sofrer as dores da agonia e, de tal modo prostrou o meu espírito, que estive a ponto de morrer. Essa furiosa tormenta, que me torturou durante dois anos, foi a causa do silêncio que mantive.

4386

Tive uma multidão de inimigos, que, tentando apoderar-se da minha obra e do meu colossal Vicariato, apresentaram à Santa Sé terríveis acusações contra mim, uma só das quais, a ter sido verdadeira, teria bastado para me perder irremediavelmente. Mas só Roma tem a sabedoria do Espírito Santo e, à luz desta sabedoria, fez justiça à verdade.

Após um estudo e um exame de mais de seis meses, dedicado às duas partes, os cardeais reuniram-se em congregação geral plena em 27 de Novembro e, depois de ter sopesado e examinado tudo, ditaram a sentença que, submetida ao juízo do Papa, a 10 de Dezembro recebeu a sua corroboração.

4387

A sentença representou um triunfo imenso para mim e a perdição total e eterna, isto é, para toda a vida, dos meus inimigos. Eles foram uns velhacos que, depois de eu os ter cumulado de favores, quando viram crescer a minha obra e os onze institutos fundados por mim ao longo de sete anos, para apoderar-se deles

tentaram perder-me com a calúnia e as intrigas, servindo-se de muçulmanos, de idólatras, de hereges, de maus católicos, do Governo turco, de pessoas afectas a Bismark, de mações e de liberais. Tentaram destruir-me, mas eu pude resistir e triunfar de tudo. Contudo Satanás não estava contente.

Ele incitou os meus inimigos a recorrerem à Santa Sé e a autoridade suprema da Igreja aniquilou-os. Louvado seja Deus, que não abandona nunca os que n'Ele confiam! Deus e Roma papal protegem sempre a inocência e a justiça.

4388

Sei que a senhora se encontra em Paris com o sr. Augusto e sua esposa. Aí irei visitá-la. Oh, que sorte, poder vê-la com Augusto e conhecer o anjo de Augusto! Mas não posso saber a altura em que irei a França, porque os assuntos em Roma são eternos. A Propaganda ocupou-se até agora de me livrar das enormes dificuldades que tinha, nos meses de Janeiro e de Fevereiro e estou certo de que se ocupará do resto. Creio que poderei chegar a Paris, o mais tardar, em Maio.

4389

Sei que a senhora Maria se tornou baronesa e que o senhor Sangiacomi apresentou a demissão. Apresente os meus respeitos à senhora e saúde Urbansky da minha parte. Já estamos em 1877. Desejo-lhe todas as felicidades possíveis porque as merece e tem direito a elas como mãe cristã incomparável. Se me mandar notícias suas, ficar-lhe-ei agradecido. A Ir. Catarina continua de cama; é um anjo de irmã. Manda-lhe saudações afectuosas. Não tem saúde, mas dirige admiravelmente a sua casa e o meu superior, mons. Franchi, está orgulhoso dela.

Sou nos sagrados Corações de Jesus e de Maria

Seu af.mo

P.^e Daniel Comboni

Rogo-lhe que me dê notícias da senhora duquesa de Valence e onde reside.

Original francês

Tradução do italiano

N.º 672 (638) - À SOCIEDADE DE COLÓNIA
«Jahresbericht...» 24 (1876), pp. 37-44

1876

Relatório de 1876
sobre o estado do Vicariato Apostólico
da África Central de 1875-1876

Rev.mo sr. presidente e egrégios senhores,

4390

Enche-me a alma de conforto e de grande alegria encontrar-me novamente entre vós, depois de ter enfrentado graves perigos e de ter suportado nas tórridas regiões da África Central muitas adversidades e sofrimentos para arvorar sobre sólida base o estandarte da fé cristã, que na sua cidade de Colónia, chamada a santa, difunde de maneira tão esplêndida seus raios luminosos nas obras religiosas, na heróica constância, fidelidade, abnegação e admirável caridade dos seus bispos e do seu clero cheio de zelo e na conduta, verdadeiramente edificante, do bom povo católico.

4391

Depois de ter deixado para trás a África Central com os seus imensos territórios de negros e as duras viagens pelo deserto, sinto-me feliz de poder exprimir aos senhores, que tanto se preocupam com aquelas terras, quão profundamente reconhecido lhes estou, egrégios senhores, porque foram os senhores os primeiros que me prestaram a sua magnânime confiança e me concederam os meios para empreender a santa obra da regeneração da Nigrícia, finalidade para a qual a Santa Sé, após consciencioso exame e em vista da actividade do excelentíssimo comité da Sociedade para a Ajuda dos Pobres Negros, me confiou o Vicariato Apostólico da África Central com uma população de mais de cem milhões de infiéis, um vicariato que é em muito o mais vasto e difícil de todos os vicariatos e dioceses da mundo inteiro.

4392

Graças à generosa decisão e ao impulso dos senhores, foi possível dar começo a uma obra tão colossal e santa, que redundará em glória de Deus, e que aspira à salvação das almas mais abandonadas e infelizes de todo o universo.

4393

Lembram ainda os senhores que em certa ocasião, quando em 1865 vim pela segunda vez a Colónia e me encontrava ainda longe de toda a ajuda humana, depois de lhes ter exposto com toda a humildade o meu projecto e de o ter feito examinar pelo vosso iluminado juízo, a clarividência dos senhores compreendeu que só com o sistema que eu propunha no meu Plano, fundado no pensamento dos espíritos mais lúcidos quanto ao assunto, que conheci, era possível difundir a luz da fé nas regiões da África Central. Estávamos nuns tempos em que as opiniões sobre a realização do Plano eram ainda muito díspares e as ideias sobre muitos pontos ainda muito obscuras. Com a sua louvável decisão, os senhores concederam-me cinco mil francos anuais para a fundação de um Instituto nas costas da África, com o objectivo de formar elementos válidos para serem utilizados no interior da África.

4394

Esses 5000 francos foram a primeira chispa daquela caridade entusiástica, convertida depois em chama em diversos países, tanto da Europa como da América para promover esta grande obra da conversão dos negros. Quando se viu o bom resultado desta primeira fundação, por mim obtido na África com a ajuda dos senhores, outras associações, como a ilustre Sociedade da Propagação da Fé de Lião e Paris, assim como a benemérita presidência da Sociedade de Maria, de Viena, fundada pelo rei Luís I da Baviera, chamada Ludwigverein, junto com outras pequenas sociedades da França e da Alemanha, apressaram-se a proporcionar-me os meios para alargar em maior medida a minha obra na África Central. Obtive também considerável ajuda da corte real de Praga, do imperador Fernando I e da imperatriz Maria Ana, como também do falecido duque de Módena e da corte real da Saxónia e de muitas principais e nobres famílias da Alemanha e da Áustria.

4395

Comparem o que era o Vicariato em 1865 com o que é actualmente e, através das muitas coisas convenientemente feitas, convencer-se-ão de que os resultados da sua sociedade para ajuda dos pobres negros foram verdadeiramente extraordinários.

4396

Em 1865 não existia na Europa nenhum instituto orientado para a formação de missionários para a conversão dos negros na África, nem nenhum instituto de Irmãs com a mesma finalidade. Só havia um instituto para crianças em Cartum, fundado pelo meu predecessor mons. Knobler a cargo unicamente de um sacerdote tirolês, o P.^e Fabian Pfeifer e um ou outro padre franciscano, que se mantinha de esmolas da insigne Sociedade de Maria, as quais ascendiam a 3000-4000 francos anuais.

4397

Examinem agora os resultados da sua generosa ajuda à grande obra, da qual, com a seguinte enumeração, quero dar-lhes uma ideia esquemática e encontrarão a sua relevância:

1) A Santa Sé confiou-me a direcção deste imenso Vicariato, que se poderia considerar o apostolado mais difícil do mundo.

2) No ano de 1867, consegui fundar em Verona um Instituto para as Missões da Nigéria, que hoje está provido de rendimentos suficientes, para o seu normal mantimento e conta com um bom número de candidatos que se preparam para as missões da África.

4398

3) Em 1872, fundei em Verona o instituto das *Pias Madres da Nigéria*, no qual se formam Irmãs missionárias que depois deverão educar as negras nos institutos dos países africanos. Este instituto veronês, que funciona já muito bem, prestar-nos-á uma extraordinária ajuda na Nigéria.

4399

4) Em 1867, fundei no Egipto dois estabelecimentos como estações de aclimação e preparação para as missões da África Central: um destinado aos missionários e o outro às Irmãs de S. José da Aparição.

4400

Até ao ano passado, pelo arrendamento destas duas casas no Cairo Velho, tive que pagar a soma anual de 2000 francos. Mas graças à benévola protecção de Comthurs Ceschini, agente diplomático de Sua Majestade o imperador Francisco José e do cônsul austro-húngaro no Egipto, ultimamente obtivemos como doação de Sua Alteza o que vive, no melhor bairro do Cairo, um terreno avaliado em 43 000 francos para nele edificar os nossos estabelecimentos. As obras dos mesmos vão já tão avançadas, que no mês de Julho deste ano os missionários e as Irmãs poderão lá alójarse.

4401

5) m Cartum, ergui um grande edifício, uma construção de 122 metros de comprimento para as Irmãs de S. José da Aparição, onde há espaços para ensino das negras, um asilo para as escravas que procuram aí refúgio e outro para órfãs, assim como um hospital e uma capela. Os missionários do instituto de Verona vivem na casa que aí edificou mons. Knoblicher, onde recebem ensino os negros e que tinha sido definitivamente abandonada em 1861 com as estações de Santa Cruz e Gondokoro, no Nilo Branco, e em 1865 a de Schellal. Ambos os institutos têm um belo jardim-quintal, o mais amplo e formoso de todo o Sudão, que dá à Missão a produção anual no valor de 1000 táleres prussianos. Cartum é igualmente a sede do pró-vigário, munida, no possível, de edifícios para todas as obras cristãs de caridade que são indispensáveis numa paróquia.

4402

6) Igualmente fundei em El-Obeid duas grandes casas, para os missionários e para as Irmãs, com igreja paroquial e capela. Aqui as construções são de terra e areia, que na estação seca resistem o suficiente.

4403

Porém, dado que na estação das chuvas (*karif*) este material se torna pouco resistente, dirigimo-nos à generosidade da Alemanha e de toda a Europa para obter meios com que possamos construir uma igreja e habitações de tijolo. A missão de El-Obeid é o ponto central de comunicação e de partida para conseguir que a fé cristã chegue às tribos da África Central e à parte ocidental do Vicariato, tal como Cartum é o ponto de partida para se seguir para este e pregar a fé entre as tribos que ocupam extensíssimos territórios do Nilo Branco e até ao equador, nos 12^o de lat. sul.

4404

7) O ano passado erigiram-se provisoriamente duas casas de missão em Delen, entre os povos de Gebel Nuba, a sudoeste do Cordofão, mas são feitas só de palha e ramos de árvore, até que, lá mais para diante, disponhamos de meios para as construir de modo mais sólido; estão situadas num ponto bom e central de Gebel Nuba, talvez aos pés do monte Carco.

4405

8) Também levantei um edifício de sólida construção em Berber, entre os 17^o e 18^o de lat. norte, nas margens do Nilo e, mediante decreto canónico de 1 de Abril de 1875, confiei-o à ordem de S. Camilo.

4406

A casa de Schellal, construída pelo meu estimadíssimo predecessor mons. Kichner, de Bamberg, agora pároco de Schlitz e membro do Parlamento de Berlim, presta-se muito bem para os missionários e para as Irmãs, que do Egipto se dirigem ao vicariato. Reabri-la-emos quando aumentar o número de operários evangélicos e apenas esteja pronto o caminho de ferro até Cartum.

4407

Portanto, senhores, todas estas consideráveis fundações surgiram desde que os senhores, com a deliberação de 1865, me prometeram a sua extraordinariamente importante cooperação. Tudo isto foi realizado em oito anos, de 1867 a 1875, num tempo em que, com frequência, encontrei no meu caminho as situações mais adversas e tive que lutar contra inumeráveis obstáculos e contra dificuldades internas e externas; num tempo em que o bem tem que sofrer mil antagonismos e em que se quereria até destruir a Igreja de Cristo. Pois bem, apesar disso, a mão onipotente de Deus interveio de maneira tão visível na nossa obra, que os senhores têm motivos para o reconhecer com alegria e merecer uma bem merecida satisfação.

4408

Pelo que, já que as suas esperanças não foram defraudadas, não deixem de ajudar esta santíssima obra, redobrem o seu zelo e procurem-nos entre o povo católico da Alemanha novos benfeitores, que com as suas orações e com os seus donativos contribuam para promover a conversão da Nigricia, recordando o dito de S. Agostinho: «Quem para Deus uma alma ganhou a sua predestinou.»

A bênção do céu não lhes há-de faltar, nem aos católicos na luta que se travou entre o céu e a terra e a sua coragem será novamente fortalecida quando ouvirem dizer que a causa de Deus, mediante a sua graça, celebra continuamente novos triunfos. Dentro de uns meses espero poder-lhes enviar um resumo histórico desta grande obra que os senhores protegem.

P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário apost. da África Central

N.º 673 (639) - À PROPAGAÇÃO DA FÉ DE LIÃO
APFL (1876), Afrique Centrale 4 (116)

Fim de 1876

Estatísticas e notas administrativas.

N. B. O mesmo documento foi enviado à Propagação da Fé de Paris.

N.º 674 (641) - À MARQUESA D'ERCEVILLE
«Œuvres Apostoliques», Paris 1879, p. 126

1876

Senhora presidente,

4409

A sua carta de Julho passado encontrou-me entre a gente de Gebel Nuba, onde fui testemunha da desoladora situação dos escravos. É tanto assim, que para se apoderarem de cinquenta escravos, matam mais de duzentos; atam-nos pelo pescoço com uma corda, juntos homens e mulheres, e, durante meses, fazem viajar a pé estes desgraçados, até que os vendem.

Depois de chegar à capital do Cordofão, caminhei durante mais de dois meses em direcção a Suakin, junto ao mar Vermelho. Agora encontro-me no Cairo, de onde partirei para Roma. De lá mandar-lhe-ei uma informação sobre o Vicariato, sobre o grande bem que a obra apostólica pode fazer e sobre o que fez até ao presente.

P.^e Daniel Comboni

Original francês
Tradução do italiano

N.º 675 (1163) - À PROPAGAÇÃO DA FÉ DE LIÃO
«Les Missions catholiques» 371 (1876), p. 330

Roma, 1876

Breve artigo.

1877

N.º 676 (642) - A Mgr. JEAN FRANÇOIS DES GARETS
APFL (1877), Afr. C., c. 1

J. M. J.

Roma, 2 de Janeiro de 1877

Senhor presidente,

4410

Recebi ontem a sua estimada carta que continha uma letra cambial de 9000 francos e estou-lhe infinitamente reconhecido. Estou comovido em ver esta obra divina da Propagação da Fé, que é dirigida pela sabedoria do Espírito Santo, como o é a Igreja Católica, vir em ajuda das missões estrangeiras duas vezes por ano, nos períodos mais oportunos e quando as necessidades das missões o pedem.

É a luz de Deus que regula com uma sabedoria sobre-humana os conselhos centrais na sua organização admirável; é Deus mesmo que, nesta época desafortunada e difícil, faz prosperar esta obra divina no meio de tantas dificuldades.

4411

É verdade que todos contribuem para a Propagação da Fé, mas a sua prosperidade é devida especialmente à caridade da França, a filha primogénita da Igreja, que expande sobre a face do universo inteiro os efeitos da sua caridade e do seu zelo admirável. A Igreja não perecerá jamais, pois, no meio de tantas misérias que a atingem, há tanto bem e virtude que ultrapassam o mal e os vícios. Os destinos da França unem-se aos destinos da Igreja, contra a qual jamais as portas do Inferno prevalecerão.

Pelos méritos da Propagação da Fé, disse-me um augusto filho da França que tem a virtude e a fé de um santo, a França viverá e será abençoada por Deus.

Digne-se aceitar, senhor presidente, as honras e o reconhecimento do

Seu dev.mo servidor

P.º Daniel Comboni

Pró-vigário apost. da África Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 677 (643) - AO P.º CAMILO GUARDI
AGCR, 1700/40

J. M. J.

Roma, 5 de Janeiro de 1877

Rmo. P.º Geral:

4412

Esta manhã recebi a sua veneradíssima carta de ontem com a qual V. Rev.ma tem a bondade de me informar que, numa reunião realizada anteontem na Propaganda entre o em.º prefeito e V. P. rev.ma na presença de mgr. o secretário, ficou estabelecido que o senhor mandará regressar, sem excepção, *todos* os seus religiosos, e que a mim me compete dispor e entregar os fundos necessários para a viagem de regresso de todos.

4413

Baseado na experiência de vinte anos e na própria prestação de contas da última viagem do P.º Carcereri e companheiros em 1874-1875, pelo regresso dos seus quatro religiosos, que actualmente se encontram em Berber, ou seja, os dois padres Carcereri, o P.º Chiarelli e o P.º Bresciani, são mais que suficientes 1500

francos ouro, os quais me apresso a enviar imediatamente a V. P. rev.ma, em setenta e cinco napoleões de ouro, por meio do meu secretário, P.^e Paulo Rossi, portador desta minha carta, assegurando-lhe ao mesmo tempo, que, no caso de circunstâncias extraordinárias e imprevistas a dita soma não ser suficiente, eu estou pronto a dar ordens ao meu representante P.^e Bartolomeu Rolleri, superior dos meus institutos do Egipto, amigo íntimo do P.^e Carcereri, para que, chegados ao Cairo, forneça aos ditos religiosos, seus filhos, tudo o mais que for necessário para prosseguirem comodamente a sua viagem até Roma ou Verona.

4414

Disse que eram *quatro* os mencionados padres, que são os seus únicos religiosos que ainda se mantêm em África, que fizeram os quatro votos solenes da sua ínclita ordem, como é requerido pelo 1.^o *artigo* da nossa convenção estipulada em Agosto de 1874; porque dos dois leigos que estavam com os seus religiosos, o primeiro, José Bergamaschi, como bem sabe, fugiu há uns dez meses da casa camiliana de Berber e agora encontra-se no pequeno convento dos bons padres franciscanos do Cairo, como alfaiate e assistente de cozinheiro. O segundo, o leigo Tiago Rossi, de 52 anos, que, depois de ser afastado do hospital de Mântua a seguir à bárbara supressão de 1866, acolhido desde 1867 nos meus estabelecimentos de Verona e depois nos do Egipto e do Sudão, foi por mim concedido o ano passado, por pedido do P.^e Carcereri, para serviço da casa camiliana.

4415

Este, embora seja verdade que tenha vestido o hábito camiliano depois da minha partida de Berber o ano passado, não é, porém, religioso que tenha feito o noviciado e emitido os votos solenes da ordem e, por isso, não tenho nenhuma obrigação de prover ao seu regresso à Europa. Estaria, porém, na disposição de aceitar que o referido leigo acompanhasse *à minha custa* os religiosos até ao Cairo, para os ajudar e servir durante a viagem através do deserto e do Nilo. Mas, a dizer a verdade, devo assegurá-lo pela experiência que tenho, que ele, longe de ser uma verdadeira ajuda aos quatro padres, tornar-se-lhes-ia um embaraço e um peso, como pode saber pelo P.^e Franceschini; os padres ver-se-iam obrigados a servi-lo. Portanto, se ele quiser ficar no Sudão, os padres poderiam entregar-lhe a casa, e quanto ela tem que pertence ao Vicariato, tendo sido durante o meu governo um homem de bastante confiança; e isto até chegarem a Berber os meus encarregados ou de Cartum ou do Cairo.

4416

Nutro plena confiança de que a conhecida sabedoria, experiência e bondade de V. P. rev.ma quererá ordenar ao P.^e Carcereri que traga consigo para a Europa só aquelas coisas e objectos que são propriedade dos religiosos, e nunca aqueles artigos que eu exuberantemente lhe concedi a ele e aos religiosos para a sua comodidade e utilidade *in actu missionis*, ou que ele arranjou em virtude da missão ou com o dinheiro da missão, com o meu tácito ou expresso consentimento. Estas coisas, em consciência, não as posso conceder, devendo tutelar os justos interesses do meu Vicariato.

4417

Eu conto com a sua bondade, consciência, autoridade, justiça e caridade que sempre estimei e que apreciarei até à morte, seja o que for aquilo que os meus adversários lhe tenham feito crer. Do mencionado meu óptimo secretário v. rev.ma poderá obter todos estes esclarecimentos que desejar a respeito dos nossos presentes assuntos.

4418

Desejando-lhe de coração muito boas festas da Epifania, e assegurando-lhe que nós rezaremos sempre ao Deus das misericórdias por si, e por todos os religiosos seus filhos, que militaram sob a minha bandeira no meu laborioso e árduo Vicariato, tenho o prazer de me subscrever com toda a estima e respeito

De v. p. rev.ma hum. e devot.mo verdadeiro servidor

P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário apost. da África Central

N.º 678 (644) - AO CÓN. JOÃO MITTERRUTZNER
ACR, A, c. 15/69

J. M. J.

Roma, 8 de Janeiro de 1877

Dulcissime rerum,

4419

Apenas uma linha. No congresso realizado *in Aedibus S. C. Christiano Nomini propagando* a três do corrente entre o Em.^o card.-pref. Franchi, mons. o secretário Agnozzi e o rev.mo P.^e Guardi, geral dos camilianos, foi decidido que o mencionado rev.mo P.^e geral deve fazer regressar todos os seus religiosos de Berber, *sem exceção*. Após tal decisão, dei ordem ao meu vigário-geral, o cón. Fiore, que se deslocasse de Cartum a Berber para receber a entrega da casa camiliana das mãos do rev.mo P.^e Carcereri e de lhe entregar 1500 francos, para que ele com os restantes três religiosos que ainda se mantêm em África regressem todos à Europa. No mesmo tempo, dei ordem ao Cairo de aprestar a nova pequena caravana de missionários e Irmãs, e que partam para Berber e o Cordofão.

4420

Não só me eram adversos os camilianos da África mas também tinha um inimigo formidável que apresentou à S. C. um famoso libelo contra mim: trata-se do P.^e Guardi, geral de uma ordem (que sempre é poderosa em Roma), consultor da S. Romana e Universal Inquisição, consultor da S. C. da Disciplina Regular, consultor da S. C. para os Assuntos Eclesiásticos Extraordinários, examinador dos Bispos, teólogo examinador dos Concursos às Paróquias, examinador apostólico do Clero Romano e das Dioceses Suburbicárias, benquisto do Papa, dos cardeais e de todas as congregações, septuagenário, homem de verdadeiro mérito, que fez muito bem e é verdadeiramente muito estimável e venerável.

4421

Pois bem, este colosso (*deceptus a suis*) fez a guerra contra mim, declarou-me culpado, etc., e, por me não querer escutar, *incidit in foveam quam fecit pro me* e cumpriu-se nele o ditado de *ir por lâ e vir tosquiado*. Devo dar muitas graças a Deus, por me sair bem dum grande perigo que devia ser a minha perdição.

4422

A grande lentidão da S. C. da Propaganda neste assunto é fruto de suma prudência e caridade. Vê-se que a Propaganda decidiu afastar da África não só aos dois destacados, mas também toda a ordem camiliana. Mas age com excessiva lentidão; faz tragar uma pílula de cada vez e avança gradualmente. Já veremos como faz tragar a pílula da minha sagração episcopal ao P.^e Carcereri, o qual disse que *ainda que estivesse certo de ser condenado por toda a vida no Santo Ofício, ele se submeteria a isso desde que pudesse impedir que nomeassem bispo* P.^e Comb. Contudo, existe a probabilidade de que isso aconteça.

4423

Mantive nestes dias comunicação epistolar com o rev.mo P.^e Guardi: ele é mordaz; mas eu trato-o sempre com gentileza e cortesia. Bom, *fiat*. Eu rezarei toda a vida por Carcereri e companheiros, para que Deus os abençoe sempre, primeiro na alma e, depois, *in temporalibus*. O P.^e Franceschini está abatido e arrependido; mas já é demasiado tarde.

4424

Se a sentença tivesse sido pronunciada por mim, poderia revogá-la, mas foi pronunciada *omnibus perpensis et mature examinatis ad lumen . Sp.* e emanada da suprema autoridade da Igreja: da S. C. em 27 de Nov., e do Sumo Pontífice Pio IX a 10 de Dezembro. Portanto, não sou eu quem a pode invalidar. Bendito seja sempre o Senhor.

4425

Agora resta a terceira parte da quinta resolução: «No caso de todos os camilianos se retirarem, como organizaria D. Comboni o Vicariato com as suas forças de Verona, sem a ajuda (*sic*) dos camilianos.» Eu farei uma breve informação sobre isso e espero que na congregação geral deste mês ou do próximo Fevereiro seja examinado e que tudo fique resolvido. *Ora et fave*.

4426

Sofri as angústias e as dores da morte; mas agora dou graças a Deus por ter sofrido *propter iustitiam*. Oh!, que bom é Deus que mostrou quase maior sabedoria ao *fabricar a cruz* que ao criar o universo. *Ave, dulcissime*, um ano muito feliz!

Tuissimus
Daniel

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

4427

Sua excelência rev.ma mons. o secretário, com o seu estimado escrito de 2 do corrente, comunicou-me as veneradas resoluções da S. Congregação Geral de 27 de Novembro do ano passado, as quais acolhi com o máximo respeito e devoção, como a própria expressão da vontade divina, cheio de admiração ao ver tão claramente que a suma rectidão, prudência e caridade dos exmos. padres que integram essa S. C. vão acompanhadas da luz suprema do Espírito Santo, pela qual costumam estar iluminados ao emitir as suas ponderadas e sapientíssimas disposições.

4428

Profundamente convencido desta verdade, posso assegurar a V. Em.^a Rev.ma que porei todo o cuidado para, com a graça do Senhor, executar fielmente e *ad litteram* quanto os exmos. padres na sua alta sabedoria determinaram, para que o árduo e laborioso governo do meu Vicariato prossiga devidamente, goze do favor de Deus e da S. C., e consiga o santíssimo fim do maior bem para tantos milhões de infieis que a Santa Sé se dignou confiar-me.

4429

Por outro lado, no dia 4 do corrente, o rev.mo P.^e Guardi escreveu-me uma carta cuja cópia é o anexo *A* aqui junto, com a qual me informava que numa reunião realizada no dia 3 do corrente na Propaganda entre V. Em.^a e ele, com a presença também de mons. o secretário, acordou-se que mandasse regressar *todos* os seus religiosos, sem excepção, e que eu devia preparar e *entregar* os fundos necessários para a viagem de regresso de todos.

4430

A este convite, eu respondi logo com a carta do dia 5, aqui incluída como anexo *B* (1), na qual escrevi ao rev.mo P.^e geral que para o regresso à Europa dos *quatro* religiosos camilianos que ainda permanecem no Vicariato, ou sejam, os padres Carcereri, o P.^e Chiarelli e o P.^e Beschiani são mais que suficientes *1500 francos ouro*, e disse-lhes que se tal soma não bastasse, eu estaria disposto a dar ordem ao meu representante do Egipto para que chegados ao Cairo os quatro padres, lhes proporcionasse tudo aquilo mais que fosse necessário para que prosseguissem comodamente a sua viagem até Roma ou Verona.

4431

Com tal objectivo, na manhã de 6 do corrente, enviei o meu excelente secretário P.^e Paulo Rossi com *setenta e cinco napoleões de ouro* para entregar ao rev.mo P.^e Guardi, a fim de que este desse as ordens oportunas e enviasse o dinheiro necessário para mandar regressar os quatro religiosos mencionados. Mas ele não quis aceitar a dita importância e acordou com o meu secretário que eu mandasse a um dos meus missionários para que o P.^e Carcereri lhe fizesse entrega formal do estabelecimento de Berber e recebesse dele o dinheiro para o regresso dos quatro missionários.

4432

Seguindo tal acordo, na tarde do dia 6, aproveitei o barco-correio de Bríndisi para dar ordem ao meu representante geral do Cairo, o cón. Fiore, de que tirasse da minha caixa de Cartum *1500 francos ouro* e se deslocasse ele mesmo a Berber para receber essa missão das mãos do P.^e Carcereri e entregasse a referida importância para o regresso dos religiosos à Europa.

4433

Quanto à missão de Berber, ordenei ao cón. Fiore que a ocupasse com os meus missionários e que lhe destinasse como superior o sacerdote P.^e Gennaro Martini, o qual, depois de ter visitado em Outubro e Novembro as províncias de Cadaref e Galabat, entrou já na de Taka para assistir os católicos de lá, que os camilianos, como era seu dever, tinham que ter visitado havia tempo, mas nunca o fizeram. Instalados os meus sacerdotes na missão de Berber, mandar-lhes-ei preparar uma ampla casa com jardim, que tenho à minha disposição naquela cidade, para acomodar nela as Irmãs, do que me ocuparei eu mesmo quando voltar ao meu Vicariato.

4434

Agradecendo de todo o coração a extraordinária bondade de V. Em.^a Rev.ma, que, com admirável sagacidade e sabedoria soube realizar tão bem, junto com mons. o secretário, as últimas negociações que eu devia

levar a cabo com a ínclita ordem camiliana, poupando deste modo à minha debilidade não pequena pena e embaraço, que me teria visto na necessidade de suportar se eu mesmo tivesse de tratar esse assunto com o rev.mo padre geral da mencionada ordem, tenho a honra de lhe renovar os meus sentimentos de perene devoção, agradecimento e obediência ilimitada e absoluta; e inclinando-me a beijar-lhe a sagrada púrpura, declaro-me com a veneração mais profunda,

De V. Em^a Rev.ma
Hum., devot.mo e obrig.mo filho
Pró-vigário ap. da África Central

(1) *Veja-se a carta n.º 677*

N.º 680 (646) - AO CARDEAL ALEXANDRE FRANCHI
AP SC Afr. C., v.8, f.476

Roma, 15 de Janeiro de 1877

Petição de facilidades para a viagem.

N.º 681 (647) - AO CONDE TEODORO GUARENTI
AFG

J. M. J.

Roma, 15 de Janeiro de 1877

Meu caro Teodoro,

4435

Graças a Deus, à santidade de Pio IX e à profunda e verdadeira humildade de mons. Canossa e o seu perfeito amor à sua pátria, seu primo Luís continuará a ser bispo de Verona e está definitivamente dispensado de ir-se bater com os Gravira, com os Filoppanti e com os panegiristas de Satanás como o arcebispo de Bolonha. Enorme graça para Verona e para a África. Como vê, monsenhor merece um monumento e toda a gratidão dos veroneses: por amor a Verona, renunciou à primeira sede arquiépiscopal dos Estados Pontifícios, depois de Roma, e ao barrete cardinalício (que, espero, virá de toda a maneira, *infra annum*).

4436

Escrevo-lhe a si, sem o monsenhor saber, para que, como homem de acção e prudência promova a sua recepção na estação de *Porta Nuova*, sexta-feira, dia 4 do próximo mês. Seria bom que alguns do capítulo, do seminário, das sociedades católicas, etc., etc. acorressem a receber o monsenhor para lhe dar uma ovação. Merece que os veroneses lhe beijem os pés. O senhor compreende os meus pensamentos mais do que falo. Esta tarde fomos ver o Papa, que é um jovem de 30 anos.

4437

A congregação geral de ritos para a *venerabilidade* da marquesa de Canossa celebrar-se-á no próximo dia 3 de Fevereiro. A família Canossa, que está a mostrar tantas virtudes com um bispo que renuncia ao arcebispado cardinalício e com membros possuidores de espíritos dotados de tão heróicas virtudes para serem louvados nos altares, constitui um espectáculo comovedor e merece o agradecimento e veneração dos veroneses! Estes dias visitámos os cardeais mais poderosos e sábios, que admiraram as qualidades (não completamente conhecidas ou reconhecidas em Verona por alguns) do nosso bispo, a quem a África Central é também devedora de muitos benefícios.

Mandando-lhe saudações para sua filha e o pequeno marquês, declaro-me com todo o coração

Seu af.mo e reconhec.mo
P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário apost. da África Central

J. M. J.

Roma, 31 de Janeiro de 1877

Meu caríssimo P.º Francisco,

4438

Com a minha carta de 8 de Dezembro, penso ter-lhe contado as cinco resoluções que, após profundo e sério exame, a S. C. dos Eminentíssimos, reunida no Vaticano a 27 de Novembro de passado, e que, depois de minucioso estudo, Pio IX ratificou a 10 de Dezembro, entre as quais figura a expulsão dos camilianos Estanislau Carcereri e José Franceschini. O meu triunfo tinha que ser solene e completo contra adversários tão poderosos, já que me tinham acusado, pode-se dizer, dos sete pecados capitais e de faltar contra os mandamentos, etc. etc.

4439

Ao que o rev.mo P.º geral juntou um seu feroz relatório contra mim. Esse geral dos camilianos, Guardi, que é consultor de cinco congregações cardinalícias, e da Inquisição, e da Disciplina Regular e dos Assuntos Eclesiásticos Extraordinários, que é examinador dos Bispos, examinador do Clero, etc., etc.; que tem muita confiança com o Papa e com os cardeais; que goza de enorme poder e influência, e de estima e veneração no Vaticano, etc., etc., contudo ficou com um nariz de palmo. Porque na reunião celebrada na Propaganda e presidida pelo em.º cardeal-prefeito, na presença do rev.mo P.º geral, decidiu-se fazer regressar todos os camilianos da África, sem excepção.

4440

Com base em tal decisão, mandei ordem ao cónego Fiore, meu vigário-geral, de que fosse receber formalmente a casa ex-camiliana de Berber e que instalasse nela os meus missionários. Assim, livre-me para sempre desses capitais inimigos, que não procuravam senão criar-me obstáculos e impedir a minha obra. Deus os bendiga e salve as suas almas, mas esses não são religiosos. E hoje Deus castiga nos inocentes tantos culpados, isto com as supressões e de outras maneiras.

4441

O rev.mo geral está abespinhado comigo e creio que os demais da Ordem não me podem ver nem pinto. Para lhe dar a conhecer uma das mil anedotas que acompanharam esta causa dir-lhe-ei só algo que o Em.º card. Ponente Bertolini nos contou ao bispo de Verona e a mim. O P.º geral foi visitar este Em.º e queixou-se-lhe porque, segundo dizia ele, tinha induzido outros cardeais a tirar a razão aos seus religiosos, quando antes esses eminentíssimos lhe tinham prometido apoiar os seus. Ao que o cardeal respondeu que a S. C. não tinha feito senão o seu dever: fazer a mais pura justiça.

4442

Como o geral replicasse que Comboni era um velhaco e que os seus religiosos se tinham portado bem, o em.º insistiu: «A S. C. fez a pura justiça: os seus religiosos não tinham razão e o mons. tinha-a mil vezes.» Mas o geral continuou a queixar-se e, repetindo a sua acusação, Sua Em.^a respondeu-lhe: «Aconselho-a a calar-se. Quer que lhe fale bem claro? *Todos* os meus em.^{os} colegas votaram *por unanimidade* contra os seus e a favor de Comboni; *todos unanimemente* condenaram os seus religiosos e proclamaram a justiça a favor de D. Comboni: *todos*, nem sequer um único foi favorável aos seus. E não digo mais. Agora, faça o senhor o que lhe parecer.» Pode-se imaginar a frustração com que partiu aquele venerável septuagenário. Porém, devo dizer que tudo isto foi um verdadeiro milagre de Deus, pelo que a minha obra adquiriu também esta vez o carácter de obra de Deus.

4443

O geral e os camilianos tratam de salvar a cara afirmando que, como as missões não são o objectivo da sua ordem, a junta ou conselho desta pensou fazer voltar da África os religiosos, porque são necessários na França, etc. E está bem. Mas acontece que o fazem depois de um ano de exame da S. C. da Propaganda e após sentença da Santa Sé.

4444

Agora falta-me cumprir o terceiro ponto da quinta resolução da S. C. aprovada pelo Papa: «Seja ouvido D. Comboni sobre como organizará o Vicariato só com as forças do seu instituto, sem a ajuda (*sic*) dos camilianos.» Eu preparei o relatório, mas o meu cardeal está doente há vinte dias. O relatório, uma vez lido pelo cardeal e por vários, depois dele, será levado à assembleia, depois impresso, depois transmitido aos cardeais,

depois discutido em plena congregação geral, depois dado a conhecer ao Papa e, finalmente, calculando a eternidade sistemática e proverbial de Roma, penso que só lá para a Primavera poderei livrar-me de Roma. Mas paciência! Com a paciência vence-se tudo. Consegui um triunfo colossal que deixa marcas na Propaganda.

4445

O geral, o P.^e Carcereri, etc., o grupo dos camilianos, *incidit in foveam quam fecit*; e Carcereri, Franceschini e o geral, que esperavam fazer prosperar a sua ordem na França com os restos e com a ruína da minha obra; que secreta e confidencialmente tinham avisado já muitos amigos meus de que a minha queda era iminente, que eu ia ser deposto que nunca mais voltaria a África, porque a Missão lhes ia ser confiada a eles, levaram um bofetão tremendo. Deus os abençoe eternamente; mas durante dois anos e meio sofri as angústias da morte: julgava sucumbir.

4446

Contudo, apenas pressentido o juízo da suprema autoridade da Igreja, senti-me melhor até tal ponto que o Santo Padre Pio IX, na presença do bispo de Verona, disse, ao ver-me tão forte e robusto: «Comboni, não fazes penitência! E parece que a África Central não te faz nada mal!» Porém, saiu em minha defesa mons. Canossa e disse ao Santo Padre que eu faço a penitência em África, quando estou obrigado a viver à base de pão e cebola, a não beber vinho, a comer sem sal e a viajar por desertos sob 90 graus de calor, etc. «Oh, é verdade», admitiu o Santo Padre voltando-se para mim. «Mais que verdade», disse eu, «mas esses são apenas os sacrifícios mais pequenos». «Eh, sim, é uma missão bem dura», exclamou o Santo Padre, etc., etc.

4447

O bispo de Verona esteve sete dias aqui em Roma. Juntos trabalhámos perante os cardeais e o Santo Padre para que não vá para Bolonha, o que conseguimos perfeitamente; e eu joguei nisso um papel destacado. Bolonha é a diocese mais importante dos Estados Pontifícios depois de Roma e à sede arquiépiscopal está inerente o barrete cardinalício. Contudo, Canossa rejeitou tudo generosamente, ganhando assim os corações de todos em Verona e, melhorando enormemente a sua situação, pois poderá fazer um grande bem. Mas o barrete tê-lo-á.

4448

Sábado, 3 de Fevereiro, celebrar-se-á a congregação dos eminentíssimos para declarar *venerável* a marquesa Madalena de Canossa, tia do bispo. Espero comunicar-lho por telegrama depois do almoço. Também trabalhei muito para conseguir isto. Conhecendo a preguiça e a lentidão romanas, deixei as deferências em África e apertei com a Congregação dos Ritos, desde o em.^o cardeal até ao último dos monsenhores; e o bom advogado disse-me: «Fez-me trabalhar muitas noites. Digo-lhe que, de verdade, se o senhor não tivesse estado a empurrar e espicaçar, teria agido com mais calma e certamente a causa da serva de Deus teria ficado para as calendas gregas.» Eu fi-lo por interesse, porque espero da *venerável* muitas graças para a Nigricia.

4449

Amanhã sai para o Egipto P.^e Policarpo com um leigo. Algumas semanas depois, partirão outros dois. Além disso, dei ordem ao Cairo de que mandem dois sacerdotes, um estudante de teologia, dois irmãos leigos e três irmãs para a África Central; e ao meu vigário-geral ordenei que ocupasse a missão camiliana de Berber e ponha à frente dela P.^e Gennaro Martini, que agora está a visitar o Nilo Azul e as províncias de Cadaref e Galabat. Mas por hoje basta.

4450

Saudações a P.^e Consolaro e a todos os do colégio e apresente os respeitos ao sr. bispo, ao prof. Sartori, a mons. Dalla Vecchia e a todos os nossos amigos, especialmente a seu pai e irmã.

Entretanto, reze pelo seu af.mo

Daniel

N.º 683 (649) - À MADRE EMILIE JULIEN
ASSGM

Roma, 14 de Fevereiro de 1877

Minha veneradíssima madre,

4451

A madre Emilienne, superiora da África Central, escreveu-me muitas vezes exprimindo-me a necessidade de ter Irmãs árabes. Realmente, uma boa Irmã árabe, como as que temos tido, faz quatro vezes mais que uma europeia na África Central. Portanto, rogo-lhe, minha querida madre, que me mande de Marselha ou da Síria duas ou três Irmãs árabes como a Ir. Josefina Trabauí, a Ir. Ana e a Ir. Eufrásia. Se eu contasse com oito Irmãs como as que nomeei, que grande sorte!

Procure a maneira de me mandar para o Cairo essas três Irmãs: partirão para Cartum na primeira quinzena de Março.

Todas as Irmãs, principalmente a Madre Emilienne e as do Cordofão, têm um grande apego à África Central.

Os meus respeitos à madre Eufrásia e à Ir. Maria Bertholon. Reze por mim.

P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário apostólico da África Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 684 (650) - À MADRE ISABEL NESPOLI
ACCR, c. S. Sede

J. M. J.

Roma, Via Margana 40, A, 1.º

Rev.da madre superiora,

4452

Agradeço-lhe pelas duas gentilíssimas cartas. Alegro-me por ter recebido os 50 exemplares do decreto de venerabilidade da santa marquesa, que lhe enviei há cerca de uma semana. Agora envio-lhe mais 40, a fim de que cada casa tenha pelo menos dois, para colocar um na sala de visitas, outro na sacristia.

Do conjunto das suas veneradas cartas, conclui-se que a madre deseja que se avance com a causa da canonização da venerável até ser declarada *beata* e podermos rezar o ofício e celebrar missa no seu altar.

4453

Posso manifestar-lhe ter ouvido dizer ao Santo Padre Pio IX que a da marquesa é uma boa causa; e ao em.^o cardeal ponente e prefeito da S. C. dos Ritos, assim como a outros cardeais e prelados conhecedores desta causa, que a mesma é uma das melhores que há actualmente na Santa Sé Apostólica. Até os promotores da Fé, monsenhores Salvati e Caprara, os quais são advogados do Diabo (que por dever da sua função fizeram parecer a marquesa tudo menos santa: falsa, impostora, etc., etc., como verá pelo processo impresso, de que lhe mandarei alguns exemplares) estão convencidos de que é uma magnífica causa. Realizou quantos milagres se exigem para a declarar *beata*, como há um mês referi por extenso ao em.^o e rev.mo sr. cardeal, nosso bispo, a quem expliquei as passagens que há que dar para alcançar a meta e que lhe exporei também a si em Verona no meu regresso. Com base em tais instruções mostrei que se deve prosseguir de seguida a causa até ao ponto de celebrar a missa da marquesa.

4454

Assim pois, sendo a causa excelente e tendo já os milagres necessários (cuja veracidade e a das testemunhas será necessário comprovar uma vez mais no novo processo apostólico, que deve abrir o em.^o bispo de Verona, segundo as regras para a canonização dos santos), só falta puxar as barbas de S. José, a fim de conseguir o dinheiro necessário para continuar a causa. S. José, o ecónomo da África Central, tem as barbas cheias de guinéus e napoleões de ouro, e mostrou-se generosíssimo comigo, mandando-me em poucos anos quase *milhão e meio de francos* para fundar onze estabelecimentos desde Verona até ao centro da África, entre os quais os dois veroneses me custam 30 000 ao ano para manutenção. Com quanto maior prazer não deverá prestar-se o meu querido ecónomo S. José a favorecer as suas filhas, como são as canossianas, para canonizar aquela que promoveu tão eficazmente a devoção ao santo esposo da Virgem Maria?

4455

Parece-me que o feliz resultado seria seguríssimo se neste santo mês todas as Filhas de S. José espalhadas pela Itália e China suplicassem ao santo patriarca que mandasse a *cada casa da pia congregação canossiana*

500 liras no espaço de três anos, a empregar nos gastos de tão boa causa. Sem dinheiro não se canoniza ninguém, mesmo que fizesse milagres todos os dias. A Igreja tem que gastar em impressos, manter funcionários, consultas médicas, etc., etc. Eu tenho a certeza de que S. José concederá a graça se suas filhas rogarem para esse fim. Mas não devem fazer como o cardeal Frederico Borromeu, que, já terminada a causa para a canonização de S. Carlos, vendo os enormes gastos que tinha suportado a sua família (hoje gasta-se muito menos), exclamou: «Em minha casa, *bons*, sim; mas *santos*, basta.» As Filhas de S. José devem confiar em S. José, pedir a pessoas certas, rezar e avançar para diante.

4456

Como, além disso, a marquesa mostra ser uma verdadeira protectora da Nigrícia, também eu farei a minha parte e intimarei o meu ecónomo a suar também massa para a causa; para tal fim, ordenarei oportunamente aos meus estabelecimentos que rezem.

Portanto, ânimo, confiança em Deus e prossiga-se a causa. Aqueles em.^{OS} e rev.mos prelados que têm direito ao retrato da venerável já começaram a entoar a cantilena acerca de quando se farão esses retratos, mas dentro em pouco, quando tiver terminado o esforço das práticas, as visitas cardinalícias e as recepções, com o em.^o sobrinho ocupar-nos-emos também disso.

4457

Entretanto, encomendo-me às suas orações e às de suas filhas. O advogado da causa, que deu uma resposta triunfante às objecções do promotor da Fé, agora encontra-se doente (ainda que seja um jovem de 32 anos) pelas noites que lhe fiz passar no escritório para responder com diligência a todas as objecções do advogado do Diabo: há que sacudir a lentidão romana e, assim, poderemos ver em breve a marquesa nos altares. Reze pelos *mais de cem milhões* de infiéis que a Santa Sé me confiou para a sua conversão. Entretanto, nos dulcíssimos Corações de Jesus e de Maria, declaro-me

Seu dev.mo e verdadeiro servidor
P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário apost. da África Central

N.^o 685 (651) - A P.^e FRANCISCO BRICOLO
ACR, A, c. 14/32

J. M. J.

Roma, 23 de Março de 1877

Meu caríssimo P.^e Francisco,

4458

Obter-lhe-ei a faculdade desejada; mas até agora (e continuarei assim ainda por algum tempo) estive tão ocupado dia e noite que não pude pensar nesses pequenos encargos, dos quais tenho ao menos uma variedade de trinta. Imagine que visitámos duas vezes os 45 cardeais presentes na Cúria, o Santo Padre e um grande número de prelados e senhores; que escrevi muito, dei muitas voltas, subi e descí milhares de escadas; que geri os meus assuntos, os quais, por si só, ocupariam dez pessoas, etc., etc., e os do Vicariato. Hoje, o Em.^o cardeal Canossa tomará posse do seu título de S. Marcelo, e amanhã partir-se-á para a entrada solene em Verona às 5 da tarde de segunda-feira. Eu, entretanto, apanhei mais uns resfriados e constipações.

4459

Por causa dos consistórios de Março, não se celebrou este mês nenhuma congregação geral da Propaganda para dar conta aos em.mos da execução das resoluções tomadas pela S. Congregação no dia 27 de Novembro do ano passado a respeito dos camilianos, após o que se deve seguir a minha nomeação oficial para o episcopado, como está bem seguro. Mas nisto entra também a proverbial lentidão de Roma, não sempre oportuna. Imagine-se que há assuntos para decidir sobre outras missões, que estão aqui há anos e anos. Porém, hoje prometeram-me concluir todo o meu na congregação geral de Abril. Já veremos. Ontem estive na conversa do Papa ao meio-dia nas Lojas de Rafael com alguns cardeais, prelados, chanceler, etc. Oh, que prazer! O Papa e os meus cardeais mostram uma grande bondade comigo. Todos os camilianos partiram da África Central e três deles irão para Jerusalém. Deus os abençoe sempre, porém longe de mim. Bom seria que Canossa fosse o futuro Papa! Certamente os seus em.mos colegas estimam-no muito: é genuinamente são de princípios, sincero e um homem de bem. Apresentei-lhe os seus respeitos quando recebi a carta e ele

lhe envia a si as suas saudações. Dizia-se em Roma que o P.^e Schiattini ia ser feito cardeal. Conheço-o: é uma boa pessoa.

Muitas saudações a Consolaro e a todos. P.^e Paulo, meu secretário, quer que o recorde, mas eu antes de todos.

Tuissimus in Xto.
Daniel

N.º 686 (652) - AO P.^e CAMILO GUARDI
AGCR, 1700/41

25 de Março de 1877

Reverendíssimo padre,

4460

Recebi esta manhã a sua estimadíssima de 25 de Março e como eu sabia que tinha escrito ao meu representante, o cón. P.^e Pascoal Fiore, dizendo-lhe que fosse ele mesmo a Berber receber formalmente aquela missão e entregar ao P.^e Estanislau o dinheiro necessário para o regresso dos rev.dos padres camilianos, fiquei espantado de que não tivesse sido dado ao P.^e Estanislau nem um cêntimo para os gastos da viagem e de que, ao seu pedido a respeito disso, ter P.^e Pascoal Fiore respondido sempre que não tinha recebido nenhuma ordem. Poucas horas depois de ter lido a sua apreciada carta, pela rota de Verona chegou-me esta manhã uma do meu representante, com data de 21 de Fevereiro, a qual me explicou as razões do acontecido. O meu representante encontrava-se em El-Obeid e, por isso, para lá mandei aquela carta em que lhe ordenava, segundo o combinado entre nós, que se deslocasse a Berber e que entregasse ao P.^e Estanislau a soma necessária para o regresso. Porém, antes de lhe chegar a minha referida missiva, o P.^e Estanislau escreveu-lhe pedindo-lhe que fosse quanto antes, para que, como ele e os seus companheiros tinham que viajar pelo deserto, não perdessem, pela sua demora, a oportunidade da lua.

4461

Recebida esta carta, cujo original tenho aqui ao lado, o meu representante partiu logo de El-Obeid e, com extraordinária rapidez, em sete dias, chegou a Cartum, de onde enviou imediatamente a Berber P.^e Salvador Mauro. Portanto a minha carta, como teve que ir primeiro a El-Obeid e depois seguir para Cartum, chegou às mãos do meu representante uns quinze dias mais tarde, ou seja, a 20 de Fevereiro. De facto, na recebida esta manhã, assim me escreve P.^e Pascoal Fiore: «Só ontem me chegou de El-Obeid a carta que P.^e Paulo me escreveu em seu nome, a qual contém instruções relativas à ocupação de Berber por nós, etc., etc.». Isto deixa ver claramente que, se não se procedeu com o acerto do combinado, não foi por culpa minha ou dos meus missionários, mas por o P.^e Carcereri ter provocado ao meu representante a precipitada viagem de El-Obeid. Contudo, saiba v. p. rev.ma que escrevi mais de uma vez ao meu procurador no Cairo que entregue ao rev.dos padres camilianos o dinheiro necessário para a sua viagem do Cairo a Roma ou a Verona e voltarei a repetir-lho na primeira ocasião. Depois, chegados os rev. padres a Verona, darão a conhecer os seus gastos a P.^e Squaranti, meu procurador-geral, e ele em justiça ressarcir-los-á de tudo.

Por outro lado, há-de saber v. p. rev.ma que da viagem compreendida e continuada ao menos até ao Cairo à própria custa, ficou-lhes algum resto de dinheiro, como soube dos três que já partiram para os Lugares Santos, o que é uma prova evidentíssima de que não escreviam a verdade, quando, meses antes, se queixavam, afirmando que não tinham um cêntimo para ir arrastando a vida. Não me molestava que, na verdade, dispusessem do necessário: desagrada-me a falaz lamentação.

Após expor-lhe tudo isto, em resposta à sua estimada de 25 do corrente, passo a subscrever-me com todo o apreço e consideração

De v. p. rev.ma
Hum., devot.mo, fidel.mo e verd. serv.
P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário apost. da África Central

N.º 687 (653) - AO P.º CAMILO GUARDI
AGCR, 1700/42

26 de Março de 1877

Reverendíssimo padre,

4462

Respondo à sua segunda de 25 do corrente. Eu já tinha dado as ordens necessárias antes, em tempo oportuno, tanto à casa de Cartum para a viagem dos rev. padres camilianos até ao Cairo como à casa do Cairo para a sua viagem até Roma ou Verona.

Agora não posso dispor nada que provoque à casa do Cairo encargos mais gravosos, pelo que escrevo já para o Cairo a P.º Rolleri, repetindo-lhe o que outras vezes lhe ordenei, isto é, que entregue imediatamente aos rev. padres camilianos a soma necessária para a sua viagem do Cairo até Roma ou Verona. E se parte da conta ficar por saldar, que eles se ponham em Verona em contacto com o meu procurador-geral, P.º António Squaranti, o qual lhes abonará o que faltar.

Depois disto, creio que v. p. rev.ma estará satisfeito da disposição mencionada.

Com toda a estima e respeito, repito-me

De v. p. rev.ma hum. servidor

P.º Daniel Comboni

Pró-vigário apostólico da África Central

N.º 688 (654) - À MADRE EMILIE JULIEN
ASSGM, Afrique Centrale Dossier

J. M. J.

Roma, 30 de Março de 1877
Via Margana 40, A

Minha rev.da madre

4463

A sua carta de 27 do corrente acrescentou uma cruz mais às que os meus pobres inimigos, permitindo-o Deus, me fizeram sofrer. Ainda que graças à sabedoria e à justiça de Roma tenha alcançado grandes triunfos sobre os meus adversários, a terrível lentidão romana deu-me muito que padecer, já que o Vicariato necessita da presença do seu chefe supremo e, ao invés, desde há treze meses que estou enclausurado em Roma, sem poder procurar ajudas. É um milagre de S. José ter podido fazer frente a tantos gastos para manter devidamente nove casas, construir tanto e pagar viagens e expedições, conseguindo, além disso, sustentar com minhas cartas o ânimo dos missionários e das Irmãs do Vicariato e governar de Roma uma missão que é a mais difícil e laboriosa do mundo e a menos conhecida.

Tudo isto me oprime o espírito, embora me sinta sustentado pela graça de Deus. Agora, que consegui com enorme trabalho 20 000 francos para fazer a expedição ao Cordofão a partir do Cairo, a madre enche-me de dor, ordenando à Ir. Verónica que faça suspender a viagem das Irmãs, quando desde há dois anos a pobre Ir. Emilienne e a casa do Cordofão reclamam uma ajuda muito urgente.

Não sei se poderei sobreviver a tantas angústias e cruces. Porém, enquanto a Santa Sé me tiver à frente desta laboriosa missão, eu devo dar a vida para conseguir o seu bem.

Convido-a, pois, a ordenar à Ir. Verónica que deixe partir as Irmãs imediatamente depois da oitava de Páscoa com a minha primeira caravana.

4464

Não é justo que pelas mentiras que lhe escreveram do Cairo, as pobres Irmãs da África Central morram de fadiga, sendo privadas da ajuda das três Irmãs. Temos um acordo entre nós, que a madre e eu estamos obrigados a respeitar. Este facto é mais sério que as notícias que lhe chegam do Cairo e que a levaram a tomar uma decisão indigna de si e da qual deriva uma grande responsabilidade.

Mas Deus, espero, não me fará sofrer esta dor que não mereço.

A madre pergunta-me quais são as minhas intenções a respeito das Irmãs, ou seja, se as minhas Irmãs de Verona vão substituir na África Central as de S. José da Aparição e convida-me a falar francamente e a ser sincero. A senhora, minha boa madre, tem muita sabedoria e uma grande caridade e estou convencido de que conhece a fundo a minha pessoa, as minhas intenções, as minhas aspirações e a minha franqueza.

Contudo, para justificar a minha conduta, que foi, é e será sempre aberta, leal e ao mesmo tempo séria e digna do difícil trabalho que a Santa Sé me confiou, explicar-lhe-ei tudo.

Há que assinalar primeiramente que poucos conhecem o Vicariato da África Central. Não me admira que na Europa seja tão-pouco conhecido, já que há pouco escrito sobre ele com rigor e eu não me apressei a dá-lo a conhecer, tanto por falta de tempo como porque o que eu escrevo, para a sua publicação, deve ser exacto. Quando lhe explicar o apostolado da irmã da caridade nesta missão, que é a mais importante, a mais trabalhosa e a mais meritória da Terra, a madre não deixará de me mandar todos os anos numerosas Irmãs.

4465

O Vicariato da África Central é mais extenso que toda a Europa e doze vezes maior que a França. Aqueles cem milhões de infieis são homens e mulheres primitivos. A irmã da caridade é um sacerdote e mais que um sacerdote. Uma grande estação onde há três sacerdotes e quinze Irmãs é como se tivesse vinte sacerdotes missionários. A revolução que suprimiu as ordens religiosas na Itália, que obrigou todos os jovens, mesmo os eclesiásticos, a cumprir o serviço militar não causou um grande mal na África Central, como na Europa e noutras missões.

A irmã da caridade na África Central faz o que três sacerdotes na Europa, e o presente século de perseguição contra a Igreja Católica, em que esta se vê privada da ajuda de tantos eclesiásticos e religiosos, é o século da mulher católica, da qual se serve a Providência de Deus como de verdadeiros sacerdotes, religiosos e apóstolos da Igreja, auxiliares da Santa Sé, braço do ministério apostólico, colunas das missões apostólicas estrangeiras e civilizadoras das populações primitivas. Convém que a senhora, a madre geral de uma congregação de irmãs missionárias, esteja convencida disso.

4466

Por isso, dada a enorme grandeza e importância do meu Vicariato e vista a missão da mulher católica no século actual, estou orgulhoso de ter instituído em Verona a nova congregação das Pias Madres da Nigricia, que se destaca entre as obras que fundei pela sua importância e pelos seus bons resultados.

É a senhora, minha boa madre, que tem todo o mérito desta nova fundação e foi o bom Deus que a induziu, sem que a senhora mesma o soubesse, a fazer com que eu me decidisse a empreendê-la. Mas isto não prejudica de maneira nenhuma o apostolado das Irmãs de S. José no centro da África. A elas dizem-lhe respeito os primeiros méritos, os primeiros direitos, as primeiras deferências na África Central e a madre deve ter absoluta confiança na minha lealdade e nas melhores intenções a respeito das Irmãs de S. José, que consagraram o seu suor e a sua vida a esta nobre missão.

Quando em Novembro de 1867 a senhora, com uma imensa caridade, me concedeu as suas religiosas para o Cairo, eu já não pensava mais em fundar uma nova congregação feminina. Disso me dissuadiam a abnegação das suas Irmãs, a esperança de que a senhora me concedesse o número delas necessário para as minhas obras, a unidade de espírito que se mantém na Missão quando é servida por uma só congregação de religiosas e sobretudo o ter-me dito mons. Valerga e também mons. Brunoni que as Irmãs de S. José são as mais aptas, as mais úteis, as menos exigentes e as que originam menos problemas, em comparação com outras comunidades de Irmãs. Disto eu e os meus missionários (excepto P.^e Bartolomeu Rolleri, os camilianos e algum outro de pouca valia) estamos plenamente convencidos.

4467

Por isso, recebi com grande dor em Paris, em Outubro de 1868, a carta que a Ir. Angélica, sua secretária, tinha dirigido ao meu reitor de Verona, o falecido P.^e Alexandre Dalbosco. O seguinte é um extracto da carta original e manuscrita, que tenho aqui sobre a mesa:

«Rev.do padre:

A nossa rev.da madre encarrega-me de lhe escrever... É preciso, rev.do padre, ir directamente ao assunto e explicar-lhe as intenções da nossa madre geral. São estas: P.^e Comboni, à sua passagem por Marselha, manifestou-lhe a necessidade que tinha de certo número de Irmãs para a sua obra da África Central. Não estando ainda em condições de as fornecer e desconhecendo o seu actual paradeiro, a nossa caríssima madre geral roga-lhe que lhe dê a conhecer a impossibilidade em que ela se encontra de continuar mesmo a obra do Cairo Velho. Tenha por bem avisar P.^e Daniel sobre este assunto.

Encontrando-se na Europa, ser-lhe-á fácil conseguir noutra congregação as Irmãs de que precisa. Poderá começar, enviando algumas delas para o Cairo, porque a nossa madre deseja retirar as nossas, logo que possa substituí-las. Sirva-se aceitar, etc.

Ir. Angélica Villemur, secretária»

4468

Consternado por esta carta inesperada, que sem dúvida a senhora mandou escrever depois que lhe teriam feito crer o P.^e Zanoni, o camiliano que eu tinha expulso do Cairo Velho, ou os trinitários de França e as irmãs trinitárias de Valência, eu visitei numerosas congregações da França e da Itália. Mas, não encontrando Irmãs, fui a Verona, onde tive a coragem de tentar a fundação de uma nova congregação feminina e comecei com duas postulantes.

Mas Deus dispôs que fosse ao Cairo a minha rev.da madre Eufrásia Maraval, sua digna assistente, a qual, tendo visto tudo, acertou as coisas tão bem, com tanta sabedoria e caridade que a persuadiu a que me deixasse as Irmãs e esperasse os acontecimentos.

Como entretanto algumas das minhas Irmãs do Cairo me diziam que nunca iriam para o centro da África – como as Irmãs do hospital do Cairo, instigadas pelo célebre padre franciscano belga, que foi o causador de que a Ir. Genoveva fosse afastada do Cairo –, com isso desanimavam as suas companheiras da Missão da África Central. Não querendo eu ouvir dizer em Verona que tinha começado uma obra e depois a tinha logo abandonado, não me atrevi a suprimir o instituto das Irmãs iniciado nesta cidade e deixei-o subsistir à espera do futuro.

4469

Quando a senhora teve a imensa caridade de me conceder a Ir. Josefina e as outras para a África Central, a primeira ideia que me veio foi introduzir a sua congregação em Verona. Tratava-se de lhe ceder o meu convento, propor às minhas noviças fazerem-se religiosas de S. José da Aparição, fundir o meu instituto feminino com o seu sob a direcção de uma das melhores superiores e chamar da Síria alguma das suas Irmãs árabes, obtendo assim uma só congregação com um só espírito, depois de ter tratado consigo, com a Propaganda e com a Congregação de Bispos e Regulares em Roma.

4470

Tive este plano oculto durante um ano e, depois, consultei sobre ele P.^e Pascoal e P.^e Paulo, meu secretário, depois de ter examinado dez motivos para o *sim* e sete para o *não*.

Tendo recebido a informação de que nesta nova congregação havia doze ou treze noviças preparadas para pronunciar os votos, ordenei ao superior, P.^e António Squaranti, que não os fizessem até à minha chegada a Verona e, ao mesmo tempo, entreguei a P.^e Paulo, meu secretário e director das Irmãs de Cartum, que lhes explicasse o plano mencionado e solicitasse o seu parecer e a sua cooperação, o que fez perfeitamente o meu secretário.

4471

Sobre este plano escrevi mais de uma vez a S. Em.^a o card.-prefeito durante um ano. Também soube que a maior parte das minhas noviças estavam muito contentes e que não esperavam mais que o momento desejado. Depois, vendo que o número de noviças também tinha aumentado para quinze, ordenei a P.^e António que não aceitasse nenhuma até à minha chegada a Verona, o que desagradou a P.^e António e provocou as suas queixas. *[Aqui há três linhas apagadas]*

4472

Depois de considerar tudo e de consultar a opinião do meu conselho central e de outros importantes amigos eclesiásticos e dado que as Irmãs estão mais dispostas a ser filhas do instituto em que se consagraram e, em vista da indecisão do bispo, pouco partidário de fazer pressão sobre os espíritos, decidi, por então, não fazer nenhuma inovação. Sempre terei tempo de levar a cabo a fusão quando vir mais claro e quando estiver convencido de que o assunto é viável com a plena adesão dos meus subordinados e da Congregação de S. José.

4473

Os votos que as minhas Irmãs pronunciam são por um ano e, depois, vão-nos renovando sempre anualmente. Por outro, lado não quero submeter este instituto à aprovação de Roma até que não passe ao menos dez anos na Missão da África Central. Além disso, a própria madre não pode comprometer a sua congregação para a qual assuma uma responsabilidade, sem um conhecimento de causa e eu não posso garantir-lhe qual será o resultado dessa fusão.

Asseguro-lhe que tal foi o meu sonho durante muito tempo; porém, ao ver que depois de dois anos e meio que ando a pedir dez Irmãs, a senhora, apesar de tantos rogos da madre provincial e meus, só nos mandou três e, ainda por cima, deixou as três fixas no Cairo, sem considerar as necessidades do Cordofão, que está sem superiora, e Cartum, que não tem uma mestra capaz de dar aulas (exceptuada a madre provincial, da qual estou orgulhoso e que é uma superiora de primeira), confesso-lhe com franqueza que não considero prudente realizar o meu plano tão desejado.

4474

Portanto é melhor que cada um continue em seu lugar. A África Central é muito grande. A madre tem lá duas missões: Cartum e Cordofão, que há que reforçar com outras Irmãs. Depois, no próximo ano, ainda devo abrir pelo menos três casas de Irmãs e alguma será para a sua congregação. As Irmãs de Verona destina-las-ei a cidades onde não estão as suas, exceptuada a casa de aclimatação do Cairo, que deve servir tanto para as suas irmãs como para as de Verona, não contando aí com a autorização do delegado apostólico do Egipto para fazer uma obra, etc., etc.

A casa tem dois pisos e vou levantar outro: para os poucos meses que as Irmãs passam no Cairo antes de irem para a África Central, podemos adaptar-nos. Tudo isto só se fará depois de a ter consultado e será tida em conta a sua sabedoria e a sua vontade, já que a madre tem todos os direitos derivados da dignidade e da experiência.

4475

Esta é a pura verdade de tudo. Sempre fui franco e recto, no desejo de salvar a minha alma e prestar verdadeiros serviços à Igreja: motivo pelo qual tanto sofri e pelo qual estou disposto ao martírio.

4476

Só me falta estabelecer um novo acordo, realizável e praticável nas condições e circunstâncias da África Central e que a madre e eu podemos redigir em acta com vistas a evitar antagonismos entre ambos.

A casa-mãe de Marselha receberá por cada irmã a soma líquida de 50 francos, de modo que se houver na África Central 20 Irmãs, deve entrar na caixa da casa-mãe a soma anual de 1000 francos, com os quais a madre geral fará o que bem entender.

4477

Todos os rendimentos que as irmãs obtiverem das suas casas e do ensino (que são pouca coisa) serão para benefício da Missão da África Central e do Vicariato Apostólico.

Além disso, é mister que se me dêem boas colaboradoras que obedeçam e é preciso estabelecer o direito da superiora principal ou provincial com jurisdição sobre todas as casas da congregação no Vicariato.

4478

Escreva-me, por favor, expondo-me a sua opinião. Eu não posso mexer-me desta Roma eterna até ter resolvido todos os meus assuntos. Se consigo sair de Roma, estarei muito tempo sem voltar a ela; devo tratar outros negócios na Europa e depois correr para a minha Missão. Tenho um aborrecimento de morte.

Rogo-lhe que me escreva na volta do correio, dizendo-me que manda partir as três Irmãs e, se puder, que me mande outras mais. As pobres Irmãs da África Central estão extremamente necessitadas de ajuda. E, além disso, tenho direito a que essas três Irmãs vão para o seu destino. Tenha por bem avisar-me sobre isso, porque doutro modo viverei inquieto. Diga-me também se vem a Roma e quando.

Desejo-lhe umas Boas-Festas, bem como à madre assistente.

Seu af.mo

P.^e Daniel Comboni

[Nota à margem]: Conviria redigir esta semana o acordo. Se o desejar, o meu secretário irá a Marselha; mas é melhor que a madre venha aqui.

Original francês

Tradução do italiano

N.º 689 (655) - AO CARD. ALEXANDRE FRANCHI
ACR, A, c. 13/28

Roma, 5 de Abril de 1877

RELATÓRIO

De D. Daniel Comboni sobre a execução das veneradas resoluções da S. C. de 27 de Novembro de 1876 sobre a África Central e sobre a situação geral do Vicariato em 1877

Em.º e Rev.mo Príncipe,

4479

Sua excelência rev.ma mons. o secretário da Propaganda notificava-me com carta de 12 de Janeiro de 1877 que, tendo-se tratado na congregação geral de 27 de Novembro do ano passado sobre as medidas a adoptar para o maior bem da Vicariato da África Central, o em.os e rev.mos padres decretaram: a) que se sugerisse ao P.^e Guardi que se pusesse de acordo comigo para o bom funcionamento da casa de Berber, quanto às relações com os religiosos camilianos, em conformidade com o acordo de 1874; b) que se me sugerisse a mim a conveniência de me fazer ajudar por uma pessoa idónea na administração das coisas temporais.

4480

Conhecidas as prudentes e sábias resoluções da S. Congregação, em seguida apresentei-me a cumpri-las no que me diziam respeito. Mas eis que na manhã de 5 de Janeiro recebi uma carta do próprio P.^e Guardi, o qual me comunicava que numa conferência de quase duas horas mantida com V. Em.^a Rev.ma, na presença também de mons. Agnozzi, se tinha determinado que ele retirasse *todos* os seus religiosos, sem exceptuar nenhum, e que eu apontasse e entregasse os fundos necessários para a viagem de regresso. Apenas lida a dita resolução, mandei o meu secretário, P.^e Paulo Rossi, ter com o P.^e Guardi e combinou-se que eu faria chegar às mãos do P.^e Carcereri, em Berber, a soma necessária para o regresso de todos os camilianos e que enviasse uma pessoa idónea a quem efectuar a entrega do estabelecimento camiliano.

4481

Para acerto desse acordo, na tarde de 6 de Janeiro, aproveitando o barco-correio de Brindisi, ordenei ao meu representante geral, o cónego Fiore, que ele mesmo se dirigisse imediatamente a Berber para receber aquela missão e que, da caixa de Cartum, tomasse 1500 francos ouro, importância suficiente para a cómoda viagem de todos os camilianos até ao Cairo. E igualmente lhe dei ordem de que tudo se fizesse quanto antes, com caridade, paz e prudência.

4482

Ao mesmo tempo dei instruções por carta a P.^e Bartolomeu Rolleri, superior dos meus estabelecimentos do Egipto, para que, chegados os camilianos ao Cairo, lhes desse alojamento e os tratasse bem durante todo o tempo da sua estada lá, e lhes proporcionasse, enfim, tudo o necessário para que pudessem realizar comodamente a sua viagem até Roma ou Verona. Enquanto eu assim escrevia, o P.^e Guardi comunicava ao P.^e Carcereri a resolução tomada e mandava-lhe entregar a Missão ao meu representante, do qual haveria de receber a soma necessária para a viagem até ao Cairo, onde, sendo necessário, seriam providos do necessário pelo superior daqueles estabelecimentos.

4483

Ora bem, tendo em conta o tempo que ordinariamente tardam as cartas a chegar ao seu destino e o que necessitavam os padres camilianos para se prepararem e o meu representante para se deslocar a Berber, os padres camilianos não poderiam sair do Vicariato antes de Março.

4484

Dispostas assim todas as coisas para o regresso do P.^e Carcereri com todos os seus irmãos de religião do Sudão para a Europa, restava substituí-los na Missão de Berber. E para isso ordenei ao dito representante meu que, uma vez que lhe tivesse sido entregue instalasse em seguida nela alguns dos meus missionários, colocando como superior P.^e Gennaro Martini, o qual nos primeiros de Março teria regressado da visita às províncias de Cadaref, Gabalat e Taka, dependentes da missão de Berber. Entretanto eu mandei de Verona um sacerdote missionário, P.^e Policarpo Genoud, com três leigos artesãos, para que junto com as três Irmãs e com o sacerdote P.^e Domingos Noya, que desde havia algum tempo estavam preparados e dispostos nos estabelecimentos do Cairo, partissem em direcção a Cartum, onde chegarão no próximo Junho.

4485

Com a junção deste pequeno grupo, cada estação ficava provida de suficiente pessoal. Por isso julguei preferível poupar os gastos que exigiria a ida de outros sacerdotes e artesãos agora nos institutos de Verona, a quem teria podido enviar e que, ao contrário, partirão comigo quando regressar à Missão.

4486

Portanto, tendo sido tudo preparado e disposto para a retirada dos padres camilianos e para a sua substituição na Missão de Berber, não se produziu nenhum transtorno no Vicariato nem fica nenhum lugar vazio por preencher. E, o que não é de menor importância, tal resolução, por fim, devolveu aos sacerdotes missionários e às Irmãs a tranquilidade que todos desejavam e que se vira perturbada pelo irreligioso procedimento dos padres Carcereri e Franceschini. Para não falar do meu representante geral, o cón. Fiore, nem do pároco

de Cartum, P.^e Salvador Mauro, nem de outros, que, mais de uma vez me escreveram que Carcereri, a partir de Berber, inquietava com as suas cartas todo o Vicariato e que mantinha até correspondência com o vice-cônsul prussiano e com gente inimiga da religião, citarei apenas algo que me escreveu a rev.ma madre provincial, residente em Cartum:

4487

«Suspiramos pelo dia feliz que nos traga a notícia do seu triunfo completo; porém, *se o vulcão de Berber continua a vomitar as chamas infernais, o senhor nunca terminará*» (31 de Dezembro de 1876). Quando assim me escrevia do Sudão, ainda não tinha aí chegado a fausta notícia da resolução daquelas tensões que desde havia tanto tempo a todos tinham deixado intranquilos e amargurados, bem como tinha paralisado os esforços que ainda se faziam pela Nigricia. Porém, enquanto me foi possível conhecer algo, comuniquéi-lho; e assim, com data de 8 de Janeiro de 1877, o superior de Cartum escreveu-me de volta: «O dia 27 de Novembro de 1876 marca uma data escrita com caracteres de ouro nos anais desta difícilíssima Missão da África Central.

4488

«Graças infinitas sejam dadas à Congregação da Propaganda Fide, *que, assistida por Deus, soube humilhar a soberba e defender e sustentar a inocência*. Tribunal supremo da Santa Madre Igreja, que inexorável e equitativamente administra a justiça e que com energia igual à sua autoridade remove todos os obstáculos que Satanás, rebelde, montou contra obra tão sublime.

4489

«E também o cardeal Franchi, oh!, essa coluna da Santa Igreja, nosso sublime protector e benfeitor insigne da nossa missão da Nigricia.» Para não me alongar demasiado, deixo de transcrever as cartas dos demais, que exprimem todas os mesmos sentimentos de júbilo de agradecimento à S. Congregação e especialmente a V. Em.^a Rev.ma, que tanto interesse mostra pelas mais desditosa de todas as nações infieis; e igualmente todas, como as citadas, provam que havia um desejo geral: o afastamento dos camilianos, para se poder trabalhar em paz e harmonia na vinha do Senhor, o que é para mim motivo de grande satisfação.

4490

Tais foram os sentimentos de alegria que experimentaram todos os meus missionários, ao saberem que eram afastados da Missão os padres Carcereri e Franceschini. Mas não passou muito tempo sem que lhes chegasse a notícia definitiva da saída de todos os camilianos, para o que o P.^e Guardi e eu tínhamos dado as ordens antes mencionadas. Contudo, apesar destas, as coisas desenvolveram-se doutra maneira.

4491

O meu representante encontrava-se na Missão do Cordofão e para lá dirigi a minha carta. Porém, o P.^e Carcereri, tendo já a notícia do que ele e os seus irmãos de religião iam regressar de Berber, cidade situada entre Cartum e o Egipto, enviou imediatamente três dos seus camilianos ao Cairo pela rota do mar Vermelho, ficando ele sozinho em Berber com um leigo, para entregar aquela Missão a P.^e Pascoal Fiore ou alguém em quem este delegasse. Contudo, antes de a minha carta chegar ao seu destino, o P.^e Carcereri telegrafou ao meu representante, fazendo pressão para que ele mesmo fosse a Berber ou mandasse outro missionário a quem entregar a Missão ou que enviasse lá o superior de Cartum, P.^e Salvador Mauro.

4492

Partiu, pois, o cón. Fiore em marcha forçada para Cartum e de lá mandou a Berber, de facto, P.^e Salvador Mauro, que chegou já quando os três religiosos camilianos tinham saído. O P.^e Carcereri fez-lhe entrega da Missão, após o que ele mesmo partiu pela rota do deserto de Korosko, em direcção ao Cairo.

4493

Por tudo isto, a minha carta sofreu um notável atraso em chegar às mãos do meu representante; passando, obviamente, primeiro por Cartum, chegou ao Cordofão e dali, como o meu representante já tinha partido, foi devolvida a Cartum, onde chegou quando já os padres camilianos tinham partido. Estes serviram-se para a viagem do dinheiro que já tinham recebido e retirado dos meus fundos existentes em caixa junto da sr.^a La-farque, apesar de, até então, se terem sempre queixado de que não tinham nem um centavo para ir vivendo. E, ao invés, tinham... e não só para a viagem directa para o Cairo como também para irem visitar os Lugares Santos, onde já se encontravam na Semana Santa, tendo recebido do meu procurador no Cairo, P.^e Rolleri, o necessário para a viagem do Cairo a Roma.

4494

Queriam eles que P.^e Rolleri lhes desse também a importância total do que haviam gasto desde Berber até ao Cairo, mas ele, que tinha recebido o encargo de lhes entregar só o necessário para se deslocarem do Cairo até Roma ou Verona, ateu-se a essa ordem, e, não possuindo fundos de que pudesse dispor, prudentemente

negou-se a abonar-lhes o que tinham gasto de Berber ao Cairo, para o que não estava autorizado. Contudo escreveu-me acerca do acontecido e eu respondi-lhe – comunicando também ao P.^e Guardi – que, de tudo o que tinham gasto, os ressarciria em Verona P.^e António Squaranti, meu administrador-geral.

4495

Já expus, portanto, as razões pelas quais no Vicariato não se executaram do modo acordado entre o P.^e Guardi e o meu secretário as veneradas disposições da S. Congregação da Propaganda Fide, e o expediente adoptado para o fiel cumprimento das mesmas. Quanto ao resto, chegou-se a cabo em perfeita paz: não houve o mínimo dissabor em Berber nem no Cairo e tudo se desenrolou com tranquilidade de ambas as partes.

4496

Os meus missionários, alegres e contentes pela partida dos padres camilianos, já os substituíram. Desde o passado dia 22 de Fevereiro, dois dos meus sacerdotes, P.^e Salvador Mauro e P.^e Gennaro Martini, com um leigo catequista e alguns negros, ocupam a Missão de Berber, onde esperam a nova expedição de missionários e Irmãs, a qual chegará em breve, talvez até antes de Junho.

4497

Finalmente, depois disto, é meu dever dar conta a V. Em.^a Rev.ma do cumprimento do que a S. Congregação me sugeria sobre a administração. Desde o momento em que V. Em.^a me exortou a procurar um administrador adequado que me ajudasse, para eu me poder dedicar com mais tempo e eficácia ao governo espiritual, elegi-o formalmente na pessoa de P.^e António Squaranti, reconhecido por todos, até pelo bispo de Verona, como o mais apto. Como tal o considerei sempre, e como tal o confirmou a experiência que dele tive nos últimos meses. Para assuntos de administração, já o mandei uma vez ao Egipto e outra a Viena, a ele lhe tenho confiado o cofre desde há cinco meses e, na qualidade de administrador-geral, estará comigo no Sudão, para onde o levarei comigo no regresso.

4498

Sobre o cumprimento das veneradas disposições sabiamente prescritas pela S. Congregação de 27 de Novembro de 1876, não falta mais que acrescentar, após eleito e nomeado formalmente o administrador e disposto e realizado quanto era preciso para o regresso de todos os padres camilianos de Berber para a Europa e para a sua substituição. Contudo, como complemento deste breve relatório, exporei aqui sucintamente o presente estado geral do Vicariato. Cada uma das estações dispõe de suficiente pessoal activo e, por acréscimo, outros sacerdotes, outros irmãos colaboradores e *doze* Irmãs do *Instituto das Pias Madres da Nigricia* encontravam-se preparadas em Verona para abrir novas estações no imenso Vicariato.

4499

Em *Geref*, a umas horas de distância de Cartum, e em *Malbes*, a umas horas de distância de El-Obeid, mandei comprar duas grandes quintas para aí ir estabelecendo os negros convertidos e formar, a pouco e pouco, dois povoados católicos, longe da peste dos muçulmanos. Às *centenas de firmes conversões de infieis* negros, há que acrescentar *catorze* adultos que os meus missionários acolheram no seio da Igreja no passado Verão e outros que se preparam para entrar nela. Portanto, aplicando-se a satisfazer a premente e urgente necessidade de criar sólidos estabelecimentos, em terras onde não encontramos senão areia, poucas e toscas cabanas e um clima ardente, pôde-se e poder-se-á ainda mais no futuro conseguir a salvação de muitas almas.

4500

Por outro lado, a administração não sofreu nenhum transtorno, apesar de tantos gastos extraordinários realizados em 1876 para viagens, obras de construção, para as referidas e utilíssimas quintas. Em suma, embora o ano passado se tenham gasto nas construções do Cairo nada mais que a soma de 92 000 francos, a Missão não tem nenhuma dívida.

4501

A isto junte-se que, finalmente, para substituir o grande paxá muçulmano foi nomeado governador-geral do Sudão o coronel Gordon; por este simples facto, a posição do Vicariato melhorou muito, já que, sendo ele de nacionalidade inglesa e de religião protestante, qualquer um pode ver que o exercício da actividade apostólica será no futuro mais livre e portanto mais eficaz.

4502

Isto é tanto mais de esperar, quanto sempre me professou e professa uma amizade íntima e sincera, e que de verdadeira estima e afecto são também as suas relações com os meus missionários e com a superiora provincial; igualmente, porque as suas ideias e sentimentos a respeito da escravidão são os mesmos que os da nossa Missão, à qual deu alguma esmola espontânea e com a qual partilhou muitos benefícios em troca da assistência que ela prestou aos seus oficiais doentes.

4503

Por tudo isto resulta evidente que a situação do Vicariato Apostólico da África Central melhorou algo, de maneira que para o bom andamento da obra – à parte a graça do Senhor, a qual antes de tudo é necessária para manter os operários apostólicos no bom espírito e para que se abram à doutrina destes as mentes dos negros e se temperem nos nobres sacrifícios da virtude os seus corações, desconhecedores dela –, o bom andamento da obra, digo, só parece faltar a restauração e o desenvolvimento do seu prestígio, que ainda sofre os ataques de muitos inimigos tanto invisíveis como visíveis.

4504

Diminuindo o seu crédito na Europa, poucas vocações amadureceriam para essa missão. Diminuída com descrédito a confiança, secar-se-iam as fontes de beneficência. Diminuído o crédito na África, diminuiria a influência moral, que é ali o único capaz de abrir ao missionário o caminho não só do coração dos negros mas também o dos rebeldes brancos e que abranda os agravos e ofensas a que estariam expostos os missionários entre gente materialista e governos muçulmanos.

4505

Ora bem, V. Em.^a Rev.ma pode imaginar com quantas artes tenta Satanás, no seu terreno, utilizar em proveito próprio os esforços dos missionários. E ainda que V. Em.^a talvez conheça todos os inimigos visíveis da santa obra da regeneração da Nigéria, não conhece quanto a denegriram só os camilianos: na Europa, não entre pessoas privadas, mas também entre as sociedades benfeitoras de Colónia e de Viena, e na África, entre a população e as autoridades. Por exemplo, até nos seus últimos dias em Berber o P.^e Carcereri fez com que se irritassem contra os cristãos o mudir local, o governador-geral do Sudão e o vice-cônsul prussiano em Cartum.

4506

Escreveu o P.^e Carcereri ao dito vice-cônsul contra o mudir de Berber, comunicando-lhe que este havia feito saber aos muçulmanos que para as festas do *Bairam* (24 de Dezembro) seriam assassinados todos os cristãos de Berber e de Cartum. O cônsul queixou-se ao governador-geral da conduta do mudir de Berber e o governador pediu ao mudir que se justificasse.

4507

O mudir chamou o P.^e Carcereri e perguntou-lhe se era verdade que tinha escrito falando mal dele ao vice-cônsul prussiano. O P.^e Carcereri *negou-lho* e deu-lhe disso *uma declaração por escrito*, a qual, enviada pelo mudir ao governador-geral, irritou o vice-cônsul prussiano e o próprio governador-geral, sem ter pacificado minimamente o mudir. De facto, tendo ido dois padres camilianos a Suakin, onde eu o ano passado fui acolhido muito cortesmente pelas próprias autoridades e onde pude livremente remediar algumas desordens entre os cristãos, o dito mudir ordenou-lhes que partissem imediatamente daquela cidade.

4508

Em vista disto, pode compreender V. Em.^a quanto dano sofrerá a Missão se se tornassem realidade as consequências do descrédito antes expostas. Elas bastariam para tornar estéreis os grandes esforços que eu não deixarei de realizar para manter e aumentar o prestígio que, há dois anos, tinha a obra, a qual ainda mantém o selo da estabilidade e de perpetuidade com que, por especial graças de Deus, está marcada até hoje, a Missão da África Central.

4509

Com tudo isto, a profunda convicção de que Deus quer a salvação da Nigéria anima-me na esperança de que, sob a sapientíssima direcção de Vossa Eminência e da S. Congregação, semelhante obstáculo será eliminado, serão viáveis as vocações na Europa, as ajudas aumentadas, especialmente as das ínclitas sociedades de Colónia e de Viena, de Lião e de Paris; a boa harmonia e a estima tornarão o ministério apostólico em África mais eficaz e frutuoso. Para que tal aconteça, também agora, como sempre, as grandes cruces e as tribulações terão contribuído para consolidar mais a obra da redenção da Nigéria.

Inclinando-me a beijar-lhe a sagrada púrpura, subscrevo-me com a veneração mais profunda

De V. Em.^a Rev.ma
Hum.mo., devot.mo, obrig.mo filho
P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário apost. da África Central

J. M. J.

Roma, 11 de Abril de 1877

Dulcissime,

4510

Obrigado por tudo. Recebi de Viena 30 000 francos. Desde o mês de Setembro não me chegou mais nenhuma carta de Steiner, excepto a última. Escreverei a relação e mandá-la-ei a si.

4511

O rev.mo sr. A. Glis. Passari manda-lhe saudações. O rev.mo Barduagni recebeu tudo regularmente e no dia. A *Voz da Verdade* ou *L'Osservatore Romano* publicará, etc.

Obrigado. As ocupações trazem-me assoberbado. Já mandei vinte folhas para Colónia. Na congregação geral de 23 ou de 30 deste mês será apresentado o tema *De Episcopatu et Ecclesia i.p.i. ss.mo*.

Vale.

Tuissimus

P.º Daniel Comboni

Original latino

Tradução do italiano

N.º 691 (657) - À OBRA DA SANTA INFÂNCIA
AOSIP, Afrique Centrale

N.º 1

Roma, 3 de Maio de 1877

BREVE INFORMAÇÃO
SOBRE A ACÇÃO APOSTÓLICA
DO VICARIATO DA ÁFRICA CENTRAL
1877
dirigido
À PIA OBRA DA SANTA INFÂNCIA DE PARIS

Ilustríssimo senhor,

4512

Em atenção à exímia bondade do seu coração e ao generoso convite que me fez na sua venerada carta de 28 de Julho de 1874 para lhe dar notícias do Vicariato da África Central com o desejo de acorrer em ajuda desta vasta e interessante Missão, apresso-me hoje a escrever-lhe algo sobre a *acção apostólica* do meu Vicariato, da qual tenho por certo que adquirirá uma ideia clara, exacta e veraz e que deste modo, vendo aquele campo fecundíssimo onde organizar a Obra da Santa Infância segundo o espírito e a finalidade de tão sublime instituição, tomará finalmente a determinação providencial de conceder abundantes esmolas dos fundos da sua santa obra a esta colossal Missão.

4513

Esta vez não entrarei a dar-lhe pormenores do nosso árduo e laborioso apostolado. Contudo, creio necessário oferecer-lhe uma ideia geral das obras do Vicariato para a conversão da Nigricia, dar-lhe a conhecer a ligação e concatenação destas e expor-lhe sucintamente, no seu exercício, nos seus obstáculos e nas suas esperanças, a acção apostólica da África Central.

4514

O Vicariato Apostólico da África Central foi criado pelo Sumo Pontífice Gregório XVI, de santa memória, mediante o breve de 13 de Abril de 1846. Os seus limites são:

A *norte*, o Vicariato Ap. do *Egipto* e a Prefeitura Ap. de *Trípoli*.

A *este*, as *costas nubianas* do mar Vermelho e os Vicariatos Apostólicos da *Abissínia* e dos *Gallas*.

4515

A *sul*, os chamados *montes da Lua*, que, segundo os modernos geógrafos estão situados para lá do equador e das nascentes do Nilo, entre os 10º e os 12º lat. austral.

A oeste, o Vicariato Apostólico das *Guinés* e a Prefeitura Aplica. do *Sara*.

4516

O Vicariato Apostólico tem uma superfície maior que a de toda a Europa. Compreende todas as possessões do quedge do Egipto no Sudão, as quais se estendem por um espaço cinco vezes superior ao de toda a França.

4517

Além disso, fazem parte dele alguns reinos, impérios e tribos, cujos soberanos e chefes seguem em maior ou menor grau a lei de Maomé. Por último, também pertencem ao Vicariato (constituindo uma parte extensíssima e povoada do mesmo) inumeráveis tribos feiticistas e bastantes Estados primitivos e independentes, inimigos e ignorantes por completo do Alcorão e absolutamente desconhedores de toda a ideia de Cristianismo, os quais são dominados por crenças especiais e extravagantes, superstições de todo o género, que constituem a assim chamada sua religião.

4518

A sua população, estimada nuns *noventa milhões* (90 000 000) de almas pelo meu erudito e ilustre predecessor mons. Knoblecher, segundo a minha opinião, baseada em profundos estudos e sobre os cálculos resultantes da Estatística de Washington, alcança a enorme cifra de *cem milhões* (100 000 000) de infieis. Do que se depreende claramente que o Vicariato Apostólico da África Central é *o mais vasto e povoado de todo universo*.

4519

Pois bem, esta grande obra da redenção da Nigricia ou do Apostolado da África Central erigiu e fundou os seguintes estabelecimentos, uns destinados a preparar e cultivar as vocações de pessoas de ambos os sexos para o apostolado da Nigricia, outros a aclimatá-las e a aperfeiçoá-las na sua santa e sublime vocação e os restantes a oferecer-lhes um lugar onde exercessem essa divina vocação já dentro da tão árdua e laboriosa vinha do Senhor. Portanto, a obra possui:

4520

1.º Dois estabelecimentos em *Verona*, que acolhem, instruem e formam os candidatos ao apostolado da África Central, a saber: o *Instituto das Missões para a Nigricia*, que prepara sacerdotes, catequistas e irmãos artesãos para levarem a fé e a civilização à África Central e o *Instituto para as Pais Madres da Nigricia*, que educam e preparam para o apostolado da mulher católica as candidatas missionárias femininas nas tórridas regiões da África interior.

4521

2.º Dois estabelecimentos preparatórios e de aclimação no Cairo, cidade cuja temperatura média se encontra entre o clima europeu e os ardores da África Central. Um é masculino, destinado aos missionários provenientes do Instituto Africano de Verona, para os aclimatar, para os provar cada vez mais na sua vocação e pô-los na condição de irem para o apostolado árduo e laborioso da África Central; o outro, feminino, é comum para as irmãs provenientes das duas congregações chamadas a trabalhar no Vicariato, ou seja, as Irmãs de S. José da Aparição, de Marselha, e as *Pias Madres da Nigricia*.

4522

3.º Um estabelecimento em Schellal, na Núbia Inferior, perto do Trópico do Câncer e em frente da ilha de Filé, fundado pelo meu ilustre predecessor mons. Kirchner.

4523

4.º Um estabelecimento em Berber, cidade situada nas margens do Nilo, na Núbia Superior, ao começo do grande deserto de Atmur e no ponto de concentração das caravanas procedentes do Egipto, de Cartum e de Suakin, no mar Vermelho. Fundado por mim em Novembro 1874, na actualidade ocupam-no missionários do meu instituto de Verona; mas espero que este ano, no meu regresso ao Vicariato, poderei abrir aí um estabelecimento de Irmãs para a educação e conversão do segmento feminino e para o baptismo dos meninos pequenos nos haréns dos muçulmanos.

4524

5.º Dois vastos estabelecimentos em Cartum, capital das possessões egípcias no Sudão, situada na Núbia Superior, nas margens do Nilo Azul, entre os 15º e 16º de lat. norte. O grandioso estabelecimento masculino, dotado de um amplo jardim, fundou-o o meu ilustre antecessor mons. Knoblecher com as generosíssimas esmolas recolhidas pelo Comité da Sociedade de Maria; e o não menos estabelecimento feminino, de 112 metros de comprimento, como o anterior e que é ocupado pelas Irmãs de S. José da Aparição, foi fundado por mim em 1874 e contém as escolas femininas, o orfanato, o asilo de escravas e o hospital.

4525

6.º A quinze dias de distância de Cartum fundei também dois grandes estabelecimentos no Cordofão, concretamente na sua capital, El-Obeid: o dos missionários do instituto de Verona e o das Irmãs de S. José da Aparição. Estes dois estabelecimentos produziram, e estão em grau de produzir cada vez mais, os melhores resultados em favor do apostolado da Nigrícia, ganhando muitas almas para Cristo.

4526

Mas aí é preciso muito dinheiro para transformar as casas actuais, feitas de barro ou lodo com areia, em construções mais sólidas de tijolos e ou de pedra. Porque as casas de barro são resistentes durante os nove meses em que nunca chove, mas quando em Julho começam as chuvas, então as casas desfazem-se como a neve ao Sol. Seria preciso que ao menos a igreja e as casas dos missionários europeus e das Irmãs europeias fossem de tijolo. O pior é que esta operação, difícil de levar a cabo naquele reino pela pouca quantidade de cal que há aí, que deve ser transportada em camelo desde um lugar situado a três dias de distância e requer, ainda, um desembolso superior duas ou três vezes ao que custa em Paris.

4527

7.º Duas colónias ou estabelecimentos em *Malbes*, a duas jornadas de distância de El-Obeid e que têm por objectivo reunir aí as famílias dos negros convertidos nos estabelecimentos de El-Obeid. A minha experiência em todos os estabelecimentos da África e do Egipto é que os negros, depois de todos os suores que a sua conversão custa aos missionários e às Irmãs, não perseveram na fé se estiverem ao serviço de famílias muçulmanas, as quais querem por força que os seus servos sejam muçulmanos e assim os neófitos correm grave perigo de perder a fé.

4528

Para afastar, pois, estes recém-convertidos da peste e da corrupção muçulmana, decidimos enfrentar o mui gravoso sacrifício de comprar grandes terrenos nas planícies de *Malbes*, suficientemente providos de água e construir aí casas e cabanas, nas quais instalamos todos os negros que foram convertidos no instituto masculino de Cordofão e que depois se unem em matrimónios cristãos com as negras educadas no instituto das Irmãs.

4529

A cada família atribuímos um pedaço de terra para cultivar e, depois, distribuímos entre todas elas uma boa quantidade de grão, para que o semeiem. Trata-se de poderem viver independentemente, longe da peste e corrupção muçulmana, sob a supervisão da missão católica e com o fruto dos seus suores e a ajuda das artes e ofícios que aprenderam na Missão. Essas famílias católicas formarão, pouco a pouco, uma aldeia católica, uma povoação católica e, com o passar dos anos, converter-se-á numa cidade católica, a qual servirá de exemplo às outras povoações. Também poremos em prática este prudentíssimo sistema nas proximidades das missões católicas já fundadas e por fundar nas regiões dominadas pelos seguidores do Alcorão.

4530

Mas, como qualquer um pode ver, são precisos importantes recursos económicos, que nós esperamos da infinita protecção dos Sagrados Corações e da especial caridade da França e dos católicos da Europa.

4531

Desse modo não nos será difícil organizar aí as obras da Santa Infância para salvar um grande número de crianças. Mas falta dinheiro para construir locais, manter neles as Irmãs e atender a todas as necessidades. Também estamos a iniciar uma instituição semelhante, dependente da Missão de Cartum, no povoado de *Geref*, junto ao Rio Azul.

4532

8.º Finalmente, em 1875, abrimos a importantíssima missão de *Gebel Nuba*, a seis jornadas a sudoeste de El-Obeid, no povoado de *Delen*, residência principal do grande chefe espiritual e temporal, que é, ao mesmo tempo, pontífice e rei. Estes Nuba odeiam de morte o Islamismo, que dizimou a população, levando como escravos e fazendo soldados muitos dos seus e, ao contrário, mostram a melhor das disposições para abraçarem o Cristianismo. Nesta tribo, à qual levei missionários e Irmãs de S. José, os habitantes de ambos os sexos andam vestidos como os nossos primeiros pais Adão e Eva, quando ainda se encontravam em estado de inocência. Contudo, são de excelentes costumes, vivem uma vida patriarcal e não são nómadas, mas têm residência fixa; além disso, é gente com juízo, sólida inteligência e que aprecia o bem. Porém, sobre a fundação desta importante missão e sobre a consistência das esperanças postas nela farei um relatório especial à Santa Infância, porque também esta nova missão pode interessar vivamente a caridade desta santa obra.

4533

Em todos estes estabelecimentos, desde Schellal até Gebel Nuba, obtivemos não poucos meninos pequenos e grandes, alguns dos quais morreram já baptizados e outros que comprámos para os instruir e educá-los na fé e na moral católicas. Necessitamos de muitos recursos para consolidar esta obra, criando os estabelecimentos justamente necessários para instalar as mães e os filhos que nos dão ou que vamos comprando; e é

aqui especialmente onde espero uma importante ajuda anual da Obra da Santa Infância de Paris, que me coloque em condições de consolidar e de expandir estas obras para a salvação da infeliz Nigricia.

4534

As duas missões principais, a de Cartum e a do Cordofão, são os verdadeiros centros de comunicação, os pontos de apoio e a base de operações para levar, pouco a pouco, a luz do Evangelho a todas as vastas e populosas tribos, Estados, reinos e impérios situados dentro dos limites do Vicariato. A missão de *Cartum* é o centro de comunicação, o ponto de apoio e a base de operações para estender paulatinamente a fé e a verdadeira civilização cristã em todos os pontos da *parte oriental e austral do Vicariato*, desde o Trópico da Câncer até para lá do equador e das nascentes do Nilo.

4535

A missão do Cordofão é o centro de comunicação, o ponto de apoio e a base de operações para estender e estabelecer gradualmente a fé e a civilização cristã na *parte central e ocidental* do Vicariato. Em Cartum estão o I. R. cônsul de Sua Majestade Apostólica o Imperador da Áustria e da Hungria, augusto protector do Vicariato e outros cônsules de potências europeias; no Cordofão tardar-se-á muito a ter um representante de S. M. Apostólica.

4536

Portanto, pode-se dizer que estas missões vivem sob um governo em certa maneira regular, graças à sabedoria do grande Mehmet Ali, vice-rei do Egipto, que proclamou a liberdade de culto, princípio seguido também pelo magnânimo quedge, seu sucessor. Além disso, agora que S. Alteza o quedge confiou o governo geral de todas as suas possessões egípcias no Sudão ao ilustre general inglês Gordon, gozaremos de uma maior liberdade, já que esta ilustre personalidade tem em alta estima a nossa obra e partilha connosco totalmente as suas ideias civilizacionais, que são contra a escravidão e o tráfico de negros. Durante o seu governo do Nilo Branco e do equador aplicou um golpe mortal a essa chaga sangrenta que dizimou as populações do Nilo Branco, de tal modo que durante o seu mandado não se voltaram a ver tantos horrores do comércio de escravos nos lugares sob a sua jurisdição.

4537

Mas todo o segredo para destruir gradualmente esse tremendo flagelo da humanidade possui-o a divina religião d'Aquele que proclamou no Evangelho a igualdade de todos os filhos de Deus. Portanto, só a missão, só o apostolado católico, poderá tornar pouco a pouco verdadeira a abolição do tráfico de escravos, pregando a fé e implantando a religião católica na África Central. Ora bem, para ter êxito em tão santa e trabalhosa empresa precisam-se muitos meios económicos e a eficaz cooperação da admirável Obra da Santa Infância.

Expostas estas noções, passo a assinalar brevemente, de relance, a acção apostólica do Vicariato da África Central, no seu exercício, nas suas dificuldades e nas suas esperanças.

ACÇÃO APOSTÓLICA DO VICARIATO

4538

O missionário, que preparado nos institutos de Verona e completamente habilitado e aclimatado nos do Cairo, se desloca para Cartum para trabalhar depois em favor da infeliz Nigricia na estação e nas tarefas que lhe são atribuídas, encontrou sempre, encontra e encontrará obstáculos e dificuldades muito graves para o exercício do ministério apostólico.

4539

E se devesse mencionar as diversas religiões perante as quais se encontra o missionário da África Central, teria que descrever os horrores do cisma copta e do Islamismo, que, dominantes nas duas Núbias, nos reinos e nos impérios do Cordofão, de Darfur, de Waday, de Baguermi e de Bornu e em todas as tribos nómadas árabes que vagueiam pelo extensíssimo território, se encontra de maneira mais disseminada noutras partes do nosso Vicariato, não ficando isentas de tal peste nem sequer as regiões centrais, nas quais o paganismo e o feiticismo reinam principalmente. Mas, para não resultar excessivamente pesado, repetindo o que tantas vezes se leu em relatórios, incluindo até longos, embora sempre insuficientes, para descrever em toda a sua horrível verdade aquelas míseras condições, contentar-me-ei somente com indicá-las.

4540

Tão fina arte usou Maomé para subjugar as mentes e os corações dos orientais, que não há poder humano capaz de eliminar erros tão disseminados. Oriente que só se deleita com o aparato externo e que sente mais vivo o enfrentamento das paixões; em seguida foi ganho por Maomé, que, sem impor novas crenças, oferecia uma monstruosa mistura de algumas vulgares e comuns e fazia consistir toda a sua religião num culto puramente externo, estimulando e autorizando ao mesmo tempo a plena satisfação das paixões, até das mais brutais.

4541

Trata-se do Alcorão, que legitima a dissolução e não considera a mulher como filha da religião, mas apenas como um utensílio doméstico, como um instrumento de imoralidade. O Alcorão permite os haréns, onde o sentimento humano se animaliza e a ideia da virtude do homem enfraquece, se relaxa, se perverte; onde o intelecto se turva e torna o homem não já capaz de aprender a sentir ou apreciar a nobreza da religião católica, mas até a civilização cristã. De facto, já faz bastante tempo que o Islamismo se encontra em contacto com a civilização europeia e, contudo, que avanços, que progressos, pôde fazer esta no meio dos maometanos?

4542

É mais fácil que pelo contacto imediato se perverta a civilização do que o maometano abandone a sua inactividade e renuncie aos seus princípios animalescos e anti-sociais, violando assim o Alcorão, que legitima tais princípios e manda tal estado. Terá conseguido demasiado a civilização quando conseguir que o maometano derrube a sua cabana ou abandone a sebe atrás da qual dorme, para procurar uma habitação melhor. Porém, que depois não pretenda encontrar nela o homem, porque nunca o conseguirá: encontrará sempre um animal que não pensa como homem, que não raciocina como homem e que nem sente, nem vive, nem age como homem. Nele poderá despertar o espírito de interesse, mas nunca o poderá dirigir, nem poderá jamais reduzir a justiça as pretensões, nem a justiça o uso dos meios.

4543

O amor e o respeito para com o próximo nunca poderão articular a sociedade maometana. Numa palavra, a civilização terá alcançado demasiado quando nas regiões maometanas se chegar a despertar a vida, ainda que sem introduzir princípios novos, susceptíveis de fazer passar os maometanos a um verdadeiro progresso, verdadeira sociedade e verdadeira civilização, na rejeição do Alcorão, que proíbe toda a novidade e a própria instrução, legitima a plena satisfação de todo o vício e de toda a paixão até brutal e cruel, e concede aos seus seguidores os máximos direitos contra quem pertence a outra religião. Daí que verdadeira sociedade e Alcorão, verdadeiro progresso e Alcorão não podem coexistir: um destrói o outro.

4544

Contudo, nenhuma força humana seria capaz de fazer contra o Alcorão muito mais do que fez o protestantismo que, vindo a combatê-lo nas margens do Nilo, e não tendo conseguido captar mais que dois prosélitos em Esneh – e isto depois de desembolsar dinheiro –, teve que abandonar aquelas regiões. Rígidos observantes do Alcorão, adoradores fanáticos de Maomé, consideram pecado discutir sobre religião. Aquele que se deixa pisar pelo cavalo branco do grande sacerdote, quando este, na época das peregrinações a Meca, avança em direcção à mesquita; aquele que, por esforço de continuadas invocações a Maomé cair doente ou enlouquecer, converte-se num santo, num herói para cujo sustento todos contribuem, a quem todos consultam e veneram e a quem constroem um túmulo após a sua morte. Ora bem, proibida a educação e com toda esta discussão religiosa, toda a novidade, como se poderão implantar novos usos, novas crenças? Pretender que se renuncie ao Alcorão, sem prévia percepção da causa da rejeição, sem razão, é pretender o impossível e prova disso é o fanatismo com que o observam. E mesmo que fosse possível aceitarem uma nova educação sem renunciar ao Alcorão, quem ousaria dar-lha, se o próprio Governo proíbe o proselitismo? E quem a aceitaria, quando isso lhes iria trazer críticas de todos, quando não a morte às mãos dos próprios pais?

4545

Platão considerava necessária uma luz soberana, uma força taumatúrgica para destruir as trevas do paganismo e regenerar a humanidade decaída. Uma força taumatúrgica, uma luz soberana, o concurso da graça divina são absolutamente necessários para regenerar as mentes e os corações envilecidos pelo Islamismo. Só os meios humanos não são suficientes. Estaria unicamente reservado à Igreja Católica esse triunfo, porque o Senhor, que com a sua voz quebra os cedros do Líbano, faz tremer as colunas do firmamento, em favor da sua religião poderia eliminar as trevas daquelas mentes.

4546

Ele que outrora, derrubados os templos pagãos, converteu os bosques da idolatria em sedes da sua religião, sobre as ruínas das mesquitas poderia implantar agora a sua cruz. E assim como só por meio desta foram conduzidos os gentios ao caminho da salvação e floresceu a civilização nas suas nações, também por meio só desta poderiam os maometanos receber semelhantes benefícios.

4547

Mas eis que o Senhor, em seus imperscrutáveis desígnios, decidiu servir-se de meios humanos até para as suas obras. E quem não reconhece gravíssimos obstáculos para o eficaz uso desses meios nas prescrições do Alcorão e no fanatismo a que fizemos alusão, tanto mais que se trata de substituir a fé maometana não por uma religião desconhecida, mas por uma religião abominada como é para os muçulmanos a católica, até ao ponto de eles verem no nome cristão a maior das ofensas, o maior dos insultos? E como substituir uma religião comodíssima por uma religião que impõe a mais rígida continência, a renúncia, a mortificação, o sacrifício?

4548

E somente o fazer apreciar e sentir a sublimidade da religião católica e a santidade das suas práticas a essas mentes e a esses corações incapacitados para isso, pela desenfreada libertinagem e depravação que a própria lei autoriza, apresenta dificuldades, humanamente falando, inultrapassáveis. Contudo, o missionário encomenda-se à Divina Misericórdia e, esperançado, dispõe-se a correr para o campo de batalha e espera; ora sobe para o navio, soprando o vento propício, ora parte.

4549

Oh!, a que espectáculos continuamente novos, a que sempre renovadas maravilhas o conduz o Nilo! Avançando pela margem direita, avista os montes do Mochatan no deserto da Núbia e à esquerda, os montes Líbicos, que se encadeiam ao longo do rio, deixando atrás de si uma planície às vezes deserta e arenosa, às vezes cultivada. E ante seus olhos não deixam de se espriar belos panoramas! Aqui, uma ilha sobre cujos verdes pastos anda errante um rebanho de cabras, guardadas por um rapaz negro, não longe da pequena choça encravada quase no meio das palmeiras que a rodeiam; ali, um bosque de acácias produz um suavíssimo perfume; além, um grupo de palmeiras faz gala das suas tâmaras. Agora, as margens aproximam-se, quase para mostrar ao viandante cada uma das suas próprias belezas; depois, afastam-se numa distância enorme, deixando o peregrino como no meio de um lago. E mais adiante fechá-lo-ão entre um horror de rochas nuas e de áridos montes, em cujos vales apertados, batido pelo vento, o rio se agita, que fechará os espectáculos sempre novos e deliciosos do dia, mostrando no seu longínquo aparente confirm as águas encrespadas, flamejantes e de vivíssimas cores do Sol, que no ocaso parece mergulhar nelas para criar um mar de esplendor.

4550

Porém, os sentimentos despertados pelos gratos encantos que ali apresenta a natureza, bem frequentemente se turvam por causa de sinais sinistros e de amargas reflexões. Quando, ao cair da tarde, se ouve a voz rouca do muezim, que do alto do minarete convida à oração os seguidores de Maomé, então, recolhido em pensamentos de tristeza, o missionário deplora a desdita de tantas almas; e o silêncio vasto e profundo que pesa sobre aquelas margens salpicadas aqui e ali de cabanas, lembra-lhe o silêncio precursor da tormenta e pensa no luto que envolverá aqueles infelizes que dormem com um sono de ferro, para só despertarem ao troar da vingança divina. Tudo se cala em redor e, entre o sopro favorável do vento, dormem os barqueiros sob o mastro da vela.

4551

E, enquanto a Lua, banhando com a sua luz as planícies circundantes, de quando em quando, interrompidas por espantosas montanhas, parece chorar pelo Cristianismo que outrora ali florescia e do qual agora não pode iluminar senão uma ou outra ruína que o lembra, solitário reza o missionário. E no meio daquelas solidões, parecendo-lhe ouvir a voz do Pastor Celestial, saído à procura da ovelha negra perdida, ganha confiança em que cairão todos os obstáculos que se interpuserem na conquista dos seguidores de Maomé e em que o Demónio não saberá manter como feudo próprio a Nigrícia, onde, ainda que não sempre imunes da peste muçulmana, numerosíssimas multidões de infelizes oferecem ao missionários campos dos mais prometedores.

4552

Impedem-lhe também o passo as cataratas, por cujos escolhos, partido no seu curso, se engrossa o Nilo para se lançar impetuoso em correntes que, partindo-se contra outros escolhos, se subdividem precipitando-se a espumar, aumentando o ímpeto e o fragor do sinuoso curso, em contínua colisão. Desde aqueles negros penhascos, de que o Nilo aí está recheado e aquelas margens abruptas, a morte também ameaça; e, nas escuras tábuas de embarcações afundadas, que sobressaem das águas quando estas baixam, ela mostra os seus triunfos. Mas há outro caminho: o do deserto. E, embora assuste por causa dos seus incómodos e da sua imensidão, o missionário não retrocede por isso, ao recordar que doze pescadores saídos de uma região insignificante da Judeia, depois de lançar um olhar ao cimo do Gólgota, dividiram entre si o mundo e, confortados pela fé no Divino Redentor e pela certeza do triunfo, exultavam nas tribulações e nas dores.

4553

Dura, sim, trabalhosa e incómoda é a vida do missionário apostólico da África Central; mas, sem se mostrar demasiado delicado e pondo em prática os meios recomendados e já provados pela experiência, pode trabalhar longo tempo e não sem fruto, em favor das cem milhões de almas, às quais, arrogante, o Demónio faz há tantos séculos seguir a sua vontade caprichosa.

4554

Por outro lado, dadas as enormes distâncias, a pobreza dos meios de transporte que lá se podem usar, a inconstância do vento favorável para quem viaja pelo rio, a indolência dos barqueiros, etc., as viagens naquelas terras tornam-se sobremaneira longas e penosas. Abandonado o missionário pelo vento propício sobre uma praia deserta, naquela solidão, onde terá como grande sorte o poder cobiçar uma árvore espinhosa para lá debaixo passar a noite, talvez se veja forçado a passar aí longos dias e semanas; e, depois, deve estar disposto a suportar, detido durante dias e meses nos extremos dos desertos, a preguiça dos camelleiros.

4555

E quando montado no camelo se dispuser a atravessar as intermináveis planícies desérticas, as montanhas de granito nu e os intermináveis bosques do centro, convém que esteja preparado para suportar os tormentos que irá passar, mesmo que não seja atacado por feras – sobretudo quando o surpreende a noite na selva –, ainda que não fique doente, ainda que o camelo o não arroje ao solo, deixando-o maltratado pela queda. Se tem dores, tem que aguentar sem nenhuma espécie de lenitivos e continuar a viagem, senão morreria de sede e os cameleiros, responsáveis pela sua vida, não lho permitiriam de nenhum modo.

4556

Já o missionário penetrou nas imensidões do deserto, onde feroz e abrasador o queima o Sol e onde o cansa e fatiga o camelo, sobre cujo dorso vai ficando moído de manhã à noite. E quando, chegado o ocaso, coloca pé em terra, ainda não é para se entregar ao descanso, mas a um solitário vaguear por aqueles espaços, à procura de mato e arbustos, combustível necessário para preparar uma frugalíssima ceia. Isto quando não se vê obrigado, por falta de outra coisa, a matar a fome com pão e cebola, tendo ao lado um odre de água, que, embora sempre quente e suja e às vezes até podre, constitui o único alívio do viajante que cruza o deserto. Contento, descansa ele agora sobre a areia e considera-se muito feliz se conseguir resguardar-se do vento da noite atrás de algum penhasco. A gravidade de tais incómodos não o acabrunha, pois ele sabe que não serão sempre melhores as condições que encontrará nas estações, onde, mesmo quando o não atormentem as doenças, consumido pelas fadigas sofrerá, às vezes, a amargura do desengano e desgosto das dificuldades.

4557

Entre os obstáculos que para o exercício da acção apostólica encontra no solo africano o missionário, nomearei como principal a escravidão. Nas montanhas do interior, grupos de homens armados ainda continuam a levar a cabo sangrentas incursões; e aquele que, atacado, se levantar em defesa própria e da sua família, inevitavelmente morre vítima da ferocidade daquelas bestas humanas, juntando o seu sangue ao que, impunemente, corre ainda pelos pacíficos campos da infeliz Nigrícia. Entre os incómodos de uma viagem longa e penosa, sob um Sol abrasador e sobre aquelas areias imensas e ardentes, ainda se encontram longas filas de pobres camitas que marcham quase completamente carenciados e dobrados sob a *scheva* (viga dotada num dos seus extremos de um triângulo de madeira ao qual se fixa o pescoço do escravo) e vigiados por uns bárbaros *jilabas* que a golpes de chicote os abrigam a avançar. Quantas terras longínquas e desconhecidas atravessam esses infelizes, não raramente deixando marcados os seus passos com o sangue que sai dos seus pés desfeitos pelo longo e torturante vaguear através dos abrasados desertos! Mas nenhuma piedade sente o *jilaba* por aqueles infelizes! Se na catástrofe que destruiu a família só uma menina sobreviveu junto com a mãe, esta não tem direito a socorrer a sua querida criatura, única herdeira que ficou dos cuidados e afectos maternos!

4558

Se, para cuidar da sua cansada filhinha, abrandar o passo, a besta do *jilaba* arrancar-lha-á das mãos, passá-la-á à faca e com bárbara frieza atirá-la-á sobre a areia. E a pobrezinha da mãe, que sentindo dilacerar-se-lhe a alma e o coração, queria morrer com ela, certamente também acabará trespassada pela faca, se com as furiosas chicotadas e pauladas não prosseguir silenciosa a sua marcha. Ainda se vêem serem arrastados para os mercados, às centenas, aos milhares, pobres escravos, desfeitos pelas longas fadigas e pelos sofrimentos padecidos nos desertos e nas embarcações, onde, amontoados, maltratados e sem comer, viajam dias de mil horas.

4559

Convém que vá aos mercados quem gostar de conhecer até que ponto é uma vergonha para a humanidade a escravidão, que alguém quereria aprovar como meio de civilização. Porém, porquê tanto ultraje aos direitos mais sagrados da natureza? Porquê tanta brutalidade, tanta barbárie, capazes de comover corações de pedra? O que faz trocar por ouro o sangue humano é unicamente o puro interesse. E aquele que não consegue vencer-se disso, que veja o trato, menos duro, no paganismo, e bárbaro no Islamismo, dado aos escravos, quando do mercado passam para casa do amo que os comprou.

4560

Vendo-se esses desgraçados a servir o seu amo, senhor da vida e da morte para eles, sem terem direito ao suficiente sustento, tendo, ainda por cima, a obrigação de lhe entregar o pouco que podem ganhar. E alguns são forçados a roubar grão a outros amos, guardado a alguma distância da casa destes por escravos, com o risco de molhar com o próprio sangue o pau do roubado, no caso de ser descoberto, ou o do próprio amo se, à noite, não lhe levarem a quantidade do grão ordenado. Ao escravo nega-se o mínimo socorro, nem uma mão o conforta, quando agonizante; nem uma lágrima o chora, uma vez falecido. Termina a toda a sua vida de dor e miséria atirado sobre a areia e aí, no mesmo lugar onde morreu abandonado, o seu corpo ficará por enterrar para pasto dos cães e das feras.

4561

Deixando de lado o anterior, poderia aprovar-se a escravidão como meio de civilização para que (ao serem poucas as necessidades que ali se sentem e a que, portanto, se pode atender) permitisse que, se não todos, muitos escravos passassem os dias inteiros na ociosidade e, por outro lado, lhes proibissem aproximar-se do missionário para aprender com a religião católica as artes necessárias?

4562

Pois é assim. Mais ainda: se fugindo dos maus tratos do amo, algum se refugia na Missão, o que às vezes acontece, é incrível a quantidade de astúcias que ele utiliza para o surpreender só, a quantidade de meios de que se serve para o recuperar, disposto a usar até a violência, se a violência se pudesse usar nas casas da Missão. E tudo isto porque o escravo, uma vez instruído na casa da Missão, já não pode ser revendido nos mercados, dado que no termo da sua educação católica recebe da Missão a carta de alforria, assinada pelo cônsul protector. Portanto é o mesquinho interesse a única razão pela qual existe a escravidão e constitui um dos graves obstáculos que encontra o ministério apostólico na África Central.

4563

Mas não é só por esta razão que se torna difícil o exercício do ministério apostólico entre os maometanos. Entre eles, onde se encontram estabelecidas as estações de Berber, Cartum e El-Obeid, a acção apostólica é difícil também porque as referidas estações tiveram de ser levantadas algo longe uma da outra, distantes entre doze a quinze jornadas, já que a esta distância ficam os grandes núcleos de população, embora a apenas uns dias de distância das cidades e localidades mais habitadas haja dispersos pequenos povoados e até algumas famílias isoladas nas desarborizadas montanhas do deserto. E também dificulta a acção apostólica o facto de, fora a natural indolência, aqui a ignorância se encontrar prescrita e a corrupção fomentada pelo Islamismo, para derrubar o qual não há força que baste.

4564

Contudo, isto não deve desalentar em absoluto o sacerdote nem o leigo católicos que se sentem comovidos pelos gemidos de uma imensa população vítima das tropelias dos homens e do Demónio: a cruz é a marca de todas as obras redentoras de Deus, porque todas elas nascem e crescem aos pés da cruz. Portanto, quanto maior dificuldade apresentar a redenção da Nigricia, mais gloriosa será. Sempre que não resulte impossível, e não o é, só as dificuldades, longe de produzir desânimo, devem incitar mais e mais a caridade dos que tratam de levar a cabo essa empresa.

4565

Não, não há tal impossibilidade: nem sequer lá, quando o missionário se ajuda pondo em prática os meios necessários para poder penetrar nas famílias e ganhar o seu respeito, é completamente estéril o exercício do ministério apostólico. E se com os muçulmanos resulta infrutuosa a acção do operário evangélico – o qual procura por isso de não os tornar inimigos –, não tão ineficaz se mostra a sua obra em relação aos europeus, que, nas cidades de Berber, Cartum e El-Obeid e nas províncias dependentes delas, se encontram reunidos em famílias e que provavelmente aumentarão, porque continuamente aumentam os trabalhos e ganha mais vida o comércio. Pelo que, no meio destes se move o missionário a fim de lhes evitar ou impedir todo o mal possível e promover todo o bem possível. Para tal fim, não poupa nada do que a caridade lhe sugere: visitas, exortações, ameaças, diligente atenção para com todos, acolhimento gratuito nas correspondentes salas da missão ao necessitado que caísse doente...

4566

Deste modo conseguiu acabar-se com a mancebia de alguns pares e formar com eles legítimas famílias, administrando educação católica através das irmãs às amancebadas negras ou abexins, enquanto noutras famílias se conseguiu introduzir a observância dos preceitos eclesiásticos. E que grande conforto é ver tantos infelizes atraídos pelo interesse longe dos países católicos onde nasceram, corresponder agradecidos às carinhosas advertências da religião católica, que os seguiu, alcançando-os até à remotas planuras da África Central, e vê-los igualmente irmanados pela identidade de religião com os negros convertidos, assistir em companhia destes às sagradas funções e saciar-se, junto com eles, nas fontes da salvação, que também aí lhes faz jorrar o seu Celestial Pastor!

4567

Mas não é só o bem da população europeia o único fim da acção apostólica exercida em terras muçulmanas, onde tão-pouco faltam gregos e coptas cismáticos. E se não se obtém fruto entre os coptas e só existe a esperança de futuras colheitas, vivendo eles em boa-fé, especialmente onde não são governados por sacerdotes e amando, por isso, e respeitando o missionário católico; algumas conquistas fez todavia a cruz entre o escasso número de cismáticos gregos.

4568

Contudo, o campo que o missionário encontra semeado de melhores esperanças é o dos escravos. Esses infelizes, que estão sobretudo ao serviço das famílias muçulmanas, superam em muito o número de todo o resto da população. Além disso, como provêm do paganismo das tribos centrais, com maior facilidade que os

muçulmanos e os cismáticos são induzidos a abandonar o Islamismo, a abraçar o qual se vêem forçados especialmente pela sua situação. Embora seja verdade que, de adultos, são algo instáveis e, ao entrarem em contacto com os seus amos muçulmanos, poderiam abandonar facilmente o Catolicismo.

4569

Portanto, o missionário deve guardar-se de os admitir na religião católica, salvo o caso de eles permanecerem na Missão ou servirem numa família católica ou, melhor ainda, se unirem em matrimónio com uma das negras já convertidas e educadas, mantendo-se depois com o exercício do ofício que, durante o catecumenato, devem aprender na missão para se não exporem ao perigo de apostatar servindo a amos muçulmanos. Mas há bastantes rapazes e raparigas que crescem alojados nas casas da Missão, que os mantêm como filhos adoptivos por os terem comprado ou recebido em doação ou por os terem acolhido depois de eles fugirem dos seus amos. A estes jovens, cujo número aumenta todos os dias, ensina-se-lhes, junto com a educação moral, a material, mas limitando-a ainda a que aprendam a ler, a escrever e a algum ofício adequado para o lugar; e, entretanto, evita-se multiplicar neles as necessidades, mantendo-os, pelo contrário, nos seus costumes na medida em que a virtude e a religião o permitirem.

São sobretudo estes jovens os que, com frutos e esperanças, confortam das suas fadigas e solícitos cuidados o missionário, que, gradualmente, vai educando na religião católica, na sua fé e práticas, as suas mentes virgens e os seus ternos corações, até que, baptizados e maduros para o matrimónio se unam catolicamente com alguma das negras educadas na religião católica e nos labores femininos pelas Irmãs. São estes especialmente os que se encontram nos nossos institutos e os que, mais susceptíveis de receber uma educação sólida, multiplicarão a grei católica à volta das nossas casas e nos terrenos que, em situação adequada a alguma distância das cidades – e, portanto, longe da peste maometana –, a missão comprou.

4570

Pode-se deduzir claramente disto que os gastos para a manutenção da obra são sobremaneira grandes, o que constitui não pequena dificuldade para o exercício da acção apostólica naquelas terras. Os gastos são grandes: a) pelo sistema de missão adoptado, o único que se encontrou possível e proveitoso naquelas regiões. Não existindo aí edifícios, convém e convirá construir estabelecimentos e casas, onde albergar os missionários e as Irmãs, assim como os negros e as negras e onde ministrar a estes o ensino artesanal e religioso, longe do pernicioso contacto com os muçulmanos. Durante a sua educação é preciso sustentá-los inteiramente, custeando toda a sua comida e roupa, como se fez até hoje, e, depois, há que instalá-los fora da cidade, em terrenos comprados também pela Missão. Qualquer um pode ver que isto representa um considerável gasto, o qual aumentará à medida que aumentarem as conversões e as aquisições.

Grandes particularmente são os gastos também: b) pela natureza dos lugares. De facto, como estes não estão suficientemente cultivados – e até na sua maior parte são desertos incultiváveis por falta de água –, e dado o escasso volume de comércio nas poucas cidades onde existe, é preciso fornecer cada casa e cada pessoa de tudo o necessário, mediante copiosas compras feitas na Europa ou no Cairo e daí enviadas para o Sudão.

4571

c) Não falo dos gastos da manutenção dos institutos de Verona e do Cairo, das novas expedições, das viagens, dos transportes; nem tão-pouco das perdas ocasionadas pelos atrasos, pelas enormes distâncias, pela irregularidade do valor comercial das moedas nos diversos dias e nos diferentes países. Ponho tudo isso de lado, confortando-me na convicção de que nem sequer em terras muçulmanas do Vicariato da África Central é impossível o proveitoso exercício do ministério apostólico, como se torna evidente a quem pensa que o missionário católico, sem ser aí favorecido em tudo, tão-pouco é em tudo hostilizado e que, aos que em primeiro lugar se aclimatam e depois se habituem ao frugal estilo de vida que a experiência aí recomenda, o clima não se lhes torna tão pernicioso.

Por outro lado, quem pensa que, para além de dois grandes Institutos em Verona para o noviciado e outros dois também grandes no Cairo para a aclimação, para além da casa de Schellal, a Missão fundou um estabelecimento suficientemente amplo em Berber, mais dois muito vastos em Cartum e dois em El-Obeid e em Malbes, junto com dois iniciados em Gebel Nuba, e todos eles com terreno próprio, rapidamente compreende que se criou uma estrutura *estável*, mediante a qual se proporciona o necessário alojamento aos missionários e às Irmãs e se facilita a educação religiosa e artesanal dos pobres camitas.

4572

E se, além de usar a sua dedicação a falar e baptizar os meninos moribundos dos muçulmanos, em promover o bem e impedir o mal entre os europeus e católicos e em obter alguma conversão entre os cismáticos, podem, ainda, os missionários e as Irmãs dirigir (como especialmente dirigem) a sua solícita caridade para com os escravos, não só para os instruir mas também para os conservar no Catolicismo, é de crer que, além de não ser infrutuosa a acção apostólica nas terras muçulmanas, no meio destas encontra campos a cruz sobre os quais, mesmo lentamente, triunfar.

Porém, é entre as tribos livres e pagãs do centro, onde mais fecunda se revela a paciência do missionário. Já em 1875 tentámos penetrar nelas; e depois de seis dias de caminho, desde os montes de *Delen* (primeira colina da tribo Nuba) contemplámos a ampla vinha que devíamos fazer frutificar com os nossos suores. Aí ficámos, após cortês acolhimento e os fervorosos rogos daqueles pobres nuba, que tanto festejaram a nossa chegada. Contudo, depois de termos construído as casas necessárias e até de termos iniciado a acção apostólica, circunstâncias adversas obrigaram-nos a regressar por então a El-Obeid, depois de entregarmos tudo ao *cojur* (chefe religioso e político da tribo Nuba), o qual partilhava com a sua gente o pesar pela nossa temporária retirada.

4573

As tropas do Governo de Cordofão que avançavam hostis sobre Gebel Nuba, as tribos nómadas dos Bagara, inimigos dos Nuba e fanáticos muçulmanos, que por inspiração própria ou por conselho de outros teriam podido aproveitar a guerra iminente para vingar na missão os agravos do nome “cristão” a Maomé; as doenças, que naquele clima, ainda que saudável, nos afectaram a todos ao surpreenderem-nos as chuvas necessariamente já debilitados pelas fadigas e privações; a impossibilidade de receber do Cordofão provisões para vivermos e nos curarmos, estando interceptados os passos por causa da guerra já iniciada: o conjunto destas circunstâncias oferecia à prudência de todos as razões suficientes para concluir que a nossa presença em Gebel Nuba seria para a Missão e para nós mesmos gravemente prejudicial, e para os Nuba, senão nociva, por completo inútil.

Mas só o pensamento de um próximo regresso nos mitigava a amargura do necessário afastamento daquela terra, pela qual durante tanto tempo tínhamos suspirado. E já em 1876 fazíamos os preparativos para regressar, quando uma ordem do Governo egípcio nos reteve em El-Obeid, impedindo-nos a saída até Gebel Nuba. Ah, é que aquelas terras, nas quais a religião católica poderia obter mais fáceis e amplos triunfos, são as que o interesse guarda com maior zelo contra o Catolicismo, por este tentar implantar aí as suas tendas de liberdade.

4574

Mas convém esperar, pois não se deixará de tentar nenhum meio para conseguir que os perversos intuitos do vil interesse, o qual tão vergonhosamente ultraja a humanidade, finalmente se malogrem e fracassem; de modo que já aberta e livre a passagem, a propagação da fé na tribo dos Nuba se torne uma feliz realidade. E a Divina Providência, dispondo que recentemente fosse nomeado governador-geral do Sudão o ilustre general Gordon, o qual partilha dos nossos mesmos sentimentos e opiniões acerca da escravidão, parece ter querido facilitar-nos o acesso àquela tribo.

Um obstáculo universal, quer dizer, um obstáculo que a religião católica em todos os lugares da África, à parte a antiga prática de certos usos imorais, é constituído, sobretudo na Nigricia interior, pela natural mandriice e indolência, entre as quais crescem os seus filhos, devido ao clima quente e à inexperiência de comodidades e necessidades. Acostumados na sua maioria ao pouquíssimo que o pequeno terreno, semeado pouco antes das chuvas, lhes produz, quase sem ulteriores cuidados ao cabo de três meses, e que junto ao produto dos rebanhos alimentados de pastos espontâneos e verdes na estação chuvosa e depois de tufos e ervas secas do deserto, fornece-lhes tudo o que precisam durante um ano, nada mais desejam, pelo que pouco cuidam de aprender a arte da agricultura; e, habituados a viver ao ar livre, ou em cabanas de terra e palha, não sentem a necessidade de aprender alvenaria. Assim que as obras dos missionários não servem para outra coisa senão para despertar neles uma estéril admiração.

4575

Habituados a não ver na sua cabana, além da panela de barro onde cozem o grão inteiro e uma chapa de ferro para o cozer triturado, a não verem outros móveis ou utensílios para além de um recipiente de barro onde guardar o grão e outro para guardar a água, não sentem a necessidade das artes para obter outras comodidades. Deste modo não sentem a necessidade da arte do alfaiate, acostumados como estão em certos lugares a andarem só meio vestidos, e outros, como no Centro, completamente nus.

Estes povos, que ao não possuírem nada, nada desejam, considerados por esse lado são naturalmente os mais ricos e felizes. Mas a experiência da vantagem das artes que os faz indiferentes às mesmas, assim como a impossibilidade de as exercer ao princípio para os outros em benefício próprio, que os tem totalmente inactivos, constituem a maior das dificuldades que encontra o ministério apostólico naqueles países. Porque, verdadeiramente, para exercer com facilidade e com fruto a acção apostólica, especialmente entre povos primitivos e incultos, qualquer um compreende que é preciso em primeiro lugar atraí-los e ganhar o seu respeito e carinho.

4576

Mas para conseguir isto, sobretudo no meio de povos materialistas, entre os quais só a linguagem do interesse é eloquente e eficaz, não há quem não reconheça um meio validíssimo no ensino e no exercício das artes. Portanto, a natural indolência dos negros, derivada da inexperiência das necessidades, que os torna

diferentes em relação às artes, deve ser considerada por todos como uma das sérias dificuldades que encontra naqueles lugares o exercício do ministério apostólico.

Contudo, não se pense que caem em terreno totalmente estéril os esforços do missionário para despertar a laboriosidade e o amor às artes, o qual se torna difícil só a princípio. Como tão-pouco se deve crer que por culpa da natural fuga daquelas gentes à aplicação e ao esforço seja completamente estéril a acção do missionário, que, sem multiplicar, especialmente ao princípio, as necessidades daqueles povos, mas deixando-os nos seus costumes na medida que a virtude o permita, se centre principalmente em moralizar as suas relações e em educá-los na religião católica.

4577

Para o conseguir não é inútil o exercício e o ensino gratuito das artes, porque se não ganhar o afecto da população, isso ajuda a ganhar o respeito. Enquanto para ganhar o afecto existem outros meios, como a prática gratuita e solícita da medicina, as visitas, as conversas, as prendas, as maneiras suaves e algum aspecto de ensino útil. E enquanto assim prepara o terreno, o missionário vai praticando de modo visível as normas religiosas que mais tarde, prudentemente, tratará de difundir também com a palavra; porque esta deve ser a semente evangélica, que, lançada em terreno oportunamente preparado e alimentado, pelo rocio da graça do céu, se desenvolverá viçosa e vigorosa.

À destruição do paganismo na tribo Nuba e à conversão desta ao Catolicismo ajuda particularmente a sua própria situação sobre o terreno, já que encontrando-se dividida em vários grupos suficientemente numerosos, os quais habitam vinte colinas, que rodeiam uma planície de uma jornada de longitude, oferece maior facilidade de acção, ao poderem-se fundar frequentes estações dependentes de uma principal. Ajuda também a subordinação que todos os membros da tribo manifestam ao chefe, de modo que se submetem a ele em tudo: assim as dificuldades de todos os indivíduos ficam concentradas num, e a destruição das mesmas neste facilita-as nos demais. Por tudo isto, mais pelo bom carácter e o bom sentido de que são dotados os membros da tribo Nuba; pelas súplicas das crianças falecidas que, encontrados pelos missionários em transe de morte, foram baptizadas, e também pelas preces dirigidas a eles, que, primeiras flores do apostolado em Gebel Nuba, brilham no céu, esperamos que esse povo, a quem o Demónio e os homens maltrataram, entoe debaixo da grande árvore da religião católica o hino da redenção e da salvação.

4578

Deus o quer. Portanto, fiéis ao nosso programa «*Nigrícia ou morte*», não retrocederemos ante os enormes gastos, as dificuldades e os sacrifícios. Glória ao Senhor e prémio eterno aos generosos benfeitores que, não podendo colaborar pessoalmente com a obra para o triunfo da religião católica nas infelizes terras da África Central, cooperem com abundantes donativos e com fervorosas orações.

Aqui fica, pois, esta exposição rapidíssima que, contudo, creio suficiente para dar uma ténue ideia do Apostolado da África Central e do importante papel que representará a sublime Obra da Santa Infância. O anjo tutelar da Nigrícia acompanhe a humilde súplica que dirijo ao ínclito conselho dessa santíssima obra, que povoou o Céu de tantos adoradores do Divino Menino.

P.^e Daniel Comboni
Pró-vigário da África Central

N.º 692 (658) - A Mgr. JOSEPH GIRARDIN
AOSIP, Africa Centrale

J. M. J. N.º 1

Roma, 3 de Maio de 1877
Via Margana 40, A, 1.º

Ilustríssimo senhor,

4579

A esperança é a última coisa a morrer. Além disso, como até ao presente sempre se viram atendidas as minhas súplicas a essa admirável obra orientadas para obter ajudas, o bom Deus, o divino Coração de Jesus Cristo, o meu ecónomo S. José, os santos apóstolos Pedro e Paulo, S. Judas Tadeu, S. Francisco Xavier e a beata Margarida M.^a Alcoque infundiram em mim tal confiança em que a magnanimidade do seu grande coração, monsenhor, e a bem conhecida bondade dos veneráveis membros do conselho central da Santa In-

fância vão escutar também desta vez os meus rogos que já me sinto seguro de que a caridade dessa santa obra se estenderá pela África Central, que é o vicariato mais colossal, mais extenso e mais povoado de todo o universo.

4580

A história deste Vicariato pode considerar-se dividida em três épocas ou períodos diferentes. No primeiro deles, que abrange 15 anos, a missão esteve sucessivamente sob o governo do P.^e Ryllo S. J., de mons. Kno-blecher e de mons. Kirchner. Neste período trabalharam no Vicariato quarenta missionários, aos quais eu mesmo pertencia. Quase todos morreram vítimas de enormes esforços, do clima mortífero e da caridade, e só eu (mesmo quando me encontrei repetidas vezes prestes a morrer) permaneci no campo de batalha.

No segundo período, de dez anos, trabalharam na África mais de cinquenta franciscanos. Vinte e dois deles morreram vítimas da caridade e do clima letal e todos os demais regressaram ao Egipto ou à Europa, perdida toda a esperança de sucesso.

4581

O terceiro período começou há cinco anos, quando o Vicariato foi confiado a uma congregação especial que eu mesmo fundei sob os auspícios desse grande homem que é Sua Em.^a o card. de Canossa, bispo de Verona, e cunhado da irmã da senhora Teresa Durazzo, a qual, dada a sua condição de Dama do S. Coração de Jesus em Paris, que me procurou a sorte e a honra de conhecer V. Senhoria e a poesia da Obra da Santa Infância.

Desde então o Vicariato foi dirigido segundo o meu *Plano para a Regeneração da África*, que concebi num dia em que assistia à solene Beatificação de Margarida Maria Alacoque no Vaticano e, neste período, nenhum missionário europeu, sacerdote, morreu, mas todos têm conservado um perfeito estado de saúde, no meio de umas fadigas, umas privações e um calor de que nem se tem ideia nas outras missões do mundo.

4582

Por isso, e pela conservação nos missionários e nas Irmãs do espírito de sacrifício e do verdadeiro apostolado, as missões da África Central adquiriram carácter de estabilidade e perpetuidade; de modo que a S. C. da Propaganda está a dar à missão da África Central uma organização formal, que possuem as velhas missões, as mais sólidas.

Precisamos de muito dinheiro para as longuíssimas e perigosas viagens de cinco ou seis meses. Muito dinheiro também para criar tudo nestas imensas regiões. Nelas não encontramos mais que um Sol implacável, areia e muito pouca água, a qual é preciso economizar até para se lavar. Não temos quase nunca vinho e a água que bebemos é sempre negra.

4583

Isto, entende-se, nos lugares afastados das margens do Nilo e do Nilo Branco e do Azul. A fim de obter o vinho para celebrar missa, devemos gastar muito. Dez soldos custa no Cairo uma garrafa de vinho para a missa; mas, chegada ao Cordofão ou a Gebel Nuba, a mesma custa-nos de sete a dez francos e o vinho está quase gasto. Uma peça de pano que no Cairo compraríamos por dez francos, quando chega ao Cordofão, a Darfur ou a Gebel Nuba custa-nos de cinquenta a oitenta francos.

4584

Lá não há ferramentas para construir casas, para a agricultura, etc.; é preciso levar tudo da Europa e, depois, carregá-lo nos camelos. Não posso descrever todos os pormenores do nosso apostolado. A única coisa que encontramos na África Central são almas, as mais abandonadas: mulheres e homens completamente nus, a quem é preciso vestir antes de lhes administrar o baptismo, pessoas ignorantes que há que instruir e cem milhões de infiéis que é preciso ganhar para Jesus Cristo.

4585

Por isso, monsenhor, peço-lhe com os braços abertos e lágrimas nos olhos ajuda para o meu Vicariato, que é digno da sua caridade e da poderosa assistência da Santa Infância. Por minha parte, ainda que todos me abandonem, eu continuarei a cumprir até ao fim o mandato de Pio IX, que em 1864, no mês da beatificação de St.^a Maria Alacoque, me disse no Vaticano: «Trabalha como um bom soldado de Cristo para a África.»

4586

Eu não temo nem o mundo inteiro e morrerei no campo de batalha seguindo o meu grito de guerra, que fizeram seu os meus fervorosos colaboradores: «*Nigrícia ou morte!*»

Depois de lhe ter rogado insistentemente que me conceda consideráveis ajudas, peço-lhe outra graça. Trata-se de que seja publicado nos *Anais da Santa Infância*, quer em latim quer em francês, a “Oração pela conversão dos camitas da África Central à Igreja Católica”, que lhe envio nesta carta. As almas que têm a sorte de formar parte da Santa Infância são almas superiores, almas selectas, almas muito poderosas diante de Deus e que, portanto, contribuirão para obter do Menino Jesus e da Sagrada Família a conversão dos meus

cem milhões de infieis e os meios necessários para conseguir este objectivo, entre eles um importante contributo anual para a África Central da Obra da Santa Infância.

Na mais viva esperança de que as minhas humildes súplicas sejam atendidas pela sua eminente caridade, expresso-lhe adiantadamente a minha gratidão mais fervorosa, enquanto me honro em chamar-me

Seu dev.mo e agrad.mo servidor

P.^e Daniel Comboni

Pró-vigário ap. da África Central

Original francês

Tradução do italiano

N.º 693 (659) - AO CÓN. J. C. MITTERRUTZNER

ACR, A, c. 15/71

Roma, 6 de Maio de 1877

Dulcissime rerum,

4587

Amanhã é o grande dia da congregação geral dos cardeais no Vaticano, em que se decidirá se a África Central há-de sair autenticamente beneficiada com o que contribui para aumentar o seu verdadeiro bem espiritual, ou se tudo fica em nada. Na segunda-feira passada, os em.^{os} ocuparam-se dos assuntos dos ritos orientais e no próximo tratarão sobre as normas que os bispos e vicários apostólicos devem seguir no governo das suas missões, perante a tremenda guerra russo-turca. Quando eu souber o resultado, o que não acontecerá antes de 14, já que a 13 deve decidir o Santo Padre a minha nomeação, ou por telégrafo ou por carta dar-lho-ei a conhecer. Só lhe peço que, depois de receber o meu despacho, se for afirmativo, que informe sobre isso o ex.mo comité de Viena. Eu depois, com tranquilidade, escreverei ao arcebispo de Viena e a Steiner.

4588

Todos os camilianos regressaram a Verona e a Roma. Também estão aqui o P.^e João Baptista Carcereri, irmão do protagonista, e o P.^e Afonso Chiarelli. Só o P.^e Estanislau continua ainda no Cairo e parece que tinha partido para a Europa na terça-feira passada.

4589

Agora peço-lhe um enorme favor para glória do Papa e da África. No dia 27 deste mês o Colégio Urbano da Propaganda Fide apresenta no Vicariato um pequeno ensaio em muitas línguas. Eu fui encarecidamente solicitado por aquele digníssimo reitor e comité, entre os quais se encontra mgr. o secretário Agnozzi, para preparar pequenas composições, que *durem não menos de um minuto e não mais de dois*, em dinca, em bari, em abexim e em galla. Apenas poderia defender-me um pouco em *dinca*, mas não tenho livros, nem prática e estou, além disso, imensamente cansado, com a cabeça desfeita, etc.

4590

Para o galla e o abexim comprometi-me com a Propaganda a escrever ao meu amigo António d'Abaddie, membro do Instituto de França; e para o bari e o dinca obriguei-me a dirigir-me ao futuro consultor da Propaganda, ou seja, o senhor, *dulcissime rerum*, como único capaz de satisfazer os desejos romanos. *Fac mihi gratum*. Aqui lhe junto os temas que me deram: redija dois textos. Não haverá críticas filológicas, porque ninguém poderá dizer nada, se se enganar num nome, verbo ou plural. Trata-se de uns *três ou quatro minutos* de composição dincae bari: *fac quam primum et Romam ad me mitte*.

4591

Já mandei a P.^e Squaranti 42 folhas cheias de informação geral sobre a África e a situação actual do Vicariato, ordenando-lhe que, após fazer um resumo para os *Anais do Bom Pastor*, lhe mande a si as 42 folhas (que correspondem a 84 destas em que lhe escrevo a presente) para o *Jahresbericht* de Viena, e também para a imprensa católica do Tirol e Viena. No outro dia, numa reunião em Londres, acordou-se mandar a monsenhor Comboni missionários para a civilização da África. Presidia à reunião o duque de Norfolk.

Agora estou a escrever uma pequena obra de 150 páginas, que se intitula:

Breve relação histórica e situação actual
do Vicariato da África Central e suas obras

4592

Mais ou menos é o que constitui o relatório de 42 folhas que receberá o senhor de Squaranti e no qual fica bem claramente traçada a figura de Mitterutzner, que é inseparável da história da África Central pela grande amplitude e importância da sua contribuição. Pareceu-me oportuno dar a verdadeira ideia da missão e do travejamento e concatenação de toda a obra, porque o nosso apostolado é pouco conhecido em Roma, na Itália, na França, na Inglaterra e na América. Melhor na Áustria e na Alemanha. O senhor, espero, fará correções e emendas, etc., porque, estando em Brixen, sabe mais que nós na África. Ah, se em vez de missionários e irmãos leigos e colaboradores ingleses eu pudesse ter bons tirolezes alemães e italianos, como Gostner, Lanz, Überbacher e outros, a África seria convertida!

Gordon é governador-geral do Sudão. Receberá o senhor os selos do correio. *Ave, salve, Angelo Brixinensis Ecclesiae meae.*

Tuissimus
Daniel

Estupendo plebiscito nas peregrinações mundiais de Roma. Celebidades católicas alemãs, etc.

N.º 694 (1164) - À PROPAGAÇÃO DA FÉ DE LIÃO
«*Les Missions Catholiques*» 417 (1877), p. 263

Roma, 20 de Maio de 1877

Breve nota.

N.º 695 (660) - AO CÓN. JOÃO C. MITTERRUTZNER
ACR, A, c. 15/72

J. M. J.

Roma, 21 de Maio de 1877

Dulcissime rerum,

4593

Recebi o telegrama com imenso prazer. É uma esplêndida mostra da sua bondade e do grande interesse que toma por minha humilde pessoa. Já me chegaram as duas belas, jocosas e catolicíssimas composições em bari e em dinca e já as aprenderam de cor os meus dois alunos da Propaganda, António Dubale e João Farag. Muito obrigado. Convidei P.^e Beltrame (que está aqui em Roma para assistir às sessões da Sociedade Geográfica... Italiana... m...) a que me faça a composição na língua dos dois Acca de Verona (na qual a Sociedade Geográfica publicou uma pequena gramática e um breve dicionário); mas parece que me vai dizer que não, por não ter aqui livros.

4594

A minha expedição constituída por Policarpo, outro missionário, três Irmãs e dois excelentes leigos, a esta horas deve estar a chegar a Berber por Suakin, no mar Vermelho.

4595

Neste momento recebo as composições em abexim e galla de Mr. d'Abbadie, um membro muito católico do *Institut*, de Paris. A Posição não se discutiu ainda, por causa dos assuntos do Oriente, já que, de mais de 200 proposições, só se examinaram 96. Não sei quando se discutirá: falta grande zelo em alguns pela salvação das almas, como disseram santas personalidades. Ontem, em S. Pedro *in Vinculis*, grande festa. O abade recebeu a nata da Alemanha. Apenas se discuta a Posição, mando-lhe um telegrama. Tenho aqui preparados muitos terços recebidos de um jerosolimitano e benzidos por Sua Santidade. Todos os camilianos se encontram em Verona, excepto o grande maçã P.^e Estanislau, que está aqui e ameaça com fumo e fogo, mas não conseguirá nada.

4596

A minha confiança está posta na justiça de Roma eterna e no Divino Coração que palpitou também pela Nigricia. Espero o Anjo de Brixen, a quem entregarei tudo. Um só olhar que o senhor lance ao meu relatório bastará para que a sua agudíssima mente escolha o que pode ser útil para o *Jahresbericht*, de Viena.

4597

Tenho estado e estou ocupadíssimo. P.^e Gennaro terminou a sua exploração até aos confins com a Abissínia e Gordon Paxá depôs do emprego que tinha perante ele (30 guinéus ingleses ao mês) o Bismark de Kartum, Mr. Rossel, o vice-cônsul prussiano, com quem Carcereri estava muito relacionado.

Obrigado, *vale, fave*,

Tuissimus Daniel, Pró-vigário apostólico

N.º 696 (661) - AO CARD. LUÍS DE CANOSSA
ACR, A, c. 19/18

Roma, 10 de Junho de 1877

4598

Aquele documento que me expediu o P.^e Franceschini de pleno acordo com o P.^e Afonso Chiarelli – o qual pode dar testemunho disso em Verona, onde se encontra – eu aceitei-o *pro bono pacis* depois de ter perdoado muitos milhares de francos que injustamente lançou na minha conta. Com esse documento ficava provado que eu tinha satisfeito o contributo correspondente ao primeiro ano dos camilianos em Berber, prometendo, como está anotado, antecipar 2000 francos para o segundo ano. Porém, pagos os 2000 francos, Carcereri, com evidente injustiça, não admitiu como válido o realizado pelo procurador Franceschini e anotou *os dois mil francos* como entregues à conta do primeiro ano, querendo, por cima, várias centenas mais, e assim *me roubou* à força uns dois mil e quinhentos francos.

4599

Depois arrebatou-me com grande iniquidade, ou melhor, *roubou-me* também em cada atribuição anual de 5000 francos, a soma de 316 francos sobre o câmbio monetário; de maneira que, só em câmbio desde o primeiro de Março de 1875 até 1877 me subtraiu 616 francos, etc., como posso demonstrar pela nota do cônsul austríaco, etc. *Depois* gastou na Itália (embora suspeite que não tenha gasto nem a metade, porque para o Vicariato não levou nada, excepto um cronómetro e uma ou outra coisa de pouca importância) mais de 7000 (sete mil) liras, e a mim apontou-me 7000 francos *ouro*. Depois comprou uma pileca dum asno no Cordofão por 115 (cento e quinze) táleres, mais a albarda por 36 táleres e o cabresto por 76 piastras, que eu me vi obrigado a pagar. Aqui em Roma comprou (tenho a factura) um cronómetro por 500 liras (não custa nem a metade) e na minha conta apontou 500 francos ouro. Depois enganou-se em meu desfavor no valor de 120 francos e negou-se a pagar-mos. Mais, apontou-me 1943 francos ouro para a viagem de oito missionários de Verona para o Cairo, quando essa viagem foi paga por P.^e Squaranti, etc, etc. Além disso tomou do meu depósito em casa da sr.^a Lafargue, em Berber, mais de *mil francos a mais* (contando as mercadorias dadas anteriormente, etc.) para cobrar a atribuição, etc., etc.

4600

Depois de tudo isto e de outras coisas, como posso eu, *em consciência*, pagar o que pretende Carcereri?...Tenho razão em invocar da bondade do nosso em.^o *pai* o juízo de uma pequena comissão formada por ele, por P.^e Peloso, Aldrighetti, Bacilieri, etc... Carcereri é um homem violento, injusto e com coisas piores. Perdoo-lhe, mas quero que conheça a verdade quem deve conhecê-la. O Coração de Jesus fará justiça e nele confiamos. P.^e Paulo é testemunha de como e porque me vi obrigado a passar a Carcereri o recibo de algumas contas liquidadas. Vão saber também os outros o que é tratar com esse homem, a quem espero que Deus perdoe, como é meu pedido.

P.^e Daniel Comboni
Pró-vig. apostólico

N.º 697 (662) - AO CÓN. JOÃO MITTERRUTZNER
ACR, A, c. 15/73

J. M. J.

Dulcissime rerum,

4601

Mando-lhe o esboço de um fragmento de relatório geral, que é o esquema ou resumo de um opúsculo que publicarei dentro de algum tempo, para dar a conhecer sumariamente a obra. Este fragmento de seis pequenas folhas é o menos interessante. O de maior interesse é o próximo, que nunca se publicou em nenhuns *Anais*, nem italianos, nem alemães, nem ingleses. Se encontrar nele alguma impropriedade, defeito, exagero ou outra coisa, peço-lhe que me avise e eu, sem seguida, farei a correcção, porque o senhor sabe muito mais que eu. Amanhã, quando voltar o meu secretário, mandar-lhe-ei copiar o resto, que é longo mais ou menos como estas seis folhas. Dada a sua capacidade de síntese, não lhe será difícil fazer nuns dias um resumo para Viena.

4602

Eu já tinha começado o primeiro relatório para Viena. Mas como P.^e Squaranti me apertava por causa de Verona, que desde há dezoito meses não publica o *Bom Pastor*, porque quis esperar os resultados dos assuntos de Roma, enviei-o primeiro para lá, julgando que P.^e Squaranti, num abrir e fechar de olhos, aprontaria um resumo e depois mandá-lo-ia a Brixen. Mas o coitado viu-se impossibilitado, porque teve problemas e muito que fazer, como eu em Roma (onde tive a satisfação de ver duas vezes o Anjo de Brixen), e o santo andou numa roda-viva. Assim que dentro de quatro ou cinco dias receberá de mim o resto, que é a *Acção Apostólica do Vicariato*, ou seja, o mais importante.

4603

Desculpe, caríssimo amigo; tenho o coração despedaçado de cansaço e de ver em Roma *tão pouco zelo pela salvação das almas* em alguns *eminentíssimos*, como também observou o *em.mo de Canossa*, o qual lançou uma merecida reprimenda aos cardeais Orelia de St.^o Estêvão e Sacconi, enquanto ao *em.mos Franchi*, Bilio, Bartolini, de Pietro e todos os outros queriam a minha rápida nomeação.

4604

Mas paciência. Deus quer assim. Como neste mês não se acertaram os meus assuntos, vou à Propaganda e declaro que não posso esperar mais, sendo o meu dever regressar à Missão onde me aguardam com ansiedade. Há dezassete meses que estou em Roma. É certo que se resolveu o assunto principal, e que Roma fez à África o maior bem expulsando os camilianos, com o que me livrou de Carcereri, cúmulo da velhacaria, homem sem espírito, sem consciência e de uma soberba semelhante à de Bismark, como se verificou na Propaganda; mas ainda falta algo.

4605

A acreditar no card. Franchi, voltará a propor a minha nomeação segunda-feira, 18 do corrente, na S. C. O card. Bartolini, ponente, mandou-me dizer claramente, por meio de mons. Caprara, assessor dos Ritos: «Diga a Comboni que conta com o meu affecto, que o defenderei sempre com a capa e espada e que ficará satisfeito.»

4606

Esperemos, ainda que, em todo o caso, sentir-me-ei feliz por fazer a vontade de Deus. *Ave et fave*. Segunda-feira próxima um *memento*.

Tuissimus Daniel

4607

Fui muitas vezes visitar o cardeal e o secretário da Propaganda, por causa dos selos estrangeiros e sempre prometeram dar-mos. Mas, quando me apresentei no dia da partida do arcebispo, disseram-me que os tinham dado a outros e que voltasse mais adiante que mos daria para o bispo de Verona e para nós.

4608

Já esquecia as últimas consoladores notícias do Vicariato:

1.^o A cidade de Suakin, no mar Vermelho, de onde a 14 de Maio saiu P.^e Policarpo com as Irmãs para Berber, dirigiu-me um convite para que estabelecesse lá a Igreja Católica e escolas.

4609

2.^o Gordon Paxá negou-se a admitir em Cartum os protestantes ingleses, porque estamos lá nós.

4610

3.º Disse que a respeito da Missão se regerá sempre pelo critério do pró-vigário, e que no caso de divergência consultará o Papa e o card.-secretário de Estado.

4611

4.º Favorecerá sempre a Missão e dar-lhe-á os escravos libertados, etc. Fornecer-lhe-ei pormenores sobre isto tudo no *Jahresbericht* próximo.

N.º 698 (663) - A Mgr. JOSEPH DE GIRARDIN
AOSIP, Afrique Centrale

J. M. J.

Roma, 25 de Junho de 1877

Ilustríssimo senhor,

4612

Escrevo-lhe estas duas linhas com a maior emoção para lhe exprimir o meu infinito reconhecimento pela graça que o senhor, monsenhor, e o venerável conselho central da admirável Obra da Santa Infância se dignaram conceder-me, enviando-me um cheque de cinco mil francos, que a bondade do rev.mo P.º geral dos trinitários, Martin e Bieues, me deu por meio do meu banqueiro Brown e Filho, em Roma.

4613

Agradeço-lhe, além disso, monsenhor, por me ter enviado a folha que assinala os pontos a tratar no próximo relatório, a qual me dá ideias também para organizar as obras que podem ser socorridas pela Santa Infância.

Muito obrigado, monsenhor, pela sua eminente caridade. Espero que, com a graça de Deus, farei honra ao grande fogo que arde nos corações dos membros e associados da Obra da Santa Infância.

4614

Digne-se, monsenhor, aceitar os sentimentos de devoção, de agradecimento e de respeito que sempre terei nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria.

De V. E. hmo. e dev.tmo servidor
P.º Daniel Comboni
Pró-vigário da África Central

Original francês
Tradução do Italiano

N.º 699 (664) - A MONS. JOÃO AGNOZZI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 491-494

J. M. J.

Roma, 29 de Junho de 1877

Excelência rev.ma,

4615

Li com atenção o estimado escrito do em.º sr. cardeal-secretário de Estado sobre o duplo e sincero recurso à Santa Sé do ilustre general Gordon, governador-geral de todas as possessões egípcias no Sudão, que no meu Vicariato abrangem um território *quatro ou cinco vezes mais extenso que a França*.

4616

Não posso senão elogiar grandemente a prudência e a lealdade de louvável personagem, que, embora anglicano, nas suas relações com as missões católicas trata e consulta também a suprema autoridade da Igreja, do que só se podem concluir coisas verdadeiras e realmente benéficas para os interesses católicos na África Central.

4617

Quanto ao primeiro ponto, o terreno da Missão de Cartum não procede de uma doação do quediwe, mas foi adquirido em 1849 pelo meu ilustre predecessor dr. Knobler com o dinheiro que lhe atribuiu a S. C. da Propaganda. A petição do *Divã* de Cartum de que a Missão cedesse ao Governo um pedaço do seu terreno para alargar a praia do Nilo Azul *fez-ma a mim em 1874* S. E. Ismail Ayoub Paxá, na ocasião governador-geral da Núbia e do Cordofão, com quem acordei em aceder totalmente ao pedido, na condição de que se construísse a expensas do Governo o muro de tijolo que deve fechar a parte oriental do nosso jardim.

4618

Porém, como opPaxá teve primeiro que ir conquistar Darfur e, depois, foi chamado ao Egipto pelo quediwe para ser membro do Conselho de Ministros, esse acordo não se levou a efeito. O paxá que lhe sucedeu não quis conceder a compensação acordada, pelo que o meu representante se negou a ceder o terreno e o general Gordon encerrou o assunto dando à Missão *cem* libras esterlinas.

4619

Quanto ao segundo ponto de recurso do general Gordon, que é de maior importância, impõe-se expor primeiro as seguintes noções:

Tanto no Egipto, como em Adem, e como em muitos lugares das costas orientais da África, onde existem consulados europeus e missões católicas, ao escravo que foge do seu amo muçulmano o consulado ou a missão mandam-no à *zaptia* (esquadra da polícia), onde, a pedido do interessado, lhe é passado *um documento que o declara livre*.

4620

Eu vi muitíssimos escravos de ambos os sexos obter desse modo a *liberdade*, em razão da qual os amos já não têm nenhum direito sobre o escravo.

4621

Porém, na Núbia, embora se tenham aplicado as mesmas leis do Egipto, a questão dos escravos passou por diversas fases e sofreu várias modificações, já que a população é composta aproximadamente por *um terço* de muçulmanos e *dois terços* de escravos, os quais são propriedade absoluta das famílias muçulmanas.

4622

No início, quando em 1851 se estabeleceu o consulado austríaco em Cartum para proteger a Missão Católica, tanto o consulado como a Missão gozavam *de facto* do direito de asilo. Mas, dadas as contínuas reclamações dos amos dos escravos refugiados, os governadores negavam-se a conceder ao consulado e à Missão esse direito (o qual supunha que se ganhassem para a fé não poucas almas) e daí surgiram litígios entre o Governo e o consulado e apelos ao vice-rei do Egipto e a Viena, até que o quediwe enviou ordem aos governadores do Sudão para que os escravos refugiados no consulado e na Missão *fossem devolvidos aos amos muçulmanos* e que isto se levasse a cabo até à força.

4623

Os consulados dobraram-se à vontade do soberano; mas a Missão não cumpriu sempre tal ordem, frequentemente comovida pelo estado deplorável e até sangrento dos escravos e pelo fundamentado temor de que os amos, como por vezes aconteceu, para castigar os escravos pela sua fuga, os matassem ou os maltratassem cruelmente.

4624

Como consequência disso, o próprio cônsul recorreu ao ministério de Viena e este a Roma. Daí que o Em.^o card. Barnabó (d. s. m.) escrevesse até 1864 ou 1865 a mons. Vuicic, vigário apostólico do Egipto e encarregado interinamente da África Central, pedindo-lhe que desse ordem ao superior de Cartum de *entregar cada escravo refugiado ao cônsul austríaco*, para que tratasse com o Governo acerca do seu destino. Esta ordem existe no arquivo de Cartum.

4625

Quando fui destinado a governar o Vicariato, como eu mantinha boas relações com o governador, e como também a superiora tinha muita influência sobre o mesmo, conseguimos salvar muitos escravos, apesar da proibição do quediwe. Porém, sempre houve problemas e discórdias entre a missão, o Governo e os amos e até com o I. R. cônsul austro-húngaro, quando vi que todos os escravos que entregávamos ao cônsul ele os punha nas mãos do Governo, que, por sua parte, os devolvia aos amos, deixando a Missão sem esperança de fazer-lhes bem no futuro.

4626

Depois de muitíssimas dificuldades, confrontos e apelos, vendo que os governadores, o quediwe e o cônsul estavam do lado dos amos, pelo bem e tranquilidade da Missão, promulguei em 1875 as seguintes disposições enviadas aos superiores das missões do Vicariato:

4627

1.º Quando um escravo ou escrava se apresenta na Missão de Cartum, onde existe o consulado protector, no prazo de 24 horas, o superior comunicará *por escrito* ao I. R. cônsul austro-húngaro a presença do escravo na missão, mencionando todos os títulos de defesa com que defendia a sua liberdade. E se após isso for convidado a ser apresentado no consulado ou no *Divã*, o mesmo superior, se o escravo é varão, ou a superiora, se for do sexo feminino, o acompanharão, ou, não podendo fazê-lo pessoalmente, mandarão que o acompanhe um missionário ou duas Irmãs, segundo o caso, para defender os seus direitos perante as autoridades locais; e se as razões não forem atendidas, entregar-se-lhes-á a pessoa em questão, embora não se deixe de reclamar de quando em quando, com maneiras corteses e fortes argumentos.

4628

2.º Nas missões do Cordofão e Berber e noutros pontos onde não há o consulado europeu, façam-se *perante o governo local* as mesmas diligências que prescrevi para o consulado.

4629

3.º Na Missão de Gebel Nuba e nos países independentes não sujeitos ao Governo egípcio, ao tratar o assunto dos escravos refugiados, ponha-se todo o cuidado em conquistar e criar, *de facto*, o direito de asilo, tendo sempre como máxima que a *missão católica é legisladora* naquelas tribos e apliquem-se na prática as regras e o espírito do Evangelho e da Igreja; isto é, defender com toda a força perante os soberanos e os chefes a liberdade e os interesses espirituais dos escravos, para os admitir depois no rebanho de Cristo.

4630

Ainda que normalmente os superiores tenham agido conforme estas minhas instruções, às vezes, quer por compaixão do estado deplorável dos refugiados, feridos e a sangrar, quer pela certeza que uma vez devolvidos a seus amos seriam barbaramente tratados ou até pelo temor de que a missão perdesse crédito na sua incapacidade para defender e proteger os infelizes ou por outros motivos, os superiores das missões, especialmente durante os últimos vinte meses da minha ausência do Vicariato, não observaram as minhas prescrições.

4631

Isso suscitou queixas do Governo, protestos dos chefes de família muçulmanos e apelos violentíssimos, os quais chegaram até aos ouvidos do quevide do Egipto e causaram uma profunda irritação neste contra a Missão, como assegurou o próprio general Gordon ao meu representante e à superiora provincial.

4632

Por isso, tendo tido conhecimento de tais inconvenientes, escrevi ao general Gordon para afiançar a sua protecção, e no passado Maio mandei de Roma ordens muito severas ao cón. Fiore, meu representante no Vicariato, que se observem escrupulosamente as disposições que promulguei em 1875 sobre os escravos refugiados, as quais terão pleno vigor até que tenha podido consultar a S. Congregação e receber sobre isso as suas veneradas instruções que, espero, ela se dignará comunicar-me.

4633

Agora que o mesmo governador-geral reclama do em.º cardeal-secretário de Estado que se dêem à Missão instruções oportunas (o que mostra a lealdade e excelente disposição da ilustre personalidade para com a Missão), espero que a S. Congregação se apressará a indicar-me normas precisas, que no futuro serão perfeitamente observadas por mim e por todos os missionários da África Central.

4634

Para maior esclarecimento dos diversos pontos deste importante assunto, creio meu dever submeter humildemente a V. E. as seguintes observações:

1.º Pelo que pude saber do meu representante, o cón. Fiore, e de outros, o general Gordon declarou formalmente a sua vontade de fazer todo o esforço, com a prévia autorização do quevide, para suprimir e destruir o tráfico de escravos, cujo teatro mais colossal é nosso Vicariato. E, portanto, proibiu sob penas severíssimas:

4635

a) Que os *jilabas*, ou traficantes de escravos, os quais são todos da Núbia ou do Cordofão, penetrem com armas europeias nas tribos dos negros para os caçarem aos milhares, os arrancarem violentamente dos seus lares e os levarem como escravos para o Cordofão, Núbia, o mar Vermelho e Egipto, obrigando-os a efectuar longuíssimas viagens a pé, nus, atados com cordas e vigas levadas pelos mais robustos escravos, indo misturados pessoas de ambos os sexos, etc., etc.

4636

b) Que, como vem acontecendo até hoje, muitas tribos e países vassallos paguem os impostos do Governo com escravos de ambos os sexos (calculando uns 14 escudos por cabeça), mas que futuramente o façam em dinheiro ou em gado, dentes de elefante e outras mercadorias.

4637

c) Ordenou recrutar soldados entre os escravos mais robustos.

4638

2.º O general Gordon estabeleceu *como norma* que a lei do quédive que obriga a devolver os escravos aos amos não tenha uma duração superior a 12 anos e que, passado esse tempo, todos os escravos em poder dos muçulmanos fiquem livres para irem servir a quem preferirem.

4639

3.º Como respeitosamente observei ao general Gordon na última carta que lhe enviei, creio que as disposições ditadas pelo Governo inglês a seus cônsules sobre os escravos refugiados em barcos de bandeira europeia ou americana e mencionados na carta ao em.º sr. cardeal-secretário de Estado e na dirigida ao meu representante, que tenho sobre a mesa, são muito oportunas sempre que se trate, com efeito, de escravos refugiados em embarcações pertencentes a nações *chamadas civilizadas* da Europa e da América, que aceitaram *sobre o papel* a lei da abolição da escravatura e do tráfico de negros, cuja dignidade respeitam e que, portanto, não reconhecem nos amos dos escravos o direito a abusar da sua honestidade e moralidade e matá-los.

4640

Porém, tal lei inglesa não me parece do mais adequado para a sua aplicação aos escravos muçulmanos do centro da África, onde a escravidão não somente é legal mas até quase constitui a fonte de receitas mais importantes do país, e onde o amo tem sobre os escravos direito de vida e morte e faz comércio e abusa a seu arbítrio da moralidade e honestidade das escravas, oferecendo-as ao capricho e vontade dos convidados para cumprir o dever de perfeita hospitalidade prescrito no Alcorão e observada totalmente no Sudão.

4641

Essa tristíssima situação dos escravos dos muçulmanos da África Central é muito diferente daquela em que se encontram os escravos da América e os que nos portos procuram refúgio a bordo de barcos europeus. Por isso, S. E. o governador Gordon, tendo em conta as condições tão deploráveis dos escravos da África Central, teria podido promulgar para estes uma lei mais benigna que a lei do Governo inglês, dado que o mesmo reconhece neles seres humanos que têm direito à vida e ao respeito da sua inocência e moralidade e que foram criados à imagem e semelhança de Deus.

4642

4.º Pela minha larga experiência com os escravos refugiados nas missões, posso concluir que *quatro quintos* deles, por causa da sua convivência e contacto com os muçulmanos, são viciosos, ladrões, depravados e corruptos, não oferecem nenhuma esperança de conversão e quase sempre, até na Missão, acabam por roubar; além disso, não querem trabalhar nada, cometem acções vergonhosas, servem de escândalo aos demais e, finalmente, ou fogem ou são expulsos da missão.

4643

Só um *quinto* deles corresponde às atenções da Missão e apresenta fundadas esperanças de conversão à verdadeira fé. Quanto aos amos, a maioria são bárbaros e cruéis; mas não poucos deles são bons e não exigem dos seus escravos mais do que um patrão europeu pede aos seus agricultores nos trabalhos do campo e dos seus criados nos trabalhos em casa e nos armazéns.

4644

5.º Na época actual da guerra do Oriente, em que se vai estendendo entre os muçulmanos de toda a Terra o fanatismo religioso e em que o ódio contra o homem «cristão» poderia chegar também ao Sudão, sou da humilde opinião de que, para não irritar nesse país os amos muçulmanos – dado que a lei do quédive que protege a crueldade e a injustiça destes não deve durar mais de 12 anos – tendo em conta as difíceis circunstâncias do momento, a Sagrada Congregação formulasse sobre isto uma resolução que não divergisse demasiado do júízo, não totalmente privado de razoável fundamento e motivos, do general Gordon, sempre sobre o princípio de que importa mais à Santa Sé a estabilidade e conservação da Missão que os êxitos momentâneos, ainda quando estes incluam algumas conversões.

4645

6.º Por último posso assegurar à S. C. que, apesar de todas as leis do quédive e de Gordon, e a despeito de todas as oposições dos muçulmanos, dos hereges e dos maus católicos, a Missão não regateará esforços e certamente com a ajuda de Deus conseguirá, como tem vindo a fazer, salvar muitas almas também entre os escravos refugiados. Isto com a mais cuidada habilidade, prudência e moderação, com o exercício da caridade e com o prestígio do apostolado católico, apreciado por todos na África Central.

4646

Concluo estas humildes sugestões e notícias suplicando fervorosamente a V. E. que trate com a S. C. tão importante assunto, de modo que me sejam dadas sobre isso instruções precisas e pormenorizadas, para tran-

quilidade da minha consciência e norma de actuação no futuro. Igualmente seria meu desejo que a S. C., se o considerasse oportuno, insinuasse o em.^o sr. card.-secretário de Estado que em sua sabedoria e bom juízo se dignasse recomendar-me a mim e a toda a missão da África Central aos bons ofícios e valiosa protecção do illustre general Gordon.

4647

E além disso que lhe assegurasse que a Missão fará quanto puder para favorecer eficazmente e apoiar, até onde as suas possibilidades e a lei o permitirem, a sua obra de civilização cristã das imensas populações da África Central submetidas ao quédive e ao Egipto.

Beijando-lhe reverentemente a mão, tenho a honra de me subscrever com todo o respeito

De V. E. Rev.ma hum. e obed.mo servidor

P.^e Daniel Comboni

Pró-vigário ap. da África Central

N.^o 700 (665) - A Mgr. JEAN FRANÇOIS DES GARETS
APFL (1877), Afrique divers, 4

J. M. J.

Roma, 5 de Julho de 1877

Via Margana, 40, A

Senhor presidente,

4648

Quando se proceder à partilha das ajudas da Propagação da Fé, peço-lhe, senhor presidente, que tenha a bondade de enviar, da atribuição correspondente à África Central, a soma de 1000 francos para Marselha, Capelete, à madre Emilie Julien, superiora geral das Irmãs de S. José da Aparição, e que se sirva mandar-me o resto aqui para Roma.

4649

Graças a Deus, sua em.^a o card.-prefeito da Propaganda determinou que a última congregação geral, para concluir os assuntos da África Central, tenha lugar no Vaticano a 9 do corrente, ou seja, segunda-feira próxima, e que a 15 as decisões dos cardeais sejam submetidas ao Papa. Tenho toda a esperança de que, depois da festa de Nossa Senhora do Carmo, me seja possível dar notícias sobre o bom resultado dos meus assuntos em Roma e que no próximo mês possa partir para a minha missão.

4650

Asseguro-lhe que o ter que estar dezasseis meses em Roma, longe da África Central, foi para mim mais duro de suportar que o tórrido calor, as enormes fadigas, as febres, as hienas e os leões do centro da África.

4651

Mas a vontade de Deus e a suprema autoridade da Igreja, assim como os maiores e mais sérios interesses da Missão obrigaram-me a permanecer aqui. Espero poder dar em pouco tempo um desenvolvimento muito considerável a esta grande Missão que Deus protegeu milagrosamente e pela qual espero morrer, depois de lhe dedicar todo o resto da minha vida.

4652

O general inglês Gordon, governador das possessões egípcias no Sudão, é um homem que, a cumprir os seus propósitos, dará um golpe mortal ao tráfico de escravos e aos horrores da escravidão. A Igreja, espero, trará disso muitos benefícios para a conversão dos infieis.

4653

Confio em que S. Em.^a o card. de Canossa publique uma carta pastoral em favor da Propagação da Fé e nós faremos o possível para que os bispos dos Véneto sigam o seu exemplo.

4654

Agradecendo-lhe infinitamente a maravilhosa protecção que a Propagação da Fé se digna conceder à África Central, tenho a honra de me chamar nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria

Seu devot.mo servidor

P.^e Daniel Comboni

Original francês
Tradução do italiano

N.º 701 (666) - AO CÓN. JOÃO C. MITTERRUTZNER
ACR, A, c. 15/74

J. M.J.

Roma, 12 de Julho de 1877

Dulcissime rerum,

4655

*Sacra Congregatio Eminentissimorum Cardinalium ad aedes Vaticanas die 2.a huius mensis me Episcopum et Vicarium Ap.licum declaravit; et Summus Pontifex Pius IX die 8.º huius confirmavit sententiam Eminentissimorum, et me elegit bispo e vigário apostólico da África Central. Além disso, como o Papa, quando me vê a conversar ou nas salas, diz sempre “*ai está o nosso africano*”, etc. o em.º cardeal mandou rogar ao santíssimo *auditor* que me fosse concedido o título de *bispo de Cartago*. Antes era título arqui episcopal e o último a usá-lo foi mons. Heinald; mas quando Argel foi elevada a metropolitana, tornou-se título episcopal.*

4656

Tenho ainda que esperar o *breve*, que será para daqui a oito ou dez dias e depois escrever-lhe-ei a dizer-lhe se é Cartago e a data da sacração. Estou há uns dias doente por causa de um resfriado, mas hoje fui visitar o cardeal, que me comunicou oficialmente a minha promoção. Mil saudações ao excelentíssimo secretário Ângelo, a todos os padres lateranenses, a Gasser, etc.

4657

Hoje tenho pouca vontade de escrever. Rogo-lhe que comunique a promoção a Steiner. Eu escreverei depois ao Em.º card.-arcebispo de Viena.

Tuissimus

P.º Daniel, bispo eleito
e vigário apost. da África Central

N.º 702 (667) - AO CARD. ALEXANDRE FRANCHI
AP SC Afr. C., v.8, f. 524

Roma, 13 de Julho de de 1877

Eminência reverendíssima,

4658

Com esta humilde solicitude, suplico ardentemente da exímia bondade de Vossa Eminência que se digne conceder a meu vasto e remotíssimo Vicariato 3 *baús* de paramentos sagrados.

4659

As estações do Vicariato distam mais de 15 jornadas umas das outras, na África Central os paramentos sagrados duram muito menos que noutras partes e os baús solicitados com objectos para a celebração da santa missa são muito cómodos para os missionários, que devem realizar difíceis viagens através dos ardentes desertos, selvas intermináveis e sinuosíssimos rios. Esses baús iriam destinados: um à Missão de *Cartum*, outro ao reino do *Cordofão* e o outro ao de *Gebel Nuba*.

4660

Cheio de confiança de que será atendido o meu pedido, beijo-lhe a sagrada púrpura e declaro-me com a veneração mais profunda

De V. Em.^a Rev.ma hum., dev.mo, ob.mo filho
P.^e Daniel Comboni
Vigário apost. da África Central

N.º 703 (668) - A Mgr. JOSEPH DE GIRARDIN
AOSIP, Afrique Centrale

J. M. J.

Roma, 13 de Julho de 1877

Ilustríssimo senhor,

4661

Tenho a honra de lhe anunciar que a 2 do corrente, festa da Visitação, a S. C. da Propaganda me nomeou bispo e vigário apostólico da África Central e no passado dia 8 Sua Santidade Pio IX se dignou confirmar a proposta dos em.^{os} cardeais, tendo-me s. em.^a o cardeal-prefeito dado comunicação oficial de tudo.

4662

Rogo-lhe, monsenhor, que envie ao rev. mo padre geral dos trinitários um bilhete com a ordem de me dar 5000 francos ouro, a fim de poder obter dele a letra que o senhor fez o favor de me enviar e que eu lhe transmiti, mediante documento. Desejo também que o avise que os 5000 são francos ouro, porque ele só me deu 5000 liras italianas. Foi ele mesmo, esse santo e venerável religioso, que me disse que lhe escrevesse.

Como não me passou o dinheiro a mim, mas ao meu banqueiro Brown, meu amigo, eu pensava que me tinha dado 5000 francos.

4663

Encomendo-me a suas santas orações para sustentar a minha indignidade no bispado tão fadigoso e difícil da África Central.

4664

Nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria honro declarar-me

Seu devotíssimo
P.^e Daniel Comboni
Bispo eleito e vigário apostólico da A. C.

Original francês
Tradução do italiano

N.º 704 (669) - A Mme. ANA DE VILLENEUVE
AFV, Versailles

J. M. J.

Roma, 14 de Julho de 1877
Via Margana, 40, A

Muito estimada senhora,

4665

Finalmente cheguei à meta depois de três anos de penas, dores e angústias mortais que, dispondo-o assim o amor de Deus, os meus inimigos me causaram. Eu perdoo-lhes de todo o coração; o meu triunfo é completo.

4666

A 2 do corrente a Sagrada Congregação da Propaganda nomeou-me bispo e vigário apostólico da África Central, e no dia 8, também deste mês, o Papa aprovou e confirmou a minha nomeação; de modo que em princípios de Agosto serei sagrado por S. Em.^a o card. Franchi.

4667

Assim sendo as coisas, o próximo mês espero vê-la a si, ao meu bom Augusto e a sua querida esposa, a qual estou impaciente por conhecer pessoalmente e da qual tão bem me falaram. Ocupo-me também da vossa

capela e dos favores. O Papa celebra missa sentado num cadeirão por causa da sua perna doente e custa-lhe muito a andar.

4668

Por favor, faça-se intérprete perante Augusto do meu afecto para com ele. E a senhora, a quem nunca esqueci nem um instante nas minhas orações, desculpe o meu longo silêncio, já que estive todo o tempo imerso na dor e na gestão dos assuntos e com a preocupação de conseguir os meios com que manter os treze institutos que fundei em dez anos e nos quais gastei quase dois milhões; mas o que sobretudo me teve abatido foram as cruces e as guerras dos religiosos.

4669

Por outro lado, aprendi muito dos luminosos exemplos da fé, perseverança e força sobre-humana que a senhora sabe mostrar nas dificuldades e que se tornam verdadeiramente edificantes. É uma mãe inigualável e Deus, vendo a sua fé e a sua religiosidade, escutou-a, pelo que em pouco tempo a senhora verá crescer uma família que será o seu conforto. Apresente lembranças a Augusto e sua esposa daquele é da senhora af.mo servidor

P.^e Daniel Comboni
Bispo eleito e vigário apostólico

Original francês
Tradução do italiano

N.º 705 (670) - A P.^e FRANCISCO BRICOLO
ACR, A, c. 14/33

J. M. J.

Roma, 14 de Julho de 1877

Meu caríssimo Francisco,

4670

Merecidamente eu devo ser a seus olhos um tipo sem vergonha, pois mantive tão longo silêncio, sem cumprir o prometido. Mas, se conhecesse os motivos, mudaria logo de ideia e considerar-me-ia um homem crucificado, não totalmente falho de juízo, que merece a compaixão das pessoas razoáveis.

4671

Em primeiro lugar, as angústias do duelo de morte e da luta que até há dez dias mantive com *meus amigos*. O chefe ou Gr. Or [*Grande Oriente*] há um mês que está em Roma (*haec inter nos*).

4672

As fadigas por ocasião das peregrinações; as extensas relações escritas; os bons serviços prestados a muitos, sobretudo a nobres benfeitores que *ad limina fuerunt*; as minhas indisposições; as letras da África de mais de 50 000 francos, pagas com suor, nas duas últimas semanas (mas segunda-feira S. José mandou-me de uma só vez da França 46 000 francos com 18 cêntimos, fora muitas outras somas recebidas da Alemanha e de outros sítios); o governar dum canto de Roma o meu difícilíssimo Vicariato; a morte da minha provincial, veterana das missões do Oriente, onde durante 34 anos foi superiora (isso encheu-me de consternação e ainda me mantém desolado), e outras mil cruces, tudo isso deveria servir-me de desculpa ante si.

4673

As obras de Deus nascem, crescem e amadurecem ao pé do Calvário, e a cruz é a marca e a característica das obras de Deus. Para cobrar forças fui a Nocera de'Pagani e de lá a Nápoles rezar diante do túmulo de St.º Afonso Maria de Ligório, o que me encheu o ânimo. Celebrei missa no túmulo de S. Mateus, o primeiro que levou o Evangelho a grande parte (parte etíope) do meu Vicariato e no de S. Gregório VII, *homo tribulatus propter iustitiam*. E Deus era testemunho dos meus suspiros.

4674

A 2 do corrente, a S. Congregação dos em.^{os} cardeais, reunida solenemente no Vaticano, nomeou-me bispo e vigário apostólico e anteontem o meu em.^o cardeal-prefeito da S. C. deu-me a notícia oficialmente. Nunca houve congregação em que tão rigorosamente se discutisse e examinasse uma causa como se fez com a minha.

4675

Mas Deus é o Senhor da inocência, da justiça e da verdade. Quanto ao *dia* da minha sagração, poderei dizer-lho quando receber o breve.

O Em.^o Franchi foi para mim um verdadeiro Pai.

4676

Conheci aqui em Roma o piedoso e douto sac. P.^e Luís Soave. Envie-lhe este bilhete. Comunique esta notícia ao bispo, a Sartori e aos meus conhecidos de Vicenza. Saúde da minha parte a P.^e Consolaro e a todos, encomende-me às orações de P.^e Farina, o anjo da diocese de Vicenza, e creia-me afectuosamente todo seu

P.^e Daniel, bispo eleito
e vigário apostólico da A. C.

4677

Muitos cumprimentos a seu pai e irmã. O senhor receba os de P.^e Paulo.

N.^o 706 (671) - A UM ECLESIÁSTICO DE VERONA
AACGV

J. M. J.

Roma, 15 de Julho de 1877

Il.mo e rev.mo monsenhor,

4678

Tendo-me chegado a sua estimadíssima carta com a petição ao Santo Padre, apresentei-a logo no Vaticano, e espero que obtenha bom resultado. Obrigado por me ter proporcionado esta oportunidade de lhe poder agradar.

4679

Comunico-lhe que no dia 2 de corrente a S. C. da Propaganda, na reunião geral do em.os cardeais no Vaticano, e a Santidade de Nosso Senhor Pio IX elegeram-me bispo e vigário apostólico da África Central.

4680

Que o pobre filho de um trabalhador de Limone, nascido no monte, e que viveu à sombra de S. Carlos, onde durante muitos lustros comeu a proverbial polenta, seja elevado à dignidade episcopal, é algo que causa assombro. Isto vem corroborar a sentença de S. Paulo de que Deus escolhe os fracos para confundir os fortes e as coisas ignóbeis, etc., com as de sucesso.

4681

Dê muitos cumprimentos a P.^e Guella e ao sr. Tomás e a sua esposa e quando vir os seus irmãos estigmatinos apresente-lhes os meus respeitos e encomende-me às suas orações.

Nos Sagrados Corações de Jesus e Maria, declaro-me com todo o affecto

Seu af.mo e devot.mo no Senhor
P.^e Daniel Comboni
Bispo eleito e vig. ap. da A. C.

N.^o 707 (672) - AO CARDEAL ALEXANDRE FRANCHI
AP SC Coll. Urb., v.21, ff. 1097-1098

J. M. J.

Roma, 15 de Julho de 1877

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

4682

Quando voltei do Cordofão para Roma, trouxe comigo dois jovens negros do interior da África Central, com vontade de os colocar no Pontifício Colégio Urbano para que se impregnassem do espírito apostólico na sua verdadeira fonte e se convertessem depois em apóstolos das gentes da sua terra.

4683

Daniel Sorur e Artur Morsal, a quem eu resgatei e baptizei e a quem os meus missionários instruíram, são dois jovens sobre os 13 anos de idade, de memória e inteligência distintas, de bons costumes, e com desejo de ser apóstolos de seus irmãos. Tive-os um ano no meu instituto, para que na Propaganda possam ingressar nos estudos do latim e, segundo a opinião do reitor e professores de Verona, reúnem condições para obterem resultados excelentes e sair apóstolos para a sua desditosa pátria.

4684

O pai do jovem Daniel Sorur morreu às mãos dos *jilabas* quando tratava impedir que estes lhe levassem como escravos a sua mulher e filhos. E quando a mãe, já escrava, se me apresentou na Missão reclamando o seu filho para que se tornasse muçulmano, Daniel respondeu que não, porque devia pensar em salvar a sua alma e tornar-se cristão. Tinha então nove anos.

4685

Imploro da exímia bondade de V. Em.^a se digne admitir estas duas flores do jardim africano e isto no próximo ano escolar.

Beijando-lhe a sagrada púrpura, declaro-me com a devoção mais profunda

De V. Em.^a Rev.ma dev.mo, resp. e ob.mo filho

P.^e Daniel Comboni
Vigário ap. da África Central

N.º 708 (673) - A MONS. JERÓNIMO VERZERI
ACR, A, c. 15/178

J. M. J.

Roma, 16 de Julho de 1877
Via Margana, A

Excelência rev.ma,

4686

Queria escrever a V. E. no dia 3 de Maio para lhe exprimir as minhas congratulações pela venerabilidade da sua pia irmã, a fundadora das Filhas do Sagrado Coração, mas abster-me ao ouvir de um venerabilíssimo purpurado que V. E. não quis nunca mexer um dedo para promover a canonização dessa santa fundadora, flor e ornato das virgens cristãs.

4687

Contudo, nunca abandonei a ideia de me manifestar em tal sentido, o que faço com a presente, por meio da qual tenho também a honra de lhe anunciar que a Sagrada Congregação da Propaganda, na assembleia geral dos em.os cardeais realizada no dia 2 do corrente, dia da Visitação da Sma. Virgem, se dignou nomear a minha humilde e indigna pessoa bispo e vigário apostólico da África Central e que a 8 do mesmo mês o nosso adorado Santo Padre Pio IX teve por bem confirmar a decisão da S. C.

4688

No Vicariato Apostólico da África Central, sob a administração do meu antecessor, de 40 missionários morreram 36 e eu fui do número dos sobreviventes.

4689

Depois a ordem seráfica mandou para lá 53 missionários. Perdeu 22 deles, vítimas da caridade e do mortal clima africano e todos os demais voltaram ao Egipto, à Terra Santa ou à Europa.

4690

Desde 1872, em que eu fui nomeado pró-vigário apostólico, de 19 missionários que levei para lá, *não morreu nem um*, graças à misericórdia do Sacratíssimo Coração de Jesus, a Nossa Senhora do Sagrado Coração e a S. José, a quem consagrei solenemente todo o Vicariato e graças também ao acordado no *meu Plano para a Regeneração da África*, que me veio à mente no dia 18 de Setembro de 1864 no momento da sair da Basílica de S. Pedro no Vaticano, onde tinha assistido à solene beatificação de Margarida Alacoque. A S. C. e o Santo Padre viram no meu Vicariato o carácter de estabilidade e de perpetuidade e julgaram chegado o momento de normalizá-lo verdadeiramente dando-lhe um bispo.

4691

Oh, quanto suspiro por ter algum excelente missionário da nossa querida cidade e diocese de Brescia! Mas o meu amigo Marinoni, superior do Seminário das Missões Estrangeiras de Milão, deixou-me gelado ao

dizer-me que nos 27 anos de vida do seu instituto nunca teve nenhum bresciano. Contudo eu não perco ainda a confiança. Tendo pronunciado o meu grito de guerra «*Nigrícia ou morte*», espero conseguir algum.

4692

O meu Vicariato é o maior, mais povoado, trabalhoso e difícil do universo inteiro. Abrange uma extensão territorial muito maior que toda a Europa e contém *a décima parte* de todo o género humano, ou seja, mais de *cem milhões* de infieis, a todos os quais o Sagrado Coração de Jesus deve converter.

4693

Porque é que não hei-de eu ter alguns irmãos sacerdotes brescianos, que partilhem comigo as fadigas, as penas e a morte pela salvação daquelas almas, as mais desditosas da Terra? Encomendo-me a Jesus, a Maria, a S. José e a V. Excelência.

4694

Rogo a bondade de apresentar os meus respeitos mais distintos ao seu *baculum senectutis*, esse anjo de mons. Carminati, e a mons. Corna, seu digno auxiliar, a quem tive a honra de conhecer no Vaticano por ocasião das festas do Jubileu Episcopal de Pio IX.

Beijando-lhe o sagrado anel, honro-me em me subscrever nos Sagrados Corações de J. e de M.

De V. E. Rev.ma
Hum., devot.mo, obedi.mo servo e filho
P.^e Daniel Comboni, bispo eleito
e vigário apostólico da África Central

N.º 709 (674) - A DANIEL SORUR E ARTUR MORSAL
ACR, A, c. 16/19, p. 39

J. M. J.

Roma, 17 de Julho de 1877

Meus queridos filhos Artur e Daniel,

4695

Depois da graça da fé que Deus vos concedeu na África, a maior que Ele vos deu é, sem dúvida, a de agora, ou seja, o Santo Padre Pio IX ter-vos acolhido no mais sublime instituto do mundo, o Pontifício Colégio Urbano da Propaganda Fide, onde sereis educados para o apostolado da África Central. Aqui em Roma, sob a inspiração da Santa Sé Apostólica, bebereis o espírito que vos formará como verdadeiros apóstolos de vossos irmãos, que, aos milhões, se encontram nas trevas e sombras da morte.

4696

Daí que vos convide com toda a alma a corresponder a graças tão assinaláveis, levando uma vida de santos, estudando com aplicação aquilo que se vos recomendar e obedecendo às santas regras do ínclito colégio, as quais são fruto da experiência de mais de dois séculos e têm como autores muitos sumos pontífices.

4697

Assim pois, vireis para Roma na próxima semana, de acordo com as ordens do vosso reitor, P.^e António; assistireis à minha sagração episcopal e entrareis no santo instituto da Propaganda cheios do desejo de vos fazerdes santos, para depois santificar e salvar da morte os vossos irmãos da África Central.

Entretanto vos abençoa de coração

Vosso af.mo pai
† Daniel Comboni
Bispo de Claudiopolis i.p.i.
Vigário apostólico da África Central

N.º 710 (675) - A MONS. AGUSTIN PLANQUE
ASMA, 23838, 12/8302

J. M. J.

Roma, 23 de Julho de 1877

Meu caríssimo amigo,

4698

Nunca o esqueci, meu amigo, e se não respondi às suas duas linhas de 12 de Maio, foi porque estava cansado das fadigas da peregrinação, porque ajudei muitos, e porque me vi mergulhado em mil desditas e aflições que me causaram os meus adversários na Propaganda. Além disso, não considere prudente aconselhar o superior de Nice a que se deslocasse ao Egipto na época dos grandes calores estivais, já que as coisas não estavam bem preparadas.

4699

Falei com mons. Torroni, o qual me repete sempre que o delegado apostólico do Egipto, Ciurcia, não tem nenhum inconveniente quanto à instalação nesse país, porquanto saiba de boa fonte que o prefeito actual do Alto Egipto está muito irritado e disse que nunca permitirá que outros que não sejam franciscanos ocupem o menor espaço na sua Prefeitura.

4700

Porém, o senhor não é homem que tema as dificuldades e eu dou-lhe para isso mil razões. Assim, escrevi a Duret dizendo-lhe que seria muito conveniente que fosse ao Egipto na mesma altura que eu, ou seja, entre Setembro e Outubro, e que se estabelecesse, como ponto de partida, na minha casa do Cairo. A partir daí, eu ou alguns dos meus missionários acompanhá-lo-emos ao Alto Egipto e ao canal de Suez.

4701

É preciso que, uma vez estabelecido no Egipto, e para que tenha mais força, o senhor consiga provê-lo de cartas de recomendação do ministro dos Negócios Estrangeiros perante o consulado-geral do Egipto. À parte a minha obra, contará com o apoio dos Irmãos das Escolas Cristãs e das Irmãs francesas, que têm muita influência sobre o povo e todas as pessoas honradas. Aí há postos de missão que não estão ocupados.

4702

Roma tem a sabedoria do Espírito Santo e, à luz dessa sabedoria, que protege a inocência e faz triunfar sempre a justiça e a verdade, no dia 2 do corrente a S. C. nomeou-me bispo e vigário apostólico e os meus adversários *inciderunt in foveam quam fecerunt*. Rogue por mim.

Seu fiel amigo

P.^e Daniel Comboni

Bispo eleito e vigário apostólico da A. C.

Original francês

Tradução do italiano

N.º 711 (676) - AO P.^e MARINO RODOLFI

A. Fappanti «*Il Risveglio Missionario a Brescia*» ACPB

J. M. J.

Roma, 23 de Julho de 1877

Caro P.^e Marino,

4703

Agradeço-lhe de coração a sua cortês carta de congratulações de ontem; e espero que a minha promoção a bispo e vigário apostólico da maior, mais povoada, laboriosa e difícil missão de todo o universo sirva de acicate à sua bela alma para rezar mais fervorosamente por mim e pelos *cem milhões de infieis* que a Santa Sé me confiou, os quais constituem a décima parte de todo o género humano.

4704

E porque é que entre si e Capretti me não facultam um bom número de missionários leigos e Irmãs para lhes destinar a África Central, tendo eu fundado para tal dois bons institutos *ad hoc* em Verona, o instituto africano para os missionários e o Insto. das *Pias Madres da Nigricia*, nos quais reina o espírito apostólico e deram já dignos colaboradores à altura da missão?

4705

Contudo, que certa é a frase do Evangelho *nemo propheta in patria sua!* Entre si e o nosso querido amigo Perico Capretti, mande-me uma dezena de brescianos, a quem eu levarei para os campos de batalha a lutarem nas guerras do Senhor.

4706

Saúde da minha parte Capretti, assim como aos seus irmãos do Oratório de S. Filipe Neri, a quem a entregará a oração adjunta, que eu compus debaixo de uma árvore na África Central e que encontra todo o favor do Vaticano. Dê cumprimentos às irmãs Girelli e creia-me *ex corde*

Seu af.mo no Senhor
D. Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
E vig. ap. da África Central

N.º 712 (677) - AO CÓN. JOÃO C. MITTERRUTZNER
ACR, A, c. 15/75

J. M. J.

Roma, 29 de Julho de 1877

Dulcissime rerum,

4707

Chegaram-me devidamente 150 francos ouro e agradeço-lhe infinitamente, porque me vêm em muito boa hora. O dia 12 de Agosto foi marcado para a minha sagração episcopal, que será levada a efeito pelo Em.º cardeal Franchi, assistido por dois arcebispos: mons. Bianchi, arcebispo de Mira, ex-núncio apostólico na corte da Baviera e mons. João (dos condes) Folicaldi, arcebispo de Éfeso. Estarão também presentes na cerimónia os embaixadores da Áustria, França e Bélgica. Nesse dia, pois, espero fervorosas orações por mim e pela Nigéria. Recebi o magnífico breve, de que lhe mandarei cópia.

4708

Por causa do vento contrário, P.º Policarpo teve que estar com as Irmãs 27 dias entre Berber e Cartum. Apresente os meus respeitos a S. A. Rev.ma, a todos os meus estimados conhecidos e aos seus venerados colegas professores, encomendando-me às suas orações. Far-me-ia um grande favor se comunicasse a Viena, a Steiner, o dia da minha sagração.

4709

No dia 1 de Agosto começarei a fazer os santos exercícios junto dos lazaristas de Montecitório; no dia 12 serei sagrado bispo e visitarei o Santo Padre; a 13 sairei de Roma e a 15, dia da Anunciação, celebrarei missa pontifical na estupenda Igreja de S. Jorge, em Verona.

4710

Tive que entrar no escritório do cardeal quando traziam a correspondência para conseguir que me dessem os selos e prometeu-me que, de agora em diante, os poria de parte. As cartas vinham da Austrália, Índia, China, etc.

Pax tibi.

Tuissimus Daniel Comboni
Episcopus Claudiopolitanus i.p.i.
Vicarius Ap.licus Africae Centralis

N.º 713 (678) - CÓPIA DE UM BREVE
BNB (Inserito Illustriertes Lebens – Album, p. 213)

Roma, 31 de Julho de 1877

Cópia autografada de Comboni de um breve de Pio IX a ele dirigido.

N.º 714 (679) - A MONS. JOSÉ MARINONI
APIME, v. 28, p. 23

Roma, 1 de Agosto de 1877

Bilhete de convite à consagração episcopal.
N.B. Idêntico bilhete foi enviado a Mme. De Villeneuve.

N.º 715 (680) - AO CÓN. JOÃO C. MITTERRUTZNER
ANB

2 de Agosto de 1877

Dulcissime rerum,

4711

Estou repleto de alegria. O Sumo Pontífice deu-me todos os paramentos sagrados de pontifical, que são necessários para um bispo: uma magnífica cruz peitoral, um báculo pastoral, 5 volumes pontificais com o escudo pontifício, etc., etc. O próprio Pontífice, inflamado de singular caridade, manifestou-me o júbilo do seu augusto coração pela minha nomeação como bispo e vigário apostólico. Graças sejam dadas a Deus.

4712

Conto com as suas orações, meu amigo, no dia da minha sagração episcopal, o dia 12 deste mês. Mando-lhe dois breves pontifícios: um o da minha nomeação como bispo e o outro o da minha designação como vigário apostólico. *Vale e salve* até ao beijo do Amor, para resumir.

Saudações ao insigne bispo.

Tuissimus † Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário ap. da África Central

Original latino
Tradução do italiano

N.º 716 (681) - A Mme. A. H. DE VILLENEUVE
AFV. Versailles

Roma, 4 de Agosto de 1877

Estimadíssima senhora,

4713

Estou em retiro espiritual junto dos lazaristas de Roma, a fim de me preparar para a sagração episcopal que, como pode ver no verso, terá lugar no dia 12 deste mês. Em Setembro estarei em França, de modo que me limito agora a dizer-lhe duas palavras. Recebi a sua estimada carta, na qual me dava notícias de Augusto e da sua querida esposa, o que foi para mim um prazer; mas causou-me pena a notícia de Maria. Estou impaciente por ir a sua casa.

4714

Eu satisfarei quanto me exprime na sua apreciada carta. Estou-lhe infinitamente grato pelo anel de família que tem a intenção de me dar. Se puder e dispuser de tempo, envie-mo para a minha direcção de Roma, Via Margana 40, A (no pátio onde contratou o seu carro de cavalos em Roma), porque o levarei no dia da minha sagração episcopal.

4715

Se tem uma pedra encastoada, então recebê-lo-ei quando for a sua casa. Já sabe que na festa de Santa Ana rezo sempre missa por si e por Augusto. Este ano celebrei por si e pelos dois esposos em Assis. A Augusto e à sua esposa mil lembranças da minha parte. E reze por

Seu dev.mo e af.mo D. Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i. e vig. ap. da A. C.

A princesa de Bragança apresenta-lhe os seus respeitos e também a Augusto e sua esposa, mil recordações da minha parte.

Original francês
Tradução do italiano

N.º 717 (682) - AO CONDE GUIDO DE CARPEGNA
AFC, Pesaro

J. M. J.

Roma, 7 de Agosto de 1877

Meu caríssimo e inesquecível Guido,

4716

Participo-te que o Santo Padre, após deliberação em pleno da S. C. da Propaganda, nomeou-me bispo de Claudiópolis i.p.i. e vigário apostólico da África Central e que, no próximo domingo, dia 12 do corrente, serei sagrado junto com um novo arcebispo na igreja da Propaganda, das mãos do Em.º card. Franchi, assistido por dois arcebispos.

4717

Ah!, se a Roma eterna não me tivesse obrigado a permanecer aqui um ano mais do que previsto para ver concluir os meus assuntos, com quanta boa vontade iria passar quinze dias com teus queridos filhos, com a tua angelical esposa e contigo, que, sem dúvida, me daria uma alegria maior da que tive, pois sabes o verdadeiro e sincero afecto que te tenho, pelo qual me é caro tudo o que te pertence, menos essas instituições e essa gente com quem estás obrigado a tratar, isto é a maçónica câmara e município.

4718

Recordo a felicidade que senti há quinze anos em Carpegna, em Scavolino, em Penabilla e nas luminosas colinas de Montefeltro! Saúda-me cordialmente o anjo da tua esposa e dá o mais carinhoso beijo aos teus filhos. Saúda igualmente a gente de Carpegna que se lembrar de mim e crê-me sempre teu af.mo e fiel até à morte

D. Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vig. ap. da A. C.

N.º 718 (683) - A P.º FRANCISCO BRICOLO
ACR, A, c. 14/34

J. M. J.

Roma, 11 de Agosto de 1877

Meu caríssimo P.º Francisco,

4719

Ontem à noite, ao voltar dos santos exercícios, encontrei um monte de cartas de toda a Europa e também o seu esplêndido missal. Ainda não pude ler as cartas, mas a sua sim. Muito obrigado por tão magnífico presente. Amanhã, às oito, o Em.º card. Franchi, assistido por dois arcebispos, sagrar-nos-á a mim e a um colega nomeado arcebispo e delegado apostólico do Peru. Depois de amanhã partirei para Verona, onde, no dia 15, celebrarei o pontifical na Igreja de S. Jorge.

4720

Convido-o a assistir a ele com Mitterutzner e P.º Luciano, que está aqui. E não me diga que lho impede o colégio. Vá a Verona pela manhã e regressará pela tarde. Pontifical, almoço e comboio. Aqui em Roma, estão P.º Squaranti e a superiora e a vigária das Pias Madres da Nigrícia. O meu cardeal alegrou-se muito com isso.

4721

Amanhã, depois da sagração, apresentá-los-ei ao Papa, o qual me fez magníficas ofertas, que lhe mostrarei. Entre elas, uma esplêndida cruz peitoral com um cordão de ouro; um formoso anel com o seu estojo e brasão pontifício; uma soberba estola, etc., etc., etc.

Não tenho tempo.

Tuissimus
Daniel Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário ap. da A. C.

N.º 719 (684) - AO REITOR DO COLÉGIO URBANO
AP SC Coll. Urbano, v. 21, f. 1121

Verona, Insto. Africano, 25 de Agosto de 1877

Rev.mo reitor,

4722

Declaro em consciência e como a pura verdade que quando acolhi em Adem, na Arábia, o jovem António Dobale, agora aluno do Pontifício Colégio Urbano da propaganda Fide (o que foi em Janeiro de 1861), o dito jovem tinha já uma idade superior *aos dez anos*. Esta era a minha opinião, a do prefeito apostólico de Adem naquela época e a de todos os seus companheiros de escravidão e de resgate, que na sua totalidade eram rapazes inteligentes e espertos. Manifesto isto e digo-o como a pura verdade.

Rogando-lhe que saúde da minha parte os meus quatro filhos negros, declaro-me com todo o respeito e consideração seu af.mo e dev.mo no Senhor

† D. Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário apost. da A. C.

N.º 720 (685) - AO CÓN. JOÃO MITTERRUTZNER
ACR, A. c. 15/76

J. M. J.

Verona, 31 de Agosto de 1877

Dulcissime rerum,

4723

Muito grata me foi a sua carta de 28 do corrente. E agora só três palavras. Desde o regresso de Brixen, *quotidie*, tomei medicamentos. Ontem, a primeira vez que comi carne, vomitei tudo: espero restabelecer-me pouco a pouco. P.^e Policarpo chegou ao Cordofão. Todos aqui e também Sua Eminência, o saúdam cordialmente. P.^e Grego está ainda em Recoaro.

4724

Quotidie benedicam te ab universo mundo, et tu ora pro me. Ao preclaro Anjo da diocese, a mons. Gasser, às damas inglesas, *a tuis confratribus*, ao rev.do abade Neustift, *salutem et reverentiam*.

A P.^e Squaranti agradou-lhe a biografia de Fessler; o mesmo acontecerá a P.^e Grego. *Vale et salve*.

Tuissimus in aeternum
† D. Daniel ep.pus et vig. ap.

N.º 721 (686) - AO P.^e ARNOLDO JANSSEN
AVR, 11499-11500

Verona, 1 de Outubro de 1877

Rev.do sr. A. Janssen,
Reitor da casa missionária de Steyl,

4725

Perdoe-me por ter deixado a sua carta tanto tempo sem resposta; as minhas muitas ocupações não me permitiram escrever-lhe antes. Mas prestei a máxima atenção ao seu apreciado escrito. Assim que espere-me dentro de 14 dias, então cumprirei seu desejo e abençoarei a casa juntamente com a capela. Além do mais, teremos ocasião de conversar tudo de viva voz.

Nos Sagdos. Corações de Jesus, de Maria e de José, seu af.mo

† D. Daniel Comboni
Bispo e vigário apostólico

Original alemão
Tradução do italiano

N.º 722 (687) - ASSINATURA NO REGISTO DE MISSAS
ANDP, Livre d'or de la Basilique
«N. D. des Victoires» - Paris

10 de Outubro de 1877

N.º 723 (688) - CONFERÊNCIA
«Echo de N. D. Des Victoires» (Nov. 1877), pp. 345-353

Paris, 14 de Outubro de 1877

4726

Começou congratulando-se com a cidade de Paris por ter levantado no seu seio um trono a Nossa Senhora das Vitórias. Ela é realmente – diz o monsenhor – a Rainha desta capital e de toda a França. Dela partem todos os dias as graças inumeráveis que difundem a vida cristã na alma de seus filhos, felizes de se virem ajoelhar a seus pés.

4727

Mas esta influência não pára na França. Estende-se muito mais para além, por todo o universo. Se contemplarmos o Oriente, o Ocidente, as ilhas da Oceânia, a América, as costas da África, em toda a parte encontramos a influência de Nossa Senhora das Vitórias. Ela é a Rainha do mundo inteiro.

4728

E por minha parte – acrescenta D. Comboni -, eu venho pôr aos pés de N.ª S.ª das Vitórias os interesses de cem milhões de homens; venho pedir--lhe pela África Central, a mais abandonada do mundo, na qual ainda se não levantou o estandarte da fé.

4729

Venho interessar-vos pela sorte deste país que habita nas trevas da morte, a fim de que me ajudeis com as vossas orações a obter uma maravilhosa vitória sobre o Demónio, que lá reina soberano, para que estes pobres povos entrem, por sua vez, no rebanho do Divino Pastor.

4730

Depois desta introdução comovedora, D. Comboni deu-nos uma visão geográfica e histórica da sua missão.

O Vicariato Apostólico e histórico da África Central foi erigido mediante um breve de Gregório XVI a 3 de Abril de 1846. Os seus limites são: ao norte o Vicariato Apostólico de Trípoli; a este, o mar Vermelho nas costas da Núbia e os Vicariatos Apostólicos da Abissínia e dos Gallas; a sul, a região dos montes da Lua; a oeste, o Vicariato das duas Guiné e da Prefeitura do Sara.

4731

Este Vicariato tem, portanto, uma superfície maior que a da Europa. Abrange todas as possessões do quene no Sudão, as quais ocupam um espaço como cinco vezes o da França. Compreende, além disso, alguns reinos submetidos a príncipes fiéis ao Islamismo.

4732

Porém, a parte mais extensa contém tribos árabes, nómadas e muçulmanas, inumeráveis tribos de povos feiticistas e muitos Estados independentes, a maior parte sujeitos às mais grosseiras superstições.

A população do Vicariato estima-se em cem milhões de infiéis, do que resulta que a Missão da África Central é a mais vasta e mais povoada do mundo. E também é a mais laboriosa e difícil.

4733

Monsenhor expôs-nos algumas das dificuldades com que se confronta cada dia o missionário naquelas terras. A primeira são as viagens. Uma vez passado o Egipto, que possui comboio e embarcações a vapor, é preciso servir-se de barcas e de camelos. Estes empregam 30 dias a atravessar o deserto até Cartum, centro da Missão.

4734

O missionário deve viajar sob uma temperatura de 60 graus, não tendo para saciar a sede mais que uma água rapidamente alterada pelo ardor do Sol e exposto a esse terrível vento do deserto, para se resguardar do qual dificilmente encontra uma árvore. Se os dias são perigosos, as noites são ainda mais por causa dos animais ferozes que são frequentes naqueles lugares.

4735

E quando depois de muitos meses de viagem o missionário chega pela primeira vez àquelas terras, não encontra nenhuma das coisas necessárias para a vida. Terá unicamente um tecto para se resguardar, quando ele mesmo o construir.

4736

Um segundo inimigo do missionário são as doenças perniciosas, as febres más que existem nesses climas abrasadores. Quantas vítimas já não provocou! Dos mais de 40 missionários que trabalharam naquela Missão entre 1846 e 1861, 36 morreram! Posteriormente estiveram lá 50 franciscanos durante dois anos e 22 deles pereceram igualmente, enquanto os restantes se retiraram sem esperança de fazer algo...

4737

Um terceiro obstáculo é o desconhecimento das línguas daqueles povos, as quais são tão numerosas como difíceis. Contam-se mais de uma centena e algumas delas não estão fixadas por escrito. Sem dificuldade se pode imaginar o que tem que custar ao missionário a instrução de um só indivíduo, quando ao prepará-lo para o baptismo deve instruí-lo nas verdades fundamentais da nossa santa religião. Como fazer compreender as belezas do culto católico a homens com os quais não se pode trocar os sentimentos?

4738

A esta dificuldade acrescenta-se outra para o missionário encarregado de instruir os infiéis: a necessidade em que se encontra de variar os seus métodos segundo os indivíduos que orienta. Alguns desenvolvem-se entre muçulmanos e há que separá-los deles, sob pena de vê-los perder a fé. Já se compreendem os pesados fardos que afligem o missionário obrigado a alimentar e albergar os meninos arrancados à infidelidade.

4739

Porém, entre todas as calamidades que fazem estragos nestes países, onde o Demónio reina como dono e senhor, não há nenhuma maior nem tão tremenda como a escravidão. Nós quereríamos que todos os nossos leitores tivessem ouvido os horripilantes pormenores que D. Comboni deu sobre esse triste facto.

É um erro crer que o comércio de negros já não existe. Foi abolido no papel, mas na realidade continua em vigor.

4740

Hoje realiza-se ainda este infame comércio como no passado. Traficantes de escravos bem armados em grupos com os meios de destruição que a indústria moderna põe nas suas mãos vagueiam pelas montanhas onde vivem dez, quinze mil negros, que não têm outras armas a não ser arcos e flechas. Matam muitíssimos deles e os outros, em massa, são levados prisioneiros pelos vencedores.

4741

Uma longa corda, atada ao seu pescoço, une-os entre si como os anéis de uma cadeia sem fim, enquanto os seus cruéis raptos, com o pau na mão, empurram-nos como um miserável rebanho até à terra onde os venderão a outros não menos desumanos. Nem vale a pena falar nos maus tratos de que são objecto ao longo do caminho através do deserto...

4742

Aqui também a Igreja Católica é a única com poder suficiente para destruir esse infame costume. O resgate dos escravos foi o objecto constante dos seus esforços. Desde que ela existe, nunca deixou de a combater e

a combaterá sem descanso, respondendo assim, com os seus actos, às injustiças e às calúnias dos que a acusam de ser inimiga da liberdade.

Como se vê, grandes obstáculos esperam os missionários que penetram nessas regiões da África Central.

4743

Mas, apesar de tais dificuldades, os missionários estão cheios de ânimo. Não temem as privações, nem as doenças, nem a morte. Os seus precursores deram-lhes exemplo. Não se ficam atrás. D. Comboni é o primeiro que lhes traça o caminho a seguir. É um verdadeiro apóstolo, que faz tudo para todos para ganhar aquelas almas para Jesus Cristo.

4744

O seu palácio episcopal é, durante o Verão, um magnífico palmar cuja folhagem o protege muito insuficientemente dos ardores dos 68 graus. E construiu, segundo o luxo do país, um palácio para o Inverno, de barro. Sobre isto conta-nos uma pequena anedota.

4745

Enquanto ele edificava este palácio, uma grande seca persistente assolava a região. Os chefes foram visitá-lo e disseram-lhe: «Tu precisas de sol para a tua casa, mas nós precisamos de chuva para os nossos campos. Roga ao teu Deus que faça chover.» O bispo pôs-se a rezar com os seus missionários e suas Irmãs e ao terceiro dia sobreveio uma chuva torrencial. Os bons negros ficaram tão agradecidos que ofereceram três bois ao vigário apostólico.

4746

Resultados consoladores vieram estimular os esforços destes intrépidos operários do Evangelho.

Construíram numerosas igrejas em Cartum, na Núbia e no Korfofan. Além disso, fundaram na cidade de Cartum uma grande casa para as Irmãs de S. José da Aparição, de Marselha, a qual alberga uma escola, um orfanato e as obras inerentes. Outra ordem de Irmãs, chamadas Pias Madres da Nigrícia, vem em ajuda das primeiras para as necessidades da missão.

4747

Graças às medidas tomadas por D. Comboni, a mortalidade diminuiu sensivelmente entre os obreiros do Evangelho. Dois institutos construídos no Cairo acolhem os missionários e as missionárias, que neles se aclimatam e se preparam assim para o seu apostolado. Os resultados demonstraram a excelência deste tipo de noviciado. Em cinco anos, nenhum sacerdote europeu morreu pela dureza do clima; todos gozaram da melhor saúde, apesar das fadigas, das longas viagens e das privações a que tiveram que se sujeitar.

4748

Em vista dos resultados satisfatórios e reconhecendo que esta missão oferecia garantias de estabilidade, a Santa Sé deu-lhe um bispo, D. Comboni, que foi sagrada 12 de Agosto último. O Santo Padre ofereceu-lhe, por essa razão, um magnífico anel e uma cruz de enorme valor, o que fazia com que o santo bispo dissesse que Pio IX tinha oferecido à sua humilde pessoa uma prenda soberba.

4749

Esta rápida exposição mostra que, embora o Vicariato da África Central tenha seguido no princípio o caminho das provas, das lutas e dos sacrifícios que a Providência atribui a todas as obras santas, o futuro se apresenta muito esperançoso. A semente está lançada. A graça de Deus, as bênçãos do céu virão fecundá-la e fazê-la dar fruto.

Por isso, ao terminar, monsenhor suplicou-nos que elevássemos as nossas orações a N.^a S.^a das Vitórias.

4750

Orações pelo êxito desta obra e orações por uma missão que o próprio Soberano Pontífice chama a maior, a mais colossal, a mais humanitária de todas as que existem.

N.B. – Resumo de uma conferência de D. Comboni

Original francês

Tadução do italiano

N.º 724 (689) - A Mgr. JEAN FRANÇOIS DES GARETS
APGL (1877) Afrique Centrale, 7

J. M. J.

Paris, 14 de Outubro de 1877

Senhor presidente,

4751

Como no próximo Novembro devo partir para o meu Vicariato com 15 pessoas dos meus institutos de Verona e 5 ou 6 Irmãs de S. José da Aparição (tinha pedido 10 delas há muito), suplico-lhe, senhor presidente, que me conceda o dinheiro necessário para a viagem de 20 missionários de ambos os sexos da Europa até à África Central.

4752

A superiora geral das Irmãs de S. José, para a viagem das suas Filhas, de Marselha até ao Cairo, incluindo a passagem gratuita nas *Messageries*, costuma passar-me uma factura de 120 francos por Irmã. Creio que este será o gasto que eu vou fazer para a deslocação das 15 pessoas dos meus Institutos de Verona até ao Cairo (via Nápoles), já que o comandante Mac-Mahon me concedeu a passagem gratuita para estes 15 missionários desde Nápoles até Alexandria.

4753

Do Cairo até Cartum e o Cordofão, economizando o mais possível, a viagem de cada missionário sai ordinariamente por 600 francos.

Portanto, a deslocação de 20 missionários e Irmãs da Europa até às estações centrais do Vicariato custar-me-á 14 400 francos.

4754

Rogo-lhe, pois, senhor presidente, que venha em meu socorro nesta grave necessidade da minha importante Missão.

Agradecendo-lhe muito e antecipadamente, tenho, senhor presidente, a honra de lhe chamar com profundo reconhecimento

Seu dev.mo servidor
† D. Daniel Comboni
Bispo e vigário apostólico da África Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 725 (690) - AO DIRECTOR DA ARQUICONFRARIA
DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA
ANDP

Paris, 14 de Outubro de 1877

Solicitação de apadrinhamento das missões do Vicariato.

N.º 726 (691) - AO DIRECTOR DA ARQUICONFRARIA
DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA
ANDP

Paris, 28 de Outubro de 1877

Solicitação de apadrinhamento dos institutos do Cairo.

N.º 727 (692) - A P.^e JOSÉ PENNACCHI
APIME, v. XVI, 6, pp. 317-319

J. M. J.

Verona, Instituto Africano
27 de Novembro de 1877

Meu caríssimo amigo,

4755

Logo que cheguei a Verona, o que aconteceu ontem, encontrei a sua estimadíssima de 29 do passado mês e li o seu conteúdo. No princípio coincidimos nos pontos essenciais. Porém, necessito de consultar o em.^o card.-prefeito, embora tenha a convicção de que em caso de estarmos de acordo consigo e com o Em.^o Consolini, poder-se-ia começar imediatamente. O seminário do Príncipe dos Apóstolos não é uma ordem religiosa, mas tem o mesmo espírito que o meu instituto de Verona.

4756

Estou persuadido de fazer algo grato a Deus e à Santa Sé concedendo--lhe no meu Vicariato uma missão especial, independente de mim, uma vez que eu tenha experimentado por alguns anos os seus primeiros missionários na África Central. O senhor só tem que me mandar um número suficiente deles. Estamos de acordo nas ideias: o senhor conhece plenamente os meus objectivos e intenções.

4757

A minha única aspiração é fazer do melhor modo possível o máximo bem à África Central e salvar mais almas. Não tenho outro anseio senão que *praedicetur Jesus Christus. Quaerite primum, etc. et haec omnia, etc.* Os meios, o dinheiro pertencem ao *haec omnia adiicientur nobis*.

4758

Enquanto os seus missionários dependerem de mim no Vicariato, eu ocupar-me-ei de tudo: viagem, manutenção, etc. Quando se chegar a um oportuno desmembramento, então será o superior da nova missão desmembrada o que vai prover, não sem eu lhe indicar o caminho, a maneira e prestar-lhe a minha ajuda: *et haec omnia*. O senhor deve simplesmente dar à África a melhor gente de que dispuser: indivíduos de bom espírito, abnegação e desejosos de penar e morrer por Jesus Cristo e pelas almas.

4759

Dentro de duas semanas, sairei de Nápoles para Alexandria, tendo-me concedido o comandante MacMahon passagem gratuita para 21 pessoas até ao Egipto. Portanto, dentro de pouco encontrar-nos-emos em Roma e acordaremos as linhas gerais e tudo. Reze, faça rezar, consulte o sapientíssimo cardeal Consolini, o qual conhece todas as coisas ocorridas e é homem que saberá levar-nos a fazer a vontade de Deus.

4760

Em *segredo* digo-lhe que encontrei aqui duas cartas de *Leonardo Reghini*, que lhe mostrarei. Os superiores devem saber tudo e eu jamais faço algo sem o acordo deles. Isto com toda a reserva.

Rogue (e saúde a todos da minha parte) por

Seu af.mo amigo
† Daniel, bispo e vig. apostólico

Ontem à tarde partiu para Roma o meu secretário, P.^e Paulo Rossi. Fale com ele sobre os nossos projectos.

N.^o 728 (693) - A P.^e JOSÉ PENNACCHI
APIME, v. XVI, 6, pp. 325-328

J. M. J.

Verona, 29 de Novembro de 1877

Apreciadíssimo amigo,

4761

A sua cartinha de ontem deu-me dez anos de vida. Estou inteiramente com o seu projecto. Porém, estou até disposto a formar missões especiais para o seu seminário, ao qual quero tanto como ao meu, quando o senhor e o em.^o card. protector o permitirem e o considerarem oportuno. A minha preocupação é favorecer o mais possível a infeliz Nigricia, salvar o maior número de almas, governar e dirigir o apostolado da África Central, segundo o espírito e a vontade da Santa Sé e dos nossos queridos e venerados superiores gerais.

4762

Prepare-me, pois, toda a gente que puder e dê-me, depois, todos aqueles que já estejam dispostos, como P.^e Leonardo, o diácono e outros. Basta que tenham a sua aprovação. Se lhe parecer, aos que estiverem para vir comigo, conceda-lhes só uma semana de tempo para visitar as suas famílias, já que entre a semana compreendida entre a Imaculada Conceição e o dia 15 deveremos zarpar de Nápoles num barco das *Messengeries* francesas. Coragem, meu caríssimo, verdadeiro e eterno amigo.

4763

Aos que vierem, diga-lhes que levem consigo tudo aquilo tiverem de medicina, história natural, botânica, física, pomadas, remédios, etc. Na África há que criar tudo e precisa-se de tudo. E tudo se transporta grátis de Nápoles a Alexandria. Se vir o meu secretário, diga-lhe que P.^e Squaranti, meu reitor, pensa sobre o projecto como o senhor e como eu. Nisto está a inspiração de Deus; eu chegarei a Roma aí pelo dia 10; a minha primeira visita será a si e ao seminário Mastai, cenáculo de apóstolos africanos.

4764

Não disperse missionários pelas cinco partes do mundo. Dê-os, por muito tempo, à África Central e acabe vindo também o senhor... O Coração de Jesus seja o nosso centro de comunicação. Dê lembranças a P.^e Leonardo.

Tuissimus † Daniel

N.º 729 (694) - A P.^e JOSÉ PENNACCHI
APIME, v. XVI, 6, pp. 329-332

Verona, Instituto Africano
29 de Novembro de 1877

Meu caríssimo,

4765

Quanto mais penso sobre o que me escreveu a respeito de me dar missionários do seu seminário com a ideia de mais tarde se lhes confiarem até missões separadas e desmembradas do imenso Vicariato da África Central (dando-se a circunstância de que o Seminário Mastai não é uma ordem religiosa, mas, como o meu, é formado por sacerdotes verdadeiramente desejosos de salvar almas, sem “camilianadas”), quanto mais penso, digo, mais me agrada o projecto. O seminário de Verona e o romano Mastai devem ser irmãos e ajudar-se mutuamente com verdadeiro zelo fraterno.

4766

Disponha de mim como lhe aprouver. Porém, se quer um conselho, insisto em que com missões na Austrália, na China, na Albânia, na Índia e na América tirará poucos frutos. Convém ao decoro e honra do ilustre seminário Mastai, único de Roma para tal objectivo, que assuma missões de verdadeiros infiéis: o próprio de um seminário apostólico é que se encarregue de missões apostólicas. Pois bem, as missões mais apostólicas são as da África Central, difíceis, laboriosas, perigosas, cheias de almas infelizes, gloriosas.

4767

Temos cem milhões de infiéis para ganhar para Cristo. Ali deixaremos a pele; mas, unidos em grupos compactos, ganharemos aquelas para a Igreja. Acaso S. Pedro e S. Paulo não deixaram a pele em Roma para a conquistar? Foi o seu sangue o que fez de Roma a rainha do universo. Dê-me 25 missionários (5 por ano) e eu crio-lhe um magnífico Vicariato, a desmembrar do meu, pondo à frente dele um bispo e vigário apostólico mastaiano e isto em cinco anos. Dê-me outros 15 em três anos e eu crio-lhe em três anos um segundo Vicariato.

4768

Morreremos, mas o nosso sangue será semente de cristãos. Em suma, quanto mais penso diante de Deus, mais convencido me encontro de que a melhor maneira de que o seminário de Via Mastai 18 pode desenvolver a sua acção e levar assim justificadamente o título de *apostólico* é que renuncie (ao menos por uns anos) a toda a missão na Ásia, América ou Austrália, passando a trabalhar na África sob a minha *jurisdição provisória*, até poder constituir nesse meu colossal e imenso Vicariato uns vicariatos separados, sob a direcção de outros tantos bispos ou prefeitos apostólicos do seu seminário.

4769

Pense, reflecta e fale sempre sobre o assunto com o seu sapientíssimo card. Consolini. Tenho em perspectiva conferir aos seus muitas estupidas missões, depois de uns anos de exercício apostólico sob a minha

direcção. Medite e reze. Devemos expulsar o Demónio da África Central, onde agora impera. Eu estarei no interior africano dentro de três meses. Oh!, se pudesse levar para lá comigo alguns dos seus! Mac-Mahon deu-me 21 passagens gratuitas até Alexandria.

4770

P.^e Leonardo parece-me um bom elemento. Ajudemo-nos reciprocamente. Não sei se compreende bem a minha ideia, mas eu estou convencido de que sim. Agora dê-me missionários. Dentro de pouco, venha o senhor mesmo e dou-lhe um vicariato duas vezes maior que a Itália. Não pense nos meios. Nas barbas de S. José há milhões, que nos terá que dar. O que nós queremos são almas, a glória de Deus e morrer por Cristo.

Tuissimus
† Daniel Comboni

Quanto lhe escrevo, fique só entre o senhor, o Em.^o card. Consolini e mim até à minha chegada a Roma.

N.^o 730 (695) - AO CÓN. JOÃO C. MITTERRUTZNER
ACR, A, c. 15/77

Verona, 3 de Dezembro de 1877

Breve bilhete.

N.^o 731 (696) - A P.^e FRANCISCO GREGO
ACR, A, c. 18/39

Verona, 10 de Dezembro de 1877

Acordo com P.^e Grego.

N.^o 732 (1165) - AUTÓGRAFO NUM BREVIÁRIO
APMR

1877

N.^o 733 (697) - À SOCIEDADE DE COLÓNIA
«Jahresbericht...» 24 (1877), pp. 3-116

RELACÃO HISTÓRICA
E
ESTADO DO VICARIATO DA ÁFRICA CENTRAL

4771

Mediante o augusto sinal da cruz, por vontade da sabedoria divina, o mundo hoje cristão saiu das espessas trevas em que o tinha mantido a lei antiga; só a cruz teve a força de produzir tal milagre e, por isso, todas as obras que vêm de Deus devem nascer aos pés do Calvário.

4772

Por isso, em favor da santidade de uma obra falam os sinais de reconhecimento, que consistem na cruz, na dor e nas oposições, que amiúde levantam contra as leis da caridade os mais graves obstáculos. Sim só nesta *via crucis* cobertas de espinhos amadurecem, se aperfeiçoam e encontram o seu triunfo as obras de Deus. É um caminho que também o Homem-Deus percorreu para levar a cabo a sua obra da redenção universal.

4773

A Virgem Santa e Imaculada foi primeiro Rainha dos Mártires e depois tornou-se Rainha do Céu e da Terra. Do mesmo modo todas as ordens religiosas, todos os estabelecimentos e institutos da Igreja de Jesus

Cristo foram fundados sobre espinhos, do quais vemos brotar as mais heróicas virtudes, que difundem a sua bênção e os seus benefícios por todo o universo.

4774

Os mártires e todos os santos percorreram este caminho e nós medimos a sublimidade da sua santidade pela intensidade dos sofrimentos que tiveram que padecer na sua vida terrena. Finalmente também a Igreja de Jesus Cristo e o Papado, desde S. Pedro até Pio IX, seguindo o fundador divino, têm as marcas desta luta ininterrupta.

4775

A Igreja, a mais augusta criação da onnipotência e do amor divino, o mais perfeito que saiu da sua direita, esta sublime maravilha do seu eterno saber fazer, esta arca da Nova Aliança, esta mística nave que durante dezanove séculos suportou incólume o embate de terríveis ondas levantadas contra ela pelas furibundas forças do Inferno, durante mais séculos continuará a navegar majestosamente, até que entre no porto da eternidade.

4776

Algo semelhante acontece com a sublime empresa da regeneração cristã da Nigéria, a qual tem orgulho de ter recebido de si e de toda a Alemanha católica a primeira centelha de vida, o primeiro impulso, as primeiras ajudas para o seu progresso e para um desenvolvimento seguro.

4777

Também esta empresa apostólica seguiu a sorte de todas as obras santas que brotam do seio da Igreja de Jesus Cristo, enquanto os obstáculos e as hostilidades, que houve que enfrentar desde o mesmo instante do seu nascimento, podem ser considerados como garantia infalível do seu êxito e de um futuro feliz.

4778

Depois, graças às sábias disposições da Santa Sé, esta santa obra entrou numa etapa na qual teremos a dita de lhe poder dar uma maior expansão. Por isso não considero enfadonho para os egrégios membros da sociedade da Alemanha católica que eu lhes apresente um quadro da história do Vicariato da África Central e das obras para a evangelização da Nigéria, obras que poderão conseguir a conversão desta do modo mais prático e melhor. Ao mesmo tempo faço uma descrição concisa da situação actual deste importantíssimo apostolado.

4779

O Vicariato Apostólico da África Central foi erigido com um decreto de Gregório XVI, de santa memória, a 3 de Abril de 1846. Os limites são:

Ao norte, o Vicariato Apostólico do Egipto e a Prefeitura de Trípoli.

A este, o mar Vermelho e os Vicariatos Apostólicos da Abissínia e dos Gallas.

A sul, as montanhas, que segundo os geógrafos modernos encontram-se entre os 10^o e os 12^o de lat. norte. A oeste, o Vicariato da Guiné e a prefeitura do deserto do Sara.

4780

O Vicariato supera em extensão o conjunto da Europa. Abrange as possessões que a coroa do quèdive do Egipto tem no Sudão e que formam uma demarcação cinco vezes maior que a França. Inclui também as tribos entregues ao feiticismo e os territórios dos povos primitivos, que não pertencem à Nigéria central e alguns reinos nos quais mandam reis e sultões que, em maior ou menor grau, abraçaram as leis de Mafoma.

4781

Segundo o cálculo aproximado do meu insigne e perito predecessor, o dr. Knoblecher, a sua população ascende a uns noventa milhões de habitantes; segundo os meus próprios cálculos e os dados estatísticos de Washington, o número aproxima-se dos cem milhões de almas infieis. Daí se segue que o Vicariato Apostólico da África Central é em muito o maior e mais povoado da Terra.

4782

Do ponto de vista histórico, este imenso Vicariato pode-se distinguir dividido em três diferentes períodos:

O primeiro é aquele que em que esteve sob a direcção do P.^e Ryllo S. J., que em 1848, em Cartum, succumbiu às fadigas da vida missionária, do célebre dr. Knoblecher, que fez o sacrifício da sua vida em 1858, em Nápoles, e de mons. Kirchner, que em 1861 cedeu o Vicariato à benemérita ordem seráfica.

4783

O segundo período é aquele em que o Vicariato, desde 1861 a 1872, foi administrado pelos padres franciscanos, sob a alta direcção do rev.do P.^e Reinthaller e do rev.mo delegado e vigário apostólico do Egipto.

4784

O terceiro período, enfim, corresponde ao tempo que está sob a minha direcção, desde que a S. Sé o confiou exclusivamente ao Insto. para a Missões da Nigéria por mim fundado em Verona, de que é protector o excelentíssimo bispo marquês de Canossa.

4785

As relações anteriores, publicadas pela esclarecida Sociedade de Colónia, deixam-nos ver que no primeiro período do Vicariato da África se erigiram quatro estações:

1) A de Cartum, capital das possessões egípcias no Sudão, situada na alta Núbia, junto ao Nilo Azul, entre os 15^o e os 16^o de lat. norte.

2) A de Gondokoro, na região dos negros Bari e junto ao Nilo Branco, entre os 4^o e os 5^o de lat. norte.

3) A de Santa Cruz, em terras dos negros Kich, situada também junto do Nilo Branco, entre os 6^o e os 7^o de lat. norte.

4) A de Schellal, situada frente à ilha de Filé, na Núbia Inferior, no Trópico do Câncer.

4786

No primeiro período trabalharam em condições difíceis mais de 40 missionários europeus, que foram quase todos vítimas da sua heróica caridade, dos esforços sobre-humanos e do clima letal.

4787

No segundo período, em que foram abandonadas as distantes estações de Gondokoro e de S. Cruz e, posteriormente, também a mais vizinha de Shellal, toda a actividade apostólica se concentrou na Missão de Cartum, a qual o pró-vigário apostólico dr. Knobler tinha dotado de uma ampla residência e de um vasto jardim plantado de palmeiras, graças aos meios fornecidos com generosidade pela presidência da *Marieneverein* de Viena.

4788

Aí trabalharam 50 membros da ordem franciscana, leigos na sua maior parte, dos quais sucumbiram 22 no primeiro ano. Os sobreviventes, gravemente extenuados pelas doenças e pelas grandes fadigas, retiraram-se na sua maioria para o Egipto e para a Europa, enquanto apenas alguns sacerdotes e leigos continuaram ao serviço da Missão e proporcionaram grande ajuda espiritual aos católicos de Cartum, que pertenciam ao Vicariato Apostólico do Egipto.

4789

No terceiro período, erigiu-se uma nova missão em El-Obeid, a capital do Cordofão, com um edifício para os missionários e outro para as Irmãs de S. José e a meia jornada de distância fundou-se a colónia agrícola de Malbes, constituída por algumas casas adequadas com um pouco de terreno cultivável para exclusiva utilidade da Missão e com o fim de instalar aí famílias de negros convertidas ao Cristianismo, para, pouco a pouco, constituir com elas povoados inteiramente cristãos.

4790

Em Gebel Nuba, a Sudoeste do Cordofão, entre os 9^o e 11^o de lat. norte, erigiu-se também uma missão e em Cartum abriu-se um belo instituto para as Irmãs de S. José da Aparição, dotado de orfanato e de hospital. Também em Berber se fundou uma nova estação, que durante dois anos dirigiram os padres de S. Camilo de Lelis, mas que agora está unicamente a cargo dos sacerdotes do meu instituto de Verona.

4791

A todos estes estabelecimentos forneceram novas forças duas casas do Egipto, destinadas à preparação e aclimação de missionários. Por elas passaram nos últimos anos sacerdotes do meu Instituto para as Missões da Nigricia, de Verona, alguns ministros dos enfermos e algumas Irmãs de S. José da Aparição, de Marselha, tão cheias de zelo.

4792

Neste terceiro período nem um só sacerdote morreu pela inclemência do clima: todos, sem excepção, estão ainda vivos e a sua saúde é excelente, apesar das fadigas e dos muitos incómodos e sacrifícios que têm que suportar. Porém, tivemos que chorar a morte de algumas Irmãs, não habituadas ao fadigoso trabalho missionário e que não gozavam da melhor saúde, quando se entregaram a obras de caridade cristã tão difíceis.

4793

Daqui parece claro que o Vicariato Apostólico, desde o princípio entrou na senda inevitável que a Divina Providência lhe traçou. Sim, toda a obra santa, antes de chegar à sua realização, deve passar por uma escola de provas, que consiste numa série de duras batalhas e sacrifícios.

4794

Neste ponto, permita-se-me explicar rapidamente a origem da santa obra da evangelização da Nigricia por mim fundada; como surge sob a direcção do veneradíssimo bispo de Verona e como, com a assistência dos Sagrados Corações de Jesus, de Maria e de S. José, em tempos bem calamitosos, lutando contra os mais graves obstáculos, esta obra consegue, apesar de tudo, lançar raízes em Verona, no Egipto e na África Central, mediante a qual agora se obtém vida e sustentação do Vicariato.

4795

Entre os primeiros cinco missionários que em 1846 a Santa Sé enviou à África Central sob a direcção do magnânimo P.^e Ryllo, estava o sacerdote P.^e Ângelo Vinco, natural de Cerro, na diocese de Verona, e membro do Insto. Mazza, maravilha de caridade cristã, fundado pelo insigne P.^e Nicolau Mazza, ao qual também eu devo a minha formação sacerdotal e apostólica, tendo sido aluno desse instituto desde 1843 até 1867.

4796

Depois da morte do P.^e Ryllo, Vinco regressou à Europa em busca de esmolas e de novos apóstolos de Cristo e permaneceu dois meses no referido instituto. Ele foi o instrumento de que a Providência se serviu para induzir P.^e Mazza, aquele extraordinário sacerdote, a que tomasse novas decisões e enviasse para a África Central os membros mais idóneos do seu florescente instituto, já que a situação de infelicidade e miséria em que jaziam os povos negros o tinham comovido profundamente, depois de ouvir os relatos do missionário regressado da África.

4797

Foi em Janeiro de 1849 que eu, ainda estudante de 17 anos, prostrado aos pés do meu venerado superior P.^e Nicolau Mazza, prometi consagrar a minha vida ao apostolado da África Central; e com a graça de Deus não incorri em infidelidade à minha promessa. Então comecei a preparar-me para esta santa empresa e, depois, em 1857, quando já tinha começado o terceiro período da missão, P.^e Nicolau Mazza enviou-me juntamente com vários sacerdotes mais, sob a direcção do valoroso P.^e João Beltrame, para Cartum e para as estações do Nilo Branco, onde passei um difícil tempo de prova e mais de uma vez padeci violentas febres equatoriais que quase me levaram à beira do túmulo. Aí tive ocasião de estudar e conhecer a fundo a língua dínca, e com ela os costumes e usos de muitas tribos do interior.

4798

Uma ordem do meu superior obrigou-me a abandonar aqueles lugares e, depois do meu regresso à Europa, pela rota de Dôngola e Wady-Halfa, tive que ir às Índias Orientais, à Arábia e às costas orientais da África, para assuntos importantes. Entretanto, o Vicariato tinha sido confiado aos padres franciscanos.

4799

No ano de 1864, a 18 de Setembro, quando me encontrava em Roma, e na Basílica de S. Pedro assistia à beatificação de Margarida Maria Alacoque, como um relâmpago, iluminou-me a ideia de propor para a cristianização dos pobres negros um novo plano, cujos diferentes pontos me vieram do alto como uma inspiração. A seguir, o dito plano obteve o beneplácito de Sua Santidade o Papa Pio IX, que o fez remeter para a S. Congregação da Propaganda Fide. Foi traduzido em várias línguas e fizeram-se dele várias edições. Com base neste plano, eu procurava dar à missão entre os pobres negros da África Central uma organização dotada de maior vitalidade e solidez. Por isso, propus que num lugar adequado da Europa se fundassem dois institutos, um masculino e outro feminino, com o objectivo de formar pessoal para a direcção dessas missões da África Central, tanto missionários como missionárias. Igualmente, num lugar de clima salubre da costa africana, haveria que erigir dois institutos como estações de preparação e de aclimação, antes de o pessoal missionário penetrar nas zonas interiores da África.

4800

Mas, como me encontrava só, sem as ajudas e os meios económicos necessários para realizar o meu plano, com a autorização dos meus superiores, S.^a Em.^a o card. Barnabó, prefeito da Propaganda, e o rev.do P.^e Nicolau Mazza, vi-me obrigado durante três anos a percorrer a Itália, a França, a Espanha, a Inglaterra e os países germânicos, sobretudo a Áustria, tratando de estudar continuamente as missões estrangeiras e as suas instituições que na França e na Irlanda estão admiravelmente organizadas. Em todo o lado procurei ampliar os meus conhecimentos, tratando, além disso, conseguir apoio e dinheiro mediante uma clara exposição da importância da obra que eu pretendia empreender. Nisto foram-me de muita ajuda S. Em.^a o card. Barnabó e outras destacadas personalidades eclesiásticas e seculares, mas sobretudo as exortações e as palavras proféticas que o nosso incomparável Pio IX me dirigiu em Setembro de 1864, palavras que me impressionaram profundamente: «*Labora sicut bonus miles Christi pro Africa.*»

4801

Embora visse diante de mim obstáculos quase insuperáveis e dificuldades enormes contra as quais teria que lutar tanto na Europa como na África, confiei sempre no Coração Divino, que padeceu também pela África. Nem por um instante me abandonou a esperança no êxito final da minha grande e sublime empresa.

4802

Quando em 1865 propus o meu projecto sobre a segurança da missão da África à estimadíssima *Sociedade para o Socorro dos Pobres*, de Colónia, ela deu a sua aprovação e, guiada pela maior benevolência, reconheceu a importância de o levar a cabo. Desta sociedade veio a primeira promessa de uma ajuda contínua,

com a generosa declaração, confirmada pelo rev.mo dr. Baudri, bispo de Aretusa i.p.i. e vigário-geral da arquidiocese de Colónia, mediante a qual o conselho central da dita sociedade se comprometia a dar 5000 francos anuais para a fundação de uma casa missionária nas costas da África. Este foi o primeiro eco da entusiástica generosidade, que, em todas as partes da Europa e especialmente nas principais associações de Lião e de Paris, abriu as fontes da beneficência.

4803

Só em 1867, com a ajuda de Deus, encontrei o verdadeiro ponto de apoio para nele assentar a base sólida do edifício do meu plano. O ilustre marquês de Canossa, depois bispo de Verona e agora elevado à dignidade da púrpura, digno rebento da célebre condessa Matilde dos memoráveis tempos de Gregório VII e digno sobrinho da condessa Madalena de Canossa, fundadora das Filhas da Caridade, que o educou nos anos da sua juventude, mostrou-se agradado quando o pio P.^e Olivieri lhe apresentou um grupo de jovens negras. Por isso, movido pela compaixão, não só lhe deu uma soma de dinheiro mas também influenciou o seu amigo, o venerável P.^e Mazza, para que as acolhesse no seu instituto de Cantarane, a fim de que fossem instruídas na fé cristã e se tornassem depois aptas para a difundirem na sua pátria sob a direcção dos missionários. Recomendou também que se recolhessem negros nos institutos situados nas costas africanas, local que parecia prestar-se melhor para o objectivo, já que na Europa os negros morriam. Se tivesse sido concedido ao P.^e Olivieri, aquele verdadeiro anjo de misericórdia, uma vida mais longa, teria certamente realizado o seu projecto de os mudar para o interior como mensageiros apostólicos.

4804

Quando me inteirei do imenso zelo que animava este admirável prelado a trabalhar pela salvação do povo mais infeliz da Terra e soube até que ponto acalentava no seu coração esta ideia, decidi-me pô-lo a ele, a quem conhecia desde a minha juventude, ao corrente do meu grande plano. Rogando-lhe que prestasse à minha obra a sua poderosa ajuda e que tivesse por bem presidir à mesma, prometi-lhe solenemente consagrar-me a ela até à morte, com a graça de Deus, toda a minha actividade e com a ajuda do patriarca S. José fornecer todo o dinheiro e todos os outros meios necessários. Este magnânimo bispo, animado de verdadeiro espírito apostólico, pôs-se à frente da minha obra e assumiu a presidência da mesma, embora não escapasse às condições desfavoráveis do momento, como tão-pouco às graves dificuldades que ia encontrar e até à exiguidade das forças que eu podia pôr à disposição dela.

4805

Porém, ganhou alento e força nas palavras de Pio IX, do cardeal-prefeito da Propaganda e de um grande número de príncipes da Igreja, com quem se encontrou nas festas do centenário do martírio dos Príncipes dos Apóstolos. Assim, sob a sua providencial protecção, em 1867 abriu-se em Verona um instituto destinado à formação de missionários para a Nigéria e um segundo orientado para a preparação do pessoal missionário feminino, o das Pias Madres da Nigéria, dirigido pelas Filhas da Caridade.

4806

Para arranjar ajudas para estas instituições fundei a Associação do Bom Pastor, que o Santo Padre enriqueceu com muitas indulgências e que entre os seus membros na cidade conta com muitas pessoas, tanto eclesiásticas como seculares, distintas pela sua piedade e caridade. Tudo isto se levou a cabo quase imediatamente depois de que, por conselho de S. Em.^o o card.-prefeito e do bispo de Verona, eu deixei para sempre o Insto. Mazza, a fim de me poder dedicar desde então, totalmente e sem moléstia, à minha obra, e com a aprovação do chefe da Igreja empreender a fundação de institutos, que eu queria pôr na sua totalidade sob protecção da Santa Sé.

4807

Para responsável do Instituto de Missionários da Nigéria, que devia converter-se num seminário orientado para o apostolado da África Central, propus o sacerdote P.^e Alexandre Dalbosco, homem de excepcionais qualidades para esse cargo, que tinha sido meu companheiro na missão da África Central, onde o seu nome ainda é bendito.

4808

No outro instituto, por causa da minha ausência da Europa e pelos maus tempos, só se pôde pensar em 1872. Sendo da máxima importância erigir também na África um instituto para alunas, em primeiro lugar tive que realizar várias viagens no intuito de obter informações sobre as ordens religiosas femininas mais adequadas para este fim. Deus quis que, conforme os desejos da Santa Sé, a minha eleição recaísse na benemérita congregação das Irmãs de S. José da Aparição. Esta ordem foi a primeira, desde as Cruzadas, que enviou freiras europeias para o Oriente e para a Terra Santa e também tem casas em Malta, nas costas orientais da África, na Austrália, na Índia e na Itália, para além das do seu país de origem, a França, onde está muito espalhada.

4809

Tendo conseguido reunir na Europa ajudas para a minha obra, já podia ir, seguindo o meu plano, para buscar para ela uma fundação nos países periféricos da África. Depois de madura e longa reflexão decidi-me pela capital do Egipto, dado que, por estar situado entre a Europa e as zonas de intenso calor, possui um clima médio e presta-se a que os europeus destinados ao apostolado da África Central passem ali o seu tempo de preparação e porque o Cairo tem no Nilo uma via de comunicação perfeitamente livre com as províncias egípcias do Sudão, as quais ocupam no Vicariato da África Central um extensão cinco vezes a da França.

4810

Com a aprovação da propaganda e com a de mons. Luís Ciurcia, membro dos Menores Observantes de S. Francisco de Assis, arcebispo de Irenópolis e vigário e delegado apostólico do Egipto, em Novembro de 1867, com a bênção do Santo Padre e do bispo de Verona, zarpei de Marselha a bordo dum barco da marinha imperial francesa, levando comigo três missionários, três irmãs da mencionada ordem e dezasseis negras educadas nos institutos da Europa (nove das quais eram alunas do Instituto Mazza). Pela extraordinária bondade dos governantes franceses obtive a viagem gratuita para 24 pessoas desde Roma a Marselha e de lá até Alexandria. Após a minha chegada ao Cairo, na véspera da Imaculada Conceição de Maria, sob a direcção do rev.mo delegado apostólico e arcebispo do Egipto, abri dois institutos no Cairo Velho, não longe da sagrada gruta onde, segundo a tradição, a Sag.da Família teria passado a maior parte dos seus sete anos de exílio. Eu mesmo me encarreguei da direcção do instituto dos negros e a do instituto de negras assumiu-a a Ir. Maria Bertholon.

4811

Na difícil fundação destes dois institutos, eu e os meus companheiros de missão recebemos ajuda muita eficaz com os conselhos e os factos de mons. Luís Ciurcia, que foi para mim um verdadeiro pai e protector, e do P.^e Pedro de Taggia, director e pároco no Cairo Velho, o qual me assistiu afectuosamente com a sua grande experiência e com zelo extraordinário e rara abnegação se esforçou por me ser útil. Esse incomparável filho de S. Francisco, amante do sacrifício, já havia 35 anos que trabalhava na cura de almas das missões do Egipto e da Síria, nas quais muitas vezes se encontrou nas situações mais desesperadas e sofreu contrariedades de todo o género. Que bem nos faziam as suas frases de alento e que tranquilizadoras eram as suas palavras de conforto!

4812

Igualmente recordarei sempre com gratidão até ao fim da minha vida os sábios conselhos e a protecção de mons. Ciurcia, assim como o carinho com factos do rev.mo P.^e Taggia e nosso caríssimo director, que se me ofereceu com tão extraordinária bondade e solicitude; e dos beneméritos Irmãos da Escolas Cristãs do Cairo, do P.^e Pedro e do seu sucessor o P.^e Fabião e de muitos outros franciscanos do Cairo e de Alexandria que poderia aqui mencionar. Deus lhes pague na eternidade tudo o que fizeram por mim!

4813

Sobre a organização dos institutos de Verona e do Cairo e a respeito das regras neles vigentes, já lhes dei a notícia nos *Anais* de Colónia e no futuro far-lhes-ei chegar informação sobre o seu desenvolvimento.

4814

Na minha expedição ao Egipto no ano de 1876 tinha como companheiros os ministros dos enfermos, da ordem de S. Camilo de Lelis, Estanislau Carcereri e José Franceschini, aos quais, após a sua ordem na Itália, mediante decreto da Congregação dos Bispos, com data de 5 de Junho de 1867, o bispo de Verona, como visitador apostólico da província lombardo-véneta, lhes tinha concedido que se pudessem agregar por cinco anos à obra africana. Devo reconhecer e louvar a actividade e o zelo que eles desenvolveram nos institutos do Egipto; até ao ponto de, na altura em que eu durante as minhas duas viagens à Europa, a que me vi obrigado pelos interesses da nossa grande empresa, decidi confiar a direcção dos institutos do Cairo ao P.^e Carcereri até Outubro de 1871, em que lhe sucedeu o rev.mo cónego Pascoal Fiore, que agora é o meu representante geral no Vicariato.

4815

Em Outubro de 1870 tive a grande satisfação de poder apresentar no Concílio Ecuménico Vaticano o meu *Postulado* em favor dos negros da África Central, publicado nos *Anais* da Sociedade de Colónia e que foi subscrito por um grande número de bispos das cinco partes do mundo. Tendo recebido a aprovação da S. Congregação à qual pertence examinar os assuntos propostos pelos eminentíssimos padres conciliares, o ilustríssimo mons. Franchi, arcebispo de Tessalónica i.p.i., então secretário da dita congregação e agora prefeito da Propaganda, apresentou-a ao Santo Padre Pio IX. Era o dia 18 de Julho, dia da definição do dogma da infalibilidade do Supremo Pastor, solene sessão à qual tive a dita e a honra de assistir. Depois passou para as mãos da Congregação para as Missões Apostólicas e de Ritos Orientais.

4816

Dado o bom andamento dos institutos de preparação e de aclimação de Verona e do Egipto, que justificavam as melhores esperanças, eu podia proceder ao transplante dos seus elementos mais adequados para o interior da África. Considerei primeiro a operação sobre todos os aspectos e mandei fazer também a outros os mais conscienciosos estudos sobre o assunto. As experiências do primeiro período do Vicariato tinham demonstrado que os negros do Nilo Branco, por causa do contínuo contacto com os comerciantes muçulmanos e orientais e também com os comerciantes cristãos europeus, mas sobretudo com os *jilabas*, traficantes de carne humana, se tinham corrompido completamente nos seus costumes. Estes negros eram dominados por todos os vícios; e, por outro lado, sabiam que o Governo egípcio age à margem das leis e da moral, porque envia expedições militares para monopolizar todo o comércio, especialmente o dos dentes de elefante e mantém o comércio dos escravos de maneira tão intensa que a população a viver nas duas margens do Nilo até ao equador, como consequência, é dizimado do modo mais horrível.

4817

Daqui resultava claro que era o momento mais propício para avançar para o interior e fundar uma estação entre aquelas tribos que viviam entre o Nilo e o Níger, até porque esta região, sendo mais elevada, oferecia maiores vantagens do ponto de vista da saúde que as depressões pantanosas do Nilo Branco, entre Cartum e o país dos Bari. Ao escolher para nossa actividade apostólica precisamente estes territórios situados a oeste do Nilo Branco, eu tinha também outra razão muito importante e era que lá nunca tinha penetrado o Cristianismo, nem se tinha pregado o Evangelho; além disso, dado que todo o Vicariato estava nas mãos da benemérita ordem franciscana, que tinha a sua sede e ponto de referência em Cartum, e que podia estender o seu campo de trabalho às regiões do Nilo Branco e do Azul, isso permitiria certamente que a nossa missão ficasse situada no interior, a oeste do Nilo Branco, para colocar aí os sacerdotes do meu instituto de Verona e as Irmãs de S. José da Aparição.

4818

Com este fim, recolhi informações precisas sobre o reino de Cordofão, cuja história precedente eu conhecia a fundo, tanto a dos tempos anteriores à ocupação egípcia, quando aí mandavam sultões indígenas originários de Darfur, como a posterior à conquista daquelas terras pelo cruel Defterdar, em nome do grande Mehmet Ali, vice-rei do Egipto, em 1822. Nenhum missionário católico entrara jamais no Cordofão e eu sabia que na capital do dito reino havia um contínuo afluxo de gentes procedentes das cem tribos do interior: dos grandes reinos de Darfur, Waday, Baguermi e Bornu, situados todos na periferia do Vicariato Apostólico da África Central. Portanto decidi-me a fundar uma sucursal na capital do Cordofão, que, segundo a minha ideia, devia constituir o centro e o ponto de partida para a actividade apostólica entre as tribos da parte média do vicariato, de sorte que Cartum ficaria como o ponto natural de referência e de partida para o trabalho nas regiões orientais e meridionais do Vicariato.

4819

Corroborado nisto pela opinião prudente do P.^e Carcereri e dos missionários do meu instituto do Egipto, que entretanto se tinham habituado no Cairo ao calor africano, resolvi enviar ao Cordofão para uma exploração o P.^e Carcereri, que se me tinha oferecido, juntamente com um missionário do meu instituto de Verona. Além disso, iriam com eles dois irmãos leigos: Domingos Polinari, de Montório, e Pedro Bertoli, de Veneza, pertencentes ao mesmo instituto. Mas tendo-me o P.^e Carcereri pedido insistentemente que em vez do missionário veronês pusesse a seu lado um membro do seu instituto religioso, o P.^e Franceschini, dei-lhe de boa vontade o meu consentimento. Facultei à pequena caravana o dinheiro necessário para a viagem e víveres para dois anos e, a partir de Dresden, mandei, por carta, minuciosas instruções e directrizes ao P.^e Carcereri para que tomasse a rota do deserto de Korosko por Cartum e, em camelos, penetrasse no Cordofão e, explorados os pontos principais, abrisse a sua residência na capital, El-Obeid.

4820

A sua principal tarefa devia ser a de conhecer as condições da zona, a população e as suas características, o governo do país e a influência do clima; desejava, além disso, que me desse uma informação pormenorizada e que esperasse ulteriores decisões minhas e a aprovação da Propaganda. Os viajantes saíram do Cairo no dia 26 de Outubro de 1871 e em Fevereiro do ano seguinte o P.^e Carcereri tinha levado felizmente a termo a projectada expedição. Eu recebi o seu relatório na Europa, que publiquei nos *Anais* desta sociedade, cujos membros conheceram assim o conteúdo do mesmo.

4821

Como o P.^e Carcereri me comunicava que se podia comprar por preço moderado uma casa cómoda, embora fosse feita só de barro e areia, apressei-me a mandar-lhe do Cairo a soma necessária para a aquisição, com o convite a que não se movessem daí até ulteriores decisões e que se ocupassem a aprender a língua e, se fosse possível, a ganhar para o céu alguma alma *in articulo mortis*, especialmente entre as crianças. Entre-

tanto, eu estava muito ocupado com a minha obra de Verona e em tratar de recolher na Áustria, Alemanha, Polónia e Rússia as somas necessárias para o sustento dos institutos de Verona e do Egipto.

4822

Depois, com as indispensáveis instruções e recomendações que me proporcionou o bispo de Verona, fui à Cidade Eterna a fim de obter para a minha obra a sanção da suprema autoridade da Igreja, depois de lhe ter submetido todos os meus planos e desejos.

4823

Não posso deixar de mencionar aqui o donativo de 20 000 francos ouro que me concedeu a insigne munificência de Sua Majestade apostólica o imperador Fernando I e à imperatriz Maria Ana de Áustria, mediante o qual me foi possível adquirir um imóvel para um instituto missionário da Nigéria, adjacente ao seminário diocesano.

4824

Em Roma, onde cheguei a 7 de Fevereiro, tive a honra de ser recebido com particular bondade e favor pela S. Congregação da Propaganda, assim como pelo imortal Pio IX. Apresentei ao card. Barnabó uma informação com todos os pormenores da minha actuação, a que acrescentei as credenciais do bispo de Verona com decreto de erecção canónica do instituto missionário para a Nigéria, assim como o conjunto das disposições e regras destinadas ao mesmo e às casas do Egipto, para além de documentos sobre os meios de subsistência para o sustento do Instituto de Verona. Finalmente entreguei também uma petição que o bispo de Verona tinha anexado, com todas as formalidades e as enviadas pelas sociedades de Colónia e de Viena, nas quais se suplicava à Santa Sé que tivesse por bem conceder ao instituto de Verona para a Nigéria uma especial missão nas regiões da África Central, independente de qualquer outra jurisdição.

4825

O prudente e experimentado card.-prefeito estudou a fundo o assunto e informou-se sobre a organização dos meus institutos, sobre os meios financeiros – absolutamente necessários para garantir o futuro de um instituto – que estavam à minha disposição e sobre a possibilidade de conseguir realmente bons resultados em tão difícil empresa. Encarregou-me, depois, de apresentar na assembleia dos cardeais da Congregação da Propaganda uma informação geral sobre o estado do Vicariato Apostólico da África Central – informação que foi recebida em Fevereiro 1872 – em que eu mesmo explicasse os meios que, com toda a modéstia, considerava susceptíveis de trazer melhoras. Eminentes prelados, a quem compete discutir os assuntos eclesiais de tão grande parte do mundo, discutiram as minhas ideias numa congregação geral da Propaganda. Uma vez repartidos entre os eminentíssimos senhores purpurados o meu “*Memorandum*”, impresso na Imprensa Poliglota, no dia 21 de Maio tiveram uma sessão no Vaticano e acordaram o seguinte:

4826

1) Entregar todo o Vicariato Apostólico da África Central ao novo instituto das missões da Nigéria fundado em Verona, após a renúncia da benemérita ordem seráfica a trabalhar no mesmo.

2) Colocar nas minhas mãos a direcção geral das missões da África Central, dando-me para o efeito o título de pró-vigário apostólico e outorgando-me faculdades extraordinárias para o ministério apostólico na nova vinha do Senhor.

4827

Estas decisões obtiveram a aprovação de Pio IX no dia 26 de Maio, após terem sido submetidas ao supremo pastor pelo Ex.^{mo} mons. Simeonis, então secretário da Propaganda (agora este ilustre prelado foi feito cardeal--secretário de Estado). Em Junho seguinte, a Propaganda transmitiu-me o correspondente breve pontifício com a minha nomeação como pró-vigário apostólico.

4828

Tendo terminado os meus assuntos em Roma e depois de Sua Santidade Pio IX me receber em audiência privada, indo eu acompanhado do P.^e Pio Hadrian, originário da região do Nilo Azul, na Núbia Superior e sacerdote da ordem beneditina da primitiva observância de Subiaco, desloquei-me a Viena para render homenagem a Sua Majestade Apostólica o imperador Francisco José, augusto protector das nossas missões da África Central e recebi gentis recepções, benevolências e alguma recompensa.

4829

Com a ajuda do muito activo rev.do P.^e António Squaranti, reitor do Instituto Africano de Verona e do meu procurador-geral, resolvi todos os assuntos pendentes e acompanhado de um considerável grupo de operários evangélicos empreendi a viagem para o Egipto, a cuja capital, o Cairo, chegámos a 26 de Setembro de 1872. Mande em seguida alguns missionários para o Vicariato, nomeei meu vigário-geral, por tempo indefinido, o P.^e Estanislau Carcereri e encarreguei-o de tomar posse em meu nome da casa de Cartum, que os padres franciscanos estavam prestes a deixar, tendo sido já mandados regressar pelo seu superior. Além

disso, ordenei-lhe que arrendasse uma casa adequada para acolher as Irmãs negras que, do Cairo, eu queria levar comigo para o Sudão, onde deviam prestar serviço como mestras.

4830

Efectivamente, em Janeiro de 1873, à frente de mais de uma trintena de pessoas, empreendi a viagem em duas grandes barcas Nilo acima, em direcção ao Sudão. A pequena expedição era constituída por missionários, freiras, irmãos leigos, mestras negras, ajudantes e alunos negros. Instalei provisoriamente as Irmãs numa casa arrendada, até que os meios nos permitissem tomar para elas um estabelecimento missionário próprio.

4831

Era a primeira vez que irmãs religiosas pisavam o interior da África. Desde o tempo em que a Virgem Maria, lá no Templo de Jerusalém, foi a primeira entre todas as filhas de Eva a arvorar sobre a Terra o glorioso estandarte da santa virgindade, e, depois, desde que se difundiu na Igreja a candura desta sublime virtude, vimos formarem-se em todos os séculos boas filas de santas virgens, que, submetendo-se à mais perfeita obediência, foram enviadas a todas as regiões a despender por toda a parte os benefícios da caridade cristã. Hoje vemos estas heroínas, sobretudo as admiráveis Irmãs de S. Vicente de Paulo, trabalhar em quase todas as missões católicas do mundo: encontramos-las na Inglaterra, na América, na Alemanha, em Sampetersburgo, em Constantinopla, e também na Síria, na Arménia, na Pérsia, na Mongólia, na Índia, na China, na Austrália, em todas as costas da África.

4832

Até as populações seguidoras fanáticas do Alcorão, entre as quais as mulheres estão numa situação de inferioridade e se convertem em objecto de vituperáveis paixões, não podem senão estimá-las e oferecer-lhes a sua ajuda com grande veneração. Sim, elas são dignas de admiração pelas sublimes virtudes de generosidade cristã e não é raro o caso em que os sultões muçulmanos manifestem tais sentimentos. Só a África Central nunca tinha visto religiosas católicas nem os maravilhosos resultados da sua obra.

4833

Esta sublime missão, por vontade de Deus, estava reservada à benemérita congregação das Irmãs de S. José da Aparição, de Marselha; e as primeiras intrépidas religiosas que se consagraram a tão extraordinária obra provinham do Oriente e não possuíam grandes talentos, nem eram providas de excessivos conhecimentos, nem gozavam da melhor saúde. Mas brilhava nelas uma grande pureza de costumes e uma caridade ardente. Não desejavam outra coisa senão converter-se em portadoras da salvação para esse povo, o mais miserável da Terra, para que nelas se fizesse verdade luminosa a sublime afirmação do Apóstolo das Gentes, S. Paulo, de que «Deus escolheu o que no mundo é débil para confundir os fortes; Deus escolheu o que no mundo é ignóbil e desprezado, e o que nada vale, para reduzir a nada as coisas que são grandes, a fim de que ninguém se possa vangloriar diante de Deus».

4834

Destas três Irmãs, duas seguiram um esplêndido itinerário na terra e a lembrança das suas extraordinárias virtudes certamente entusiasmará as que lhe sucederem neste árduo apostolado e lhes servirá de estímulo para se assemelharem a esses modelos. Trata-se da Ir. Josefina Tabraui e da Ir. Madalena Caracassian.

4835

Após 99 dias de longa e difícil viagem, entrámos na capital das possessões egípcias no Sudão. Aí fomos objecto de solene recepção por parte do ilustríssimo cônsul austro-húngaro, do paxá de Cartum, de toda a população católica e até de não católicos e muçulmanos. Instalei os missionários nas grandes dependências do magnífico edifício que fundou o meu predecessor, o dr. Knoblecher, com os abundantes donativos dos católicos austríacos. Para as irmãs missionárias e as mestras negras arrendei por um ano uma casa, a qual tinha pertencido a um senhor maltês, o falecido André de Bono.

4836

Organizar estes estabelecimentos em Cartum e instalar a nova administração para a Missão levou-me um mês inteiro. Coloquei como superior o P.^e Carcereri e nomeei seu ajudante o cón. Pascoal Fiore, da arquidiocese de Trani e membro do meu instituto veronês. Depois deixei Cartum a bordo de um vapor do Governo, que a gentileza do governador-geral, S. E. Ismail Ayoub Paxá, tinha posto à minha inteira disposição para uso pessoal. Depois de navegar 127 milhas contra a corrente pelo caudaloso Nilo Branco, desembarcámos em Tura-el-Kadra e, com 28 camelos, atravessámos os densos bosques de Assanieh e as árida estepes do Cordofão. Assim, a 19 de Junho chegámos a El-Obeid com grande alegria de todos e especialmente do governador do Cordofão, que no dia anterior, provavelmente por medo, tinha suspenso provisoriamente o comércio de escravos, que até então tinha lugar regularmente nas praças daquela populosa cidade.

4837

Não dispondo eu de suficientes Irmãs de S. José da Aparição para erigir no Cordofão um instituto estável destinado a alunas e dado que em todas as missões da África Central o ensino e a educação da parte feminina da população devia ficar a cargo de mulheres, fiz com que fosse para El-Obeid a minha prima Faustina Stampais, natural de Maderno, Garda Sul, da diocese de Brescia, que até então tinha trabalhado em Cartum e que anteriormente tinha prestado serviço com zelo extraordinário no instituto das negras do Cairo. Instalei-a com duas mestras negras numa casa adequada, a fim de que se ocupassem da instrução das jovens negras que fossem resgatadas ou que, sendo escravas, buscassem lá refúgio.

4838

Mais tarde, depois de ter comprado e restaurado uma grande casa, separada do instituto dos negros por uma via pública, a minha prima encarregou-se da sua administração até Fevereiro de 1874, altura em que se entregou esse estabelecimento às Irmãs de S. José da Aparição. Assim, em breve tempo, com a ajuda dos solícitos missionários e irmãs, consegui organizar os dois Institutos do Cordofão, que serão muito benéficos para o importantíssimo apostolado na Nigricia da África Central.

4839

Por agora não quero descer a pormenores sobre o apostolado dos missionários e das irmãs, tanto no Cordofão como em Cartum, o qual, em geral, deu resultados satisfatórios. Passo em silêncio também a minha actividade específica e a situação do país, tal como eu o encontrei, e a horrível realidade da escravatura. Tudo isso fará parte dum relatório especial, que deixo para mais adiante. Além do mais, já dei sobre isso várias notícias dispersas nos *Anais* das associações da França, Alemanha, Áustria e Itália. Por isso, como me propus desde o início, continuarei a traçar um quadro geral de toda a obra.

4840

Já em 1849, em Verona, conheci um excelente jovem negro, de nome *Bajit Caenda*, pertencente à família dos condes Miniscalchi, o qual nascera em Carco, na tribo de Gebel Nuba, e era famoso em toda a Itália e especialmente apreciado na Propaganda. A este africano, católico fervoroso, uniram-me durante anos vínculos de amizade e identidade de interesse por sua pátria. Comigo também a catolicíssima Verona admirava assombrada este nuba, que tinha uma fé sólida e uma piedade extraordinária e que a tão salientes qualidades juntava uma grande firmeza de carácter. Através dele, pude adquirir um alto conceito dos Nuba e mais de cem vezes disse ao excelente Bajit: «Não descansarei enquanto não implantar a cruz de Cristo na tua pátria.» Nos primeiros anos do meu ministério isto foi irrealizável, porque então a actividade apostólica dos missionários na África Central limitava-se ao Nilo Branco. Porém, quando cheguei ao Cordofão como administrador dessa demarcação apostólica e tive ocasião de ouvir falar diariamente da terra dos Nuba e da fidelidade e valor dos escravos originários de lá, que continuamente chegavam a El-Obeid, o meu coração encheu-se novamente de um grande desejo de lhes levar a luz da fé.

4841

Fiz todo o esforço para conhecer em todos os aspectos este povo vizinho e consegui informações sobre ele de um dos chefes da polícia do *Divã*, copto herético, uma de cujas mulheres era parente do grande chefe Nuba, com o qual ele mantinha estreita amizade. Rapidamente me ofereceu a Providência ocasião propícia para conhecer esse homem. De facto tinha chegado a El-Obeid um chefe nuba de *Delen*, chamado Said Aga, e Maximos, o oficial da polícia local, trouxe-me à Missão na manhã de 16 de Julho, exactamente quando saíamos da igreja ao terminar a hora de adoração ao Ss.mo Sacramento, que eu introduzi em todas as capelas do Egipto e do Vicariato e que se faz todas as quartas-feiras para impetrar do adorável Coração de Jesus a conversão da Nigricia. Eu tratei o chefe nuba com toda a deferência e mostrei-lhe as várias oficinas de artes e ofícios, assim como a pequena escola dos negros e negras; toquei um pouco o órgão; levei-o diante do altar-mor, onde lhe mostrei a imagem de N.^a Sr.^a e outras coisas.

4842

Ao ver quão viva satisfação mostrava Said Aga, perante tudo aquilo novo para ele, expus-lhe o meu desejo de conhecer o grande chefe e não lhe ocultei a minha intenção de fundar uma missão entre os Nuba. O bom Said Aga, maravilhado de quanto havia visto na Missão, sentiu-se obrigado, ao regressar ao seu país, a falar com o *cojur*, seu superior, e falou de tal modo que o *cojur* Kakum decidiu visitar-me no Cordofão.

4843

De facto, dois meses depois da partida de Said Aga, na manhã de quarta-feira do dia 24 de Setembro, quando saíamos da hora de adoração ao Sagrado Coração de Jesus, foi para mim uma gratíssima surpresa ver entrar na Missão de El-Obeid o grande chefe dos Nuba, com um séquito de mais de vinte pessoas, em parte chefes menores e criados. Entretive-me todo o dia com ele e com o seu séquito. Falei-lhe longamente do projecto e mostrei-lhe tudo. As oficinas e o som do órgão encheram-no de inefável espanto. Queria pegar em todas as ferramentas e utensílios que via: pás, enxadas, plainas, serras, limas, pregos, etc. Quando, depois, ao ver-me accionar com os pés o fole do órgão, enquanto simultaneamente os meus dedos se moviam sobre as

teclas, de onde tirava acordes harmoniosos e melodias, ele e o seu séquito chegaram ao auge do assombro e espanto e exclamou: «*Ayaeb* (ou seja, *maravilha*)! Tu sabes tudo, tu fazes coisas maravilhosas.»

4844

Aproximou-se do harmónio e tentou em vão tirar dele sons, exclamou: «Tu és o filho de Deus; de um pedaço de madeira sabes tirar sons maravilhosos, sons ainda mais belos que canto das aves e dos homens. Os meus nuba não me acreditarão quando lhes falar destas maravilhas.»

4845

Depois levei-os perto do estabelecimento das negras e apresentei-lhes uma delas, educada no instituto de Verona, de nome Domitila Bakhita e outras mais, algumas nuba, as quais sabiam fazer alguns labores tão perfeitos e escrever tão bem que os encheram dum assombro ainda maior. O chefe disse-me: «Tu és o maior mortal da Terra, não há ninguém semelhante a ti.»

4846

Eu expliquei-lhe que na Europa havia milhares de homens que sabiam muito mais que eu, que havia milhares de homens muito preocupados pelos negros e que nos davam dinheiro para irmos ensinar aos negros quanto sabem os brancos; homens que eram cristãos e veneravam a um chefe glorioso e muito sábio a quem chamavam Papa, supremo pastor de todos os cristãos. «Sim, este chefe supremo de toda a cristandade do mundo, que é o Vigário (o *Ukail*) de Deus na Terra, gosta muito de vós e mandou-me ao vosso país para vos fazer bem, a fim de que conheçais a verdade e consigais a salvação eterna.» Neste momento todos responderam: «*Ayaeb!*» (maravilhoso). E o chefe disse: «Nós somos ignorantes, não sabemos nada. Vem à nossa terra ensinar-nos o que devemos fazer como tu, e nós e as nossas mulheres, os nossos filhos e filhas, os nossos escravos, as nossas vacas, as nossas ovelhas e até a terra e as folhas das árvores, estaremos ao teu serviço.»

4847

Nos quatro dias seguintes repetiu a visita à Missão e acordámos em que, logo que acabasse a estação das chuvas, eu iria com alguns companheiros visitar os Nuba e provavelmente, depois de explorar adequadamente o país, erigiria entre eles uma missão num lugar adequado. Com esta esperança e cheios de alegria pelo meu projecto, iniciaram o caminho de regresso.

4848

Já em Junho, após a visita do chefe nuba Said Aga, eu tinha informado os meus missionários de Cartum do acontecimento e sobre a minha intenção de preparar uma expedição para realizar entre os Nuba. Isso entusiasmou de tal maneira o P.^e Carcereri que me fez repetidos e insistentes pedidos para que permitisse que ele me acompanhasse até lá e até se ofereceu a fazer essa viagem de exploração sem mim; nesse caso, ele diferiria de boa vontade a sua viagem à Europa para se pôr de acordo com o seu superior geral. Eu meditei sobre o assunto e convidei-o a vir a El-Obeid. Era minha intenção que fosse precisamente ele a realizar a viagem de exploração, ou, no caso de ser eu, deixá-lo a ele em El-Obeid como meu vigário.

4849

No dia 1 de Outubro chegava o P.^e Carcereri a El-Obeid e finalmente decidi que fosse ele quem realizasse a viagem de exploração junto com um companheiro, o P.^e Franceschini, como era seu desejo. Mas destinei-lhe, além disso, um segundo companheiro na pessoa do Sr. Augusto Wisnewsky, homem muito corajoso e de grande experiência, da diocese prussiana de Ermland, o qual vivia há vinte anos na Missão e, ininterruptamente, com zelo incansável e com grande prudência e constância já tinha prestado bons serviços nas antigas estações do Vicariato e era, além disso, perito em viagens ao interior da Nigéria. Portanto, os três prepararam-se para a viagem de exploração entre os Nuba. Para maior segurança, dirigi-me ao paxá de Cordofão e consegui para os nossos viajantes uma escolta militar, à frente da qual foi posto o mencionado oficial de polícia Maximos. Providos de tudo o necessário, partiram de El-Obeid na tarde de 16 de Outubro de 1873.

4850

Na minha opinião, a viagem teria requerido muitos meses; mas em muito breve espaço de tempo eles estavam já de regresso, após explorarem apenas em dois dias o território nuba mais vizinho, *Delen*. É certo que tinham falado com o grande chefe, o *cojur* Kakum, o qual de um lugar elevado lhes mostrou muitos povoados dispersos aos pés das colinas situadas em redor e que o P.^e Carcereri tinha assinalado num mapa publicado em Verona. A 28 do mesmo mês ele encontrava-se já de novo em El-Obeid e podia confirmar-me tudo o que me tinham dito nas suas visitas Said Aga e o grande chefe.

4851

Depois de ter organizado do melhor modo possível a Missão do Cordofão, desloquei-me para a minha residência principal de Cartum em companhia do P.^e Carcereri e dos irmãos leigos Wisnewsky e Domingos Polinari. Nesta duríssima viagem tive a pouca sorte de partir o braço esquerdo, quando já tínhamos deixado para trás um difícil percurso de oito dias através do deserto. No dia dedicado a Santa Catarina de Alexandria,

o meu camelo espantou-se por causa de uma hiena que rondava perto e, por se tratar de um animal verdadeiramente assustado e tímido, lançou-se numa louca correria pelo deserto, como se a hiena o perseguisse e acabou por me arrojando ao chão violentamente, de modo que me fez deitar sangue pela boca. Perdi os sentidos e fiquei como morto.

4852

Vinte e quatro horas mais tarde despertei dentro de uma tenda que tinham montado os excelentes Wisnewsky e Domingos, os quais, além do mais, me ataram o braço com panos molhados, segurando-me com um laço. Em seguida tive que voltar a montar no camelo, dando por dentro graças à Providência, que, cheia de misericórdia, neste infortúnio me tinha feito encontrar como remédio pelo menos a água. Os quatro dias que tive de passar sobre o camelo tornaram-se-me muito difíceis, porque o animal tinha um caminhar muito irregular, pesado, e virava-se continuamente para se defender das moscas; assim, as dores que eu sofria tornaram-se violentíssimas e com duros incômodos consegui chegar a Ondurman, que está situada em frente da confluência do Nilo Branco e do Azul. Num vapor, que me pusera à disposição a bondade do governador-geral, viajei até à Missão. Dois médicos e cirurgiões árabes encarregaram-se de me curar o braço, que tive que trazer amarrado ao pescoço durante três meses. Durante todo este tempo, dormi muito pouco, pois não me podia deitar. Também não me foi possível celebrar a santa missa.

4853

A 11 de Dezembro, logo após a partida do P.^e Carcereri para a Europa, chegaram-me quatro novas Irmãs de S. José da Aparição, acompanhadas do sacerdote P.^e João Losi, pertencente ao meu instituto de Verona e de vários leigos brancos e negros. Então vi-me obrigado a construir um edifício mais amplo, porque a casa tomada de arrendamento ao legado do sr. André de Bono, chamado Latif Effendi, foi reclamada pelos herdeiros para nela albergar o vice-cônsul prussiano, o sr. Rosset, e também porque era demasiado pequena. O novo e grandioso edifício, de um comprimento de 112 metros, mandei-o construir sobre sólidos alicerces, de pedra e tijolo, graças às esmolas recebidas em parte das sociedades benfeitoras europeias e em parte da munificência de Sua Majestade Apostólica o imperador Fernando I e de Sua Alteza Imperial, sua consorte, a imperatriz Maria Ana de Áustria e de Sua Alteza Imperial o falecido arquiduque de Áustria--Este Francisco V, duque de Módena. Destinei esta casa a todo o pessoal feminino das obras missionárias de Cartum.

4854

Entretanto eu trabalhava com os meus companheiros no campo da Missão, o P.^e Carcereri estabelecia em meu nome um acordo de cinco anos com o rev.mo P.^e Camilo Guardi, vigário-geral dos Ministros dos Enfermos. Nesse acordo estipulou-se que os religiosos camilianos, quanto à jurisdição e cura de almas, dependessem do pró-vigário da África Central, como os párocos numa diocese dependem do seu bispo; e, além disso, que se fundasse em Berber uma casa com um superior que assumisse os deveres paroquiais a respeito dos católicos que se encontram dispersos na província de Suakin, no mar Vermelho, e de Taka, não longe das fronteiras setentrional com a Abissínia, assim como a respeito dos habitantes católicos do antigo reino de Dôngola, a ocidente do Nilo, na Núbia Superior. Assinaram este acordo ambas as partes, as quais se comprometiam a agir conforme o acertado em relação aos direitos e deveres, pelo espaço de cinco anos, passado o qual se deveria fazer um novo acordo com base nas experiências do apostolado em favor dos negros.

4855

Entretanto, em Roma, a 14 de Agosto de 1974, a S. Congregação da Propaganda, na assembleia geral no Vaticano, ocupou-se muito a fundo dos assuntos do Vicariato da África Central, para dar à sua direcção uma estrutura que garantisse segurança e permanência, para promover mais o seu desenvolvimento. O card. Franchi, prefeito da Propaganda e seus eminentíssimos colegas autorizaram-me mediante um documento a fundar uma nova missão em Gebel Nuba com os meios que estavam à minha disposição, a fim de que aqueles infelizes se convertessem ao Cristianismo. Dignaram-se dar-me instruções plenas de sabedoria prática e de magníficas directrizes para o maior bem deste Vicariato tão árduo e laborioso. Deram-me sobretudo normas de conduta a respeito do horrível flagelo da escravidão e da espantosa situação dos negros que dela deriva.

4856

Estabeleceram-se, enfim, os princípios a seguir na formação dos negros para o sacerdócio, assim como o modo de combater as más tendências predominantes entre aquelas populações, e os costumes perversos e viciosos arreigados entre os cristãos do Vicariato. O ilustre príncipe da Igreja concluía estas normas com algumas palavras honrosas para mim, que refiro aqui não sem repugnância e faço-o só para que os benfeitores da nossa grande obra conheçam as minhas fadigas e as dos meus companheiros para a cristianização da desditosa Nigrícia e tudo o que, com a graça de Deus, conseguimos realizar; e também para que aumentem a caridade e o zelo pela nossa obra em todos os que sempre nos ajudaram com a sua beneficência e que nos mandam meios cada vez mais abundantes para estas importantíssimas missões. Oxalá possam propagar por

toda a Alemanha católica o que se propõe a benemérita Sociedade de Colónia para o resgate e a educação dos pobres negros. O final da carta reza assim:

4857

«Quanto ao demais, tenho o prazer de lhe comunicar que os meus em.^{os} colegas tributaram elogios à laboriosidade com que o senhor empreendeu a árdua empresa da evangelização dessas gentes e encorajamo-lo a continuar, não cedendo ao desalento pelos obstáculos que irá encontrar, mas esperando a divina ajuda, que certamente não faltará.

Alexandre card. Franchi prefeito»

4858

Quando me chegou a Cartum o escrito oficial da Congregação da Propaganda, em que se me concedia autorização para fundar uma missão em Gebel Nuba, mandei ao Cordofão uma pequena caravana provida de tudo o necessário para começar em seguida a obra. Ordenei ao superior de El-Obeid, P.^e Salvador, de Barletta, que se juntasse à nova expedição ao território Nuba. Ao mesmo tempo, para fazer honra às obrigações assumidas no acordo com o P.^e geral dos Ministros dos Enfermos, fui a Berber e comprei uma das mais belas e cómodas casas da cidade, que paguei a pronto. Deixei aí o P.^e Franceschini com um irmão leigo do meu instituto, encarregados de iniciar as obras de reabilitação necessárias para alojar convenientemente no novo estabelecimento membros de uma ordem religiosa.

4859

Havia pouco tempo que me encontrava de regresso de Cartum, quando lá chegou uma caravana de 16 pessoas do meu instituto. Eram missionários, religiosos de S. Camilo de Lelis e Irmãs, que, guiados pelo P.^e Carcereri, tinham tomado a rota de Wady-Halfa e Dôngola e realizado assim a viagem desde o Cairo em 103 dias.

4860

Mandei em seguida alguns sacerdotes e irmãos leigos ao Cordofão e ordenei a partida para Gebel Nuba, nomeando chefe da Missão o exímio, infatigável e laborioso P.^e Luís Bonomi, do meu Instituto veronês.

4861

Em Abril de 1875, pela rota do mar Vermelho e do deserto de Suakin, chegava a Cartum a superiora Emília Naubonnet, acompanhada de uma jovem e piedosa Irmã. Esta excelente superiora, natural de Pau, em França, assumiu a direcção do principal instituto das irmãs de S. José da Aparição, em Cartum, sob cuja direcção estão todas as casas e Irmãs que esta Congregação religiosa tem ou possa ter na África Central. A misericordiosa graça de Deus enviou-nos como um assinaladíssimo favor esta mulher extraordinária, porque a acção das comunidades femininas é indispensável num vicariato tão grande e árduo e constitui um dos principais meios de sucesso, tanto relativamente ao ensino, como em todas as obras de caridade e constitui como uma salvaguarda para as Irmãs que forem destinadas às missões dos países do interior.

4862

Por outro lado, os missionários precisam da ajuda do trabalho feminino em lugares onde reinam costumes primitivos. A madre Naubonnet, veterana das missões do Oriente, foi uma das primeiras freiras que aí se estabeleceu depois das Cruzadas. Esteve nove anos como superiora em Chipre e mais de vinte na Síria, onde fundou casas em Said, em Deil-el-Uamar e em Beirut. Na Síria, na horrível matança de 1860, fez prodígios de caridade e assistiu a milhares de infelizes. Recolheu com o mais amoroso zelo os pobres órfãos, cujas famílias tinham encontrado a morte às mãos dos cruéis drusos e as alojou na casa que ela tinha fundado nas antigas ruínas de Sídou. Foi para mim uma grande alegria que uma mulher como ela viesse derramar o copioso tesouro da sua experiência pelo bem dos desditosos povos da África Central. Esta mulher exímia, deixando atrás de si trinta anos de ininterrupto trabalho no Oriente, submete-se com humildade e obediência à chamada que lhe chega, vai para o mar Vermelho, sobe o Nilo, deixa para trás as planuras desertas e apresenta-se na África Central, onde encontra um novo campo para o seu espírito de sacrifício, para a sua constância no duro trabalho, para a sua perspicácia.

4863

Instalados os religiosos de S. Camilo em Berber, sob a direcção do P.^e Carcereri e confiada a Missão de Cartum ao cônego Pascoal Fiore, embarquei num vapor do Governo com um considerável grupo de missionários e irmãs, para visitar o Cordofão e Gebel Nuba. Na festa da Anunciação de Maria chegámos a El-Obeid com trinta camelos. Aí administrei o sacramento do baptismo a 16 adultos que tinham sido preparados pelos missionários e pelas Irmãs e o santo sacramento da confirmação a vários católicos: cerimónias reconfortantes que os meus missionários e eu celebrámos várias vezes nas principais estações do Vicariato, como

já se notificou nos *Anais* franceses, alemães e italianos. A 15 de Setembro empreendi a viagem para Gebel Nuba em companhia de alguns missionários e Irmãs, levando connosco doze camelos.

4864

Já tinham passado cinco jornadas e encontrávamo-nos no meio de um bosque de Shinjokae, quando nos saiu ao caminho, a cavalo, um patife árabe bagara, da etnia dos Omur. Eu ofereci-lhe um turbante – ou seja um comprido e largo pedaço de seda –, que ele enrolou à volta da cabeça para a defender dos ardentes raios do Sol e encarreguei-o de avisar o grande chefe e os missionários da nossa próxima chegada ao país dos Nuba. O árabe, esperando uma ulterior gorjeta, picou com as esporas o animal e voou para *Delen*. Tivemos a agradável surpresa de o chefe vir ao nosso encontro a cavalo, a meia jornada de *Delen*, seguido de lanceiros e de mais de cinquenta nuba, em parte armados de fuzis e cheios de alegria pela nossa chegada. Apenas me viu, o chefe desceu do cavalo, aproximou-se do meu camelo, beijou-me a mão e fez-me repetidamente umas profundas reverências, enquanto em dialecto árabe do Cordofão me dizia: «Deus enviou-te até nós; tudo está à tua disposição: as nossas famílias, os nossos filhos, as nossas vacas, as nossas ovelhas e cabras, as nossas cabanas e os nossos campos. Tu és nosso pai e nós teus filhos; ficaremos contentes de fazer tudo o que nos mandares.»

4865

Acolhi com benignidade tanta gentileza e respondi que precisamente tinha ido lá para ser seu pai e que, se eles se comportassem como verdadeiros filhos e seguissem as instruções dos missionários e das Irmãs e cumprissem de boa vontade as nossas ordens, seriam felizes, primeiro neste mundo e depois, um dia, no Céu. Depois fiz compreender ao chefe religioso e político que ele devia preceder com o exemplo os seus súbditos, aceitando docilmente tudo o que nós lhe ensinássemos em nome de Deus. Finalmente, ajudado pelo *cojur* Kakum, desci do camelo.

4866

A noite estava encantadora; no céu, prateada, brilhava a Lua e cintilava uma miríade de estrelas. Nós estendemos os nossos colchões sobre um ameno espaço plano e sobre uma manta estendida no chão preparámos o jantar, reparámos as forças alegremente e bebemos a água que os nuba nos trouxeram. Essas boas gentes estiveram a velar-nos durante toda a noite e acenderam grandes fogueiras para afugentar as feras e para eles mesmos se aquecerem um pouco. Por seu lado, o grande chefe considerava-se o mais rico da Terra porque tinha uma reles manta militar, na qual estive envolvido toda a noite. E perguntando-lhe eu ao amanhecer se tinha dormido bem, respondeu-me com ar de grande satisfação: «Como não havia de dormir bem sob a protecção de Deus e de uma manta tão boa? (que na Europa teria custado uns cinco francos). Levo comigo sobre o meu cavalo esta tua prenda e cobrir-me-ei sempre com ela à noite na minha cabana.»

4867

Depois montei no cavalo do chefe; porém, teve que o guiar um criado, porque desde o dia em que o camelo me atirou ao chão e parti o braço esquerdo, o cavalgar dava-me uma certa apreensão. Ao meio-dia chegámos em frente do recinto da missão entre os aplausos de complacência e júbilo do povo e dos *cojur* menores (sacerdotes) e fui recebido com a mais viva alegria pelo superior e pelos outros companheiros de missão. O acolhimento que me dispensaram os Nuba e o seu chefe foi repleto de rara gentileza. Recebi visitas até de vários Nhuma, um povo primitivo, muito valoroso, mas que anda completamente nu. São fortes, corpulentos e muito ferozes; eles matavam sem piedade quantos *jilabas* muçulmanos tentavam fazê-los escravos nas suas rapaces correrias. Vieram-me ver também os habitantes das colinas limítrofes, pelo que tenho fundadas esperanças de poder fazer um grande bem nestas terras, muito mais do que é possível entre os povos contaminados pelos erros do Islão. Contudo, como também aí há que lutar contra muitas superstições, entre as quais figuram em primeiro lugar as estranhíssimas cerimónias e costumes de um espírito chamado «*Okuru*», o qual exerce sobre eles uma influência de domínio absoluto; era necessário que, antes de começar o trabalho apostólico da pregação do Evangelho, estudássemos a fundo os dialectos dos Nuba, porque o árabe aqui não basta.

4868

Portanto, sem perder tempo, pus-me a estudar aquela língua com a ajuda do exímio P.^e Luís Bonomi, que, com P.^e Gennaro Martini, nos seis meses da sua estada entre os Nuba, já tinha aprendido deles muitas palavras. O grande chefe, que estava muito familiarizado com o árabe do Cordofão – no qual eu me fazia entender –, e que mostrava, além disso, uma extraordinária inteligência, esforçava-se por me ensinar muitas coisas na sua língua.

4869

Os leitores, informados por outros relatos dos disparos de fuzil com que se festejou a minha chegada, pensarão seguramente que os Nuba alcançaram já um grau de civilização que lhes permite dispor de armas de fogo como nós na Europa. Mas não é assim. Os *jilaba*, esses traficantes de carne humana, armados de

lanças e flechas envenenadas, deixavam frequentemente o Cordofão para fazer incursões nas zonas montanhosas de Gebel Nuba e nas planícies dos Yangué, dos Schiluck, dos Fertit e de outras tribos. Aí atacavam os pobres negros, com intenção de os tomarem como escravos e, de pés atados, com uma corda ao pescoço, sob um jugo atado a uma grossa viga, os conduziram nus aos mercados de escravos de El-Obeid, Dôngola e Cartum, de onde seriam levados, para venda, para o Egipto, para os países do mar Vermelho ou para a Síria.

4870

Porém, quando, com o progresso da civilização, entraram em uso no Egipto as armas de fogo de vareta, e os comerciantes sírios, turcos e europeus introduziram no Sudão tanto o fuzil *Remington* como o *Chassepot*, providos de boas munições, os *jilabas* abandonaram o arco, as flechas e as lanças e puseram-se a dar caça aos negros com a pólvora e o chumbo. Os Nuba, povo valente e guerreiro, escondidos entre os montes, amide se defendiam muito bem dos seus agressores e não poucas vezes conseguiam até apoderar-se das suas armas e munições. Desde então fizeram-se respeitar perante os seus inimigos e agora estão ainda em melhores condições de mantê-los afastados do seu território. Foi por isso que, logo que me viram, queriam obter de mim pólvora e sobretudo balas, pois tinham--se-lhe acabado e tinham só umas pedrinhas que encontravam em abundância nos seus montes graníticos, com as quais iam resolvendo o problema.

4871

Neste ponto, devo chamar a atenção sobre a tarefa bem difícil de que o missionário se deve encarregar na África Central, onde vivem tantos povos de diferentes línguas. Destas contam-se mais de cem, que são de origem semítica e são constituídas na sua maior parte por palavras monossilábicas. Como esses povos carecem de toda a cultura e processo de escrita, expressam apenas as ideias mais necessárias e limitam-se às pouquíssimas palavras que eles, no seu primitivismo, precisam para os seus raciocínios de pouco alcance. Torna-se, por isso, muito difícil fazer-lhes compreender a sublimidade da nossa santa religião. Fora o árabe, divididos em muitos dialectos africanos e falado pela população muçulmana nas possessões egípcias do Vicariato, encontram-se nele essas mais de cem línguas diferentes, que permaneceram desconhecidas para os investigadores europeus e das quais não existe um dicionário, uma gramática, nem sequer um livro que trate delas. Carecem até de palavras tão simples como «ler», «escrever», «aprender», «silabar».

4872

Enquanto os missionários destinados à Índia, Pérsia, China, Mongólia, América ou Austrália podem aprender as línguas desses países até já na Europa, nas casas de formação, com ajuda de dicionários, gramáticas e livros, o pobre missionário da África Central tem que, com enorme esforço, tirar tudo da boca dos indígenas, que no melhor dos casos, se foram escravos entre os muçulmanos, compreendem um pouco o árabe. O missionário da Nigrícia não só está exposto a toda a classe de privações e a um clima abrasador mas também, como vemos, deve lutar contra as inauditas fadigas da aprendizagem e investigação linguísticas e vê-se obrigado a compor o dicionário e a gramática, a investigar sobre as conjugações dos verbos e as declinações das palavras. E tudo isto não o leva a cabo com a ajuda de hábeis mestres e livros que dêem normas sobre as questões, mas tem de o fazer com um selvagem qualquer, que não sabe nem compreende nada, que não tem a mínima ideia do que é uma gramática e que só conhece algumas palavras de árabe.

Todos os que se puseram a aprender línguas podem compreender, pois, até que ponto são grandes as dificuldades que indiquei.

4873

Eu mesmo passei por estas experiências desde 1858 a 1859, quando me encontrava na tribo dos Kich, na estação de Santa Cruz, entre os 6^o e 7^o de latitude norte, com os meus companheiros o tirolês José Lanz, João Beltrame e Ângelo Melotto, já que fomos nós os primeiros que, com uma paciência constante, compusemos o primeiro dicionário e a primeira gramática dinca, junto com o primeiro catecismo católico nessa língua. P.^e Bartolomeu Mozgan, natural de Laibach e fundador da mencionada estação, tinha escrito antes de nós só um certo número de palavras, que deixou ao seu sucessor Lanz. Nós utilizámos esse manuscrito para nosso estudo e também nos serviram de ajuda dois alunos que sabiam um pouco de árabe. Os resultados das nossas investigações foram comunicados ao douto eclesiástico Mitterutzner, reitor do ginásio episcopal de Bressanone e secretário do bispo Fessler durante o Concílio Ecuménico Vaticano. Este exímio cónego, o melhor conhecedor do apostolado da África Central, é um dos mais insignes e activos membros do comité da Sociedade de Maria.

4874

Dois jovens negros da tribo dos Dincas e dos Bari ajudaram-no na preparação de um vocabulário, de uma gramática e dos Evangelhos dominicais e festivos em língua bari-dinca, nos quais figura ao lado a tradução alemã, cuja edição, com notas em latim e italiano, saiu do prelo em Bressanone (1864) e distingue-se pela sua grande precisão e uma grande profundidade de estudo. Este homem, que tem um grande talento para as línguas e vastos conhecimentos de filologia, foi muitíssimo útil aos missionários nos territórios dessas tribos

primitivas, e devemos à sua solícita ajuda e às suas atenções o progresso desta santa obra evangelizadora. Além disso, angariou para nós e para a nossa obra donativos entre os bons católicos tiroleses e bávaros e induziu a trabalhar na África Central missionários tão activos e relevantes como Gostner, Überbacher, Lanz e muitos outros.

4875

O infatigável Beltrame fazia editar mais tarde em italiano uma gramática muito clara da língua dinca, e actualmente a Sociedade Geográfica Italiana ocupa-se da edição do seu vocabulário bari-dinca, para enriquecimento da ciência e sobretudo para uso dos futuros missionários do Nilo Branco. Dado que o dinca e o bari, tal como todas as línguas ainda desconhecidas da África, como também a dos povos Nuba de que falámos, carecem de sinais gráficos, seguindo o conselho de muitas autoridades, decidi adoptar os caracteres latinos, como fizeram Mitterutzner e muitos outros, pois isso tem particularíssima importância para os missionários da Igreja Católica que vão para esses países. No que concerne à pronúncia deste idioma africano, para a aproximar o mais possível ao latim, decidi seguir parcialmente o sistema que estabeleceram Lepsius e o insigne e douto filólogo o conde Maniscaldi-Evizzo de Verona, que propus ao instituto de Veneza.

4876

Quanto à terminologia da Igreja Católica, para exprimir nas línguas africanas os santos sacramentos, os artigos da fé, a Eucaristia, a transubstanciação, a santa missa, etc., determinei que fossem conservados em latim as expressões da Igreja latina e dar depois a explicação correspondente no seu idioma aos povos da África Central e, além disso, realizar na sua língua uma transcrição o mais clara possível das matérias catequéticas. A prudência e considerável importância do sistema que nós praticamos aqui serão evidentes a qualquer um que conheça a história das heresias dos primeiros séculos da Igreja de Jesus Cristo.

4877

Portanto, em companhia de P.^e Luís Bonomi, pus-me a estudar com a maior aplicação a língua do interessante e inteligente povo Nuba, entre o qual me encontrava. Ambos percorremos os arredores para aprender dos indígenas a natureza das suas superstições religiosas, os seus usos e costumes, as suas habilidades técnicas ainda incipientes e as suas tradições. Sobre os resultados das nossas investigações, os missionários Martini e Bonomi publicaram uns breves apontamentos, que serão seguidos de uma descrição mais pormenorizada quando tivermos estudado melhor a língua do país. Porque é minha intenção não publicar nada sem primeiro fazer eu mesmo as mais profundas indagações sobre as questões.

4878

Quero transcrever aqui uma informação oficial de 8 de Outubro de 1875, que enviei de *Delen*, primeira estação em território Nuba, à S. Congregação da Propaganda. Essa informação diz:

.....
[Vide carta ao Card. Franchi de 8-10-1875]

4879

Como indiquei desde o princípio, dado que todas as obras de Deus têm a sua origem no Calvário, também a missão entre os Nuba teve de percorrer essa via dolorosa e ostentar as marcas da cruz. Enquanto escrevia o anterior relatório à S. Congregação da Propaganda, P.^e Gennaro Martini estava doente com febres intermitentes e, dois dias depois, acontecia o mesmo aos padres camilianos Franceschini e Chiarelli. Domingos Polinari padecia delas havia tempo. A Ir. Germana Assuad, de Alepo, superiora do instituto das negras, que já há tempos sofria violentos ataques de nervos, piorou tanto que temi perdê-la. Todos os negros e negras que estavam ao serviço da missão caíram doentes um atrás do outro. Igualmente eu também me vi afectado por violenta febre e, nesse mesmo dia, P.^e Luís Bonomi, que desde a sua saída da Europa tinha gozado sempre da melhor saúde, também se viu atingido pela doença, que igualmente tomou nele um aspecto perigoso.

4880

O amor misericordioso do Omnipotente tinha livrado só Augusto Wisnewsky e a Ir. Madalena Caracassian, que ao menos puderam cuidar dos demais. Mas, passados uns dias, adoeceu também ela, e o bom Wisnewsky, por sua parte, começou a sentir-se mal; de modo que, no fim, todos os membros da missão entre os Nuba ficámos doentes e o nosso estabelecimento converteu-se num hospital. Não se pode descrever com palavras quão grande era o meu tormento, porque naquele tempo pesava sobre mim toda a responsabilidade e dominava-me um grande desalento. A febre manifestou-se em todos com intermitência, pelo que aqueles que um dia gemiam sob a violência da febre, no dia seguinte sentiam uma trégua e podiam ajudar os que se encontravam no meio dum ataque febril. Mas P.^e Bonomi estava tão mal que eu duvidava da sua cura. Em tal conjuntura, eu recorri ao remédio que nos meus vinte anos de experiência tinha resultado sempre melhor nos ataques da febre africana, isto é, a mudança de ares, segundo o aforismo de Hipócrates: «Foge do lugar onde adoeceste» (*Fuge coelum in quo aegrotasti*).

4881

Tendo eu ali reunidos membros de diversas congregações religiosas, senti pesar sobre mim uma grande responsabilidade em relação a eles. Isto fez-me decidir, dada também a minha doença, a optar pela mudança de ares, porque via que nada de válido se podia fazer neste estado de emergência e porque essa devia ser a vontade de Deus. O meu plano era que nos retirássemos de *Delen* por algum tempo. Mas como pô-lo em execução? Fazer essa viagem a pé supunha para todos uma morte certa e não dispúnhamos nem de camelos, nem de cavalos, nem de burros, porque em toda a zona não havia mais que quatro ou cinco desses animais. Por outro lado, a nossa provisão de sal para condimentar a comida e o pouco caldo, único alimento dos doentes em estado febril, dava-nos só para uns vinte dias. E a maior parte de nós não estávamos ainda acostumados a viajar no dorso de vacas ou de touros, como é costume no país.

4882

Ah, que dias de dura prova foram para mim aqueles dias e como sentia a minha cabeça ao procurar encontrar maneira de sair da nossa calamitosa situação, a qual iria piorar ainda mais com a chegada de uma mensagem do governador do Cordofão, que de Birch, a três jornadas de Delen, me comunicava que por agora eu devia suspender a estação de Delen, não podendo ele garantir-nos a vida contra as ameaças da vizinha tribo dos nómadas Bagara. Ao mesmo tempo, o mudir tinha mandado 20 camelos para a nossa deslocação. Além disso, o portador da mensagem tinha contado à superiora doente que em Birch e arredores havia um milhar de soldados e quatro canhões, com os quais o governador tencionava atacar os povoados submetidos ao chefe Kakum, porque este não quisera pagar o tributo, como era seu dever. Ao tomar conhecimento de tal novidade, a superiora apressou-se a falar comigo para me pedir que partíssemos imediatamente, porque, de contrário, também nós seríamos massacrados pelos soldados muçulmanos, que em tais circunstâncias costumam ser muito cruéis.

4883

Perante esta perigosa situação, mandei chamar o *cojur* Kakum e aconselhei-o a que pagasse o tributo que lhe competia, como tinha feito em anos anteriores. Mas ele explicou-me que naquele momento lhe era absolutamente impossível e que eu podia escrever ao governador pedindo-lhe um adiamento até às próximas colheitas, altura em que tudo seria pago. Eu mandei logo um mensageiro ao governador com uma carta para o informar disso.

4884

Esta nova circunstância aumentou ainda mais a nossa angústia; por isso, depois de rezar fervorosamente ao divino Coração de Jesus, a N.^a Sr.^a do Sagrado Coração e a todos os nossos santos protectores, reuni na nossa cabana os quatro missionários para saber a sua opinião. Todos eles se mostraram de acordo com o abandono provisório da estação, comprometendo-se a voltar se recuperassem a saúde. P.^e Bonomi fez constar que, caso se não encontrasse tão mal, ficaria lá, apesar de todas as mensagens do governador; mas que acatava totalmente as minhas decisões.

4885

Da mesma opinião eram as Irmãs. Por isso, tendo também em conta que escasseavam os medicamentos, fiquei mais resolvido a retirar-nos para Shinkjokae, onde ficaríamos até todos estarmos restabelecidos. Além disso, aí por bondade do governador, poderíamos arranjar o sal que nos faltava e as outras coisas necessárias. Eu suspeitava também que o governador, com essa mensagem, não procurava outra coisa senão o nosso afastamento dos Nuba, em favor do ignominioso comércio de escravos, pois tinha-me chegado informação fidedigna de que o chefe dos Bagara tinha dito ao governador do Cordofão que enquanto nós estivéssemos entre os Nuba se veria na impossibilidade de exercer o tráfico de escravos para pagar o tributo anual que ele lhes tinha imposto.

4886

Sem perder tempo, carregaram-se as caixas nos camelos e toda a estação, com as cabanas e quanto se encontrava nelas ficou sob a protecção do chefe Kakum na manhã de 30 de Outubro, dia da nossa partida. Nas viagens através das selvas e das abrasadas zonas desérticas da África tenho sempre por costume ser um dos últimos a montar no camelo, para poder vigiar a carga e não perder de vista o pessoal, assegurando-me assim que ninguém fica para trás e de que tudo vai bem. Nos bosques impraticáveis, os camelos com as suas cargas não avançam nunca de modo ordenado e às vezes andam dispersos sobre uma superfície de uma ou duas milhas, sem que a gente de uma parte da caravana saiba verdadeiramente onde estão os outros. Na manhã de 30 de Outubro ordenou-se a saída dos camelos conforme tinham sido carregados de bagagem ou de pessoas, operação que durou até às sete e então montei também eu no meu camelo com o janízaro que o governador tinha mandado para me dar escolta. Às sete já estava em marcha a totalidade da caravana, que devia cruzar durante catorze horas um bosque infestado de leões e outras feras.

4887

Tínhamos feito apenas uma hora de caminho, quando o P.^e Franceschini se sentiu mal com um ataque de febre tão atroz que teve que descer da sua montada e as Irmãs e eu corremos para ele para o ajudar. Depois de ficar estendido sobre a erva uma boa meia hora, sentiu-se novamente em condições de subir para o camelo. Então ordenei às Irmãs, ao Augusto e ao janízaro que fossem ao lado dele. Retomou a marcha com dificuldade; mas ao cabo de uma hora de fadigosa viagem, o P.^e Franceschini disse que não podia mais, que lhe custava muito respirar. Vacilante, levámo-lo para debaixo de uma árvore, molhámos-lhe as têmporas com água e fizemos quanto pudemos para que recuperasse em todos os aspectos. Mas, dado que a febre continuava a aumentar, que ele tinha umas dores espantosas de estômago e a água que trazíamos em dois recipientes estava a acabar e, além disso, as provisões e os colchões iam na parte da caravana separada de nós, mandei imediatamente dois guias que partiram nos seus camelos a toda a velocidade para avisar P.^e Luís e o P.^e Afonso que fizessem voltar para trás imediatamente os camelos carregados de víveres, colchões, etc., porque nesse momento não era possível continuar a viagem. Afortunadamente eu levava comigo os santos óleos para qualquer contingência, do que dei muitas graças a Deus.

4888

O estado do P.^e Franceschini piorava consideravelmente e já não tínhamos água à mão para lhe molhar as fontes e friccionar o peito. Sentíamos com dor a impotência em que nos encontrávamos e não víamos saída nem meio algum para nos livrarmos daquela angústia. Passadas três horas de incriveis dores, o P.^e Franceschini, que jazia no solo sobre uma manta, caiu num sono profundo. Tendo transpirado durante meia hora, ao acordar sentiu-se melhor: graças sejam dadas ao Senhor! Eram já as duas e os que deviam trazer colchões, água e víveres não tinham ainda vindo. Consumidos por uma sede abrasadora e sem dispor de nada com que acalmar a fome, estávamos todos prostrados por terra. Como o P.^e Franceschini se encontrava um pouco aliviado e eu o tinha como um jovem animoso e enérgico, propus-lhe que tentasse montar de novo no camelo para nos juntarmos ao resto da caravana. Assim continuámos a nossa viagem sob o mais horrível calor, que muito nos fez sofrer.

4889

Depois de quatro horas de dura marcha, divisámos de longe um daqueles charcos de água suja e negra, nos quais as vacas, as ovelhas e as cabras costumam entrar para apagar, segundo a necessidade, a sede. Aí demos de beber aos nossos camelos e, embora a água fosse má e nauseabunda, com ela também nós saciámos a nossa ardente sede e nela encontrámos o melhor dos alívios. Entretanto, caíra a tarde e podia-se ouvir o rugido dos leões. Durante duas horas tivemos de atravessar um espesso matagal, no qual os nossos bornais, turbantes e os véus e hábitos das Irmãs ficaram completamente rasgados devido às plantas espinhosas. Considerando eu muito perigoso continuar a viagem na obscuridade da noite e dado que o rugido dos leões se ouvia cada vez mais forte e que nós sentíamos ao máximo o cansaço, decidi fazer uma paragem, apesar de estarem em desacordo com isso Augusto, o janízaro e os cameleiros, que sustentavam que seríamos presa dos leões se continuássemos ali.

4890

Mandei pois desmontar de seguida e ofereci aos cameleiros e ao janízaro três táleres *megid* (14 francos) se continuassem a viagem para alcançar o resto da caravana, que devia esperar até à nossa chegada. Além disso, eles deviam voltar imediatamente trazendo-nos os colchões e tudo o necessário. Mas negaram-se rotundamente, objectando que era absolutamente impossível aventurar-se através do bosque, porque seriam certamente vítimas dos leões. Estando assim as coisas, fiz acender à nossa volta uma grande fogueira para manter os leões afastados, que devia durar toda a noite. Depois estendemos no chão as mantas e deitámo-nos.

4891

Passámos uma noite horrível, atormentados pela fome e pela sede. E que grande era a angústia da minha alma! Estando completamente sem notícias da outra parte da caravana, temia que ela se tivesse perdido ou que tivesse voltado para trás. Por outro lado, todos estávamos abatidos pela febre em maior ou menor grau, sofríamos com um prolongado jejum e não sabíamos em que paragem nos encontrávamos nem quão longe nos encontrávamos do fim da nossa viagem. Por sorte, o janízaro encontrou ainda na sua bolsa um pedacito de carne crua de um carneiro morto três dias antes; mas eram apenas cinco ou seis onças e, por cima, meio podre. Procurando no meu bernal, encontrei uma caixinha com outro pedacito de carne, salgada, de umas oito onças que eu tinha comprado em Cartum. Que contentes que estávamos com esta descoberta! À falta de um recipiente para preparar esse pouco de carne, pusemos os dois pedaços na *doka* (um ferro em forma de U, no qual os árabes sudaneses cozem o seu pão) e, poucos minutos depois que a tivemos no fogo, repartimos a carne, que desapareceu num abrir e fechar de olhos.

4892

Como louvamos o Senhor, que se tinha lembrado misericordiosamente de nós entre os rugidos dos leões, no meio da selva! Ao amanhecer, exaustos de fome e de sede, enrijecidos pelo frio e desfeitos de cansaço, prosseguimos o nosso caminho e após uma viagem de oito horas chegamos a Shinjokae. Aí, alojados nas cabanas dos selvagens, encontramos os outros componentes da caravana, os quais tinham chegado uma hora antes de nós. Então ficou resolvido o enigma e soubemos o resto da história. Os camelheiros que eu tinha enviado da árvore junto da qual nos tínhamos refugiado com o P.^c Franceschini, em vez de fazer que a caravana esperasse, como eu lhes ordenara, incitaram os nossos a continuarem a viagem e disseram que eu dera ordem para prosseguirem a viagem e que nós os seguíamos por um caminho mais curto.

4893

Muitas horas depois, como não nos via chegar, P.^c Bonomi ordenou aos camelheiros que parassem e dispôs-se a enviar-nos água e provisões. Mas eles obstinaram-se no que tinham dito antes e não quiseram voltar atrás, pelo que os nossos companheiros se viram obrigados a continuar a viagem, ignorando por completo onde nos encontrávamos e sentindo por nós a mesma preocupação que nós sentíamos por eles. Em Shinjokae parámos uns dias para nos recompormos. A minha ideia era que os doentes ficassem lá mais algum tempo, para depois voltar a Delen; mas, como o seu estado não era nada bom, mandei-os para a nossa casa missionária de Cordofão. Aconteceu, por outro lado, que do povoado de Shinjokae fugiram todos os habitantes, levando consigo todo o gado para que não caísse nas mãos das rapaces tropas do mudir, as quais, além do tributo devido, se teriam apoderado dos seus animais, provisões e escravos; e, por cima, eles teriam sido obrigados a manter os soldados. Por essa razão, não encontramos carne, nem manteiga, nem nada para alimentar convenientemente os nossos doentes; decidi continuar a viagem até Berket-Koli, onde, com a sua gente se encontrava o mudir, por meio do qual poderíamos arranjar o necessário.

4894

A fim de que os leitores compreendam ainda melhor a necessidade da minha resolução, permita-se-me acrescentar o que se segue.

Desde há muito tempo que o Governo do Cordofão, com intenção de conquistar as tribos limítrofes e finalmente os territórios habitados por diversas tribos árabes nómadas, tem vindo a cobrar a estas populações taxas anuais, quer em dinheiro quer em grão ou escravos. Como havia gente que incitava à resistência e se negava a pagar tais tributos, tinha-se introduzido o costume de que cada ano o Governo mandasse a estas terras alguns altos oficiais com certo número de soldados para obter o pagamento pela força e, em tais circunstâncias, não era raro que se recorresse às bastonadas e chicotadas. Mas além disso, como já assinalámos, estas tropas governativas entregam-se a toda a classe de rapina e saqueiam e destroem as casas dos pobres indígenas.

4895

Ouvi dizer que também Birket, a uma jornada de Shinjokae, tinha ficado vazia dos seus habitantes pelo mesmo motivo e que o mudir com as suas tropas tinha ido às montanhas de Tegueta, mas deixando atrás um oficial e alguns soldados que punha à minha disposição. Como infelizmente a febre não cessava entre os missionários e as Irmãs e carecíamos de tudo, decidi dirigir a caravana para El-Obeid, onde em casa própria os doentes podiam ter todas as comodidades e os remédios adequados, e era de esperar que todos recuperassem. Esta viagem causou novamente preocupações e ansiedade, porque era muito difícil levar doentes em camelos, com um sol abrasador de dia e muito frio de noite; e isso foi sempre assim ao longo da viagem pelo deserto interminável.

4896

Nós esperamos que tudo esteja escrito no livro d'Aquele a quem consagramos toda a nossa vida, uma vida cheia de perigos e dores, com o único e sublime fim de conseguir arrebatam almas do poder do espírito inimigo. Finalmente, depois de 18 dias de viagem desde que deixámos os Nuba, chegámos destroçados, mas vivos, à nossa residência de El-Obeid. Se nos livrámos de tantos perigos, foi devido à divina graça. Os nossos receberam-nos com indescritível alegria, eles que estavam não pouco angustiados por causa de nós. Por disposição de Deus, aconteceu que estava presente nessa capital o dr. Pfunt, um bom médico e naturalista. Confiei a este homem excelente os meus doentes, os quais, após repetidos e violentíssimos ataques de febre, que se apresentavam de diversas formas e, depois de terem tomado muitos remédios, com a ajuda de Deus, todos, sem excepção, recuperaram a saúde, porque Deus não abandona quem n'Ele confia.

4897

Só à inesgotável bondade de Deus devo o facto de ter conseguido salvar a vida a todos os companheiros da perigosa Missão de Gebel Nuba.

4898

Na capital do Cordofão encontrei importantíssimas mensagens que tornavam necessária a minha partida imediata para Cartum e Egipto. Empreendi-a sem demora, apenas acertei as coisas necessárias com os com-

panheiros e o governador. Encarreguei P.^e Bonomi que, com alguns dos nossos, abrisse novamente a Missão de Gebel Nuba, quando o estado de saúde o permitisse. Comigo foram a Ir. Germana e Augusto. Depois de atravessar as imensas planícies e os espessos bosques de acácias tropicais, em Tura-el-Khadra embarcámos juntamente com o general americano Colston, a cujo encontro tinha sido mandado o barco e assim chegámos felizmente e de boa saúde a Cartum.

4899

Antes de deixar a capital das possessões egípcias no Sudão, devo referir-me brevemente a uma pequena parte do apostolado da África Central, concernente a vários milhares de cristãos coptas heréticos que vivem na Núbia e que dependem da sede episcopal de Cartum. Esta pequena centelha de Cristianismo, que lembra os seus tempos gloriosos, e que se conservou até aos nossos dias no meio das trevas do Islamismo e do paganismo, merece uma menção, tanto no interesse da história da Igreja quanto no tocante à missão da África Central.

4900

A Núbia, como já disse, constitui uma parte das imensas regiões etíopes, as quais abrangem quase todos os países da África que se estendem entre os dois trópicos, o mar Vermelho e o oceano Índico até ao Níger e Guiné. Os antigos consideravam a Etiópia dividida em vários territórios cujos nomes variavam segundo os autores e, dessas divisões, a mais conhecida é a de Ptolomeu: a ilha de Meroe, a Etiópia situada abaixo do Egipto e a Etiópia Interior. A ilha de Meroe era o espaço compreendido entre o Nilo, mais para lá do deserto e do Nilo Azul, território que segundo alguns se estende ilimitadamente à direita do Nilo Branco. Núbia, a actual Abissínia e os territórios dos Gallas, que Ptolomeu indicava como a Troglótida dos antigos e que eles consideravam a Índia, formavam a Etiópia situada abaixo do Egipto.

4901

A Etiópia Interior estava integrada por todos os territórios compreendidos entre o Sul do Níger e o Sudoeste da Abissínia e as terras de além da linha do equador. Por Etiópia, em geral, alguns historiadores antigos entendiam uma metade da África, dividida em África alta e África baixa, que consistia num reino grande, imenso, que posteriormente os árabes, os turcos e as populações vizinhas reduziram novamente até deixá-lo em pouco menos de metade. Abissínia, Núbia e uma parte da Guiné constituem a Alta Etiópia. Os etíopes, que outrora formavam uma nação grande e poderosa, estenderam o seu domínio até à Síria; mas o grande Sesostris, rei do Egipto, submeteu-os. Na antiguidade, a Etiópia era famosa pelas guerras que os seus habitantes faziam contra os egípcios e também pela riqueza do seu comércio. Esse país produzia cobre, ferro e outros minerais e era também imensa a sua riqueza em pedras preciosas.

4902

O abade Tergi de Lauria dá-nos uma descrição da Etiópia e das suas províncias. Diz-nos que o grande reino da alta e da baixa Etiópia era formado por 40 reinos, que ele enumera, e habitado por cristãos heréticos e negros idólatras. Apresenta-nos um quadro das muitas línguas, condições morais e características desses povos que obedeciam a um único monarca chamado *Negus*, o qual se ufanava de ser descendente do rei David através do filho de Salomão e da rainha de Sabá. Conta-nos que este monarca teve em tempos 72 reis tributários e fala da Etiópia Inferior com as suas províncias, assim como da famosa ilha de Meroe com as suas capitais e a cidade da rainha de Cândia e dá a série cronológica de todos os príncipes da Etiópia, desde a rainha de Sabá até ao imperador Fasílides, em 1660, perseguidor dos católicos. Segundo a tradição, esta rainha teria construído e engrandecido a cidade de Soba, da qual ainda hoje se vêem umas ruínas no povoado de Soba na margem direita do Nilo Azul, a três horas de Cartum.

4903

Rinaldi refere que os Etíopes tomaram dos Judeus a circuncisão e que os seus sábios, antes do eunuco da rainha de Cândia (o qual foi o primeiro pagão a fazer-se baptizar), se tinham convertido ao Cristianismo e adoravam um Deus imortal, princípio de todas as coisas e um deus mortal sem nome. Acrescenta que a Etiópia, à excepção da Abissínia, era desconhecida para os antigos Romanos e que estes descobriram tal parte da Etiópia nos tempos de Constantino Magno. Ainda se encontram vestígios do poder romano anteriores ao nascimento de Cristo em algumas localidades da Núbia Inferior, sobretudo na ilha de Filé. O Evangelho propagou-se na Etiópia por duas vias. A primeira foi mediante o eunuco da rainha Candace, a que se referem os Actos dos Apóstolos. Esta residia em Axum, a capital do reino, no Goggiam, não longe do Nilo Azul, onde, seguindo uma inspiração divina, mandou construir um magnífico templo de cinco naves, em honra de Deus e de Santa Maria de Sião. Depois de ter sido baptizado por S. Filipe, o eunuco pregou o Evangelho nas províncias situadas nas margens do mar Vermelho e penetrou na Etiópia, onde converteu à religião de Jesus Cristo um grande número de infiéis.

4904

A outra via, a que nós conhecemos, foi por meio de S. Mateus, que ensinou o Evangelho na Etiópia Inferior, e alguns sustentam que na Núbia Inferior pregou o Cristianismo S. Marcos. Além disso, nos inícios do séc. IV, durante o império de Constâncio e Maximino, a Providência serviu-se para iluminar este povo de outro efficacíssimo meio. Merópio, filósofo de Tiro, empreendeu uma viagem até à Índia, ou seja, até à Etiópia situada abaixo do Egito, com dois jovens versados em várias línguas, dos quais um se chamava Edésio e o outro Frumêncio. Porém, estando os etíopes então em armas contra os romanos, Merópio foi morto e os dois jovens levados ao rei dos etíopes, a quem se afeiçãoou e, quando cresceram, atribuiu-lhes cargos de honra na corte. Ganharam aí tanta estima que, depois da morte do rei, lhes foi confiada a direcção e o cuidado do herdeiro do trono.

4905

Quando este alcançou a maioridade, Edésio regressou a Tiro, onde foi ordenado sacerdote e Frumêncio, ao regressar a Alexandria, informou St.^o Atanásio da situação na Etiópia. Este sagrou-o bispo e mandou-o para lá para que se ocupasse da conversão dos Etíopes, coisa que conseguiu maravilhosamente durante o governo de Abraha.

4906

Com a ajuda dum aspirante ao sacerdócio que lhe deu St.^o Atanásio, Frumêncio erigiu a sua sede episcopal em Auxuma ou Axum, a capital do reino. Desde aquele tempo, a Etiópia foi governada por muitos bispos, na dependência do correspondente metropolitano e permaneceu sempre sob a jurisdição dos patriarcas de Alexandria. Então também teve acolhimento na Etiópia a vida monástica, por obra dos famosos anacoretas e monges de Tebaida e do Egito. Atestam-no-lo os restos de muitos mosteiros erigidos em muitos pontos do território segundo as regras de Santo Antão e de S. Basílio, assim como também os relatos dos escritores eclesiásticos. Até meados do séc. V, o Cristianismo na Etiópia manteve-se na sua integridade.

4907

Porém, no ano de 1499, Dióscoro, patriarca de Alexandria, caiu no erro de Eutiques, arquiandrita de Constantinopla. Dióscoro era um homem ambicioso e violento, mas gozava de muito prestígio naquele grande patriarcado. Quis tratar o assunto de Eutiques no Latrocínio de Éfeso e conseguiu arrastar para o erro quase todos os bispos dependentes do patriarcado de Alexandria. Assim teve a sua origem a heresia eutiquiana, que afastou da unidade católica a famosa Igreja de Alexandria; de modo que, pouco a pouco, toda a Etiópia, que formava parte deste grande patriarcado, perverteu-se igualmente. Ainda que rodeados por toda a parte de populações bárbaras, os habitantes deste grande reino gozaram sempre da misericordiosa bondade do Todo-Poderoso, que no Antigo e no Novo Testamento difundiu sobre eles magníficos raios da sua santa e verdadeira religião. Mas, lançados nas trevas do erro, privados de bispos fiéis à Santa Sé e de toda a ajuda, perderam a pureza da fé e converteram-se em infelizes vítimas de falsas doutrinas, permanecendo sob a égide de bispos hereges, que eram enviados do patriarcado de Alexandria.

4908

«O Oriente Cristão» refere os nomes e a história de quarenta metropolitas da Etiópia. Segundo o cânone 52 árabe, os Etíopes não podem eleger um patriarca entre os seus homens doutos, porque este se encontra sob a jurisdição do patriarca de Alexandria, e compete a esta sede a nomeação e a sagração do chamado metropolitano católico para a Etiópia, o qual é dependente e não tem direito a nomear metropolitas, como o patriarca de Alexandria; embora goze de igual dignidade, não tem o mesmo poder. Praticamente, o metropolitano católico é o patriarca dos abexins; mas é só o vigário do patriarca de Alexandria, apesar de ter sob o seu governo um número maior de pessoas do que ele.

4909

Os Etíopes mantiveram sempre um alto conceito da gloriosa sede patriarcal de Alexandria, que lhes enviava os bispos e permaneceram sempre fiéis a ela. Nunca permitiram que o seu metropolitano escolhesse mais de sete bispos, com medo de que a Igreja etíope chegasse a ter doze, número exigido pelos orientais para ter um patriarca, a fim de que não se sacudisse o jugo da Igreja alexandrina, nomeando um patriarca independente da mesma. Hoje não há perigo para esse temor, porque existem só duas sedes episcopais. Os seus titulares, que recebem o seu mandato do patriarca de Alexandria, são: o bispo da Abissínia, com uma jurisdição muito extensa e o de Cartum, com jurisdição sobre um par de milhares de coptas, que em grande parte pertencem à diocese de Esneh, e que vivem nos vastos territórios coloniais egípcios do nosso Vicariato.

4910

As divergências religiosas dos cristãos dissidentes da Etiópia consistem na circuncisão, na purificação, na celebração do sábado, no jejum até ao pôr-do-sol, na abstinência – em muitas zonas – da carne de porco e do peixe sem escamas, no divórcio e também na poligamia, que existe, embora raramente. Negam a existência do Purgatório e crêem que o Espírito Santo procede só do Pai e que a natureza humana de Cristo é igual à divina. Admitem em Cristo uma só vontade, repetem o baptismo e afirmam que as almas dos justos gozam

de Deus só chegado o fim do mundo. Não conhecem o Santo Viático, nem distinguem entre pecados de pensamento e desejos contrários aos dez mandamentos de Deus. Além disso, não acreditam que a alma é criada por Deus, mas que provém da matéria. Rejeitam o Concílio Ecuménico de Calcedónia, em que foi condenado Dióscoro, e não reconhecem o primado da Igreja Católica Apostólica Romana, nem o Papa como Vigário de Cristo. Quando administram o baptismo, não poucas vezes marcam uma parte da cara com um ferro incandescente. A Igreja Católica fez repetidas tentativas para os devolver ao caminho recto da fé, mas obteve nisto um resultado mínimo.

4911

Grande preocupação pela salvação espiritual dos Etíopes mostraram os papas romanos. Entre eles sobretudo: Alexandre III em 1177, Inocêncio IV em 1243, Alexandre IV em 1254, Urbano IV em 1261, Clemente IV em 1265, Inocêncio V em 1276, Nicolau III em 1277, Nicolau IV em 1288, Bento IX em 1303, Clemente V em 1305 e João XXII em 1316. Estes papas esforçaram-se por arrancar os Etíopes da heresia e do Islão, em que infelizmente se tinham deixado envolver boa parte deles. Por uma súplica do rei da Etiópia, Alexandre III concedeu a esta nação até uma igreja em Roma e em Jerusalém, para que fossem educados na religião católica os seus súbditos. Concedeu aos Etíopes a igreja e o claustro de Santo Estêvão dos Negros, por detrás da Basílica Vaticana; e Inocêncio III confiou essa missão à Ordem dos Pregadores.

4912

Eugénio IV foi o primeiro que procurou a união dos coptas ou jacobitas da Etiópia e do Egipto com a Santa Sé Apostólica, no Concílio Ecuménico de Florença e convidou amavelmente o patriarca João, porque este tinha mandado ao Supremo Pastor o abade André, do convento de Santo Antão, do Egipto. O referido abade apresentou-se perante o Papa como delegado do patriarca dos jacobitas e do rei da Etiópia, em companhia de um diácono, de três enviados do rei Zereiacob, do imperador Constantino da Etiópia e do abade Nicodemos, legado dos etíopes residentes em Jerusalém. Em 1442 Eugénio IV teve a paternal satisfação de voltar a unir os coptas ou jacobitas à Igreja Católica, assunto sobre o qual fez uma instrução e um decreto.

4913

Enquanto a heresia luterana prosseguia a sua obra devastadora na Alemanha católica, David, o rei dos Etíopes, aliou-se com Portugal contra o patriarca de Alexandria e mandou Francisco Alvarez visitar o Papa Clemente VII com cartas nas quais reconhecia este como chefe supremo da Igreja universal e lhe pedia que convidasse os príncipes cristãos a defendê-lo contra os muçulmanos. O Papa dignou-se outorgar à Igreja etíope a dignidade primacial, nomeando para esse cargo João Bermudez.

4914

O rei Cláudio, vendo-se sempre ameaçado pelos Turcos, procurou ajuda junto de D. João III, rei de Portugal. Como consequência disso, de acordo com o Papa e com S. Inácio de Loyola, foram mandados à Etiópia doze jesuítas e foi eleito patriarca o P.^e João Nunes, um português, a quem se juntaram os padres André Oviedo e Melchior Cornaro como coadjutores. Isto não durou muito tempo e o rei Cláudio mostrou a respeito disso uma grande indignação. Não foi permitida a entrada ao patriarca e D. Oviedo sofreu perseguição na sua sede, não resultando assim nenhuma vantagem para a religião.

4915

Quando em 1559 o rei Cláudio foi assassinado e lhe sucedeu Neva, este mostrou-se tão hostil à Igreja romana que mandou prender Oviedo, pensando matá-lo depois. Contudo, ao morrer Neva em 1562 e ao suceder-lhe no trono o seu filho Sarezza Denghal, que tinha melhores sentimentos para com os católicos, estes conseguiram que se lhes deixasse praticar a sua religião. Contudo os Etíopes persistiram sempre nos seus antigos erros. Terminado o Concílio de Trento, Pio IV quis que Sarezza lhe enviasse legados e mandou à Etiópia com esse pedido o Patriarca de Alexandria, o jesuíta P.^e Cristóvão; mas foi inútil. Então Pio IV escreveu ao rei Sebastião de Portugal e ao tio deste, o cardeal D. Henrique, que depois subiu ao trono, pedindo-lhe que estabelecesse relações com o rei da Etiópia. Mas, dado que este monarca e a população mostravam muita oposição, ordenou ao patriarca Oviedo que fosse para o Japão. Mas o rei não o deixou sair da Etiópia e Oviedo perdeu tristemente a vida em Tigré, onde morreram também os seus companheiros.

4916

Em 1597 dirigiu-se à Etiópia o P.^e Supi com vários de seus irmãos de religião com o intuito de aí penetrar, mas pereceram às mãos dos Turcos, que se tinham apoderado das costas do mar Vermelho. Ao contrário, em 1603, o P.^e Paez conseguiu lá entrar e o rei Zadanguel, cheio de afecto para com a Santa Sé, encarregou-o de escrever ao Papa, a dizer-lhe que podia eleger um patriarca; mas o abuna, o metropolitano herético, indignado, provocou uma rebelião contra o rei, que perdeu nela a vida. O seu sucessor, Susneo, para se reconciliar com os Portugueses, protegeu os jesuítas e chamou para a corte o P.^e Paes. Além disso, escreveu ao Papa, comunicando-lhe que podia mandar-lhe missionários, enquanto seu irmão se declarava publicamente

católico, e com um decreto ordenava se abraçasse a doutrina católica. O rei repreendeu o patriarca herético, os monges e os sacerdotes que tinham conspirado contra a sua vida e, renunciando aos seus primeiros erros, despediu as suas concubinas e declarou formalmente que só reconhecia a Santa Sé e queria só obedecer ao Papa. Informado disso, Gregório XV nomeou patriarca da Etiópia Afonso Mendes, da Companhia de Jesus, o qual teve um excelente acolhimento por parte de Susneo e recebeu da família imperial muitas provas de fidelidade e devoção para com a Santa Sé. Mas tendo-se, por causa disso, produzido tumultos entre os Etíopes, que se agarravam aos seus costumes antigos, o rei teve a fraqueza de voltar a aceitar o cisma de Alexandria, declarando que a Igreja alexandrina era o mesmo que a romana.

4917

Todos os grandes se mostraram hostis aos padres jesuítas e, depois da morte de Susneo, todos os europeus foram expulsos da Etiópia. Entretanto, para suceder a Mendes foi nomeado patriarca Apolinário d'Almeida, que foi assassinado em 1638; e D. Pedro II, rei de Portugal, designou como primaz o P.^e Luís Silva. Embora todos os esforços e solícitude de Inocêncio X pelos Etíopes não tenham dado frutos, Urbano VIII obteve do patriarca dos coptas, Mateus, uma carta de submissão e sob Alexandre VII alimentou-se a esperança de ver voltar à obediência da Santa Sé o patriarca de Alexandria, já que, por obra do menor reformado P.^e Salemma, tinha mandado uma profissão de fé segundo os princípios da Igreja Católica. Porém, também então acabou por se impor o temor pelos Turcos, bem como a costumada inconstância e os diversos sentimentos dos coptas e dos Etíopes, sempre tenazmente agarrados ao cisma; e o entusiasmo pela verdadeira doutrina de Jesus Cristo desvaneceu-se.

4918

Inocêncio XII deu 50 000 escudos para as missões entre os Etíopes e nomeou missionários os padres menores reformados de S. Pedro in Montório, de Roma. Superior deles foi o mencionado Salemma, que, provido de cartas apostólicas e prendas, se apresentou no Egipto e convidou o patriarca de Alexandria a agregar-se à unidade católica. Porém, embora aceitando as cartas e as prendas e manifestando desejar a unidade, ele declarou que por agora não podia ratificar, devido à guerra rebentada no Egipto e à oposição dos grandes do país; de modo que a Santa Sé se limitou a enviar missionários apenas para o Cairo. Clemente XI fez todo o possível para ganhar a Etiópia para a verdadeira fé, e quis convidar o rei Dodemanut a trabalhar em favor da desejada reconciliação, para o que enviou o P.^e José, dos menores reformados de S. Francisco, recomendando-o encarecidamente ao arcebispo da Etiópia e ao abade geral dos monges de Santo Antão.

4919

A Santa Sé tentou em diversas ocasiões enviar àquelas terras homens desta ordem, assim como capuchinhos e carmelitas; mas não tiveram bom acolhimento e muitos morreram às mãos dos Turcos, enquanto outros foram vítimas dos próprios Etíopes. Finalmente a Etiópia esteve mais de meio século sem apóstolos cristãos, até que com Gregório XVI se fundou a missão da Abissínia, com o objectivo de exercer o apostolado entre os Etíopes, a solicitação do meu caríssimo amigo, o exímio sr. António d'Abbadie, que durante muitos anos, com o seu irmão, percorreu aquele país em todas as direcções. A missão foi entregue aos lazaristas; o vicariato dos Gallas, em 1846, aos capuchinhos, e quanto ao Vicariato Apostólico da África Central, ficou disposto como já referi.

4920

Na actualidade encontra-se vacante a sede episcopal dos coptas de Cartum, de cuja administração se encarrega um *gumus* (arcipreste) chamado abuna Hanna, com o qual está em boas relações a missão católica. Os coptas dedicam-se ao comércio ou trabalham como funcionários no *Divã* do Governo, onde frequentemente são escritvães. Encontram-se dispersos por todas as possessões egípcias do Sudão, desde Suakin até Darfur, desde Taka até Dôngola e desde Cartum até ao país dos Bari; mas a maior parte vive em Cartum, Dôngola, no Cordofão, Suakin, Berber e Kassala, e o chefe supremo da Igreja copta dissidente às vezes manda sacerdotes a todos estes lugares para a administração dos sacramentos.

4921

Depois de tantos séculos em contacto com os muçulmanos, os coptas, como é natural, adoptaram muitos dos seus costumes. Apesar da longa, secular perseguição por parte dos seguidores do Islão, que literalmente dizimaram a nação copta, a heresia eutiquiana conservou-se entre eles. Como nas igrejas separadas do Oriente, é permitido o casamento aos simples sacerdotes, os bispos são recrutados entre os monges, os únicos que mantêm o celibato. Ainda que, em geral, os monges sejam muito versados na Sagrada Escritura e especialmente no santo Evangelho, nos seus mosteiros a oração e a obediência deixam muito a desejar, duas coisas essenciais que caracterizam o estado religioso. Porém, as sublimes tradições dos primeiros eremitas e cenobitas não foram esquecidas entre os coptas dissidentes, mas até são louvavelmente recordadas. Apesar do grande número de mosteiros que se vêem nas margens do Nilo e em Tebaida, aqueles donde saem os bispos são só três. Os mosteiros de Santo Antão, S. Paulo e S. Macário.

4922

Isso é sinal da grande devoção que os coptas têm aos três grandes santos, que nos desertos da Tebaida mostraram de forma muito clara a vitória do espírito sobre a carne. Os mosteiros de Santo Antão e de S. Paulo encontram-se junto ao mar Vermelho, no deserto que à direita do Nilo se estende quase em frente do Sinai. O Mosteiro de S. Macário fica na margem direita do Nilo, imediatamente depois do delta. Só o Mosteiro de Santo Antão tem direito a prover a sede do patriarca, o qual, uma vez na posse do seu cargo, não exerce nenhum poder sobre os sacerdotes no que diz respeito às funções da Igreja, porque isso respeita à jurisdição episcopal.

4923

O Vicariato da África Central goza da alta protecção de Sua Majestade Francisco José I, imperador da Áustria e da Hungria, com a representação de um cônsul em Cartum, e a missão está em boa harmonia com as autoridades, de quem obteve preciosos favores, entre os quais deve lembrar-se a isenção dos impostos. Foi minha primeira intenção, apenas tomei posse do Vicariato, dar com toda a diligência uma boa consolidação às duas principais missões, a de Cartum e a do Cordofão, como pontos seguros de apoio e centros de comunicação para poder estender o trabalho apostólico aos lugares mais importantes do Vicariato.

4924

A missão de Cartum é a base de operações e o ponto de comunicações para levar a verdadeira fé e a verdadeira civilização aos reinos e tribos que formam a parte oriental do Vicariato, confinante com o vicariato da Abissínia e a tribo dos Gallas e até ao Nilo Branco para lá do equador e as nascentes do Nilo. A missão do Cordofão tem a mesma função em relação aos reinos e tribos que constituem a parte central e ocidental do Vicariato. Aí a missão encontrou não pequenos obstáculos por parte das autoridades locais, no respeitante aos problemas da escravidão e ao abominável tráfico de negros.

4925

Sobre este ponto tenho pensado escrever uma informação especial, porque merece um mais amplo tratamento. Contudo, começa a vislumbrar-se uma centelha de esperança sobre esta importante questão, que deve comprometer com tão alta participação a humanidade. Ultimamente, o vice-rei do Egipto nomeou governador-geral das possessões egípcias do Sudão a Gordon, um excelente militar inglês, com o grau de Ferik-Paxá. Na guerra da China distinguiu-se na luta contra os rebeldes e mostra as melhores intenções de querer ocupar-se com a abolição da escravatura. Esta habilíssima personalidade de magnânimos sentimentos é, além disso, um homem intrépido e decidido, pelo que tenho confiança de que aplicará o golpe mortal ao tráfico de escravos. Contudo, é sempre de temer que as populações do Sudão, os traficantes árabes e os governadores muçulmanos lhe ponham obstáculos, porque tiram grande rendimento do comércio de escravos, o qual constitui a mais notável fonte de benefícios para as autoridades locais.

4926

Para curar estas feridas abertas da humanidade, esta estridente injustiça, há apenas um meio: estabelecer nessas regiões a fé católica e pregar nelas o Evangelho de Jesus Cristo, que ensina a igualdade de todos, escravos e livres e que trouxe à Terra para todos a liberdade de filhos de Deus. Só a religião católica pode assistir o ilustre inglês em tão humanitária obra e banir desses infelizes povos este flagelo plurissecular. O insigne general Gordon encontrará na missão católica a melhor ajuda e a mais valiosa assistência na realização da sublime tarefa.

4927

O magnânimo e douto rei dos belgas, induzido pelos mesmos motivos, tomou ultimamente a nobre iniciativa de dirigir toda a influência da ciência e todas as forças da civilização moderna para este fim, para que seja extirpada da terra africana a ignomínia da escravidão e do comércio de escravos. Ele receberá igualmente a mais eficaz ajuda na acção apostólica dos pregadores do Evangelho, sobretudo na África Central, onde se encontra o centro do comércio de escravos. Louvado seja este ilustre monarca católico, em cujo nobre coração encontra eco o grito de dor destes infelizes povos africanos que, gemendo, estendem as mãos à Igreja Católica e imploram da civilização dos povos da Europa que os socorra na multissecular calamidade que os oprime.

4928

O augusto monarca belga conseguiu sacudir do seu letargo as potências da Europa e da América (a Inglaterra constituiu sempre uma louvável excepção, ao dedicar a este fim imensos meios e esforços) e pô-las em andamento para a dita grande obra. Na nossa época moderna, na qual encontramos tantos desastres, esta brilhante centelha encherá de entusiasmo os corações que até agora tinham permanecido insensíveis e no quais ainda não tinha despertado o sentido da justiça e da caridade. A conduta do magnânimo rei Leopoldo II está verdadeiramente em consonância com a alta missão de príncipe católico. Ele receberá glória imorredoura por ter levado a cabo sob o seu mandato uma das maiores obras humanitárias dos séculos cristãos, a qual levará a suas bênçãos e benefícios à parte mais abandonada da Terra.

4929

E a missão da África Central, a mais povoada e extensa do globo, terá a nobre satisfação de ter cooperado nesta grande obra, paradigma do verdadeiro progresso, que, inspirada por alta sabedoria e ditada por cristã caridade, levará à mais sublime glória a quem seguir o convite do augusto monarca.

4930

A 19 de Dezembro de 1875, juntamente com o meu secretário, P.^e Paulo Rossi, de Legnago, e alguns outros, parti da minha residência principal, depois de administrar o baptismo a vários adultos de ambos os sexos, preparados pelos missionários e pelas Irmãs. Fiz uma visita à estação de Berber e, com dez camelos, entrámos nas abrasadoras areias do deserto e atravessámos as áridas montanhas pertencentes ao território etíope que separa o Nilo do mar Vermelho. Nesta rota há ocasião de admirar bosques petrificados e de encontrar pedras graníticas e alabastros orientais. Depois de 40 dias de penosíssima viagem, parámos em Suakin, onde talvez pela primeira vez em treze séculos se celebrou o incruento sacrifício da santa missa segundo o rito católico – celebração que eu levei a cabo – sobre as amenas margens núbias do Eritreu (o mar Vermelho dos antigos). Depois de ter visitado os cristãos de todos os ritos, num barco a vapor do Governo egípcio chegámos em quatro dias ao porto de Suez, onde recebemos amável hospedagem da parte dos reverendos Frades Menores Reformados, e, dois dias depois, em perfeita saúde, chegámos ao Cairo.

4931

Aqui não posso passar em silêncio as muitas atenções e os grandes favores que nos concedeu à missão da África Central o ilustre comandante Ceschini, que é o agente diplomático e o cônsul-geral de Sua Majestade Apostólica o imperador da Áustria-Hungria na corte do quédive do Egipto. Se este último, depois de vãs tentativas realizadas anteriormente, nos concedeu finalmente um pedaço de terreno destinado à construção de duas casas no Cairo, como estações de preparação e aclimação para os missionários e para as Irmãs que hão-de trabalhar no apostolado da África Central, a ele o devemos.

4932

A parcela de terreno edificável que recebemos gratuitamente da liberalidade do vice-rei do Egipto, no valor de 43 000 francos, está situada no bairro de Ismaília, um dos melhores do Cairo. Eu fiz levantar os edifícios até ao segundo andar e, desde Julho do ano passado, instalei neles os missionários do instituto veronês e as Irmãs de S. José da Aparição, que desde 1867 estavam alojadas no Cairo Velho em duas casas arrendadas. Tenho posta a minha esperança e também a minha confiança em que os meus benfeitores da Europa me ajudarão a continuar a construir estas casas, porque delas depende a conservação da vida e das forças dos obreiros evangélicos destinados ao clima tórrido da África Central.

4933

Obedecendo ao convite do em.^o card.-prefeito da Propaganda, deixei a terra clássica santificada pelo exílio da Sagrada Família e em Abril de 1876 desloquei-me para a capital do catolicismo. Durante a minha ausência do Vicariato, os missionários do instituto de Verona, seguindo o meu *Plano para a Regeneração da África*, ocuparam-se da formação de jovens negros e negras, para os quais preparei lugares de residência situados a jornada e meia de El-Obeid, a fim de evitar que entrem em contacto com os muçulmanos e percam assim a fé. Na planura de Malbes, que possui água e oferece um terreno cultivável, foram instalados negros convertidos, saídos dos institutos de El-Obeid.

4934

Para além do isolamento dos muçulmanos, a planície de Malbes oferece aos convertidos a vantagem adicional de poderem praticar aí a agricultura e o comércio, para conseguirem ganhar a vida. O lugar é, por outro lado, idóneo para mandar para aí os nossos missionários doentes da missão do Cordofão, a fim de que, permanecendo no campo, recuperem a saúde. Esta colónia transformar-se-á rapidamente numa aldeia, num povoado, numa cidade, cujos habitantes serão na sua totalidade católicos e de cuja direcção se encarregarão os missionários e as Irmãs no referente à salvação eterna das almas. Em toda a parte onde domina o Islão se utiliza este sistema. Assim a missão católica conseguirá, com o andar do tempo, arvorar o estandarte da cruz e fazer com que reine a lei do Evangelho nas numerosas tribos da África, sobre as quais continuam a pesar, desde há tantos séculos, as sombras da morte.

4935

Após oferecer estes dados históricos sobre o Vicariato e sobre a obra da regeneração da Nigricia, é tempo de lançar um olhar sobre a realização do trabalho apostólico no Vicariato, com as suas dificuldades e esperanças.

4936

Depois de o missionário terminar a sua formação no instituto veronês, é mandado para o instituto de aclimação do Cairo e só depois se transfere para o interior, para Cartum, para trabalhar com todas as suas energias em benefício da infeliz Nigricia naquela estação ou noutro lugar para onde for destinado; onde quer

que estejam, têm de empreender a sua luta contra as dificuldades e em nenhum sítio elas lhe escapam. São sobretudo as várias religiões o principal obstáculo para o seu trabalho. Aqui eu devia mencionar todos os erros do cisma copta e do Islão, que está difundido nas duas Núbias, nos pequenos e grandes reinos do Cordofão e Darfur, Waday, Baguermi e Bornu, assim como em todas as tribos nómadas árabes, as quais ocupam alternadamente um vastíssimo território.

4937

Ao contrário, há outras partes do Vicariato imunes a esta corrupção: trata-se de lugares situados mais para o centro, onde reina o paganismo. Mas para não cansar os meus leitores repetindo algo sobre o que já leram longa e extensamente – embora essas descrições estejam muito longe de se aproximarem da verdade – limitar-me-ei a referir aqui alguma coisa.

4938

Maomé utilizou uma arte tão refinada para atrair os espíritos e os corações dos muçulmanos, que dificilmente a força humana consegue opor-se à funesta sedução dessa doutrina. O Oriente, que já pelo seu modo de vida afaga os sentidos e que faz tão pronunciado o contraste das paixões, rapidamente foi presa de Maomé. Quanto à fé, ele não propôs nada de novo; mas seduziu o povo com uma quantidade de proposições de fé, as mais ordinárias e gerais e com um culto que consiste só em exterioridades e que, ao mesmo tempo, segue os mais baixos instintos e paixões.

4939

O Alcorão legitima uma vida desenfreada e vê na mulher, que não é santificada pela religião, um puro instrumento de imoralidade, além de ser considerada como um acessório da casa. Nos haréns, o Alcorão faz com que se torne bestial todo o sentimento humano e que se afogue no homem qualquer nobre pensamento e todo o sentido da virtude. O intelecto obscurece-se e não pode compreender nada elevado; a alma envilece-se e não pode já lançar-se até à sublimidade da religião católica.

4940

Ainda que a civilização cristã abra agora o caminho de tantas maneiras e o Islão entre em contacto com os costumes europeus, que conquistas e que progressos pode realizar com respeito aos muçulmanos? Conseguirá sacudir o muçulmano da sua indolência e fazer-lhe abandonar as suas inclinações animalescas e anti-sociais? E se o consegue, não é isso completamente contrário ao Alcorão, que o impõe expressamente? Na verdade já faria muito a civilização europeia se levasse os muçulmanos a abandonar as suas cabanas e acampamentos ao ar livre, para construir melhores habitações. Mas nunca conseguirá também que o homem seja enobrecido, que pense, sinta e actue de maneira digna do ser humano! Poderá despertar o espírito do egoísmo e comum interesse; mas nunca obterá influência sobre a alma, nem poderá conseguir jamais que surja o sentido da justiça. O amor e o respeito para com o próximo não serão nunca o vínculo que una a sociedade muçulmana.

4941

A civilização europeia terá conseguido muito quando se puder dizer a si mesma que fez nascer nos muçulmanos a ideia de caminhar no sentido de uma reforma dos princípios que se baseiam no Alcorão; porque o Alcorão proíbe toda a novidade, toda a instrução de maior profundidade, enquanto, ao invés, assegura a satisfação dos desejos vis, das paixões bestiais e permite aos seus seguidores a maior violência contra os infiéis. A sociedade humana, tal como nós a concebemos no verdadeiro sentido da palavra, não pode acomodar-se ao Alcorão; a verdadeira civilização e o Corão não podem estar juntos. Um destrói o outro. Nenhuma força humana pode vencer, pois, o Alcorão, como tão-pouco o pôde o protestantismo que lhe declarou a guerra nas margens do Nilo e que teve de abandonar aquelas terras quando em Esneh obteve só duas conversões e estas graças a certa quantidade de dinheiro. Os rigorosos seguidores do Alcorão, os fanáticos adoradores de Maomé condenam qualquer discurso sobre a religião e declaram santo quem se deixa pisar pelo cavalo branco sobre qual o sumo sacerdote, na altura da grande peregrinação a Meca, avança em direcção à mesquita; santo é aquele que, depois de contínuas aclamações religiosas a Maomé, fica doente ou enlouquece. Todos acodem depois a socorrer semelhante herói, ao qual agora se honra e se pede conselho, e ao qual, quando morrer, se levantará um monumento. Neste aspecto, a Núbia oferece um triste espectáculo.

4942

Se uma instrução mais profunda e todo o discurso sobre a religião são proibidos, como fazer arreigar novidades benéficas e novas doutrinas de fé? É impossível obter o abandono do Alcorão, que eles observam com fanatismo e rigor, se antes não se conseguir expor de forma clara os seus fundamentos; mas não é concebível uma instrução superior sem renunciar ao Alcorão. E quem ousaria procurar tal coisa, se o próprio Governo impede qualquer tentativa de conversão?

4943

Quem se tornasse participante de uma instrução mais alta sofreria a censura de todos e a rejeição dos seus pais. Platão acreditava que só uma poderosa tocha constituía uma maravilhosa força capaz de eliminar as

trevas do paganismo e de voltar a levantar a humanidade decaída. De forma semelhante, para renovar o espírito e o coração degradado do Islão precisa-se de um meio verdadeiramente prodigioso e de uma iluminação sobrenatural, que nós encontramos na graça de Deus. Os meios humanos são incapazes disso; só a Igreja católica é susceptível de triunfar aqui, porque unicamente o Senhor, que com o seu poder sacode os cedros do Líbano e faz tremer as colunas do firmamento, poderia, por meio da sua religião, lançar luz sobre tanto erro espiritual.

4944

Só Aquele que um dia transformou os matagais e templos dos idólatras em lugares santos da sua verdadeira religião, só Ele poderia implantar a cruz sobre a ruína das mesquitas. E também só deste modo os maometanos, levados pelo caminho da salvação, poderiam ter todas as vantagens inerentes à civilização cristã. Ainda que o Senhor, nos seus imperscrutáveis desígnios, quisesse servir-se para as suas obras de meios puramente humanos, quem não veria nas prescrições fanáticas do Alcorão os maiores obstáculos para alcançar o êxito? Trata-se, além disso, de substituir a religião muçulmana por uma por eles abominada, pois só a denominação de cristão lhes soa como o maior insulto e afronta.

4945

Haviam de mudar a sua cómoda religião pela religião católica que exige a renúncia a si mesmo, a mortificação da carne e o sacrifício? Fazer-lhes compreender a sublimidade da religião católica, a santidade da sua doutrina, a beleza da sua liturgia oferece obstáculos e dificuldades quase intransponíveis, porque eles não estão em grau de compreender as coisas sublimes, dado que se encontram num lastimoso estado moral, devido à corrupção permitida pelas leis.

4946

Mas o missionário confia na misericórdia de Deus e, disposto à luta, parte para o campo de trabalho guiado pela esperança, que não o abandona nunca. Entretanto, sopra sobre a embarcação um vento favorável e a viagem começa.

4947

Que panorama! Desdobram-se perante ele as sempre novas maravilhas do Nilo! Na margem direita divisam-se as montanhas de Mokatan, no deserto da Núbia, e à esquerda do Nilo as colinas líbias, que ficam paralelas ao rio, porém separadas dele por uma planura às vezes cultivada e às vezes convertida em deserto arenoso. Sempre se têm ante os olhos as mais impressionantes vistas. Aqui, uma ilha com pastos verdejantes, onde um pastorito negro cuida do seu rebanho de cabras, não longe de uma pequena cabana que apenas se distingue entre abundantes palmeiras de tâmaras que a circundam. Ali, mais algumas palmeiras, formando um bosque com árvores *dong* que fazem gala dos seus frutos. Ora as margens se aproximam e mostram ao viajante as belezas dos seus contornos, ora se separam de novo, para o fazer encontrar-se de repente num lago. Depois, rochas nuas e ásperas voltam a circundá-lo e enchê-lo de espanto, enquanto num promontório rochoso o rio recebe violentos flagelos do vento. Ao concluir este dia com paisagens de grande variedade, descobrimos ao longe os limites das águas agitadas, coloridas da mais viva cor do fogo pelo Sol do ocaso e pensamos navegar por um resplendente mar em chamas.

4948

Porém, no meio de todos os magníficos encantos da natureza, a mente do missionário muitas vezes está longe, repleta de pensamentos amargos, quando no crepúsculo ouve a rouca voz do almuadem, que do alto do minarete chama os seguidores de Maomé à oração. E a tristeza invade-o quando pensa na infeliz situação destas pobres almas. No profundo silêncio que envolve as margens, nas quais se ergue aqui e ali uma cabana, ele pensa na calma anterior à tempestade e parece-lhe que estes infelizes dormem um sono cruel do qual só irão despertar com o raio da cólera divina. E deve afogar tudo dentro de si. O vento sopra propício, os marinheiros dormem sob os mastros das velas. A Lua espalha uma pálida luz sobre a planície, interrompida de quando em quando por formações rochosas que fazem estremecer.

4949

E é nestes momentos que, como num lamento pelo Cristianismo de outrora aqui florescente e do qual agora contempla as ruínas, o missionário mergulhado em profunda oração, no meio destas solidões incomensuráveis, julga ouvir a voz do Divino Pastor que busca a ovelha negra perdida; e, recobrando novamente a confiança, espera firmemente que caiam os obstáculos levantados pelo Islão à conversão dos seus seguidores e que o poder do mal não envolva por mais tempo a Nigrícia; e uma multidão tão grande de infieis dá ao missionário as melhores perspectivas para a sua actividade, sobretudo nas regiões ainda não contaminadas pela corrupção muçulmana. Agora as cataratas obrigam-no a interromper a sua viagem, porque o Nilo, preso no seu curso pelas massas rochosas, precipita-se a espumar e fragoroso entre os escolhos, cingindo-se a eles em tortuosa corrente. Entre estas rochas quebradas que jazem no leito do Nilo e disseminadas ao longo das margens, os navegantes podem encontrar a morte e pela madeira das embarcações afundadas, que sobres-

saem da água, vê-se que esta, impondo-se, obteve com frequência tristes vitórias. Há, sim, outro caminho; mas o deserto, com sua desmesurada extensão, tem também os seus grandes inconvenientes.

4950

O missionário deve recordar sempre que doze pescadores, saídos dum obscuro povo da Judeia, depois de lançarem o olhar às alturas do Gólgota, dispersaram-se pelo mundo e fortificados na fé do Salvador divino e certos da vitória, experimentaram grande alegria na sua dor e sofrimento. Do mesmo modo, tão-pouco o missionário da África Central retrocederá, por fadigosa e cheia de renúncias que possa ser a sua vida. Se ele é prudente e se vale dos meios que a experiência lhe põe nas mãos, a sua actividade dará os melhores frutos em benefício dos cem milhões de almas que desde há tantos séculos estão em poder do Maligno.

4951

Se se consideram as distâncias, a pobreza dos meios de transporte que se devem usar, a falta de vento favorável nas viagens pelos rios e a indolência dos marinheiros, as deslocções nestes países são extremamente longas na sua duração e frequentemente perigosas. Quando o vento é desfavorável, o missionário vê-se obrigado a passar as noites na margem solitária, onde muito raramente encontra protecção sob uma árvore espinhosa. Também pode acontecer que tenha que passar deste modo muitos dias e noites. Depois, durante semanas e meses, deve sofrer no deserto a indolência dos camelheiros. Deve estar preparado para suportar grandes sacrifícios quando, sobre a garupa nua do camelo, avança pelo deserto interminável e atravessa as nuas montanhas graníticas ou os imensos bosques do interior. Aqui há que temer o encontro com os animais ferozes, em que o camelo se pode espantar, provocando no missionário algum ferimento ou ele pode ser atacado por alguma doença. Em todo o caso, por mais mal que esteja, deve continuar a viagem entre dores, sem que se lhe possa dar algum alívio: ficar para trás significaria vir a morrer de sede e os camelheiros, que são responsáveis da sua vida, não o permitiriam nunca, por motivo nenhum.

4952

No imenso deserto, o Sol atinge-o livremente com os seus raios de fogo e o facto de ir sentado na garupa do camelo de manhã à noite o maça e esgota as suas energias. E quando já à noite desmonta, não pode pensar ainda no descanso, porque deve errar sozinho pela planície deserta para recolher plantas secas e ramos de arbustos com os quais prepara a modesta ceia; e com bastante frequência se dá o caso de não ter outra coisa senão pão e cebolas e no cantil um pouco de água que, ainda sempre que quente, malcheirosa e insalubre, constitui a única coisa de que dispõe o viajante do deserto para apagar a sede. Depois, deita-se sobre a areia, dando-se por muito satisfeito se um penhasco o proteger do vento. Todos estes incómodos da viagem não o abatem demasiado, porque nas estações missionárias a sua vida não é muito melhor: mesmo se não o afligem as doenças, a maior parte das vezes é atormentado pelo cansaço e as numerosas dificuldades a que tem de fazer frente e com a alma cheia de tristeza pelas muitas desilusões que tem que sofrer.

4953

O missionário encontra um grande obstáculo no livre exercício da sua vocação apostólica: a chaga da escravidão. Eu posso dizer que é a maior de todas. Continuamente se repetem as sangrentas caças ao homem. Grupos armados invadem os países montanhosos do interior e os pobres agredidos, ao verem-se na necessidade de defender as suas famílias, são mortos logo pela ferocidade de uns seres desumanos, os ladrões de homens, que nos pacíficos povos de África Central ficaram até agora impunes. Quantas caravanas se encontram desses nativos feitos escravos, que têm que suportar marchas cansativas sob um Sol ardente, sobre uma areia que abrasa e quase desfalecidos de fome e de sede! Para além disso, estes infelizes carregam a *scheva*, ou seja, uma viga com um jugo a que vai amarrado o pescoço do escravo. Sem piedade, os malvados *jilabas* obrigam a avançar estes pobres camitas, que não raramente vão marcando o seu percurso com sangue que sai dos seus pés inchados.

4954

Muitos deles não chegam a terminar a viagem e os seus cadáveres servem de pasto às hienas. Se nestas incursões que destroem a felicidade de famílias inteiras uma mãe é roubada com o seu filho, os bárbaros que os levam como escravos não permitem que ela, ao longo da viagem, ajude o seu filho. Por amor, toma nos seus braços o filhinho que lhe fica; mas o *jilaba* arrebatá-lho logo e crava-lhe uma arma branca, lançando-o depois para a areia. A pobre mãe sente o coração despedaçar-se-lhe e de boa vontade morreria com a sua criatura; mas sente logo nas costas o chicote e as pauladas e tem que continuar muda a sua viagem.

4955

E quantos milhares de pobres negros, meio exaustos pela fome e o sofrimento, chegam ao mercado dos escravos! Aí não se pode compreender o opróbrio que representa para a humanidade a escravidão. Há quem veja nesta um meio de civilização; mas como se pode defender a violação dos direitos naturais mais sagrados? Presenciam-se ali uns maus tratos tão vergonhosos, tamanha crueldade, que são capazes de partir até um coração de pedra! Quem com dinheiro faz mercado da pessoa humana, desenvolve uma acção muito baixa e degradante. E qualquer um pode pensar que a sorte que os espera, quando já vendidos no mercado

passam a ser possessão do comprador, é menos bárbara entre os pagãos que sob o Islão. O seu amo tem sobre eles direito de vida e de morte e o pouco que ganham têm que lho entregar. Alguns dos seus amos até os obrigam a roubar nos armazéns de grão dos outros, que a alguma distância da casa dos proprietários são guardados por escravos.

4956

E aqueles infelizes vêm-se perante a hipótese de tingir com o seu sangue o chicote daquele a quem roubaram, se forem descobertos, ou o do próprio amo se pela noite não lhe levam a quantidade de grão exigida. O escravo não tem nenhuma assistência: morre só, abandonado a si mesmo, e pela sua morte ninguém derrama uma lágrima de compaixão. Assim termina a sua vida, cheia de privações e tormentos. O seu cadáver é enterrado na areia e rapidamente é presa dos cães e das feras... Pois bem, se, apesar de tudo isto, se pretende considerar a escravidão como um meio de civilização, porque se permite então aos escravos passar amiúde dias inteiros na ociosidade?

4957

Porque se lhes proíbe ter contactos com o missionário, pelo qual seriam instruídos na religião católica e em todas as coisas úteis? Mas o facto é que, se um escravo consegue fugir, porque não pode suportar os maus tratos e se refugia na missão, o seu patrão usa toda a astúcia que se possa imaginar para o reaver e usa também a força; mas à missão isso não ajuda nada. E tudo isto se faz porque o escravo, encontrando-se na missão para o curso de ensino, já não pode ser vendido, dado que recebe da missão, com a assinatura do nosso protector o cônsul, a declaração de estado livre. A cupidez mais vergonhosa é a única causa pela qual ainda persiste a escravatura; e ela é um grande obstáculo para o exercício do ministério apostólico. Isto dificulta a nossa obra não só entre os muçulmanos, mas também lá onde temos as estações, como em Berber e El-Obeid.

4958

Em Cartum o trabalho missionário é igualmente difícil, tendo-nos visto na necessidade de fundar as estações a doze ou quinze jornadas de distância umas das outras, porque só a essa distância se encontram as povoações importantes de cinquenta e cem mil almas, já que o resto dos habitantes se encontram dispersos em núcleos isolados e de escassas famílias estabelecidas nas nuas montanhas do deserto. Aqui deparamo-nos com a natural apatia dos indígenas, que, segundo o preceito do Islão, devem permanecer na ignorância, que permite que a corrupção se desenvolva incontrolada.

4959

Porém, tudo isto não consegue desmoralizar o sacerdote nem o leigo católico. Antes pelo contrário, o missionário deve-se comover profundamente vendo definhar tanta pessoa em tanta miséria. E incitado por isto, há-de sentir-se disposto a empreender qualquer coisa contanto que alcance o ideal que se propôs.

4960

A cruz é o selo de todas as obras redentoras de Deus; por isso, quanto mais árdua se apresenta a regeneração destes povos, tanto mais formosa há-de ser a vitória que havemos de conseguir. E como nada é impossível, as dificuldades não nos abaterão de maneira nenhuma, mas tornar-se-á cada vez mais vivo em nós o amor para com os resgatados e assim aumentará o nosso interesse por eles.

4961

Quando dispõe dos meios necessários, que nos facilitem a entrada nas famílias para ganharmos o seu afecto e estima, o missionário encontrará também nelas um terreno adequado para o cultivo, no qual poderá trabalhar com fruto.

4962

Ainda que o missionário católico veja sem recompensa a sua obra entre os muçulmanos, a quem procura converter com todo o empenho, tem ocasião de fazer muito bem entre os europeus de Berber, Cartum, El-Obeid e das províncias dependentes, os quais vivem dispersos com suas famílias. Provavelmente aumentará muito o seu número por causa do comércio, que se desenvolve cada vez mais, e dos trabalhadores que vão destinados para lá. Também entre os europeus já se impediu muito mal e se fez muito bem, e o missionário encontra neles um vasto campo, onde pode despendar bens espirituais. Com visitas, admoestações e ameaças consegue muito e ao pobre que adoce assegura-lhe um incomparável acolhimento no hospital da missão.

4963

Por influência dos missionários formaram-se matrimónios legítimos com os pares amancebados, e mediante o trabalho das Irmãs foram instruídas as concubinas negras e abissínias na doutrina católica. Reavivou-se a vida eclesial em muitas famílias, nas quais se encontrava adormecida, e com grande satisfação viram-se muitos, a quem a cobiça empurrou da sua pátria católica para estas longínquas terras, voltar aos sacramentos da religião e, unidos em fraternal igualdade com os neófitos gregos, assistir às celebrações litúrgicas e saciar-se nas fontes da salvação que o Pastor celestial lhes torna acessível.

4964

Porém, a acção apostólica não limita o seu trabalho benéfico à população europeia que vive em territórios predominantemente muçulmanos, mas também que se estende aos gregos cismáticos e aos coptas que também ali abundam. Ainda que entre estes não se tenha alcançado nenhum bom resultado, temos muitas esperanças postas no futuro, sobretudo com respeito àqueles lugares onde não há sacerdotes que os dirijam e portanto são ainda gentes de boa-fé, graças ao qual também o missionário católico goza entre eles de prestígio e estima. Igualmente, algumas conquistas para a cruz se deverão fazer entre os gregos cismáticos.

4965

Contudo, um campo com perspectivas de maior fruto que o dos muçulmanos e o dos cismáticos é o constituído pelos escravos que estão ao serviço as famílias muçulmanas, os quais superam amplamente em número o resto da população e por provirem das tribos pagãs são muito mais propensos a abandonar o Islão, que na sua situação se viram forçados a abraçar.

4966

Os adultos voltariam seguramente à inconstância se entrassem de novo em contacto com os muçulmanos. Por isso, ao acolhê-los na religião católica, o missionário deve cuidar muito para que permaneçam na missão ou entrem ao serviço duma família católica ou então se casem com uma das raparigas negras convertidas ao Catolicismo que recebem a sua formação nos nossos Institutos e vivam do exercício do ofício aprendido entre nós. Os que se refugiam na missão são considerados como filhos adoptivos e providos de tudo o necessário para a sua educação moral e o seu bem material. Aprendem a ler, a escrever e a fazer trabalhos manuais úteis, sem que lhes exijamos maiores conhecimentos. Além disso, deixámos-lhe conservar os costumes em tudo aquilo que é conforme à religião e aos usos cristãos. Esta juventude, na qual depositamos as maiores esperanças, representa um conforto para o coração do missionário, que a rodeia de amorosos cuidados.

4967

Pelas minhas descrições, podem os senhores compreender bem que os gastos desta obra apostólica hão-de ser muito relevantes. E de que se lhes possa fazer frente, depende muito o êxito da nossa obra nessas terras, porque:

4968

a) Consideráveis são os gastos para um sistema missionário que é o único possível em tais lugares e o único que dá resultados. Não existindo ali edifícios adequados, nós vemo-nos obrigados a construí-los sempre para neles instalar todo o pessoal da missão, mais os jovens negros e negras. Enquanto estes se formam, devemos ocupar-nos da sua alimentação e roupa, e depois a missão há-de procurar o sítio onde colocá-los, como já disse. Facilmente se convirá em que os gastos totais terão de aumentar quando aumentarem as conversões.

4969

b) Os lugares ficam isolados, falta amiúde a água e temos que levar tudo da Europa ou do Cairo para as pequenas cidades do Sudão.

4970

c) Que gastos não requerem continuamente só os institutos de Verona e do Cairo, as contínuas expedições, os transportes, as perdas por descuido, as enormes distâncias, os câmbios de valor monetário em diversos países? Contudo, é para mim uma satisfação ver que nem sequer nas regiões muçulmanas do Vicariato a nossa obra missionária africana se mostra impossível, como poderia pensar alguém sabedor das poucas facilidades que tem aí o missionário; porém, há obstáculos a superar. Se o missionário emprega as precauções aconselhada pela experiência, tão-pouco o clima lhe é ali fatal.

4971

Se se tem em conta que se fundaram dois estabelecimentos para o noviciado em Verona e dois no Cairo, para além da casa de Schellal e um grande edifício em Berber, dois em Cartum e um em El-Obeid e em Malbes, e que se começaram duas construções também em Gebel Nuba, e tudo sobre terrenos próprios, ver-se-á que se pensou seriamente em todas as necessidades.

4972

Graças sejam dadas a Deus por tudo e que os nossos generosos benfeitores recebam eterna recompensa por nos terem ajudado com as suas abundantes esmolas e com as suas fervorosas orações – ou só com estas se não puderam contribuir doutro modo – na nossa sublime obra para o triunfo da Igreja Católica. O quadro histórico que preparei para os senhores e no qual passei por alto muitas coisas, é testemunho de que esta obra surgiu ao pé da cruz e que traz o selo da cruz adorável, pela qual se converte em obra de Deus.

4973

O Salvador do mundo realizou as suas maravilhosas conquistas de almas com a força desta cruz que fez cair o paganismo, derrubou os templos profanos, transtornou as potências do Inferno e, segundo a frase de S. Leão Papa, se fez altar não de um único templo, mas altar de todo o mundo. Esta cruz, que empreendeu o seu caminho do alto do Gólgota e que encheu o universo da sua força, nos templos recebeu adoração e nas cida-

des a maior veneração; é respeitada como distintivo nas bandeiras e invocado sobre os majestosos mastros das naves. Deu à frente sacerdotal a consagração e à dos monarcas uma coroação sagrada. Sobre o peito dos heróis comunicou entusiasmo. Terra, mar e céu reconhecem a Cruz e em toda a parte se lhe prestam honras.

4974

Entre as dores e os espinhos nasceu e cresceu a obra da redenção e, por isso, apresenta um desenvolvimento admirável e um futuro alentador e feliz. A cruz tem a força de transformar a África Central em terra de bênção e de salvação. Dela brota uma força que é doce e que não mata, que renova as almas e desce sobre elas como um rocío restaurador; dela brota uma grande força, sim, porque o Nazareno, levantado na árvore da cruz, estendida uma mão para Oriente e a outra para Ocidente, recolheu todos os seus eleitos no seio da Igreja; e com as suas mãos trespassadas sacudiu, qual outro Sansão, as colunas do templo, onde desde havia tantos séculos se prestava adoração ao poder do mal.

4975

Sobre aquelas ruínas Ele arvorou a cruz maravilhosa que tudo atrai para si: «*Si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad me ipsum*» (Quando for levantado da terra, atrairei todas as coisas para mim).

† Daniel Comboni

Original alemão

Tradução do italiano

N.º 734 (698) - ESQUEMA DE CONFERÊNCIA

ACR, A, c. 18/22

1877

4976

Laboriosa: 1.º, *lento e contínuo martírio* pelas abrasadoras e inevitáveis febres, pelo clima tórrido, pelas inauditas privações.

4977

Difícil: tentaram os jesuítas, os franciscanos, valentes missionários alemães e italianos e ou se retiraram ou sucumbiram na empresa; 2.º, pelo clima ardente, pelo carácter dos infieis, pelos obstáculos que ali coloca o Islamismo e por, até agora, a Santa Sé não ter podido organizar de uma forma regular esta missão.

A Áustria contribuiu para a regular organização do vicariato, etc., etc.

4978

A mais infeliz, porque tendo sido vãos até então os esforços da Igreja para estabelecer o vicariato da África Central, aqueles povos estiveram gemendo até agora sob o férreo jugo do demónio e da maior miséria: essa é a última a ser chamada à hora décima primeira pelo proprietário. Desditosa – para além doutras adversidades – pelo estado permanente *de escravidão* em que geme e pelo horrível tráfico de negros que aí se pratica. Descrição do tráfico de negros.

4979

2.º É-o também porque foram os *últimos* a ser chamados, pelo que gereram no abismo, etc. mais que todas as outras partes do *mundo*. A África Central é a missão mais *santa*; *santa* pela *sublimidade da vocação* dos missionários e irmãs destinados ao apostolado. Eles devem estar dispostos a *morrer*: por tanto amor a Cristo, às almas, etc. etc.

4980

3.º Pela nobreza da caridade dos benfeitores, que dão para tão santa e magna causa. De maior mérito é oferecer um florim para salvar a vida de um homem que para saciar um pobre.

4981

Humanitária: trata-se de converter os primitivos em homens, de socorrer os povos mais infelizes do universo, privados de todos os bens; de transformar selvagens, canibais, em gente civilizada. São pobres, sofrem muito e são tão miseráveis que nenhum rei ou nação até agora os pôde levantar.

4982

Mais *gloriosa* pelas grandes virtudes cristãs e apostólicas e espírito de sacrifício e abnegação dos missionários, etc., sem os quais em África não podem resistir nem perseverar, mas têm que regressar. Sem dúvida é mais glorioso para um capitão conquistar uma grande fortaleza que uma aldeia.

4983

4.º Mais *gloriosa* porque é a obra do século da civilização. O rei dos Belgas, as ligas internacionais, todo o mundo olha para a África. A gloriosa bandeira austríaca flutuará, etc., etc.

4984

5.º a mais *gloriosa* pelos *grandes méritos* e pela nobreza e excelência da distinta caridade dos benfeitores e sociedades benfeitoras que socorrem a mais vasta e povoada missão do mundo.

4985

E a *mais carenciada e necessitada* e portanto a mais digna da caridade dos benfeitores, etc.

A mais *interessante* missão.

4986

Considerem agora, em.º príncipe e ilustres senhores, os méritos extraordinários dos seus falecidos predecessores, do bispo *Mechutar*, de *Hurter*, de *Dworzak* e especialmente daquele campeão que foi o barão de *Spens.*, etc. Considerem os méritos de Sua Majestade, dos generosos bispos, clero e piedosos católicos que tanto contribuíram para manter a existência, etc.

E agora os seus próprios méritos, por ter continuado com constância a obra dos seus predecessores, apesar das provas que sofre o apostolado da África Central e, não obstante a diminuição dos donativos pela falta momentânea de sucessos, pelo aumento das associações e de outras extremas necessidades da Igreja, do papado e das obras católicas necessárias no interior do império. Vamos, pelo amor de cem milhões de almas, aumentem o zelo e desenvolvam esta *Marienverein*, etc., etc.

N.º 735 (699) - AO DR. VÍTOR PATUZZI
AUTÓGRAFO NUMA FOTO
ASC, 18

Verona, 1877

N.º 736 (700) - A Mme. PAULE DE VILLENEIVE
AUTÓGRAFO NUMA FOTO
AFV, Versailles

1877

N.º 737 (701) - INSTITUTO DAS PIAS MADRES DA NIGRÍCIA
ACR, Sez. Fotografie

1877

Dedicatória.

N.º 738 (702) - AO P.º ESTANISLAU CARCERERI
AUTÓGRAFO NUMA FOTO
APCV, 1458/553

1877

N.º 739 (1217) - ASSINATURA SOBRE UM ESTOJO
DUMA CRUZ PEITORAL
ACR

1877

N.º 740 (730) - APONTAMENTOS
SOBRE A SEDE EPISCOPAL DE CLAUDIÓPOLIS
ACR, A, c. 18/21

CLAUDIÓPOLIS (CLAUDIOPOLITAN.)

4987

Sede episcopal *in partibus infidelium* da Arménia Menor, na Ásia, dependente da Metrópole de Selêucia a partir do séc. IV, em que foi criada. Situada nos confins da Cilícia, entre Comana e o rio Cidno, esta cidade, que foi florescente, tomou o seu nome, como alguma outra, de Cláudio César, filho de Druso, o qual tinha estabelecido muitas colónias em diversas zonas do império, porém, sobretudo no Mediterrâneo oriental. Seis bispos tiveram nela sede. Os últimos bispos *in partibus* são: mons. João Caetano Jus. Maria Gomes Portugal, a quem a 23 de Fevereiro de 1831 Gregório XVI mudou para a igreja de Michoacan e António Maythenyi, arceidiago camareiro, nomeado pelo mesmo Pontífice no Consistório de 14 de Dezembro de 1840 e dado como auxiliar ao arcebispo de Estrigónia, como reza nas proposições e actas consistoriais.

4988

CLAUDIÓPOLIS

Franciscus Latoni
SS.mi auditor

Pro R. D. Daniel Comboni
Vicario Ap.lico Africae C.is
Titulus Episcopalis Ecclesiae
In Partibus Infidelium

Claudiopolis civitas Asiae in Armenia Minori et confinio Ciliciae sub Archiepiscopo Seleuciensi vacat per traslationem R. P. D. Ildephonsi Infante et Macias ad Sedem Cathedralem S. Christophori de Laguna.

N.º 741 (704) - À MADRE ISABEL NESPOLI
ACCR, Cart. S. Sede

1877

4989

... para examinar a proposição da minha nomeação como bispo, o primeiro que jamais a África Central teve. Rogo da sua bondade que nesse dia reze e faça rezar segundo a minha intenção pelo puro bem da Nigricia.

Pode contar com a minha actividade para instar e solicitar pela causa da venerável. É também interesse da Nigricia, pela contribuição para a conversão desta, por parte do seu magnânimo e eminentíssimo sobrinho, que é uma glória da Igreja.

Nos Sag.dos Corações de J. e de M. declaro-me

Seu dev.mo servidor Daniel Comboni

4990

Encomendo às suas orações as santas e generosas intenções de Melanie (aquela a quem apareceu a Virgem de La Salette, nascida no mesmo mês e ano que eu), que hoje me escreveu e com quem estou relacionado desde há anos pelo interesse da divina glória. É um anjo na terra.

N. B. Fragmento de uma carta, da qual falta a primeira parte.

N.º 742 (705) - ACORDO COM AS IRMÃS DE S. JOSÉ
AP SC Afr. C., v. 8. ff. 578-580

1877

A C O R D O

4991

Estipulado entre o rev.mo D. Daniel Comboni, actual vigário apostólico da África Central e a rev.ma madre Emilie Julien, superiora geral da congregação das Irmãs de S. José da Aparição.

4992

A fim de coadjuvar as missões católicas dentro do Vicariato Apostólico da África Central em todos os campos da instrução e da caridade em favor da população feminina e da infância, a congregação de S. José da Aparição com as suas Irmãs dá generosamente consentimento aos seguintes pactos, feitos de mútuo acordo entre o rev.mo D. Daniel Comboni, vigário apostólico do referido Vicariato da África Central e a rev.ma madre Emilie Julien, superiora geral da mencionada congregação, obrigatórios, depois da sua aprovação pela S. C. da Propaganda Fide, também para os seus sucessores, até que agrade à Santa Sé.

4993

1.º As Irmãs de S. José da Aparição trabalharão no Vicariato Apostólico da África Central juntamente com as Pias Madres da Nigéria, se bem que estas se encontrem independentes daquelas, na casa e província.

A única casa que lhes servirá de comum residência será a de aclimação do Cairo, onde haverá zonas exclusivas para cada uma de ambas as congregações, mas utilizarão conjuntamente cozinha, lavandaria e refeitório e comum será também a capela. Quanto ao demais, cada grupo se ocupará do cuidado da sua própria zona, estudará separadamente e terá a sua própria superiora, a qual velará para que, sem prejuízo das actividades comuns, as suas irmãs cumpram as regras próprias.

4994

2.º As irmãs residentes no Cairo têm a obrigação de cozinhar e lavar também para a casa masculina, em favor da qual realizarão igualmente todos os trabalhos de costura. Por seu lado, a missão está obrigada a fornecer às Irmãs o necessário quanto à alimentação e roupa.

4995

3.º A superiora geral deixará sempre em cada casa de missão ao menos *quatro* irmãs e em Cartum *cinco* como mínimo, incluída a superiora. Tal é o número que, em vista das condições gerais e particulares do Vicariato e dos lugares, se considera indispensável para o desempenho das diversas tarefas; portanto:

4996

4.º A superiora geral, a pedido do vigário apostólico, enviará ao Cairo com destino à África Central Irmãs em número bastante ao menos para cobrir o fixado para cada casa e todas elas providas da obediência para as missões e dotadas de verdadeiro e suficiente espírito religioso, de boa saúde e de capacidade para desempenharem as actividades que lhes forem encomendadas.

4997

5.º Estas permanecerão no Cairo, para a sua aclimação, todo o tempo que considere oportuno o vigário apostólico. Neste período, uma delas será a superiora das demais, segundo as ordens da madre geral; ocupar-se-ão principalmente de estudar as línguas da África Central e no aspecto espiritual estarão sujeitas à autoridade do vigário apostólico do Egipto, em conformidade com as suas constituições.

4998

6.º Viajando pelas diversas estações do vicariato, as Irmãs de S. José receberão das Pias Madres da Nigéria e estas daquelas o alojamento e os serviços adequados às Irmãs e pessoas religiosas que são. As Irmãs de S. José obterão depois da missão compensação pelos gastos que lhes tiver causado a temporária estada das Pias Madres da Nigéria em sua casa.

4999

7.º As Irmãs estão obrigadas a cozinhar, lavar e realizar todos os trabalhos de costura necessários, gratuitamente, para as casas masculina e feminina; ou então dirigirão elas esses trabalhos, procurando empregar nos mesmos as alunas negras, às quais, por outro lado, estão obrigados a educar nos labores femininos.

5000

8.º As Irmãs têm, além disso, a obrigação de dar educação gratuita e de instruir na religião católica, na leitura e na escrita, todas aquelas jovens que lhes foram confiadas pelo vigário apostólico ou pelos superiores que ele tenha constituído. Também deverão introduzir-se prudentemente nas famílias para exercerem nelas a caridade e ganhar almas para Deus; e, de acordo com o pároco, cujos direitos se respeitarão, nunca se negarão a realizar essa tarefa, especialmente quando ele, por meio da superiora, as convida a realizá-la.

5001

9.º Por outro lado, o vigário, os superiores e os directores terão sobre as Irmãs os direitos e a autoridade que lhes consentem as constituições das mesmas irmãs, as quais aceitarão o superior, o director ou o confessor que lhes atribua o vigário apostólico.

5002

10.º As relações das Irmãs com os missionários e com todos, assim como a sua vida e as suas acções, não estarão nunca em discordância com a regra e as constituições. Estas deverão ser observadas por todas, na medida em que o permitirem as necessidades da missão. Só a superiora tem direito de modificar a regra; e não se negará nunca a isso, quando o exigir um verdadeiro bem da missão.

5003

11.º Portanto, a superiora geral conservará na residência principal de Cartum uma superiora que tenha jurisdição sobre todas as Irmãs de S. José dispersas pelo Vicariato da África Central e que possa impor a regra, corrigir e castigar as Irmãs, mudá-las para outras casas ou devolvê-las à Europa, abrir novas casas, etc. Esta superiora, dependente da geral, informará de tudo a mesma; e nas coisas de grave importância, como afastar uma Irmã da missão, abrir novas casas, etc., consultará primeiro a geral, sempre e quando um dano evidente da obra ou das pessoas, por necessitar remédio rápido, não obrigasse a uma pronta resolução, em cujo caso a superiora se porá de acordo com o vigário apostólico e informará a geral das medidas tomadas. Tal autoridade cabe a esta superiora desde o dia em que chegue a Cartum. A geral, por sua parte, procurará que a pessoa seja idónea para um cargo de tanta responsabilidade.

5004

12.º O vigário apostólico facultará às Irmãs uma casa decentemente mobilada, dotada do necessário em conformidade com as regras da congregação, que de per si manifesta no seu viver verdadeira simplicidade.

Além disso, entregará anualmente por cada Irmã a soma de 500 (quinhentas) liras em dois pagamentos semestrais adiantados. Com este dinheiro poderão as Irmãs, se tal for o seu desejo, abastecer-se do armazém da missão e, sem ter em conta os gastos de transporte, obter os géneros ao preço a que foram comprados. E terão direito a participar do que produzem os terrenos pertencentes a cada uma das missões.

5005

Para os gastos da viagem acorda-se que, no referente às Irmãs que peça ou envie o vigário apostólico, fica tudo a cargo deste; em troca, tudo fica a cargo da geral a respeito das que ela enviar ou mandar regressar.

A alimentação, roupa, remédios, alojamento, livros, etc. necessários para as alunas negras ficam a cargo do vigário apostólico ou dos pais das mesmas. Diga-se o mesmo quanto aos orfanatos ou hospitais que o vigário apostólico lhes confiasse.

5006

O vigário apostólico proverá com todo o cuidado de maneira que, em cada uma das suas casas, as Irmãs possam observar perfeitamente as suas regras, sem prejuízo das necessidades da missão a que servem, como figura nas constituições da congregação.

Em caso de morte de uma Irmã, far-se-ão gratuitamente os funerais e sufrágios como se fazem aos sacerdotes missionários falecidos, por assim o disporem as rubricas litúrgicas.

N.º 743 (706) - AO CARD. ALEXANDRE FRANCHI
AP Udienze (1878), v. 189, p.1, ff. 72 A-C

N.º 1

Cairo, 4 de Janeiro de 1878

Eminentíssimo Príncipe,

5007

A Sociedade de Colónia para o Resgate e Educação dos Negros, aprovada pela Santa Sé, em apenas doze anos pôs nas minhas mãos mais de 250 000 francos e, com cartas escritas ao Santo Padre, a V. Em.^a e ao Em.^o card. Canossa declarou a sua vontade de atribuir ao Vicariato, *in perpetuo*, a importante soma de dez mil francos anuais *ad fulciendam dignitatem episcopalem*.

5008

Quando em 1872 fui nomeado pró-vigário apostólico, perguntei a mons. Simeoni, hoje em.^o cardeal, se eu podia implorar ao em.^o cardeal-prefeito que fossem feitos cavaleiros por S. S. dois dos mais beneméritos membros daquela sociedade, a qual é composta na sua totalidade por homens verdadeiramente católicos, romanos, papais em estrito sentido; e monsenhor respondeu-me que convinha esperar uns anos, para ver se a dita sociedade continuava com as suas ajudas.

5009

Não ignora V. Em.^a com quanto zelo e constância a Sociedade de Colónia favorece a minha árdua e laboriosa missão. Por isso, como lhe escreveu o Em.^o card. Canossa e como lhe disse eu mesmo de viva voz, suplico da bondade de V. Em.^a que tenha por bem fazer as diligências pertinentes perante o Santo Padre, a fim de que sejam nomeados *Cavaleiros da Ordem Plana* ou *de S. Gregório Papa* os dois membros mais antigos e de maior zelo (depois do presidente) do comité dessa excelentíssima sociedade, de que são conselheiros e co-fundadores, a saber:

5010

1.º O dr. *Martinho Sticker II*, médico municipal da cidade de Colónia e de vários mosteiros, extraordinário orador nos comités, sociedades e congressos católicos da Alemanha, ex-presidente de várias obras católicas, valoroso defensor e propugnador da causa da Santa Sé e campeão do Papado, para além de excelente cristão. É há 22 anos conselheiro da dita sociedade para os negros.

5011

2.º O sr. *José Schnitzler, hauptmeister*, ou seja, director das Escolas Católicas dos Santos Apóstolos de Colónia, que desde há 28 anos está à frente de vários mestres e anualmente de mais de *mil alunos*. Homem muito devoto, exemplar, membro de muitas obras e conselheiro do nosso comité.

5012

O il.mo e rev.mo mons. Baudry, bispo de Aretusa e desde há 32 anos vigário-geral da arquidiocese de Colónia, a quem comuniquei a petição que agora faço a V. Em.^a, aprovou-a com verdadeira satisfação.

5013

Devo referir-me igualmente ao ilustre sr. *Otão Steiner*, marido de uma filha do barão *de Spens* e desde há uns anos vice-presidente do excelentíssimo comité da Sociedade de Maria, de Viena, a qual durante tantos anos sustentou o Vicariato com grandes somas de dinheiro. O em.^o card.-arcebispo de Viena, que é o presidente da mesma, tem em muita estima este senhor, que, desde a época em que eu assumi o governo do Vicariato, fez progredir muito e realçar aquela sociedade, a qual goza da protecção de Sua Majestade Apostólica. É um distinto senhor, funcionário do Ministério do Comércio, excelente católico adepto do Papa e dotado de zelo pelas boas obras. Também para ele imploro a distinção acima mencionada.

5014

Finalmente, o rev.mo *João Crisóstomo Mitterrutzner*, cónego regular lateranense da Ordem de S. Agostinho, doutor em teologia e em *utroque iure* e director do ginásio episcopal de Bressanone, tem angariado grande mérito em relação ao Vicariato, porque entre muitas outras razões:

1.º É o maior conhecedor das coisas africanas e das missões da África Central, com as quais esteve estreitamente vinculado até à criação do Vicariato.

2.º Facultou à África Central no primeiro período da missão o pessoal mais hábil e entusiasta e como membro do comité de Viena forneceu grandes somas de dinheiro, chegando a dar num só ano (1854) mais de 60 000 francos.

5015

3.º Como erudito e distinto poliglota, fez o seguinte em benefício das missões africanas: a) compôs e publicou um rico dicionário em bari e outro em dinca, que são duas das principais línguas da África central; b) traduziu para o bari e o dinca todos os Evangelhos dos domingos e festas do ano, e o Evangelho de S. Lucas. c) publicou um livro de interessantíssimos diálogos nas línguas bari e dinca para uso dos missionários e isso à sua própria custa.

5016

Ora o *rev.mo Mitterrutzner*, que, por sua ciência e erudição eclesiástica, foi eleito pelo *rev.mo mons. Fessler* secretário do Concílio Vaticano, para que o ajudasse na qualidade de secretário privado, continua a favorecer o Vicariato de todas as maneiras como membro do comité de Viena. Por isso, suplico a V. Em.^a que o faça nomear *consultor da S. C. da Propaganda*, assegurando-lhe que sempre que nalgum caso muito difícil, especialmente sobre coisas africanas, seja consultado, ele dará à S. C. respostas carregadas de sabedoria, conhecimento e experiência. Espero, portanto, que, do mesmo modo que ao doutíssimo abade Haneberg, falecido como bispo de Spira, a S. C. nomeou-o consultor para os assuntos orientais, embora residisse em Munique, *Mitterrutzner* seja nomeado consultor da S. C. (da qual *mons. Agnozzi* é secretário).

Inclinando-me a beijar-lhe a sagrada púrpura, tenho a honra de me subscrever

De V. Em.^a Rev.ma
Ob.mo, devot.mo, af.mo filho
† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis e
Vigário apostólico da África Central

N.º 744 (707) - AO CÔNSUL-GERAL AUSTRIACO
ACR, A, c. 15/155

(Cairo), 8 de Janeiro de 1878

Breve bilhete.

N.º 745 (708) - AO CARD. ALEXANDRE FRANCHI

N.º 2

Cairo, 15 de Janeiro de 1878

Eminentíssimo Príncipe,

5017

Mons. Ciurcia entregou-me a sua estimadíssima carta escrita o ano passado, na qual me encarrega de informar a S. C. sobre o andamento da obra que o rei dos Belgas idealizou para a abolição da escravatura e do comércio de negros e para a civilização da África Central. Eu conheço a fundo a obra e as boas intenções de sua majestade, com quem no dia 1 de Novembro passado tive uma conversa de duas horas e estou e estarei sempre em relações epistolares e pessoais com ele.

5018

Conheço igualmente quase todos os comités internacionais que se estabeleceram nas capitais da Europa e da América, porque os seus respectivos presidentes gostam e procuram estabelecer relações comigo; e, além disso, conheço pessoalmente e a fundo todos os chefes das expedições que actualmente se realizam, excepto o chefe da escocesa, que agora (com um pagamento de 300 000 francos anuais) acaba de chegar aos lagos Nyanza, como soube pela boca do ilustre viajante Stanley há quinze dias. Deixando para quando tiver mais tempo dar a V. Em.^a informações pormenorizadas de tudo, por agora limito-me a dizer-lhe que o projecto, as intenções e o objectivo final do rei dos Belgas são excelentes; e confio que mais adiante a religião católica poderá tirar proveito disso, momento que chegará após a inevitável experiência de muitos fracassos que hão-

de sofrer essas expedições, sem a necessária ajuda do catolicismo. Mais ainda, depois de séria reflexão e muito estudo, declaro que me agrada enormemente que um rei católico, ainda que pequeno, tenha feito ouvir a sua voz em favor dos infelizes povos da África Central e nas minhas cartas encorajo sua majestade a perseverar em seu generoso propósito.

5019

Porém, considerando o modo como agora se põe em prática a ideia concebida, as pessoas integrantes de comités e expedições e o falso objectivo final a que normalmente tendem os comités internacionais e os chefes de expedição, estou certo de que não se conseguirá nada para a abolição da escravidão, nem para a civilização europeia. O modo adoptado consiste em fazer expedições e estabelecer estações comerciais e industriais, algo que muito dificilmente levará a cabo em África gente sem fé nem moral, e sem aquela férrea constância que só o missionário católico possui. As pessoas escolhidas são de todas as classes, incluindo um bom número de maçónicos, que confundem a filantropia com a caridade e acabarão mais por corromper que civilizar.

5020

O objectivo final (de muitos membros e chefes, não do rei) é civilizar sem Deus e sem a verdadeira religião e moral. Porém, é impossível levar a autêntica civilização à África Central e abolir a escravidão sem a pregação do Evangelho e sem a fé e o apostolado católico: todo o esforço humano é inútil para obter o verdadeiro efeito. Portanto, enquanto com bons modos e gentis maneiras animo o rei dos Belgas, sempre lhe dou a entender que não se verão bons resultados enquanto não entrarem plenamente no assunto as missões católicas. Estando assim as coisas, considero muito prudente que, por agora, os chefes de missão se não imiscuem em tais empresas e expedições e que, se se deparar a ocasião, se limitem tão-só e de maneira pessoal a praticar a caridade para com os necessitados e os doentes, sempre que estejam dentro dos limites da sua jurisdição.

5021

O rei pretenderia que a ideia católica campeasse no seu plano; mas tendo como certo que, nesse caso, as outras potências recusariam toda a participação, considerou conveniente limitar-se a declarar que o fim é *evangelizar e civilizar*, não *catolicizar* a África Central. Em todo o caso, embora pense que, por agora, as missões católicas não tirem nenhum ou pouco proveito destas expedições científico-comerciais, tão-pouco receberão delas algum dano.

5022

Estes viajantes, exploradores e civilizadores (!?!) chegam à África Central desfeitos pelas fadigas de desastrosas viagens, às vezes cheios de medo, e sempre sem conhecer nem pessoas nem línguas dos países (são mais de cem as línguas faladas no Vicariato); pelo que é para eles uma bênção encontrar no missionário ou na Irmã uma mão amiga que, em caso de necessidade ou de doença, os ajude e conforte. Enquanto o missionário e a Irmã, educados na abnegação de Cristo, sofrem de boa vontade e permanecem firmes no seu posto, o *moderno civilizador*, chegado àquelas terras, tratará por todos os meios, salvo raras excepções, de escapar de lá e voltar para a Europa.

5023

O que de positivo poderá conseguir *hic et nunc* a religião católica é que na Europa aumentará o apreço pelo missionário católico e se reconhecerão os seus verdadeiros méritos, incluindo os mações e os Barrabás, porque começarão a ver que o sacerdócio católico é realmente estimável pelos seus sacrifícios e utilidade na África Central e nas missões estrangeiras. Dos pormenores e resultados da obra do rei dos Belgas, ocupar-me-ei noutra ocasião.

5024

Entretanto, após acrescentar somente que aqui no Cairo os frades, os missionários, os cônsules e os paxás receberam-me com muita deferência e simpatia, transmito-lhe as expressões da mais profunda devoção do meu excelente administrador, P.^e António Squaranti, assim como dos meus missionários e Irmãs e beijo-lhe a sagrada púrpura, declarando-me com todo o respeito

De V. Em.^a Rev.ma
Hum.mo, obed., devot.mo filho
† Daniel Comboni
Bispo e vig. apostólico

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

5025

Cheguei com a minha expedição ao Cairo já no dia 21 de Dezembro passado, de onde pensava partir quanto antes pela rota do Suez e do mar Vermelho e, atravessando o deserto de Suakin, alcançar num só mês Berber. Porém, como em Gidá, por onde devia passar o barco, se tinham verificado alguns casos de cólera, temi uma longa quarentena para mim e a minha numerosa caravana, e, depois de fazer os meus cálculos, decidi tomar a rota do Nilo, cruzar o difícil deserto de Atmur, e, por Abuhammed, chegar a Berber e a Cartum em menos de dois meses.

5026

Portanto, na próxima segunda-feira, dia 21 do corrente, a bordo de uma grande barca *dahhabia* zarparemos do Cairo e, percorrendo as estações da prefeitura apostólica do Alto Egipto, chegaremos em vinte dias à Núbia Inferior; já embarcámos mais de sessenta caixas.

5027

Não posso não lhe manifestar o benévolo acolhimento que me dispensaram mons. Ciurcia e todos os frades e missionários do Egipto, assim como o entusiástico fervor que encontrei junto dos cônsules-gerais da Áustria, França, Inglaterra e Bélgica e, sobretudo, junto dos ministros e paxás e junto de Sua Alteza o príncipe herdeiro, que é o Ministro do Interior do Egipto, o qual me deu dois *poderosíssimos decretos* assinados por ele: um para S. E. Gordon Paxá, governador-geral das possessões egípcias no Sudão, as quais ocupam um território *cinco vezes mais extenso que a França*, e o outro para todos os paxás, mudires e governadores que se encontram desde o Cairo até às nascentes do Nilo, nos quais o príncipe ordena em nome do quedge que se protejam as missões católicas e que se me preste assistência em todas as minhas necessidades e desejos.

5028

Mas a recepção mais benévola de todas recebi-a de Sua Alteza o *quedge* do Egipto, o qual teve a bondade de me conceder uma audiência de *uma hora e meia*, na qual me fez muitas perguntas sobre muitos assuntos da África Central, sobre vários governadores e sobre Gordon Paxá, declarando-me francamente que a minha opinião e conselho lhe *seriam preciosos, como saídos* (são suas as palavras) *da sua boca, cheia de verdade e de sabedoria*.

5029

São expressões de um príncipe muçulmano, de um turco. Depois o quedge falou-me com sumo respeito e reconhecimento do Santo Padre, dizendo-me que estava muito «agradecido a Sua Santidade pelas palavras saídas dos seus veneráveis lábios em favor dos Turcos e criticando os Russos». Acrescentou que perante o mundo inteiro a palavra e o juízo de Sua Santidade tinham «o máximo valor, por procederem da pessoa mais venerável do universo» e, portanto, ele julgava-se no dever de proteger e fazer quanto pudesse em favor das igrejas e missões católicas. E terminou agradecendo-me os meus sentimentos e zelo em procurar o bem e a civilização da África Central.

5030

E às atenções de que me fez objecto Sua Alteza o príncipe herdeiro juntaram-se as do ministro de Guerra, Stone Paxá, o qual me convidou para um solene banquete que deu em honra do ilustre *Mr. Stanley*, um dos maiores viajantes da África Central, o primeiro a descobrir o curso do imenso rio Congo e que desde as nascentes do Nilo, pelo Tanganica e o rio Congo, veio sair ao oceano Atlântico. Tal empresa, além de beneficiar o meu Vicariato, poderá ser utilíssima para os padres do Espírito Santo e do S. C. de Maria, que, da sua Prefeitura do Congo, terão a possibilidade de avançar muito para o interior, com grande vantagem das almas.

5031

O ilustre Stanley (que é anglicano da América) facultou-me oportunas instruções para chegar às nascentes do Nilo e estabelecer aí uma missão católica e deu-me uma recomendação para o rei Mutesa, que diz ser um perfeito cavalheiro e poderosíssimo e que tem affecto aos cristãos. Por amor à brevidade, só lhe conto uma anedota que me contou o ilustre viajante.

5032

Os maometanos, que tinham penetrado aí havia muitos anos, depois de muito trabalho, tinham induzido o rei a celebrar a sexta-feira dos muçulmanos. Chegado àquelas terras, Mr. Stanley falou-lhe elogiosamente da religião cristã e disse-lhe que Cristo foi quem elevou a dignidade da mulher, libertando-a da ignomínia em

que a tinham os bárbaros e os muçulmanos. O rei ficou muito admirado disso e pediu-lhe que lhe explicasse o que era a religião católica e em que consistia.

5033

Stanley disse-lhe então que a religião cristã tinha onze mandamentos... E depois de lhe explicar os dez, ou seja, o decálogo, passou ao décimo primeiro que consiste em obedecer e respeitar o rei, como soberano e pai (a seu tempo, nós explicaremos ao rei que este entra no quarto mandamento); quer dizer, os súbditos devem tratar o rei como pai e ele deve tratá-los a eles como filhos. Admirado o rei de tão boas doutrinas, rogou a Stanley que pusesse por escrito *os onze mandamentos da lei de Deus*, coisa que o explorador fez. E o rei, depois de os ter estudado e examinado, declarou que a religião cristã era muito melhor que a muçulmana e determinou estabelecer desde então a observância do domingo no seu reino (que fica no equador e dentro dos limites do Vicariato); de modo que o rei Mutesa celebra a festa da sexta-feira como os seguidores de Maomé, e a do domingo com a dos cristãos (!!!)

5034

O meu excelente administrador, P.^e António Squaranti, e os meus missionários e Irmãs beijam-lhe a sagrada púrpura, enquanto com toda a veneração e respeito eu me honro de me lançar a seus pés e de me declarar

De V. Em.^a Rev.ma e devot.mo filho
† Daniel Comboni
Bispo e vigário apostólico da África Central

N.º 747 (710) - AO CARD. ALEXANDRE FRANCHI
AP SC Afr. C. v. 8, ff. 734-737

Cairo, 19 de Janeiro de 1878

Os textos n.ºs 745 e 746 estão apagados nesta carta.

N.º 748 (711) - A Mgr. JEAN FRANÇOIS DES GARETS
APFL, Afrique Centrale, 111

J. M. J.

Cairo, 19 de Janeiro de 1878

Senhor presidente,

5035

Acuso a recepção das suas estimáveis cartas de 6 de Novembro e de 28 de Dezembro do ano passado, assim como as respectivas letras de câmbio (a primeira de 12 000 fr. e a segunda de 10 000 fr.) pelas quais lhe estou infinitamente grato.

5036

Quanto aos quadros estatísticos que lhe devo enviar para a próxima repartição, torna-se-me um pouco problemático fazê-los, já que não terei notícias exactas de tudo o que chegou para mim ao Vicariato e à minha residência. Por isso peço-lhe que para o presente ano se baseie nos dados do ano passado, com as indicações que lhe dei a si e ao secretário do conselho de Paris. A semana próxima, ou seja, depois de amanhã, segunda-feira, dia 21, partirei com a minha caravana do Cairo subindo o curso do Nilo e em fins de Fevereiro entraremos no deserto.

5037

Suplico aos dois conselhos que me seja concedida este ano uma grande ajuda. As viagens, as expedições, os víveres, etc. custam mais que nos anos anteriores. Além disso, desde o passado Setembro, o antigo superior da missão de Gebel Nuba, P.^e Luís Bonomi, pôs a mesma de novo em andamento. Acresce que estou decidido a fundar uma boa missão nos lagos equatoriais Nyanza e para este fim falei muito com o célebre viajante Stanley, que conhece bem o país.

Na esperança de lhe escrever dentro de duas semanas, declaro-me nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria

Seu Dev.mo † Daniel Comboni
Vigário apostólico da África Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 749 (712) - A UM BISPO
AP SC Afr. C., v. 8, f. 601

J. M. J.

Cairo, 19 de Janeiro de 1878

Excelência rev.ma,

5038

Antes de abandonar a capital do Egípto, dirijo-me ao senhor para rogar da sua exímia bondade que entregue sempre no meu banco, o dos senhores *Brown e Filho*, na Via Condotti, as somas de dinheiro que através da

S. C. da Propaganda me forem atribuídas quer da Áustria quer de outra parte.

5039

A respeito da soma que eu devia depositar para os meus quatro alunos na S. C., autorizei o banco *Brown* a pagar tudo o que for por si requerido:

A partir de agora o meu endereço será o seguinte:

A... Comboni
Bispo e vig. ap. da Afr. Central
C/ Egípto – Cartum (Núbia Superior)

5040

Agradecendo-lhe de coração pela grande bondade que teve comigo em todas as circunstâncias, suplico-lhe que me encomende ao Senhor juntamente com o meu Vicariato, a fim de que possamos acabar com o reinado de Satanás nesses países e implantar aí o estandarte de Cristo. Nós rezamos todos os dias pela S. C. e seus membros e por si.

Nos Sagdos. Corações de J. e M. declaro-me com todo o respeito

De V. E. Rev.ma
Hum.mo, obed.mo servo
† Daniel Comboni, Bispo e vig. ap.

N.º 750 (713) - A UM MINUTADOR DA PROPAGANDA FIDE
AP SC Afr. C., v. 8, f. 599

N.º 1

Cairo, 19 de Janeiro de 1878

Meu venerado irmão,

5041

Ao agradecer-lhe de coração as fadigas e os esforços suportados pelas missões do centro da África (porque os nossos venerados e capazes minutadores [*] da Propaganda são verdadeiros apóstolos e têm no peito um coração apostólico), escrevo-lhe duas linhas pelos motivos seguintes:

5042

1.º Encomendar à sua bondade os três títulos de cavaleiros, sobre os quais escrevi a Sua Eminência, assim como a nomeação de consultor para o incomparável Mitterutzner (antigo companheiro no professorado dos ilustres bispos de Bressanone e de Linz e de mons. Fessler, três pérolas do episcopado).

5043

2.º Solicitar a renovação das minhas faculdades ordinárias e extraordinárias, avisando o competente mons. Cretoni que as redija todas numa folha e, se for possível, com validade para mais de um quinquênio.

5044

3.º Rogar que, por razão da concessão dos títulos de cavaleiros aos dois de Colónia se escreva uma gentil carta ao presidente daquela sociedade, G. H. Nöcker Pfarrer, am St. *Jacob in Colonia*, agradecendo à mesma pelo seu zelo, aceitando a generosa oferta de *dez mil francos anuais* que me concedeu e animando-a a multiplicar o seu interesse pela África Central. É um facto que desde 1872 essa sociedade não recebeu nem uma linha da S. C., se bem que, por ser constituída por homens verdadeiramente bons, trabalhe de todas as maneiras, sem outro objectivo que não seja a eterna recompensa.

A direcção que a S. C. deve ter de mim a partir de agora é a seguinte:

A... Comboni
Bispo e vig. ap. da Afr. Central
C/ Egipto – *Cartum* (Núbia Superior)

5045

Além disso, se no futuro chegar à Propaganda dinheiro para mim ou para o Vicariato, monsenhor poderá depositá-lo no meu banco de Roma, o que os senhores *Brown e Filho* têm aberto na *Via Condotti*.

Rogo-lhe que saúde da minha parte os monsenhores Cretoni, Rinaldini, Turrone, Pieratozzi e a todos os minutadores, etc., e que reze a Deus pela Nigricia e por mim.

5046

Depois de amanhã, parto pela rota do Nilo. Estão embarcadas 110 caixas. Vamos fazer a guerra a Satanás e expulsá-lo da África Central: Jesus e a Igreja estão connosco. *Vale et fave*.

Seu af.mo
† Daniel bispo

[*] *Funcionários dos órgãos da Cúria, encarregados então das minutas dos breves.*

N.º 751 (1166) - À PROPAGAÇÃO DA FÉ DE LIÃO
«*Les Missions Catholiques*» 453 (1878), p. 67

Cairo, 19 de Janeiro de 1878

5047

A nossa caravana está preparada: depois de amanhã partiremos numa grande barca para Assuão.

Após cinco meses, voltou a abrir-se a missão de Gebel Nuba, à frente da qual ficou P.º Luís Bonomi, seu antigo superior. Mas sobre isto e sobre muitas outras coisas escrever-lhe-ei da minha embarcação quando subir o Nilo. Também lhe falarei das minhas conversas com o famoso viajante Stanley, que visitou os Nyanza e descobriu todo o curso do grande rio Congo.

† Daniel Comboni

Original francês
Tradução do italiano

N.º 752 (714) - A MONS. JOÃO ZONGHI
ACR, A, c. 15/147

J. M. J.

Cairo, 21 de Janeiro de 1878

Dulcissime rerum,

5048

Nas poucas horas que estive em Roma, na minha passagem por lá em Dezembro último, fui visitar o senhor com vontade de o abraçar e ao mesmo tempo de lhe entregar a petição junta, que é (fique isto entre nós) da irmã de P.^e Vicente Rossetti, secretário do Cardeal de Canossa, que ma recomendou encarecidamente, porque a numerosa família da sua irmã, à qual ele dedica todos os suores, se encontra em grave necessidade e passa fome. Eu rogo ao senhor que faça quanto possa a esse respeito perante o monsenhor e Sua Santidade.

5049

Escrever-lhe-ei frequentemente de África. Hoje estou ocupadíssimo, porque amanhã, numa grande embarcação, parto do Cairo pelo Nilo com um bom grupo; e espero chegar num mês ao grande deserto. Escrever-lhe-ei acerca de muitas coisas, assim como sobre a minha conversa com o quevide, que pôs Sua Santidade nas nuvens, e sobre a minha árdua empresa, as suas esperanças e resultados.

5050

Mas antes permita-me exprimir-lhe os meus sentimentos de profunda e eterna gratidão por quanto fez em meu favor, e pela sincera e santa amizade que me concedeu e que eu conservarei como algo entranhado e de inestimável favor até ao fim dos meus dias. Levo comigo, com grande respeito e veneração, os objectos que por meio de si me ofereceu o Santo Padre e que constituem uma glória do meu Vicariato; e tenho disposto no meu testamento que, depois da minha morte, tais objectos passem só para as mãos e para o único e exclusivo uso do bispo e vicário apostólico da África Central, que deverá utilizá-los somente nas grandes solenidades. Muito obrigado ao Santo Padre e a si.

5051

Sua Santidade enterrou também Vítor Manuel. Leio nos jornais do Egipto que não só mons. Sacrista esteve à cabeceira do rei moribundo, mas também mons. Cenni. Ah, que grande caridade do Santo Padre!

Rogo-lhe transmita os meus respeitosos cumprimentos aos monsenhores Cenni, Macchi, Ricci e De Bisogno e ao reitor do Colégio Capranica, etc., e reze por

Seu af.mo amigo
† Daniel bispo e
Vigário apostólico da A. C.

N.º 753 (715) - AO CÓNEGO JOÃO C. MITTERRUTZNER
ACR, A, c. 15/78

J. M. J

Cairo, 26 de Janeiro de 1878

Dulcissime rerum,

5052

Desculpe-me pelo meu involuntário silêncio. Esta noite, numa grande *dahhabia*, sairemos do Cairo P.^e Squaranti, administrador-geral da obra; P.^e Baptista Fraccaro; P.^e Salvador Piazza e eu, com cinco Pias Mães da Nigricia e com mais nove leigos e experimentados artesãos, em direcção a Assuão, Korosko, Berber e Cartum. Escrever-lhe-ei muito durante a navegação; agora tenho um grande cansaço, porque é preciso tempo e trabalho para reunir uma caravana de mais de *cem* camelos.

5053

As notícias de Berber, Cartum, o Cordofão e Gebel Nuba (onde está o antigo superior P.^e Bonomi) são boas, se se exceptuar o facto de que P.^e Policarpo, que é algo intrigante, insubordinado e mandão, aprecia os copos e comporta-se mais como um soldadinho que como um bom padre. Porém, com paciência e caridade e com um travão (vou tê-lo comigo muito tempo), espero que se converterá num bom missionário e num bom zuavo.

5054

Entretanto, reze por ele. Vai dizendo por aí que tem influência sobre os benfeitores da Alemanha e que, se ele quiser, com uma só palavra sua detém todas as obras de África; lança a ameaça (e mandou-o dizer a Gordon Paxá) de que se não se termina com a escravatura, ele arma os negros contra os Governo egípcio; bebe como um cossaco; quereria que eu mandasse embora todas as Irmãs, etc., etc. E mete-se em tudo e escreve (mas eu não lhe ligo, pois é um fanfarrão) que é seu dever informar a Propaganda das coisas da missão, etc., etc. Mas a tudo se porá remédio com paciência e prudência.

5055

Aqui no Cairo receberam-me muito bem todos os paxás e o nosso excelente cônsul-geral Schäffer. Mas quem me dispensou melhor acolhimento foi o quédive, com o qual tive uma longa conferência de mais de uma hora e que fez com que o príncipe herdeiro me desse dois *decretos* para recomendar a expedição a todos os paxás e mudires desde o Cairo até ao equador. Em resumo, que todos rezem por nós; eu confio nos dulcíssimos Corações de Jesus e Maria que desta vez faremos uma boa guerra ao demónio e implantaremos a cruz em muitos lugares.

5056

Do barco escrever-lhe-ei outras coisas da suma glória de Deus. As obras divinas têm que ter cruces, porque todas nascem ao pé do Calvário. Eu encontro-me disposto a suportar tudo e a ser peripsema.... pela sua glória: mas a África deve salvar-se. Estou muito contente de ter comigo P.^e Squaranti, que além de ser um administrador muito poupado, aconselha que nem um anjo. Diz ele que tendo P.^e Policarpo vigiado e sob controlo, poderemos tirar proveito dele e fazer dele um bom missionário.

5057

Desejo ter notícias de S. A. Rev.ma e de si. Escreva-me para Korosko (Núbia Inferior) ou para Berber (Núbia Superior). Entretanto, rogando-lhe que saúde da minha parte todos os do seu convento e do *Schloss* palácio de S. A. Rev.ma, subscrevo-me com eterno reconhecimento

Seu af.mo amigo
† Daniel bispo

N.º 754 (716) - A MONS. LUÍS CIURCIA
AVAE, c. 23

J. M. J.

Cairo, instituto dos negros
29 de Janeiro de 1878

Excelência rev.ma,

5058

Finalmente, esta manhã, antes do meio dia, partirei do Cairo com a minha caravana sobre uma *dahhabia* em direcção a Assuão. No deserto de Atmur precisarei de *cem camelos*, e espero chegar em dois meses a Cartum. Ao despedir-me de V. E. Rev.ma, renovo-lhe os meus sentimentos de eterna gratidão por ter prestado tão grande ajuda à minha árdua e laboriosa obra e recomendo-lhe calorosamente os meus dois pequenos estabelecimentos do Cairo e, em geral, todas as minhas coisas do Egipto, como se fossem interesses seus, porque o senhor é para nós um verdadeiro pai.

5059

Estou muito agradecido à bondade do excelente P.^e guardião do Cairo por ter aqui como confessor das minhas Irmãs o competentíssimo P.^e Jesualdo: é esta uma grande sorte que desejo que continue por muito tempo.

Graças à extraordinária bondade e gentileza do I. R. agente diplomático e cônsul-geral, o cab. Schäffer, consegui dois *decretos* do Governo egípcio e tive uma conversação de quase uma hora e meia com S. A. o quédive, que demonstrou apreciar a obra católica no Sudão e me ofereceu generosa protecção.

5060

Recomendo-me à sua bondade e às suas orações e rogo-lhe que se faça intérprete dos meus sentimentos de gratidão, apresentando os meus respeitos ao S. R. cônsul De-Franceschi e saudando da minha parte o rev.mo P.^e Elias, o P.^e secretário, o P.^e guardião de Alexandria, o venerável P.^e Ventura e todos os frades. Peço-lhe igualmente que tenha por bem aceitar as saudações de P.^e António Squaranti, meu administrador, os dos meus missionários e irmãos colaboradores e das minhas Irmãs (lamento não lhe ter apresentado em Alexandria as cinco Pias Madres da Nigrícia do meu instituto de Verona; mas eu pensava que, como de costume, V. E. viria este Inverno ao Cairo). Entretanto, pedindo a sua santa bênção, com todo o coração me declaro

De V. E. Rev.ma af.mo filho

N.º 755 (717) - CARTA PASTORAL AO VICARIATO
ACR, A, c. 18/10

Schellal, 1 de Março de 1878

DANIEL COMBONI
POR GRAÇA DE DEUS E DA SANTA SÉ APOST.
BISPO DE CLAUDIÓPOLIS *IN PARTIBUS INFIDELIUM*
E VIGÁRIO APOSTÓLICO DA ÁFRICA CENTRAL

5061

Aos nossos filhos dilectísimos, veneráveis sacerdotes missionários e fiéis de todos os ritos do nosso vicariato, saúde e bênção.

Oh, que terrível desgraça afligiu recentemente o orbe católico! A que dura prova quis Deus submeter a Santa Igreja! O seu augusto chefe, o estrénuo defensor dos seus direitos sacrossantos, o piloto experimentado, o infatigável apóstolo, o Pontífice da Imaculada e da infalibilidade, o santo, o angélico Pio IX, já não existe.

5062

Depois do mais longo e, ao mesmo tempo, tormentoso mas também mais glorioso pontificado, na tarde do dia 7 de Fevereiro, entre as lágrimas dos em.os príncipes da Igreja reunidos em volta do seu leito e entre as lamentações de todos os bons, entregava a sua alma a Deus. A gravidade de tão enorme perda pode-se sentir bem, mas não descrever.

5063

O nosso coração foi atingido nas suas mais íntimas fibras e estou certo que vós, caríssimos filhos, tereis experimentado igual dor. E realmente, como se pode pensar em Pio IX sem deplorar a sua perda? Ele, cheio de tantas virtudes, grande como os Gregórios e os Leões, ele, a admiração do mundo, a gala da cátedra de Pedro, o palpitar de todos os corações, ele, o terror dos inimigos de Cristo, ser assim arrebatado à Igreja nestes tempos lutosos! Mas, adorados sejam os arcanos desígnios de Deus! E nós, baixando a cabeça perante as suas divinas disposições e, no meio de tanto luto universal, confortemo-nos com a ideia de que não quis deixar muito tempo viúva de seu chefe a sagrada esposa!

5064

No dia 20 de Fevereiro último, os em.os purpurados reunidos nas salas do Vaticano elevaram ao trono pontifício o Em.º Cardeal Joaquim Pecci, arcebispo-bispo de Perugia, que tomou o nome de *Leão XIII*. Pelo que, enquanto damos vivas graças ao Altíssimo pela concessão de um digno sucessor do saudoso Pio IX, ordenamos que, a partir de agora, na celebração da santa missa se incluam, segundo as normas dos sagrados ritos, as Colectas 4.^a e 10.^a, isto é, *Pro Papa*, e *Contra Persecutores Ecclesiae*, a fim de que a infinita bondade de Deus se digne suste e defender o novo supremo jerarca e a Igreja dos assaltos e insídias das potências do abismo e volte a trazer a verdadeira paz a todo o universo.

5065

Além disso, estando iminente o tempo quaresmal, valendo-nos das amplíssimas faculdades que nos outorgou a S. Sé Apostólica, determinamos que todos os fiéis do nosso Vicariato se abstenham de carne e jejuem só às sextas-feiras da Quaresma, na véspera de S. José e nos três dias da Semana Santa, advertindo que apenas Sexta-Feira Santa é de estrita abstinência, e que não se deverá comer carne e peixe numa mesma refeição durante toda a Quaresma.

5066

Concedemos também que se possa comer carne todos os sábados do ano, cujo começo fixamos no dia de hoje e o seu termo no último sábado anterior à Quaresma do próximo ano.

Agradecidos à Santa Igreja por tanta indulgência, correspondamos com outras obras de mortificação e penitência e, sobretudo, acerquemo-nos dos ss.mos sacramentos para cumprir o preceito pascal entre o primeiro domingo da Quaresma e a Festa da SS.ma Trindade. Igualmente ordenamos que todas as sextas-feiras e domingos de Quaresma, nas igrejas, meia hora antes do *maghreb [ocaso]*, se exponha o SS.mo Sacramento e se rezem as orações que para o efeito estabelecemos. Exortando-vos com todo o fervor a que vos mantenhais firmes na fé, damo-vos a nossa pastoral bênção.

Dado em nossa casa de Schellal, a 1 de Março de 1878.

(L. S.)

† Daniel bispo e vigário apostólico

N.º 756 (718) - A ESTRELA GRIGOLINI
AFGV

J. M. J.

Assuão (Alto Egipto), 3 de Março de 1878

Minha estimada sr.^a Estrela,

5067

Só ontem, à chegada a esta última cidade do Egipto, soube que o Senhor fez uma grande visita à sua família, a qual me é tão querida. P.^e Squaranti estava informado disso já no Cairo, um mês antes; mas conhecendo-me bem, também guardou silêncio para comigo. Quando eu o soube, a Ir. Teresa ainda não estava ao corrente do sucedido. De facto, na viagem pelo Nilo, várias vezes se lamentou de que, enquanto tinha recebido carta de meu pai e do instituto de Verona, não lhe tinha chegado nem uma linha da sua família.

5068

P.^e António deu-me a notícia ontem às dez da manhã. À uma, não queria ir comer, porque era demasiado grande a minha dor e temia que a Ir. Teresa, que se sentava à minha direita à mesa no barco, me leria a expressão na cara. Por fim, a instâncias de P.^e António, fui e tratei por todos os meios mostrar-me desenvolto. Foi impossível e a Ir. Teresa leu no meu rosto, embora tenha aparentado despreocupação. Mas, apenas terminada a acção de graças, correu ao quarto de P.^e António e pediu-lhe que falasse claro. Ouvindo-a suspirar, eu também lá fui. Ela dizia-nos: «Mas digam-me a verdade, que eu ficarei serena e resignada: meu pai... morreu?»

5069

P.^e António e eu, petrificados, com um aperto que nos impedia de proferir palavra, derramámos abundantes lágrimas; e só ao cabo de uns dez minutos pôde sair dos nossos lábios *sim*. Mas que sofrimento... Eu sabia que a sua família era a mais feliz do mundo, que até então Teresa não tinha conhecido o que é a morte de um ser querido: nunca tinha perdido ninguém da sua família. E então pude medir toda a amplitude da sua dor. Ela amava seu pai com um amor terno, já que nunca tinha deixado passar um dia sem falar dele, como fala diariamente da sua mãe, dos seus irmãos, irmãs e do seu tio.

5070

Porém, fiquei assombrado com o heroísmo desta sua filha, que também é minha. Uma filha incomparável, *uma verdadeira santa* e um dos meus maiores confortos na minha espinhosíssima carreira apostólica! Apenas saído aquele «*sim*» dos meus lábios ela caiu de joelhos e com os braços abertos para o céu e diante de nós exclamou: «Meu Jesus, Coração do meu Jesus, Maria Imaculada, S. José, a Vós ofereço com toda a alma e coração o meu querido pai: acolhei-o no Céu, eu vo-lo ofereço. Faça-se a vossa santíssima vontade, etc.; mas dai-lhe o paraíso, onde espero ir ter com ele quando vos aprouver. E concedei-me a graça, meu Jesus, de proteger, confortar e defender a minha querida mãe e a minha família: encomendo-vos o meu pai, a minha mãe, a minha família. Ponho no Coração de Jesus a minha mamã e a minha família: faça-se sempre a Vossa vontade, meu Deus. A cruz é grande, extraordinária; mas vós carregaste-la por mim: sede bendito para sempre. Ó pai já não te verei mais na Terra, mas ver-te-ei certamente no Céu. Roga por mim, pela mamã, pela nossa família...», etc., etc.

5071

Esteve mais de um quarto de hora assim, ajoelhada diante de Deus e de nós; as palavras que lhe saíam eram palavras da mais sublime santidade e religião. Quase nunca vi uma filha com tanta ternura e amor para com os seus pais e nunca conheci uma mulher tão forte, tão generosa, tão nobre, tão cristã. É bem digna da alta missão e empresa a que Deus a chamou! Mas se devo sentir orgulho por uma filha tão excepcional, tão santa, devo senti-lo também por aqueles que a formaram em tanta perfeição e santidade: devo orgulhar-me de si, sr.^a Estrela e do meu caro Lourenço que instilaram e fizeram nascer no coração desta incomparável filha tão alto grau de piedade, fervor, zelo, candura e generosidade; que a formaram de tal modo que se pode comparar às sublimes mulheres do Evangelho, que acompanhavam e serviam os Apóstolos na sua pregação.

5072

A Ir. Teresa é uma pérola, digna de si e do sr. Lourenço e merecedora de se comparar com as Lucinas e as Petronilas e com as mulheres do Evangelho. Por isso, estou certo que o pai que educou e criou uma filha como esta se encontra agora no Paraíso, a gozar o prémio pelas suas virtudes, a sua fé e a sua distinta religiosidade. Numa palavra, o sr. Lourenço, cuja profunda fé, virtudes e adesão à Igreja e a Pio IX eram conhecidas de todos, está no Céu e no muito alto lugar de glória, donde roga por si, pela Ir. Teresa e pela família. E na hipótese de um anjo perguntar se estaria disposto a voltar à Terra para desfrutar de mais cem anos mais de vida, ele responderia com um «*não*» rotundo, porque lá goza-se de Deus e porque do céu é mais útil à sua família que na Terra, se vivesse.

5073

Portanto, depois de ter rendido o seu tributo de dor e lágrimas ao seu incomparável marido (acto muito sagrado, devido e louvável, ao serem as lágrimas a expressão santa do perfeito amor desejado por Deus nos filhos e na esposa), a senhora deve estar alegre, tranquila e contente, porque o seu querido Lourenço está no Paraíso a gozar do prémio pela vida de verdadeiro cristão que levou e do Céu encontra-se em melhor situação de proteger a sua família do que cá em baixo e de a ajudar a continuar santamente nesta terrena peregrinação, para depois se reunirem com ele quando o Senhor quiser.

5074

E o que lhe digo a si digo-o também a seus filhos e filhas, a P.^e Luís (a quem escreverei logo que dispoña de tempo) e ao meu caro sr. Francisco, digno irmão do sr. Lourenço e verdadeiro pai de todos. Sim, a senhora deve estar alegre, resignada e contente. Da Ir. Teresa ocupo-me eu; ela será um dos seus maiores confortos. Deus ama com predilecção a família Grigolini, porque é uma família verdadeiramente cristã, cheia de espírito do Senhor e de firme e inquebrantável fé e religiosidade. Que Deus ama esta querida família, demonstrou-o chamando a si o sr. Lourenço, tão bom pai, bom esposo, bom irmão, bom cristão... Amou o Eterno Pai o seu divino filho? Amou-o com um amor infinito e por isso quis que morresse no tormento da cruz.

5075

Jesus Cristo amava a sua Santíssima Mãe; contudo, ainda que Mãe de Deus, quis que fosse a Rainha dos Mártires. Jesus Cristo ama a Sua Igreja imaculada, sua esposa; contudo, permite que fique atribulada até ao fim do mundo, quis que nadasse no sangue dos mártires e agora afligiu-a com a morte de Pio IX. Os santos tiveram toda a espécie de sofrimentos: até se pode medir a grandeza e elevação da sua santidade pelo tamanho e quantidade das cruces e dores que suportaram. Que é que não sofreu Santa Isabel Rainha, que, depois de ter provado as delícias do trono, se viu abandonada e pedindo esmola com seus filhos, etc.? E é que Deus dá cruces aos que muito ama, aos seus predilectos! Por isso, afirmo que Deus ama a sua família, porque lhe mandou uma enorme cruz, arrebatando-lhe o sr. Lourenço. Posto que tal foi a vontade do Senhor, a senhora deve armar-se de valor e pensar que Deus a ama. Conforte-se, tenha coragem, pois! E tenha também coragem o resto da família, como faz a sua querida filha Teresa.

5076

De facto, depois de um quarto de hora levantou-se e retirou-se para o seu quarto, onde encontrou as Irmãs que, tristes, se puseram a beijá-la e a banhá-la com as suas lágrimas. Eu mantive-me a seu lado e deixei-a chorar durante algumas horas. Mas depois expus-lhe as verdades ditas antes e outras, que quem não tem fé não compreende, mas que Teresa compreendeu bem. Estivemos juntos toda a tarde, até às dez, altura em que me retirei para o meu quarto. Ela passou a noite em parte a chorar, em parte a dormir, e na manhã seguinte assistiu a todas as missas que no barco celebrámos em sufrágio do sr. Lourenço, por quem todas as Irmãs ofereceram a sua comunhão. O dia de ontem passou-o um pouco entre prantos, orações e trabalho, quase sem deixar de falar do sr. Lourenço, de si e da família.

5077

Esta noite, Teresa dormiu e descansou; agora encontra-se muito aliviada e espero que se recomporá rapidamente, sobretudo rezando por ele e por si. Além disso, está rodeada dum clima de paz espiritual: as Irmãs estimam-na e respeitam-na como a uma mãe. Desde o dia em que saiu de Verona até hoje (e eu estive sempre com elas), entre as cinco filhas tem reinado uma harmonia celestial: nunca vi uma nuvem entre elas. Amam-se mais do que se fossem irmãs de sangue, ajudam-se mutuamente e o que agrada a uma agrada às outras. Além disso, a vontade de Teresa é a vontade de todas, os seus interesses os interesses de Deus e todos os dias ouço o nome de si.

5078

Teresa é uma verdadeira filha. Constitui o meu consolo e o do meu caro P.^e Squaranti; e todos, animados de um mesmo espírito, não desejamos mais que salvar almas e cumprir com o nosso dever. Nós não mudamos a nossa condição por uma coroa, por um trono: somos mais felizes que reis; e, preparados para sofrer

tudo e morrer por Cristo, os dias passam com a velocidade de um raio. Amanhã entraremos na Núbia, ou seja, no princípio dela. Aí começa também o meu Vicariato, que é a diocese e a missão maior e mais povoada do universo, porque contém *cem milhões* de infiéis e supera a extensão da Europa.

5079

Queria escrever a D. Luís (que deve ser um bela alma, com uma mente recta, como vejo pelos sentimentos que expressa a sua irmã) e ao meu querido sr. Francisco; mas vejo-me no meio de imensas coisas para fazer, devido à descarga de duas grandes embarcações e pelas cartas que tenho que escrever para muitas partes da Europa e do mundo. Entretanto, todos estes dias celebrámos a missa pelo querido sr. Lourenço, a quem sentimos como alguém nosso, entre outros motivos porque nos deu uma digna e querida filha sua para guiar ao Céu. Porém... bem entendido, sr.^a Estrela, nós não vamos sozinhos para o Céu, mas levaremos atrás de nós uma procissão de almas salvas da boca do Inferno; pelo que, quando formos para lá, os missionários e as Irmãs, S. Pedro terá que abrir de par em par as portas do Paraíso. Assim o esperamos, depois de o Senhor nos ter concedido a graça de sofrer e padecer muito por Ele.

Muitas saudações a cada um dos membros da sua família, a Francisco, à sua esposa e naturalmente ao meu querido arcebispo Gazzolato, da parte de quem abençoando-os a todos de coração, nos Sagdos. Corações de Jesus e Maria será sempre

Seu af.mo no Senhor
† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário ap. da África Central

N.º 757 (719) - A Mme. ANA H. DE VILLENEUVE
AFV, Versailles

J. M. J

Korosko, Núbia Inferior
13 de Março de 1878

Venerabilíssima senhora,

5080

Há muito que não recebo as suas apreciadas notícias, como tão-pouco as dos caros esposos. Há 45 dias que saí do Cairo com uma grande expedição. A viagem no barco tem sido muito fadigosa e agora encontro-me aqui à entrada do grande deserto de Atmur. Preciso pelo menos de cem camelos, mas apenas se encontram uns poucos, e, por cima, esfomeados e cansados, porque este ano não caiu gota de água e durante este tempo o Nilo foi muito abaixo, de modo que há carestia e os camelos morrem de fome.

5081

Preciso ainda de mês e meio para chegar à minha residência, a de Cartum. Além disso, para levar a carga correspondente a vinte camelos faltam quarenta deles, porque agora suportam menos peso e, de quarenta, morrem dez. E por cima só se consegue um pequeno número de camelos. Portanto sou o homem do mundo em maiores apuros: dupla fadiga, duplo gasto, duplo prejuízo e dupla incerteza. Escrevo-lhe debaixo de uma grande árvore (acácia) que actualmente é o meu palácio. A dez passos do meu baú, que me serve de escritório, há 45 graus de calor e estamos só em meados de Março. Que fazer? Eis a nossa situação.

5082

Os meus missionários, as minhas cinco Irmãs Pias Madres da Nigricia (que são verdadeiros anjos), os meus artesãos e eu somos os mais felizes da Terra, porque estamos nas mãos de Deus, de Maria e do bom S. José. Nós sofremos por Jesus, após confiar tudo à divina Providência. E que doce é sofrer por Jesus e pelas almas que devemos ganhar para Cristo.

No meu estado actual, a senhora vem-me amiúde à mente, porque suportou muitas provas com uma resignação e uma fé heróicas, o que lhe fez merecer diante de Deus o grande conforto que Ele lhe concedeu.

5083

Escreva-me para Cartum (Sudão egípcio), falando-me de si, de Augusto e da sua cara esposa, da sua irmã, da sua mãe e da sua sobrinha Bretonne. Nós nunca deixámos de rezar por todos eles. Ah, que boas recordações de Prat-en-Raz, de Quimper! Fico por aqui. Escrever-lhe-ei de Cartum. Com as Irmãs e os outros parto para o grande deserto. Metade da caravana passa pelo caminho do reino de Dôngola.

Mil vezes todo seu

Original francês
Tradução do italiano

N.º 758 (1169) - A P.^e BARTOLOMEU ROLLERI
«*Les Missions Catholiques*» 463 (1878), p.184

Berber, 31 de Março de 1878

Breves notícias dadas por Comboni.

N.º 759 (720) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 627-629

N.º 2

Cartum, 24 de Abril de 1878

Em.mo e Rev.mo Príncipe,

5084

Ainda me encontro impedido de lhe poder fornecer um quadro da situação do Vicariato, como lhe prometi na última carta, a n.º 1, escrita de Berber. Estou ocupadíssimo a organizar as coisas e a dispô-las para um futuro próspero, apesar das graves dificuldades sobrevindas excepcionalmente este ano pela escassez de víveres e de água e pelo insólito calor que, à sombra, em casa, supera os 40 graus, do mesmo modo que no deserto, ao sol, tivemos quase todos os dias 55 a 60 graus. Sofremos e continuamos a sofrer muito; porém, estamos contentes com isso, porque, por a nossa obra crescer aos pés do Calvário, dará abundantes frutos. Agora tenho que trabalhar intensamente nestas missões para promover o bem espiritual e, além disso, preciso de escrever muito aos meus benfeitores particulares da Europa, para arrancar das barbas de S. José recursos económicos com os quais possa ajudar o meu braço direito, o excelente P.^e Squaranti, administrador-geral dos bens temporais do Vicariato, a quem tenho aqui ao meu lado.

5085

Mas depois informarei a V. Em.^a Rev.ma sobre tudo o que diz respeito ao apostolado da África Central, assim como sobre a maneira prática de alcançar os diversos objectivos. Então verá V. Em.^a que a pretendida civilização, que os comités internacionais da Europa querem introduzir, poderá ser não mais que um fugaz meteoro em comparação com a obra das missões católicas; e que se as potências querem obter algum resultado, não terão mais remédio senão apoiar com os meios possíveis as nossas missões, porque só Jesus Cristo e a sua divina esposa são os verdadeiros civilizadores dos povos infieis.

5086

Suplico humildemente da exímia bondade de V. Em.^a que se digne mandar ordenar sacerdote para a África Central o clérigo *António Dobale*, aluno do Colégio Urbano, que me pertence por ter sido resgatado e levado por mim de Adem para Verona em 1860. O ex.mo sr. reitor fazia-me esperar que seria elevado ao sacerdócio nas recém-passadas festas da Páscoa. Se fosse ordenado rapidamente, eu arranjaría as coisas de modo a que viesse de Verona com a próxima expedição de Setembro. No meu Vicariato há milhares de gal-las e os lugares onde actualmente temos as nossas estações contam com muitos abissínios e gallas; portanto, a obra de Dobale ser-me-ia utilíssima.

5087

Com o próximo correio enviarei uma cartinha de homenagem ao Santo Padre, que Deus deu como suces-sor do Santo Pontífice Pio IX, «o Grande». Entretanto, suplico da sua bondade que me ponha aos pés de Leão XIII, junto com os demais membros do Vicariato.

Beijo-lhe a sagrada púrpura e fico de V. E. Rev.ma obed.mo, devot.mo e respeitoso filho

† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis e vigário da A. C.

1.º De agora em diante, para as cartas, a minha direcção é sempre:

C/Egipto, Cartum (Núbia inferior).

2.º Se chegar à S. Congr. dinheiro destinado a mim, peço a V. Em.^a que o mande depositar no meu banco de Roma, o do *Mr. Brown e Filho*, da *Via Condotti*.

† Daniel Comboni
Vigário ap. da África Central

N.º 760 (721) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 639-644

N.º 3

Cartum, 25 de Abril de 1878

5088

No excelente jornal de Lião *Les Missions Catholiques*, n.º 459, de 22 de Março, que me chegou ontem à tarde, na pág. 135, sob a rubrica *África Equatorial*, leio o seguinte: «*África Equatorial*. A Santa Sé encarregou a Sociedade de Missionários de Argel da fundação de *duas grandes missões* na África Equatorial. Uma deve ter o seu centro no *lago Tanganica* e a outra nos *lagos Vitória e Alberto Nyanza*. Doze missionários estão dispostos a partir para esses longínquos e perigosos destinos e já foram nomeados os respectivos superiores, que receberam os poderes de prefeitos apostólicos. Um é o P.^e Livinhac, que vai fundar o *futuro vicariato dos lagos Nyanza*; o outro, o P.^e Pascoal, que vai fundar o do *lago Tanganica* e preparar também a erecção de uma missão semelhante nos Estados de Muata-Yamvo.

5089

«Vê-se a importância que a questão da África Equatorial adquiriu, sobre a qual as viagens de Livingstone, de Cameron e de Stanley atraíram tanto a atenção na Europa. Esta importância explica a obra que a solicitude da Santa Sé vai confiar à Sociedade de Missionários de Argel.»

5090

Dado que estas duas novas missões, chamadas de *Tanganica* e dos *lagos Nyanza*, pertencem ao meu Vicariato (como se depreende do breve de 3 de Abril de 1846, em que Gregório XVI estabeleceu como limite meridional da África Central os que se conhecem como montes da Lua, que, segundo os mais acreditados geógrafos modernos, estariam muito a sul do *Tanganica*, descoberto pelo meu amigo Burton), porque o futuro vicariato dos *lagos Nyanza* se encontra entre o 2º de lat. sul (isto é, a apenas dois graus e meio da nossa antiga missão de Gondokoro) e o 3º de lat. sul, e o do *Tanganica* encontra-se entre o 5º e o 6º de lat. S., ou seja, ao norte dos chamados montes da Lua e, portanto, dentro do meu Vicariato, desejaria que V. Em.^a Rev.ma, em sua grande bondade, se dignasse transmitir-me cópia dos dois breves ou decretos da erecção canónica dos *dois futuros vicariatos ou duas grandes missões*, de que fala o referido artigo do «*Les Missions Catholiques*» de Lião, para saber a que ater-me.

5091

Quanto ao resto, como tenho as minhas dúvidas sobre a veracidade de tão repentina erecção das duas missões nos termos e no sentido desse artigo, porque sei com quanta reflexão, sabedoria e prudente lentidão procede a S. Congregação nas suas veneradas resoluções e empresas, permito-me fazer a V. E. Rev.ma algumas pequenas observações sobre o assunto, deixando para o futuro a possibilidade de lhe apresentar outras mais meditadas e maduras, baseadas nos estudos que sobre a África Equatorial tenho já realizados.

5092

Julgo absolutamente inoportuno e perigoso lançar-se directamente desde Zanzibar para fundar uma missão nos lagos Nyanza, sem uma bem sólida e segura estação nas costas ou algo no interior, em Zanguebar, que tenha como objectivo próprio os lagos Nyanza. As dificuldades nas comunicações, assim como as distâncias, são demasiado grandes e o êxito tornar-se-ia duvidoso, para não dizer impossível. Porque uma coisa é uma expedição de viajantes ou exploradores a uma região longínqua, pela qual passam como faúlhas para voltarem a casa a atroar o mundo com verdades e mentiras sobre as terras objecto da exploração, e outra coisa muito diferente é estabelecer devidamente uma missão católica, para fundar e consolidar a qual são

precisos centros de comunicação e pontos de apoio, com os quais se torne estável e duradouro o objectivo, já que, de contrário, se trabalha inutilmente, fazendo mau uso dos missionários e meios.

5093

Teria gostado que os Missionários de Argel, que existem desde há doze anos, tivessem de algum modo tentado fundar as missões do Sara e de Tombuctu, que são o objectivo dos magníficos estabelecimentos erigidos na Argélia por mons. Lavigerie; e então eu acreditaria no seu êxito nas futuras missões da África Equatorial, que são muito mais difíceis que as primeiras. Mas o facto é que temos esplêndidas realizações na Argélia, quase nada no Sara e nada em Tombuctu, como V. Em.^o conhece melhor que eu. Em contrapartida, os lagos Nyanza são o objectivo natural das estações do Nilo Branco e de Cartum, que hoje tem comunicações por barco a vapor com Ladó (a três horas de Gondokoro), aonde se chega em quinze dias. Para tal efeito mantive no passado Janeiro longas conversações no Cairo com o ilustre Stanley. Este deu-me cartas de recomendação para o rei Mutesa, que é o sultão dos lagos Nyanza, os quais podem servir como centro de apoio e centro de comunicação com os povos Akka, com o reino de Mombuctu e com outros. Portanto, desmembrar *hic et nunc* os lagos Nyanza do meu Vicariato seria um grave dano para a minha árdua e laboriosa missão. E quanto à tarefa em questão, nós temos a prática das perigosas viagens africanas; estamos habituados ao clima, às extraordinárias privações, a passar as noites a céu aberto, a suportar as inclemências das diferentes estações do ano, etc.

5094

Não creio que tal seja o caso da nascente instituição de mons. Lavigerie, a qual, embora possua grande número de sacerdotes e de pessoal em geral, não a considero dotada de algo tão necessário como a experiência prática das viagens africanas, a maturidade de ideias, a prudência no trato com os nativos e a extraordinária abnegação nas inevitáveis privações que encontrarão. Há três anos, lendo eu no Cordofão a circular de mons. Lavigerie, que anunciava a ida *directa* de três missionários de Argel para Tombuctu, não pude não exclamar: «Serão massacrados». Chegado ao Cairo na minha viagem para a Europa, li, com enorme dor, que os haviam assassinado os tuaregues. Na África é necessário avançar passo a passo, com muitíssimas cautelas; e a experiência custa anos de trabalho.

5095

Diria quase o mesmo sobre o Tanganica, embora seja um objectivo menos difícil. Contudo, também para o mesmo seria necessária uma base de operações em algum dos lugares propícios que se encontram não longe de Zanzibar ou Bagamoyo. Mas Tanganica não seria propriamente a base de operações e ponto de apoio para o império de *Muata-Yamvo*, ou melhor, *Muati-Janvo*, que dista umas 700 milhas de Tanganica; quer dizer, os estados de Muati-Janvo não seriam objectivo natural da futura missão de Tanganica, mas seriam antes os Estados, ou império ou reino de *Kazembe*, que se encontra a 400 milhas de Muati-Janvo. Em todo o caso, quer a base de operações para o objectivo Muati-Janvo se estabeleça em Tanganica, quer em Kazembe, com o tempo, este projecto pode avançar. E se a Santa Sé julgasse conveniente confiar a missão de Tanganica e a de Muati-Janvo aos fervorosos missionários fundados pelo digníssimo bispo de Argel, ambas constituiriam para eles um campo vastíssimo e muito mais frutuoso ainda que o do Sara.

5096

Tendo sido o mais ardente desejo da minha vida a conversão da África, vejo com imensa satisfação reavivar-se nos referidos missionários de Argel o zelo pela salvação dos africanos. Mas assim, de uma forma pouco sólida e sem conhecer por que importantes razões se poderia alcançar o sucesso com uns meios não mais seguros do que os que eu possuo, parece-me inoportuno e inconveniente por completo ceder a minha jurisdição sobre os lagos Nyanza, para os quais já há tempo tenho dirigido os meus esforços. É algo a que nem eu nem os meus missionários estamos absolutamente dispostos, pelo bem daquelas populações, que são o objectivo natural das futuras missões do Nilo Branco; e, mais ainda, uma vez que o quedeve do Egipto não tardará a conquistar os lagos Nyanza, o qual o ano passado, por meio de Gordon Paxá, levantou um forte, dotado de guarnição egípcia a apenas três horas do Vitória Nyanza.

5097

Contudo, declaro sinceramente, de coração, que estou disposto a tudo o que a Santa Sé quiser de mim e, portanto, a ceder não só o equador, mas também Cartum e o Cordofão e quanto agrade à Santa Sé, a qual, dona única de tudo, tem em tudo a última palavra.

5098

No caso de se ter efectuado ou ter sido levada a efeito a criação das missões de Tanganica e de Muati-Janvo para os missionários de Argel, então seria conveniente que a S. C. determinasse com exactidão os novos limites do Vicariato da África Central e, para este fim, tenho preparado um projecto para submeter a V. Em.^a Rev.ma.

5099

Há tempo que chegou aos lagos Nyanza a missão protestante escocesa, formada por oito indivíduos e dotada de 300 000 (trezentos mil) francos, ou seja, 12 000 libras esterlinas ao ano. Mas veremos quanto dura. Provavelmente fará como na de Cartum, de que hoje apenas existe uma lembrança. Da expedição do rei dos Belgas, que partiu em Julho do ano passado, constituída por cinco pessoas – entre elas o alemão Marno, um conhecido meu –, dois elementos morreram em Zanzibar. A seu tempo, a generosa instituição do rei dos Belgas será muito útil às missões católicas da África Central, equatorial, etc. Beijo-lhe a sagrada púrpura e serei sempre de V. Em.^a Rev.ma

Hum.mo e obed.mo filho
† Daniel bispo

N.º 761 (722) - DO LIVRO DE BAPTISMO DE CARTUM
ACR, A, c. 10/9

Cartum, 1 de Maio de 1878

Relação de baptismos.

N.º 762 (723) - À MADRE EUFRÁSIA MARAVAL
ASSGM, Afrique Centrale Dossier

N.º 1

Cartum, 5 de Maio de 1878

Caríssima madre Eufrásia,

5100

Há vinte dias que cheguei a Cartum, depois de uma longa e penosa viagem. Uma longa experiência fez-me tomar as seguintes medidas para tornar mais fáceis as viagens dos missionários e das Irmãs da África Central. Assim, alguns percursos, que foram fadigosos até ao presente, converter-se-ão num agradável e cómodo passeio desde o Cairo até Cartum para os missionários e as Irmãs.

5101

1.º As partidas dos missionários e das Irmãs efectuar-se-ão somente nos meses de Setembro ou Outubro e raramente em Novembro. Nunca se sairá nos restantes nove meses do ano.

5102

2.º Os missionários e as Irmãs seguirão sempre a rota de Suakin, no mar Vermelho, embora seja mais cara que a do Nilo, e só levarão consigo o equipamento e as provisões necessárias para a viagem até Cartum. Assim as Irmãs poderão chegar aí a partir do Cairo em quarenta dias e encontrar sempre no deserto entre Suakin e Berber água e uma frescura confortável.

5103

3.º Todas as provisões, roupas e artigos necessários nas diversas missões da África Central serão enviados por uma nova empresa franco-egípcia, que recentemente se criou para o transporte entre os portos da Europa e o Sudão egípcio, sendo Cartum um dos seus pontos centrais.

5104

Como as mercadorias e as encomendas não pagarão direitos aduaneiros nem em Alexandria nem em Suakin se forem enviados à seguinte direcção, a casa-mãe deve fazer-me chegar directamente as caixas e as encomendas que receber para mim de Lião, Paris e de outras partes da França, pondo como endereço: «Ao I. R. cônsul austro-húngaro em Alexandria (Egipto), para S. E. rev.ma D. Comboni, bispo e vigário apostólico da África Central em Cartum.»

5105

Assim faço uma poupança de muitos milhares de francos cada ano.

Em Cartum encontrei uma carestia espantosa, assim como em todo o Sudão, por falta de chuvas. De tal modo que o milho, que estava a 7 francos o *ardeb*, paguei-o em Berber e Korosko a 60 francos e aqui em Cartum a 45. No Cordofão pagamos a água a um franco a *bormah* (4 litros) e a manteiga, que tinha meio

franco o *rótulo* [45 gramas], custa 2 francos e em Korosko e Berber 3. Porém, S. José, meu ecónomo, será o remédio de tudo. Fará escorrer das suas barbas moedas aos milhares.

5106

Passemos a nós. Encontrei as minhas caras quatro Irmãs de Cartum no estado de perfeita saúde, sobretudo a Ir. Severina, que desde há dois anos e meio não teve uma dor de cabeça, embora trabalhe dia e noite.

As nossas quatro Irmãs de Cartum são um milagre de abnegação e caridade. A Ir. Severina é uma verdadeira madre; a Ir. Germana, o tipo da verdadeira missionária; a Ir. Eufrásia, um anjo, e a Ir. Henriqueta uma verdadeira irmã da caridade, que em tudo tem sucesso. Estas quatro possuem o autêntico espírito da sua admirável congregação. Na sua simplicidade e entrega e sem alardes, suportaram todos os trabalhos desta difícil missão. Elas são como quatro padres que trabalham por oito.

5107

Porém, há que ter piedade delas. Precisam-se, ao menos, outras quatro Irmãs para Cartum, além da madre provincial ou superiora principal do Sudão, que possa visitar as outras casas; e para as casas de El-Obeid e de Malbes fazem falta pelo menos outras quatro Irmãs mais, para além das quatro que temos no Cordofão.

Assim que para o mês de Julho ou ao menos para Setembro, deve a senhora mandar (peço-lhe com lágrimas nos olhos) nove Irmãs; quer dizer, oito, mais uma madre provincial ou superiora principal. O Vicariato da África Central é o mais grande e laborioso; aqui o trabalho da Irmã é um sacerdócio. Nos lugares onde elas estão, a missão é sólida.

5108

Temos que criar tudo e, por isso, as Irmãs na África Central têm mil vezes mais méritos que em todas as demais missões do universo.

A congregação de S. José, com a sua heróica caridade na África Central, ganhou muita estima entre os espíritos mais egrégios e iluminados. Foi provada com a morte de algumas Irmãs, vítimas da caridade, mas, depois das provas, alcança-se o triunfo.

5109

Na actualidade já não existem os principais obstáculos que impediam o progresso da missão e que tinham significado um transtorno para todo o Vicariato. Agora afastei também do Cordofão P.^e Policarpo, que trouxe as três últimas Irmãs para Cartum e que lhes provocou grandes sofrimentos. Ordenei-lhe que viesse para Cartum e, daqui, enviá-lo-ei para a sua diocese.

5110

Verá como a casa do Cordofão irá bem. Sei que a Ir. Ana e a Ir. Maria Josefa pediram várias vezes para voltarem à Europa e não serei eu quem lhes vai dizer que não. Estas Irmãs sofreram grandemente por causa de injustiças, sobretudo a Ir. Ana; trabalharam intensamente pela missão e têm muita virtude.

5111

A Ir. Ana suportou muito consideráveis sofrimentos e humilhações pela justiça e trabalhou pela missão mais que dois sacerdotes. A Ir. Maria sustentou a missão do Cordofão com as outras Irmãs nos momentos mais críticos e ambas ganharam grandes méritos diante de Deus e da África Central, como disse ao Papa e a S. Em.^a o card. Franchi. Conhecendo a minha gente, espero encontrar a casa do Cordofão, sob a direcção sábia e suave da Ir. Arsénia, como encontrei a de Cartum.

5112

Porém, por amor de Deus, mande-me ao menos nove Irmãs este ano. Uma Irmã na África Central trabalha com mais mérito que dez delas nas outras missões, porque aqui temos que criar tudo. Aqui encontramos no mesmo estado em que se encontrava Marselha depois da morte de Jesus Cristo, quando chegou S. Lázaro com as suas Irmãs. As nossas Irmãs sofreram bem a sua parte: terão o seu triunfo. As obras de Deus devem nascer e crescer ao pé da cruz. A congregação de S. José receberá mil bênçãos do Céu por ter sido a primeira em acorrer em ajuda do Vicariato da África Central, que é digno da sua entrega.

5113

Em sufrágio da nossa querida madre geral fizeram-se funerais com missas solenes em Verona, no Cairo, em Berber, Cartum, no Cordofão e no nosso barco fluvial, em Schellal, onde recebi a triste notícia. Depois celebrámos sessenta e cinco missas.

Devo confessar, para esclarecer as coisas, que não sei explicar a causa pela qual ainda não existe o acordo que se devia ter estabelecido entre a madre geral e mim, em relação às nossas Irmãs. Apenas chegada a Roma no passado Verão, acertámos perfeitamente tudo e só faltava pôr tudo por escrito. Depois chegaram os dias antecedentes à minha sagração, com os preparativos. Ela estava doente, a Ir. Catarina morta e eu, muitíssimo cansado, após a minha sagração episcopal, abandonei Roma, deixando lá o meu secretário expressamente para concluir esse assunto com a madre geral e com a Propaganda.

5114

Mas, apesar de todas as diligências do meu secretário e o pleno acordo da madre geral e do Cardeal, não se fez nada. A madre geral foi uma grande mulher do Evangelho; apresentou-se perante o tribunal de Deus com o assombroso historial de quarenta e três anos de apostolado empregues nas missões e no serviço das almas e da Igreja Católica.

Que bispo ou patriarca pode apresentar-se diante de Deus com tantos méritos, tantos trabalhos e tantas empresas levadas a cabo pela Igreja e pela fé? Certamente que S. Pedro abriu todas as portas do Paraíso à madre Emilie Julien e colocou-a nos lugares mais altos do Céu!

5115

Mas temos pendentes os assuntos da África Central e é a si, minha boa madre, a quem o Céu reservou perpetuar a existência canónica das Irmãs na África Central, que é uma missão muito diferente de todas as outras. Por isso, creio necessário ver a maneira de estabelecer um acordo perpétuo com o Vicariato da África Central.

É preciso que a senhora encarregue a nova provincial ou superiora principal da África Central – que espero que a madre envie em Setembro próximo – de estabelecer o referido acordo, depois de ter visitado Cartum e o Cordofão e o campo de trabalho das Irmãs presentes e futuras. O acordo actual – o que a madre queria e que eu aceitei para terminar de vez o assunto – torna-se irrealizável e impossível na África Central e isto segundo o juízo de todas as superiores e de todas as Irmãs que há no Vicariato.

5116

Conceda-me uma boa superiora provincial e eu farei tudo o que quiser, depois de algum tempo de ela permanecer na África Central. Eu desejo o bem da África e dos meus soldados mais valentes, isto é, das Irmãs e da congregação que as educou para o apostolado.

Espero que o Espírito Santo escolha a madre Eufrásia Maraval como madre geral, já que conhece melhor que todas as outras as missões, que são a característica principal da congregação. A senhora foi quem me preservou as Irmãs do Cairo em 1869 e será quem as conservará até ao fim do mundo na África Central.

5117

Em Berber encontram-se cinco religiosas do meu instituto de Verona. Estão destinadas a uma nova missão que fundarei dentro em breve. Eis aqui o meu segredo, baseado numa longa experiência de 21 anos. Numa estação ou missão, onde há seis e sete Irmãs, pude colocar somente dois padres missionários; e dois padres com seis Irmãs numa missão da África Central farão maior bem que numa missão com doze padres, sem Irmãs. Isto é uma verdade.

5118

Além disso, aqui, uma missão sem Irmãs torna-se muita perigosa para os sacerdotes. A Irmã é uma defesa, uma garantia para o missionário nestes lugares, onde a mulher se encontra em estado primitivo. Aqui todas as mulheres estão sob a total jurisdição e responsabilidade da superiora e o missionário não tem que ocupar-se nada delas, salvo no relativo à administração dos sacramentos. O missionário somente se relaciona com o sexo masculino. Está a ver bem como a missão da Irmã na África Central fará que aumentem e se multipliquem na Europa as vocações.

5119

Entretanto, eu partirei para o Cordofão em meados de Junho; mas a madre escreva-me sempre para Cartum, a minha residência episcopal. Por favor, mande-me quanto antes as duas Irmãs árabes que me prometeu a madre geral em Roma e pelas quais lhe dei 1000 francos como pensão de noviciado. Se me mandasse algumas mais, eu ficaria contente. A senhora sabe as condições vantajosas que acordei com a madre Emilie pela provincial, por cada Irmã e por cada superiora do Sudão. Os 200 francos do cura Capella que recebeu, mais o dinheiro que receberá ainda, fique com eles para a viagem das Irmãs para o Cairo.

5120

Saúde da minha parte a secretária-geral, a Ir. Inácia, que prometeu escrever-me, e o rev.mo P.^e superior, enquanto nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria fica para sempre seu af.mo

† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário ap. da África Central

Original francês
Tradução do italiano

Cartum, 10 de Maio de 1878

5121

Uma circunstância muito desagradável oferece-me o grande prazer de me dirigir brevemente a si, gentilíssimo amigo, cujo desejo de que sejam cristãmente civilizadas as imensas regiões da África Central, da qual sou bispo e vigário apostólico, une-me à sua pessoa numa sincera e inalterável amizade.

No princípio do benemérito *Esploratore*, número 9, p. 278, leio um breve artigo seu intitulado: *A escravidão, monopólio do Governo*, que o senhor redigiu de muito boa-fé, baseando-se em notícias de excelentes correspondentes certamente, mas que, desta vez, foram mal informados.

5122

Como me encontro no lugar dos factos e na situação, por razões do meu cargo, de estar perfeitamente ao corrente de tudo o que faz e por onde se movimenta o governador-geral do Sudão, S. E. Gordon Paxá, e dado que a primeira característica que as notícias sobre um país e a história devem ter é a veracidade, considero-me no absoluto dever, inclusive para si, grande amante da verdade, de rectificar alguns erros e notícias que se encontram no referido artigo.

5123

Em primeiro lugar, pelo conjunto do artigo, parece que os nossos amigos Gessi e Matteucci encontram obstáculos por parte do Governo de Gordon Paxá para levar a cabo com êxito a sua expedição. Nada mais erróneo que isto, porque eles, graças às ajudas outorgadas por Gordon ao seu representante Osman Paxá, puderam realizar com todas as facilidades possíveis a difícil viagem de Cartum até Fadasi, último território em que o Egipto exerce domínio e influência, nas suas vastas possessões do Sudeste.

5124

Eles percorreram esse caminho providos, entre outras coisas, de ajuda e poderosas cartas de recomendação de Many Bei, que agora é mudir de Cartum. Este foi durante 25 anos director das minas de Fazoglo e governador de várias cidades e províncias que se encontram nesta linha e o que, depois de muitos anos de provas, conseguiu abrir vias de comunicação em Fadasi (cujo chefe mandou enforcar ante seus olhos), ponto nunca alcançado por nenhum europeu, se se exceptuar Marno, que pôde chegar a Fadasi há alguns anos, graças à protecção deste bei e do Governo egípcio.

5125

Como prova do que digo há muitas cartas, que li, escritas de muitos pontos dessa linha pelos nossos muito estimados Matteucci e Gessi ao sr. Rosset, vice-cônsul da Alemanha em Cartum e alguns outros, nas quais se desfazem em expressões de reconhecimento e gratidão para com o Governo do Sudão, suplicando ao dito vice-cônsul que se faça intérprete dos seus sentimentos perante Gordon, Osman Paxá e o mudir de Cartum. Poderia citar muitas cartas; mas, como sei que algumas foram enviadas a Alexandria e a Milão, como certamente lerá nalgum jornal, dispense-me de as transcrever. Também me dispense de citar a grande protecção que Gordon Paxá e o Governo local concederam aos senhores Junker, Von Lucas e Marno, porque sobre isto houve quem escrevesse nestes dias amplamente e com toda a veracidade.

No Sudão, eu era testemunha de todo o assunto de Marno. Encontrei-me com ele no barco que foi buscá-lo a Berber por ordem de Gordon Paxá, o qual gratuitamente lhe proporcionou o vapor desde esta última estação até Cartum e de Cartum a Ladó.

5126

O governador de Berber e o de Cartum receberam ordem, que foi cumprida, de prover Marno abundantemente, a expensas do Governo, de quanto lhe conviesse; e foi tratado com generosidade, porque eu me encontrava com ele e a seu lado na mesa e nos mesmos primeiros lugares, postos à disposição de nós dois. Mais tarde, quando Marno chegou ao território Bari, pretendia que *rápida e imediatamente* Gordon lhe facultasse, creio, mais de cem soldados, não sei quantos animais de carga e outras coisas mais. Gordon, na sua qualidade de militar, irritou-se, porque não tinha à sua disposição senão um pequeno número de soldados, não dispunha dos animais pedidos e tinha muita falta de dinheiro. Bastantes preocupações tinha já Gordon naqueles dias, porque ele mesmo tão-pouco tinha recebido no território Bari senão uma mínima parte dos soldados que lhe tinham sido destinados e nenhum dos animais que *em minha presença* lhe tinham prometido em Cartum. Gordon estava na absoluta impossibilidade de satisfazer as exageradas pretensões de Marno e isso deu origem às queixas tão inoportunas e injustificadas que a este respeito se fizeram na Europa contra o ilustre Gordon.

5127

Além disso, é totalmente falsa a afirmação do artigo de que, desde que Gordon está no Poder, foram suspensas todas as notícias do interior da África. Há trinta anos que existe a missão católica e, em nenhuma

época, as comunicações com o interior da África estiveram mais asseguradas e garantidas como desde que aqui manda Gordon. Ainda que ele não tivesse feito outra coisa, justificariam o seu governo as obras que soube realizar para facilitar as comunicações com Darfur, de modo que hoje o correio é tão seguro entre Cartum e El-Fascer como entre Milão e Nápoles. Com Gordon, o telégrafo estendeu-se de El-Obeid até Darfur e agora está a fazê-lo chegar a Fashoda e Galabat. E temos correio quase regular entre os lagos e Cartum.

5128

Sob a protecção de Gordon, o sr. Emin Bei realizou já duas viagens entre Cartum e o Nyanza Vitória, e os cônsules de Cartum, os senhores Hansal e Rosser e muitos outros daqui, têm comunicações regulares com os lagos; e como depois da estação das chuvas também eu me deslocarei lá para fundar uma missão, será sobretudo sob a égide de Gordon que melhor poderei levar a cabo a minha empresa. Foi ele quem estabeleceu entre Ladó (no Nilo Branco, a três horas a norte da antiga missão católica de Gondokoro) e Dufilé oito destacamentos militares para facilitar as comunicações com o Nyanza Alberto e nisso o nosso Gessi serviu de poderosa ajuda sob os auspícios de Gordon. Estes são: Ladó, Reyaf, Beden, Kiri, Muggi, Laboré Aiu e Dufilé. Desde Ladó a Dufilé, estes postos percorrem-se em sete dias.

5129

De Dufilé a Magungo, lugar situado no Nyanza Alberto, são 120 milhas, que se percorrem a vapor. São conhecidos os esforços de Baker e de muitos outros para abrir estas comunicações. Ora bem, se hoje se viaja de Cartum a Nyanza Alberto com idêntica segurança que de Milão a Genebra, é tudo mérito de Gordon Paxá. Além disso, de Nyanza Alberto até Vitória, Gordon estabeleceu diversos destacamentos; e já chegaram a Rejaf seis elefantes indianos destinados a transportar um vapor que percorrerá todo o lago Vitória.

5130

A guerra e os obstáculos que interrompiam a livre circulação desde Nyanza Alberto a Nyanza Vitória por culpa de Kabarega, rei de Unyoro, são já coisas do passado. Graças às diligências de Gordon, o rei é agora nosso amigo e deixa passar livremente todos os viajantes, sobretudo os europeus. Não há muito recebeu o coronel Mason na sua antiga residência de Missindi. Emin Efendi também recebeu deste rei cortês acolhimento e hospitalidade na nova residência real de Mparo Niamoga ou Bogaya e ficou aí muito tempo realizando os seus estudos (segundo os embaixadores do mesmo Kabarega, que recentemente vieram apresentar os seus respetos ao Governo egípcio em Cartum).

5131

As comunicações entre o Nyanza Vitória e Cartum são hoje tão seguras e regulares, graças aos esforços de Gordon Paxá, que o sr. Wilson – agora à frente da expedição da *Church Missionary Society*, que reside em Rubaga, onde está o rei Mutesa –, em vez de mandar a sua correspondência por Zanzibar, se serve do I. R. cônsul Hansal, de Cartum, para enviar missivas para Londres e, ultimamente, chegou ao referido cônsul (que também é agente consular da França e da Itália) um grande pacote de cartas, que ele expediu em seguida para Londres. Precisamente por essa via temos tido notícias dessa expedição: um dos seus membros morreu de doença no lago Tanganica e dois foram assassinados pela gente da ilha Ukerewe, do Nyanza Vitória, etc., e agora vai-se à procura dos outros, dos quais nada se sabe.

5132

Em suma, durante o pouco tempo em que Gordon Paxá está a governar, as comunicações com o interior desde qualquer parte são uma realidade esplêndida. Antes nunca se sabia nada do Governo; agora sabe-se tudo e Gordon protege os viajantes mais que o fez qualquer um outro.

5133

Que mais? Actualmente está-se a preparar um magnífico projecto para pôr a Europa em plena, livre e directa comunicação comercial com o Nyanza, de maneira que se poderão embarcar mercadorias e passageiros em Génova, Trieste ou Marselha para Ladó, a preços fixos e limitados, pagando antecipadamente ou depois e as mercadorias vão seguras até ao destino. Em ligação com os vapores de Suez e Suakin, Gordon vai estabelecer caravanas entre Suakin e Berber a preços bastante mais razoáveis que os praticados até agora. Esta notícia é de grande importância para os nossos comerciantes que importam goma e tamarindo do alto vale do Nilo, porque até agora os gastos de transporte foram muitos gravosos, tanto pela via de Suakin como pela do Nilo.

5134

De Berber a Cartum haverá vapores e *dahhabias* do Governo e de Cartum a Ladó um vapor. De Ladó aos lagos, como disse mais acima. Se, como é certo, isto se levar a cabo (e será dentro do ano), eu não farei mais expedições do Cairo a Cartum, nem as farão os meus missionários; mas embarcando em Suez, os meus missionários virão até Cartum com esta empresa. E as provisões para o meu Vicariato (cujo transporte custou tanto até agora) serão embarcadas em Veneza, Trieste, Génova, Nápoles, etc., enviando-as directamente para Cartum. Esta obra bastaria por si só para dar brilho ao Governo de Gordon Paxá, enquanto o ter estabelecido

comunicações regulares entre Cartum e os lagos através de tantas dificuldades é uma obra que bastaria para dar brilho ao governo de um rei.

5135

Só acrescentarei uma coisa a tudo isto: Gordon Paxá não tem a seu lado personalidades europeias em número que seria necessário para contar com uma sólida ajuda; não dispõe de meios suficientes para governar o imenso país que lhe foi confiado, nem de um exército bem aguerrido: para realizar a sua altíssima missão tem, até, todos os elementos contra si. Devendo tratar pouco a pouco de eliminar o comércio de escravos, dispõe como ajuda dos mesmos elementos que o Governo tinha antes: aqueles mudires, aqueles *sangiak*, aqueles *paxás*, aqueles *beis*, que antes autorizavam ou exerciam eles mesmos o infame negócio. Eu sustento que é um verdadeiro milagre que somente o Gordon, com a pertinaz força da sua vontade, tenha conseguido nestas alturas diminuir o tráfico e a escravidão.

5136

É um facto inegável que hoje na rota do Cordofão, de Fashoda ou de Dôngola, ou ao longo do Nilo, já se não vêem aquelas imensas multidões de escravos que eu via há vinte anos. A escravidão continua e continuará durante muito tempo, porque erradicá-la por completo é um trabalho de séculos; mas agora existe em menos proporções, o que se observa no Alto Egipto e em todo o Sudão. Isto é um singular mérito de Gordon e evidencia como puro disparate o que se diz em muitos lugares de que o Governo, com o consentimento de Gordon, enviou gente ao Bahr-el-Ghazal para capturar aí dez mil escravos. Trata-se de invenções daqueles que, não podendo lucrar impunemente do Governo e impossibilitados de ganhar tanto como antes à custa dos escravos, tentam desacreditar Gordon; mas a verdade há-de triunfar. Gordon Paxá é um acérrimo inimigo da escravatura; sobre isso, eu poderia apresentar argumentos irrefutáveis. Mas basta por agora.

5137

Quando tiver tempo, escreverei sobre o tema da escravidão, em cuja diminuição Gordon tem méritos sublimes. É preciso ser testemunha das lutas e obstáculos que tem que afrontar para libertar os escravos num país onde a escravidão é uma chaga secular e existe desde que o mundo é mundo; num país onde o comércio de escravos e a escravidão constituem as maiores fontes de receita do mesmo. Nós há muitos anos que lutamos para salvar os escravos, etc., e podemos medir a magnitude das dificuldades que Gordon encontra e encontrará no cumprimento deste compromisso da sua importante missão.

5138

Por outro lado, gentilíssimo amigo, calcule quão grandes são os domínios que Gordon Paxá governa como *hokomdar*, ou governador-geral. Ele manda nas terras que se estendem desde o trópico até ao equador, desde Suakin até ao extremo Darfur, Massaua, Berbera e Zeila e nos países que o Governo egípcio anexou recentemente no mar Vermelho e a leste de Shoa. Há poucos dias, por exemplo, recebemos telegramas seus de Berbera, ontem de Massaua, etc. Então, não tem a seu cargo uma tarefa muito grande, laboriosa, difícil? E que gente deve governar este homem? Creio que tal homem merece imensa consideração ainda que não possa fazer tudo o que quereria, porque, entre outras coisas, deve-se ter em conta que nem sempre recebe colaboração nas suas operações.

5139

Além disso, eu creio que Gordon é um grande homem, que está à altura da sua enorme, laboriosa e difícil tarefa e que se devem fazer votos para que ele não se canse, mas que persevere por muitos anos no seu posto e empreendimento: a humanidade ficar-lhe-á agradecida.

5140

Esperámos em Cartum os nossos amigos Matteucci e Gessi, porque lhes foi impossível ir mais além de Fadasi. Esta expedição não foi bem organizada e faltava nela um dos elementos principais do êxito: o dinheiro. Lamento muito, especialmente por Matteucci; todos contavam com que, por ser a sua primeira viagem, não voltaria atrás. Não importa. Fizeram bem em regressar e esta empresa servir-lhes-á de ensinamento para no futuro triunfar noutras de maior envergadura. Matteucci é um jovem estupendo, de que muito se espera. Aprendeu a viajar pela África Central, que não é certamente como pelas outras partes do mundo.

5141

Estou convencido de que, além disso, esta oportuna e prudentíssima retirada lhe servirá de maior acicate para empreender no futuro mais úteis e melhores empresas. Quando a Gessi, aconselhá-lo-ei que volte a pôr-se à disposição de Gordon, que gosta dele e o estima, porque realmente lhe foi fiel. Entretanto, Matteucci deve fazer outra empresa, antes de regressar à Europa. Agora estão os dois em Fazoglo; parece que querem visitar Guedaref e Galabat; mas eu, tendo em conta o forte *kharif*, aconselhei-os a que viessem directamente a Cartum.

5142

Ambos lhe escreverão contando-lhe quão bem e cortesmente os tratou e ajudou o Governo de Gordon, que se lamentou por o nosso caro Gessi, à sua chegada, não o ter visitado. Mas eu encarrego-me de os aproximar, o que será bom, tanto para Gessi como para Gordon.

Por último, concluo este escrito congratulando-me consigo pelo magnífico jornal *L'Esploratore*, que está em sintonia com o esplêndido nome que tem, e quero expressar-lhe o meu profundo agradecimento pelo gratuito envio do mesmo, que recebo regularmente. Quando as minhas múltiplas e graves ocupações e os incómodos deste clima mo permitirem, que certamente não é o nosso lombardo, dar-lhe-ei notícias exactas sobre o Sudão.

5143

A Fadasi poder-se-á ir livremente quando eu tiver fundado uma missão num dos lugares mais oportunos que estou para escolher no território que circunda o Nilo Azul, talvez mesmo em Fadasi; mas isto não poderei realizar antes da fundação das estações que espero estabelecer nos lagos, pertencentes à minha jurisdição. Mas o senhor sabe bem que uma coisa é fazer uma exploração como os viajantes, que passam como meteoros pelos lugares explorados, outra é estabelecer uma missão cristã como é devido, com as sábias regras que nós temos, para transmitir aos africanos um bem duradouro, para mudar os seus costumes e formá-los nos bens da nossa religião e civilização.

5144

O senhor, que conhece a fundo a história da África Central, considere com o seu agudo raciocínio os milhões que se gastaram e as numerosas explorações que se sucederam nestes lugares desde os primeiros exploradores até Stanley em 1877. Que ficou de bom, autêntico e duradouro e que tenha podido realmente influenciar a moralidade, a civilização e o progresso dos habitantes da África Central? Quase nada, salvo a recordação na Europa dos ilustres viajantes, algum ponto descrito geograficamente, etc.; mas de bem autêntico, civilização, progresso moral, intelectual e material, muito pouco. As missões católicas são as que têm a vantagem de fundar, continuar e perpetuar o bem; e as missões católicas de Cartum, do Cordofão e de Gebel Nuba constituem um não pequeno monumento da civilização europeia que agora existe na África Central.

5145

É preciso que a ciência e a religião vão de mãos dadas, se ajudem mutuamente e produzam juntas o melhoramento e a regeneração e verdadeira civilização, que deve ser o objectivo do impulso sublime que guia a ciência. E abstraindo dos esforços de muitos ilustres ingleses, italianos, alemães, americanos... assinalemos a nobilíssima iniciativa do rei da Bélgica, Leopoldo II, que foi magnanimamente secundado por quase todas as nações civilizadas.

5146

Há que continuar com renovado e perseverante ardor este nobre arrebate que se produziu na Europa em favor da África Central e não se devem abandonar nunca as grandes empresas que se empreendam com este sublime fim, por terríveis que sejam as provas, os desastres e as dificuldades que surjam. Após os erros, as desilusões e as desditas, alcançar-se-á uma experiência prática que indicará os caminhos e meios mais eficazes para alcançar o nobre fim; e se a constância domina o espírito dos principais agentes, conseguir-se-á um triunfo completo.

5147

Temos aqui uma terrível carestia: o preço dos víveres quadruplicou; e o durra (milho miúdo), que constitui o principal alimento do país e dos pobres, que custava sete francos o *ardeb* (saco de folha de palmeira), hoje não se compra por menos de sessenta francos o *ardeb*.

Ora imagine-se o prejuízo que me causa a mim esta carestia só no que se refere ao durra, que é o mínimo. Eu devo comprar cada ano mais de mil *ardeb* de durra para as minhas casas e estabelecimentos... A água no Cordofão (hoje recebi carta de lá) custa e há uma semana pagou-se a onze piastras (uns três francos) a *bor-mah* (cerca de 4 litros); portanto, no Cordofão, onde possuo três estabelecimentos, a água paga-se muito mais cara que o vinho na Lombardia. E se as coisas continuassem assim, paciência; mas cada dia a escassez de água é maior.

Aproveito esta ocasião para manifestar os meus sentimentos de afectuosa estima e consideração, declarando-me

Seu af.mo amigo
Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário ap. da África Central

N.º 764 (725) - A P.^e BARTOLOMEU ROLLERI
APELO PELA CARESTIA
ACR, A, c. 18/11

Cartum, 12 de Maio de 1878

Apelo à caridade católica
devido à espantosa carestia na África Central

5148

A carestia! Este terrível flagelo que, já desde há tempo assola algumas partes do mundo, faz-se sentir vivamente e produz os seus lutosos efeitos também na África Central.

Tendo saído do Cairo para o meu Vicariato com um numeroso grupo de missionários, Irmãos e leigos coadjutores a 28 de Janeiro do corrente ano, apercebi-me de que até ao longo do fertilíssimo vale do Nilo imperava a carestia e reinava a fome. Os campos, de ordinário verdejantes e luxuriantes de messes nesta estação, agora estavam desde há meses ressequidos e desertos, como as cadeias de montanhas que os flanqueavam; os numerosos felás, antes sempre em movimento nos seus *nabar*, agora permaneciam sentados nas margens e pediam pão aos passageiros; os próprios proprietários estavam mudos, calados nos seus *angareb*, descurando completamente os trabalhos dos campos. Todos os géneros e artigos de primeira necessidade tinham encarecido.

5149

Vi que a miséria aumentava à medida que avançávamos. Chegado a Korosko, a entrada do grande deserto, temi ter de voltar atrás ou parar por falta de camelos: diziam-me que tinham morrido quase todos de fome. Graças somente à poderosa recomendação de S. E. Gordon Paxá, governador do Sudão, a quem, por sorte, encontrei em Assuão, e graças à minha velha amizade com o xeique, o grande chefe do deserto, pude conseguir 50 camelos – ou seja, a terça parte dos que precisava para a travessia do deserto –, pagando-os a um preço excepcional. E que camelos! Todos macilentos, cheios de chagas e sem forças: só os pude carregar com metade do peso normal; muitos caíram exaustos ao longo do trajecto, acabando por aumentar o número de esqueletos e ossos esbranquiçados de que estava semeado todo o caminho.

5150

Chegado a Berber e a Cartum, encontrei o mesmo mas em piores proporções. O durra (milho que normalmente se come no país) de sete francos o *ardeb* (saco) a que antes se pagava subiu para cinquenta e até sessenta; a manteiga, de um franco o *rótulo* (45 gramas) passou a custar três e até quatro; o leite, de dez cêntimos a *ghera* (cabaça com quase um litro de capacidade), subiu para um franco; a carne, que antes custava cinquenta cêntimos o quilo, agora tem que se comprar a três e ainda a cinco francos. Para quê continuar?! No Cordofão, os meus missionários e Irmãos vêem-se obrigados a comprar a água para beber, cozinhar e lavar a um franco e meio e dois francos a *bormah* (uns quatro litros); portanto, nestes países, a água custa mais que o vinho corrente na Europa. Os povoados são abandonados às centenas pelos seus habitantes desesperados e famintos, e o Governo local encontra-se na maior ruína económica por não poder arrecadar os impostos ordinários. A causa de tanta miséria e de tão atroz carestia de tudo o necessário para a vida foi a falta das chuvas no ano passado. Ninguém recorda uma época de tanta escassez.

5151

O Nilo vai uns metros abaixo do seu nível normal; por isso, foi pouco o semeado e menos ainda o colhido. A miséria é grande e ameaça prolongar-se não se sabe até quando. Os animais estão mais que dizimados; os proprietários não têm dinheiro nem grão para semear, pelo que a próxima colheita de Dezembro, ainda que as circunstâncias se tornassem propícias, não poderá ser senão escassíssima. Nós esgotámos todas as provisões de que dispúnhamos e, além disso, gastámos todo o dinheiro para proporcionar alimento aos numerosos estabelecimentos que temos em Cartum, Berber, El-Obeid e Gebel Nuba.

5152

Socorremos não poucas famílias dos nossos cristãos, que se encontram em grande indigência; ajudámos também quanto pudemos os muçulmanos que estão em extrema necessidade, porque a caridade em semelhantes casos não distingue entre grego, árabe e sírio; mas agora vemo-nos forçados a fechar a porta diante de tantos infelizes que nos vêm pedir pão. Isto produz-nos a nós danos espirituais, impede as conversões e até poderia dar origem a defecções, porque o heroísmo na fé não é património de todos os cristãos e convertidos.

5153

Se já o coração se me aperta muitas vezes ao ler os desoladores quadros de carestia e fome que nos descrevem meus irmãos os vigários apostólicos e os missionários, governadores e viajantes da China, Mongólia e as Índias Orientais, é fácil imaginar a minha comoção interior ao ver reproduzidas essas cenas diante dos meus olhos nestas desditosas terras confiadas ao meu cuidado! Porém, as obras de Deus devem nascer sempre ao pé do Calvário; as cruces e aflições são o carácter distintivo das empresas santas. A minha fraqueza recebeu da Santa Sé o encargo de implantar a cruz de Jesus Cristo entre as inumeráveis tribos da África Central, sobre as quais ainda pesa o tremendo anátema de Cam. Chegou a hora da redenção da Nigricia e um dos sinais de que essa hora soou é a presente aflição que sofre o meu Vicariato, que é o mais vasto, o mais laborioso e povoado do universo.

5154

Por isso, sabedor dos generosos socorros que tantas almas enviam para as mais distantes regiões do globo para alívio de tantas míseras populações atormentadas pela carestia, dirijo-me cheio de confiança a essa sublime caridade que arde nos corações dos católicos e suplico-lhes fervorosamente que tenham por bem dirigir um olhar de compaixão também aos infelizes filhos de Cam e os socorram com abundantes esmolas. O mundo inteiro interessa-se hoje pela África Central; muitos Estados da Europa e diversas sociedades enviam aqui exploradores para conhecer estes ignotos países e para introduzir neles as luzes da civilização. Porém, de que serviria fazer tantos sacrifícios e gastar tão grandes somas, se, entretanto, se deixassem morrer de fome estes povos?

5155

Não! Eu estou convencido de que, sensíveis a este grito de imensa dor, muitas almas caritativas se apresaram a tirar de tão tremenda miséria estas desventuradas gentes que, ainda que diferentes quanto à cor, costumes e pátria, são contudo irmãos nossos. Queira o Senhor escutar a minha humilde e fervorosa súplica, abençoar estes meus desejos e consolar o imenso rebanho de infelicíssimos povos da África Central, que a Santa Sé entregou aos meus cuidados.

5156

Nestas áridas areias encontram-se os ossos de tantos abnegados missionários, exemplo de zelo apostólico e dotados de eminentes virtudes, com os quais tive a honra e a sorte de partilhar as fadigas do apostolado mais difícil e laborioso do universo. Ah!, ainda ressoam os venerados nomes de Gostner, Pircher, Woveider, Überbacher, Lanz e de muitos outros fervorosos missionários tirolezes, sacerdotes, leigos, ou franciscanos que regaram com o seu glorioso suor esta infeliz África Central. Mas *sanguis martyrurum semen christianorum*. Com a sua morte e sacrifício mereceram que se consolide o árduo apostolado da Nigricia. Encomendo-me à sua intercessão, para que outros generosos católicos imitem os seus exemplos e para que os que permanecem na Europa contribuam com a sua caridade e esmola para aliviar a nossa missão.

Dada na nossa residência principal episcopal de Cartum, aos 12 de Março de 1878, festa do Patrocínio de S. José.

(L. S.)

† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário ap. da África Central

5157

Este apelo, redigido por P.^e António e aprovado e assinado por mim, mando-o a si, P.^e Bartolo, para o informar de quanto se faz. Mandámos cópia do mesmo para a França, a Alemanha, a Áustria, Inglaterra, etc. Quanto ao demais, confiança em Deus, na Virgem e em S. José; reze e faça rezar.

Saúdo-o em nome de todos nós e de P.^e António. Rogue e sue, que S. José suará guinéus. Escreva a P.^e Paulo e pergunte-lhe se publica ou não os *Anais*, porque P.^e António deixou-lhe todo o material. Abençoo-o

Tuissimus † Daniel Comboni

N.º 765 (779) - APELO DEVIDO À CARESTIA
APFL (1876) Afrique Centrale

Cartum, 12 de Maio de 1878

Como o n.º 764, mas em francês.

N.º 2

Cartum, 17 de Maio de 1878

Senhor presidente,

5158

Eis-me aqui na minha residência principal, onde cheguei há um mês. A viagem do Cairo a Cartum, bem cansativa, demorou 72 dias. Chegado a Assuão, que é a última parcela do Egipto e onde começa o meu Vicariato, tive a sorte de encontrar S. E. o *hokomdar* Gordon Paxá, governador-geral de todas as possessões egípcias no Sudão e no mar Vermelho até aos confins de Shoa, o qual me comunicou que era impossível encontrar camelos, porque quase todos tinham morrido de fome e exortou-me a regressar com toda a minha caravana ao Cairo para tomar a rota do mar Vermelho e de Suakin.

5159

Sentindo grande repugnância em seguir os seus conselhos, roguei-lhe insistentemente que movesse o Céu e a Terra para fazer com que me dessem ao menos os camelos necessários para transportar o pessoal para Berber e Cartum. Ele teve a grande bondade de enviar muitos telegramas, ordenando aos grandes chefes do deserto (os *xeiques califas*) e aos mudires do Sudão que me proporcionassem 80 camelos. Chegados nós a Korosko, encontrei um grande número de comerciantes que, havia quatro a seis meses, procuravam aí conseguir camelos. Mas, graças a Deus, em quatro dias, entre muitas centenas de camelos cheios de chagas e fatigados, escolheram-se cinquenta, com os quais, em onze dias, atravessei o deserto de Atmur até Berber.

O resto da minha caravana enviei-o pela rota de Dôngola, com 190 camelos e espero-o aqui em Cartum em finais de Março.

5160

Em Berber, tenho instaladas provisoriamente cinco Irmãs da Congregação das Pias Madres da Nigrícia que fundei em Verona em 1872. Estão destinadas à missão de Gebel Nuba, onde chegarão até Dezembro ou Janeiro próximos. São as seguintes:

- 1.ª Ir. Teresa Grigolini, da diocese de Verona
- 2.ª Ir. Marietta Caspi, “ “ “ “
- 3.ª Ir. Maria Josefa
- 4.ª Ir. Conceição Corsi, da diocese de Trani
- 5.ª Ir. Vitória Paganini, da diocese de Pádua.

5161

São a vanguarda da nova instituição destinada a desenvolver a sua acção apostólica nas numerosas regiões da África Central. Que só Deus seja a sua inspiração e guia.

5162

A congregação das Pias Madres da Nigrícia, de Verona, partilha as fadigas apostólicas da mulher do Evangelho no Vicariato da África Central com a congregação das Irmãs de S. José da Aparição, de Marselha, que destinei a Cartum e ao reino de Cordofão, onde trabalham desde há vários anos com uma abnegação e uma entrega admiráveis e onde realizaram grandes sacrifícios.

Para um melhor funcionamento da obra de S. José, acordei com a Propaganda e com a madre geral que haja uma provincial ou superiora principal a residir na cidade episcopal de Cartum e que exerça plena jurisdição sobre todas as irmãs e superiores dos institutos de S. José que existem e que se venham a fundar no futuro no Vicariato da África Central.

5163

Com a próxima expedição de Setembro espero a nova madre provincial, a qual há-de ocupar o posto que, pela sua morte em Cartum o ano passado, deixou vacante a antiga, a Ir. Emilienne Naubonnet, de Pau, mulher admirável que passou trinta anos na Síria e em Chipre como superiora e que fez tanto bem, sobretudo na época do massacre e da cólera em Saida.

5164

À minha chegada a Cartum, fui recebido solenemente, tanto por parte dos cristãos de todos os ritos como pela parte dos muçulmanos. Foi um verdadeiro triunfo da fé de Jesus Cristo e da Igreja Católica. Enviei pes-

soal de reforço para as missões do Cordofão e de Gebel Nuba, administrei solenemente o baptismo e a confirmação a muitos adultos e celebrei o pontifical dia de Páscoa. Era a primeira vez que a África Central via o seu bispo, o vigário apostólico.

5165

Mas a poesia exterior de uma brilhante recepção, de um bom número de conversões feitas e preparadas e do esplendor dos pontificais rapidamente se converteu na prosa de uma funesta carestia, de uma espantosa fome, que reinam em grande parte do meu Vicariato e de um bom número de dívidas que encontrei como consequência destes terríveis flagelos.

5166

Apenas entrado no meu Vicariato, em Schellal, apercebi-me da enorme diferença nos preços dos artigos de primeira necessidade. Em Korosko, paguei o milho a 65 francos o *ardeb* (que antes custava pouco mais de 7 francos); manteiga e carne não havia. Para não falar de cada coisa, referir-me-ei somente ao que gastei a mais pelos camelos. Antes, o aluguer de um camelo para a travessia do deserto custava 40 francos e o animal levava seis *kantars* (seiscentas libras ou duzentos quilos). Agora, cada camelo custa 70 francos e carrega apenas dois *kantars* (200 libras ou 67 quilos); e, de dez camelos que se alugam, três, pelo menos, morrem pelo caminho de fome e esgotamento.

5167

Eu necessitava de 80 camelos para a minha expedição e pensava nos preços antigos. Portanto, pensava que com 3500 francos (para além do preço dos camelos há que desembolsar quatro piastras por cada um deles para o Governo, os dois guias e as gorjetas) poderia passar o grande deserto. Mas, ao levarem os animais só uma terça parte do peso, tive que triplicar o seu número e quase quadruplicar o gasto, de modo que, em lugar dos 3500 francos que deviam custar, desembolsei 12 000; isto à parte os 4000 francos que deverei pagar até finais deste mês, à chegada da minha caravana de Dôngola a Cartum. De Cartum ao Cordofão, os camelos custam 7 *megids* (33 francos) cada um.

5168

Agora peço-lhe, senhor presidente, que tenha a bondade de confrontar o que acabo de dizer sobre os camelos com o conteúdo do meu apelo à Propagação da Fé e à caridade católica (que se o senhor o crê conveniente, suplicar-lhe-ia o fizesse publicar por mons. Laverrière nas «*Missions Catholiques*» e isso quanto antes), apelo que lhe junto.

Entre Berber, Cartum e o Cordofão encontrei 38 000 francos de dívidas contraídas durante a minha ausência. Após examinar e comprovar tudo da maneira mais rigorosa, vi que o gasto se deveu à mais estrita necessidade, que os meus missionários e Irmãs sofreram as maiores privações e sacrificaram-se muito e que não gastaram inutilmente nem um cêntimo. A causa de tudo foi a espantosa carestia e a desoladora falta de víveres que flagela terrivelmente estas regiões.

5169

Apesar de tudo isto, eu não teria a coragem de pedir uma ajuda extraordinária de alguns milhares de francos, depois das somas consideráveis e das fortes ajudas com que a Propagação da Fé favoreceu a África Central: deu a vida a esta missão tão importante. Contudo, considerando a gravidade das insólitas circunstâncias da carestia que aflige o meu estimado Vicariato, atrevo-me a fazer-lhe os dois seguintes pedidos:

5170

1.º Que me conceda uma ajuda extraordinária para este ano, para além da ordinária com que a eminente caridade da Propagação da Fé favoreceu a África Central. Eu ficarei muito contente com a quantia que o senhor conceder, se o regulamento e o espírito da obra permitirem satisfazer o meu desejo.

2.º Que, se julgar oportuno, permita a publicação do mencionado apelo nas *Missions Catholiques* por parte de Laverrière.

5171

Quanto ao mais, longe de desanimarmos, esta terrível prova aumenta o nosso ânimo, a nossa convicção de que se trata de uma preciosa e adorável cruz que o Sagrado Coração nos concedeu para melhor consolidarmos a grande obra da redenção da África Central.

Oh, quanta alegria sente um coração devoto a sofrer por Jesus Cristo e pela salvação das almas mais abandonadas e desvalidas da Terra! Dir-se-ia que Deus mostrou mais amor e mais sabedoria ao construir e formar a cruz que ao criar o universo. A cruz é o que salvará a África. A cruz é o que nos fortalece e nos faz permanecer fiéis ao nosso grito de guerra: «*Nigrícia ou morte!*»

5172

Nós rogamos continuamente pela Propagação da Fé, a fim de que nesta Ordem divina prospere e possa atravessar incólume a danosa época em que estamos.

Digne-se, senhor presidente, aceitar a homenagem de profunda veneração e eterno reconhecimento de quem será sempre

Seu devot.mo servidor
† Daniel Comboni Bispo
e vigário apost. da A. C.

5173

P. S. Quando tiver tempo, dar-lhe-ei a conhecer os estudos que se levam a cabo actualmente para uma nova demarcação dos confins da África Central, no caso de as explorações dos missionários de Argel dêem algum resultado na África Equatorial. Para abrir a esses ardorosos missionários um novo campo para a sua acção apostólica, tenho o prazer de lhes poder ceder todos os territórios situados a sul dos lagos de Nyanza, para com eles formar duas grandes missões:

5174

1.º O Vicariato de Kazembe (império ou reunião de vários Estados, incluído o lago de Tanganica).

2.º O Vicariato de Muati-Janvo (império ou reunião de vários Estados que se situam a 200 léguas de distância do Tanganica). É mais difícil percorrer na África Central 200 léguas que fazer a viagem de Lião à Austrália. E erigir uma missão católica regular na África Equatorial é muito mais difícil que uma simples viagem de exploradores como Stanley, Burton, Livingstone, Speke, Grant, etc.

5175

Quando os bons missionários de Argel tiverem fundado e consolidado as ditas grandes missões, então, se eu não tiver fundado a missão dos lagos Nyanza trataremos deste assunto, porque antes de tudo é preciso a glória de Deus e a salvação das almas. De resto, os lagos Nyanza são o objectivo natural das velhas missões de Gondokoro e Santa Cruz – onde passei dois anos à volta de 1858 –, já que desde Gondokoro ao Nyanza Alberto se gastam oito dias de viagem. Uma grande parte dos lagos está sob o domínio egípcio, e Gordon Paxá fez transportar para aí de Cartum dois barcos a vapor: um funciona há dois anos no Nyanza Alberto e o outro chegou já a Kubaga, capital do reino do Uganda e residência do rei Mutesa.

5176

Este barco, saído de Cartum, chegou pelo Nilo Branco até Rejaf (um pouco mais para lá de Gondokoro) e, dali, pela rota de Fatiko, até Kubaga (a três horas do Nyanza Vitória), puxado por seis elefantes.

5177

No meu regresso da visita ao Cordofão e a Gebel Nuba, em Janeiro ou Fevereiro próximos, se a Providência e a Propagação da Fé me concederem a sua assistência, partirei para estabelecer uma missão no Nyanza Alberto, já que há muito tempo nos preparamos para uma fundação nos lagos. É este o itinerário de Cartum:

Desde Ladó a

Rejaf	desde Ladó a Dufilé
Beden	vai-se a pé porque os
Kiri	camelos e os burros morrem
Muggi	e este percurso faz-se em
Laboré	sete dias.
Ayú	
Dufilé	

5178

De Dufilé parte o vapor que, após um dia de viagem pelo rio, entra no lago Nyanza Alberto e pára em Magungo, onde Gordon Paxá estabeleceu um posto militar. Desde Cartum ao lago Vitória está-se sob a protecção do Governo egípcio. De Zanzibar aos Nyanza a viagem é mais difícil, ainda que o eminente rei da Bélgica me tenha assegurado que é mais fácil.

Dos oito missionários anglicanos pertencentes à *Church Missionary Society* que partiram em 1876 para os lagos Nyanza e que dispunham de 12 000 libras esterlinas por ano, um morreu em Tanganica, dois foram assassinados na ilha de Kerewe, no Nyanza Vitória, de quatro não se tem nenhuma notícia e o oitavo, Mr. Wilson, está em Kubaga, residência do rei Mutesa e mantém-se em contacto com Cartum, de onde envia a sua correspondência para Londres.

5179

De cinco membros da expedição belga, dois morreram em Zanzibar. Trata-se de Crespel e Maës.

Faço votos para que de todo este movimento científico em relação à África Central, provocado especialmente pelo grande interesse do excelente rei da Bélgica, resulte, depois de muitas provas e experiências, a maior glória de Deus e das missões católicas.

Depois de uma longa série de vicissitudes, chegar-se-á à convicção de que sem a acção imediata da Igreja e das missões católicas, nunca será possível civilizar a África Central. A Providência dirige tudo para o melhor.

Seu devot.mo
† Daniel Comboni
Bispo e vigário apostólico

Original francês
Tradução do italiano

N.º 767 (728) - AO CÓN. JOSÉ ORTALDA
«*Museo delle Missioni Cattoliche*», XXI (1878), pp. 417-421

Cartum, 27 de Maio de 1878

5180

Mando-lhe este modesto apelo, pedindo-lhe encarecidamente a sua publicação no *Museo*, a fim de invocar a caridade para com a África Central, flagelada pela mais espantosa carestia. Escrevi-o a 12 do corrente, festa do nosso querido S. José; mas desde então até hoje, só nestes quinze dias, as coisas pioraram. Pelas cartas recebidas ontem do Cordofão, sei que a água vai faltando, de tal maneira que, em breve, não se poderá obter a nenhum preço. As pobres Irmãs, com algumas raparigas, levantam-se às quatro da manhã para irem aos poços e às vezes têm que esperar aí até às dez para conseguir comprar água turva ao preço de quatro e às vezes cinco francos a *bormah* (4 litros); ou seja, água turva, suja e salobra, a mais de um franco o litro: *mais cara que o vinho de Barolo*.

5181

Imagine, senhor cónego, o estado do meu espírito, os gastos extraordinários, as dívidas que é preciso contrair para dar de beber água turva aos missionários e às Irmãs; e somos afortunados quando conseguimos saciar-nos de água turva. Mas não pense que o meu espírito se encolhe por tanta miséria, não: *Nigricia ou morte!* – é o meu grito de guerra e lutaremos até ao último alento. Esta universal desolação da mais vasta, povoada e difícil missão do universo, que é a África Central, constitui um sinal seguro de vitória, porque a cruz é o que dá garantia à estabilidade das obras de Deus, as quais devem nascer todas ao pé do Calvário; e aquela será abençoada por Deus e convertida. Ah, que boas são as cruzes quando tocam onde dói, porque pressagiam a verdadeira felicidade. Estamos no tempo da paixão: chegará o dia da ressurreição e da vida.

5182

Quanto ao resto, tenho posta toda a minha confiança no Coração de Jesus e em Nossa Senhora do Sagrado Coração, aos quais esta enorme missão está consagrada, e em S. José, patrono da Igreja Católica e da África Central, que, certamente, virá em nossa ajuda.

† Daniel Comboni

Introdução ao apelo devido à carestia.

N.º 768 (729) - AO CÓN. CRISTÓVÃO MILONE
«*La Libertà Cattolica*», XII (1878), n. 139

Cartum, 27 de Maio de 1878

Apresentação do apelo devido à carestia.

N.º 769 (730) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 653-655

Ex.mo e Rev.mo Príncipe,

5183

Recebi o seu venerado escrito de 28 de Março, que contém as faculdades que me foram renovadas por Pio IX, de santa memória, assinadas a 27 de Janeiro e agradeço-lhe muito por ele.

Não lhe falo nestas cartas do movimento e progresso real do Vicariato, nem do bem que se consegue promover em todas as missões. Actualmente, quase todos os meus esforços são dedicados a suportar como verdadeiro apóstolo de J. C. o atroz golpe da espantosa calamidade que aflige desde há mais de seis meses o Vicariato e a reparar as suas consequências; quer dizer, a fome, a sede e a escassez de tudo.

5184

Já morreu quase todo o gado – as vacas, as ovelhas, os camelos – por falta de erva e forragem. O durra (milho com que se alimenta o país), que eu antes comprava a uns *seis* francos o *ardeb* (saco), agora quase não se encontra nem a *sessenta*; a carne, o leite, a manteiga e as coisas de primeira necessidade, apenas se encontram a preços espantosos. No reino do Cordofão, onde temos três estabelecimentos que salvam muitas almas, custa muito arranjar água turva e suja ao preço de três francos a *bormah* (recipiente com capacidade para uns 4 litros); de maneira que a água para beber, cozinhar e lavar tem de ser paga mais cara que em Roma o vinho dos Castelli Romani. E, ainda por cima, desde há quinze dias, doenças epidémicas, tifo, varíola, grassam em Cartum e na Núbia. Os povoados são abandonados às centenas e os seus esfomeados habitantes vão vagueando em busca de ajuda; a gente morre como moscas de fome e de sede e os cadáveres ficam insepultos. Não há memória no Sudão de uma carestia semelhante. A única missão isenta de tão grande flagelo é a de Gebel Nuba. A causa de toda esta carestia, fome e sede foi a *falta ou escassez* de chuvas no ano passado; e prevejo que será também terrível a situação no próximo ano, porque não há sementes para semear e a colheita será nula ou muito escassa.

5185

As obras de Deus devem nascer e crescer ao pé do Calvário. Os actuais sofrimentos são uma prova mais de que a obra da redenção da Nigricia é obra de Deus. O Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora do Sagrado Coração, aos quais consagrámos a África Central, encarregar-se-ão de a proteger. Esgotei a totalidade dos meus recursos para sustentar todas as missões e endividei-me em mais de quarenta mil francos, apesar de muçulmanos e paxás ajudarem a missão; mas é que faz muito tempo que os gastos triplicaram. Esteja certo V. Em.^a de que S. José, ecónomo da África Central, *dentro de um ano* porá remédio a tudo e sustentará a missão.

5186

Dentro de um ano, S. José recolocará no nível a situação; porém, não ao estilo empoladamente prometido pelos Minghetti, pelos Lanza, Sella, Depretis e por outros do círculo italiano; mas o *verdadeiro nivelamento*; quer dizer, a missão não terá nem um cêntimo de dívidas e continuará a avançar para a sua excelsa meta. Os melhores dos meus missionários partilham das minhas esperanças, da minha segurança e da minha fé. Entretanto, rezamos com todas as condições exigidas por Deus, sem deixar de recorrer ao famoso “*petite et accipietis*”, que é mais certo e seguro que todos os tratados e congressos de todas as potências do mundo e até que o famoso Congresso de Berlim que, ao que apreço, vai celebrar-se para modificar o Tratado de St.^o Estêvão. Prostrado a beijar-lhe a púrpura, declaro-me com toda a veneração

De V. Em.^a Rev.ma
Hum.mo, agrad.mo, devot.mo filho
† Daniel bispo e vig. ap.

N.º 770 (732) - A ESTANISLAU LAVERRIÈRE
«*Les Missions Catholiques*» 477 (1878), p. 353

Cartum, 5 de Junho de 1878

Breve bilhete sobre a carestia.

N.º 771 (732) - AO CARD. JOÃO SIMEONI

N.º 4

Cartum, 5 de Junho de 18768

Eminentíssimo Príncipe,

5187

Como portador da presente, envio-lhe o excelente e respeitabilíssimo sr. dr. Pellegrino Matteucci, de Bolonha, o qual, tendo voltado duma importante exploração no Nilo Azul, desejaria apresentar os seus respeitos a V. Em.^a Rev.ma e obter, graças a uma carta de recomendação sua, a honra especial de uma audiência especial de sua Santidade.

Presto-me a este objectivo com muito prazer, por o dr. Matteucci ser um dos vários e mais distintos viajantes, que tem a convicção de que só as missões católicas possuem o segredo capaz de lhes permitir, com o tempo, introduzir estavelmente a civilização cristã nas povoadíssimas regiões da África Central e de que as missões dos protestantes e as expedições científicas não podem conseguir, por si, os mesmos resultados.

5188

Visitou agora o Nilo Azul, ou seja, uma parte do lado oriental do meu Vicariato, chegando até Fadassi, perto dos confins dos Gallas; e, nesta sua visita, fez, com o seu exemplo, que se respeite a moralidade e dignidade do homem educado europeu. Merece, portanto, a honra de ser recebido em audiência por V. Em.^a e por Sua Santidade.

Beijando-lhe a sagrada púrpura, declaro-me com o mais profundo respeito

De V. Em.^a Rev.ma hum., obed., dev. filho
† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis
Vigário ap. da Áf. Central

Rogo a V. Em.^a Rev.ma que fale com o dr. Matteucci sobre os lagos Nyanza e sobre a sua importância para o Vicariato.

N.º 772 (773) - A UM CARDEAL
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 635-637

N.º 3

Cartum, 5 de Junho de 1878

Em.º e Rev.mo Príncipe,

5189

Tomo a liberdade de suplicar da exímia bondade de V. Em.^a Rev.ma que se digne receber o ilustre portador da presente, o dr. Pellegrino Matteucci, explorador da África Central, que recentemente percorreu uma parte do meu Vicariato, a oriental, limítrofe dos Gallas.

5190

Como este distinto viajante visitou uma parte muito interessante do Leste do meu Vicariato e pôde fazer uma ideia do imenso trabalho que nós desenvolvemos e do que ainda nos resta fazer, depois de ter visto tantas coisas convenceu-se de que só as missões católicas podem conseguir, com a sua acção apostólica, civilizar cristãmente a África e de que para alcançar tão difícil meta serão sempre impotentes as missões protestantes e as expedições geográfico-científicas, as quais produzirão bons efeitos só se se ajudarem reciprocamente. O dr. Matteucci publicou estupendos artigos sobre as nossas missões que ele visitou e alguns deles apareceram até no *Osservatore Romano*.

5191

Ele conhece a fundo os motivos pelos quais é necessário que não se desmembrem da África Central os lagos Nyanza, nem o território entre o equador e os 5º de lat. sul, e pelos quais o Vicariato da África Central pode ceder todos os reinos e impérios situados para lá dos ditos 5º de lat. sul aos valorosos missionários de

Argel, os quais conseguirão formar também eles (depois de muitas provas e experiências) três ou quatro vastíssimas missões.

5192

Roguei ao Em.^o cardeal Simeoni que obtenha para o dr. Matteucci uma audiência especial de Sua Santidade, súplica que humildemente dirijo também a Vossa Eminência. Agradecendo-lhe antecipadamente, beijo-lhe a sagrada púrpura e subscrevo-me com a devoção mais profunda

De V. Em.^a Rev.ma hum., obed., obrig.mo filho
† Daniel Comboni
Bispo e vig. apost. da África Central

N.^o 773 (734) - A LEÃO XIII
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 635,638

Cartum, 6 de Junho de 1878

Beatíssimo Padre,

5193

O exímio dr. Matteucci, de Bolonha, viajante da África Central, profundamente convencido de que só as missões católicas podem triunfar na árdua tarefa de conduzir à verdadeira civilização cristã as populações dos mais de cem milhões de camitas, que ainda jazem sepultados nas trevas e nas sombras da morte, tendo voltado de uma importante exploração na região do Nilo Azul, pertencente à minha jurisdição, deseja ardentemente beijar os pés de Vossa Santidade, para Vos expressar os seus sentimentos de filial veneração e expor-Vos a importância da sublime e laboriosa obra das nossas santas missões africanas e sobre tudo o que constitui o principal objectivo da missão de Cartum: os *lagos Nyanza* ou fontes do Nilo, no equador que eu teria já ocupado, se o espantoso flagelo da fome, sede e carestia, que encontrei a flagelar-me o Vicariato, não tivessem absorvido todos os meus recursos.

5194

Nove sociedades protestantes anglicanas, providas de enormes somas de dinheiro e de importantíssimo equipamento material, lançam-se de diferentes partes para aquela zona. Mas espero que, com a ajuda divina, não tardaremos em opor às forças do erro e de uma falsa civilização o glorioso estandarte da cruz, juntando aquelas gentes à sombra do único redil de Cristo.

5195

Sendo o mencionado dr. Matteucci muito digno da graça que implora, suplico humildemente a Vossa Beatitude que Vos digneis satisfazê-lo.

Prostrado a beijar os sagrados pés, imploro a apostólica bênção para mim e para todo o Vicariato. Que etc., etc.

† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário ap. da África Central

N.^o 774 (735) - AO CARDEAL JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 668-677 e 603-604

N.^o 5

Cartum, 21 de Junho de 1878

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

5196

Junto-lhe uma carta que dirijo a Sua Santidade, como era meu dever, depois da sua rapidíssima e prodigiosa elevação ao supremo pontificado, carta que é a um tempo o meu testemunho de adesão e o dos meus três

institutos que trabalham na África Central. Rogo da bondade de Vossa Eminência que a apresente ao trono do Santo Padre e se faça intérprete dos meus sentimentos para com a S. S.

5197

Nós lutamos com resignação e coragem no meio do flagelo da carestia. Quando na Itália o pão sobe até custar *três vezes mais* do que o *preço normal*, diz-se que há carestia. Aqui o pão e as coisas de primeira necessidade custam *de oito a doze vezes mais que o normal*. Por exemplo, ontem paguei o durra (o milho daqui) *onze vezes mais caro* do que o pagava em 1875. A água no Cordofão tem ainda um preço elevado. Não há memória de tanta miséria nestes lugares. Mas paciência! Nas barbas de S. José há *milhares e milhões*; e eu tenho-o assaltado de tal maneira e tenho-o feito acometer de tanta oração, que estou *seguríssimo* que a crítica situação actual da África Central se trocará dentro de não muito tempo em prosperidade. O tempo das desgraças passam, nós fazemo-nos velhos; mas S. José é sempre jovem, tem sempre bom coração e intenção recta e ama sempre o Seu Jesus e os interesses da sua glória. E a conversão da África Central representa um interesse grande e permanente para a glória de Jesus.

5198

Graças a Deus, trabalha-se muito em Gebel Nuba e no Cordofão e espero que muito bem. Também aqui há já muitos preparados desde há longo tempo para entrar no seio da Igreja. Mas eu julgo prudente ir devagar, para atender ao futuro estável dos catecúmenos, de modo que possam conservar a fé no meio da sociedade muçulmana. Em apenas quinze dias, entre tantas cruces, o Senhor proporcionou-nos verdadeiros consolos. Deixando a um lado os meninos moribundos mandados ao paraíso com o baptismo na assoladora epidemia do tifo (meninos infieis), mais dois muçulmanos por mim baptizados e empregados, que se preparavam desde há uns anos, e um rico comerciante grego que, julgando morrer, me mandou chamar e que depois de duas visitas abjurou diante de mim, etc., etc., dir-lhe-ei que a semana passada, no espaço de seis dias, o céu ganhou três almas perdidas, que acabaram por alcançar a eterna glória do Paraíso.

5199

Na extensa província de Cadaref, pelos confins com a Abissínia (onde já fiz realizar uma viagem exploratória aos meus missionários para estabelecer uma estação), morreu o ano passado um grego de Esmirna, súbdito austríaco, que deixou cerca de 7000 escudos, três concubinas abexins e três filhos espúrios de uma delas. O cônsul austríaco converteu todas as propriedades em dinheiro, que enviou a Esmirna à família legítima do defunto, deixando às três concubinas o ouro que possuíam, um pouco de roupas e algumas provisões. Mas estas três concubinas, tendo consumido em Cadaref tudo quanto tinham, vieram com os filhos a Cartum reclamar do cônsul austro-húngaro ajuda sobre a herança deixada pelo grego com quem estavam amancebadas. Porém, como os bens tinham sido vendidos e o dinheiro enviado para Esmirna, o cônsul não quis saber do assunto.

5200

Sugeriu-lhes que se dirigissem à missão católica; mas elas responderam que eram muçulmanas e que nunca poriam os pés na igreja. Tendo-se a carestia apoderado de Cartum, essas três concubinas com os três filhos foram rejeitadas pelos muçulmanos e acabaram por acorrer à missão a pedir esmola. Em vista da sua situação e tendo em conta a nossa pobreza, concedemos-lhe alojamento e *8 p. khorda* (31 cêntimos italianos) por dia. Entretanto, mandámos às Irmãs que se ocupassem delas e lhes fossem insinuando a fé. Em duas palavras: em Maio passado vieram as três visitar-me para me pedirem que lhes conseguisse alguma ajuda dos herdeiros de Esmirna, etc., e declararam-me que queriam tornar-se cristãs com seus filhos.

5201

Enquanto eu fazia diligências junto dos consulados, mandei-lhes a Irmã árabe para a instrução católica; e como as três (e especialmente a mãe dos três meninos, que raciocinava como uma dama romana) tinham talento, aprendiam rápido. Quando uma delas contraiu a varíola e o tifo, vi-a tão empenhada em receber o baptismo, que a mandei baptizar terça-feira passada; administrei-lhe a confirmação à tarde e essa mesma noite morreu toda feliz. Entretanto, a segunda concubina, a mãe das três criaturas, que tinha dado assistência à sua companheira falecida, contraiu também a varíola e o tifo, pelo que pediu-me que a baptizasse e encomendou-me o filho varão e à Irmãs as duas meninas; foi baptizada e confirmada, e sexta-feira à tarde morreu contente. Na mesma sexta-feira caiu doente a terceira concubina, que pediu o baptismo: baptizada e confirmada, recebeu assistência da Irmã e do sacerdote e na manhã de segunda-feira partiu feliz para o Paraíso.

5202

Portanto, estas três abexins, de vinte a vinte e quatro anos de idade alcançaram em poucos dias o Céu e nós herdámos um filho e duas filhas que educaremos na fé católica. Amáveis e sempre adoráveis os desígnios de Deus! Por que caminhos estas três almas perdidas no vício encontraram o caminho para o Céu em apenas seis dias! Estes casos são frequentes no Vicariato da África Central.

5203

Agora duas palavras sobre os Nyanza. Aquela expedição da Sociedade da Igreja Escocesa chamada aos Nyanza por obra do famoso viajante Stanley e que tinha mais de 300 000 francos ao ano, depois da morte de um dos oito missionários anglicanos em Tanganica e, após o assassinio de outros dois na ilha de Kerewe, no Vitória Nyanza, parece que se vai dissolver, porque o rev.do Wilson, o chefe, que passou um ano com o rei Mutesa, regressa com todos os outros a Inglaterra para – diz-se aqui – não voltarem mais. O capitão Etton, chefe da outra sociedade inglesa, morreu não muito longe de Tanganica. A que agora ameaça obter triunfo é a sociedade do rev.do Smith, que quer introduzir as artes na África Central.

5204

Sua Excelência Gordon Paxá, governador-geral do Sudão, de Massaua, Zeila e Berbera (as possessões egípcias no meu Vicariato formam um *território cinco vezes maior que a França*), vindo a Cartum, contou-me que chegaram a Suakin quatro missionários anglicanos, os quais se dirigem a Cartum, ao Nilo Branco e aos lagos Nyanza para fundarem uma missão inglesa. E embora Gordon Paxá me tenha repetido que ele, ainda que anglicano (medita a Bíblia ao menos três horas por dia, vive sem mulheres como um perfeito monge e reza muito), *tem a convicção de que as missões católicas* conseguem maior fruto e maior sucesso que as missões anglicanas e que as de todas as outras religiões da Terra, como pôde verificar aqui no Sudão e na China, contudo a notícia dos quatro missionários anglicanos que se encaminham para Cartum, com destino aos Nyanza, não foi nada do meu agrado. De modo que voltei a casa bastante preocupado e disposto a rosnar a esses reverendos senhores como um cão raivoso quando eles chegarem a Cartum.

5205

Tendo vindo S. E. o general Gordon fazer-me uma visita, fiz vir à baila o assunto dos lagos Nyanza e, claro e sem rodeios, disse-lhe: «Meu caríssimo Paxá, o senhor sabe que toda a África Central com os lagos Nyanza pertence à minha jurisdição. Tenho intenção de estabelecer quanto antes duas missões católicas, uma em Nyanza Alberto e a outra no Nyanza Vitória. Mas agora não disponho para isso de nenhum recurso e até tenho muitas dívidas, que espero pagar em breve, porque conto com o meu S. José, cujo nome o senhor conhece, mas talvez não as suas virtudes. Isto *transeat*. Sei que o senhor tem mais problemas na sua economia do que eu, já que está carregado de dívidas e nem sequer pode pagar aos seus funcionários. Mas confia num Deus providente. Eu, embora esteja pobre, quero fundar nos Nyanza e o senhor, de um modo ou de outro, tem que me ajudar. Para resolver a situação das actuais missões do meu Vicariato bastam uns subsídios vindos da Europa; mas para os Nyanza não os haverá tão depressa. Portanto, ajude-me o senhor, que tem bom coração.»

5206

Ele respondeu-me: «Agora não posso ajudá-lo nem a si nem aos missionários ingleses, aos quais disse em Suakin que não farei por eles nada mais que o que devo fazer por D. Comboni, que está estabelecido no Sudão há muitos anos, e que tem a jurisdição espiritual sobre os Nyanza. Eu estou bem-disposto para convosco, mas por agora não posso ajudar-vos.» Ao que eu respondi: «Tenha em conta que nós católicos somos modestos e estamos acostumados a fazer com *cem libras esterlinas* o que os missionários ingleses fazem com *dez mil*. Eu não peço grande coisa», etc. Então ele disse-me: «Vamos ver, pensarei nisso» e foi-se. Mais tarde, indo eu visitá-lo, perguntou-me quando pensava fazer a expedição aos Nyanza. Respondi-lhe: «Farei a expedição na época que Vossa Excelência considerar mais oportuna e segura.» Ele disse-me: «A estação mais segura e propícia seria depois das grandes chuvas, em Setembro ou Outubro.» «Bem – disse eu –, para essa altura estarei disposto.» «Mas irá o senhor mesmo», quis saber. «Não posso prever nada agora; mas ou irei eu, ou mandarei alguns dos meus missionários como exploradores» –, respondi.

5207

Não se falou mais sobre este assunto; mas, dois dias depois, mandou-me o capitão Gessi, novo chefe da próxima expedição militar ao rio Sobat (que desagua no Nilo Branco, a 9^o de lat. norte e que eu visitei no Inverno de 1859), com este recado: «Diga a D. Comboni que o quero ajudar e que a sua expedição se realizará à minha custa e a cargo do Governo; quer dizer, eu encarrego-me do transporte dos missionários, dos equipamentos, etc.; ele deve só pensar nas provisões alimentares.»

5208

E o capitão Gessi explicou-me a ideia de Gordon Paxá. Ele pensava transportar a expedição católica no vapor de Cartum até Ladó (cerca de 800 milhas). Aí põe à minha disposição os carregadores negros do Governo, para que levem às costas as nossas bagagens até Dufilé (junto ao rio que, saindo de Nyanza Vitória, chega até Rejaf e forma o Nilo Branco) e, ao mesmo tempo, proporciona os touros e vacas para a viagem do pessoal. Em Dufilé põe à nossa disposição o vapor que nos levará pelo rio até Magungo, cidade situada junto ao Nyanza Alberto. Aí faculta-nos as pirogas ou outros meios de transporte para aquele rio, que forma o Nyanza Alberto e que sai do Vitória Nyanza (240 milhas). Numa palavra, o Governo de Gordon Paxá paga *nove décimas partes* de todos os gastos necessários para realizar a minha expedição católica aos lagos Nyan-

za. Por isso, com uma gentil carta em inglês, agradecendo a Sua Excelência, aceitei a generosa oferta que me fez; e sem mais tomarei as minhas medidas em relação a esta alta meta.

5209

Agora disponho de três ou quatro comodíssimos meses para reflectir sobre esta importante empresa e fazer os preparativos necessários para ela, mas de modo reduzido, porque primeiramente será uma simples ainda que cuidadosa exploração. Por outro lado, considero que toda a autorização que a Santa Sé deu *hic et nunc* ao arcebispo de Argel se limita à *autorização* de fazer uma exploração na África Equatorial e nos lagos Nyanza; mas não creio que tenha erigido com decreto apostólico dois vicariatos para os missionários de Argel, para o que seria precisa uma posição e uma congregação dos em.os cardeais da Propaganda, mais a ratificação do Papa, coisa que teria requerido mais tempo do que teve.

5210

Daí que eu agora esteja a trabalhar num breve relatório, o mais pormenorizado e exacto possível, para V. Em.^a Rev.ma, no qual tratarei os seguintes pontos:

1.º Necessidade e motivos de que os lagos Nyanza fiquem sob a jurisdição do Vicariato da África Central.

2.º Utilidade e necessidade de separar a África Central ou delimitar na África interior um grande território para constituir dois novos grandes vicariatos, a serem confiados aos missionários de Argel.

3.º Nova demarcação dos limites da parte sul da África Central, que deverão chegar só até ao confim meridional das nascentes do Nilo, que são os lagos Nyanza ou seja até ao 4º ou 5º graus de lat. sul.

5211

Farei isto com toda a diligência antes de meados de Julho próximo, com base nas notícias mais seguras e exactas que se possam obter. E se os missionários de Argel conseguissem, como espero em Deus, estabelecer e consolidar bem os dois novos e imensos vicariatos, que na minha humilde opinião seriam: 1.º, o novo vicariato do império ou Estados de *Kazembe*, habitado por muitos milhões de infiéis que nunca tiveram conhecimento de J. C. e que limita a *norte* com o lago Tanganica *inclusive*, e a sul e a oeste se estende por bastantes milhares de milhas; 2.º, o novo vicariato do império ou Estados de *Muati-Janvo*, que se dilata por umas quinhentas milhas a oeste de Kazembe e Tanganica e habitado por milhões de infiéis, entre os quais nunca penetrou o Evangelho; pois bem, se, como dizia, os missionários de Argel conseguirem consolidar estes dois novos e importantes vicariatos, para o que são necessários muitos anos, então poderão pensar também nos lagos Nyanza e terá chegado o momento em que a África Central, se não tiver alargado até esta parte a sua actividade apostólica, poderá ceder os Nyanza aos missionários de Argel.

5212

Espero que o meu aluno António Dobale tenha recebido as ordens sagradas, se V. Em.^a e o excelente reitor do Colégio Urbano o consideraram digno disso. Em tal caso, e se V. Em.^a o julgar oportuno, poderá ser enviado para Verona, de onde posteriormente partiria para os meus institutos do Cairo. O que V. Em.^a tiver decidido ou decida será o meu único critério e desejo.

Beijo-lhe a sagrada púrpura e subscrevo-me com a veneração mais profunda

De V. Em.^a Rev.ma
Hum.mo, obed.mo, e dev.mo filho
† Daniel Comboni
Vigário apostólico da África Central

N.º 775 (736) - A LEÃO XIII
«*Museo delle Missioni Cattoliche*» XXI (1878), pp. 577-579

Cartum, Núbia Superior,
28 de Junho de 1878, festa do S. C. de J.

Beatíssimo Padre,

5213

Já deveria ter depositado antes diante do trono de Vossa Santidade a oferenda da minha adesão e subordinação incondicionais e da minha devoção sem medida, porque à minha chagada a Cartum em meados de

Abril passado tive a consoladora notícia da vossa fausta e prodigiosa elevação à cátedra de S. Pedro. Mas as fadigas indizíveis de uma penosa viagem de setenta e sete dias do Cairo até aqui, a duríssima travessia do grande deserto sob quase sessenta graus de calor e os excepcionalmente graves problemas que me sobrevieram ao chegar ao meu árduo e laborioso Vicariato, que encontrei atormentado pelo flagelo de uma espantosa carestia, foram-me levando, quase sem dar conta, a diferir até hoje esta minha respeitosa, sincera e filial oblação e contentei-me por agora com fazer-Vos chegar a minha homenagem e felicitações por meio do venerado cardeal-prefeito da Propaganda e do benemérito sr. cardeal-secretário de Estado.

5214

Agora permiti, Beatíssimo Padre, que eu e todos os sacerdotes e operários evangélicos membros do Instituto das Missões para a Nigricia, bem como as excelentes Irmãs de S. José da Aparição, que com tanto zelo trabalham no meu Vicariato, e as Irmãs missionárias alunas do meu Instituto das Pias Madres da Nigricia, fundado em Verona sob os auspícios do Em.^o cardeal Canossa, permiti-me, dizia, que depositemos a vossos santíssimos pés também nós, misturado com o de todos os vossos filhos, os fiéis espalhados pelo mundo, o humilde e fervoroso aplauso com que Vos recebemos como pontífice e rei, vigário de Jesus Cristo na Terra e digno sucessor do angélico Pio IX, daquele santo, daquele forte, daquele grande, em quem a onipotência e o amor de Deus transferiram e gravaram tão sublime imagem e tão vasto sinal de si. Aceitai a profunda homenagem do nosso coração e os sentimentos mais fervorosos e sinceros da nossa humildade, absoluta e ilimitada submissão, reverência e afecto.

5215

Vós sois, ó Leão, o eleito de Deus, o precioso dom que o seu Coração tinha reservado entre os infinitos tesouros do seu amor à Igreja, para a consolar da tristíssima viuvez em que o vosso santo predecessor a tinha deixado. Vós sois o grande sacerdote da Nova Aliança, o experimentado piloto da arca mística do eterno pacto, fora da qual não há salvação, o grande centro daquela unidade católica que o grande Pio IX levou ao auge da sua perfeição e grandeza. Vós sois a pedra fundamental da Igreja de J. C., o testemunho sincero da sua revelação, o depositário fiel da sua doutrina, o intérprete infalível dos seus oráculos, o defensor impávido dos seus altares, o vingador justo da sua lei, o propagador legítimo da sua religião, o invicto leão de Judá que triunfa dos seus inimigos, o astro fulgurante que difunde a verdadeira luz entre as trevas do universo, o pontífice supremo, o mestre infalível da verdade, o pastor supremo das almas, de quem espera o mundo a paz e que tudo reunirá à sombra do único redil de Cristo.

5216

Mas entre estas almas que esperam do Vigário de Jesus Cristo a bênção e a vida, há *mais de cem milhões de infieis* pertencentes ao Vicariato da África Central, que constitui a mais vasta, povoada, difícil e trabalhosa missão apostólica do universo. Nós, os membros dos três mencionados institutos, estamos dispostos a suportar todas as penas, privações, perigos, climas abrasadores e toda a classe de trabalhos e fadigas, que acompanham incessantemente o nosso perigoso e árduo apostolado e é nossa contínua disposição sofrer o martírio para ganhar para a Igreja Católica tão numerosa e infeliz porção do rebanho de Cristo. E toda a nossa confiança descansa no S. Coração de Jesus, em Nossa Senhora do S. Coração, em S. José e também em Vós, Pedro redivivo, chefe visível do Corpo Místico do Verbo Humanado, de quem brota a palavra de salvação e mana a fonte da verdadeira vida.

5217

Dignai-Vos, pois, ó Leão, dirigir do alto do vosso trono um olhar piedoso a esta abandonada parte da sublime herança de Cristo, à redenção da qual dedicamos mente e coração, sangue e vida, e dai-lhe uma dessas bênçãos extraordinárias, que a ressuscite e a fecunde com a verdadeira vida. Enquanto, prostrado ante v. sagrada majestade de pontífice e rei, e, renovando a oferta plena e sincera da minha adesão, subordinação e devoção illimitadas, beijo reverente os vossos santíssimos pés e imploro para todos nós a bênção apostólica,

† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vig. ap. da África Central

N.º 776 (737) - AO DR. GUSTAVO FRIGOTTO
ACR, A, c. 15/162

N.º 1

Caríssimo doutor,

Cartum, 29 de Junho de 1878

5218

Será possível que Deus tenha chamado para o Céu, para lhe dar o prémio pela sua inocência e esplêndidas virtudes, aquele anjo da Nina, a quem eu desde 1852, ou seja, desde há 26 anos, altura em que a conheci, ainda pequena, tinha tanto afecto e carinho? Em suma: parece-me um sonho. Recebi a notícia em Bure, no Nilo Azul, onde tinha ido e voltarei a ir para mudar de ares. Comentei-a, examinei-a, fiz os cálculos genealógicos; e resulta que a Clementina a quem se fazia referência (e que eu pensava a todo o momento que era a mãe de P.^e Luciano) é Nina, sua filha; essa única filha de si e de Angelina que era tudo para ambos; aquela em quem depositaram tantas esperanças e a quem dirigiram todos os desvelos da sua vida; aquela Nina que era um verdadeiro anjo. Não sei se será possível, por assim dizer, formar outra melhor: cheia de graça, de bom coração, instruída, excelente filha, extraordinária esposa, incomparável mãe. Em suma, que posso dizer ao meu caro amigo o dr. Frigotto?

5219

Que posso dizer a Angelina? Que posso dizer a esse caro jovem, Creazzo, que mereceu a Nina? Ah, confesso que é uma pílula muito amarga e que se sentirá o seu amargor por anos e anos. Mas é preciso que subamos com o pensamento acima das telhas e veneremos os sempre adoráveis desígnios de Deus, que tanto e tão constantemente amou essa alma pura que estava madura para o Céu. Em Deus, no Paraíso, no centro das eternas delícias, encontremos, pois, o nosso verdadeiro consolo.

5220

Porém, digo-lhe que também sob as telhas a senhora Angelina bem como o esposo têm com que confortar-se e mitigar o amargor da pílula; e trata-se desses queridos anjinhos que são a viva imagem e o retrato da sua mãe. O senhor compreende bem o que digo, mais do que eu sou capaz de exprimir. Tudo nessa bendita casa me oferece a imagem de Nina e se eu voltasse a Lonigo, talvez mais que no passado veria a Nina lá presente. Portanto, ânimo, querido doutor, querida senhora, querido jovem meu amigo: todos vós tendes a religião bem gravada no coração; têm alma limpa, juízo recto, profunda religiosidade. Levantem os olhos ao Céu e que a oração contínua e fervorosa por Nina seja agora a intermediária entre os senhores e ela; a fé, a fé! Oh, que bom é o Senhor! Eu já celebrei por ela duas missas e quando cessar um pouco o calor, far-lhe-emos as exéquias e direi outras missas por ela.

5221

Em duas palavras, vou contar-lhe a minha situação. Sou muito ditoso de sofrer por Cristo e pelas almas mais abandonadas do universo. A minha missão é a mais árdua e difícil do mundo. Espero, contudo, que nos leve a esse lugar onde está Nina, porque aqui tem que se sofrer o Purgatório. Depois de uma viagem muito fadigosa de setenta e sete dias do Cairo a Cartum, durante a qual suportámos no deserto cerca de sessenta graus de calor e tivemos que viajar sobre camelos mais de dezassete horas diárias, fiz a minha solene entrada em Cartum e a minha recepção como primeiro bispo e vigário apostólico do Sudão foi um verdadeiro triunfo da religião católica nunca visto nestes lugares. Mas rapidamente a poesia se tornou prosa, porque encontrei o Sudão afectado na sua totalidade por uma espantosa carestia de tudo e especialmente dos géneros mais necessários para a vida.

5222

Quando no Véneto a polenta ou o pão custam quatro vezes mais do que o habitual, diz-se que há carestia. Pois bem, nestes dias em que lhe escrevo (e só em Cartum tenho mais de cem pessoas que manter), paguei o durra ou milho (de que vive a gente humilde) a 67 francos o *ardeb* (saco feito de casca da palmeira), enquanto em 1875 o normal era pagar este género entre 5 e 6 francos o *ardeb*. As ovelhas, as vacas, os camelos morreram quase todos; manteiga, óleo, não há. No meu quintal trabalha-se com onze bois, os quais, quando faltou o feno, foram alimentados com durra, e neste momento já morreram quase todos.

5223

Que mais dizer? No Cordofão (onde tenho três estabelecimentos com religiosas e missionários), as pobres Irmãs têm que sair de casa às quatro da madrugada para ir a poços distantes (os nossos secaram) e, às vezes, têm que esperar até ao meio dia para conseguir uma água turva, negra, ao preço de 75 cêntimos o litro; de maneira que só no Cordofão com grande esforço se consegue água suja para beber, cozinhar e lavar e a um preço maior que o do vinho em Lonigo. Toda esta calamidade – não se recorda aqui nada semelhante – se deve à escassez das chuvas no ano passado. Nos meus quartos episcopais há 30 graus de calor; no de P.^e Squaranti, 32, e na rua de 50 a 55. Imagine que vida é esta! Ainda por cima, encontrei vazios os nossos armazéns e mais de 50 000 francos de dívidas. Esgotados já todos os meus recursos, agora estou sem um cêntimo e com tantos estabelecimentos para manter.

5224

Que fazer? Aquele que proporciona o grão às aves proverá, porque Ele tem mente, coração e consciência rectas e a obra é sua. Ele ocupar-se-á dela; eu sou só um seu servidor.

Além disso chamei à ordem o meu ecónomo S. José, ameaçando-o dirigir-me à sua mulher, se ele não fizer caso; exigi-lhe que no prazo de um ano, a contar do passado dia 12 de Maio, equilibre o meu orçamento, mas não ao estilo de Lanza, Sella e Minghetti ou do actual ministro da economia italiano, Semits Doda, mas sim um verdadeiro equilíbrio; caso contrário vou ter com a sua mulher; mas já chega.

5225

Trago todos os amigos de Lonigo no coração. Devo uma carta a P.^e Luciano: quero escrever-lhe uma longa missiva, mas que perdoe o meu silêncio. Devo escrever para procurar ajudas. E nas noites não durmo e estou sem apetite e sempre cansado... Saúde-o da minha parte, saúde-os a todos... a todos: padres... leigos... senhores... senhoras... devotas... freiras... o rev.mo arcepreste... Angelina... ao jovem marido... E sou

Seu af.mo † Daniel Comboni
Vigário apostólico da África Central

N.º 777 (738) - AO REI DA BÉLGICA LEOPOLDO II
ACR, A, c. 15/54

N.º 1

Cartum, 30 de Junho de 1878
[N.B. *No fim da carta escreve: 5-07-1878*]

Sir,

5226

A fadigosa viagem com toda a minha caravana de missionários e Irmãs, a quem acompanhei numa estação muito má, as graves ocupações do meu ministério apostólico e os sofrimentos muito sérios e cuidados que me afligem por causa do terrível flagelo da espantosa carestia e da extrema falta de víveres que assolam mais de metade do meu enorme Vicariato – o que esgotou todos os meus recursos económicos e materiais para fazer frente em parte às necessidades mais prementes – impediram-me de satisfazer o meu grande desejo de escrever a Vossa Majestade e empreender uma correspondência epistolar convosco, a qual não será inútil para os interesses da civilização da África Central.

5227

Antes de tudo, desejo vivamente manifestar por escrito a Vossa Majestade o meu mais sincero reconhecimento pelo generoso acolhimento que vos dignastes dispensar-me na tarde do Dia de Todos os Santos do ano passado e também manifestar toda a profunda admiração e veneração sem limites que Vossa Majestade suscitou em mim ao inaugurar uma nova era na regeneração dos povos mais desafortunados e abandonados da Terra, o que originou em toda a Europa civilizada um movimento providencial e acendeu um fogo sagrado em todos os corações generosos, para colaborarem nas grandes empresas não só científicas e civilizadas, mas também religiosas e católicas, orientadas para a redenção da África Central.

5228

Esta obra sem igual é a mais santa e filantrópica do presente século, a mais interessante, a mais digna do progresso e da elevação do espírito cristão e humano, e a mais urgente e necessária para realizar os adoráveis desígnios do divino redentor do género humano, que proclamou a verdadeira liberdade e fraternidade de todos os homens e que foi o primeiro a abolir a escravatura.

Estou profundamente convencido, depois de um sério exame, de que esta grande obra vai triunfar e de que, produzindo pouco a pouco frutos muito consoladores, após um série de múltiplas e variadas vicissitudes e experiências práticas, acabará por proporcionar imensos benefícios à Igreja e à civilização cristã, até se converter na força das missões católicas de África.

5229

E sinto-me muito feliz por me encontrar unido a vossa majestade por um vínculo de alma e de coração, criado por uma partilha das mais vivas e tenazes aspirações civilizadoras e regeneradoras desta querida África Central, que é a parte do mundo mais digna da simpatia e do interesse da humanidade inteira e à qual dediquei a minha alma e o meu coração, o meu sangue e a minha vida. Vínculo indissolúvel entre o augusto promotor da grande obra da redenção da África Central e o que, embora indigno e insignificante, é o primeiro pastor legítimo e o primeiro bispo e vigário apostólico da mesma África Central e, com todos os outros

missionários, o primeiro executor desta Obra admirável que a vossa grande, régia alma quis impulsionar e que Deus mesmo vos inspirou.

5230

Vínculo indissolúvel, enfim, entre a África Central e essa estimada Bruxelas, a nobre cidade que se tornou e continuará a ser sempre o autêntico quartel general do movimento civilizador para a regeneração da África Central.

A bondade de Vossa Majestade é tão grande que me permitireis, de agora em diante, pôr à vossa consideração algumas pequenas ideias que a minha modesta experiência nos assuntos africanos considerar eficazes e oportunas para o bem da grande empresa.

5231

Em primeiro lugar, a base de toda a sabedoria para dirigir uma grande obra, depois de ter verificado a sua utilidade, necessidade, excelência e sublimidade, é uma inquebrantável perseverança em trabalhar para a levar a cabo, e não retroceder jamais perante algum obstáculo ou dificuldade, deixando que o mundo inteiro caia, antes de desistir ou abandonar a grande obra iniciada.

Todas as grandes obras da Terra tropeçam sempre em obstáculos e dificuldades tão consideráveis que amiúde são uma ameaça até para a sua existência. A vossa, *Sir*, encontrará também enormes obstáculos e oposições: haverá momentos em que será incitado a abandoná-la, em que lhe serão apresentadas razões e motivos magníficos, plausíveis e artificiais para a pôr de lado.

Rejeitai-as sem temor e pensai que a vossa obra é obra de Deus, e, além disso, a obra do século, a obra que regenerará cem milhões de desventurados para os fazer livres e felizes na Terra.

5232

Esta obra elevará mais que a décima parte da humanidade ao nível das nações mais civilizadas. A majestosa voz de um rei católico muito ilustrado é muito poderosa, quando se trata dos grandes interesses da humanidade.

Que Vossa Majestade se digne adoptar como fundamento e base da sua grande obra o princípio de uma perseverança inquebrantável para a realizar, sem retroceder nunca perante os obstáculos. Esta obra magnífica será a gema mais brilhante e luminosa da vossa coroa real; a glória mais sublime, sólida e duradoura da Bélgica.

5233

Tendo lamentado a morte dos senhores Crespel e Maës chegados a Zanzibar, quis aproveitar esta ocasião para submeter à sabedoria de Vossa Majestade um dos primeiros artigos do meu *Plano para a Regeneração da África*, que expus à Santa Sé a 18 de Setembro de 1864, e que foi aprovado. Esta pequena ideia salva a vida a três quartas partes dos viajantes da África Central. Trata-se de fundar uma estação para aclimatar os exploradores antes de se aventurarem nas tórridas regiões da África Central.

Esta estação deve ser uma cidade ou localidade cuja temperatura seja um pouco acima da média proporcional entre a Europa ou a pátria dos exploradores e as regiões interiores da África às quais eles se irão dirigir.

5234

Os exploradores devem passar nesta estação ao menos uma ou duas temporadas de Verão e, durante elas, devem levar uma vida activa, dedicando-se sobretudo ao exercício da sua profissão ou àquilo que irão fazer na África Central. Além disso, nestes lugares de aclimação devem habituar-se pouco a pouco a um modo de vida e de alimentação que deverão ter nas regiões do interior, bem como a uma conveniente frugalidade quanto a carne, licores e vinho, por ser o abuso deles muito nocivo na África Central.

A tudo isto se podem habituar facilmente pouco a pouco, em especial os que gostam de legumes, que aqui são muito úteis.

5235

Os homens muito robustos, que não se habituam ao meio africano numa destas estações, são os primeiros a sucumbir; e quanto mais robusto é um homem, mais tempo precisa para se aclimatar. Isto é axioma que eu verifiquei muito frequentemente e que é muito pouco conhecido na Europa.

5236

Houve um tempo em que eu estava muito interessado em ter na África Central médicos europeus que tivessem completado os seus estudos e as suas práticas nas universidades e nos hospitais da Europa. Igualmente desejava ter farmácias fornecidas de todo o tipo de medicamentos europeus. Hoje entusiasma-me muito menos tais ideias. Eu mesmo fiz os meus estudos completos de medicina na Europa, com o único objectivo de me servir deles na África Central.

5237

O médico europeu não deve aplicar no centro da África mais que metade dos processos que traz da Europa, porque metade dos remédios e medicamentos europeus são muito nocivos na África Central, tanto para os europeus como para os indígenas.

Estes últimos têm aqui os remédios que o Criador lhes destinou. Aceitam-se os medicamentos externos e todos os elementos da cirurgia, que são muito úteis nestes lugares, assim como os principais remédios da medicina europeia, como o quinino, a *Pulvia Doweris*, a *digital*, a *ipecacuana*, etc., que se podem aproveitar aqui muito bem.

5238

Finalmente, uma última e importante norma na grande empresa de Vossa Majestade: há que escolher exploradores cuja moralidade seja bem conhecida (e a este respeito, creio que na Bélgica e na Polónia se podem fazer boas escolhas), porque, de contrário, em vez de chegar à África Central a civilização, se levará a corrupção, o escândalo e o ódio contra o Europeu, como aconteceu frequentemente.

5239

Os africanos têm bastante tacto e bom senso para distinguir perfeitamente entre os viajantes europeus e os missionários e as Irmãs católicas e sabem apreciar bem os bons costumes, de modo que, quando vêm um viajante europeu pela primeira vez, escondem as mulheres nas suas cabanas ou no deserto.

Pelo contrário, quando nos vêm a nós missionários ou às Irmãs, aproximam-se de nós dando sinais de muita alegria e apresentam-nos os seus filhos e mulheres, que nos pedem medicamentos e moedas, nos trazem de comer, etc.

5240

Aqui vou fazer uma pequena digressão, que não é inútil, dada a ideia que se tem na Europa sobre a população africana. Em 1875 fiz uma viagem de El-Obeid, capital do Cordofão, a Cartum com o coronel Colston, antigo general de divisão da América, o qual desde 1874 era chefe da expedição egípcia que devia explorar o Cordofão e prosseguir o seu caminho em linha recta até chegar a Mombutu, mas que ele teve de suspender por cair doente.

Como chefe de um exército, era acompanhado de uma trintena de soldados. Pois bem, em todos os lugares por onde passámos na nossa viagem de doze dias quase não vimos ninguém e apenas encontramos um ou outro guardião de poços, lá onde nos aproximávamos para bebermos água.

5241

Mas que diferença entre esta vez, em que eu viajava com soldados, e as ocasiões anteriores, em que segui aquela mesma rota acompanhado só dos meus missionários e das Irmãs para a minha visita pastoral ao Cordofão!

Então encontrava a cada instante rebanhos e grupos de pessoas que saíam ao nosso encontro a pedir-nos medicamentos, a oferecerem-nos carneiros, durra e leite.

5242

Porquê esta diferença? Porque quando os africanos vêm gente armada, consideram-nos soldados ou *jilabas* que vão roubar os seus filhos e o seu gado, pelo que fogem para o deserto com a sua prole, família e animais.

O coronel Colston apresentou ao estado-maior egípcio um relatório, que foi publicado, no qual considera o total da população de El-Obeid e do reino do Cordofão em 130 000 habitantes... Eu posso assegurar a Vossa Majestade, sabendo bem o que digo, que a população do reino do Cordofão ultrapassa em muito o milhão de almas.

5243

Quanto ao resto, o maior obstáculo para a abolição do tráfico de negros e da escravidão e para a civilização da África Central é o Islamismo. Este conseguiu infiltrar-se quase em toda a parte e são os próprios régulos do interior da África, muçulmanos ou negros feitos muçulmanos – que são satélites dos pequenos soberanos das costas – quem exerce a horrível actividade do tráfico e que se encarregam de alimentar e perpetuar a escravidão.

5244

Deixo para outra altura a exposição a Vossa Majestade da razão pela qual a rota do Nilo Branco é, provavelmente, mais fácil e mais conveniente que a de Zanzibar para chegar aos lagos Nyanza. Digo «provavelmente», porque antes de me pronunciar sobre este ponto com segurança, quero experimentar eu mesmo essa rota.

Pelas notícias que recebo dos Nyanza, parece que o movimento dos missionários anglicanos na África Equatorial é colossal: dispõem de grandes recursos. Espero que bastante dessa gente trabalhe para nós os missionários católicos, porque entre eles há muitos que carecem da qualidade essencial: a perseverança.

Dentro de uns dias, quatro missionários anglicanos chegarão aqui, a Cartum, e num barco do Governo partirão em seguida para Ladó, de onde prosseguirão a sua viagem até ao lago Vitória.

5245

O rev.do Wilson, chefe da expedição dos missionários escoceses, que perdeu dois companheiros, Smith e O’Neilly, assassinados pelo sultão da ilha Ukirui, no lago Vitória, mais outro que morreu de doença no lago Tanganica, está prestes a voltar a Inglaterra pela rota de Zanzibar, embora tenha despachado sempre tudo para Londres via Cartum.

Gordon Paxá, governador-geral do Sudão egípcio, de Massaua, Zeyla e Berbera, que reside em Cartum, acaba de nomear governador-geral do Nilo Branco e do equador o sr. Emin Efendi (um alemão, cujo verdadeiro nome é dr. Schnitzer). Trata-se de um excelente homem a quem conheço muito bem. Actualmente encontra-se no Nilo Branco.

5246

Gordon Paxá nomeou também ontem o sr. Rosset, vice-cônsul da Alemanha e da Inglaterra em Cartum, governador-geral de Darfur, e o capitão Gessi, chefe das tropas darfurenses, mas eles ainda não aceitaram, porque quereriam ser encarregados da exploração do rio Sobat (que eu visitei no Inverno de 1859, há quase 20 anos) para descobrir as comunicações entre o rio Branco e o reino de Kaffa, junto dos Gallas.

Mr. Mason traçou um magnífico mapa do seu périplo pelo lago Alberto. Segundo este mapa, a baía Beatriz de Stanley não seria um golfo do lago Alberto, mas um novo lago, porque a última ponta do Alberto está aproximadamente a 70 milhas inglesas mais a norte que o golfo Beatriz.

5247

Sua Excelência Gordon Paxá tem muito pouco de bom administrador; mas é um terrível inimigo da escravatura e do tráfico de negros.

Posso afirmar que deu um golpe terrível nesta vergonhosa chaga em muitos lugares da sua jurisdição. Por exemplo, no Nilo Branco e nas grandes rotas raramente se encontram escravos, como tão-pouco no vale do Nilo, nem no caminho do Cordofão e do Nilo Azul; e no deserto de Suakin já não se vêem aquelas grandes e numerosas caravanas de escravos que costumávamos encontrar no passado.

A escravatura continua a ser uma realidade e o tráfico de negros existe e existirá por muito tempo; mas faz-se às escondidas de Gordon Paxá, que é muito severo com os traficantes de carne humana.

5248

Por isso, pode-se dizer que, por agora, estas infames actividades diminuiram um pouco nas possessões egípcias do Sudão. Os traficantes de carne humana andam longe das grandes rotas e avançam para o interior para fazerem as suas incursões e para se apoderarem dos pobres negros, mercadoria do seu infame comércio.

Há que assinalar que estes *jilabas* temem muito os europeus vindos para altos fins, quer sejam seculares quer sejam missionários, porque sabem que são contra a escravatura. Em consequência disso, os estabelecimentos científicos e sanitários e as explorações decretadas pelas conferências de Bruxelas serão sempre de grande utilidade para a abolição do tráfico de negros, assim como a presença dos missionários e das Irmãs é sempre um espinho para os *jilabas*.

5249

Eis aqui um exemplo. Tendo eu fundado uma missão na tribo de Gebel Nuba – que constitui uma grande coutada para os traficantes de carne humana e o lugar de passagem de pelo menos 30 000 escravos todos os anos –, um dos mais importantes e activos *jilabas*, pertencente à tribo dos Bagara Omur, árabes nómadas, que vinha sempre ao meu encontro em Delen para me pedir medicamentos, apresentou-se a S. E. o governador do Cordofão e disse-lhe: «Desde que deixaste que estejam em Gebel Nuba esses cristãos, é-nos impossível pagar o nosso tributo (imposto anual), porque não podemos ir capturar as nossas *farkhat* (galinhas, que é o nome que se escreve nos registos do governo de El-Obeid, e cujo verdadeiro significado é “jovens escravos”) e os nossos *khorfans* e *yamal* (cordeiros e camelos, os nomes que aparecem nos ditos registos e que neste caso se referem a escravos varões “jovens” e “adultos”) para te pagar»; isto é, não podemos roubar e trazer os nossos escravos para pagar o tributo. E isto porque até há uns anos, e também hoje às escondidas, os governadores do Cordofão sempre receberam como pagamento destes povos tributários uma enorme quantidade de escravos, em vez de dinheiro e gado.

5250

Porém, de facto, desde que a missão católica existe em Gebel Nuba nunca foi capturado e feito escravo nenhum membro dessa tribo, nem voltaram a passar por lá caravanas de escravos. Os traficantes fazem as suas incursões em terras dos Yangueh, ou em Dar Fertit, e seguem outra rota muito mais distante que a ordinária e mais curta de Gebel Nuba.

5251

Tenho a esperança de poder fundar este ano no lago Alberto uma nova missão e uma segunda no lago Vitória no próximo ano. É mais difícil estabelecer uma missão católica regular numa localidade do centro da África que efectuar por lá uma simples visita de reconhecimento, como fazem os exploradores.

5252

Os viajantes e os exploradores passam como meteoros por estes lugares, sobre os quais contam depois pouco de verdadeiro, por não terem tido tempo suficiente nem o necessário conhecimento das línguas locais. Ao invés, não acontece isso com os missionários, que ficam por muito tempo ou para sempre.

5253

Porém, não sei quando poderei deixar Cartum, dadas as dificuldades em que actualmente me submergem a terrível carestia e falta de víveres, que oprimem o meu Vicariato. Agora compramos o durra e o trigo dez vezes mais caros que o ano passado, por causa da falta total ou da escassez de chuvas no ano anterior.

No Cordofão, a água para beber, cozinhar e lavar custa-nos mais que o vinho na França; mas a Providência porá remédio.

5254

Tomo a liberdade de enviar a Vossa Majestade a oração pela África Central, que Pio IX, de santa memória, aprovou, e peço desculpa por ter prolongado em excesso a minha carta. Estou certo que vos digneis conceder-me um generoso perdão.

Inclinado humildemente ante o trono de Vossa Majestade, suplico-vos que tenhais por bem aceitar a mais sentida homenagem do meu espírito e do coração, com o que tenho a honra de me declarar para sempre

De V. M. hum.mo, dev., e obed. servidor
† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário apost. da África Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 778 (739) - AO P.º HENRI RAMIERE
«*Messenger du Coeur de Jésus*» 34 (1878), v. 2. pp. 323-326

Cartum, Núbia Superior, 12 de Julho de 1878

Meu reverendo padre,

5255

Necessitando extremamente da ajuda do Sagrado Coração de Jesus, soberano da África Central, o qual é a alegria, a esperança, a fortuna e tudo para os seus pobres missionários, dirijo-me a si, amigo, apóstolo e fiel servidor desse Coração divino, tão cheio de caridade pelas almas mais desventuradas e abandonadas da Terra.

5256

Oh, que feliz sou de passar meia hora consigo para encomendar e confiar ao S. Coração os interesses mais preciosos da minha laboriosa e difícil missão, à qual consagrei toda a minha alma, o meu corpo, o meu sangue e a minha vida!

5257

Uma dolorosa carestia e uma extrema falta de víveres, acompanhadas de perniciosas doenças, assolam desde há um ano o meu imenso Vicariato e como consequência destes flagelos esgotaram-se todos os meus e eu encontro-me oprimido por gravíssimas preocupações.

Eis aqui, pois, o ardente desejo que quero exprimir-lhe: faça no *Mensageiro* um chamamento especial aos amigos do Sagrado Coração, incitando-os a rezar fervorosamente pelo meu querido Vicariato, por mim e pelos meus missionários, bem como pelas minhas Irmãs dos institutos de S. José da Aparição e das Pias Mães da Nigrícia, que prestam serviço na África Central.

5258

Estas orações devem ter por objectivo a conversão dos meus queridos infiéis e também a obtenção dos recursos necessários para todas as obras do Vicariato. Em troca, não devem ter como finalidade o afastamento das cruces, dos sofrimentos, das penas e das privações extraordinárias a que estamos submetidos nós e os nossos missionários, porque a cruz e as maiores tribulações são necessárias para a conversão, a estabilidade e o progresso das obras de Deus, que sempre devem nascer, crescer e prosperar ao pé do Calvário.

Ah, que bom é sofrer muito por Jesus e pelas almas mais abandonadas da Terra, que nos foram confiadas pelo vigário de Cristo! O Coração divino e adorável de Jesus ajuda-nos grandemente fortalecendo-nos na cruz.

5259

Portanto, as orações devem ter como fim fazer que prospere e cresça a obra da redenção dos meus cem milhões de infiéis, sem que a falta de recursos impeça o seu desenvolvimento. O senhor, meu querido padre, compreendeu o meu pensamento, que eu não sou capaz de exprimir bem.

Além disso, pedir-lhe-ia que traduzisse para o francês e publicasse nalgum número do *Mensageiro* a minha primeira carta ao nosso Santo Padre Leão XIII, que lhe enviei para a festa do Sagrado Coração no passado dia 28 de Junho e que é uma espécie de acto de adesão meu e dos meus missionários e irmãs ao novo Soberano Pontífice. Envio-lhe com este título: *D. Comboni e a África Central aos pés de Leão XIII*.

5260

Dir-lhe-ei agora duas palavras sobre o meu Vicariato, cuja história foi o tema de um pequeno trabalho meu, publicado o ano passado em *Les Missions Catholiques*, de Lião, a partir do n.º 13 de Outubro último.

5261

Quando em 1872 fui nomeado pró-vigário apostólico de todo o vicariato da África Central, não existia senão a isolada casa de Cartum e o quintal-jardim abandonado que criou o rev.do P.^e Pedemonte, da Companhia de Jesus, chegado a Cartum em 1848. Graças ao Sagrado C. de Jesus, ao qual, como o senhor sabe, foi consagrado o Vicariato a 14 de Setembro de 1873, temos hoje dois grande institutos em Cartum, três no reino do Cordofão, dois em Berber e dois nas tribos de Gebel Nuba.

Já enviei missionários a Cadaref, nos limites com a Abissínia, e, dentro de pouco, fundarei uma missão no lago Alberto.

5262

No espaço de cinco anos, foram salvas muitas almas e foi feito o reconhecimento de muitas povoações, foram fundados e consolidados estabelecimentos, e o Sagrado C. de Jesus concedeu abundantes graças a esta imensa Missão.

5263

Mas como as obras de Deus devem caminhar com a cruz, o Senhor permitiu que, desde quase há um ano, este grande Vicariato se encontre atingido por um terrível flagelo de uma espantosa carestia e de uma extrema miséria, que assolam estas tórridas regiões, e que vieram seguidas de cruéis doenças até ao ponto de dizimar estas desditosas populações.

A causa de tão grandes males foi a falta de chuvas durante o ano passado. Uma grande parte do gado e dos camelos morreram de fome. Os campos estão áridos e ressequidos; já não há grão, nem feno, etc.

5264

Centenas e até milhares de povoados são abandonados pelos seus famintos habitantes, que, infelizes, morrem de inanição como moscas.

Em França, quando se paga o pão cinco ou seis vezes mais caro que o normal, diz-se que há carestia. Pois bem, aqui o durra (o milho, alimento para o povo) decuplicou o seu preço e a semana passada tive que pagá-lo até doze e treze vezes mais do que era corrente...

Continuarei a minha narração com o próximo correio, porque o dromedário está prestes a partir e eu estou muito ocupado.

Aguardando, subscrevo-me

Seu devot.mo irmão

† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis e vigário da Áfri. C.

Original francês
Tradução do italiano

N.º 779 (740) - À MADRE EUFRÁSIA MARAVAL
ASSGM, Afrique Centrale dossier

N.º 2

Cartum, 22 de Julho de 1878

Minha muito rev.da madre,

5265

Acabo de receber a sua estimada carta de 20 de Junho, que me enche de tristeza, porque não me diz nada das Irmãs nem da superiora principal de Cartum, que pedi insistentemente. Mas pode ser que, prudentemente, tenha deixado à futura superiora (que espero seja a madre) a decisão deste assunto de capital importância para o bem da África Central.

Disponho só de meia hora para lhe responder e para ordenar a Ir. Arsénia que deixe partir a Ir. Maria Josefa e a Ir. Ana para Cartum, atendendo ao desejo da madre.

5266

Não sei nada do que a madre me diz do meu secretário. As condições que ele propôs à madre geral receberam desta completa aprovação (escreveu-me ele) e também do cardeal Franchi. Eu tomei como base muitos outros contratos que a congregação tinha feito com Trípoli e com diversos bispos, documentos que pude examinar. E a minha Ir. Catarina, à qual eu tinha exposto as minhas ideias, assegurou-me que as condições que eu punha eram mais vantajosas para a congregação que as de muitas outras missões.

5267

Isto é o que sei. Quanto ao demais, para actuar conscienciosamente e com conhecimento de causa, é preciso que o contrato se faça na África Central e pelas Irmãs da África Central, que conhecem as circunstâncias e as condições da Missão. De outro modo torna-se impossível avaliar a exactidão e a necessidade das cláusulas; e este é o sistema da Igreja.

5268

Eu não tive nunca nenhum problema em deixar partir as duas Irmãs que pediram para regressar a França. A Ir. Severina disse-me que a Ir. Josefa e a Ir. Ana estavam autorizadas a regressar, mas disse-me também que não deviam partir até não chegarem outras Irmãs da Europa.

5269

A madre não escreveu nada deste assunto...

...Todas as obras de Deus devem sofrer as suas provas. O sangue dos mártires é sempre semente de cristãos. A morte de alguma Irmã nesta grande vinha de Jesus Cristo é uma consagração da congregação de S. José da Aparição na África Central. Deixar esta grande missão por causa da morte de alguma Irmã é ceder os méritos e a glória a outros.

A sua congregação goza de grande prestígio na Europa por ter empreendido a missão da África Central e perderia muito abandonando-a.

Rogo-lhe que me mande quanto antes uma superiora e Irmãs para Cartum.

Tenha-me presente em suas orações.

† Daniel Comboni
Vigário ap. da A. C.

Original francês
Tradução do italiano

N.º 780 (741) - À MADRE MARIA DA ANUNCIAÇÃO COSEGGI
(de Gebel Nuba)
DAS MADRES SERVITAS DE ARCO
APA, Fasc. n.º 107, «*Monastero Servite*»

Cartum (Rua Egipto), 24 de Julho de 1878

Minha caríssima filha em J. C.,

5270

Esta manhã recebi a tua apreciadíssima de 21 de Junho. As distâncias fazem-se mais curtas também com a Nigricia, porque hoje os vapores navegam pelo Nilo e há caminhos de ferro. Há tempo, chegou-me uma carta sumamente grata da tua superiora com data de nove de Janeiro passado. Em Korosko, no limiar do deserto, recebi a notícia da tua grave doença; e as Pias Madres da Nigricia (vinham cinco comigo) do instituto que fundei em Verona, os missionários e eu, rezámos pela tua cura de cima dos nossos camelos e sob 60 graus de calor, enquanto viajávamos pelas ardentes areias 17 horas por dia. Porém, como fazer para responder a mais de mil cartas que me chegaram de todo o mundo sob o peso de tantas cruces e aflições, das quais

te darei agora uma rápida referência? Por isso não deves ter em conta o meu silêncio, se bem que talvez tenha sido demasiado longo.

5271

Enquanto tu viveres e eu viver, deves escrever-me sempre para Cartum, mesmo quando estiver de visita ao meu imenso Vicariato, que é a diocese maior, mais povoada, mais laboriosa e difícil do universo. E deves dar-me notícias primeiro de ti; segundo, das mães filhas da minha querida Falconieri; terceiro, de todas as outras jovens negras com quem tratas, indicando-me o seu nome, tribo, idade, mosteiro, estado religioso, etc. Visto que és nuba, dir-te-ei que a missão que fundei na tribo dos Nuba está a andar. Mandeí lá, entre outros, um santo sacerdote missionário, que está a aprender a língua; trata-se de P.^e João Losi, de Placência, a quem nomeei pároco. P.^e Luís Bonomi, veronês, é o superior. Estão a trabalhar activamente. A gente de lá anda toda nua, homens e mulheres; mas têm uma boa disposição. Quando em 1875 fui fundar aquela missão, pedi ao grande chefe que vestisse as suas mulheres. Ele disse-me que era impossível, porque com a roupa não teriam filhos.

5272

Então mandei ao serviço dessa missão algumas famílias de negros. recém-convertidos, cujas mulheres andam sempre vestidas; e quando alguma destas teve filhos, o grande chefe exclamou: «*Agiab*, o pró-vigário tinha razão.» Por isso, agora começam a vestir-se os que encontram algum trapo. Em Outubro próximo, a partir do reino do Cordofão, passarei a fazer a visita pastoral a Gebel Nuba para preparar as coisas, a fim de estabelecer aí as Irmãs veronesas, que actualmente tenho instaladas em Berber.

5273

Deixa agora que, de passagem, te explique algumas das tremendas dificuldades – ainda que sempre queridas por virem de Deus – que me têm acabrunhado. Dá-as a conhecer às outras religiosas africanas, para que nos seus mosteiros se reze por mim e pela conversão da Nigricia.

Após a minha partida do Cairo com os missionários e as Irmãs numa das maiores embarcações fluviais à vela do Egipto, frente à bela cidade de Minieh, no Alto Egipto, chocámos com uma âncora oculta debaixo da água, que abriu um rombo no barco e em menos de uma hora este estava tão cheio de água que o seu bordo ficou quase ao nível do rio. Com a ajuda que nos prestaram as autoridades conseguimos chegar todos a terra sãos e salvos, ainda que com um grande susto; mas eu sofri perdas de mais de dez mil florins, entre materiais, medicamentos, livros e provisões destruídas.

5274

Tinha comigo provisões para dez estabelecimentos, compradas com dinheiro recolhido com tanto esforço na viagem que fiz pela Europa depois da minha sagração. Já na Núbia, no começo do grande deserto, fiquei a saber que grande parte dos camelos tinham morrido de fome e esgotamento e encontrei lá comerciantes árabes que desde havia seis meses esperavam em vão camelos para transportarem as suas mercadorias. O grande chefe do deserto aconselhava-me a regressar ao Cairo (depois de 44 dias da minha partida) e que experimentasse a rota do mar Vermelho e de Suakin. Mas, como fazer, com tanta gente e com pouco dinheiro no bolso?

5275

Depois de apertar o meu ecónomo S. José, decidi dividir em duas a minha caravana (que precisava de cem camelos), e ir eu com o pessoal pelo deserto de Korosko e de Berber, mais curto, ainda que mais difícil, e mandar a maior parte das provisões salvas e que não podiam ser lançadas a perder (como ferro, missangas, etc. etc.) pela rota mais longa mas menos dura do reino de Dôngola. Enviei, pois, o grosso da caravana pelo Nilo até Wady-Halfa, onde deviam arranjar-se com 60 camelos, e forcei o meu amigo, o grande chefe do deserto a dar-me 50 desses animais, dos quais carreguei só 40 com água (que depois se estragou), o pessoal, as provisões alimentares e os equipamentos. A 17 de Março, pela tarde, entrámos no espantoso deserto, avançando em marcha forçada e substituindo os camelos que caíam e morriam com os dez camelos de substituição que levava comigo.

5276

O deserto estava cheio de cadáveres de camelos e de mercadorias abandonadas sobre a areia. Não te posso dizer quanto sofremos então com a sede, os 60 graus de calor, o cansaço. Eu seria incapaz de sofrer a centésima parte para me tornar o maior rei da Terra. Mas tratava-se de salvar a Nigricia, de ganhar os negros para Cristo, e nós considerámos os nossos sofrimentos uma *ninharia*, bem pouca coisa: até receber cem vezes o martírio e a morte é uma insignificância, para o elevado fim de salvar a Nigricia. Depois de treze dias de deserto, chegámos a Berber e, daí, após baptizar alguns negros adultos convertidos, regular casamentos de casais amancebados, confirmar e deixar instaladas as Irmãs veronesas, parti para Cartum.

5277

A minha entrada na capital do Sudão como primeiro bispo da Nigricia foi um verdadeiro triunfo da religião. Paxás, côsules, *mufitís*, cristãos, hereges e muçulmanos concorreram para tornar esplêndido o meu triunfo.

fo, ou melhor, o triunfo da fé. Mas, ai!, toda esta poesia tornou-se prosa em três dias. Uma vez acalmado o entusiasmo das festas, passei ao exame dos assuntos do Vicariato, e encontrei neste uma dívida de 40 000 francos, que eu ignorava por completo. E qual tinha sido a causa dela? Algo querido e disposto por Deus.

5278

Uma espantosa e tremenda carestia assola o Vicariato desde quase há um ano, por falta ou escassez de chuvas que houve no ano anterior. Quando na Itália o trigo custa três vezes mais que o normal, diz-se que há carestia. Pois aqui não já três vezes, mas dez, doze vezes mais que o ordinário custam o trigo, o durra, o leite, os ovos, a carne e os produtos de primeira necessidade. Os oito bois que trabalhavam no meu quintal de Cartum morreram quase todos por falta de feno, que não há; os dois que ainda restam vivem de grão. E é preciso alimentá-los assim, porque, doutro modo, o trabalho de vinte e sete anos ficaria destruído. Este ano há uma grande perda. Por exemplo, para alimentar os negros e negras dos dois institutos de Cartum e os nossos *tatabla*, ou hortelãos, e as famílias pobres que nos deixaram os meus antecessores e são velhos incapacitados, só de durra (milho) precisava eu 300 *ardeb* (sacos) anuais, que em anos anteriores pagava a uns 3 florins o *ardeb*. Agora com grande dificuldade se encontra um *ardeb* de durra a 35 ou 40 florins. Faz tu o cálculo relativamente aos outros estabelecimentos do Vicariato.

5279

Ainda por cima, no reino do Cordofão há uma extrema escassez de água. As irmãs há seis meses que não fazem barrela, porque a água turva e salobra para beber, cozinhar e lavar custa mais que o vinho no Tirol. De madrugada, às quatro, uma Irmã levanta-se, toma consigo quatro ou cinco jovens e vai aos poços distantes públicos (porque os nossos estão secos há seis meses), e aí, às vezes, têm que esperar até ao meio-dia para conseguir água turva e lodosa a florim e meio, e até a dois florins a *bormah* (quatro litros). Os povoados são abandonados às centenas e aos milhares por habitantes esfomeados, que partem à procura de comida e que – para dizer tudo numa palavra – vão caindo como moscas. Nós temos atendido às necessidades não só dos cristãos, mas também dos muçulmanos. Porém, já esgotámos todos os nossos recursos e tenho que multiplicar as dívidas para sustentar os estabelecimentos.

5280

A isto acrescentam-se tremendas doenças, como o tifo e a varíola, que provocam inúmeras mortes. Eu aqui em Cartum tive sete numa semana. Para cúmulo, o meu camareiro que eu tinha trazido de Roma e que era um anjo, morreu-me de uma insolação em poucas horas. Em poucas horas também, no dia 30 de Junho passado, morreu-me P.^e Policarpo Genoud, jovem sacerdote de Bolzano, ordenado em Trento no Outono de 1876. Enfim, estou cheio de cruces, nado na angústia e desolação e vejo um futuro sombrio. Estive dois meses e meio doente, com uma fraqueza extraordinária. Nós bebemos sempre água, de modo que já nem recordamos o sabor do vinho. Durante dois meses e meio não dormi mais que cinco minutos em 24 horas. Temos de 32 a 34 graus *Réaumur* [40^o e 42^o] nos nossos quartos e há que correr daqui para ali a todas as horas por necessidade do ministério, sobretudo para baptizar, confirmar, etc. Pelas manhãs tenho um desfalecimento que raras vezes me permite celebrar missa. Agora talvez durma uma escassa hora em vinte e quatro; mas estou sempre esgotado, tanto para o trabalho como ter que estar a escrever para a Europa para conseguir esmolas e ajudas. Em suma, é um martírio prolongado e penosíssimo.

5281

Mas no meio de tantos sofrimentos é imensa a minha satisfação espiritual pelas almas ganhas e pelo progresso da Obra da conversão da Nigricia. As obras de Deus devem nascer e crescer ao pé do Calvário, porque a cruz é a marca de santidade de uma obra. A própria Mãe de Deus foi rainha dos mártires e é preciso passar pelo martírio, pelo sangue e pela cruz. Eu estou quebrado no corpo; porém, tendo-me encomendado ao Coração de Jesus, ainda que o mundo desabe, eu mantenho-me firme e inamovível no meu grito de guerra, com o qual fundei e pus em andamento, contra tantos obstáculos e com o preço de tantas penas, a obra da redenção da África; mantenho-me firme, dizia, no meu grito de guerra: «*Nigricia ou morte!*»

5282

Sim, poderá cair o mundo; mas eu, enquanto o Coração de Jesus me assistir com a sua graça, permanecerei firme e inamovível no meu posto e morrerei no campo de batalha. Para aumentar as minhas dores, um missionário, até bom, P.^e Estêvão Vanni, das *Puglie*, com o pretexto de que lhe reaparecera uma antiga doença (embora a verdade seja que, segundo ele disse a um companheiro seu, podia aguentar doze cargas de sofrimento, mas não treze) pediu-me e obteve a sua repatriação e sabia já bem o árabe.

5283

Para cúmulo, o meu próprio vigário-geral, que governou o vicariato durante a minha estada na Europa, cansado de tantos padecimentos (passou muito mal e deixou-me, não por culpa sua, muitas dívidas), partiu para a Europa já a semana passada. Receio que outros dois peçam para regressarem no próximo Outono e que três Irmãs francesas, que também sofreram muito, voltarão igualmente à Europa. A África Central é a

mais árdua e laboriosa missão do universo. Experimentaram a trabalhar nela os jesuítas (que, queira-se ou não, são os primeiros e mais dignos missionários da Igreja Católica) e, depois, foram-se embora.

5284

Experimentaram também os bons padres franciscanos, que tinham sempre pessoal excelente e santo; porém, tiveram que abandonar. Então, por que motivo o mais pequeno e insignificante dos institutos, como é o microscópico que fundei em Verona, pôde consolidar o apostolado da África Central e a seguir alargá-lo, o que não conseguiram fazer os meus antecessores? Porque eu, de acordo com Pio IX, consagrei solenemente o Vicariato ao S. C. de Jesus, a N.^a S.^a do Sagrado Coração e a S. José; porque em todos os santuários do mundo por mim visitados e em quase todos os mais fervorosos mosteiros e institutos da Europa se reza intensamente pela conversão da Nigéria e porque eu fui o primeiro a fazer com que colabore no apostolado da África Central o *omnipotente* ministério da mulher do Evangelho e da irmã da caridade, que é o escudo, a força e a garantia do ministério do missionário.

5285

Porém, mais importante que tudo é a oração, porque Jesus Cristo, todo cavalheiro, mantém a sua palavra e proclamou o *petite et accipietis, o pulsate et aperietur*, que vale mais que todos os tratados dos soberanos e de todos os poderosos da Terra. Portanto, tu, que foste chamada a servir e a santificar-te no santuário de um mosteiro, podes ser verdadeira missionária e apóstola da África, tua pátria, se sempre rezares e fizeres rezar e suscitares e solicitares de outros mosteiros as mais fervorosas e assíduas preces pela conversão e redenção dos *mais de cem milhões* de negros, teus irmãos, que a Santa Sé confiou aos meus cuidados.

5286

E não só deves rezar e fazer rezar: deves servir de impulso aos mosteiros das jovens negras tuas conhecidas e até a algum excelente benfeitor, de tantos como tem o católico, devoto e generoso Tirol, a fim de que concedam à África Central o óbolo da sua caridade, mandando as esmolas, quer sejam poucas ou muitas, ao il.mo e rev.mo *prof. Mitterrutzner*, director do ginásio episcopal de Bressanone, que desde há quase trinta anos é um assíduo benfeitor da África, verdadeiro pai e amigo fiel e eterno da Nigéria.

5287

A África Central sairá da actual desolação. Porém, poderei eu ver-me aliviado de tantas preocupações e misérias? Poderei alguma vez levantar a cabeça entre tanta ruína? Oh, minha querida filha, os Corações de Jesus e de Maria, enquanto sabem dar as necessárias pílulas do sofrimento, têm prontos muitos remédios. Nas barbas do Padre Eterno e do meu S. José há muitas libras esterlinas, muitos napoleões de ouro e muitos florins. Por isso na Festa do Patrocínio de S. José deste ano, que foi a 12 de Maio, com muita autoridade e aprumo (porque o ecónomo deve obedecer ao chefe), depois da missa apresentei-me a S. José e disse-lhe claro e directo: «Meu querido ecónomo, encontro-me num bom sarilho: estou coberto de dívidas e preciso igualmente de alimentar e manter os treze estabelecimentos que criei e que possuo de Verona a Gebel Nuba. Se dentro de um ano não me *equilibras o orçamento*, isto é, se dentro de um ano não me tiveres pago todas as minhas dívidas, sustentando, além disso, toda a obra, de forma que eu possa implantar no próximo ano a cruz de Jesus Cristo, teu filho putativo, nas nascentes do Nilo, para lá do equador, no lagos Nyanza, dirigir-me-ei a tua mulher... e verás como ela fará o que tu não fizeste!»

5288

Crês, filha minha, que o meu ecónomo S. José me voltará as costas, negando-se a atender o meu pedido? É impossível que diga que não, porque é o rei dos cumpridores e trata-se da glória do seu Jesus, seu filho putativo, que apenas é conhecido nalgumas partes deste Vicariato. Trata-se de libertar das cadeias da morte eterna a décima parte do género humano. Além disso, S. José tratou-me sempre bem, com respeito e submissão, como um bom subordinado ao seu superior; estou, pois, certo de conseguir antes de um ano não o «equilíbrio orçamental» sempre prometido e nunca realizado pelos ministros Lanza, Sella, Minghetti, Cairoli e todos os outros da praça italiana, mas um equilíbrio da economia do Vicariato autêntico e real, e digno de S. José.

5289

Aqui poderia falar-te das conversões obtidas por Deus; das almas salvas, entre as quais baptizei (coisa raríssima nas missões do Oriente) dois adultos muçulmanos, que fizeram um catecumenato de quatro anos; da abjuração que recebi de um comerciante herege, etc., etc. Mas entre as coisas que te deveria dizer, há uma que não posso deixar de te referir, mesmo sucintamente, e é uma suma ventura de três escravas abexins, que, depois de terem vivido entre os falsos prazeres do mundo como concubinas de um rico comerciante, com apenas dois dias de penitência forçada ou espontânea, como ladras afortunadas, roubaram o Paraíso por obra da missão e especialmente das nossas Irmãs de S. José da Aparição. Conto-to em duas palavras.

5290

Em Cadaref, uma das minhas províncias limítrofes com a Abissínia, um rico comerciante grego de Esmirna, súbdito austríaco, comprou uma belíssima abexim de dezassete anos e levou-a para casa como concubina. Ao cabo de uns meses comprou outra abexim e levou-a para junto da primeira e para o mesmo. Finalmente comprou uma terceira, esta de dezasseis anos, da qual teve em quatro anos três filhos, os quais ainda vivem. Os filhos das outras morreram todos. O ano passado este comerciante morreu em Cadaref. O cônsul austríaco de Cartum recebeu de Viena ordem de vender todos os bens do defunto e de mandar o dinheiro para Esmirna à sua família legítima. Assim, estas três pobres concubinas, já de entre vinte e vinte e quatro anos de idade e, com os três filhos mencionados, ficaram só com as provisões que havia em casa e com algum ornamento de ouro recebido do seu amo.

5291

As três eram muçulmanas. Continuaram a aguentar-se por algum tempo. Mas, tendo-se produzido a carestia, não tardaram em acabar com as provisões e com o ouro que tinham; por isso, após uma viagem de treze dias, apresentaram-se em Cartum para reclamar ajuda do cônsul austríaco. O cônsul respondeu-lhes que tinha mandado todo o dinheiro para Esmirna e sugeriu-lhes que viessem à missão católica pedir alojamento. A mãe dos três filhos respondeu: «*Nem falar! Nós não vamos aos cães cristãos...*» Porém, o bom Jesus esperava-as precisamente na missão para as fazer objecto de uma vingança digna do redentor do mundo; e a Virgem Maria, por tamanho insulto (*cães cristãos*), esperava-as precisamente em nossa casa, para uma vingança digna do título de mãe e refúgio dos pecadores.

5292

As três jovens concubinas, com um filho de um ano e duas filhas de 3 e de 5 anos, vaguearam vários dias e noites por Cartum. Mas, reinando a fome, não encontravam ajuda eficaz dos muçulmanos, de modo que, como lhes tinha recomendado o I. R. cônsul, apresentaram-se na missão, onde lhes foram atribuídas 8 pias-tras *khorda* (15 soldos austríacos) por dia e dois quartos na zona destinada às refugiadas: no meio das dificuldades, a missão não podia fazer mais. Então tomou conta delas uma excelente Irmã árabe das nossas de S. José, a Ir. Germana, de Alepo, verdadeira missionária e apóstola excepcional, à qual primeiro nomeei superiora do Cordofão, depois levei comigo para Gebel Nuba e agora tenho aqui em Cartum. Em suma, em menos de um mês a Ir. Germana convenceu as três concubinas a fazerem-se católicas e pôs-se a instruí-las nas coisas principais da fé. Enquanto as instruía, em meados de Junho passado, uma delas adoeceu de varíola e foi assistida pelas outras. Então mandou-me chamar para o baptismo.

5293

Baptizada, e tendo recebido das minhas mãos a confirmação, toda contente, já desejava o Paraíso: e morreu a 16 de Junho (há 40 dias). Encontrando-se esta ainda doente, por a ter assistido, contraiu também a varíola a que era mãe das três crianças. Manda-me chamar, encomenda-me o menino, rogando-me que seja para ele um pai, e confia as duas meninas à Ir. Germana, à qual pede que sirva de mãe. Tendo solicitado e obtido o baptismo, morre toda contente dois dias depois da primeira e voa a roubar o Paraíso. Esta jovem mãe, que andaria pelos *vinte e dois anos*, possuía qualidades eminentes tanto de corpo como de espírito. Tinha um carácter, uma firmeza viril e creio que com o seu trato e os seus raciocínios podia estar à altura de uma dama europeia. Veio muitas vezes visitar-me para que lhe falasse em favor da sua causa, já que o pai de seus filhos lhe tinha prometido o ouro e bens para eles.

5294

Mas, depois do baptismo, estava alegre e contente de morrer, certa de que a missão ia ser mais que uma mãe para com os seus filhos. Antes de ela morrer, adoeceu também de varíola a terceira das jovens. Baptizada e confirmada, ao fim de três dias morria igualmente ela, *cheia de conforto*. E foi assim como estas senhoras, ex-concubinas, depois de terem gozado do mundo durante alguns anos (porque o seu amo as tratava muito bem) e de se terem divertido à sua vontade, por graça do bom Jesus e da Virgem, e por obra de uma jovem de 32 anos, a Ir. Germana Assuad, estas três famosas ladras roubaram em apenas cinco dias de doença o Paraíso, deixando-me a mim em herança os três filhos, com ordem absoluta de fazer deles cristãos.

5295

A meditação sobre os caminhos admiráveis de que a Providência se serve para salvar as almas mais abandonadas da tua querida África deixa-ta a ti, que te comprazes a pensar sempre em Deus nos sagrados recintos. O que eu acrescento é que Deus se serviu desta circunstância para criar em Cadaref (onde nunca houve um sacerdote católico, exceptuado P.^e Gennaro Martini, a quem mandámos para lá em Setembro de 1876) uma nova missão, porque a semana passada eu enviei o meu referido missionário P.^e Martini, de Turim, fazer uma exploração por toda a província de Cadaref, que é maior que todo o Tirol; e depois que me tiver mandado um pormenorizado relato, irei eu mesmo com P.^e Squaranti fundar aí a nova missão.

5296

Termino porque estarás cansada, como estou eu que escrevi este palavreado duma tirada. Mas lembra o meu afã para que se reze muito pela conversão da tua África, à qual consagrei mente e coração, sangue e vida; e tenho desejo de ser vítima da sua salvação. É a parte mais abandonada e desprezada. Aqui suaram e morreram muitos piedosos, excelentes e santos sacerdotes, cultos e doutíssimos, do Tirol italiano e alemão, enviados a estas terras pelo incomparável apóstolo, amigo e protector da África Central, o benfeitor e benemérito prof. Mitterutzner, de Brixen; e o exemplo de alguns destes santos sacerdotes tirolezes, com os quais tive ocasião de conviver, proponho-o aos meus missionários como modelo de constância, firmeza e zelo apostólico. Nós não somos dignos sequer de beijar os pés a um Gostner, um Lanz, um Überbacher, um Pircher, nem a outros como eles. Mas basta.

5297

Congratulo-me enormemente pelo facto de a Santíssima Virgem, que inspirou os sete santos fundadores do Instituto dos Servitas, te ter admitido a ti para formares parte dessa selecta plêiade de virgens esposas de Cristo. Agradeço às tuas pias madres por te terem permitido partilhar tanta ventura. Mas tu, na perfeita observação das regras do teu instituto, deves ser uma apóstola continuamente activa e solícita da Nigricia e levantar sempre os braços ao Céu, como Moisés, a fim de implorar a conversão da África e as graças necessárias para mim, primeiro bispo desta colossal diocese, para os meus missionários e para as minhas Irmãs, tanto francesas como de Verona.

5298

Estou-te muito agradecido pela carta de felicitações que me mandaste por ocasião do dia do meu santo, São Daniel, profeta no covil dos leões (também eu estou no meio dos leões e mandei ontem um ao cônsul austríaco do Cairo, junto com um leopardo), que a Igreja celebra a 21 de Julho. Esse dia, de facto, foi de grande festa aqui na missão e, para além de todos os membros dela, recebeu a visita de paxás, de cônsules e de grandes do Sudão. Em suma, fiz de *Arlequim no papel de príncipe*.

5299

À superiora, a todas as madres, ao rev.mo decano, à Ir. da caridade Carolina Rosa e a quem conheço, mil saudações e bênçãos de quem se diz

Teu af.mo no Senhor
† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis e
Vigário ap. da África Central

N.º 781 (742) - AO REDACTOR DE «WESTFALISCHEN MERCUR»
«Jahresbericht...» 26 (1878) pp. 5-8

26 de Julho de 1878

Carta sobre a carestia.

N.º 782 (743) - À PROPAGAÇÃO DA FÉ DE LIÃO
«Les Missions Catholiques» 485 (1878), p.448

Cartum, 29 de Julho de 1878

Breve artigo sobre a carestia.

N.º 783 (744) - AO CÓNEGO CRISTÓVÃO MILONE
«La Libertà Cattolica» XII (1878), n. 197

Cartum, 30 de Julho de 1878

Artigo sobre a carestia.

N.º 784 (745) - À SOCIEDADE DE COLÓNIA
«Jahresbericht...» 26 (1878), pp.32-40

Conversão de um arménio eupelianista, que morreu como fervoroso católico a 30 de Julho de 1878.

5300

Leio nos *Anais* católicos que o novo cisma dos arménios eupelianistas, surgido no Oriente por causa da proclamação da infalibilidade, vai retrocedendo como o velho Catolicismo na Alemanha, enquanto mostra a sua fraqueza e as filas vão diminuindo. Quem teria acreditado que os eupelianistas se encontrariam também na África Central e que estes sectários infiéis teriam estendido os seus laços também aqui? O seguinte caso oferece a prova de que o Coração de Jesus, protector da África Central, não quer tolerar aqui essa seita e de que a sabe vencer.

5301

No ano de 1874 morreu nos meus braços, em Cartum, um devoto e rico comerciante de Alepo e, no seu testamento, que fez na minha presença quando estava prestes a falecer, nomeou como executor testamentário o arcebispo arménio católico de Alepo, mons. Gregório Balitian, a quem eu mesmo enviei a cópia do dito testamento, com plenos poderes, numa carta selada. Como ele tinha sido autorizado pelo testamentário a saldar as dívidas em Alepo com esta herança, que fez então o partido eupelianista? Por meio de artes falazes, conseguiu que os crédulos membros da família do defunto ficassem com a ideia de que, por ter sido nomeado executor testamentário o arcebispo, eles não receberiam absolutamente nada da herança e que tudo seria para os fiéis.

5302

E incitaram-nos a apresentar um processo no tribunal turco-egípcio para anular a nomeação do arcebispo, de modo que a família receberia mais uns milhares de libras esterlinas. Mas o testamento obrigava o arcebispo a pagar, antes de mais, as dívidas, deixando depois o resto ao pai, à mãe e aos irmãos. Não sei se todos os membros estiveram de acordo com o projecto dos eupelianistas; mas alguns convieram em afastar-se do legítimo patriarca arménio Hassun, segundo certas condições e verificou-se a aceitação do cisma. Começou a desenvolver-se no tribunal um longo processo e um dos irmãos do falecido foi enviado a Cartum para determinar a soma das dívidas do defunto.

5303

No Cairo, renunciou a prestar obediência ao legítimo patriarca, Hassun, e foi admitido com toda a solenidade entre os eupelianistas do sacerdote rebelde Serafim, chefe dos membros caiotas desta seita.

5304

Sua Excelência mons. Gregório Balitian, na carta de 8 de Abril passado, falou-me do pleito que tem com os eupelianistas e informou-me de que um dos irmãos do defunto se encontrava em Cartum pelo motivo antes assinalado.

5305

Após isto, mandei logo chamar o Sr. Jorge (assim se chamava o irmão do defunto) e, em duas ou três horas de conversa com ele, consegui, sem muito esforço, convencê-lo de seu erro. Então ele abjurou do mesmo e prometeu obediência até à morte ao legítimo patriarca que tinha sido nomeado pela Santa Sé. Se não me foi muito difícil levá-lo a dar este passo, foi porque ele tinha recebido uma educação cristã de seus pais e, até ao tempo em que se juntou aos eupelianistas, tinha-se mantido sempre na verdadeira fé e tinha frequentado com devoção os santos sacramentos.

5306

Depois de precisas investigações, pronunciaram-se os tribunais egípcios sobre o assunto do testamento, declarando-o irrepreensível e ajustado ao direito, afirmando que o seu legítimo executor era o arcebispo. Com este veredicto, mostraram melhor senso que os sectários; e os membros da família, que pertenciam à seita, foram condenados a pagar os custos.

5307

No dia 28 de Julho, domingo passado, o senhor Jorge adoeceu gravemente de tifo e mandou-me chamar para fazer uma confissão geral: «Quero morrer como autêntico e verdadeiro cristão católico romano, como hassunita. Eu detesto a seita dos eupelianistas, à qual aderi só por interesses mundanos. Como bom católico, que foi como nasci, quero também morrer!» Anteontem, depois de receber os sacramentos e a bênção papal, mostrando uma profunda piedade, passou à paz eterna. Essa mesma tarde celebraram-se os funerais na nossa igreja e, acompanhado de sacerdotes, foi levado para o cemitério da colónia europeia, onde foi sepultado.

Conversão de três muçulmanas abexins

5308

A Igreja Católica celebrou ultimamente em Cartum, durante a novena do S. Coração de Jesus, em pleno Junho, um triunfo sobre o Islão, do que quero mandar um relatório à nossa sociedade, para lhes oferecer a prova de que a nossa santa obra é obra de Deus, embora se realize entre aflições, angústias e espinhos. Os caminhos da divina Providência são surpreendentes, mas salutareos, sobretudo quando se trata da salvação das almas e do chamamento à fé.

5309

O ano passado morreu em Cadaref, na grande província de Taka, que pertence à minha jurisdição e tem limite com a Abissínia, um rico comerciante grego cismático de Esmirna, súbdito do Império Austro-Húngaro.

Este homem tinha comprado, em sucessivos momentos, há cinco ou seis anos, três jovens abexins, com as quais vivia em concubinato; de uma delas tivera três filhos: um menino e duas meninas. As três escravas viviam juntas como irmãs e serviam com fidelidade o seu amo, de quem recebiam bons tratos.

5310

Após a morte do grego, o cônsul austro-húngaro recebeu ordem do Egipto para ir a Cadaref e de converter em dinheiro a herança. Deslocou-se logo até lá e enviou aos legítimos herdeiros de Esmirna a importância da venda dos bens imóveis, móveis e mercadorias, etc. Aos escravos e escravas que o falecido possuía, deu-lhes carta de liberdade e à escrava que era mãe das três crianças entregou-lhe muitas provisões para a sua subsistência e deixou-lhe também os enfeites de ouro que ela tinha recebido do seu amo. Depois recomendou-a muito vivamente aos herdeiros de Esmirna, após o que voltou a Cartum. As três escravas viveram dessas provisões enquanto lhes foi possível; depois venderam tudo e quando, por fim, começaram a sentir a fome, como tinham esgotado todos os meios de ajuda, e posto que não podiam continuar a sobreviver em Cadaref, transferiram-se para Cartum no intuito de obter ajuda do cônsul. Este comprometeu-se com elas a fazer diligências para obter dos herdeiros alguma concessão e sugeriu-lhes que, entretanto, podiam pedir protecção na missão católica. Para isso foi visitar o superior da missão e teve uma conversa com ele.

5311

Porém, dado que as três eram muçulmanas, e como tais tinham vivido em casa do grego, uma delas exclamou com desprezo: «Não irei nunca a esses cães de cristãos.» Mas a esta ofensa ao nome cristão, o Coração de Jesus respondeu de uma maneira digna do redentor dos homens, tal como a virgem Maria na sua qualidade de mãe e refúgio dos pecadores. Porque, de facto, precisamente aí, na missão, as esperavam a misericórdia de Deus e a protecção de Maria, que mediante a graça divina iam transformar estas três pecadoras em três felizes herdeiras do Céu.

5312

Elas andaram uns dias a vaguear por Cartum e, suplicantes, bateram à porta de muitos muçulmanos. Mas a carestia que reinava naqueles lugares, mais a circunstância de que tinham tido relações com cristãos e de que os filhos eram de um cristão, fizeram com que fossem despachadas sem receber ajuda. Então o seu anjo bom conduziu-as ao lugar da sua salvação. Apresentaram-se na missão e o superior, que tinha sido informado sobre elas pelo cônsul, concedeu-lhes um amplo quarto e um subsídio de oito piastras (*khorda*) diárias, ou seja, 35 cêntimos, e fez com que se ocupasse delas a excelente Ir. Germana Assuad, de Alepo, que desenvolvia na África uma verdadeira actividade apostólica. Além disso, a Ir. Germana, no respeitante às escravas que tinham vivido numa relação nada edificante com o seu amo, tinha um dom especial para as conduzir à virtude e colocou-as em famílias em relação de normal serviço doméstico.

5313

No ano de 1873, sem eu saber, fez com que a um senhor da sua terra se lhe escapasse a concubina, que ele tinha havia quase dois anos. Esse senhor de Alepo veio ter comigo a reclamar a sua escrava e eu disse-lhe que, para esse assunto, se podia dirigir à Ir. Germana. Foi, porém, tempo perdido, porque a sua escrava disse-lhe claramente que era dona da sua própria vontade e que queria tornar-se cristã. Dirigiu-se então ao governador de Cartum, que o aconselhou a expor o caso ao superior da religião cristã em Cartum.

5314

Mas como sou eu quem desempenha essa função, teve que me ouvir dizer que eu protejo a liberdade dos indivíduos que se encontram sob a minha jurisdição. Finalmente acalmou-se e, pouco tempo depois, veio à nossa igreja para contrair matrimónio cristão com outra rapariga. A sua anterior escrava, a quem eu baptizei, é uma das mais devotas católicas do Vicariato e frequenta os sacramentos com muito fervor. Agora encontra-se em Berber ao serviço das Irmãs, as Pias Madres da Nigricia, e leva uma vida cristã exemplar.

5315

Assim pois, a Ir. Germana ocupou-se maternalmente das três escravas, sem ter em conta a sua aversão em abraçarem a nossa fé. Por fim triunfou a graça dos Corações de Jesus e de Maria: pediram para se tornarem cristãs e aceitaram de boa vontade o ensino do catecismo, que lhes foi ministrado pela Ir. Germana e por uma Irmã negra do Instituto Mazza, para as prepararem para o baptismo.

5316

Eu conhecia as três, sobretudo a que era mãe das três crianças, porque ela me tinha recomendado muito os seus filhos, para os quais, através dos meus bons officios, tinha solicitado a protecção do cônsul. Prescindindo da sua cor morena, era dotada das melhores qualidades físicas e espirituais. Mostrava riqueza de alma e uma extraordinária capacidade de discernimento; também se via nela força de carácter e propensão para o bem. Mas é a hora de concluir.

5317

Em meados de Junho passado, uma destas antigas escravas contraiu a varíola. Vendo a grande violência com que nela se desenrolava a doença, pediu o baptismo, que logo lhe foi ministrado, bem como a confirmação e, depois de receber com grande alegria estes santos sacramentos, voou para o céu contente da sua morte. Entretanto, também a mãe das crianças adoeceu de varíola e igualmente pediu o santo baptismo, que lhe administrei junto com a confirmação. Já prestes a morrer, rogou-me que me interessasse como verdadeiro pai pelo seu filho e suplicou à Ir. Germana que fizesse de mãe para as suas meninas, com o desejo expresso de que se tornassem cristãos católicos. A dois dias do falecimento da primeira, morreu também ela e a sua alma voou para o Céu para alcançar a vida eterna.

5318

A terceira, que tinha prestado assistência às outras duas, caiu também doente, e igualmente recebeu os sacramentos; e, depois de horríveis dores, que suportou com ânimo heróico, exalou o seu espírito fortalecida e confortada pela nossa fé, para se juntar às companheiras que a tinham precedido. Tocadas pela graça divina, estas três escravas fizeram-se herdeiras do paraíso, após poucos dias transcorridos na paz, depois de terem vivido muitos anos no pecado e na satisfação das paixões. As crianças ficaram no orfanato de Cartum.

5319

Oh, que maravilhosos são os caminhos da Providência!

Não há memória de que nenhum missionário tenha estado em Cadaref. Nem o P.^e Ryllo, nem o dr. Inácio Knoblechter, nem os franciscanos lá enviaram missionário algum. Provavelmente, Cadaref estava sem ver um padre católico desde o século IV, nos tempos do cisma de Dióscoro de Alexandria, que se estendeu por todos os antigos reinos da Etiópia.

Mas o Coração de Jesus quis salvar essas mulheres, que Ele fez sair de Cadaref, para que em Cartum encontrassem a salvação eterna. Glória e honra ao Coração de Jesus, que é tão misericordioso e que realizou a salvação dessas almas, das mais abandonadas da Terra.

5320

A conversão das três jovens foi provavelmente o motivo pelo qual este ano vai ser fundada uma nova missão na cidade e província de Cadaref, limítrofe da Abissínia. De facto, como elas provinham de lá, em defesa dos interesses dos seus filhos, mantive em Cartum várias conversas com um comerciante grego do Epiro.

5321

O dito comerciante, de nome Jorge Toma, mostrou-me a importância e a utilidade de uma missão no Nilo Azul e ofereceu-me gratuitamente a sua vivenda por uns anos, para alojamento de dois missionários que teriam que estudar no terreno a viabilidade do assunto. Aceitei a sua oferta e, a 15 de Julho passado, enviei a Cadaref o rev. do P.^e Gennaro Martini, que antes tinha estado em Gebel Nuba, para se informar sobre a situação em todos aqueles lugares e comprovar que podia ser aconselhável e vantajosa uma nova missão.

† Daniel Comboni

Original alemão
Tradução do italiano

N.º 785 (746) - AO PRESIDENTE DA SOCIEDADE DE COLÓNIA
«*Annali B. Pastore*», 18 (1879), p. 7

Cartum, 2 de Agosto de 1878

Carta sobre a carestia.

N.º 786 (747) - AO CÓNEGO JOSÉ ORTALDA

Cartum, 2 de Agosto de 1878

Carta sobre a carestia.

N.º 787 (748) - A MGR. JOSEPH DE GIRARDIN
AOSIP, Afrique Centrale

Cartum, 3 de Agosto de 1878

Ilustríssimo senhor,

5322

A espantosa carestia que assola o meu Vicariato, bem como as enormes fadigas, as doenças e um clima sempre sufocante e oprimente, impediram-me de manter a minha correspondência regular com a Santa Infância, obra da qual espero uma forte ajuda para a minha árdua e laboriosa missão.

Conhece bem, monsenhor, as circunstâncias especiais das diversas missões do mundo católico e sabe que a missão da África Central (como a da África Equatorial, que estão a ponto de empreender, espero que com êxito, os excelentes e solícitos missionários de Argel) é a mais difícil do universo.

5323

Para além dos problemas que partilhamos com as demais missões, aqui sempre se tem que lutar com as doenças, com as febres, inevitáveis tanto para os europeus como para os indígenas e, com um clima tórrido e fadigoso, de modo que é preciso trabalhar continuamente sob o peso de um lento martírio: esta é a verdade da nossa situação.

Mas nós estamos preparados para tudo isso. Tendo posto toda a nossa confiança nos Corações de Jesus e de Maria, estamos sempre dispostos a suportar todas as cruzes e até a morte, para conseguir ganhar estas almas para Jesus Cristo.

5324

Há, contudo, outra dificuldade: é a escravidão e o tráfico de negros, que as raças muçulmanas sempre exerceram e exercem ainda, dizimando assim as populações negras de tal modo que é preciso ir longe e enfrentar todos os perigos para encontrar lugares habitados por negros em suficiente número. Esta é uma das origens e um dos motivos principais da multiplicação dos nossos problemas. Porém, se vem em nossa ajuda a caridade dos nossos benfeitores da Santa Infância e da Propagação da Fé, resistiremos perante todas as dificuldades, jamais retrocederemos ante os obstáculos e alcançaremos, quando aprouver a Deus, a grande meta.

5325

A minha viagem do Cairo a Cartum com a minha numerosa caravana foi muito longa e sumamente fadigosa. Como grande parte dos camelos tinham morrido de fome por causa da falta ou escassez de chuvas no ano anterior, tornou-se-me muito difícil encontrar o necessário para atravessar o grande deserto do Atmur com o meu pessoal. Por isso vi-me forçado a dividir a caravana em duas: uma para levar o pessoal através do Atmur, outra que enviei com as provisões pelo deserto do reino de Dôngola.

Esta última chegou a Cartum no mês de Junho, 125 dias depois da saída do Cairo. A outra, na qual eu conduzia o pessoal, alcançou o seu destino em meados de Abril, 77 dias após partir do Cairo. Viajámos 17 horas por dia, sob 58 graus de calor. Chegámos exaustos pela fadiga.

5326

Encontrei uma tremenda carestia e uma escassez extrema, as quais assolavam a África Central desde havia dezassete meses. Carestia e falta de tudo que não fizeram senão aumentar continuamente, adquirindo umas dimensões colossais. O pão de trigo já não existe. O último pagámo-lo a 124 francos o *ardeb* (88 quilos); na actualidade não se encontra a preço nenhum. O durra (milho), que nos custava o ano passado de 6 a 7 francos o *ardeb*, agora custa de 58 a 75 francos. A carne, os ovos e qualquer outro produto de primeira necessidade custa de 12 a 18 vezes mais que o normal.

No reino do Cordofão, onde temos três institutos com as boas Irmãs de S. José, exige um grande esforço conseguir água, suja e negra, a três francos a *bormah* (cântaro de 4 litros).

5327

Uma Irmã sai com uns órfãos às 4 da madrugada para ir a poços distantes (os nossos estão secos) e amiúde tem que esperar até ao meio-dia a fim de poder levar água suja para beber, preparar a comida e lavar (mas há seis meses que não fazem a barreira) a um preço superior ao do vinho na França. Centenas, milhares de

povoados são abandonados pelos seus habitantes, esfomeados e sedentos. Morrem como moscas pelos caminhos.

Como consequência da carestia há inúmeras doenças contagiosas e sobretudo uma febre fulminante que faz morrer em meia hora.

5328

Um dos nossos leigos de Roma e um missionário sacerdote morreram assim. Aqui ainda não vi nem mães nem pais que comam os seus filhos, ou gente que se alimente de cadáveres humanos; mas sucede que as consequências da carestia acabam por atingir a missão e comprometer a sua existência. Porque, com os víveres tão caros, para além de ter aliviado de misérias extremas os cristãos e numerosas famílias muçulmanas, tivemos que alimentar e manter os nossos institutos; e com isto não só esgotámos todos os nossos recursos, mas também nos vimos forçados a contrair dívidas, as quais não param de aumentar no esforço para não deixar morrer a missão, que tantos sacrifícios me custou e que é de uma importância extraordinária.

Depois de ter recebido em Julho o último pagamento da Propagação da Fé, fiquei sem cêntimo em caixa e com mais de 40 000 francos de dívidas. Acrescente a tudo isto as doenças, os imensos calores, a fraqueza e a falta de apetite. Desde há três meses que não durmo uma hora em cada vinte e quatro.

5329

Mas se a carne se ressentir, o espírito está sempre pronto. Eu permanecerei no meu posto até à morte, porque confio nos Sagrados Corações de Jesus e Maria e em S. José e porque a obra é Deus: esta obra, nascida aos pés do Calvário, avançará através de todas as dificuldades para chegar à sua realização. Oh, o Menino Jesus não envelhece nunca; é sempre jovem, cheio de vigor e jamais morre.

5330

Baptizámos uma trintena de meninos que estavam em perigo de morte e acolhemos muito deles nos nossos institutos. Estamos nos inícios no que toca à organização da obra da Santa Infância, mas progredirá à medida que pudermos consolidar as nossas estações nos países dos nómadas. Fizeram-se matrimónios católicos de casais que antes viviam em concubinato; baptizámos adultos, depois de uma longa prova e, na festa da Assunção, baptizarei uma vintena deles.

5331

O senhor deve ter em conta que a missão se encontra nos começos. Temos muitos catecúmenos, mas é preciso assegurar a sua perseverança, pois estão em muito perigo entre os muçulmanos. Onde podemos ganhar povoações inteiras é onde impera o feiticismo e não há muçulmanos (como na missão de Gebel Nuba); mas também aí é preciso tempo, devido aos perigos quanto à segurança pública e à quantidade de superstições que existem. Em consequência disso, antes de empreender uma pregação ordinária, há que aprender as línguas locais, que nunca foram conhecidas e, portanto, não temos gramáticas, dicionários, nem professores. É preciso servir-se dos próprios africanos e com força de trabalho e engenho adivinhar o significado, as conjugações, os tempos, etc.

5332

É uma tarefa colossal e nós estamos submetidos, pelo menos seis meses por ano, a febres, a doenças, a fraquezas extremas derivadas de fastios, fadigas, falta de sono. Isto não é normal nas nossas missões. Assim, nas outras missões há gramáticas, dicionários, sábios, etc. Aqui tudo é primitivo; precisam-se anos para organizar o apostolado regular. Para isso é necessário ter uma grande perseverança, abnegação, espírito de sacrifício e isto ser-nos-á dado sempre por Deus. Tenha por certo que mandarei os dados do nosso apostolado, mas por agora bastem estas noções.

Rogo-lhe, pois, com lágrimas nos olhos, que continue não só a prestar-nos a ajuda que me concedeu o ano passado, mas que acrescente um bom suplemento à mesma, dadas as dolorosas circunstâncias da nossa situação actual.

5333

O ano passado, para fazer chegar às minhas mãos os 5000 francos que a sua generosidade me havia concedido, o senhor serviu-se do geral dos trinitários de Roma, Via Condotti. Não sei o que terá o senhor pensado para este ano, mas rogo-lhe que me envie a subvenção da Santa Infância por meio do rev.do P.^e Bartolomeu Roller, superior dos meus institutos para negros, do Cairo, no Egipto. É a via de que se serve a Propagação da Fé e a mais segura. Por outro lado, se o senhor mandar uma cambial por um banqueiro de Paris, eu posso usá-la até aqui em Cartum, onde há um comerciante francês que tem relações com todos os bancos da Europa.

5334

O ano passado o seu gentil secretário concedeu-me os *Anais da Santa Infância* até Outubro; mas faltam-me os números 179, 180 e seguintes, ou seja, desde Dezembro de 1877 até hoje. Rogo-lhe, monsenhor, que tenha a bondade de mos enviar para o Cairo, para o meu instituto, ou para aqui para Cartum (Rua do Egipto).

5335

Deixando agora de lado outras notícias, para mostrar as maravilhas do S. Coração de Jesus e da Providência de Deus, sempre desejosos da salvação das almas mais abandonadas, vou-lhe contar a conversão de cinco muçulmanos e por que admiráveis caminhos Deus os chamou ao seio da Igreja. O senhor sabe que a conversão dos muçulmanos é impossível. E conhece a esterilidade das conversões muçulmanas no Oriente, onde, de há muitos séculos atrás existem tantas missões, bispos, missionários, ordens religiosas, filhas da caridade e populações católicas de todos os ritos. De facto, é muito rara a conversão de um muçulmano. Um velho eclesiástico de Argel, que residia na Argélia desde há 38 anos, disse-me em Roma em 1872 que ele nunca tinha visto um muçulmano convertido.

5336

Em Maio e Junho deste ano baptizei cinco muçulmanos: dois homens e três mulheres concubinas. Mas os homens, dois jovens, não receberam a graça por mérito nosso: todo o mérito foi dos caros Irmãos das Escolas Cristãs do Cairo, embora talvez sem se aperceberem. E a conversão das três concubinas muçulmanas, que se tornaram três afortunadas ladras do Paraíso, deveu-se à existência da missão de Cartum e das Irmãs de S. José da Aparição, sobretudo de uma irmã oriental, de Alepo, chamada Ir. Germana Assuad. Ela está há sete anos a trabalhar na minha obra e conduziu ao seio da Igreja numerosas concubinas, que se tornaram verdadeiramente exemplares e boas cristãs. Eis, em poucas palavras, os factos.

5337

Havia seis ou sete anos que dois jovens muçulmanos de Dôngola tinham entrado ao serviço dos Irmãos das Escolas Cristãs do Cairo, como criados do refeitório e dos dormitórios dos alunos, recebendo um 30 e o outro 35 francos ao mês. Estes criados, iluminados pela graça divina, primeiro notaram e, depois, pouco a pouco, admiraram a caridade e a piedade, a ordem e a alegria que reinavam naquela casa e, sobretudo, a exactidão na observância da regra do venerável La Salle (a quem em breve veneraremos nos altares, como ouvi da boca de Pio IX), que é característica de todas as casas dos irmãos. Especial impressão produziram neles os cantos na capela, as orações dos irmãos tanto no instituto como no campo e a caridade contínua, perseverante, com os rapazes e com todos.

5338

Gradualmente, estes dois jovens, que eram primos carnais, chegaram a deduzir que a igreja e a capela dos cristãos eram melhores que a mesquita, que as práticas da fé católica eram mais emocionantes que as práticas do Islamismo, que o Evangelho devia ser mais verdadeiro que o Alcorão. E igualmente começaram a dizer lá para consigo que os costumes dos irmãos eram mais puros e perfeitos que os dos *muftis* e dos *ulemas* e também que os católicos, como os irmãos, eram melhores, mais perfeitos, mais justos e mais imparciais que os muçulmanos.

5339

Posteriormente concluíram que a religião dos irmãos era melhor e mais verdadeira que a muçulmana. A estas ideias foi chegando um independentemente do outro e de modo gradual, no espaço de uns anos. Era a graça do Coração de Jesus, tão venerado entre os irmãos, que preparava estas duas almas para a salvação. E acabaram por concluir que a fé católica era a verdadeira e que a muçulmana era falsa. Continuando sempre com o seu trabalho, trataram de aprender as orações da Igreja e ignoro como conheceram o essencial do catecismo católico.

Por fim, quando entraram na minha missão como catecúmenos, eram já católicos no seu coração e detestavam o Islamismo, por o considerarem uma religião falsa. Quis examiná-los bem, com cuidado, sondando delicadamente o seu interior, e apercebi-me de que a graça divina se tinha apoderado por completo das suas almas.

5340

A sua vida, os seus costumes, a sua sinceridade (porque os muçulmanos dizem sempre mentiras), a sua pureza, o seu amor a Deus e à fé impressionaram-me de tal modo, que, embora seus pais ainda vivessem e não longe dali, pensei que não devia demorar a graça do baptismo, que lhes administrei solenemente em Cartum nos primeiros do passado mês de Maio.

5341

O apostolado dos irmãos do venerável La Salle no Oriente é o mais sólido e eficaz. Nas suas escolas, com a eloquência do seu bom exemplo e das virtudes próprias dos membros desta admirável congregação – a mais perfeita, colossal e meritória da Igreja Católica no que toca à juventude –, o apostolado maravilhoso e silencioso dos Irmãos das Escolas Cristãs prepara o Oriente para a sua futura regeneração e o seu regresso à Igreja Católica.

Que Deus abençoe estes admiráveis irmãos. Os meus dois neófitos estavam já convertidos quando partiram da casa dos irmãos, porque aí a graça de Deus tinha, pouco a pouco, produzido neles os seus efeitos. Actualmente trabalham ao serviço da Missão, um em Cartum e o outro no reino do Cordofão.

[Desde o § 5342 ao 5347 Comboni repete o relato da conversão das concubinas muçulmanas: vide § 5308 a 5318.]

5348

Deixo-lhe a si, monsenhor, a meditação sobre a caridade do Coração de Jesus e sobre as admiráveis vias da Providência para a salvação das almas mais abandonadas e que se encontram na impossibilidade de se integrarem no rebanho de Cristo. Elas nasceram nas montanhas da Abissínia e foram roubadas, arrancadas violentamente da sua pátria por comerciantes e caçadores de escravos e vendidas em Cadaref. Desde o cisma e a heresia de Dióscoro, o patriarca de Alexandria que conduziu a Núbia e a Etiópia ao erro, nunca tinha sido enviado nenhum sacerdote católico a Cadaref. Com o comerciante grego, seu amo, até puderam conservar livremente a sua religião islâmica. Mas a Providência, que queria salvar essas almas, fê-las sair escravas da sua pátria, uniu-as a um homem que gozava da protecção da Áustria como súbdito e trouxe-as a Cartum, onde encontraram o seu Deus e a sua salvação na missão católica.

5349

Factos como estes deram-se com frequência no meu Vicariato, onde Deus tem preparadas grandes bênçãos.

Espero com impaciência as suas ajudas e os números 179 e seguintes dos *Anais*. Na nossa miséria rogamus por todos os associados e pelo conselho da presidência. Carregamos de boa vontade com todos os pesos e todas as cruzes, por Jesus e pela salvação da África Central.

Digne-se, monsenhor, aceitar as minhas expressões de gratidão e devoção eternas, enquanto me honro de me declarar seu devotíssimo

† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário apostólico da A. Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 788 (749) - À PROPAGAÇÃO DA FÉ DE LIÃO
«*Les Missions Catholiques*» 486 (1878), pp. 464-465

Cartum, 12 de Agosto de 1878

5350

Um excelente católico eslavo, o sr. Marcos Zvitanovich, secretário de S. E. Emin Bei, governador-geral do Nilo Branco e do equador, acaba de partir de Cartum para Gondokoro. Entreguei-lhe uma carta na qual rogo a S. E. que favoreça quanto puder os missionários de Argel, partidos recentemente de Zanzibar para as novas missões dos lagos Alberto e Vitória, e que além disso os recomende ao rei Mutesa.

5351

Já sei que os missionários de Argel, como verdadeiros apóstolos, fizeram antecipadamente a oferta das suas vidas. Mas como prevejo para eles grandes dificuldades, sobretudo da parte dos missionários protestantes ingleses, julguei-me no dever de os recomendar a Emin Bei, homem muito instruído e médico hábil, que sempre me manifestou uma grande simpatia.

5352

«*Les Missions Catholiques*» falou dos missionários da *Church Missionary Society*, estabelecida no Uganda, e do assassinio de dois deles. Tendo encontrado demasiado perigosa a rota de Zanzibar, vão experimentar outro caminho, o do Nilo Branco, para chegar aos lagos Nyanza. Há três meses, quatro missionários desta sociedade partiram de Londres em direcção aos lagos, pela rota de Suakin, Berber, Cartum, Gondokoro e Dufilé. Trata-se de Person, Lichtfield, Felkin e Hall, este último médico.

Em Suakin, o dr. Hall, desanimado perante a perspectiva do deserto que tinha de atravessar até Berber, adoeceu e regressou a Inglaterra. Os outros três, que são quase uns jovens, encontram-se aqui em Cartum e esta tarde partirão no vapor para Gondokoro com Zvitanovich. A missão anglicana do Uganda desfruta de um rendimento anual de 12 000 libras esterlinas (300 000 francos).

Daniel Comboni

Original francês

N.º 789 (750) - A P.ª GODOFREDO NÖCKER
«Jahresbericht...» 26 (1878), pp. 43-45

Cartum, 16 de Agosto de 1878

Ilustríssimo senhor,

5353

Nos *Anais* da Sociedade para o Socorro dos Pobres Meninos Negros, cuja direcção tem a sua sede em Colónia, li com interesse que muitos benfeitores enviaram donativos com o pedido explícito de que ao baptizar algum negro lhe pusesse o nome do santo indicado por eles.

5354

Na medida do possível, isso fez-se. Desde a minha entrada no vicariato como bispo a 12 de Abril e particularmente na solene festa da Assunção de Maria deste ano, em que tive a alegria e a sorte de baptizar dezasseis pessoas adultas, foram atribuídos até hoje aos neófitos os seguintes nomes:

Pedro, a um negro de uns 17 anos;

Pio, a um negro de uns 18 anos;

Nicolau, a um negro de meia idade;

Madalena, a uma negra de 26 anos;

Clara, a uma negra de 16 anos;

Filomena, a uma negra de quase 21 anos;

João Nepomuceno e Agostinho, a dois negros de 18 anos;

Alberto, a um negro de 14 anos e a outros dois de 14 anos.

5355

Todos os nomes mencionados foram postos segundo o desejo do convento «*Marianthal*» de Lausitz. De Hausterath, na paróquia de Gelsen, pertencente à arquidiocese de Colónia, chegou um donativo para que a um menino se pusesse o nome de Brás e um menino negro de oito anos foi baptizado com esse nome.

5356

De Kirecheim, localidade da mesma arquidiocese, foram indicados os nomes de Hugo, Adolfo, José e Gertrudes: três negros e uma negra chamaram-se assim desde o seu baptismo. Depois baptizei uma rapariga negra de uns quinze anos e pus-lhe o nome de «*Ana Thienel*», segundo o nome de uma piedosa senhora de Schwartawasser, em Bohmen. Além disso, não posso não exprimir a minha mais profunda gratidão em relação a um eclesiástico da mesma terra e pertencente à diocese de Breslau, na zona austríaca, que ofereceu o seu donativo sob o lema «a vossa tristeza converter-se-á em alegria», manifestando sentir-se com o coração muito perto de nós na nossa dificultosa tarefa e a quem suplico encarecidamente que nos tenha sempre presentes nas suas devotas orações a nós e à Nigricia.

Todos os outros nomes que figuram no relatório anual serão igualmente atribuídos, quanto antes, no baptismo de outros neófitos.

Receba uma cordial saudação de quem no Sacratíssimo Coração de Jesus é

Seu dev.mo
† Daniel Comboni
Bispo e vigário apostólico

Original alemão
Tradução do italiano

N.º 790 (751) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC afr. C., v. 8, ff. 685-693

N.º 6

Cartum, 23 de Agosto de 1878

Em.º e Rev.mo Príncipe,

5357

Desta vez demorei mais que o normal em lhe escrever por causa do muito que sofri, lutei e trabalhei. Sofri muito pela dor de perder um jovem e robusto missionário, P.^e Policarpo, do Tirol, que, após uns dias de simples mal-estar, foi atacado por um tifo fulminante e, em menos de meia hora, tendo apenas tempo de lhe administrar os sacramentos, suspirou. Da mesma maneira tinha morrido dezasseis dias antes o meu assistente, ou camareiro, que trouxe de Roma para fazer dele um excelente catequista: era um jovem saudável de uns 16 anos. Além disso, finalmente, morreu a superiora das Irmãs de S. José, Ir. Arsénia Le Floch, devota, boa, judiciosa e cheia de caridade e zelo pelas almas. A sua morte desanimou muito quase todas as Irmãs da mesma congregação que estão no Vicariato; e para mim foi uma grande desgraça, tanto pela grande esperança que tinha posto nessa superiora, como pelas consequências que prevejo, ou seja, que a dita Congregação (que tenho em enorme estima por se tratar da primeira que generosamente me ajudou e as Irmãs serem de uma extraordinária abnegação e caridade) desanime e se canse de mandar as suas religiosas para a África.

5358

Sofri muito também porque o meu representante, o cónego Pascoal Fiore (o qual, durante a minha ausência do Vicariato, sem me avisar, contraiu dívidas no montante de 46 472 francos por causa da carestia sobrevida e da sua não muita perícia como administrador), pediu, insistiu e obteve de mim autorização de regressar à Itália, a Trani, por causa da sua mãe, no momento em que eu mais precisava da sua ajuda. Contudo, agora, a 36 dias da sua partida, a missão vai melhor que nunca; e o referido eclesiástico assegurou-me que lá mais para a diante voltará ao Vicariato. Tive, além disso, um grande sofrimento moral pela persistente carestia – embora já tenha começado a chover bem –, que me obriga a contrair novas dívidas para sustentar a missão e aliviar os casos de miséria extrema. Acontece que os bens de primeira necessidade custam de *dez a quinze vezes* mais que o habitual e, actualmente, muitos deles faltam de todo.

5359

No Cordofão há dois meses que se não vê trigo para o pão e o meu forno permanece inactivo: vive-se de durra, *maregh, dokhon*, etc. Como há tempos não compro trigo, não estou a par dos preços. Porém, o cavaleiro Hansal, I. R. cônsul austro-húngaro em Cartum, comunica-me que o trigo, que antes custava de *quatro a seis escudos o ardeb* (saco de 88 quilos), pagou-se a *setenta e dois escudos*; e o durra (trigo do país), que eu antes pagava a *um escudo o ardeb* e do qual vivem aqui na missão os nossos alunos, alunas, órfãos, etc. que ascendem a mais de uma centena, foi pago a 24 escudos. Imagine agora V. Em.^a em que apuros me encontro ao ter falta de dinheiro e ter que manter as missões do vicariato, os pequenos estabelecimentos do Egipto e os dois estabelecimentos de Verona, com os tão elevados preços dos bens de primeira necessidade.

5360

Aqui nunca ouvi dizer que os pais comam os seus filhos ou que sirvam de alimento os cadáveres de pessoas falecidas, como, segundo *Les Missions Catholiques*, acontece na China e na Índia, mas os pobres morrem às centenas, como moscas: a nação dos Berberini ou Barabra (dongoleses) foi dizimada pela fome e o tifo; no Cordofão morreram de sede milhares de pessoas, etc., etc. Mas, graças a Deus, nunca faltou o necessário aos missionários, às irmãs, aos Irmãos coadjutores e aos demais membros da missão. Mas, esgotados todos os recursos que agora recebi de Lião, Colónia e Viena, encontro-me com a caixa vazia e com mais de 300 000 francos de dívida. Oh!, como me vou arranjar para continuar em frente, mantendo todo o Vicariato, as casas-mães de Verona e os institutos do Egipto?

5361

Isto, em.^o príncipe, é a última das minhas preocupações, não me preocupa muito. O meu saudoso superior P.^e Nicolau Mazza, que desde a minha meninice e durante vinte e quatro anos foi um pai para mim e que morreu em odor de santidade, dizia sempre que *Cristo é um cavalheiro*, o que eu sempre interpretei que ao *petite, quærite, pulsate*, pronunciados e repetidos com as devidas condições, corresponde sempre, como no teclado de um piano, os verbos *accipietis, invenientis e aperietur*. Ria-se o mundo quanto quisesse, esta é uma *grande verdade*. Pois bem, a 12 de Maio, festa do meu ecónomo S. José consagrada ao seu Patrocínio, eu intimei-o de todos os modos a que, até 31 do próximo mês de Dezembro, me mande em várias prestações 100 000 (cem mil) francos. Vossa Eminência, se Deus me der vida, saberá mediante relato oficial que S. José mos mandou.

5362

Além disso, na festa do Patrocínio de S. José ameacei-o de que antes de um ano (ou seja, antes de 12 de Maio de 1879) me deve conseguir o *equilíbrio verdadeiro, real e perfeito* da economia Vicariato. Mas não como o *equilíbrio orçamental* que prometem sempre e nunca cumprem os ministros das Finanças do chamado Reino da Itália, mas o *equilíbrio autêntico*, isto é, a total extinção de todas as dívidas e de qualquer *passivo* e, além disso, a provisão abundante do necessário para sustentar o Vicariato e as suas obras. De tudo isto,

se eu viver, receberá a devida informação Vossa Eminência antes do fim do bendito mês do S. Coração de Jesus do ano que vem. As cruces, os tormentos, as tribulações são necessárias, porque consolidam e fazem prosperar as obras de Deus; e a minha obra é obra de Deus.

5363

Mas, ainda que isto seja certo e *ainda que eu tenha a certeza* de que sucederá o que agora afirmei, não posso ocultar que padeci e sofri sobremaneira por todas as desgraças enumeradas. Tive e tenho ainda a alma dilacerada, porque penei muito; até eu mesmo tive que lutar com muitos mal-estares e doenças, que sofri como outros missionários daqui. Agora estou um pouco melhor, mas passei três meses de grandes sofrimentos: cada vez que me chamavam ao refeitório parecia que me encaminhava para a morte. Durante três meses, além de uma terrível falta de apetite, tive uma extrema fraqueza, até ao ponto de não resistir de pé o suficiente para celebrar missa, embora, com grande esforço, a tenha celebrado com frequência. Ainda por cima, de cada vinte e quatro horas, quase nunca consegui dormir uma.

5364

Causa de tudo isto foram os sofrimentos internos e feridas do coração que lhe indiquei, mais o clima tórrido, os grandes males e misérias que vi e a dor de não ter podido remediá-las como teria desejado.

Acrescente-se a tudo isto o *trabalho contínuo*, que, apesar de todas as minhas penas do espírito e sofrimentos corporais, realizei, a saber: a direcção do Vicariato e de todas as estações; o esforço para concertar os confrontos que o meu mencionado representante, o cônego Pascoal Fiore, teve com o Governo local e que deram origem, enquanto eu estava em Roma, a um recurso de Gordon Paxá à Santa Sé, a quem, em nome de Sua Santidade, respondeu V. Em.^a rev.ma como secretário de Estado; e, finalmente, o trabalho de catequista e de pároco, assistindo os doentes e realizando outras funções do ministério sacerdotal.

5365

E acrescente-se, além disso, a minha assídua e intensa correspondência epistolar com a Europa, com as minhas extensas relações pessoais, a fim de obter ajudas materiais, animar os tímidos, fracos e preguiçosos e deixar ficar bem o meu dulcíssimo ecónomo S. José, mandando-me os 100 000 francos a seu devido tempo e obtendo-me o *perfeito e real equilíbrio económico* implorado.

5366

Agradeço à bondade divina pela fiel e poderosa ajuda que me presta o meu caríssimo e santo companheiro, meu apoio, P.^e António Squaranti, meu administrador-geral para os bens temporais de toda a obra, que está sempre a meu lado e a quem tive a honra de apresentar a Vossa Eminência no Vaticano; ele pede-me que transmita os seus respetos a V. Em.^a, a monsenhor o secretário, ao excelente e capaz minutante Zitelli e ao Em.^o card. Franchi, secretário de Estado.

5367

Agora, que lhe contei uma parte das cruces que afligiram o meu espírito, declarando-me sempre disposto com alegria a sofrer por Cristo e pela salvação das almas mais necessitadas e abandonadas do universo, permito-me assinalar brevemente a V. Em.^a rev.ma as bênçãos de Deus e da sua graça, que compensam mil vezes o missionário pelas cruces e penas que sofreu no cumprimento do seu dever.

5368

Desde a minha chegada ao Vicariato, para além do que lhe relatei das três concubinas de Cadaref com um menino, ganhas pelas maravilhosas vias da divina Providência para a Igreja e para o Céu, administrei solenemente o santo baptismo a outras três concubinas, que desde havia muito viviam amancebadas com três comerciantes católicos, cheios de virtudes e pecados, que estavam aqui por causa dos seus negócios. Ajudaram-me maravilhosamente as Irmãs árabes de S. José da Aparição. Ao solene baptismo das mulheres, realizado com o pleno consentimento dos seus companheiros, seguiu-se o matrimónio cristão e com eles a legitimação dos filhos. Agora, temos em processo de instrução outras três concubinas com a anuência dos seus amantes, os quais até no seu extravió conservaram acesa uma chispa da fé em que nasceram na Síria; e espero que pela Virgem de Setembro tudo esteja em ordem.

5369

Assim, enquanto ao chegar ao Sudão como vigário apostólico não encontrei senão um casal legitimamente unido e todos os demais viviam em concubinato, agora em todo o Vicariato só há cinco casais nessa situação, dos quais dois são mações europeus e um é egípcio. Insistimos, mas obtivemos apenas boas promessas; mas continua-se. Continuaremos a insistir. Quanto aos restantes, todos os outros vivem unidos catolicamente e estão contentes com isso, frequentando a igreja.

5370

Abjurou perante mim um abastado comerciante grego herético, nosso credor. Os contactos que teve com a missão e com as boas Irmãs, até por motivos de saúde, foram a centelha que o iluminou. Eu estimulei-o e

animei-o e ele rendeu-se à graça. Para o manter na boa opinião que ele tinha da Igreja Católica, quando me foi possível, ou seja, a dois meses da sua abjuração, paguei-lhe toda a dívida.

5371

Não sei se lhe contei na minha última carta a conversão e o solene baptismo que administrei a dois adultos muçulmanos, que agora são católicos modelares. Mas todo o mérito desta esplêndida conversão é dos *Irmãos das Escolas Cristãs do Cairo*, em cuja casa os dois afortunados estiveram a servir durante seis anos e aí receberam a luz e a graça de Deus. Eu não fiz senão ir alimentando e desenvolvendo pouco a pouco estes dons e os dois corresponderam fielmente à graça.

Por outro lado, no Cordofão foram baptizados seis adultos, alguns dos quais arranjaram uma esposa católica. E em Gebel Nuba foi conferido o baptismo a onze indivíduos.

5372

A semana passada, na festa da Assunção, administrei solenemente o baptismo e a confirmação em Cartum a *dezasseis* adultos: nove do sexo masculino e sete do feminino. Foi para nós uma festa de grande e santa alegria. Paramentado de pontifical na sagrada cerimónia, antes de derramar a água baptismal perguntei publicamente em árabe a cada um dos neófitos se estavam verdadeiramente decididos no seu propósito de se tornarem cristãos: tive respostas que comoveram os presentes.

5373

Há outros que se estão a preparar. Mas tenho por método avançar com pés de chumbo, pelo perigo especial que correm aqui, onde, para ganharem a vida, têm que servir os muçulmanos. Em geral procuro certificar-me de que os convertidos estão seguros de conservar a fé, antes de os admitir ao baptismo. Estes perigos são muito reduzidos nos países onde não há muçulmanos ou onde se detesta o Islamismo, como entre os povos Nuba, etc. Aqui há outro trabalho enorme para os missionários e é a criação de dicionários e gramáticas dessas línguas não totalmente desenvolvidas, cuja aprendizagem exige muito tempo.

5374

Recebi as suas cartas de 1 de Junho e de 16 de Julho e compreendi que, com ânimo de contrabalançar os esforços dos anglicanos protestantes, a Propaganda autorizou os bons missionários de Argel a desenvolver a sua acção na África Equatorial. Isso enche-me de satisfação, porque parece verdadeiramente que a Providência prepara todos os caminhos para levar à fé a África Central. Eu enviarei a V. Em.^a o relatório pormenorizado e reflectido que lhe prometi e cuja elaboração o senhor me recomendou encarecidamente na sua mencionada carta de 1 de Junho. Mas como estou certo de que a Sagrada Congregação não se ocupará na plena assembleia geral dos em.mos e rev.mos padres com a criação definitiva das projectadas prefeituras apostólicas da África Equatorial, mas só fará quando conhecer formalmente os resultados das primeiras explorações daqueles territórios por parte dos missionários de Argel, tenho tempo para amadurecer as minhas reflexões e estudos sobre esse assunto. Naturalmente, sempre me alegrarei de obedecer às decisões da S. Congregação, porque quero viver e morrer somente para fazer a divina vontade.

5375

Entretanto, empenhar-me-ei em rezar e fazer rezar muito e assiduamente pelo êxito das expedições desses excelentes missionários de Argel, a quem o mui piedoso prefeito apostólico de Zanzibar, o venerado P.^e Horner, encontrou animados do verdadeiro espírito de Deus e dispostos a morrer por Cristo, assim como a suportar todas as fadigas e imensas privações inevitáveis no apostolado da África Central e Equatorial e todas essas tremendas provas a que se não pode fugir nas que, sem dúvida, são as missões mais laboriosas e difíceis do mundo. Por isso, tendo tido a oportunidade de, no passado mês de Julho, ajudar os missionários de Argel, escrevi uma carta de recomendação dirigida ao governador-geral do Nilo Branco e equador, o mui douto e erudito Emin Efendi, meu amigo e benfeitor, na qual lhe solicitava insistentemente que recebesse, protegesse e ajudasse os missionários franceses enviados aos lagos Nyanza pelo meu venerado irmão mons. Lavigerie, arcebispo de Argel; que os acolhesse e tratasse *como me receberia e trataria a mim mesmo e aos meus missionários e Irmãs*; que os recomendasse encarecidamente ao rei do Uganda e ao de Unioro e a que fizesse por eles o que faria por mim mesmo.

5376

E como o dito governador-geral das possessões egípcias no equador mandasse a Cartum o seu secretário, o sr. *Marcos Zvitanovitch*, da Dalmácia, para tratar de assuntos com Sua Excelência Gordon Paxá e a pedir-me sementes e plantas do meu jardim, e também dois ferreiros e carpinteiros para o rei do Uganda, Mutesa, eu aproveitei para lhe entregar, juntamente com as sementes e as plantas (os dois operários irão mais tarde), a carta de recomendação dirigida a Emin Efendi, e também para lhe recomendar a ele devidamente os mencionados missionários. Ele recebeu a minha petição com grande agrado, dizendo que ia fazer tudo por eles, como faria pela sua própria família.

5377

Para fazer tão férvidas recomendações, moveu-me especialmente – para além do sincero e ardente desejo que tenho no coração do êxito dos missionários de Argel, para bem daquelas almas desventuradas, pelas quais Cristo deu o seu sangue –, o ter sabido aqui os grandes obstáculos que estes bons missionários vão encontrar da parte dos ministros protestantes anglicanos que se estabeleceram no reino do Uganda, no lago Vitória, os quais detestam de modo especial a Igreja Romana e os sacerdotes católicos. A bem preparada expedição que a Sociedade *Church Missionary*, de Londres, enviou a Nyanza Vitória, como é sabido de V. Em.^a, resultou num fracasso, porque, com excepção do dr. Wilson, que se refugiou junto de Mutesa, rei do Uganda, todos morreram e dois missionários, Smith e O’Neil, junto com a sua escolta de mais de cem pessoas, foram massacrados na ilha de *Ukerewe*, no Vitória, pelo chefe dessa ilha.

5378

A referida sociedade anglicana não desanimou devido a estes desastres e enviou a seguir, pela rota de Suakin e de Cartum, outros quatro missionários ingleses, a saber: o dr. Hall, o dr. Felkin, Pearson e Lichtfield. O primeiro deles, ao chegar a Suakin, adoeceu e, assustado pelos catorze dias de deserto que havia até Berber, regressou a Londres, enquanto os outros três continuaram, munidos de cartas de recomendação para o Governo. Chegados a Berber, o governador daí mandou um oficial ao superior da nossa missão, pedindo-lhe autorização para que *três senhores ingleses* se alojassem na casa da falecida Senhora Lafargue (que morreu católica, tendo antes recebido da nossa mão os sacramentos), casa de que nós tínhamos a custódia e as chaves.

5379

Perante o pedido do governador, aquele superior tomou as chaves e ele mesmo com outro missionário acompanhou aqueles senhores ao alojamento, mostrou-lhes os quartos e os sofás, pôs à sua disposição dois serventes guardiões, etc. Depois, aqueles três senhores, dirigindo-se ao superior, perguntaram-lhe o seu nome e profissão. Apenas lhe ouviram dizer que ele e o seu companheiro eram *missionários católicos*, os três ingleses voltaram-lhes as costas e já não quiseram falar mais com ele. Estiveram em Berber vinte dias e nunca foram visitar os nossos, que os tinham tratado com tanta gentileza. Até os muçulmanos me vieram dizer: *homma Aadakom=eles são vossos inimigos*. Chegados a Cartum, onde está o único monumento de forma europeia que existe no Sudão: trata-se da missão, que todos os forasteiros vêm visitar. Pois bem, aqueles senhores protestantes (que se consideram muito tolerantes e acusam os católicos do contrário), nos dez dias que cá estiveram, nunca apareceram na missão. Eu contei tudo a S. E. Gordon Paxá, o qual me disse que também ele se tinha apercebido *qu’il n’ont pas de politesse*.

5380

E se se portaram assim connosco, com a gentileza que tivemos para com eles, que farão com os missionários de Argel, seus rivais? O sr. Zvita-novich, o secretário, sem que eu lhe dissesse nada, veio dizer-me que, se esses senhores lhe fizessem outra como fizeram aqui em Cartum, os fazia descer pelas margens do Nilo Branco ou os mandaria de volta. E repetiu-me que faria todo o bem possível aos missionários de Argel e que estava muito feliz por virem para Nyanza.

5381

Este secretário levará de Gondokoro seis elefantes para transportar o vapor destinado ao lago Vitória. No Nyanza Alberto há desde 1876 um vapor que para lá levou o capitão Gessi.

Pedindo-lhe a sua santa bênção, beijo-lhe a sagrada púrpura e declaro-me com todo o respeito e submissão

De V. Em.^a Rev.ma, obed.mo, e devot.mo filho
† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis vig. ap. da África Central

N.º 791 (752) - A MGR. JOSEPH DE GERARDIN
AOSIP, Afrique Centrale

Cartum (Sudão egípcio), 2 de Setembro de 1878

Ilustríssimo senhor,

5382

Acabo de receber a sua venerada carta fechada em Paris a 29 de Julho, a qual me comunica que o conselho central da Obra da Santa Infância, na sua reunião de 21 de Maio passado, atribuiu à África Central a so-

ma de 5000 francos. Não tenho palavras para exprimir o meu agradecimento a essa obra admirável e ao seu conselho central. Responderei a todas as perguntas, verdadeiramente úteis, contidas nas suas cartas, com a informação devida.

5383

Primeiro, quanto à pergunta sobre como fazer-me chegar as ajudas da Santa Infância, o meio melhor e mais económico é uma letra cambial sobre Rothschild, em Paris, e mandar-me esta letra cambial para Cartum, porque aqui há um negociante francês, o sr. Marquet, que aceita todas as cambiais sobre Rotshsild em Paris e que me paga no momento. A cambial endossada a meu favor poderá sê-lo a dois meses.

5384

Outra maneira segura é enviar o dinheiro por meio do Ministério dos Negócios Estrangeiros e do cônsul-geral da França ou mandar uma letra sobre Rothschild de Paris a P.^e Bartolomeu Rolleri, superior dos institutos para negros do Cairo, no Egipto, e procurador-geral da África Central. Deste meio se serve há dez anos a Propagação da Fé e é o mais seguro.

5385

Mas neste momento, se ainda não enviou esta soma utilizando os meios que lhe indiquei na minha carta do passado dia 16 de Agosto, pedir-lhe-ia que fizesse entregar 3000 francos ouro ao meu banqueiro em Roma, o sr. Brown e Filho, da Via Condotti, através do superior geral dos trinitários e director da Santa Infância em Roma, que é o confessor da devota família Brown, porque precisaria deles para a viagem de seis missionários para o Egipto, via Nápoles. Quanto ao resto, pedir-lhe-ia que mo enviasse quanto antes mediante uma letra cambial sobre Rothschild dirigida a P.^e Rolleri, aluno do meu instituto de Verona e superior dos meus institutos do Cairo (Egipto) ou até directamente para mim, para Cartum, como lhe indiquei mais acima.

5386

Disse-me o cônsul austríaco e agente consular da França em Cartum que o trigo, que outras vezes nós pagávamos de 20 a 25 francos o *ardeb* (88 quilos), pagou-se aqui a 360 francos o *ardeb*. Mas desde há quatro meses quase todos os meus institutos do Vicariato deixaram de comer pão, porque me falta o dinheiro para o comprar e vive-se de durra, que é um alimento demasiado fraco para os europeus. Falo dos missionários europeus, das Irmãs de S. José de Marselha e das Pias Madres da Nigrícia de Verona e não dos alunos, dos órfãos e dos outros indígenas, que nunca provaram o pão de trigo, mas sempre de durra, o *dkhon* e o grão do país. Junte a tudo isto a grande falta de água potável que sofremos e verá quão penosa é a nossa situação. Porém, o Sagrado Coração de Jesus, através da Propagação da Fé e da Santa Infância, porá remédio a tudo.

Sou nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria

Seu devotíssimo
† Daniel Comboni
Bispo e vig. ap. da África Central

N.º 792 (753) - AO CARD. JOÃO B. R. KUTSCKER
AVW

3 de Setembro de 1878

Carta em latim sobre a carestia.

N.º 793 (754) - AOS PADRES ANACLETO DALLA CHIARA,
FRANCISCO FALEZZA, JOÃO B. PERUZZI E MIGUEL FALEZZA
ACR, A, c. 14/134

Cartum, 8 de Setembro de 1878

Carta em latim sobre a carestia.

N.º 794 (755) - A MONS. JERÓNIMO VERZERI
ACR, A, c. 15/44

Cartum, 15 de Setembro de 1878

Carta em latim sobre a carestia.

N.º 795 (756) - AO CÓN. JOÃO C. MITTERRUTZNER
ACR, A, c. 15/79

Cartum, 26 de Setembro de 1878

Dulcissime rerum,

5387

Como da última informação económica trimestral de P.^e Paulo Rossi resulta que as casas de Verona vão perfeitamente e não têm nem um *kreutzer* de dívidas e dado que hoje as mais urgentes necessidades se encontram no Vicariato (também estão livres de qualquer dívida os Institutos do Cairo), por isso, para evitar a alfândega de Verona, se o senhor recolhesse esmolas, peço-lhe que as envie directamente ao sr. P.^e Bartolomeu Rollerì, Superior dos Institutos de negros do Cairo (Egipto), porque ele as fará chegar a seguir às minhas mãos. Peço-lhe que siga este processo até novo aviso. Este mês escrevi a mais de quarenta deões e párcos austríacos, especialmente da diocese de Salzburgo; também me dirigi por carta a mons. Gassner, rogando-lhe que lhe envie sempre a si tudo o que recolher para a África.

5388

Quando o senhor mandou também para mim, para Verona, ficou na sua totalidade lá retido por P.^e Paulo, a quem autorizei a fazer retenções para as necessidades daqueles estabelecimentos. Agora o senhor, sem dizer nada a P.^e Paulo, faça os envios para o Cairo. E se se trata de uma letra cambial sobre Viena, Francoforte ou Paris, pode remeter-ma para Cartum directamente, porque aqui há comerciantes que ma pagam à vista.

5389

Gordon Paxá mostra-se implacável com a escravidão. No tempo em que está aqui (desde Junho) mandou sequestrar trinta e seis caravanas de escravos. Para comigo ele mostra-se muito favorável e vem sempre visitar-me. Decidiu confiar às nossas irmãs de Verona, actualmente em Berber, o hospital governamental de Fashoda (capital dos Schelluk) e depois, quando vierem mais irmãs, encarregá-las-á do hospital de Ladó (perto de Gondokoro) e, mais tarde, o do Nyanza Alberto, no equador. Por outro lado, às Irmãs de S. José, que se encontram aqui, confiou o hospital de Cartum, que possui quarenta camas. Compreendeu que, encarregando as Irmãs dos hospitais, viverão três quartas partes dos militares que doutro modo morreriam. E tudo, diz o escrito, *sous le contrôle de D. Comboni*. Com a graça de Deus e de S. José (em cujas barbas há guinéus e florins a rodos), a missão adquirirá magníficas proporções. Interessa, pois, que prospere a Sociedade de Maria de Viena, porque é símbolo de protecção austríaca do Vicariato; eu já escrevi ao cardeal-arcebispo de Viena.

5390

As Irmãs de Verona irão de Berber a Fashoda no próximo Outubro e um vapor do Governo irá expressamente buscá-las para as mudar para lá. A semana que vem, para preparar os locais já deixados pelo Governo, enviarei P.^e Squaranti a Fashoda. Esta encontra-se precisamente em frente daquele ponto da tribo dos Denka que P.^e Beltrame tinha escolhido para o Insto. Mazza, de modo que para aí e para Ladó precisam-se os dicionários e gramáticas dinca e bari que com tanto mérito o senhor compôs. Já vê o enorme serviço que com esse trabalho prestou à África e à Igreja. Não passará 1879 sem nos estabelecermos nos Nyanza, no equador. Eu já tinha tudo acordado com Gordon Paxá para o actual mês de Setembro, mas a defecção de um ou outro (porque é preciso grande abnegação, virtude e perseverança para resistir na África Central), mais as dívidas e a terrível carestia aconselharam-me a esperar.

Mil respeitosas saudações a Sua Alteza Rev.ma, ao sr. deão e a todos os seus companheiros e professores subordinados; e saiba que as suas cartas nos servem de grande conforto. O dicionário e a gramática dos Nuba seguem em frente. Rogue ao Coração de Jesus por

Seu af.mo e fidel.mo
† Daniel, bispo e vig. ap.

5391

Como não tinha ainda mandado a carta junta para Salzburgo, mando-a a si, pedindo-lhe que a envie. *Vale*.

Leia também a carta escrita em latim a mons. Gassner, de Salzburgo, e também, se for do seu agrado, leia-a também aos seus companheiros professores, *ut orent*, e, depois, envie-a. Mil desculpas.

N.º 796 (757) - AO CARDEAL JOÃO SIMEONI

AP SC Afr. C., v. 8, ff. 695-699

N.º 7

Cartum, 30 de Setembro de 1878

Eminentíssimo e Rev.mo Príncipe,

5392

Com o último correio recebi o seu venerado escrito do passado 14 de Agosto, em que me ordena que suspenda de momento a expedição aos lagos Nyanza, pelos justos e prudentes motivos que se digna assinalar-me. E eu, sem mais, cumprindo a vontade de Deus tão claramente manifestada por meio do meu superior, suspendo de raiz a expedição, na certeza de que Deus fará o melhor por aquelas pobres almas.

5393

Em 1873, quando estendi as actividades do Vicariato até Gebel Nuba, a ocidente, o sr. P.^e António Squaranti, reitor do meu Instituto de Verona e agora administrador-geral dos bens temporais do Vicariato e residente em Cartum, escrevia-me de Verona nestes termos: «Alegro-me de que se estenda até Gebel Nuba e ainda mais para lá, inclusive por toda a África Central; mas, por caridade, não vá ao equador, aos Nyanza, porque o equador é para mim.» E, desde então, pensei e preparei estudos e segui todas as fases das diversas viagens realizadas, seguindo as pegadas de Speke, Grant e Baker e também acerca das diferentes línguas e dos vários povos espalhados pelo equador. Mas P.^e Squaranti e eu estamos contentes por obedecer à vontade de Deus, que é tão manifesta, e a ela nos ateremos.

5394

De resto, considero muito prudente e oportuna a decisão de Vossa Eminência Rev.ma, porque, além de estar eu ainda em apuros por causa da terrível carestia (situação a que o meu administrador e ecónomo S. José porá *com certeza* cobro, dentro do prazo estabelecido, que comuniquei ao Em.^o card. Bartolini) e, o que é mais, além de ter de dispor ou tratar os assuntos previstos com a nova madre geral das Irmãs de S. José da Aparição, as quais são muito poucas no meu Vicariato (o que exige que eu não me mova de Cartum), dá-se, ainda, a oportunidade de constatar e sopesar o resultado das primeiras expedições dos missionários de Argel – como chegam ao seu destino, como se estabelecem lá, como conseguem suportar as duras provas inevitáveis nestas circunstâncias –, e de ver que esperanças se podem conceber tanto sobre os missionários de Argel como a respeito dos meus.

5395

Para isso precisam-se ao menos dois anos; e toda a decisão que se tomasse antes seria prematura e intempestiva. Porque um novo visitante chegado à África Central numa estação do ano, receberá uma impressão e encontrará facilidades ou dificuldades que não serão as mesmas caso chegue noutra estação. Por exemplo, um visitador apostólico enviado pela Santa Sé a visitar a África Central que chegasse a Cartum, ao Cordofão ou aos Nyanza entre Novembro e Abril, encontraria uma ordem perfeita, exacta observação da regra e exercício de ministério regular; encontraria a Primavera e todos dispostos a servi-lo. Mas se chegasse no tempo das febres, supondo que ele mesmo não sucumbisse ou adoecesse por longo tempo, veria cada um a resistir com a força da virtude, mas não encontraria aquela regularidade e boa ordem da estação propícia.

5396

Deste modo, se alguns dos missionários de Argel chegarem ao Tanganica e outros a Vitória Nyanza na boa estação, encontrarão um bom país, um bom acolhimento, bom serviço, boa assistência e estarão em condições de desenvolver rápido as primeiras actividades da implantação. Que esplêndidos relatórios à Santa Sé, à Propagação da Fé, à França, ao *Univers* e aos outros periódicos católicos!

5397

Porém, isto não permite ainda dizer que realmente os missionários estão bem estabelecidos. É preciso esperar que passem ao menos duas *estações más* e ver as possibilidades de solidez que tem a sua implantação, depois de todos terem caído doentes e alguns morrido e de que, para além das doenças, tenham tido que fazer

frente a dificuldades e obstáculos provenientes dos nativos e das diversas sociedades de protestantes ou a problemas de outro género, como o daqueles que desanimam e voltam para trás. Só depois destas provas, ou seja, decorridos ao menos dois anos, é possível fazer-se uma ideia certa de como decorreu a implantação. Não aspirando eu senão ao verdadeiro bem da África e à sua redenção, seria feliz de que os missionários de Argel tivessem um esplêndido sucesso na sua árdua missão. E digo francamente a V. Em.^a que *no fundo do meu coração espero que triunfem*, porque me parece impossível que entre os mais de 160 missionários de que pode dispor mons. Lavigerie (tenho os nomes de todos aqui sobre a mesa) não haja ao menos duas ou três dezenas que não resistam a todas as dificuldades e que, por amor de Deus e das almas, não se sintam dispostos a encontrar no campo de batalha (não a partir da segurança na Europa, porque aí todos estão preparados para o martírio) *uma morte prematura* pela Nigricia.

5398

Tenho a certeza de que a Igreja e a África beneficiarão muito com tão santa e generosa instituição. Mas para julgar e tomar uma decisão sobre o estabelecimento dos limites das novas futuras missões e do limite meridional do meu Vicariato, é prudente e oportuno que passem ao menos *dois anos ou duas más estações*, que, na África Central, variam conforme os diferentes graus de latitude. Seria, além disso, muito conveniente e útil para a Igreja que os missionários de Argel tivessem êxito na sua santa empresa, pela influência que a África Central ganharia em França, a única que pode contrabalançar (se não cair nas mãos de Gambetta) a influência inglesa, que não está longe de certas miras, as quais, contudo, se tornarão cada vez mais moderadas, à medida que a Inglaterra se aproximar, como faz, do Catolicismo.

5399

Quanto à ideia de diferir a tomada de decisões definitivas, não julgo inoportuno recordar-lhe humildemente outro facto, conhecido da Propaganda e de todo o mundo.

Em 1874 mons. Lavigerie publicou uma esplêndida circular, na qual anunciava uma próxima expedição dos seus missionários a *Tombuctu*. A imprensa católica respondeu com entusiasmo à santa iniciativa: esmo-las de todo o lado e descrição minuciosa do itinerário pela rota dos Tuaregues, das tribos por cujos territórios deveriam passar e da época em que chegariam àquele reino misterioso. A ciência e as sociedades geográficas partilhavam a alegria e entusiasmo comuns.

5400

Eu encontrava-me no Cordofão quando li a circular e os jornais alemães, franceses e ingleses que falavam dela e até o *New York Herald*, que me passou o seu correspondente. A princípio fiquei muito contente. Por quanto li, o caminho que se tomava, o processo de viajar e, sobretudo, a época em que se pensava chegar a *Tombuctu*, disse aos meus missionários que nenhum dos membros da expedição alcançaria o seu destino, porque, ou morreriam pelo caminho, ou seriam assassinados, ou voltariam para trás. É que compreendi bem que, se realmente os missionários seguissem aquela rota, ou se viajassem daquela maneira através da África, careceriam de experiência, a qual não se deve adquirir fazendo de uma tirada uma longa viagem, mas que se deve consegui-la, fazendo a mesma viagem, *trecho a trecho*, não já em cinco ou seis meses, como imaginava a imprensa, mas em cinco ou seis anos.

5401

E quando cheguei a Cartum, como tinha tido no passado excelentes relações com mons. Lavigerie e com mons. Soubiranne, então vigário-geral, escrevi ao primeiro uma longa carta, assinalando-lhe o fruto da minha longa experiência sobre o modo de viajar pelos desertos e pelos territórios das tribos africanas e expondo-lhe humildemente a minha opinião sobre como poderia alcançar com enorme probabilidade de êxito o seu santo objectivo, ainda que num tempo distante. Nunca recebi resposta a esta carta, que talvez nem tenha chegado às mãos do senhor arcebispo. O facto é que, encontrando-me eu no Cairo em Fevereiro de 1876, soube pela *Les Missions Catholiques* que os missionários que se dirigiam para Tombuctu tinham sido assassinados e li a esplêndida circular de mons. Lavigerie em que comunicava aos seus diocesanos o martírio sofrido pelos seus excelentes filhos, etc., etc., e apresentava mil justificações. Mas hoje, quem fala já de Tombuctu?... A empresa era realmente difícil. E Deus, em sua misericórdia, reservava a este magnífico corpo de missionários, que são de muito boa vontade, uma empresa maior e mais carregada de frutos para a Igreja e muito mais importante, a das *missões equatoriais*, não dominadas pelo Islamismo, como acontecia com a de Tombuctu.

5402

Em todo o caso, manifesto à sabedoria da S. C., de V. Em.^a e do Santo Padre que, quaisquer que sejam as indubitavelmente sábias determinações que a S. C. considerar oportuno tomar, pelos resultados das santas expedições já empreendidas, pelos relatórios o mais exactos possível que o arcebispo de Argel e eu lhe mandaremos a seu devido tempo e sobretudo pela luz do Espírito Santo que a guia, eu as aceitarei com júbilo e prontidão, como expressão da vontade de Deus.

5403

Ao tomar conhecimento da morte do Em.^o card. Franchi, o meu coração doeu-se profundamente, sofre ainda e sofrerá durante muito tempo. Por ele ordenei fossem feitos – e nós fizemo-los em Cartum, com a assistência do I. R. cônsul austro-húngaro e dos católicos – solenes exéquias em sufrágio da sua alma bendita. Suplico da bondade de V. Em.^a que, se o julgar bom, apresente ao Santo Padre as minhas mais sentidas condolências por essa grande perda que a Igreja teve. Quanto ao card. Nina, rogo a V. Em.^a se digne comunicar-lhe a minha humilde felicitação por ter sido eleito sucessor do saudoso card. Franchi, e de quem foi coroa do esplêndido e borrascoso pontificado do santo Pio IX, ou seja, V. Em.^a Rev.ma, cujas duas sublimes, célebres e inolvidáveis notas aos núncios apostólicos sobre a circular Mancini e sobre a morte de Vítor Emanuel ferem ainda ao vivo o espírito da revolução e permanecerão sempre como um monumento eloquente da sabedoria do Romano Pontificado e da verdade que o rodeia.

5404

Na minha última carta de Junho passado, incluí a que dirigi a Sua Santidade Leão XIII, como felicitação e em acto de acatamento. Espero que lhe tenha chegado e que a tenha apresentado ao Santo Padre.

Prostrado ao beijar a sagrada púrpura, subscrevo-me com respeito profundo

De V. Em.^a Rev.ma hum.mo, dev.mo e obed.mo filho
† Daniel, bispo de Claudiópolis
vig. ap. da A. Central

N.º 797 (758) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 700-710

N.º 8

Cartum, 24 de Outubro de 1878

Em.º e Rev.^{mo} Príncipe,

5405

Escrevo-lhe da missão principal de Cartum, onde me encontro *sozinho* no que se refere a sacerdotes, e faço de bispo, de pároco, de superior, de simples cura, de médico, de enfermeiro e coveiro. Só tenho comigo os irmãos leigos do meu insto. de Verona: o encarregado do jardim e o que trata do armazém, os quais tiveram as suas febres mas estão bem. Das irmãs, só uma permanece de pé; as demais e quase todas as raparigas estão de cama com uma febre, que há um mês vem fazendo estragos. Os sacerdotes e a quase totalidade dos leigos e dos rapazes, após as tremendas febres, enviei-os numa grande embarcação pelo Nilo Azul para mudarem de ares. Mais de metade dos habitantes de Cartum estão doentes e caem como moscas.

5406

A fome sofrida trouxe como consequência esta espantosa mortandade. Resulta que nos lugares situados a 200 milhas (de onde me chegaram notícias certas), a fome, a sede e a doença deixaram mais que dizimada a população; digamos, por exemplo, que de 50 000 habitantes morreram mais de 25 000. Os meus sacerdotes, que mudaram de ares, a quem eu tinha sugerido parassem em tais e tais povoados, informam-me que eles estão meio desertos, cheios de doentes e que o resto da população, os que faltam, morreram nos últimos meses. Ao meu administrador, P.^e António Squaranti, que me seguiu sem ter podido aclimatar-se no Cairo, por precaução, para lhe salvar a vida, mandei-o para Berber em meados do mês passado e os cuidados daquelas excelentes religiosas pertencentes às *Pias Madres da Nigricia*, que eu fundei em Verona, e às quais o mesmo P.^e Squaranti orientou no noviciado para a vida apostólica da África, fortaleceram-no e restabeleceram-no perfeitamente.

5407

Quanto a mim, embora em Cartum o peso da administração e direcção recaia apenas sobre os meus ombros e me encontre em movimento dia e noite pelas casas, ou melhor, os hospitais, onde se vêem tantas misérias, estou de perfeita saúde. Como levo uma vida muito ordenada, comendo duas vezes ao dia uma só coisa, não bebendo nunca vinho, que mata com estes calores, mas só água (nunca nem sequer limonadas), não consumindo carne ou frango ou outras coisas que aumentam a bÍlis, nem sopa, etc., que fazem vir a febre, mas comendo apenas *bife cozido* num só minuto e bebendo água do Nilo, encontro-me saudável: nunca uma dor de cabeça, mais de vinte cartas em cada correio que parte, trabalho contínuo... Tenho a consolação de ter

curado muitos do tifo e de ninguém ter morrido sem os sacramentos, incluindo a confirmação se a não tinham recebido.

5408

A sede terminou no Cordofão, porque as chuvas foram muito abundantes e, em parte, depois da fome, foram a causa da presente mortandade. O Governo egípcio, para que do Sudão a doença não se transmita ao Egipto, estabeleceu o cordão sanitário e a quarentena em Berber e Suakin, de modo que nós ficámos fechados.

5409

Estou convencido de que a *fome e a carestia da África Central* foram e são ainda *muito mais terríveis e espantosas que a carestia e fome da Índia e da China...*

O facto de ter sido eu, entre os vigários apostólicos, o único que levantei a voz na Europa, e a natural apatia destes indígenas, filha do fatalismo do Islão, que os leva a sofrer e a morrer *calando*, fizeram com que a Europa, que tanto socorreu os famintos da Índia e da China, não se comovesse pela fome e carestia, nem pela sede (pior que a fome) da África Central; e não poucos jornais, entre eles o *La Voce della Verità*, aos quais escrevi repetidas vezes sobre a tremenda desgraça, nem sequer se dignaram *mencionar a carestia da África Central*. Bendito seja sempre o Senhor.

5410

Afirmo que a carestia da África Central é mais terrível que a carestia da Índia e da China pelos seguintes motivos:

1.º Aqui (e o mesmo digo do grande império de Darfur, recentemente conquistado, com o qual estou em contínua relação e de outras partes do Vicariato) morreu mais de metade da população; mas ainda não li que em nenhuma província da Ásia as vítimas da fome tenham chegado a constituir a metade de todos os habitantes.

5411

2.º Na Ásia, junto com a fome, há o aspecto positivo de um bom clima, ar fresco e casas que resguardam. Aqui, junto com a fome, há o peso e pressão de um calor sufocante que tira as forças e aumenta os horrores da fome (não falamos da sede em todos os lugares afastados do Nilo e do Nilo Branco, a qual é um flagelo pior), calor que desde as nove da manhã até às quatro da tarde ultrapassa os 50 graus; e tenha-se, além disso, em conta que um terço da população carece de casa para se resguardar.

5412

3.º A situação dos missionários da África Central, no meio da fome africana, é mais atroz e espantosa que a dos obreiros evangélicos da Índia e da China, porque penso (embora sem o poder provar, mas baseando-me só do que vi na Índia há muitos anos) que os missionários, bispos e Irmãs europeus na Ásia não terão nunca tido carência do necessário e mesmo duma mesa suficientemente abastecida (do que se deve louvar e agradecer a amorosa Providência de Deus); os missionários lá terão encontrado ar fresco, bom clima, descanso na noite e muitas outras coisas necessárias, que nós não temos na África Central. Disso congratulo-me eu muito com os meus irmãos missionários da Ásia. Mas os missionários do Cordofão e de Gebel Nuba, exceptuando os incómodos do calor, da água salubre e racionada, etc., desde há seis meses que não provam *pão de trigo*, e missionários e Irmãs tiveram que se sustentar à base de *dockon* (espécie de milho bravo que, na Europa até as galinhas rejeitariam); e só por graça de Deus e pela abnegação daqueles meus missionários e Irmãs de S. José se conservou trigo para fazer hóstias para, assim, podermos celebrar e comungar.

5413

Porém, esse *dockon*, ou milho, houve que pagá-lo muito mais caro que o trigo em tempos ordinários. E quanto ao pão que comemos em Cartum, faz-se passar como de trigo e paga-se *dez vezes* mais caro que em épocas normais. Mas eu não celebraria missa com uma hóstia feita de farinha do pão de Cartum.

5414

Apesar de tudo isto, adoramos as divinas disposições e sofremos de boa vontade por amor de Deus, na certeza de que Deus tirará disso o melhor para o apostolado da África Central; como também penso que o fará o *Coração de Jesus*, a quem, com a aprovação do nunca suficientemente chorado Pio IX, consagrei o Vicariato em 1873.

5415

Disse que levantei a voz e que a Europa, impressionada pelas verdadeiramente lamentáveis condições da carestia na Índia e na China, não se comoveu com a África Central. Certo é que a Propagação da Fé me deu 12 000 francos de donativos extraordinários; mas são esmolas recolhidas devido às minhas cartas para Inglaterra e para outros sítios. A que mais se comoveu foi a minha pequena mas benemérita *Sociedade de Colónia* para o *Resgate dos Negros*, que, com os jornais católicos que pus em acção e com colectas especiais me mandou até agora 20 000 francos. Mas que são estas ajudas perante as necessidades do Vicariato? Aqui, o

preço dos produtos de primeira necessidade é *dez, doze vezes* mais caro que o normal. Manteiga não há, e fazemos como dizem em Verona que fazem os de Vicenza: *daquilo que não têm, prescindem!* No Cordofão não há pão. Um pequeno ovo (a terça parte de um de Roma) custa meia lira. E assim sucessivamente... sem calcular os mortos.

5416

Tive a ideia de suplicar ao S. C. que me mandasse ajuda, como fez com algumas missões da Índia e da China, mas julguei e julgo ainda que faria uma ofensa ao meu querido ecónomo S. José, molestando a Santa Sé e a Propaganda, que tem de ocupar-se de todo o mundo. Portanto, da S. Congregação não quero nada, salvo a sua sábia direcção, as suas ordens sobre a minha conduta, os seus conselhos, as suas instruções e os seus raspanetes quando ela os considerar úteis e oportunos. Mas dinheiro, não: rejeitá-lo-ia com humilde submissão. Basta-me uma bênção especial, amplíssima, do Vigário de Cristo Leão XIII e de V. Em.^a rev.ma.

5417

Teria querido rogar a V. Em.^a que me recomendasse à Propagação da Fé. Mas, a dizer a verdade, considero que não devo fazê-lo, porque essa santa obra me dá já uma contribuição anual muito importante, e tenho medo de puxar demasiado a corda: contento-me com que continue a dar o seu contributo anual, que me assegura a existência e conservação da missão. Ora bem, se V. Em.^a lhe escrevesse, recomendando cada vez mais o Vicariato de D. Comboni, em geral – sobretudo em vista da tremenda fome, sede e mortandade e das consequências destes tremendos flagelos, os quais durarão muito –, isso não estaria mal. Porém, o que fizer V. Em.^a será o que eu venerarei como a vontade de Deus.

5418

Teria querido suplicar-lhe também que me escrevesse uma carta de recomendação à Sociedade de Colónia, que é integrada por membros eminentemente católicos como Lowenstein e o barão Loe, a quem V. Em.^a conhece pessoalmente. Filhos e soldados destes dois heróis são os membros do comité de Colónia, presidido pelo rev.mo G. U. Nöcker, pároco de S. Jacob, de Colónia, o qual é um verdadeiro santo. Mas, para além de essas grandes almas trabalharem só pela glória de Deus, suspendi o meu pedido pelos seguintes motivos:

5419

1.º Aquela benemérita e pia sociedade, que desde há mais de vinte e cinco anos trabalha com verdadeiro zelo e perseverante abnegação para ajudar a Nigricia e a mim, escreveu em 1876 ao Santo Padre Pio IX (d.s.m.) e ao em.^o cardeal-prefeito da Propaganda a fim de oferecer para o vigário apostólico da África Central, Daniel Comboni, *durante toda a vida deste*, 10 000 francos anuais, mais todas as receitas que ela tivesse. Foi um acto generoso e útil para a missão da África, que eu só aceitei sob a condição por mim imposta à dita sociedade e por ela *aprovada*, de que a atribuição de 10 000 francos não se limitaria à minha pessoa, mas que, depois da minha morte, se estendesse a todos os meus sucessores: assim ficou. Pois bem, apesar de uma oferta tão generosa, aquela pia sociedade não recebeu nem do Santo Padre nem da Propaganda nenhuma resposta, até ao ponto de chegar a duvidar de que as cartas dirigidas a S. S. e à S. C. tivessem chegado ao seu destino.

5420

É certo que o Em.^o card. Franchi (d.s.m.) e parece-me que também mons. o secretário me disseram que dariam resposta e acusaram recepção da carta. Mas à sociedade não chegou nada, quando *duas palavras de agradecimento* da S. C. teriam sido muito gratas àqueles católicos generosos, que deram centenas de milhares à Nigricia e constituíram uma boa renda para o Vicariato Apostólico da África Central. Agora não me parece muito oportuno que a Propaganda me recomende a essa sociedade, por causa do que acima expus e, por isso, não pedi nesse sentido.

5421

2.º Quando em 1872 fui nomeado pró-vigário, expus a V. Em.^a, então secretário, a ideia de suplicar ao Cardeal Barnabó (d.s.m.) que concedesse *graus de cavaleiros* aos dois membros mais activos e constantes, que ao longo de 22 anos trabalharam para a obra. E como V. Em.^a me disse que era melhor esperar *um pouco* para ver *a sua perseverança*, eu esperei até Dezembro do ano passado, em que aumentados os motivos de mérito dos dois senhores (*Herr Schnitzler* e *dr. Sticker II*), pela grande perseverança e pela generosa subvenção *in perpetuo* de 10 000 francos ao Vicariato Apostólico da África Central, *ad fulciendam dignitatem episcopalem*, como se lia, creio, na posição de Nov. de 1876, o Em.^o card. de Canossa dirigiu uma petição à Propaganda sobre a concessão dos dois mencionados *graus de cavaleiros* de Colónia, mais outra para o benemérito vice-presidente da *Sociedade Mariana de Viena*, e o título *consultor* da Propaganda para o ilustríssimo Mitterrutzner, de Bressanone, cónego regular lateranense da Ordem de Santo Agostinho (*S. Pedro in Vinculis*), doutíssimo e grande benemérito da África, etc., etc., que compôs e editou dois dicionários e dois

catecismos de duas línguas muito difundidas na África central; e, não dispondo eu então de tempo para especificar os pormenores da petição do Em.^o de Canossa, fi-lo posteriormente do Cairo, com a minha carta n.^o 1, ao em.^o card.-prefeito, com data de 14 de Janeiro do corrente ano.

5422

Porém, as desgraças sobrevindas da morte do Sumo Pontífice Pio IX e as suas conseqüências, etc., creio que deram lugar a que este assunto (útil para a África e em si razoável e justíssimo) ficasse parado e eu não tive resposta, nem o menor indício de como ia.

5423

Por isso, no caso de V. Em.^a julgar oportuno ajudar-me (e far-me-ia uma grande caridade), antes de me recomendar à ínclita Sociedade de Colónia, fundada pelo Em.^o card. Geissl (de saudosa memória) e muito protegida pelo mui piedoso e glorioso desterrado mons. Melchers, arcebispo de Colónia, meu especial benfeitor, que manda sempre o seu generoso óbolo àquela sociedade, seria grande generosidade, magnanimidade e condescendência que:

5424

1.^o Escrevesse duas linhas àquela presidente, agradecendo a concessão dos 10 000 francos de renda ao vigário apostólico da África Central e manifestando que a S. C. ou Sua Santidade a aceitam de boa vontade.

2.^o Mandasse as duas condecorações de Cav. da Ordem *Piano* ou de S. Gregório aos dois mencionados senhores de Colónia, o dr. Sticker II, de 55 anos, e o sr. Schnitzler, de 65, ambos activíssimos membros não só da *Sociedade para o Resgate dos Negros*, mas também de muitas outras. Além disso, o dr. Sticker é um distinto e eloquentíssimo orador católico e ambos incansáveis colectores de fundos para muitas outras obras católicas, assim como genuínos católicos, apostólicos e romanos, adeptos do Papa em todo o rigor do termo.

5425

Se V. Em.^a se dignasse fazer isso, sem dúvida meu ecónomo S. José ficaria como um senhor e mandar-me-ia no prazo devido – como é *certo, certíssimo* que fará – o que na festa do seu Patrocínio lhe pedi ameaçadoramente e que expliquei claramente a essa coluna da Igreja que é o Em.^o card. Bartolini, a saber:

5426

1.^o Cem mil francos ouro antes de 31 de Dezembro deste ano, para ir ao encontro das mais urgentes necessidades do Vicariato e de toda a obra por mim fundada.

2.^o No prazo de um ano, a contar da festa do Patrocínio de S. José, isto é, antes do dia 12 de Maio de 1879, *perfeito equilíbrio da economia do Vicariato* e de toda a obra, desde Verona até Gebel Nuba (pouco a pouco apercebemo-nos de que entre um sítio e outro havia quase 70 000 francos de dívidas, dos quais já paguei quase a metade). Ou o que é o mesmo: antes do próximo 12 de Maio, S. José tem que se arranjar *para que não devamos nem um cêntimo* e proporcionar-nos o necessário para a conservação, a estabilidade, o desenvolvimento e o progresso da obra e do apostolado da África Central.

5427

Tenho a certeza de que a seu devido tempo poderei honrar-me em informar V. Em.^a de que S. José cumpriu o seu dever, realizando tudo aquilo com que submissamente o ameacei. S. José é um dos mais preciosos tesouros da Igreja e da África, e meu administrador e ecónomo. Na presente mortandade declarei-lhe que *não só não quero morrer*, mas que, além disso, não quero *nem uma só febre* (e aqui tiveram-na todos, até Gordon Paxá), porque não me dá vontade tê-la; e, enquanto os outros caíram doentes, eu não só não tive febre, mas nem uma dor de cabeça. Em suma, S. José proverá a tudo. E, apesar do preço dos víveres e da frieza da Europa, a preocupação económica, ou melhor, o receio de ter falta do necessário, é a última coisa que me passa pela cabeça, embora cada dia, como é meu dever e vontade de Deus, trabalhe muito por isso, porque afecta a conservação e o desenvolvimento da obra de Deus.

5428

Desculpe, em.^o príncipe, por me ter alargado demasiado. Mas pense que o dirigir-me longamente ao meu superior e abrir-lhe o meu coração também é um grande alívio para o meu isolamento, e para o meu espírito, que não tem nenhum apoio material.

Beijo-lhe a sagrada púrpura, declarando-me

Seu obed.mo, devot.mo e hum.mo filho
† Daniel bispo e vigário apostólico

Cartum, 24 de Outubro de 1878

Estimadíssimo sr. director de *La Libertà Cattolica*,

5429

Recebi as suas cartas e, ainda que muito ocupado, sempre respondi às mesmas. Estou só para a assistência espiritual em Cartum e cabe-me fazer de bispo, de pároco, de coadjutor, de superior, de administrador, de médico, de enfermeiro... Estou aqui com dois leigos: um veronês, o outro de Lodi. Das quatro Irmãs, só uma está com saúde e em pé: todas as outras, com as mestras negras e todas as raparigas que trabalham, se encontram de cama com febre, onde ainda vão ficar algum tempo. A P.^e Carmelo Loreto, de Nápoles, e a P.^e Salvador Piazza, siciliano, juntamente com todos os que apanharam febre, treze ao todo, entre os quais o excelente ebanista Francisco Pagagni, de Bisceglie, o maquinista António Iseppi, de Verona, e Francisco Serracangeli, serralheiro, de Roma, mandei-os pelo Nilo numa grande embarcação para mudarem de ares. E ao meu administrador-geral, P.^e António Squaranti, meu braço direito em toda a grande obra para a redenção da África, prevenindo a grande epidemia e as extraordinárias febres que se iam produzir no Sudão como consequência das anormais chuvas sobrevindas, mandei-o procurar refúgio em Berber, onde ele tinha assuntos a tratar.

5430

Portanto, encontrando-me como único ministro de Deus para administrar sacramentos em Cartum, não paro dia e noite. Cartum é o que se chama um hospital e os núcleos de população situados até mais de cem milhas à volta são um hospital e um cemitério. Desde que há 21 anos vim para a África Central, nunca vi tanta miséria, tantas doenças, nem tantas mortes. Em quinze minutos, homens robustíssimos vão para o outro mundo, vítimas de uma certa epidemia maligna que afecta o sistema nervoso: apenas se chega a tempo de dar os santos óleos e a absolvição aos católicos. Asseguraram-me e comunico-o em consciência aos seus leitores que em muitas localidades situadas a cem e mais milhas de Cartum, e no Nilo Azul, etc., a fome, a sede e a resultante epidemia maligna reduziram a metade a população; ou seja, morreram metade, ou quase, dos habitantes.

5431

A escassez de água, que foi causa de uma sede atroz e de tantas vítimas no reino do Cordofão e que produziu tanto sofrimento na nossa missão, cessou já, pela extraordinária quantidade de chuvas, caídas nesta última estação; mas a fome continua aí tremenda e mais grave que antes. Por muito tempo terei de sentir as consequências da carestia passada e presente, porque os produtos de primeira necessidade custaram e custam ainda de oito a dez vezes mais que o normal. Além disso, ao dispor apenas dos recursos habituais para o sustento e para ajudar também aos necessitados, a missão viu-se obrigada a contrair fortes dívidas, que tem ainda, porque as receitas aumentaram muito pouco.

5432

A Europa, que providencialmente se comoveu tanto pela fome e pela carestia da Índia e da China, mostrou-se escassamente comovida – embora me tenham chegado boas ajudas, especialmente da França, Alemanha e Inglaterra – pela tremenda e espantosa carestia da África Central. Talvez a culpa seja minha, pois não o informei a tempo da terrível penúria. Porém, eu quis primeiro examinar, ver, saber de fonte segura, antes de afirmar algo em consciência, até pela delicadeza de não retirar aos meus irmãos vigários apostólicos da Índia e da China subsídios tão necessários para as suas importantes e queridas missões.

5433

Agora, ao invés, formulo com toda a consciência e com pleno conhecimento de causa esta *afirmação, da qual assumo conscientemente toda a responsabilidade*: sou de opinião que a carestia e mortandade da África Central é mais espantosa e tremenda que a carestia e mortandade que se deram na Índia e na China e isto pelas razões seguintes:

5434

1.º Na Índia e na China, ao lado da carestia e da fome, há um clima suportável – e em muitas províncias mais saudável que na Europa –, um ar fresco, uma água fresca para beber; e, para o faminto, a água fresca e um bom ar são um grande alívio. Na África Central há um clima muito pesado para o europeu, com excessivo calor, até 36 a 40 graus em casa, e de 55 a 58 graus ao sol; além disso, nos reinos e tribos mais distantes do Nilo, único fornecedor de água nestas regiões, há sede, pior flagelo que a fome, e só se dispõe e não em

quantidade suficiente, de água quente, salobra e suja, que, por meio de poços de 30 a 40 metros, se tira das entranhas da Terra. Considerem-se estas coisas e para quem tem sensibilidade serão gravíssimas.

5435

2.º Pelos relatos dos jornais e dos missionários da Ásia, não me consta que em nenhuma província da Índia e da China tenha morrido, por causa da carestia e das consequentes doenças, *metade da população*. Em contrapartida, depois de um estudo sério e de repetidas informações, afirmo que na África Central, em muitas localidades, tanto próximas de Cartum como distantes, morreram *metade dos habitantes*. Acrescente-se que, na África, grande parte da população não tem casa e alguns nem uma cabana têm; e, quando chove copiosamente, grande número de construções caem, porque, à exceção da missão e de umas cem casas de Cartum, todas as outras são de barro, o que sucede por toda a parte no Nilo Branco e noutros lugares. Pelo que estas gentes famintas, privadas também da protecção das casas e expostas às intempéries, são vítimas de uma extrema indigência e morrem; e todos os dias se esvaziam as aldeias.

5436

3.º O fatalismo muçulmano e a terrivelmente desditosa situação habitual dos negros e dos escravos, nascidos para sofrer, levam a que não se faça nenhum barulho por uma grande desgraça, nem pela fome. O muçulmano que tem fome, mas não com que saciá-la (e igualmente o escravo negro, que aprendeu do seu amo), crê que Deus dispôs que deva morrer. Por isso, põe-se fora da sua casa ou cabana, debaixo de uma árvore, e diz: *Allah Kerim!* Deus é digno de louvor e grande! É impassível e, a sangue-frio, espera a morte, sem se queixar e sem fazer absolutamente nada para afastar o flagelo ou a desgraça. Mas na Índia e na China onde a gente é mais civilizada, esta esforça-se por remediar a situação; e os governos, que não são como os da África, preocupam-se. E sobretudo as missões católicas, os missionários, os bispos, etc., levantam a voz, invocam a caridade cristã e fazem conhecer a realidade do infortúnio às almas generosas.

5437

Aqui, na África Central, eu sou o único bispo e vigário apostólico e só depois de ter feito os oportunos exames e verificações pude levantar a minha voz; mas a minha voz é uma e perde-se entre as cem veneráveis que saem. Contudo eu tenho firme esperança no Divino Coração de Jesus – que também palpitou pela Nigéria –, em Nossa Senhora do Sagrado Coração e no meu querido ecónomo e administrador-geral da África Central, S. José, protector da Igreja Católica, em cujas barbas há milhões e pode socorrer esta árdua, laboriosa e importante missão, porque o seu Jesus morreu também pela Nigéria.

5438

Por isso, longe de desanimar, estou, mais que nunca, cheio de força e ânimo e mais que nunca confio na extraordinária caridade cristã, sobretudo na dos fervorosos católicos da Europa, amigos e amantes do Sagrado Coração e do meu querido S. José. Jesus, Maria e José apelarão ao coração dos católicos.

Porém, o senhor não desista. Faça outro tanto com a excelente *Libertà Cattolica* e comprovará palpavelmente que, se grande é a miséria na Itália e nas províncias napolitanas por vontade de Deus, e se *disponit omnia suaviter* e em penitência pelos nossos pecados – *propter peccata veniunt adversa*, tanto pela maldade dos tempos como sobretudo pelo triste Governo da infeliz Itália, o que deveriam conhecer bem os ministros que *desgovernaram a Itália*, porque são todos filhos da revolução e põem de lado e até perseguem a Igreja, única arca de salvação, mestra da civilização e fonte única de onde o mundo pode obter a paz, salvação e prosperidade.

5439

Enquanto isto se não reconhecer e os monarcas e governos se não inclinarem perante o Papado e a Igreja Católica e enquanto não puserem em prática os seus ensinamentos, todos os reinos e todas as populações serão vítimas da desgraça e da pobreza e estarão em decadência. Entre parênteses: se algum soberano em vez de tantos ministros imbuídos do moderno liberalismo, escolhessem *seis padres jesuítas redactores da Civiltà Cattolica* e um assumisse os Negócios Estrangeiros, outro o Ministério do Interior, outro o da Educação, outro o da Economia, outro o da Agricultura e do Comércio e o sexto o da Presidência de Conselho de Ministros, asseguro-lhe, senhor director, que esse reino ou império em dez anos não teria nenhuma dívida, gozaria de perfeita paz e avançaria com a maior prosperidade, porque teria como base a fé e a religião. Porém, não vou pretender que se escolham religiosos como ministros: esses cargos devem ser ocupados só por distintos seculares, que os há, e homens de fé.

5440

Voltemos às nossas coisas. Dizia que confio em Deus, em Maria, em S. José e nos bons católicos e na caridade cristã; porque ainda que sejam *grandes as misérias* da Europa, da Itália e dos bons napolitanos, *maior é ainda a caridade cristã e católica*. Portanto, dê um toque após outro com a *Libertà Cattolica*, porque, como se diz em Verona: *Cristo é um cavalheiro e mantém a sua palavra; e ao petite, quaerite, pulsate*, pronun-

ciados nas devidas condições, responde imediatamente, como o piano ao serem pulsadas as sua teclas, com o gratíssimo *accipietis, invenientis et aperietur*.

5441

Eu estou muitíssimo ocupado, por isso, encarreguei o meu bom administrador que redija um relatório sobre o nosso apostolado. Quando o tiver feito e mo enviar de Berber, mandá-lo-ei imediatamente a si.

Entretanto, não só aprovo uma colecta permanente em favor da missão da África Central, mas ficaria também contente de que o senhor a estabelecesse quanto antes, o que poderá proporcionar a este colossal Vicariato, além dos meios materiais, alguma boa vocação tanto sacerdotal como de irmão coadjutor ou de alguma religiosa, para ajuda dos negros. Em Berber tenho uma excelente religiosa, que em breve mudarei para uma missão do centro, pertencente ao instituto *Pias Madres da Nigricia*, que eu fundei em Verona. Trata-se de Conchita Corsi, de Barletta, a qual fará muito bem nestas missões, onde a mulher não é pessoa, mas um objecto de comércio e de capricho, não muito diferente de uma ovelha ou de uma cabra, que o dono aprecia só se trouxer utilidade e deleite e que, quando murcha e já não serve, é rejeitada e como mercadoria lançada fora.

5442

A Irmã da caridade na África Central é da mesma utilidade que um missionário; antes, o missionário pouco faria sem a Irmã. Nos países muçulmanos, só a Irmã é capaz de penetrar no segredo do harém e de falar com as mulheres, que tanta influência têm na vida e no rumo do homem. Nos lugares onde homens e mulheres andam vestidos como os nossos primeiros pais Adão e Eva, quando se encontravam em estado de inocência, a Irmã é mais necessária e constitui uma garantia para este: como na missão que abri em Gebel Nuba. Para aqueles sítios mando as Irmãs mais provadas e experimentadas; e só elas se aproximam das mulheres para as catequizar, moralizar e conseguir que se cubram em parte, a fim de as tornar aptas a ser admitidas na religião católica. Só a Irmã tem a responsabilidade e direcção da classe feminina; e, enquanto ela encaminha esta classe de pessoas para a civilização, o missionário ocupa-se da parte masculina do grupo humano mais digno de lástima.

5443

Jesus Cristo morreu também pelos *mais de sessenta milhões* de almas do meu Vicariato que, no tocante à roupa, têm um atraso maior que o dos tempos de Adão e Eva; e eu, que fui designado pelo Vigário de Cristo para salvar estas almas, devo valer-me dos meios mais seguros e oportunos. Quando, com muitos bons missionários alemães e italianos, mas sem Irmãs, estive entre aquelas gentes, não fizemos nada, e foi graças a Deus não perigarmos nós mesmos, embora o Senhor tenha sido sempre generoso nas suas ajudas extraordinárias àqueles a quem chamou para esta vinha abandonada e difícilíssima. Portanto, a Santa Sé, ao confiar-me esta grande missão, o meu primeiro cuidado foi estabelecer nela as excelentes Irmãs de S. José da Aparição, de Marselha, e fundar *uma nova congregação feminina com regras específicas para o apostolado da África Central*.

Seu af.mo amigo
† D. Daniel Comboni
Bispo e vig. ap. da África Central

N.º 799 (760) - A MGR. JOSEPH GIRARDIN
AOSIP, Afrique Centrale

Cartum, 4 de Novembro de 1878

Breve bilhete.

N.º 800 (761) - AO CÔNSUL MARTINHO HANSAL
ASW, F 27, c. 28

Cartum, 23 de Novembro de 1878

Informações sobre o P.º A. Horner.

N.º 801 (762) - A P.º FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/1

Cartum, 30 de Dezembro de 1878

Meu estimadíssimo P.º Francisco,

5444

O anúncio da sua chegada ao Cairo e do seu destino por mandato do Santo Padre alegrou-me sobremaneira, porque se cumpriram os nossos desejos de Roma com a mais clara manifestação da divina vontade. Ânimo, pois, meu caro P.º Francisco: preparemo-nos com a oração, com a abnegação e com o sacrifício para salvar um grande número de almas infiéis, que também custaram o sangue de Cristo; além disso, a Igreja foi fundada com suores e com o martírio.

5445

Rogue todos os dias por mim, a fim de que Deus me ajude nas imensas dificuldades que tenho que superar para dirigir o Vicariato Apostólico mais árduo, laborioso e importante do universo. Quando escrever para Roma, faça chegar os meus respeitos à senhora sua mãe; saúde da minha parte Pennacchi e diga-lhe que me escreva.

5446

Perdoe se não me posso alargar mais: como tudo gravita sobre os meus ombros, estou ocupado dia e noite. Ainda por cima, frequentemente tenho febre e passo a noite sem pregar olho. Mas sofrer por Jesus e para lhe ganhar almas é o maior bem para o coração do verdadeiro missionário.

Abençoa-o

Seu af.mo amigo
† Daniel Comboni
Bispo e vig. apostólico

N.º 802 (763) - À PROPAGAÇÃO DA FÉ DE LIÃO
APFL, Afrique divers – 1879

Cartum, 31 de Dezembro de 1878

Ao sr. presidente e ao conselho central
da Propagação da Fé de Lião

Ilustríssimos senhores,

5447

Apresento com um pouco de atraso o meu relatório anual sobre o Vicariato da África Central. Mas não é culpa minha. Este ano foi o mais espantoso e terrível de todos desde que existe o Vicariato e tão-pouco se lembra na história da África Central uma carestia e uma mortandade tão atrozes e generalizadas como as que se deram nestas infelizes regiões nos dois últimos anos, embora o que agora acaba tenha sido um dos mais felizes e fecundos quanto a conversões e à salvação dos infiéis.

5448

Todas as obras de Deus, e em especial as do apostolado católico que têm como objectivo a destruição do império do Demónio para o substituir pelo reino de Jesus Cristo, devem nascer e crescer ao pé do Calvário e ser marcadas pela cruz. Os senhores são os juízes mais competentes disso, uma vez que seguem com um zelo e uma solicitude incomparáveis, estudando-as, todas as fases das missões apostólicas do universo inteiro.

5449

É através da cruz e do martírio que se fundaram e prosperaram todas as missões. E a da África Central, a última de todas elas, a mais difícil, a mais trabalhosa, não podia ter um caminho diferente dos seguidos pelas outras obras de Deus. Tinha que passar pelo caminho da cruz e do martírio, da mesma maneira que o Divino Fundador da fé chegou à sua gloriosa ressurreição através da sua paixão e morte e de igual modo que a Igreja saiu do seu Coração Imaculado, navegando sobre o sangue dos mártires, para triunfar no universo.

5450

Vou referir-me aqui, senhores, à espantosa carestia e extrema falta de tudo, até de água, e a horrível mortandade consequência delas, que assolaram a África Central este ano; carestia, sede e mortandade que foram muito mais atrozes e horríveis que as da Índia, da China e as de todas as outras missões do mundo inteiro. Vou provar isso no presente relatório, para, em seguida, após aludir em duas palavras aos frutos e às esperanças do apostolado desta missão, mencionar as necessidades que mais precisamos para a conservar e para a fazer prosperar.

5451

Tendo a misericórdia de Deus escolhido a época actual para chamar à verdadeira fé esta parte do mundo, a mais abandonada, a mais infeliz e «*novissima inter omnes*», eu estou feliz de ceder aos generosos missionários de Argel, fundados pelo admirável e infatigável zelo de mons. Lavigerie, verdadeiro apóstolo da África, uma parte considerável do meu colossal Vicariato; quer dizer, o equador e todas as imensas regiões situadas a sul do equador, que com o breve de 3 de Abril de 1846, de Gregório XVI, foram atribuídas ao Vicariato da África Central. E assim a Propagação da Fé e todos os benfeitores do apostolado católico terão um conhecimento mais exacto das enormes dificuldades, das esperanças mais sólidas e da absoluta importância do apostolado da África Central e Equatorial, com os seus mais de cem milhões de infelizes mergulhados ainda nas trevas e sombras da morte.

[Do § 5452 ao § 5492 Comboni fala da carestia; cf. n. 1005]

5493

Aqui, na África Central, sou eu o único bispo e vigário apostólico e pude levantar a voz bem tarde, no momento em que a carestia das outras missões católicas do mundo absorvia todos os espíritos e todos os olhares da Europa acomodada.

Mas a minha voz é fraca e uma só e o meu grito de desespero soou demasiado tarde, como me escrevia um venerável eclesiástico e benfeitor belga. Como consequência disso, o meu Vicariato teve que sofrer todos os horrores da carestia sem ter podido frente às urgentes necessidades.

5494

E com os generosos donativos que entretanto me chegaram, pude prover às misérias extremas e manter de pé o Vicariato; mas a missão e os missionários, assim como as admiráveis Irmãs de S. José da Aparição, sofreram e suportaram as maiores privações. O Vicariato continua ainda com muitas dívidas, como os senhores podem ver pelos quadros estatísticos e, além disso, ficam por fazer muitas reparações nos institutos da missão, as quais são de uma necessidade absoluta para salvaguardar a vida e a saúde dos missionários e das Irmãs que sobreviveram aos horríveis desastres e a espantosa mortandade deste ano, a maior de todas as que conheci desde que há vinte e cinco anos cheguei pela primeira vez a esta missão, cuja história não guarda recordação de uma carestia e mortandade semelhantes.

5495

Aqui deveria apresentar-lhes dados sobre os bons frutos do nosso laborioso apostolado, que foi mais poderoso que nos anos precedentes, como podem comprovar pelo quadro estatístico junto. Mas, esgotadas as minhas forças e com a saúde enfraquecida, deixo esta parte, a mais interessante do presente relatório, para mais adiante, se puder restabelecer-me um pouco. Por conseguinte, passo a expor-lhes a minha petição de ajudas mais urgentes, de que o Vicariato tem extrema necessidade; e estou certo que a sua grande caridade, apesar de todas as dificuldades, por impulso do Sagrado Coração de Jesus, de Maria Imaculada, de S. José e de S. Francisco Xavier, se dignará atender o meu humilde e enérgico pedido.

5496

As ajudas das outras pequenas associações da Europa foram este ano (exceptuada a Santa Infância, que desde há dois anos me concede 5000 francos anuais) muito mais modestas que nos anos anteriores, porque obras diocesanas muito urgentes absorveram toda a caridade católica na Alemanha e na Áustria, por causa da má tendência dos governos liberais e dominados pela maçonaria; por causa do Óbolo de S. Pedro e também um pouco pela carestia da Índia e da China.

Porém, com os donativos extraordinários que recebi delas e também de outras partes, como esmolas recolhidas pelo *Universo* e por muitos jornais da Itália, Alemanha e Áustria, ainda que em pequena quantidade e somados a estes donativos extraordinários os ordinários da Propagação da Fé, as receitas deste ano foram mais abundantes que as dos anos passados, chegando ao total de cerca de 100 000 francos. Porém, estas boas receitas tiveram que ser usadas nas necessidades seguintes:

5497

1.º No sustento dos institutos que albergavam pessoal europeu ou indígena bastante mais numeroso e nas difíceis circunstâncias de uma carestia e de uma falta geral de produtos de primeira necessidade, em que

os víveres e os artigos mais necessários para a vida custavam cinco, oito, doze, quinze e vinte vezes mais caros que nos outros anos, e em médicos e nos remédios para estes institutos transformados em hospitais.

2.º Em cuidar o mais possível, segundo as intenções dos benfeitores, dos pobres enfermos. Isto salvou a vida a muitos, que ficaram agradecidos.

5498

3.º Nas viagens dos missionários e nos envios de provisões, que, quando puderam ser feitos, foram quatro ou cinco vezes mais custosos que o costume; igualmente houve perdas e estragos de muitos artigos.

4.º Em pagar uma parte dos 46 736 francos de dívidas que encontrei no Vicariato a 12 de Abril, à minha chegada a Cartum, e outros débitos que eu tinha contraído anteriormente no Cairo pelas obras já completas e realizadas das casas de aclimação de missionários e por gastos que o meu superior do Cairo, Roller, tinha efectuado para o Vicariato e para estas duas casas.

5499

Acrescentarei como dado que os seis elefantes que Gordon Paxá mandou para lagos Nyanza, em Cartum mantê-los custava 20 libras esterlinas por dia cada um (500 francos), de modo que, só na alimentação dos seis, se lhe iam 3000 francos – tão extrema era aqui a escassez de alimentos.

5500

Os senhores podem compreender as minhas grandes dificuldades e a minha terrível situação. Pois bem, o estado económico do Vicariato, apesar de todos estes problemas, actualmente não é desesperado, graças a um milagre da Providência divina, da qual a Propagação da Fé é o instrumento mais poderoso.

Todas as dívidas do Vicariato da África Central, incluídos os seis mil francos que devo ao arquitecto das construções do Cairo, ascendem somente a 30 157 francos, que devo pagar no dia 1 de Setembro de 1879, com 1055 francos de juros.

Para chegar a este situação, que não é desesperada:

5501

1.º O falecido P.^e António Squaranti, meu administrador, e eu fizemos a máxima economia, administrando com mão de ferro os nossos recursos.

2.º Nós e as diversas missões do Vicariato sofremos muito e suportámos as mais duras privações, até ao ponto de termos falta do necessário.

5502

3.º Depois das mortes e das grandes doenças havidas entre os missionários, irmãs e leigos coadjutores europeus, fechei provisoriamente os dois institutos de Berber, que custavam mais de 10 000 francos ao ano. E, fora a capela e algumas dependências para alojar as caravanas da missão que chegam do Cairo, aluguei tudo a um comerciante francês por cem francos ao mês, e um ou dois missionários de Cartum irão duas vezes por ano a Berber para as necessidades espirituais do pequeno número de fiéis dessa cidade.

4.º Além disso, suspendi provisoriamente a missão de Cadaref, que abrange todo o território das vastas províncias de Taka, Balabat, Fazoglo, etc., até à Abissínia, que constituem uma extensão igual a toda a França; e chamei para Cartum o pessoal que tinha enviado sob a direcção de um dos meus missionários veteranos.

5503

5.º Depois trouxe para Cartum as cinco Irmãs que estavam em Berber, pertencentes ao instituto das *Pias Madres da Nigricia*, de Verona, para as destinar ao Cordofão e chamar para aqui as três Irmãs de S. José que estavam em El-Obeid, a fim de as reunir com as três que sobreviveram em Cartum. Aqui, se a madre geral desta devota congregação de Marselha me mandar outras Irmãs, como espero, porei debaixo da sua direcção outra casa: o hospital do Governo de Cartum, que Gordon Paxá me quer entregar a todo o custo. Em sete anos, as religiosas de S. José perderam no meu Vicariato nove Irmãs, sete delas em Cartum, ainda que algumas delas tenham morrido de doenças que tinham já antes e duas por causa de quedas, uma de um camelo outro de uma mula.

5504

6.º Deixei em suspenso aqui e no Cordofão reparações necessárias, por falta de dinheiro. Notem, senhores, que também isto nos custou muitos sofrimentos e até doenças, apesar da nossa previsão e vontade. Estamos num mar em tempestade e temos que boiar.

5505

Deixo aqui claro, uma vez mais, de que nos sete anos que estou a dirigir o Vicariato não morreu ainda na África Central nenhum sacerdote missionário europeu que se tenha aclimatado no Cairo. Os três que faleceram durante a carestia e mortandade de 1877-1878 só tinham estado no Cairo menos de dois meses e não se

tinham aclimatado, porque eu tinha uma grande necessidade deles no Vicariato. Porém, conhecendo por longa experiência a necessidade desta aclimação no Cairo, ao menos durante a Primavera e o Verão, tomei as disposições mais absolutas e ordenei que cada missionário, irmã ou leigo coadjutor europeu tem de se aclimatar no Cairo antes de entrar no Vicariato. Com isso se conservará a vida dos operários evangélicos nesta laboriosa missão, que, depois da tempestade passada, terá um futuro esplêndido.

5506

His positis, passemos a dizer algo sobre as necessidades mais urgentes e indispensáveis do Vicariato, que figuram no quadro estatístico.

Antes de tudo, necessito de pagar as dívidas que tenho de mais de 30 000 francos; de contrário, para não ver enfraquecida a missão, ver-me-ei forçado a contrair mais dívidas e aqui os juros habituais dos empréstimos são 5% (o que não faria nunca).

5507

Preciso de manter os institutos, juntamente com a missão de Gebel Nuba, que terá um grande futuro; mas a carestia não terminou e os víveres vão custar três ou quatro vezes mais que o normal, e o mesmo acontecerá com as expedições. Por exemplo, a viagem de uma caravana de 20 camelos desde Cartum ao Cordofão fazia-se em 12 dias e custava uns 900 francos. Pois bem, um telegrama anuncia-me que a caravana de 19 camelos das minhas Irmãs veronesas, que chegou ao Cordofão, empregou 29 dias e fez um gasto de 2305 francos. Os camelos estão fracos devido à fome e levam só metade da carga.

5508

Dois bons médicos europeus de Gordon Paxá, que visitaram as nossas casas de Cartum, asseguraram-me que necessito de fazer o segundo andar para os europeus ou, de contrário, morrerão aqui todos depois das chuvas; porque os miasmas pestilentos nessa época se elevam mais de 4 ou 5 metros e nós podemos evitá-los no segundo andar onde há ar mais puro. Portanto, seria necessário construir para Setembro próximo ao menos quatro quartos para as Irmãs e quatro para os homens e o custo será, pelo menos, de 14 000 francos.

5509

Quanto a tudo o resto, vejam os quadros estatísticos. Aqui há que criar tudo do nada, porque estamos entre povos primitivos e é preciso fazer tudo, até o mais elementar.

Agora, depois de todas as observações feitas neste relatório e nos quadros estatísticos, ganho coragem para lhes rogar que me concedam por dois anos um aumento do subsídio que os senhores tiveram a bondade de me atribuir nos passados anos, ou seja, 90 000 francos para o exercício de 1879, se estiver na vossa mão. Com esse dinheiro e uma administração férrea, espero levantar a cabeça e respirar. Quanto ao resto das minhas grandes necessidades para este laborioso, difícil e interessante Vicariato, Deus proverá por meio do boletim *Les Missions Catholiques* e alguns jornais.

5510

Nós nunca deixámos, senhores, de rogar insistentemente a Deus por vós e por todos os associados dessa divina obra da Propagação da Fé, que é a verdadeira fonte e o canal directo das graças da redenção dos povos infiéis do universo inteiro e condição *sine qua non* da existência, conservação e prosperidade das missões apostólicas e da civilização cristã das nações africanas que habitam ainda nas sombras da morte.

5511

É por esta obra divina que a África Central entrará certamente e em breve no redil de Jesus Cristo.

Recebam a minha mais sentida e humilde homenagem de gratidão e de respeito, enquanto lhes asseguro que serei sempre nos Sagrados Corações de Jesus e Maria seu af.mo e dev.mo.

† Daniel Comboni, bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário ap. da África Central

Não pensem que espero que a ajuda deste ano vá determinar a do próximo. Não. Conheço a vossa admirável prudência. Tenham por bem agora, se puderem, conceder-me o que peço para o exercício em que entramos. Depois, em Março ou Abril do ano de 1880, já verão o que podem fazer para esse exercício.

Original francês

Tradução do italiano

N. B. Comboni manda a Paris a mesma carta (n.º 802) enviada a Lião, com pequenas variantes e sem o post scriptum.

Cartum, Dezembro de 18778

Estatísticas e notas administrativas.

N.º 804 (766) - NOTAS SOBRE AS IRMÃS DE
S. JOSÉ DA APARIÇÃO
ASSGM

1878

5512

Acabava de expor os meus projectos à superiora geral, a rev.da madre Emilie Julien, antiga missionária na África e no Oriente, que aceitou ajudar-me.

Parti de Marselha em Novembro de 1867, conduzindo um pequeno grupo composto por três missionários, três Irmãs de S. José da Aparição e dezasseis negras educadas nas diversas casas da Europa.

5513

Em 26 de Janeiro de 1873 saí do Cairo à frente de 30 pessoas, entre missionários e Irmãs. Chegámos a Cartum após 99 dias de feliz viagem. Aí receberam-nos com grande festa o cônsul-geral austríaco, o paxá ou governador-geral do Sudão, a população cristã e muçulmana e enfim, o chefe dos *muftis*, que me recitou muito correctamente em língua árabe um hino do estilo dos salmos.

5514

Para já alojei as Irmãs e as mestras numa casa que tomei de aluguer, até ser possível comprar e construir uma casa própria para elas.

A África Central nunca tinha visto Irmãs. As primeiras que se consagraram a este apostolado pertenciam à congregação de S. José da Aparição, de Marselha, e tinham nascido na Ásia. Eram três, das quais duas já morreram: a Ir. Josefina Tabraui e a Ir. Madalena Caracassian.

5515

A Ir. Josefina Tabraui, nascida em Tiberíades de pais greco-católicos e criada em Jerusalém, foi encarregada de ministrar ensino a meninas em Jaffa, em Saida e depois em Dair-el-Kamar. Consagrou a sua juventude e as suas forças a socorrer dia e noite os inumeráveis órfãos dos cristãos vítimas dos massacres de 1860 na Síria e a assistir os afectados pela cólera, sob a direcção da venerável madre Emilienne Naubonnet, actualmente superiora provincial das Irmãs da África Central. Cheia de zelo pela salvação das almas, a Ir. Josefina era uma madre para as pobres negras do Cairo.

Subiu o Nilo, atravessou os abrasadores desertos da Núbia e consumiu a sua vida no laborioso apostolado da África Central. Modelo das mais heróicas virtudes, gozava da estima do povo e da admiração dos governadores muçulmanos, a quem, sem tréguas, ela falava com liberdade e franqueza na defesa dos direitos humanos que eles calcavam. A primeira superiora da África Central morreu a 16 de Abril de 1874, aos 33 anos, repleta de méritos, chorada por todos e honrada com magníficos funerais.

5516

A Ir. Madalena Caracassian nasceu em Erzerum, capital da Arménia. No ano de 1867 pronunciou os seus votos simples em Roma, no mesmo instituto das Irmãs de S. José da Aparição. Fez viagens muito perigosas e consagrou a sua juventude à conversão dos negros do Egipto e às missões de Cartum, do Cordofão e de Gebel Nuba.

Falava bem o arménio, o turco, o árabe, o francês e o italiano. Após nove anos de abnegação e de sacrifícios, morreu em El-Obeid, na idade de 27 anos, a 7 de Agosto de 1876.

5517

Eu tinha acompanhada de Cartum a minha parente Faustina Stampais, nascida em Maderno, junto ao lago de Garda (diocese de Bréscia). Integrada desde há quatro anos no nosso instituto do Egipto, conhecia suficientemente a língua árabe e no Cairo Velho tinha-se dedicado por completo à educação das jovens negras. Connosco vinham também duas mestras de cor que eu lhe tinha atribuído. À espera de poder comprar para elas uma grande casa, alojei-as numa parte da casa dos missionários. A Ir. Faustina esteve a dirigir a obra até à chegada a El-Obeid das Irmãs de S. José da Aparição, no mês de Fevereiro de 1874.

5518

Portanto, em pouco tempo, com a ajuda dos meus excelentes companheiros, eu consegui fundar duas casas no Cordofão. A 11 de Dezembro chegaram a Cartum quatro Irmãs de S. José, acompanhadas de P.^e João Losi, sacerdote do instituto de Verona e de alguns leigos. Encontraram as outras Irmãs numa casa alugada aos herdeiros do sr. André de Bono, chamado Latif Efendi. Essa casa era muito pequena e, além disso, os proprietários reclamavam-na para que a ocupasse o sr. Rosset, vice-cônsul prus-siano. Por isso, com as esmolas da Europa e em especial de Suas Majestades o imperador Fernando I e a imperatriz Maria Ana de Áustria e do arquiduque Francisco de Este, duque de Módena, construí uma casa de 112 metros de comprimento. Nela instalei as Irmãs de S. José.

5519

No mês de Abril de 1875 a rev.da madre Emilienne Naubonnet, acompanhada de uma jovem Irmã árabe, chegou a Cartum pela rota do mar Vermelho e do deserto de Suakin. A madre Emilienne, natural de Pau, vinha assumir a direcção do instituto das Irmãs de S. José da Aparição em Cartum, com jurisdição sobre todas as casas e as Irmãs da congregação na África Central. Esta Irmã foi uma das primeiras que se estabeleceram no Oriente desde o tempo das Cruzadas. Esteve nove anos como superiora em Chipre e mais de vinte na Síria, onde fundou as casas de Saida, Deir-el-Kamal e Beirut.

5520

Durante os massacres de 1860, ela acolheu no seu instituto, construído sobre os muros da velha Sidon, centenas de órfãos dos cristãos mortos às mãos dos drusos. Depois de trinta anos de trabalho no Oriente, esta mulher admirável passou o mar, subiu o Nilo, cruzou o deserto e penetrou na África Central, que é hoje o cenário da sua infatigável caridade.

5521

Lê-se no *Bene Pubblico* de 3 de Outubro de 1878 que os sacerdotes do Instituto das Missões para a Nigri-cia, fundado em Verona, assim como as Irmãs de S. José da Aparição, estão dispostos a suportar as privações, os perigos, os climas ardentes no seu ardoroso apostolado pela salvação das pobres almas.

† Daniel Comboni

Original francês
Tradução do italiano

N.º 805 (767) - LISTA DAS MISSÕES ANGLICANAS
NA ÁFRICA
ACR, A, c. 18/4 n. 4

1878

N.º 806 (768) - DIRECÇÕES DA CARTA EM LATIM
ACR, A, c. 18/24

1878

N.º 807 (769) - APONTAMENTOS «QUADRO HISTÓRICO
DOS DESCOBRIMENTOS NA ÁFRICA»
ACR, A, c.18/14 n. 1-9

1878

N.º 808 (770) - BISPADOS E DECANATOS
NO IMPÉRIO AUSTRO-HÚNGARO
ACR, A, c. 18/25 n. 1-3

1878

N.º 809 (771) - PRO MEMORIA
ACR, A, c. 20/36

1878

N.º 810 (1170) - A LINANT PAXÁ
ASGEC, Cart. Personnalité

1878

Dedicatória.

N.º 811 (772) - A MGR. ESTANISLAU LAVERRIERE
«*Les Missions Catholiques*», 508 (1879), pp. 97-98

Cartum, 2 de Janeiro de 1879

Carta sobre a carestia.

N.º 812 (773) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 841-884

N.º 1

Cartum, 2 de Janeiro de 1879

Em.º e Rev. mo Príncipe,

5522

Escrevo-lhe poucas linhas, porque estou alquebrado pelas febres, pelas tribulações, pelas fadigas, e com o coração despedaçado. Por adorável lei da Providência, as obras de Deus devem fundar-se e prosperar ao pé do Calvário. A cruz e o martírio são a vida do apostolado nas nações infiéis e certamente só mediante a cruz e o martírio se converterá a África Central à verdadeira fé.

5523

Mas, embora me encontre enfraquecido no corpo, pela graça do Coração de Jesus o meu espírito mantém-se sólido e vigoroso; e estou decidido, como tenho estado desde há trinta anos (desde 1849), a sofrer tudo e dar mil vezes a vida pela redenção da África Central e da Nigricia.

5524

Como lhe expliquei em parte na minha última carta, a n.º 8 de Outubro passado, uma epidemia tremendamente mortífera assolou a África Central, consequência da espantosa carestia e das abundantíssimas chuvas que sucederam à grande seca de quase vinte meses, e num território do Vicariato (de Cartum este-oeste a sul), tão grande como duas ou três vezes a França, morreu *mais de metade da população*. Além disso, se na cidade de Cartum, onde há médicos e medicamentos, morreu uma terça parte dos habitantes, em algumas localidades e regiões que eu visitei, não só pereceu a população inteira, mas também todos os gados e até *os cães*, que são a única providencial defesa e segurança nestes países.

5525

De Berber a Cartum visitei com as Irmãs veronesas muitos povoados, para além das cidades de Shendi, Muhammad, etc. Aí encontrei morta mais de metade da população e o resto dela era como esqueletos ambulantes; também vi mulheres cadavéricas, nuas, que se alimentavam à base de erva e de sementes de feno. Eu reparti grão e dinheiro, não sem ter baptizado muitos meninos de ambos os sexos *in articulo mortis*. Em Agosto, fazendo enormes sacrifícios, comprei em Cartum a um preço exorbitante vinte sacos de farinha de trigo para os mandar às missões do Cordofão e de Gebel Nuba, que há mais de seis meses só vivem de *dokhon* (espécie de milho) e de uma carne muito fibrosa, etc., quando a podem conseguir. Depois, pus em acção todos os comerciantes que ficaram com vida em Cartum, muitos xeques e mesmo o Governo, a fim de conseguir quinze camelos para o Cordofão. Pois bem, tal coisa foi impossível até hoje e estamos já em Janeiro de 1879, porque os camelos morreram em grande parte e porque também não se encontram cameleiros, que foram vítimas da doença ou da fome.

5526

Mas ainda há mais. Após a morte da superiora do Cordofão em Agosto passado, ficam lá só com três Irmãs, duas das quais pediram à madre geral licença para regressara a Marselha por razões de saúde e já têm as obedienciais desde há mais de três meses. Tendo-lhes eu ordenado que viessem a Cartum, só esperavam os camelos para empreender a viagem; mas, por falta de camelos e cameleiros, hoje ainda continuam no Cordofão. Com a partida da África dessas duas religiosas, restam-me unicamente quatro Irmãs de S. José no Vicariato; pelo que, para atender às urgentes necessidades das importantes missões de Cartum e do reino do Cordofão, e, após consultar a superiora de Cartum, destinei a esta cidade as restantes quatro Irmãs de S. José (em vão supliquei até agora à madre geral que me mandasse outras, de preferência árabes), e destinei ao Cordofão as cinco Irmãs do instituto das Pias Madres da Nigricia por mim fundado em Verona, que estavam

em Berber e que eu trouxe para Cartum há vinte dias com o vapor cedido generosamente por Gordon Paxá, as quais mandarei para o Cordofão, quando dispuser de camelos.

5527

A tremenda epidemia fez também espantosos estragos nas nossas missões. Nos seis anos desde que estou à frente do Vicariato ainda não tinha morrido nenhum sacerdote missionário na África Central, graças ao oportuno sistema do meu *Plano*. Porém, após a tremenda seca, as chuvas e a mencionada epidemia, morreram-me três sacerdotes, entre eles o meu braço direito na santa obra da África Central, o piedoso e capaz P.^e António Squaranti, antigo superior dos meus institutos de Verona, a quem trouxe o ano passado para o Vicariato como administrador-geral dos bens do mesmo, com vontade de o nomear mais adiante meu vigário-geral, se o seu estado de saúde o tivesse permitido.

5528

Eu tinha-o enviado de visita a Berber, sobretudo para o retirar da ameaçadora epidemia, quando dei conta que esta se aproximava depois das chuvas, por ser o primeiro ano que ele estava na África Central. Mas passados quarenta dias de ele estar em Berber, inteirou-se de que em Cartum todos os sacerdotes estavam doentes de febre, de que muitos da missão tinham morrido e de que eu era o único que me mantinha em pé, pelo que há mais de um mês fazia de bispo, pároco, administrador, superior, enfermeiro, etc., etc., saiu de Berber num barco à vela para me vir ajudar e, ao cabo de quinze dias, chegou a Cartum mais morto que vivo, porque nos últimos quatro dias de viagem já fora afectado pela febre e a epidemia. Foram inúteis os nossos cuidados durante doze dias: todo fogo de caridade e totalmente resignado, voou para o eterno descanso, deixando-me numa grande desolação. Para além dos três sacerdotes e das duas Irmãs que faleceram, perdi mais de metade dos irmãos leigos, devotíssimos, de eminentes virtudes e cheios de méritos, que, vítimas da epidemia, partiram para o Paraíso.

5529

Depois destas mortes, o pânico apoderou-se de alguns sacerdotes e leigos da missão, originários das províncias meridionais da Itália. Assim, para além de um sacerdote napolitano e de um leigo de Roma, que de forma inesperada deixaram a missão, sem que nem rogos nem ordens servissem para os dissuadir (não tinham sido educados no meu instituto de Verona: todos os que saíram desse instituto se mantêm fiéis e constantes e estão dispostos a morrer por Cristo sem abandonar o seu posto), outros dois sacerdotes napolitanos e um leigo seu patrício pediram-me para voltar temporariamente à Europa. Em contrapartida, os outros do instituto de Verona e especialmente os superiores do Cordofão e de Gebel Nuba, os leigos veroneses sobreviventes e as cinco Irmãs veronesas das Pias Madres da Nigricia, longe de desanimar, me encorajam a mim mesmo.

5530

As Irmãs de S. José da Aparição e sobretudo a Irmã árabe Germana Assuad, de Alepo, fizeram prodígios de caridade nessa terrível circunstância, não duvidando em arriscar a própria vida e em sacrificar-se todas por Cristo.

Alquebrado por tantas fadigas e tribulações, finalmente também eu caí doente, de modo que desde há mais de um mês que me atormentam as febres e com muito sofrimento me mantenho em pé.

5531

Não se assuste V. Em.^a por estas sinistras notícias da África Central. O apostolado católico sempre foi acompanhado pelos sacrifícios e pelo martírio. À paixão e morte de J. C. seguiu-se a ressurreição. O mesmo sucederá com a África Central. Está-me a vir a febre. Uma bênção do Santo Padre e de V. Em.^a para

Seu obed.mo filho
† Daniel Comboni, bispo e vig. ap.

Continua a carestia.

Mas a minha última preocupação são os meios temporais. De tudo se ocupará, estou certo, S. José e basta.

N.º 813 (774) - A JEAN FRANÇOIS DES GARETS
APFL (1879) Afrique Centrale

Cartum, 2 de Janeiro de 1879

Carta sobre a carestia.

N.º 814 (775) - AO CLÉRIGO LUÍS GRIGOLINI
APMR, VI / G3 / 1879

Cartum, 3 de Janeiro de 1879

Breve bilhete.

N.º 815 (1221) - A MONS. JOSÉ MARINONI
AP SC Afr. C., v. 8, ff, 860-863

Cartum, 3 de Janeiro de 1879

Carta sobre a carestia.

N.º 816 (777) - AO CARDEAL JÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 8, ff, 860-863

N.º 2

Cartum, 16 de Janeiro de 1879

Em.º e Rev. mo Príncipe,

5532

Desejando ardentemente uma fervorosa bênção do Santo Padre, consolo das minhas aflições, permiti-me aproveitar o primeiro aniversário da sua elevação à Cátedra de S. Pedro para lhe apresentar os meus respeitos, assinalar-lhe as minhas cruces e implorar a sua apostólica bênção para mim e para o Vicariato. Portanto, suplico da bondade de V. Em.^a rev.ma que se digne pôr-me por meio da carta junta aos pés de S. S. e obter-me a desejada bênção.

5533

Recebi com verdadeiro prazer o seu venerado escrito de 29 de Novembro passado, assim como os que foram enviados por meio dos sacerdotes do Colégio de S. Pedro e S. Paulo, em que recomenda, como a todos os vigários apostólicos, que se redija uma concisa mas completa relação sobre a história, progresso e situação dos nossos respectivos vicariatos, a qual terá que ser impressa quando o julgarem oportuno os em.os padres da S. C. para melhor formularem no futuro as suas sapientíssimas deliberações sobre os diversos assuntos respeitantes à missão.

5534

Se tão acertada disposição de zelo e sagacidade de V. Em.^a há-de tornar-se útil para todas as missões mais antigas e conhecidas do mundo, para as da África e em especial da África Central e Equatorial é de utilidade e importância sumas, por se tratar das menos conhecidas, das mais árduas e difíceis de todas. Por isso, quando conseguir recobrar forças (pois a febre não deixa de me visitar de dois em dois ou três em três dias) e conseguir tirar um pouco de tempo livre das minhas graves e complicadas ocupações, porei todo o cuidado e esforço em realizar esse importante trabalho, ao qual seguirá outro muito relevante acerca dos lagos Nyanza, sobre os quais me parece que, ao menos até ao momento, não se dispõe na Europa de informação muito exacta e verídica.

5535

Assim terá também a Propaganda, esperando o devido tempo e após bem digeridas e amadurecidas informações dos solícitos missionários de Argel, uma ideia clara e justa das regiões do Vitória Nyanza, onde, espero, poderão estabelecer-se solidamente. E igualmente a terá, depois da minha relação, sobre as importantes regiões do Alberto Nyanza, que dista da antiga estação de Gondokoro, onde eu estive em 1859, só vinte e oito horas de viagem a pé, sobre o lombo de bois, mais um trajecto de rio que agora o vapor de Gordon Paxá percorre em meio dia, enquanto entre o Vitória Nyanza e o Alberto Nyanza há vinte dias e até um mês de muito difícil viagem, que torna ainda mais perigosa a inimidade de dois reis poderosos (o do Uganda, a quem pertence o lago Vitória e o de Unyoro, senhor do lago Alberto), porém, com os quais o meu bom amigo S. E.

Emin Bei, a quem recomendei encarecidamente esses bons missionários de Argel, mantém, ao menos por agora, boas relações e amizade.

5536

Sobre os ditos lagos e sobre o enorme território do meu Vicariato – do qual cederei, de muito boa vontade, uma grande parte a esse corpo poderosíssimo e numeroso da magnífica, providencial instituição do muito benemérito e venerável mons. Lavigerie –, eu darei toda a informação que puder, baseado em vastos estudos e dilatada experiência de África.

5537

Quanto aos sacerdotes romanos do Colégio de S. Pedro e de S. Paulo, ordenei que permaneçam ao menos um ano a aclimatar-se e a aprender o árabe no meu estabelecimento do Cairo. As informações que sobre eles recebi do superior de lá são boas, salvo no referente à sua idade, um pouco avançada. Em geral, eu espero que esse colégio me mande muita gente para a África Central; mas gostaria que se tratasse de jovens de 35 anos quando muito, que não tivessem medo nem do calor, nem da morte e que estivessem desejosos de sofrer por Jesus Cristo. Numa palavra, que o amor por Jesus e pelas pobres almas negras fosse superior a todos os afectos da Terra e do universo. Isto mesmo recomendei ao excelente e piedoso reitor desse providencial estabelecimento.

5538

Anteontem, cinco Irmãs do instituto das Pias Madres da Nigrícia, que estavam em Berber, saíram de Cartum numa magnífica embarcação que gratuitamente me cedeu a grande bondade de S. E. Gordon Paxá, governador-geral do Sudão. Navegarão pelo Nilo Branco até Duen, de onde, em camelos que também Gordon Paxá me proporcionou, continuarão até à capital do Cordofão.

5539

As três Irmãs de S. José que estavam aí chegarão nestes dias a Cartum. Duas delas têm a obediência para Marselha, pelo que só ficará em Cartum um total de quatro Irmãs. Espero que a nova madre geral se apresse a mandar-me outras mais.

Como agora não disponho de tempo, em breve, noutra carta, lhe descreverei as novas conversões que se verificaram no Cordofão e em Gebel Nuba: pouco resultado para quem não conhece o que é uma difícil e incipiente missão, mas grande para quem não ignora o que é uma missão na África Central ou Equatorial.

Entretanto, beijando-lhe a sagrada púrpura, declaro-me

De V. Em.^a Rev.ma hum.mo, obed.mo, devot.mo filho
† Daniel Conboni
Bispo e vig. ap.

N.º 817 (778) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 864-868

N.º 3

Cartum, 23 de Janeiro de 1879

Em.^o e Rev. mo Príncipe,

5540

Ainda muito debilitado no físico, porque a febre me visita com frequência e não sou insensível ao peso de tantas cruces, embora a confiança em Deus seja cada vez mais firme e sólida (porque a cruz constitui a marca das obras de Deus), mesmo assim não quero deixar de informá-lo do que é bom que a S. Congregação saiba.

5541

Cartum é uma das treze sedes episcopais da igreja patriarcal dos coptas heréticos. Quando, há vinte e dois anos, cheguei a Cartum pela primeira vez, conheci aqui o bispo copta herético, que sob o ponto de vista da ciência e da conduta eclesiástica era um burro chapado; e, por mais que nós o convidássemos a entrar na verdadeira Igreja, sempre respondia que a sua era a nossa Igreja e que, se o seu patriarca chegasse a reconciliar-se com o Papa, ele seria o primeiro a segui-lo, contanto que o conservasse na sua dignidade ou lhe desse outra maior.

5542

Falecido este em castigo num convento cismático do Egipto, a sede de Cartum foi deixada vacante durante dezoito anos. Mas quando o patriarca copta herético soube que a Igreja Católica tinha mandado um bispo vigário apostólico para Cartum, apressou-se a nomear titular para a dita sede um monge do Convento de S.

Macário. Tendo o novo bispo chegado há uns dias a Cartum, veio visitar-me e entablámos uma espécie de amizade.

5543

É um homem de uns 58 anos, devoto e bom, que reza sempre. É bastante versado na Sagrada Escritura, embora quanto ao resto seja bastante ignorante. Por outro lado, para os interesses católicos não aquece nem arrefece, porque a nossa missão é a única verdadeira força na África central que é reconhecida como tal pelo Governo local, bem como pelos muçulmanos, pelos pagãos e os hereges de toda a espécie.

5544

Igualmente, como saberá V. Em.^a, morreu na Abissínia o bispo copta cismático, o único pastor de mais de um *milhão* de hereges abissínios que há aí. Mas, dado que a eleição desse bispo depende do patriarca de Alexandria, que reside no Cairo, e do quedge do Egipto, que costuma pagar *mil libras esterlinas* para a viagem, e como o quedge teve ultimamente uma encarnçada guerra com o rei João da Abissínia, que perdeu, vendo-se a pagar ao rei uma grande soma, declarou ao patriarca copta que de nenhum modo quer enviar aos abissínios o bispo reclamado, porque são seus inimigos. E assim ficou a questão até aos inícios do corrente.

5545

Porém, que fez Sua Excelência Gordon Paxá? Como entre a Abissínia e o Egipto há certas coisas para negociar e se tinha acordado entre os dois soberanos que os representantes do rei João viriam tratá-las a Cada-ref, (a oito dias de Cartum, onde em breve estabelecerei uma missão, tendo já regressado a Cartum os meus enviados) com Gordon Paxá em representação do Egipto, há duas semanas que realizou esse encontro em que estiveram presentes os representantes das duas partes; e Gordon Paxá, para facilitar o bom resultado das negociações, comprometeu-se a conseguir do quedge a nomeação do bispo e a fazê-lo acompanhar a suas expensas até à sua sede pela rota de Galabat.

5546

O quedge comunicou para aqui por telégrafo que será nomeado e enviado o bispo.

Por outro lado, o valoroso rei João submeteu ao seu ceptro o rei de Shoa, o país onde está mons. Massaia. Este soberano, *Menelik*, que há tempo enviou ofertas ao Santo Padre, e protege muito os bons padres capuchinhos e mons. Massaia, continua a ser rei de Shoa, mas tributário e, anualmente, realiza um importante pagamento ao rei João, que é muito valoroso. Agora entre o rei João e o rei Menelik existe a maior amizade. Apesar de tudo isso, Gordon Paxá disse-me que o nosso vigário apostólico mons. Touvier é muito estimado pelo Governo do rei João e que nada perderá.

5547

Não conhecendo muito os assuntos da Igreja, ao pedido que os embaixadores abissínios tinham feito de um bispo, Gordon Paxá replicou:

«Mas não têm o bispo na pessoa de mons. Touvier, homem estimável, etc.?» Então eles responderam (no grupo havia um parente do rei e dois padres abissínios) que o bispo não devia ser mandado pelo Papa, mas que era preciso que o consagrasse e enviasse o patriarca copta de Alexandria.

5548

Como a fome e a mortandade arrebataram muitos braços do trabalho, a carestia prolongar-se-á longo tempo em alguns lugares do meu Vicariato. Porém, isto é o que menos me preocupa, porque conto com o meu administrador-geral S. José. Depois de ter tido um mau administrador durante a minha ausência, a quem já mandei para sua casa, e de me ter morrido o meu santo e bom administrador P.^e António Squaranti, eu mesmo faço a administração geral até doze de Maio do corrente ano, em que segundo os pactos com S. José feitos o ano passado no terceiro domingo depois da Páscoa, festa do Patrocínio do meu querido ecónomo S. José, se deve realizar o *perfeito equilíbrio* na economia, não só do Vicariato, mas também da sua procuradoria geral do Egipto, que está a cargo do superior *pro tempore* dos meus institutos do Egipto (acontece que existia aí uma dívida de 70 000 francos). Mas neste intervalo, em que eu faço de administrador-geral, estou a adestrar um capaz e excelente sacerdote missionário que tenho aqui comigo em Cartum e a quem, quando as finanças do Vicariato e de toda a obra ficarem totalmente sanadas, de modo que não exista *nem sequer um cêntimo de dívida*, entregarei a administração geral, que conduzirá sob a minha supervisão. S. José é o rei dos cumpridores e confio total e absolutamente que não falhará.

5549

Sua excelência rev. ma mons. Bianchi, arcebispo de Trani, que sempre foi para mim um verdadeiro amigo, avisou-me confidencialmente, para meu bem, que tendo ido há pouco a Roma apresentar os seus respetos ao Santo Padre, visitando ao mesmo tempo cardeais e distintas personalidades, ouviu aí dizer que *não se aprova minimamente que eu gaste agora grandes somas em construções inúteis*.

5550

Para evitar equívocos, declaro aqui a V. Em.^a Rev.ma que, desde a minha vinda para a África como bispo e vigário apostólico, até hoje, 23 de Janeiro do corrente ano em que escrevo, nem eu, nem o meu falecido administrador P.^e Squaranti *gastámos um cêntimo sequer em construções* e que aquele que gastou em obras não necessárias mais de *dezasseis mil francos em Cartum, apesar da minha absoluta proibição*, que lhe foi comunicada de Roma no ano de 1877 em muitas cartas escritas por mim e pelo meu secretário P.^e Paulo Rossi, actual superior dos institutos africanos de Verona, a quem uma vez viu V. Em.^a, foi aquele que primeiro e durante mais de dois anos conduziu por mim a administração geral e a quem mandei para casa.

5551

Creio oportuno avisar disto V. Em.^a, a fim de que, caso ouvisse em Roma o boato de que gasto em construções, possa fazer com que se saiba a pura e autêntica verdade.

Sem dúvida eu farei construções e mesmo importantes, mas só quando forem necessárias para o bem da obra e existirem os fundos necessários, segundo a regra que ensina o Evangelho na passagem daquele que *volens turrim aedificare*, etc. E além disso S. José estará sempre lá a vigiar.

Beijando-lhe a sagrada púrpura, subscrevo-me com a veneração mais profunda

De V. Em.^a Rev.ma hum.mo, devot.mo, obed.mo filho
† Daniel Comboni, bispo de Claudiópolis
Vigário apostólico da África Central

N.º 818 (779) - A MONS. JOSÉ MARINONI
APIME, v. 28, pp. 15-30

Cartum, 23 de Janeiro de 1879

Festa Espons. S. José

Il.mo e rev.mo monsenhor,

5552

Li com grande interesse o prólogo do *Piccolo Ambrosiano*, calendário milanês para 1878, e agradou-me em todo o rigor da palavra. A história do *Osservatore Cattolico*, as ideias desenvolvidos nesses magníficos apontamentos, a finalidade pura e genuína das obras dessa publicação, gostei muito de tudo. São as minhas ideias e o meu sentir claro e preciso, mas que eu não saberia expor e desenvolver tão bem. É a expressão do que o sincero católico deve crer e pensar no meio do revolto panorama e da confusão do espírito moderno; é a formulação do recto pensar da rainha de todas as publicações periódicas, a *Civiltà Cattolica*, revista estu-penda e sublime que por si só basta para fazer gloriosa a ordem que com tanta sabedoria a dirige.

5553

E ainda que eu seja assinante de muitas outras revistas (no meu desejo de que os institutos e os numerosos estabelecimentos que eu governo pensem como é preciso hoje em dia, e dou graças a Deus, porque todos pensam correctamente), entre elas a *Civiltà Cattolica*, a *Voce della Verità*, a *Unità Cattolica*, a *Libertà Cattolica*, etc., etc., etc., sem contar as publicações alemãs, francesas e inglesas, como eu também sou lombardo de nascimento e me interesse pelos assuntos religiosos da Lombardia e pelo que sucede na minha querida pátria, dirijo-me à exímia bondade de V. Em.^a para que me faça a assinatura do *Osservatore Cattolico* e das revistas dessa editorial (menos da *Leonardo da Vinci*, que já assino), rogando-lhe que o *Popolo Cattolico* o envie ao meu pai, o sr. Luís Comboni, em Limone de S. Giovanni, junto ao lago de Garda, o qual, uma vez que os meus o tenham lido, mo mandará regularmente para a África.

5554

Portanto, tenha a amabilidade de me enviar directamente para o Sudão o *Osservatore Cattolico*, as *Missioni Cattoliche* e o *Leonardo da Vinci*; por outro lado, para Limone sul Garda, na província de Bréscia, o *Popolo Cattolico*. E como vejo anunciado que na Livraria Ambrosiana *se recebem* assinaturas de todos os jornais católicos, rogar-lhe-ia que tivesse por bem assinar-me o jornal católico inglês *The Tablet*, de Londres, creio, e faça-mo enviar para a minha direcção de Cartum.

5555

Quando escrever aos bispos de S. Calocero, Iderabat, Hong Kong e Hunão, e à Marietti encomende-me às suas fervorosas preces, porque a minha missão é a mais espinhosa e difícil de todas.

Desfeito pelas enormes fadigas, angústias e febres abrasadoras, que deitaram a perder a minha saúde, ainda não pude oferecer às *Missions Catholiques* um quadro real dos estragos e da desolação que a carestia e a fome, a sede, a epidemia e a mortandade causaram no meu Vicariato. Mas, se Deus quiser, fá-lo-ei quanto antes.

5556

A carestia, a fome e a sede, que trouxeram consigo uma horrível epidemia e mortandade, foram mais tremendas e espantosas que a carestia e a fome da Índia e da China.

Numa zona do meu Vicariato situada a partir de Cartum e maior que três vezes toda a Itália, pereceu mais de metade da população só nos três meses de Setembro, Outubro e Novembro, depois das chuvas. Em muitas cidades e povoados de um vasto território morreram todos ou quase todos, ficando os cadáveres insepultos durante muito tempo. E em muitas localidades e grandes povoações pouco distantes de Cartum pereceram não só *todos* os habitantes, mas também os camelos e os gados e até *os cães*, que nestes países constituem uma providencial segurança.

5557

No reino de Cordofão, desde há oito meses os três estabelecimentos que fundei não vêem o pão de trigo e vivem de *dokhon* (*penicillaria*). A minha superiora de El-Obeid nos últimos dias da sua vida pediu com enérgicos rogos *um pouco de pão com água, como extremo alívio*; mas não se pôde encontrar nem a peso de ouro e morreu. A água suja e salobre para beber e cozinhar pagamo-la mais cara que o vinho na Itália. Em suma, os meus apuros são grandes e só S. José, meu ecónomo, os pode remediar.

5558

Porém, o que mais me destroçou a alma é que todos – missionários, religiosas e irmãos coadjutores – adoeceram com a epidemia e muitos morreram, sobretudo aqui em Cartum. Entre eles o braço direito da minha obra, que foi superior dos meus institutos de Verona e depois meu administrador-geral aqui, isto é, P.^e António Squaranti, a quem certamente conhecia, porque foi várias vezes a Milão. Houve um tempo em que *eu* era o *único* dos sacerdotes que continuava em pé, e tocou-me fazer não só de bispo, mas de tudo... e de enfermeiro de todos. Mas basta, porque me sinto fraco.

5559

Reze por mim. A cruz é o único conforto verdadeiro, porque é a marca da obra de Deus. À paixão e morte de J. C. seguiu-se a ressurreição. O mesmo sucederá na África Central.

Quanto ao pagamento das assinaturas, incluo-lhe aqui um cheque sobre o meu banco de Roma, o de *Brown e Filho*, o banqueiro pontifício, em cujos escritórios da *Via Condotti*, perto de S. Carlos, onde está o seminário milanês, poderá ser pago. Quanto às missões católicas, se receber algo para a África Central, peço-lhe que o mande ao citado banqueiro, como sempre fez a Propaganda e o faz também agora. Conforme me escreve o card. Simeoni. O sr. Brown é amigo de mons. Agnozzi.

Enviando-lhe as minhas saudações para o bom e devoto Scurati, assim como para todos os de S. Calocerro, a quem quero como a irmãos, passo a declarar-me nos Corações de J. e de M.

Seu af.mo no Senhor
† Daniel Comboni
Bispo e vigário apostólico

N.º 819 (780) - AO CÓN. J. CRISÓSTOMO MITTERRUTZNER
ANB

Cartum, 23 de Janeiro de 1879

Autorização para receber donativos destinados ao Vicariato.

N.º 820 (781) - À MADRE EUFRÁSIA MARAVAL
ASSGM, *Afrique Centrale Dossier*

Cartum, 30 de Janeiro de 1879

Mui rev.da madre,

5560

Há muito tempo que estou doente, embora tenha a maior confiança em Deus, o único por quem sacrifique a vida na mais difícil mas ao mesmo tempo mais gloriosa missão do mundo, porque se trata do último povo que é chamado à fé e o mais desditoso e pelo qual a congregação de S. José ganhou tão grandes méritos mediante os generosos sacrifícios que fez.

5561

Não tenho força para escrever. Estou demasiado alquebrado na saúde e cheio de aflição pelas perdas que tive. Mas se Deus me deu a cruz, dar-me-á o conforto. Em quatro meses, a carestia e a epidemia produziram desastres inauditos. Nunca a África Central passou por tanta desgraça e mortandade. Em muitas localidades morreu não só toda a população, mas também o gado, os camelos e até os cães, que são os guardiões providenciais da segurança pública nestes países. Mas Deus abençoará os nossos sacrifícios.

5562

A Ir. Germana foi o anjo de consolação para todos. Ah, desejaria ter cinquenta Irmãs Germanas! São bastantes os seus defeitos, que a madre conhece, mas, mesmo assim, tem uma caridade em grau heróico e uma muito hábil e boa maneira de ganhar almas.

A Ir. Maria e a Ir. Ana partirão de um dia para o outro, creio que amanhã. Ficam aqui quatro Irmãs. Há muito que espero a sua decisão. As minhas conhece-as por muitas cartas que lhe escrevi. O clima não fez tanto prejuízo como se queria crer. A Ir. Arsénia morreu porque caiu dum mula, a Ir. Teresa dum camelo, a Ir. Josefina e a Ir. Madalena estão há muito tempo tísicas e prolongaram a sua vida na África; todas as outras irmãs (excepto a Ir. Genoveva) não se tinham aclimatado no Cairo. A caravana das irmãs Severina, Maria, Ana e Inácia saiu incólume, porque passou o Verão no Cairo e fez a viagem na boa estação.

5563

Além disso, precisam-se boas e capazes superiores e uma provincial em Cartum. Enfim, a madre conhece as minhas intenções; eu, em contrapartida, ignoro as suas e temo que desanime. Mas o Coração de Jesus sustê-la-á completamente.

Está a chegar a febre. Peço-lhe que saúde da minha parte todas as Irmãs de Roma e a secretária, e reze pelo

Seu dev.mo † Daniel Comboni
Bispo e vigário apostólico

Original francês; tradução do italiano.

N.º 821 (782) - A MGR. JOSEPH GERARDIN
AOSIP, Afrique Centrale

1 de Fevereiro de 1879

Estatísticas e notas administrativas.

N.º 822 (783) - REGULAMENTO
PARA OS MISSIONÁRIOS DE CARTUM
ACR, A, c. 25/6

Cartum, 2 de Fevereiro de 1879

5564

Dado que o missionário deve ensinar não só com a palavra mas ainda mais e melhor com o exemplo, no que lhe diz respeito, cada um deverá procurar observar exactamente o horário comum da casa, participando solícito e com atitude correcta em todos os exercícios de piedade ou procurando realizá-los no momento mais oportuno sempre que não tenha podido fazê-los em comum. Mostrar-se-á sempre obediente e respeitoso para com os superiores, tratará com caridade os seus companheiros e quando se vir na necessidade ter que castigar ou corrigir os que tiver a seu cargo, fá-lo-á com zelo caritativo e nunca como desafio de rancor ou arrebatamento de ira.

5565

Manterá sempre um comportamento modesto e grave, e não se permitirá fazer barulheira ou qualquer outra coisa capaz de perturbar a tranquilidade e a paz, sua e dos outros. Não julgará e muito menos criticará a conduta dos outros, nem censurará os seus superiores, mas ocupar-se-á de si mesmo e cumprirá os seus próprios deveres; e quando surgir algum motivo de discórdia ou controvérsia seja com quem for, submeterá sempre o assunto aos únicos legítimos superiores, a cujo juízo deverá ater-se.

5566

Portanto fica absolutamente proibido de referir e propalar, tanto no interior da casa como com os externos ou com os membros de outras estações, bisbilhotices, falatórios ou outros comentários indevidos, o que sempre perturba a ordem da missão e a paz e a tranquilidade dos seus membros. Em tais circunstâncias, dever-se-ão aplicar estritamente os preceitos do Evangelho sobre a correcção fraterna e a caridade cristã.

5567

Cada sacerdote celebrará diariamente a santa missa segundo as disposições do superior, quando não houver justo motivo que lho impeça. Aplicar-se-ão as missas segundo a intenção do superior, excepto a quarta parte do total delas, sobre cuja aplicação livremente o celebrante será livre. Todos os meses entregará cada sacerdote a nota exacta do número de missas celebradas para a missão.

5568

Todas as ofertas para a igreja e as receitas por baptismos, casamentos, bênçãos e funerais são propriedade da missão e deverão entregar-se ao superior. Quando alguém tiver que sair de casa, deverá comunicá-lo ao superior, indicando o motivo; deve contar com o seu beneplácito.

5569

Na necessidade de entrar em casa feminina, deverá ser dada notificação prévia disso ao superior, expondo-lhe a causa, e procurar-se-á realizar quanto antes o assunto de que se tratar, sem permanecer lá mais tempo do que o necessário.

Contentar-se-á cada um com a comida comum e não pretenderá receber uma especial, sem autorização do superior; e em nenhum caso irá à despensa ou à cozinha para pedir alguma coisa fora da hora estabelecida.

5570

Não se poderá utilizar para próprio serviço particular nenhum rapaz, a não ser depois de ser pedida autorização para isso ao superior ou ao seu prefeito e, realizado o serviço, deverá ser mandado quanto antes de volta ao seu lugar.

Se alguém quiser servir-se das ferramentas e utensílios da missão, deverá pedi-los ao superior, nunca os usará sem autorização, e devolvê-los-á ao mesmo ou ao encarregado da sua guarda, quando tiver cessado a necessidade ou o trabalho para que foram concedidos estiver realizado. Das ferramentas que cada um tiver dará relação ao superior.

5571

HORÁRIO

Horas	5 da manhã	Levantar
“	6	“ Missa, meditação e orações da comunidade
“	7	“ Pequeno-almoço e tempo livre
“	8	“ Trabalho, aulas para meninos, estudo, outras ocupações
“	11.30	“ Leitura espiritual na igreja e visita ao Santíssimo
“	12.00	Almoço. Visita ao Santíssimo. Descanso
“	14.00	Trabalho e aulas para meninos. Tempo livre
Às ave-marias		Terço na igreja e orações. Depois, jantar e tempo livre ou recreio.
“	20.00	Exame de consciência e orações na igreja. Dormir

Nota: Este regulamento e horário são obrigatórios para todos os que residirem nessa casa estavelmente ou de passagem.

N.º 823 (784) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SV Afr. C., v. 8 ff. 901-903

Em.^o e Rev. mo Príncipe,

5572

Com a minha última, a n.^o 3, comunicava-lhe que, tendo-se reunido os emissários do rei João da Abissínia com Gordon Paxá, governador-geral do Sudão e representante de S. A. o quedive do Egipto, ele lhes tinha prometido e assegurado que persuadiria o seu senhor para que nomeasse o abuna da Abissínia, ou bispo cismático, e que ele mesmo pagaria a sua viagem e o faria acompanhar por um destacamento de soldados até Adua.

5573

Ontem veio-me visitar Gordon Paxá, lamentando-se muito de que S. A. o quedive não quer de nenhum modo conceder o abuna aos cristãos da Abissínia, pois, após um reiterado intercâmbio de despachos telegráficos, o quedive permaneceu inamovível no seu propósito de não conceder jamais o bispo copta a esses povos, que são seus inimigos. Também o bispo cismático de Cartum se me veio queixar deste procedimento do soberano do Egipto.

5574

E o quedive, que durante tantos anos se negou a nomear o actual patriarca do Cairo, só porque a sua mãe lhe tinha predito que depois ele morreria, é homem capaz de fazer que continue viúva a igreja cismático-herética da Abissínia quem sabe por quantos anos. Tanto mais que a humilhação recebida pelo *quedive* na guerra contra a Abissínia aumentou o seu ódio e furor contra ela, que não será capaz de submeter, como tão-pouco foram capazes os grandes e múltiplos esforços que durante doze séculos se desenvolveram desde Mecca contra essa valorosíssima nação.

5575

Talvez Deus prepare o caminho e facilite os meios a mons. Touvier e aos seus missionários lazaristas para dilatar o reino de Deus a essa benemérita nação, que ao longo de doze séculos fez milagres de heroísmo para se manter cristã, ainda que, infelizmente, vítima dos nefastos erros do péssimo heresiarca Dióscoro de Alexandria, misturados com outras mil superstições adquiridas no contacto secular com povos infieis.

5576

Para seu governo, julguei conveniente dar-lhe a conhecer este assunto, ainda que não diga respeito ao meu Vicariato, porque talvez V. Em.^a não possa receber notícias rápidas de tão importante facto para a missão da Abissínia.

A 14 de Janeiro saíram de Cartum cinco Irmãs do instituto das Pias Madres da Nigrícia por mim fundado em Verona e ainda não chegaram ao Cordofão. São viagens extremamente difíceis. Hoje soube que a 29 de Janeiro partiram de Dauen, no Nilo Branco, com dezassete camelos e que se dirigiram para Teiara. Por isso telegrafei ao paxá do Cordofão, a fim de que mande camelos a essa cidade para as transportar para El-Obeid, dado que, desde Dauen até Teiara, só conseguiram encontrar camelos consumidos pela fome e sem forças.

5577

Das Irmãs de S. José apenas se encontram no Vicariato as quatro que estão aqui em Cartum e, destas, sempre está uma ou outra doente. Desde Agosto de 1877, o meu secretário P.^e Paulo Rossi, actual director do meu instituto de Verona, permaneceu 42 dias em Roma para se pôr de acordo, em meu nome, com a falecida madre geral, o que fizeram; mas a dita rev.da madre nunca chegou a uma conclusão definitiva com o em.^o cardeal-prefeito (d.s.m.). Eu escrevi repetidamente à actual madre geral, que agora está em Roma, e fiz-lhe as mais amplas propostas; mas nunca consegui conhecer as suas intenções quanto ao assunto, nem pude conseguir que me mandasse Irmãs. Entretanto, as quatro que aqui continuam ressentem-se do cansaço, porque têm trabalhado muito e realmente fizeram *prodígios* de caridade.

5578

Gordon Paxá está empenhado em me confiar todos os hospitais do Sudão e queria que aceitasse imediatamente o de Cartum, de quarenta camas, para as Irmãs de S. José, e o de *Fashoda*, na tribo dos Schelluk, no Nilo Branco, para Irmãs veronesas. Mas com tão pouco pessoal é-me impossível comprometer-me. Agora o grande paxá começou a construir um novo hospital no Nilo Azul, perto de Cartum.

5579

Realmente gostaria muito que as Irmãs de S. José continuassem no Vicariato, sobretudo pelas Irmãs árabes, que são tão úteis; mas na condição de que me mandassem um contingente suficiente, de que fosse designada uma superiora provincial, ou primeira superiora, com plena jurisdição sobre todas as casas da sua congregação no Vicariato e que se atribuísse a cada casa uma boa e capaz superiora. Mas agora, com quatro Irmãs, que podemos fazer? Cansam-se e assim perdem aulas e deixam de atender devidamente às muitas obras tão úteis que dirigem.

5580

Espero que o meu temor não bata certo, e que a excelente madre geral e o seu conselho não se tenham acobardado pela perda que para elas representa a morte generosa de nove Irmãs. Não, ela não deve desalentar-se, e suplico a V. Em.^a que agarre o assunto e a anime para que não faça soar o toque para a retirada da África. Este ano foi excepcional. Morreram muitas Irmãs e missionários, bem como muitos irmão coadjutores; mas foram a epidemia e as doenças contagiosas que provocaram a sua morte. E desde 1871 até hoje, não faleceu nenhum sacerdote missionário que *previamente se tivesse aclimatado no Cairo*. Todos os que morreram *não se aclimataram nesses institutos*, porque, por necessidade da missão, fi-los vir para o centro da África sem passarem ao menos a estação estival nos estabelecimentos do Cairo. Por isso, determinei que, de agora em diante, ainda que tenhamos que morrer todos nós por falta de ajuda, cada missionário e Irmã europeus se aclimatará no Cairo antes de se arriscar a enfrentar o clima da África Central.

5581

Tenho a saúde destroçada: a febre não me quer deixar e estou acabrunhado pela fadiga e pela dor de tantas cruces. Contudo, o espírito resiste na esperança desse Jesus que palpitou e morreu pela Nigricia.

Espero poder baptizar dentro de pouco uma trintena de adultos que se estão a preparar, e trabalhou-se muito em Gebel Nuba, apesar da dificuldade daquelas línguas. Beijando-lhe a sagrada púrpura, sou de V. Em.^a Rev. ma

Hum.mo, devot.mo, obed.mo filho
† Daniel Comboni, bispo e vig. ap. da A. C.

N.º 824 (785) - A MGR. JEAN FRANÇOIS DES GARETS
APFL (1879), Afrique Centrale, 5

Cartum, 10 de Fevereiro de 1879

Breve bilhete.

N.º 825 (786) - A MANFREDO CAMPERIO
«Il Cittadino», Brescia II (20-21 Março 1879)

Cartum, 10 de Fevereiro de 1879

«Ao director do *Exploratore*,

5582

Envio-lhe a carta junta, que me chegou ontem com outras de Gessi, para o *Exploratore*. Ontem recebi também despachos telegráficos de Gessi. E igualmente, proveniente de Shakka, chegou um telegrama segundo o qual Gessi teria vencido o rebelde Ziber, que fugiu para Dar-Fertit e para Bahar Saldana com alguns sequazes, enquanto Gessi teria ganho quatro escribas e desbaratado o inimigo, causando, entre mortos e feridos, duas mil baixas e capturando setecentos prisioneiros.

5583

Desejo confirmação destas notícias por parte de Gordon Paxá, o que procurarei conseguir apenas a febre me tiver deixado e tiver recobrado forças. A tremenda mortandade deste ano, que fez desaparecer tanta gente – mais de três mil membros da missão entre indígenas e europeus, incluindo o braço direito da minha obra – impediu-me de responder a centenas de cartas.

5584

Recebi importantes comunicados de Emin Efendi, de Ladó, no Darfur, etc.; mas estou doente e não me pude ocupar deles... Imagine que ainda não li tudo... Embora me encontre tão desfeito pelas fadigas, o meu espírito sente uma força de leão, e, apesar de todos os obstáculos do universo, estou mais firme e decidido que nunca a ser fiel ao meu grito de guerra de sempre: «Nigricia ou morte».

Telegrafei ontem a Matteucci e, amanhã, mandarei telegramas a Massaua para Gessi.

† Daniel Comboni

N.º 826 (787) - A MGR. JEAN FRANÇOIS DES GARETS
APFL (1879), Afrique Centrale

Cartum, 13 de Fevereiro de 1879

Breve bilhete.

N.º 827 (788) - RELAÇÃO À SOCIEDADE DE COLÓNIA
«Jahresbericht...» 27 (1879), pp. 1-28

Cartum, 15 de Fevereiro de 1879

Excelentíssimos senhores,

5585

Já mais de uma vez expliquei nos meus relatórios para os *Anais* da benemérita Sociedade de Colónia que as obras de Deus nascem sempre ao pé de Calvário e que têm impressa a marca da cruz.

A Divina Providência mostra-nos nisto uma das suas sábias disposições, em geral confirmada na história da Igreja, que nos mostra à luz da luminosa verdade, que todas as obras de Deus, susceptíveis de contribuir para a sua glorificação, podem levar-se a cabo unicamente através de grandes provas e contínuos obstáculos e pelas vias da dor, pelo que requerem sacrifícios extraordinários e o martírio. As missões apostólicas são dessas obras de Deus – e, por isso, estão marcadas pelo selo da cruz – ao terem por objectivo acabar com o poder das trevas e tentar estender, em contrapartida, o reino de Cristo.

5586

Por isso, é natural que encontrem contínuas hostilidades e perseguições de toda a espécie: o poder das trevas não quer abandonar tão facilmente o seu domínio e o seu trono, e produzem contra nós árduos combates, no seu esforço de nos fazer sentir toda a força do seu poderio, causador de desastres.

5587

Assim, jamais se fundou nenhuma missão apostólica que pudesse conseguir resultados sem cruces e sofrimentos, sem sacrifício, sangue e martírio. As vicissitudes das missões católicas assemelham-se à gloriosa história da Igreja Católica e do papado: a primeira foi fundada e cresceu com o sangue dos seus mártires e continua cheia de coragem, apesar das furibundas tempestades, a sua sublime marcha através das procelosas vagas dos séculos, destinada a alcançar segura e triunfante o porto da eternidade, para o que foi estabelecida.

5588

E se está determinado que assim seja o caminho real e glorioso de todas as missões católicas da Igreja, teria de caber outra sorte à missão que é, de longe, a mais difícil e penosa de toda a terra, cujo objectivo é a promoção do homem, e que abrange um território tão extenso e intensamente povoado, e seguir por um caminho diferente do percorrido pelas outras missões e pelas outras empresas concebidas para a honra de Deus? Não, os seus caminhos não podem senão estar semeados de espinhos e tribulações de toda a ordem; tem que passar pelo crisol das dores, dos sofrimentos e do martírio: é a cruz o que ela deve esperar.

5589

Há que lutar, sem medo à morte, contra o demónio da impiedade e da inimizade para com Deus, que será escorraçado da África. Esperamos que, com a ajuda de Deus, seja concedido ao nosso tempo levar a cabo a conversão deste povo, o mais abandonado e infeliz da Terra. Sim, parece que foi isto o que Deus decidiu!

5590

E agora, estimados senhores, que destes o primeiro impulso, o primeiro apoio a esta sublime obra de salvação de almas; os senhores que foram os primeiros a sustentar a obra da regeneração da África Central, com um zelo digno de admiração e uma constância sem par, a fim de que estes largos cem milhões de pobres infelizes fossem conduzidos à fé e à civilização; os senhores que, mediante a vossa Sociedade e caridade, inflamastes a Alemanha católica, considerai agora os frutos da vossa benemérita actividade. Podem ver que os olhos de todo o mundo actual estão postos na África: uns querem levar lá civilização, outros a religião, há quem tenha como meta a abolição do tráfico de escravos, interessando-se igualmente pelas possibilidades

produtivas e riquezas das suas terras; outros há que tomam notas pormenorizadas sobre o aspecto geográfico, etc.

5591

Parece assim que a ciência, a indústria e a filantropia se devem unir para fazer aí descobertas e resolver de algum modo o problema de conseguir que a África Central possa ser civilizada e convertida ao Cristianismo.

Os senhores não estarão menos maravilhados dos esforços grandiosos que a América, a Inglaterra, a Alemanha e a Itália realizam relativamente à África Central. Perante vossos olhos apresenta-se a empresa de sua majestade o actual rei dos Belgas, empresa que dá esplêndido testemunho dos conhecimentos precisos e dos nobres ideais deste monarca, graças ao qual vários Estados da Europa e da América se sentiram estimulados a ocupar-se da África e a introduzir nela os benefícios de uma civilização cristã.

5592

Tenham os senhores a convicção de que o trabalho realizado pela vossa Sociedade, mais os esforços de toda a Alemanha católica para a libertação e educação cristã dos negros, que permitiram pôr em andamento a execução do meu *Plano para a Regeneração da África*, tiveram não pouco a ver com o movimento dos espíritos e as iniciativas que em todo o mundo se estão a verificar em favor da África, não só no âmbito da ciência mas sobretudo nas mui diversas associações da Igreja Católica.

Sirva-lhes isso de satisfação, ilustres senhores, porque foi Deus quem despertou no vosso coração este amor cristão, este zelo pelos povos negros. E, sem dúvida, também os vossos *Anais* contribuíram poderosamente; de facto, ao revelarem as grandes necessidades destes povos e a sua tremenda miséria, suscitaram na humanidade vivíssimo interesse para com eles.

5593

Também a Santa Sé Apostólica se viu impulsionada por isso a fazer quanto está à sua disposição para espalhar o reino de Deus na África Central e fundar as missões em bases sólidas. Tenham, pois, em conta a grande verdade de que as aspirações científicas e civilizadoras das potências europeias e as suas intenções humanísticas redundarão todas, no fim, em benefício da Igreja e do apostolado católico com o exercício da vossa obra de salvação, para a qual a vossa sociedade para a África Central desenvolve a sua actividade desde há vinte e cinco anos.

5594

Acrescente-se agora que uma sociedade de bravos missionários de Argel, fundada pelo enérgico e eminente arcebispo mons. Carlos Marcial Allemand Lavigerie para o apostolado da prefeitura apostólica do Sara, dirige presentemente a sua atenção para a África Equatorial. Essa região estende-se até à parte meridional do Vicariato apostólico da África Central e, até ao presente, constitui uma parte do mesmo, em força do breve de 3 de Abril de 1846, provindo de Gregório XVI, de santa memória, e portanto pertence à minha jurisdição.

Como o Senhor me pôs no meu cargo para a salvação das almas, considero-me feliz de ceder à nova congregação de Argel, que dispõe de muito pessoal, os territórios situados à volta do lago Tanganica e os correspondentes ao reino de Muati-Janvo, assim como toda a região que se estende desde o Vitória Nyanza ao longo da linha do equador, porque, por falta de missionários, eu não poderia evangelizar de imediato as ditas zonas.

5595

Também devem considerar os senhores a obra que, com tanto zelo, levam a cabo os padres da excelente Congregação do Espírito Santo e do Coração de Maria, fundada pelo rev.mo P.^e Libermann para o apostolado da África. E igualmente temos que referir, antes de tudo, os muito bons resultados que obteve o P.^e António Horner, o qual, depois de grandes fadigas, conseguiu anunciar o Evangelho desde Bagamoyo até ao interior de Nguron e de Mihonda, e em Onsinya.

5596

Considerem, enfim, a recente fundação missionária no Zambeze superior, confiada por Leão XIII aos rev.dos padres jesuítas da Inglaterra. Chefe dela é um excelente e valoroso veterano das missões apostólicas da Índia, o rev.do P.^e Depelchin, que, do Cabo, se dirige com outros missionários para o Zambeze, para fundar a primeira estação missionária entre os Matabele e os Betchuana. Daí, têm intenção de prosseguir até às margens do lago Bangüelo, onde expirou Livingstone.

5597

Uma vez dito isto como introdução ao meu relatório, quero pô-lo ao corrente dos acontecimentos da nossa missão no decurso dos últimos meses e do começo, cheio de espinhos, do meu apostolado como primeiro bispo e vigário apostólico da África Central. Tão breve espaço de tempo encerra uma série de terríveis e pavorosos sofrimentos, que constituem a essência da missão, já por si particularmente árdua: uma dura prova.

5598

Mas o próprio facto de que o Senhor quis imprimir o selo da cruz no apostolado da África Central é prova segura da sua duração, santidade e bom sucesso. Todas as desgraças e acontecimentos dolorosos não foram capazes, contudo, de diminuir ou abater, nem sequer por um instante, o espírito dos operários evangélicos que receberam de Deus a vocação para este apostolado difícil e cheio de sacrifícios. Antes, isso serviu para aumentar o nosso zelo e reavivar as nossas esperanças, de modo que, sem hesitações, seguimos em frente no caminho empreendido, fiéis ao nosso grito de guerra: «*Nigrícia ou morte!*»

[A carestia na África central no período de 1877-1878, desde o § 5599 ao § 5631, repetição do mesmo assunto.]

5632

Mas encheu-me sobretudo de indizível dor e destroçou-me o coração o elevado número de mortes entre os principais membros da missão. Todos os que formavam a missão de Cartum sofreram em Setembro febres violentas e os ataques de outras doenças graves: fora eu, todos os missionários, todos os irmãos leigos provenientes da Europa, todos os alunos, à excepção dos negros; todas as Irmãs de S. José, além da Ir. Germana Assuad, de Alepo, que tanto em Cartum como em Gebel Nuba tinha adoecido frequentemente, chegando a estar às portas da morte, a quem eu mesmo administrei o santo viático; e também todas as mestras negras, as costureiras, as alunas e as escravas do instituto feminino, salvo duas.

5633

As febres duraram-nos três meses, tal como as outras terríveis doenças de que anteriormente nunca se tinha ouvido falar. Muitos, por essa razão, chegaram a encontrar-se à beira da morte. No mês de Outubro eu era o único sacerdote que, com a ajuda da Ir. Germana, dia e noite, dentro e fora da missão, prestava ajuda aos doentes e aos moribundos. As duas imponentes casas da missão de Cartum tinham-se transformado em hospitais; e eu, não só devia atender aos deveres do meu ministério episcopal mas também, para além disso, tinha que fazer de superior, pároco, capelão, administrador, médico, cirurgião e enfermeiro, fora e dentro da missão, e até coveiro.

5634

Encontrava-me sempre em movimento, dia e noite, sem parar e durante quatro meses não pude dormir senão uma hora em vinte e quatro. A falta de apetite e a náusea tinham atingido em mim tal nível que sofria com isso indizivelmente e, quando tinha de ir comer, era como se fosse para a morte. Havia dias em que me faltava o caldo de carne para os doentes e os moribundos que, como os missionários e as Irmãs, pertenciam à missão. Dei então a vários serventes muito dinheiro para que arranjassem uma galinha ou pombo, de modo a poder preparar uma sopa. Antes, as aves custavam pouquíssimo em Cartum, mas agora nem em Cartum nem nos povoados dos arredores era possível obter alguma coisa. Mande-i ir também a localidades que ficavam a um dia de viagem, até Ondurman, Karai e Tamariet, mas foi tudo em vão. Os serventes voltavam de mãos vazias. Era um caso verdadeiramente desesperado, do qual não lhes posso dar uma pálida ideia.

5635

O sacerdote P.^e Policarpo Genoud morreu em vinte minutos, atingido de improviso pelo tifo. Perdi também o meu bom e devoto Fernando Bassanetti, do Instituto Africano de Verona; tinha na missão a função de horticultor e, com os seus notáveis conhecimentos económico-agrícolas e com as suas selecções conseguiu levar a grande horta da nossa missão a uma produção maravilhosa. Contudo, nos últimos anos só crescia lá erva destinada aos bois que transportavam água do rio para evitar os estragos da seca no terreno e na horta que anteriormente, mediante os assíduos cuidados do generoso missionário tirolês, o incomparável Augusto Wiesnewky, da diocese de Ermland, agora falecido, tinha sido transformada numa terreno de grande utilidade para a missão.

5636

Igualmente morreu o hábil agricultor Lázaro, de Verona; depois, faleceram o ferreiro Augusto Serrarcangeli, de Roma, e o verdadeiramente santo, razoável perito de máquinas e estupendo mecânico António Iseppi, a quem eu trouxera comigo de Verona, com o intuito de instalar uma máquina a vapor para a irrigação da horta e assim prescindir dos animais.

5637

Também era minha intenção mandar construir um moinho para moer o grão para as missões de Cartum, Berber e o Cordofão, dado que nestes países, onde se continua a moer com duas pedras, chamadas *marjaka*, obtém-se uma farinha grossa e de má qualidade e tal método requer muito pessoal feminino. Esse excelente homem terminou a máquina e instalou-a no lugar adequado. Além disso, sendo por outro lado muito instruído, era também muito útil como catequista e fazia muito com o seu exemplo. Mas depois começou a sofrer

de cálculos biliares e de outras doenças durante quatro meses; depois teve o tifo e, finalmente, foi para o eterno descanso receber a palma pelas suas virtudes.

5638

A rev.da superiora do Cordofão, depois de passar extraordinárias privações, contraiu o tifo e morreu. A Ir. Henriqueta, de vinte e seis anos de idade, até então forte e saudável, que se distinguia pelas suas excelentes qualidades e pela sua inocência e que era a directora do instituto de órfãs de Cartum, teve a febre tifóide depois de ter cuidado de muitos doentes que sofriam de doenças contagiosas. Completamente serena e contente entregou a sua alma ao Senhor. Em todos os momentos da sua penosa doença ouvia-se-lhe exclaimar: «*Tout pour Vous, mon Jésus*» (Tudo por Vós, meu Jesus). Era francesa e estava em Cartum apenas há dezoito meses.

5639

Não falo dos muitos e tristíssimos casos de morte entre os alunos de ambos os sexos dos nossos institutos para negros de Cartum, que os senhores, mediante a vossa Sociedade, tinham resgatado. Foram para o Céu de rosto sorridente, para impetrem do Senhor das misericórdias graças para todos os membros da Sociedade, por cuja ajuda eles tinham sido libertados das trevas do paganismo e dos tormentos da escravidão e, como filhos de Deus, acolhidos no seio da Igreja Católica.

5640

Quero ainda mencionar a grave e irreparável perda que sofri na pessoa que era o braço direito da minha obra e que estava a meu lado como um anjo e um sábio conselheiro; um homem de fidelidade e sinceridade sem par, o qual dirigiu durante oito anos o meu instituto veronês, que sob a sua direcção prosperou de modo extraordinário.

5641

No ano de 1877 levei-o para o meu Vicariato como administrador-geral da parte económica da missão da África Central, com intenção de, no caso de resistir ao clima africano, o designar como meu vigário-geral e, mais tarde, fazer com que a Santa Sé o nomeasse bispo e meu auxiliar e sucessor. Refiro-me ao piedoso, erudito e capaz P.^e António Squaranti. Ainda que não o tivessem afectado as febres, de quando em quando, em Julho ou Agosto, nos dias de tremendo calor tropical, apoderava-se dele uma extrema fraqueza. Mas isso não representava nada de extraordinário, dado que todos os europeus, particularmente nos primeiros tempos da sua estada em Cartum, ficam expostos a muitas indisposições físicas. Também nós as sofremos todo o ano, especialmente na época das chuvas (*kharif*). Vendo chover tão intensamente, pensei imediatamente que aquilo ia originar as febres e doenças. Em Cartum as febres do *kharif* são mais mortíferas que em qualquer outro lugar da África Central.

5642

Como P.^e Squaranti estava exposto pela primeira vez a estas perigosas febres de Cartum, pensei que lhe conviria uma troca de ares e enviei-o para Berber para visitar aquela estação, onde trabalhavam cinco Irmãs das Pias Madres da Nigrícia, que se encontravam nessa missão tão distante desde havia vários meses e que precisamente, por sua vez, precisavam de conforto e ajuda, dado que também a elas as tinham afectado as febres. Disse-lhe que ele devia lá ficar até que eu o chamasse. Ele não se apercebeu que eu tencionava então mantê-lo longe de Cartum e, como filho obediente, empreendeu a viagem numa embarcação árabe até Berber, onde chegou três dias depois.

5643

Aí restabeleceu-se totalmente e recuperou o seu antigo vigor, até ao ponto de me escrever a dizer que se encontrava mais forte e são que quando estava na Europa. Durante a sua ausência sobrevieram as terríveis febres e as outras doenças que já descrevi. E, logo que soube que na missão de Cartum os casos de morte eram tão frequentes que a gente morria como as moscas e que eu estava completamente só, sem mais ninguém que administrasse os sacramentos, não duvidou nem um instante em acorrer em minha ajuda e em ajuda de uma missão tão duramente provada. Na companhia de um membro daquela estação, subiu para uma *dahhabia* repleta de homens, entre as quais havia muitos pobres muçulmanos.

5644

Essa embarcação gastou catorze dias a chegar a Cartum. Mas já nos primeiros dias de viagem ele começou a sentir os sintomas iniciais das febres e, ainda por cima, tinha esgotado a sua provisão de quinino, por ter ido dando aos doentes. No décimo segundo dia de viagem estava já à beira da morte. Depois, a febre baixou um pouco; mas, quando chegou a Cartum, apercebi-me logo, pela larga experiência, de que a sua febre se ia converter em tifo, que aqui faz estragos. Acolhemo-lo do modo mais caritativo possível e durante doze dias atendemo-lo física e espiritualmente o melhor que pudemos. Mas tudo foi inútil! Na tarde de 16 de Novembro, às 18.30 horas, expirou feliz no Senhor, em paz e cheio de confiança na eterna recompensa, enquanto com doloroso sofrimento nós contínhamos as lágrimas. A sua grande bondade e caridade fraterna conduzi-

ram-no à morte, provocando a todos nós indizível dor e representando, especialmente para mim, um duro golpe.

5645

A sua caridade fraterna, a sua rectidão e espírito apostólico de que estava animado eram superiores a todo o elogio. A sua perda é para mim irreparável. Mas o Sacratíssimo Coração de Jesus vai mandar-me nova ajuda: assim o espero, pela salvação da infeliz Nigrícia. A enormíssima fadiga que desde há mais de dez meses tenho de suportar, as muitas emoções, as aflições, as preocupações que o Senhor, nos seus desígnios imperscrutáveis, mas sempre cheios de bênçãos, quis mandar sobre mim, acabaram por fazer mossa na minha saúde, apesar de vigorosa. Em Boure, a duas milhas de Cartum, aonde fora visitar os nossos doentes, atacou-me uma febre fortíssima, cujas consequências ainda continuam a fazer-me sofrer; sinto-me muito fraco. Vamos ver quando conseguirei recuperar de todo a saúde.

5646

Perante tantas aflições, entre montanhas de cruces e de dor, que já lhes descrevi e que ainda falta descrever, o coração do missionário católico ressentiu-se por estas enormes complicações. Contudo, ele não deve perder o ânimo por isso: a força, a coragem, a esperança nunca podem abandoná-lo. Acaso o coração de um verdadeiro apóstolo é susceptível de se deixar dominar pelo abatimento e pelo temor por causa de todos estes obstáculos e dificuldades gigantescas? Não, isso não é possível nunca! Só na cruz está o triunfo!

5647

O Sagrado Coração de Jesus palpitou também pelos povos negros da África Central e Jesus Cristo morreu igualmente pelos Africanos. Jesus Cristo, o Bom Pastor, acolherá também a África Central dentro do seu redil. E o missionário apostólico não pode percorrer senão o caminho da cruz do divino Mestre, semeada de espinhos e fadigas de todo o género: «*Non pervenietur ad magna praemia nisi per magnos labores.*» Portanto, o verdadeiro apóstolo não deve ter medo de nenhuma dificuldade, nem sequer da morte. A cruz e o martírio são o seu triunfo.

5648

Também os missionários da África Central, submetidos a um lento martírio pelas privações de todo o género, pelo trabalho sobre-humano e pelo clima abrasador, seguirão o exemplo de S. Bonifácio, apóstolo da Alemanha e dos nossos caros irmãos da China e da Índia, que não temem os mais terríveis martírios. Perante o estandarte da cruz, a África deve dobrar o pescoço e ser conquistada para Cristo.

5649

Meus senhores, após os ter informado das perdas e desgraças desta importante e difícil missão, resta-me acrescentar que os bons resultados e êxitos obtidos, dos quais no meio das nossas extraordinárias fadigas nos podemos gloriar, foram este ano muito abundantes, apesar das grandes necessidades, e até superaram os que conseguimos em anos anteriores.

[Desde o § 5650 até ao § 5655, Comboni volta a referir-se à carestia.]

† Daniel Comboni

Original alemão
Tradução do italiano

N.º 828 (789) - A MGR. JEAN FRANÇOIS DES GARETS
APFL (1879), *Afrique Centrale*, 5 ter.

Cartum, 17 de Fevereiro de 1879

Breve bilhete.

N.º 829 (790) - A BERARD DES GLAJEUX
APFL, *Boîte G 84*

Cartum, 20 de Fevereiro de 1879

Senhor presidente,

5656

Permita-me, senhor presidente, que me lance aos seus pés para interceder pela santíssima causa do meu Vicariato, enquanto lhe rogo com lágrimas nos olhos que se digne satisfazer a súplica que dirigi à Propagação da Fé este ano. Os dois quadros estatísticos para Lião e Paris, com a dupla informação muito pormenorizada sobre a situação do meu Vicariato, em doze folhas, grandes como a folha desta carta, mandei-os para Lião já há uma semana, pelo que espero que, neste momento, os quadros estatísticos com o relatório tenham chegado já ao escritório de Paris.

5657

Eis aqui ainda um pequeno assunto. A carestia, com a sede e a mortandade, foram na África Central muito mais espantosas e terríveis que a carestia e a mortandade da China, das Índias Orientais e de todas as outras missões do mundo inteiro. Aqui, muitos víveres de primeira necessidade ou faltavam por completo ou custavam oito, dez, quinze, vinte e quatro vezes mais que o normal. Pode bem compreender, senhor presidente, as minhas grandes preocupações e dificuldades.

5658

Para além disso, a mortandade foi ainda mais terrível. Numa zona do meu Vicariato maior que duas ou três vezes a França, morreu metade da população e mais de metade do gado e dos animais em geral. Em boa parte do mesmo Vicariato morreram as três quartas partes da população com os animais e em muitas localidades situadas a pouca distância de Cartum não só morreu toda a gente mas também a totalidade dos animais e do gado, até cães, que são a única e providencial guarda da segurança pública nestes países.

5659

A própria missão teve, por causa desta terrível epidemia, imensas perdas de missionários europeus e de Irmãs e até morreu o meu administrador e vigário-geral, P.^e António Squaranti, que era o braço direito da minha obra.

Bem longe de me desanimar (embora eu tenha estado às portas da morte, sendo esta a 14^a vez em 21 anos), sinto em mim uma coragem de leão e estou mais certo que nunca de triunfar na minha obra, a mais vasta, difícil e laboriosa do universo inteiro, porque as obras divinas e sobretudo as obras apostólicas que têm como fim acabar com o império de Satanás para o substituir pelo Reino de Jesus Cristo devem passar pela via dolorosa da cruz e do martírio, tal como Cristo chegou ao triunfo da sua gloriosa ressurreição através da sua paixão e morte.

5660

Po isso, a fim de restabelecer o Vicariato e pagar as dívidas que, para não morrer, tivemos forçosamente que contrair, roguei aos conselhos centrais que, sem ter em conta os donativos de particulares recolhidos pelo boletim *Missions Catholiques* de Lião, aumentem este ano o subsídio que a Propagação da Fé me tem vindo a atribuir nos anos anteriores e supliquei-lhes que me concedam, para o exercício que agora o senhor prepara, a importância de 90 000 francos. Calculei que ainda que este dinheiro, junto a outras entradas que espero obter, não fosse suficiente para as grandes necessidades do Vicariato, contudo permitir-me-ia respirar um pouco e, por outro lado, a divina Obra da Propagação da Fé está para ajudar todas as missões do mundo.

5661

Fica exposta, pois, senhor presidente, a minha humilde súplica. Rogo-lhe, por amor de Deus, que faça o possível para que o conselho a atenda. Deus derrame as suas bênçãos sobre a África Central. Jesus Cristo morreu também pelos pobres infiéis do centro da África e a Propagação da Fé é o canal das suas graças e das suas misericórdias.

Nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, tenho a honra de me declarar, senhor presidente

Seu hum.mo e dev.to servidor
† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário Ap. da A. Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 830 (791) - À OBRA DA SANTA INFÂNCIA
AOPSIP, Afrique Centrale

Cartum, 27 de Fevereiro de 1879

Il.mos senhores,

5662

Para evitar todo o atraso no futuro, peço-lhes que, depois de terem tido a grande bondade de me concederem uma ajuda, convidem o sr. Brown e Filho, banqueiros pontifícios com estabelecimento em Roma, de quem, além do Vaticano, se serve a Propaganda, a dar à sua sucursal de Paris, a *Société Générale*, na *Rue Provence*, ordem de retirar da tesouraria da Santa Infância as importâncias que os senhores tiverem tido a bondade de me destinar. Se considerarem preferível escrever ao seu representante em Roma, o rev.do P.^e Martinho e Beues, vigário-geral dos Trinitários, na *Via Condotti*, que é o confessor da piedosa família Brown, é o mesmo. Aqui em Cartum nunca se está certo de encontrar franceses com os quais se possa negociar as letras cambiais sobre Paris.

5663

Demorei a escrever porque, após a minha última carta, a carestia deu lugar a uma mortandade inaudita. Até o meu grande vigário e administrador-geral, P.^e António Squaranti, o braço direito da minha obra, morreu devido à epidemia juntamente com outros missionários, religiosas, irmãos coadjutores e membros da missão.

Houve um tempo em que eu me encontrava sozinho para administrar os sacramentos, porque todos os outros sacerdotes estavam muito doentes ou tinham morrido e vi-me na necessidade de exercer as funções não só de bispo, mas também de pároco, vigário, superior, administrador, médico, cirurgião, enfermeiro e assistente de doentes, dia e noite.

5664

A certa altura, tendo como única ajuda um missionário italiano e uma Irmã francesa, com o resto do pessoal acamado nos dois grandes hospitais em que se tinham tornado as nossas duas casas de Cartum, mandei ir buscar uma galinha ou um pombo ou um pouco de carne a fim de fazer um caldinho para os doentes e não se conseguiram arranjar, nem com o ouro na mão. No Cordofão, a Ir. Arsénia Le Floch, da Bretanha, superiora das Irmãs de S. José, encontrando-se moribunda (era um anjo) pediu, por amor de Deus, um pouco de pão de trigo molhado em água e não foi possível encontrá-lo. Por fim, conseguiu-se encontrar um pouco em casa de um comerciante judeu, mas a superiora já tinha subido ao Céu.

Para atender às necessidades mais urgentes eu teria que ter pedido não 15 000 mas 100 000 francos. Portanto, com os 15 000 francos e os da Propagação da Fé, ainda teremos que passar muita fome e privações durante algum tempo ainda longo. Mas tudo seja por Jesus e pela redenção da África Central.

5665

Enfraquecido pela tristeza, as fadigas e as angústias mortais, também eu acabei por ser afectado, apesar da minha robusta saúde, pela febre mais abrasadora. Há dois meses que me oprime e deixou-me em muito mau estado.

Neste momento há vinte e seis horas que não a tenho; mas não consigo dormir, nem comer, nem andar. Ao longo de quatro meses, não dormi nem uma hora de todas as do dia e da noite e, durante três semanas, terei dormido unicamente duas horas em cada vinte e quatro.

5666

Mas como as obras de Deus e sobretudo as do apostolado, devem nascer e crescer ao pé do Calvário e passar pela via dolorosa da Cruz e do martírio (os senhores sabem-no bem, como juízes competentes do heroísmo dos nossos caros irmãos da China), eu sinto-me, mais que nunca, cheio de ânimo e de esperança, ainda que a minha saúde esteja arruinada, e também mais que nunca tenho a certeza de que, depois da paixão e morte, chegaremos à ressurreição da África Central, baixará a cabeça diante da cruz de Jesus Cristo e entrará em seu redil.

5667

À espera, envio-lhe preenchido o quadro estatístico, a utilizar na secção das esmolas. Fiz também o relatório sucinto, mas sinto-me tão fraco que não sei se poderei transcrevê-lo numa semana.

Neste momento tenho preparada uma única folha. Com todo o meu agradecimento e respeito, honro-me em considerar-me seu devotíssimo servidor.

† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário Ap. da África Central

N.º 831 (792) - A MGR. JOSEPH GIRARDIN
ACR, A, c. 14/137 n. 3

Cartum, Fevereiro de 1879

Carta sobre a carestia.

N.º 832 (793) - NOTA DE GASTOS
ACR, A, c. 20/32 n. 3

Fevereiro de 1879

N.º 833 (794) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 8 ff. 905-908

N.º 5

Cartum, 3 de Março de 1879

Em.º e Rev.mo Príncipe,

5668

Graças às repetidas diligências e insistência de Sua Excelência Gordon Paxá para se assegurar a amizade do rei da Abissínia e a tranquilidade nas províncias do Nilo Azul com ela confinantes, Sua Alteza o que dive consentiu em nomear o novo bispo copta herético para os abissínios, o qual, passando pela Núbia e Cadaref, entrará em Adua.

5669

Recebi a sua venerada carta, a n.º 1, do passado 13 de Janeiro, em que me comunica que a superiora geral das Irmãs de S. José, após a decisão do seu conselho geral, determinou não enviar mais Irmãs para o meu Vicariato e, ainda por cima, fazer regressar as que nele se encontram.

5670

Embora tal decisão me cause profunda dor, estou longe de me entregar ao desânimo e ao abatimento, porque tenho a certeza de que o dulcíssimo Coração de Jesus, que palpitou pela infeliz Nigrícia, me ajudará a arranjar as coisas de outro modo. O apostolado da África Central é muito difícil e trabalhoso e exige grandes sacrifícios, mas é possível e Deus ajudar-nos-á.

5671

Depois de tudo, pelo longo silêncio que no último ano a madre geral manteve, a qual foi desanimando dia a dia, e com razão, por causa da morte das duas últimas excelentes Irmãs e, pelo panorama que eu via, apercebi-me perfeitamente que isto ia acabar assim: ultimamente já não se oferecia nenhuma Irmã para a África Central e, desde o princípio, sabiamente, a madre geral só me mandava as que pediam para vir para a missão.

5672

É certo que as Irmãs de S. José ganharam grandes méritos na África Central, porque aqui realizaram enormes sacrifícios e trabalharam com muito zelo e *dévouement*, e também com muito fruto, especialmente as Irmãs orientais, convertendo numerosas pessoas à fé e à vida cristã e colaborando com os missionários para eliminar os amancebamentos e regularizar cristãmente muitos casamentos. Por isso, os sete anos de apostolado das Irmãs de S. José na minha missão constituem uma página de ouro na história da África Central, que permanecerá eternamente indelével. Por outro lado, todas as irmãs, tanto as que morreram, como as que regressaram, como as que actualmente se encontram nas casas de Cartum e do Cairo, manifestaram-me sempre, pessoalmente e por escrito, que estiveram e estão contentes do modo como eu sempre as tratei e que em mim encontraram um verdadeiro pai e superior.

5673

Mas é necessário que V. Em.^a saiba, para honra da verdade, que nenhuma das Irmãs de S. José falecidas, ou talvez apenas uma, morreu pela inclemência do clima africano e que se tivessem sido enviadas a tempo da

Europa e todas se tivessem aclimatado no Cairo... talvez nenhuma tivesse morrido pelo clima, como aconteceu com os missionários. De facto, desde 1871 até agora, *ainda não morreu na África Central nenhum sacerdote europeu que se tenha aclimatado no Cairo*; e dos três que morreram, dois foram vítimas da epidemia (na Europa morre-se de cólera) e, quanto ao terceiro, fui eu o causador da sua morte, porque, pelas necessidades urgentes da missão, fi-lo vir para o Vicariato antes de se ter aclimatado no Cairo. Mas das Irmãs:

5674

1.º Duas, Ir. Teresa e Ir. Arsénia, morreram como resultado duma violenta queda do camelo.

2.º Duas já tinham sido declaradas *tísicas* pelo médico do hospital do Cairo. Trata-se da Ir. Josefina e da Ir. Madalena, que no Sudão prolongaram a sua vida.

3.º Duas, a Ir. Emilienne e Ir. Genoveva, morreram quase *sexagenárias*: a primeira foi durante trinta e seis anos superiora em Chipre e em Saida; a segunda esteve dezasseis anos na Índia e outros nove como superiora no hospital do Cairo.

5675

4.º Duas, a Ir. Henriqueta e a companheira morreram da epidemia.

5.º Enquanto, em contrapartida, por exemplo, as quatro da expedição de 1873, que passaram a estação estival no Cairo e fizeram a viagem para o Sudão no Inverno, estão todas vivas e saudáveis; e assim tão-pouco as outras teriam morrido.

5676

Ainda que esta seja a realidade, eu encontro-me agora neste aperto, pelo que preciso absolutamente de encher o vazio que deixaram as Irmãs de S. José. E tenho que procurar uma solução, quer convencendo a madre geral – se o intento resultar – de que me deixe as que tenho e me mande outras, quer tentando por outro lado.

5677

E como há um sábio provérbio que diz: «*Quem quer vai; quem não quer manda*», é preciso que eu vá a Marselha e a Roma para dar remédio e solução a este importantíssimo assunto. Por isso, depois de ter pensado muito no mais conveniente para o bem do meu importantíssimo vicariato, decidi rogar da exímia bondade de V. Em.^a que me permita ir por uns meses à Europa e especialmente a Roma, por causa das necessidades do meu Vicariato. Porque, para além do importantíssimo assunto das Irmãs acima assinalado, levam-me a solicitar tal autorização os seguintes sólidos motivos:

5678

1. Tenho muita necessidade de me avistar com V. Em.^a e abrir-lhe o meu coração sobre muitos aspectos que dizem respeito ao bem desta importante missão.

2. Após a morte do meu incomparável administrador-geral, P.^e António Squaranti, que era o braço direito da minha Obra tanto no Vicariato como em Verona, surgiram-me muitos assuntos importantes para concertar e tratar para toda a obra.

3. A minha saúde ressentiu-se por causa das extraordinárias fadigas e angústias, pelo que o excelente médico inglês de Gordon Paxá me ordena insistentemente que para a minha recuperação tome um período de descanso e faça uma cura de águas termais na Europa ou, pelo menos, nas de Elouan, no Cairo. E a verdade é que há cinco meses que não durmo quase nada, para além da permanente falta de apetite e frequentes acessos de febre.

5679

Consequentemente, seria meu desejo deixar aqui, como meu representante no Vicariato, o superior de Gebel Nuba, P.^e Luís Bonomi, a quem fiz vir provisoriamente para Cartum para substituir na administração geral o falecido P.^e Squaranti (homem capaz e bem conhecido do Em.^o card. de Canossa, que tanto o apreciava) e assim tomar eu o necessário descanso que a minha enfraquecida saúde requer, deslocando-me por uns meses à Europa para tratar e solucionar esses assuntos que afectam o bem do meu Vicariato.

5680

E como, esperando em Cartum o venerado beneplácito de V. Em.^a já não poderia cruzar o deserto devido à iminente estação dos calores tropicais, eu aproveitaria agora as facilidades que me concede Gordon Paxá, para me dirigir, pela rota de Suakin e do mar Vermelho, para o meu estabelecimento do Cairo, para onde pediria a V. Em.^a me mandasse a solicitada autorização para ir a Roma e beijar os pés ao novo Pontífice Leão XIII.

5681

Quanto ao demais, os frutos recolhidos e as almas salvas este último ano, de tantas calamidades, foram mais do dobro que nos outros anos, especialmente em Cartum, no Cordofão e Gebel Nuba.

No reino do Cordofão instalaram-se já as Pias Madres da Nigrícia, a quem toda a cidade dispensou uma entusiástica recepção.

5682

Em Cartum ficam as quatro Irmãs de S. José e, para além da missão, está o hospital do Governo que Gordon Paxá queria confiar às Irmãs.

Mas disporá da melhor forma para sua glória e para o bem da Nigrícia, que certamente quer salvar.

Prostrando-me a beijar a sagrada púrpura e esperando receber no Cairo (Egipto) a sua venerada licença, com todo o respeito me declaro de V. Em.^a Rev.ma

Obed.mo, devot.mo, af.mo filho
† Daniel, bispo e vig. ap.

N.º 834 (795) - AO CARD. LUÍS DE CANOSSA
ACVV, XVII, 5, b

Louvados sejam J. e M.

Cartum, 3 de Março de 1879

Eminência rev.ma,

5683

Agradeço-lhe infinitamente a sua apreciada carta de 16 de Janeiro último. As cruzes e as grandes tribulações são a marca das obras de Deus. Muitos dizem-no com a boca e pregam-no do púlpito, mas, chegadas as cruzes, perdem o ânimo, ficam desolados e fraquejam. O missionário e a Irmã da África Central devem ser carne de canhão, gente destinada a padecer grandemente por Jesus Cristo; e têm que ser assim, porque, de contrário, não seriam apóstolos, mas tornar-se-iam uns fracos e ineptos. Queria que se inculcasse isto nos nossos institutos africanos de Verona e não ficarei contente enquanto não conseguirem sair daí com tal espírito. E há-de conseguir-se, com a graça de Deus.

5684

Entretanto, alegro-me de ver que, quanto a isso, [...] os que educamos no instituto de Verona são muito melhores que os elementos napolitanos e romanos. Creio que os napolitanos acabarão todos por fugir: este com um pretexto, aquele com outro; mas sempre, no fundo, por medo e falta de espírito. Não importa. Deus escolhe os seus eleitos. Em troca, a nossa gente, como P.^e Losi, P.^e Bonomi, P.^e Fraccario, e sobretudo as nossas Irmãs veronesas têm mais ânimo que antes. Igualmente as Irmãs de S. José que estão aqui. Porém, como a madre geral não tem outras para me mandar (porque para a África Central e para a Austrália só se dá a obediência a quem a pede), também estas acabarão por ser chamadas de volta.

5685

Por isso, o com objectivo de solucionar este problema do Vicariato, bem como uma enorme quantidade de assuntos mais, e dado que para bem da minha alquebrada saúde o médico inglês me recomendou peremptoriamente uma viagem às águas termais, etc., é provável que eu vá ao Cairo, onde, para além doutras práticas, espero combinar com P.^e Rollerli que venha a Cartum, o que seria muito benéfico para a obra.

5686

Além disso, tenho absolutamente de ir à Síria procurar o apoio do patriarca maronita (com quem já mantenho correspondência, mas num ano não houve senão boas palavras e o provérbio diz que *quem quer vai, quem não quer manda*); vou lá, pois, no intuito de conseguir mestres e mestras para o Vicariato (e também para Verona – árabes, entenda-se), porque em partindo as Irmãs de S. José, árabes em grande parte, fico sem poder dar aulas.

5687

Em suma, estou num aperto. Mas, deixando o mundo bisbilhotar à sua maneira, eu confio no Coração de Jesus e no cumprimento do meu dever. Este ano tivemos o dobro de conversões em relação aos anteriores, porque assim são as coisas de Deus. Em Gebel Nuba houve mais de trinta; mas quando se dominar a língua, coisa em que tanto trabalhou P.^e Bonomi, toda a tribo, excepto alguns velhos, se tornará católica.

Beija-lhe a sagrada púrpura seu filho

† Daniel Comboni

A Ir. Grigolini e as nossas de Verona instalaram-se bem em Cordofão.

N.º 835 (796) - À MADRE EUFRÁSIA MARAVAL
ASSGM, Afrique Centrale Dossier

Cartum, 3 de Março de 1879

Minha muito reverenda madre,

5688

Quando esperava algumas Irmãs não só para esta casa mas também para o hospital do Governo de Cartum, que Gordon Paxá me ofereceu para as nossas Irmãs, como outros lhe escreveram depois do meu pedido, porque eu estou sempre doente, eis que uma carta de Sua Em.^a o cardeal-prefeito, nosso pai, me comunica que, em função das decisões do seu conselho geral, a madre determinou não só não mandar mais Irmãs, mas também retirar as que actualmente trabalham na minha obra.

Era o que eu previa e temia grandemente desde que Deus, em seus imperscrutáveis desígnios, quis chamar para a glória do Céu as três últimas Irmãs, que gozavam de uma saúde perfeita e possuíam o verdadeiro espírito religioso e uma abnegação admirável.

5689

Enfim, sinto isso profundamente, porque a congregação de S. José tem grandes méritos em relação a mim e à África Central. As novas vítimas da caridade que cobre a terra do Centro da África serão gloriosa semente de cristãos e de conversões, e eu jamais esquecerei a sua congregação nem a si, que tão generosa e aberta sempre foi comigo, nem tão-pouco aquela madre incomparável que Deus chamou à sua presença e que foi uma glória de mulher católica, uma força da Igreja e uma grande benfeitora da África Central: a nossa falecida madre geral.

5690

Sua Eminência diz-me que me ponha de acordo consigo, quanto ao regresso das Irmãs. A Ir. Severina repetiu-me que não se mexerá de Cartum até depois do *kharif*, porque agora se está a aproximar o calor e não quer atravessar o deserto para se esturricar com o sol. Por outro lado, preciso de um pouco de tempo para atender às necessidades de Cartum e não posso, de repente, deixar sem Irmãs um grande instituto de raparigas. É preciso fazer as coisas bem.

5691

Porém, como a esperança é a vida do homem e portanto a última coisa que se perde, embora esteja muito fraco pelas febres e os sofrimentos passados (porque o ano que agora se cumpre desde a minha última chegada a estas terras foi o mais terrível de todas as épocas da história da África central), afrontarei eu mesmo o deserto e, com a autorização de sua eminência, farei uma rápida viagem à Europa, seja para chegar a um acordo consigo, se for possível (embora não confie muito nisso, porque a primeira assistente geral e sobretudo a superiora do hospital do Cairo, que certamente terá falado, não consideram conveniente fazer mais sacrifícios pela África Central), seja para procurar outro meio de atender às necessidades da missão de Cartum.

5692

Portanto, irei pessoalmente tratar consigo o que Deus dispuser. Pela minha parte, estou certo de que a cruz é o caminho real do triunfo para todas as obras de Deus. A Igreja católica foi fundada sobre o sangue dos mártires e é por meio do martírio que as missões prosperam. Quase todas as suas Irmãs converteram e salvaram certo número de almas. Dificilmente terão noutras missões essa satisfação, que o seu apostolado na África Central lhes proporcionou.

5693

Pelo que a mim respeita, sempre foram tratadas como verdadeiras filhas, do que elas me deram testemunho. Espero que nunca me esqueçam, bem como à África Central.

Na esperança de voltar a vê-la em breve, rogo-lhe que me escreva para o Cairo, onde esperarei a autorização de sua eminência para me deslocar à Cidade Eterna.

Rogue por

Seu devot.mo † Daniel Comboni
Bispo e vig. apost.

As quatro Irmãs estão perfeitamente bem.

Original francês
Tradução do italiano

N.º 836 (797) - A MGR. DE GIRARDIN
AOSIP. Afrique Centrale

Cartum, 3 de Março de 1879

Monsenhor,

5694

Eis aqui o resto do meu pequeno relatório sobre a carestia e a mortandade na África Central. Fornecer-lhe-ia de muito boa vontade outros dados muito sérios e interessantes, mas tenho a saúde destroçada e encontro-me demasiado fraco.

5695

Espero que tenha recebido a minha carta n.º 4, datada de 17 de Fevereiro, com o quadro estatístico e o princípio do pequeno relatório.

Rogo-lhe que desde agora em diante entregue todos os anos a importância dos contributos ao sr. Brown e Filho, de Roma, a via mais segura para os receber na África Central.

5696

Quanto ao demais, é norma fundamental do meu *Plano para a Regeneração da África Central*, que temos seguido até ao presente e que sempre considerámos justa, razoável e necessária (agindo de outro modo prejudicar-se-iam os indígenas e a própria missão), quanto à alimentação, alojamento, roupa, etc.:

1.º Educar os meninos do orfanato em condições que não mudem em nada a sua maneira de viver e ser, em tudo o que diz respeito à vida material.

5697

2.º Dirigir a sua instrução ajustando os graus da mesma ao estado a que são chamados. Assim a educação que se lhes ministra põe-nos em condições de exercer mais adiante, com bem poucos gastos para o Vicariato, a maior influência entre os seus compatriotas. Por que razão criar a estes povos novas necessidades e fazê-los abandonar os seus costumes a estes países? Eu tive sobre isto uma boa experiência.

Os meninos que encontrei em Cartum, quando em 1872 fui posto à frente do Vicariato da África Central, estavam habituados aos costumes europeus e precisei de muita paciência para mudar a disposição dos antigos alunos.

5698

Mas os novos orfanatos que fundei no Cordofão funcionam de outra maneira: deixei seguir tudo o que havia de bom nos costumes, melhorando-os, mas sempre sem os tirar daquilo que é natural do país. Isto torna-se muito mais vantajoso para estas crianças, que crescem sem pretensões, humildes, submissos e muito contentes no seu estado ordinário, enquanto os negros e negras educados no Cairo e na Europa que trouxe para a África Central, até os que tinham estado nos mosteiros da Europa mais perfeitos e observantes, tinham aqui mais exigências e pretensões que os próprios missionários e as Irmãs europeus.

5699

Por isso, desde há anos que já não admito negros e negras educados na Europa ou nos conventos do Oriente, mas educamo-los aqui nós na sua condição humilde e na simplicidade do espírito de Jesus Cristo e da nossa santa religião, sem os deitar a perder com as comodidades e a civilização europeias; e assim temos obtido resultados mais encorajadores.

Enfim, o senhor compreende bem as minhas intenções e o que quero dizer. Espero que isso corresponda ao seu pensamento e que o considere oportuno e necessário para o ensino e educação que há que dar nas missões às crianças indígenas.

Digne-se, monsenhor, aceitar os sentimentos de devoção e de reconhecimento com que sou sempre

Seu devot.mo servidor
† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário Ap. da África Central

Original francês

Cartum, 3 de Março de 1879

Senhora presidenta,

5700

Peço-lhe perdão pelo meu longo silêncio e pelo meu atraso em lhe dar notícias do Vicariato da África Central, a quem a senhora ajudou com o admirável zelo das generosas e caritativas damas da Obra Apostólica. Quantas raparigas jovens vestiu e ajudou a senhora! Quantos meninos escravos resgatou e introduziu no redil de Jesus Cristo! Quantos méritos ganhou adornando admiravelmente a casa de Deus e conseguindo assim que os infieis dirigissem os seus olhares para contemplar o espectáculo das magníficas cerimónias da Igreja Católica, eles que jamais tinham visto maravilhas semelhantes e que se encontravam sentados à sombra da morte!

5701

Mas, como se tudo o que fez pelos negros não fosse nada, a sua imensa caridade estendeu-se ainda aos obreiros do Evangelho, a quem a senhora vestiu de paramentos eclesiásticos e fortaleceu com o envio de vinho – que não se encontra nestes países – para saciar a sua sede, porque aqui a *merissa* e a água suja e salobre temos que pagá-las mais caras que o vinho na Europa.

5702

Que Deus lhe dê, senhora, cem por um nesta vida e na outra, por todo o bem que faz pela Sua glória, adornando os seus templos e tornando mais fáceis aos seus missionários as tarefas evangélicas.

5703

Após pedir-lhe perdão pelo meu silêncio, devo dizer-lhe, senhora presidenta, que, a seguir à horrível carestia e sede que assolaram a África Central sobreveio uma mortandade sem igual:

1.º Numa parte do meu Vicariato, com uma extensão maior que três vezes a França, morreu metade da população com mais da metade do gado; noutras vastas zonas morreram as três quartas partes da população e todos os animais.

2.º Em grandes aldeias e povos situados a pouca distância de Cartum morreu não só toda a gente que os habitava, mas também todo o gado e animais em geral, até os cães, que são a única providencial guarda de segurança pública nestes países.

5704

Os meus missionários, as minhas Irmãs e todos os membros da missão estiveram mais ou menos gravemente doentes e próximos da morte. Três missionários, entre eles o meu grande vigário e administrador-geral, P.º António Squaranti (braço direito da minha obra), morreram por causa da epidemia e também duas religiosas de S. José, quatro irmãos coadjutores europeus de grande valia e treze mestres e mestras negros. Houve um tempo, em Setembro, em que eu era o único sacerdote em pé para administrar dia e noite os sacramentos aos moribundos. Tive que fazer não só de bispo, mas também de superior, pároco, vigário, administrador, médico, cirurgião, enfermeiro, etc., etc. Finalmente, eu mesmo caí doente pelas fadigas inauditas, a ansiedade, os desgostos, as febres... Encontro-me assim desde há dois meses e já não tenho forças.

5705

Queria fazer-lhe um pequeno relatório sobre a carestia, a sede e a mortandade na África Central (que são mais horríveis que as da China e da Índia e que todas as das outras missões do mundo), e uma pequena relação sobre vinte e cinco negros e negras que recolhemos com os fundos da Obra Apostólica e aos quais pusemos os nomes que me mandou mons. Gaume; mas para isso precisaria de um pouco de força, porque tenho a saúde minada pela falta completa de sono e de apetite. Espero restabelecer-me com meio copo de vinho de Bordéus que tomo todos os dias, graças ao envio caritativo de cem garrafas por parte da Obra Apostólica.

5706

Os nomes que demos às crianças recolhidas por nós foram até agora os seguintes: José, João Baptista, Alexandre, Pedro, André, Carlos, Agostinho, Estêvão, Aleixo, etc. aos rapazes, e Vitorina, Maria, Inês, Clemência, Cecília, Rosa, Antónia, Carolina, Eleonora, Marta, etc., às raparigas. Sobre estes pequenos tenho dados interessantes, sobretudo quanto ao modo violento como foram arrebatados aos seus pais e à sua terra.

5707

Por amor de Deus, envie-me vinho todos os anos. Temos tanta falta dele que o ano passado, durante uns meses, só aos domingos se pôde celebrar missa no Cordofão, aonde eu mandava, pelo correio, uns frasquitos. Aqui, os missionários que sobreviveram à carestia encontram-se fracos, esgotados: caldo *Liebig* e tapioca para a sopa far-lhes-ão muito bem.

5708

Quanto aos paramentos litúrgicos, falta-nos no Vicariato uma casula e paramentos bonitos para a missa pontifical. Tenho um magnífico báculo pastoral que me enviou, mas falta o cálice, a casula e a capa pluvial correspondentes. Mas sobretudo ficaria muito contente se a obra pudesse mandar também algum tecido forte para confeccionar roupa para os missionários e também tela para fazer vestidos para as escravas que comprámos, pois elas vêm vestidas como a nossa avó Eva antes do pecado original. Assim andam em Gebel Nuba todas as mulheres, casadas e não casadas: precisariam de um vestido ou camisa. E o mesmo acontece com os negros, a quem assentariam bem as blusas que trazem os trabalhadores franceses, sobretudo fazendo-as longas e de uma peça de algodão.

Vejo-me obrigado a terminar aqui esta carta, por me encontrar ainda muito fraco. Rogue pelo seu agradecido servidor

† Daniel Comboni
Vig. Ap. da África Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 838 (799) - A PELLEGRINO MATTEUCCI
G. GIBELLI, «Epistolario Africano»
Roma 1877, pp. 58-60

Cartum, 10 de Março de 1879

Meu caro amigo,

5709

O seu telegrama, mandado de Massaua, no qual me fazia perguntas sobre Gessi, encontrou-me gravemente doente com a febre; e como o que sobre ele se sabia era vago e incerto, preferi não responder, sendo absurdo gastar dinheiro inutilmente para dizer algo talvez errado.

5710

Agora posso dar-lhe notícias certas, porque comprovaram-nas bem Gordon Paxá e alguém que o próprio Gessi me enviou do lugar onde ele se encontra. Neste tempo foi nomeado bei (o diploma de quédive chegou a Cartum esta manhã) e também bei o governador do equador, o meu bom amigo Emin Efendi (Schnitzler). Essas nomeações foram aqui muito elogiadas pela opinião pública, porque ambos o mereciam. Porém, a designação de Giegler, chefe dos telégrafos, para paxá e para *wakil* do *hokomdar* fez o mesmo efeito que produziu em Cartum a nomeação de Rosset para cavaleiro da coroa da Itália, no que vós perdestes um pouco, porque em Cartum conhecia-se a fundo Rosset, muito melhor que a si, e certamente ele não merecia uma condecoração, porque nada fez por isso.

5711

Mas agora a coisa tornou-se mais grave. Falecido Rosset, liquidaram-se todos os seus bens e, depois de tudo, não ficou *nada* para cobrir o dote da sua *esposa*, que era de 500 libras esterlinas. E, entretanto, além de outros *credores* seus, ficaram sem soldo dois verdadeiros cavalheiros: o mencionado Emin Efendi, governador do equador, que perdeu todos os seus haveres de 360 guinéus egípcios, que havia entregue em depósito a Rosset e que este tinha gasto, e Jorge Stambulieh, vice-cônsul inglês, que, para o ajudar e obter os seus favores lhe tinha emprestado 300 libras esterlinas. Este e Emin Efendi ficaram sem um cêntimo. E a mesma sorte teria corrido um excelente católico, engenheiro no Nyanza Alberto, *Ibrahim Khalifa*, de Trípoli, a quem, tendo ele vindo a Cartum com vontade de entregar em depósito a Bosset 350 guinéus e 460 napoleões em ouro, eu dissuadi-o disso; e dissuadi-o em consciência, porque eu conhecia Bosset (a quem, contudo, eu tinha favorecido doutro modo) e a sua situação.

5712

Pelo que parece, Bosset foi envenenado no Darfur.

Voltando a Gessi, ele fez quatro batalhas contra as tropas de Ziber, nas quais houve mais de 2000 mortos e se fizeram 800 prisioneiros, com os quatro *zaribe*, mas sem que Ziber ficasse dominado. Então Gessi pediu reforços e Gordon Paxá ordenou ao mudir de Dará, em Darfur, um certo engenheiro Messedaglia, de Verona, que fosse a Shakka com 700 homens. E anteontem disse-me Gordon que Ziber está submetido e que Gessi saiu vitorioso; porém, dentro de uns dias o próprio Gordon partirá para o Cordofão e Shakka e voltará com Gessi, que realmente se saiu com honra.

5713

Ânimo, meu caro doutor e amigo. Creio que para alcançar o seu objectivo o senhor escolheu o melhor caminho: eu prefiro-o a todos os demais. E se conseguir, como espero, a amizade e a protecção do rei João, também poderá desenvolver na Abissínia actividades comerciais e com mais frutos que noutras partes. Porém, deve tratar de aprender a língua, que unida à sua ciência médica, o fará ter 80% mais de probabilidades de êxito que Antinori e outros.

5714

Ora bem, já conhece a história desde Nunes e Pedro Paes até hoje: nunca se pode estar seguro da estabilidade abissínia.

Mas, ao lado dos Gallas e entre eles, encontrará gente excelente. Mil saudações a mons. Massaia quando o vir. Piaggia partiu para as montanhas de Sennar e talvez continue até Fadassi.

5715

Talvez dê, com P.^e Gennaro, uma saltada a Roma e à Síria para procurar mestres maronitas, porque quero erguer escolas em toda a parte. Tenho grande esperança na missão de Gebel Nuba.

5716

Receba a minha cordial saudação, saúde Calisto da minha parte e telegrafe-me, ou melhor, faça com que Filippini me telegrafe de Massaua para Cartum, que eu o transmitirei para o Cairo e Europa, etc. Correnti já não é presidente da Sociedade Geográfica.

Seu afectuosíssimo

† Daniel Comboni
Bispo e vig. ap.

Rogo-lhe que apresente os meus respeitos a mons. Touvier, bispo e vigário apostólico da Abissínia.

N.º 839 (800) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 919-920

N.º 6

Cairo, insto. de negros, 25 de Abril de 1879

Em.º e Rev.mo Príncipe,

5717

Em apenas 40 dias, pela rota do deserto de Suakin, cheguei de Cartum ao Cairo.

A febre desapareceu-me pouco depois de entrar no deserto; mas subsiste a inflamação geral – que espero eliminar com as águas de Recoaro –, e ainda não consigo dormir *uma única hora* em cada vinte e quatro, pelo que sinto-me sempre cansado. Contudo, as preocupações e a direcção geral de toda a obra tornam-me cada vez mais firme na inamovível confiança de que com a ajuda de Deus conseguiremos acabar com o reino de Satanás para converter a África Central a Cristo.

5718

Mas, para saber a que ater-me, preciso de submeter muitos assuntos importantes à sábia direcção e conselho de Vossa Eminência. Espero que em pouco tempo se tratará tudo e poderei realizar nuns meses quanto me é necessário fazer na Europa para o bem da Nigricia, pois quereria que, apenas terminadas as chuvas e o *kharif* pudesse voltar ao Vicariato para visitar sobretudo *Gebel Nuba*, que apresenta as mais lisonjeiras esperanças.

5719

Como o tempo aperta e é necessário não perdê-lo, dada a minha extrema fraqueza e o martírio de não poder pregar olho, desejo consultar o veneradíssimo mons. Ciurcia, que está aqui no Cairo (um pouco mal de saúde), com o qual espero acertar em poucos dias um pequeno problema que temos que solucionar juntos e

do qual só tive conhecimento anteontem, porque desde 1874 não me falou nem me escreveu sobre ele nem o excelentíssimo monsenhor (a quem guardarei eterna gratidão pelo bem que realmente fez à minha obra e a quem considero e considerarei sempre como o insigne benfeitor e experimentado e sapientíssimo conselheiro que foi para mim até 1867), nem nenhum outro; desejo, dizia, consultá-lo e ver se posso sair a seguir do Egipto para ir a Roma, a fim de ganhar tempo, sem esperar aqui a autorização oficial, escrita, de Vossa Eminência para me deslocar *ad limina*. Estou certo de que Vossa Eminência concederá tal graça. E eu talvez vá deixar o Cairo antes de me chegar a sua carta de obediência, no caso de me ser favorável o venerado conselho deste vigário apostólico, mons. Ciurcia.

5720

Quanto aos meios pecuniários, graças à infalível protecção do meu querido ecónomo S. José, está acertada a situação financeira do Vicariato. Muitas almas se preparam para entrar no seio da Igreja, sobretudo no Cordofão e em Gebel Nuba, mas faltam-me boas e piedosas Irmãs. Deus as mandará.

Beijo-lhe a sagrada púrpura e subscrevo-me com a veneração mais profunda

De V. Em.^a Rev.ma hum.mo, devot.mo, ob.mo filho
† Daniel Comboni, Vigário apostólico

N.º 840 (801) - A MONS. LUÍS CIURCIA
AVAE

Cairo, 2 de Maio de 1879

Petição de faculdade.

N.º 841 (802) - AO CÓN. JOÃO C. MITTERRUTZNER
ACR, A, c. 15/166

Verona, 15 de Maio de 1879

Breve bilhete.

N.º 842 (1122) - INSCRIÇÃO NO PALÁCIO ARCHETTIA
*CIPANI, Campione sul Garda e sue memorie,
Salò, Tip. Devotti, 1916, p. 27*

Campione, 22 de Maio de 1879

5721

Per te itur ad coelestia
O beata solitudo!

Episcopus Daniel Comboni

N.º 843 (1238) - AO CLÉRIGO CARLOS TITZ
ACH-Egipto

Verona, 22 de Maio de 1879

Dimissórias.

N.º 844 (1240) - A P.^e CESARO CARLOS
AOV

Verona, 23 de Maio de 1879

Em.º e Rev.mo Príncipe,

5722

Agradeço-lhe respeitosamente a benévola licença que me concedeu de ir a Roma para os assuntos do meu árduo e importante Vicariato e para beijar os pés ao novo Pontífice, nosso providencial Santíssimo Padre Leão XIII.

5723

Ainda que sumamente fatigado, espero deslocar-me aí a próxima semana. Entretanto, tenho a satisfação de lhe manifestar que encontrei em Verona dois florescentes institutos para as missões da África Central, verdadeiramente imbuídos do espírito do seu apostolado e cujos membros estão todos dispostos a suportar os sacrifícios e o martírio, condição essencial para se consagrar à conversão da Nigricia e estar à altura da nossa santíssima empresa.

5724

Sinto muito que as quatro Irmãs de S. José que permaneciam em Cartum tenham abandonado essa missão (1), sem dar o tempo necessário para a sua substituição nesse importante instituto feminino; não quiseram esperar nem uma semana. Mas, a dizer a verdade, estavam cansadas e tinham trabalhado intensamente e com muito zelo. O meu excelente representante, o veronês P.^e Luís Bonomi, viu-se na necessidade de telegrafar para o Cordofão para pedir que algumas das minhas Irmãs veronesas se transferissem para Cartum, para tomarem conta do estabelecimento feminino dessa cidade; a estupenda e capaz superiora das mesmas, Ir. Teresa Grigolini, já me escreveu a dizer-me que dentro de uns dias partiria para Cartum.

5725

O instituto das Pias Madres da Nigricia, que eu fundei em Verona e foi aprovado pelo ordinário diocesano, o Em.º cardeal de Canossa, possui, por graça de Deus, todo o espírito apostólico necessário para trabalhar devidamente nas árduas missões da África Central e vai-se desenvolvendo de modo que bastará para atender, por si só, a todas as obras de capital importância que se devem criar e aperfeiçoar no meu Vicariato. Na próxima semana partirão para o Cairo cinco Pias Madres da Nigricia e, dentro de pouco, outras cinco partirão comigo para o Egipto. Portanto espero que não tardará muito a serem apresentadas a exame e aprovação da Santa Sé as constituições e regras do dito instituto, uma vez que se tenha experimentado a exacta execução e oportunidade das mesmas na África Central.

5726

Todas as cruzes e adversidades que recentemente sofreu este Vicariato serviram somente para fortalecer o espírito dos membros fiéis desta grande obra e para pôr o nosso Vicariato em condições de alcançar no futuro uma prosperidade certa, porque as obras de Deus sempre nasceram e cresceram ao pé do Calvário e devem percorrer, como Jesus Cristo, o caminho da paixão e morte para alcançar a ressurreição: «*Nisi granum frumenti cadens in terram mortuum fuerit, ipsum solum manet; si autem mortuum fuerit multum fructum affert*» (S. João, cap. XIII).

5727

Devo, por outro lado, congratular-me com a S. C. de Propaganda por ter colocado no Egipto os padres jesuítas, a quem vi no Cairo. Ah, esta sublime decisão de V. Em.^a Rev.ma não tardará a produzir imensos e inestimáveis frutos em todos os sentidos, porque os jesuítas são os melhores missionários da Igreja Católica e o actual superior do Cairo é um santo e experimentado operário evangélico.

Beija-lhe a sagrada púrpura o seu humilde filho

† Daniel Comboni

(1) Partiram de Cartum em 14 de Abril passado.

N.º 846 (804) - A EUSTÁQUIO COMBONI
AFC, b. 20

Verona, 5 de Junho de 1879

Queridíssimo Eustáquio,

5728

Desejaria ardentemente passar por Limone antes de ir a Roma, mas, pelo que vejo, não me vai ser possível, pois chamam-me lá assuntos importantes, onde ficarei pouco tempo. À minha volta pararei em Limone.

5729

Diz à nossa querida prima, a mulher do Faustino, que lhe agradeço por me ter escrito e que desejo vir a conhecê-la. À nossa querida Teresa, a do Eugénio, trouxe-lhe dois preciosos brincos de ouro, trabalho refinado dos nossos negros da África Central. Seriam dignos das orelhas de uma rainha; mas Teresa é, para mim, mais que uma rainha por ser mulher de Eugénio, a quem tenho tanto afecto. Saúda a minha querida Hermínia, Pedro e a sua excelente cara-metade, Beppino e todos os nossos de Limone e Riva e, ao escreveres a Eugénio, dá-lhe lembranças minhas.

Teu af.mo primo
† Daniel Comboni

N.º 847 (805) - A MONS. JOSÉ MARINONI
APIME, v. XXVIII, p. 31

7 de Junho de 1879

Breve bilhete.

N.º 848 (806) - A MGR. JEAN FRANÇOIS DES GARETS
APFL (1879), Afrique Centrale

N.º 5

Roma, Seminário Apostólico de S. Pedro e S. Paulo
Via Mastai, 18-19 de Junho de 1879

Senhor presidente,

5730

Dado o meu deplorável estado de saúde, os meus missionários e o excelente médico inglês de Cartum, o dr. Lowe, empurraram-me a fazer uma pequena viagem a Berber para mudar de ares e espantar a febre.

5731

Em Berber recebi a notícia da parte de S. Em.^a o card. Simeoni de que a madre geral das Irmãs de S. José da Aparição tinha decidido com o seu Conselho não só a não voltar a mandar mais Irmãs para a minha missão mas até retirar as que ainda se encontravam no Vicariato.

5732

A fim de conseguir que a madre geral revogasse essa determinação, e, em caso contrário, procurar outra solução para este importante sector do apostolado, solicitei e obtive de Sua Eminência autorização para vir a Roma, e foi assim que me inteirei com muita dor que a congregação não pode continuar a vir em minha ajuda, porque já não há Irmãs que peçam para ir para a África Central, por causa de, em seis anos, a congregação ter perdido aí nove religiosas.

5733

Longe de desanimar por esta pequena desgraça (as Irmãs de S. José prestaram serviço na missão com grande dedicação e muita caridade), estou convencido de que Deus me ajudará a prover a tudo, em especial com a congregação das Pias Madres da Nigrícia, que fundei em Verona e que está muito florescente. Na próxima semana partirão de Roma para o Egipto cinco Irmãs com dois missionários e, para a altura do meu regresso ao Vicariato, no próximo Outubro, estarão prontas outras cinco.

5734

A minha superiora de Verona prepara as Irmãs para o apostolado da África Central dizendo-lhes sempre isto: «*Tendes de estar dispostas a morrer todos os dias por Jesus e pela Nigéria: estais destinadas a ser carne de canhão. Invejo a vossa sorte, que espero partilhar um dia convosco.*»

E as minhas Irmãs desta congregação, tanto as que se encontram na África Central como as que estão prestes a partir e estão aqui, como que antevêem nisso o Paraíso, pela dita de sofrer e morrer por Jesus Cristo.

5735

Ainda que tenha sido muito o que sofri – talvez mais que Job –, espero recobrar a saúde depois de frequentar as termas que os médicos do Cairo e de Roma me ordenaram. Sua Em.^a o card. Simeoni consolou-me, dizendo-me que as suas mais vivas preocupações, desde há tempos, vão para o apostolado da África e que ele fará todo o possível para o desenvolver.

Rogo-lhe, senhor presidente, que me envie aqui para Roma (e não para o Egipto) o contributo que os conselhos centrais tiverem destinado para a África Central, para a minha direcção de *Via Mastai*, 18.

Sou seu devot.mo

† Daniel Comboni

Original francês

Tradução do italiano

N.º 849 (807) - A MONS. INÁCIO MASOTTI
AP SC Afr. C., v. 8, f. 938

Roma, 27 de Junho de 1879

Solicitação de viagens gratuitas.

N.º 850 (808) - À IR. EULÁLIA PESAVENTO
ACR, sez. fotografie

Junho de 1879

Escrito numa foto.

N.º 851 (809) - AO CÓN. J. C. MITTERRUTZNER
ACR, A, c. 15/80

9 de Junho de 1879

Breve bilhete.

N.º 852 (810) - NOTA
ACR, A, c. 22/13

Roma, 12 de Julho de 1879

Nota sobre o orçamento da restauração do instituto de Verona.

N.º 853 (1223) - A MONS. SANTIAGO SCURATI
«L'Osservatore Cattolico», n. 164, 18-19 Julho 1879

Roma, 16 de Julho de 1879

5736

Desejaria que publicasse no *Osservatore Cattolico* este pequeno artigo, que chega um pouco tarde, porque fui visitado pela febre tanto em Roma como em Nápoles. É a consequência das grandes fadigas africanas e de ter passado no meio de esforços mais de catorze meses, nos quais nunca dormi uma hora em vinte e quatro.

5737

No final de Junho passado, o Em.^o cardeal de Canossa, bispo de Verona, foi ao instituto das Pias Madres da Nigrícia em Santa Maria in Organo e, após um cordial e afectuoso sermãozinho, cheio de ardor e caridade, abençoou e entregou o crucifixo a dois missionários e a cinco novas Irmãs que estavam prestes a partir para as árduas e trabalhosas missões da África Central. Não se pode descrever com palavras a emoção e o santo entusiasmo daquelas virgens selectas que, formadas na escola de Cristo e educadas para o sacrifício e a cruz, viam chegado o tempo de se tornarem realidade os seus votos fervorosos e de se sacrificarem inteiramente no lento martírio do espinhoso apostolado da África Central.

5738

Mas a sua alegria transbordou quando, depois de as ter recebido com suma bondade o Em.^o cardeal Simeoni, prefeito geral da S. Congregação da *Propaganda Fide*, o ex.mo secretário e os veneráveis oficiais dessa ilustre Congregação, que dirige na ordem espiritual quase quatro partes do mundo, foram admitidas a beijar os santíssimos pés do vigário de Jesus Cristo, a quem eu as apresentei no dia 3 do corrente mês de Julho, às seis da tarde.

5739

Respondendo ao Santo Padre sobre várias pontos que queria saber sobre a instituição das Pias Madres da Nigrícia, de Verona, tive o prazer de lhe assinalar a felicidade que estas futuras madres espirituais da África Central sentiam no seu coração quando eu escrevia de Cartum à sua superiora, ordenando-lhe que inculcasse nas noviças que elas estão destinadas a *serem carne de canhão, que vão viver entre sofrimentos, privações e calores tórridos e que devem submeter-se a um lento martírio por amor a Cristo e para salvarem aquelas almas, que são as mais necessitadas e abandonadas do mundo.*

5740

O Santo Padre encorajou-as com affectuosas palavras a persistir e manter-se inamovíveis na sua vocação. Depois, enquanto uma a uma se aproximavam para lhe beijarem a mão, foi-as abençoando e, com elas, a todo o instituto de Verona e às suas irmãs que numa expedição anterior as tinham precedido, indo para as áridas e abrasadoras areias da África Central, onde, todas vivas e sãs, trabalham com zelo incansável nas laboriosas missões de Cartum e do reino do Cordofão.

5741

Ao meio-dia de 5 do corrente, embarcava-as eu em Nápoles para o Egipto nas *Messageries* francesas e já chegaram sãs e salvas aos institutos de aclimação do Cairo, de onde as conduzirei pelos ardentes desertos do Atmur até às missões do centro da África.

5742

Eis aqui os nomes dos membros desta pequena expedição apostólica, todos membros dos institutos africanos de Verona.

1. P.^e João Dichtl, da diocese de Secovia, na Estúria
2. P.^e Matias Moron, da diocese de Breslau
3. Ir. José Avesani, veronês
4. Ir. Amália Andreis, superiora, de S. Maria de Zevio, diocese de Verona
5. Ir. Maria Bertuzzi, de Malcesine, junto ao lago de Garda
6. Ir. Eulália Pesavento, de Montório, em Verona
7. Ir. Maria Caprini, de Negrar, em Valpolicella
8. Ir. Matilde Lombardi, de Malcesine.

Encomendando às suas orações todas estas almas eleitas, declaro-me com todo o coração

Seu af.mo amigo † Daniel Comboni
Bispo e vigário apostólico da A. Central

Meu caro P.^e Alexandre,

5743

Em finais do passado Junho, o nosso veneradíssimo Em.^o cardeal bispo de Verona dirigiu-se a St.^a Maria in Organo, ao instituto das Pias Madres da Nigricia, e, depois de pronunciar calorosas e afectuosas exortações às cinco Irmãs que estavam para partir para a África, abençoou o seu crucifixo e enviou-as com as sublimes e carinhosas palavras que o seu magnânimo coração lhe sabe inspirar.

5744

A nova expedição, composta de dois missionários, um leigo e essas cinco Irmãs, partia da nossa Verona, na tarde do primeiro de Julho, e na manhã de 3 era recebida gentilmente na sede da Propaganda Fide pelo prefeito dessa Sagrada Congregação, S. Em.^a o cardeal Simeoni, que, com palavras de ânimo e paternal afecto, exortou os missionários e as Irmãs a manterem-se firmes e constantes na árdua e sublime vocação do apostolado da África Central, *que é a missão*, disse o em.^o príncipe, *mais árdua e difícil da Igreja Católica e digna de verdadeiros mártires da fé.*

Igual acolhimento tiveram as Irmãs por parte do ex.mo secretário e dos doutíssimos e veneráveis oficiais da S. C. da Propaganda Fide.

5745

Mas o espectáculo mais comovedor iria acontecer depois no Vaticano, quando tive a honra de apresentar à santidade de nosso senhor Leão XIII as cinco Pias Madres da Nigricia. O Santo Padre quis conhecer certos dados acerca desta nova fundação de sagradas virgens consagradas ao apostolado de África Central, que eu lhe expliquei brevemente; e ele louvou muito a sublime instituição e o seu objectivo, bem como a generosidade destas mulheres do Evangelho em se sacrificarem pela salvação das almas mais necessitadas e abandonadas do mundo.

5746

Depois, expliquei ao Santo Padre a linguagem que eu costumo empregar na minha correspondência com a superiora das Pias Madres da Nigricia, de Verona, quando lhe escrevo da África Central ordenando-lhe que inculque nas noviças que *elas estão destinadas a ser carne para canhão, a abraçar privações e sacrifícios muito duros e a sofrer um lento martírio*, etc., etc. Então, enternecido, o Santo Padre dirigiu-se às Irmãs, apertou-lhes a mão direita, na qual tinham o terço para ser abençoado, deu a beijar a sua própria mão a cada uma delas, congratulou-se com a coragem que a divina graça lhes tinha infundido e, exortando-as a perseverar na sua santa vocação e a morrer por Cristo, abençoou o instituto de Verona e as missões da África Central, declarando que tinha imenso interesse por esta santa obra, que deve regenerar para a verdadeira fé tantos milhões de almas que jazem ainda nas trevas da morte.

5747

Finalmente, obtido do Governo da república francesa a passagem gratuita de Nápoles até Alexandria, dia 5, ao meio-dia, a expedição veronesa zarpuou de Nápoles e já chegou felizmente ao Cairo, para se aclimatar nos meus estabelecimentos egípcios.

Estes são os membros da pequena expedição veronesa:

5748

1. P.^e João Dichtl, aluno do Inst. das Missões Africanas de Verona, nascido na diocese de Secovia, Estíria.
2. P.^e Matias, Moron, da Polónia prussiana e do mesmo instituto.
3. Ir. José Avesani, veronês

5749

As seguintes Irmãs do insto. das Pias Madres da Nigricia:

1. Ir. Amália Andreis, de S. Maria de Zevio, superiora
2. Ir. Maria Bertuzzi, de Malcesine
3. Ir. Eulália Pesavento, de Montório.
4. Ir. Maria Caprini, de Negrar.
5. Ir. Matilde Lombardi, de Malcesine.

5750

Esta é a segunda expedição para a África Central das Irmãs do insto. africano veronês.

A primeira dirigi-a eu em Dezembro de 1877 e nela levei cinco Irmãs para a África Central. Aí, embora enfrentando mil perigos, estão todas saudáveis e fortes e trabalham com zelo incansável dispostas a morrer cem vezes pela salvação daquelas almas. Delas, duas encontram-se na missão principal, a de Cartum e são:

Ir. Teresa Grigolini, de La Mambrotta, superiora;

Ir. Maria Josefa Scandola, Chiesanuova.

5751

Depois, na missão do Cordofão, à frente daquele grande estabelecimento que fundei às portas da Nigéria, estão:

1. Ir. Vitória Paganini, de Asiago, diocese de Pádua, superiora

2. Ir. Conchita Corsi, de Barletta.

3. Ir. Marietta Caspi, de Verona.

5752

Imploro fervorosas orações por este nascente instituto veronês, que está destinado a criar na África Central todas as obras femininas de apostolado católico, das que abundam na Europa católica: *Deus escolhe o fraco do mundo para confundir os fortes, etc., etc.*, como diz o Apóstolo.

Seu af.mo no Senhor

† Daniel bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário Ap. da África Central

N.º 855 (812) - AO CARD. LUÍS DE CANOSSA
ACR, A, c. 14/99

Louv. seja J. e M. etern., amén

Pejo (Trentino), 3 de Agosto de 1879

Em.º e Rev.mo Príncipe,

5753

Na minha rápida passagem por Verona encontrei a sua estimadíssima carta (entendi tudo sobre esse anjo e agi segundo as suas instruções), em que generosamente me convidava a passar um dia em Monteforte. Ainda que me tenha sentido muito sensibilizado pela sua bondade, mesmo tendo eu já estabelecido, por carta de Roma, as diversas ligações para chegar à alta montanha de Pejo e, para não alterar a combinação feita, uma vez que o bispo de Placência (decidíramos partir juntos no dia 20 p.p.), por sugestão minha, me precedera uma semana, porque eu não estava pronto, continuei a viagem até Pejo, com intenção de lá permanecer pouco tempo, pois tira-me o sono o pensamento de estabelecer bem para o futuro o Instituto de Verona.

5754

Contudo, confortou-me muito a sua paternal proposta de rogar a dois padres estigmatinos que colaborem ao menos até que os jesuítas possam vir. Em suma, com lágrimas nos olhos rogo-lhe que venha em minha ajuda, e Deus abençoará V. Em.^a e a diocese veronesa. Há ótimos elementos no instituto masculino e no feminino, e espero que Deus há-de arranjar tudo.

5755

Quarta-feira partirei de Pejo com o bispo de Placência e creio que quinta ou sexta-feira estarei em Verona. Se V. Em.^a fosse a Verona ou estivesse agora lá, não conviria que sondasse secretamente as intenções do P.^e Vignola, superior da congregação dos estigmatinos?... Quero formar verdadeiros apóstolos e, desprezando toda a crítica, eu neste importantíssimo assunto sou jesuíta e estigmatino até à medula.

Encomendo-me à sua caridade e, beijando-lhe a sagrada púrpura, declaro-me

Seu devot.mo e af.mo filho
† Daniel bispo

5756

O bispo de Placência apresenta-lhe de coração os seus respeitos, assim como P.^e Luciano Rosa, de Lonigo, que está aqui.

N.º 856 (813) - A P.^e PEDRO MILESI
APT, Brescia

Verona, 13 de Agosto de 1879

Meu caro reitor,

5757

Recebi a sua apreciada carta com a autorização episcopal para a Consagração. Eu nunca ouvi dizer a ninguém que o senhor esteja contra esta função religiosa: pelo contrário, acreditei sempre e continuo a acreditar que é o senhor o primeiro a desejá-la, pelo que tem de honroso para sua esposa. As bisbilhotices de alguns (que eu nem sequer ouvi) são coisas tão pequenas, que não estão em grau de chegar à nossa altura.

5758

Agora, para fazer tudo devidamente (porque se trata de uma cerimónia difícil e que sempre provoca confusão) é preciso procurar uma cabeça que dirija e conduza tudo bem; e nós, os de Limone, temos a sorte de a possuir no nosso incomparável patrício P.^e João Bertanza. Se eu tivesse que realizar *essa augusta cerimónia* não em Limone, mas em Verona ou em Veneza, chamaria P.^e João a Verona ou a Veneza para a dirigir, porque já a estudou repetidamente e continua a estudá-la para a fazer bem. Ponhamo-nos, pois, o senhor e eu, sob a sua direcção. Para isso é preciso que nos reunamos com ele. Ah, com quanto gosto me deslocaria a Dalco para de passagem estar lá uma semana com os meus queridos parentes. Mas a minha vida é uma vida de sacrifício. Os médicos ordenaram-me, tanto em Rovereto como em Verona, tomar os banhos arsenicais de Roncegno e, se me demoro, chega lá o frio.

5759

Portanto, domingo à tarde, o senhor deverá encontrar-se em Rovereto, aonde essa tarde também eu chegarei. Aí, na noite de 17 e na manhã de 18, o senhor, P.^e João e eu teremos uma reunião decisiva acerca do assunto, as modalidades e o momento.

Esteja, pois preparado. Mando-lhe a bênção e pedindo-lhe que transmita as minhas saudações a P.^e Luís, sou seu devoto.

† Daniel, bispo e vig. ap.

N.º 857 (814) - A Mme. ANA H. DE VILLENEUVE
ACR, A, c. 15/180 n. 3

J. M. J.

Verona, 15 de Agosto de 1879

Estimadíssima senhora,

5760

Recorro ao seu grande coração para que me conceda um generoso perdão pelo meu culpável silêncio, que se deveu não a falta de lembrança ou afecto (não passei nem uma hora sem pensar e rezar por si, por Augusto e sua querida esposa), mas ao meu lamentável estado de saúde. Cheguei a Verona doente; as febres abateiram-me em Roma e em Nápoles (onde levei a embarcar cinco Irmãos e dois missionários para o Egipto) e também nas altas montanhas de Pejo, no Tirol, aonde fui com o bispo de Placência para tomar as águas ferrosas. A Verona cheguei igualmente doente com as febres, que só me deixaram há quatro dias.

5761

A causa de tudo isto são as enormes fadigas, as preocupações, os sofrimentos físicos e morais de todo o ano. Estive catorze meses sem poder dormir nem uma hora das vinte e quatro do dia, e sofri de tudo. Resumindo, posso assegurar-lhe, senhora, que em comparação comigo o santo Job passou uma vida de alegria e delícias. Ele teve mais paciência que eu, mas eu sofri mais que ele.

5762

Mas, ainda que destroçado pelas fadigas, as amarguras e tantas perdas e penas, tenho uma coragem de leão e uma esperança e confiança em Deus ainda maiores que antes destas aflições que Ele quis mandar à missão mais difícil e laboriosa do universo inteiro, como na opinião da Propaganda Fide é a África Central. A obra de Deus deve seguir o caminho real da cruz e há que dar graças ao Senhor. A senhora, que é uma mulher de fé, entende esta linguagem.

Tinha-me proposto em Cartum fazer-lhe a descrição da fome, da sede e da epidemia da África Central, demonstrando que foram muito mais terríveis e espantosas que as da China e da Índia, mas foi-me impossível.

5763

Pedi e obtive de S. S. Leão XIII uma bênção especial para si e pela felicidade de Augusto e Paulina, a fim de que Deus lhes conceda filhos. Roguemos e tenhamos confiança em Deus. Abraço efusivamente o meu caro amigo Augusto e abençoo de todo o coração a senhora Villeneuve e a ele. Agradeço-lhe infinitamente a sua oferta: aceitá-la-ia de boa vontade, mas há dificuldades.

Por agora, os médicos ordenaram-me que tome os banhos de Roncegno, no Tirol; mas a senhora dê-me notícias e escreva-me sempre para Verona. Agradeço-lhe muito o acolhimento que dispensou em Paris a Bouchard; obrigado por tudo. Os meus respeitos à veneradíssima mãe de Paulina, a todas as suas sobrinhas da Bretanha, etc., etc., e eu sou e serei eternamente

Seu devot.mo amigo † Daniel Comboni
Bispo e vig. ap. da A. C.

Original francês
Tradução do italiano

N.º 858 (815) - A EUGÉNIO COMBONI
AFC, b. n. 21

Verona, 16 de Agosto de 1879

Meu querido Eugénio,

5764

Estive tentado a deixar Verona e dar um salto a Dalco passar uma semana com todos vós; mas os médicos opuseram-se e amanhã irei para os banhos de Roncegno com P.^e Bertanza, etc., e espero passar depois por Limone.

Mando-te a minha pequena prenda de casamento para a tua e minha Teresinha. Trata-se de um trabalho em ouro puríssimo de Mussellemieh, feito por um surdo-mudo de El-Obeid, capital do Cordofão, na África Central.

Lembra-te que, ainda que o mundo desabe, é preciso que este ano passemos juntos ao menos uma semana, e possivelmente em Dalco. Prefiro Dalco com os meus primos a Paris e Londres com príncipes.

Um beijo a Teresinha, a Beppino, a Henrique, a teu pai e a todos de

Teu af.mo primo
† Daniel bispo e vig. ap.

N.º 859 (816) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 836-838

Roncegno, 22 de Agosto de 1879

Em.º e Rev.mo Príncipe,

5765

Chegou-me aqui a sua venerada carta de 14 do corrente na qual me faz perguntas sobre o sacerdote Carmelo Loreto, o qual teve a coragem de escrever a V. Em.^a dizendo que eu o suspendi *a divinis* e que abandonou a missão devido ao seu mau estado de saúde, etc., etc.

5766

Como os médicos me proibiram toda a ocupação, suplico a V. Em.^a Rev.ma que me conceda *só três dias* para lhe dar uma pormenorizada e conscienciosa resposta em relação a esse impostor, ex-dominicano, que é o mencionado Carmelo Loreto, que foi expulso dessa ínclita ordem pelo actual vigário-geral da mesma, o sapientíssimo rev.mo P.^e M. José M. Sanvito. De facto, para além de ter *roubado* a sagrada ordenação com três longos anos de fingida santidade, embora fosse o único entre os missionários que *nunca teve* nenhuma febre nem enfermidade, e embora estivesse de perfeita saúde, de acordo com outros napolitanos regressou a Nápoles, depois de todos os gastos que a missão tinha feito por ele.

5767

Já há cerca de três meses que regressou a Nápoles, mas como nunca me escreveu, eu também não lhe escrevi. E muito menos o suspendi *a divinis*, se bem que o tenha merecido mil vezes.

Quem o suspendeu foi o arcebispo de Nápoles (por isso não percebo como é que o vigário-geral de Nápoles recomendou a súplica de Loreto), movido por uma sábia e prudentíssima determinação de mons. Salzano, da Ordem dos Pregadores, arcebispo de Edessa, que outrora protegera já uma vez esses jovens, entre eles P.^e Carmelo Loreto.

5768

Dentro de três dias darei a V. Em.^a uma resposta adequada.

Depois da minha partida de Roma, as febres maltrataram-me. Com o bispo de Placência bebi as águas de Pejo nas montanhas do Tirol; mas voltei desfeito pelas febres, que me atacaram com a mesma força que na África. Finalmente, reunidos em consulta três distintos professores médicos, decidiram receitar-me uma cura de águas arsenicais e de banhos arsenicais febrífugos de Roncegno, de Valsugana, no Trentino; e este remédio parece-me o decisivo, o que acabará por me curar.

Na certeza de lhe poder dar dentro de três dias informações sobre o indivíduo em questão, beijo-lhe a sagrada púrpura e declaro-me de V. Em.^a Rev.ma

Devot.mo, hum.mo filho
† Daniel Comboni bispo

N.º 860 (817) - AO DR. F. MANFRONI

Em casa do P.^e Dario Girardi

J. M. J.

Roncegno, 25 de Agosto de 1879

Meu caro doutor,

5769

Gostei imenso da lembrança expressa no seu cartão-de-visita. É a primeira vez, em 48 anos de vida, que faço uma cura radical; e estava reservado a si dar exactamente com o remédio drástico para a misteriosa complicação das causas que alteraram a minha saúde.

Pelos resultados dos doze banhos arsenicais que tomei numa semana, creio poder deduzir com fundamento que, seguindo as suas sábias prescrições, me vai ser possível obter uma verdadeira recuperação da minha saúde. Louvado seja Deus e também o sapientíssimo dr. Manfroni. Digne-se aceitar as minhas expressões da mais sincera gratidão, que será eterna, unida a uma profunda, constante e inalterável amizade, com a qual me honro em me declarar *pour à jamais*

Seu reconhecidíssimo af.mo servidor e amigo
† Daniel Comboni, Bispo de Claudiópolis
e vigário apost. da A. Central

Rogo-lhe que apresente os meus afectuosos respeitos ao digníssimo e ilustre prelado mons. o deão e à senhora sua irmã.

N.º 9

Roncegno (Trentino), 26 de Agosto de 1879

Em.º e Rev.mo Príncipe,

5770

Com a sua venerada carta de 14 do corrente, a n.º 5, Vossa Eminência mandava-me informá-lo sobre o sac. Carmelo Loreto e expor-lhe os motivos pelos quais eu *o suspendi de celebrar missa* e me convidava a dispensá-lo do juramento de servir a missão.

5771

Eu nunca *o suspendi* da missa, nem nunca lhe escrevi da sua voluntária e não autorizada partida da missão e ele nunca me escreveu nem me comunicou a sua chegada a Nápoles, embora soubesse que eu estava em Roma; como tão-pouco nunca me anunciou que tinha sido suspenso *a divinis*, salvo V. Em.^a Rev.ma e ao mesmo tempo uma carta do seu pai. E contudo, nos onze meses que viveu comigo em Cartum e o tive diante de meus olhos, pude verificar que P.^e Carmelo Loreto não só não possui nenhuma virtude apostólica ou sacerdotal, mas que apenas tem uma extraordinária soberba.

5772

É um homem falso, caluniador, hipócrita, invejoso, egoísta, amigo de arranjar capelinhas e sem amor pelos pobres infieis. Este último aspecto não tem nada de estranho, dado que, depois de ter sido expulso da inclita ordem dominicana, conseguiu, por meio do P.^e Carcereri, vir para África e juntar-se à missão não com vontade de se consagrar a ela para toda a vida, mas com intenção de conseguir *surripiar a sagrada ordenação* e depois voltar à sua terra; e não estranho também que, dado que abandonou a missão, *embora fosse o único missionário que nunca teve a febre* e apesar de em todo o ano anterior e neste nunca ter estado doente. Pois bem, tendo em conta tudo isto, e o facto de que nunca cumpriu o dever que se lhe tinha imposto de se ocupar e catequizar os meninos negros (se bem que, por outro lado, me tenha ajudado com certa diligência na assistência aos doentes e nas funções paroquiais; e nisto devo dizer que tenho que o louvar), eu limitei-me a escrever ao veneradíssimo mons. Salzano, arcebispo de Edessa, residente em Nápoles, que sempre foi generoso benfeitor do sac. Carmelo Loreto, para lhe rogar:

5773

1.º Que comunique a P.^e Loreto que eu o despedi da missão e que, portanto, deixou de pertencer ao meu instituto e à África Central.

2.º Que faça as devidas diligências junto do ordinário de Nápoles, a fim de que Loreto seja incorporado nessa arquidiocese, a que pertence por razão da origem.

5774

Com isto está incluída implicitamente a intenção declarada de que eu tencionava dispensá-lo do juramento de servir a missão.

Ora, para prestar contas a V. Em.^a da rectidão e justiça do meu procedimento (e confesso que antes de tomar esta medida invoquei a luz do Senhor e reflecti com calma e ponderação), devo dar a V. Em.^a algumas referências não só de P.^e Carmelo Loreto, mas também do seu companheiro e colega P.^e Vicente Marzano, os quais, *depois de os ter ordenado eu sacerdotes*, planejaram abandonar a missão e regressar à sua terra. Isto tiro-o duma carta de Marzano, escrita do Cordofão a Loreto, que estava em Cartum, na qual lhe sugere que *faça um jogo falso e me rogue que o autorize a ir por uns meses a Nápoles, aonde, depois, o próprio Marzano não tardaria a ir ter com ele*.

5775

Tendo caído nas minhas mãos esta carta autógrafa, mandei-a para Nápoles, a mons. Salzano; e talvez por isso, esse prudentíssimo e digno arcebispo terá sabiamente feito o necessário para conseguir a suspensão *a divinis* de Loreto, que indevidamente e contra os seus paternais conselhos tinha abandonado a missão e regressado a Nápoles e para dar assim um aviso a Marzano, a fim de que esse, considerando o pouco bom acolhimento dispensado ao seu companheiro Loreto por parte do ordinário de Nápoles, não se atreva a abandonar a missão, mas que permaneça no Cordofão. Isto me dizia querer fazer o veneradíssimo mons. Salzano, mas ainda não me comunicou tê-lo levado a cabo. E agora a informação sobre os dois.

5776

Ambos os clérigos, isto é, Carmelo Loreto e Vicente Marzano, de Nápoles, foram admitidos para a África Central em Roma, em 1874, pelo P.^e Estanislau Carcereri, dos camilianos. Este levou-os consigo para o Vicariato, embora eles não tivessem ainda realizado os estudos teológicos, pelo que me vi obrigado a utilizar durante três anos e meio dois dos meus melhores missionários para lhes ensinarem as matérias teológicas.

5777

Nem o P.^e Carcereri, nem os dois clérigos, nem ninguém me informaram nunca de que estes dois napolitanos eram já dominicanos professos e que tinham sido expulsos dessa santa ordem pelo rev.mo P.^e M. José Sanvito, então provincial e hoje vigário-geral dos Dominicanos. Só em 1877 soube em Roma do próprio rev.mo P.^e Sanvito que tinham sido dominicanos. Mas então eu pensei que só tinham sido noviços dessa ordem, enquanto ultimamente me foi assegurado que fizeram a sua profissão e que tinham sido expulsos pelo dito rev.mo padre.

5778

Durante mais de dois anos recebi excelentes informações dos superiores sobre a sua conduta; mas sempre me mostrei contrário a promovê-los até às ordens menores, porque o rev.mo P.^e Sanvito, amavelmente, me tinha aconselhado a proceder com cuidado e a que não me apressasse a impor-lhes as mãos e sempre me neguei a ligar aos superiores de Cartum e do Cordofão, que me suplicavam em favor da sua ordenação. A minha negativa devia-se também ao facto de que P.^e Luís Bonomi, o meu actual representante em Cartum, me tinha escrito (tinha sido seu mestre de dogmática) a dizer-me que eram hipócritas, falsos, egoístas e demasiado pouco inclinados à abnegação e mortificação que são necessárias na África.

5779

Depois do meu regresso a Cartum em Abril do ano passado, venceram-me as súplicas dos quatro superiores e as lágrimas dos postulantes, bem como o conselho do meu saudoso administrador-geral, P.^e António Squaranti, em parte também porque eu tinha necessidade de bons operários evangélicos que soubessem a língua. Por isso ordenei-os sacerdotes e destinei P.^e Marzano ao Cordofão, retendo comigo em Cartum P.^e Loreto, a quem conheci a fundo nos onze meses em que ficou debaixo do meu olhar. De modo que o juízo que lhe dou do sac. Loreto é bem ponderado e certo.

O resto da informação enviá-la-ei amanhã, porque vai já sair o correio e não tenho força para escrever. Seu devot.mo filho

† Daniel Comboni

5780

Já tempos atrás, quando a carestia fazia tremendos estragos e se aproximava a tremenda epidemia que V. Em.^a Rev.ma conhece, não sei se por temor ou por outro motivo, que penso inútil assinalar, apercebi-me de que se tinha formado uma capelinha secreta, quase diria uma *camorra*, entre os sacerdotes e leigos napolitanos, membros da missão, os quais combinaram abandonar o Vicariato e regressar à Europa e até ganharam para o seu grupo um hábil artesão das Marcas, que era bom e estava contente de se encontrar na missão. Bem cedo partiu o cabecilha, ao qual, chegado a sua casa, eu despedi para sempre, ainda que me suplicasse arrependido que queria voltar em seguida; após este, outros da *camorra* se foram embora, que foram incitados a abandonar a missão sobretudo por P.^e Carmelo Loreto, como alguns deles me confessaram em Cartum e ultimamente em Roma.

5781

Eu, que desde há quatro meses tinha descoberto as secretas intenções destes napolitanos, observava com cem olhos Loreto e Marzano, entre os quais havia uma intensa e clandestina correspondência; eu esperava que ambos, ainda que sãos, me viriam com qualquer pretexto para também eles regressarem à Europa, segundo o plano preestabelecido.

5782

E eis que entre as cartas que, por divina disposição, vieram cair nas minhas mãos (numa das quais Marzano diz a Loreto que *é preciso fingir, que ele cometerá desatinos, e grandes, que ameaçará e que depois de ter cometido esses grandes desatinos poderá, com toda a consciência, excluir com Job: "In his omnibus non peccavi"!!!*. Esta carta autografada tenho-a em Verona e estou disposto a mostrá-la), entre elas – dizia –, encontra-se aquela que, como disse mais acima, enviei para Nápoles, a mons. Salzano. Nela Marzano escreve do Cordofão a Loreto, que estava em Cartum, falando-lhe da necessidade *de fazer o joguinho de falsidade e de me suplicar que o autorizasse por quatro [...]a ausentar-se da missão para ir a Nápoles* e assegurava que ele *não tardaria muito em segui-lo*.

5783

Como esperava, P.^e Carmelo Loreto fez com que me fosse pedida licença para poder ir a Nápoles ver o seu velho pai e até, por três vezes, ele próprio me escreveu sobre esse assunto. Eu, que já estava maldispuesto, e que sabia ser ele o mais saudável de todos, respondi-lhe com *um não*, dizendo-lhe que esperasse até depois das chuvas. Mas ele tanto fez, tanto ameaçou, que, por fim, o meu benigníssimo vigário P.^e Luís Bonomi, julgando sabiamente que era melhor que ele se fosse para casa, lhe deu a autorização e o dinheiro necessário e Loreto regressou a Nápoles.

5784

O ex.mo mons. Salzano, que tanto bem tinha feito a estes dois, e que me tinha escrito sempre exortando-me a ser um pai para eles e, agradecendo-me por os ter ordenado, teve um grande desgosto quando soube que Loreto, contra os seus conselhos, tinha regressado a Nápoles. E, depois de aprovar verbalmente a minha conduta, e de me dar razão quanto ao facto de o ter despedido da missão para sempre, quando no passado dia 6 de Julho fui a Nápoles levar ao barco a minha pequena expedição, ele disse-me que tinha intenção de fazer com que o arcebispo de Nápoles suspendesse Loreto, a fim de que Marzano, que está no Cordofão, vendo que o seu companheiro *tinha sido suspenso* em Nápoles, não pensasse seguir o seu exemplo, regressando também ele.

5785

Eu aprovei esse projecto e até agradei a mons. Salzano, porque P.^e Vicente Marzano, também na opinião do seu superior do Cordofão, possivelmente irá singrar bem estando longe do seu companheiro Loreto e da *camorra*, que agora já não existe; e talvez (sendo eu nisto secundado por seu pai) fará bom uso dos talentos que Deus lhe deu e das qualidades de que é dotado). Mas tem enormes defeitos e veremos se conseguiremos corrigi-los.

5786

Mons. Salzano já não me escreveu nada depois, mas, pela carta de V. Em.^a, deduzo que pôs em execução o seu sábio plano, que eu aprovo:

- 1) porque P.^e Carmelo Loreto fez muitos danos ao Vicariato e merece a suspensão *a divinis*, ao menos por um ano; e se eu fosse o ordinário de Nápoles obrigaria P.^e Carmelo a voltar a fazer os estudos teológicos e pô-lo-ia durante uns anos sob a disciplina do seminário para se tornar um padre de, pelo menos, duas velas;
- 2) porque com esta medida talvez se salve o seu companheiro P.^e Marzano, que poderia ser útil à África.

5787

Esta é a minha humilde opinião. Não obstante, sujeito tudo ao venerado juízo de V. Em.^a rev.ma, a quem declaro que da minha parte *o dispenso do juramento de servir a missão*; assim que se pode aproveitar do benfeitor que lhe constituiu o sagrado património. Eu fico contente de não ter nada mais a ver com esse sujeito, a quem, contudo, desejo de coração boa sorte e todas as bênçãos divinas.

5788

Quanto ao resto, tenho consoladoras notícias do Vicariato, onde reina um paz invejável; e, embora haja lá muito trabalho, todos os missionários e Irmãos veroneses se encontram com saúde. Espero que o Coração de Jesus, depois de termos sofrido tanto, nos conceda grandes satisfações.

Confio que a minha cura *dos banhos arsenicais de Roncegno* me será benéfica e me dará forças para regressar rapidamente à África Central.

Dentro de uma semana voltarei a Verona, ao meu instituto.

Perdoe-me V. Em.^a por esta longa carta e abençoe quem se declara

Seu indigni.mo e devot.mo filho
† Daniel Comboni, Bispo e vig. Apostólico

N.º 862 (819) - A MONS. PEDRO CAPRETTI
BAM, sez. manoscritti, Z 320 sup.

J. M. J.

Roncegno (Trentino), 27 de Agosto de 1879

Dulcissime rerum, meu caro P.^e Pedro,

5789

Na volta do correio faça favor de me dar notícias sobre a saúde do santo anjo da diocese de Bréscia, porque ouvi dizer que estava mal e talvez assim continue.

Desfeito pelas febres em Roma, em Nápoles e até em Pejo, aonde fui com o bispo de Placência beber as águas, vim parar a Roncegno, após consulta médica muito séria, para tomar os banhos arsenicais.

Parece-me que aqui estou realmente a pôr termo à doença que contraí por causa dos enormes sofrimentos africanos.

Agora a salubridade na África Central é bastante boa, melhor que na Itália. Ainda prolongarei por algum tempo a minha estada em Roncegno: já que me encontro aqui e a cura vai bem, quero terminá-la como é devido.

5790

Foi-me expedida para aqui a sua estimadíssima de 17 do corrente. Fez uma exacta descrição do candidato Sebastião Alberto, de Saxónia. Ah, dá gosto tratar consigo tais assuntos, porque tem consciência, rectidão e conhecimento do espírito humano.

Por isso eu, evidentemente, aceito no meu instituto o seu proposto Sebastião e pode mandá-lo para Verona até já agora, dirigindo-o ao M. R. P.^e Mainardi, regente do meu instituto africano.

5791

Recorde, não obstante, que espero me envie muitos outros saídos do seu colégio. Quando o senhor julgar que o candidato tem verdadeira vocação e o espírito adequado para as missões da África Central, mande-o logo, porque eu tenho plena confiança na sua inteligência e juízo. Entretanto rogarei sempre por si ao Coração de Jesus, a N.^a Sr.^a do Sagrado Coração e ao meu ecónomo Beppo, a quem ordenarei que mande dinheiro conforme o grande bem que faz.

5792

Muitas lembranças para os senhores bispos e para Carminati, e abençoos de coração, um a um, não só os 213 alunos que tinha no seu seminário quando da minha visita a Bréscia, mas também os que entraram depois.

No Coração de Jesus serei sempre

Seu af.mo amigo
† Daniel bispo e vigc. ap.

N.º 863 - A MONS. PEDRO CAPRETTI
BAM, sez. manoscritti, Z 320 sup.

Roncegno, 29 de Agosto de 1879

Breve bilhete.

N.º 864 (821) - AO CÓN. J. C. MITTERRUTZNER
ACR, A, C. 15/81

J. M. J.

Roncegno (Tirol), 29 de Agosto de 1879

Dulcissime rerum,

5793

Rogo-lhe que me envie notícias de si para aqui, para Roncegno, para onde distintos médicos tirolezes, reunidos numa séria consulta, me mandaram para matar os germes da minha doença do baço que as febres africanas me causaram, as quais se repetiram terrivelmente em Nápoles, Roma, Verona e até em Pejo, nas altas montanhas do *Valle di Sole*, aonde fui com o bispo de Placência. Acreditava eu que os meus males eram irremediáveis porque *gravibus laboribus et angustiis confectus fui*. Mas, chegado de Pejo a Rovereto mais morto que vivo e com uma febre de 116 pulsações por minuto, por iniciativa de mons. Strosio e do meu patrício o prof. Bertanza (que está aqui comigo e lhe envia cumprimentos) foi chamado o prof. Manfroni, que,

por sua vez, chamou o prof. Goldwin e prescreveram-me os banhos arsenicais de Roncegno, sem me garantirem de maneira nenhuma a cura. Por isso em Verona sequestraram-me ou detiveram-me a correspondência. Tomei já dezanove destes banhos e espero tomar mais onze. E pelo efeito produzido até agora, penso que me farão recuperar as forças de modo que possa enfrentar ainda durante vários anos (estou sempre disposto a morrer) o apostolado tão difícil e laborioso, como o da África Central, que tanto importa à Santa Sé. Trata-se de que *inter alias aerumnas*, ao longo de catorze meses, trabalhando dia e noite, não dormi nunca *nem uma hora cada vinte e quatro*. Recorde as suas fadigas quando partiu de Roma em 1870.

5794

Hoje cometi uma infracção; contra a ordem dos médicos, pus-me a escrever; mas já me sinto melhor. Penso ficar aqui até quarta-feira e, depois, irei a Verona e a Limone.

Dê-me notícias suas. Em Cartum (e em todas as estações do Vicariato) fez-se um grande funeral com missa cantada, que contou com a presença dos cônsules e de Hansal, pelo eterno descanso do santo e saudoso *Vicente*, anjo de Bressanone, segundo carta de P.^e Bonomi, meu vigário, recebida esta manhã.

Vale et fave.

Tuissimus in Corde Iesu
† Daniel ep.pus et vic. apost.

N.º 865 (822) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP Udienze, v. 193, P. II, f. 1676

Roma, 16 de Setembro de 1879

Petição de faculdade.

N.º 866 (823) - A LEÃO XIII
ASCCS, Q, Johannes N. Tschiderer, 21

Roma, 19 de Setembro de 1879

Beatíssimo Padre,

5795

Ainda que em todas as épocas Deus misericordioso se compraza em revelar-se nos seus santos, isso experimentamo-lo especialmente quando correm para a Igreja tempos muito tristes. E, embora seja certo que os inimigos da Igreja sempre e em todos os séculos se esforçaram encarniçadamente por erradicá-la por completo ou pô-la no maior perigo, sem dúvida, neste período em que vivemos, eles maquinam em fazê-lo tão ameaçadoramente e com tal ímpeto, que apenas pode ser salva por meio de muitas orações e muita reflexão. Contudo, o braço de Deus não fraqueja, o qual, como brevemente dissemos mais acima, sustentou, engalanou, fortaleceu a Sua esposa, por sua misericórdia, até aos nossos dias, com homens adornados de toda a santidade.

5796

Entre estes, sem dúvida, podemos contar uma esplêndida pérola do sagrado episcopado, João Nepomuceno Tschiderer, que, logo que saiu da adolescência, inflamado do amor de Deus e do desejo de salvar as almas, para atender mais perfeitamente a essa salvação, decidiu consagrar-se ao serviço sacerdotal. Assim, terminados os estudos filosóficos no ginásio do seu lugar de nascimento e os teológicos no *Athenaeo Oenipontano* e sempre com grande proveito, foi ordenado sacerdote. Desde o início do seu ministério alcançou a perfeição cristã com tal empenho que causou admiração e a todos serviu de exemplo.

5797

Por isso, com a maior alegria e com proveito espiritual e material, os alunos do seminário de Trento o tiveram como mestre da sagrada teologia; as paróquias de Sanir e de Merano como pastor; os cônegos da igreja catedral de Bressanone como colega e os fiéis da diocese de Bressanone como vigário-geral. No desempenho de todos estes cargos conduziu ao seguimento do Divino Pastor os alunos, os companheiros e os fiéis mediante o exemplo das suas virtudes, sobretudo da sua heróica caridade e, em toda a parte, recolheu abundantíssimos frutos.

5798

O Sumo Pontífice Gregório XVI, recordando felizmente tais coisas e dado que a Igreja de Trento tinha perdido em 1834 o seu pastor, pensou que João Nepomuceno era merecedor de tal dignidade e pô-lo à frente dessa Igreja. Ocupando tão alto cargo, não só não se afastou do teor de vida levado até então, mas até se entregou completamente e com amor ainda mais ardente ao exercício das virtudes cristãs, até ao ponto de ganhar com a sua discrição os próprios inimigos da religião. Todos viram que ele não se abatia nas adversidades nem se exaltava na prosperidade, mas era devoto, prudente, sóbrio, casto. Disposto sempre a fazer tudo por todos, procurava os meios e os conselhos para ajudar os desditosos. E quando se tratava da salvação das almas, ardia de caridade mais do que se pode dizer ou pensar.

5799

Nada havia para ele mais religioso que ir várias vezes ao dia venerar ou suplicar a Jesus suspenso na cruz ou escondido por trás do véu sacramental. Além disso, estava possuído de tanto amor pela Mãe de Deus, que a Virgem, intensamente suplicada, lhe apareceu com frequência e o cumulou placidamente de muitas graças.

5800

João Nepomuceno, em suma, amado por Deus e pelos homens, cheio de glória, percorreu como um gigante os caminhos do Senhor até que, completada a sua caminhada mortal, viu e concluiu o último dia da sua santíssima vida com uma morte digna dela, aos 9 de Dezembro de 1860. Todos os que o conheceram estão convencidos que se encontra entre os habitantes do Céu e proclamam-no santo.

5801

Assim pois, aos votos dos demais junto as minhas humildes súplicas e rogos pela introdução da causa de beatificação do Servo de Deus João Nepomuceno, príncipe bispo de Trento, da Congregação do Santíssimo Redentor, e imploro-vos, beatíssimo padre, que tenhais por bem atender tantas súplicas. A pugnar pela sua causa move-me não só quanto se diz que aconteceu antes e depois da sua morte e quanto ouvi acerca da sua santidade mas também o que eu mesmo pude ver, estimar e admirar da sua incrível caridade para com os pobres.

5802

Além disso, tive a subida honra de receber desse santo bispo o sacramento da confirmação em 1839 e as sagradas ordens do subdiaconado, diaconado e presbiterado no mês de Dezembro de 1854, o que sempre com agradecimento tenho lembrado e lembrarei.

Exposto isto, rogo-vos com toda a humildade que benevolmente deis a vossa bênção apostólica a mim e aos colégios ou institutos das missões para os negros, que fundei em Verona, no Egípto e em todo o Vicariato Apostólico da África Central a mim confiado pela Santa Sé.

De Vossa Santidade

Hum.mo, obrig.mo, devot.mo servo e filho
† Daniel Comboni
Vigário Apostólico da África Central

Original latino

Tradução do italiano

N.º 867 (824) - AO CARD. LUÍS DE CANOSSA
ACR, A, c. 14/100

Louv. J. e M. para sempre. Amen

Roma, 21 de Setembro de 1879

Em.º e Rev.mo Príncipe,

5803

Mal chegado a Roma, pus todo o empenho em averiguar em que ponto se encontra a causa da venerável marquesa, bem como o assunto dos ofícios dos bispos veroneses.

Quanto ao assunto dos cónegos, o card. Bartolini está fora há dois meses, em Genzano. Também mons. Caprara está ausente, encontrando-se em Alvéria. Porém, eu escrevi em pormenor ao Em.º Bartolini, reco-

mendando-lhe tudo segundo as instruções de V. Em.^a Rev.ma; e estou certo de que o fará. A resposta sobre o tema dos cónegos depende toda dele.

5804

A respeito da causa, encontramos-nos no ponto em que estavam as coisas sete meses atrás. O advogado Morani terminou há sete meses o seu trabalho e apresentou-o ao vice-promotor da Fé, mons. Caprara (mons. Salvati, o promotor, é como se não existisse, e o pobre de mons. Caprara – isto fique entre nós – tem que fazer tudo), o qual, tendo já mais de cinquenta causas a que atender, e tendo que estudá-las muito, não pode satisfazer logo a todos. Eu sei *em segredo, e em segredo* o comunico a V. Em.^a rev.ma, que mons. Caprara prometeu que, depois de terem chegado ao fim os *interrogatórios* sobre os mártires ingleses e sobre uma venerável dominicana, se ocupará da marquesa (postergando outras causas de que trata desde há tempo), isto é, dos *interrogatórios sobre as virtudes e milagres em especial* para o processo apostólico, agindo nisso – diz – rapidamente; depois passá-los-á logo ao chanceler, o *advogado Franceschetti*, para a redacção das cartas dimissórias que há que mandar a V. Em.^a Rev.ma como delegado apostólico. Tudo isto poderá ser feito dentro de Novembro; mas não creio que antes, pois, em Outubro, a actividade em Roma é pouca.

5805

Quanto ao ofício dos bispos, o P.^e Tongiorgi concluiu a sua parte há um ano e agora a posição está nas mãos do P.^e Calenzio (a quem verei esta tarde), sacerdote do Oratório, que vive na residência paroquial de St.^a Maria in Transtevere, e que prometeu terminar quanto antes a sua tarefa. Por seu lado, o P.^e Tongiorgi prometeu também fazer forte pressão sobre o P.^e Calenzio para despachar o assunto.

5806

Tanto o P.^e Tongiorgi como o P.^e Calenzio vão votar muito em favor dos santos bispos veroneses.

Diga-se o mesmo quanto ao ofício de S. Zeno. Só haverá alguma mudança, também por ordem e recomendação do Em.^o Bartolini, sobre a segunda leitura de S. Zeno.

5807

Finalmente, o advogado Morani, que também o é da causa da beatificação e canonização do falecido príncipe bispo de Trento, João Nepomuceno Tschiderer, antecessor de mons. Riccabona (d. s. m.), suplica a V. Em.^a que dirija ao Santo Padre uma carta postulatória com este fim. O postulador é o rev.mo P.^e Rizzoli, geral do Prec. Sangue. Eu, que fui ordenado subdiácono, diácono e presbítero por Tschiderer, escrevi a minha.

Amanhã, depois do consistório público, saio para Corneto, Pisa, Génova e Turim, para estar dentro de uns dias em Verona. Recomendo-lhe os padres estigmatinos. Beija-lhe a sagrada púrpura

Seu hum.mo, dev. obed. filho
† Daniel bispo e vig. ap.

N.^o 868 (825) - AO P.^e BOETMAN, S. J.
ASAT, Bélgica

J. M. J.

Verona, Colégio Africano, 4 de Outubro de 1879

Muito venerável padre,

5808

Estou muito agradecido à sua extrema bondade pelo bem que fez à minha humilde pessoa e à minha obra de mil maneiras, e sobretudo por me ter dado três bons membros da sua escola apostólica (da qual é também o meu caro amigo o rev.do P.^e La Foresta), ou seja, Grieff, Géraud e o jovem Geniêsse que – o que espero no Sagrado Coração – se tornarão bons operários de Jesus Cristo.

5809

O senhor conhece bem, meu caro padre, a muito fadigosa, difícil e importante obra do apostolado da África Central: Jesus Cristo morreu também pelos pobres infiéis do centro da África; e nós, com a sua divina graça, conseguiremos ganhá-los para a Igreja. Mas, para isso, precisam-se obreiros apostólicos que com alegria estejam dispostos a sofrer tudo e a morrer por Jesus para conquistar almas. Oh, que felicidade sofrer e

padecer o martírio por Jesus! Na África Central temos todos os dias o meio para sofrer, tanto com as febres como com as penosas privações, para cumprir o nosso dever e salvar almas.

5810

E o senhor, meu caro padre, sabe que a graça de Jesus pôs no coração dos seus filhos um desejo ardente da cruz. Certamente, a cruz é dura para a nossa fraqueza; mas, por outro lado, ela constitui o caminho real para chegar a salvar almas. Quase sou levado a crer que Jesus mostrou mais sabedoria, por assim dizer, a construir a cruz que ao criar o Céu e a Terra. Ele podia ter arranjado um meio cómodo para alcançarmos o Céu; mas a sua sabedoria, o seu talento consideraram que era melhor construir a cruz para nos levar lá, e é através da cruz que os humildes apóstolos da África Central conseguirão salvar os cem milhões de habitantes que a habitam.

5811

Ora, dado que o senhor inculca tão bem no espírito dos seus alunos este espírito de sacrifício, de abnegação e da cruz, dirijo-me cheio de confiança à sua grande bondade para lhe rogar insistentemente que conceda à minha missão, tão difícil e laboriosa, o maior número que puder dos seus caros alunos, quer sejam sacerdotes ou estudantes de teologia, filosofia, etc. Quando o senhor julgar com a sua perspicácia e sabedoria que tal ou tal aluno é bom para o meu colégio de Verona ou para os meus institutos de aclimação do Cairo e para o meu Vicariato, sem esperar pelo meu juízo ou aprovação, ou a aprovação dos meus superiores de Verona, mande-o directamente para Verona depois de ter avisado alguns dias antes o reitor daquele instituto ou o sr. Grieff e eu ficar-lhe-ei infinitamente agradecido. O seu critério é para mim suficiente.

5812

Eu tinha previsto deslocar-me a Londres e de passagem fazer uma visita a Turnhout, mas as febres e as doenças que tive até agora impediram-mo. Trata-se de que, entre as cruces que ultimamente sofri na África Central, estive catorze meses sem dormir uma única hora das vinte e quatro do dia e da noite, e isto paga-se. Mas confio que no mês de Novembro poderei voltar para a África Central e, se fizer essa visita a Londres, irei visitá-lo à escola apostólica.

5813

No Cairo temos a sorte de estarem os padres jesuítas. Em Roma acabo de ver o padre geral Becks, a quem em Julho visitei em Fiesole. É um verdadeiro amigo: aos seus oitenta e seis anos tem o espírito e a cabeça de um santo à idade de trinta!

Reze e faça rezar, meu caro padre, por mim e pela África Central. Mando a minha mais sentida bênção para os seus caros alunos, enquanto no Sagrado Coração de Jesus me declaro

Seu devot.mo
† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário Apost. da África Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 869 (826) - A P.º PEDRO MILESI
APT, Brescia

Verona, 5 de Outubro de 1879

Meu caro reitor,

5814

Tendo em conta as complicações que tenho, seria para mim um *enorme prazer* que se fizesse a consagração *sábado* próximo, 11 do corrente, e se for possível o pontifical no dia seguinte, domingo, dia 12. E em tal sentido vou escrever imediatamente também a P.º João para que se prepare.

Quem o diria! Depois de tantos meses que estou na Europa, não ter podido ir à minha terra passar uns dias!

5815

É uma coisa dura ser superior! Mas para servir o Senhor é preciso carregar as correntes. No céu seremos mais livres.

Saúde da minha parte todos os meus parentes e P.^e Luís. Vamos ver se poderei vê-los todos em Limone numa circunstância tão extraordinária!
Adeus!

Seu af.mo
† Daniel bispo e vig. apostólico

N.º 870 (827) - A RÓMULO GESSI
? Asmara

Verona, 10 de Outubro de 1879

Bilhete de recomendação.

N.º 871 (828) - INSCRIÇÃO
PARA A IGREJA PAROQUIAL DE LIMONE
ACR, A, c. 18/26

Bilhete de recomendação.

N.º 872 (829) - A PELLEGRINO MATTEUCCI
G. Gibelli, «*Epistolario Africano*», Roma 1887, ff.61-62

Limone, 11 de Outubro de 1879

Dulcissime rerum,

5816

Desculpe o meu silêncio: as febres têm-me desfeito e em Verona estão mais de trezentas cartas sem resposta. O último ataque de febre veio-me esta noite.

Não duvide de que eu seria feliz se o senhor viesse como médico e visitasse comigo o Cordofão e Gebel Nuba. Com isto podeis certamente contar: relativamente ao resto dos vossos projectos, como o de Wadai, etc., poderia dar-vos óptimos conselhos; mas agora estou demasiado fraco. Se viésseis a Verona na próxima semana ou quinta-feira desta semana aqui em Limone poderíamos conversar. Para vir a Limone, basta que chegueis a Desenzano pelas 3 e cinquenta da tarde: à noite chegaríeis aqui a minha casa, em Limone.

5817

E se – supondo sempre que queira vir comigo – prefere ir a Verona na próxima semana, eu mando-lhe um bilhete postal para lhe indicar o dia da minha chegada. Isso seria o melhor, porque me encontraria com mais saúde. Aqui procuro restabelecer-me.

Em todo o caso, saiba que o considerarei sempre como meu eterno amigo

Seu af.mo
† Daniel Comboni

5818

Como me acho fraco, escreva por mim à Companhia Rubattino, para que me conceda o privilégio que dá a todos os viajantes italianos, de modo que se faça aos meus missionários, Irmãs e artesãos, tanto na terceira classe como na segunda, um desconto de 50% no preço da passagem (e do transporte das mercadorias) de Génova ou Livorno até Alexandria; desde Génova até Suakin, com transbordo no Suez, e desde o Suez até Suakin.

5819

Se concederem tal privilégio, rogue à companhia que avise logo o agente de Suez, porque dentro de dez dias haverá lá missionários e Irmãs (em número de sete ou oito), que partirão do Suez para Suakin e, no dia 24, espero, partirão sete de Génova para Alexandria ou o Suez.

Mande-me resposta rápida para Limone sul Garda.

N.º 873 (830) - AO CÓN. J. C. MITTERRUTZNER
ACR, A, C. 15/82

J. M. J

Limone, 17 de Outubro de 1879

Meu caríssimo amigo e insigne benfeitor,

5820

Chamado a Roma para falar com mons. Lavigerie, arceb. de Argel, acerca do Nyanza Vitória, etc., ainda sofri alguns ataques de febre. E tendo vindo já para Limone sul Garda, onde consagrei solenemente a igreja paroquial em que me baptizaram, tive mais duas grandes febres. Ou seja, também há febres na Itália, também na Itália se morre.

5821

Ao invés, na missão, desde a minha partida de Cartum em Março passado até hoje, todos têm gozado de boa saúde.

No sábado da próxima semana partirão do Cairo para Cartum, via Suakin, no mar Vermelho, quatro Irmãs, três missionários e um ou outro leigo. E na semana seguinte partirão de Verona para o Cairo duas Irmãs, um missionário e cinco excelentes irmãos leigos. Entretanto, no Cordofão celebrou-se o baptismo solene de 15 adultos e a colónia agrícola de Malbes, na mesma região, está a dar bons frutos. Os novos missionários irão para Gebel Nuba.

5822

Sim; o Coração de Jesus converterá a Nigricia e nós morreremos todos para conseguir que isso aconteça. Que coisa menor podemos oferecer a Jesus que a nossa vida, uma vez que Ele morreu por nós? O sangue derramado por Jesus é a nossa glória e conforto.

5823

Estou um pouco apreensivo com Viena (Steiner): eu escrevi pouco, mas ele nunca escreveu. Muitíssimo obrigado pela suas ofertas. Deus esteja sempre consigo (a quem certamente visitarei antes de partir para a África). Estou a arranjar bem as coisas de Verona, muito mal conduzidas por P.^e Paulo Rossi, que se foi embora e agora é coadjutor do pároco de Cadidavid. Reze sempre pelo

Seu af.mo e eterno amigo
† Daniel bispo e v. a.

As minhas saudações aos seus santos irmãos Rocchettini e aos meus conhecidos, etc., etc.

N.º 874 (831) - A P.^e PEDRO GRANA
ACR, A, c. 15/49

Limone, 20 de Outubro de 1879

Breve bilhete.

N.º 875 (832) - A PELLEGRINO MATTEUCCI
G. Gibelli, «Epistolario Africano», Roma 1877, f.62

Verona, 28 de Novembro de 1879

Breve bilhete.

N.º 876 (833) - FÓRMULA DE JURAMENTO

PARA OS IRMÃOS LEIGOS
ACR, A, c. 25/34

Verona, 2 de Novembro de 1879

Juramento dos irmãos leigos

5824

Eu (nome e apelido), por própria e livre vontade, obrigo-me sob juramento perante Deus a servir perpetuamente a missão da África Central, sujeito à obediência do rev.mo bispo e vigário apostólico *pro tempore* e dos legítimos superiores imediatos, e prometo mediante juramento servi-la de modo perpétuo naqueles lugares e postos a que, por obediência, for destinado, sem nunca recuar neste propósito, nem sequer diante da morte e abandonando-me por completo nos braços da Providência sob a direcção e as ordens dos superiores.

Em fé do que me subscrevo.

Verona, no Instituto das Missões para a Nigéria.

Seguem as assinaturas dos Irmãos:

Composta Ângelo; Mariani Gabriel; Marconi Pedro;

Cuati Lourenço; Beber José.

N.B. Escrito por Comboni

N.º 877 (834) - A CONSTÂNCIA CALDARA
APMR, VI, c. 5/1911

Verona, Insto. Africano, 7 de Novembro de 1879

Bilhete de admissão entre as PPMN.

N.º 878 (835) - A MGR. ESTANISLAU LAVERRIERE
«Les Missions Catholiques» 547 (1879), p. 573

Verona, 20 de Novembro de 1879

5825

Há quinze dias recebi do cav. Hansal, cônsul da Áustria e agente consular da França, Inglaterra e Alemanha em Cartum, uma carta de que transcrevo o seguinte: «S. E. Emin Bei, governador do Nilo Branco e do equador, encarrega-me de lhe comunicar que os missionários franceses da Argélia, a quem o senhor recomendou, há duas semanas que estão em Rubaga, lugar de residência do rei Mutesa.»

5826

Considera que esses missionários não poderão permanecer lá muito tempo; a esse déspota não agradam os estrangeiros. Os missionários ingleses da *Church Missionary Society* tiveram que abandonar o reino de Mutesa e o governador estava há vinte dias a esperá-los em Ladó, lugar situado a três horas a norte da antiga estação de Gondokoro, no Nilo Branco.

5827

Seria uma circunstância providencial que os ministros ingleses já não estejam em Rubaga, assim os nossos caros irmãos missionários de Argel poderão estabelecer-se aí mais facilmente. Rezemos por isso.

† Daniel Comboni

Original francês

Tradução do italiano

N.º 879 (836) - AO P.º ARNOLDO JANSSEN
AVR C. P. 5080

Dulcissime rerum,

5828

Como estava muito fatigado por causa das tribulações e calamidades da África Central, onde o ano passado durante catorze meses jamais dormi *uma hora* inteira, mas menos, das vinte e quatro horas do dia e da noite e me encontrava doente, etc., etc., vim à Europa e prostrei-me aos pés de S. S. Leão XIII, o qual me proporcionou um grande conforto, etc. Porém, desde aquele dia, sou há três meses atormentado pela febre. Agora estou melhor e, depois de pôr em ordem o meu instituto de Verona (não era um bom administrador P.^e Paulo Rossi, que já não pertence ao meu instituto: voltou para sua casa e agora é coadjutor na sua paróquia de Cadidavid, da diocese de Verona), regressarei à África Central.

Nós sofremos muito; mas, por graça de Deus, o nosso apostolado salvou um número bastante grande de pagãos. Além disso, tornados assim participantes da paixão de Jesus Cristo, ardemos num desejo cada vez maior de sacrificar a nossa vida por Cristo e pelos negros.

5829

Nos meses de Julho e Agosto as febres tinham-me destroçado e pensava já iminente a minha hora. Estava muito angustiado e envergonhado de morrer na Europa, porque o soldado deve morrer no campo de batalha, lutando. Agora, ao invés, estou contente porque espero recuperar uma saúde suficiente para tornar possível, em breve, o meu regresso à África Central.

No Dia dos Fiéis Defuntos partiram destes Institutos veroneses catorze operários apostólicos, a saber: cinco Irmãs e nove missionários entre sacerdotes e artesãos. Além disso, dos nossos institutos do Cairo partirá para Cartum, zarpando de Suez e seguindo a rota do mar Vermelho, um grupo de oito missionários, entre sacerdotes e irmãos.

5830

Mas o meu Vicariato é imenso e ardo no vivíssimo desejo de que o senhor, meu caro amigo, me envie sacerdotes para a missão da África Central, bem como estudantes de teologia nos quais tenha comprovado a vocação para as missões e aos quais eu mesmo conferirei as ordens maiores *titulo missionis* (embora tenham que estudar o árabe no Egipto, porque é para nós tão necessário como a teologia) e irmãos artesãos. Se me conceder os que tem preparados, eu recebê-los-ei a todos de muito boa vontade.

5831

Na África Central os irmãos artesãos bem preparados contribuem mais para o nosso apostolado que os sacerdotes para a conversão, porque os alunos negros e os neófitos (a maior parte dos quais, seja para aprender o ofício seja para trabalhar, há-de permanecer um espaço de tempo bastante longo com os «mestres» e os «especialistas», que com as palavras e o exemplo são verdadeiros apóstolos para os seus alunos) estão com os irmãos leigos e observam-nos e escutam-nos mais do que podem observar e escutar os sacerdotes.

5832

Portanto, caro amigo, mande-me um bom número de sacerdotes, de clérigos já provados e de irmãos leigos que, segundo o seu prudente critério, estejam já preparados. Eu acolhê-los-ei a todos, tanto nos meus institutos do Cairo como na missão em território nuba, onde o clima é bastante bom. Admiti-los-ei imediatamente, e o senhor deve dar-mos a mim e não mandá-los para os lados do Sinai, onde há muitas ordens religiosas, muito ao contrário do que sucede na África Central. Espero uma resposta *esta mesma semana*. Quanto ao resto, eu ocupar-me-ei de tudo.

5833

Se me entregar um bom número deles, verei se é oportuno mandá-los para o Egipto a partir de Génova, de Trieste ou de Nápoles. Se a partir de Nápoles, apresentá-los-ei ao Sumo Pontífice Leão XIII, como fiz em Julho passado, altura em que apresentei ao Papa cinco Irmãs, três missionários sacerdotes e dois leigos. Responda-me.

5834

Quanto às Irmãs, dê-me *notícias claras* e precisas, porque não soube nada delas desde que estive consigo.

Não ignora que fundei em Verona o instituto das Pias Madres da Nigrícia, que vai prosperando. Quinze Irmãs desse instituto já trabalham com grande zelo na África Central.

O senhor fale-me das suas e diga-me qual é a regra, porque também há lugar para elas na África. Se preferirem entrar no instituto das Pias Madres da Nigrícia (uma vez que as tenha submetido a prova), tanto melhor. Mas, quanto a isso, o senhor verá.

5835

Volto a pedir-lhe que me escreva rapidamente.

Com todo o afecto do coração dou-lhe a minha bênção a si e aos sacerdotes, aos clérigos, aos estudantes, aos noviços e aos postulantes. Abençoo também os irmãos leigos do seu instituto, bem como as pias Irmãs, a sua e a casa delas. E faço votos para que o senhor veja cumpridos os seus santos desejos e goze de boa saúde, a fim de que possa educar nos dulcíssimos Corações de Jesus e de Maria numerosos apóstolos para a salvação de todo o mundo e particularmente da infeliz Nigéria.

Vale et fave.

Seu af.mo † Daniel Comboni
Bispo e vigário apostólico

5836

Mando-lhe três fotografias. São das três superiores da África Central, pertencentes ao instituto veronês das Pias Madres da Nigéria.

Se tem vocações, envie-mas. Ontem recebi uma rapariga francesa como postulante. Passe bem.

Original latino

Tradução do italiano

N.B. Esta carta é precedida de uma em alemão, escrita por outra mão e sem assinatura no fim, da qual damos a tradução (aqui da versão italiano):

Meu muito estimado amigo,

5837

Passou a tormenta, as águas acalmaram-se e de novo brilha no céu e estrela da esperança; por isso, as palavras de condolência chegadas de Steyl são-me muito mais gratas, ao dispor de calma para me deleitar nelas.

Porém, agora trata-se de colmatar lacunas e substituir os valentes que caíram, para poder assim continuar em África a batalha empreendida contra o senhor das trevas. Segui sempre com interesse o desenvolvimento da sua obra, porque nunca me abandonou a doce esperança de que ela pudesse converter-se um dia numa verdadeira bênção para a infeliz África Central. Desde que partiram os primeiros missionários para a China, tive o desejo de me dirigir a si para lhe pedir que não se esquecesse da nossa missão.

5838

Vendo que o senhor pode contar com um número bastante considerável de alunos, quereria realizar agora o que então deixei para mais adiante, ou seja, rogar-lhe que tenha por bem ceder-me o maior número que puder dos seus valorosos filhos.

Estou disposto a aceitar imediatamente sacerdotes, mestres e operários. Eu mandá-los-ia, sempre com prévio exame, para o Cairo por algum tempo ou até directamente para Gebel Nuba para trabalharem com todas as suas forças na expansão da fé.

Esperando com ânsia ver cumprido o meu desejo e, na espera das suas amáveis cartas, sou de coração seu devoto amigo.

N.º 880 (837) AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 976-978

Verona, Instituto Africano
21 de Novembro de 1879

Em.º e Rev.mo Príncipe,

5839

Quando em Maio último passei por *Gidá* (porto da Arábia que dista oito horas de Meca), o agente consular ou encarregado do consulado francês, o sr. *Alexandre Luciana*, homem piedoso e justo, suplicou-me que tratasse em Roma a maneira de ter um missionário estável em *Gidá*, para a sua família e para os pouquíssimos católicos que frequentam esse porto.

5840

Depois de ter ouvido o ex.mo mons. Ciurcia, vigário e delegado apostólico do Egipto, e depois de ter considerado com ele que *Gidá* pertence à jurisdição do prefeito apostólico de Áden e que não é de esperar que essa prefeitura dê um missionário a Gidá, até porque está totalmente fora das vias de comunicação, cheguei à decisão de submeter humildemente o meu parecer a Vossa Eminência sobre a medida prática que se podia tomar em favor dessa abandonada localidade, com o mínimo gasto e com a mais provável segurança de serviço.

5841

A minha ideia seria que um missionário de Suez (ou melhor um sacerdote do seminário das Missões Africanas de Lião estabelecido em Zagazig, no Egipto) fosse duas vezes por ano do Suez a Gidá, servindo-se do Lloyd austro-húngaro, que faz o percurso Suez-Gidá para os peregrinos que vão a Meca. Bastaria que a Sagrada Congregação escrevesse para Trieste solicitando que o agente do Lloyd no Suez concedesse *grátis* a passagem de ida e volta ao missionário ou missionários que fossem a Gidá.

5842

No caso de tal medida ser do seu agrado, V. Em.^a rev.ma poderia delegar no vigário apostólico do Egipto o que diz respeito à concessão das faculdades necessárias ao missionário.

Por outro lado, esta medida seria tanto mais oportuna quanto é certo que hoje regressou a Gidá o vice-cônsul francês titular, homem que, como o sr. Luciana, o intérprete titular, é um homem de piedade e religião.

Beijo-lhe a sagrada púrpura, declarando-me com a mais profunda veneração

De V. Em.^a Rev.ma obed.mo respeit.mo filho
† Daniel Comboni bispo e vig. ap.

5843

P. S. Desde a minha saída de Roma, quase não tem havido uma semana em que me não tenha vindo a febre. Mas espero que me passará por completo e poderei resolver todos os meus assuntos para regressar ao meu posto.

Escrevi-lhe da África a dizer que tinha recomendado encarecidamente os missionários de Argel à solicitude do meu amigo S. E. Emin Bei, governador do Nilo Branco e do equador. Faz agora quinze dias, recebi de Cartum um despacho do I. R. cônsul austro-húngaro, o cav. Hansal. Diz assim:

5844

«O doutor Emin Bei rogou-me notificasse Vossa Senhoria (sic) de que os missionários franceses chegaram a Rubaga, lugar de residência do rei Mutesa. Parece que esse déspota não acolhe bem os missionários, porque os ingleses estabelecidos aí se retiraram já; ao menos Emin Bei esperava-os o mês de Julho em Ladó, perto de Gondokoro (onde eu estive há 21 anos).»

Talvez o facto da saída dos anglicanos da *Church Missionary Society* dos domínios do rei Mutesa venha facilitar a tarefa aos bons missionários de Argel, porque os nossos estão com a graça de Deus e guiados por Ele, que quer a salvação desses povos. O que me fez pensar bastante foi o que disse mons. Lavigerie, arceb. de Argel: que a sua expedição ao *Nyanza Vitória* lhe tinha custado 600 000 (seiscentos mil) francos!!! Poderão os sucessores do veneradíssimo mons. Lavigerie manter *gastos tão avultados?*... Eu desejo-o, mas duvido...

5845

A oito do corrente partiram dos institutos de Verona catorze pessoas para o Egipto, entre elas cinco Irmãs do meu instituto das Pias Madres da Nigrícia. Essa expedição chegou felizmente ao Cairo.

O meu instituto de missionários e o das Pias Madres da Nigrícia estão a prosperar muito.

O meu antigo secretário, P.^e Paulo Rossi, voltou para sua casa e já não pertence ao meu instituto. Não goza sequer de boa saúde.

Seu hum.mo filho † Daniel bispo

N.º 881 (838) - A Mlle. ANA DE TANQUEREL DES PLANCHES
ACR, A, c. 15/73

J. M. J.

Verona, Instituto Africano
29 de Novembro de 1879

Minha estimada senhora,

5846

O meu antigo secretário, P.^e Paulo Rossi, já não pertence à minha obra, nem já tem nada a ver com a África da qual perdeu a vocação ou se assustou pela terrível carestia e mortandade do ano passado. Por isso, enviou-me do seu novo destino na zona rural, onde é coadjutor do pároco de uma aldeia, Cadidavid, a sua carta de 26 do corrente, na qual nos comunica a esmola que fez em N.^a Sr.^a das Vitórias, de 216 francos, do que lhe estou infinitamente agradecido.

5847

Como devo pagar uma conta no *Bon Marché, Rue de Bac 135 e 137*, à senhora Boucicaut e Filho, rogo-lhe que entregue essa importância à proprietária ou ao director dessa firma, pedindo o recibo.

5848

É possível que, de Paris, dê um salto a Londres, onde tenho um assunto para resolver, antes do meu regresso à África.

Alegro-me por Deus ter disposto deste modo as coisas: pelos vistos quer que eu passe quando a senhora de Villeneuve vai estar em Paris, como a senhora teve a bondade de me escrever. Espero assim poder vê-la a si e a todos os estimados amigos membros da família de Villeneuve, em especial a essa admirável mulher do Evangelho, exemplo de fé, de abnegação, etc., etc.

5849

P.^e Bauchard partiu de Suez no passado dia 22 para a África Central com um grupo de 15 pessoas dos meus institutos do Cairo.

Admiti em Verona uma devota rapariga a quem conheci bem em Paris; entra no meu instituto para a África Central. P.^e Paulo abandonou há cinco meses, mas os meus missionários e eu seremos perseverantes no nosso grito de guerra: «*Nigrícia ou morte!*»

5850

Dê-me novas de todos aqueles com os quais passei dias tão felizes em Prat-en-Raz. Estou contente de saber a sr.^a de Villeneuve e o sr. Augusto com a sua esposa voltarão a Paris no dia 1 de Novembro.

Dou-lhe a minha bênção e sou sempre

Seu devot.mo † Daniel Comboni
Bispo e vigário apost. da África Central

Rezaremos muito pela senhora Gaultier. Dê-me notícias da senhora Gaultier.

Original francês
Tradução do italiano

N.º 882 (839) - A CONSTÂNCIA CALDARA
APMR, VI, c. 5/1910

J. M. J.

Verona, Insto. das Pias Madres da Nigrícia
em St.^a Maria in Organo, Novembro de 1879

Minha muito estimada Constância,

5851

Hoje chegou às mãos desta superiora a sua carta de 18 do corrente e eu recebi a do dia 14. Eis a minha resposta:

A senhora está admitida definitivamente e desde agora mesmo pertence ao Instituto das Pias Madres da Nigrícia. Quanto ao momento de entrar, tem a porta aberta desde hoje e, quanto mais depressa vier, mais rapidamente fará prova e, assim, poderei dispor de si para a África mais cedo. Mas se precisa de uns tempos para regular os seus assuntos, tome-os calmamente e, quando tiver tudo arranjado, venha.

[*Seguem cinco linhas raspadas, das quais só se decifram estas palavras soltas, que não fazem sentido: aí – porque – me – muito, - como – arguí – carta*]

5852

A língua francesa é necessária para a África. Aqui, no instituto, há uma missionária natural de Damasco, professora de árabe, a quem trouxe propositadamente da Síria. Tem vinte e cinco anos, tendo estado seis comigo na África Central e já salvou muitas almas. Ela domina igualmente o francês. Porém, se a senhora tiver que estar alguns meses em Chiuduno, estude também com as Irmãs da Caridade.

Ordenei que lhe enviem alguns números dos nossos *Anais* italianos. Mando-lhe também informações sobre o enxoval, etc.

As cinco Irmãs que partiram terça-feira depois do Dia dos Defuntos, chegaram felizmente ao Cairo. Reze por elas.

Seu devot.mo † Daniel bispo e vig. ap.

N.º 883 (840) - A P.ª FRANCISCO BRICOLO
ACR, A, c. 14/35

J. M. J.

Verona, 2 de Dezembro de 1879

Dulcissime rerum,

5853

Faça-me o grande favor de redigir em bom italiano esta parte do relatório, para o que intercalei umas folhetas em branco para corrigir o que for necessário. O número 19, que, para além das relações contém este fragmento das informações ao Em.º Canossa, já ficou impresso assim; mas como o relatório sobre a fome e a carestia se imprime também à parte, desejo que o que for novamente impresso vá como deve ser. Assim pois, peço-lhe que se ocupe disso imediatamente e mo envie, corrigido, esta mesma semana.

5854

Já verá quão interessante é o presente número. Estou preocupado para encontrar um superior à altura da missão. Reze ao bom Jesus.

De boa vontade me teria deslocado a Lonigo para administrar o crisma, mas aquele bom arcipreste queria que me compromettesse a ir ao menos três semanas antes. Eu prometi-lhe que ia quinze dias antes, mas não se fez nada, apesar do desejo de muitos do clero. Depois soube que o príncipe Giovanelli tinha dito ao arcipreste: «Este não é tempo para crismas.»

E como o munificentíssimo príncipe tinha vestido noutras ocasiões muitos pobres confirmandos, o arcipreste, para não perder essa caridade, julgou prudente esperar: um bom motivo, pois. Muitas saudações ao sr. bispo e a todos os meus conhecidos e uma ampla e afectuosa bênção a todos os alunos do colégio, que espero ver dentro de não muito. Tive em Limone duas febres de cavalo (o senhor já me viu alquebrado em Riva) e outras duas em Verona. Agora estou melhor, mas apreensivo.

Vale et fave.

Seu af.mo amigo † Daniel
Bispo e vig. ap.

N.º 884 (841) - A ROSINA MARINI - GRIGOLINI
APMR, F/2/176

6 de Dezembro de 1879

Acusação de recibo.

N.º 885 (1171) - ASSINATURA NUMA ACTA NOTARIAL
ANDV, 1751-1348

Verona, 20 de Dezembro de 1879

N.º 886 (843) - AO P.^e BOETMAN, S. J.
ASAT, Bélgica

Verona, 22 de Dezembro de 1879

Breve bilhete.

N.º 887 (844) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 993-994

J. M. J.

Verona, Instituto Africano
23 de Dezembro de 1879

Em.º e Rev.mo Príncipe,

5855

Com o mais profundo respeito, veneração e afecto, desejo-lhe do fundo do coração as maiores felicidades espirituais e temporais nas festas de Natal que se aproximam e no novo ano. E suplico ardentemente ao divino Menino que cumule de bênçãos V. Em.^a rev.ma e o conserve por muitos anos para o bem da Igreja e das missões apostólicas do mundo, das quais é chefe e sapientíssimo coordenador supremo; e, sobretudo, que Deus o conserve para benefício das santas e importantíssimas missões da África e especialmente das da África Central e Equatorial, para as quais chegou o tempo marcado pela amorosa Providência divina.

5856

Enviei-lhe por intermédio de Mme. Cotti o número 19 dos meus *Anais do B. Pastor*. Nele aparece uma carta que me escreveu mons. Massaia, que, segundo as informações de jornais e também dos meus informadores particulares, está preso em Debre Tabor por ordem do rei João da Abissínia, porque esse déspota, que se diz rei, suspeita que o piedoso e santo mons. Massaia é partidário do excelente rei de Shoa, de quem mons. Massaia, pelo puro bem das gentes de Shoa, aceitou ser embaixador perante o rei dos reis. Em todo o caso, espero que, assim como o rei João pôs em liberdade *Gordon Paxá*, embaixador do Egipto, seu inimigo deixará livre também mons. Massaia, o veterano das missões africanas, que repetidamente experimentou os cárceres do rei da Abissínia por causa das instigações do bispo copta cismático e dos seus sacerdotes abissínios.

Imploro da exímia bondade de V. Em.^a que transmita a minha mais profunda homenagem e os meus melhores votos ao Santo Padre e que obtenha para mim, para os meus institutos de Verona e para o meu Vicariato a bênção apostólica.

Beija-lhe a sagrada púrpura

Seu obed.mo, devot.mo filho
† Daniel bispo e vig. ap.

N.º 888 (845) - A EUGÉNIO COMBONI
AFC, b. 22

J. M. J.

Verona, Instituto Africano
24 de Dezembro de 1879

Querido Eugénio,

5857

Festas Felizes e próspero Ano Novo para ti, para Teresa, tua mulher e minha dupla prima, para teu pai e mãe e para o nosso querido Beppino. E desejo-te, além disso, muitas bênçãos: primeiro espirituais, para o

grande negócio da salvação da alma; depois, os temporais: o da perfeita saúde e prosperidade material. E também *muitos milhões*, porque estou certo de que tu os saberias empregar muito bem, muito melhor que os grandes senhores de hoje em geral. Os mesmos votos manda para todos vós também o meu pai, que está aqui comigo.

5858

Encontro-me em Verona retido por muitos assuntos para resolver. Mas, mesmo que estivesse livre, como ir com este frio a Paris, Londres, Berlim e Viena? E depois, que fazer lá, onde aconteceram tantas desgraças, como saberás pelos jornais? Portanto irei quando puder. Terás recebido o n.º 19 dos meus *Anais*, que vos mandei a ti e ao teu pai.

5859

O meu pai e eu estamos aqui muito contentes (a melancolia é própria dos molengões) e falamos frequentemente do teu pai. E com razão! Graças a Deus, nunca deixei de ter muito em conta a caridade, e caridade é a vida do missionário. Mas de uma caridade, mesmo paterna, tão heróica como a de teu pai pelos seus filhos, certamente *não há exemplo no mundo*. Fazes bem em sentir e converter em obras um grande amor pelos teus velhotes. Nisso és um filho incomparável e tens razão em orgulhar-te de teu pai e de tua mãe, como fazes, com esse carinho que te leva a sentir-te feliz quando os vês contentes: louvo-te muito por isso. Estas são as alegrias mais santas e puras (para além da tua digna esposa); e nós o sabemos (tu e eu), que tomámos o pulso ao mundo e, graças a Deus, apreciamos as coisas pelo que valem. Mas o meu e o teu amor por teu pai e tua mãe estão muito *abaixo* do amor que teu pai tem por ti e pelos outros filhos. E sabes por que razão o digo? Abre a boca de admiração!...

5860

Depois da tua saída de Limone, o teu pai, com a franqueza que lhe ditava o amor sem par que sente por vós, disse-me algo tão sublime como isto: «Se, por suposição, um dos meus filhos fosse condenado ao Inferno para sempre pelos seus pecados, eu estaria disposto a ir para sempre para o Inferno em seu lugar; por qualquer deles! Isto é, para livrar um filho meu do Inferno, estaria contente de ir eu em vez dele, por toda a eternidade...»

5861

Depois, ontem, eu disse a meu pai: «E tu farias como o Eustáquio?» «Com mil raios! Eu ficaria muito assustado – respondeu-me... Eu faria assim: taparia os olhos com as duas mãos e depois diria a Deus: “Decidi Vós, Senhor”». Contei isto ao Eminentíssimo cardeal de Canossa e ficou impressionado. Eu reflecti sobre isso e não sei que dizer. Mas, sem dúvida, é uma sublime figura retórica para exprimir a grandeza do amor paterno: a minha mente não saberia encontrar uma imagem melhor.

5862

Saúda-me, pois, teu pai e tua mãe (de quem me orgulho de ser primo). Agradece-lhes cordialmente em meu nome o grande, generoso e cavalheiresco acolhimento que me dispensaram por tão longo tempo em Limone; e não só a mim, mas também aos numerosos senhores que tinha comigo, e aos que vieram e se sucederam por ocasião da solene consagração da nossa igreja paroquial de Limone. Diz-lhes que terei sempre no coração esse acto de generosidade e que não deixarei de rogar e fazer rogar ao Deus das misericórdias por eles e pelos seus filhos, pelos quais o teu pai iria para o Inferno. Mas faz-lhe saber que a Deus basta a sua boa disposição, e que, certamente, nunca se sentirá na necessidade de pedir para ir para o Inferno em vez dos seus filhos, porque faremos com que todos vão para o Céu; saúda-mos de coração.

5863

Virgínia (que é a Irmã de quem se fala no n.º 19 dos *Anais*, que te mandei, páginas 17, 18 e 19, a que se encontrou naquela noite sozinha em tanto perigo) disse à minha superiora: «A sra. Hermínia, a prima do monsenhor, é uma mulher sensata, uma verdadeira senhora.» No dia 10 de Novembro, Virgínia foi a Trieste receber a sua irmã, que está no meu instituto, e que já me pediu para se tornar católica.

Muitas saudações a Teresa, minha dupla prima, e um beijo a Beppino. E tu dá-me de quando em quando notícias tuas e da família; e quando não tiveres tempo, fá-lo por meio da tua mãe, a qual me serviu tantas vezes e tão bem com as suas cartas.

5864

Meu pai, Teresa e Virgínia (que manda especiais lembranças para Teresa e tua mãe, às quais queria escrever para desejar Festas Felizes e um bom Ano Novo) exprimem-vos a todos vós esses mesmos votos.

Recomendo-te que não te afadigues demasiado e que conserves a saúde. Recebe um abraço de todo o coração.

Teu afmo primo † Daniel bispo
e vigário da África Central

Virgínia agradece a Teresa por ter enviado de Milão os vestidos e manda-lhe uma foto sua. *Vale.*

N.º 889 (846) - A FAUSTINO COMBONI
ACR, A, c. 14/114

Verona, 24 de Dezembro de 1879

Breve bilhete.

N.º 890 (847) - AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/94

J. M. J

Verona, Insto. Africano
28 de Dezembro de 1879

Estimadíssimo padre,

5865

A sua cartinha de 26 do corrente, que acabo de receber, encheu-me de alegria. Ontem escrevi ao bom pároco de S. Jorge, rogando-lhe que me acompanhasse a Bassano para lhe fazer uma visita. Mas ontem à tarde mandou-me dizer que podia suspender essa viagem, porque o senhor viria a Verona um destes dias. Então pus de lado o meu projecto e agora espero impacientemente o momento em que o meu caro P.º Sembianti venha aqui.

5866

Não tenho palavras suficientes para agradecer a Jesus, Maria e José a tão grande graça concedida à infeliz Nigrícia ao escolher o seu admirável instituto para cooperar tão eficaz e poderosamente no apostolado da África Central e nunca poderei tão-pouco agradecer devidamente a extraordinária caridade do rev.mo P.º prepósito P.º Pedro Vignola, digno herdeiro do espírito bertoniano, que não é senão o espírito de Jesus Cristo, por me ter concedido a ajuda do senhor na árdua e laboriosa tarefa, que a Santa Sé me confiou, de converter à fé a África Central, a mais vasta, trabalhosa e importante missão do universo. Estou profundamente convencido de que a participação do seu santo instituto, que é, sem dúvida, um dos mais perfeitos e veneráveis da Igreja Católica, será fonte de grandes bênçãos para o apostolado da Nigrícia.

5867

A primeira casa do Vicariato Apostólico da África Central é o Instituto Africano de Verona, que, por vontade de Deus, o senhor escolheu para reger e guiar a fim de que cumpra a sua missão. Esteja certo, meu caro padre, de que Deus lhe concederá com abundância as graças necessárias para que possa realizar o seu trabalho neste instituto. O senhor não faz mais que a vontade de Deus e Deus pagar-lhe-á com imensas ajudas e conforto. Além disso, trata-se da pura glória de Deus e da salvação das almas mais necessitadas e abandonadas da Terra; e toda a nossa força é Jesus, Maria e José, que nunca nos defraudarão. O Menino Jesus nunca se faz velho; Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus é a dona do Coração de Jesus, e S. José, que nunca morre, é um cavalheiro de palavra.

5868

Fortes com o apoio destes três tesouros, não nos causarão nenhum temor nem o mundo, nem o Inferno. E, além do mais, contamos em Verona com o muito venerável P.º prepósito geral e com o Em.º card. bispo, que tem grande perspicácia para nos guiar. Em suma, não lhe faltarão os apoios e auxílios necessários para cumprir a importante missão que Deus mesmo lhe deu. E naturalmente eu, na minha pequenez, prestar-lhe-ei toda a ajuda para que possa levá-la a cabo.

Entretanto, agradeço-lhe de todo o coração a sua magnânima disposição para fazer tudo para glorificar Jesus nesta obra: Deus pagar-lhe-á como merece.

5869

A partir deste instante não deixarei nunca de rezar por si. Reze por mim e que o dulcíssimo Coração seja sempre o centro de comunicação entre si e mim, para que unidos tratemos o melhor possível os interesses da sua glória em prol da infeliz e querida Nigrícia.

Entoando o *veni, propera et noli tardare*, desejo-lhe um Ano Novo muito feliz e rogo-lhe que no dia 31 de Dezembro faça um *memento* por mim na santa missa, porque no dia de S. Silvestre completam-se 25 anos da minha ordenação sacerdotal, por meio do santo bispo De Tschiderer, em Trento. Nos Corações de Jesus e de Maria, serei sempre

Seu af.mo no Senhor † Daniel
Bispo e vig. apost.

N.º 891 (848) - A MGR. JOSEPH DE GIRARDIN
«*Annali Francescani*» (1881), pp. 700-701

1879

5870

«...A minha viagem do Cairo para Cartum com a numerosa caravana foi muito longa e penosa. Tendo morrido de fome a maior parte dos camelos, porque tinha chovido muito pouco, tornou-se-me muito difícil encontrar os que precisava para atravessar com a minha gente o grande deserto do Atmur. Por isso, vi-me obrigado a dividir a caravana em duas partes: uma para o transporte das pessoas através do Atmur e a outra para as provisões. Esta passou pelos desertos do reino de Dôngola e chegou a Cartum 125 dias depois da saída do Cairo. A primeira, que eu mesmo conduzia, chegou lá após 77 jornadas: viajámos 17 horas por dia, com uma temperatura de 58 graus, de modo que chegámos mais mortos que vivos.

5871

Encontrei a África Central deserta, por causa de uma terrível carestia há já sete meses e cuja extensão e estragos eram tremendos. Faltava o sal para temperar os alimentos, que é uma privação pior do que possa parecer. O trigo que custava 20 francos o *ardeb* (saco de 90 quilos), após alcançar o preço de 360 francos tinha-se esgotado por completo. Por algum tempo, foi ainda possível encontrar grão do país, mas o durra (milho negro), o *dokkon* (espécie de milho) e as outras coisas de absoluta necessidade vendiam-se entre cinquenta e sessenta vezes mais caros do que o normal.

5872

No reino do Cordofão, onde agora temos três estabelecimentos, com dificuldade se encontrava água suja e salobre a 3 francos a *bormah* (medida de 4 litros). Uma Irmã tinha que se levantar às quatro da manhã com as orfãzitas para ir aos poços, porque os nossos tinham secado, e esperar aí até ao meio-dia para conseguir essa bendita água salobre, que se utilizava para cozinhar, beber e se lavar. Fazer barrela era impossível; a mesma água que servia para lavar a cara era depois bebida avidamente. Eram milhares os povoados abandonados, porque, por causa da fome e da sede, a gente morria como moscas; e não falo do gado. Além disso, em países como estes, onde há sempre que ter cuidado com as febres, surgiram várias doenças contagiosas e uma febre fulminante, que em meia hora leva para o outro mundo. Durante quatro meses, das vinte e quatro horas do dia eu não dormia uma inteira. Entre tantos horrores e desgraças, no meio de tão espantosas calamidades que o meu Vicariato sofria, a morte ceifava em grande número as vidas dos missionários, das Irmãs, dos irmãos coadjutores e dos alunos; os que escapavam dela eram provados, como eu, pelas doenças!

5873

Mas as obras do Senhor, e especialmente a do apostolado, devem nascer e crescer aos pés do Calvário e a sua história compendia-se nestas duas palavras: *cruz e martírio*. A cruz é o caminho real pelo qual há-de passar o que quer alcançar o triunfo! Nós nunca tínhamos tido tantos mortos, entre os quais há que contar o meu vigário e administrador-geral e braço direito da minha obra, P.^e António Squaranti. Chegou um momento em que eu era o único que podia administrar os sacramentos, por os outros missionários estarem ou mortos ou moribundos. Eu exercia ao mesmo tempo as funções de bispo, pároco, vigário, superior, administrador, médico, cirurgião, enfermeiro e assistente de doentes dia e noite! A certa altura, quis comprar a peso de ouro um pouco de carne para fazer um caldo, mas foi-me impossível encontrá-la. No Cordofão, a Ir. Arsénia Le Floch (nascida na região francesa da Bretanha), superiora das Irmãs de S. José da Aparição, de Marselha (um verdadeiro anjo de piedade), estava a ponto de morrer e desejava um pouco de pão molhado em água, mas foi impossível satisfazê-la. Quando finalmente se encontrou pão em casa de um comerciante judeu, a pobre doente já tinha partido para melhor.»

† Daniel Comboni

N.º 892 (849) - RELATÓRIO
SOBRE A CONVERSÃO DE DOIS MAOMETANOS

«*Annali B. Pastore*» (1879), n.º 18, pp. 10-14

1879

5874

Todo o mundo sabe quão difícil é converter os maometanos. No Oriente, milhares e milhares de missionários trabalharam ao longo de muitos anos. Os beneméritos padres franciscanos estão há mais de seis séculos a esforçar-se na Palestina e muitos deles sofreram o martírio. Os rev.dos padres lazaristas, os capuchinhos, os jesuítas, os carmelitas, têm aí florescentes missões e institutos bem dotados de pessoal. Entre as ordens femininas cabe assinalar as Irmãs de S. Vicente de Paula, as de S. José da Aparição, as de Nazaret, as Damas de Sião, as franciscanas e outras associações e congregações. Há lá bispos, vigários apostólicos e delegados patriarcais, bem como um grande número de bispos de rito greco-católico, arménio, maronita, caldeu e sírio, com uma multidão de sacerdotes e de frades orientais.

5875

Contudo, ainda que lá houvesse e há ainda pessoal tão numeroso e uma multidão de missionários de todos os ritos, a conversão de um maometano é algo muito raro! Passemos a outro sítio. Na Argélia encontramos um arcebispo com bispos católicos, com um número mais que discreto de missionários franceses e muitos estabelecimentos de outras ordens religiosas, desde que em 1830 essa terra passou a estar sob o domínio da França.

5876

E ainda assim, o muito rev.do cónego da catedral de Argel, o senhor Lebouf, dizia-me que nos seus trinta e seis anos de missão na Argélia, onde exercia o cargo e as obrigações de pároco, nem pôde ver sequer uma única conversão ao Catolicismo entre os seguidores de Maomé!

Pois bem, nós podemos enumerar algumas conversões deste tipo, verificadas na África Central, apesar da raridade desses casos. A conversão dos maometanos, a quem eu mesmo baptizei na igreja de Cartum, e aos quais administrei a sagrada confirmação, é obra oculta da graça divina, que, por vias admiráveis, chamou à fé a estas duas pessoas de idade viril. Um deles, de vinte e dois anos, recebeu no baptismo o nome de *Alfredo Salvador*; o outro, de uns vinte anos, pôs-se-lhe o nome de *Pedro João*.

5877

Porém, estas conversões não são mérito meu e ninguém no meu Vicariato teve a ver com elas. São apenas obra dos beneméritos e reverendos Irmãos das Escolas Cristãs, do Cairo; e estes talvez nem tenham conhecimento dos efeitos da sua vida, tão virtuosamente regulada. Mas chegarão a conhecê-los por este escrito meu, no qual se dá a identidade das duas pessoas, nas quais estes bons religiosos produziram tão benéfica influência. Os dois jovens a que me refiro nasceram no reino de Dôngola, que faz parte do meu Vicariato; os seus pais, maometanos, dedicam-se ao comércio de tâmaras entre Dôngola e Soth, o Cairo e Alexandria, e ambos os jovens foram educados segundo as leis de Maomé.

5878

Quanto ao facto, eis como foi. Encontrando-se por casualidade no Cairo, foram admitidos como serventes no instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, sendo-lhes destinado o refeitório; disto não estou muito certo. O certo é que eles afirmam ter-me conhecido anos atrás e ter-me servido à mesa numa visita que fiz a esses religiosos, entre os quais costumava alojar-me, quando do Cairo Velho ia ao Cairo Novo, devido a assuntos do meu instituto.

5879

Estes jovens maometanos, aos quais se manifestou a divina graça, não puderam subtrair-se às impressões que necessariamente há-de suscitar uma vida consagrada à piedade e à devoção, efectuando-se isso na concórdia e no amor constante para com os alunos. Viam diariamente o virtuoso modo de vida destes irmãos, a pureza dos seus costumes, o exercício contínuo da humildade, da mansidão, da mortificação e da benevolência e persuadiram-se de que só na religião de mestres e educadores tão piedosos se podia encontrar a pura verdade, a única de que derivava e deriva a força da virtude.

5880

A graça de Jesus Cristo, que lhes fez ouvir a chamada à fé, instilou-lhes também amor e entusiasmo por esta, e deu-lhes a força de vontade para cumprir o que ela ensina. Devem ter reflectido e dito entre si: «Mas não é esta religião muito mais bela, mais sublime que a do Alcorão? Que diferença simplesmente entre a música, as cerimónias e todas as formas externas do culto na capela dos irmãos e os gritos nas nossas mes-

quitas!!» Mas, ainda que tocados pela graça, não se atreveram a obedecer à voz do Senhor, que se fazia sentir poderosamente no seu coração, dado que até então não se tinha avançado muito no Egipto para eliminar as leis de pena de morte com que se castigava quer o muçulmano que se tornava cristão quer o missionário que empreendia a conversão de um muçulmano.

5881

Contudo, os dois jovens, que no serviço eram obedientes e de excelente conduta, fizeram todo o esforço para ter algumas noções do Catolicismo e para aprenderem de cor muitos ensinamentos do catecismo. O exemplo que continuamente tinham diante dos olhos actuava neles como o mais eloquente dos sermões de um missionário; de modo que, quando vieram às minhas mãos, já estavam convertidos à fé, e a mim só me restava educar e cultivar a boa semente que no Cairo, sem saber, os irmãos tinham lançado nos seus corações. Passado um certo tempo de prova, baptizei-os solenemente na igreja de Cartum, o que, em honra da Santíssima Virgem Maria, fiz no dia 1 de Maio, no formoso mês a ela consagrado. Ao João destinei-o à missão do Cordofão, e ao mais jovem à de Cartum. As florescentes escolas que dirigem os dignos filhos do venerável La Salle constituem um dos mais eficazes e importantes meios para o apostolado da missão no Oriente. A sua actividade é um apostolado lento, silencioso, mas seguro e de maior sucesso que todos os outros: como se ocupam da educação da juventude de todas as seitas e ritos, vão preparando assim, pouco a pouco, a regeneração cristã para todo o Oriente.

† Daniel bispo de Claudiópolis i.p.i.

Notas várias e de correspondência.

N.º 894 (851) - A Mme. ANA H. de VILLENEUVE
AFV, Versailles

Verona, 4 de Janeiro de 1880

Estimadíssima senhora,

5882

Alegro-me muito de saber pela sua carta que regressou de Paris com os seus queridos filhos e que não sofreu na viagem. Estive preocupado a pensar que nestes dias em que os jornais falam com espanto do frio de Paris e da Bretanha, a senhora tinha que fazer todo o percurso desde Finistère ao Sena; mas, graças a Deus, já se encontra em segurança. Espero que não passe muito sem ir a Paris: ficarei contente de a ver. Lamentei a morte de mons. Gaume, que era uma verdadeira ombreira da Igreja universal e uma estrela da França católica. Na Itália, o sentimento pela sua morte foi geral: era muito popular entre o comum das gentes pela sua obra do *Catecismo da Perseverança*, mas sobretudo chorou-o o clero italiano.

5883

Apenas me seja possível (não tenho podido pelas minhas doenças) escreverei o meu relatório à nova presidência da Obra Apostólica, que me escreveu duas vezes desde a morte da venerável fundadora, a senhora Du Chesne, pela qual se celebrou em todas as missões da África Central serviços fúnebres com grandes missas solenes. Então enviar-lhe-ei a nota das coisas que se precisam a minha missão.

A defecção de P.^e Paulo, que perdeu completamente o espírito apostólico e até a cabeça, causou-me muita dor e dano à missão. Não tinha também as capacidades necessárias para dirigir a administração e, como pus outro mais capaz no seu lugar para corrigir os seus erros e reparar os seus danos, ele foi-se embora sem me dizer a mais pequena palavra, nem sequer que se ia e, depois, declarou a uns amigos meus: «Jamais irei para a África. Ou me fazem superior dos institutos de Verona ou não volto mais.» Nunca obedeceu. Nós passávamos fome na África e, embora lhe escrevesse mais de dez vezes para que não gastasse dinheiro em construções, ele fez obras no valor de mais de 20 000 francos, solicitando o envio para Verona dos bens que eram destinados à África.

5884

P.^e Baughardt levou-lhe de Paris mais de 15 000 francos que estavam destinados à África Central e ele nunca me quis enviar. Senhora, digo-lhe isto confidencialmente, mas é a verdade. Ele gastou todo esse dinheiro nas minhas casas de Verona, contra a minha vontade. E, se bem que tenha posto remédio finalmente em tudo, sem um milagre de S. José estaria arruinado por causa de P.^e Paulo. Que fazer? Paciência. Estas cruzes mostram-nos uma vez mais que a obra que fundei é obra de Deus. Portanto, «*Nigrícia ou morte!*».

5885

De Bouchardt ainda não posso dar um juízo. As suas palavras são bonitas: diz sempre que se desejaria matar por amor a D. Comboni; mas, quando lhe ordeno alguma coisa, não a faz se não for do seu agrado. E embora eu em consiga fazê-lo agir, não se submete facilmente a outros superiores.

Claro que ele é americano e tem uma ideia demasiado elevada da liberdade. Mas Santo Inácio de Loiola dizia: «Senhor, toma toda a minha liberdade.» Saiu do Cairo a 22 de Novembro e espero que em meados deste mês chegue a Cartum com mais catorze. Enfim, escrever-lhe-ei mais em pormenor sobre Bouchardt quando eu for para a obra.

5886

Agradeço que a boa Ana esteja preocupada com o meu dinheiro. Pois bem, diga a essa estimada filha que tenha a bondade de o levar à Rue Provence, à Société Générale; que se faça dar em troca um cheque a meu favor e que me envie esse cheque. Eu apresentá-lo-ei para cobrança ao meu banqueiro de Roma, o senhor

Brown e Filho, da Via Condotti. Por meio de Brown e Filho, já cambiei mais de mil francos com a Société, que tem representantes em todo o mundo.

5887

Poderia a senhora indicar-me em Rennes algum sacerdote capaz de fornecer informa  es sobre um tal Júlio Simone, cavaleiro de S. Gregório, encadernador de ofício, que foi zuavo pontifício, combateu em Patay e ingressou nos missionários de Argel, passando depois a Tunes, etc.? Esse homem trazia magníficas cartas de recomenda  o e escreveram-me de Arras, etc., fazendo grandes elogios sobre ele. Também tenho a respeito dele duas cartas dos seus superiores de Tunes e de Valenciennes. Agora que ele partiu com Bouchardt para a África Central, alguém me acaba de comunicar de Lille que ele tem esposa e filhos, a quem abandonou. Mas esses de Lille não o conhecem e eles julgaram-no um religioso. Mas em Rennes e o bispo de Rennes sabem tudo. Se isso    verdade, dou ordens para que seja mandado para casa, porque o dever de atender    família está em primeiro lugar.

5888

Portanto, a senhora, que conhece a capital da Bretanha, tenha a bondade de se informar sobre esse senhor Júlio Simone que, escrevem-me, enganou muitos conventos, etc.

Desejando-lhe a si e a todos os seus um feliz Ano Novo, sou seu af.mo

† Daniel bispo v. a.

Original francês
Tradu  o do italiano

N.   895 (852) - A Mme. A. H., AUGUSTO
E PAULINA DE VILLENEUVE
AFV, Versailles

J. M. J.

Verona, 4 de Janeiro de 1880

Minha cara e venerável senhora, Augusto e Paulina,

5889

Fiquei muito feliz por receber a sua carta de 31 de Dezembro e de saber que chegou a Paris. Com as notícias que se recebem daí sobre o espantoso frio, julgava-a, em companhia de Augusto e senhora, bloqueada ainda em Prat-en-Raz (onde, em qualquer caso, os sitiados gozam de melhores condi  es que os que sofreram o cerco de Paris em 1871), e que o frio a impedia de voltar    capital. Espero, pois, visitá-la neste Inverno. Oh, em 1878, eu nunca teria acreditado entrar de novo em casa dos Villeneuve e voltar a ver o Augusto, a si e a sua venerável senhora mãe. Pensei que já nunca mais veria a Europa: sofria tanto, que disse a S. S. Leão XIII que o santo Job navegava num mar de delícias em compara  o comigo.

5890

Actualmente, ainda carrego as consequências daquilo em meus ossos e na minha saúde. Mas, mais duro que a rocha, lançarei sempre o meu grito de guerra: «*Nigrícia ou morte!*» Por favor, senhora, diga ao sr. Augusto todo o afecto e a imensa considera  o que sinto por ele, porque    bom. Rogo-lhe, igualmente que apresente os meus respeitos    senhora sua mãe («Oh, quero bem aos meus amigos!», repetir-me-   em Paris com as notas da sua bela voz). Mil sauda  es também    minha estimada correspondente, a sua irmã Ana. Faça-se intérprete, além disso, dos meus melhores votos de prosperidade e felicidade para o sr. Gualtier e a senhora Jaury.

Na esperança de voltar a vê-la em breve e de abraçar o meu caro amigo Augusto, nos Sagrados Cora  es de Jesus e de Maria fico sempre

Seu af.mo † Daniel Comboni
Bispo e vigário apostólico

Original francês
Tradu  o do italiano

N.º 896 (853) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/95

N.º 2

Verona, Instituto Africano, 5 de Janeiro de 1880

Meu rev.do e estimadíssimo padre,

5891

Hoje veio visitar-me o mui digno pároco de S. Jorge e confirmou-me a grata notícia de que, depois da Epifania, o senhor fará os santos exercícios e, depois, virá para Verona. Pois bem, ao Menino Jesus (que nunca se faz velho), à sua Mãe, à Rainha da Nigrícia e ao meu querido ecónomo S. José (que não morre nunca e jamais abre falência, mas sabe administrar muito bem e com muito senso e é perfeito cumpridor), a estes três queridos objectos do nosso amor vou fazer uma novena, para obter a graça de que antes da festa dos Esponsais da Sma. Virgem (23 do corrente), ou para esse santo dia, o caríssimo P.^e Sembianti esteja instalado no seu importante cargo de reitor dos institutos africanos de Verona. São José, que é o paradigma do homem bom, nunca me negou nenhuma graça temporal; mas, unido a Jesus e Maria, forma uma santíssima tríade que sem dúvida terá de conceder esta graça espiritual que peço.

5892

O senhor, por seu lado, nos santos exercícios reze fervorosamente ao Coração de Jesus para que converta à fé os nossos *cem milhões* de infiéis camitas e para que, ajudados pelas súplicas de todos os dignos filhos do grande padre Bertoni, possamos fazer dura guerra ao Diabo na África, partir-lhe os chifres, abatê-lo, destruí-lo e fundar e fazer fundar aí o reino de Cristo. Reze também por mim especialmente, porque sou o bispo mais isolado do mundo (estando no meio dele) entre todos os bispos do universo. Assim o fiz saber em Roma, dizendo que na África Central, se eu quisesse pedir conselho a outro bispo, ainda que ao mais próximo de mim, precisaria de *ao menos dois meses de viagem...* Porém, santas e eminentes personalidades responderam-me: «Não tema, Deus estará sempre consigo.» Em todo o caso, já vê que tenho necessidade de orações.

Na esperança de o ver em breve em Roma, declaro-me nos Sagrados Corações de J. e M.

Seu af.mo no Senhor
† Daniel bispo e vig. ap.

N.º 897 (854) - A MONS. JEREMIAS BONOMELLI
BAM, Fondo Bonomelli, n. 50

J. M. J.

Verona, Insto. Africano,
14 de Janeiro de 1880

Excelência rev.ma,

5893

Outro dia esperava fazer-lhe uma visita e passar uma hora com V. E. rev.ma, meu compatriota bresciano, e filho daquele santo bispo e digno pastor, mons. Verzeri, que com o seu zelo e virtudes renovou o espírito de Deus na diocese da nossa querida Bréscia, aperfeiçoando o seu clero e convertendo-o em luminoso modelo de espírito eclesiástico e disciplina e de verdadeira adesão à Santa Sé e ao Papa. Esperava, dizia, ir de Milão (S. Calocero) a Cremona para apresentar os meus respeitos a V. E. e à piedosa condessa Luly Vidoni Soranzo e a sua nobre família, com a qual desde há lustros mantenho excelentes relações; mas um telegrama chamou-me a Verona.

5894

Em todo o caso, no meu regresso de Sestri Levante, espero passar por Cremona e ter assim a dita de o conhecer pessoalmente e encomendar às suas orações fervorosas a pobre Nigrícia e o meu Vicariato, que é a mais vasta, laboriosa e difícil missão do universo.

Entretanto, suplicando da sua bondade que faça chegar a carta junta ao Palácio Vidoni, tenho a honra de me subscrever nos dulcíssimos Corações de Jesus e de Maria

De V. E. Rev.ma devot.mo af.mo e verdadeiro servidor
† Daniel bispo de Claudiópolis e vig. e ap. da A. Central

N.º 898 (855) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Collegi d'Italia, ff. 1265-1266

N.º 2

Verona, Insto. Africano, 16 de Janeiro de 1880

Em.º e Rev.mo Príncipe,

5895

A proposta que V. Em.^a se dignou fazer-me com o seu venerado escrito de 14 do corrente só posso aceitá-la com os sentimentos da mais sincera devoção e da mais profunda gratidão. Assim que de muito boa vontade aceito o sacerdote João José O'Connor que, se não me engano, é irlandês; e na minha pequenez tratarei de fazer o que puder para aproveitar o melhor possível as suas boas qualidades em favor do apostolado da África Central. Apenas o frio diminua, conviria que o rev. do O'Connor se mudasse para aqui, para o meu Instituto Africano de Verona, tanto para nós o conhecermos mais de perto como para que ele comece já a estudar o árabe com o estupendo e activo professor sírio que ensina essa língua no meu instituto. Aqui encontrará candidatos que falam o seu idioma e sobretudo o inglês.

5896

Entretanto, rogo a V. Em.^a Rev.ma que convide o P.^e O'Connor a pôr-se em contacto directo comigo, escrevendo-me depois um breve relatório sobre a sua vida, estudos, ministério, etc., e isto no curto espaço de uma carta.

5897

Espero que, depois de um exame muito cuidadoso, o meu querido ecónomo S. José concedeu-me a graça de encontrar um santo e hábil reitor para os meus institutos africanos de Verona. Para isso contribuiu muito a exímia caridade do Em.º card. de Canossa. O estabelecimento de Verona é da máxima importância, por estar destinado a provar os operários evangélicos e a formá-los no espírito de sacrifício e nas virtudes apostólicas que necessitarão na santa missão da África Central; por isso consagrei a ele grande parte das minhas preocupações desde há quatro meses. E confio em ter reparado as perdas tidas no ano terrível, espantoso, de 1878-79, que dizimou os operários da vinha a mim confiada. Espero no dulcíssimo Coração de Jesus que nem os tempos borrascosos que diminuem as vocações, nem as calamidades e a morte, nem nenhum obstáculo poderão impedir-me de organizar bem e consolidar o meu Vicariato, pelo qual estou disposto a dar cem vezes a vida, contanto que ganhe aquelas gentes para a fé de Jesus Cristo.

5898

Tenho a convicção de que a pessoa que me propôs V. Em.^a rev.ma em Junho passado, P.^e Jeremias Properi, prof. de filosofia, etc., prestar-me-á bons serviços para a África. Espero que O'Connor faça outro tanto. Se V. Em.^a rev.ma soubesse de alguns mais, dotados de bom espírito e desejosos de sofrer por amor de Jesus e das almas, dar-me-ia meia vida concedendo-mos. *O amor ao sofrimento*: tal é a primeira característica do missionário da África Central. Porque Jesus Cristo, que tinha um bom Coração e um fino talento, na sua sabedoria decidiu fabricar a *cruz*, e não a *diligência*, para conduzir as almas ao Céu. Quanto a isto, nem sequer fez uma excepção com a sua divina Mãe, que se converteu em Rainha dos Mártires; nem com o seu vigário na Terra e os seus nobilíssimos braços, os eminentíssimos cardeais, ao qual e aos quais Jesus deu mil cruces e espinhos no governo da sua imaculada Esposa.

Prostrado a beijar-lhe a sagrada púrpura, subscrevo-me com respeito

De V. Em.^a hum.mo ob.mo filho
† Daniel bispo e vig. ap.

N.º 899 (856) - A Mme. ANA H. DE VILLENEUVE
AFV, Versailles

Verona, 16 de Janeiro de 1880

Muito venerável senhora,

5899

Agradeço-lhe a sua carta de 10 de Janeiro. Recebi tudo do banco de Verona, tudo em ordem. Obrigado pela sua caridade.

Dei um salto a Milão, a Como, a Génova e a Sestri Levante, aonde terei ainda que voltar por uns dias.

Sou feliz de saber que os seus queridos filhos estão bem e igualmente a senhora de Tanquerelle. À minha chegada a Paris conseguiremos tirar-lhe as muitas preocupações que afectam o seu delicado estômago. Aqui faz muito frio e isto é muito duro para um pobre diabo que esteve envolvido em 60 graus de calor na África Central.

5900

Transmita os meus afectuosos cumprimentos ao meu caro Augusto, à sr.^a Paula, à sr.^a Ana e à sr.^a Tanquerelle, enquanto me declaro por toda a vida

Seu devot.mo † Daniel Comboni

Mons. Massaia, a quem o déspota reinante na Abissínia libertou e mandou para o exílio, pode vir para a Europa. Seria possível levá-lo a sua casa, para jantar à sua mesa outra vez? É um santo. Fez diligências em Rennes para descobri o segredo do chamado Júlio Simone? Reze por mim.

Original francês

Tradução do italiano

N.º 900 (857) - AO CLÉRIGO FRANCISCO ROSA
APCV. 817/13

Verona, 25 de Janeiro de 1880

Dimissórias.

N.º 901 (858) - A MONS. JOSÉ MARINONI
APIME, v. 28, pp. 33-35

Verona, Insto. Africano, 27 de Janeiro de 1880

Il.mo e rev.mo senhor,

5901

Rogo da sua grande bondade que me mande na volta do correio dois ou três exemplares desse pequeno opúsculo que se costuma entregar aos aspirantes às missões de S. Calocero, antes de entrarem no seminário de Milão. Gostaria que mos fizesse chegar rapidamente.

Agradeço a sua extraordinária amabilidade pela sua carta com o *horário* e as assinaturas de «*Missioni Cattoliche*», «*L'Osservatore Cattolico*», «*Leonardo da Vinci*», «*Popolo Cattolico*» e «*The Tablet*», todas publicações que desejo *hic et nunc* me sejam enviadas para Verona. «*L'Observatore*», o «*Popolo*» e «*Leonardo da Vinci*» recebo-os, mas «*Missioni Cattoliche*» e «*Tablet*» não me chegam.

Para tal fim mando-lhe a importância indicada na sua carta e junto cem liras destinadas a P.^e Santiago pelo mapa da África, como combinámos. Se desejar algo mais, enviá-lo-ei.

5902

Dentro de uns dias tomará posse do seu cargo o novo superior dos institutos africanos de Verona, o R. P.^e Sembianti, sacerdote dos Missionários Apostólicos *in obsequium episcoporum* (fundação veronesa do P.^e Bertoni). É um piedoso e santo homem, a quem antes de partir para a África desejo levar a Milão para que o

conheça a si, monsenhor, a fim de que, depois, ele possa consultá-lo sobre os meus Institutos, para os conduzir bem. Disse-o ao superior geral, o P.^e Vignola, sucessor de Bertoni e Marani e foi muito do seu agrado, como também foi muito do agrado do Em.^o cardeal de Canossa. Portanto, agora e para o futuro, suplico-lhe que tenha a bondade de o escutar e de o ajudar com os seus sábios conselhos e provada experiência.

5903

Abençoo todos os alunos candidatos, e apresente muitas saudações a P.^e Santiago, ao director espiritual e a todos. Também a esse veterano das Missões, doente do aparelho respiratório e ao médico.

Seu af.mo no Senhor
† Daniel Comboni Bispo e vig.. ap.

N.^o 902 (859) - A UMA MARQUESA ROMANA
ASGIR

Verona, Insto. Africano, 30 de Janeiro de 1880

Nobilíssima senhora marquesa,

5904

Peço-lhe mil desculpas pelo meu atraso em lhe escrever. Recebi as suas gentilíssimas cartas no passado 31 de Dezembro, mas a saúde ainda não sólida, as indisposições pelo frio, os prementes compromissos de uma colossal correspondência mundial, o ter que dirigir doze estabelecimentos situados a quatro mil e a seis mil milhas de distância, as graves preocupações pela manutenção da árdua e importante missão, o trabalho contínuo..., tudo isso me impediu de escrever e de me deslocar de Verona. Mas tenha a certeza de que nunca me esqueço de si, nem da sua digna e nobre família, que sempre vive e viverá comigo no dulcíssimo Coração de Jesus, e de que rezo sempre por si.

5905

Hoje e desde há muitas semanas, está mais que nunca na minha mente a sua nora D. Ana, irmã do jovem príncipe João Borghese, que, segundo uma carta que me escreve o dr. Pellegrino Matteucci e pelo que li ontem à noite no *Osservatore Romano*, está prestes a partir para a África Central: Cartum, Cordofão, Darfur, Waday, Baguermi, Bornu, etc., etc. Matteucci escreveu-me a pedir uma carta de recomendação válida para toda esta imensa viagem, e eu estou disposto a isso, principalmente por se tratar do seu nobre companheiro.

5906

Porém, tendo reflectido e meditado perante Deus e a minha consciência sobre essa intenção tão ousada do jovem príncipe, não poderei encontrar paz para o meu espírito sem ter exposto antes (posto que sou o juiz mais competente quanto a estas viagens às regiões da minha vasta missão) a minha opinião a quem pode ter autoridade sobre esse bom príncipe. Eu não tenho a honra de gozar de uma estreita relação pessoal com a ilustre Casa Borghese, que tanto venero, estimo e admiro pela sua fé e nobreza, por ter dado papas, cardeais e bispos à Igreja e por ter honrado tanto a religião e a sociedade em todas as épocas. Se vivesse o meu excelente amigo mons. Manetti, o anterior arcebispo de Sardia, escrever-lhe-ia sobre o que sinto quanto a esse assunto. Ele ia apresentar-me ao príncipe Marcantónio, etc., mas foi para o Paraíso.

5907

Ao dr. Matteucci, que me comunicou que ia partir no próximo dia 7 de Fevereiro, já lhe escrevi esta manhã, dando-lhe os salutareos conselhos que o meu coração e a minha experiência me sugeriam e que lhe exporei a si mais abaixo. Mas, não tendo eu relações mais directas e estreitas com essa ilustre e benemérita família, abro-lhe o meu coração a si, nobilíssima senhora marquesa, e isto pelo bem desse filho e pelo amor e veneração que sinto pelo sublime apelido Borghese. Pode compreender que faltaria ao meu dever e ao sentimento do meu coração se não desse este passo; e seria falta de veneração e de gratidão para consigo e a nobre, dilecta família Gerini, se não lhe exprimisse sinceramente o meu pensamento sobre este assunto.

5908

Lembre-se de que é meu desejo que nem o príncipe João nem Matteucci (a quem escrevi claramente esta manhã) saibam que eu dou este passo. À excepção dos dois, faça uso da minha carta e das minhas ideias como melhor entender, mesmo se decidir comunicá-las aos ilustres pais e à família Borghese.

Em Setembro passado, o dr. Matteucci veio a Verona visitar-me e confiou-me o seu projecto de empreender com o jovem príncipe Borghese a viagem ao império de Waday *pela rota de Trípoli a Mazurk, etc...*

«Não – respondi-lhe imediatamente; não devem fazer esta viagem pela rota de Trípoli e Mazurk, nem o senhor nem Borghese. Não pode fazê-lo o senhor, porque não tem ainda experiência de viagens pelo centro da África e esta é das mais difíceis. Tão-pouco pode Borghese, porque nunca acreditarei que os seus pais irão permitir que um jovem falho de experiência até em viagens mais fáceis faça a primeira de importância precisamente a Waday.» E aqui disse-lhe que quase todos os que viajaram para Waday (partindo de Trípoli) ou não chegaram, ou morreram, ou foram assassinados, etc., com a única exceção do dr. Nachtigal, que, após cinco anos de sofrimentos chegou ao Cordofão, e foi acolhido pelas minhas Irmãs e missionários e por mim em Cartum. Eu aconselhei-o a seguir antes a rota da Núbia, Cartum, o Cordofão... e, assim, eu e a minha missão poderíamos cuidar dele, ajudá-lo e protegê-lo de mil maneiras. Não vale a pena estar eu aqui a alargar-me na explicação de *como* o Senhor o dissuadiu providencialmente desta viagem a Waday pela rota de Trípoli e o Fezzan; convenceu-se, e há que dar graças a Deus por isso, porque certamente nem Matteucci, nem o príncipe teriam voltado a ver a Europa.

5909

Em princípios de Dezembro, ou talvez ainda em Novembro, Matteucci veio a Verona e rogou-me que o aceitasse como médico, porque à sombra da missão poderia realizar com o jovem príncipe a sua viagem a Waday pela rota de Cartum. Eu consenti nisso dizendo-lhe que o protegeria e ajudaria, porque, pela nossa influência no centro da África, nós estamos em situação de fazer respeitar e proteger os nossos recomendados; e também lhe disse que sim, porque o príncipe estaria sob o nosso olhar até perto do império de Darfur e em todas as circunstâncias poderíamos protegê-lo e fazê-lo respeitar e, em caso de necessidade, regressar, lá onde surgissem certos perigos. Disse, enfim, que sim, porque esperava eu mesmo ter podido partir em Dezembro passado; nesse caso eu teria podido tê-los acompanhado até à capital do Cordofão e teria estudado bem o jovem príncipe para julgar da *conveniência ou não* de ele continuar a viagem até Waday.

Mas não pude partir em Dezembro e, mesmo agora, não sei quando poderei fazê-lo.

5910

Ora, vendo que a saída de Roma está marcada para Fevereiro, depois de ter consultado bem o Senhor e o Coração de Jesus, que é, além disso, o protector da África Central, a quem a consagrei, como verá na página 31 do número 7 dos nossos *Anais*, que lhe mando, considero prudente sugerir e aconselhar a que não se emprenda agora essa viagem, mas que se adie até Setembro ou Outubro próximos e isto pelas seguintes razões:

1.º Partindo agora, o príncipe não entrará no deserto antes de Abril, época em que o deserto é um puro fogo (Abril, Maio e Junho). Eu atravessei-o três vezes nesse período e passei mal, apesar de estar aclimatado. Contudo, atravessar o deserto no Inverno é quase um agradável passeio.

2.º Partindo agora, vai encontrar-se nas imensas planícies do Cordofão e Darfur no tempo das chuvas. Trata-se de uma época já muito perigosa para os missionários, habituados como estamos às fadigas e à África; mas para o jovem príncipe, que nunca viajou na África e que não se terá aclimatado previamente um pouco no Cairo ou na Núbia, poderia tornar-se fatal. Contudo, partindo em Setembro ou Outubro, aplanam-se todos estes perigos e obstáculos.

3.º Se se for agora, somente posso protegê-lo por meio dos meus missionários e do meu vigário e com poderosas cartas de recomendação; enquanto, se partir em Setembro, grande parte da viagem fá-la-á comigo, que sou o único que tenho no Sudão uma posição firme e segura entre aquelas gentes, mesmo entre os paxás, e que posso, de facto, ajudá-lo com amor, interesse e consciência. Amor, interesse e consciência têm também os meus missionários; mas a força para influenciar e mandar, até nos grandes, tenho-a mais eu com a minha presença aí do que os meus missionários com a deles. Além disso, duas palavras que eu diga pessoalmente ao quevide do Egipto podem ser de muita ajuda para o príncipe.

5911

E não enumero agora outras razões, para não ser ainda mais prolixo do que sou: de viva voz poderia mencionar-lhe bastantes. Mas Matteucci e o príncipe dirão: «Como vamos recuar agora, uma vez que tomámos a decisão e depois de a imprensa ter feito disso assunto público dentro e fora da Itália?»

Respondo. Que partam os dois viajantes de Roma, até já, e que se dirijam a Wady-Halfa, na Núbia, porque do Cairo até Wady-Halfa o clima e a viagem são mais toleráveis que de Florença a Roma e Nápoles. Todavia, já em Monia, perto de Wady-Halfa, sentirão entre as onze da manhã e as quatro da tarde um calor que lhes dará vontade de voltar para trás. Chegados a Wady-Halfa, como há razão plausível para dizer, a estação estará demasiado adiantada, será o momento de empreender o caminho de regresso, e jovem Príncipe vá para Suez, Jerusalém, Damasco, Beirute, Viena, etc., e, depois, volte a Itália para passar o Verão com os seus. Esta viagem prepará-lo-á e torná-lo-á capaz de empreender com maior segurança e prazer a segunda e grande viagem referida acima.

5912

Ir de Cartum ao Cordofão ou de Suakin a Berber na estação inadequada torna-se mais duro que deslocar-se de Florença à Austrália e Japão. Ao invés, se sair em Setembro, eu poderei ajudá-lo muito, porque estarei lá, no Sudão.

Vendo esta longa carta que o coração me ditou e a recta consciência, estive tentado a não mandá-la, porque é demasiado prolixa e aborrecida; mas os acontecimentos pressionam, por isso envio-lha. Peço-lhe, venerável marquesa, mil desculpas e perdão por tão grande moléstia; mas parecia-me cometer uma grave falta em relação a si, ao senhor marquês, seu consorte, ao seu querido filho o jovem marquês António e a sua venerada filha Ana, irmã do príncipe, se não lhe mandasse esta carta. Portanto, conceda-me em todo o caso o seu generoso e benigno perdão, enquanto nos dulcíssimos Corações de Jesus e de Maria, declarando-lhe que fiz isto com uma boa finalidade, me subscrevo com eterna veneração e gratidão

Seu devot.mo, obed.mo e verdadeiro servidor
† Daniel Comboni bispo e vig. apostólico

N.º 903 (860) - AO CLÉRIGO FRANCISCO ROSA
APCV, 817/14

Verona, 1 de Fevereiro de 1880

Dimissórias.

N.º 904 (861) - AOS CLÉRIGOS VÍTOR FRIZZI E JOSÉ CESARO
APCV, 239/4

Verona, 1 de Fevereiro de 1880

Dimissórias.

N.º 905 (863) - AO CLÉRIGO FRANCISCO ROSA
APCV, 817/15

Verona, 2 de Fevereiro de 1880

Dimissórias.

N.º 906 (863) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Collegi d'Italia, f. 1267

N.º 3

Verona, 3 de Fevereiro de 1880

Em.º e Rev.mo Príncipe,

5913

Recebi a sua venerada de 28 do passado Janeiro, na qual me mostra o desejo de me falar de viva voz tanto sobre o sacerdote irlandês O'Connor (cujo bispo, o de Adelaide, sei que está em Roma), como sobre outro assunto interessante. Como um desejo de V. Em.^a rev.ma é para os missionários uma ordem, farei o que for possível para ir ter consigo no fim desta semana ou na próxima. Tanto mais que, com a ajuda do Em.º de Canossa, consegui proporcionar ao meu insto. africano de Verona um piedoso e capaz reitor na pessoa do P.º José Sembianti, com o qual estou agora a rever as regras com todas as modificações que a experiência prática dos anos passados me sugeriu introduzir nelas, junto com as sábias observações efectuadas pelo venerável consultor da Propaganda, o P.º Isidoro de Boscomare, dos Menores Reformados.

A minha expedição, saída do Suez em Novembro passado, já chegou felizmente a Cartum.
Prostrado a beijar a sagrada púrpura, declaro-me com o respeito mais profundo

De V. Em.^a Rev.ma hum.mo, devot.mo, obed.mo filho
† Daniel Comboni
Bispo e vig. ap.

N.º 907 (864) - AO P.^e PEDRO VIGNOLA
ACORDO COM O SUPERIOR DOS ESTIGMATINOS
ACR, A, c., 18/40 n. 1

Verona, 16 de Fevereiro 1880

CONDIÇÕES

5914

Segundo as quais o superior geral da Congregação dos Missionários Apostólicos «*in obsequium episcoporum*» aceita conceder algum membro da sua congregação para que assuma o cargo de reitor dos institutos das missões para a Nigricia, de Verona.

1.º O designado para este cargo assume-o só temporariamente e enquanto o permitirem as circunstâncias da congregação a que pertence.

2.º A manutenção dos institutos masculino e feminino fica inteiramente a cargo de D. Comboni, que deixará antecipadamente em depósito 2000 liras nas mãos do reitor, quando semestralmente se apresentarem as contas dos gastos da comunidade, sem que a congregação seja chamada a adiantar a menor soma.

3.º Nos institutos masculino e feminino só poderão alojar-se as pessoas da missão ou as de serviço que o reitor julgar necessárias.

5915

4.º A admissão nos institutos dos aspirantes à missão dependerá do reitor – após considerar as informações que se tiverem obtido –, e igualmente o reitor é quem decidirá sobre o despedimento, se não dessem provas de garantia quanto à sua vocação.

5.º A disciplina que o reitor fizer observar não seguirá outra regra que não seja a que se redigir para ser submetida à S. Congr. da Propaganda Fide.

6.º Dos institutos de Verona não se enviarão para a missão da África a não ser aqueles ou aquelas que o reitor considere maduros para uma vida de tanto sacrifício.

7.º O sustento do reitor e, se fosse necessário, de outros companheiros ou de algum irmão leigo, deverá ficar a cargo da missão.

8.º O reitor dirigirá a Obra do Bom Pastor, fazendo-se ajudar por quem julgar oportuno.

5916

9.º O reitor aceitará a representação legal de D. Comboni, no que respeita aos bens temporais da sua propriedade e aos recursos, esmolas e assuntos respeitantes a ele, durante a sua ausência de Verona.

10.º O reitor informará de quando em quando D. Comboni sobre o espírito, funcionamento e esperanças dos institutos africanos de Verona; e após a finalização do curso, em Setembro, enviar-lhe-á um pequeno relatório geral sobre os mesmos e um breve quadro da administração temporal.

11.º O reitor poderá mandar para a Universidade Teológica de Beirute, na Síria, dirigida pelos reverendos padres jesuítas, candidatos, tanto clérigos como sacerdotes, de provada vocação, destacada inteligência, sólido juízo e prudência.

12.º O reitor terá jurisdição sobre as casas filiais do Instituto de Verona que, com o consentimento do em.º cardeal bispo de Verona, tivesse que abrir, por contar com um maior número de boas vocações para o apostolado da África Central.

Roma, 25 de Fevereiro de 1880

Breve bilhete.

N.º 909 (866) - AO CARDEAL LUÍS CANOSSA
ACR, A, c. 14/101

Roma, Hotel Anglo-Americano em *Via Fratina*
26 de Fevereiro de 1880

Eminentíssimo e Rev.mo Príncipe,

5917

Logo que cheguei a Roma, sábado de manhã, levei à secretaria dos Breves da Alma e entreguei nas próprias mãos de Adami as cartas da cúria e ao Em.º Bilio a sua, etc. Visitei o Em.º Bartolini, cujo estado de saúde é delicado e por ordem do médico muda de casa e dei-lhe as minhas pílulas contra a febre, porque desde há dez meses tem a febre terçã. Mas vai ao Vaticano e ontem pela manhã vi-o a ouvir um sermão com o Papa, onde eu também escutei os eminentíssimos prelados e muitos bispos o sermão do rev.mo P.º Eusébio de Monte Santo, pregador apostólico. Dos trinta e três santos bispos veroneses, parece que se podem aprovar as segundas lições só de seis; para os outros, talvez se proponha adoptar lições tiradas de S. Zeno. O motivo pelo qual mons. Caprara não fez ainda o seu trabalho em relação à venerável marquesa é precisamente Morani (que teve duas mortes em casa), o qual ainda não acabou o seu.

5918

Só entregou uma parte, em Agosto, de modo que ainda falta o resto; e sem ver todo o trabalho, mons. Caprara não pode formular as suas perguntas. Por isso corri a pressionar Morani e ele prometeu-me que se apressaria, mas não o deixarei em paz até que termine e entregue o trabalho. Quanto ao chapéu, estará pronto em breve. Giomini não sabia se tinha que o fazer vermelho ou preto; mas, como eu em Verona nunca vi Vossa Eminência com um vermelho, disse-lhe que fosse negro, de castor, conforme se lê na nota que me deu; mas de todas estas coisas escrever-lhe-ei dentro em pouco.

5919

Agora aperta-me o assunto de S. José, que vai muito mal. Há que tratar evitar uma má sentença, e (digo-o entre nós sem rodeios, como o ouvi a pessoas competentes da Congregação de Ritos) remediar os erros do excelente P.º Falezza e do falecido card. Barili que, como prefeito da S. C. das Indulgências, aprovou as indulgências *invalidamente* em 1874, pouco antes de morrer, com um decreto que é *ob-reptício e sub-reptício*, etc. Nisto não entra absolutamente V. Em.ª Rev.ma, sendo admirado com prazer o sentimento da sua última carta sobre o assunto. Mas aqui há verdadeiro assombro quanto ao piedoso sacerdote que associou a um escapulário, não aprovado, não só os fiéis da diocese de Verona mas também de outras; e causa assombro também que a S. C. das Indulgências concedesse indulgências sem ter consultado previamente a S. C. dos Ritos, tratando-se de algo que diz respeito a esta Congregação.

5920

Assim que se está a pensar em *anular tudo*, etc., etc. Eu, ao ouvir dizer ao P.º Cirino, a quem encontrei nos Breves, que o assunto do escapulário de S. José ia tão mal, fui inteirar-me de tudo e vi que era bem verdade. Trata-se de:

1.º É um facto que em 1868 a S. C. dos Ritos não aprovou de nenhuma maneira o escapulário nem a forma da bênção com o responso: *negative in omnibus*.

2.º O decreto, com o qual a S. C. das Indulgências concedeu em 1874 as indulgências ao escapulário *não aprovado*, é *ob-reptício e sub-reptício*, porque, ao fazer-se a petição, calou-se a resolução emanada da S. C. dos Ritos em 1868, ou seja: *negative in omnibus*.

3.º Portanto, as indulgências concedidas são nulas e os 4000 chamados sócios do escapulário de P.º Falezza não ganharam as indulgências que supunham ganhar.

5921

4.º O escapulário ideado por P.º Falezza – disse-me um prelado da C. de Ritos – é *herético*: mostraramo e caí das nuvens.

5.º Causa espanto que este escapulário *não aprovado* se tenha dado em dioceses, mesmo de fora, como na Baviera.

Com base nisto, já se teria publicado o decreto de proibição, mesmo com palavras um pouco duras, se ao erro de P.º Falezza se não tivesse acrescentado o dislate do falecido card. Barili, que estava doente e que aprovou as indulgências; quer dizer, obteve do Santo Padre Pio IX as indulgências sem consultar primeiro a S. C. dos Ritos.

Agora trata-se de salvar as conveniências da Santa Sé. Pelo que eu, que me preocupo pela honra de S. José, pois preciso que continue a mostrar-se bom e generoso, quereria arranjar as coisas. E desejaria que fosse honrado o mais possível, mas de modo que agrade à Santa Sé e ao Sumo Pontífice.

5922

Portanto, aproveitando a habitual lentidão de Roma, fui ontem e hoje sondar pessoas competentes sobre o tema. E vejo que se P.º Falezza não perde tempo e trabalha com rapidez, recorrendo à ajuda do pároco de S. Nicolau ou à dos filipinos, etc., e me manda para Roma, *antes de uma semana* ou quando muito dentro *de dez dias*, a petição ao Santo Padre formulada *segundo o esquema que lhe junto*, e aprovada por V. Em.ª Rev.ma (para o que basta que V. Em.ª faça a carta de recomendação, indicando em princípio que aprovou o dito escapulário simples); se, digo, dentro de uma semana, P.º Falezza me manda essa petição a Sua Santidade, acompanhada do modelo de escapulário de S. José *com* ou *sem* o Menino com o lírio e de uma só cor de ambos os lados, o assunto entra em vias de solução: suspende-se entretanto a sentença e, trabalhando eu aqui sobre a nova petição de P.º Falezza, recomendada pelo ordinário, espero ir fazendo, pouco a pouco, cair a sentença no esquecimento. E se se conseguir a aprovação do novo escapulário com as indulgências de *antes*, remedia-se tudo.

5923

Mas é preciso agir rapidamente, enquanto eu me encontro em Roma. Já tomei os meus conselhos e medidas para depois, uma vez obtido o escapulário para Verona, fazer de maneira que, com o tempo, receba a aprovação para a Igreja universal.

A P.º Falezza não lhe dou tantas explicações, por justos motivos. Ele deve fazer *cegamente* a petição com base no esquema que incluo e S. José o abençoará. Submeto ao sábio juízo de V. Em.ª a minha carta a P.º Falezza.

Inclino-me a beijar, etc.

Seu devot.mo filho
† Daniel bispo e v. a.

N.º 910 (867) - A SEU PAI
ACR, A, c. 14/118

Roma, Hotel Anglo-Americano
27 de Fevereiro 1880

Meu muito querido pai,

5924

Estou alojado neste hotel com outros bispos, porque está perto da Propaganda. Esta manhã celebrou-se no Vaticano o consistório, no qual foram nomeados 42 bispos. Além disso, 5 cardeais receberam o barrete cardinalício. Com o Papa Leão XIII estavam reunidos 37 cardeais e mais de 70 bispos. Também se encontram presentes muitos príncipes e quase todos os embaixadores e ministros plenipotenciários acreditados na Santa Sé. Era um espectáculo maravilhoso. E tudo paz, amor, concórdia, respeito, obediência, tranquilidade; e certeza de que a causa de Deus triunfará. Amanhã estou convidado a ir jantar a casa do príncipe Borghese. Nessa família de príncipes e princesas, o pai e a mãe fizeram-me objecto de um grande acolhimento, porque me confiaram os seus dois filhos, o príncipe Camilo e o príncipe João, que irão com Matteucci a Cartum e ao Cordofão. Vai ser uma suadela...

5925

Faz-me o favor de escrever a Virgínia (sem dizer que eu to disse), porque sentiu muita pena da tua partida para Verona. Ela deixou tudo para ajudar a minha obra. Diz-lhe que rezas sempre por ela (e deves rezar) e que esperas ir vê-la brevemente.

A direcção é esta:

«Sr.^a Virgínia Mansur
Instituto das Pias Madres da Nigrícia
em Sta. Maria in Organo – Verona»

5926

Saúda Pedro e que te dê a bomba que me ofereceu, que faz subir a água a 40 metros. Agradece-lhe muito da minha parte. Espero vê-lo em breve.

Eu encontro-me muito bem. Por favor, escreve-me muitas vezes para aqui, para minha direcção e reza por mim.

A Santa Sé quer erigir uma nova missão em África e chamou-me a Roma para determinar o território, os limites e a maneira de ter êxito nesta sua nova empresa. Por isso, tenho que trabalhar. A princesa manda-te muitos cumprimentos. Dá os meus a Teresa e aos nossos parentes de Limone e de Riva, ao reitor e a P.^e Luís e conta-me o que disseste a Listorro e o que é que te respondeu ele sobre a sua filha. Não conhece a graça de Deus.

Teu af.mo filho
† Daniel bispo

N.º 911 (868) - NUMA CARTA EM ALEMÃO
ACR, A, c. 20/56 n. 4

Fevereiro de 1880

N.º 912 (869) - AO CARD. LUÍS DE CANOSSA
ACVV, XVII, 5 B

Roma, Hotel Anglo-Americano
1 de Março de 1880

Eminência rev.ma,

5927

Desculpe pelo atraso; mas fui logo ao número 14 da *Via Principe Amadeo* e, com o meu camareiro, bati à porta dos dez apartamentos que constituem o palácio, e não encontrei o conde Concastelli. Finalmente, tentei de novo esta manhã e averigüei que habita no andar de baixo, em casa de uma professora. Como ele não estava, porque tinha ido à Sociedade Geográfica, entreguei a carta de V. Em.^a a suas irmãs de Mântua e dei-lhes recado para vir ter comigo. É um jovem de 22 anos, disseram-me; é ainda estudante e o seu pai está em Bolonha.

5928

Fui depois ao Ministério de Instrução Pública e falei mais de uma hora com o amabilíssimo com. Jerónimo Nisio, chefe de gabinete do ministro; ele foi muito sensível à amável gentileza de V. Em.^a ao procurar informação a respeito dele e da sua situação e falou-me de si com entusiasmo. Também me exprimiu uma grande estima para com o excelente prof. prefeito mons. Stegagnini e o prof. Bianchi, os quais são – disse – insignes como professores e muito bons. Depois, entregou-me para V. Em.^a e para mim dois bilhetes seus, dizendo-me que estava disposto a ser agradável para consigo e comigo, em tudo aquilo que desejássemos. Deu-me a impressão de ser um homem excelente e parece muito contente com a sua situação.

5929

Reitero-lhe o meu agradecimento por tudo. Estou muito cansado. No consistório para os cinco barretes cardinalícios, estavam, para além de todos os cardeais presentes na Cúria, mais de setenta bispos das cinco partes do mundo, todos os embaixadores, etc. Mons. Cataldi fez de mestre de cerimónias em lugar de mons. Martinucci, que esteve à morte (disse-mo ele), porque a gota lhe subiu à cabeça.

Rogando-lhe que apresente os meus respeitos ao marquês Octávio, a P.^e Vicente, etc., etc., declaro-me com a veneração mais profunda

De V. Em.^a Rev.ma devot.mo
† Daniel bispo e vig. ap.

5930

A razão pela qual me chamou o Em.^o Simeoni, por ordem do Santo Padre, foi a solução da questão dos novos vicariatos apostólicos na África, nomeadamente a fixação dos seus limites. Ele há pressões de todo o lado; é preciso acabar por dobrar a cabeça ante a cruz. *Haec inter nos.*

5931

Saúde da minha parte Parrachini, esse cónego de tanta valia e diga-lhe que no dia do bom ecónomo S. José pedirei a bênção apostólica para ele e os bons veroneses. Também Omodei prega estupendamente na Igreja de Jesus, perante grande afluência. Bolas! Logo que cheguei a Roma, disseram-me muitos, em Roma e no Vaticano, que no primeiro domingo da Quaresma tinha falado do púlpito sobre mim e sobre mons. Massaia. Meu Deus! Eu ainda não tive a coragem de lá ir celebrar. A África e a sua conquista para a cruz interessa a todos e, com o poder da oração, a bandeira de Cristo irá impor-se naquelas terras.

N.^o 913 (870) - AO CARDEAL LUÍS DE CANOSSA
ACR, A, c. 14/102

Roma, 7 de Março de 1880

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

5932

Mons. Bacilieri escreveu-me em nome de Vossa Eminência dando-me o muito honroso e agradável encargo de representar V. Em.^a, por causa da solene festividade de hoje, dia de S. Tomás de Aquino, no solene acto de total e sincera adesão à encíclica *Aeterni Patris*, e de representar também o magnífico e insigne cabido da catedral de Verona e o nosso Seminário Episcopal, dignamente dirigido pelo nosso estimado Bacilieri.

5933

Pois bem, comunico-lhe que hoje fui dos primeiros bispos a lançar-me aos pés do nosso Santo Padre Leão XIII, na presença de quase todos os eminentíssimos cardeais presentes na Cúria, de mais de setenta bispos e das representações das academias e universidades e de numerosíssimos seminários de todo o mundo – Austrália, América, Ásia, África e Europa –, e prestei-lhe homenagem em nome de:

1.^o De Vossa Eminência

2.^o Do magnífico cabido de Verona, cuja esplêndida mensagem entreguei ao Santo Pontífice, o qual, por sua vez, a entregou a mons. Gaudenzi.

3.^o Do venerável Seminário Episcopal de Verona, cuja bela mensagem entreguei também, dizendo ao Santo Padre que mons. o reitor e outros professores fizeram a teologia em Roma, no Colégio Romano, do que o Santo Padre se mostrou muito agradado e satisfeito.

5934

4.^o Ofereci-lhe, por escrito, a minha homenagem de adesão à encíclica *Aeterni Patris*, manifestando-lhe depois a devoção que *usque ad sanguinis effusionem* lhe temos todos nós, o colégio das missões para a Nigéria de Verona e do Egipto e todos os missionários do Vicariato Apostólico da África Central, o que o Santo Padre agradeceu enormemente, saudando e abençoando Vossa Eminência de todo o coração e abençoando também de coração o magnífico cabido de Verona, o seminário, a África e o venerável Instituto dos Estigmatinos de Verona, para cujo rev.mo prepósito geral, o padre Vignola, pedi uma bênção muito especial e outra igualmente para o P.^e Sembianti. Das dirigidas ao cabido e ao seminário dei notícia telegráfica ao bom Bacilieri.

5935

Após a mensagem geral, lida em nome de todos por monsenhor Tripepi, o Santo Padre pôs-se de pé e pronunciou um estupendo discurso em latim ciceroniano, que a todos comoveu, passando, depois, a explicar

de forma maravilhosa e como o Papa mais sábio o sentido sublime da encíclica, etc., etc., que leu: empregou no discurso 42 minutos contados pelo relógio.

Depois, grande parte dos teólogos (entre os quais, ainda que indigníssimo, fizeram com que figurasse também eu, a quem querem nomear membro da Academia de S. Tomás) conduziu-nos ao jardim e tiraram-nos fotografias.

5936

Eu cedi à emoção e chorei ao ouvir dos lábios do Pontífice o esplêndido discurso clássico do Papa, no qual anunciou que em breve vai publicar cartas pontifícias com as quais proclamará S. Tomás patrono das academias e universidades católicas de todo o mundo.

Participei na reunião académica presidida pelo card. Parrochi (que o saúda e parte esta tarde para Bolonha); foi um verdadeiro triunfo mundial. Destacou-se entre todos, sem comparação, o discurso lido pelo P.^e Cornoldi, que recolheu os aplausos de todos os cardeais, bispos e doutos da assembleia, etc., etc.

Fui duas vezes a casa dos condes Concastelli e eles vieram visitar-me, etc.; mas disto, outra vez. O chapéu está feito, pronto: também tem o cordão cardinalício. Dei um raspanete a Morani, por causa do atraso.

5937

Parece que a minha carta não agradou muito a P.^e Falezza, porque me escreveu a dizer-me que agora está doente e não se pode ocupar de escapulários, etc., e pedia-me que arranjasse alguém que fizesse as diligências, quando eu saísse de Roma, etc. Eu respondi-lhe que ninguém pode servi-lo melhor que o P.^e Cirino, dos teatinos, que tem um grande zelo. Mas precisamente o P.^e Cirino disse-me que o assunto é feio e pouco transparente. O plano que expus por carta a V.^a Em.^a para um novo escapulário é a única saída para o fracasso iminente.

Estou muito cansado. Levarei comigo a *Hierarquia Católica*. Beijo-lhe a sagrada púrpura.

Seu obed.mo, hum.mo filho

† Daniel bispo

5938

Neste momento (4 da tarde de 7 de Março) um tal José Graziani traz-me a sua estimadíssima de 29 de Fevereiro passado e uma de P.^e Vicente: diz que amanhã me trará outro pacote. Farei quanto V. Em.^a me manda. Ontem estive a falar com o P.^e Calencio, dos filipinos, a quem roguei seguisse em frente com os bispos e passasse o maior número possível e não apenas seis. Mas tive quem fosse contrário a isso e, de fora de Roma, meteu o nariz onde não era chamado – parece. Mas voltarei lá e escrever-lhe-ei de tudo.

N.º 914 (871) - A SEU PAI
ACR, A, c. 14/119

J. M. J.

Roma, 8 de Março de 1880

Meu querido pai,

5939

Desejo saber como te encontras. Eu estou muito contente por teres escrito à Virgínia. O meu serviçal americano tem muita sorte na lotaria; todas as semanas tira um número e neste sábado ganhou um terno de 50 táleres e hoje trouxe-me cem liras para a África: continua a rezar a S. José para ganhar na lotaria.

Como representante da África Central, do em.^o cardeal bispo de Verona, do cabido dos cônegos de Verona, do Seminário Episcopal de Verona e dos meus estabelecimentos, assim como de algumas academias, na presença dos eminentíssimos cardeais e bispos presentes na Cúria e dos mais ilustres homens da ciência e sábios do universo, ontem prestei homenagem ao Papa Leão XIII e, entre outras coisas, *pedi-lhe* a bênção para ti e os nossos parentes. Ele pronunciou um discurso tão elegante e sublime em perfeito latim que a todos deixou maravilhados e exaltou a ciência cristiano-Filosófica de S. Tomás de Aquino, a quem propôs como mestre dos sábios católicos e protector das academias e das universidades cristãs.

5940

Eu fui eleito membro e sócio da Academia de S. Tomás e, para mais, hoje fui nomeado membro e sócio também da Academia dos Arcades.

Amanhã, às quatro, todos os académicos seremos fotografados no Vaticano. Mas o que vale mais que todos estes santos *fumos* académicos é o *assado* da salvação da alma. Salvando a alma, teremos alcançado tudo. Está aqui em Roma o meu secretário, P.^e Jeremias Properzi, vindo de Sestri Levante. Saúda da minha parte Teresa e diz-lhe que escreva a Virgínia. Precisa de conforto, porque está aflita. O professor e irmão de Virgínia vivem já numa pequena casa anexa à das Irmãs. *Fiat*.

Muitos cumprimentos aos nossos parentes, a P.^e Luís, ao reitor, etc.

Teu af.mo filho
† Daniel bispo e vig. ap.

5941

O meu ecónomo, ainda que Março seja o seu mês, está a fazer-se surdo comigo: é preciso restituir-lhe o ouvido.

N.º 915 (872) - AO CARDEAL JOÃO SIMEÃO
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 1051-1052

Roma, 10 de Março de 1880

Em.º e Rev.mo Príncipe,

5942

Monsenhor *Mateus Kirchner*, de Bamberg, que foi pró-vigário apostólico da África Central de 1858 a 1861, recebeu em 1861 a nomeação de *camareiro secreto* de S. S. Pio IX (d. s. m.), título que ostentou até à morte do Sumo Pontífice.

Na sua pátria desempenhou louvavelmente o cargo de reitor do seminário de Bamberg e foi durante muitos anos deputado do Centro no Parlamento Alemão, em Berlim, reforçando com a sua presença o grupo dos 94 deputados católicos. Finalmente, desde há vários anos, é arcepreste deão do decanato de *Sesslitz*, na diocese de Bamberg, na Baviera, onde, com apostólico zelo e como verdadeiro sacerdote apostólico romano papal, desempenha o seu alto cargo.

5943

Como sucessor do mencionado Mateus Kirchner no governo da África Central e impulsionado por provadíssimos eclesiásticos amigos seus e meus, imploro a V. Em.^a Rev.ma que seja confirmado por Sua Santidade o pontífice reinante Leão XIII no referido título de *camareiro secreto* que antes tinha, e melhor ainda seria se fosse elevado à dignidade de prelado doméstico. Por outro lado, em 1861 obtive da S. Congreg. o título de missionário apostólico *ad hon.* e é um homem douto, diligente e piedoso, cujo decanato ficaria honrado com isso.

Na certeza de que S. E. o núncio apostólico da Baviera confirmará a verdade do que aqui expus, espero da bondade de V. Em.^a Rev.ma ver satisfeita a minha humilde súplica.

Que da graça, etc.

† Daniel Comboni bispo e vig. ap.

N.º 916 (873) - A Mme. ANA H. DE VILLENEUVE
AFV, Versailles

15 de Março de 1880

Breve bilhete.

N.º 917 (874) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 8, f.1053

Roma, 15 de Março de 1880

Petição de viagens gratuitas.

N.º 918 (875) - AO CARD. LUÍS DE CANOSSA
ACVV, XVII, 5. B

Louv. J. e M. eternamente, ámen

Roma, 17 de Março de 1880

Em.º e Rev.mo Príncipe,

5944

Fui visitar Giomini e encomendei-lhe um novo chapéu, sem cordão, de 20/17' e não 19/16' como o primeiro, segundo as veneráveis instruções de V. Eminência. O chapéu custa 18 e o cordão 14. Quanto ao chapéu que lhe mandei, se outros o quiserem, custa 18; e se o não quiserem, guarde-o para mo mandar na primeira oportunidade, que ele aceita a devolução. E se não quiser o cordão, mande-mo igualmente: Giomini aceitá-lo-á, porque assim acordámos. Por outro lado, o novo chapéu estará pronto para a próxima semana e eu levá-lo-ei para Verona no meu regresso, que está para breve, isso se não tiver antes uma ocasião propícia para o enviar. Deixei a sua carta em casa de mons. Tripepi, porque ele não estava. Depois encontrei-o ao regressar e ele disse-me que a lerá e que fará o que o senhor deseja.

5945

Com pesar meu, não poderei encontrar-me em Verona para a festa de S. José. Apresente, por isso, as minhas desculpas a P.º Vicente, a quem prometi que, se estivesse em Verona, presidiria à função em Santa Maria in Organo.

5946

Fui visitar o Em.º de Falloux e, usando da faculdade recebida, pedi-lhe em nome de V. Em.ª que me permitisse apresentar-lhe os seus dois sobrinhos, os condes Concastelli, para que, em caso de necessidade, os cubra com a sua alta protecção. Respondeu-me dando-me afectuosas saudações para V. Em.ª e dizendo-me que *um desejo do seu estimado e venerado colega o Em.º card. de Canossa é para ele uma ordem*; e que lhes apresente que ele lhes dispensará um adequado acolhimento.

5947

Passo a beijar-lhe a sagrada púrpura, mas não sem lhe dizer que estou contentíssimo de que o bom Padre Sembianti se estabeleça definitivamente no Insto. Africano no dia de S. José e que esta manhã, depois de ouvir o sermão que o P.º Eusébio pronunciou perante o Papa, consegui que o Santo Padre lhe conceda nesse dia a bênção apostólica.

Seu obed.mo filho
† Daniel bispo

N.º 919 (876) - A SEU PAI
ACR, A, c. 14/120

J. M. J.

Roma, Hotel Anglo-Americano
18 de Março de 1880

Meu querido pai,

5948

Recebi a tua carta de 15 de Março e fiquei contente por saber que escreveste a Virgínia. Eu induzi-a a que aceitasse ir para a casita que comunica interiormente com o instituto e até faz parte dele, porque não quero interferir em absoluto nem pôr o mínimo obstáculo ao novo superior, a fim de que organize o instituto à sua

maneira. É um verdadeiro santo e espero me venha a dar bons, excelentes missionários. E isto apesar de estar eu certo de que foi conquistado pelas artimanhas secretas de quem não quer que se estude o árabe, porque ele mesmo não o estudou nem em Verona nem no Egito e tão-pouco quer que se façam observações sobre economia, que ele não conhece, etc. Por isso, fez esforços para que o professor árabe fosse embora; mas como o professor não ia embora sem a professora, cujos pais lha haviam confiado, fez o mesmo com ela.

5949

Mas esse fez mal as contas, porque o novo reitor, obedecendo ao meu desejo, não só manteve as minhas ordens a respeito do estudo do árabe, mas até, depois da Páscoa e dos exames, o aumentará uma hora mais nos domingos e festas. E, para mais, tratou-se de induzir o reitor a fazer com que também tu com Teresa vás viver na casita quando eu aí estiver; e se não houver espaço suficiente (há-o de sobra), que o professor passe provisoriamente para um quarto do insto. masculino. Coragem, pois, são tormentas que passam, embora me doa que Virgínia sofra, a quem a missão da África e os institutos de Verona devem tantos serviços, ela que expôs a vida muitas vezes e que me foi a mais fiel nas dificuldades. Porém, quando eu voltar a Verona comprovarei tudo e verei o que se pode fazer. Entretanto, tu e Teresa rezai e escrevei-lhe com frequência para a confortar.

5950

Espero que o resfriado seja passageiro, passe rápido ou tenha passado. Da África tenho boas notícias, à exceção daquele malandro francês ladrão e um dos leigos de Bérgamo, a quem P.^e Luís expulsou definitivamente da missão (em Verona portavam-se bem). Farei todo o possível para estar em Verona dentro de dez ou doze dias. Abençoo a todos.

† Daniel bispo

N.º 920 (877) - A SEU PAI
ACR, A, c. 14/121

Roma, 25 de Março de 1880

Breve bilhete.

N.º 921 (878) - AO CARD. LUÍS DE CANOSSA
ACVV, XVII, 5B

Roma, 30 de Março de 1880

Breve bilhete.

N.º 922 (879) - AO CARD. LUÍS DE CANOSSA
ACVV, XVII, 5 B

Louv. J. e M. Eternam. ámen

Roma, 4 de Abril de 1880

Eminentíssimo e Rev.mo Príncipe,

5951

Amanhã ou depois chegará a Roma o Em.^o card. Manning, que ainda está em Inglaterra e que o ano passado me enviou 500 libras esterlinas (12 500 francos ouro) de uma só vez; por isso decidi esperar para falar com ele sobre coisas importantes. Mas, para matar dois coelhos com um tiro, aproveito a extraordinária sole- nidade do XIV Centenário de S. Bento e amanhã de manhã cedo saio para Montecassino, onde, para além de um grande número de prelados de todo o mundo (terça-feira celebrará missa de pontifical o Em.^o card. Bartolini, protector da ordem beneditina), estará também o príncipe arcebispo de Salzburgo, etc., e assim se me levantará o coração em ocasião tão bela e solene e, ainda mais, há boas indulgências para ganhar. Quarta-

feira regressarei a Roma; e, após ter falado com Em.^o card. Manning, que já terá chegado de Londres, quinta-feira ou, o mais tarde, sexta, se não acontecer alguma outra coisa, estarei em Verona.

5952

Tornou-se-me útil constatar nesta demora em Roma o bom andamento do assunto Mqa. Z... e o Em.^o card. Moretti favorece com energia e muito interesse o bom sucesso.

Ontem esteve aqui o conde António Portalupi; a excelente Carolina vai muito bem e todos se encontram alegres.

5953

Esta noite estou convidado para um jantar diplomático em casa do príncipe Borghese, no qual participam, para além de um cardeal e prelados, Andrassy, o novo embaixador da França, o príncipe Torlonia, os duques Grazioli e Salviati, etc., etc., e Appony, a esposa do antigo embaixador da Áustria em Londres, cuja generosidade é assim assim...

E eu sempre a suportar cruces: no Cordofão partiu para o paraíso a Ir. Maria Bertuzzi, de Malcesine, devido ao tifo. Talvez não se tenha purgado depois da viagem.

Beijando-lhe a sagrada púrpura, subscrevo-me

De V. Em.^a obed.mo filho
† Daniel bispo

N.^o 923 (1172) - AO ABADE DE MONTECASSINO
AABM

J. M. J.

Roma, 4 de Abril de 1880

Il.mo e rev.mo senhor,

5954

Admirador sincero e seriamente entusiasta desde a minha juventude das glórias imortais de Montecassino, que tão importante papel desempenhou na propagação da fé e da civilização no mundo, e devotíssimo do grande santo patriarca dessa ordem insigne que durante tantos séculos resumiu em si, pode-se dizer, a história da Igreja e a civilização cristã do Ocidente e deu à Igreja quarenta e quatro papas, etc., etc., não posso, encontrando-me tão perto, resistir ao imperioso desejo de assistir às festas que, na comemoração do XIV Centenário de S. Bento, se celebram em Montecassino com tanta pompa de cerimónias de pontifical, que reforçam e revigoram a fé, o amor e o respeito à nossa santíssima religião.

5955

Por isso, sem reparar na minha indignidade e insignificância, mas só confiando em Deus e na sua imensa caridade que abarca todo o universo, tenho o atrevimento de lhe pedir cortês hospitalidade em qualquer lugar perdido do insigne mosteiro ou num cantinho da biblioteca, a fim de poder assistir aos sublimes actos comemorativos do dia do nascimento do santo patriarca.

5956

É bem verdade que participam nessa estupenda manifestação de fé e de culto católicos ilustres e distintos prelados, abades e nobilíssimas personalidades eclesiásticas e religiosas, entre os quais brilha esse luminar da Igreja e ornamento do Sacro Colégio, o em.^o card. patrono da ordem beneditina e esse refulgente astro da mesma ordem que é sua alteza rev.ma o arcebispo de Salzburgo, ex-abade da Abadia de S. Pedro, e ordinário do mosteiro das beneditinas de Nonnberg que, quanto a existência ininterrupta, são os cenóbios mais antigos do mundo, *nunca suprimidos*, e que foram fundados em 577-581 por S. Ruperto e St.^a Erentrude, mosteiros muito beneméritos para com a África Central. Mas, para mim, que estou acostumado a dormir no chão e sob o firmamento, durante meses e meses do ano, nas abrasadoras arenas e nas selvas da África interior, basta, como dizia, um cantinho no fundo da biblioteca.

5957

Na certeza de que a sua exímia bondade acolherá com benevolência a minha humilde súplica, comunico-lhe que segunda-feira, 5 do corrente, às 8.34 horas da manhã sairei de Roma para estar às 12.34 em S. Germano, de onde, a pé ou de burro, subirei até ao mosteiro, ao qual espero chegar antes de vésperas.

Entretanto, antecipando-lhe os meus sentimentos de devoção e agradecimento e rogando-lhe que apresente os meus respeitos ao Em.^o cardeal Bartolini, a S. Alteza rev.ma mons. Eder, aos monsenhores Schiaffino, Capecelatro, etc., tenho a honra de me declarar com todo o respeito e veneração

De V. S. Il.ma e Rev.ma
Hum.mo, devot.mo, verdadeiro servidor
† Daniel Comboni bispo
e vigário ap. da África Central

N.º 924 (880) - A P.º FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/2

Verona, 10 de Abril de 1880

Breve bilhete.

N.º 925 (881) - AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/96

Sestri Levante, 23 de Abril 1880

Meu caríssimo padre,

5958

Recebi em Como o seu telegrama e a sua carta, bem como a de Hanifan, que, confidencialmente, lhe remeto.

Incluo-lhe igualmente a minha carta a Hanifan, que o senhor lerá primeiro e depois fechará e enviará, se julgar conveniente.

Ele não me pediu para se ir embora do instituto, mas apenas que o *mandasse imediatamente* para a África!! Naturalmente eu respondi-lhe que não e convidei-o a apresentar-se a si e a declarar-lhe se se submeterá em tudo e por tudo a todas as regras e provas. Se disser que não, é melhor que se vá agora; mas, como talvez não tenha ninguém, procure o senhor saber para onde quer ele ir, a fim de o não pôr na rua.

5959

Estive muito ocupado estes dias e tenho um grande cansaço, porque celebrei de pontifical, preguei, fui à Suíça, escrevi muito, etc. Foi estupenda a peregrinação. Éramos treze bispos.

Rogo-lhe que envie Virgínia com a sua irmã *à hora e no comboio que eu lhe indicarei por telegrama*. Quanto aos seus baús, que os levem consigo. Faça com que Estêvão ou Santiago os acompanhem à estação de Porta Vescovo, fazendo ir à frente os baús. Que tirem os bilhetes para Milão, onde as receberão pessoas enviadas em meu nome ou talvez o meu camareiro, porque ainda não sei exactamente onde as alojarei *hic et nunc*: estou um pouco embaraçado. E quando o senhor souber a hora em que sairão ou saíram, telegrafe-me para *Sestri*, assim: *partiram a tal hora da manhã ou da tarde, etc.*

Muitas saudações a P.º Luciano, os meus respeitos ao rev.mo superior e reze por

Seu af.mo no Senhor
† Daniel bispo e v. a.

Por favor, mande *imediatamente* a carta junta a Virgínia.

N.º 926 (882) - AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/97

J. M. J.

Sestri Levante, 24 de Abril de 1880

Meu caríssimo padre,

5960

Depois de ponderar tudo, julgo oportuno que às duas árabes junte a Ir. Matilde e as Irmãs Casella e Benamati e que as cinco venham para Sestri Levante, onde as Irmãs da Apresentação de M. V. lhes darão cortês hospedagem.

5961

Entregue à Ir. Matilde ou a Virgínia as cartas ou telegramas que tenham chegado dirigidos a mim, para que mos tragam para Sestri Levante. Quanto aos catequistas Isidoro e Sebastião, que permaneçam ainda em Verona durante uns dias – ou seja, até à saída da pequena expedição –, e faremos com que se juntem às Irmãs em Roma, para depois prosseguir até Nápoles.

5962

Os baús, tanto os das duas árabes como os das três Irmãs, faça-os enviar *a grande* velocidade para Sestri Levante, pagando o seu transporte no comboio. Entenda-se que, dentro de uma semana, receberá um pouco de dinheiro de mim ou de Roma.

Mande que as Irmãs e as duas árabes saiam de Verona de Porta Vescovo (na mesma de onde podem sair os baús) e entregue o recibo à Ir. Matilde constituída superiora das Irmãs viajantes e das duas árabes; mande-as partir, dizia, como lhe telegrafei, segunda-feira às 9.55 horas da manhã, as cinco em 2.^a classe, tirando os bilhetes até Milão, onde as receberá na Estação Central, às 15.15 horas, o meu bom e fiel camareiro Domingos, o qual as conduzirá depois em direcção a Génova até ao seu lugar de destino. O senhor poderá servir-se de Santiago e Estêvão para acompanhá-las à estação e basta que pague os bilhetes de Verona a Milão, e os baús de Verona a Sestri Levante ou a Génova: do resto encarrego-me eu.

5963

Quanto a Hanifan, tudo o que o senhor fizer terá a minha total aprovação, porque as razões que o senhor me aduziu de viva voz e por escrito são mais que justas. A questão é que ele não está disposto a negar-se a si mesmo e adaptar-se à regra; e a sua disposição actual antecipa a que terá amanhã, quando lhe tocar sofrer mais. O senhor verá se é oportuno ter com ele a caridade de o recomendar ao cónego Ortalda de Turim ou a P.^e Gennaro Martini, onde tudo é admitido.

5964

Portanto, se não receber outro aviso telegráfico, ordene a saída das cinco mulheres, com a Ir. Matilde à frente, depois de amanhã, segunda-feira, às 9.55 da manhã, do modo como lhe disse mais acima. Mas se lhe mandar outro telegrama, atenha-se ao que disser nele para atrasar um pouco a partida. Isto porque poderia acontecer que eu me ausentasse um dia daqui para falar com o bispo ordinário.

5965

Recebo neste momento a sua carta de 22 do corrente. A de Hanifan mandei-lha aberta para submeter tudo ao seu sábio parecer. Por isso dei-lhe possibilidade de fazer ou não fazer, de entregar e não entregar, conforme considerar melhor. Quanto a Grieff, penso que com bons modos o senhor poderia apalpar terreno para conhecer melhor a sua verdadeira disposição. Trata-se de o estudar bem e ver se conseguimos obter o nosso fim por meios brandos, antes de recorrer a medidas mais ásperas e fortes. Eu estou em condições de utilizar com ele meios poderosos e até ameaças e não tenho [...] nenhum temor; mas preferiria que valessem as maneiras suaves e caritativas. O pobre homem esperava agir como um superior e, a seu modo e com hipocrisia exterior, enganar os ingénuos e santinhos, fazendo em tudo a sua santíssima vontade. Mas Deus, que ilumina os superiores, desta vez não o permitiu. O Senhor conceda a Grieff a graça de voltar ao bom caminho.

5966

Quanto ao demais, eu escuto a todos sem que isso suponha que me deixe levar; isso sim, posso assegurar-lhe que não faço nunca nada sem ouvir primeiro os superiores. Tenha a certeza de que, ainda que Grieff e Hanifan viessem falar comigo antes de eu ter oportunidade de falar consigo, saberia portar-me como é devido.

Nos dulcíssimos Corações de Jesus e Maria declaro-me

Seu af.mo serv. † Daniel bispo

N.º 927 (883) - A SEU PAI
ACR, A c. 14/122

Sestri Levante, 28 de Abril de 1880

Meu querido pai,

5967

Desde há dias que me encontro em Sestri, onde provisoriamente ocupei o local do antigo convento, que muito provavelmente me será dado. Ainda que rejeite a teoria dos *factos consumados*, ocupei o convento com três religiosas de Verona, mais Virgínia e sua irmã. Quando no próximo Verão eu voltar a esta praia genovesa, tu e Teresa vireis comigo. Eu estou bem, ainda que moralmente tenha sofrido muito. Mas sofri por amor de Deus e pelo bem das almas e Deus me confortará fazendo crescer o nariz a quem injustamente me fez sofrer. Reza a Jesus por eles e alegra-te.

5968

Fui a Lugano e estive um pouco com Eustáquio, etc., e isto depois da missa de pontifical e do sermão que proferi em Como, onde nos encontrávamos catorze bispos, três dos quais e eu (ou seja quatro) fomos os oradores. Foi um verdadeiro triunfo da fé. Domingo vou a Turim, onde, na segunda-feira, terei um pontifical; depois irei a Milão e Verona ou a Limone e Verona.

Saudações aos parentes, etc., a Teresa, Faustino, Pedro, etc.

Af.mo filho
† Daniel bispo

Virgínia, a sua irmã, a Ir. Matilde de Verona e as Irmãs Casella e Benamati, de Malcesine, que estão aqui comigo, e Domingos, meu fiel serviçal, mandam-te cumprimentos.

Escreve a:

Virgínia Mansur, professora árabe
Casa de P.^e Ângelo Tagliaferro
Sestri Levante

N.^o 928 (884) - A P.^e FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/3

J. M. J.

Sestri Levante (Génova), 1 de Maio de 1880

Estimado P.^e Francisco,

5969

Com enorme surpresa acabo de receber de Verona um telegrama no qual se me diz que lhe chegou outro a si exigindo-lhe o pagamento de 217 guinéus a Zucchinietti, o médico.

Eu recebi de Cartum uma carta de P.^e Bonomi, na qual me falava de pagar ao dr. Zucchinietti 217 guinéus que ele tinha ganho do Governo egípcio, como médico de Gessi Paxá, posto que eu lhe arranjei junto de Gordon Paxá à razão de 25 guinéus ao mês. Mas quando Zucchinietti entregou em depósito o dito dinheiro a P.^e Baptista, o superior da missão do Cordofão, este disse-lhe que não o queria receber sem autorização minha. «Receba – respondeu o médico –, que eu trato com monsenhor; sou capaz de o dar à missão.»

5970

Eu de nenhum modo o receberia como oferta do dr. Zucchinietti, porque ele não é rico e até tem as suas dificuldades. Mas, ao menos, posso pretender que me conceda um pouco de tempo para lhe arranjar o dinheiro.

Contudo, fico a saber com espanto que *sob ameaças exige-se o pagamento imediato*.

Eu não posso mandar dinheiro agora: já não há tempo para o fazer com este vapor, porque me encontro numa terra pequena, não em Roma, Paris, etc. Mas tratarei de o mandar com o próximo correio, se Deus me der a graça disso.

5971

Entretanto assegure a quem lhe apresentou o recibo que *se pagará tudo sem falta e rápido*; e que não me parece nada adequado que me molestem por tão pequena importância, a mim, que gastei e gastarei *milhões*.

Por favor vá visitar o amabilíssimo sr. advogado Bonola, secretário da Sociedade Geográfica (que conhece todas as minhas relações com o médico Zucchinetti e que foi quem mo recomendou) e rogue-lhe que interceda para que não me surjam problemas, porque eu sempre fui, sou e serei homem cumpridor.

Já sabe que é em Junho que recebo mais subsídios; mas farei quanto estiver ao meu alcance para que se paguem já os 217 guinéus.

† Daniel Comboni bispo

5972

Se receber letras cambiais de Colónia ou de outras partes, pague logo os 217 guinéus, e igualmente os recibos que lhe chegarem de Cartum como o dinheiro dos *Frères*, posponha por agora o pagamento ao superior dos maronitas; ou então (pago o vinho) dê quando muito ao abade *dois ou três mil francos* à conta dos 350 guinéus, etc. de *Ibrahim Khalifa* (cujo encarregado da cobrança é o rev.mo abade dos maronitas).

5973

Em suma, trate de conjurar todas as tempestades e especialmente a dos 217 guinéus, etc.

Por outro lado, recebi os seus balancetes das contas e estou muito contente consigo. Rezo sempre ao dulcíssimo Coração de Jesus e da Virgem para que lhe prestem a sua valiosa assistência no novo cargo que o senhor desempenha, cargo em que o colocou a *pura vontade divina*. Deus dar-lhe-á as graças necessárias; e se tiver que sofrer alguma coisa, *será só por causa dos meus pecados e não pelos seus*. Portanto, mantenha-se alegre e reze a Jesus por mim.

5974

Autorizo-o a ler a carta junta – que escrevo ao ex-médico da missão, Virgílio Zucchinetti, ou seja, ao credor dos 217 guinéus –, a quem lhe apresentou o recibo e que com ameaças o intimou a pagar imediatamente; e também a entregá-la aberta (para que a leia) ao advogado Bonola, a fim de que a faça chegar a Zucchinetti.

Entretanto, eu farei todo o possível para o ajudar a si e para lhe mandar fundos. Escreva-me *sempre para Verona*.

† Daniel bispo

P.^e Bartolo está em Roma.

N.º 929 (886) - A P.^e FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/5

Turim, 7 de Maio de 1880

Telegrama.

N.º 930 (887) - A P.^e FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/4

Turim, 7 de Maio de 1880

Breve bilhete.

N.º 931 (888) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/98

Verona, 15 de Maio de 1880

5975

Para sua orientação, dou-lhe conhecimento de que há muito tempo que satisfiz todas estas obrigações e dívidas contraídas a cargo dos meus institutos de Verona pelo rev.do P.^e Paulo Rossi, que provisoriamente,

durante vinte meses, desempenhou as funções de *regente* desses institutos; e declaro que lhe entrego a administração dos ditos estabelecimentos totalmente livres de dívidas e encargos, que o mencionado P.^e Paulo Rossi pudesse ter contraído em meu nome e pelo poder de mim obtido.

† Daniel Comboni
Bispo e vig. ap. da Áf. Central

N.º 932 (889) - A P.^e FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/6

Verona, 15 de Maio de 1880

Meu caro P.^e Francisco,

5976

Terá recebido o meu telegrama de Turim, no qual lhe anunciava ter-lhe enviado sexta-feira, 7 de Maio, a soma de 5400 francos mediante letra de um banqueiro da dita cidade. Por minha parte recebi todas as suas cartas e parece-me que a infinita bondade de Deus o assiste no cumprimento da sua tarefa, o que me causa enorme satisfação. Espero que agora poderá (a julgar pelo que me escreveu sobre a bondade do sr. Holz) fazer frente a todos os gastos. Eu fico sem um cêntimo. Mas S. José resolverá tudo. Reze e faça rezar por mim e para que me mande o necessário, a fim de que todos nos façamos santos salvando a Nigricia.

5977

No que respeita ao professor árabe, não posso satisfazer a sua petição de lhe aumentar o estipêndio, porque não estou em condições de o fazer, uma vez que tenho demasiados gastos a meu cargo: o Senhor proverá de outro modo.

Abençoo Moron de coração, que não anda lá muito bem de saúde. Dê-lhe ânimo e que tome as devidas precauções.

Quanto às obras da casa e do quintal, deixo à sua discricção fazer os gastos necessários. Mas parece-me que quem vendeu os tubos, etc. deveria ter garantido o bom resultado, como fazem todos. Em qualquer caso escreverei sobre isso a P.^e Bartolo.

5978

Para o decoro da casa do Senhor faça tudo aquilo que considerar conveniente; mas lembre-se que somos pobres e que temos que fazer muitos outros gastos em Verona e no Vicariato.

Por agora não mando as Irmãs, que neste Verão instalei em Sestri Levante, na costa de Génova. Em troca, mandarei (espero que no próximo sábado, de Nápoles) P.^e Rosignoli, mais um ou outro irmão leigo, com dois catequistas de Verona.

5979

Quanto ao abade dos maronitas, diga-lhe: «Que juros pediria o rev.mo abade dos maronitas por 350 libras esterlinas desde o dia 1 de Maio até ao último de Dezembro ou mesmo a um prazo de seis meses?»

Diga-lhe também que eu pagarei a Ibrahim Khalifa *quatro por cento ao ano* por todo o seu dinheiro depositado nas minhas mãos em Cartum, a começar desde o dia 1 Setembro de 1879, data do vencimento da letra de quase 18 000 francos, até ao dia em que foram saldados os 450 de P.^e Bartolo, que penso foi no passado Abril ou fins de Março.

5980

Por outro lado, o padre abade escreveu-me que, por sua bondade, consente esperar ainda um pouco para o pagamento do resto. Se ele aceitasse deixar-nos ainda o dinheiro restante, isto é, 358 guinéus por alguns meses, ou seis, etc., eu quereria saber antes que juros iria ele levar ao ano. Em Junho (mesmo que não chegasse a letra de Colónia de 10 000 francos) eu poderei pagar uma parte da soma. Além disso, o padre abade é um honradíssimo homem de palavra e de *consciência*; eu sou cumpridor e quero pagar o que devo e Ibrahim Khalifa é todo cavalheiro e amigo meu, de modo que nenhum de nós terá que se queixar de nada. O padre abade sabe que juros se praticam no Cairo entre bons cristãos (não entre judeus e maus cristãos), e portanto o senhor tem campo para negociar. Vou mandar ao padre abade o cálice por meio de Rosignoli.

5981

Recomendo-lhe que pague quanto antes aos *Frères*, saldando toda a minha dívida com eles.

Se Zucchinetti ainda não veio, eu penso que se poderia contentar com um pouco de dinheiro como pagamento parcial da sua dívida e poderia dizer-se-lhe que o resto dar-lho-ei aqui na Itália ou em Roma. Zucchinetti tem bom coração, um ótimo coração. Se eu estivesse no Cairo, certamente que a minha pena o moveria à compaixão.

5982

As fivelas que o senhor mandou a P.^e Gennaro para o Vicariato, como contributo para o gasto da Igreja do Sagrado Coração, entregou-mas só anteontem em Turim e não antes; eu mandá-las-ei para Roma por meio dos catequistas.

Não tenho mais tempo para escrever. Diga a Dichtl que esteja tranquilo sobre o que me disse por carta e que lhe escreveu Walcher: não é nada. E que não fale disso com ninguém.

Abençoo as Irmãs e a todos.

Seu af.mo † Daniel bispo

N.º 933 (890) - AO P.^e BOETMAN, S. J.
ASAT, Bélgica

Verona, Insto. Africano, 19 de Maio de 1880

Estimadíssimo padre,

5983

Ainda que muito ocupado, aproveito a favorável ocasião do regresso de Genièsse à Bélgica para lhe escrever duas linhas com que exprimir a minha infinita gratidão pela bondade que teve para comigo e deixo para a minha próxima viagem à Bélgica tratar de viva voz com o seu grande coração de apóstolo sobre os interesses da África Central, e também pessoalmente com a escola apostólica que o senhor fundou em Turnhout.

5984

O sr. Genièsse, que sempre me tinha assegurado que estava muito contente com o Instituto e com a coragem de se consagrar à África Central, há uns seis dias atrás apresentou-se a dizer-me que não se sente disposto a tornar-se missionário e que tinha vindo a Verona pensando entrar numa ordem religiosa. O senhor sabe que a minha pequena congregação foi criada seguindo o modelo do Seminário para as Missões Estrangeiras de Paris e os que fazem parte dela devem ter todas as virtudes dos religiosos, mais a de estarem sempre dispostos a morrer pela salvação dos negros, etc.

Não obstante, Genièsse é um homem muito bom, devoto e capaz, amante da ordem e desejoso de se santificar. Lamento perdê-lo e se mais tarde desejasse voltar à minha missão (o que não creio), eu estaria disposto a readmiti-lo.

5985

Quando fundei o meu insto. de Verona (ao qual a Santa Sé confiou toda a África Central) assumi eu mesmo o cargo de reitor e, depois, entreguei-o a outros superiores bem capazes até Dezembro de 1877, altura em que deixei provisoriamente à frente do instituto P.^e Paulo Rossi até ao regresso do antigo reitor P.^e António Squaranti. Mas tendo este morrido, o instituto permaneceu dois anos sem uma sábia direcção.

Foi na época de P.^e Paulo Rossi que Grieff, sem estar maduro para isso, foi admitido ao sacerdócio e enviado para o Egipto. Tendo eu voltado da África Central para o Cairo, conheci aí Grieff, a quem fiz logo regressar a Verona, não o considerando apto para a missão da África Central. Ainda lhe falta muito para estar bem formado para a vida de sacrifício e de martírio e espero que sob a direcção do meu reitor actual, o rev.do P.^e José Sembianti, do instituto de missionários «*in obsequium episcoporum*», poderá adquirir a formação que lhe falta. Grieff tem boas qualidades e talento, mas para estar bem formado precisa de mais três anos.

5986

Antes de aceitar dois membros dessa admirável congregação *in obsequium episcoporum*, criada em Verona em 1816 (é a filha mais velha dos jesuítas, tem o mesmo espírito que a Companhia de Jesus e fundou-se para ajudar os bispos), dirigi-me ao rev.mo geral Becks, cabeça e luminar dos jesuítas, a fim de obter três padres para a direcção do meu instituto, mas por agora não mos pôde conceder. Talvez seja possível mais tarde.

5987

Agora, meu caro padre, tenha a bondade de se pôr em contacto com o rev.do P.^e José Sembianti, o reitor dos meus institutos para as missões africanas de Verona, quando o senhor dispuser de bons elementos para me dar. Este reitor é mais jesuíta que os próprios padres jesuítas. Mas peço-lhe, meu padre, que me conceda os melhores que tiver – os mais virtuosos, os mais puros, os mais santos –, porque a África Central é a missão mais difícil e trabalhosa do universo inteiro.

Eu estive nas Índias Orientais, na Síria, etc.; mas estas missões não são nada comparadas com a África Central, na qual se precisam de verdadeiros mártires. Por isso, meu caro padre, dote o meu instituto de bom pessoal que não tenha estado noutras congregações.

5988

A experiência ensinou-me que com quem abandonou a sua ordem ou congregação para ir para outra nunca se obtêm bons resultados. Depois de muitos rogos de Grieff admiti em Verona um inglês, um tal João Hanifan, e mandei-lhe para Londres o dinheiro para vir para Verona. Pois bem, enquanto estive sob a direcção de Grieff (que o contentava em tudo e que fechava os olhos diante dos seus defeitos) foi aguentando; mas quando o P.^e Sembianti assumiu a direcção, ele declarou que não podia submeter-se à sua disciplina e pediu para regressar a Londres. Então eu, que estava em Turim, aceitei a sua petição (porque desde havia tempo que me apercebera que ele não tinha o espírito de Deus) e fi-lo ir a Turim, onde me disse que tinha sido três anos jesuíta; três anos na América e depois em Mill Hill e consigo. Nos cinco dias que estive em Turim, na escola apostólica, o superior disse-me que Hanifan não era um bom elemento. E como eu mesmo notei isso, paguei 135 francos para o recambiar para Londres.

5989

Meu padre, prepare-me bons elementos que tenham o espírito de Jesus Cristo. Irei visitá-lo e pôr-nos-emos de acordo em tudo para o maior bem das nossas obras. O Coração de Jesus deve ajudá-lo, para que, a seu tempo, o senhor possa ajudar-me a mim a socorrer a África Central.

Enquanto chega o momento de nos vermos em Turnhout, rogue aos Corações de Jesus e de Maria por

Seu devot.mo amigo † Daniel Comboni
Bispo e vig. ap. da África Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 934 (891) - ESQUEMA DE UMA CONFERÊNCIA *ACR, A, c. 18/23*

São Carlos, Turim, 26 de Maio de 1880

5990

Manifestação de agradecimento aos católicos de Turim, cidade da fé, da caridade, da acção católica e do apostolado da África Central.

- 1.º Noções gerais sobre a África...
Noções gerais sobre a África Central.
- 2.º Tentativas realizadas pela sociedade até hoje... pela Igreja até 1846
- 3.º Erecção do vicariato em 1846 e quadro dos seus povos
 - 1.º Islamismo e a sua propaganda; Mutesa e Stanley
 - 2.º Feiticismos e seus derivados; Bari e Mighela, Tiet
 - 3.º Escravidão e tráfico de escravos; caça aos negros;
Abd-el Samak
Daniel Sorur

5991

- 4.º Grandes dificuldades do apostolado
 - 1.º Materiais
 - a) Clima
 - b) Dificuldades de comunicações e viagens (dois meses de viagem para ir ver o bispo mais próximo)

- c) Língua
- d) Falta de artes e ofícios
- e) Privações (comida); carestia e epidemia 1878
[à margem] Ir. Ana em Malbes

2.º Formais

- a) Natureza e carácter; superstições
- b) Islamismo
- c) Manter o sacerdócio em seus países

5992

5.º Meios para os evangelizar

1.º Não os exploradores

2.º Não as sociedades protestantes inglesas em Nyanza
Protestantes em Cartum e Cadaref
[à margem] Malzak dr. Nachtigal

3.º Resultados de Ponset a Stanley, escritor americano
Baker Paxá...
Nós em Gondokoro
Prout em Nuba
Nós em Nuba
(Akol Gorgieb)

Ao contrário,

5993

6.º O único meio é o apostolado católico, ou seja, a fé e a civilização

1.º Fé, Deus, Paraíso, Inferno, moralidade

2.º Civilização, ou seja, caridade, artes e ofícios, agricultura, vestidos, irmãs, comércio (milaneses),
colónias agrícolas (Malbes)
[à margem] Miguel Ladó

7.º O apostolado católico é o meio

1.º porque procura a *glória de Deus* e o *bem* das almas e não o interesse e a ambição.

2.º Porque é estável e duradouro e não passageiro, meteórico

3.º Porque o apostolado católico é o verdadeiro Cristianismo e não o protestantismo, que pregou a poligamia

5994

8.º Progressos efectuados

Materiais

- a) Construções
- b) Vestido (irmãs)
- c) Comércio (Soc. Milanese)

Espirituais

- a) Almas salvas e ajudadas
- b) Tráfico de escravos diminuído em Nuba e El-Obeid
- c) Moralização
- d) Col. Agric. Malbes
- e) Bom exemplo; a diferença de Patrik e outros

9.º A obra é sublime e digna dos católicos de Turim

- 1.º por orações
- 2.º por esmolas

N. B. O n.º 892 (nos 10 volumes) é um amplo resumo, não escrito por Comboni, da conferência dada em S. Carlos, Turim.

Turim, 29 de Maio de 1880

Breve bilhete.

N.º 936 (894) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/171

Turim, 29 de Maio de 1880

Breve bilhete.

N.º 937 (895) - A P.^e FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/8

Placência, 29 de Maio de 1880

Breve bilhete.

N.º 938 (896) - À MARQUESA DE ERCEVILLE
«Annales de l'Oeuvre Apostolique» (Juin 1880), pp.146-147

Verona, 9 de Junho de 1880

Senhora presidenta, senhoras,

5995

Peço-lhes mil vezes perdão por não lhes ter escrito, como era minha intenção. As minhas doenças e sofrimentos, que suporrei como consequência da carestia e das epidemias que devastaram a missão, obrigaram-me, assim como outros assuntos, a vir à Europa; mas vou regressar proximamente à África Central. Agradeço-lhes infinitamente o envio que me fizeram e que será de grande ajuda. Estou-lhes igualmente grato também pelas importâncias que nos mandaram para o resgate e o sustento dos pobres negros escravos; temos um bom número deles e também de jovens pobres negras, que há que alimentar e educar. Desta maneira podemos ganhar muitas mais almas para Deus.

5996

A vossa obra fez-me chegar várias vezes vinho de Bordéus em garrafas. Este envio é-nos incalculavelmente precioso, porque no centro da África torna-se impossível conseguir vinho e em caso de doença ou de saúde minada pelo esgotamento vemo-nos obrigados a passar sem ele. Mas isso não seria nada: a nossa grande, terrível privação é ver-nos forçados, o que ainda acontece frequentemente, a não celebrar o santo sacrifício da missa senão ao domingo, por falta de vinho! Portanto, senhoras, se está na vossa mão continuar esta obra de envio de vinho, façam o favor de nos mandar alguma caixa; assim terão direito a uma grande parte das nossas orações e santos sacrifícios.

Encomendando-me fervorosamente às suas santas orações, tenho a honra, senhoras, de me chamar nos Sagrados Corações de Jesus e Maria

Seu devot.mo servidor
† Daniel Comboni
Vigário apostólico da África Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 939 (897) - A Mme. ANA H. DE VILLENEUVE
AFV, Versailles

J. M. J.

Sestri Levante (Génova), 11 de Junho de 1880

Estimadíssima senhora,

5997

Estou na cruz, mas também Nosso Senhor esteve. Recebi as suas duas cartas – uma das quais me anuncia o envio que a Obra Apostólica me faz e que lhe rogo ordene que seja mandado para a minha direcção de Verona –, e escrevi à condessa d’Erceville, presidenta da Obra Apostólica, como a senhora sabiamente me aconselhou. Há sete dias estava eu prestes a ir directamente a Paris de Placência, quando me chegou uma carta do meu cardeal da Propaganda, que me chamou a Roma por uma semana.

5998

Tenha a bondade de me escrever para aqui para Sestri Levante (na costa genovesa), aonde voltarei de Roma dentro de oito dias, ou faça-o para Roma, para a *Praça Margana*, 18, onde está aquela superiora que é um anjo, o retrato da madre Emilie, sua grande amiga. Lamento que tenha estado doente e com algumas dores, mas espero que a viagem lhe faça bem. Diga-me que viagem é essa, onde vai, a cidade, o caminho, etc. para saber como poderei encontrá-la. Exprima ao meu caro amigo Augusto e a Paulina, sua esposa, todo o meu afecto. Todos os dias rezo por eles e por si, estimada senhora, cuja sólida fé foi sempre para mim motivo de admiração. É uma graça sublime que Deus lhe deu e o talismã mais seguro da sua santificação.

Mil saudações à menina Ana e a todas as suas sobrinhas, etc.

Rogue pelo seu devot.mo

† Daniel Comboni
Bispo e vig. apostólico

Original francês
Tradução do italiano

N.º 940 (898) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC, Collegi d’Italia, f. 1272v.

Roma, 19 de Junho de 1880

5999

Das indagações que de maneira diligente e conscienciosa levei a cabo sobre o solicitante duas semanas depois da sua ordenação e partida de Verona, resulta claramente que é um jovem falso, embusteiro e *hic et nunc* indigno de ser promovido. Isto porque vi de forma evidente que Agostinho Lotterman, depois de ter sido expulso de um colégio belga, entrou no insto. de Verona fingindo querer dedicar-se às nossas missões da África, *com a vontade de conseguir com engano a sagrada ordenação* e, depois, voltar à sua terra, abusando assim do juramento feito, etc. A minha subordinada opinião é que não se devem proteger os que violam as generosas concessões da Igreja, para encorajar outros a fazer o mesmo.

6000

Portanto conviria que V. Em.^a desse uma negativa ao solicitante e mo enviasse a mim, fazendo-lhe compreender que está obrigado a ressarcir o meu insto. de Verona dos gastos que causou durante mais de três anos de permanência (1500 liras). Depois eu exonerá-lo-ia da obrigação de servir a missão, concedendo-lhe o *exeat* solicitado e deixando depois à consciência e arbítrio do seu bispo de Gant decidir sobre a continuação, etc.

† Daniel Comboni
Bispo e vig. apostólico

N.º 941 (899) - A P.^e FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/9

Roma, 20 de Junho de 1880

Meu estimado P.^e Francisco,

6001

Quando à administração e ao que o senhor fez nas circunstâncias não fáceis que encontrou, julgo que Deus o assistiu bastante bem. Desejaria que acontecesse o mesmo a respeito do bom governo e da boa observância dos clérigos e leigos que formam o instituto, a fim de que ninguém perdesse tempo e se estudasse o árabe muito bem e de que os artesãos fossem postos nos seus lugares e se fizessem trabalhar devidamente, procurando o cultivo do espírito. Recomendo-lhe também os dois diáconos alemães: que estudem, pois tenho posta neles muita esperança e vou levá-los comigo para o Sudão.

6002

Em Outubro quero estar no Cordofão: urge que eu me apresse a retomar no Vicariato o meu ministério pastoral. O senhor comece a preparar tudo e meta, pouco a pouco, em caixas metade do vinho que agora há no Cairo (depois de recebido o último). A respeito do que há de P.^e Bartolo, o que ele tinha guardado para circunstâncias extraordinárias, conserve-o todo até à minha chegada, porque os pobres curas do Vicariato têm mais necessidade dele.

Compre quatro peças de seda branca de Alepo ou de Damasco, seda crua, com a qual se fazem no Cairo os *coftan* e mande-a a *Mr. Brown e Filho*, banqueiros, *Via Condotti*, em Roma. Custa uns 15 ou 17 francos a peça.

6003

Autorizo-o a admitir esse bom jovem alemão que está em Jerusalém, na casa nova, de nome *Johann Kohaut*, que foi recomendado pelo P.^e Paulinus; junto umas cartas para ele. Faça com que Dichtl, a quem saudará em meu nome, as traduza para alemão.

Espero que Rosignoli já tenha chegado. Esta manhã (agora são duas da madrugada) irei à *Piazza Mastai*, 28, visitar Pennacchi, e pela tarde, às três, partirei para Verona.

6004

Com as letras cambiais que lhe mandarei em Julho completará o pagamento dos cem guinéus do dr. Zuchinetti, a quem dará saudações minhas.

A última carta que recebi de si (porque estive quase sempre de viagem) é de 7 de Junho. Diga ao jovem professor árabe que me explique melhor a sua situação e a da sua irmã, porque teria muito gosto em ajudá-lo: dizem-me que é um bom rapaz. Que os dois catequistas que foram de Verona estudem bem o árabe, porque me são urgentes e, depois, que ajudem seguindo as suas obras.

6005

Aceito pagar 8% de juros pelo dinheiro do sr. Ibrahim Khalifa, como lhe propôs o padre abade dos maronitas; mas faça o possível por lhe pagar não só os dois mil francos, mas se quiser até mais, até reduzir essa dívida a 5000 francos. Escreva-lhe para o Monte Líbano e oxalá tenha recebida a tempo o cálice que Tanfani entregou a Rosignoli para ele e que me custou 240 liras. Espero que a estas horas lhe tenha chegado a si a letra de Colónia, porque o presidente daquela sociedade perguntou-me o seu nome a semana passada. Assim pagaria também a Holz, a quem mando saudações. Por outro lado, no dia 12 de Julho mandar-lhe-ei mais dinheiro, porque o arranjarei.

6006

Em Setembro levarei comigo os dois diáconos, mais uns catequistas e os artesãos bem preparados. Dichtl ser-me-á um secretário oportuno para o alemão; ordená-lo-ei depois no Vicariato, etc., etc.

Abençoe a todos e às Irmãs; dê mil saudações à Ir. Amália. Coragem! Ponha toda a sua confiança no Coração de Jesus e reze muito a esse divino Coração por mim, que tenho muita necessidade disso. Apresente os meus respeitos aos jesuítas. Pela terceira vez insisti ontem na Propaganda a fim de que me preparem para eles uma boa biblioteca, com livros recomendados pelo P.^e Normand: insistirei uma vez mais e eu mesmo os levarei para o Cairo.

Seu af.mo † Daniel, bispo

N.º 942 (900) - A MGR. JEAN FRANÇOIS DES GARETS
APFL, Afrique Central, 5

Insto. Africano, Verona, 30 de Junho 1880

Senhor presidente,

6007

Comunico-lhe que o cónego Ortalda, de Turim, teve a bondade de me conceder 6000 francos no mês passado, num momento de necessidade, no qual eu tinha intenção de lhe pedir a si que me antecipasse essa soma à conta do exercício de 1879. Por isso rogo-lhe que retenha a dita importância de atribuição à África Central e some-a ao dinheiro destinado ao cónego Ortalda, o qual, a meu rogo, deve ter-lhe escrito o mês passado.

6008

Partirei em fins de Agosto para retomar o meu ministério pastoral no centro da África e espero estar em Gebel Nuba no mês de Novembro. Já recuperei totalmente a saúde e reparei as perdas que sofri no pessoal devido à terrível carestia e epidemia dos anos de 1877-78-79. A carestia persiste ainda em vários lugares do Vicariato e o preço dos víveres e outros artigos de primeira necessidade é aproximadamente o dobro do normal. Mas com a graça de Deus espero que, apesar de todas as dificuldades, a missão fará bons progressos, porque soou a hora também para a África Central.

Queria ter partido para a missão em Fevereiro passado, mas Sua Eminência ordenou-me que realizasse uns trabalhos para as missões da África e tive que permanecer aqui. A missão vai bastante bem; eu mandarei-lhe informações exactas sobre ela em Dezembro, depois da minha visita pastoral.

6009

Agora não é superior dos meus institutos de aclimação, etc. do Cairo o rev.do P.^e Rolleri, que teve que se ausentar de lá por seis meses. Em seu lugar está o rev.do P.^e Guilianelli, que é meu procurador no Cairo para a África Central e superior dos institutos de negros. Rogo-lhe que lhe remeta a ele as ajudas que o bom Deus me destinar.

Contudo, o complemento do subsídio da Propagação da Fé para a África Central, correspondente ao exercício de 1879, e que a obra costuma distribuir na primeira metade de Junho, tenha a bondade de me enviar directamente para aqui para Verona, para o Insto. Africano.

6010

Desde há algum tempo rezamos mais que nunca por essa pobre França, que está tão ameaçada pela maçonaria internacional. A Propagação da Fé é a vida da missão e o Sagrado Coração nunca vai permitir que comece a diminuir. A tormenta passará rapidamente: a França católica, a verdadeira França, rapidamente acabará por triunfar.

Exprimindo-lhe os meus sentimentos de respeito e de agradecimento, declaro-me sempre nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria

Seu devotíssimo † Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vig. Apostólico da África Central

*Original francês
Tradução do italiano*

N.º 943 (901) - A P.^e FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/10

Verona, 3 de Julho de 1880

Meu caro P.^e Francisco,

6011

Não é verdade que P.^e Rolleri não voltará para o Egipto; voltará para aí porque está bem e fá-lo-á para ocupar de novo o seu cargo. Pelo menos foi o que me disse há umas semanas.

Estou muito contente com a estatística que me mandou dos residentes no Cairo, bem como com o horário. E também estou satisfeito por lhe terem chegado 5000 francos de Colónia. E irei enviar-lhe outro dinheiro mais, na próxima semana.

6012

Diga à Ir. Amália que para a lavagem da roupa chame mulheres de fora. Faça-lhe saber que é meu desejo que ela e as outras se guardem tanto quanto possível para a África Central, para onde eu mesmo as conduzi-rei em Dezembro.

Ao professor árabe, mantendo fixo o seu antigo vencimento, dê-lhe agora dois napoleões ouro (40 francos) de gratificação. Depois falaremos.

Chegou aqui uma longa carta de Alberto Sebastião com cinco piasstras de belos selos, porque leva sobre-taxa. Diga a todos que se refreiem em escrever demasiado, tanto para não perder tempo como por economia. Explique a todos que é regra estabelecida que, para sua expedição, as cartas se levem ao superior. Em Verona pusemos cobro a isso e aqui já ninguém escreve senão com a autorização do reitor, o P.^e Sembianti (que é um verdadeiro santo).

6013

Faça estudar muito o árabe. Eu estou ocupadíssimo e não posso responder nem a uma terça parte das cartas, enquanto não chegar o meu secretário.

Transmita as minhas saudações ao P.^e Pedro; a todos abençoo.

Faça, por mim, uma visita à superiora, Ir. Amália, e diga-lhe que, embora eu escreva pouco, rezo muito por ela. A minha superiora de Verona é um anjo e está cheia de bom espírito.

† Daniel bispo

Na volta do correio, envie a Brown a tela de seda (quatro peças iguais) branca ou de cor próxima do branco. Faça-o *rápido, rápido!* Compre-as no comércio, sem esperar obtê-las da fábrica, mesmo que já as tenha encomendado, mande rapidamente essas quatro peças.

Ninguém deve jamais ausentar-se do instituto sem permissão do superior.

† Daniel bispo

N.º 944 (902) - AO CÓN. JOÃO MITTERRUTZNER
ANB

Verona, 10 de Julho de 1880

Dulcissime rerum,

6014

Tendo voltado de Roma, aonde fui por ordem da Propaganda para um trabalho relativo à criação de um novo Vicariato na África, a ser confiado a uma nova congregação religiosa por solicitação do rei dos Belgas (fique isto entre nós, porque o Em.^o Simeoni me recomendou segredo), lembro-me agora de que estão perto as suas férias. Eu partirei para a África em Setembro, segundo o acordado com a Propaganda (eu talvez adiante a partida); mas antes desejo ter notícias exactas suas para decidir sobre a minha visita que lhe quero fazer, para me aconselhar consigo sobre o último trabalho de que a Propaganda me encarregou.

6015

Por isso rogo-lhe que me informe dos seus projectos para as férias. E se o senhor fizesse uma visita a Verona, onde aqui no instituto teria a sua casa, eu ficaria contentíssimo e ainda mais especialmente porque desejaria apresentar-lhe o novo e muito piedoso reitor, o P.^e José Sembianti, tirolês, que tanto o deseja conhecer a si.

6016

Far-me-ia um favor se me desse informação e esclarecimentos sobre 300 florins que o senhor teria recebido de Viena e que mandou para Verona, a Grieff, em fins de Setembro de 1879. Esses florins foram remetidos para o Cairo, onde os recebeu P.^e Rolleri com ordem de os destinar a Gebel Nuba e eu dei logo ordem ao superior do Cordofão para os fazer chegar a Gebel Nuba e assim se fez. (Equivalentem a 630 francos ouro, em que foram cambiados.) É para as contas gerais.

Portanto, rogo-lhe que me escreva a dizer-me de onde recebeu tal soma (parece que de Viena), se vinha destinada para o tal fim e como se recolheu esse dinheiro: se de donativos ou por meio de jornais, etc.

6017

Queriam fazer-me crer que tal importância foi obtida pela venda de selos usados de cartas (carimbos postais). Oxalá fosse certo! Com o imenso número de relações que temos, poder-se-ia arranjar dinheiro facilmente, se se soubesse quem compra os selos, etc. Em qualquer caso, desejaria saber quem foi a pessoa que lhe enviou de Viena a dita importância e a finalidade dessa generosa esmola e se era para Gebel Nuba.

Diga-me onde está Sua Alteza princ., a quem beijo as mãos.

6018

Em Roma correu voz (e foi ouvido também pelo reitor do Colégio Urbano da Prop. Fide) que o Em.^o Si-meoni tinha mandado publicar as 49 composições em 49 línguas que foram recitadas perante o Papa e isto por ordem do próprio Papa; mas depois não se fez nada. Mando-lhe o caderno das línguas, etc.

Os três nossos fizeram sensação, especialmente *Daniel Sorur* (que está mais alto que eu, como Sharif), o qual tem uma grande inteligência. Recitou estupendamente em *dinca*, sua língua, e em *akka*; João em *galla* e em *akka* e Artur Morsal em *bari* e em língua etíope; marco no caderno com uma cruz os nossos três.

Cumprimentos a Stigler, etc., etc.

Tuissimus

† Daniel ep.pus et vig. ap.

S. José, patrono da Igreja Católica.

6019

Para aliviar o acabrunhado povo cristão, implorou Pio IX a protecção de S. José, o íntegro e puro esposo de Maria. «Tenha o meu povo na crua guerra – disse – como soberano protector aquele que Cristo escolheu um dia para o seu fiel guarda.» E desde o Tibre até às mais longínquas regiões ressoou a sua voz. Ouviram-na a África Central e os povos negros. E, alegres, cantaram os triunfos da paz e da justiça, de S. José e de Pio IX, etc., etc.

N.^o 945 (903) - A P.^e FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/11

Verona, 10 de Julho de 1880

Estimado P.^e Francisco,

6020

Li e considere atentamente o horário que me enviou e vejo que tudo foi mudado e destruído no regulamento que durante doze anos governou as minhas casas do Cairo. Talvez tudo tenha começado com a chegada do velhaco ex-capuchinho Benincampi, que foi consigo para o Cairo e que foi justamente expulso ou mandado voltar pelo Em.^o Bartolini devido à sua conduta.

Agora mando-lhe um novo e muito suave horário que o senhor, como superior interino, fica encarregado de fazer cumprir. E aqui creio meu dever adverti-lo de que o senhor não só é administrador mas também superior e regulador da disciplina dos membros do instituto. Com essa intenção o destinei para ocupar provisoriamente o posto de P.^e Rollerli.

6021

É meu desejo que os que estão em teologia *estudem por sua conta* a teologia, e especialmente os tratados que são mais necessários e aqueles de que se sabe menos. Quanto ao Francisco, deve estudar muito o latim.

Eu não faço ordenar ninguém até à minha chegada em Setembro. Então, invocado o nome de Deus, farei o que me ditar a minha consciência e nunca agirei contra ela. Avaliar se um está maduro ou não para a sagrada ordenação não cabe ao candidato, mas unicamente aos superiores; e não me importa se no Cairo há alguém que se atreve a criticar um bispo no seu sagrado múnus. Diga isto aos meus caros filhos Dichtl e José, que mostram pouco juízo ao quererem ir a Beirute quando acabarem as aulas ou ser ordenados por outros que não seja o seu próprio bispo.

6022

A razão por que se perde tempo com estas coisas e em pensamentos vãos é que se reza pouco e mal. Convide, pois, os dois que estão em *maioribus* a recolherem-se devidamente, a estudar e a rezar como melhor puderem, a ter *paciência*, que é virtude essencial para o missionário, e a exercitarem a santa humildade.

Convide também a todos a não me fazerem gastar tanto dinheiro no serviço postal.

6023

Todos lhe devem entregar a si as cartas que partem para o correio; e só o senhor ou quem o senhor quiser é que deve meter as cartas no correio. Para a teologia, encarregue P.^e Paulo de ajudar os dois clérigos. Se eles se portarem bem, eu serei o primeiro a alegrar-me; mas confesso que me dói muito a ideia de que, depois de me terem jurado obediência a mim, insistam tanto e me escrevam certas cartas que me aborrecem sobremaneira. Tenho algumas delas sobre a mesa e fazem-me sofrer. Diga-lhes que façam bem a meditação, o exame de consciência e a leitura espiritual e que se exercitem na humildade e *em negar a própria vontade*. Quem não se nega a si mesmo vai para a casa do Diabo. Todos devem mortificar-se e mais o missionário, porque, de contrário, nunca ganhará almas para Deus. Por outro lado, que os leigos e os catequistas respeitem os clérigos e os sacerdotes.

6024

Li as duas enormes cartas de vinte folhas que o tontinho do Sebastião escreveu a José e a Titz. Achei preferível não entregá-las, porque estão cheias de maluqueiras e de pormenores não convenientes. Numa dessas cartas havia cinco piastras de sobretaxa e multa. E queria tornar-se padre, sem sequer saber o elementar!

Eu, para nossa Senhora de Setembro, estarei no Egípto.

Portanto, cumpra também a sua missão de superior, dou-lhe a minha bênção. De França mandaram *umas letras cambiais a P.^e Bartolo*, não sei se firmes ou não. O certo é que contêm muitos milhares de francos para mim e para a missão.

6025

Vá ao correio e, se estiverem, faça-as reexpedir ao mesmo *P.^e Bartolo Roller*, para Placência.

Saudações a P.^e Pedro. Abençoo a todos.

O senhor deve prover P.^e José de ceroulas e de outras roupas de que verdadeiramente precisa.

Em geral, quando alguém tiver uma real necessidade, quer se trate de membros do insto. masculino ou do feminino, deve o senhor atendê-la. P.^e José escreve-me que lhe solicitou ceroulas, etc. Por que não proporcionar-lhas? Provisoriamente o senhor é superior e ecónomo. As coisas vão por si.

Seu dev.mo † Daniel bispo

Que o horário seja fixado na parede no lugar habitual das reuniões.

N.º 946 (904) - A DEMÉTRIO PRADA
*D. Prada, «De Milão ao país da goma arábica»
Milano 1919, p. 16*

Verona, Insto. Africano, 17 de Julho de 1880

Il.mo senhor,

6026

Recebi aqui em Verona (aonde cheguei há uns dias) a sua carta de 30 de Junho, na qual me diz que os Risgalla lhe entregaram uma caixinha que contém penas de avestruz. Rogar-lhe-ia muito que mas mandasse rápido, na volta do correio, por já as ter prometido.

P.^e Luís Bonomi escreve-me manifestando que se julgou no dever de pagar a Piaggia umas 630 liras (ainda que não tenha aceite o convite da Sociedade Milanesa de Exportação Comercial para ir a Shoa) pelo gasto efectuado na viagem desde o território dos *Berta*, no Nilo Azul, até Cartum. E acrescenta: «Paguei 110 táleres a Piaggia e fi-lo por dever, em virtude do encargo recebido, etc., *de que serão testemunhas também Prada e Medici, que com o capitão Casali insistiram em que eu o antecipasse.*»

6027

No caso de eu me dirigir à dita benemérita sociedade para cobrar esse dinheiro, estou certo de que por atenção para comigo terá o senhor a gentileza de atestar tal coisa, o que eu lhe rogaria.

Pobre Fraccaroli! Como o senhor sabe, morreu quase de repente em casa do sr. Marquet. Tremendo apuro para mim comunicá-lo aos seus pais, que são muito bons.

6028

Alegro-me muito de que os meus missionários o tenham tratado bem. Mas não todos são como o senhor. Houve aí gente, até no campo do jornalismo, que depois de ter recebido gentilezas e acolhimentos superiores

às minhas forças, com a mais negra ingratidão me causaram grandes desgostos. Mas não importa: nós fazemos o bem por um fim supremo, sem nos preocuparmos de que alguém não o saiba agradecer.

À espera das plumas e da sua carta, fica seu devot.mo

† Daniel Comboni
Bispo e vig. ap.

N.º 947 (905) - A MGR. JEAN FRAÇOIS DES GARETS
APFL, Afrique Centrale, 6

Verona, 20 de Julho de 1880

Senhor presidente,

6029

Recebi a sua benévola carta de 13 de Julho e ontem chegaram-me do Egipto três letras cambiais cuja importância total ascende a 55 921,52 francos, pelo que lhe estou infinitamente agradecido.

Peço-lhe perdão por ter aceite do cônego Ortalda 6000 francos, como adiantamento do subsídio para a África Central. Na verdade, eu, cá por dentro, não estava satisfeito por aceitar a generosa oferta do cônego, que desejava ajudar-me na minha grande necessidade; é que, todas as vezes que nas mesmas circunstâncias recorri directamente ao conselho central, o senhor sempre me escutou, senhor presidente, nunca deixando de me enviar o dinheiro solicitado, às vezes cinco mil, às vezes dez mil francos. De novo lhe peço perdão, senhor presidente, e esteja certo de que isto nunca mais se repetirá.

6030

Espanta-me muito que Ortalda não o tenha informado dessa soma que me deixou quando, convidado por ele, fui a Turim pregar e celebrar missa pontifical por ocasião da festa da Propagação da Fé, a 13 de Maio passado. Talvez o pobre cônego (que tem muitos desgostos por parte do Governo italiano) se tenha esquecido de o avisar antes de se proceder ao envio dos fundos para o exercício de 1879.

6031

Não se sabe que fazer agora? O melhor, penso, é eu devolver-lhe uma das três letras recebidas, ou seja, a de 10 921,25 francos e o senhor mandar-me outra de 4921,52 fr., retendo assim os 6000 fr. que recebi em Turim. Rogo-lhe que avise os banqueiros srs. Guerin et Fils para pagarem as duas letras, n.ºs 394 e 395, a primeira no valor de 12 000 e a segunda de 13 000 francos, aos banqueiros que se apresentarem com a minha assinatura.

6032

Estou-lhe muito particularmente agradecido por este subsídio de 1879, que é generoso. Porém, está bem longe de cobrir as grandes necessidades que lhe manifestei na minha informação aos conselhos centrais.

A África Central é terrível quanto a gastos. O próprio mons. Lavigerie me contou que as suas duas expedições ao lago Vitória lhe custaram 600 000 (seiscentos mil) francos.

6033

A carestia e a sede duram ainda na África Central e até nas cartas que recebi esta semana me avisam de que no Cordofão as nossas missões compram ainda a água muito cara. Permito-me enviar-lhe uma carta sobre a carestia e a epidemia da África Central, que escrevi a S. Em.^a o card. de Canossa e da qual se imprimiram aqui em Verona 500 exemplares.

No meu relatório aos conselhos centrais escrevi o mesmo, mas mais resumidamente. Rogo-lhe que tome conhecimento disso, para no próximo exercício me mandar um subsídio maior.

6034

Na página 45 provo que a carestia e a epidemia da África Central foram muito mais desastrosas e terríveis que as da China e da Índia e as de todas as missões do mundo. Exprimo esta ideia de maneira não categórica, ou seja, disposto a retractar-me dela se não for exacta, porque pode ter acontecido que tenha havido outras carestias e epidemias mais terríveis e que eu as não conheça.

Em todo o caso, prevejo que, chegado ao meu Vicariato, me verei forçado a suplicar-lhe o adiantamento de algumas somas à conta do exercício de 1880.

6035

Quanto ao resto, estou muito contente de ver os missionários de mons. Lavigerie na África Equatorial, que se separa do meu imenso Vicariato; e até estou a trabalhar de acordo com a Propaganda para abrir para

as Missões Africanas de Lião um pequeno campo de batalha numa parte do meu Vicariato, que o digno mons. Planque pediu a essa congregação.

O bom Deus abre à fé a África Central.

Exprimindo-lhe a minha gratidão e o meu mais profundo respeito, nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria sou do sr. presidente, do sr. secretário Manis e do conselho central

Devot.mo servidor † Daniel Comboni
Bispo e vig. apost. da África Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 948 (906) - AO CÓN. J. C. MITTERRUTZNER
ANB

Verona, 23 de Julho de 1880

Petição de concessões.

N.º 949 (907) - A P.º FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/12

Verona, 24 de Julho de 1880

Meu caro P.º Francisco,

6036

Expresse o meu reconhecimento a quantos me felicitaram pelo meu aniversário, a todos os quais eu abençoo desejando-lhes mil graças. Faça outro tanto com as Irmãs, porque eu não tenho tempo de escrever e responder.

Lembre-se que, além da administração e da direcção, está encarregado da supervisão geral. E como o senhor sozinho não consegue atender a tudo, vou-lhe proporcionar uma ajuda para a parte directiva e de vigilância. A administração é coisa totalmente sua. Mas, quanto ao resto, nomeio P.º Paulo Rosignoli, *ad tempus*, seu *vice-reitor*, até à minha chegada; quer dizer, ele vai ser aquele que faz as suas vezes e que o ajuda naquilo que o senhor não pode conseguir, mas sempre sob a sua responsabilidade.

6037

Aos últimos dois leigos que foram de Roma como noviços, porque, de facto, ainda não fizeram o noviciado, *dar-lhes-á vinho só aos domingos e festas*: nos outros dias só água. E informe-me sobre eles.

Permito-lhe que destine até vinte missas por mês para dar assistência à sua mãe, à qual dei 40 liras. Não me é possível fazer mais, porque estou sobrecarregado de gastos.

Há mais de quinze dias que o senhor deve ter recebido 4000 francos que me devia Isidoro Legnani e que ele ia receber do sr. João Stogni, de Alexandria, segundo lhe escreveu a si, como consta pela Carta A em anexo.

6038

Com o primeiro vapor mandar-lhe-ei outros 4000 francos para os depositar na casa Ades ou de outros, tal como lhe indicou P.º Luís Bonomi, a fim de que mediante um telegrama possam cobrá-los imediatamente em Cartum, como lhe escreveu ele mesmo na carta que o senhor me mandou. Recomendo-lhe especialmente este assunto. O senhor terá respondido a P.º Luís que pagou aos *Frères* e tudo o que ele mandou, e a Zuchinetti, etc., etc.

† Daniel bispo

N.º 950 (908) - A FAUSTINO COMBONI

Verona, 27 de Julho de 1880

Breve bilhete.

N.º 951 (1173) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. Austr., v.6 (1875-1885), ff. 797-800

Verona, Insto. Africano, 27 de Julho de 1880

Em.º e Rev.mo Príncipe,

6039

Só umas linhas para lhe exprimir a minha íntima satisfação pela proposta de atribuir uma missão ou prefeitura apostólica ao seminário de Lião.

Não é absolutamente oportuno o que eu tinha traçado para os belgas, porque, sabido por Sua Em.^a que se tratava de belgas, assinaei como base de operações o grande rio Congo, onde desde há dois anos trabalha a expedição belga chefiada por Stanley. Se se confiasse a Mr. Planque esse território, cair-se-ia no mesmo erro em que se incorreu ao entregar a Mr. Planque o cabo central da Boa Esperança, demasiado incomunicável com o seu centro de acção.

6040

Em troca, tendo em conta que Planque tem duas casas no Egipto, e que aspira a estender-se também para o Alto Egipto, mais para lá dos pontos ocupados pelos franciscanos reformados, etc. (o que está muito bem), eu seria da subordinada opinião de confiar e ceder a Planque a casa de Schellal com a Núbia Inferior e o antigo reino de Dôngola, ambas as regiões de um clima muito saudável; e com isto constituir-se-ia, além do mais, a base de operações para empreender a evangelização do império de Waday ou de outra zona relacionada com a base de operações de Schellal e Dôngola (onde eu aspirava erigir um estabelecimento e onde há também coptas).

6041

Em todo o caso, tratarei directamente com Mr. Planque, até me reunirei com ele, a fim de fazer coisas *positivas* e *estáveis* e de evitar vê-lo assim a vaguear sempre com rolos de mapas debaixo do braço, sem chegar a nada de concreto ou a muito pouco.

Isto não será óbice a que eu trabalhe activamente procurando organizar bem e fazer prosperar a minha congregação de Verona. E mais, dedicar-lhe-ei todo o meu esforço e estou *certo de que o conseguirei*, uma vez que tenho aqui uma obra com magníficos candidatos e Irmãs, que se formam *no árduo e difícil* apostolado da África Central, tão pouco conhecido na Europa, mesmo por homens importantes e ocupando altos cargos.

6042

Espero que na altura da minha partida tudo vai estar regulado. Não renuncio tão-pouco à ideia de confiar uma pequena parte do Vicariato aos bons padres de D. Bosco, prestando-lhes a minha ajuda para terem êxito nos seus intentos.

Em *S. Pietro in Vincoli* vive agora a primeira coluna da África Central nos tempos iniciais, o doutíssimo e santo cónego *Miterrutzner*, cuja nomeação para consultor da Propaganda eu pedi em vão. Ele nunca soube das diligências que eu fiz em seu favor. Pois bem, como suponho que V. Em.^a celebrará missa no dia 1 de Agosto na igreja da qual ele é titular, rogo-lhe que lhe dispense um bom acolhimento, porque se trata de um homem grande, de enorme mérito e verdadeiramente merecedor duma cátedra episcopal. Desde há 29 anos ajuda a África Central, compôs dois dicionários e gramáticas nas línguas *bari* e *dinca* e deu – após colectas – muitas centenas de milhares de francos para a África.

Beijo-lhe a sagrada púrpura e sou

Seu ob.mo, devot.mo filho
 † Daniel Comboni bispo

N.º 952 (909) - A MONS. ANTÓNIO SILVA
AFB, Placência

Verona, 28 de Julho de 1880

Carta: C. manda documentos.

N.º 953 (910) - À MADRE ANA DE MEEUS
ACR, A, c. 15/153

Aussee (Alta Estíria), 2 de Agosto de 1880

Minha muito reverenda madre,

6043

Peço-lhe perdão pelo atraso em lhe responder. É só em parte culpa minha, porque estou só e tenho um trabalho imenso.

Fiz todo o possível para lhe falar em Bruxelas no dia 5, mas, como o imperador de Áustria anda sempre à caça, ainda não me recebeu, apesar de estar já há cinco dias em Aussee, ou seja, a duas horas de Ischl, onde está sua majestade.

Mas se não tiver a sorte de a visitar em Bruxelas, vê-la-ei na Inglaterra. Por isso aceito a generosa oferta da sua honrosa hospitalidade e pararei na sua região, como a senhora me disse e escreveu. Aí conseguirei a sua direcção, e saberei encontrá-la na Inglaterra.

6044

Enquanto se espera, reze e faça rezar por mim, o bispo em maiores apuros do mundo; mas a minha força está no Santíssimo Sacramento, a quem a senhora, minha boa madre, serve e faz servir com tanto amor e dedicação. A sua obra é o mais sublime apostolado da Terra, a força mais poderosa para esmagar a cabeça ao Demónio. Faço votos para que essa obra admirável se estenda por todo o planeta. E de certeza que se estenderá, apesar das pequenas cabeças e dos pequenos corações que se julgam algo para prescindirem da Obra da Adoração Perpétua.

Reze pelo seu devotíssimo

† Daniel Comboni
Bispo e vig. ap. da África C.

Original francês
Tradução do italiano

N.º 954 (911) - A P.º FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/13

Aussee (Estíria), 6 de Agosto de 1880

Breve bilhete.

N.º 955 (912) - A ROSINA MARINI-GRIGOLINI
APMR, F/2/176

Verona, 21 de Agosto de 1880

Acusação de recibo.

Verona, 22 de Agosto de 1880

HOMILIA
Lida em S. Zeno, Verona

PAX VOBIS

6045

Não sucede nunca que, pelo passar do tempo, pela mudança dos costumes ou por qualquer transtorno social, os povos se esqueçam dos seus benfeitores. A honrar a sua memória, a engrandecer as suas gestas, a celebrar a sua glória impulsiona-os, para além da gratidão – que não se poderia eliminar do peito dos homens sem tornar estes piores que os animais –, o reflexo do esplendor que deles recebe a pátria ao revelar-se a grandeza a que a elevaram e a glória que lhe proporcionaram os seus benfeitores.

6046

E como a grandeza e glória de um povo é ou moral ou material, provindo a primeira da bondade das leis que o governam, da brandura dos costumes que o caracterizam, das virtudes que o adornam, enquanto a segunda deriva da comodidade de vida, da prosperidade da indústria, do cultivo das artes, e como pela natureza mesma das coisas se aprecia muito mais aquela do esta, por pertencer a uma ordem muito superior, o afortunado herói que tiver empregue a sua vida para conseguir a grandeza moral de um povo não só ganha o direito à sua gratidão, mas também cinge à frente uma grinalda de bênçãos perenes, as quais nunca deixarão de honrar o seu nome, enquanto um só filho desse povo viver sobre a Terra. Se Roma, a cidade rainha do mundo, a dominadora das gentes, a Cidade Eterna por excelência, recorda com aplauso os seus fundadores e todos os grandes homens que, de diferentes maneiras, se esforçaram para conseguir o seu esplendor, proporcionando-lhe tanta glória que nenhuma outra cidade do mundo se lhe pôde jamais igualar, com aplauso infinitamente maior recorda o nome daquele pobre pescador da Galileia que, tendo um dia entrado dentro das suas muralhas, operou nela a maior revolução de que os anais dos povos e das nações falaram, mudando inteiramente a sua doutrina, as suas leis, os seus costumes e, de mestra que era de vícios, de erros, de impiedade, a converteu para o mundo inteiro em mestra de verdade, de virtude e de santidade.

6047

Já passaram dezanove séculos desde aquele dia e o nome de Pedro ressoa ainda em Roma venerado e sagrado como então. Ainda hoje Roma repete o nome de Pedro com a mais viva exaltação de reconhecimento e de alegria: Roma, pelo nome de Pedro, avança ainda ativa e gloriosa à frente de todos os povos do universo.

6048

Senhores! Se porventura alguém que não conhece bem a história do povo veronês desejasse saber de vós por que razão hoje Verona aclama jubilosa o nome de Zeno, apóstolo e mártir de Jesus Cristo; por que cada ano consagra inteiramente este dia ao seu culto; por que com a pompa mais esplêndida celebra nalgumas solenidades do ano a sua memória, sei bem a resposta que vós lhe daríeis: «Zeno é o maior, o mais insigne benfeitor do povo veronês: tal como Roma recebeu a fé cristã de Pedro, Verona recebeu-a de Zeno; essa fé que impregna de glória tão luminosa os povos que a acolhem no seu seio, até os converter em objecto de admiração do mundo, dos anjos e dos homens.»

6049

E assim como a glória e a grandeza de Roma cresceram sem medida quando, ao derramar Pedro o seu sangue dentro daquelas muralhas selou as verdades da fé que ele tinha anunciado, do mesmo modo a grandeza e a glória de Verona alcançaram o auge quando, como testemunho da fé que lhes transmitira como dom, Zeno banhava o solo veronês com o seu suor e as suas lágrimas e dava brilho ao seu nome com os enormes e extraordinários sofrimentos do seu laborioso apostolado e com a morte, até merecer da Igreja pelos séculos o sublime e glorioso título de mártir de Jesus Cristo. E um povo, beneficiado em tão elevado grau, não haveria de venerar o seu benfeitor? Pois claro que vós o honrais, ó veroneses; honrais o mais que podeis Zeno. É bem sabido que neste faustíssimo dia vós vindes das ruas desta cidade e dos campos a esta basílica, para vos reunirdes em torno do túmulo deste progenitor benemérito, bendizendo o seu nome e implorando a sua protecção. Venerai, sim, em Zeno aquele pai augusto que vos regenerou para a vida imortal da fé e para a verdade do Evangelho.

6050

Com o esplendor das suas festas e com a pompa externa honrais o seu templo e mantende-lo nesse trono de grandeza a que a piedade dos seus antepassados o levou. Guardai também dentro de vós eterna memória

deste grande santo, e conservai e plasmai em obras o sagrado dever de gratidão que a ele vos obriga. Daqui que, tendo eu sido cortesmente convidado pelo bispo da nossa querida Verona e príncipe da Santa Igreja a dizer-vos duas palavras neste faustíssimo dia em que se celebra a solene invenção do seu corpo, eu passe a enumerar-vos sumariamente os altos benefícios de que S. Zeno, pela fé, vos fez participantes e que constituem a vossa verdadeira glória e grandeza; benefícios que vos obrigam a um perpétuo agradecimento.

Benévola e cortesmente me concedestes a vossa atenção, pelo que não preciso de vos suplicar tal graça. Começo, pois.

Primeira parte

6051

Unicamente Jesus Cristo, meus senhores, é capaz de gerar a verdadeira grandeza dos povos, porque só Jesus Cristo com a acção vivificante que desenvolve mediante a sua doutrina, compendiada no Evangelho do qual constituiu depositária a Igreja Católica, pode fazer florescer entre os povos todas as virtudes sociais e domésticas que são o princípio e o fundamento da verdadeira grandeza. Conhecer, pois, Jesus Cristo, o Filho de Deus, e conhecendo, amá-Lo, e amando-O praticar os seus ensinamentos, é tudo aquilo em que consiste a maior ventura de um povo; e, apesar do que disser a filosofia terrena e do que pensarem os adoradores dos sentidos e da matéria, e do que for insinuando a soberba dos incrédulos, é um facto que este povo, que conhece, ama e obedece a Jesus Cristo, deixa para trás, a infinita distância, aqueles povos que, privados do benefício da fé, não sabem ocupar-se mais que dos vulgares e mesquinhos interesses do mundo, do qual, em troca, recebem angústias, humilhações, vergonhosas misérias, amargos desenganos e finalmente a morte na eternidade.

6052

Nosse Deum – vem aqui a propósito a sentença do Sábio –, *nosse Deum consummata iustitia est et scire iustitiam et virtutem suam radix est immortalitatis* (Sap 15, 3). Eis aqui, pois, senhores, o princípio donde dimanam os grandes benefícios que o vosso santo bispo Zeno vos proporcionou; eis aqui o fundamento sobre que assenta a sublime grandeza a que ele elevou Verona, que desde há quinze séculos o venera como verdadeiro pai e principalíssimo protector.

6053

Para compreender a magnitude dos benefícios que vós recebestes de Zeno, é preciso conhecer o que era Verona no seu tempo. Mas com que cores poderei pintar-vos o lamentável estado em que Verona gemia naquela época infausta? Ah, veroneses! Fazei um esforço mental, esquecei quanto nesta magnífica cidade há agora de religião, de piedade e de virtude; esquecei, sim, essa religião santa que agora, pelo zelo de um clero ordenado, pela prudência de sapientíssimos bispos, pela docilidade das almas, floresce no seu seio, fazendo deste um povo dilecto e amado de Deus; esquecei essas sublimes virtudes pátrias da caridade, da piedade e dos costumes cristãos, devido às quais vós sois louvados. Para ter uma pálida ideia de qual era a situação naqueles tempos calamitosos, imaginai por uns instantes que não existem estes sagrados templos em que se adora o Senhor em espírito e verdade; eliminai todos os monumentos existentes da vossa piedade e da vossa cristã filantropia; apagai das vossas mentes a verdade da fé; tirai dos corações a devoção, o freio às paixões, às almas a vida dos sacramentos da Igreja.

6054

Que espectáculo oferecia o nosso povo antes de a fé de Cristo vir iluminá-lo com a sua luz! Só ao recordá-lo, um horrível estremecimento brota do mais profundo de vós – bem posso vê-lo. Então, no nosso povo reinava ainda o paganismo com os seus ritos nefandos, com as suas leis infames, com as suas brutais abominações, com toda a extensa corte das suas obscenidades, dos seus excessos, dos seus mais odiosos delitos. Estado deplorável, consequência funesta de ter rejeitado os homens o seu Deus, repudiando despeitosamente os seus preceitos, para seguir o ditame das paixões, a que se tirara todo o freio! A Arena, o Circo, o Teatro, monumentos magníficos em que se admirou (e nalguns admira-se ainda hoje) a grandeza romana, para a qual em tão boa medida contribuiu Verona, olhai-os mais como monumentos da perfídia, da barbárie, da obscenidade dos nossos antepassados e como testemunhos das nossas antigas vergonhas.

6055

E está ainda incompleto o quadro funesto que com dor vos estou a pintar. No meio da multidão dissoluta dos gentios, segundo avalizadas opiniões, havia além disso hereges que naqueles tempos se prestaram a combater e a dilacerar a esposa de Cristo com o mortífero veneno das falsas doutrinas: recordai os ebionitas, os seguidores de Basilides, etc., mas sobretudo os arianos, que arrebataram à Igreja Católica o sublime e substancial carácter do Cristianismo: a divindade de Jesus Cristo. Heresias que, embora não tenham o nome, têm contudo toda a deformação e todos os vícios da idolatria, mais os da maldade que as impregna, do ódio que as devora, da fraude e do engano, que sempre foram mais perniciosos para a Igreja que a guerra aberta. Tais serpentes venenosas dilaceravam então o seio à nossa infeliz Verona; e, embora houvesse nesses dias

alguns católicos nela incluídos que adoravam Jesus Cristo na verdade da fé, que desde os alvares do Cristianismo tinha irradiado aqui a sua luz, sobretudo graças aos suores e fadigas de sete bispos santos que precederam o nosso santo padroeiro na cátedra episcopal veronesa, contudo eram poucos, tímidos e inclinados a permanecer ocultos: não significavam nada perante a multidão, que o crescimento do erro inundava como torrente turbulenta.

6056

Tal era, senhores, naqueles tempos, Verona. Até que finalmente o Todo-Poderoso dirige para ela o seu olhar misericordioso e, pondo limite aos seus males, confia a Zeno a grande obra da sua conversão e da sua regeneração definitiva. E temos aqui o novo apóstolo, que se mostra maravilhosamente guiado pela Providência desde a primeira vez que aparece. Desejais vós conhecê-lo? Quais foram pois as suas origens? O grande tesouro de ciência sagrada e profana de que era dotado dizem-nos claramente que foram ilustres. A sua pátria? De documentos muito fidedignos resulta – e eu estou firmemente convencido disso – que é africano. Mas como não faltam alguns argumentos contrários, dir-vos-ei que a minha querida África o considera justamente como seu, tal como S. Cipriano, do qual tinha o estilo enérgico e fogoso; gloriar-se-ia dele a Ásia tal como de Crisóstomo e não menos fluente que a deste se manifestava por vezes sua eloquência; orgulha-se dele a Itália, como de Ambrósio, e de forma não menos aguda e eloquente do que este ele penetrava, expunha os segredos da teologia.

6057

Os seus companheiros? Eram o zelo que o inflamava e as virtudes que nele resplandeciam. As provas da sua missão? Foram já luminosas na Síria, onde alcançou gloriosas cicatrizes de mártir; e, além disso, os milagres com que Deus glorificou o seu apostolado. Sai, pois, ao seu encontro, ó Verona, e saúda-o como a um anjo da paz que a ti vem com o Evangelho! Saúda exultante esses passos que dirige para ti e beija reverente esses pés que pisam a tua afortunada terra: *quam speciosi sunt pedes evangelizantium pacem, evangelizantium bona!* Exulta, sim, que está prestes a terminar a noite em que cega erraste até agora; despe as enxovalhadas roupas da tristeza e enverga as da alegria. E não ressoarão mais nas tuas amenas colinas os nomes impuros de Vénus e Adónis, de Marte e Júpiter, de Minerva e das outras repugnantes divindades pagãs: para o futuro só se ouvirão os dulcíssimos nomes de Jesus e Maria. Romperás as cadeias da antiga escravidão e a voz do poderoso Zeno expulsará os demónios sob cujo impiedoso domínio gemeste tantos anos. E experimentarás quão doce é respirar os ares da liberdade de que gozam no reino de Cristo os filhos de Deus, regenerados pela saudável linfa do santo baptismo.

6058

Ergue, pois, a cabeça para as tuas risonhas colinas, ó venturosa cidade, e prepara-te para receber dignamente o teu libertador que, admiravelmente guiado por Deus, avança em tua direcção, seguindo as margens do Ádige para te trazer a fé de Jesus Cristo e, com ela, as bênçãos do Céu estão a ponto de descer sobre ti. Alegra-te, Verona: pensando na grandeza e na glória a que te elevarás dentro de pouco, esquece os dias das tuas dores, apaga da tua mente os longos anos da tua abjecção.

6059

E eis que Zeno, armado da sua fé, inflamado da sua caridade, se prepara para a árdua e laboriosa empresa. De novo escrava das loucas superstições do paganismo, Verona, ainda que tivesse sido privilegiada do Céu e tivesse ouvido ressoar, como dissemos, o nome divino por obra dos seus santos bispos e dos seus gloriosos mártires, quase tinha esquecido Jesus Cristo. No seu seio, que albergava templos sacrílegos consagrados a monstruosas divindades e aras nefandas nas quais se imolavam vítimas impuras, celebraram-se ritos abomináveis nos quais se levavam a cabo as orgias mais escandalosas; e violava-se o direito, oprimia-se a justiça, prostituíam-se os próprios princípios da honestidade natural. Que mais poderia dizer? O vício, o delito eram levados em triunfo; a virtude desconhecida até de nome. Pois bem, Zeno quer destruir os templos dos ídolos, derrubar os seus altares e acabar para sempre com os seus ritos ímpios e as suas solenidades de opróbrio. Zeno faz com que se respeite o direito, se acate a justiça, a honestidade seja tida em honra e, no lugar do delito, seja posta a virtude. Numa palavra: onde vinha reinando o demónio, quer Zeno que para o futuro reine Jesus Cristo e que reine só Ele e eternamente, tanto sobre as mentes como sobre os corações.

6060

E já põe mãos à obra, sem que de modo nenhum o desanimem a raiva dos sacerdotes, ou o furor dos poderosos, ou as paixões populares. Empreende a obra e não há obstáculos que atemorizem o seu coração, nem perigo capaz de suster o seu braço, nem esforço ou fadiga susceptíveis de abrandar o seu impulso. Põe mãos à obra e, por bem manifesta que seja a dureza dos corações, por bem clara que apareça a falta de docilidade dos espíritos, por múltiplos que se manifestem os preconceitos das mentes, não desespera de triunfar nos seus intentos.

6061

Olhem, senhores, como inflamado de zelo apostólico entra quer nos palácios dos poderosos quer nas humildes casas dos pobres; como percorre as populosas ruas da cidade, deixando-se ver nas praças públicas, nas ruas mais frequentadas, e como em toda a parte anuncia o nome de Jesus Cristo. E enquanto um o cobre de impropérios e outro o faz objecto do seu escárnio, um terceiro lança-se furioso contra ele. Mas Zeno, apóstolo intrépido, continua a anunciar o nome de Jesus por toda a parte e, cada vez mais forte e por todo o lado, vai convidando os filhos desta terra à adoração de Cristo, único e verdadeiro Deus do Céu.

6062

E para que nesta terra Cristo reine e triunfe sobre as mentes e sobre os corações, revela as suas glórias infinitas, descobre os seus inefáveis méritos, prega as suas virtudes, a sua sabedoria, o seu poder; e, enquanto dá a conhecer a sua doutrina, as suas normas, os seus preceitos, as suas leis, vai deixando a descoberto a infâmia, a monstruosidade das absurdas doutrinas, das ímpias normas, dos preceitos iníquos, das bárbaras leis do paganismo. A foga do seu zelo leva o nosso apóstolo até a lutar contra os hereges do seu tempo e com a sua poderosa palavra mostra com mais fulgor e de forma mais sublime a verdade da eterna geração do Verbo no seio do divino Pai e faz brilhar de luz vivificante a divindade de Jesus Cristo contra os furibundos ataques dos ímpios que, negando estas fundamentais doutrinas da nossa santa religião, dilaceravam tão ferozmente a imaculada esposa do Cordeiro divino, o qual morreu na cruz pela salvação do género humano.

6063

A história não nos conservou nas suas páginas, pela maldade dos tempos nefastos, todos os dados sobre a vida de S. Zeno na nossa cidade e dos seus esforços para a regenerar totalmente e a ganhar para Cristo com a doutrina, o exemplo, a doçura, a perseverança e a fervorosa oração, bem como com ásperos jejuns, o assíduo pranto e os mais horríveis e contínuos sofrimentos, tanto durante o dia como no silêncio da noite e tanto em privado como em público. Mas bem se pode deduzir o muito que ele fez na nossa Verona para glorificação de Jesus Cristo do facto de se saber, com infalível certeza, que unicamente por obra de Zeno é que Jesus Cristo foi conhecido entre nós; e que entre nós estabeleceu de novo o seu reino sobre bases tão sólidas que, com o passar do tempo, *já nunca mais* haveria de cair. Sim, veroneses, reinava aqui Jesus Cristo com a sua doutrina e as suas leis; reinava aqui e ao pé do seu trono via rendidos os nossos pais, que lhe tributavam homenagem de fé, de amor; reinava aqui e à sombra dos seus tabernáculos via como também vinham jurar-lhe fé grandes multidões, procedentes dos povos de toda a nossa diocese e das terras circunvizinhas, gentes de toda a condição, idade e sexo.

6064

E tudo isto – deixem-me que o repita, veroneses –, tudo isto graças a Zeno. Foi ele quem mudou as supersticiosas cerimónias de um culto sacrílego pelos augustos ritos do Cristianismo; ele quem reivindicou os direitos dos fracos e dos oprimidos contra a tirania dos poderosos; ele quem transformou a mulher, cruelmente submetida e escrava do marido, em companheira amada e inseparável deste; ele quem chamou os filhos, considerados como coisas pelos pais impiedosos, a fazerem parte da família. Foi ele, numa palavra, quem sobre as ruínas dos altares de Vénus, Marte, Júpiter e Minerva colocou a cruz, considerada pouco antes objecto de escândalo, de estultícia. Essa cruz augusta que, destruída a idolatria, derrubados os templos profanos, conquistadas as potências do abismo, se fez não já o altar de um só templo, mas – segundo a enfática expressão de um santo padre – a *ara do mundo*. E essa mesma cruz, adorada nas igrejas, flutuou nas alcáçovas e foi respeitada; flutuou nas bandeiras e foi temida, flutuou nos mastros dos navios e foi invocada; cruz que posta na cabeça dos reis, os honrou; no peito dos heróis os encorajou; na frente dos sacerdotes, os consagrou.

6065

Numa palavra, foi Zeno quem santificou este povo veronês; e o exemplo das suas virtudes heróicas foi seguido por tantos santos que deram brilho a esta cidade e diocese, que encheram de admiração a Igreja. Sim; diz a tradição, nunca contestada e que nos foi transmitida por um autor anónimo do tempo de Pepino, que Zeno converteu e baptizou em Verona: *qui Veronam praedicando reduxit ad baptismum*.

Portanto, esse Evangelho que desde há dezasseis séculos se prega e venera entre nós foi ele o primeiro quem o pregou; essa fé que desde há tanto tempo mantemos de forma tão alegre ele a plantou no nosso coração; esses santíssimos sacramentos de que participamos foi ele o primeiro que no-los administrou; essa religiosa piedade e devoção que sempre cultivámos foi ele o primeiro que instilou e gravou na nossa alma. Zeno, sim, foi o verdadeiro apóstolo que transformou Verona de *pagã e herética* em *cristã e católica*, imprimindo-lhe no coração com caracteres indeléveis a fé de Jesus Cristo. E com isto se elevou Verona a uma glória e grandeza tais, que em vão antes teria aspirado a elas.

6066

Dado ser Jesus Cristo o único que origina a grandeza e a glória de um povo, quando este povo recebe a influência da sua acção vivificadora, não devia considerar-se gloriosa e grande a nossa cidade, ao participar em tão boa medida dos influxos benéficos da acção de Jesus Cristo? Por isso está bem que o nome de Zeno

seja por vos venerado e estimado e que hoje vos preocupeis em honrá-lo. Com tanto que fez na nossa terra para glorificar Cristo, deu a esta o verdadeiro brilho, o autêntico esplendor.

6067

Se considero a magnitude do benefício que nos fez Zeno, dando-nos a santíssima fé de Jesus Cristo, não encontro, entre tantas ínclitas personagens beneméritas desta ilustre cidade, nenhuma a quem se deva um tal dever de gratidão. Quem teria podido, ó Verona, ter contigo a largueza de tão assinalado benefício? Quem é que, por novos caminhos e por mares não sulcados, te tornou acessível a riqueza do mais florescente comércio? Quanto depois não és mais devedora a Zeno, que te abriu o caminho a riquezas muito superiores, indicando-te os tesouros do Céu e dando-te esperança e direito a eles mediante o baptismo? Nós, os veroneses, sentimo-nos em dívida de gratidão para com homens ilustres que em toda a espécie de ciências, letras e artes converteram a nossa pátria em objecto de admiração do mundo. Deles conservamos como coisa sagrada as obras e os escritos, e, à sua imortalidade, levantamos esplêndidos monumentos e estátuas nas praças, transmitindo assim à posteridade a sua fama e a nossa agradecida recordação. Mas não contribuiu Zeno em maior medida para enobrecer a nossa pátria? Por ele se gloria Verona de um eloquente literato, de um escritor cujas obras são tão estimadas como as dos antigos padres e são elogiadas pelos próprios protestantes. Por ele se orgulha a Igreja veronesa de ter como fundador principal um santo padre. Por ele principalmente teve e tem a nossa pátria as glórias da nossa religião e virtudes, que tanto a honram.

6068

Com efeito, meus senhores, se pelos selectos frutos de uma árvore se recorda e celebra o engenhoso agricultor que com mão experimentada fez o enxerto, sem o qual a árvore não teria produzido senão frutos silvestres e amargos, quem não reconhece que todos os esplêndidos e belos frutos de virtude e fé, que desde há dezasseis séculos produz Verona, planta selecta do jardim da Igreja, se devem atribuir a Zeno, o qual, como jardineiro industrioso, foi o primeiro que a enxertou? Se não estivesse certo de ofender a vossa modéstia, ó veroneses, falar-vos-ia dessa fé e virtudes que são a marca principal do vosso povo. Falar-vos-ia da glória dessa fé que mantivestes sempre intacta na pureza dos dogmas, adquirindo pois Verona o motivo de orgulho de ser chamada *Verona fidelis*: fé santíssima cujos fundamentos enxertou Zeno nos corações veroneses. E bem que essa alma exultou quando, vendo os seus filhos queridos fielmente reunidos num templo – o primeiro que ele tinha levantado sobre as ruínas do paganismo –, alegre e triunfante, com a fronte levantada para o Céu, pregou a vitória de Cristo.

6069

Falar-vos-ia, veroneses, da fraterna caridade e do vosso amor para com os pobres e infelizes. Virtude da qual darão sempre testemunho os estabelecimentos públicos em que encontra refúgio o ancião, o doente, o menino, o abandonado, o órfão, o perdido, e a qual lhes foi infundida por Zeno, que fez o mais esplêndido elogio dela com estas magníficas palavras: «A vossa generosidade para com todas as províncias é manifesta; as vossas casas estão abertas a todos os peregrinos; os vossos pobres já não sabem o que é mendigar os alimentos; as viúvas e os desfavorecidos já têm de que fazer testamento. E mais diria em vosso louvor, se não fôsseis meus.» Também me hei-de referir à evangélica virgindade, cujo glorioso estandarte arvorou sobre a terra, primeira entre todas as mulheres, Maria, a grande Mãe de Deus; virtude que semeou na Igreja os seus cândidos lírios e que o nosso santo foi o primeiro a fazer brotar nesta sagrada terra veronesa, tanto entre os espinhos do século como na recôndita quietude claustral ou nos floridos prados da cristandade. Zeno dava conselho a muitas santas virgens entre as domésticas paredes; e a muitas no silêncio de um claustro estatua-falhes normas e regras, sendo ele no Ocidente o primeiro que encerrou nos sagrados recintos aquelas almas que entre os homens queriam levar vida de anjos.

6070

Não, não, Verona; a fertilidade do teu solo, a amenidade das tuas famosas colinas, a suavidade do teu clima, a magnificência dos teus monumentos não é o que constitui a tua verdadeira beleza e glória, o que te faz ser celebrada: porque de que te serviriam os teus esplendores sem a fé em Jesus Cristo? Oh, fé augusta, tu és o decoro das nações, a paz dos povos, a honra daquela cidade, onde foste semeada. Tu ensinas aos grandes o uso do poder, o uso das riquezas aos opulentos; tu unes na sociedade os homens com vínculos de caridade. Mas, sem ti, os reinos são infelizes, miseráveis as cidades; vacilam os tronos, que só o temor mantém de pé; perde-se o amor à lei; espezinha-se a virtude e honra-se o vício; aumentam desmedidamente os cabedais dos ricos, fazendo muitos outros pobres. Sem ti, com a opressão sacia-se o orgulho; com a traição, a injustiça; com o roubo, a cupidez e com o sangue alheio, diria, até a ânsia de diversão e a bárbara curiosidade. Recorda, ó Verona, quando em teu famoso e monumental anfiteatro só com o objectivo de prazer atiçavas as feras contra os gladiadores: deleitavam-se elas devorando, por natural instinto, a carne humana e regozijavas-te tu, por estudada barbárie, com o cruel espectáculo do sangue humano.

6071

Olha-te agora a ti mesma, depois de teres visto no espelho do passado os males que inundaram as tuas ruas. Esta suavidade dos teus costumes, onde estaria agora sem a fé? Onde essa ordem que te conserva? Onde o ornato das virtudes que te dão brilho? Oh!, bendizei, pois, veroneses, mil vezes Zeno, que, proporcionando-vos com seus suores a fé, vos foi pródigo por ela em todos os outros benefícios e favores; bendizei este grande apóstolo que vos conquistou para Jesus Cristo; bendizei este pai amoroso que vos regenerou para a vida imortal da graça; bendizei este sublime pastor que, para vos guiar para os escolhidos pastos da doutrina do Evangelho, suportou trabalhos, fadigas, angústias, sofrimentos, consumindo num contínuo e penoso martírio toda a sua vida.

6072

E certamente, senhores, foi Zeno um verdadeiro mártir de Jesus Cristo. Não falarei aqui deste aspecto, porque, traço a traço, vo-lo fui delineando neste breve e rapidíssimo sermão e estenderei um véu sobre toda a série de angústias, perseguições, traições, insídias, cruzes e martírios que, à semelhança dos apóstolos e de todos os fundadores das Igrejas, suportou o nosso santo em nome de Cristo a fim de ganhar para Ele a nossa querida Verona. É verdadeiro mártir de Cristo – diz em substância S. João Crisóstomo – aquele que, mesmo sem efusão de sangue, alimenta no seu peito uma alma intensamente desejosa de conseguir a glória de Deus e um coração a arder em desejo de morrer por Jesus Cristo para a salvação das almas; e S. Cipriano chama mártires aos que sofreram muito por Jesus Cristo. Mas antes de tudo está o juízo – que eu venero profundamente – dos padres e dos escritores antigos que chamam mártir a Zeno. Por isso, dobro respeitoso a fronte perante a majestade do culto externo e dos sagrados ritos, venerando o sentir da Igreja, que, de vermelho vestida, honra o nosso santo como verdadeiro mártir nesta solenidade de hoje, a da invenção do seu santo corpo, e ainda na mais esplêndida festa do aniversário do seu nascimento. Inclino-me igualmente perante a glória do seu nome e do seu culto, mediante o qual, apenas livre dos mortais despojos e entregue a sua alma a Deus, voou nas asas da fama e encheu de devoção não somente Verona, mas também outras cidades e reinos, onde recebeu honras que só aos santos mártires se prestavam.

6073

Glória, pois, a Zeno, verdadeiro apóstolo e mártir de Jesus Cristo. E vós, meus mui dilectos veroneses, julgai por quanto até agora assinalei, se S. Zeno podia proporcionar-vos maior glória e grandeza com o seu sublime apostolado e com a sua preciosa morte, tendo assegurado entre vós a fé de Jesus Cristo, a qual é, para todos os povos que a acolhem em seu seio, único princípio e fundamento da autêntica grandeza e da verdadeira glória.

Segunda parte

6074

Não julgueis, senhores, que, ao acabar-se a preciosa vida de S. Zeno, cessou também a fonte dos seus dons para com Verona; no decurso de todos os séculos, a sua protecção do Céu foi grande e de assinaláveis benefícios.

Destruída em Verona a idolatria e lançadas fora da nossa cidade as pestilentas heresias por obra do invicto e santo bispo Zeno, noutras partes da Itália e do mundo cristão desencadearam-se contra a fé católica renovadores e hereges de toda a espécie, procurando manchar a sua imaculada doutrina. Cidades, províncias, reinos e nações abandonaram-se então nos braços do erro; e, viradas as costas às fontes da vida, corriam a matar a sede nos pútridos esgotos da heresia. Mas em Verona, oh!, não! Em Verona não definhava a fé. Antes, pelo contrário, mostrava-se mais viva, porque nessa época produzia frutos preciosos de piedade, de religião: era então que fazia nascer no seu seio templos magníficos, que levantava conventos e claustros e que as suas gentes de todas as categorias, de todas as condições e idade traduziam em obras as mais heróicas virtudes.

6075

Como podia ser de outro modo? Em Verona a fé permanecia firme a toda a prova, porque as pessoas daqui, como resultado do zelo, dos suores, dos sofrimentos, da morte e protecção de S. Zeno, seu apóstolo, a professavam intrépidas e a praticavam com constância. E quando mais tarde a própria Itália se debatia como vítima de transtornos, quer políticos quer religiosos, e quando, às vezes, entre os horrores das facções civis, entre a anarquia das opiniões, ela via, por um lado, como corria o sangue dos seus filhos e, por outro, como grande número deles se afastava do centro de união da Roma papal, em Verona nem a paz se perturbava nem a fé enfraquecia. Governada pelos seus próprios príncipes e administradores e súbdita da Rainha dos Mares, partilhava com Ela a glória das suas conquistas e, sempre unida à cátedra de Roma, vivia do seu espírito, que é espírito de verdade e vida. A fé reportava a Verona tão belos triunfos, porque do fervoroso patrocínio do seu apóstolo e pai colhia todos os dias nova força e poderosa virtude.

6076

E quanta solicitude pela Igreja veronesa não mostrou sempre lá do Céu o seu ínclito padroeiro! Perpetuou nela os seus paternais cuidados por meio dos vinte e oito bispos santos, que veneramos nos altares, e que, depois dele, ocuparam a sua santificada sede episcopal, aos quais transmitiu o seu espírito e o seu amor. Do alto Céu manteve aqui a fé e a coragem e fez digníssimos herdeiros das suas pastorais solitudes mais de outros cem bispos, que até aos tempos actuais se distinguiram na insigne cátedra de Verona. Com as suas impetrações do Céu obteve para o clero veronês o zelo, a fé, a seriedade de costumes e a eclesiástica disciplina, que tanto a honram. Lá do céu contempla ainda o povo veronês como seu, ama-o como pai e cuida dele como celestial pastor.

6077

E que dizer dos tempos presentes, senhores? Hoje em dia não há ninguém que contemplando a nossa Verona não sinta grande admiração para com ela. Enquanto noutras partes a fé se vê exposta a graves perigos e, oh, desgraça!, em muitos lugares da nossa Itália ela se vai enfraquecendo, porque lhe foi declarada uma guerra tremenda de morte e extermínio, não é para ficar maravilhado ao ver que aqui brilha a fé em toda a sua plenitude? Quantas provas de reverência, de submissão à Igreja Católica destes vós no decurso dos últimos anos? Quantas provas de profundo respeito manifestastes à infalível cátedra e à sede de Pedro, fortalecidos pela sua fé, alentados pelo edificante exemplo desse venerável e eminentíssimo príncipe, que é o nosso bispo e pai? Quantas demonstrações de amor filial oferecestes vós ao angélico Pio IX, de santa memória, o qual foi tanto maior quanto mais vilipendiado, discutido e atormentado pelos seus inimigos? E quantas tributaram ao seu venerando sucessor Leão XIII, gloriosamente reinante?

6078

Eu di-lo-ei, senhores; todos o dirão comigo: muitas. Porque aqui, em Verona, a fé não pode diminuir, nem perder jamais, por um só instante, o seu vigor e esplendor. E isto porque os suores e sofrimentos de Zeno, o seu luminoso apóstolo, o seu martírio gritam incessantemente ao Pai Eterno para que aqui a fé se mantenha sempre assim sólida e não sofra detrimento por qualquer vicissitude. Sem dúvida, por especial providência de Deus, permaneceram entre nós os seus sagrados restos mortais, que há poucos anos, em solene júbilo geral, foram encontrados de novo no antigo e monumental subterrâneo desta grandiosa, esplêndida basílica e que foram sempre para Verona e para nós fonte inesgotável de graças e bênçãos.

6079

Salve, pois, ó santo venerado, ínclito protector desta ilustre cidade; salve, ó santo pai Zeno. Aceita, eu to peço, a súplica que, voltado para ti, eu te dirijo do fundo do coração: neste dia solene, faz descer em maior medida as bênçãos do Céu sobre este povo. E como ele te prometeu ser todo teu, faz com que possa, graças a ti, ver atendidas as suas súplicas, cumpridos os seus desejos.

6080

Mas quero ainda depositar outra súplica, ó gloriosíssimo santo, sobre este sagrado túmulo que há mais de quinze séculos é fonte fecunda de tantas graças e misericórdias. Dirige um olhar piedoso para aquelas gentes da África Central, desde há tantos séculos dobrados sob o jugo de Satanás, sobre as quais pesa ainda tremendo o horrível anátema de Cam. Desta querida Verona saiu a poderosa faúlha do sagrado fogo destinado a iluminar aquelas nações e a dar vida e prosperidade a essa desolada vinha de Cristo, erigida de tantos espinhos, que Deus quis confiar à minha indignidade e às minhas fracas e ineptas solitudes pastorais e pela qual também palpitou e morreu na Cruz o Sacratíssimo Coração de Jesus.

6081

A partir desse glorioso túmulo, fonte de tantas misericórdias, estende, ó Zeno, a tua piedosa mão sobre esse cenáculo de futuros operários evangélicos e de sagradas virgens, que se formam e preparam para o árduo e laborioso apostolado africano e que surgiu, não há muito, nesta religiosa cidade, sob os pródidos auspícios do nosso mui benemérito cardeal-bispo, teu digníssimo sucessor. Digna-te também, ó glorioso Zeno, suscitar nesta sagrada terra veronesa vocações escolhidas para o árduo e santo apostolado da Nigricia; e faz que desta religiosa cidade e diocese, graças à poderosa ajuda de assíduas e fervorosas orações e à de santas e generosas vocações apostólicas de teus filhos, seja transplantado para a África o precioso tesouro dessa fé católica que tu antes, vindo da África, nos trouxestes para Verona; e isto para que essa fé santíssima, que constitui a verdadeira glória do povo veronês, converta a África e a infeliz Nigricia em nascente inesgotável de redenção e de vida. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amen.

† Daniel Comboni

22 de Agosto de 1880

Dedicatória num breviário.

N.º 958 (915) - A MGR. AGOSTINHO PLANQUE
ACR, A, c. 15/143

Verona, Insto. Africano, 22 de Agosto de 1880

Meu caríssimo superior,

6082

Com a maior satisfação da minha parte, Sua Em.^a o cardeal-prefeito da Propaganda fez-me saber que o senhor está disposto a aceitar uma missão no meu Vicariato, dispondo para isso de um número relevante de elementos. Eu, pelo contrário, tenho bem poucos; daí o meu interesse como pastor de tantas almas em obter os meios para as conduzir ao redil de Jesus Cristo, sem me importar se sou eu ou outros, se é o meu instituto ou outro qualquer que o faz, contanto que Cristo seja anunciado.

6083

Apenas Sua Eminência me deu a conhecer o seu beneplácito, encarregando-me de conceder ao senhor uma porção do meu Vicariato, a qual contenha não só osso mas também carne, ou seja, um bom clima, como base de operações, escrevi logo aos meus missionários expondo-lhes o meu projecto sobre a parte a fazer objecto de tal concessão. Mas como a resposta tardará ao menos três meses a chegar e dado que S. Em.^a deseja ver resolvido este assunto antes da minha partida para o Vicariato, para onde devo ir logo que possível (embora o meu estado de saúde não seja bom), ou seja, dentro de umas semanas, vou dizer-lhe em duas palavras o que decidi fazer para o maior benefício e... *[falta uma parte]* ... de nos entendermos em tudo. Agora diga-me: «estaria disposto a... *[falta toda a última parte]* ...

[† Daniel Comboni]

Original francês
Tradução do italiano

N.º 959 (916) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., 8, ff. 1073-1079

Verona, 27 de Agosto de 1880

Eminentíssimo e Rev.mo Príncipe,

6084

Há cerca de duas semanas recebi em Ischl, aonde fui apresentar os meus respeitos ao imperador da Áustria, protector da missão, a sua venerada carta de 3 do corrente; e tendo compreendido bem *todo o alcance e o significado*, pus-me a meditar seriamente se, dada a minha reduzida valia e fraqueza, ainda posso ser verdadeiramente útil ao apostolado africano, sem dúvida o mais árduo e espinhoso da Terra, ou se, pelo contrário, acabo por ser prejudicial. Tanto mais que agora, por causa das inumeráveis fadigas, privações, doenças, febres, preocupações, lutas e contradições suportadas durante muitos anos e especialmente no último terrível período da carestia e epidemia, me tornei realmente mais sensível aos golpes da adversidade e muito mais fraco para levar as cruzes.

6085

Mas como sempre se deve confiar unicamente em Deus e na sua graça, pois quem confia em si mesmo confia (com perdão) no maior burro deste mundo e, considerando que as obras de Deus nascem sempre ao pé do Calvário e que devem ser marcadas com o adorável selo da cruz, pensei abandonar-me nos braços da Divina Providência, que é fonte de caridade para os desditosos e sempre protectora da inocência e da justiça e, em consequência, pôr-me nas mãos dos meus superiores, verdadeiros representantes de Deus e do Vigário

de J. C., isto é, nas de Vossa Em.^a rev.ma e nas do Em.^o cardeal de Canossa, designado por V. Em.^a e seus veneráveis predecessores no governo da S. Congregação para me assistir na minha santa empresa.

6086

E antes de tudo agradeço vivamente a V. Eminência por ter levado tão eficazmente o Em.^o card. Canossa a continuar a ajudar-me tanto na eleição de um bom vigário como na supervisão dos meus Institutos fundamentais de Verona. E estou igualmente muito reconhecido a V.^a Em.^a e profundamente comovido pelo seu zelo tão vigilante e prudente, e pela piedosa preocupação que utiliza, a fim de que a minha árdua e espinhosa empresa, tanto em Verona como no Egito e no Vicariato, avance segura e incólume para a sua santa meta e assim se consiga converter à fé e à civilização cristã essa desolada porção da vinha, tão eriçada de espinhos, que foi confiada aos meus pobres cuidados.

6087

Apenas me foi possível obter audiência, apresentei-me ao Em.^o de Canossa para lhe suplicar em nome de V. Em.^a: 1.^o) que continue a assistir-me, como tem feito desde há três anos, para o bom funcionamento dos meus institutos africanos de Verona; 2.^o) que me dê um excelente e capaz sacerdote do seu clero, para que me preste a sua ajuda como vigário *in spiritualibus* e como administrador dos bens temporais da obra e do Vicariato.

6088

Ao primeiro respondeu: «Sim, de boa vontade. Faço-o com gosto, pelo carinho que tenho à obra e à missão e porque desejo que as pobres almas dos negros sejam salvas. Sim, continuarei com muito prazer a fazer o pouco que posso; e, embora apenas esteja na minha mão a pequena parte que depende de mim como bispo de Verona, tenha isso como certo.»

6089

Ao segundo: «Não tenho ninguém de quem possa dispor e não me é possível fazer nada. Os meus bons sacerdotes, cada vez mais escassos, preciso-os para mim: não posso privar deles a minha diocese para socorrer outra, etc., etc.». Em suma, depois de duas boas horas de discussão, de súplicas da minha parte, de negativas da parte dele, de insistências minhas, de negativas dele, etc., etc. (e na sala de visitas contígua havia vários párocos à espera), decidi finalmente que me concederia um excelente, capaz e diligente sacerdote, que para mais é forte, prudente, sábio, etc. Trata-se do muito rev.do Padre Francisco Grego, da diocese de Verona, nascido em 1833, de 47 anos de idade, que esteve sete anos de coadjutor em S. Máximo, quatro como pároco de Prun e doze arcipreste vigário forâneo em Montório Veronese, e que portanto é um homem versado no assunto das almas e no seu governo espiritual. Há vinte e cinco anos sentiu-se fortemente chamado a ser missionário da África Central, vocação já aprovada pelo meu falecido e santo superior P.^e Nicolau Mazza, mas não a pôde seguir por se encontrar no dever de manter a sua mãe, a sua irmã e também um seu tio, que foi para ele sempre um pai; e depois porque o Em.^o de Canossa nunca o deixou partir, porque considerava necessária a sua presença na sua grande e importante paróquia e vigararia, etc.

6090

Em suma, S. José fez o favor de me obter este colaborador, que considero muito valioso. Eu tinha pedido outro mais, mas em vão. Fui logo a Montório comunicar ao arcipreste vigário forâneo, P.^e Francisco Grego, as decisões de Sua Em.^a e a condição por mim aceite de manter os seus na casa principal de uma quinta que tenho no campo, onde o tio me servirá de capataz ou encarregado (dirigirá a quinta) e viverá com a mãe e a irmã. Não cabendo em si de gozo após ouvir isto, o arcipreste disse-me que dentro de dois ou três dias manifestaria a sua resolução à sua mãe, a qual tinha declarado mais de uma vez que ela nunca se oporia à verdadeira vocação do filho. Ao mesmo tempo, pedi-lhe que fizesse quanto antes as diligências na cúria episcopal a fim de que fosse nomeado um substituto para a sua paróquia e vigararia.

6091

Eis senão quando, o em.^o cardeal bispo de Verona fez-me observar que não convém mudar de repente um sacerdote da Europa para a África Central; pelo que se chegou ao oportuno acordo de destinar o rev.do P.^e Francisco Grego para superior dos meus estabelecimentos do Cairo, *por um ano*, a fim de se aclimatar e adquirir prática das coisas orientais. Aí será ao mesmo tempo o administrador-geral dos bens temporais, fazendo-se ajudar na administração privada dos meus institutos do Cairo por P.^e Francisco Giulianelli, romano, que nesse campo é muito experimentado.

6092

Esta parece-me uma ocasião propícia para me desfazer daquele que foi a causa primeira de todos os meus problemas e que suscitou e manteve viva a discórdia nos meus missionários do Vicariato. Falo de P.^e Bartolo Rolleri, que desde 1873 até Maio passado foi superior dos meus institutos do Egipto.

6093

A opinião e o juízo que sobre ele acabo de expressar a V. Em.^a são por mim proferidos após madura reflexão e com pleno conhecimento de causa; e se eu tivesse seguido os conselhos repetidos de pessoas muito sérias, teria feito melhor tê-lo despedido já em 1877. Mas como é um sacerdote *devoto* e de boa conduta moral – e a boa conduta é a melhor pregação para os infieis –, e como além disso é *diligente nos seus deveres sacerdotais*, sempre mantive a esperança de que corrigisse os seus graves erros e defeitos. Porque é um homem de uma teimosia, de uma cabeça tão dura como nunca vi. E ainda por cima está dominado pela paixão: vê tudo negro nos seus adversários e tudo branco nos que estão do seu lado.

6094

Desde 1868 até 1875 ele era um dos meus confortos: sábio, obediente, respeitoso – ainda que pouco expansivo –, gostava de mim como de um pai e eu correspondia-lhe como um irmão. Em Outubro de 1875, por causa de uma circunstância que ainda não sei explicar, enganado por *inimico homine*, que lhe deu a entender o que quis, ficou obcecado com a ideia de ocupar o meu lugar. A partir de então, escreveu dezenas de cartas aos meus missionários do Vicariato, incitando-os a juntarem-se-lhe como um só homem, para recorrer à Propaganda contra mim (entre as que tenho aqui e em Cartum, disponho de mais de trinta cartas para provar isso); e como a maior parte deles se negaram por dever de justiça e de respeito à verdade, ele converteu-se num inimigo e caluniador (sempre, isso sim, «em consciência»!?) daqueles que não responderam à sua chamada. Assim continuou por muito tempo e depois acalmou-se, sobretudo quando levei para o Vicariato como administrador e vigário o saudoso P.^e António Squaranti, em conformidade com o que me tinha ordenado a S. Congregação.

6095

Contudo, quando já em Cartum o santo e prudentíssimo sacerdote Squaranti examinou bem as coisas, escreveu-lhe para o Cairo a dizer-lhe que ele, Rolleri, *tinha sido a causa de todos os problemas do Vicariato, ao desacreditar injustamente o chefe da missão* entre os missionários, seus subordinados (foram napolitanos quase todos os que num momento ou noutro fizeram caso das incorrectas insinuações dele) e ao ofendê-lo de mil maneiras. Então estalou uma disputa entre os dois, que só terminou com a morte de P.^e Squaranti. Porém, como P.^e Rolleri é um homem de mentalidade muito fechada e cabeçudo, continuou ainda a desacreditar esses bons missionários que não partilhavam dos seus pontos de vista. E vendo que eu, após conhecer a verdade no lugar dos factos, não me dobrava às suas exigências, pediu as *cartas dimissórias* para se ir embora para outro lado, as quais, imediatamente concedidas, lhe enviei de Cartum em Janeiro de 1879, rogando-lhe apenas que esperasse até eu destinar outro superior para o Cairo, cargo que eu tinha previsto para o ex-capuchinho P.^e Bellincampi, do colégio de Bastai, que tinha ido para o Cairo com autorização da S. C. da Propaganda.

6096

Mas como eu não recebia do Cairo senão tristes notícias desse indivíduo, supliquei de novo a Rolleri que permanecesse no seu posto até à minha chegada ao Cairo, coisa que fez. Contudo, depois de eu ter ido até lá e depois para Roma – de onde, após consultar por meio do prof. Pennachi o Em.^o card. Consolini, despedi do insto. do Cairo Bellincampi, não o considerando chamado à missão da África Central –, Rolleri não falou mais em abandonar a minha obra. Note-se que ele sempre se negou a ir para o Vicariato, apesar dos meus repetidos convites de 1875 em diante, convites que lhe fiz quer para que lá trabalhasse quer para ver com seus próprios olhos como as coisas eram e rectificasse os seus injustos e erróneos juízos.

6097

Mas ele, ainda que nunca tivesse visto nem um palmo do Vicariato, ainda que nunca tivesse passado para lá do Cairo e do Suez, pretendeu ter sempre o dom da infalibilidade ao ajuizar sobre coisas sem importância e sobre o pessoal do Vicariato, passando por cima da opinião do bispo e vigário apostólico. Depois, em Maio último, obtida a respectiva autorização, veio para a Itália, para Roma, e agora está na sua terra, mas com ideias de em Outubro voltar para o Egipto. Declarou-me que não irá nunca para a África Central, nem aceitará ficar em Verona, que só pertencerá à obra na condição de continuar no meu instituto do Cairo, como superior – entenda-se. Tendo eu anteontem referido tudo isto ao Em.^o card. de Canossa, Sua Em.^a decidiu comigo convidar Rolleri a ficar no instituto de Verona, ajudando o meu venerado reitor, o P.^e José Sembianti e sob a vigilância do em.mo bispo; caso contrário que vá para onde quiser.

6098

Por outro lado, falando a V. Em.^a com filial confiança (e alegrar-me-ia muito de estar enganado e de me poder retractar), acrescentarei a este respeito que as sinistras notícias que chegaram à S. Congregação sobre o funcionamento do Vicariato, e de que no mesmo não há ninguém que me possa fazer de vigário, bem como a falsa informação acerca de P.^e Bonomi, etc., etc., tudo isso tem o seu princípio directo ou indirecto, tem como autor principal Rolleri, que manobrou todos os cordelinhos, etc. Mas não importa: a verdade virá ao de cima, porque Deus é misericórdia, caridade e justiça, e saberá tirar destas providenciais vicissitudes o maior bem para a África. E um bem é que entretanto eu ganhei um colaborador, P.^e Grego, o qual, se não é apto para pregar em árabe, pela sua idade já um pouco avançada para o aprender correctamente, será utilíssimo para dirigir os assuntos e manter a boa disciplina e o bom funcionamento das coisas, a fim de que caminhem segundo o espírito de Deus.

6099

De resto, por amor à verdade, devo dizer-lhe que o Vicariato não vai tão mal como foi referido a V. Em.^a (e não duvide de que me retractarei se na minha próxima visita pastoral verificar o contrário). O rev.do P.^e Luís Bonomi tem 39 anos, foi coadjutor durante sete anos e desde 1874 está em África, onde fez muita prática e se tornou um verdadeiro missionário. Esta é a minha humilde opinião sobre ele. Não digo que tenha todas as qualidades para ser vigário, pois faltam-lhe as boas maneiras e não reúne todas as condições para tratar convenientemente com as autoridades e com os subordinados: é demasiado duro. Porém, quanto à rectidão de pensamento, zelo, abnegação, lealdade, humildade e obediência é um dos melhores que um vigário apostólico pode ter, sobretudo porque é fiel ao seu dever. Mas, como às insinuações que em 1875 lhe fez Rolleri para se rebelar contra mim, ou seja, de se lhe juntar (Bonomi estava em Gebel Nuba e Rolleri no Cairo), ele não respondeu nada, mas só lhe mandou dizer, ou seja, fez com que lhe fosse respondido por carta que Bonomi não reconhecia outros superiores senão os que lhe dava a Santa Sé ou os que a representam a ela, granjeou a sua inimizade. Foi tanto assim, que há três anos e meio, com a ajuda de dois napolitanos, etc., levantou contra ele a gravíssima calúnia de que, algumas noites, era visto com uma Irmã, coisa que eu e o rev.mo Squaranti, logo em Junho de 1878, pusemos a claro, com a confissão e retractação formal do caluniador.

6100

E noutro caso, valendo-se da calúnia de um padre napolitano que Carcereri tinha levado para África a instâncias do arcebispo de Trani, acaloradamente e com ameaças induziu-me a expulsar da missão um missionário piemontês; assim que, eu, mediante um telegrama, já tinha chamado a Cartum o referido missionário, P.^e Gennaro Martini. Mas de repente o padre caluniador napolitano sofreu uma febre fortíssima e, temendo partir para o outro mundo, fez por escrito uma conscienciosa retractação, na qual declarava que o que ele tinha escrito a Rolleri *era pura calúnia* e uma invenção sua para ganhar os favores de Rolleri; desta retractação deu cópia a Rolleri e a mim (a qual levarei comigo para Roma, e o arcebispo de Trani, vendo a carta, poderá atestar a verdade e autenticidade do escrito). Pois bem, depois de Rolleri ter recebido esta declaração, feita quase no leito de morte pelo caluniador (que daí a quatro meses morreu de verdade), não deveria Rolleri retractar-se diante de mim da calúnia contra um sacerdote inocente? Contudo, não o fez e deixou correr a calúnia, e isto *em consciência...* que é a expressão que sempre utiliza. Em suma, eu experimentei o martírio. Mas estou contente, porque assim o quis o Senhor e perdoou a todos.

Quanto a Martini, cansado voltou para sua casa.

6101

Quanto ao resto, nem o Vicariato nem a minha obra vão como diz Rolleri. O remédio capital que havia que aplicar à minha obra era *reconstituir o meu instituto de Verona* sobre bases muito sólidas, sobretudo dando-lhe um excelente e eficaz superior. Foi o que fiz vindo à Europa e consegui-o com a ajuda do veneradíssimo card. Canossa, como espero que V. Em.^a saiba. Este instituto dar-me-á bons missionários.

6102

Tenho outras coisas para fazer, a primeira das quais é ir quanto antes para o Vicariato, etc., etc., etc. E também devo responder às suas veneradíssimas cartas, mas fá-lo-ei amanhã ou depois.

Por carta e telégrafo combinámos o rev.mo Planque e eu encontrar-nos em Turim e pormo-nos de acordo sobre tudo o que vamos fazer nesta novena da Madonna del Popolo.

Perdão por ser tão prolixo. Beijo-lhe a sagrada púrpura e sou

De V. Em.^a Rev.ma ob.mo, respeit.mo filho
† Daniel Comboni bispo e vig. ap.

N.º 960 (917) - A P.º FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/15

Verona, 28 de Agosto de 1880

Meu caríssimo P.º Francisco,

6103

Quando tiver que pagar provisões ou outras coisas recebidas de Roma (como vejo que pagou em Roma algumas centenas de francos, mandando-os do Egipto), não envie dinheiro, mas avise-me a mim e eu mandarei efectuar o pagamento por meio do meu banqueiro. Finalmente vimo-nos livres de P.º Grieff, que destruía o nosso instituto e era causa, com o seu exemplo e com as suas graves insinuações, de que alguns abandonassem o mesmo, para vergonha nossa. Desde que pus a vigorar a regra, chamando para reitor um santo sacerdote como é o P.º Sembianti, Grieff, que não tem espírito, foi o primeiro a não observá-la, arrastando muitos outros. Por isso, após consultar o Em.º card. de Canossa e o prudentíssimo geral dos estigmatinos, dei a Grieff as dimissórias e quarta-feira, pela manhã, partiu para a sua diocese do Luxemburgo.

6104

Graças sejam dadas ao Senhor. Tinham razão Fuchs e Bouchard, Moron e Dichtl, ao escreverem-me o que escreveram, porque tendo vivido juntos o conheciam. Graças sejam dadas ao Senhor uma vez mais. Diga a Dichtl e a P.º José que Grieff se foi para sua casa. Agora o instituto vai muito bem.

6105

Com os cinco mil francos que lhe mandei satisfaça as necessidades urgentes. De Colónia enviar-me-ão dinheiro só a mim quando eu estiver no Egipto. Entretanto, industrie-se. Estou a arranjar as coisas para partir quanto antes. A minha bênção para todos vós e para as Irmãs, etc.

† Daniel bispo

Escreva-me para Roma dirigindo as cartas à sua mãe, da qual as receberei eu mesmo. Saúde da minha parte P.º Paulo Rosignoli, P.º Pedro, os padres jesuítas e todos os do nosso instituto. É muito provável que eu leve para aí um professor árabe, dado que o outro foi-se embora para a Síria.

N.º 961 (918) - A P.º FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/16

Verona, 31 de Agosto de 1880

Telegrama.

N.º 962 (919) - A P.º FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/14

J. M. J.

Viena (Áustria), Agosto ? 1880

Meu estimadíssimo P.º Francisco,

6106

Amargou-me sobremaneira vir a saber que não se quer aceitar um horário que poderia ser oportuno para todos os bons cristãos.

Tendo em conta que agora há muito calor no Cairo e que à noite já se tem leitura espiritual também com novenas, o ofício, etc., dispenso a todos da leitura espiritual das duas da tarde. Além disso, autorizo-o a si a dispensar os que estão obrigados a rezar o ofício, ou seja, os constituídos *in maioribus*, doutras coisas que o senhor julgar mais prescindíveis, a fim de que possam atender devidamente à reza do mesmo. Por outro lado,

recomendo-lhe que dirija bem os seculares artesãos; e se os clérigos não querem ter o recreio em comum com os artesãos, faça com que os constituídos *in maioribus* admitam o excelente Pimazzoni e os catequistas. É uma dura coisa para mim, mas... *fiat*. Entender-nos-emos de viva voz.

Terá recebido os 5000 francos que ordenei lhe fossem mandados mediante Brown.

6107

Escreva por mim a P.^e Luís, porque eu não tenho tempo. Vou agora partir para Verona. Quanto à Providência de Deus, esperemos: eu já trabalhei. Desejo que no Cairo se faça de modo que haja um muro de divisão, e outro entre as duas casas, e que a entrada das Irmãs se faça pela parte da frente. Trate o assunto com Bonovia (creio que construiu mal, pelo que me escreve) e à minha chegada tenha-me preparado um pequeno projecto, para que as Irmãs tenham uma entrada diferente da dos membros do sexo masculino. A todos e a todas dou a minha bênção.

† Daniel bispo

6108

Dê, além disso, tempo a Rosignoli para instruir o mais possível Pimazzoni.

N.º 963 (920) - A P.^e FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/17

J. M. J .

Verona, 4 de Setembro de 1880

Meu caríssimo P.^e Francisco,

6109

Terá recebido o meu telegrama no qual eu consentia na partida de Gabriel com todo o açúcar e todo o vinho que o senhor preparou. Eu não penso carregar com coisas quando sair do Cairo: só as provisões de viagem, porque num mês quero ir daí até Cartum. Teria sido conveniente que com Gabriel tivessem ido outros, porque em Suakin está Calisto; e eu teria ficado contente que tivessem partido todos aqueles que estivessem dispostos a fazê-lo, ao menos um. Mas não importa, se já não é possível fazer doutra maneira.

6110

Penso que não é necessário enviar dinheiro, uma vez que o sr. Holz já lhe faz o favor; eu, quando chegar no fim deste mês, devolver-lhe-ei tudo. Contudo, talvez lhe mande algum dinheiro com o próximo correio.

6111

Parece-me que há aí descontentamento. Procure, pois, tratar a todos com bons modos e gentileza: se não se podem obter dez graus de perfeição, obtenhamos os que for possível, ainda que seja um só. Mais tarde, quando eu for, procurarei arranjar as coisas de acordo com a vontade divina. O senhor, entretanto, mostre moderação e, se for necessário, perdoe... Que fazer?

Saúde Amália, que espero esteja curada da febre. A minha bênção para todos e todas.

Seu af.mo † Daniel bispo

N.º 964 (921) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 1088-1090

Génova, 12 de Outubro de 1880
[Pelo contexto parece que é de 13-09-80]

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

6112

Na festa da Natividade, a 8 do corrente, o rev.mo sr. Planque foi de Lião a Turim, onde eu o esperava no meu alojamento entre os Irmãos das Escolas Cristãs; expus-lhe quanto escrevi a V. Em.^a sobre a nova missão de Dôngola, etc., da qual se encarregaria o seu seminário. Não parecia entusiasmá-lo muito a ideia de assu-

mir logo a missão; mas disse-lhe que era vontade de V. Em.^a que se encarregasse dela e que eu desejava ardentemente que estabelecesse os seus missionários perto de mim e dos meus, pois esperava muito do seu seminário, provido de mais de cinquenta candidatos. Disse-me que os seus missionários não tinham saído ainda do Cabo Central.

6113

Em todo o caso, pareceu muito satisfeito com as minhas propostas. Explicou-me que, na sua volta a Lião, submeteria o projecto ao seu conselho e que me informaria imediatamente do resultado em Sestri Levante, aonde irei com o meu venerado reitor e com a minha superiora de Verona para decidir sobre a nova casa filial de Verona, que, se Deus quiser, se abrirá para as missões da África Central.

6114

Chegaram-me notícias bastante satisfatórias sobre o andamento do meu Vicariato e assim boas as recebi sempre até hoje, quer da parte dos meus missionários quer das Irmãs e até do grande paxá Rauf, governador-geral do Sudão egípcio, ou seja, de um território cinco vezes maior que a Itália. O triste funcionamento do meu Vicariato está só na imaginação de Rolleri, que vê tudo negro a uma distância de 4000 milhas, sem nunca ter passado para lá das pirâmides do Cairo, ou daqueles a quem directa ou indirectamente informou de forma sombria...

Mas a verdade virá ao de cima; e por isso estou impaciente por me reintegrar quanto antes no meu mundo de trabalho, se bem que me encontre muito cansado e fatigado.

6115

No próximo domingo espero já encontrar-me em Roma, se o meu estado físico tiver melhorado, porque no dia 6 de Outubro penso sair do Suez para Suakin, para atravessar depois o deserto e ir de Berber até Cartum.

Inclinando-me a beijar-lhe a sagrada púrpura, subscrevo-me com a mais profunda veneração

De V. Em.^a Rev.ma, hum.mo, devot.mo, af.mo filho
† Daniel Comboni, Bispo e vig. apostólico

N.º 965 (922) - AO CARD. LUÍS DE CANOSSA
ACR, A, c. 14/103

Sestri Levante, 23 de Setembro de 1880

Eminência Rev.ma,

6116

Muito respeitosos cumprimentos do venerado P.^e Vasco: é um autêntico amigo da missão e um verdadeiro servidor de V. Eminência.

Em Verona, V. Em.^a rev.ma disse-me – se bem me lembro – que mandasse pagar 1000 liras ao advogado Morani; assim, com efeito, mandei pagamento equivalente a essa importância por meio do meu banqueiro de Roma. E agora, da estimadíssima carta que V. Em.^a me escreveu por meio de Sembianti, resulta que me dá ordens para abonar só 500 liras. Mas não importa. A causa da venerável marquesa é tão bela e esplêndida, que em breve se precisarão as outras 500; e então, certamente, as madres canossianas, quando as tiverem e forem requeridas de Roma pelo advogado Morani, mandá-las-ão ao P.^e Sembianti. Entretanto, nem V. Em.^a nem as boas madres se preocupem com isso.

6117

Acertámos tudo relativamente ao convento de Sestri entre mim, o proprietário, Sembianti e a superiora. Encarregar-se-ão Brasca e T. Ravignani de examinar os papéis. Esses documentos foram feitos, em regra, também assinados pelo irmão do proprietário, o sacerdote P.^e *Ângelo Tagliaferro*, que, espero, acabará por deixar, com o convento doado, tudo o resto. Em qualquer caso, contando realisticamente só com o que já se conseguiu, um estabelecimento nosso em Sestri como filial dos institutos de Verona é assunto de grande importância e um bem autêntico para a missão; e o bispo diocesano, que se encontra aqui, está disso muito satisfeito. Por certo, mons. Rosati disse-me hoje que ouviu no Concílio do Vaticano o seu belo discurso sobre o *Pequeno Catecismo*.

6118

Esta noite parto para Roma, aonde chegarei amanhã às 12.45 horas. Quando desejar, dirija as cartas ao banqueiro Brown, Via Condotti, Roma.

Não sei agradecer suficientemente a Deus e a V. Em.^a pelo dom de contar na obra com o P.^e Sembianti, que trabalha com verdadeiro empenho e consciencioso ardor. Tendo conhecido que a vontade de Deus, manifestada por meio dos seus superiores, é que ocupe o posto de reitor, entregou-se a exercer essa função com tal empenho, que já não vê outra coisa senão os interesses da obra: um genuíno africano! É a graça, a obediência. Em suma, tive grande sorte ao encontrar tanta caridade em V. Em.^a e no P.^e Pedro. E esses méritos ficaram escritos no livro de Deus.

Prostrando-me a beijar a sagrada púrpura, declaro-me com o respeito mais profundo

De V. Em.^a Rev.ma hum.mo, obed.mo filho
† Daniel bispo e vig. ap.

Neste momento recebo a notícia de que mons. Massaia está em Roma.

N.º 966 (923) - A P.^e FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/18

Roma, 25 de Setembro de 1880

Meu caríssimo P.^e Francisco,

6119

Cheguei aqui só ontem pela tarde e recebi as suas cartas n.ºs 3, 5 e 15. Agrada-me que com Gabriel tenha partido também Paulo. Mas diga-me se este se mostrou realmente bom e se confia que ele vai vingar em Cartum. Espero que tenha recebido a importância que lhe mandei há duas semanas. É um grande problema para mim não ter secretário, porque não posso responder a tudo, incómodo que se junta às grandes preocupações e responsabilidades que já tenho. Ainda por cima os graves desgostos que me advieram precisamente daqueles que eu mais tinha beneficiado, especialmente de Grieff, que é um verdadeiro canalha. Dolosamente, conseguiu introduzir-se na minha obra para ser ordenado sacerdote, quando antes já tinha sido expulso de dois institutos. Ordenado e enviado para o Cairo, suplicou-me que o deixasse voltar. E o meu reitor de Verona verificou que ele não tinha espírito.

6120

Faça-se a vontade de Deus. Cristo fabricou a *cruz* e não a carroça para ir para o Céu.

Eu não posso estar no Suez no dia 6; mas dentro de uma semana volto a Verona para partir logo para o Cairo. Ainda não vi a sua mãe. O feitor do convento levou as suas cartas a casa do banqueiro Brown.

6121

Fico contente por saber que mandou vinho, açúcar, etc. As campainhas e a caixa, que estão com Carcereri, levá-las-ei eu. Penso partir de Suez com o último vapor de Setembro; ao menos farei todo o possível para que assim seja. Como percebi que o professor se fora para a Síria, pensei noutro, sobretudo porque desejaria que o do Cairo (que, segundo alguns me escreveram, é tão bom) fosse comigo. Por isso, não lhe diga que Lettuada ofereceu pagar-lhe 25 táleres: eu não poderia dar-lhe tanto. Falarei com ele. Escreva ao sr. Prada, explicando-lhe que o senhor não pode fazer nenhuma oferta ao professor, porque isso é um assunto da exclusiva responsabilidade de D. Comboni. De resto, há uns dias recebi carta de Prada.

6122

Dou-lhe a bênção, bem como a Rosignoli, a Francisco e a todos. Saúde da minha parte a superiora e diga-lhe que tratei definitivamente da fundação de uma casa filial em Sestri Levante. Um lugar magnífico, saudável, de clima suave: o melhor sítio do litoral de Génova. Há uns dias estive lá com o reitor e com a superiora de Verona e fiz escritura: decidi tudo.

Seu af.mo † Daniel bispo

N.º 967 (924) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 8, f. 1084

Roma, 28 de Setembro de 1880

Solicitação de viagens gratuitas.

Roma, 29 de Setembro de 1880

Beatíssimo Padre,

6123

Neste tristíssimo período do nosso tempo, em que o ódio à Igreja faz com que egrégios mestres da juventude cristã, insignes pela ciência e pela piedade, sejam arrancados das suas aulas e dos seus alunos, sobretudo na França, contra as leis do país, contra os desejos dos pais e contra a opinião pública, concedei, Beatíssimo Padre, que chegue rápido o dia da beatificação do grande mestre da juventude católica, João Baptista de La Salle, fundador dos Irmãos das Escolas Cristãs, cujos prodígios de caridade e piedade para com os meninos tive ocasião de admirar grandemente em muitíssimos lugares da Europa, bem como da Ásia e da África.

6124

O venerável servo de Deus, distinguido com tal honra, protegerá com uma eficácia ainda maior a querida juventude pertencente à grei cristã, agora infelizmente cercada de enganos e insídias por todos os lados.

O Sumo Pontífice Pio IX, de imortal memória, com o seu decreto do primeiro de Novembro de 1873, já declarou solenemente as virtudes heróicas deste venerável servo de Deus e ordenou que se procedesse à discussão dos quatro milagres.

6125

Nestes dias, em que os Irmãos das Escolas Cristãs comemoram o bicentenário da sua fundação, vimos o solene testemunho da evidente fama de santidade de que gozou João Baptista de La Salle no dia da sua morte.

Eminentíssimos padres da santa e romana Igreja, arcebispos e bispos insignes, sacerdotes e homens de clara fama pela ciência e piedade, e fiéis de todas as classes e condições deram sinais certos de estima e veneração para com este venerável instituto. Todos partilham de um mesmo desejo, de uma mesma aspiração: ver quanto antes o dia em que serão decretadas as honras dos altares para este fundador, cujas excelsas obras, graças à actividade intensíssima dos seus continuadores, são cada dia mais extensas e também mais florescentes. De facto, a admirável e prodigiosa difusão a que esta venerável congregação chegou nos nossos tempos por todo o planeta, e a perfeita e universal observância por parte do seu virtuoso instituto de regras sapientíssimas servem de admiração para o mundo, para os anjos e para os homens.

6126

Deus Todo-Poderoso, que se gloria em seus santos, confirmou com inumeráveis e esplêndidos prodígios a manifesta santidade do seu dilecto servo. Mas não se pôde realizar uma jurídica e completa investigação de todos eles.

Este é o motivo, Beatíssimo Padre, pelo qual junto as minhas humildes súplicas às que já foram dirigidas a Vossa Santidade, a fim de que magnanimamente queirais dispensar das discussões dos milagres, de modo que só os dois milagres aprovados sejam suficientes para a solene beatificação deste venerável servo de Deus, que tantos méritos tem adquirido dentro da sociedade cristã.

Tenha por bem V. S. acolher com ânimo benévolo a petição deste vosso humilde e devotíssimo filho e dar ao mesmo a vossa bênção apostólica.

Roma, Festa da Dedicção de S. Miguel Arcanjo

1880

(L. S.)

† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário Apostólico da África Central

Original latino

Tradução do italiano

Roma, 2 de Outubro de 1880

Meu caríssimo P.^e Francisco,

6127

A sua mãe encontra-se bem, vi-a esta tarde. Pode mandar que sejam dados os exercícios espirituais, tanto aos que partem como aos que ficam: é algo que todos precisam. Estou cansado de pagar pelas obras de construção.

Entendi que a obra foi mal feita, mas eu paguei tudo e Bonavia não pode exigir nada; tinha 6000 francos a receber, mas foram pagos. Até à minha chegada não pague nada. Estou baralhado por causa do dinheiro, tanto mais que não tenho uma fábrica para o fazer. Faça a maior economia possível.

6128

O turco que veio a Verona com Moron e que enviei de Verona para a comunidade de catecúmenos de Verona, porque o Papa mo concedeu, foi solenemente baptizado pelo arcebispo de Colossi e quinta-feira apresentei-o ao Papa. Esse dia tive uma audiência privada de hora e meia com Sua Santidade, sempre sentado diante dele; e outra meia hora estive com ele acompanhado apenas do turco Bescir e dos sacerdotes de Vicenza. O Santo Padre interessa-se pela Nigricia e abençoa toda a gente do Cairo e do Vicariato. Ficou muito comovido pelo *dévouement* das nossas Irmãs da África Central.

6129

A minha bênção a todos. Devo passar ainda uns três dias com mons. Massaia e depois irei para Verona. Daí, uns por Trieste, outros por Nápoles partiremos para o Cairo. O senhor envie tudo o que houver para enviar de caixas para Suakin, a Calisto, que eu não quero ter estorvos. Muita economia, e arranje tudo o que puder.

† Daniel Comboni

N.º 970 (927) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/99

Roma, Via Fratina, 52
8 de Outubro de 1880

Meu caro padre,

6130

Estou mais que contente, contentíssimo, por os nossos candidatos irem às aulas aos estigmatinos, o que agradeço de coração ao rev.mo superior. Obrigado pela lista dos três. De resto, confio plenamente em que Deus mande bons elementos. O rei dos Belgas ofereceu vinte bolsas ao P.^e Boetman, director de Turnhout, a fim de que ele escolha e prepare vinte belgas para as missões da África Equatorial, para os instalar depois no vasto território do Congo, onde agora o comité belga leva a cabo a sua exploração dirigida por Stanley. Tal missão foi confiada ao arcebispo de Argel, que receberá esse pessoal à medida que termine a sua formação. Mas se o P.^e Boetman mandar para lá indivíduos do jaez de alguns que nos mandou a nós, espero pouco. Por outro lado, o secretário do rei assegurou-me que quantos belgas ingressarem no nosso Instituto ou na nossa missão da África Central serão *dispensados totalmente* do serviço militar.

6131

Comprei há quinze dias seis exemplares do Zigliara, edição recém-saída e corrigida por ele mesmo. Levantarei o Ritual Romano. E já não posso escrever mais, porque a Santa Sé me tem muito ocupado com a criação de quatro novos vicariatos apostólicos, a serem confiados ao arcebispo de Argel e à sua grande instituição. Eu devo examinar tudo (isto seja dito de maneira muito reservada) e depois emitir a minha pobre opinião *sobre o que há que fazer, sobre o que há que deixar*, etc. Trabalho dia e noite. Reze por mim.

Ao excelente P.^e Ângelo fizeram-lhe boa impressão as cartas de Verona: a coisa saiu bem, graças a Deus. Apresente os meus respeitos ao cardeal, fazendo-lhe saber que não esqueci os assuntos que me recomendou. Visitei o card. Sanguigni, protector das Clarissas Sacramentinas e falámos muito desse santo Instituto. Saúdo P.^e Luciano, a quem dirá que os seus amigos, os dois sacerdotes leonicenses, entusiasmados por Roma e pelo Papa, seguem amanhã para Nápoles. A minha bênção para todos e todas.

Seu af.mo

† Daniel bispo e vig. ap.

N.º 971 (928) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP, Udienze, v. 195, P II, f.1398

Roma, 12 de Outubro de 1880

Petição de dispensa.

N.º 972 (929) - A P.º FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/20

J. M. J.

Roma, 16 de Outubro de 1880

Meu caro P.º Francisco,

6132

Procure que os diáconos P.º João Dichtl e P.º José Ohrwalder façam bem os exercícios espirituais; e, se julgar conveniente, como creio, mande que os façam todos. Sua mãe está boa: vi-a há dias e ainda esta tarde. Em Roma, a Propaganda ocupou-me muito com alguns vicariatos africanos, que se vão fundar para lá do equador. Estou quase no fim do meu trabalho e não posso mais. Trabalhei dia e noite, praticamente sem fazer nenhuma visita, salvo à igreja ou convento onde pela manhã celebrei mesmo. Abençoo P.º Rosignoli (a quem apresentará as minhas saudações) e a todos e todas. Reze muito por

Seu af.mo

† Daniel comboni bispo e vig. ap.

N.º 973 (930) - AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/100

J. M. J.

Roma, 17 de Outubro de 1880

Meu querido padre,

6133

A Propaganda tem-me afogado de trabalho. Escrevo dia e noite, procurando apressar-me, para partir rapidamente de Roma (e estou sem secretário, sem ajuda: é duro!, *militia est!*); por isso tenho aqui mais de trinta cartas ou pacotes de cartas que não quero ler, para me ocupar só do importante trabalho da Propaganda. Mas as suas leio-as logo todas.

Tenha *sub sigillo confessionis* o que se segue: só o digo a si, com autorização de falar disso única e exclusivamente com o P.º Vignola, porque nem o senhor nem eu temos segredos com esse santo homem que, apostaria, nasceu quase sem pecado original e que não aspira senão *à mais pura glória* de Deus, mais que todos os jesuítas do mundo (a quem eu sempre estimarei), e ao bem das almas, sem paixões humanas, sem egoísmo, interesse e segundo fim, etc. Mas *só a ele* o pode dizer, se o julgar oportuno, e não a outros, porque, apesar de tudo... nem sempre se sabe conter a língua, esquecendo-se que o silêncio é de ouro.

6134

É isto:

1.º A Propaganda deu-me a examinar em segredo o projecto de quatro novos vicariatos na África Central, a confiar a outras tantas congregações eclesiásticas, os quais compreendem a quarta parte de toda a África... Meu Deus! Nem tudo foi feito com a habitual reflexão, etc.; mas há coisas boas.

2.º Ainda não sou capaz de digerir o... pároco de Montório... Pedi-o por desespero, encomendei-me ao Senhor, rezei dia e noite; mas, embora o Em.º mo tenha concedido, há no fundo do meu coração algo que me diz: «Não o tomes, pois não é homem para isso... carece de... Além disso, é demasiado gravoso manter totalmente e durante toda a vida os seus três familiares... para tomar um homem de idade já avançada... que amanhã pode morrer... ou então até resultar (??), e morrer como os outros.»

6135

Por isso, não comuniquei nunca ao Cairo que levaria comigo P.º Grego, nem que P.º Rolleri não voltaria aí como superior... Mas o em.º escreveu à Propaganda *mirabilia* sobre P.º Grego..., e isso fê-lo o Em.º Canossa por grande caridade para com a missão e para comigo... Já obtive para ele, da Propaganda e do embaixador austríaco, a passagem gratuita *em primeira classe...* de Trieste a Alexandria; a Propaganda *já se congratulou comigo* por eu contar com um experimentado pároco, como P.º Grego, etc., etc. Até a embaixada austríaca está contente, porque lhe disse que é um bom homem... Pois bem, ainda assim, não digiro e não sei decidir-me a dizer que o tomo. E é que (segredo de confissão) há no meu espírito 99 motivos para o não tomar...

6136

Ainda que Rolleri seja um homem...

[*Há aqui quatro linhas ilegíveis, com uma escrita sobreposta de outra mão*]

.....contudo, digiro-o mais. A opinião pública veronesa não me aquece nem arrefece... Se tivesse feito caso dos veroneses, bons *geralmente* só para criticar, não para ajudar, não teria levado nada a cabo. Até quanto a Rolleri, não o toquei só por política e interesse, porque o bispo de Placência me é favorável e me concederia cem sacerdotes, se tivessem vocação para a África. Por isso... encontrando-me eu tão frio em relação a Grego, prefiro ter Rolleri de novo no Cairo a tê-lo a ele. E se depois Rolleri fosse para o interior, quase lhe perdoaria todas as falhas... Em suma, reze muito e faça rezar. Perdoe que volte ao meu trabalho, porque urge. *Ora et fave.*

Seu af.mo † Daniel bispo

N.º 974 (931) - A MONS. GUILHERME MASSAIA
AGFCR, Lettere ricevute dal Massaia

Roma, 18 de Outubro de 1880

Excelência rev.ma,

6137

Finalmente terminei um trabalho que me ocupava. Cansado e oprimido, quero respirar um pouco, e quarta ou quinta-feira irei visitar o meu caro monsenhor e pai. O meu grito de guerra é: “*Nigrícia ou morte*”, mas apenas consigo ter uma centelha do seu zelo apostólico, monsenhor, que é o veterano das batalhas africanas e que experimentou mais que todos e primeiro que todos a doçura das privações e as trabalhosas dificuldades do apostolado africano, provando em si mesmo a esplêndida verdade, corroborada por uma larga experiência, de que Cristo fabricou a cruz e não a diligência para ir para o Paraíso e levar para lá os outros.

6138

Soube por um filho de S. Jerónimo Miani que o rev.mo reitor voltou da Irlanda e está em Ruffinella; dê-lhe muitas lembranças, também ao vice-reitor, ao ecónomo, aos professores, etc. Beijando-lhe o sagrado anel, implora a sua bênção

Seu af.mo filho
† Daniel Comboni bispo e vig. apostólico

Saudações aos meus alunos negros.

N.º 975 (932) - A P.º ÂNGELO TAGLIAFERRO
AP SC Collegi vari, f. 1317v

Roma, Outubro de 1880

Meu caro P.^e Ângelo,

6139

Sábado voltei do Vaticano cheio de entusiasmo, porque permaneci sentado com o Papa Leão XIII durante hora e meia e estive com ele meia hora mais no Salão do Trono. O Papa Leão XIII é todo fogo pela África e, ainda que já tenham passado dezasseis meses desde que recebeu as minhas últimas cinco Irmãs (com a Ir. Amália de superiora), disse-me que está entusiasmado pelo espírito de sacrifício que viu nelas, unido a tanta simplicidade. Ele havia perguntado nessa altura à Ir. Amália Andreis *se não tinha medo da morte*. A sua resposta de que *ficaria feliz de morrer até imediatamente por amor a Cristo e aos negros* ainda o mantém impressionado e confessou-me a sua admiração.

6140

Para mim basta que o Papa esteja contente.

Depois, eu dei-lhe a conhecer o assunto de Sestri, explicando-lhe que um caridoso sacerdote chamado Tagliaferro me doou um imóvel adequado, um antigo convento dominicano, etc., do que muito se alegrou. E disse o Papa: «Desejo toda a espécie de bênçãos para esta nova obra e faço votos para que ganhe raízes e se desenvolva para bem da África e das almas. Abençoo também de coração o generoso benfeitor que o ajudou dando-lhe o imóvel, etc. O Senhor o conserve, lhe conceda todo o bem e lhe retribua esta boa acção, que estará escrita no livro da vida e Deus terá em conta por toda a eternidade.»

6141

Isto é no essencial o que ele me disse para si. Deu, além disso, uma bênção especial para a sua irmã Maria; outra também para o meu pai, com o desejo de que a graça de Deus se multiplique sobre ele e abençoou a minha prima Teresa e toda a casa africana de Sestri. Eu pedi-lhe uma bênção para o seu excelente irmão sacerdote. Mando a minha para todos.

Seu af.mo
† Daniel bispo e vig. ap.

N.º 976 (933) - AO CÓN. J. C. MITTERRUTZNER
ANB

Verona, 9 de Novembro de 1880

Dulcissime rerum,

6142

Estive e estou ocupadíssimo; esta é a única razão do meu silêncio. Mas o senhor está no meu pensamento e no meu coração e na próxima semana, altura em que parto para África, escrever-lhe-ei, antes de sair, uma longa carta, porque tenho muitas coisas para lhe dizer.

Entretanto receba uma grande bênção do Santo Padre, que eu deveria ter-lhe mandado de Roma depois da audiência privada de quase duas horas que tive com ele. Mil respeitosas saudações a Sua Alteza, a quem (e a si) em breve mandarei uma pequena memória que publiquei sobre os descobrimentos na África, na qual, ainda que pouco, se fala de Mitterutzner.

Vale et fave.

Tuissimus ad. † Daniel ep.

N.º 977 (934) - TESTAMENTO HOLÓGRAFO
CÓPIA DO TESTAMENTO DE SEU PAI
– CARTA AOS HERDEIROS
AP SC Afr. C. v. 8, ff. 1108-1109v

J. M. J.

Testamento de D. Comboni e de seu pai

Verona, 11 de Novembro de 1880

6143

Eu, Daniel Comboni, bispo de Claudiópolis e vigário apostólico da África Central, nomeio, mediante o meu presente testamento hológrafo, meus herdeiros universais de todos os bens móveis e imóveis que possuir à hora da minha morte, tanto na Europa como fora da Europa (e sempre sem prejuízo dos legítimos direitos de meu pai, se me sobreviver), os muito reverendos missionários apostólicos P.^e *José Sembianti*, filho de Francisco e natural de Vervó, no Trentino, actual reitor dos meus institutos africanos de Verona, e P.^e *José Marchesini*, filho de Luís e natural de Verona; e isto com a condição de que, se um deles morrer sem entrar em posse da herança, se transfira a totalidade da mesma para o sobrevivente.

Neste documento, com o qual anulo qualquer outro testamento ou nota feitos por mim até hoje, fica expressa a minha última vontade.

Verona, 11 de Novembro de 1880

(L. S.)

† Daniel Comboni bispo de Claudiópolis
e vigário apostólico da África Central

Cópia do testamento de meu pai
Luís Comboni de 77 anos

J. M. J.

Verona, 11 de Novembro de 1880

6144

Dispondo dos meus escassos bens, nomeio, em caso de morte, meu herdeiro o meu filho D. Daniel bispo; e, na eventualidade de ele morrer antes de mim, sejam meus herdeiros os senhores missionários apostólicos P.^e *José Sembianti*, filho de Francisco e natural de Vervó, no Trentino, e P.^e *José Marchesini*, filho de Luís e natural de Verona, com a especificação de que se um deles falecer antes de mim, toda a minha pequena herança fica a favor do outro. Lego à minha sobrinha Teresa Comboni, filha de Faustino, o pouco mobiliário da minha casa; e, além disso, o meu herdeiro ou herdeiros deverão dar à minha sobrinha, Teresa Comboni, meia lira italiana (50 cêntimos) ao dia vitaliciamente.

Anulo com este escrito qualquer documento em que eu tenha deixado a minha última vontade.

Verona, 11 de Novembro de 1880

Luís Comboni, filho de Bartolomeu

Aos meus herdeiros

Verona, 11 de Novembro de 1880

6145

Com o meu testamento hológrafo desta data, dispus dos meus bens, onde quer que se encontrem, em favor dos mui rev.dos senhores missionários apostólicos P.^e *José Sembianti* e P.^e *José Marchesini*, aos quais, confiado no cumprimento da minha última vontade, dou as seguintes instruções:

Descontada a importância dos gastos necessários para os meus funerais e sufrágios, todos os bens reunidos com os meus esforços ou por heranças presentes ou futuras ou os que a bondade dos meus benfeitores me tiver confiado em favor da África Central ou da santa obra da redenção da Nigricia, etc., todos esses bens, digo, deverão ser utilizados pelos meus herdeiros na mencionada obra para as missões da Nigricia e da África Central, à frente da qual estou com o intuito de converter à fé católica e à civilização cristã aqueles infelizes povos.

E se no momento da minha morte, ou depois dela, se verificasse o termo da dita obra ou missão, os meus herdeiros deverão pôr tudo à disposição do Sumo Pontífice então reinante e do em.^o cardeal-prefeito geral da S. Congregação da Propaganda Fide.

Esta é a minha última vontade no caso enunciado.

Verona, 11 de Novembro de 1880
(L. S.)

† Daniel Comboni bispo de Claudiópolis
e vigário apost. da África Central

6146

Este meu testamento e o de meu pai, escritos por mim, com meu punho e letra, e estas instruções aos meus herdeiros, ficam depositados no arquivo do M. R. reitor do Insto. das Missões para a Nigéria em Verona. Além disso, os meus herdeiros, os missionários apostólicos P.^e José Sembianti e P.^e José Marchesini farão de seguida o seu próprio testamento a favor de pessoas íntegras e de confiança, a fim de que, depois da minha morte, seja sempre respeitada a minha última vontade e perfeitamente executada.

Verona, 11 de Novembro de 1880
(L.S.)

† Daniel bispo de Claudiópolis
Vig. Apostólico da África Central

N.º 978 (976) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 8, ff. 1106-1107

J. M. J.

Verona, 21 de Novembro de 1880

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

6147

Sexta-feira fiz embarcar em Trieste um sacerdote, um catequista e três Irmãs, e amanhã partirei para Sestri e Roma com três Irmãs, mais uma grega cismática convertida e dois irmãos leigos, pensando embarcar-me junto com eles em Nápoles, sábado ao meio-dia, nas *Messageries*. Quarta ou quinta-feira estarei em Roma para apresentar os meus respeitos a V. Em.^a e receber a sua bênção.

6148

Para esse dia imploro de V. Em.^a rev.ma a graça de ter preparadas três cédulas para três Irmãs do meu instituto das *Pias Madres da Nigéria*, fazendo com que a embaixada francesa lhes coloque o visto. Trata-se de:

Ir. Rosália Conti

Ir. Francisca Dalmasso

Ir. Maria Casella

Todas elas do insto. acima referido.

6149

S. José fez-me desta vez uma finta desagradável. Permitiu que eu perca cerca de 20 000 (vinte mil) francos que havia entregue em depósito ao meu ex-banqueiro Brown que, tantas vezes, faltando-me o dinheiro, me emprestou até 10 000, 15 000 e até 20 000 liras de uma só vez e sem juros. Quando, no mês passado, voltei de Frascati, ordenei-lhe que me tivesse preparadas 400 libras esterlinas e 600 napoleões de ouro para a primeira semana de Novembro; ele disse-me que para essa altura estaria tudo pronto e os 600 napoleões até imediatamente. E agora estou confuso: mas se S. José tardar em socorrer-me, vejo-me obrigado a recorrer à sua mulher, que tem todo o interesse que S. José faça boa figura; portanto, terá que me proporcionar o dobro.

6150

Já em 1872, quando parti para a África Central como pró-vigário, fiz testamento nomeando meu herdeiro ao Em.^o de Canossa. Mas como, à medida que envelheço (49 anos cumpridos), também ele se não mantém jovem, segui o conselho de um eminente juriconsulto e fizemos testamento meu pai e eu, documentos que entreguei ao meu reitor, o qual, por sua vez, fará depositário deles o bispo, e dos quais mando cópia autografada a V. Em.^a rev.ma, pois desejo que tudo seja feito segundo o espírito do Santo Padre e de Vossa Eminência. Beijo-lhe a sagrada púrpura e declaro-me

Seu devot.mo e obed.mo filho

† Daniel bispo e vigário apostólico

N.º 979 (937) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/101

Verona, 22 Novembro de 1880

Concessão de faculdades.

N.º 980 (938) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v.8, f.1111

J. M. J

Roma, 25 de Novembro de 1880

Em.º e Rev.mo Príncipe,

6151

Por causa da inesperada falência do banqueiro Brown, encontro-me no mais grave aperto. Esse velho inglês, a meu pedido, tinha prometido ter-me preparado o meu dinheiro nas correspondentes libras esterlinas à minha passagem por Roma, previsto para o dia 4 de Novembro. Com as 20 000 libras, aproximadamente, que tinha depositadas no seu banco, não só pensava realizar a minha expedição para a África Central, mas também atender em parte às graves necessidades do Vicariato. Esse meu crédito está todo perdido, porque ao sr. Brown só lhe resta um pouco para ir vivendo uns meses.

6152

Nunca até agora pedi ajuda à S. Congregação. Mas agora, encontrando-me impellido por urgentes necessidades, e tendo que partir brevemente para o meu Vicariato, imploro com o pedido mais caloroso que V. Em.^a Rev.ma se digne conceder-me uma ajuda rápida de 20 000 libras (digo vinte mil), sob a promessa, da minha parte, de que procurarei por todos os meios possíveis, se Deus me conceder ainda alguns anos de vida, de devolver às caixas da Propaganda a soma que agora humildemente peço.

Certo de que em sua exímia caridade V. Em.^a rev.ma se compadecerá da minha crítica situação, inclino-me a beijar-lhe a sagrada púrpura e subscrevo-me com a mais profunda veneração

De V. Em.^a Rev.ma
Hum.mo, obed.mo e devot.mo filho
† Daniel Comboni bispo e vig. ap.

N.º 981 (939) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v.8, f. 1112

J. M. J.

Roma, 25 de Novembro de 1880

Em.º e Rev.mo Príncipe,

6153

Tendo eu transmitido, para organizar os meus estabelecimentos de aclimação e de prova do Cairo, as sábias e prudentes disposições que me deu verbalmente V. Em.^a rev.ma, suplico da sua grande bondade que tenha por bem regularizar a penosa e lamentável situação dos meus mencionados estabelecimentos no tocante ao ordinário do lugar, ou seja, o vigário apostólico do Egipto.

6154

Por isso, imploro a V. Eminência rev.ma que conceda a esses institutos os favores e o *status* que a S. C. outorgou ao estabelecimento dos missionários de Argel, que o ilustre mons. Lavigerie fundou no Vicariato de Tunes. Todas as instituições estabelecidas no Egípto, como os lazaristas e os missionários das Missões Africanas de Lião, têm uma situação regular. A conduta dos meus institutos do Cairo foi sempre *irrepreensível* em todo o rigor da palavra; por isso, merecem ter o mesmo *status* que os outros.

Na esperança de que este pedido, tantas vezes dirigido à S. Congregação, encontre resposta favorável, beijo-lhe a sagrada púrpura, etc.

De V. Em.^a Rev.ma hum., dev., obed. filho
† Daniel bispo e vig. apostólico

N.º 982 (940) - A SEU PAI
ACR, A, c. 14/123

Nápoles, 27 de Novembro de 1880

Breve bilhete.

N.º 983 (941) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 8 ff. 1117-1119

Cairo, 5 de Dezembro de 1880

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

6155

Com a graça de Deus, depois de ter sofrido uma terrível tempestade entre Cândia e Alexandria, cheguei ao Cairo com um atraso de 27 horas.

Em Alexandria, falei com mons. Ciurcia sobre os meus assuntos relacionados com ele. Parece-lhe muito bem que a S. Congregação conceda aos meus dois estabelecimentos do Cairo os privilégios e a situação que foram dados ao estabelecimento dos missionários de Argel fundado por mons. Lavigerie no Vicariato de Tunes e até me assegurou ter há uns meses escrito a V. Em.^a sobre isso.

6156

Portanto, encomendo este assunto à sua exímia caridade.

Rogo ainda da sua bondade *in visceribus Christi* que atenda rápido à minha súplica de me conceder a ajuda solicitada com a petição especial que lhe fiz em Roma para me socorrer na grave perda que me trouxe a falência de Brown. Vossa Eminência alegrar-se-á por me ter concedido, pelos copiosos frutos que produzirá no meu importante e laborioso Vicariato.

6157

Com igual fervor lhe imploro a outra graça que lhe pedi em Roma: a de escrever a mons. Ciurcia dizendo-lhe que V. Em.^a ficaria *contentíssimo* de que o sacerdote polaco P.^e Vicente Jermolinsky, que desde 1870 a 1875 pertenceu ao meu instituto e que tanto trabalhou na África Central (e a quem perdi por intrigas dos meus adversários), regressasse sob a minha jurisdição. Este sacerdote, agora incumbido dos coptas, está aqui no Cairo e ficaria feliz se recebesse as obedenciais de mons. Ciurcia ou da Propaganda para voltar comigo para a África Central. Mas, sem esta manifestação da vontade de Deus, ele vai continuar onde está, porque é um homem verdadeiramente bom e cheio de abnegação. No Sudão temos mais de dois mil coptas para converter e é uma anomalia que este latino polaco siga o rito copta.

6158

Por caridade, em.^o príncipe, tenha compaixão do meu Vicariato, que é o mais difícil: há mui poucos sacerdotes autênticos mortos para o mundo e para si mesmos, como Jermolinsky. Aí, em Roma, está o P.^e Felinski que o conhece bem e sabe dos meus assuntos e de quanto fiz por este santo novel padre, que realizou comigo as suas provas e a sua dura aprendizagem e conhece as dificuldades e a importância da minha missão e ficaria feliz de morrer na África Central. Homem de extraordinária abnegação, pela sua caridade ganha o afecto dos africanos e seria capaz de converter uma tribo de negros. Suplico-lhe, escreva a mons. Ciurcia e

ordene-lhe que mande P.^e Vicente Jermolinsky para Cartum, para aí se me juntar, ou diga-lhe, pelo menos, que isso seria muito do agrado de V. Eminência.

6159

Perdi-o em 1875 por uma verdadeira intriga, com a qual não tiveram nada a ver os coptas e muito menos os padres franciscanos; antes, devo a mons. Ciurcia e ao franciscano padre Pedro de Taggia ter conseguido em 1870 este valioso e piedoso colaborador, a quem eu mandei instruir a fundo no árabe e na prática do santo ministério.

Foi para mim uma satisfação conhecer aqui o rev.mo P.^e António Morgos, visitador apostólico para os coptas.

Beijo-lhe a sagrada púrpura e sou

De V. Em.^a Rev.ma hum., ob.mo filho
† Daniel Comboni bispo e vig. ap.

N.º 984 (942) - A SEU PAI
ACR, A, c. 14/124

Cairo, 6 de Dezembro de 1880

Meu muito querido pai,

6160

Espero que estejas em Verona. Quanto a nós, tivemos um mar mesmo horrível. As ondas eram de tal ordem que, fazendo uma comparação, as que viste em Sestri seriam de azeite. Para além do cansaço que já tinha pela rapidez e complicação da viagem de Verona a Sestri, Milão, Roma, Nápoles, etc., fiquei doente no mar e vomitei várias vezes. A trinta horas de Alexandria, o capitão viu-se obrigado a conduzir o vapor ao sabor do vento ou seja, quase a voltar para trás em direcção a Tunes. Finalmente chegámos. Quero receber cartas tuas. Ontem ordenei sacerdote um diácono e dia 8 ordeno outro. Creio que estou a preparar uma boa expedição. Espero que passes as festas natalícias em Verona. Nós aqui estamos a trabalhar pelas almas mais abandonadas do mundo. Deus irá ajudar-nos. Tu reza, na certeza de que o Senhor te há-de abençoar. Dentro de dois dias baptizarei dois negros adultos; a um deles pôr-lhe-ei o nome de Luís.

Por favor, manda trinta francos ao nosso Eustáquio, para Milão, que eu depois far-tos-ei chegar às mãos. Saúda-me Teresa e reza por

Teu af.mo filho † Daniel bispo

N.º 985 (943) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/102

Cairo, 6 de Dezembro de 1880

Meu caro padre,

6161

Espero que a Propaganda me destine alguma pequena soma. Nesse caso, como roguei a mons. o secretário Masotti que a enviasse a si, tenha a bondade de mandar, mais ou menos, três quartas partes desse dinheiro a Giulianelli e o resto fica o senhor com ele.

Ainda me encontro desfeito da viagem, tão mal eu passei. Foi um caso sério depois de Cândia e vimo-nos obrigados a retroceder em parte e a parar durante onze horas. Mas, graças a Deus, conseguimos sair-nos bem. Terrivelmente cansado, sobretudo depois de tantos dias de trabalho apressado em Roma e Nápoles, paguei ao mar o tributo habitual. Ontem ordenei Dichtl sacerdote e diácono P.^e José.

6162

Até ao dia 20 partiremos de Suez. Deixo no Cairo todas as novas Irmãs de Verona e também os três leigos.

Por favor, mande-me ao menos uma dúzia de fotos suas. A última dei-a ao M. R. P.^e superior dos jesuítas do Cairo, a quem desejo pôr em contacto consigo, conforme os meus fins.
Abençoo a todos e a meu pai, etc.

Se af.mo † Daniel bispo

N.º 986 (944) - A MGR. JEAN FRANÇOIS DES GARET
APFL, Afrique Centrale, 10

Cairo, 6 de Dezembro de 1880

Senhor presidente,

6163

Estou muito agradecido pelas cartas de 25 e 27 de Novembro, que recebi junto com uma ordem de pagamento de 6025 francos, os quais me prometeu há seis meses um sacerdote de Amiens, com a obrigação de celebrar três mil missas, das quais já se rezaram certamente uma boa parte. A oferta dessas 3000 missas procede de uma senhora, cujo nome ignoro, que quis que os meus missionários e eu as celebrássemos.

A 20 do corrente partirei de Suez com uma expedição de catorze pessoas. Vou deixar no Cairo como superior dos meus institutos de aclimação o rev.do P.^e Francisco Giulianelli, missionário apostólico, a quem peço que o senhor envie de agora em diante as ajudas e donativos destinados ao Vicariato da África Central.

6164

Suplico-lhe, senhor presidente, que se interesse muito por esta difícil e laboriosa missão e me destine uma soma maior que a do ano passado, porque me encontro em grandes apuros quanto a meios materiais. Pelo amor de Deus, envie-me rapidamente um abundante adiantamento sobre a próxima distribuição.

Em Verona sofri mais dessas fortes febres que me dão e ainda noto as consequências dos terríveis sofrimentos de 1878-1879, de maneira que não durmo mais de três horas por dia. Mas, apesar disso, sinto-me cheio de energia e obrigado a retomar os meus trabalhos na África Central, depois de ter organizado os meus institutos de Verona.

Não aceito um missionário que não esteja disposto a morrer desde o primeiro momento. Tenho imensa confiança na próxima canonização de um grande número de santos africanos, que contribuirão para a conversão de toda a África.

Encomendo às suas orações a minha missão e declaro-me

Seu dev.mo servidos † Daniel Comboni
Bispo e vigário apostólico.

Original francês
Tradução do italiano

N.º 987 (945) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/103

J. M. J.

Cairo, 10 de Dezembro de 1880

Meu caro reitor,

6165

Não posso escrever, porque estou ocupado dia e noite. Esta manhã recebi as suas duas gratas cartas; mas, como responder, como era meu propósito, se estive todo o dia absorvido por gravíssimos assuntos com o rev.mo visitador apostólico dos coptas, etc.? Além disso, para partir do Suez no dia 20, é preciso que todos trabalhem como burros; além disso, tenho que preparar com muito cuidado os meus importantes assuntos com o quédive, que amanhã, às onze da manhã, me recebe em audiência privada. Portanto, assim como eu me encomendo a Deus, tenha o senhor plena confiança no Coração de Jesus, que o conduzirá bem tanto no governo de Sestri como no de Verona. Por certo, limitar-se a ensinar o catecismo não me parece suficiente para Sestri, *consideratis conditionibus regionis illius*; mas tudo o que puder fazer será bem visto por Deus.

6166

Há oito dias que vou cantando a antífona à Ir. Francisca para que ela interinamente assuma o cargo de superiora no Cairo, enquanto mando uma nova do Sudão. Mas é impossível; não quer aceitar, apesar dos meus inúmeros intentos e súplicas. Ela mantém-se firme na sua recusa, dizendo: 1.^o que é muito jovem; 2.^o que não serve para isso; 3.^o que poderia despertar ciúmes e inquietude nas mais velhas, segundo ela mais *capazes*; 4.^o que isso de mandar não se dá com o seu feitio e que será sempre feliz *obedecendo*, até quando for velha, etc. Que fazer? Pôr Faustina a mandar em quem é mais instruída que ela, etc, etc... Cantei a mesma antífona a Faustina, no intuito de ela ficar superiora por algum tempo, mas ela recusou dizendo que as piemontesas são mais capazes e que, por isso, tinha medo. Por outro lado, escreveu-me a Ir. Vitória a dizer que, dadas as febres do Cordofão, eu devia mandar para lá a Irmã Eulália com outra.

6167

Levando para o centro da África apenas três Irmãs aclimatadas (porque tinha decidido deixar no Cairo a Ir. Amália como superiora e ao mesmo tempo anjo das duas piemontesas), não levo mais que ajuda para lavar pratos e cozinhar (e a Irmã Amália e estas *não sabem* nem uma palavra de árabe). Em suma, propus especulativamente que fossem comigo seis Irmãs com Amália e as duas piemontesas. Isto está aprovado, mas eu ainda não tomei uma decisão sobre o assunto, ainda que a Amália pareça que sim. De qualquer modo, rogue ao Senhor que me ilumine, porque até agora não vejo melhor solução que levar as piemontesas com Amália (ao todo seis), até porque me foi assegurado que verdadeiramente não existe uma escola católica feminina em todo o Vicariato.

6168

Transmita as minhas saudações a meu pai e diga-lhe que dê lembranças à superiora e a Virgínia, na qual tenho postas muitas esperanças, sobretudo a respeito do árabe.

Apresente os meus respeitos a Sua Eminência. P.^e Losi não está bom, ao dizer que nunca lhe foi mandado dinheiro: está louco. P.^e Giulianelli pagou no Cairo, não há muito, uma letra do Cordofão de 109 libras esterlinas. Mas eu irei ver. É uma desgraça ter que tratar com santos loucos e sem cabeça. Creio que o devem ter apertado; mas eu levo o melhor das provisões para Nuba, a P.^e Fraccaro. Estou mais que satisfeito com os dois alemães que ordenei sacerdotes. Os jesuítas fizeram-me deles os maiores elogios. Os três leigos de Verona ficam no Cairo: o toscano, Baptista, Domingos, etc.

[Saudações] a P.^e Luciano, etc.

Seu af.mo
† Daniel Comboni

N.^o 988 (946) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/104

J. M. J.

Cairo, 17 de Dezembro de 1880

Meu caro reitor,

6169

Recebi a sua estimada carta. Pelo que respeita a P.^e Tagliaferro, o trabalho é de paciência: é aguentar (diga e escreva ele o que quiser) até se conseguir que vá a Verona falar com o nosso em.^o padre, o qual é mestre em tocar os corações e também a inteligência e saberá convencer o cabeçudo do P.^e Ângelo (no que está disposto a cooperar o card. Podestà), dizendo-lhe mais ou menos isto: «D. Comboni tem absoluta confiança em si (P.^e Ângelo); mas nós estamos convencidos de que em qualquer momento um dos seus irmãos, ou seja, o secular, pode forçar as Irmãs e os missionários a sair da casa. D. Comboni pôs-se a trabalhar contando com as suas promessas de *doação* do imóvel.

6170

Mas todos os advogados são unânimes em considerar inconsistente a doação se não a fizer legalmente; e essa *falta de base legal* impede que D. Comboni possa mexer-se à vontade para desenvolver a obra em Sestri, porque da noite para a manhã pode ver-se na rua, etc., etc.» Por outro lado, suponhamos que P.^e Tagli-

aferro faça a *doação real*: encontrar-nos-íamos no aperto de ter de realizar seriamente uma obra de relevo. Portanto, é preciso ir remando...

6171

Eu vou entretê-lo com cartas. Mas o senhor não desanime e prepare uma boa mestra diplomada. Sem graves dificuldades não se fazem nunca as obras de Deus, porque, mesmo que tudo vá bem, sempre andaré por perto o *Demónio*, o qual não perdeu o talento de quando era anjo. Por isso, ânimo e avante. É de grande *interesse para a obra possuir duas casas em Sestri*, até para assegurar a saúde da superiora, etc., etc. Precisa-se de Sestri para a África Central e os cornos do diabo e de P.^e Tagliaferro (a quem certamente levaremos a fazer-nos bem) não são tão fortes como os... e a cabeça de Cristo. Se me tivesse assustado com o Diabo (que se serve dos bons e dos tristes), como teria eu podido fundar e levar para a frente a missão africana, que *só sob* o meu governo se tornou possível para a Santa Sé? Em Verona dirão o que quiserem, mas o Papa e os mais poderosos e bons missionários do Oriente estão convencidos de que se deveu à firmeza inquebrantável do maltrapilho pecador do Comboni; e agora começo a vê-lo também eu, porque, ajudado pelas fervorosas orações do mundo inteiro e pelo heroísmo dos meus mais perseguidos colaboradores consegui (*servus inutilis sum*) manter de pé a árdua missão.

6172

Agora vejo claro como a luz do dia que é Jesus Cristo quem nos vai guiando e que a mão poderosa do espírito do santo fundador Bertoni veio no momento mais oportuno dar suporte à minha obra, tão caritativamente apoiada pelo nosso caro card. Canossa (sem o qual eu não teria passado de coadjutor de Scala). Portanto, caro padre, ânimo e avante. E não desanime: apoiados pelo Coração de Jesus (a quem dedicarei a igreja que agora quero construir no Cairo, entre o instituto masculino e feminino; no Natal próximo lançarei a primeira pedra, estando já tudo escavado), por Nossa Senhora do Sagrado Coração, pelo nosso caro ecónomo José, pela mente e pelos conselhos do nosso venerado superior geral o P.^e Pedro e pela protecção do nosso em.^o bispo, triunfaremos em tudo. Eu não temo nem o universo inteiro. Trata-se dos interesses de Jesus e da Igreja e conseguiremos chegar a ser umas pedras não desprezáveis no alicerce do grande edifício da Igreja Africana, que é a obra mais árdua, mas também a mais gloriosa e humanitária *hic et nunc* da Igreja Católica. Confie plenamente nesse Deus que nos colocou no estado em que estamos; levemos a cruz, que é o instrumento que parte os cornos ao Diabo e ao mundo louco, e avante.

6173

Estou à espera do rev.mo superior dos jesuítas da Síria, o padre Normand, também encarregado dos jesuítas do Egipto, com quem tenho que falar. Pedi ao superior dos jesuítas do Cairo, bem como ao P.^e Villeneuve, da mesma ordem, que sejam como que protectores e supervisores das nossas casas do Cairo. Dei-lhes o seu nome e direcção; a seu tempo, entrarão em contacto consigo. Entretanto, para ter connosco os jesuítas (dos quais só nos pode vir bem e vantagens) rogarei a monsenhor o arcebispo e delegado apostólico do Egipto, o qual é jesuíta, para ver se pode vir dirigir o retiro mensal nos nossos institutos, e até o anual. Por outro lado, dei ao P.^e Villeneuve todas as faculdades para confessar os internos dos meus institutos e os meus subordinados, sem dizer nada disto a mons. Ciurcia; pedir-lhe-ei que lho diga ele *in quantum potest*.

6174

Ordenei a P.^e Giulianelli e a Faustina (superiora provisória até que venha uma definitiva, cargo que pode desempenhar, porque tem as duas Irmãs de Sestri e um anjo de postulante que veio recomendada pelas ursulinas de Viena, que certamente obedecem a Faustina), que se ponham em contacto consigo e com a nossa superiora de Verona para o bom andamento desses dois institutos; porque, embora devam ter-me a mim ao corrente, no Sudão, sobre a evolução dos mesmos, quero que dependam de si e da superiora *in omnibus*. O senhor fará tudo o que puder (especialmente para que neste assunto se avance como é devido) e Deus não lhe pede mais, enquanto toda a responsabilidade dos seus actos relacionados com os institutos do Cairo assumo-a eu. Em todo o caso, para os assuntos que forem surgindo poderá consultar o P.^e Villeneuve. Igualmente..... é meu absoluto desejo que sejam compiladas o mais rápido possível as regras tanto do insto. masculino como do feminino (e sério desejo também, provavelmente, de Roma).

6175

Portanto, ânimo e à obra! Uma vez preparadas as regras, envie-mas mediante o P.^e Villeneuve (que deve fazê-los por especialistas jesuítas), o qual mas mandará depois para o Sudão. Mas quando as tiver o senhor compostas, antes de as enviar para o Egipto, submeta-as ao maduro juízo do rev.mo P.^e Pedro Vignola. Interessa que, dentro de um ano, ou antes, possamos imprimir as regras (só para uso dos missionários e das Irmãs) e dêmos um exemplar delas a cada um, a fim de que as meditem durante a prova, para depois as jurarem e se obrigarem por elas a ser membros da missão. Convém que se ponha a trabalhar nisso rapidamente.

Mais tarde vai ter menos tempo, porque Deus – estou certo – vai mandar-nos muitos candidatos de ambos os sexos.

6176

Dichtl é um elemento muito bom, tal como P.^e José: ambos estão dispostos a morrer pelos negros. Giulianelli é um administrador extraordinário; mas, como superior, ainda que tenha melhorado um tanto, vale pouco. Como administrador (foi segundo oficial do Papa nas Finanças) é uma jóia; e desejo que também o senhor, quanto à maneira de fazer a contabilidade e de fazer o balanço que me há-de enviar, siga o sistema de Giulianelli, que me parece muito perfeito e simples. Por isso, encarreguei-o de lhe mandar um modelo, o que fará depois da minha partida.

6177

As Irmãs do Cairo e especialmente a Ir. Amália não sabem uma palavra de árabe e ficaram estupefactas ao verem que Casella e Benamati entendem tudo. Diga-se o mesmo das Irmãs da África Central, que não têm lá escola, com muito desgosto dos comerciantes do país. Contudo, os indígenas têm uma grande estima para com as nossas Irmãs.

6178

Sábado passado, o quedge do Egipto dispensou-me uma esplêndida recepção e mostrou-se-me favorável em tudo. Assegurou-me:

1.^o Que escreverá ao *hokomdar*, o governador-geral do Sudão, uma carta de recomendação especial para mim e a minha missão. O Sudão egípcio, segundo uma geografia recém-editada e com a qual ensinam os Irmãos das Escolas Cristãs, é *cinco vezes mais extenso que toda a França*, porque a França abarca (segundo a dita obra: *Cours spécial de géographie pour l'enseignement primaire supérieur des écoles de France*) cerca de 500.000 quilómetros quadrados e o Egipto e as suas possessões, 2 500 000 km². Veja, pois, a importância de tal carta de recomendação.

2.^o Disse-me que ordenará por telégrafo ao governador-geral que envie um vapor de Cartum a Berber para me recolher.

6179

3.^o Ordenou aos paxás Riaz e Blum, do Ministério das Finanças do Egipto (o segundo veio fazer-me uma visita), que o I. R. cônsul austro-húngaro possa depositar o meu dinheiro no tesouro egípcio e que me seja pago em Cartum pela mudirié. Isto era necessário para evitar os desgostos e problemas que me fizeram sofrer com as letras de câmbio esses patifes de negociantes do Sudão. Além disso, disse-me que lhe escreva sempre que o desejar, pois está convencido de que sou promotor da civilização africana. Agradeceu muito o meu *Quadro Histórico dos Descobrimentos Africanos*. Depois, todos os paxás, ministros do Interior, da Guerra, etc., me receberam com entusiasmo.

Nós partiremos do Suez a 30 do corrente. Somos dezasseis. P.^e Pimazzoni (que é um anjo e que me disse não sentir-se em condições de estudar em Beirute) irá comigo. Em Berber, far-lhe-ei receber a sotaina e a tonsura; para os estudos vou pô-lo nas mãos de P.^e Losi e P.^e Luís e, em poucos anos, espero ter um sacerdote de primeira ordem.

6180

Ainda estou indeciso quanto a P.^e Rosignoli. Não há deficiências graves, P.^e Giulianelli, instruído por P.^e Pinnachi, talvez o tenha tratado com demasiado rigor. Ele insiste em ir para o Sudão e promete... mas, vamos ver. O jesuíta padre Villeneuve diz que o maior defeito do meu insto. do Cairo é *a falta de caridade* dos indivíduos, e eu acrescentei-lhe *a falta de humildade*. Assegura que o eixo da perfeição cristã é o *diligite alterutrum*: esta tem o amor das obras, etc. Não tem Giulianelli em muita estima, nem P.^e Rolleri, porque diz que são piedosos mas egoístas. Aconselhou-me a manter alta a minha autoridade, como base essencial de tudo. Por isso, pedi-lhe que me escrevesse algumas recomendações sobre como devo agir para me comportar adequadamente perante os meus subordinados, e vai fazê-lo. Deus é muito bom.

6181

Para falar com franqueza e dizer a pura verdade, eis aqui o meu juízo sobre estes jesuítas. O P.^e Villeneuve é um homem muito douto e com muita vida interior, embora um pouco extravagante. Mas nós sabemos aproveitar o muito de bom que tem e o seu amor e zelo pela nossa obra. O superior do Cairo é mais prudente e mais sólido, mas mostra maior timidez na acção do que o P.^e Villeneuve; por isso, convém que as regras, uma vez submetidas a este, sejam revistas também por aquele. Depois, há um padre jesuíta alemão, que é uma pérola.

6182

Logo que o senhor receba o dinheiro da Eterna Roma (este pobre visitador apostólico para os coptas, a quem a Propaganda prometeu uma soma na reunião de 15 de Outubro, ainda não a recebeu), ou seja, de mons. o secretário da Propaganda, mande-o logo a Giulianelli, segundo as instruções que lhe dei na minha última carta. Teria muitas outras coisas para lhe dizer, mas devo sair e o correio está para partir. Quanto aos meios pecuniários em Verona, não tenha nenhuma preocupação: José acorrerá para o ajudar em caso de necessidade. Muitos cumprimentos ao em.^o cardeal, ao P.^e Vignola, aos estigmatinos e aos institutos, a todos os quais desejo de coração Festas Felizes e próspero Ano Novo. Reze e faça rezar sempre por este ínfimo *servorum*

Seu af.mo no Senhor
† Daniel Comboni bispo e vig. ap.

Tenho uma pequena conta para pagar em Roma ao alfaiate Giomini (que trabalhou também para o cardeal); ele vai mandar-lhe um bilhete meu.

N.^o 989 (947) - A SEU PAI
ACR, A, c. 14/125

Cairo, 17 de Dezembro de 1880

Meu querido pai,

6183

Embora trabalhe muito (e trabalho para Deus), posso dizer que dei descanso aos meus ossos e já recuperei as minhas forças. A viagem de Verona ao Cairo provocou-me uma grande fadiga de mente e de corpo; agora estou bem descansado.

6184

O soberano do Egipto recebeu-me esplendidamente. Concedeu-me muitos favores, que diminuem os gastos da viagem, e a sua alta protecção para a obra em todas as possessões egípcias da África Central, que são tão vastas como cinco vezes a França. No Natal baptizarei solenemente dois negros adultos, um homem e uma mulher, e abençoarei a primeira pedra da igreja que vou construir no Cairo, no largo situado entre os nossos institutos masculino e feminino. S. José ocupar-se-á de a pagar. Entretanto o largo está cheio de materiais trazidos para a nova construção. Roga por esta obra. Dia 30 partiremos de Suez dezasseis pessoas: um bispo, quatro sacerdotes, seis Irmãs; os restantes são catequistas.

6185

Escreve-me uma carta e visita e anima Virgínia, que é uma grande ajuda para a minha obra. As irmãs do Cairo não sabem uma palavra de árabe: ficaram assombradas ao verem que as duas novas que trouxe de Malcesine entendem tudo nessa língua. Rezem para que se faça santa e esteja contente. Saúda-me Teresa, os parentes, e procura estar o mais que puderes em Verona com o nosso digno reitor. O banqueiro Brown escreveu-me pedindo-me perdão pela sua *imprudência* ao sair de Roma sem me avisar e sem me pagar, e disse-me que me pode abonar até *quinhentos francos*, não mais, porque a sua *imprudência* e falta de juízo o arruinaram. A minha bênção e reza.

Teu af.mo filho
† Daniel bispo e vig. ap.

N.^o 990 (948) - AO CAV. PELAGALLO
ACR, A, c. 15/90

J. M. J.

Cairo (Egipto), 20 de Dezembro de 1880

Estimado cavalheiro,

6186

Sinto muito não ter podido passar ao menos uma hora consigo em Roma, devido à urgência que tinha em partir, para aproveitar a viagem do barco das *Messageries* francesas, que zarpava de Nápoles a 27 de Novembro ao meio-dia, sendo minha primeira obrigação regressar o mais rápido possível ao meu Vicariato. De facto, chegado eu a Nápoles pela manhã, apenas tive tempo de despachar os meus assuntos com o consulado francês e com a companhia de navegação para embarcar a minha expedição para o Egipto.

6187

Quanto ao resto, como deixei tudo o relacionado com o assunto Brown em suas mãos, que teve a extrema bondade de aceitar o fastidioso encargo (o que agradeço infinitamente), encontro-me calmo, no que toca ao assunto. Nunca mais banqueiros do mundo, mesmo que fossem santos do Céu! O único banqueiro em quem mantive plena confiança é o meu caro ecónomo S. José, a quem encarreguei de me arranjar uma boa ajuda da Propaganda; antes, pus este santo e caro ecónomo contra a parede para que obtenha ajuda da Propaganda; e viva Noé!

6188

E já avisei José que, se não me atender, me dirijo à sua mulher, a qual, depois de lhe ter feito uma boa novena (encarreguei disso as minhas Irmãs) pela Imaculada e um tríduo na festa da Expectação do Parto (18 do corrente), estou certo que me escutará. Além disso, o meu ecónomo José deve ter um pouco de amor-próprio e não permitir que se recorra a mulheres por causa de assuntos financeiros, que competem aos homens. Entretanto, o senhor recomende-me ao nosso caro amigo P.^e Zitelli, para que me ajude neste objectivo perante a Propaganda.

6189

Rebusquei nas minhas malas e encontrei só os papéis que aqui lhe junto. Mas dos livros de contabilidade de Brown, conservados pelo cav. Luigioni (a quem peço que o senhor apresente os meus distintos respeitos), resultará um saldo a meu favor não distante das 20 000 liras.

Brown, depois da sua fuga após enganar tantos eclesiásticos, escreveu-me de Malta, dizendo-me que vai partir (não me disse para onde) e que cometeu um acto de *lost of judgment* (falta de juízo)!!!

Receba as minhas mais atentas saudações e reze por

Seu af.mo † Daniel Comboni bispo

N.º 991 (949) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v.8, ff. 1122-1125

J. M. J

Cairo, 21 de Dezembro de 1880

Em.º Rev.mo Príncipe,

6190

Em vão tenho implorado e esperado até agora socorro nas dificuldades em que a falência de Brown me deixou. Mas o querido S. José não falta nunca: sendo ele intermediário, estou certo que a S. Congr. me concederá a ajuda. Entretanto, com a maior diligência, pus em ordem os meus assuntos do Cairo, ajudado pelos sábios conselhos dos rev.dos padres jesuítas, que tanta bondade mostram para comigo, ainda que indigno, e para com a minha obra, a qual, ainda que árdua e laboriosa, é toda de Deus; com o próximo correio dar-lhe-ei particular e pormenorizada conta disso.

6191

Com grande alegria da minha parte, encontrei no Egipto, que é o mais importante quartel-general e o mais adequado ponto de partida para a regeneração cristã de quase *metade de toda a África*, dotado de uma importantíssima instituição que faltava nesta clássica terra e que é absolutamente necessária para o elemento feminino da classe nobre e acomodada: trata-se do pio instituto das *Dames de la Mère de Dieu*, governado por uma sábia superiora e que já prospera admiravelmente. Está situado perto dos meus estabelecimentos, pelo que o visitei várias vezes, sentindo-me edificado. Sua Alteza o quédive manifestou-me o muito que lhe agrada ver surgir tão bom instituto; no mesmo ingressou como aluna uma filha sua adoptiva, a quem declarou princesa, a qual, embora só com oito anos, depois de me beijar a mão, disse com desenvoltura que estudará e que se portará bem; mas depois, quando abençoei as nobres damas ajoelhadas no salão, teve igualmente a ousadia de ficar de pé.

6192

Vi também a filha *católica* do judeu *Blum Paxá*, ministro das Finanças, que me declarou que estava contente por a sua filha ser católica e ser educada pelas Irmãs. Mas o maior elogio destas Damas da Legião de Honra fizeram-mo os jesuítas que as dirigem, ao dizerem delas que são *religiosas de primeira ordem*. Com tudo isto exprimo-lhe a minha satisfação pelo facto de as minhas Irmãs Pias Madres da Nigrícia estejam perto deste digno instituto, do qual podem aprender e ter exemplos edificantes e proveitosos.

6193

Visitei todos os ministros do quèdive do Egipto, tanto turcos como judeus e alguns deles retribuíram-me a visita; e o excelentíssimo sr. barão de Schöffèr, ministro residente de Sua Majestade Apostólica, prestou-me todas as ajudas necessárias para a minha importante expedição. Mas o acolhimento mais cordial tive-o de Sua Alteza o quèdive, velho conhecido meu, o qual, depois de mandar que nos fossem servidos cigarros e café, se entreteve comigo mais de três quartos de hora e me mostrou a satisfação que terá de eu lhe escrever e o informar a partir da África Central (onde possui um território que, unido ao Egipto, é *cinco vezes maior que a França*, como aparece na nova geografia editada em Tours por *Mame* em 1880 [*Cours spécial de Géographie pour l'enseignement primaire*, p. 242] e eu sempre afirmei. Além disso prometeu-me:

6194

1.º Escrever uma calorosa carta de recomendação dirigida a S. E. Rauf Paxá, governador-geral das possessões egípcias no Sudão, residente em Cartum, ordenando-lhe que me proteja a mim e à missão e que me ajude em tudo o que puder. Mas com Rauf Paxá já eu mantinha boas relações.

2.º Ordenar ao mesmo governador-geral que envie de Cartum um vapor do Estado para me recolher em Berber (são cerca de 300 milhas com cataratas, que noutras ocasiões demorei vinte dias e até um mês a percorrer).

3.º Ordenar ao ministro das Finanças que receba no Cairo o dinheiro da missão e mo faça pagar por meio da mudirié de Cartum. Isto é um grande favor, porque assim a missão já não precisa de depender de negociantes usurários do Sudão quanto ao desconto das letras cambiais, que podemos negociar no Cairo. O referido ministro comunicou-me que recebeu essas ordens de cima e que as cumprirá com exactidão.

6195

Finalmente, o fanático turco que ocupa a pasta dos Negócios Estrangeiros deu-me um *decreto* para que a minha expedição receba ajuda de todas as autoridades e para que passe livre de todo o controlo e pagamento nas alfândegas de Suakin e de Cartum; e Sua Excelência o presidente do Conselho de Ministros e ministro do Interior, Riaz Paxá, antigo conhecido meu devido a assuntos geográficos africanos, concedeu-me outro *decreto* para todos os governadores da monarquia egípcia, que se estende até aos Nyanza e aos confins do império de Waday, com ordem de em tudo protegerem a missão e a minha pessoa, sendo-nos nele permitido o porte de armas e munições, etc. (o que, geralmente, é proibido), uma coisa muito conveniente, por exemplo, em Gebel Nuba, porque os Baggara e os nómadas beduínos são muito inclinados a roubar e a causar distúrbios, etc.

6196

Tinha decidido sair de Suez com o *Rubattino*, que devia zarpar desse porto a 20 deste mês de Dezembro. Mas, do mesmo modo como lá não estive no dia 6, não estive no dia 20, porque saiu para a baía de Hassab sem tocar Suakin. Agora dizem-me que zarpará para Suakin um vapor no dia 6 de Janeiro; mas eu, como gato escaldado, fujo até da água fria e resolvi sair de Suez no dia 31 com o vapor turco, no qual (graças à cooperação de uma alta personalidade dessa nacionalidade) consegui um desconto de 60% para 15 pessoas e fazem-me pagar só uma quarta parte do transporte das oitenta caixas que levo comigo para a África Central.

6197

Encontrei o Egipto em melhores condições que antes, governado com mais sabedoria e menos dureza que em tempos anteriores. O actual quèdive é um jovem de bom coração, de boas intenções e honrado. Embora não tenha a inteligência e o talento do pai, o primeiro quèdive, que agora está em Roma, também não tem a malícia, a duplicidade e a corrupção daquele, o qual fez muito bem ao Egipto, mas também muito mal; e a corrupção chegava ao extremo. Era um homem cheio de virtudes e de defeitos. O felá está agora muito contente de pagar uma só vez, obtendo o respectivo recibo, enquanto antes pagava várias vezes o mesmo imposto e era maltratado. E se antes na Administração todos roubavam, agora os que o fazem não são nem a quarta parte.

6198

Além disso, verifiquei com os meus olhos e com o meu nariz o bem que fazem no Cairo os jesuítas; visitei as suas escolas e vi a cultura que dão aos seus alunos, especialmente coptas. Segundo o meu curto entendimento, foi uma grande bênção para o Egipto a vinda destes combatentes do apostolado católico. Eu conheço o país desde há muitos anos e estou em contacto com a classe mais alta católica e não católica, com a classe média e a baixa, e conheço bem a maçonaria, o lodo e a nata do Egipto. Fiquei impressionado ao ver

como, sem o mostrar, com calma e prudência, eles indagaram por toda a parte e ficaram perfeitamente informados dos problemas e situação do povo egípcio. São apenas três sacerdotes, dois escolásticos e alguns leigos; mas sabem tudo. E há que ver como sabem chegar ao ponto fraco deste ou daquele, e como preparam as coisas para os levar ao bem, para Deus. Ontem, o superior deles levou-me a ver o paxá Linant, católico, que foi ministro das Obras Públicas durante quarenta anos e a quem eu conheço desde há vinte; tratava-se de preparar o terreno, seguindo um plano prévio, para que ele se confessasse, etc. O homem tem 82 anos e povoou o Egipto de filhos de todas as cores, tendo especial cuidado em fazê-los baptizar apenas nascidos, etc.

6199

É uma alma que, de certeza, os jesuítas conseguirão salvar. Mas, entretanto, eu constatei:

1.º Que os jesuítas, apesar das lojas maçónicas e da escumalha europeia que perturbam o Egipto, são muito estimados pela generalidade dos egípcios e até pelos turcos e pelos orientais.

2.º Que, se tivessem um grande templo ou igreja, onde lhes fosse permitido pregar a palavra de Deus e confessar, rapidamente acorreria muita gente, porque no Egipto estão ávidos da palavra de Deus e todos iriam escutá-los. Ao invés, até agora têm uma sala como capela.

6200

Perdoe-me, em.º príncipe, se toquei assuntos que estão fora da minha competência. Mas o Egipto é a chave de meia África e a mim, um humilde e indigno operário da África, importam-me muito os assuntos de Jesus Cristo e da Igreja, especialmente os africanos. Os interesses da África Central, da Abissínia e dos Gal-las, em suma, de todo o planalto etíope estão estreitamente relacionados com o Egipto (digo interesses religiosos), e irei demonstrar-lhe, sempre que possa, esta minha afirmação.

Entretanto, desejo-lhe Festas Felizes e um próspero Ano Novo e rogo da sua bondade que faça chegar estes mesmos votos ao Santo Padre, a mons. o secretário, etc. Beijando-lhe a sagrada púrpura, declaro-me

De V. Em.^a indig.mo, obed.mo filho
† Daniel Comboni bispo

N.º 992 (950) - A P.º VICENTE MARZANO
ACR, A, c. 15/57

J. M. J

Cairo, 26 de Dezembro de 1880

Meu querido P.º Vicente,

6201

Dentro de uns dias visitarei a tua igreja, de que me dizem *maravilhas*. Alegro-me muito desta grande obra, que é a glória de Deus e uma nova prova do teu zelo. E como prémio para as tuas fadigas (além de certamente ires para o Céu) confirmo-te a minha paternal satisfação. E confio-te que ainda maior satisfação senti ao ver e apalpar a verdade, contra o que diziam aqueles velhacos, de que o mundo está cheio, que te caluniaram até mais não.

6202

Mas eu, prudentemente, nunca quis fazer-te saber nada, esperando que eles mesmos deixassem a descoberto as suas mentiras, como de facto aconteceu, etc., etc., para sua vergonha e sem que perturbasse a paz do teu nobre coração, que ama tanto a África como o meu. Uma prova mais veio confirmar a minha pouca fé nos *santos que comem*.

Mas não quero que isto contribua para te ensoberbecer: *homines sumus* e sempre a ponto de fazer asneiro-las.

Antes, roga por eles ao Senhor (como faço eu) e louva e dá graças à justiça de Deus em mim, que sou e serei sempre teu pai.

Abençoo-te com todos.

Tuissimus † Daniel

N.º 993 (951) - DECLARAÇÃO
ACR, A, C. 26/34, n.º 2

Cairo, 27 de Dezembro de 1880

Declaração da bênção do terreno para a capela do Cairo.

N.º 994 (952) - NOTA
ACR, A, c. 22/3, n.ºs 3 e 4

Cairo, 28 de Dezembro de 1880

Nota sobre o projecto da Igreja do S. Coração.

N.º 995 (953) - AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/105

J. M. J.

Cairo, 28 de Dezembro de 1880

Meu caro Reitor,

6203

Estou tão fatigado que quase já não posso respirar. Os gregos, os coptas sobretudo e as mil complicações e assuntos que têm como fim a glória de Deus, etc. mantiveram-me ocupado todo o dia e toda a noite de ontem e hoje continuo a escrever e a trabalhar. Ontem, pela manhã, partiu P.º Bartolo com Pimazzoni (que é um verdadeiro missionário) para Suez, a fim de embarcar tudo no vapor turco *Khevidial* (o *Rubattino* não tem rotas fixas e falha, etc.); eu irei amanhã com as Irmãs, os sacerdotes e o resto da expedição. Esta manhã baptizei na capela das Irmãs um negrito dos nossos, muito bom, que Dichtl preparou e que sabe árabe, todo o catecismo de mons. Valerga e a história sagrada dos dois Testamentos. Dichtl tem grande talento e sabe árabe (embora pronuncie mal, como todos os alemães) para poder dar o catecismo e pregar; agora juntei-o completamente a mim e aos verdadeiros interesses da glória de Deus e da África. P.º José Ohrwalder, embora menos inteligente e mais aberto, é bom, de uma adesão inquebrantável à missão, estando disposto a morrer em qualquer momento.

6204

P.º Paulo Rosignoli, que tem pouco apego à missão, pouca vontade de sofrer e é pouco virtuoso, pôs em movimento todo o Cairo – franciscanos, *frères*, jesuítas e o visitador apostólico dos coptas – para me suplicar que o leve comigo para o Sudão. Para dizer a verdade, estive prestes a recusá-lo e preparei-lhe a autorização de saída para o mandar para Roma; mas ele estava meio desesperado e resolvido a não sair. O P.º Villeneuve veio ter comigo várias vezes, a fim de me propor as condições em que poderia admitir Rosignoli no Sudão, com a renovação do juramento que perante mim fizera em Roma e com uma declaração mediante a qual se obriga a fazer-se enviar dinheiro da sua família, no caso de ele querer regressar (isto por proposta de P.º Bartolo).

6205

P.º Paulo aceita tudo e de coração, etc. Depois de mil coisas e circunstâncias longas de narrar, fui visitar os jesuítas (o P.º Villeneuve, sobretudo, e Salzani); e agora, depois de ter examinado com eles os vários pontos e obtido o seu conselho, quase estou decidido a tomá-lo comigo e a guiá-lo. É certo, como assinalaram os bons padres jesuítas, que se carregou demasiado a mão sobre P.º Rosignoli e certo é também que goza de estima entre os *frères* e os franciscanos, com quem conviveu muito. Além disso, o P.º Villeneuve, que deu a P.º Paulo os exercícios e recebeu a sua confissão geral, diz-me que posso levá-lo comigo e que posso estar certo de que a terrível e injusta prova que suportou ultimamente (pelo que sei, de Pennachi, o qual não se dignou de me consultar, eu que sou o único superior de Rosignoli; pelo que, foram objecto de críticas na Propaganda Pennachi e o card. Consolini, que se deixa manipular por Pennachi, homem, não obstante, piedoso e douto), bem como o susto que teve depois da minha chegada ao Cairo, quando o intimei a voltar para Frascati, lhe servirão de grande lição e o forçarão e estimularão a corrigir-se, etc.

6206

Entre as acusações que, segundo P.º Bartolo, tinha feito P.º Giulianelli (bom administrador, santo, mas não perspicaz nem habituado a dirigir um instituto) estava a de que era mundano e ambicioso, porque tinha

perfumes como as mulheres. Eu fiz-lhe abrir as suas duas caixas e encontrei oito frascos de *Acque della Scala*, coisa necessária, que P.^e Bartolo mandou várias vezes para a África, às Irmãs, e que é útil para as convulsões. Quando contei aos jesuítas, riram-se e disseram-me: leve-o consigo, oriente-o e esperemos que dê bons resultados. Mas, voltando ao assunto anterior, esta manhã, além do negrito, baptizei uma moça negra de 22 anos, que está em casa do nosso capaz e bom procurador José Sciaui (que saúda o professor Gagliardoni, mons. Stegagnini e P.^e Bricolo).

6207

In secreto inter multa. O apostolado do Egipto é um monopólio dos franciscanos, que fazem uma guerra encarnçada a quem não é franciscano da Terra Santa. Tive que escrever várias vezes para conseguir do delegado apostólico, arcebispo Ciurcia, autorização para baptizar os dois. E não permitiu que eu lançasse a primeira pedra na nossa capela, não fosse acontecer que, surgindo uma igreja, desse pretexto aos vizinhos para a frequentar e ir lá à missão. Proibiu os sinos, etc. (e aqui estamos no meio de três templos protestantes que têm sinos, etc.). Falei de tudo isto com o M. R. padre Salzani (que é uma excelente e prudentíssima pessoa e o primeiro depois do P.^e Normand, superior dos jesuítas da Síria e do Egipto), o qual me disse que devo dar a conhecer as coisas à Propaganda e que é tempo de informar Roma de tudo.

6208

Mas eu vou com cautela. Contudo cheguei a uns acordos *ad hoc* com o P.^e Salzani, o qual me rogou encarecidamente que fosse à Síria com ele, para combinarmos com o P.^e Norman. Neguei-me a isso repetidamente, porque urge que eu siga para o Sudão. O P.^e superior Salzani telegrafou então para Beirute, ao P.^e Norman, o qual respondeu que estaria no Cairo domingo; mas eu parto amanhã. E aqui termino, porque está para sair o correio; escrever-lhe-ei de Suez, se tiver tempo. Os meus respeitos ao em.^o card e ao P.^e superior, e a P.^e Luciano as minhas condolências (soube da morte do seu cunhado; de Suakin escreverei à sua irmã), etc.

Seu af.mo † Daniel bispo

N.º 996 (954) - ASSINATURA DA MISSA CELEBRADA EM SUEZ
ACFS, Registro delle Messe

30 de Dezembro de 1880

N.º 997 (955) - A SEU PAI
ACR, A, c. 14/126

Suez, mar Vermelho, 31 de Dezembro de 1880

6209

Hoje, 26.^o aniversário da minha ordenação em Trento, dentro duma hora (às três da tarde) parto daqui (perto do lugar por onde passaram o mar os israelitas perseguidos pelo faraó, etc.) para Suakin. Recebe uma afectuosa saudação dos dezasseis que somos.

Dentro de cinco dias desembarcaremos em Suakin. Lembranças para parentes, amigos, etc. Estamos todos bem.

Teu af.mo filho † Daniel bispo

N.º 998 (956) - À PROPAGAÇÃO DA FÉ DE LIÃO
APFL, Afrique Centrale, tableau 1880

Fim de 1880

N.º 1000 (958) - AO COM. CAETANO MORONI
«*Museo delle Missioni Cattoliche*» 23 (1880), pp.519-520

1880

6210

Em 1879, em Fevereiro, vieram visitar-me dois paxás muçulmanos de alta categoria. Recebi-os no meu salão de Cartum, no momento em que me encontrava a estudar no seu *Dicionário* o longo e substancioso artigo sobre a *Etiópia*, assim como os que dizem respeito ao *Egipto*, *Abissínia*, etc. «Vossa reverência – disse-me um dos meus visitantes – está sempre a estudar: sempre com a cabeça inclinada sobre os livros.» «Sim, estudo sempre – respondi eu –, e estudo os vossos factos: as vossas guerras, loucuras e perseguições contra nós cristãos.» «*Ayab!* (maravilha) – exclamaram aqueles dois grandes paxás; e essas guerras encontram-se no livro?» «Sim – disse –, encontram-se aqui todas.»

6211

«Por exemplo – continuei –, aqui na *Núbia* fala-se de que os povos eram cristãos e havia bispos, sacerdotes e monges cristãos, mas vós, os muçulmanos, mataste-os, expulsaste-os, etc.» «*Ayab!* E tudo isso se encontra no livro?» «Sim – respondi –, tudo está aqui; e também nos outros livros do mesmo autor (e aponteilhes a minha pequena biblioteca, na qual se viam os 103 volumes, mais o primeiro do *Índice*).» «*Ayab!* – exclamaram de novo; e quem escreveu toda esta montanha de volumes?» «Um só homem – disse eu.» «Impossível – responderam; nenhum homem pode fazer isso; nem o nosso profeta (Maomé); só o altíssimo Deus: *Allahel aazim fagket*.» «Pois foi *um só homem* – insisti –, e trata-se de um amigo que ainda vive.» «Vive ainda? *Allah iataual ümroh* (Deus prolongue a sua vida)» «E sabem os senhores quem é? Um cavaleiro chamado Moroni □ expliquei-lhes.» «Ah, seu irmão Comboni (*Moroni, Comboni*) – disse um deles.» «Não, Moroni não é meu irmão. Sabem quem é este grande homem? Era o camareiro, o servo do Papa, o íntimo do grande Pontífice Gregório XVI.» «*Ayab!* – responderam os paxás, num cúmulo de assombro; o servo do Papa (*Kaddam el Baba*) escreveu e tirou do seu cérebro esta montanha de livros?»

6212

«Sim – assegurei-lhes –, foi o servo do Papa!». «*E!* – exclamou Hassan Paxá – *Ona sha Allah!!* Se a sabedoria do servo do Papa deu origem a esta montanha de livros, quão grande não será a sabedoria do próprio Papa, seu amo?! Quem de entre os mortais pode superar em sabedoria o vosso Papa? Oh, maravilha, (*ayaib*); ninguém fora de Deus, nem sequer o Profeta! O Papa é o maior e o mais sábio dos mortais. Nenhum dos nossos *muftis* (grandes sacerdotes) sabe a milésima parte que o servo do Papa: só Deus pode fazer isso, etc.»

6213

Veja, pois, senhor comendador, que ideia produziu o seu estupendo *Dicionário* na mente de dois grandes entre os turcos. Mas basta. E pela minha parte acrescento que o *Índice* vale ouro: honra quem o escreveu, honra também quem o editou. Deus recompensá-lo-á a si por tão eminente serviço, tanto aqui na Terra como lá no Céu.

Rogo-lhe uma fervorosa oração por mim, porque tenho cem milhões de infiéis no meu Vicariato. Adeus e reze por quem é de coração

Seu dev.mo e affect.mo

† Daniel Comboni

Bispo de Claudiópolis *in partibus* e vig. ap. da A. Central

N.º 1001 (959) - A P.^e NAZARENO MAZZOLINI
ASC

1880

N.º 1002 (960) - A HERMÍNIA COMBONI
AFC

1880

Breve bilhete.

N.º 1003 (961) - NOTA
ACR, A, c. 20721 n.º 3

Verona, 1880

N.º 1004 (962) - QUADRO HISTÓRICO
DOS DESCOBRIMENTOS NA ÁFRICA
ACR, A, c. 18/13

Verona, 1880

RELAÇÃO
DE S. E. D. DANIEL COMBONI
AO REITOR DOS INSTITUTOS AFRICANOS DE VERONA

6214

Fé católica e civilização cristã na África Central, eis o sublime apostolado da grande obra da redenção da Nigéria. Sob este sagrado e glorioso estandarte nós lutamos, abençoados pelo Vigário de Cristo e pela Santa Sé Apostólica. Fé e civilização nunca foram inimigas; e, diga o que disser a filosofia terrena, pensem o que pensarem os adoradores dos sentidos e da matéria, insuffle o que quiser a soberba incredulidade, fica sempre o facto que fé e civilização andam de mãos dadas: nunca pode avançar uma sem a outra. Pelo que a fé católica, com a pregação dos seus dogmas, das suas máximas, dos seus ensinamentos e da sua moral divina, leva consigo, gera e produz a verdadeira civilização cristã; e esta, por sua vez, aceite e seguida pelos povos infiéis, mediante um irresistível impulso, é levada e empurrada a abraçar-se necessariamente, como a seu centro, à autêntica fé, na qual reconhece a sua inseparável amiga, a sua mestra, a sua mãe.

6215

Por isso, nos nossos *Anais* procuraremos dar a conhecer aos nossos estimados benfeitores, juntamente com as fadigas, as obras e os êxitos do apostolado dos missionários e Irmãs dos nossos institutos africanos de Verona, também os progressos materiais por eles promovidos, os descobrimentos, os trabalhos científicos e os resultados da verdadeira civilização cristã na África Central. Com isso pretendemos glorificar Cristo, que é o único princípio de redenção e de vida, a verdadeira fonte de civilização e salvação dos povos infiéis, o inamovível fundamento da autêntica grandeza e prosperidade das nações civilizadas do mundo.

Não poucos dos nossos leitores, mesmo os suficientemente instruídos e cultos, ignoram as coisas relativas à África: a sua geografia, a sua história, os seus costumes, os seus povos. Assim, carecendo de uma ideia exacta e precisa do campo das nossas fadigas apostólicas, não podem formar um justo juízo sobre a importância, as dificuldades e particularidades das nossas santas missões.

6216

É preciso, pois, que informemos com exactidão sobre o terreno, erigido de tantos espinhos, no qual suamos e trabalhamos; é necessário que dêmos a conhecer bem a África e especialmente a parte central. Razão pela qual, de agora em diante, falaremos às vezes de África, do ponto de vista histórico, físico e social; e no presente número começaremos por oferecer aos nossos caros subscritores uma breve notícia sobre a história dos descobrimentos na África. Dada a sua grande importância, aparecerá radiante o sublime espectáculo do movimento religioso e científico a que assistimos e que atrai todos os olhares da Europa cristã para a África Central.

6217

Os avanços científicos e os descobrimentos geográficos determinaram a passagem da Idade Média à Idade Moderna e registaram no decurso de quatro séculos tão continuado crescimento, que a mente considera maravilhada as mudanças já verificadas e as que estão para acontecer na família humana. O génio grego não poderia aspirar a mais luminoso triunfo. Este progresso, que designaria quase violento, fruto, como o da indústria, da divisão e da associação do trabalho, não despertaria admiração, mas espanto, se apenas estivesse

destinado a aumentar a comodidade da vida para levar a humanidade a um materialismo mesquinho. Mas se temos de crer que os inventos científicos e o imenso âmbito ocupado pelas ciências positivas, mais que para oprimir os povos, servirão para promover o seu progresso moral, ninguém duvida de que este bem se obtém principalmente com o incremento dos nossos conhecimentos sobre a Terra e os seus habitantes.

6218

A geografia, que tem a sua origem e desenvolvimento nas emigrações e no estabelecimento de colónias, no espírito religioso e na sede de conquistas, bem como nas viagens científicas por terra e por mar, pede e fornece um grande número de dados às ciências positivas e morais; tem um carácter variado, como os elementos que a constituem, e os descobrimentos realizados no seu campo são de uma importância não só científica, mas também científica e religiosa.

6219

Razão pela qual nas capitais dos principais Estados da Europa e da América vemos surgir sociedades geográficas protegidas pelos governos, assim como academias, publicações e instituições de todo o género, surgidas à sombra dos progressos científicos, nas quais o erudito resolve por vezes questões que mais tarde o olho do viajante confirma. E, entretanto, vemos as sociedades das santas missões apostólicas e esse exército de pregoeiros de Cristo, que levam a cruz e o Evangelho lá onde nem a espada, nem a cupidez do dinheiro, nem o nobre amor à ciência puderam abrir caminho.

6220

De todas as partes da terra, a África foi a que deu origem nos tempos antigos às mais arriscadas e longas explorações marítimas e, nos nossos dias, aos maiores e mais interessantes descobrimentos. Mais de três vezes maior que a Europa, é um continente escasso de ilhas e com um litoral pouco acidentado, pelo que não oferece ao navegante oportunas baías, nem portos bem seguros. A quem se atreve a penetrar no seu interior, uniforme como o traçado das suas costas, apresentam-se-lhe dificuldades e perigos como não acontece nem no imenso oceano com os seus escolhos, nem nas savanas e selvas do Novo Mundo, nem nos gelos dos mares polares, nem nos altos cumes dos Andes e do Himalaia, nem nas estepes da Ásia Central com as suas tribos. Os mapas da Ásia e da América estão bastante completos. Quanto aos mares polares, os seus exploradores suportaram temperaturas negativas de 48^o, e diz-se que até 55^o e 60^o Réaumur, e passaram os pólos glaciares e viram nas mais altas latitudes o espectáculo de um mar de gelo; e tudo isto depois de alguns séculos de investigações e também com escassas vítimas da ciência.

6221

Na África, ao invés, os próprios rios não constituem, como os dos outros continentes, as grandes vias do comércio e da civilização. A sua navegação torna-se muito difícil e, às vezes, impossível, seja pelas catarratas, pelos bancos de areia e as numerosas ilhas, seja pelas margens baixas ou pela configuração do leito, que às vezes forma como que lagos, que comunicam ao desembocar, mas que ao diminuir a corrente dão lugar a água estagnada e pântanos, seja porque os rios vão lentos, com caudal escasso e delgado tal que, às vezes, ainda longe do mar, se perde debaixo das areias e das dunas salgadas. Mas vença o europeu todos os obstáculos; cruze os imensos e abrasadores desertos de areia que separam a África do resto do mundo e de uma das outras suas regiões bem férteis e povoadas; vença a natureza dos animais ferozes que vagueiam do monte à planície e que infestam as margens não menos que o fundo dos rios e dos lagos; passe incólume entre as tribos de africanos, cujos instintos nenhuma lei civil ou religiosa modera; pois, com tudo isso, sempre ficará ao europeu como inimigo o clima letal, com uma temperatura que *à sombra e a norte* ascende de 35^o a 45^o Réaumur e, ao sol, nas escaldantes areias do deserto, pelas quais deve caminhar, ultrapassa, muitas vezes, os 50^o, os 55^o e mesmo os 60^o Réaumur acima de zero.

6222

A história dos descobrimentos no continente africano é uma dolorosa enumeração de heróis mortos pela religião e pela ciência. Gumprecht, só desde os finais do passado século até 1848 conta cinquenta e três ilustres exploradores europeus mortos na África: *Monatsberichten da Sociedade Geográfica de Berlim* 1848. Depois de tantas vítimas generosas, depois de tantas explorações que começaram muitos séculos antes de Cristo, ainda não conhecemos perfeitamente o percurso dos maiores rios de África; e os mapas mais recentes e mais ponderadamente traçados só representam de modo satisfatório para as exigências científicas pouco mais de dois terços da grande superfície africana.

6223

Esta luta do zelo apostólico e do génio investigador contra todos os obstáculos que impedem penetrar nas regiões interiores do continente, longe de cessar devido à grandeza dos sacrifícios e à pequenez dos progressos, nunca se empreendeu com tanto ardor e tanta perseverança como nos nossos dias o vêm fazendo a Igreja Católica, a civilização e a ciência.

O movimento dos descobrimentos geográficos, que desde 1840 até hoje se tem dedicado à África com maravilhosa energia e perseverança, é um dos espectáculos mais dignos de admiração e de interesse no século XIX. Dir-se-ia que, ao dar-lhe uma extensão e uma actividade tão extraordinárias, as nações da Europa, por acordo tácito, obedeceram a uma mesma preocupação: abrir-se aos esforços, iniciar a conquista para a civilização de um continente, que, sem plausível explicação, teria sido objecto de um sistemático abandono. Parecia, desde há muitos séculos, que a África estava condenada a retroceder mais que a avançar e progredir nesta via. A história recorda, por exemplo, a tomada da *capital da Etiópia* ocorrida cerca de cem anos antes da saída dos israelitas do Egipto, capital à qual José chama *Saba*, dizendo dela que é muito forte e está situada junto ao rio *Astosabos*; e afirma que Cambises, rei da Pérsia, lhe mudou o nome de *Saba* para o de *Meroe*, em honra da sua irmã, assim chamada.

6224

A história recorda também (Heródoto II, 30 e seg.) a emigração de 240 000 guerreiros egípcios que, sob Psamético, o primeiro monarca egípcio que reinou depois da expulsão final dos reis etíopes do Egipto, se estabeleceram numa ilha a *sul de Meroe*, isto é, a sul da moderna Cartum, entre os rios *Astosabos* (o Nilo Azul) e o *Astapus* (o Nilo Branco até ao Sobat) e a oito dias de viagem a este das *Nubae* ou *Nubatae* (talvez as tribos dos Nuba do Sul do Cordofão, então mais disseminados para Este). Iguamente nos lembra a história a viagem à volta da *Líbia* (África) que os fenícios realizaram, por ordem de Neco em 609 antes de Cristo, como assinala o mesmo Heródoto (IV, 42); e também o périplo do cartaginês Hanão, tentado no ano 500 antes da nossa era, como nos refere a recompilação de geógrafos gregos menores, impressa por Forben em 1533, segundo um manuscrito do século X, conservado na Biblioteca de Heidelberg.

6225

Posteriormente, as armas romanas estenderam-se por aqueles lugares. *Petrônio*, general romano do tempo de Augusto, trinta anos antes da era cristã, tomou e destruiu *Napata*, a antiga capital de Thiraka, situada na grande curva norte do Nilo, no monte *Barkhal*, onde ainda se encontram vastas ruínas. Também *Meroe*, a capital da rainha Cândia, de que se fala no Novo Testamento (*Actos dos Apóstolos*, 8, 27) caiu em poder dos romanos. Nero, no início do seu império, enviou uma expedição bastante importante, com uma força militar, sob as ordens de dois centuriões, para explorar as nascentes do Nilo e os países do Oeste do *Astapo*, o Nilo Branco, que naqueles tempos remotos se pensava ser ele o verdadeiro Nilo. Assistidos por um soberano etíope, talvez Cândia, atravessaram a região conhecida com o nome de Núbia Superior, até à distância de 890 milhas romanas de *Meroe*. Na última parte da sua viagem chegaram a imensos lagos, de que ninguém parecia conhecer o fim e entre os quais havia uns canais com tão pequeno caudal, que a pequena embarcação apenas podia passar por eles com um homem. Contudo, continuaram a sua viagem para sul, até que viram o rio cair ou brotar de entre as rochas (talvez mais para lá de Gondokoro, entre Rejaf e Dufli, perto do Alberto Nyanza); e então empreenderam o regresso, levando consigo, para conhecimento e uso de Nero, o mapa das regiões por onde tinham passado. Depois Plínio, Estrabão e outros autores romanos tomaram conhecimento desta parte da África interior, mas eles nada disseram de novo ou de importante.

6226

Ainda que a história nos tenha transmitido estas importantes expedições de tempos remotíssimos, os antigos não tinham um claro conhecimento da configuração da África, nem dos países que o Sara separa da Bêria. O Egipto, que desde a mais remota antiguidade ocupou um lugar tão eminente no mundo e que se estendeu até Sul e propagou as suas instituições e costumes a distâncias apenas hoje em dia alcançadas, parecia ter conseguido a sua missão. As ricas e industriosas populações, que a Antiguidade viu estabelecerem-se nas costas mediterrâneas em Cartago, na Cirenaica, na Numídia e na Mauritânia tinham desaparecido, deixando apenas alguns rastros da sua passagem. A barbárie apoderou-se novamente destas formosas províncias que a dominação romana tinha levado a tão alto grau de cultura e civilização. Na Idade Média, o Islamismo atravessou como uma torrente o Norte de África de um extremo a outro, chegando nas suas correrias até ao interior; e, embora tenha conseguido modificar profundamente o estado dos espíritos e criar ideias e costumes que resistiram pelos séculos, em parte nenhuma fundou um estabelecimento político importante e duradouro.

6227

É preciso chegar ao século XV para entrever a aurora de uma nova era. Até então não se tivera senão uma imperfeitíssima ideia da configuração da África; e depois de Ptolomeu, as noções científicas sobre o assunto tinham-se afastado da verdade mais que aproximado dela. De modo um pouco exacto, conhecia-se somente a parte setentrional e, apesar disso, os antigos mapas geográficos de Sanudo, Bianco e Frei Mauro desfiguravam horrivelmente os contornos. As expedições marítimas dos Portugueses, cuja iniciativa e persistência extraordinárias immortalizaram o nome de um dos seus maiores príncipes, *D. Henrique, o Navegador*, levaram a descobrir e revelaram um novo mundo. Em 1434 descobriram o cabo Bojador; em 1482 exploraram o golfo da Guiné; em 1487 *Bartolomeu Dias* tocava e passava o *cabo das Tormentas*, chamado depois, *cabo da Boa*

Esperança; e antes de findar o século, de 1497 a 1499, *Vasco da Gama* passava esse promontório e navegava rente à costa oriental da África até às alturas da Arábia.

6228

O mapa de *Diego Ribera*, publicado em Sevilha, Espanha, em 1529, e o de *Dapper*, que saiu do prelo em 1676, em Amsterdão, deram pela primeira vez o perfil exacto do continente africano. E parece até que este último mapa supera, em bastantes aspectos, os progressos da geografia moderna.

Em seguida, fundaram-se nas costas africanas muitíssimos estabelecimentos comerciais e fizeram-se múltiplas tentativas para aí estabelecer colónias. Mas tais ocupações sempre foram realizadas no litoral e nunca se estenderam muito para o interior. Contudo, os Portugueses muito cedo exploraram uma grande parte da África Central, com o que conseguiram, de certo modo, preparar o caminho, nas margens do Zambeze e bacia do Congo, para os descobrimentos de *Livingstone*. Depois dos Portugueses, os Franceses na Senegâmbia e os Holandeses no cabo de Boa Esperança tocaram parte do continente africano, mas sem acrescentarem grande coisa aos resultados que os esforços dos Lusitanos tinham conseguido para a ciência. O interior deste imenso planalto, cujos primeiros socos se desenhavam a poucas milhas do mar, permanecia ainda envolto num véu de mistério, tanto pela zelosa política do Governo de Lisboa, que segundo o costume dos Fenícios, ocultava aos outros povos a situação das suas colónias e os resultados das suas empresas comerciais, como pelas notícias demasiado vagas que davam os viajantes e os missionários.

6229

O mapa da África *D'Anville* constitui o fiel reflexo dos conhecimentos geográficos em meados do séc. XVIII.

Qualquer que seja o interesse que possam apresentar os dados e notícias de que somos devedores a homens de mérito, como foram *Battel*, *Lencaster*, *Keeling*, *Fernandez*, *Álvares*, *Boaventura*, *Schouten*, *Le Maire*, *Brue*, *Barbot*, o padre *Krump*, *Kolbe*, *Atkins*, *Schaw*, *Smith*, *Moore*, *Norris*, *Sparman*, *Patterson*, *Le Vailant* e cem mais, que desde 1589 até 1790 se dedicaram à exploração do continente africano, os resultados das suas viagens não estão ao nível da ciência geográfica moderna; e, à excepção de raríssimos casos, hoje em dia não se podem tomar em séria consideração.

6230

A instituição que deu um carácter científico às viagens em geral e promoveu as da África em particular foi a associação fundada em Londres em 1788 para o fomento dos descobrimentos na África, chamada *British African Association* ou Associação Britânica Africana. A partir dela, começa este grande movimento de exploração, que só nos nossos dias conseguiu alcançar toda a sua dimensão. As viagens multiplicam-se, organizadas segundo um plano comum. Penetra-se na África por todas as partes e os mistérios do interior do continente começam a sair das trevas.

6231

O primeiro viajante do novo período foi o inglês *Brown*, que de 1793 a 1796 foi do Egipto até Darfur, atravessando o deserto da Líbia pelo lado oriental. Em 1794 *Watt* e *Winterbotton*, também ingleses, penetraram no país dos *Fulbé*. Um ano mais tarde, o escocês *Mungo Park* chega a *Joli-Ba*. Em 1799 *Frederico Hornemann* parte do Cairo, cruza os oásis de *Siwa* e *Augila* e chega a *Morzuck*, onde não tinha estado antes nenhum europeu. Desde 1798 a 1800 *Jacotin e Nouët*, durante a campanha do general Bonaparte, traçam o mapa do Baixo, Médio e Alto Egipto.

6232

No presente séc. XIX multiplicam-se as viagens, empreendidas para explorar diferentes pontos da África desde o Nordeste, desde o Noroeste, desde o Norte e desde o Oeste.

Em 1802, *Denon* percorre o Egipto e recolhe preciosas informações sobre os limites ocidentais do deserto da Líbia. Em 1803, *Mohamed Ibn-Omar el-Tunsi*, seguindo a mesma rota que *Brown*, atravessa o deserto da Líbia e, por Darfur, chega até *Waday*, onde toma importantes dados etnográficos; e em 1811, ao regressar pelo deserto da Líbia, penetra no país dos *Tibu* e chega a *Murzuk*. *Badia Ali Bei el-Abasi* percorre o interior de Teli, em Marrocos, fixando com observações astronómicas a posição das cidades principais. Em 1810, *Seetzen* explora algumas partes do deserto da Líbia, que, mais tarde, em 1820-1825, foram percorridas, através do Alto Egipto, por *Minutoli*, *Ehrenberg*, *Hemprich*, *Scholtz*, *Gruoc* e *Soeltner*, depois de terem explorado o oásis de *Siwa*.

6233

Em 1817-1820 *Caillud* explora os oásis de *Jarya* e de *Dâhhel*, fixando as suas posições astronómicas. *Pacho* explora em 1826 os de *Marâdé* e de *Lech Erré*, para além da *Cirenaica*; e *Hoskyns* em 1832-1833 chega ao grande oásis de *Tebe*, do qual estabelece a posição exacta. Partindo de Trípoli, *Ritchie* chega a *Murzuk*, onde morre. O mesmo caminho percorre em 1819 *Lyon*, e *Beechev* traça em 1821 o mapa das costas da grande *Syrte* e visita a *Cirenaica*; e também esse ano o sultão *Teima* atravessa o deserto da Líbia para en-

trar em Darfur. Em 1823 o paduano *Belzoni*, o grande descobridor dos monumentos do Egipto e da Núbia, numa viagem por Tombuctu é surpreendido pela morte nas abrasadoras areias do deserto.

6234

No golfo da Guiné desagua um rio que, pelo seu longo percurso, pelo seu curso complicado e pelo mistério da sua origem, oferece uma bela semelhança com o rei dos rios, o Nílo: trata-se do Níger. Bem cedo os viajantes orientaram os seus esforços para a solução deste problema hidrográfico. Nos primeiros anos deste século, *Mungo Park* penetrou pela Gâmbia na bacia do Níger. Entre os incessantes ataques dos indígenas, à custa de enormes sacrifícios e de inauditos sofrimentos, ainda seguiu rio abaixo até *Bûssa*, onde pereceu, depois de ter visto sucumbir a maior parte dos seus companheiros de viagem. Em 1810, *Adams*, após um naufrágio na costa ocidental da África, é feito prisioneiro pela tribo dos Mauri e conduzido ao interior. Em 1816-1820, *Kurron* chega a *Kumasi*, capital dos *Ashanti*.

6235

Os senhores *Peddie*, *Gray* e *Dochart*, em 1816-1821, exploram o rio Nunes e chegam a *Bâkel*. Em 1818, um viajante francês, *Mollieu*, imita a façanha de *Mungo Park* e explora a bacia do Senegal e dos seus afluentes, o Falemé e o *Bà Fing*; não chega até ao Níger, mas consegue determinar as nascentes do Senegal, do Gâmbia e do rio Grande. Esse mesmo ano, *Bowdich* percorre uma parte do território dos *Ashanti* e da Costa do Ouro. Laing explora o país dos *Timami*, dos *Kuranko* e dos *Sulimana*, a sul de Gâmbia. João Adams em 1823 penetra no Daomé.

6236

Em 1824-1825, *Grout de Beaufort* realiza importantes observações geográficas nos rios *Senegal*, *Falemé* e *Gâmbia* e explora o *Bambuk* e o *Kaarta*. Em 1825-1828, *Ricardo Lander* e *Clapperton*, a partir do forte William, na Costa dos Escravos, atravessam Daomé e o país dos Yoruba e pela rota de Bussa e Zaria chegam ao território dos *Fulbé*. *Vital* reconhece em 1826 a embocadura do Níger e traça a sua carta geográfica. No mesmo ano, *Caillié*, saindo de *Kahandi*, na costa ocidental, passa por *Timbo*, atravessa as bacias do Senegal e do Gâmbia e, depois, cruzando o país dos *Mandinga*, pela rota de *Ginni*, chega, o primeiro entre os Europeus, à misteriosa cidade de *Tombuctu*, junto ao Níger, nos limites meridionais do Sara. Dali, por *Arauan*, *Taodermi*, *Bel'Abbas* e *Tafiladet*, percorre toda a parte ocidental do deserto do Sara, sendo também o primeiro europeu a realizar essa façanha.

6237

Em 1829 *Roussin* explora e reconhece a costa da Senegâmbia. Em 1830, os irmãos *Lander* (Ricardo e João) sobem o Níger e chegam até *Sokoto*; e Ricardo Lander em 1832 procura, pela terceira vez, no Níger a confluência com o *Benué*, e em companhia de *Laird*, *Allen* e *Oldfield* percorre o curso inferior do Níger, chamado também *Cuorra*, cuja foz tinha sido objecto de tantas discussões e pesquisas e explora-a em 1833, sendo o primeiro a fazê-lo depois de *Vidal*. Desde 1836 a 1845, *Beecroft* sobe três vezes o grande rio, explora no seu delta o braço de Wari, e assinala o percurso do rio *Efik*, ou *Velho Calabar*. Em 1839, *Freeman* visita uma parte do território dos *Ashanti*, enquanto *Duncan* faz o mesmo com outras zonas do país em 1846, ano em que entra no reino do Daomé. Em 1841 *Trotter*, *Allen* e *Thomson* exploram mais minuciosamente o curso inferior do Níger; e em 1843-1844 *Raffenel*, *Pereyre-Ferry* e *Huard-Bessinières* percorrem o *Bambuk* e o Falemé e traçam o itinerário do Senegal à Gâmbia. Em 1846, *Denham* visita uma parte do Daomé e da Costa do Ouro, enquanto *Raffenel* empreende uma segunda viagem de exploração do rio *Kaarta*.

6238

São interessantes os trabalhos de *Irwing*, bem como as explorações de *Forbes*, que em 1850 viaja pelo Daomé; as de *Hornberger* e *Brutschin*, que em 1853 visitam a *Costa dos Escravos* e o território de *Ewé*; as de *Hutchinson*, *May*, *Crowther* e *Glover*, que em 1854 entram pelo braço do Níger chamado *Non* e seguem o seu curso, bem como o *Benué* inferior. Igualmente são famosos os trabalhos de *Ecquard* e de *Baikie* sobre vários pontos da Guiné e sobre o curso inferior do Níger; e a exploração realizada por este último em 1854, quando, partindo da costa da Guiné, chegou ao lugar onde conflui com o Níger o *Benué*, rio imponente, que ele subiu até *Jola*, ponto extremo alcançado por *Henrique Barth*, descendo do Norte. Traçou um itinerário desde *Lukoia* a *Nupé* e a *Kanó*.

6239

Alguns anos depois, sob os auspícios do general *Faidherbe*, governador provisório de Senegâmbia, vários oficiais da marinha francesa (*Lambert*, que em 1860 vai de *Kakandi* a *Senu-Debu*, atravessando o [maciço] de *Futa Jallon*, e *Mage* e *Quintin*, que de 1863 a 1866 chegam por *Kaarta* a *Segu*) reconhecem o curso superior do Níger. Em 1869 *Windwood Reade* aproxima-se das suas nascentes nas montanhas próximas do mar, que para Este constituem os limites com a colónia de Serra Leoa. Em 1855, *Townsend* vai à região dos Yoruba; em 1857 *Scala* chega, a partir de Lagos, a *Albeokuta* e visita a zona do litoral até ao *Velho Calabar*; em 1858, *Anderson*, pela Serra Leoa, chega pelo interior à cidade de *Musardu*; e *Glover* e *May* reconhecem o curso inferior do Níger e percorrem o país dos Yoruba.

6240

Em 1859, *Vallon* vai de Waïda duas vezes a Abomey, a capital do Daomé; *Pascal* explora em 1860 o Bambuk e as cataratas de Guina no Senegal; e *Jariez* descreve os rios Siné e Salum. Em 1861, *Azan* explora Walo, e *Braouézec* visita o lago *Panié Ful* e uma parte do país dos Wolof. *Vallon* percorre em 1862 a região de *Casamance*, e *Martin* e *Bagay* traçam o mapa do país dos *Serere*. O célebre missionário apostólico *P.^e Borghero*, de Génova, estuda e dá a conhecer o reino de Daomé, depois de uma permanência nele muitos anos, durante a qual avançou muito para o interior; *Robins* visita Lukogia, junto do rio Benué, e *Gerard* e *Bonnat* a embocadura do Níger e o Novo Calabar. Em 1873, *Buchholz*, *Lühder* e *Reichenov* percorrem toda a costa ocidental; e *Bonnat*, em 1875, explora o rio *Volta* até Salaga, cidade tributária dos Ashanti.

6241

Em 1876, *Dumaresq* descobre em Wemi uma via fluvial que une Lagos com o interior do Daomé; *Crowther* viaja desde Lukogia até Lagos, e *Grenfell* e *Ross* exploram em 1877 os países banhados pelo curso inferior do rio *Kamarun*, dos quais desenham a carta geográfica. Apesar das lacunas que ainda há para preencher, estas explorações representam uma conquista importante sobre a África interior. De facto, na bacia do Níger há uma série de grandes tribos e povos que começam a ter ao menos um princípio de organização. A recente expedição dos Ingleses contra os *Ashanti* serviu, por seu lado, para lançar nova luz sobre as regiões próximas, as quais são de uma fertilidade assombrosa; e até agora só se opõem aos esforços para os civilizar os ardores de um clima abrasador e os miasmas mortíferos dos seus pântanos.

6242

A norte e a oeste, a *Argélia* e o *Senegal* tornaram-se nas mãos dos Franceses outros tantos pontos de onde pode ser lançada a exploração do *grande deserto do Sara*, que chega até aos confins das suas possessões. Nesta direcção, eles encontram primeiro a parte mais inóspita, o *Sahel*, vasta planície arenosa e aridíssima salpicada de alguns oásis raros e habitada em diversos pontos por populações temíveis por causa da sua ferocidade. *Leopoldo Panet*, viajante francês partido do Senegal, percorre em 1852 a sua borda ocidental, indo de *St.-Louis* a *Mogador* por Adrar e Wad Nun. Passo em silêncio as explorações no *Sara* argelino de *Renou*, do *dr. Cosson*, de *Letourneux de la Perraudière*, do *dr. Marès* e de *De Colomb*, levadas a cabo entre 1853 e 1861. Em 1858, um dos mais sábios geógrafos dos nossos tempos, *H. Duveyrier*, explora com pleno êxito o *Sara*, esse mar de areia, onde pereceram tantos intrépidos viajantes.

6243

Ele percorre o planalto central do *Sara*, entre *Laghouât*, *Biskra*, *Gâbes*, *Ghadamés*, *Rhât*, *Murzuk* e *Trípoli*, com as terras montanhosas dos *Azgier*. São também muito interessantes as viagens e trabalhos científicos dos exploradores que de 1860 a 1879 percorrem a parte setentrional do continente africano, entre os quais têm de ser mencionados aqui os senhores *Vincent*, *Bourrel*, *Colonieu*, *Burin*, *Abu el-Moghdad*, *Mircher*, *Vatonne*, *Joubert* (assassinados no deserto), e ainda *Tirant* e *Rebatel*, *Roudaire*, *Parisot*, *Martin*, *Baudot*, o *dr. Jaquemet*, *Le Châtelier*, *Largeau*, *Say*, *Masqueray*, *Des Portes* e *François*.

6244

Também a partir de Marrocos e de Trípoli se empreenderam viagens científicas pela parte setentrional do continente africano. Em 1829, *Washington* penetra no interior de Marrocos até *Marraquexe*, cuja posição determina; *G. Davidson* a partir de Tânger, pelo Marrocos Ocidental, vai a *Wad Nun*, alcança *Wadny Dha'a* e morre assassinado em *Suekeya*, no *Sara* marroquino, em 1836. *Barth* explora em 1844-1845 o litoral de Marrocos, da Argélia, da Tunísia, de Trípoli, de Barqa e do Egipto. Em 1845 *Richardson* penetra, a partir de Trípoli, por Ghadamés, em Rhat. *Fresnel* em 1846-1849 recolhe importantes dados sobre Waday e Darfur. *Prax* em 1848 é o primeiro a realizar uma viagem científica de Tunes a Gerid, Soûf e Tugurt, da qual regressa por Biskra. *Berbrugger*, *Dickson* e *Hamilton* percorrem o *Sara* argelino, bem como as terras da Tunísia, Trípoli e Barqa e uma parte do deserto líbio. *De Bonnemain* viaja em 1857 de Biskra a Ghadamés.

6245

Em 1858 *Abû-Derba* atravessa a região dos *Areg*, entre *Laghuat* e Rhat, e *Mardokhai Abi Surrur* viaja várias vezes entre 1858 e 1863 no deserto de Akka, em Marrocos, até Tombuctu, passando por Taoudenni e Arauan. Em 1862-1864, *Rohlfs* percorre em várias direcções Marrocos até Uadi Draá, chega ao Atlas, visita e explora o oásis de Tafilalet, chega a In-Salah, Tuat e Tidikelt e volta por Ghadamés a Trípoli. Também as viagens empreendidas desde 1867 até 1878 por *Balansa*, *De Wimpffen*, *Hooker* (José Dalton), *Maw Ball*, *Fritsch* e *Rein*, *Soleillet* (foi o primeiro a traçar a carta geográfica do planalto desde Tademait e Warglá a In-Salah) e *Von Bary* são dignos de ser assinalados, como também é interessante o que em 1869 realizou *Nachtigal* em Tu, seguindo a rota de Trípoli, Murzuk e o deserto do Sara.

6246

Nessa rota sucumbiria em 1869, assassinada pela sua escolta, uma infeliz mulher nossa conhecida, *Alexia Tinne*, holandesa de Haia, que se tornou famosa pelas suas grandes e múltiplas viagens pela África Central.

Mais longe, para este, o Sara muda de aspecto: o solo torna-se pedregoso, os oásis multiplicam-se e os núcleos populacionais tornam-se menos raros até às imediatas proximidades do Egipto, onde o deserto volta a dominar. No Inverno de 1873-1874, *Gerardo Rohlfs*, já ilustre nessa época por várias e mui relevantes empresas realizadas nos pontos mais opostos da África Setentrional, acompanhado de *Jordan* empreendeu no deserto da Líbia uma expedição científica, cujos resultados já deu a conhecer. Após explorar os oásis de Khazgié, Dúkhel, Farâfra, Siwa e Bahariye, constatou que o *Bahar Béla Má* (rio sem água) indicado nos mapas anteriores não existe.

6247

A sul desta região, fica situado o Sudão, que se confunde em muitos pontos com ela, e que foi já nos últimos tempos objecto de notáveis empresas. É aqui onde se encontra o coração e o centro da África; é aqui onde começa a pátria da raça negra ou etíope, que se estende até sul sobre toda a vasta superfície do grande planalto da África.

A Inglaterra e Alemanha, mais que outras nações, contribuíram nos últimos tempos para aumentar os conhecimentos científicos destas regiões quase totalmente desconhecidas até aos dias de hoje. Em 1823 *Oudney*, *Denham* e *Clapperton* cruzam o Sara entre Trípoli e Kuka, e chegam até à fronteira de Adamawa; depois, após avançarem pelo delta de Chari e pela margem sudeste do lago Chade, visitam Wandala e as províncias orientais do império de Sokoto. Nesta memorável viagem, *Clapperton* e *Denham* descobrem e exploram o lago Chade, grande bacia interior que recebe as águas de uma vasta depressão, da qual o planalto central e o do Sara constituem as bordas.

6248

Nas margens deste grande lago agrupam-se os Estados mais avançados e populosos do Sudão, sobretudo os de *Bornu*, *Kanem*, *Baguermi* e *Waday*. Este último confina com o *Darfur*, que em 1874 caiu sob o poder do Egipto. Em 1822-1826, a partir de Trípoli e Ghadamés, *Laing* vai a In-Salah, atravessa Mabruk e chega a Tombuctu. No regresso será assassinado nos arredores de Arauan.

6249

Em 1849, tem lugar a grande expedição de *Richardson*, *Overweg* e *Barth*, da qual apenas regressou este último, que em 1855 publicou o emocionante relato da mesma. O grupo tinha saído de Trípoli, por Murzuk, e, depois de cruzar o grande deserto do Sara por uma rota completamente nova, chegando a Rhât e explorando antes o país de Air, tinha penetrado no Sudão, o Azben e o território dos Azger e dos Tuareg Kel-Owi, tinha penetrado no Sudão e alcançado o lago Chade. *Overweg* foi o primeiro entre os Europeus a visitar o reino de Gober e a explorar as ilhas de Yedina no lago Chade, até então desconhecidas. Após a trágica morte dos seus companheiros, *Barth* virou para oeste até ao Níger e visitou Tombuctu, que, depois dele, nenhum europeu mais pôde ver e pisar. Este grande viajante explorou uma grande parte de *Baguermi* até *Massenya*, alcançou o Benué na confluência com o Faro, visitou Yola, atravessou os Estados Haussa, detendo-se em Sokoto, Kanó e Katsena e, por Tombuctu, seguiu no seu regresso o Níger até Sai; e, cruzando de novo o Sara, chegou até Trípoli e daí voltou à Europa.

6250

As suas investigações pessoais e as preciosas notícias que conseguiu abrangem quase metade de toda a extensão dos Estados muçulmanos na Nigricia. Caminhando sobre as suas pegadas pelo deserto do Sara e Kuka, *Vogel* explora uma parte de Ba-Logomé e os pântanos de Tuburi, para chegar em 1856 a Wara, no Waday, onde sofreu a morte por ordem do soberano desse império. Sete expedições saíram sucessivamente à sua procura. Uma delas, mandada por *Beurmann*, alcançou o objectivo; mas custou a vida ao seu chefe em 1863, depois de, a partir de Bengazi, ter percorrido Augéla, Murzuk, a montanha de Harug, Vao e Kuka. Os outros viajantes, partidos à procura de *Vogel*, de entre os quais citarei o *dr. Von Heugling*, bem como *Stuedner*, *Kinzelbach* e *Munziger*, seguindo a rota da Núbia, exploraram uma parte do território pantanoso situado a oeste do Alto Nilo.

6251

Entre 1865 e 1867, *Gerardo Rohlfs*, que anteriormente tinha sido objecto da atenção pública com o seu perigoso percurso de Marrocos a Trípoli, por Tafilalet, Tuat e Ghadamés, empreende agora e leva a feliz termo a sua grande viagem a *Bornu*, alcançando Gebes Es-Sôda e Hamada de El-Homra; atravessa com pleno êxito o continente africano desde Trípoli, no Mediterrâneo, até Lagos, no fundo do golfo da Guiné, no oceano Atlântico. Essa memorável expedição, uma das mais ousadas e frutíferas do presente século, é seguida pela do *dr. Nachtigal*, que em 1870 levou ao sultão de *Bornu* prendas do rei da Prússia, em reconhecimento pelos serviços que este soberano tinha prestado a *Barth*, *Vogel* e *Rohlfs*.

6252

Nos anos seguintes, *Nachtigal* prossegue as suas explorações nos diversos Estados situados nas margens do lago Chade: reconhece as depressões do solo em Batélé e em Egai; visita Borku e Gundi junto ao rio Chari e explora o Ba-Logoné, o Balli e Ba-Batscikam. Graças ao seu contributo avançaram muito os conheci-

mentos geográficos sobre estes países. Ele foi, além disso, o primeiro europeu que, pela rota de *Muzurk* a *Kuka*, penetrou, enfrentando aos maiores perigos e as maiores privações, nas terras dos *Tibbu Reschadé* e visitou *Tibesti*. Atravessou o império de *Waday*, essa terra inóspita na qual sucumbiram *Vogel* e *Beurmann*. Depois, pela rota de *Darfur*, chegou ao *Cordofão* e a *Cartum*, onde nós o recebemos festivamente e entrou no *Egipto* até aos fins de 1874, juntando assim os seus importantes descobrimentos aos dos exploradores do vale do *Nilo*.

6253

Esta expedição, que durou cinco anos, foi uma das mais notáveis que se realizaram nos últimos tempos; situou o *dr. Nachtigal* entre os mais importantes viajantes da África e abriu novas perspectivas àqueles que, doravante, tomarem as possessões egípcias no *Sudão* como base das suas operações e como ponto de apoio dos seus empreendimentos.

O *Egipto*, depois do reinado do grande *Mehmet Ali*, adquiriu uma excepcional posição entre os Estados africanos. Perante a incurável decrepitude do Império Otomano na Europa, este país avança cada vez mais nos caminhos da civilização moderna.

6254

A espada do general *Bonaparte* parece ter sido o mágico poder que despertou na sua tumba trinta vezes secular o génio do antigo *Egipto*. Graças ao impulso e à iniciativa dos seus vice-reis e especialmente do primeiro quédive, *Ismail Paxá*, e com a colaboração de uma falange de administradores de primeira ordem, escolhidos de todas as nações da Europa, o vale do *Nilo* adquiriu um aspecto moderno. A navegação a vapor está organizada em todos os pontos do rio, desde o *Cairo* até à primeira catarata; e os barcos egípcios também percorrem o grande rio desde *Berber* até *Cartum*, bem como até ao *Nilo Azul* e a todos os pontos navegáveis do *Nilo Branco* e dos seus gigantescos afluentes. As locomotivas passam silvando junto às pirâmides e não tardarão a penetrar no deserto, graças aos planos de *Fozler*, que empreendeu a construção de uma via férrea desde a segunda catarata de *Wady-Halfa* a *Dôngola* e a *Dabba*, através das estepes de *Dayuba*, até *Muhammad* (quase em frente dos *Shendi*) e *Cartum*, ao longo de mais de mil quilómetros.

6255

Este renascimento do *Egipto*, com as ambições territoriais que o mesmo não podia pelo menos deixar de suscitar e estimular, favoreceu poderosamente as abundantes conquistas da geografia africana. O Governo do primeiro quédive prestou com soberana munificência uma ajuda generosa e eficaz aos intrépidos cultivadores da ciência que escolheram os seus Estados como ponto de partida para as suas explorações.

6256

A determinação da bacia do *Nilo* e, em especial, a busca das suas nascentes foram sempre a primordial finalidade de todas as empresas. Estas tomaram as direcções conforme os braços do *Nilo*, que juntam as suas águas em *Ondurman*, povoação vizinha de *Cartum*, capital das possessões egípcias do *Sudão*, centro do comércio da *Nigricia* oriental e nó ou ponto de comunicações entre o *Egipto* e a *África Central*. Esses braços são: o *oriental*, que é o *Astosabos* dos antigos ou o *Abbay* dos abissínios ou o *Bahar-el-Azrek* dos árabes, isto é, o *Nilo Azul*; e o *ocidental*, que é o *Astapus* dos antigos ou *Bahar-el-Abiad* dos árabes e que nós chamamos *Nilo Branco*.

Antes de falar do sistema oriental do *Nilo*, é preciso passar de relance as viagens e as explorações que se empreenderam neste século, para conhecer bem as zonas da *Etiópia* relacionadas com este sistema.

6257

Henrique Salt, entre 1805 e 1809 penetra duas vezes na *Etiópia Oriental* e volta com valiosos e interessantes dados. De 1814 a 1817, *Burckhard* percorre a *Núbia* e o Norte da antiga *Etiópia*. *Callaud* descobre em 1819 as ruínas da antiga cidade de *Meroe*, situada a oriente do *Nilo*, entre o *Atbara* (que vem do *Tecazze*, o *Astaboras* dos antigos) e o *Bahar-el-Azrek* e que eu visitei, admirando as suas antigas pirâmides. *Ruppel* esteve em 1827 na *Núbia Oriental* pela parte do *Abbay*, onde fixou as posições astronómicas e realizou descobrimentos. No mesmo ano, o *barão de Prokesch Osten* explora o curso médio do *Nilo*.

6258

Combes e *Tamisier*, depois de percorrerem em 1834 as estepes de *Bayuda* e o território dos *Ababda* e dos *Bisharin*, visitam uma parte da *Etiópia*. *Von Katte* percorre em 1836 o Norte da *Etiópia*. *Lefebre*, em 1838-1839, estuda as minas de *Fazoglo*, contando com a presença – segundo me asseguraram alguns xeques – do próprio *Mehmet Ali*, vice-rei do *Egipto*.

Em 1840-1841, *D'Arnaud*, *Sabatier* e *Werne* realizam a segunda expedição ordenada pelo vice-rei do *Egipto* e visitam a região do *Abbay*. *Krapf* e *Isemberg* viajam em 1841 pela *Etiópia* e pelo território dos *Afar*. *Th. Lefevre*, *Petit* e *Quartin-Dillon* exploram *Shiré*, *Gojam* e *Shoa* de 1839 a 1843. *Rochet d'Hericourt* entre 1839 e 1844 viaja duas vezes ao reino de *Shoa* e chega até ao país dos *Herer*.

6259

Em 1842, *Ferret*, *Galnier* e *Rouget* percorrem o Tigré e o Simen, onde recolhem interessante informação sobre a história natural e o estado físico e moral e político desses países, com as respectivas posições astronómicas. *Pallme* visita em 1844 *Meroe* e os seus arredores. *De Jacobis*, *Sapeto* e os irmãos *D'Abbadie* realizam importantes estudos sobre a moderna Abissínia erigida em prefeitura apostólica, com os quais contribuem com dados para o conhecimento das línguas e dialectos; e *Montuory*, lazarista napolitano atravessa com outro companheiro *Galabat* e *Cadaref* e vai pelo Nilo Azul até *Cartum*, onde exerce o seu ministério. *Penay*, como inspector sanitário das possessões egípcias do Sudão, com residência principal em *Cartum*, percorre em épocas diversas as províncias de *Dôngola*, *Berber*, *Sennar*, *Taka* e *Fazoglo*. O *P.^e Ryllo*, *Knoblecher*, *Vinco*, *Pedemonte* e *Casolani*, por *Dôngola* e pelo deserto de *Bayuda*, vão em 1848 até *Cartum*. *Brehm* em 1852 sobe o *Bahar-el-Azrek* até *Rosères*.

6260

Munziger em 1854 vai de *Massaua* ao país de *Bilen*. *Hamilton* e *C. Didier* viajam em 1864 de *Suakin* a *Kassala* e *Cadaref*. *Burton*, *Speke*, *Herne* e *Stroyan* exploram o país da *Somália* em 1854-1855. *Beltrame* vai em 1855 de *Cartum* a *Benishangol*. Em 1857-1866, o *P.^e Leon des Avancher* percorre o país dos *Ilorma*, a sul de *Shoa*; e *Walkefield* em 1870-1873 continua a mesma exploração pela costa oriental.

6261

Von Harnier vai em 1859 de *Massaua* a *Rosères*; e o barão de *Barmin* e *Hatmann* exploram o *Sennar* e *Fazoglo* em 1860, enquanto *Von Heulin*, *Stuedner* e *Kinzelbach* visitam as terras dos *Bilen* e os *Beni-Amer*. Em 1864, *De Pruyssenaere* cruza por diversos caminhos a região compreendida entre o Nilo e o *Abbay*. *Schweinfurth* explora o território banhado pelo *Atbara* e seus afluentes. *Otão Reil* percorre em 1868 os territórios dos *Hadendoa*, dos *Beni-Amer* e dos *Habab*. *Rohlfs*, agregado à expedição inglesa, vai desde o mar Vermelho até *Magdala* e recolhe dados topográficos. *Munzinger* explora toda a costa ocidental do mar Vermelho e o território dos *Afar*. *Carlos Piaggia* segue várias vezes o curso do *Abbay* e do *Tomat*; visita as tribos dos *Barta* e dos *Berta*, e a *Abissínia*, especialmente o Norte, e familiariza-se de modo particular com aquelas gentes, sobretudo com as que habitam nos arredores do lago *Dembea* ou *Tsana*, junto às nascentes do Nilo Azul. *Miles* percorre o país dos *somalis*, já explorado por *Burton*; e *Haggenmacher* vai lá de *Barbera* a *Libaheli*.

6262

Mokhtar e *Fauzi* em 1876 traçam diligentemente o mapa de *Zeila* a *Herrer*. *Marno*, de *Viena*, explora em 1871-1872 todos os países e tribos desde *Cartum* a *Fassadi*, sendo o segundo europeu, depois de *mons. Massaia*, a alcançar este ponto e descreve amplamente num belo livro todos os aspectos interessantes. *Antinori*, *Chiarinie* e *Martini* de *Zeila*, na baía de *Tuyurra*, viajam em 1876-1877 até *Ankober*, no reino de *Shoa*; exploram diligentemente essas terras e nesse mesmo ano *Chiarini* morre em *Gera*, prisioneiro daquele príncipe. Em 1878, *Gessi* e *Matteucci* alcançaram *Fadassi* pela rota de *Benishangol* e procuravam avançar para se juntarem em *Kaffa* com a expedição italiana dirigida pelo marquês *Antinori*; mas tornou-se-lhes impossível ultrapassar *Fadassi* e tiveram de retroceder até *Cartum*.

6263

Expostas estas noções históricas, passemos a falar dos dois mencionados sistemas do Nilo. Nada diremos das diversas opiniões dos geógrafos, desde *Heródoto* até *Klöden*, sobre as nascentes. O nosso objectivo nestas poucas linhas é narrar em duas palavras como foi resolvido nos nossos tempos o grande problema de vinte e cinco séculos, com o positivo descobrimento de toda a imensa bacia do Nilo e das suas famosas nascentes.

6264

A origem do sistema oriental deste grande depósito de águas, ou seja, o Nilo Azul, acha-se a 10^o 50' de latitude norte, no monte *Giesch*, na região de *Sakala*, a sul do lago *Tsana*, que depois atravessa. Esse lugar, que os portugueses exploram no século XVII, foi-nos descrito em finais do passado século por *Bruce*, o qual pensava que constituía as nascentes do Nilo. Esta opinião teve aceitação até aos princípios do nosso século, em que se viu que o Nilo Azul é inferior pelo seu caudal ao Nilo Branco, que antes da primeira expedição egípcia de 1820 só era conhecido de nome.

6265

O sistema das águas do Nilo Azul e a configuração do planalto abissíneo foram mais tarde explorados de uma maneira completa por dois franceses: *Lefebre*, que realizou a sua viagem de 1839 a 1843, e *Leiean*, que percorreu a *Abissínia* entre 1862 e 1864. A expedição inglesa capitaneada por *Sir Napier* em 1867-1868, que terminou com a derrota do exército abissíneo e com a morte do imperador *Teodoro*, divulgou os conhecimentos sobre esta espécie de *Suíça* africana, onde, graças ao heroísmo e à capacidade de resistência dos abissínios contra doze séculos de assaltos repetidos das vagas de fanáticos seguidores do Islão procedentes de Me-

ca, se conservou até aos nossos dias o Cristianismo, embora contaminado e corrompido pela heresia de Dióscoro de Alexandria, a qual invadiu as igrejas do Egipto e da Etiópia de S. Frumêncio.

6266

O senhor *António d'Abbadie*, membro do Instituto da França, foi o primeiro europeu que descobriu e deu a conhecer o vasto território das tribos dos Gallas, que desde o reino de Shoa se estende até ao equador e constitui com a Abissínia o grande planalto etíope. Em 1838, em companhia do seu irmão *Arnaud* e de *Sapeto*, penetrou na Abissínia até *Gondar*; e, daí, cruzando o Nilo Azul, por *Gudru* e *Nonno*, chegou a *Enerea*. Como tinha ganho a amizade daquele príncipe que se ia casar com a filha do rei de *Kaffa* (país originário do mais precioso café do mundo, até ao ponto de derivar de *Kaffa* o nome desse produto), aproveitou a favorável ocasião para visitar o dito reino, acompanhando como padrinho de casamento a comissão mandada pelo príncipe de *Enerea*, que devia ir a *Kaffa* para tomar a futura esposa.

6267

Em *Bongo*, a capital do reino, permaneceu 15 dias; e, rodeado de todas as atenções por parte da corte, pôde levar a cabo os seus estudos científicos e obter informações exactas sobre a poderosa raça dos *Uarata*, que habita as regiões de *Kullo*, *Gobbo*, *Ualamo*, etc. pela rota de *Gera* e *Gomma* voltou com a comitiva real a *Enerea*, onde explorou e estudou grande parte do território dos *Gallas*, do qual realizou uma magnífica carta geográfica. Ele é o mais douto conhecedor daquelas regiões e povos, dos quais deu a conhecer as línguas e os dialectos. Aí executou grandes trabalhos de geodésia sobre uma longitude de milhares de quilómetros, desde *Massaua*, junto do mar Vermelho, até *Bongo*, a capital de *Kaffa*; encontrou os primeiros cursos de água tributários do *Juba*, e efectuou importantes e muito frutíferas investigações sobre a física terrestre e a meteorologia, bem como as raças humanas e a sua história.

6268

Em 1844-1845, tendo ido a *Quarata*, junto ao lago *Tsana*, escreveu à Sagrada Congregação da Propaganda Fide para lhe propor a fundação de uma missão entre os *Gallas*. Foi então que Gregório XVI, em 1846, erigiu o vicariato apostólico dos Galas, confiando-o aos capuchinhos e pondo à frente do mesmo mons. *Guilherme Massaia*, bispo de Cassaia i.p.i. Este, depois de ter visitado a Abissínia para ordenar sacerdotes indígenas e sagrar bispo e vigário apostólico de lá o santo e douto lazarista *De Jacobis*, andou vários anos pelos arredores da sua missão sem poder nela entrar. Foi o primeiro entre os europeus a visitar os *Shangalla*, alcançando *Fadassi*; até que em 1851, através de *Gojam* chegou ao principado de *Enerea* e ao reino de *Kaffa*.

6269

Este valoroso apóstolo da África Oriental trabalhou e souo incansavelmente durante mais de trinta anos em prol das nações que a Santa Sé lhe tinha confiado; e depois de ter sofrido com heróica coragem oito vezes o exílio, concluía recentemente a sua laboriosa e árdua missão, após ter implantado o estandarte da fé católica e da civilização cristã entre os povos *Gallas*.

6270

O sistema ocidental do Nilo, ou seja, do *Nilo Branco*, é muito mais importante que o anterior. A exploração desta grande bacia começa neste século com o viajante suíço *Bruckhardt*, que desde 1812 a 1814 percorreu a Núbia por conta da Sociedade Africana de Londres e morreu quando tentava alcançar o deserto da Líbia, com o fim de atingir *Fezzan*. O seu sucessor imediato foi o francês *Francisco Caillaud*, que se introduziu na Núbia Superior até aos 10º de latitude norte. Esta viagem, que teve lugar de 1819 a 1822, deu um grande impulso aos estudos da arqueologia egípcia. As explorações do Nilo Branco atingiram o auge a partir de 1821, quando *Ismail Paxá*, filho do grande fundador da dinastia reinante no Egipto, submeteu os Melek e os pequenos reis independentes da Núbia, do Sennar e do Cordofão (*Ismail* perdeu a vida em 1822, quando os seus inimigos o queimaram vivo na cidade de *Shendi*).

6271

Em Junho de 1825, o ilustre geólogo italiano G. B. *Brocchi* chegou a *Cartum*, onde morreu a 25 de Setembro de 1826, deixando um diário com abundantes notícias científicas. Em 1827, o francês *Linant de Bellefont*, que depois foi durante muitos lustros ministro de *Mehmet Ali* e dos seus sucessores, e nosso generoso benfeitor, explorou o rio *El-Ais*, a dois graus de *Cartum*. Não passou desse ponto a expedição científica dirigida pelo ilustre *José Russeger*, conselheiro ministerial austríaco, que acompanhado por *Kotschy* chegou ao reino do Cordofão em 1837 e visitou, como primeiro europeu, a região de *Takalé* e a de *Dar-Nuba*, onde nós estabelecemos há alguns anos uma missão católica. As suas viagens, realizadas entre 1835 e 1841 e descritas nas suas obras, publicadas em *Estugarda*, são um rico tesouro para a ciência e fornecem importantes dados sobre questões relativas à geologia e à mineralogia das terras percorridas.

6272

Russeger e *Kotschi* tinham sido precedidos nestas viagens ao Nilo Branco e ao Cordofão por *Rüppel*, que de 1824 a 1833 determinou aí posições astronómicas e efectuou descobertas geológicas. Estes geógrafos

foram seguidos de *Carlod Lambert*, que em 1839 traçou a rota de Cartum a El-Obeid e realizou a triangulação de todo o Cordofão central, estudando ao mesmo tempo as riquezas minerais. Com os dados destes geógrafos e com a descrição da travessia do deserto de Bayuda entre Dôngola e o Cordofão, que efectuou pela primeira vez o exército egípcio chefiado pelo Deftedar em 1822-1823 e por *Holroyd*, em 1837, *Pallme* pôde levar a cabo em 1844 a sua interessante exploração do Cordofão e publicar sobre o assunto importantíssimas e pormenorizadas notícias. Estas, por sua vez, serviram para as viagens de *De-Müller* e de *Brehm* em 1848; para a de *De-Schiefen*, que em 1853 recolheu informação pormenorizada sobre as novas rotas seguidas pelas caravanas entre Dôngola e o Cordofão através das estepes de Bayuda, e para a do conde *D'Escayrac de Lauture*, que percorreu o Cordofão até às fronteiras de Darfur e passou a Takalé.

6273

O reconhecimento do *Bahar-el-Abiad* nos territórios das tribos negras independentes devia ser realizada sob os auspícios do grande Mehmet Ali, que em 1839 ordenou uma viagem de exploração. Oficiais turcos, sob as ordens do capitão *Selim*, tendo levantado vela de Cartum a 17 de Novembro de 1839, navegaram até aos 6^o 30' de latitude norte, e no dia 26 de Março de 1840 estavam de regresso. A expedição constava de dezasseis *dahhabias*, ou veleiros do Nilo dotados de cabina, com dez canhões e vinte e sete lanchas. Nelas iam quatrocentos homens armados, entre eles os franceses *M. d'Arnaud* e *M. Thibaut*, os quais elaboraram separadamente um diário de viagem que foram logo conjuntamente publicados. Pouco depois, Mehmet Ali preparou uma segunda expedição, que, partindo a 3 de Novembro de 1840, chegou até Gondokoro, a 4^o 42' de latitude norte, e regressou a Cartum a 18 de Abril de 1841. Chefe científico da mesma foi nomeado o sr. *D'Arnaud*, que teve como companheiros *Sabatier* e o prussiano *Werne*. Fizeram grande número de observações científicas. *D'Arnaud* publicou o mapa do itinerário e *Werne* fez um relatório da viagem.

6274

De seguida fizeram-se diversas expedições pelo Nilo Branco e, pelo Oeste, até Darfur e aos Fertit. Não vou falar aqui das viagens de *Combes* e *Tamisier*, de *Tremaux*, do conde *Fernando de Lesseps*, de *Penay*, de *Johnson*, de *Taylor*, de *Gobat*, de *Lafargue*, de *Vaudy*, do dr. *Kuny*, do duque *d'Aumont* e do coronel russo *Kovalevski*, que em 1848 empreendeu uma viagem pelo Sudão, depois de ter percorrido várias vezes as imensas estepes da sua pátria. Mas direi que, após as referidas expedições científicas dos militares egípcios, *Brun-Rollet*, cônsul sardo, realizou uma série de viagens ao vasto território situado entre Cartum e os 4^o graus de latitude norte, e explorou e estudou minuciosamente as várias tribos que se encontram a oeste do Nilo Branco: os *Hassanieh*, os *Habu-Rof*, os *Scheluk*, os *Denka*, os *Yangué*, os *Nuer*, os *Kich*, os *Eliab*, os *Ghogh*, os *Arol*, os *Shir* e tantos outros povos.

6275

Após percorrer várias vezes o *Bahar-el-Ghazal*, que ele chamou o *Misselad*, e o território ocidental do Alto Nilo e de penetrar em *Banda*, deu importantes notícias dos países visitados e contribuiu para introduzir e tornar viável o comércio europeu com as diferentes tribos do Nilo Branco. O vice-cônsul britânico *Petherick* empreendeu cinco viagens de Cartum pelo Nilo Branco, nas quais percorreu o *Niam-Ait*, o *Bahar-el-Ghazal* e o *Bahar-el-Arab* e internou-se no país dos *Yur*, alcançando os 4^o de latitude norte. O cav. *Martin Hansal*, membro desde 1853 da missão católica e desde há quinze anos cônsul austro-húngaro em Cartum, deu muitas e importantes notícias científicas sobre os países situados entre o trópico e o equador, especialmente depois de ter passado uns anos na nossa missão de Gondokoro, onde estudou também a língua dos *Bari*. Em 1857 os irmãos *Poncet* (Ambrósio e Júlio) exploram o Alto Nilo até *Regaf*, internam-se no país do *Nuer* e no dos *Yur* até *Dar-Fertit*, e recolhem informações sobre os lugares que se encontram mais a sul, até *Bamburra* (Uelle). *Alexandrina Tinne*, *von Heiglin* e *Stuedner* exploram o *Niam-Aith* e grande parte do território situado a ocidente do Alto Nilo, que sobem até Gondokoro.

6276

Latif Efendi (o maltês *De Bono*) fez em 1855-1857 uma longa e fadigosa exploração pelo rio Sobat, um dos mais importantes afluentes do *Bahar-el-Abiad*. Este comerciante, como ele mesmo me contou e me confirmou quem o acompanhava, passou mais de três anos neste rio. É verdade que nenhum europeu penetrou mais que ele no Sobat; mas como o seu único fim era conseguir marfim e enriquecer com o seu comércio, não deixou escrita nenhuma informação importante, pelo que o verdadeiro curso do Sobat permanece ainda envolto em mistério. Em 1859, o rev. do P.^e *Beltrame*, P.^e *Melotto* e eu, depois de termos penetrado no ano anterior com P.^e *José Lanz* no país dos *Ghogh*, a oeste do Nilo Branco, entre os 6^o e os 7^o de lat. norte, avançámos durante oito dias Sobat acima, até onde a nossa embarcação pôde chegar e, diligentemente, traçámos o mapa daquela parte, sobre o que publicámos um relatório. Depois de nós, houve um ou outro que percorreu este misterioso rio, mas só durante algumas jornadas, e já em 1876 *Junker* explorou o curso inferior até certo ponto e traçou um mapa.

6277

Finalmente, a missão católica da África Central, erigida mediante o breve pontifício de 3 de Abril de 1846 por Gregório XVI de s. m., e instalada pela primeira vez em Cartum em Fevereiro de 1848, contribuiu poderosamente para dar a conhecer com as suas obras, estudos e explorações a geografia do sistema ocidental do Nilo. Em 1849 e 1850, o dr. *Inácio Knoblecher*, de S. Canciano, em Liubliana, chefe da missão católica, e *P.^e Ângelo Vinco*, do Instituto Mazza, de Verona, junto com outros missionários, chegaram ao ponto mais extremo alcançado pela expedição egípcia em 1841. *Vinco* foi o europeu que mais tempo permaneceu no Nilo Branco naquela latitude, estada durante a qual observou o clima, a natureza do país. Tendo-se afastado alguns dias das margens, visitou os *Beri*. Além disso, viu novas tribos, cuja língua, costumes e índole foram objecto do seu estudo.

6278

Por obra sua, estabeleceu-se a estação missionária de Gondokoro, na qual o pró-vigário Knoblecher, com grande espanto daqueles povos, fez construir segundo o estilo europeu a casa da missão, dotada de um belo jardim e de uma igreja consagrada a Nossa Senhora. Ele forneceu notícias muito importantes sobre o curso inexplorado do Nilo, sobre o dos seus afluentes e sobre os povos que vivem nas regiões equatoriais das suas procuradas nascentes. A esses povos e a essas nascentes estava ele prestes a realizar um viagem, em 1852, acompanhado de nativos, entre os quais gozava de grande estima, mas, atormentado incessantemente pelas febres, não pode levar a cabo a audaz exploração. As suas forças foram menores que o seu coração, e a religião e a ciência perderam-no irreparavelmente em 22 de Janeiro de 1853; foi ele o primeiro mártir da fé e da civilização no Nilo Branco.

6279

Maior todavia para os conhecimentos científicos e geográficos do sistema ocidental do Nilo é o contributo prestado por *mons. Knoblecher*, pró-vigário apostólico da África Central.

Ele percorreu várias vezes o grande rio desde Cartum até Gondokoro, traçou o seu curso, mediu a sua largura e profundidade, calculou a velocidade do seu caudal, descreveu os povos e as tribos que habitam as suas margens. Depois, avançou consideravelmente para sul para descobrir os mistérios dessas terras. A 16 de Janeiro de 1850 alcançou os 4^o 9' de latitude norte; e nos inícios de Junho de 1854 avançou até aos 3^o dessa mesma latitude, onde começam as cataratas, mais para lá das quais o grande rio sai da vasta bacia do *Alberto Nyanza*. Nenhum europeu antes dele tinha alcançado até então um ponto do Alto Nilo tão próximo do equador. *Mons. Knoblecher* é o primeiro iniciador da verdadeira civilização cristã na África Central.

6280

De Alexandria até Gondokoro é conhecido com o nome de *abuna Solimán* (padre Solimão), que os povos da Núbia e do Nilo Branco pronunciam com grande respeito. As suas obras de apostolado e os trabalhos dos seus missionários – entre os quais é preciso citar *Gostner, Kirchner, Überbacher, Lanz* e outros, e os missionários do Instituto Mazza, de Verona –, bem como os êxitos e os suores da missão da África Central e os estudos das línguas do Nilo Branco, especialmente sobre o *dinca* e o *bari*, estão registados nos *Anais* da Propagação da Fé, de Lião e Paris, de Viena e de Colónia, nos boletins da Sociedade Geográfica de Viena e nas obras do doutíssimo professor Mitterutzner, de Bressanone.

6281

Estes descobrimentos receberam um impulso extraordinário de outro ponto da África. Os maravilhosos acontecimentos que vou assinalar, e que aconteceram em apenas cinco lustros, revelaram os mais importantes mistérios da geografia africana.

Em 1848 e 1849 os dois viajantes alemães *Rebmann* e *Krapf* descobrem a norte de Zanzibar quase alinhadas as montanhas cobertas de neves perpétuas, nas quais crêem reconhecer as *montanhas da Lua*, de Ptolomeu, e a sede principal das nascentes do Nilo. Este descobrimento estimulou repentinamente e de forma extraordinária o interesse dos exploradores. Entreviu-se desde esse momento a possibilidade de penetrar pela parte sul no *vale do Nilo* e de chegar por este caminho à solução do grande problema.

6282

Dois oficiais ingleses do exército da Índia, os capitães *Burton* e *Speke*, recebem da Sociedade Geográfica de Londres a missão de tentar esta grande empresa. Em 1857, partem de Zanzibar, dirigem-se em linha recta para o interior e chegam a 13 de Fevereiro de 1858 às margens do lago de *Tanganica*. Esta é uma data memorável nos anais das explorações africanas. Depois de cruzarem o lago em toda a sua longitude, os dois viajantes separam-se. *Burton* é apanhado pelas febres que o deixam maltratado. *Speke* avança sozinho para o norte e toca nesta direcção a praia meridional de um segundo e extenso lago, que os indígenas chamam *Ukerewe*, mas ao qual *Speke* põe o nome da rainha da Inglaterra, convertendo-se em *Vitória Nyanza*.

6283

Convencido de que tinha encontrado desta vez a verdadeira origem do Nilo, em breve Speke organiza uma nova viagem, acompanhado do capitão *Grant*. Em 1861, os expedicionários encontram-se junto ao lago Vitória, que eles rodeiam pela parte oeste, sem se aperceberem minimamente da existência próxima de outro grande lago; e entram no país do Uganda, cujo rei, Mutesa, os acolhe jubilosamente e com grande mostras de amizade. Na margem setentrional, *Speke* e *Grant* descobrem a saída dele, que eles assinalam desde este momento como o ramal original do Nilo. Se bem que não tenham podido percorrer continuamente o seu curso, as afirmações dos dois viajantes ingleses receberam das expedições subsequentes e especialmente da do coronel americano *Long*, em 1874, e da de *Stanley*, em 1875, a mais absoluta corroboração. No seu regresso, *Speke* e *Grant* encontram em Gondokoro *Samuel Baker*, que já tinha empreendido com a sua heróica companheira, em sentido inverso, a mesma exploração. A conjugação das duas expedições anuncia evidentemente que a solução do grande problema está próxima.

6284

Proseguindo a sua marcha para sul, à custa de incríveis privações e sacrifícios, *Baker* retoma o Nilo nas cascatas de Karuma, ponto a partir do qual os dois capitães, seus antecessores, se tinham afastado e descoberto que o rio desagua num segundo e extenso lago, o *Mwutan*, ao qual dá o nome do augusto consorte da rainha da Inglaterra, convertendo-o em *Alberto Nyanza*. Era Março de 1864. Embora *Baker* não tivesse visto mais que uma pequena parte das margens deste lago, e não lhe tenha descoberto a saída, o sistema do Nilo fica, desde então, quase determinado.

6285

Estes grandes descobrimentos impulsionam e estimulam o ardor dos viajantes e dos homens da ciência, suscitando ao mesmo tempo ambiciosos planos políticos. A concentração sob o ceptro do vice-rei do Egipto de todos os territórios que formam a imensa bacia do Nilo, torna-se no grande Cairo uma ideia já definida e decretada, cuja realização passa rapidamente ao domínio dos factos consumados. Em 1870, *Sir Samuel Baker*, elevado ao grau de *Ferik Paxá*, sai do Cairo à frente de um pequeno corpo de exército, com a missão de estender até aos lagos Nyanza a autoridade do quédive, embora com o pretexto de reprimir o tráfico dos escravos. Esta expedição, que custou ao tesouro egípcio a soma de mais de vinte e seis milhões de francos, não alcançou de modo nenhum o seu objectivo.

6286

Em 1874, foi nomeado também *Ferik Paxá* um militar de origem britânica, o *coronel Gordon*, que se tinha celebrizado pela sua extraordinária coragem em mais de vinte famosas batalhas na China, onde ao serviço do celeste imperador tinha domado os rebeldes. Um homem capaz de estar à altura da sua missão. Dotado de heróica coragem e de firmeza inquebrantável como soldado, mas também de um coração generoso, com o firme propósito de evitar todo o derramamento de sangue, partiu para levar a cabo a sua empresa. Nela conseguiu brilhantes resultados, implantando a bandeira egípcia a pouca distância da residência do grande rei *Mutesa*, perto do equador e não longe do Vitória Nyanza.

6287

Com a sua coragem perseverante, *Gordon Paxá* desferiu um grande golpe na horrível chaga do tráfico de escravos. Mas *Gordon* precisava de um braço forte, alguém que com a sua mesma perspectiva executasse os seus planos e ideias. O homem mais poderoso para o ajudar na árdua tarefa era o capitão *Romulo Gessi*. Este veronês, muito versado na arte militar e dotado de invicta coragem e sangue-frio, de franzina mas férrea constituição e de uma constância a toda a prova, na guerra da Crimeia tinha seguido o exército britânico como intérprete, sendo bem conhecedor das línguas inglesa, alemã, francesa, turca, grega, arménia e outras.

6288

Gessi precisava de *Gordon*; e *Gordon* não tinha podido alcançar o êxito em empresa tão árdua sem o braço, a fidelidade e a constância de *Gessi*, que também foi elevado ao grau de paxá. Falarei noutra vez destas vitórias de *Gessi*, o domador do fero *Soleiman Ziber* e de muitos outros cruéis negreiros, negociantes de carne humana, que ele fez passar pelas armas no Bahar-el-Ghazal, desferindo assim um duro golpe no horrível tráfico de escravos no território meridional do já submetido império de Darfur. Só direi que, com *Gordon* ajudado por *Gessi*, a dominação egípcia nas vastíssimas regiões situadas entre o Sobat e o Nyanza adquiriu um carácter de estabilidade e quase de segurança; e a ambição de transportar pelo Nilo um barco a vapor para o Nyanza Alberto, por obra de *Gessi*, viu-se coroada de êxito. Depois de incríveis dificuldades, conseguiu ir por terra, com o barco dividido em peças, de Rejaf a Duffi, de onde o rio é navegável até ao *Mwutan*. Ele foi o primeiro explorador a dar a volta a pé ao lago Alberto Nyanza, cujas margens encontrou interrompidas a sul por uma aglomeração de *ambag* (*Aedemonia mirabilis*); e as notícias que ele forneceu sobre toda a extensão daquele grande lago confirmaram-nas depois aqueles que o visitaram, por ordem do Governo egípcio.

O curso do *Nilo Branco*, isto é, de todo o sistema ocidental do rei dos rios, ficou assim estabelecido de forma definitiva.

6289

Outro viajante, muito famoso pela ousadia e sorte das suas grandes empresas, é o americano *Henrique Stanley*, o qual, depois de efectuar a circum-navegação do Vitória Nyanza, que recebe dezasseis rios e mede mais de 1600 quilómetros de perímetro, passou a completar noutro ponto estes brilhantes e importantíssimos descobrimentos.

Por este lado, de facto, apresentava-se outro amplo campo de investigação. Tratava-se de traçar a ocidente a linha das alturas que constituem as demarcações da grande bacia do Nilo e reconhecer o sistema dos seus numerosos afluentes. Deste modo, além disso, seria possível encontrar-se com os viajantes que exploravam a parte central do Sudão e integrar num todo as observações feitas, partindo de partes opostas.

6290

Aqui encontramos sucessivamente: os *irmãos Poncet*, que em 1857-1860 exploram o país dos Yur e Dar-Fertit e recolhem importantes informações sobre as regiões situadas mais a sul até ao rio Uelle; *De Malzac* e *Vayssière*, que igualmente em 1857-1860 percorrem Mareb, o Nam-Aith, os territórios dos Ghoth, dos Arol e dos Yur e grande parte do Oeste do Alto Nilo, até ao país dos Runga (eu visitei em 1859 estes dois viajantes nas suas estações comerciais nas terras dos Kich, e *De Malzac* disse-me que entre os Runga e outras tribos do interior viu *centenas e milhares de cabeças humanas* de inimigos penduradas nas árvores do caminho por onde passava e que tal era o costume dos vencedores); *Antinori*, *Miani*, e *Carlos Piaggia*, que em 1860 percorrem as margens do Bahar-el-Ghazal e o território dos Yur, e Piaggia só alcança o dos Fertit, *Penay* e *De Bono*, que visitam alguns destes países da parte do Nilo Branco em 1861 (*Penay* morre aí no mesmo ano); o côsul britânico *Petherick*, que nas suas repetidas explorações e viagens comerciais, entre 1848 e 1863, avançando para sul até ao país dos Niam-Niam, onde o nosso *Carlos Piaggia* permanece dois anos, de 1863 a 1865.

6291

Dois alemães, *Teodoro Heuglin* e o botânico *Steudner* (o qual morreu no decurso das suas explorações), chegam para lá do *Bahar-el-Ghazal* e do território dos Yur, visitando as tribos negras de *Dar-Fertit*; e *Leiean*, que do Cordofão alcança o *Bahar-el-Arab*, e é o primeiro europeu a traçar o curso do Nam-Aith, afluente do Nilo Branco. Todas estas expedições preparam a grande, notável viagem do *dr. Schweinfurth* que, partido de Cartum em 1869, chega até aos 3^o 35' de latitude norte, atravessando o país do Niam-Niam e o dos Mombutu. Descreve minuciosamente estes povos até então desconhecidos, toca, de facto, a linha de resto pouco marcada, que separa a bacia do Nilo do lago Chade, e descobre na vertente ocidental um rio ainda misterioso, que ele chama *Uelle*. Chegado a este ponto, ainda não tinha enfraquecido o ânimo do audaz viajante, mas a falta de recursos pecuniários obrigou-o a retroceder. Caso dispusesse de mais recursos, teria certamente convencido a sua gente de escolta para penetrar até ao coração do Sudão, pois a sua intenção era juntar-se com o *dr. Nachtigal* em Bornu ou noutros reinos centrais.

6292

O corajoso veneziano *Miani*, que em viagens anteriores se tinha aproximado muito do equador, em 1859, aceitando do ex.mo *Jafar Paxá*, governador do Sudão egípcio, um ordenado mensal de mil piastras egípcias (260 francos) como viajante científico, juntou-se a uma expedição comercial do senhor *Gattasc*, homem de negócios copta e saiu de Cartum navegando pelo Nilo Branco até *Abukuka*. Desembarcou na terra dos *Kich* e pela dos *Ghogh*, dos *Arol* e dos *Yur* chegou a Bakangoi, junto ao rio *Uelle*; e alquebrado pelas privações, as fadigas e, ainda mais, pelos vexames da sua escolta, morreu no país dos Mombutu, deixando a herança de uma pequena colecção de objectos etnográficos, e dois jovens Akka, para que fossem enviados ao rei Vítor Emanuel II. Destes dois jovens encarregou-se a nobre família Miniscalchi, que com paternal solicitude os instruiu na religião católica e os recomendou ao excelente maestro Scarabello, de Verona, para o ensino elementar. Por seu lado, em 1875, o senhor *Marmo* efectuou um reconhecimento da margem esquerda do Nilo Branco, em direcção às terras que *Schweinfurth* tinha visitado seguindo uma outra rota; e explorou, em companhia do coronel americano *E. Long* o território dos Makraka, que um ano mais tarde foi percorrido por *Junker*.

6293

Os senhores *Kemp*, *Chippendall*, *Watson*, *Linant de Bellefond* e *Long*, com os outros membros da expedição mandada por *Gordon Paxá*, traçaram o verdadeiro Nilo até ao Nyanza Vitória, de Cartum a Rejaf, Makedo, Dufli, Magungo, Shoa-Moru, Foweira e M'ruli. *Long*, explorado o país dos Makraka, vai a Rubaga, onde reside o rei Mutesa. Parte daí e descobre o lago *Kabeki* (ou *Ibrahim*), que depois foi explorado por *Carlos Piaggia*; e *Linant de Bellefond* levantou o mapa da rota que ele tinha seguido até à capital do rei Mutesa. O sábio e esforçado *Emin Bei* (o dr. *Schnitzler*) explorou diligentemente em 1876-1877 os reinos de Unyoro e Uganda e ofereceu dados interessantíssimos sobre a flora da África Central, desde o Sobat ao equador.

6294

Aqui deveria referir-me às rotas que das costas orientais da África os exploradores seguiram até ao interior deste imenso continente. *Smee*, em 1911, reconhece o curso inferior do Juba; *Krapf, Rebmann e Erhard* exploram, de 1843 a 1855, o país que se estende ao pé do maciço do Quénia e do Kilimanjaro pela parte do sudeste. Em 1845, *Maizan*, a partir de Bagamoyo, foi o primeiro a penetrar em Uzaramo, onde o mataram. *Rebman* explora em 1846 o litoral entre Mombaça e Malindi. *Guillain*, em 1846-1848, navega ao largo das costas de Zanguebar e do país dos Tuhaeli, realizando interessantes trabalhos hidrográficos. Em 1861 *Rigby* percorre Juba até Berdera, onde é assassinado com muitos dos seus companheiros. Em 1865-1875, *Wakefield* e *New* fazem viagens pela costa oriental e recolhem dados certos sobre caminhos para chegar aos grandes lagos. O P.^e *Horner* avança em 1870 de Bagamoyo até Kinolé, a capital de Ukami.

6295

Em 1871 *Brenner* explora o país dos Ilmorna, entre o curso inferior do Dana e do Juba; enquanto *Wakefield* continua a sua exploração da costa oriental e *New* empreende duas viagens ao Kilimanjaro. Em 1876, *Hildebrant* vai de Mombaça a Kitui; e no mesmo ano *Correrit* e *Price* reconhecem a orla de Kilimane e o caminho de Sa'Adani a M'pwapwa. Em 1876-1878 tem lugar a grande expedição anglicana da sociedade de missionários de Londres, chamada *Church Missionary Society*, que, dotada de grandes meios materiais e de abundante dinheiro e, munida de uma carta autografada da rainha Vitória dirigida ao rei Mutesa do Uganda, segundo li num jornal francês, se dirige, a partir da costa de Zanguebar, para os grandes lagos equatoriais, para aí estabelecer missões anglicanas. São cerca de 20 missionários ingleses, entre os quais se destacam o dr. *Wilson* e os senhores *Shergold, Smith, Mackay, Hartnell, Clark, O'Neil* e *Robertson*, os quais, explorados Wami e Kingami, partem, por Bagamoyo, para o Nyanza, cuja grande bacia atravessam de sul a norte.

6296

Fora estes, outros três membros da mesma sociedade, o dr. *Felkin* e os senhores *Pearson* e *Lichtfield*, seguindo a rota de Berber (onde se alojaram na nossa casa da missão) e Cartum, em 1878, dirigem-se pelo Nilo Branco aos Nyanza. Contudo, vários dos missionários anglicanos morreram: uns de febre; e *Smith* e *O'Neil*, juntamente com cem homens de escolta, foram massacrados numa ilha do lago Vitória. O dr. *Wilson* com alguns companheiros permaneceu algum tempo em Rubaga, a capital do rei Mutesa; mas em 1879 viram-se obrigados a abandonar o seu campo de acção e regressaram pela via do Nilo para Inglaterra.

6297

Contudo, o zelo apostólico que adquire a sua força do alto dos Céus e ao pé da cruz não perde força pelas dificuldades e pelas desgraças. Esse campo sublime, ainda que semeado de tantos espinhos, devia ser ocupado por uma falange de verdadeiros apóstolos, que receberam de Deus a legítima missão de o cultivar. A íncлита congregação dos missionários de Argel, fundada pelo eminente arcebispo mons. Carlos Marcial Allemand Lavigerie, com o fim de evangelizar as regiões ainda infieis da Argélia e o deserto do Sara, acorreu, com a bênção do Vigário de Cristo, a pregar a fé aos povos da África Equatorial. Duas expedições de quase 30 pregoeiros do Evangelho reuniram-se em Zanzibar em 1878-1879 e, por diversos caminhos, avançaram, e parte deles estabeleceu-se no lago Tanganica, outra parte no Vitória Nyanza, onde o rei Mutesa lhes dispensou cortês acolhimento, o qual até ao momento os cumula de facilidades e da mais alta protecção.

6298

Entretanto, está-se a abrir às investigações científicas sobre a África um campo vastíssimo e totalmente novo. É o próprio centro da África Equatorial que estimula e aviva não menos a curiosidade e a coragem dos viajantes que o zelo apostólico dos missionários.

Estas vastas regiões desconhecidas do planalto central, cujo limite setentrional as expedições do Sudão e do vale do Nilo fizeram deslocar recentemente entre os 2^o e os 10^o de latitude norte, não raramente foram exploradas à volta das suas altas fronteiras. Em épocas bastantes remotas, as expedições portuguesas tiveram nestes lugares uma importância a que, em geral, não se dá o merecido reconhecimento. Os grandes Estados de *Kazembe* e de *Muata-Yanio*, que somente hoje começam a sair da obscuridade, foram explorados e percorridos durante a primeira metade deste século por toda uma série de viajantes portugueses e de outras nações, que, a partir da costa ocidental, alcançaram o limite oriental do imenso planalto.

6299

Em 1793-1801, o médico português *De Lacerda e Almeida*, partindo de Senna, alcança o Zambeze e chega a Lusenda, capital de *Kazembe*, a leste do lago Moreo. A ciência é devedora a *De Lacerda* das primeiras determinações astronómicas dessa parte da África. Em 1806-1815, os irmãos *Pombeiro* cruzam a parte meridional do continente africano, de Luanda, na costa ocidental, a Sofala na oriental, passando pela capital de *Kazembe*. *Owen* realiza em 1826 trabalhos hidrográficos no baixo Zambeze. *Monteiro e Gamito* em 1831-1835 sobem o Zambeze e chegam até ao império de Ulunda. Em 1843-1846, *Graça* vai de Baguela até às proximidades do lago Moero. Em 1841 *Livingstone, Oswell* e *Murray* exploram os territórios situados a oeste da República do Transval, atingem Seckek, junto do Zambeze, e em 1848 descobrem o lago Ngami.

6300

Gulton, em 1850-1851, alcança os confins do deserto do Calaári chega ao país de Damara e estabelece as suas posições astronómicas. Em 1851-1853, *Anderson* cruza o país de Nama-Kwa, chegando até ao curso inferior do Kumené.

Ladislau Anerigo Magyar, cujo casamento com uma princesa indígena de Bié lhe presta e imprime, entre os seus émulos, um carácter singular, explorou uma grande parte do oeste da região de *Urua*, e chegou a Yah Quilem nos arredores de Kasal. Este grande viajante húngaro percorreu entre 1847 e 1857 o centro da África Austral, desde o oceano Atlântico ao Índico, entre os 4^o e os 22^o de latitude sul, e explorou vinte e seis rios e muitos países que não se conheciam nem sequer de nome; e, depois de ter percorrido Angola em 1860, morre em 1864 em Kuya, na região de Benguela.

Em 1853-1858, *Silva Porto* atravessa a África desde Benguela a Cabo Delgado. *Green* e *Wahiberg* exploram em 1856 o lago de Ngami, o seu tributário rio Tiogué e os países mais a oeste.

6301

Em 1860, *Roscher* viaja de Kondutshi a Kilwa, de Kilwa e Mesulé a Nusewa, no lago Niassa, e, finalmente, de Nusewa a Kisunguni. Em 1860-1864, *Von der Decken*, *Thornton* e *Kersten* exploram a costa oriental entre Malindi e o rio Rovuma, o caminho de Kilwa a Mesulé, o Zambeze até à confluência com o Kafué e o monte Kilimanjaro, cuja triangulação *Thornton* efectua. Em 1873-1875, *Güssfeldt*, *Bastian* e *Pechnel Lösche* reconhecem, na região equatorial, o litoral do oceano Atlântico entre o Zaire e o Kuilu. Em 1876 *Yung* navega pelo lago Niassa, e constata que a bacia do mesmo se estende até aos 9^o de latitude sul. Finalmente, nestas explorações participam muito activamente os senhores *Von Homeyer*, *Pogge* e *Lux*, membros da expedição germânica para a exploração da África Ocidental. *Von Homeyer* toca Kassangi; *Pogge* e *Lux* seguem para a frente até Kimbundu e, finalmente, *Lux* avança sozinho até Lujumba, a capital de Muata-Yanvo.

6302

Na costa ocidental da África, o capitão inglês *Tuckey* sobe, em 1816, o rio Congo, sem conseguir ultrapassar as cataratas de Yellala e sucumbe à influência pernicioso do clima. Junto com *Smith* explora e reconhece o curso inferior deste grande rio até às mencionadas cataratas. No fundo da baía do Biafra, *Burton* e *Mann* efectuam em 1860 a subida do gigantesco pico *Mongo-Ma-Loba Camerum*, visitam o país dos Fan e sobem o Congo até às cataratas de Yellala. *Du Chaillu*, em 1856 e em 1864, explora sucessivamente a foz do Gabão, do Muni e do Ogué, e avança, a sul deste rio, mais de duzentos quilómetros para o interior do continente.

6303

Em 1859, *Braouézec* reconhece os rios que desaguam no estuário do Gabão. *Serval*, *Griffon du Bellay*, *Reade*, *Abigot* e *Genoyer* e *Aymes* exploram o curso inferior do *Ogowai* (Ogué) e os dois primeiros, além disso, os territórios dos arredores e o rio Rhemboé. Depois destes, o inglês *Walker* e os grandes viajantes franceses *Marche* e o *marquês de Compiègne* continuam a exploração do *Ogué* até ao lugar da sua confluência com o Ivindo. *Walker*, numa segunda viagem, explora o *Ogawai* e o território vizinho até Lopé, cuja posição astronómica determina. Estes últimos chegam em 1874 mais além das cataratas de Boué, o ponto extremo alcançado até àquele ano pelos europeus. Em 1875, *Lenz*, membro da expedição germânica mencionada, sobe o Muni e o Ogué até à confluência com o Shebe.

6304

O conde *Pedro Sarvognan de Brazzá*, patricio romano ao serviço da marinha francesa, e o dr. *Ballay* e *Marche*, em 1875-1877, exploram o Ogué, traçando um mapa do seu percurso de Lupé até à confluência com o Bambi. Mas o conde *Brazzá*, acompanhado de *Ballay* e de *Arche*, em 1877-1878, chega mais ao interior que os que o haviam precedido, à custa de muitas privações e sacrifícios, numa difícilíssima viagem fez jorrar muita luz e deu importantes notícias sobre a geografia da África e que mereceu a medalha de ouro da Sociedade Geográfica Italiana.

6305

Da África Austral partem outras expedições interessantíssimas. Em 1803-1806, o dr. *Lichtenstein* percorre a colónia do cabo de Boa Esperança até aos limites setentrionais. Em 1814, *Barrow* explora o interior da mesma. Em 1818, partindo do Cabo, o Dr. *Kowan* alcança o rio Limpopo. *Burchell* e *Thomson* atravessam o Cabo em todas as direcções e exploram o Norte. *Phillip* reconhece algumas partes do Cabo e, em 1820, chega até Natal. *Hallbeck* explora em 1827 as margens e curso do Nu-Garlep ou rio Orange. Em 1828 *Cowie* e *Green* viajam para norte do Cabo para atravessar o Estado Livre de Orange e alcançar a baía de Lagoa. Em 1837, *Alexander*, a partir da cidade do Cabo, passando pelo Oeste, percorre o país dos grandes Nama-Kwa e toca a baía da *Baleia*; e *Harris*, no mesmo ano, visita o Estado Livre de Orange e a República do Transval. Em 1841-1844, *Wahlberg* explora o Norte do Cabo, entre Natal e o Limpopo, e chega à baía da *Baleia* e ao lago Ngami. *Owselle* e *Murray* exploram os territórios a Ocidente da República do Transval em 1841-1844 e

chegam até Schek no Zambeze. *Gordon Camming* percorre em todos os sentidos os territórios do Transval; e *Macabe* e *Mahar* exploram em 1852 os países do Ba-Rolong e visitam as margens setentrionais do Ngami.

6306

Em 1854, *Moffat* e *Edwards* exploram a parte norte da colónia do Cabo. *Chapman*, no mesmo ano, percorre em todos os sentidos o vale do rio Zuga, na bacia do grande lago salgado, a noroeste do Transval. *Hahn* e *Rath* exploram em 1857 o país dos grandes Nama-Kwa. Em 1861-1863, *Baines* e *Chapman*, saindo da baía da Baleia, ao norte da colónia do Cabo, tocam a borda oriental do deserto de Calaári e continuam até ao lago Ngami e às cataratas do Zambeze. São importantes os trabalhos de *Moffat* sobre a região do Cabo. O zoólogo alemão *Fritsch* passa três anos, de 1864 a 1866, na República de *Orange*, e entre os *Bechuana* e reúne nas suas explorações científicas os elementos do seu sábio trabalho sobre os povos da África Meridional. Em 1869, *Ed. Mohr* empreende a sua viagem à grande catarata do Zambeze. Ao mesmo tempo *Ch. Mauch* percorre o *Transval* e o reino de *Mosilikatsé*; chega à zona aurífera de *Tati*, percorre e examina em 1872 toda a região do sudeste e descobre a 20^o de latitude sul as importantes ruínas *Zimbabe*.

6307

Nos anos de 1864-1875, *Raines* põe todo o cuidado, em diversas viagens, para conhecer bem o Transval, os reinos de *Matien* e de *Sekelletu* e os territórios situados a norte do deserto de Calaári. *Hahn* percorre o país de *Damara* e *Krönlein* uma parte do dos Nama-Kwa. Em 1868, *Erskine* viaja pelo país dos *Amazulu*, na República do Transval, e pelo reino de *Ünzila* e segue o curso do Limpopo até à sua foz, determinando as posições astronómicas. O *dr. Griesbach*, em 1870, percorre as colónias do Cabo e do Natal e o país dos *Amazulu*, cujas posições astronómicas determina e obtém importantes conhecimentos geológicos. *Bullo*, *Hübner* e *Elton* exploram no mesmo ano, em diversas direcções, o Estado Livre de *Orange* e a República de Transval. *Erskine*, em 1872, empreende a segunda viagem ao Transval e ao país dos *Zulus* e percorre o curso inferior do rio Limpopo. Em 1874-1878, o *dr. Holub* viaja pela parte ocidental da República do Transval, explora o reino de *Matabelé*, o grande lago salgado nos confins setentrionais do deserto do Calaári e chega até *Sechek* junto ao Zambeze. Finalmente, a recente expedição militar inglesa contra os *Zulus*, o *Amazulu*, contribuiu poderosamente para que se reconhecessem dados abundantes e exactos sobre uma parte dos países que constituem a África Austral.

6308

Mas um viajante ilustre sobressai de entre todos os exploradores que o precederam, entre os seus contemporâneos e entre os que lhe sucederam até agora no grande campo das investigações e viagens por terras africanas: trata-se de *David Livingstone*, que ocupa brilhantemente um lugar muito especial na história dos descobrimentos da África. Durante mais de trinta anos, este homem admirável, com um ardor infatigável e com extraordinária energia exercitou aí o mais esplêndido e sublime apostolado da ciência. Percorreu, *ele sozinho*, de sul a norte e de oeste a este metade do continente africano, convertido, de certo modo, na sua segunda pátria.

6309

As viagens de investigação de *Livingstone* começam em 1840 na missão anglicana de *Kuruman*, entre os povos *Bechuana*. Nesses percursos, chega em 1845 às margens do lago *Ngami*, o primeiro dos mares interiores descobertos na África. As suas explorações estendem-se nessa época aos territórios situados a norte do cabo de Boa Esperança, onde se fundaria mais tarde a República do *Transval* e a *Sechek*, junto ao Zambeze. De 1853 a 1856, *Livingstone* efectua a primeira das suas grandes viagens. Sobe pelo Norte até ao curso superior do Zambeze, onde descobre a *magnífica cascata*, mais importante ainda que este rio, e, internando-se em direcção a oeste, chega até *Luanda*, na costa do oceano Atlântico. Deste ponto, volta atrás, atravessa a África em toda a sua profundidade e vai parar a *Quelimane*, no oceano Índico, descobrindo o lago *Didolo* e as nascentes do *Liba*.

6310

De 1858 a 1861, efectua uma série de viagens, que lhe permitem realizar a demarcação da bacia do Zambeze. Explora o curso inferior deste, sobe através de uma série de cataratas o afluente de *Shiré* e comprova que este rio não é mais que o canal de descarga de um imenso depósito que é o lago *Niassa*. Com o seu companheiro de viagem, o senhor *Kirk*, descobre além disso o lago *Shirwa*, que explora em toda a sua extensão.

6311

Após um breve parêntesis em que volta a Inglaterra, *Livingstone* empreende em 1866 a sua terceira e última expedição. Sai da baía de *Mikindami* pela foz do *Rovuma*, rodeia o lago *Niassa* pelo sul, explora os países de *Mazitu*, vai à região de *Loangwa*, ao monte *Urungu* e, por *Itawa*, penetra nas terras totalmente desconhecidas que se estendem a oeste do *Niassa*. Depois, explora *Ulunda* e visita a capital do *Kazembé* e as ilhas *Mpabala* do lago *Banguelo*. Junto com este encontra outros lagos, como o *Moero* e o *Kolomondo*, formando uma série de depósitos que alimentam um importante curso de água, o *Lualaba* ou *Luapula*, que

Livingstone acredita erroneamente que é um braço originário do Nilo, mas que os últimos descobrimentos definiram como pertencente ao sistema do rio *Congo*. Em 1869 chega ao lago Tanganica, que atravessa em parte; depois, continua a viagem até ao Oeste e atinge o Nyangwé, limite setentrional das suas explorações.

6312

Esgotadas as suas forças e doente, regressa a Ugigi, onde no Outono de 1871 encontra *Henrique Stanley*. Este tinha sido enviado a procurá-lo, já que na Europa repetidamente tinha corrido o boato de que tinha morrido. Enquanto *Stanley* volta a Zanzibar, *Livingstone*, recuperado da sua doença e munido de novos recursos, percorre a margem oriental do lago Tanganica, interna-se de novo no centro, alcança outra vez, por Ufipa, o lago Moero e completa em diferentes pontos as suas investigações. Mas, em breve, a febre contraída nessas terras pantanosas, sob chuvas torrenciais, apodera-se dele novamente para não mais o deixar. No começo de 1873 passou pelo lago Bangueolo e passou à parte meridional de Chitambo, onde teve que parar. Aí morreu na noite de 1 de Maio, num refúgio que, com ervas, os seus acompanhantes tinham improvisado. Nele foi encontrado pela manhã, ajoelhado ao pé da sua cama. A história das ciências geográficas contém poucas páginas mais comovedoras e de um carácter mais sublime que o simples relato desta morte solitária e silenciosa de um grande homem, mártir de uma grande causa.

6313

Nesse mesmo ano, duas expedições partiram de Inglaterra seguindo as suas pisadas. Uma, sob o comando de *Grandy*, tenente da marinha britânica, tomou as margens do *Congo* como base de operações; mas não obteve nenhum resultado. A segunda, comandada igualmente por um oficial da marinha, o tenente *Cameron*, então de vinte e oito anos de idade, alcançou resultados de grande importância. Guiado pelos conselhos de uma personalidade eminente, *Sir Bartley Frère*, que tinha estado muitos anos na Índia e que era enviado extraordinário da rainha da Inglaterra a Zanzibar, presidente da Sociedade Geográfica de Londres e igualmente presidente da Comissão Inglesa do Cabo de Boa Esperança para a abolição da escravatura; guiado, dizia, pelos conselhos deste homem superior, *Cameron* partiu de Zanzibar em fins de 1873. A meio caminho do lago Tanganica, em *Kaseh*, encontrou os ajudantes de *Livingstone*, que transportavam os restos mortais do seu amo. Depois de tomar todas as medidas para assegurar a trasladação desses restos mortais (que seriam depositados mais tarde no magnífico templo de Westminster, em Londres), bem como a conservação dos mapas e valiosos manuscritos do ilustre viajante, *Cameron* prosseguiu resolutamente a sua exploração.

6314

A 2 de Fevereiro chega ao lago Tanganica, que sulca em toda a sua extensão, e de que levanta o mapa exacto. No curso dos seus trabalhos encontra o emissário do lago, o rio *Lukuga*, que vira para oeste e se une ao *Lualaba*. Tal descobrimento levou *Cameron* a decidir-se a descer este rio e a continuar assim a obra de *Livingstone*. Chega até Nyangwe, mas nesse ponto a hostilidade de um chefe indígena obriga-o a desviar o seu caminho para sudoeste. Nesta direcção explora a parte oriental do Urua (os lagos Nassali e Mohryal), atravessa as bacias do Kassai, do Kuongoy e do Zambeze e a povoadíssima região de Bulunda e após terminar e traçar o sistema de afluentes da margem esquerda do Congo, em Novembro de 1875, chega ao oceano Atlântico, nas proximidades de *Benguela*. Esta memorável expedição, que enriqueceu a ciência com 85 demarcações ou determinações astronómicas de posição e com 3718 medições de altitude, era digna de *Livingstone*, cuja recordação tinha levado a empreendê-la. Tão brilhante êxito foi acolhido na Inglaterra e em toda a Europa com um legítimo sentimento de admiração.

6315

Há ainda outro nome que sobressai no campo dos descobrimentos da África. Trata-se de *Henrique Stanley*, um dos viajantes correspondentes do *New York Herald*, que em 1871 soube encontrar *Livingstone*, que todo o mundo julgava perdido. De 1874 a 1877 realizou um verdadeiro milagre, ao atravessar a África Equatorial de leste a oeste, seguindo um itinerário novo e visitando países absolutamente desconhecidos dos Europeus e, em parte, dos Árabes; e foi o primeiro a traçar, tendo-o visto, todo o curso do *Lualaba ou Congo* uma das maiores artérias fluviais do mundo, que vai desde o lago Tanganica até ao oceano Atlântico e que ele baptizou com o nome de *Livingstone*. E isto fê-lo no meio de tais dificuldades que só com a ajuda do poder divino pôde superá-las. Todos os dias a fadiga, a fome, as doenças, as flechas envenenadas ou as balas dos africanos faziam baixas nas filas da gente que o acompanhava. Os canibais perseguiam encarniçadamente a expedição, incitando-se mutuamente para o apetitoso e muito especial banquete.

6316

Três jovens ingleses, os irmãos *Eduardo e Francisco Pocock e Frederico Barker*, que ele tinha trazido consigo, pereceram um a seguir ao outro. Unicamente *Stanley* resiste perante todas as provas e só ele é suficiente para a gigantesca, sublime, oprimente tarefa que se tinha imposto. Enquanto todos os outros exploradores que o tinham precedido, entre eles o heróico *Livingstone*, viram malogar-se os seus intentos, ele teve a coragem de conduzir a bom termo semelhante empresa. O caminho por onde avança vai ficando semeado de cadáveres. Que importa? Ele continua impávido, com tenacidade indomável, até chegar à meta; e isto apesar

de, quase ao alcançá-la, estarem ele e os seus quase a morrer de inanição. Por isso, o realizador desta hercúlea façanha é um homem que fica para a história.

6317

Esta memorável expedição é chamada *anglo-americana*, porque a sua organização e o seu financiamento estiveram a cargo do jornal inglês *Daily Telegraph* e do americano *New York Herald*. As instruções dadas ao grande explorador americano eram que completasse os descobrimentos de *Speke* e de *Grant*, que circumnavegasse o *Vitória Nyanza* e o *Tanganica* e que, igualmente, completasse os descobrimentos de *Livingstone*.

Partido de Londres com os três jovens antes mencionados, recolheu em Zanzibar o seu grupo de escolta, composto por 315 homens, entre eles alguns valentes que o tinham acompanhado a *Ugigi* na sua primeira viagem à procura de *Livingstone*. Deixando Bagamoyo a 17 de Novembro de 1874 foi acampar a Shamba Gonera; e por Mpuapa, região de Usagaru, apartando-se do caminho de Unyamyembé seguido pelas caravanas, avançou para norte entre as solidões de Mgunda Mkali e Ugogo, onde chegou a 31 de Dezembro.

6318

Em Mukalala, na região do Ikimbu, os guias desertaram. Ele, pela rota de Uveriveri chegou a Suna, onde encontrou um país bem cultivado, com uma população de surpreendente beleza; e, prosseguindo até Tchuyu, a 400 milhas de Bagamoyo, segundo as indicações do pedómetro, chegou a Mangara. Depois, tendo parado em Vinyata, na margem do Licumbu e, após travar e vencer uma feroz batalha com os Uatuuru, foi acampar com o grupo expedicionário a Mgongo Tombo, em Iramba, e verificou que em menos de três meses tinha perdido 120 homens e *Eduardo Pocock*. Daí, rodeando pelo ocidente o país dos Massai, chegou em 27 de Fevereiro de 1875 a Kagueyi, distrito de Uclamby, em Usukuma, junto ao *Vitória Nyanza*.

6319

Reunidas e montadas as peças do seu barco, o *Lady Alice*, construído em Londres, lançou-o à água. Com onze marinheiros e um guia, navegando para leste por um estreito que separa as ilhas de Uruma das de Bugayeya, alcançou a ilha de Kriva; e, depois de uma breve paragem na ilha de Kibiki, por Ukafu foi a Beyal, na baía de Murchison. Aí desembarcou a 4 de Abril no meio de uma multidão de duas mil pessoas e foi recebido solenemente em Usavara por Mutesa, rei do Uganda, por Ksaragvé, Usugo e Usumi. É este um personagem inteligente, valoroso e temido, cujos vastos domínios se estendem desde os 31^o aos 34^o de longitude este, e desde o 1^o de latitude norte até 3^o e 30' de latitude sul, com cerca de dois milhões de habitantes. Ele antes era idólatra, mas um rico e poderoso muçulmano, *Khamis Ben Abdullah*, em 1871, converteu-o ao Islamismo com toda a sua corte.

6320

Em Uragara ou Ulagala, então capital e residência de Mutesa (hoje é Rubaga), *Stanley* saudou o coronel francês *Linant de Bellefond*, que era filho do célebre ministro de Mehmet Ali e fundador da actual dinastia egípcia e que tinha sido enviado por *Gordon Paxá* ao monarca africano, com o pretexto de acordar entre ele e o Governo egípcio um tratado de comércio. Poucos meses depois, *Linant de Bellefond* morria assassinado.

6321

Aqui passo em silêncio a exploração que *Stanley* efectuou a todo o Alberto Nyanza, e as suas perigosas aventuras neste mar interior, a respeito do qual pôde constatar que se tratava de um único grande lago, como defendia *Speke*, e não um conjunto de lagos, como pensava *Livingstone*. Não falo dos obstáculos e dificuldades que teve que ultrapassar, nem do castigo que ele infligiu aos indígenas de Bambireh e os resultados do mesmo. Não descrevo as cadeias de montanhas da África Equatorial que ele avistou; nem a raça dos africanos de pernas longas que habitam as terras situadas a oeste do Uganda, de Karagvé e de Uli, que se mostram inimigos mortais dos estrangeiros; nem da raça branca de Gambaragara, a rainha das montanhas, que tem uma altura de treze a quinze mil pés sobre o nível do mar; nem das águas que brotam quentes em Mtagata, nem dos seus outros muito importantes descobrimentos geográficos. Tocarei de leve pela sua marcha em direcção ao Alberto Nyanza e a sua portentosa peregrinação através do continente negro até ao oceano Atlântico.

6322

Realizada a exploração do *Vitória Nyanza*, *Stanley* partiu com 2280 homens guiados pelo general Sambuzi, que o rei Mutesa tinha posto à sua disposição para penetrar no país de Unyoro, governado pelo rei Kabba Rega, ao qual se tinha oposto em vão *Baker Paxá*, contra quem *Gordon Paxá* lutava ainda. O plano de *Stanley* consistia em chegar às margens do Alberto Nyanza e, lançando à água o seu barco, o *Lady Alice*, e as barcas em que deviam ir a maior parte dos seus acompanhantes, realizar a exploração de todo o lago e penetrar na região que se estende a Oeste, com intenção de alcançar *Nyangvé* e, depois, cumprir o seu ulterior itinerário.

6323

De facto, em Janeiro de 1876 chegou ao Alberto Nyanza, cuja latitude, longitude e altitude averiguou e fez os preparativos necessários para o atravessar. Mas não lhe foi possível, porque se dirigiu contra ele uma força tão poderosa, enviada pelo rei de Unyoro, Kabba Rega, inimigo fidalgo do rei do Uganda, Mutesa, que Stanley teve de se retirar precipitadamente. Regressado ao Uganda, recusou um exército de *noventa mil homens*, cinquenta mil deles mandados pelo general *Sekibobo*, e quarenta mil por *Mquenda*, que o rei lhe tinha oferecido para o escoltar de novo ao lago Alberto; e partiu com a gente da sua expedição para sul, seguindo uma rota paralela à de *Speke*, mas mais a oeste e chegou a Karagvé. Empregou um mês na exploração daquela grande bacia, que ele baptizou com o nome de Alexandra Nyanza, em honra da esposa do príncipe de Gales, futuro rei da Inglaterra; e avançou para sudoeste para subir o rio até ao seu nascimento. Mas a fome forçou-o a abandonar o prodígio de penetrar no território meridional do Muta n'Zige ou Alberto Nyanza, a norte do lago Tanganica e avançou para Ugigi.

6324

Aí soube que *Cameron* tinha abandonado o Lualaba. Em todo o caso, ele percorreu com o *Lady Alice* o Tanganica e, desembarcando em Ukangara, pelo caminho de Ugutha, chegou a Kambarré, onde seguindo o Luama até à sua confluência com o Lualaba, chegou por este rio até Nyangvé a quarenta dias de deixar o Tanganica. Era sua intenção penetrar nas regiões do Norte até ao país dos Mombutu e, depois, atravessar a África ao longo da cadeia de montanhas que separa a bacia do Níger da do Congo. Mas em Mayema viu os árabes que tinham escoltado o seu predecessor a Utotera, país do rei *Kasongo*, dos quais teve provas certas de que *Cameron* se tinha dirigido para sul na companhia de comerciantes portugueses. Foi então que decidiu resolutamente tentar a grande empresa de atravessar o continente negro seguindo o curso do Lualaba até às costas do oceano Atlântico.

6325

Com a escolta de 500 homens, partiu *Stanley* de Nyangvé a cinco de Novembro de 1876 e, viajando por terra, atravessou Uzimba e Uregga. Não podendo continuar a sua marcha devido à espessa vegetação, e porque as selvas estavam infestadas de gente muito cruel e de animais ferozes, cruzou o Lualaba e continuou a avançar pela margem esquerda através do Noroeste de Usuku. Os indígenas opunham-se à sua passagem, acoçando-o dia e noite; e com as suas flechas envenenadas, que são sempre mortais, feriram e mataram a muitos da expedição. Foi uma luta desesperada nesta região de canibais. Stanley tratava de apaziguá-los com suavidade e com prendas; mas eles recusavam-nas e tomavam a sua atitude paciente como uma prova de cobardia. Para tornar a sua situação mais difícil, uma escolta de 140 homens recrutados em Nyangvé, no Mayema, negou-se a seguir em frente.

6326

Em tal conjuntura, os indígenas fizeram um grande esforço para o esmagar por completo. Ele defendeu-se heroicamente, mas, para escapar a uma morte certa, não lhe restava senão refugiar-se nas suas embarcações ou voltar para trás e abandonar a empresa. Ainda que na água tivesse indiscutível vantagem sobre aqueles bárbaros, cada jornada de caminho não foi senão a repetição da precedente. Continuou uma luta desesperada ao longo do rio, até que à força de armas e de remos chegou a uma série de cinco grandes cataratas, não muito distantes entre si, situadas a norte e a sul do equador. Para as passar, foi necessário abrir caminho através de treze milhas de espessas florestas, arrastando com a sua gente as dezoito canoas e o barco de exploração *Lady Alice*, e trocando amiúde o machado pelo fuzil quando eram atacados.

6327

Passadas essas cataratas, ele e os seus descansaram vários dias para restaurarem as forças perdidas. A 20 de latitude norte, o grande Lualaba abandona a direcção setentrional que seguiu até então, para virar para noroeste, depois para oeste e depois para sudoeste. É um grande rio de duas a dez milhas de largura, com grande quantidade de ilhas. Para evitar as contínuas lutas com tantas tribos de ferozes canibais, que lhe esgotavam as forças, viu-se obrigado a avançar remando entre ilha e ilha, até que, desesperado pela fome, tendo estado às vezes até três dias sem comer nada, resolveu desembarcar na margem esquerda do rio. Por sorte, encontrou aí uma tribo que tinha algumas ideias sobre comércio. Esses indígenas tinham quatro fuzis procedentes da costa ocidental da África e chamavam o grande rio por onde Stanley navegava *Ikitu Ya Congo* (rio do Congo). O grande explorador encheu-se de alegria, porque entreviu que já não estava longe da meta. Fez com esses indígenas o pacto de sangue (juntando o sangue de um deles com o de *Francisco Pocock*, sinal de paz acordada e de amizade entre aqueles povos), comprou certa quantidade de provisões e continuou a viagem pela margem esquerda do rio.

6328

Três dias depois chegou ao território de uma poderosa tribo, cujos habitantes estavam armados de fuzis e intuiu que não se encontrava muito longe da costa atlântica. Apenas aqueles indivíduos viram o homem branco, lançaram-se à água com cinquenta e quatro grandes canoas e foram contra ele. Só depois de ver mor-

tos três dos seus homens, *Stanley* deixou de gritar àqueles negros que era amigo. Então iniciou-se o mais encarniçado combate jamais havido até então naquele terrível rio e que se prolongou pelo espaço de doze milhas. Foi esta a penúltima das trinta e duas batalhas travadas em Lualaba.

6329

Este rio, depois de ter mudado com frequência de nome, ao aproximar-se do Atlântico toma o de Zaire ou Kuango. Enquanto atravessa a grande bacia entre os 26^o e os 17^o de longitude, tem um curso ininterrupto de mais de 1400 milhas, com magníficos afluentes a norte e especialmente na parte do sul; destacam-se a norte, na margem direita, o Riuki, o Liru, o Urindi, o Lovva, o Lulu, o Kandora, o Mbura e o Aruvimi – que correm na região dos canibais –, o Mongala, o Kunga, o Mpaha, o rio Branco e o Yinemba; e a sul, pela margem esquerda, o Rumani, o Yumba, o Sankuru, o Ikilemba ou Uriki e o Nkutu. Daí, ladeando a alta cadeia de montanhas entre a grande bacia e o oceano, precipita-se por mais de trinta cataratas furiosas e rápidas e lança-se o grande rio entre as cataratas de Yellala e o Atlântico.

6330

As perdas da expedição anglo-americana foram gravíssimas, incluídas as dos três jovens ingleses, um dos quais, *Francisco Pockock*, morreu nas cataratas de Massassa. O próprio *Stanley*, no dia 3 de Junho, viu-se arrastado quase até ao turbilhão das cascatas de Mua e, seis semanas depois, ele e toda a tripulação do *Lady Alice* se precipitaram do alto das furiosas cascatas de Mbelo e só por um milagre da Divina Providência saíram de lá com vida. Finalmente, após mil horrores e peripécias vividos dentro daquela negra obscuridade nos mistérios do desconhecido, para regressar ao caminho da luz; depois de superar *cinquenta e sete cataratas* e de travar *trinta e dois combates* e de percorrer mil e oitocentas milhas de Nyangvé à costa ocidental da África, *Stanley*, com os intrépidos sobreviventes da sua escolta, no início de Setembro de 1877, chegou, por Emboma e Cabinda, a S. Paulo de Luanda, no oceano Atlântico.

6331

Daí, pelo cabo de Boa Esperança, conduziu os seus fiéis campeões a Zanzibar, remunerando-os com uma boa e bem merecida recompensa. E, pelo mar Vermelho, chegou em Janeiro de 1878 ao Cairo, onde tive a dita de estreitar com o grande herói da África a mais sincera e calorosa amizade e de participar com o meu chorado vigário, *P.^e António Squaranti*, no jubiloso banquete que deu em sua honra o ilustre general *Stone Paxá*, presidente da célebre Sociedade Geográfica Quedival Egípcia. No momento em que escrevo estas linhas estão a levar-se a cabo no continente africano diversas empresas destinadas a acelerar os descobrimentos africanos, de entre as quais me limito a referir apenas a que, organizada pelo rei dos Belgas e dirigida por *Stanley*, tem por objectivo explorar todo o curso do rio *Livingstone*. Apraz-me, além disso, assinalar a interessante viagem do jovem príncipe *D. João Borghese*, patricio romano, acompanhado do *dr. Matteucci* e do *sr. Massari*, os quais se aproximaram em Darfur das fronteiras do império de Waday. O extraordinário movimento das explorações de todos os pontos deste grande continente prossegue sempre com o máximo ardor e energia e nele tomam parte quase todas as nações civilizadas da Europa.

6332

Esta pequena memória sobre o QUADRO HISTÓRICO DOS DESCOBRIMENTOS DA ÁFRICA não é mais que uma *pesquisa e resumo* de uma obra mais volumosa e completa que, se Deus quiser, escreverei lá mais para a frente e que será seguida do QUADRO HISTÓRICO DAS MISSÕES CATÓLICAS fundadas pela Santa Sé Apostólica nas ilhas e no grande continente africano.

Os resultados essenciais das expedições e descobrimentos assinalados nesta memória, podem ver-se de um só relance no interessante mapa da África que publicou em 1874 o sábio geógrafo alemão *H. Kiepert* no volume VIII do boletim da Sociedade Geográfica de Berlim.

6333

E ainda mais completo é o mapa da África elaborado em 1879 por *Keith Johnston* e que tem o título: *General Map of Africa, constructed from the most recent coast surveys and embodying the results of all explorations to the present time, by Keith Johnston, F. R. G. S., 1879*. Certamente é um *mundo novo* que se abriu à actividade humana. Sem dúvida, há muitas lacunas a colmatar, pois falta ainda descobrir *mais de uma quarta parte da África*, que prossegue envolvida no mais profundo mistério. Mas o impulso dado a tais investigações é tão poderoso, que não passará muito tempo sem que se veja levar a termo esta imensa tarefa. A obra imortal idealizada e organizada por Sua Majestade Leopoldo II, rei dos Belgas, com a grande actividade que graças a ele ganharam os descobrimentos da África, pelo seu nobre fim de *abolir de facto* o infame tráfico de negros (no que tanto e tão eficazmente trabalharam a Inglaterra e a Alemanha) e promover a civilização na África Central, não deixará de produzir os seus frutos.

6334

Contudo, a força prodigiosa que difundirá em todo o seu esplendor a luz da verdadeira civilização cristã em todos os pontos do continente africano será a Igreja Católica com a pregação do Evangelho, porque só

Jesus Cristo é caminho, verdade e vida; e a fé de Cristo, as suas leis, os seus ensinamentos e a sua moral divina são o princípio da autêntica civilização, a fonte da vida, a base da grandeza e prosperidade de todos os povos e nações do universo.

† Daniel Comboni

N.º 1005 (963) - AO CARD. LUÍS DE CANOSSA
ACR, A, c. 18/38

1880

RELATÓRIO SOBRE A CARESTIA E A EPIDEMIA
da África Central em 1878-1879

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

6335

Já passaram mais de doze anos desde que Vossa Eminência Rev.ma aceitou do milagroso Pontífice Pio IX (d.s.m.) o grave encargo de apoiar a minha fraqueza e tutelar e dirigir a santa obra da redenção da Nigéria; e ao magnânimo, constante, fervoroso zelo de V. Eminência, ajudado pela minha insignificância e com a cooperação dos nossos bons missionários – de entre os quais há que destacar, para não mencionar os vivos, os piedosos sacerdotes P.^e Alexandre Dalbosco, P.^e António Squaranti e P.^e Salvador Mauro, de venerada memória – se devem os importantes resultados de que goza a nascente Igreja da África Central.

6336

A firmeza, o ânimo de V. Eminência, Rev.mo Príncipe, não titubearam nem se perturbaram perante o formidável aparecimento de tantos obstáculos e dificuldades por que devia passar a obra sublime, nem diminuiu em si a inamovível confiança no indefectível êxito final, apesar da fraqueza dos instrumentos de que se devia servir a Providência e da falta e escassez dos meios pecuniários e materiais necessários para a gigantesca empresa. Ao contrário, confortado pelo espírito do Senhor e pela palavra infalível do seu Vigário, V. Em.^a dignou-se dar força ao nosso ânimo, apoiar a nossa fraqueza, mostrar-nos os caminhos e abençoar os nossos pobres esforços. E não satisfeito o seu generoso coração de cobrir com a sua magnífica tutela e patrocínio a santa empresa, pôs em jogo a poderosa e vasta influência do seu gloriosíssimo nome, a fim de que brotassem de muitas partes da Europa e de príncipes muito generosos abundantes recursos e alta protecção. A nossa fraqueza e pequenez bem pouco teriam conseguido sem o seu valioso e constante apoio. E como a sua caridade foi sempre grande na ajuda, apoio e estímulo, permita-me, Eminentíssimo Príncipe, que lhe dedique este brevíssimo apontamento histórico sobre as espantosas calamidades da carestia e da epidemia que afligiram e arruinaram uma vasta, enorme extensão do Vicariato Apostólico da África Central em 1878-1879. Nele verá claramente que a obra por si patrocinada é na verdade obra de Deus; e a sua alma corajosa encontrará nele novos motivos para tutelar cada vez mais esta sublime empresa, para a maior glória de Deus, para mérito da igreja veronesa e para salvação da nossa infeliz mas sempre querida Nigéria.

6337

As obras de Deus devem nascer sempre ao pé do Calvário. A cruz, as oposições, os obstáculos, o sacrifício são a marca ordinária da santidade de uma obra; e é seguindo este caminho, semeado de tribulações e espinhos, que as obras de Deus se desenvolvem, prosperam e alcançam a sua perfeição e triunfo. Esta é a amorosa e sábia economia da Divina Providência, que recebe plena confirmação na história da Igreja e em todas as missões apostólicas da Terra; e deixa demonstrado, como sendo a mais esplêndida verdade, que nunca se pôde implantar em nenhum reino, nem em nenhum lugar, a verdadeira religião de Jesus Cristo, sem os mais duros sacrifícios, as mais ferozes oposições e o martírio. E a razão disso é evidentiíssima: como todas as obras de Deus tendem por natureza a destruir no mundo o reino de Satanás e implantar nele a salvífica bandeira da cruz, o príncipe das trevas tem necessariamente que se desencadear, se movimentar, se retorcer e suscitar todos os poderes do abismo e todas as funestas paixões dos seus servidores do mundo, para, por seu lado, irem contra o seu formidável e eterno inimigo, contra Jesus Cristo, redentor do género humano, a fim de lhe resistir, de o combater e calcar.

6338

Pois bem, entre as obras do apostolado católico a que a Igreja de Cristo deu vida, uma das mais árduas e laboriosas e das mais sublimes e importantes do universo é, sem dúvida, a nossa missão da África Central,

que abrange uma extensão territorial muito superior à de toda a Europa, que é povoada, segundo a estatística de Washington, por mais de *cem milhões* de infelizes, sobre os quais ainda não brilhou o astro luminoso e vivificante da fé e que a Santa Sé confiou ao nosso humilde Instituto das Missões da Nigéria, de Verona. De entre as furiosas tempestades que desde o seu nascimento agitaram e sacudiram esta Igreja nascente, da qual, ainda que indigno, sou o primeiro bispo, destaca-se acima de tudo a espantosa calamidade de carestia e da epidemia, que sofreu ainda em tempos recentes, de que continua a ressentir-se, e das quais tem ainda as marcas gravadas e suporta as dolorosas consequências.

6339

Mas esta é uma obra de Deus e, filtrada e purificada agora no crisol do sofrimento, da cruz e do martírio, surgirá com maior vigor e força para, animada de nova vida, levar a cabo a sua elevada missão redentora e civilizadora entre as tribos da Nigéria.

6340

A falta ou escassez de chuvas no ano de 1877 foi a causa principal da espantosa seca e concomitante carestia que assolaram boa parte do nosso imenso Vicariato. E as regiões que foram mais gravemente afectadas pelo terrível flagelo foram a Núbia Inferior, a Núbia Superior de Dôngola ao mar Vermelho, as regiões banhadas pelo Nilo Azul e pelo Nilo Branco, a região do Nilo compreendida entre o Egipto e o Sobat, o reino do Cordofão, as províncias do Darfur, as tribos de Gebel-Nuba, a dos Schelluk e todos os países que se estendem desde Bahar-el-Ghazal até aos Nham-Nham e ao lago Alberto Nyanza.

6341

As sementeiras e plantações realizadas nessas terras fecundas secaram quase com os primeiros rebentos e as ervas, as flores e os prados queimaram-se com os abrasadores raios do sol, de modo que em breve aquelas pobres populações ficaram privadas do sustento habitual; a falta de alimento fez com que quase todos os animais morressem. Considere, Eminentíssimo Príncipe, a intensidade e o alcance de tanta desgraça que se abateu sobre aquelas pobres gentes, não menos que sobre a nossa missão. A fome sofrida pelos povos que habitavam ao longo dos rios foi sobremaneira espantosa e tremenda foi também a que sofreram os árabes do deserto, grande parte de cujos camelos morreram de inanição. Isto obrigou a que as nossas caravanas que tinham que atravessar esses desertos custassem à missão muito sacrifício e enormes despesas, de facto, o preço do aluguer dos camelos escapados àquela morte maciça quadruplicou, até para os animais fracos e esgotados pela fome, os quais só eram capazes de levar uma terça ou quarta parte da sua carga normal. E assim continuaram as nossas expedições com um gasto quadruplicado, até que prolongando-se a situação por muito tempo e, prostrados ou mortos já pela fome camelos e cameleiros, essas viagens, tão necessárias para levar ajuda às missões afectadas pela carestia, se nos tornaram sumamente difíceis ou de todo impossíveis.

6342

Daí derivou que quase todos os alimentos de primeira necessidade chegassem a faltar ou alcançassem preços espantosos, isto é, *dez, doze e até vinte* vezes mais elevados que o ordinário. Por exemplo, o próprio cônsul austro-húngaro, o cavalheiro Hansal, pagou o trigo à razão de 72 táleres o *ardeb* (saco de cerca de cem quilos), quando antes custava só 5 táleres. Mais tarde o trigo faltou também em Cartum e não se encontrava a nenhum preço; e no reino do Cordofão ter-se-ia pago até a 500 francos o *ardeb*, mas não o havia em absoluto. O durra (milho), que é o alimento principal dos habitantes das possessões egípcias no Sudão – as quais abrangem uma superfície cinco vezes maior que toda a Itália – e que constitui também a base de alimentação dos nossos órfãos e dos alunos de ambos os sexos nos estabelecimentos da Núbia, o durra, dizia, chegámos a pagá-lo nos mercados de Cartum até a 108 francos o *ardeb*, quando antes custava apenas *quatro ou cinco* francos; e o I. R. cônsul austro-húngaro assegurou-me tê-lo pago até a *três táleres* o *rub*, ou seja, à razão de 336 francos o *ardeb*.

6343

O *dokhon* (*Penicillaria*), espécie de milho de que se nutrem as populações do Cordofão e do império de Darfur e que constitui o alimento ordinário dos alunos, dos órfãos e dos escravos refugiados, acolhidos nos nossos estabelecimentos do Cordofão, do seu preço normal de uns *três táleres* subiu para *trinta e sete táleres* e mais o *ardeb*; e em Darfur pagou-se até a *140 táleres* o *ardeb*, ou seja, a um preço *quarenta e seis* vezes superior ao normal. O mesmo aconteceu com as carnes excessivamente magras, fibrosas, repugnantes, de animais consumidos pela fome e transformados quase em esqueletos, cujo preço se tornou *dez ou doze* vezes mais caro que o costume. E algo semelhante ou pior aconteceu em Gebel Nuba, onde ainda por cima faltou o sal e durante muito tempo tive que tomar alimentos sem nenhuma qualidade e sem condimento de sal.

Dito isto, é fácil compreender que grande parte da população nativa da classe pobre sentiu a total falta de sustento; e eu verifiquei com os meus próprios olhos a extrema miséria reinante em muitas zonas, nas quais povos inteiros, dizimados pela fome viviam de ervas, de sementes de feno e até de excrementos de camelo e de outros animais.

6344

Por este breve quadro, Vossa Eminência pode bem imaginar a angústia da minha alma e os graves apertos em que me encontrei para alimentar e sustentar, além dos Institutos de Verona e do Cairo, tantos estabelecimentos que havíamos fundado no Vicariato, constituídos não só por pessoal indígena, mas também por Irmãs, missionários e irmãos coadjutores europeus, que naquele oprimente clima africano necessitavam, no meio dos esforços apostólicos, de uma sólida alimentação. A superiora das Irmãs de S. José no Cordofão, enquanto gemia oprimida pela febre, julgou que se confortaria provando um pouco de pão de trigo molhado em água. Procurou-se inutilmente por toda a cidade de El-Obeid, até que finalmente um generoso comerciante judeu levou um pouco e a superiora o comeu; mas depois morreu devido à sua doença. Para fornecer pão de trigo aos estabelecimentos do Cordofão, o saudoso P.^e António Squaranti comprou muito caro vinte *ardeb* de grão; e uma vez que o conseguiu moer em Cartum, procurou camelos para transportar a farinha ao Cordofão. Eu fui de um lado para outro, rogando aos principais comerciantes e até ao próprio governador-geral do Sudão, para conseguir os camelos.

6345

O esforço foi inútil: faltavam quer os camelos quer os cameleiros, porque tinham morrido quase todos ou estavam doentes ou exaustos de fome, ou consumidos pelas febres. A farinha de trigo permaneceu quatro meses em Cartum; e nos nossos três estabelecimentos do Cordofão, os missionários e as Irmãs não puderam durante muitos meses provar pão de trigo, tendo que se alimentar, como todos os indígenas do país, de *dokhon*.

6346

Contudo, tudo isto não é mais que uma sombra da extrema miséria que sofreram essas desgraçadas regiões. A sede, flagelo muito mais terrível que a fome, levou nova desolação a esses imensos países, que, longe dos grandes rios, como o Nilo, o Nilo Branco e o Bahar-el-Ghazal, só são banhados pelas chuvas anuais, que em Julho, Agosto e Setembro caem normalmente naquelas terras. Mas no ano de 1877 tinha sido o mais seco de que havia memória na história da África Central; por isso, os campos apareciam literalmente abrasados pelos ardores da canícula e as planícies queimadas pelo sol; e por isso também todas as cisternas estavam sem água e secos se encontravam igualmente no Cordofão e em Darfur quase todos os poços, os quais têm geralmente uma profundidade de vinte, trinta e até quarenta e mais metros, e entre eles secaram os dois grandes poços dos nossos estabelecimentos do Cordofão. Arrepio-me só ao recordar os horrorosos estragos que a seca e a sede causaram nas populações e nos gados do Cordofão e do império do Darfur. Tocarei só ao de leve o problema da sede em El-Obeid e em Malbes, onde nós temos três importantíssimos estabelecimentos de missão.

6347

Ainda que as nossas missões tenham sido ajudadas com frequência pelo nosso procurador, Jorge Papa, bem como por alguns bons católicos, entre eles um excelente senhor sírio, Ibraim Debane, e até por um ou outro muçulmano que apreciava a nossa obra, os quais nos levavam água; apesar de tudo, vimo-nos obrigados a comprá-la a um elevado preço, com grande prejuízo para a nossa fraca economia. Teve que se restringir muito o consumo de água para beber e para cozinhar. Às vezes o missionário encontrava-se na necessidade de guardar a água utilizada de manhã para lavar a cara, a fim de matar a sede durante o dia, mas a água para lavar já tinha sido medida severamente e repartida em pequenas doses. Até se chegou à situação de não poder lavar a cara pela manhã, para dispor de água nos momentos de grande sede da jornada. Além disso, durante mais de quatro meses não se pôde fazer a barrela por falta de água. Finalmente, tendo esta ficado reduzida ao mínimo na capital do Cordofão, tive que deslocar a maior parte do pessoal daqueles dois grandes estabelecimentos para Malbes, a colónia agrícola que tínhamos fundado, onde havendo embora um pouco de água, escasseavam, no entanto, os víveres, assim que, quando pela manhã se encontrava algo para o pequeno almoço, não se comia ao meio-dia; e quando a satisfação chegava ao meio-dia, não se comia à noite.

6348

E note-se que para conseguir tão escasso e fraco sustento, não bastaram as generosas esmolas recebidas de tantos benfeitores da Europa. Não me é possível descrever com palavras as grandes privações que suportaram os missionários, as Irmãs e as demais pessoas das nossas missões. Os meninos, os alunos e as alunas acorriam aos missionários e às Irmãs a pedir-lhes um pouco de água, porque ardiavam de sede; e como não havia com que saciá-la, os pobrezinhos e as pobrezinhas choravam de tal modo que moviam à compaixão até as pedras. Partilhavam fraternalmente para beber cada um pouco a água suja que tinha ficado no balde, onde o missionário ou a Irmã tinham podido lavar-se. Queria dizer mais..., mas a caneta cai-me da mão... Deus escreveu no livro da vida os sacrifícios suportados pelos nossos missionários e as nossas Irmãs num clima tão extenuante e abrasador.

6349

E o que faziam as nossas Irmãs era admirável diante de Deus. Muitas vezes, às três e meia da manhã, a bretã Ir. Arsénia Le Floch, superiora do estabelecimento feminino partia em companhia de outra jovem e muito aplicada Irmã, com várias *bormas* (recipientes de barro, de três ou quatro litros de capacidade); e, depois de terem feito três ou quatro horas a pé, chegavam sob um sol de fogo ao lado de um poço e, depois de esperarem pela sua vez, suportando ásperas discussões com os bárbaros guardas do poço e às vezes ameaças, conseguia obter com incrível fadiga água negra, lodosa, suja, salobre e repugnante, que ela pagava a *três, quatro* e até *cinco francos* a *borma*; isto é, a um preço mais caro que o vinho na Itália. Depois, refazendo com grande esforço o caminho, as duas Irmãs voltavam à missão, onde eram esperadas com ânsia para reparar por cada uma uma pequena e medida quantidade de água para matar a sede. E, às vezes, às três ou três e meia da tarde refazia-se o mesmo caminho a pé; e, muitas vezes, carregando a água num burro que, pelo cansaço, caía a todo o momento; por isso, retornava-se já noite avançada à missão, às vezes passada a meia-noite.

6350

A alguma distância da nossa colônia agrícola, os missionários e as Irmãs conseguiram, após muitos esforços, cavar um poço, que dava um pouco de água suja e cheia de lodo. Colocaram como guardas junto dele dois robustos negros catecúmenos, mas em vão: de noite vinham os ladrões, bebiam e com violência levavam água para depois a venderem. Em Malbes, a missão tinha três vacas, às quais se dava um pouco de beber duas vezes por semana; mas consumidas pela sede e muito magras acabaram por não dar mais leite. Claro que quando o davam, a ração de leite para cada um reduzia-se praticamente a nada.

6351

Da colônia agrícola de Malbes, que carecia de quase tudo, salvo de um pouco de água, iam com frequência alguns da missão à capital, quer para levar água aos nossos de El-Obeid quer para irem buscar algo de primeira necessidade que faltava em Malbes. A viagem, de sete horas e muito penosa, devia fazer-se com frequência a pé ou sob um sol abrasador ou então de noite, quando o caminho estava infestado de ladrões e de animais ferozes, como as hienas ou como os leões que não raramente rondavam pelos arredores e que com os seus rugidos faziam tremer os viajantes. Aqui poderia citar muitos casos espantosos sucedidos o ano passado. Mas contarei só um.

6352

Uma tarde, estando em Malbes quase todos doentes ou extenuados e sem nada para se restabelecerem e, além disso, sabendo que a missão de El-Obeid tinha extrema necessidade de água, uma das nossas esforçadíssimas Irmãs, movida à compaixão por tanto infortúnio, e animada de um heroísmo de caridade, suplicou veementemente e obteve da superiora autorização para ir à procura de água e transportá-la para El-Obeid, onde podia socorrer aqueles sequiosos e depois obter víveres para com eles voltar a Malbes para ajudar os seus companheiros, que careciam de tudo. Tendo chegado aos poços, e depois de lutar animosamente com aqueles africanos, consegui, após muito esforço, comprar muito caro dois *gherbas* (grandes odres) de água; e, carregado o camelo, partiu *a pé*, com um negro recentemente resgatado, em direcção à capital. Tratava-se de um trajecto de sete horas, difícilíssimo e cheio de feras, ladrões e assassinos. Mas a caridade pôde mais que todos os obstáculos e, cheia de coragem, embora não sem temor, a Irmã seguiu o seu caminho entre os uivos das feras e dos cães e os rugidos dos leões que a faziam tremer. Percorridas as três quartas partes ou mais do percurso, o camelo, já fraco pela fome, não pôde com o cansaço e caiu pesadamente no solo.

6353

A Irmã e o negro tentaram por todos os meios, até com enérgicos golpes de *corbac* (1), para que o camelo se levantasse e prosseguisse o seu caminho, mas todos os esforços foram em vão. Que fazer em semelhante situação?... Ficar ali toda a noite era expor-se a ser devorados pelas feras ou assaltados pelo ladrões; deixar sozinho o negro e a Irmã seguir só para El-Obeid em busca de ajuda, era expor o negro a ser roubado com os odres da água e correr ela mesma um grave perigo; o medo paralisava-a.

6354

Durante um quarto de hora, a Irmã ficou perplexa e temerosa; mas depois, pensando na extrema necessidade dos nossos de Malbes e de El-Obeid e confiando no Deus do amor que consola os aflitos e na Virgem Imaculada, que é o refúgio dos pobres, decidiu o negro deixar a guardar a água e ela pôs-se sozinha a caminho para ir buscar ajuda. Era uma noite escura, iluminada só pelos raios de uma lua de três ou quatro dias. Passado algum tempo, ouve furiosos latidos de cães que lhe indicam a existência de um povoado. Pára atemorizada, porque aproximar-se do povoado era arriscar-se a que os cães a devorassem, que naquelas terras são perigosos, ainda que providenciais. Mas, por outro lado, vê a necessidade de pedir ajuda. Por isso, com todas as suas forças põe-se a gritar em direcção a esse povoado cercado de cães: *Ja Nas Taïlu! Já Nas Taïlu!* (Eh, gente, venham! Eh, gente venham!). Ao fim de poucos minutos vê aparecer dois fortes e cabeludos bagara (árabes guardadores dos rebanhos), que acodem àqueles gritos lancinantes. «Mas, senhora, – exclamam – como é que se encontra aqui de noite *sozinha*, com risco de ser devorada pelas feras ou de ser rou-

bada e assassinada?» E, perante os rogos da Irmã, acompanharam-na com o máximo cuidado até ao lugar onde tinha deixado a água e aí encontraram o camelo caído e o negro a guardá-lo. Depois de enérgicas e repetidas chicotadas e de empurrarem com seus forte braços o camelo, conseguiram pô-lo de pé; e não contentes com isso, aqueles bons africanos acompanharam a Irmã e o negro até El-Obeid, onde chegaram à meia-noite mais mortos que vivos.

6355

Não lhe direi nada, eminência reverendíssima, da pena que causou aos missionários não disporem de vinho para celebrar todos os dias a santa missa, inefável consolo das almas aflitas. O vinho faltou de tal maneira que não ficou mais que um pouco, o suficiente apenas para celebrar o divino sacrifício aos domingos e festas. Mas esgotado o vinho para a santa missa na capital do Cordofão, vi-me obrigado a, pelo correio, mandá-lo de Cartum para lá em frasquinhos, para que se pudesse celebrar missa nas festas. De resto, nem os missionários nem as Irmãs tiveram vinho para beber; beberam quase sempre água suja, salobre e repugnante.

6356

Mas devo declarar solenemente, ó Eminentíssimo Príncipe, que no meio de tão grande miséria, tanto os missionários como as Irmãs souberam manter o ânimo e o zelo no seu difícil ministério: firmes e sem desanimar na sua árdua e santa vocação, permaneceram impávidos no seu posto; e, alegres e contentes no meio de tantas privações e sacrifícios, trabalharam incansavelmente para ganhar almas para Cristo. E o que mais faz ressaltar a graça do seu santo e penosíssimo apostolado é que os nossos missionários e Irmãs nunca titubearam, nem ficaram sobressaltados, nem desanimaram perante a fúria da tormenta, mesmo no meio das mais terríveis doenças e perante a morte de tantos irmãos e Irmãs do apostolado; ao contrário, permaneceram impávidos no meio da espantosa tempestade, confiando no Deus que derruba e levanta, angustia e consola, e no Divino Salvador que depois da sua penosa paixão e morte ressuscitou glorioso. E a abnegação que mostraram sobressai ainda mais se pensarmos que amiúde sofriam eles mesmos febres e isto num clima tórrido, onde, além disso, sofriam a tortura das picadelas dos mosquitos e de outros insectos, que os martirizavam dia e noite. Em suma, gravitava sobre todos eles o peso da cruz e estavam privados de toda a consolação humana; mas estavam cheios de força, de coragem e de esperança, precisamente pela cruz de Jesus Cristo, que é a marca infalível das obras do Senhor.

6357

Mas, para além de todas essas privações e sacrifícios, comuns à totalidade de todos os nossos missionários e Irmãs, eu tinha outra pesadíssima cruz no meu espírito, tal como o nosso piedoso administrador-geral, P.^e António Squaranti. E era a enorme dívida de 46 784 francos que tínhamos encontrado e que, junta a outra de 14 000 francos que tínhamos devido contrair nós mesmos para prover às urgentíssimas necessidades de uma carestia sempre em aumento e não deixar morrer a missão, e a outra de 10 000 francos (investidos numa máquina a vapor para regar as nossas hortas de Cartum, a fim de evitar que secassem, com grave prejuízo para a missão, para manter a nossa única fonte de produção estável, fruto de tantas fadigas e do trabalho de anos), perfazem a tremenda dívida de 70 000 francos.

6358

Com isto, eminentíssimo príncipe, não preciso de lhe falar de tantas outras cruces e calamidades que inundaram o meu coração de amargura e angústia, para lhe dar uma ligeira ideia da minha crítica e desoladora situação. Mas tudo isso era ainda pouco: outra calamidade ainda mais espantosa viria destroçar a minha alma com a mais profunda dor.

Nos fins de Julho de 1878, o céu começou a encher-se de nuvens e depois pareceu que os relâmpagos, trovões e raios fossem levar a destruição a essas terras já devastadas. Bem rápido o céu começou a deixar cair torrentes de chuva; e esta foi tão copiosa e abundante durante dois meses, que os habitantes mais velhos do país não tinham lembrança de nada semelhante. Isto deu origem a que os dois grandes braços do Nilo, ou seja, o Nilo Branco e o Nilo Azul, tenham crescido até ao ponto de ameaçar galgar as margens e inundar, junto com a capital das possessões egípcias do Sudão, o nosso grandioso estabelecimento de Cartum. Por isso, enquanto a numerosa guarnição de vários milhares de soldados, dirigida pelos engenheiros militares, levantava à volta de toda a cidade fortes defesas para deter as águas e impedir a inundaçãõ, nós, com dispêndio enorme, mediante grandes troncos e centenas de altas palmeiras cortadas no nosso quintal, construímos um dique muito sólido na margem do Nilo Azul, frente à missão; de modo que, depois de três semanas de contínuo trabalho, a cidade e a missão ficaram seguras e a fragorosa corrente não chegou a causar danos consideráveis.

6359

Desabaram, isso sim, centenas, milhares de casas no país. Mas os nossos estabelecimentos ficaram intactos; e os diques, barreiras ou defesas construídos, servirão por muitos anos para preservar a missão de futuras inundações.

Então os agricultores e os felá, com as poucas sementes que tinham conservado do calamitoso ano anterior, puseram-se a semear trigo, durra, sésamo, hortaliças e tudo o que podiam. Esses camponeses estavam sem forças, mas ganharam-nas a partir da sua fraqueza, para cultivarem aqueles terrenos antes ressequidos, que a copiosidade das chuvas tinha amolecido. A terra fecundou-se e em muito breve tempo, regada pelas águas torrenciais que continuavam a cair, começou a dar fruto de tudo em tal quantidade como não se tinha visto nunca nos anos anteriores. Vendo isto, todos acreditavam que a espantosa carestia ia cessar e que a abundância das coisas iminentes ia fazer desaparecer até os rastros da tremenda miséria padecida até àqueles dias.

6360

Mas não foi assim. O dilúvio continuava e as casas e as cabanas dos pobres indígenas desfaziam-se às centenas e aos milhares, porque eram feitas de barro seco ao sol, ou de palha ou de canas muito frágeis. E os infelizes que as habitavam encontraram-se de repente sem tecto, vivendo dia e noite ao ar livre, quer chovesse a cântaros quer brilhasse o sol com os seus dardos de fogo. Expostos assim à intempérie, uma furiosa série de violentíssimas febres atacou esses infelizes; e eram de tão maligna natureza, que em pouco tempo aqueles países, numa enorme extensão, se viram semeados de cadáveres de todos os sexos e idades, enquanto os poucos sobreviventes, esqueletos ambulantes eles mesmos, vagueavam pelos caminhos e desertos, pálidos e consumidos, pedindo ajuda. O terror e o espanto espalharam-se por toda a parte; e a terrível, imparável epidemia, estendeu-se pelas cidades, pelos grandes povos e pelas aldeias com tal ímpeto e intensidade, que grande parte daquelas regiões se converteu em breve em vastos cemitérios.

6361

Nós fomos testemunhas oculares dos danos que aquela tremenda epidemia produziu nos países banhados pelos Nilo Branco e Azul. Numa hora, em meia hora, em dez minutos vimos como a morte ceifava pessoas que antes gozavam de excelente saúde. Também muitos dos nossos católicos caíam quase repentinamente fulminados por esse inexplicável mal, que se manifestava com sintomas de febre nervosa, às vezes tifóide, ou com bolhas vermelhas e apenas nos dava tempo para lhe administrarmos a santa unção e a absolvição *in articulo mortis*. Em muitas cidades, povos e aldeias, grande número de habitantes, às vezes famílias inteiras, que tinham sofrido a morte no ano anterior, depois de se terem alimentado com as primícias das abundantes colheitas, caíam mortos junto aos novos frutos amontoados nas cabanas ou nos pátios das suas habitações. E pessoas dignas de crédito, que regressavam a Cartum depois de longas viagens pelo Nilo Azul e pelo Nilo Branco, asseguravam-me ter encontrado cidades e povoações quase desabitadas, e as casas, as vias públicas e os campos cheios de cadáveres putrefactos, estendidos junto da aveia, do durra, do trigo e do sésamo que tinham recolhido, por cujas letais exalações a epidemia se tinha estendido por todos os territórios, produzindo vítimas em toda a parte.

6362

Eu mesmo com as nossas cinco Irmãs do instituto das Pias Madres da Nigrícia, que fui buscar a Berber para as levar para Cartum num vapor que S. E. Gordon Paxá, governador-geral das possessões egípcias do Sudão, visitei cidades e povoações situadas entre Berber e Cartum, que outrora vira bem povoadas e providas abundantemente de víveres e de tudo, encontrei-as agora vazias e desertas; e os raros habitates escapados à morte, que consumidos e vacilantes pareciam mais cadáveres ambulantes, alimentavam-se de sementes, de erva e folhas, de *nadak* e até de excrementos de camelo, não tendo já forças para semear e cultivar os campos vizinhos, cujo solo fertilíssimo produzia agora de maneira espontânea ervas e plantas de folha silvestre, com uma exuberância e um verdor realmente assombrosos. As cabanas e as casas estavam quase derrubadas e praticamente tinha desaparecido toda a espécie de gado. A grande cidade de Shendi, antiga capital dos reis da Núbia e do extenso país de Tamaniat, aparecia quase despovoada, destruída, etc., etc. Nós distribuímos aqui e acolá grão e esmolas; e são indizíveis as demonstrações de gratidão e de reconhecimento de que nos fizeram objecto aqueles infelizes.

6363

É inútil, Eminentíssimo Príncipe, que lhe dê mais pormenores sobre o quadro desolador da espantosa carestia e mortandade nesta parte importantíssima do nosso Vicariato: seriam precisos para isso muitos volumes. Bastará assinalar de passagem os seguintes quatro pontos, de cuja veracidade e exactidão me declaro totalmente responsável e que lhe exponho muito moderadamente, muito aquém da terrível realidade.

6364

1.º Uma grande parte das abundantes colheitas de trigo e de outros cereais, de sésamo, etc., e uma boa quantidade de durra que aqueles férteis terrenos produziram após as chuvas extraordinárias de que falámos, não se puderam colher dos campos por falta de braços e de agricultores que ou tinham morrido ou estavam incapacitados para o trabalho. Por isso, após a nova colheita, continua ainda, embora com menores dimensões, a carestia nesses países. Muitos grandes proprietários da região do Nilo Azul dirigiram-se ao Governo

para que mandasse homens e soldados recolher tão abundante produção de grão e, além do mais, oferecendo como compensação metade e mais do que recolhessem. Mas o Governo, embora mergulhado na miséria por não ter podido arrecadar naquele ano nem uma quarta parte dos impostos fundiários e pessoais, embora não tivesse pago aos empregados e às tropas de serviço (pelo que muitíssimos foram obrigados a roubar e a saquear para comer), teve que rejeitar tão generosa oferta pela falta de braços e pelas infaustas consequências da fome e da pestilência, que tinham produzido baixas em grande escala nos funcionários da administração e do pessoal militar.

6365

2.º Numa parte do nosso Vicariato, maior que toda a Itália, partindo de Cartum em todas as direcções, pela carestia e pela epidemia, morreram não só *metade de todos os habitantes de ambos os sexos* e mais de metade dos animais.

3.º Em muitas outras zonas do Vicariato pereceram as três quartas partes da população e animais.

4.º Em numerosos povoados e vastas comarcas do Sudeste de Cartum, como repetidamente me contou o farmacêutico do Governo, o senhor Fahmi, que durante muito tempo foi médico fixo da missão católica, o qual é habilíssimo em curar o tifo e as febres predominantes no Sudão e, segundo o que me afirmaram testemunhas oculares, *morreu não só toda a população de ambos os sexos* mas também *todo o gado*, os camelos e demais animais, incluindo os *cães*, que são a providencial guarda de segurança pública nessas desgraçadas regiões.

6366

Vossa Eminência Rev.ma pode bem compreender, pelo pouco que de passagem lhe é aqui assinalado, quão grande foi o desastre causado à economia de toda a obra por este tremendo, prolongado período de carestia e epidemia que arruinou o ano passado o nosso dilectíssimo Vicariato e quantas privações e angústias trouxe aos nossos missionários, às nossas Irmãs e às numerosas pessoas acolhidas nos nossos estabelecimentos de missão.

6367

Mas isto é ainda pouco. O que ainda em maior medida inundou a minha alma de dor e pesar, até quase morrer de consternação e pena, foram os estragos, as mortes que as privações e as doenças produziram entre o pessoal activo da missão e as consequências funestas, que, querendo-o a amorosa e sempre adorável Providência divina, disso derivaram. Mas estas tremendas calamidades não beliscaram, pela graça de Deus, a nossa coragem nem diminuíram a força do nosso espírito; antes pelo contrário, provas tão duríssimas contribuíram fortemente para que o nosso ânimo se fortalecesse, pondo toda a nossa confiança nesse Deus das misericórdias que nos precedeu no caminho da cruz e do martírio e mantendo-nos firmes e constantes na nossa árdua e santa vocação.

6368

Em fins de Setembro, ao declinar das chuvas, ardentíssimas febres, que degeneraram em tifóides, doenças atroz de carácter mortal e sofrimentos das mais variadas espécies, atacaram quase todos os membros da missão e uma varíola maligna e um tifo com bolhas acabaram com a vida de muitos. Todas as Irmãs de Cartum caíram gravemente doentes e até a laboriosa e infatigável normanda Ir. Severina, que nos três anos em que já vivia no clima mortífero de Cartum, nunca tinha padecido sombra de doença, foi atacada de fortíssima febre que a atirou para a beira do túmulo. Quase todas as alunas e órfãs do instituto de feminino caíram doentes e a morte ceifou a vida de muitas delas. Todos os sacerdotes, menos um, com a totalidade dos irmãos coadjutores europeus e quase todos os elementos do estabelecimento masculino sofreram intermináveis, altíssimas febres e outros tremendos males e muitos estiveram nas últimas.

6369

P.^e Policarpo Genoud, atacado por tifo fulminante, em menos de vinte minutos exalou o último suspiro; e a francesa Ir. Henriqueta, flor de angelicais costumes e autêntica heroína da caridade, caiu na primavera da vida vítima de um terrível tifo com bolhas, convertendo-se assim na última das nove Irmãs da benemérita congregação de S. José da Aparição que, levadas pelo amor ao próximo, ofereceram os seus suores e a sua vida pela infeliz Nigrícia. E seis piedosos e bons irmãos coadjutores europeus, entre eles o excelente Fernando Bassanetti, da diocese de Placência, e António Iseppi, da de Verona, sucumbiram um atrás do outro em poucos dias. Igualmente morreram treze dos nossos melhores alunos indígenas de ambos os sexos, bem formados e instruídos na nossa santíssima religião e nas artes e ofícios. Estando assim as coisas, em pouco tempo os dois grandiosos estabelecimentos de Cartum converteram-se noutras tantas enfermarias, que não tardaram a tornar-se vastos hospitais.

6370

Tendo-se restabelecido alguns membros do instituto masculino, embora fracos ainda pela violência e o dano das doenças sofridas, para que mudassem de ares mandei-os pelo Nilo numa grande barca até Temaniat

e Gebel Taieb, acompanhados do único sacerdote que tinha permanecido imune à epidemia. Então fiquei eu só na capital do Sudão para administrar os sacramentos e assistir às extremas necessidades, tanto do pessoal interno da missão como dos externos da cidade de Cartum; de modo que tive que desempenhar ao mesmo tempo as múltiplas funções de bispo, pároco, vigário, superior, administrador, médico e enfermeiro. Mas Deus tinha-me reservada uma poderosa ajuda em duas habilíssimas Irmãs, a Ir. Severina e a Ir. Germana, as quais também estavam alquebradas por terríveis febres. A primeira, que quase sempre estava doente na cama ou sem poder sair do quarto, era consultada a cada momento sobre as doenças, como muito perita e conhecedora das febres e do tifo e competentíssima no governo dos enfermos.

6371

A outra, Ir. Germana Assuad, natural de Alepo e muito versada em árabe, a sua língua materna, logo que eu me encontrei no meio de tanta calamidade e quando eu pensava que devia assisti-la no transe de morte, quase por milagre, animada de um espírito de sublime caridade, saltou do seu leito de dor e durante quatro meses suportou indizíveis fadigas dia e noite a assistir os enfermos, a curá-los e a preparar para bem morrer os que falavam o árabe, o italiano ou o francês. Com esta animosa e incansável filha da caridade partilhei enormes fadigas, tremendas penas e trabalhos incríveis. Ela dava-se por completo a todos e esquecendo-se dos seus próprios males, corria de um lado para outro, lá onde a requeria a necessidade do próximo.

6372

E não só estava pronta a curar as chagas e enxugar as lágrimas daqueles infelizes, bem como a assistir os moribundos como habilíssima enfermeira. Procurava, além disso, com zelo apostólico curar as doenças da alma, estimulando para a confissão e a penitência aqueles que se encontravam até então no caminho da perdição; instruía os catecúmenos, conduzia pelas vias da salvação toda a sorte de extraviados, catequizava os ignorantes e acendia a chama da fé e do amor a Deus em quem estava prestes a comparecer perante o Juiz Supremo. Ah, quanto bem não fez a Ir. Germana Assuad, de Alepo! Quantas lágrimas enxugou, quanto bálsamo de consolação derramou no coração dos infelizes! Que vigorosa assistência me prestou naquela desoladora calamidade! E que angústias passámos juntos quando não podíamos proporcionar aos nossos missionários, Irmãs e irmãos coadjutores gravemente doentes nem sequer o alívio de um pouco de caldo, porque nos era impossível encontrar até a alto preço com que prepará-lo! Que angústia, que afã! Só Deus conhece a dimensão e a intensidade da nossa dor!

6373

Mas a aflição mais desoladora e o golpe mais feroz que me feriu mais vivamente, lançando-me num oceano de pena e de amargura, foi a perda irreparável que sobreveio para a missão quando Deus, nos seus imperscrutáveis mas sempre amorosos desígnios, quis privar-me do incomparável P.^e António Squaranti, braço direito da obra santa e meu verdadeiro anjo de conselho e consolo, para lhe cingir a coroa reservada às almas justas. Este homem de absoluta lealdade, de rectidão e fidelidade sem par, piedoso, douto, prudente, de carácter doce, humilíssimo, obediente, com muito zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas e todo fogo pela redenção da Nigricia; este digno sacerdote, a quem Verona, e sobretudo a paróquia de S. Paulo, não esqueceu, pelo grande fruto que recolheram graças ao seu zelo sacerdotal, tinha-me sido generosamente concedido pelo fervorosíssimo zelo de Vossa Eminência para suceder ao piedoso P.^e Alexandre Dalbosco na direcção dos Institutos Africanos de Verona; e num posto tão importante e delicado, durante seis anos ininterruptos, mostrou-me quanta capacidade de trabalho e quantas belíssimas virtudes possuía essa alma grande, essa flor de sacerdote.

6374

Em 1877, depois da minha sagração episcopal, por muitos e graves motivos que não vêm ao caso referir, decidi levá-lo comigo para a África Central na qualidade de administrador-geral dos bens temporais do Vicariato, com a intenção de depois o fazer meu vigário-geral e, mais tarde, se se cumprissem todas as condições requeridas, fazer com que a Santa Sé o nomeasse meu bispo auxiliar, com futura sucessão no governo da nossa árdua, laboriosa e querida missão. Ainda que durante a viagem P.^e António Squaranti tenha trabalhado muito e tenha passado grandes fadigas, conservou sempre uma saúde sólida e provou que podia manter-se firme e sem desfalecer no seu novo ministério.

6375

Nos tórridos meses de Junho e Julho foi surpreendido pela fraqueza e o cansaço que afecta todos os europeus na estação canicular, especialmente no primeiro ano da sua estada em Cartum, mas ao chegarem as chuvas tropicais começou a recuperar as forças.

E eis senão quando, chegado o novo *kharif* e com as chuvas torrenciais a precipitarem-se sobre a terra anormalmente ressequida pelo sol e pela tremenda seca do ano anterior, vi com toda a clareza que íamos ao encontro de uma estação extraordinariamente mortífera e abundante em terríveis consequências e atrozes calamidades. Então, para preservar tão importante membro da missão das perniciosas doenças que o podiam

afectar, por ser a primeira vez que respirava aqueles ares, por estar já algo fraco por causa das fadigosas viagens realizadas e pela sua inclinação para as afecções gastrointestinais, que o obrigavam a ser muito sóbrio e frugal, resolvi fazê-lo mudar de ares e pô-lo a salvo em Berber, mandando-o visitar aquela estação, onde já se encontravam desde havia seis meses as primeiras cinco Irmãs do instituto veronês que ele, ajudado pela sábia superiora, tinha formado no espírito e na vida apostólica da África Central.

6376

Obedeceu prontamente à minha sugestão e, sem dar absolutamente conta de que eu o afastava da praga iminente, para o salvar da mesma, partiu numa embarcação fluvial em companhia de um comerciante sírio e, treze dias depois, na festividade de S. Miguel Arcanjo, chegou à missão de Berber, onde devia permanecer até que eu o chamasse a Cartum. Lá, em poucos dias, restabeleceu-se por completo. De facto, em meados de Outubro comunicava-me por carta que se sentia tão forte e vigoroso, que nunca tinha gozado na Europa de tão perfeita saúde.

6377

Entretanto, em Cartum, fazia estragos o tremendo flagelo da epidemia, a que já me referi nestas páginas; aos ouvidos de P.^e Squaranti chegaram as notícias das doenças e mortes na missão; igualmente o contristou a notícia de que eu me encontrava, no meio daquela desolação, sozinho para administrar os sacramentos e assistir os moribundos, embora, depois do regresso dos convalescentes a Cartum, prestasse ajuda P.^e Carmino Loreto, jovem sacerdote de Nápoles, que depois regressou à pátria.

6378

Quando o nosso caro P.^e Squaranti tomou conhecimento da minha crítica e tremenda posição e de que na capital das possessões egípcias do Sudão havia tantos infelizes que requeriam a presença do sacerdote, sem demora tomou com o sacerdote Vanni a primeira embarcação árabe que saía para Cartum. O barco ia repleto de pobre gente, até ao ponto de que os dois missionários se mexiam com dificuldade. Para não falar de todas as dificuldades desta viagem, que durou 15 dias, só direi que ao décimo primeiro dia sofreu um ataque de altíssima febre: com o nervosismo de uma precipitada viagem, tinha-se esquecido de levar consigo, como costumava fazer sempre, quinino e outros medicamentos. A febre veio ainda com maior violência nos dias décimo primeiro e terceiro. Mas no último dia o ataque foi tão forte e terrível que o levou às últimas; e já tenha feito ao Senhor a oferta e absoluta da sua vida e preparava-se para a grande viagem, quando chegou a Cartum.

6379

Ao vê-lo tão definhado e consumido pelo letal processo e enfraquecimento de só quatro dias de febre, fiquei espantado. Contudo, embora muito fraca, ainda me sorria no coração a esperança de o salvar e desdobrámos toda a solícitude para o rodear de amorosos cuidados, consultando médicos, utilizando os mais eficazes medicamentos e não poupando nada para lhe proporcionar alívio e lhe prolongar a existência. Mas todos os cuidados e atenções foram inúteis: aos doze dias da sua chegada a Cartum, confortado com toda a ajuda da nossa santa religião, totalmente tranquilo e resignado, com semblante feliz e consumido de amor divino, às 7 da manhã do dia 16 de Novembro de 1878 voou para o seio do Criador, a receber o galardão das suas sublimes virtudes. O heroísmo da sua caridade, ao querer acorrer em minha ajuda no cenário das mais tremendas calamidades para se sacrificar por inteiro pela salvação das almas, foi o que o colocou na terrível situação que o levou à morte; e o seu desaparecimento lançou-nos a todos num mar de desolação e de pesar.

6380

Esta gravíssima e lamentável perda do braço direito da missão, unida às enormes fadigas sofridas e à espantosa precipitação de tantas aflições, desgraças e angústias, para cuja descrição seriam precisas muitas páginas, acabaram por atacar e ferir seriamente a minha robusta compleição e saúde. Assim, depois de ter passado muitos meses sob o tremendo peso de tantas cruces e angústias, *sem nunca dormir, nem de dia nem de noite, uma única hora em vinte e quatro*, na tarde de 16 de Janeiro de 1879, após ter acorrido à cabeceira de um infeliz e rico comerciante heterodoxo, que, pela manhã, forte e são, tinha atendido normalmente ao seu negócio e pela tarde exalava o último suspiro, atacou-me uma fortíssima febre que enfraqueceu grandemente as minhas forças e me reduziu a um deplorável estado.

6381

Ora bem, ante tão espantosas calamidades, sob o peso de tantas desditas, o ânimo do missionário terá de se encolher e desfalecer?... Nunca! A cruz é o caminho real que conduz ao triunfo. O Coração Sacratíssimo de Jesus palpitou também pelo pobres negros.

6382

O verdadeiro apóstolo não retrocede nunca perante os mais fortes obstáculos, perante as mais violentas oposições e aguenta a pé firme o temporal das tribulações, os embates das desventuras: ele marcha para o triunfo pelo caminho do martírio. Semelhantes aos nossos irmãos missionários da China, que não se calam

perante a morte, nem perante os mais cruéis suplícios, nós enfrentaremos impávidos as enormes fadigas, as perigosas viagens, as espantosas privações, o lento martírio de um clima sufocante e de abrasadoras febres, os mais duros sacrifícios e até a própria morte, para ganharmos para a fé os habitantes da África Central, a fim de os reunir a todos à sombra pacífica do único redil de Cristo.

6383

Mas enquanto como humildes operários da infeliz Nigrícia estivermos a suportar com firmeza a vaga impetuosa de cruzes e calamidades do nosso difícil e laborioso vicariato, também devemos imitar os nossos veneráveis irmãos os vigários apostólicos da China, da Mongólia e da Índia, fazendo um apelo aos generosos benfeitores das missões para implorar socorro em prol dos nossos infelizes e sempre queridos africanos, que gemem ainda sob o peso de tantas desventuras. *Clamat penuria pauperum, clamant nudi, clamant famelici* (S. Bern. Epist. XLII).

6384

Carestia, epidemia, fome, sede... tremendas palavras! Terríveis males, penosíssimos flagelos!... Desde David que empalidece e treme perante a ameaça do profeta Gad: *veniet tibi fames in terra tua... erit pestilentia in terra tua* (II Reis 24,13), creio que poucas vezes alguém, de alma naturalmente cristã, só ao ouvir pronunciar uma de tais palavras *temperet a lacrymis* (Virg.) e sentindo a violência do calafrio pelas veias e nos pulsos, tenha deixado de gritar: *libera nos, Domine!* Pois o que é que não haverá de suceder quando a fome, a sede e a epidemia, atrocemente combinadas, se juntam num furioso turbilhão para semear a miséria, a desolação e a morte na já mísera e desolada terra do amaldiçoado Cam?

6385

Então ter-se-á o *pandetur malum super omnes habitatores* (Jeremias 1,14). O meu coração, pouco impressionável, ainda se me encolhe ao lembrar, como o faço nestas páginas, tanta ruína e tanto estrago como a carestia e a epidemia causaram no meu enorme Vicariato, do que em parte fui testemunha ocular. Mas, ainda que com tudo isso aquela dor se desperte em mim e só de o recordar me espante, trouxe aqui tão amarga história, digna de mover à compaixão e pranto, porque *quod non audeo ego, audet et charitas, et cum fiducia charitas pulsat ad ostium amici, nequaquam putans pari se debere repulsam* (S. Bern. Epist. XI). Se falo, é pelos pobres negros; pelos nus, famintos filhos da África interior; e é *propter nomen Domini Dei nostri quaesivi bona tibi*. Cheio de confiança nessa caridade *bona mater charitas... diversis diversas exhibens, sicut filios diligit universos* (S. Bern. Epist. II), chorarei ao mesmo tempo pelos pobres negros e pelo sublime apostolado da África Central.

6386

As nações civilizadas da Europa e da América e de modo especial o episcopado e os generosos e fervorosos católicos da França, do império austro-húngaro, da Alemanha, Itália, Inglaterra, Bélgica, etc., comoveram-se intensamente com a notícia do terrível flagelo da fome e da carestia que de há vários anos a esta parte açoitava muitas províncias da China, das Índias Orientais, da Mongólia, da África e de outras missões da Terra; e levados pela mais requintada caridade e pela mais terna compaixão para com tantos infelizes, rivalizaram em socorrer eficazmente os desolados irmãos. Todos nós os bispos e vigários apostólicos das missões estrangeiras em terras infiéis guardaremos eterna gratidão para com o venerando episcopado católico e para com os generosos benfeitores da Europa, que nos prodigalizaram tantas ajudas; e das nossas missões subirá diariamente ao Céu, atravessando as nuvens, o fragrante incenso das fervorosas orações que rezarão os nossos queridos filhos regenerados pela purificação salvífica do baptismo. Sim; os nossos neófitos rogarão sempre pelos nossos magnânimos benfeitores.

6387

Contudo, sem tirar nada àquele espantoso quadro da fome e das calamidades que se abateram nas remotas regiões asiáticas que mencionámos, prejuízos que foram exactamente descritos pelos nossos veneráveis irmãos os pastores daquelas importantes missões e até pelos cônsules e representantes das nações civilizadas da Europa acreditados perante aqueles governos estrangeiros, não tenho dúvida de emitir o meu humilde parecer e atrevo-me a dizer, depois de madura e ponderada reflexão, a grave afirmação seguinte:

A carestia e a epidemia na África Central foram muito mais terríveis e espantosas que as da China, que as da Índia e que as das outras missões apostólicas do universo.

Eis os principais motivos:

6388

I. Na Índia e na China, ainda que com a fome e a epidemia, havia um clima moderado e suportável, que em muitas daquelas províncias é mais saudável que o da Europa. Além disso, lá respira-se um ar geralmente tonificante e puro e bebe-se água limpa, de sabor agradável e fresca. A suavidade do clima e a pureza e frescura do ar e da água são um delicioso alívio e um grande remédio para os pobres famintos.

6389

Pelo contrário, na maior parte dos países da África Central, à fome e à mais desoladora penúria junta-se um clima pesado e insuportável, com um calor excessivo e sufocante, mesmo quando se está metido nas casas e cabanas. E nos intermináveis desertos, onde o missionário não encontra refúgio algum, nem rasto de sombra, enquanto viaja sofrendo sob os abrasadores dardos da canícula, desde as onze da manhã até às quatro da tarde, sem ver mais que árida areia e um céu em brasa sob quarenta, cinquenta e até sessenta graus de calor, é inútil procurar alívio e torna-se absolutamente impossível encontrar algum dos mencionados remédios que confortam o pobre faminto da Índia e da China.

6390

Além do mais, nas imensas regiões que estão longe dos grandes rios, como é o caso do Cordofão, Darfur e Gebel Nuba ou nas tribos interiores dos negros, ao flagelo da fome associa-se o ainda mais terrível da sede. Em tão terrível situação, a água suja, lodosa, salobre e repugnante, tirada de poços de trinta e quarenta metros de profundidade, pagou-se mais cara que o vinho na Itália; e houve dias em que foi impossível obtê-la a preço algum, porque faltava absolutamente. Quem teria podido medir aquela minha angústia e os horrores de tantas privações?!

E não é de passar em silêncio o não menos grave caso da falta de sal para condimentar os alimentos, que às vezes nós sofremos. Ponderem-se todas estas críticas situações, que na África interior agravam a situação dos famintos e brilhará resplandecente a verdade desse primeiro ponto da minha afirmação que assinala e faz ressaltar a gravidade das desgraças da fome e da carestia da África Central, muito mais severas e espantosas que as sofridas nas outras missões do mundo.

6391

II. Nunca ouvi, vi ou tive ocasião de ler na história nem nos relatórios sobre a carestia da Índia, da China e doutros lugares da Terra, que os artigos de primeira necessidade faltassem aos missionários, às Irmãs e aos irmãos coadjutores idos da Europa para aquelas regiões; ou que, faltando-lhes, tivessem que os comprar a preços exorbitantes e fabulosos de dez, vinte, trinta vezes o seu preço normal, como indiquei anteriormente. Contudo, tudo isto ocorreu na África Central. Os nossos missionários, as nossas Irmãs e os nossos irmãos coadjutores veroneses no Cordofão e em Gebel Nuba, como também alguns comerciantes e funcionários em Darfur, na região do Nilo Branco e na do Bahar-el-Ghazal, tiveram por completo falta de pão; e, durante longo tempo, viram-se obrigados, com não pequeno desagrado e repugnância, a alimentar-se de *dokkon*, que é uma espécie de milho, conhecido em botânica com o nome de *Penicillaria* e que se pagou em Darfur até a 140 táleres *megidi* por um *ardeb*, ou seja 636 francos ouro, quando o seu preço ordinário era antes de uns 3 táleres *megidi* por *ardeb*, equivalente a pouco menos de 15 francos ouro; quer dizer, o preço era agora quarenta e seis vezes maior. Oh, que grande a angústia a do meu coração, ao ver-me na absoluta impossibilidade de pôr cobro a tão duras calamidades! Quanto me afligiu a preocupação pela extrema penúria do Cordofão, que privou a generosa Ir. Arsénia Le Floch, superiora de El-Obeid, do modesto alívio de um pouco de pão de trigo molhado em água, enquanto gemia no seu leito de morte e se dispunha a empreender a viagem para o Paraíso! E, ainda por cima, entre a maior parte dos pobres indígenas, a escassez ultrapassou todo o cálculo e toda a medida; é que não há nenhuma região do mundo tão mísera como uma grande parte da Nigricia.

6392

III. Tão-pouco nunca ouvi, nem li nos jornais e nos anais das missões da Índia, da China e das outras partes do mundo que a fome, a sede e a epidemia produzissem como consequência nada comparável à espantosa e terrível mortandade de que falei neste sucinto relatório, a qual, nalgumas zonas consideráveis do Sudão, acabou com grande parte daquelas míseras populações; e nalguns lugares não muito distantes da capital das possessões egípcias na Nigricia morreram metade, três quartas partes ou até a totalidade da população, perecendo igualmente a metade, as três quartas partes ou até todos os animais, mesmo os cães, que dotados de uma enorme resistência e de uma enorme vitalidade, geralmente constituem nesses países uma providencial guarda de segurança pública contra os ladrões, os assassinos e os animais ferozes.

6393

IV. Na Índia e na China, a indústria está muito avançada e a cultura e a civilização são antiquíssimas. Provam-no, entre outras coisas, as grandes Exposições universais e mundiais, que desde há mais de cinco lustros vimos admirando em Londres, Paris, Filadélfia, Viena... e que nos dão uma ideia dos grandes progressos da indústria e da cultura nesses impérios do Extremo Oriente. E, quanto à mecânica e construção, pode dizer-se que, de alguma maneira e em determinados aspectos, a Índia e a China competem com a Europa civilizada. Lá, apesar da fome e da carestia, conta-se não só com a moderação do clima e a salubridade e frescura da água, mas também com cómodas casas engenhosamente construídas, para se resguardarem das intempéries e dos marcados fenómenos estacionais, como as chuvas torrenciais e os excessivos calores.

Não ocorre o mesmo nas inóspitas e remotas regiões da Nigricia, onde a indústria humana, a cultura e a civilização são incipientes; pode até dizer-se com toda a verdade que estes países são ainda primitivos e mui-

tos deles encontram-se mais atrasados quanto à cultura e civilização que os nossos primeiros pais Adão e Eva, depois da sua queda...

6394

Em todo o Vicariato da África Central, à excepção da cidade de Cartum, que desde a fundação da missão católica possui algumas casas de alvenaria e tijolo cozido, por exemplo o estabelecimento da missão e a nossa residência, que foram os primeiros edifícios que se construíram à europeia; em toda a África Central, dizia, não há nenhuma casa de pedra ou de tijolo cozido como as nossas da Europa. Com efeito, até as casas dos poderosos e ricos são feitas de areia ou de barro ou de adobe e, assim, são tão frágeis, que duram pouco tempo e caem e desfazem-se por si mesmas com as chuvas torrenciais, passadas muito poucas estações de *kharif*. E estas casas, como digo, pertencem às famílias privilegiadas e opulentas das principais cidades, onde tem a sua sede um paxá ou um governador provincial.

6395

Mas a maior parte das habitações da África Central, pertencentes à classe média, são construídas de palha ou de barro; e grande parte da população pobre ou apenas tem umas toscas cabanas para nelas se refugiar de noite ou no tempo do *kharif* (chuvas anuais) ou se mete em cavernas ou debaixo das árvores; e até muitos, à falta de tudo o que referi, vêm-se obrigados a viver ao ar livre, expostos ao calor escaldante e aos dilúvios da estação chuvosa. A isto há que acrescentar o gravíssimo facto de que quase todos os habitantes da África interior dormem sempre no chão nu, à excepção dos chefes e dos ricos, que se deitam sobre uma pele de vaca, de tigre ou de outros animais. Além disso, muitos deles andam sem nada vestido, completamente nus e estão assim sempre, tanto debaixo dos abrasadores raios do sol como nas noites, às vezes desagradáveis e frias e também no meio dos ventos impetuosos, nas estações húmidas e chuvosas; pelo que, são por vezes afectados de febres muito perigosas e de doenças funestas.

6396

E não é só a classe pobre que está sem tecto naquelas terras remotas, mas até outras pessoas mais abastadas, no tempo do *kharif*, porque, ao caírem as chuvas torrenciais anuais, muitas casas de ramagem, palha, areia, barro ou adobe entram em derrocada, desfazendo-se como o açúcar ou o chocolate quando a água as empapa. Deste modo, a maior parte da população da África Central vê-se privada de refúgio na época das chuvas e exposta à intempérie, suportando o frio da noite e o calor do dia; daí que grande número desses infelizes se ressinta na saúde, seja contagiado por graves doenças e ponha fim a uma mísera vida com uma morte ainda mais mísera e infeliz.

6397

Considere, eminentíssimo príncipe, a grandeza das desgraças de populações africanas tão infelizes açoitadas pela fome, sede, o calor, o frio, expostas a todas as inclemências de tão variadas e perigosas estações, sem refúgio nem tecto e sujeitas a tão grandes e tão graves doenças. Compare todas estas desgraçadas condições e circunstâncias com essas outras bastante menos rigorosas e mais favoráveis dos povos da Índia e do extremo Oriente e brilhará de forma clara a verdade da minha reiterada afirmação de que a carestia e a epidemia da África Central foram muito mais terríveis e espantosas que as da Índia, da China, da Mongólia e das outras missões apostólicas do universo.

6398

V. Finalmente, o erro pernicioso e funesto do fatalismo próprio da seita islâmica, mais a ignorância dos pobres negros que gemem sob o jogo da mais cruel e horrível escravidão, agravam excessivamente a situação dos famintos da África Central, com respeito aos da Índia, China e às outras missões da Terra. O fatalismo islâmico, junto com a extrema ignorância dos pobres negros embrutecidos sob o peso da escravidão, é uma das principais razões pelas quais o próprio faminto se não preocupa nada com a sua desgraça, as suas misérias, a sua fome, a sua sede, as suas privações, as suas doenças, nem com os perigos da sua vida; e mais indiferente se torna ainda a sociedade dos seus irmãos africanos dominados pela superstição do fatalismo, no meio dos quais vive. O maometano faminto que não tem ou que não encontra com que se satisfazer e manter a sua vida (e ainda mais o negro escravo assim instruído por seu amo), convencido como está da feroz lei e do fatalismo, segundo a qual deve sofrer o destino que Deus lhe tiver marcado, ou seja, que deve morrer necessariamente, uma vez que Deus assim o quer, ele, sem a menor perturbação e desconcerto, sem nenhum ruído nem queixa, mas absolutamente resignado à sua sorte, permanece calmo e sereno, alheado de tudo, e sem fazer o menor esforço para procurar um remédio e afastar de si aquela tremenda desgraça. Frequentemente – sempre presa do seu fatalismo – coloca-se parado junto à porta, ou a um lado da sua habitação, ou por detrás de uma cabana ou debaixo de uma árvore; e aí, impassível e a sangue-frio, espera impávido a morte, exclamando com o seu profeta: *Allah kerim* (Deus é digno de honra!).

6399

Pelo mesmo princípio e pelo mesmo motivo, a sua família, os seus amigos, os seus compatriotas, perante uma desgraça que, com base nesse fatalismo, consideram desígnio e vontade de Deus, não se comovem, nem

fazem nenhum ruído, nem procuram grande coisa afastar tal infortúnio; daí que, não raramente, numa mesma cidade, num mesmo povo, sucedem graves desgraças sem que o público se aperceba ou se dê por achado ou se esforce por as esconjuram ou pôr-lhes remédio. Mas na Índia, na China e nas outras missões do mundo, os habitantes são, no geral, mais sociáveis, cultos, civilizados e industriais. O faminto ou o afectado por qualquer outra miséria, move-se, luta, põe mãos à obra para sair da situação difícil. Com ele colabora a sua família, pais, amigos, e os seus concidadãos; o sentimento de humanidade e filantropia inflama-se e impõe-se e o desafortunado tira alívio dos seus próprios esforços e da ajuda dos demais.

6400

Por isso, é consideravelmente melhor e mais suportável a situação dos famintos e dos desventurados nos ditos reinos e impérios.

Além disso, aqueles governos, que em certo modo se podem considerar regulares, porque mantêm relações diplomáticas com as grandes potências da Europa e da América, fizeram grandes sacrifícios para acudir em ajuda dos seus famintos. Até os príncipes e princesas da Índia e os mandarins da China foram pródigos em ajuda e sobretudo o Governo da rainha da Inglaterra e imperatriz das Índias concedeu-lhes ingentes auxílios; também se moveram e trabalharam activamente em favor deles os ministros plenipotenciários, os cônsules e os representantes das nações civilizadas acreditados perante os governos desses países.

6401

Mas na África Central os governos locais não se preocuparam o mínimo com as desgraças e calamidades dos povos dependentes deles. A única coisa que lhes importa, em geral, é explorar os que estão sob a sua jurisdição e arrancar-lhes os impostos como lhes apetece, por vezes até com toda a sorte de violência. A única personalidade dotada de nobres sentimentos, cheio de boa vontade e capaz de intervir eficazmente em alívio de tanta calamidade, teria podido ser o Excelentíssimo Gordon Paxá, governador-geral das possessões egípcias do Sudão; mas ele estava ausente na época em que o flagelo da fome e da carestia fazia maiores estragos. E quando voltou ao seu posto a Cartum, encontrou-se na impossibilidade absoluta de dispor para o efeito de importantes ajudas: ao não ter podido aquele ano cobrar nas várias províncias os múltiplos impostos com que estavam tributadas, carecia até dos fundos e do dinheiro necessários para manter o exército e as diversas administrações naquelas vastas e remotas regiões. Até no meio de tanta penúria se viu na necessidade de mandar para casa muitos dos seus funcionários e de reduzir consideravelmente os efectivos do exército egípcio indígena, por não ter com que pagar. Disso resultou que muitos dos despedidos e não pagos se entregaram ao roubo e à violência, com o pretexto de sobreviverem e não morrerem de fome.

6402

Finalmente, na Índia, na China, na Mongólia e noutras missões, tão depressa como apareceu o horrível flagelo da carestia, os bispos e vigários apostólicos, bem como os missionários, assim levantaram a sua voz cheia de autoridade, que ressoou nos ouvidos dos generosos benfeitores da Europa e, graças à bondade divina, puderam receber abundantes socorros. Ao invés, na África Central, sou eu o único bispo e vigário apostólico; e, ainda por cima, só demasiado tarde pude lançar o meu apelo, quando todos os pensamentos e espíritos estavam absorvidos pelos famintos da Índia e todos os olhares se dirigiam para a China, a Mongólia e as outras desoladas missões do mundo.

6403

A minha voz era fraca e solitária, e o meu grito de angústia soou demasiado tarde. E ainda que muitos e oportunos donativos de generosos e piedosos benfeitores viessem logo aliviar a angústia da minha alma e mitigar extremas e grandes misérias, não conseguiram fazer frente às mais urgentes necessidades. Mas a misericórdia divina, graças à exímia caridade dos benfeitores, manteve ainda de pé as árduas e importantes missões do Vicariato e salvou muitas almas atendendo às mais extremas necessidades. Os missionários, as Irmãs, os irmãos coadjutores e as pessoas acolhidas na missão suportaram a pé firme, com inamovível constância, coragem e resignação, as maiores privações e sacrifícios. Sofremos muitíssimo, mas alegramo-nos disso, porque o Senhor se dignou fazer-nos participantes da sua paixão e nos ajudou poderosamente a levar a sua cruz divina, símbolo de ressurreição e de vida.

6404

E embora o Vicariato da África Central note ainda as consequências daquelas tremendas calamidades, mantemos no coração a mais firme esperança de que, ajudados ainda mais eficazmente com as orações e as ajudas dos nossos piedosos, generosos, caríssimos benfeitores da Europa, a nossa árdua e santa missão sairá completamente recuperada e fortalecida dos ditos desastres e mortandade, de que não há exemplo na história da África Central e que, sem ponto de comparação, superam todos os males sofridos pelo Vicariato desde a sua primeira fundação, em 3 de Abril de 1848.

6405

Tal é a minha humilde e subordinada opinião sobre a carestia e a epidemia da África Central em 1878-1879, que foram mais espantosas e tremendas que as da Índia, da China, da Mongólia e de todas as outras missões apostólicas do universo.

Este simples quadro sobre o grande desastre da carestia e da epidemia no nosso Vicariato, revela bem às claras que a nossa missão da África Central é obra divina, porque tem a marca do adorável selo da cruz, como as mais santas obras de Deus que desde os primeiros séculos da Igreja surgiram para alegrar e embelezar a veneranda esposa de Cristo.

6406

Merece, pois, eminentíssimo príncipe, o alto e piedoso patrocínio que V. Em.^a lhe outorgou e é digna dos magnânimos benfeitores, que contribuíram eficazmente para a sua fundação, o seu desenvolvimento e o seu sustentado crescimento até hoje. Nesta grande obra viu-se claramente o dedo de Cristo: soou, portanto, a hora para a redenção dos desditosos povos da África Central, que ainda hoje jazem sepultados nas trevas e sombras da morte. É certo que, por se tratar da obra mais difícil e laboriosa de quantas existem, somente o zelo apostólico, suscitado e coadjuvado pela graça e vontade divinas, conseguiu até hoje tornar possível este difícil e laborioso apostolado, que exige as mais viris virtudes, os mais duros sacrifícios, o martírio.

6407

Mas certo é também que no seio da Igreja ferve ainda o zelo e abunda a caridade para empreender, manter e fazer prosperar as obras divinas que têm como fim a maior glória de Deus e a salvação das almas mais necessitadas e abandonadas do mundo, apesar de todos os esforços das potências infernais, que com diabólica intenção se dedicam a abater e aniquilar a religião católica e o seu maravilhoso apostolado no mundo. Não; as forças do abismo não conseguirão destruir as obras de Deus nem apagar nos peitos católicos a generosa chama da caridade que lhes infunde vida, as sustenta e lhes dá pujança e prosperidade.

6408

Trata-se de arrancar à barbárie e à infidelidade *cem milhões* de homens, sobre os quais ainda pesa tremendo o anátema de Cam. Trata-se de ganhar este mundo de negros, que gemem sob o peso da mais horrível escravidão. Para conseguir esta grande regeneração da Nigéria, tenho o sagrado dever, como primeiro pastor, bispo e vigário apostólico da África Central, de fazer um apelo à fé e à caridade de todos os católicos do mundo, a fim de que, confiados nas indefectíveis promessas d'Aquele que disse: *petite et accipietis; quaerite et invenietis; pulsate et aperietur vobis*, todos elevem a Deus uma oração diária com este duplo objectivo:

6409

1.º Que Deus suscite no seio da Igreja entusiastas e santos obreiros evangélicos, e generosas e pias irmãs da caridade mães da Nigéria, que, unidos sob a bandeira do vigário apostólico da África Central, o assistam e ajudem a conquistar almas para Cristo e para a sua divina Igreja.

6410

2.º Que o Senhor faça surgir também na Igreja e na civilização cristã generosos benfeitores, que com santas e abundantes esmolos coadjuvem esta grande obra do apostolado da África Central, para que possa realizar a sua importante tarefa e se estabeleçam, naqueles remotos lugares, todas as obras católicas necessárias para manter a fé e o culto divino, a fim de que aquelas gentes passem a formar parte do grande rebanho de Cristo.

6411

Quantos méritos adquiriram e adquirirão perante Deus os que prestaram e prestarão o seu valioso apoio a esta obra divina! É certamente o importante negócio da salvação eterna o que com isso se assegura.

Nós imploramos do Sacratíssimo Coração de Jesus, de Nossa Senhora do Sagrado Coração e do ínclito patriarca S. José, padroeiro da Igreja, aos quais tenho consagrado o Vicariato Apostólico da África Central, todas as graças e bênçãos espirituais e temporais sobre os nossos estimados benfeitores, firmes e inamovíveis no nosso grito de guerra: *Nigéria ou morte!*, por Jesus Cristo e pela África Central.

† Daniel Comboni

(1) O *corbac* é na África Central uma espécie de açoite feito de pele de hipopótomo, com que se dão golpes aos escravos e se incita os animais a moverem-se.

N.º 1007 (1175) - AUTÓGRAFO NUM MISSAL
MPMV

1880

N.º 1008 - A MGR. JOSEPH DE GIRARDIN
AOSIP, Afrique Centrale

Suakin (mar Vermelho), 7 de Janeiro de 1881

Senhor presidente,

6412

Apresso-me a enviar-lhe o resumo correspondente à Santa Infância, seguindo os conselhos recebidos do meu superior da missão de Cartum. Farei tudo o que for possível para organizar bem esta obra no meu fadigoso Vicariato, mas rogo-lhe insistentemente, senhor director, que acorra em minha ajuda. É preciso conquistar para o Menino Jesus a África Central, que nunca gozou dos benefícios da fé.

6413

Em anos passados, roguei-lhe que me mandasse o subsídio a Santa Infância por meio do banqueiro católico sr. *Brown e Filho* para Roma. Mas, infelizmente, esse homem entrou em falência e muitos eclesiásticos (até monsenhores e cardeais) perderam o dinheiro. Por isso, já não mande nada ao sr. *Brown*, que desapareceu de Roma.

6414

Como em Paris não tenho um meio, peço-lhe que envie o dinheiro destinado à África Central ao superior dos meus Institutos do Cairo, no Egipto, a saber:

Ao Rev. P.^e Francisco Giulianelli
 Superior do Instituto dos Negros para a África Central
 Cairo (Egipto)

6415

Recebi a magnífica encíclica do Papa para a Santa Infância. Será meu dever dirigir-me a todos os bispos, cardeais, etc. (sobretudo aos da Itália) de meu particular conhecimento, para os levar a que escrevam cartas pastorais, etc. e façam o possível para desenvolver a Santa Infância. Esta encíclica é providencial, e a si, senhor director, se deve em grande parte, por ter induzido directamente o Santo Padre Leão XIII à publicação da mesma, que salvará muitos milhões de crianças. Há que aproveitar agora: é preciso martelar o ferro em quente. Os bispos agem com coragem, apesar dos maus tempos. Subscreve-se, etc.

† Daniel Comboni
 Bispo e vig. ap. da África Central

Amanhã entro no deserto (15 dias até Berber) com 16 pessoas, entre missionários e Irmãs.

Original francês; tradução do italiano.

N.º 1009 (965) - A MGR. JOSEPH DE GIRARDIN
AOSIP, Afrique Centrale

Suakin, 7 de Janeiro de 1881

Estatísticas e notas administrativas.

N.º 1010 (966) - A MGR. JEAN FRANÇOIS DES GARETS
APFL, Afrique Centrale, 7

Suakin (mar Vermelho), 9 de Janeiro de 1881

Senhor presidente,

6416

Chegado aqui, à primeira cidade oriental do meu Vicariato, envio-lhe os dois pequenos quadros estatísticos para a próxima divisão de recursos. Falta a minha informação anual, que julgo conveniente não preparar por agora, enquanto não tiver efectuado uma parte da minha visita pastoral. Enquanto esperar, escrever-lhe-ei o mais frequente que puder, para dar informações da natureza e circunstâncias do laborioso apostolado da África Central, tão pouco conhecido dos nossos caros benfeitores e sócios.

6417

E como é difícil fazer uma ideia exacta do nosso campo de trabalho, sem conhecer bem o que a ciência e a geografia fizeram por esta parte do mundo chamada África, a mais vizinha da Europa e, ao invés, a mais desconhecida (com o que também a Igreja e as suas missões católicas têm muito a ver), propus-me enviar-lhe a si um relatório intitulado *Quadro Histórico sobre os Descobrimentos na África*, que servirá de sólida base para conhecer não somente o alcance e a importância das missões católicas da África Central, mas também de todas as nossas missões da África inteira.

6418

Mas estender-me-ei em pormenores sobretudo a respeito das missões do interior e sobre os trabalhos que são mais necessários para estabelecer bem uma missão entre as tribos primitivas, atendendo à experiência. O trabalho apostólico na África interior é muito mais difícil e árduo que nas outras missões do mundo; e isto é o que é necessário explicar. Em Roma, o digno e venerável mons. Masotti (que é um homem eminente e superior) instou-me a escrever muito e a informar sobre a África Central; fá-lo-ei nos momentos das horas vagas e na medida que me for possível.

6419

Mas o que agora me preocupa é a falta de recursos, muito inferiores ao estritamente imprescindível para as obras que temos no Vicariato e para as que é absolutamente preciso fundar, com o objectivo de dar o desenvolvimento necessário a esta difícil missão.

Por isso, senhor presidente, peço-lhe a sua ajuda. Especialmente as últimas estações da missão precisam ser ajudadas. Ah, eu farei todo o possível para conseguir que estas missões avancem!

6420

Acabo de receber a magnífica carta encíclica de Leão XIII sobre a Propagação da Fé. É um monumento de caridade por parte deste grande Pontífice, que tem no seu coração as missões apostólicas; mas o senhor tem um grande mérito por ter suscitado este acto do Soberano Pontífice. E a sua caridade, a sua entrega e o seu zelo são admiráveis. Nós somos pequenos pigmeus em comparação com os dignos membros dos conselhos centrais da Propagação da Fé.

6421

Será meu dever escrever a todos os bispos e cardeais que conheço pessoalmente, em particular aos das dioceses da Itália, que têm mais meios, a fim de movê-los a escreverem cartas pastorais, pedir orações e falar nas igrejas em favor da Propagação da Fé, a qual é a condição imprescindível para que possam existir e desenvolver-se as missões do mundo inteiro e sobretudo as do Centro e do interior da África.

6422

Amanhã à tarde partirei de Suakin para Berber com a minha caravana de cinquenta camelos. Atravessando em quinze dias o deserto que separa o Nilo do mar Vermelho e pela rota de Cartum, penso chegar ao Cordofão e a Gebel Nuba em meados de Março. Levo comigo um grupo de dezasseis membros da missão, cujos nomes escrevo nesta folhita para *Les Missions Catholiques*.

Sem deixar nunca de rogar e fazer rogar por si e pela Obra da Propagação da Fé, fica sempre seu reconhecidíssimo

† Daniel Comboni

Original francês
Tradução do italiano

N.º 1011 (967) - A MONS. INÁCIO MASOTTI
AP SC Egitto, n. 22, ff. 438-439

N.º 2

Suakin (mar Vermelho), 10 de Janeiro de 1881

Excelência rev.ma,

6423

Comunicam-me que o rev.mo P.^e Normand, superior da missão dos jesuítas na Síria e no Egipto, irá à Europa e certamente a Fiesole e Roma. No caso de ele ir a Roma, permito-me sugerir-lhe a grande conveniência de que V. E. o chamasse ao seu gabinete ou à secretaria ou à casa por cima, e lhe perguntasse, olhos nos olhos, qual a situação da religião no Egipto e lhe expusesse, um a um, os meus pontos de vista sobre o Egipto de que lhe falei na minha última carta, a n.^o 1. Se essas minhas opiniões fossem inexactas ou não coincidissem de todo com a verdade, eu estaria disposto a retirá-las, porque o critério particular de um indivíduo é igual a zero em comparação com o de um jesuíta tão bom, arguto e de tanto valor como o P.^e Normand, e já não digo nada em comparação com o de V. E. e o da Propaganda.

6424

Mas verá como o juízo é idêntico. Isto para a maior glória de Deus e o bem da África.

Hoje parto de Suakin com a minha caravana evangélica e entro no deserto. Encomendo-me às suas orações e subscrevo-me com prazer no Coração de Jesus.

De V. E. Rev.ma
Hum.mo, devot.mo e verdadeiro servidor
† Daniel bispo
Vigário Apostólico da África Central

N.^o 1012 (968) - A SEU PAI
APF, Novara

Suakin, no mar Vermelho, 10 de Janeiro de 1881

Breve bilhete.

N.^o 1013 (969) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/10

S. Fr. de Sales, Cartum, 29 de Janeiro de 1881

Meu caro reitor,

6425

Em 29 dias chegámos do Cairo a Cartum. Em Berber, o vapor estava há muitos dias à nossa espera. Fomos o espanto de toda a gente. Nunca uma viagem tão boa. Nós todos são, e todos aqueles a quem encontramos também de boa saúde. A Ir. Vitória não cabe em si de contente. Deixando de lado o facto de que não há escolas femininas e de que nenhuma Irmã sabe *pevide* de árabe, encontrei a missão muito bem: muita abnegação e espírito de sacrifício e muito ânimo. Não tenho tempo; escreverei em melhor ocasião. Saúdo e abençoo ambos os institutos, a superiora e Virgínia, às quais escreverei quando puder respirar, porque agora afogam-me as ocupações.

6426

Reze e faça rezar muito. Escreva-me directamente para o Cordofão. Em Gebel Nuba faremos uma missão magnífica: levo comigo P.^e Bonomi, que, como P.^e Losi, conhece bem Nuba. Ah, o Diabo teme-nos! A África Central está bem melhor do que eu pensava e do que contaram à Propaganda os frades que são contra o bem não feito por eles; refiro-me aos frades e padres do Egipto que nunca viram o Sudão. Eu vou para a frente, porque confio só em Deus e em si, que espero me prepare bom pessoal. *Vale*. Mil respeitosas saudações ao Em.mo, ao P.^e Vignola, etc.

6427

Fé e Jesus; desabe o universo, Cristo triunfará na África Central. Vou amadurecendo a antiga ideia de fundar um instituto de Irmãs na Síria. Os jesuítas consideram-na magnífica e ajudar-me-ão. Mas que o não saibam os franciscanos! Isso, depois. Eu farei com que, a seu tempo, intervenha o Santo Padre, quando lhe escrever sobre o assunto. Apenas não ficarão contentes os [...] [*Falta o resto*]

[† Daniel bispo]

N.º 1014 (970) - A SEU PAI
ACR, A, c. 14/127

Cartum, 1 de Fevereiro de 1881

Meu querido pai,

6428

Em apenas 29 dias, com uma expedição de 16 membros dos nossos institutos, vim do Cairo até Cartum. É quase um milagre. Mas depois de a Deus, devo agradecê-lo ao quedge, soberano do Egipto, que deu ordens a todos os governadores do mar Vermelho, da Núbia e de todas as províncias por onde eu passava, para que se pusessem ao meu serviço. Por isso, em Suakin encontrei preparados os camelos e, em Berber, prontinho, o vapor que me esperava havia onze dias e que, em apenas cinco dias nos transportou com mais de 200 caixas pelo Nilo até Cartum, onde encontrei P.^e Bonomi e as Irmãs, que suspiravam pela nossa chegada. P.^e Bonomi é um verdadeiro missionário e um bom administrador.

6429

Aqui não encontrei nem um cêntimo de dívidas. No Cordofão, sim; mas ontem de manhã paguei tudo, à vista, com 2400 táleres; de modo que, agora, nem na Europa, nem no Egipto, nem na África Central, quer eu quer a obra temos dívida alguma. Além disso, no Cairo ordenei a construção da igreja; em El-Obeid está já concluída a igreja paroquial, que é a mais bela da África Central e está *toda paga*. Eu estou muito bem e igualmente todos os da missão. Esta é a única e primeira carta que escrevo desde a minha chegada a Cartum. Ainda não enviei nenhuma para Verona. Recebi a tua de Limone e aqui está a resposta.

6430

Saúdo e abençoo Teresa, os nossos parentes, o reitor, P.^e Luís, os amigos e os de Riva. Domingos saúdate. No deserto chorava e dizia que não estava habituado a tantos sofrimentos e que, sem beber vinho de manhã e à tarde, não pode viver. Os dois alemães, P.^e João e P.^e José, são autênticos missionários. P.^e Bartolo Roller manda-te cumprimentos. Estou satisfeito de o ter comigo: é verdadeiramente exemplar; por outro lado, eu até sei lidar com o Diabo! A missão irá bem, apesar de os inimigos que a atacam. Mas tudo se deve sujeitar a Cristo.

Teu af.mo filho
† Daniel bispo e vig. ap.

N.º 1015 (971) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/107

Cartum, 5 de Fevereiro de 1881

6431

Mande que o pároco de Montório envie imediatamente as duas caixas de cera que comprei, etc.

Além disso, escreva à Companhia Rubbatino de Génova comunicando-lhes que Francisco Grigolini mandou os dois sacos de arroz para a sua sobrinha Teresa. Também mandou um saco para Sestri. Mas receio que tenha endereçado mal, pois nem recebi o arroz em Suakin, nem em Sestri. Ordene que seja tudo enviado para mim, porque só vindo com o meu nome não se paga alfândega, nem no Egipto nem em Suakin.

6432

Eu estou assoberbado de trabalho: todos acorrem ao primeiro pastor, e não posso deixar de os atender, especialmente no que diz respeito à salvação das almas. Rogo-lhe, por dever de consciência, que faça estudar muito o árabe aos que mostram uma vocação segura. Meu Deus! Preocupa-me ter que prestar contas do Vicariato à Sagrada Congregação da Propaganda! As almas estão abandonadas, as famílias católicas desapoiaadas, as misérias morais multiplicadas!!! Em suma, três Irmãs árabes (Virgínia, as Irmãs Josefina e Germana) faziam mais pelas almas que as nossas quinze Irmãs que temos aqui, incluídas as Irmãs Vitória e Grigolini.

6433

Ontem, logo que lhe demos a absolvição, morreu um católico sírio, que ninguém conhecia. Tinha contratado uma escrava a um muçulmano, a qual foi imediatamente reclamada por este; mas como estava grávida de sete meses, do tal católico falecido, neguei-me a cedê-la ao muçulmano, pela alma da futura criança. Estamos em litígio, mas vou ganhar. Antes, com as Irmãs Germana e Virgínia, ele teria tido uma esposa cristã. Passa o correio e recibo uma sua estimada carta. Resposta em breve.

Seu af.mo † Daniel

N.º 1016 (972) - A JOÃO PAGNONE
ACR, A, c. 15/171

Cartum, 5 de Fevereiro de 1881

Declaração de demissão.

N.º 1017 (973) - DO LIVRO DE CASAMENTOS DE CARTUM
ACR, A, c. 10/1 i

Cartum, 6 de Fevereiro de 1881

N.º 1018 (974) - AO CARDEAL JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 9, ff. 113-118v

N.º 2

Cartum, 8 de Fevereiro de 1881

Em.º e Rev.mo Príncipe,

6434

Pela primeira vez, a única até hoje, aconteceu que uma numerosa caravana, como era a minha, de dezasseis europeus, entre Irmãs, missionários, catequistas e irmãos coadjutores, *chegou em apenas 29 dias do Cairo a Cartum*. Sempre se haviam gasto mais de dois meses, e até três e quatro. Isso deveu-se antes de tudo à graça de Deus e, depois, à enorme bondade do quédive do Egipto, que ordenou a todos os paxás e governadores das possessões por onde eu devia passar que me prestassem a maior assistência possível. Também o ex.mo *barão de Schöffler*, ministro residente austro-húngaro no Egipto, se ofereceu muito para me ajudar. Em Suakin, no mar Vermelho, encontrei preparados os 50 camelos de que precisava para atravessar o deserto que separa o mar Vermelho do Nilo.

6435

Depois, em Berber, encontrei pronto e à minha espera havia quinze dias o vapor que me tinha mandado *Rauf Paxá*, governador-geral das possessões egípcias do Sudão, para me levar a mim, à minha gente e às provisões para Cartum. E aqui todos me receberam com cortesia especialmente *Rauf Paxá*, que pôs à minha disposição tudo o que eu precisasse. E isto demonstrou-mo com factos, como lhe contarei na minha correspondência futura, quando as promessas se converterem em realidade e quando os factos com que até agora me favoreceu forem prosseguidos pela continuidade da sua alta protecção.

6436

Não é esta a altura de dar à S. Congregação pormenorizadas notícias do meu Vicariato. Quero examinar tudo pessoalmente, com a maior calma e diligência e sobretudo de forma conscienciosa, porque as coisas de Deus não se podem tratar com ligeireza. Mas pelo que vi até agora com os meus olhos e soube pelas notícias chegadas até mim das diversas estações do interior, o meu Vicariato vai melhor do que eu mesmo esperava e do que informadores ignorantes e pouco caritativos referiram à S. Congregação e a V. Eminência. Apercebi-me há tempos de que o meu Vicariato tem numerosos inimigos, que causaram prejuízos aos mesmos e a mim, quer mandando a Roma falsas notícias quer esfriando muitos dos meus benfeitores e especialmente à Propagação da Fé (que não obstante é muito benévola para com a África Central, porque tem o espírito de

Deus, grande prudência e caridade), ao dar-lhes falazmente a entender que a obra de D. Comboni é de pouco relevo, que não faz nada, etc.

6437

Porém, eu, em.^o príncipe, não temo ninguém neste mundo, excepto a mim mesmo; eu examino-me todos os dias e encomendo-me fervorosamente ao Coração de Jesus, ao de Maria e a S. José. Conheço muito bem os inimigos da minha obra e não lhes tenho medo, apesar do prejuízo que me fizeram e me farão ainda na Itália, na França e na Alemanha, porque as mentiras e informações pouco objectivas *têm as pernas curtas*, e porque as obras de Deus, que têm como fim a divina glória e a salvação das almas, devem passar pelo crisol da cruz, *que é o único símbolo de salvação e de vitória*.

6438

Transcorridos dez anos, a S. Congregação verificará os resultados da minha obra na África Central e, ao mesmo tempo, os alcançados por aqueles que, sem os necessários preparativos, estudos e trabalhos de pesquisa, se lançaram em empresas, sem antes terem estudado de forma suficiente o terreno eriçado de espinhos. Ficaria feliz se me enganasse: mas temo dizer a verdade, porque sobre o assunto fiz grandes estudos e ganhei muita experiência. Quanto ao resto, as minhas ideias exponho-as e expô-las-ei sempre *subordinadamente* só à Propaganda ou ao Sumo Pontífice e não a outros, porque a única coisa que me preocupa é o puro bem da Igreja e da África, por quem daria cem vidas se as tivesse.

6439

Também me provocaram danos as informações e os falatórios sobre a minha obra no Egipto, por parte de: 1.^o os que convertem o apostolado egípcio num *verdadeiro monopólio*; 2.^o os que, sem nunca terem feito nada pela África Central, apesar das suas forças, falam mal do meu Vicariato, sem ter a menor ideia do mesmo. Quem vive no Egipto não tem maiores bases para julgar sobre a África Central do que quem vive em Paris ou em Verona. Mas não importa: tudo são coisas dispostas por Deus, a quem bendirei para sempre.

6440

Entretanto, no meu Vicariato actualmente estão todos de boa saúde, apesar do calor excessivo, e, em geral, entre os meus missionários e as minhas Irmãs do Vicariato (alunos dos meus institutos de Verona) reina um espírito óptimo e grande abnegação e sacrifício.

Tendo eu com a minha caravana chegado a Cartum a 28 de Janeiro passado, qual a razão por que até agora não escrevi uma palavra a V. Em.^a?

6441

Em primeiro lugar, estava à espera de resposta sobre as petições que em Roma fiz a V. Em.^a e, até hoje, não sei nada sobre o assunto.

Em segundo lugar, quis informar-me bem em Cartum sobre duas dolorosas notícias que recebi apenas chegado aqui. Em todo o caso *relata refero*, sem assumir disso a responsabilidade. Uma refere-se à Abissínia, a outra à missão do Nyanza Vitória, no equador.

6442

O cônsul austro-húngaro, o cav. Hansal (com quem acertei tudo a respeito das queixas que tinha sobre P.^e Bonomi, homem um tanto duro, ainda que de grande abnegação e espírito de sacrifício e que vai comigo para Nuba, onde já foi superior), os comerciantes cristãos de Cartum, que têm negócios com Ghalabat e com a Abissínia, e três muçulmanos expulsos de lá, referiram-me que o despótico rei João promulgou uma lei (movido pelos sacerdotes coptas cismáticos e pelo bispo herético), segundo a qual obriga todos os seus súbditos a professar a sua religião copto-herética, e quantos entre eles forem católicos, muçulmanos, etc. terão que se fazer coptas heréticos ou emigrar (1). Disseram-me que na Abissínia não ficou nenhum padre lazarista e, muito menos, o bispo e que todos se refugiaram em *Kheren*, isto é, fora da Abissínia. Disseram-me também que continua lá um tal Naretti, cav. da Coroa da Itália de Aosta, o qual mantinha excelentes relações com o *Kassa* (o rei João), mas que agora estava prestes a partir para a Itália.

6443

Apenas chegado a Cartum, encontrei aqui uma carta do P.^e *Livinhac*, superior dos missionários de Argel no Nyanza, de data um pouco antiga, na qual me diz (são palavras suas): «O senhor governador das províncias equatoriais egípcias informa-me do desejo de V. E. de ter notícias nossas. (Na realidade, eu com duas cartas tinha pedido ao governador-geral do equador, *Emin Bei*, prussiano, o qual me dera provas de amizade, que protegesse e que fizesse todo o bem possível aos missionários de Argel, etc.) Agradeço a V. E. o interesse que se digna ter para connosco e imponho-me satisfazer o seu desejo.

6444

Chegámos a Rubaga, etc., etc., etc. Por experiência, sabe V. E. quão difíceis são os começos das missões entre os pobres negros. É, pois, inútil entretê-lo a contar-lhe as nossas fadigas, privações e outras provas que

são o pão quotidiano do missionário, sobretudo em África. Queira o bom Mestre deixar-nos participar nos sacrifícios de tantos missionários que derramam o seu suor neste vasto continente e faça brilhar sobre eles o dia tão desejado da misericórdia e da salvação... O Uganda não tem clima insalubre. Os meus irmãos encarregam-me de lhe apresentar a si os seus respeitos, etc.»

6445

Esta carta do mencionado superior (que certamente é um missionário de grande valia e com verdadeiro espírito de sacrifício) não diz nada de concreto. Mas o governador do equador comunica-me de Ladó que os missionários de Argel acabarão no Uganda como os anglicanos da *Church Missionary Society*, isto é, ver-se-ão obrigados a abandonar o Vitória Nyanza (esperemos que não, pois por alguma razão Cristo os mandou para lá). Além disso, este mesmo governador escreveu há dois meses ao cav. Hansal dizendo-lhe: 1.º) O rei Mutesa não procura senão que lhe dêem prendas e, como os missionários de Argel lhe ofereceram mais prendas que os ingleses, recebeu-os de bom grado; 2.º) Este rei suspeita que os estrangeiros que estão no Uganda têm relações com o Egipto, razão pela qual os olha com desconfiança; 3.º) O mencionado governador *Emin Bei* (o dr. Schnitzler, prussiano) comunicou ao cônsul austro-húngaro Hansal que os pobres missionários de Argel padecem fome e que a gente de Mutesa não lhes dá ou vende nada de comer.

6446

4.º) Finalmente, o rei Mutesa, tendo ouvido dos missionários protestantes que a sua religião é a única verdadeira e aos missionários de Argel que a única verdadeira é a católica e que a anglicana e protestante é falsa e, por outro lado, ao não receber já dos missionários católicos abundantes ofertas como em 1879, decretou que «ninguém pode abandonar a religião dos seus pais para aderir a outra» (mas em 1872 fez-se muçulmano para agradar ao rico e opulento xeque *Khamis Ben Abdullah*, que o cumulou de prendas), «e, além disso, ordenou que aos missionários franceses não se dê nada de comer, etc.», para que, ao passarem fome, se vejam obrigados a tomar o caminho do regresso, etc.

6447

Estas notícias chegaram ao cônsul austro-húngaro faz agora 35 dias e ele – disse-mo ontem – comunicou-as a S. E. o barão *Hofmann*, ex-director do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Viena e ministro das Finanças, etc. (a quem Sua Eminência o secretário de Estado conhece bem), que é uma destacada personalidade também no campo da geografia e que – pensa o cônsul – a estas horas já as terá publicado nos diários ou no boletim da Sociedade Geográfica de Viena. Por outra parte, o mesmo Emin Bei é correspondente de quase todas as sociedades geográficas da Europa e especialmente da de Berlim, etc. *Relata refero*, e espero que o Coração de Jesus resolva tudo, porque também palpitou pelo equador.

6448

Permanecerei em Cartum no corrente mês e, depois, partirei para o reino do Cordofão. Aí, em El-Obeid, celebrarei o pontifical e consagrarei os santos óleos na nova igreja paroquial, que é coberta com placas de zinco que eu mandei de Milão e é a maior do Vicariato e da África Central e Equatorial.

6449

Eu continuo firme e inamovível no meu princípio de *fazer* e depois *falar*: *coepit Jesus facere et docere*; e nunca imitarei os que projectam, falam e publicam *dez* antes de terem feito *três*. Fiquei totalmente espantado ao ler o último livro de *Les Missions Catholiques*, de Lião, em que se dá uma espécie de visão geral das missões católicas depois da providencial encíclica do Santo Padre em prol da Propagação da Fé, da Santa Infância, etc. Nesse *Aperçu*, ao tratar da África, fala-se de todas as instituições deste continente: dos jesuítas, dos lazaristas, dos padres do Espírito Santo, dos capuchinhos, do seminário de Lião e, sobretudo dos missionários de Argel, das suas grandes viagens, etc., e nem sequer se menciona a obra da redenção da Nigéria do Vicariato da África Central, onde nós fizemos os maiores sacrifícios e implantámos obras de maior *relevo e estabilidade* para a religião católica, perante as quais, até agora, as expedições do arcebispo de Argel são *nada*.

6450

Eu sei quem são aqueles que, perante os piedosos, solícitos e verdadeiramente *sábios* benfeitores, tentaram lançar por terra o meu trabalho e as fadigas dos meus missionários e tenho o dever de consciência de defender os interesses da minha obra, a qual avança e progride até agora *muito* melhor e *mais segura* que a de mons. Lavigerie *no respeitante à África interior*. Com o tempo e com a sagacidade da Santa Sé, isto é, da S. C. da Propaganda, a verdade virá ao de cima.

Beija a sagrada púrpura...

Seu devot.mo filho † D. Comboni

(1) A salvação da Abissínia e dos Gallas está no Egipto.

(2)

N.º 1019 (975) - À PROPAGAÇÃO DA FÉ DE LIÃO
«*Les Missions Catholiques*» 621 (1881), p. 199

Cartum, 10 de Fevereiro de 1881

6451

À minha passagem pelo Cairo obtive das autoridades e, sobretudo, de S.E. o quédive, os favores mais assinaláveis.

Munido de grandes recomendações, parti dessa esplêndida capital com quinze pessoas; e, tendo chegado ao mar Vermelho, dirigimo-nos a Berber, onde, com grande surpresa, encontrámos um vapor do Governo que o quédive tinha mandado pôr à nossa disposição para nos levar para Cartum e que nos esperava havia já quinze dias. Assim, enquanto antes a viagem do Cairo a Cartum durava dois ou três meses, desta vez levou-nos apenas 29 dias. O cônsul e o governador do Sudão, S. E. Rauf Paxá, dispensaram-nos uma cordial recepção.

6452

Dentro de poucos dias partirei de Cartum com vinte e oito membros da missão para a importante estação de Gebel Nuba. Celebrarei as festas da Páscoa em El-Obeid, na nova igreja paroquial, que é o templo maior da África Central e cuja construção custou tantas fadigas ao P.^e Marzano.

Escreveram-me do Cordofão a dizer-me que se sofre muito pela falta de água; os missionários vêm-se obrigados a comprá-la todos os dias por três escudos.

† Daniel Comboni

Original francês
Tradução do italiano

N.º 1020 (976) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/108

N.º 4

Cartum, 12 de Fevereiro de 1881

Meu caríssimo padre,

6453

Recebi bastantes cartas suas; mas estive e estou tão ocupado que não pude responder. *Mirabile dictu!* Progresso. Como o correio vai por barco e por comboio até Korosko (entrada do grande deserto de Atmur), a sua última, de 15 de Janeiro, a n.º 9, chegou-me de Verona a 10 do corrente, ou seja, em apenas 26 dias. Só hoje começo a escrever-lhe; mas, isso sim, não deixei dia algum de dar graças ao Deus das Misericórdias por me ter concedido para a África Central a cooperação tão eficaz e imediata dos filhos do santo P.^e Gaspar Bertoni. Em geral, no Vicariato, tanto os missionários como as Irmãs vêm neste facto um amor especial pela África e o principal carácter de estabilidade, reflorescimento e prosperidade da nossa árdua e santa missão. Esta tem poderosos inimigos, mas, se cumprimos nós o nosso dever, sairemos vencedores.

6454

Eles tentam (por amor-próprio) minar a obra tanto em França como na Alemanha, no Oriente ou em Roma; mas não levarão a sua avante, porque *Deus est pro nobis*. Com o silêncio, com a paciência e com a minha prudência vigilante (certo da ajuda do Senhor), os inimigos irão fracassar. Além disso, junto aos inimigos tenho poderosos amigos.

Pelo que me parece ver, as coisas compõem-se. A minha vinda para o Vicariato e Egipto (*servus semper inutilis sum*) era necessária. Quanto às Irmãs, dado que falta o elemento árabe, estamos pior que dantes; e não só pela falta de Irmãs árabes mas também pela da capacidade necessária: as Irmãs de S. José eram mais hábeis que as nossas, tanto para o interior, ou seja, a casa da missão, como para o exterior.

6455

É necessário que, ao menos, a superiora, ou uma das Irmãs de cada casa, saiba francês e mais ainda o árabe. Nisto encontramos-nos verdadeiramente atrasados (há que fundar casas de Irmãs na Síria e na França, e fá-lo-emos, se Deus nos der vida, porque no Egito e aqui não estamos em Verona, Trento ou Milão, mas num mundo cosmopolita). Mas eu não desanimo. Por exemplo, antes, em Cartum, nas famílias orientais da Síria e do Egito, a Irmã era tudo: conhecia as desordens, resolvia-as, especialmente em relação às mulheres, até as meninas irem para a escola... Agora, ao invés, nem a Ir. Vitória nem as outras conhecem as famílias e muito menos os seus problemas, etc. Portanto, tive e tenho que ser eu a visitá-las todas e a remediar situações desconcertadas, etc.

6456

Quanto à paz, à obediência, à subordinação aqui estou e estamos realmente muito melhor que dantes; ou seja, estamos melhor com as nossas de Verona que com as Irmãs de S. José. Por isso, coragem, e sigamos em frente, que virá também para as nossas o tempo em serão tão capazes como as francesas. Mas, por caridade, admita poucas criadas de servir e procure receber mulheres instruídas (não importa que tenham mais de vinte e seis anos), e, como me dizia na sua última carta, mulheres sérias, boas e sensatas; em suma, verdadeiras mulheres!!!

Dado que P.^e Giulianelli não lê nunca os jornais, nem a *Civiltà Cattolica*, nem a *Unità Cattolica*, porque, diz, não são leituras espirituais (?!), envie-me logo directamente para El-Obeid (Cordofão), tanto a *Unità Cattolica* como todos os outros jornais e revistas que costumam ser mandados para o Cairo; e avise também disso o P.^e Bussinello no que toca ao *Verona Fidelis*.

6457

Após a encíclica do Santo Padre (fez o senhor muito bem em publicá-la nos nossos *Anais*, n.º 23), suplique *in visceribus Christi* ao nosso em.^o cardeal-arcebispo que dirija uma boa circular aos veroneses sobre a Propagação da Fé (que tantos milhares de napoleões de ouro nos deu), sobre a Santa Infância e sobre a Obra das Escolas do Oriente (que, na verdade, nos dão pouco). Há mais de catorze anos que venho suplicando a Sua Eminência, etc.; mas agora, dado o convite do Papa, e tendo-lhe suplicado também Lião, creio que o fará. Deve confiar em que Deus abençoará os seus fiéis, mesmo pobres, se contribuirão para a Propagação da Fé; diga-lho também em meu nome.

6458

Aprovo inteiramente o seu plano relativamente à pequena Elvira, de reclamar da sua *inventam* mãe e da tia o dote, etc. Dizem-me que a Ir. Amália e a Ir. Francisca se entendem bem com os trabalhos de roupa e costura. O pior é que é fraca e pequena. Mas *transeat*: o senhor faça o que melhor lhe parecer.

6459

P.^e Luís Bonomi é realmente um bom homem. É tosco e rústico no trato com os de fora e, admita-se, até com os de dentro; mas tem uma abnegação de trapista, é um autêntico missionário, não tem soberba nem pretensões e obedece a todos. É ele quem aqui faz tudo: instrução catequética para os rapazes e raparigas, Doutrina nas festas, orações (sempre em árabe) na igreja, de manhã e de tarde, etc.

6460

Interroguei aqui os missionários, um a um, bem como as Irmãs sobre quem poderia eu deixar como vigário-geral durante a minha ausência. Todos me responderam que o único e mais capaz seria P.^e Bonomi. Até P.^e Rolleri parece ter mudado de opinião, porque vejo que o trata com muita deferência; contudo P.^e Luís, à mesa e em toda a parte, sempre colocou em primeiro lugar, depois de mim, P.^e Bartolo. Mas em Verona, especialmente por certos santos... P.^e Luís Bonomi (embora tenha sido um coadjutor laborioso) é considerado como era em 1873 e não é tido nada em conta nem o que ele estudou nem o trabalho que realizou em sete anos; é semelhante ao que se passa na diocese: alguns do Instituto Mazza continuam a considerar-me como quando eu era estudante de teologia, sem terem em conta o muito que posso ter aprendido nos vinte e seis anos de presbiterado e episcopado.

6461

Com tudo isso, alguém de Verona escreveu à Propaganda (sem me perguntar a mim que, neste caso, sou o juiz mais competente e imediato colocado por Deus) a dizer que o P.^e Bonomi não serve para fazer de vigário-geral, pelo que a S. Congregação me ordenou que procurasse outro para esse lugar (e propôs para vigário-geral nada menos que P.^e Grego!!!). Ora pode muito bem ser que na África sejamos todos burros e eu o burrico chefe; mas admitirá que, como *caput asinorum*, eu não poderia, entre os meus burros, escolher para vigário-geral senão *o menos burrico de todos eles*. Não se teve em conta que a África é a missão mais difícil do mundo e que, de entre os sábios da Europa e de Verona, não se encontrou nenhum disposto a vir morrer para a África.

6462

Para alguns é muito fácil julgar e falar em tom sentencioso, especialmente aos patrocinadores de Grieff; mas vir para a África morrer por Cristo... esses sabichões dizem que é coisa para outros!

E, depois, está o que me fez – e foi coisa gorda – esse louco do P.^e Losi (aguento-o – oxalá tivesse cem como ele! –, porque a uma cabeça pequena e leviana une um zelo apostólico e uma piedade realmente de santo, mais uma abnegação semelhante à de P.^e Bonomi), o qual, a 21 de Outubro de 1880, escreveu de Gebel Nuba ao Em.^o card. de Canossa (o qual foi tão bondoso que me mandou a carta, que tenho aqui sobre a mesa) estas precisas e textuais palavras:

6463

1.^o «Tendo ido de Gebel Nuba ao Cordofão, como de costume para me abastecer, não encontrei nem um cêntimo, etc. *Os sacerdotes de El-Obeid asseguraram-me que D. Comboni desde há três anos que não mandava nem uma piastra; que, pelos vistos, o procurador acumulara enormes dívidas, e que a eles lhes era difícil prosseguir, mesmo fazendo grandes esforços ou aceitando comissões, etc.*»

Desmentem a solene mentira e calúnia de P.^e Losi as cartas que ele mesmo escreveu para Cartum, a P.^e Luís, nas quais lhe agradece o dinheiro e as provisões recebidas por minha ordem, etc. Eu não disse nada disto a P.^e Bartolo, que vem fazendo de administrador (e é capaz e consciencioso, mas menos esforçado que P.^e Bonomi), ao qual encarreguei de tirar dos livros de contabilidade de Cartum, do Cordofão e de Gebel Nuba todos os gastos realizados por estas missões desde 21 de Outubro de 1877 a 21 de Outubro de 1880 (que são os três anos de P.^e Losi), e até agora, só relativamente a El-Obeid e Gebel Nuba, saíram milhares de táleres.

6464

Além disso, P.^e Bartolo tem um telegrama que o superior do Cordofão lhe enviou em Setembro passado, a exprimir-lhe o seu agradecimento por 700 táleres recebidos; depois os milhares de táleres que eu enviei para o Cordofão, etc., etc. Mais adiante, quando P.^e Bartolo tiver no Cordofão todos os dados, dar-me-á conta de tudo o que foi recebido no Cordofão e em Gebel Nuba; e quando eu tiver nas minhas mãos a informação manuscrita de P.^e Bartolo, então mostrar-lho-ei junto com uma carta autografada do seu P.^e Losi (a quem queria que eu fizesse vigário-geral) escrita ao nosso em.^o bispo e pai. E quero então sentir se aprova a solene mentira e calúnia de P.^e Losi de escrever a Verona dizendo que *D. Comboni desde há três anos que não mandou nem uma piastra a El-Obeid!!!* E como P.^e Losi escreveu várias vezes a Roma contra mim, por certo que também incluiu isso; mas isso não me interessa...

6465

Bendito seja Jesus e o seu Sagrado Coração, a quem todas as manhãs, depois da missa, quase sempre rezo essa oração tão bela e estimada do *Gratiarum actionis*: «*Ignosco et dimitto ex toto corde omnibus inimicis meis* (dos quais sou indigno), *omnibus me calumniantibus, omnibus mihi detrahentibus* (ainda que sejam santos...), *omnibus quocumque modo mihi nocentibus vel volentibus mala*». Apesar de tudo isso e ainda tendo que suportar as suas calúnias e difamações, desejaria que houvesse na missão cem como P.^e Losi, pelas suas muitas virtudes apostólicas, necessárias para a nossa árdua tarefa.

6466

P.^e Losi diz também a Sua Eminência na carta de 21 de Outubro de 1880: «Ouvi que V. Em.^a Rev.ma se dignou tomar em consideração a humilde súplica que lhe dirigi para que seja atribuído ao nosso pobre D. Comboni um vigário-geral que regularize aqui os interesses espirituais e materiais da missão. Acrescentam que, para o efeito, V. Em.^a Rev.ma chamou a Verona o rev.do P.^e Bartolo Rolleri (aptíssimo para regularizar sobretudo os *interesses espirituais* com a pregação em italiano e em árabe!!!); nesse caso (que venha como vigário-geral para a África), dando-lhe os mais vivos agradecimentos pela sua imensa caridade, permito-lhe participar-lhe a geral satisfação (esta depois é grossa, pois disponho de cartas que dizem o contrário... e o senhor sabe que fui eu quem rogou e fez tudo para que P.^e Bartolo viesse para a África) que se gerou, dado que o P.^e Rolleri goza da maior estima entre os missionários, pela sua prudência, etc., etc.»

6467

Não me detenho a comentar este fragmento e o que possa haver de verdade, etc. naquelas cartas de P.^e Losi, que, com pior conteúdo, escreveu também à Propaganda; e igualmente escreveu ao cônsul austríaco em Cartum coisas deste teor contra o superior, etc., pelo qual o cônsul escreveu para Viena, o que, por sua vez, provocou que a embaixada austríaca em Roma pedisse explicações à Propaganda, sendo isso causa de

muito sofrimento para mim. Mas, escreva-se o que se quiser, eu defenderei sempre a verdade, a inocência e a justiça.

6468

O senhor já vê, depois de tudo isto, quão bom é o nosso querido Jesus, permitindo que me façam sofrer até aqueles a quem estimo. Mas eu salvarei P.^e Losi para a missão africana e defenderei a inocência de P.^e Luís e farei que se estime em Roma, pelo que merece segundo o meu *subordinado* parecer e juízo. Ah! Se P.^e Losi, P.^e Luís e eu conseguirmos encontra-nos juntos no Paraíso (e muito mais se lá estiver, como espero, também P.^e Bartolo Rollerli que...

[*Aqui há quatro linhas apagadas e ilegíveis*]

.....e realçada), iremos rir-nos muito das interessantes comédias que representámos aqui na Terra. Ó querido Paraíso! – como diz sempre a Ir. Vitória. Mas basta, que saí demasiado da rota.

6469

P.^e Grego escreveu fogo e chamas contra mim a P.^e Luís, que me leu a carta, na qual dizia: «Menos mal que só há um bispo Comboni! Porque se houvesse mais de um – pobre mundo, pobre Igreja!... Para sair do aperto, teve a desfaçatez de me dizer que *eu não sou chamado à missão*, que a África não é para mim, etc., etc.».

Entretanto, ele não fez com que me mandassem as duas caixas de velas e, se ordenou o seu envio, elas não me chegaram, enquanto em Suakin encontrei todas as caixas que Santiago tinha mandado via Génova. Portanto, peço-lhe que as reclame ao comerciante de Montório ou a P.^e Grego (a quem saudará da minha parte).

6470

É uma graça de Deus que Grego tenha ficado em sua casa. E ainda por cima o velhaco escreve a P.^e Bonomi rogando-lhe, suplicando-lhe que deixe a África e volte para casa, para escapar às garras de... e que todos desejam que o faça, todos os seus amigos lho pedem para seu bem (especialmente os que conhecem D. Comboni). Mas P.^e Luís respondeu-lhe com uma carta num tom que tirará a Grego a vontade de voltar a fazer semelhantes insinuações.

6471

As duas cartas metidas juntas num sobrescrito e dirigidas de Beirute a Virgínia não eram de Alexandre, nem para si: uma era para o Jorge, do seu irmão Abdallah, e a outra tinha-ma escrito a mim o pai de Alexandre, para me agradecer o que tinha feito por seu filho. Quando tiver tempo, traduzir-lhe-ei a dirigida a Jorge. O Alexandre escreveu-me de Beirute agradecendo-me... rogando-me que seja para ele sempre um pai e prometendo-me frequentar sempre as igrejas católicas. Diz-me que Luísa se sente cansada e que não está bem em sua casa, que desejaria voltar ao Cairo. Eu escrever-lhe-ei a consolá-la e a exortá-la a que preste agora assistência à sua mãe (embora não seja fácil, uma vez que se trata de uma pessoa com uma cabeça um tanto volúvel). Essa foi a cruz de Virgínia, que mostrou uma paciência heróica; e Luísa, apesar da sua cabeça, tem carácter e critério ao julgar... Reze ao Senhor e não diga nada a Virgínia, que já sofreu bastante e mais do que merece.

6472

Rogo da sua bondade que redija pouco a pouco as regras dos dois institutos africanos de Verona e que, após submetê-las ao juízo do P.^e Vignola, mas mande. Eu encarregar-me-ei de as mandar examinar pelos jesuítas, de consultar Roma e de tudo o resto; mas se espera por modificações da África, chegará o dia do Juízo, porque aqui não disponho de tempo para preparar regras. Ao contrário, tendo aí diante dos olhos as de Verona, com uma só olhadela vejo as alterações a fazer, *attenta experientia africana*. Por outro lado, exceptuadas pequenas coisas, trata-se substancialmente de algo semelhante o que se observa em Verona e na África. Por isso, sem mais, carregue a cruz e redija as regras e constituições.

6473

Nas regras femininas, além disso, mude por completo a organização (em Verona, ao pôr a obra em marcha, fizeram-se regras para uma só casa) e estabeleça a geral com duas assistentes, as provinciais, as superiores das várias casas da Europa, África e Ásia, a superiora e a ecónoma-geral da casa-mãe, etc.

Feito o substancial e submetido ao juízo altíssimo, etc. e também ao dos missionários, espera que irá ser uma verdadeira obra de Deus. Oh!, como gostaria que viesse o estigmatino de Parma que conhece algumas línguas. O senhor sabe que o superior e todos os estigmatinos participam dos méritos, sofrimentos, etc. dos missionários e Irmãs da África. A Irmã mais santa que temos é a sacristã de Cartum, Ir. Maria Josefa: é uma verdadeira santa! E o missionário mais santo e virtuoso é *Francisco Pimazzoni*, que domingo receberá a ton-

sura e a quem concederei as quatro ordens menores. Estuda em latim o catecismo romano. Também o P.^e Dichtl e o P.^e José Ohrwalder são e tornar-se-ão cada vez mais missionários de primeira ordem, pela abnegação, virtudes, devoção, oração, actividade e disposição de sacrificar totalmente a vida.

6474

P.^e Bartolo Rollerli e eu estamos de muito boas relações. Tenho a impressão de que ele vai mudando, porque parece que encontra as coisas muito melhores do que pensava. Eu sou o seu confessor e ele o meu. A princípio, atribuíam-me pecados que, em consciência (isto entre nós) eu não pensava nem penso ter e impunham-me a respectiva penitência, que eu cumpria. E esses pecados, que eu nem sequer sonhei nem ter feito, seriam, por exemplo (um entre vinte), que eu delapidei dinheiro que se devia gastar na compra de negros (um, por exemplo, deu-me quinze francos para a compra de um negro e, com apenas quinze francos, eu devia comprá-lo). Outro pecado seria não fazer eu nunca a meditação. Mas eu raramente deixei de a fazer na vida passada e desde há muito tempo que não faltei a essa obrigação, nem uma só vez, mesmo no deserto; e ele insiste em que sim... Do mesmo modo é de opinião que eu quase nunca rezo o breviário; todavia, eu sempre o rezei, salvo as vezes em que estive gravemente doente, ou quando fiquei quatro dias sem dormir uma hora. Agora parece que se acalmou. Quanto ao resto, é um piedoso e santo sacerdote (muito cabeçudo), rigoroso e escrupuloso no cumprimento dos seus deveres de piedade e sobretudo (costumamos afirmá-lo ele e eu) na reza do santo officio, da missa, etc.; e é puro até ao ponto de se manter livre de pecados veniais (excepto o de emitir juízos falsos sobre os demais, com o que não pensa pecar, pois, senão não o faria, porque tem temor de Deus), etc. etc.

6475

Em suma, uma vez que Deus dispôs que Rollerli viesse para o Sudão (e o nosso em.^o cardeal tem o mérito de o ter chamado à ordem e o ter convencido a ficar comigo, ainda que me considere o Diabo, *ad fovendam charitatem*, disse-lhe oportunamente o Em.^o, citando St.^o Inácio); tendo disposto Deus, dizia, que Rollerli viesse para o Sudão, embora desde há cinco anos estivesse contra mim, considere que o bom Jesus assim o tinha querido para o meu bem espiritual, porque, sendo Rollerli austero, obstinado, tosco e áspero, sobretudo ao julgar-me, o facto de estar com ele e o suportar era uma ocasião propícia para dar provas de paciência e para me empenhar em corrigir os meus pecados e os meus graves defeitos, como o de falar demasiado; pelo que, sem mais, seguindo a inspiração de Jesus, que é todo amor e caridade, escolhi o rígido Rollerli como confessor e conselheiro e amigo íntimo (até certo ponto) e assim estarei mais certo de cometer menos desatinos, não no governo do Vicariato (sobre o que eu sei mais que ele, que é de vista curta), mas nas coisas de consciência, de ascética, da alma e de conduta tanto pessoal como em relação aos missionários.

6476

E na verdade encontro nisso proveito, e creio ter feito bem, porque não me deixa passar uma, por pequena que seja; e, depois de lhe ter confessado as minhas culpas e defeitos, ele realça outros aspectos sobre as minhas faltas e sobre a missa, como dizer demasiado forte as secretas, ou correr demasiado depois da elevação e no último Evangelho ou nas horas diurnas, ou começar o versículo do salmo antes de os outros terem terminado o anterior; recrimina-me também por falar demasiado, me dar importância (embora esteja convencido de valer menos que um zero), e outras pequenas coisas que, todas juntas, enchem um bom saco. Em suma, no tocante aos assuntos da alma e à consciência, também estou contente de ter P.^e Bartolo, o qual vai dizendo desde há dez dias que não tem intenção de voltar mais ao Cairo nem à Europa (salvo por saúde ou por ordem minha).

6477

Em todo o caso conduz a administração bem e de forma conscienciosa e posso fiar-me nele. Claro que, ao não conhecer ele nenhum dos nossos católicos negros ou as suas necessidades, sempre retenho alguns táleres para as minhas esmolas secretas, porque conheço o país e sei que isto ajuda a salvar almas. P.^e Bartolo ama verdadeiramente a missão e é útil, seja para a administração seja para confessor dos missionários e, se quiserem, das Irmãs, etc., etc. Mas para o exercício do ministério externo, para ser pároco, para converter infieis ou hereges, ou os rudes, viciosos ou incrédulos europeus, não vale um figo: falta-lhe tacto e arte. Por isso, creio que é útil na missão para o que disse; mas nunca para ser vigário-geral ou pároco.

6478

Mas estou a ser extenso de mais: perdoe-me por esta longa digressão. Os dois institutos de Cartum, graças à actividade e perseverança de P.^e Bonomi, funcionam como qualquer instituto bem organizado da Europa: orações em comum pela manhã, missa comum às seis da manhã, orações à primeira hora da tarde, o terço antes do jantar, mais orações com leitura espiritual depois das nove da noite; e todos os rapazes e raparigas sabem bem as orações e rapazes e raparigas podem fazer de chefe ou principal na ausência do missionário.

Eu fiquei muito contente e parece que também P.^e Bartolo está, pelo facto de nelas participar a Ir. Vitória, que domina o árabe assim assim, fazendo-se entender; é uma Irmã de coragem e com verdadeiro espírito apostólico; mas é um pouco dura (talvez tenha aprendido com P.^e Luís) e não goza de demasiado afecto entre as moças, que suspiram por Teresa Grigolini e se desfazem em elogios em relação a ela. (Já agora... não sei que aconteceu aos dois sacos de arroz que Grigolini enviou para Génova, a Rubattino, nem tão-pouco ao arroz mandado para Sestri, do que mando recibo.)

6479

Eu adverti a Ir. Vitória de que deve dar primazia à caridade, sem a qual nem sequer uma santa Irmã pode converter infiéis nem nenhuma espécie de almas e ela prometeu corrigir-se. Quanto às outras, são dóceis, obedientes e trabalhadoras, mas carecem de instrução. Em todo o caso, a Ir. Vitória é uma verdadeira e perfeita missionária, desenvolta, e com grande espírito de piedade e coragem. É a única das mais velhas daqui que sabe tratar um pouco com o mundo e com os de fora, o que é necessário para uma missionária, porque, de contrário, não converte ninguém. Mas dificilmente teremos entre as nossas Irmãs alguma que saiba tratar com as autoridades e *paxás* e cônsules, como sabiam fazer a Ir. Josefina Trabauí, a Ir. Germana e a Ir. Virgínia Mansur, as quais converteram muitas almas e mantiveram viva a fé e a piedade entre os orientais, que já nem sequer vêm à igreja, salvo agora que estou eu, enquanto antes vinham sempre. Não obstante, espero que, pouco a pouco, se vá conseguindo tudo com a graça do Senhor, se se fizer o que ordeno.

6480

Monsenhor Stegagnini (a quem peço saúde da minha parte, bem como ao reitor P.^e Casella, etc.) disse-me várias vezes que tinha vários livros que as Girelli de Brescia tinham mandado para mim e falou de mos levar a casa; mas nunca o fez, nem eu fui buscá-los. Faça-me o favor de os ir buscar e de os mandar encadernar bem, e, depois, na primeira ocasião mande-mos. Trata-se de obras da piedosa e sapientíssima Girelli sobre S. José, o Coração de Jesus, etc.

Já resolvi tudo com a concubina daquele católico que morreu há sete dias, assim como com as autoridades turcas e com a dona da concubina, que tinha alugado esta ao católico de Alepo por um *megid* e meio por mês (seis francos com 37 cêntimos). Está grávida de alguns meses, como me disse uma boa católica, a Mme. Ginevra; e, dado que segundo as leis turcas vigentes a pobre tinha que voltar grávida para a sua ama muçulmana, eu, para a salvar a ela e ao nascituro, comprometi-me a pagar o aluguer mensal, e tanto as autoridades como a patroa ficaram contentes.

6481

Então fiz com que entregassem a rapariga à Irmã Vitória; e depois de estar eu a interrogá-la e a conversar com ela durante um quarto de hora, ela declarou-se feliz e contente de entrar para a Igreja, fazendo-se cristã. Como não há Irmãs capazes de a instruir, temos que nos encarregar disso nós, P.^e Luís e eu. Ontem entrei em contacto com 29 comerciantes sírios de Alepo, dos quais onze são *concubinos*. Quase nenhum deles era conhecido da missão, salvo alguns que são conhecidos de P.^e Luís; e bem poucas dessas famílias frequentam a igreja. Em suma, rogo ao Senhor para que eu possa formar bem as nossas Irmãs e ensiná-las a ser missionárias, como fiz com as Irmãs de S. José, com as quais foi mais fácil pelo facto de terem conhecimento do árabe. Se o árabe se não estudar em Verona, não se estuda mais. As nossas quinze Irmãs daqui (exceptuando em parte as duas piemontesas, que quase o esqueceram) *não o aprenderão jamais* – entenda-se a ponto de serem capazes de instruir as catecúmenas; é impossível.

Basta.

6482

P.^e Bellini, professor do liceu de Desenzano, restituiu as 200 liras, como testemunha o bilhete que junto. Na carta que também junto fica exposto o juízo sobre a aceitação do romano Pedro José Franceschini. P.^e Dichtl far-lhe-á chegar dentro de uma semana o relatório da nossa magnífica viagem do Cairo a Cartum. Eu vou mandar-lhe outras coisas para o próximo n.^o 24 dos *Anais*.

6483

Em geral, qualquer soma de dinheiro que o senhor receba em Verona em meu nome ou para a missão, guarde-a e não a mande a ninguém, nem a Giulianelli, sem uma ordem minha; avise-me, sim, por carta, da sua recepção. Todo o dinheiro da obra, quer seja de Verona quer da África, pertence à obra, e, por isso, deve gastar-se unicamente segundo as minhas ordens, porque só eu conheço todas as necessidades e como e onde é que se deve aplicar, e também porque só eu sou o responsável. Honrando-me em tê-lo a si como meu procurador-geral, desejo que se encarregue de guardar o dinheiro. Portanto fez bem em reter os 200 francos da senhora condessa d'Erceville, de Paris. Nós temos vinho grego; escreva à condessa que ela cumpriu e que nós faremos outro tanto e rezaremos sempre por ela, pelo seu marido e família, e pela Obra Apostólica da França, da qual é presidente geral. Escrever-lhe-ei, bem como a Mme. Villeneuve.

Vieram interromper-me umas visitas, o correio está para partir e tenho muitas cartas para mandar. Escreverei à superiora com o próximo correio e completarei a resposta às suas cartas, a última das quais é a n.º 9.

6484

Mil respeitosas saudações ao em.º bispo e ao P.º Vignola e a minha bênção a ambos os institutos. Encomendo-lhe a si Virgínia, a quem considero de grande importância para o bem da missão, porque eu conheço-a melhor que todos, e sou o juiz mais competente quanto aos verdadeiros interesses da África e do nosso árduo apostolado. É árabe e tem os defeitos árabes; mas ela e a Irmã Germana de Alepo (que agora está em Jerusalém) valem mais sozinhas que as nossas quinze de Verona que temos no Sudão: este é o meu juízo e também o de alguns missionários daqui e do *povo católico* árabe de Cartum dos cinco ritos orientais. Na minha maneira de ver, dever-se-ia prescindir de certas insignificâncias que se pedem a Virgínia, que foi Irmã professa e activa durante tantos anos e de exigir que ela não fale em árabe com o seu irmão (!!!), etc. Para mim são coisas ridículas e que não têm a menor importância. Como? Não se pode conhecer o carácter, o grau de virtude, a vocação de uma aspirante, sem necessidade de recorrer à consideração destas ninharias que, dadas as circunstâncias, poderiam prejudicar muitas almas?

6485

O senhor, que é um homem de consciência, faça o que considerar oportuno e Virgínia suportará até essas provas. Mas se o senhor tivesse sido missionário na África, como é o meu caso, repararia pouco nessas coisas. E perdoe a minha sinceridade. Claro que também isso foi disposto por Deus, porque Ele é todo caridade e fará com que até redunde no bem das almas, no de Virgínia e no da África, pela qual ela tanto souou e padeceu.

6486

Encomendo-lhe igualmente a nossa superiora de Verona. Quero que as superiores de África a informem de tudo: da missão, das Irmãs e das necessidades dos africanos. Igualmente, como fiz até agora e farei ainda mais, ordenei a todos os missionários que lhe escrevam a si e até dei quase a todos eles a sua fotografia, pedindo-lhe que o tenham presente nas suas orações, a fim de que Deus o assista em benefício da África. Espero que não há-de passar muito tempo sem que o senhor venha a conhecer bem a África Central e o carácter da obra, que é a mais importante; e que nos preparará missionários e Irmãs *verdadeiramente santos*, mas não *santarrões*, porque a África não precisa de beatos, mas de almas valentes e generosas, que saibam sofrer e morrer por Cristo e pelos negros. *Vale. In Corde Jesu.*

† Daniel bispo

N.º 1021 (977) - A P.º FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/21

Cartum, 15 de Fevereiro de 1881

6487

Ordeno ao rev.do P.º Giulianelli que obtenha e envie os artigos acima mencionados. E também que consiga dos jesuítas os livros para escrever árabe sem mestre, em doze fascículos, para depois fazer dez cópias de cada um dos doze fascículos (ou seja, 120 cadernos) e mandá-los para Cartum.

Por outro lado, espero que tenha pago os livros árabes que os jesuítas compraram para mim, como lhe ordenei antes de partir. E espero, além disso, que os que deixei no Cairo, no meu quarto, os tenha enviado para Verona, junto com dez cópias de cada um dos ditos cadernos de escrever (ou seja, cento e vinte). Caso não o tenha feito, faça-o quanto antes.

Hoje (15 de Fevereiro) P.º Bartolo e P.º Rosignoli têm febre devido a um resfriado. Espero que numa semana fiquem curados.

† Daniel bispo e vig. ap.

N.º 1022 (978) - AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/109

Cartum, 15 de Fevereiro de 1881

Meu caro padre,

6488

P.^e Bartolo e P.^e Rosignoli estão na cama com um resfriado, embora ontem aqui estivessem 31 graus à sombra. Não tenho tempo para escrever. A missão do Nyanza de mons. Lavigerie vai mal e à beira do abismo, embora em Lião se imprimam maravilhas: rezemos por eles. Mas a nossa... é mais sólida e está mais bem organizada que todas as da África Equatorial. Dizem-me que o governador das províncias equatoriais afirmou que a mais pequena estação da missão de D. Comboni vale mais que todas as das missões francesas do equador. Glória a Deus, que quer a obra; e mostra que a quer porque manda a cruz. Escreveu-me ontem a Ir. Grigolini a dizer que agora no Cordofão nos pedem 15 francos (3 táleres) por dia pela água. São José, nosso querido avô, proverá. Abençoo a todas e a todos. Também esta semana se celebraram dois casamentos católicos.

Os meus respeitos ao Em.mo.

† Daniel bispo

Por caridade, escreva ao meu pai dizendo-lhe que estou muito bem e que em breve irei para o Cordofão.

N.º 1023 (979) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 9, ff, 7-12v

N.º 3

Cartum, 15 de Fevereiro 1881

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

6489

Tendo-me chegado com o correio de ontem o *Dr. A. Petermann's Mittheilungen*, de Gotha (uma das publicações mais apreciadas do mundo pelas suas notícias, incluídas as relativas aos descobrimentos da África, que o falecido mons. Nardi [d.s.m.] recebia sempre em Roma e que, dado o movimento africano, convém que leia quem tem interesse por este continente), em que se expõe em alemão a ideia de quanto me permiti escrever a V. Em.^a na minha última do dia 8 do corrente, a n.º 2, sobre o Uganda e o seu déspota Mutesa, apressei-me a traduzir um pequeno fragmento para italiano, do que resulta que a situação dos nossos beneméritos e animosos missionários de Argel é muito crítica. Creio meu dever informar a V. Em.^a do que diz respeito a estes países, estando eu em condições de saber algo sobre o assunto. Isto não tira que não se deva ter esperanças nessa santa empresa. A Igreja está acostumada a estas coisas, às contradições, às hostilidades por parte dos déspotas, ao martírio. É a condição *sine qua non* das obras de Deus. Incluo-lhe em folha separada um pequeno extracto traduzido do *Mittheilungen*, etc.

6490

Ainda que o clima de Cartum tenha melhorado consideravelmente, tenho dois missionários que vieram comigo do Cairo atingidos pela febre.

Como no reino do Cordofão começa a escassez da água, que certamente durará até às primeiras chuvas em Junho, estou já com grande actividade a fazer os preparativos para lá ir e, depois de amanhã, partirá a primeira caravana com as provisões, na qual irão seis indivíduos; eu segui-los-ei dentro de quinze dias com as Irmãs. Acontece que o gasto com a água para beber e cozinhar nos meus estabelecimentos de El-Obeid ascende a *quinze* e até *dezasseis francos por dia*; isto, digo, só para a água.

6491

Da missão de Cartum fiquei bastante contente, sobretudo da vida interna dos Institutos, nos quais reina o espírito de oração, o fervor e a actividade, e onde há muitos catecúmenos preparados ou a receber formação, que anseiam tornar-se cristãos, entre eles três muçulmanos. Mas eu vou devagar, porque assim se deve avançar na África: de forma lenta e segura. Deixo para depois da minha visita ao Cordofão e a Gebel Nuba dar a V. Em.^a uma ponderada e exacta informação. Nos meus missionários e nas minhas Irmãs reina o espírito de abnegação e de sacrifício. Estamos todos dispostos a morrer pela redenção da Nigricia.

Beija a sagrada púrpura, etc.

6492

Extracto de uma carta do dr. Emin Bei
publicada nos Anais de Petermann, Mittheilungen de Gotha
n.º 26 (Dezembro 1880), pág. 472
sobre a missão do Vitória Nyanza

«Atendendo ao seu pedido apresentarei uma informação sobre o *Uganda*. Stanley, a quem tenho em grande estima, escreveu muitas coisas falsas acerca desse país; por isso convém que se exponham a tempo os factos tal como são. Casualmente acabo de receber a correspondência do *Uganda* e, nela, entre outras informações, vejo que no dia 23 de Dezembro de 1879 o rei Mutesa e os seus chefes, reunidos em grande e solene assembleia, acordaram em proibir aos missionários ingleses e franceses que dêem formação e em castigar com a morte os indígenas que a receberem deles. Um decreto emanado por esses dias diz que fica proibida tanto a religião do homem branco como a maometana e é ordenado aos súbditos indígenas que permaneçam na fé e costumes dos seus antepassados. Os chefes acolheram com grandes aplausos esta decisão, enquanto o rei mandou aos soldados de guarda que disparassem salvas em honra deste acontecimento.

6493

A assembleia foi de opinião de que no *Uganda* não se precisava o ensino religioso, mas sim fuzis, pólvora e cartuchos e em tão grande número como numerosos são os fios de erva. Em consonância com isto está também a carta mais recente recebida de Rubaga, datada de 1 de Junho, segundo a qual não há nenhuma esperança quanto ao tema das missões (*sic*). O que faz Mutesa – diz a carta – não é bom para nós e penso que teremos que deixar a missão. Os quatro missionários franceses, tal como os ingleses (1), são de opinião de que aqui não se pode ter sucesso. O rei mostra maior ferocidade que nunca e sacrificou no túmulo dos seus antepassados mais de *duzentos pobres* e já não faz o menor caso das nossas palavras, etc. (2).»

Dr. Emin Bey governador

6494

(1) Asseguram-me que no *Uganda* há ainda dois missionários anglicanos.

(2) O rei Mutesa, segundo as antigas leis do *Uganda*, considera como seus hóspedes todos os estrangeiros que chegam ao seu império; pelo que se crê obrigado a dar-lhes hospitalidade e provê-los de tudo o necessário, enquanto permanecem nas suas terras. Por causa disso, não só os hóspedes estão proibidos de adquirir de outros as coisas necessárias, mas também é vedado aos ugandeses vender qualquer coisa aos estrangeiros. Mutesa recebe estes muito bem ao princípio, em função das prendas que lhe levam, mas quando já não há mais para receber, é como os demais chefes e reis africanos em geral, e abandona-os ou persegue-os. Instruído pela experiência, eu nunca levei prendas aos Nuba, nem aos Kich, nem a ninguém, salvo uma camisa, cigarros, tabaco e medicamentos e poucas ou nenhuma arma. Apresentei-me na terra dos Nuba unicamente com dois fuzis em 1875 e agora voltarei lá só com dois fuzis, para nos defendermos das hienas, etc. e para caçar para comer.

6495

Stanley também me disse que Mutesa era *um cavalheiro: he is a gentleman*. E é muito possível que o dissesse sinceramente, porque Stanley esteve pouco tempo com Mutesa.

Mas, como escrevi várias vezes à Propaganda e disse a mons. Lavigerie em Viena e noutros lugares, uma coisa é viajar ou fazer uma exploração na África e outra fundar aí uma obra estável e duradoura, como é uma missão católica. Os viajantes ou exploradores têm as coisas facilitadas, porque passam por esses lugares como *meteoros* e, depois, vão para sua casa. Mas uma missão é mais difícil e, portanto, há que caminhar devagar, escrever menos e só falar depois de muito tempo e de larga experiência e dizer menos do que a realidade até que a coisa esteja segura.

6496

Contudo, eu estou convencido de que com o tempo e com paciência – e com a confiança em Deus, que é Senhor também do rei Mutesa – os missionários de Argel, instruídos pela experiência, descobrirão a maneira de implantar e tornar, *pouco a pouco*, estável a sua obra, quando, entre outras coisas, aprenderem bem a língua (coisa muito difícil para quem não é poliglota e prático em línguas). Em suma, rezemos. E eu, aproveitando o vapor que dia 20 partirá daqui para a tribo dos Bari, responderei ao superior do Nyanza Vitória, animando-o, dando-lhe bons e práticos conselhos e recordando-lhe que o Coração de Jesus também palpitou pelos povos da África Equatorial.

6497

Com o próximo correio mandarei a V. Em.^a a cópia de uma nova carta do meu amigo, o mencionado governador Emin Bei (que, para mais é médico, tem ótimas relações com Mutesa e os seus generais [?!] e diz que procurará fazer o mais que puder por aqueles missionários católicos), o qual com uma carta de 28 de Agosto de 1880, comunicou ao cav. Hansal, I. R. cônsul austríaco em Cartum mais ou menos as mesmas notícias que eu escrevi a V. Em.^a na minha última, a n.º 2.

6498

Igualmente Emin Bei transmite ao dito I. R. cônsul uma carta do missionário inglês anglicano Pearson, que se encontra no Uganda, na qual diz que, por causa dos decretos do rei Mutesa, ele e o seu companheiro se vêm obrigados a retirar-se do Uganda e a ir para Mpwapwa, onde estão alguns missionários dos seus. Boa viagem!

Mas como a missão católica do Uganda é obra de Deus, Deus fará frustrar os desígnios do Demónio e, passadas as primeiras provas inerentes às obras de Deus, a missão do Uganda lançará raízes. Rezemos.

† Daniel Comboni
Bispo e vig. ap. da África Central

N.º 1024 (980) - AO REDACTOR-CHEFE DA REVISTA
«DIE KATHOLISCHEN MISSIONEN»
«Die Katholischen Missionen» 6 (1881), pp. 125-126

Cartum, 19 de Fevereiro de 1881

6499

Desde há já muitos anos que *Die Katholischen Missionen* dedica grande atenção à minha difícil missão da África Central e os contínuos donativos para apoiar esta árdua empresa são uma prova clara do interesse que os senhores souberam suscitar na Alemanha católica. Estou muito reconhecido a essa estimada Redacção, assim como aos distintos benfeitores, e a minha grei e eu rezaremos todos os dias por vós e por eles.

Para o informar sobre o andamento da missão a si e ao seu digno grupo de redactores, que tanto fazem pela santa obra da evangelização, e aos muitos leitores, procurarei enviar-lhes notícias de quando em quando, para manter assim uma correspondência mais regular. No caso de eu o não poder fazer, encarregarei disso o meu missionário P.^e J. Dichtl.

6500

Para dar imediatamente alguma informação, comunico que no dia 28 cheguei a Cartum, sede principal da minha missão, depois de uma feliz viagem de apenas 29 dias, iniciada no Cairo. Integram a minha expedição quinze pessoas: o sacerdote P.^e Bartolo Rolleri, da diocese de Placência (pertencente desde 1869 aos institutos de negros do Egipto e desde 1872 superior dos mesmos); João Dichtl, da diocese de Seckau; José Ohrwalder, da diocese de Trento e P.^e Paulo Rosignoli, da diocese de Frascati (estudante do Colégio Mastai, de Roma), mais seis Irmãos do meu instituto feminino de Verona e cinco leigos do meu instituto masculino veronês.

6501

Antes da minha partida, recebeu-me muito amavelmente Sua Alteza Real Tawfik Paxá e o Governo vice-real concedeu-me alguns privilégios para a minha viagem. A 29 de Dezembro, saímos do Cairo em direcção ao Suez, aonde chegámos às oito da noite desse mesmo dia e partimos de novo no dia 31 pela tarde com o barco egípcio *Nagila*. Na tarde de cinco de Janeiro chegámos a Suakin, após termos tido uma navegação bastante tranquila, à excepção de alguns momentos em que o mar esteve muito agitado, fazendo com que todos enjoassem. Em Suakin permanecemos até 10 de Janeiro, altura em que com 48 camelos nos dirigimos para oeste, para Hila, através do deserto dos Bischarin e chegámos a Berber no dia 22 de Janeiro, muito cansados, mas de óptima saúde. A 24 continuámos a nossa viagem até Cartum, agora com o vapor *El Fasher*. Depois das fadigas do deserto, a viagem que fizemos pelo Nilo foi aprazível. Não éramos esperados em Cartum para o dia 31 e a nossa imprevista chegada foi uma alegre surpresa para a missão.

6502

Desde o começo de 1879 estou muito contente com o andamento da missão de Cartum, tanto no que se refere ao estado de saúde geral como quanto ao resultado dos nossos esforços. Contudo, ainda notámos muito as consequências de 1878 e há vazios que ainda não foram preenchidos.

Dentro de poucos dias, partirei com os novos reforços para o Cordofão, para visitar as missões de El-Obeid e Malbes. As notícias daí provenientes são bastante preocupantes, porque os poços começam a secar de novo e a missão vê-se obrigada a trazer a água de muito longe, pagando por ela 14-15 francos. Do Cordofão irei à missão de Gebel Nuba, que é muito promissora, e que penso alargar até ao Bahar-el-Ghazal.

Seu servidor † Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis, i.p.i.
Vig. ap. da África Central

Original alemão
Tradução do italiano

N.º 1025 (981) - A SEU PAI
ACR, A, c. 14/128

J. M. J.

Cartum, 19 de Fevereiro de 1881

Meu querido pai,

6503

Recebi hoje a tua muito estimada carta de 20 de Janeiro. É que o correio vai de Limone de comboio e depois de barco pelo mar e pelo Nilo até Korosko, na Núbia, de onde segue pelo deserto.

Eu estou de perfeita saúde, melhor que na Itália; mas passei dois dias e duas noites de purgatório devido à perigosa doença de P.^e Rollerli (que aqui compreendeu tudo e que desde o Cairo até hoje tem estado manso que nem um cordeiro, porque encontrou as coisas muito melhor do que esperava e deu conta que o tinham informado falsamente, mesmo a respeito de P.^e Luís Bonomi, que é uma verdadeira coluna da missão, e viu que só eu posso dirigir a obra, dada toda a sua vastidão e dificuldade). Ele esteve nas últimas, e o sacerdote romano P.^e Paulo Rosignoli contraiu o tifo; mas, graças a Deus, ontem à noite as enfermidades começaram a declinar e agora os dois estão fora de perigo.

6504

Espantado por tais doenças, Domingos, o meu servidor (que suspira sempre por Roma) já não bebe mais que meio copo de vinho ao almoço e meio copo ao jantar. P.^e Bartolo e os outros ficaram assombrados do trabalho de P.^e Bonomi (que retribui de coração os teus cumprimentos). P.^e Bartolo Rollerli confessa-se a mim e eu confesso-me a ele todas as segundas-feiras. As primeiras vezes (isto fique entre nós) ele era de opinião de que eu tinha cometido tais e tais pecados durante a semana; e, mesmo que eu lhe dissesse repetidamente que não, que nem sequer em sonhos, ele continuava a pensar lá na sua cabeça que eu os cometera, sem fazer caso ao que eu dizia e até me impunha a respectiva *penitência*, como se, na verdade, fossem minhas aquelas culpas (penitência que, não obstante, eu cumpria). Mas há cerca de um mês mudou de atitude e parece convencido de que esteve enganado; naturalmente, ele é obediente, exemplar, devoto, tranquilo, afável, pacífico e com verdadeiro amor e zelo pela missão. Ontem mandei já quinze camelos com provisões para o Cordofão e tenho outros preparados para uma caravana de mais de vinte e cinco pessoas entre missionários, Irmãs, negros e brancos, com a qual eu devia partir dentro de três dias, mas que suspendi devido às duas graves doenças acima referidas.

6505

P.^e João e P.^e José, os dois alemães a quem administrei as sagradas ordens no Cairo, são uns sacerdotes de primeira ordem. Amanhã administrarei as ordens menores a Francisco Pimazzoni, de Verona, que certamente chegará a ser o mais perfeito e santo missionário da África Central. É ele que te escreve, por conta do meu serviçal Domingos, a carta junta. Todos os missionários e Irmãs da África Central rezam por ti *sempre*. E os de Cartum (eles e elas) mandam-te saudações e querem ser lembrados. Isidoro está bem e fez-nos rir durante toda a viagem. Diz que te deve a ti a sorte de se encontrar na África, uma vez que esteve a ponto de ser expulso de Verona por causa de Grieff.

Saúdo todos os nossos parentes e amigos.

Teu filho † Daniel bispo

N.º 7

Cartum, 22 de Fevereiro de 1881

Meu querido reitor,

6506

P.º Francisco Pimazzoni (a quem na festividade de S. Matias darei a tonsura e as quatro ordens menores, como decidi, atendendo também ao parecer de todos) fez um relatório para os seus irmãos do Círculo Católico de Verona. Pelo que li nas primeiras páginas e em pedaços soltos aqui e além, parece-me que também podia servir para o próximo número dos nossos Anais, o n.º 24. Falei disso a Francisco e disse-me que está de acordo e que façamos o que entendermos. Espero que também P.º Dichtl lhe mande um relatório; mas, no caso de o não fazer ou de o mandar demasiado germanizado, o senhor publique o que quiser. Faça o que melhor lhe parecer. Os nossos dois doentes estão melhor, embora P.º Bartolo vá recuperando devagar: ainda não pode tomar senão umas colheradas de caldo. É uma velha afecção gástrica, de mais de doze anos, que irá curar. Em suma, estamos fora de perigo.

6507

Tem-me ocupado a guerra subterrânea que os frades (só por egoísmo e ignorância e muitos sem malícia) e especialmente os franceses e mons. Lavigerie, fizeram contra o nosso Vicariato. Mas as mentiras e falsidades francesas e as fanfarronadas, etc. têm as pernas curtas. Esse ambicioso prelado (a quem sempre tratei bem e com franqueza e a quem animei na sua obra) quer construir o seu sucesso sobre a ruína dos outros e conseguiu enganar bem a Propaganda (até certo ponto) e a Propagação da Fé de Lião, com prejuízo para a África Central. Mas eu não olho a isso. O certo é que a missão do Nyanza Alberto não existe, nem esteve lá nunca nenhum dos seus missionários, ainda que, desde há três anos, obtenha de Lião 70 000 francos anuais; e a do Vitória Nyanza está a afundar-se. E ainda que nos *Anais* de Lião se gabe de ter triunfado sobre os protestantes (é uma fanfarronice, embora eu tivesse muito gosto em que triunfasse sobre todos os pagãos e os convertesse a todos e daria por isso a minha vida), contudo aqueles missionários vêem-se obrigados a partir. Agora estou atento para ver quanto atribuirão ao Vicariato no próximo Julho os de Lião e de Paris; e se for pouco, irei dar a conhecer a verdade e provar com a verdade pura que não devem retirar-nos o que nos compete, a nós que estamos no campo de trabalho, para o dar àqueles que nunca viram o Alberto Nyanza. Louvado seja Jesus.

6508

Mando-lhe grão daqui para que o mande semear já na horta das Irmãs ou em Saval ou nos estigmatinos: onde lhe parecer melhor. Do Cordofão mandar-lhe-ei depois *dokkon* (o nosso alimento dali) e mandá-lo-á semear também.

Por favor, dê muitas saudações a P.º Luciano, a quem tenho o dever e o desejo de escrever; mas as ocupações de todo o género fizeram-me deixar a carta a meio já em Suakin.

Recebi a carta de Lotermann; mas não perco tempo a escrever-lhe, porque ainda não fez nada de quanto lhe recomendei.

6509

Quanto a Giomini, o alfaiate do Papa, se lhe mandar uma factura em meu nome, pague-a. Pensei avisá-lo de Roma, mas não tive tempo. Dado que então eu dispunha em Roma de pouco dinheiro, roguei-lhe que esperasse até ao fim do ano e, como é bom, aceitou. Igualmente o senhor Tanfani, de Roma, exige-me a importância de duas almofadas de bispo, de que me esqueci em Verona ou melhor ficaram em casa das Irmãs, e que eu, que não estava presente quando foi retirado o meu faldistório, não sabia que estavam lá. Mas em Roma comprovei que o sr. Tanfani me tinha feito as duas almofadas e custam 66 liras. Portanto, quando ele pedir (hoje vou-lhe escrever), mande-lhe a dita importância. Como é que me ia ocupar destas minúcias, estando eu sozinho e de viagem? Tenha paciência e Deus o recompensará. Quanto a Marietti, é certo que desde 1872 tenho um Cânone que comprei em Turim. Mas o ano passado, quando o vi em Turim, não me disse nada e eu esqueci-me. Além disso tenho um missal. Se ele lhe escrever, responda-lhe que em Novembro também fui a Turim para o ver e efectuar o pagamento; mas, como não estava, deixei-lhe um cartão-de-visita. Cumprimento-o da minha parte.

É a hora do correio. Com o próximo responderei às suas cartas todas.

Recebi também carta de Sua Em.^a e irei responder-lhe. *Vale et fave.*

† Daniel bispo

N.º 1027 (1226) - AO CLÉRIGO FRANCISCO PIMAZZONI
ASCV, Clero-Testimoniali

Cartum, 24 de Fevereiro de 1881

Dimissórias.

N.º 1028 (983) - A P.º FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/22

J. M. J.

Cartum, 26 de Fevereiro de 1881

Meu caro P.º Francisco,

6510

P.º Bartolo apenas hoje começa a tomar um pouco de caldo. Sofre de uma doença gástrica talvez desde há vinte anos e penso que o tratamento de agora vai servir para se curar de tudo.

Devo responder a muitas cartas que o senhor me escreveu a mim e a P.º Losi, mas não tenho forças. Só lhe digo que estou muito magoado por me ver sem dinheiro e por o senhor não mo ter mandado quando recebeu quatro mil francos de Viena. Por isso, depois de me ter encomendado a Deus, decidi dar-lhe as seguintes ordens:

6511

1.º Todo o dinheiro que lhe chegue, depois dos quatro mil francos que já recebeu de Viena, envie-mo a mim e, para o Cairo, arranje-se como puder até nova ordem.

2.º Mande-me todos os meses para o Cordofão (não para Cartum) o balancete económico, com o deve e haver, donativos recebidos, etc., mais os gastos da administração do Cairo, da procuradoria-geral e das obras, e isto, segundo o seu método, ocupa uma folha de papel.

3.º Proíbo terminantemente comprar vinho por uma importância superior a *mil francos*. O que já está encomendado por 2200 francos, *transeat*; mas basta. De agora em diante não se gastarão mais de *mil francos* cada ano.

4.º Proíbo que se dê a bênção na nossa capela *mais de uma vez por semana*; quer dizer, proíbo que se acendam mais de duas velas, salvo quando se der a bênção. Continue a procurar economizar fazendo velas, mas eu não acredito nada na pretendida poupança por as fabricar o senhor mesmo, quando se consomem tão depressa. Mandou para Verona os livros árabes?

Abençoo-vos a todos/as.

† Daniel bispo

6512

Diga a Faustina que é uma cabeçuda: nunca foi capaz de me escrever e eu quero que me escreva. Muitas lembranças ao P.º Pedro. Por graça de Deus, a missão vai bem, muito melhor do que esperava. *Nigrícia ou morte!*

Muitas saudações da minha parte aos dois caros institutos de Cornetto, a quem escreverei apenas tenha tempo. As duas Irmãs piemontesas gozam do afecto das suas companheiras daqui. Mas seguirão comigo para o Cordofão na próxima semana. Mande *La Civiltà Cattolica*.

N.º 1029 (984) - DO LIVRO DE CASAMENTOS DE CARTUM
ACR, A, c. 10/1 i

Cartum, 27 de Fevereiro de 1881

N.º 1030 (985) A P.º FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/23

Cartum, 5 de Março de 1881

Meu caro P.º Francisco,

6513

Consiga-me oito peças, ou ao menos seis, daquela seda branca de Alepo ou de Damasco que o senhor comprou e enviou a Mme. Brown há um ano e mande-mas para a minha direcção de Cartum.

Remeto-lhe uma letra cambial de 3000 francos; quer dizer, renovei ao sr. Marquet aquela letra de 3000 francos que o senhor sabiamente se negou a pagar o ano passado, porque não estava em regra e que eu, retirada essa primeira, renovei ao sr. A. Marquet, ou seu encarregado, para a sacarem no próximo 15 de Abril. Portanto, para esta data tenha preparado o dinheiro com que pagá-la.

6514

Pense que nós estamos sem dinheiro e que falta liquidar no Cordofão uma dívida de 800 táleres que apareceu agora. E, para além de estarmos sem dinheiro, nós temos que viver, e só pela água, no Cordofão, há que pagar 15 francos por dia. Por isso mande dinheiro.

Na primeira oportunidade, junto com as coisas encomendadas mande uma boa quantidade de óleo de amêndoa para as Irmãs.

Seja bem poupado, nunca compre por miúdo (como o óleo de rícino) o que, por grosso, pode comprar mais barato. P.º Bartolo encontra-se um pouco melhor. P.º Paulo está curado: teve um tifo incipiente.

6515

Como o senhor *Heraldo Dabbene* me recomendou um assunto seu que eu realizei perfeitamente, escrevi-lhe para o Cairo para a *posta restante*. Peço-lhe que o avise (encontra-o por meio do consulado italiano) de que vá aos correios, onde há uma carta minha para ele. Slatin Bei aceita-o de boa vontade em Darfur, onde pode fazer muito.

Esta manhã baptizei quinze adultos, entre eles um jovem de 18 anos (mede 1,85 de altura e é um anjo), e um casal que se consorciou depois do baptismo. Reze muito por mim, que estou cheio de defeitos e falhas e, por isso, preciso.

Seu af.mo † Daniel bispo

Apresente os meus respeitos ao Superior dos Jesuítas, etc.

Escreva sempre o n.º de referência e a data no princípio e não no fim.

N.º 1031 (986) - AO CÓN. J. C. MITTERRUTZNER
ACR, A c. 15/83

J. M. J.

Cartum, 5 de Março de 1881

Dulcissime rerum,

6516

Esta manhã baptizei solenemente quatro adultos e uma negra, a qual depois se casou com um dos baptizados. Há uma semana, chegou-me a sua oportuna carta de 23-01-81, na qual dizia: «Nesta data envio-lhe (a Sembianti) outros trezentos florins, que me deu uma senhora que não quer ser nomeada, mas com a condição de que o primeiro negro que baptizasse Sua Ex.^a Rev.ma em Cartum recebesse o nome de *Henrique* (Rex) *Ana Maria*... cuja informação de baptismo me mandará em ficha à parte.»

6517

Pois aqui lhe envio a ficha sobre esse baptismo. Pertence a um dinca que escolhi entre os quatro jovens (porque o senhor é famoso pela língua dinca). É um belo rapaz de uns dezoito anos, natural de Toi, no país dos Dinca. Chama-se *A-Guer*, não sabe nada de árabe e recebeu informação cristã do famoso e santo *Kheralla* (que estava com Lanz, Oliboni, Melotto, Beltrame e comigo em Santa Cruz, na tribo dos Kich), instrução que eu examinei em língua dinca. Este jovem mede um metro e oitenta e dois (portanto é mais alto que eu, que meço 1,75) e é de costumes puros. Se não estivesse ocupadíssimo P.^e Luís Bonomi, que também é fotógrafo, mandava-lhe retratar o ditoso neófito Henrique (Rex) Ana Maria A-Guer. Enfim, veremos.

6518

Na próxima semana parto com mais de trinta pessoas para o Cordofão e Gebel Nuba. Visitadas estas missões e postas em ordem, irei eu mesmo implantar uma importantíssima estação a oeste do Nilo Branco dos Kich e dos Bari e seguirei pelo Bahar-el-Ghazal, encaminhando-me depois para sudoeste. Numa parte do território desta futura missão fala-se dinca, jur, arol, ghog e *niam-niam*. É uma região magnífica e a mais saudável de todas as que constituem o objectivo das missões do Cordofão e de Gebel Nuba. Mas já lhe escreverei sobre isso, porque realizei estudos sobre o assunto. Sua excelência o *hokomdar*, governador-geral do Sudão egípcio (que é cinco vezes maior que toda a Itália), é um grande amigo meu e faz o que eu quero.

Vale. Celsissimo rev.mo et benefactrici salutem et gratias.

Tuissimus † Daniel ep.pus

Depois de amanhã farei solenes funerais de pontifical pelo meu insigne benfeitor o card. Kutskas, arcebispo de Viena.

N.º 1032 (987) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/11

N.º 8

Cartum, 5 de Março de 1881

Meu caro padre,

6519

O caminho que Deus me traçou é a cruz. Mas se Cristo morreu na cruz pela injustiça humana e tinha a mente recta, é sinal de que a *cruz é uma coisa boa* e uma coisa justa. Carreguemos, pois, com ela e avante!

O superior do Cordofão, apesar dos meus rogos e dos do meu vigário P.^e Bonomi para que apresentasse contas da sua administração, nunca mas deu nem a mim nem a P.^e Luís. À minha chegada a Cartum, escreveu-me a dizer que urgia pagar uma dívida de 1800 táleres do meu procurador Jorge Papa e em Cartum paguei-a imediatamente desembolsando 1800 táleres. Com o correio seguinte pediu-me outros cem táleres, que lhe mandei logo. Agora (e ele sempre sem prestar contas) telegrafou-me para que lhe envie imediatamente pelo menos outros 800 táleres; e aqui disse basta, porque ele nunca disse a quem os deve pagar e quais foram os gastos realizados. O facto é que descobri diversas irregularidades, entre as quais lhe cito apenas uma. Feitas as contas com Calisto Legnani (actual cônsul da Itália em Cartum), encontrei que me devia 1 600 francos em ouro. Este barafustava e, ao invés, dizia ser ele credor; mas teve que ceder perante a eloquência das nossas notas e justificativos de pagamentos. Finalmente, necessitando de dinheiro, trouxe-me os recibos de duas letras de 900 francos ouro, que o sr. Isidoro Legnani, de Menaggio, seu irmão, pagou por meio do Banco de Nápoles ao pai de P.^e Vicente Marzano, etc., etc., e disse-me que tem outras notas de El-Obeid. Mas ele sabe que lhe disse repetidamente que não lhe pago nenhum pedido que não proceda de mim ou do meu vigário P.^e Bonomi. Mas passemos adiante.

6520

Como o senhor terá lido, P.^e Losi escreveu ao Em.^o de Canossa a solene *caluniosa mentira* (e contudo eu queria ter trinta santos loucos como P.^e Losi, o qual, talvez como fez outras vezes, terá escrito o mesmo ao card.-prefeito da Propaganda, que me fez alusão a isso ou talvez o próprio Em.^o Canossa tenha abordado isso na Propaganda), mentira, dizia, que em carta de 21 de Outubro de 1880 expressa nestes termos: «*Como V. Em.^a se preocupa ainda por esta pobre missão, etc.... Os sacerdotes desta estação de El-Obeid (ou seja P.^e Vicente, que manda dinheiro ao seu pai e P.^e Fraccaro, que sem dizer nada disto ao bispo e ao vigário apostólico ou ao seu vigário-geral, consente em semelhante enredo) asseguram-me que desde há três anos D.*

*Comboni não mandou nem uma piastra e que existe uma dívida enorme para com o procurador (ao qual já nada se deve, tendo sido tudo liquidado, como consta do seu recibo), etc.» Pois bem, segundo os livros da administração-geral desta chancelaria apostólica desde 21 de Outubro de 1877, conduzida pelo cônego Fiore até 12 de Abril de 1878, por P.^e Squaranti até 10 de Setembro de 1878, por mim até 19 de Março de 1879, e por P.^e Bonomi até ao passado 18 de Fevereiro, resulta que, sem contar 11 envios de provisões para o Cordofão, só em dinheiro mandaram-se para lá 262 073 piastras sudanesas, equivalentes a 13 103 táleres *megid* e 13 piastras, e equivalentes também a 3047 nap. ouro, 7,33 fr. (*digo três mil quarenta e sete napoleões de ouro, com sete francos e 33 cêntimos*).*

6521

Espero não ser tão mesquinho e soberbo que me justifique nem perante o nosso Pai o Em.^o card. Canossa, nem perante a Sagrada Congregação da Propaganda: por mim, nada. Mas jogarei a mitra até perante o Sumo Pontífice para defender a inocência e a fidelidade dos meus missionários e de quem deu a vida pela África. Viva Jesus. (Também para a família e o pai de Ângelo Composta, de Negrar, enviou Legnani 100 francos sem a minha autorização e com o consentimento de P.^e Fraccaro.) Depois de todas estas misérias e de outras que não tenho tempo de contar, creio firmemente e vejo claro como à luz do dia que, com a ajuda de Jesus, de Maria e do meu bom José, dentro do presente ano, conseguirei dar início aos meus projectos sobre o objectivo dos actuais estabelecimentos e o alargamento da minha acção até às tribos que delimitam o equador. Já falei longamente sobre o assunto com o grande paxá, que me tem muito affecto e favorece todos os meus projectos, porque, embora fanático muçulmano, está convencido de que a nossa obra é obra de sublime civilização; também está muito bem relacionado com P.^e Luís.

Encontro aqui em Cartum uma carta de P.^e Jordão Vinazzato, Vigário de Santo Estêvão, em Pádua, na qual aparece uma dívida a favor de P.^e Paulo Rossi ainda não cobrada. Mando-lhe, para que o senhor faça o que quiser.

6522

P.^e Bartolo está melhor, já come, e na próxima semana poderá partir comigo para o Cordofão. P.^e Paulo Rosignoli (até agora bastante discreto) está perfeitamente curado. Quanto às duas piemontesas, decidi deixá-las em Cartum às ordens da Irmã Vitória. Pusemo-las a trabalhar com as raparigas e como logo se viu o bom resultado, até ao ponto de a Ir. Amália se maravilhar da sua utilidade, fui solicitado para que as deixasse aqui. Também influiu na minha decisão o facto de o clima de Cartum nos dois últimos anos ter sido melhor que o do Cordofão e, portanto, mais conveniente para elas, não aclimatadas no Cairo.

Dei à Ir. Vitória as instruções oportunas, e que a nossa óptima superiora de Verona faça o mesmo na sua correspondência com a Ir. Vitória.

6523

Recebo nesta altura a sua carta de 5 de Fevereiro, a n.^o 12, que é interessantíssima. Deve saber que em todo o Vicariato não temos mais que uns 2600 francos e que ontem ordenei a P.^e Giulianelli o pagamento de uma letra de 3000 francos que ele, acertadamente, não tinha efectuado o ano passado ao sr. Marquet, porque não estava em regra. No seu conjunto, é deplorável a situação financeira em que me encontro; mas não tenho medo. Aprovo e é de meu agrado que o senhor tenha em Verona um bom fundo; antes, eu mesmo escrevi a muitos para que mandassem os donativos para Verona. Contudo, tenho que pensar no Vicariato e também no Egipto, como único responsável de toda a obra e também das suas finanças, porque só eu conheço as necessidades espirituais e temporais de todos os estabelecimentos e da obra inteira. Os dez mil francos da Propaganda não os destinei nem a Verona nem ao Cairo, mas uma pequena parte a Verona e o resto ao Vicariato; o senhor devia, pois, mandá-los para o Cairo, não para aí ficarem, mas para que de lá mos mandassem para Cartum. A minha situação é ainda mais crítica, porque ninguém no mundo me pode dar um conselho exacto e definitivo, nem sequer a própria Propaganda, porque a África Central é completamente diferente do resto do mundo; e o homem que detém sobre ela algumas ideias é o P.^e Bonomi.

6524

Mas sobre isso estou completamente tranquilo, porque me aconselho com o Senhor, com a Virgem e com S. José, que sempre me assistiram na África e jamais permitiram que me enganasse uma única vez, embora na Europa, onde não se conhece a África, se pensasse de maneira diferente. Mas, avante e coragem! Estou muito contente por pensar que Deus lhe deu a si todo o zelo e caridade pela África; e mesmo o ter retido as 7000 liras foi só pelo bem e pela economia da obra, a fim de não gastar ao enviar o dinheiro para o Cairo e, depois, em Julho, fazer mandar o dinheiro do Cairo para Verona. Por isso, mantenha o dinheiro em Verona, que S. José pensará. Estou em apuros e não sei como resolver isto; mas viva Jesus e José e avante! Já não posso voltar atrás no contrato estabelecido para a igreja do Cairo: tinha que a construir e fazer o que fiz; e

agora mesmo voltaria a fazê-lo, apesar da opinião de Bajit (que é uma excelente pessoa) e de toda a oposição dos franciscanos e do delegado apostólico. Eis aqui a pura verdade da deplorável situação religiosa do Egipto (seja dito entre nós no máximo segredo): «O monopólio franciscano é a causa principal do definhamento do progresso religioso no Egipto.» Encarregado por alguém superior, examinei as coisas do Egipto (que em Roma se conhecem já desde há muitos anos) e escrevi estas e outras ideias a Roma a partir do Cairo e Suakin. Portanto, dentro de não muito, o senhor verá coisas novas no Egipto, com grande bem para a verdadeira fé e para os nossos estabelecimentos.

6525

O Egipto é a chave, o quartel-general e o ponto de partida da regeneração espiritual de uma quarta parte de toda a África. Enquanto o Diabo trabalha, Cristo faz as obras. Passo agora ao famoso diácono que eu ordenei em Turim. Pensei que a coisa tinha ficado por aí e que eu nada mais teria a fazer, mas Jesus permite que também por isso eu sofra tribulações. Que fazer? Coragem!

6526

Em Abril do ano passado, tendo eu regressado de Roma a Sestri (ainda não o tinha visto a si com os meus próprios olhos, instalado como reitor nos estabelecimentos africanos de Verona), recebi do falecido cónego Ortalda, que era há 28 anos director e representante dos missionários e bispos missionários do mundo, uma carta na qual me convidava a pregar no dia 3 de Maio na Propagação da Fé de Turim. Eu respondi-lhe que não dispunha de tempo, porque devia procurar a forma de pagar no Cairo 6000 francos, mais 217 guinéus egípcios (acerca do que Giulianelli me tinha telegrafado para Verona e o senhor tinha-me telegrafado para Sestri) e, por esse motivo, eu devia deslocar-me a França, etc. O cón. Ortalda insistiu em convidar-me para Turim (por onde eu tinha que passar para ir a França) e fui: preguei, etc., dei uma conferência, etc. e fiz o que devia. Em Turim estive então alojado na Rua Villa della Regina, 6, ou seja, no colégio das escolas apostólicas fundado por Ortalda e, depois, suprimido (estiveram lá cerca de 150 alunos) e, em seguida, reabilitado, mas sem superiores e com o descontentamento do arcebispo, etc.

6527

Enquanto eu queria ir à procura dos 6000 francos para pagar no Cairo (era preferível ter mandado efectuar esse pagamento no Cairo por meio de Brown), o cón. Ortalda fez-me estas propostas:

1.º Dou-lhe imediatamente os 6000 francos e devolve-mos quando puder (devolvi-os).

2.º Prometo destinar-lhe para a África Central os melhores elementos que saírem do meu colégio.

3.º Mas o senhor deve fazer-me o favor de ordenar *titulo missionis* Africae Centralis o clérigo NN., encarregado da vigilância dos nossos jovens. E deve ordená-lo prometendo-me que mo deixará por muitos anos aqui em Turim, onde desejo formá-lo para director das escolas apostólicas. Trata-se – continuou o cón. Ortalda – de uma pessoa boa, capaz e está provido das suas cartas dimissórias (*exeat*), que obtive quando entrou no meu colégio.

6528

Perante estas três propostas, feitas por um Cónego como Ortalda, talvez o mais activo promotor das missões estrangeiras na Itália, e sem dúvida considerado como tal por todos os vigários apostólicos do mundo, podia permanecer indiferente um bispo missionário preocupado pela salvação dos infiéis? E como podia eu recusar naquele momento em que tinha necessidade de dinheiro e ainda mais de gente para a África, e quando ainda ignorava que orientação ia tomar o Instituto Africano sob a sua direcção? Ponderei o assunto, rezei e meditei, tanto mais que o cónego Ortalda fizera ordenar outro dessa maneira, o qual foi logo para missionário, porque se não dava com ele.

6529

Depois de examinar as cartas dimissórias e de ouvir o cónego Ortalda repetir-me que ele tinha feito todas as práticas necessárias com a cúria arquiepiscopal, ordenei sem mais de subdiácono e diácono o indivíduo em questão e esperava pelo domingo para o ordenar sacerdote. Durante a semana fui visitar o arcebispo e contando-lhe eu que tinha efectuado essas ordenações (ele, está claro, sabia tudo), disse-me que esse indivíduo não tinha recebido a total aprovação do seu ordinário, porque «*tinha o vício de beber*». «Eu não sabia nada disso», disse ao arcebispo. E ele: «Se quiser, em três dias, faço-lhe chegar uma resposta desse bispo (de Ivrea) e ficará convencido». «Não – respondi; estou convencidíssimo desde o momento em que V. E. o diz; assim que paro aqui, e não o ordeno sacerdote até que V. E. me assegure que ele foi chamado, admitido, etc.»

6530

Fui ao colégio e declarei ao cón. Ortalda que já não o ordenava sacerdote, o que causou grande desgosto ao cónego. Mas eu não recuei e, mantendo-me inamovível na minha decisão, parti de Turim. Mas antes, as três Irmãs de S. José (e têm olfacto) asseguraram-me que aquele ordenando era muito bom, a quem elas viam e tratavam todos os dias: eu poderia ordená-lo de olhos fechados. O mesmo me disse um pároco de terras

vizinhas; depois veio um pároco seu tio, o qual me disse que se tratava de um jovem muito bom, que tinha vivido muitos anos com ele e que tinha tido sempre a mesma ideia: embora não tivesse muito talento e talvez já fosse um pouco adiantado na idade, contudo, a respeito dos costumes era irrepreensível e sempre tinha mostrado a vontade de se tornar sacerdote; quanto a ser missionário, é que só desde há pouco dizia querer sê-lo.

6531

Fui novamente a Turim e aconteceu como no princípio: o cónego mostrou-se contente, esperando que, antes do meu regresso a África eu procedesse à ordenação sacerdotal; depois, tendo eu ido jantar com o arcebispo e tendo falado acerca do diácono, vi que ele pensava como antes e que nunca quererá para a sua diocese um tal indivíduo.

A penúltima vez que fui a Turim encontrei uma tensão ainda maior entre o cónego Ortalda e o arcebispo, o qual o advertiu que se até Setembro não dotasse o colégio de um sábio director da sua confiança, ele fechar-lhe-ia a capela, com o que o cón. Ortalda se veria obrigado a fechar o colégio e mandar embora os jovens e as Irmãs. Este golpe fez com que a sua saúde se ressentisse, levando-o à doença que depois o conduziria à morte. Foi então que o cónego Ortalda (sempre esperando a sobrevivência do colégio), me propôs que admitisse provisoriamente em Verona esse meu subordinado e que ele, depois, o voltaria a chamar, etc. Depois de larga discussão, acabei por lhe deixar um bilhete para o jovem; depois daria informações. Eu não podia agir doutra maneira, não podia negar-me: tinha que fazer assim, porque, no final de contas, ele já era meu subordinado. Mas, tendo eu ido depois para Roma e para outros lugares, esqueci-me de lhe falar a si sobre o assunto, porque não há bispo no mundo com tantas e tão diversas coisas para tratar, e sem secretário.

6532

Quando a 23 de Novembro passei por Turim pela última vez, a caminho da África, fiquei a saber que, depois da morte de Ortalda, se tinha fechado o colégio e as Irmãs tinham-no abandonado. Quanto ao diácono, nunca deu sinais de vida, nem me escreveu, nem me lembrei mais dele, nem de falar consigo sobre ele; pensei (quando em Turim falei com o cónego sucessor de Ortalda sobre os assuntos missionários) que o diácono teria ido para casa de seu tio pároco, etc., etc. E eu, tendo mil outras coisas na cabeça, não voltei a pensar nele.

Pois bem: *quid agendum???*

6533

Em si, como meu representante em Verona, etc., delego todas as faculdades, direitos e deveres que posso ter sobre esse indivíduo e eu assumo toda a responsabilidade diante de Deus e do mundo no caso de nisto ter cometido um erro. Mas Deus sabe que agi com as melhores e mais santas intenções para o bem da África.

O senhor tem com quem se aconselhar em Verona: o rev.mo superior, o em.^o bispo, P.^e Peloso *quoad ius*. Ou o diácono mostra verdadeira vocação para missionário ou só a de ser sacerdote (o que duvido). Se tivesse inclinação para trabalhar nas missões (tendo algum indício disso) e se se compromettesse a pagar a viagem e, ao menos, um franco ao dia pelo tempo da prova, abonando seis meses adiantadamente, o senhor (se estiver de acordo o rev.mo superior) poderia prová-lo em Verona. Mas, se só tiver vocação para sacerdote, então que procure um bispo que o receba, para o que lhe mando aqui junto um *exeat*...

6534

Em suma, faça o melhor que lhe parecer. Eu *hic et nunc* não sei dizer-lhe outra coisa. Perdão pela minha atitude ou erro, e viva Jesus!

O Superior dos Jesuítas do Cairo falou-me de que o P.^e Normand, superior da Síria e do Egipto, queria propor-me a admissão de um bom jovem belga que vi no Cairo. Eu até o teria levado para o Sudão, mas como vem do P.^e Boetman, que nos mandou tantos, respondi-lhe que se dirigisse a si e esqueci-me de o avisar. Portanto, o senhor verá. O certo é que os jesuítas do Cairo me disseram que é um jovem bom e capaz, mas não chamado à Companhia de Jesus.

6535

Sinto muito quanto ao Jorge. Faça o que melhor lhe parecer: também em Beirute pode fazer bem à sua família. Mas veja lá não percamos por isso Virgínia, que poderá fazer pela África mais que dezasseis Irmãs das nossas. Estas são ótimas, mas *hic et nunc* nenhuma delas, nem a Ir. Vitória nem qualquer outra que eu conheça, vale tanto como Virgínia no aspecto importante do apostolado prático. Embora Virgínia e eu tenhamos sido vítimas de calúnia (do que me não envergonho, pois não sou culpado, como também não o é Virgínia, nem *um bocadinho*, daquilo que velhacos e santos loucos nos atribuíram), tanto na África, pelos frades, como em Verona e em Roma, isso não impede que ela seja um instrumento nas mãos de Deus para a África do modo que Deus quiser. Certas pequenas provas que são necessárias para os postulantes acabados de recrutar não são oportunas e, por conseguinte, de fraco indício, a respeito de quem já exerceu o apostolado no campo de batalha, como é Virgínia, que aguentou ao pé do canhão e deu provas de virtudes heróicas no

duro e difícil campo da África. Se não tivesse grandes virtudes, já se teria ido embora. E a nossa opinião seria de que se lhe concedesse o hábito religioso e se tivessem com ela os gestos de caridade que uma veterana do apostolado merece.

6536

Entretanto (por amor de Deus, não o diga nem à superiora nem ao instituto feminino, não vá suceder que desanimem, pois uma congregação cosmopolita como a nossa não se forma em dois ou três anos, mas requer tempo; há-de, porém, chegar-se a isso), entretanto, dizia, em Cartum não funciona a escola feminina e as trinta e oito famílias orientais da Síria, que estão aqui, são totalmente desconhecidas da Ir. Vitória (a qual é, contudo, uma boa e devota Irmã), e precisa de chamar todos os dias por P.^e Luís para dar o catecismo às negras; e muitas dessas famílias vieram pedir-me que chamasse de novo para Cartum as Irmãs de S. José, ou ao menos a Ir. Germana e a Ir. Ana (que é Virgínia) para a escola, etc. Ontem veio visitar-me um casal de Aleppo com duas meninas e perguntei-lhes porque não as levavam às Irmãs. Ao que eles me responderam que não o faziam porque as nossas Irmãs não escrevem nem entendem o árabe. É uma mortificação para mim... Portanto, tenhamos em conta Virgínia, que foi a mais fiel de todas as Irmãs e missionários para com a minha pessoa e para com a missão. E para mim, que fui atraído por tantos e pelos que me eram mais fiéis, a atitude de Virgínia é motivo de profundo respeito e de veneração para com ela; e quereria poder contar com cem Virgínias; interessa-me tê-la e suportar até os seus defeitos, porque cumpriu e cumprirá os seus deveres. O dia em que me esquecer de Virgínia, será aquele em que eu tiver perdido o zelo e o afecto pela África. Mas como estou, dificilmente acontecerá, porque o próprio Deus me chamou para velar pela África; por isso, sempre porei as minhas mais altas esperanças em Virgínia, porque tem qualidades eminentes, e mais talento e coragem que todas as nossas Irmãs do Sudão, incluídas as superiores.

6537

A Ir. Amália está convencida disso, embora nunca a tenha visto, mas apenas pelo que ouviu a pessoas competentes. Também a Ir. Vitória se alegraria de a ter; mas, por agora, convém que fique em Verona, ensine o árabe e com a abnegação, a paciência e a mortificação (porque o senhor já sabe o muito que, por vontade de Deus, ela sofreu injustamente também na Europa) se faça santa, se aperfeiçoe nas virtudes interiores e se prepare para realizar coisas maiores para a glória de Deus.

De resto, todas as Irmãs veronesas que temos aqui são boas e a Ir. Vitória é um soldado. Pelas razões mencionadas (só o digo a si), deixo em Cartum as piemontesas. Ultimamente assistiram, dia e noite, Gessi Paxá, que esteve nas últimas, e ele disse-me que espera curar-se por meio delas, que são uns verdadeiros anjos. E Gessi Paxá é um homem que, como governador-geral de Sobat, no equador, fez fuzilar e enforcar estes três anos mais de *cinco mil jilabas* ou traficantes de escravos. Pois bem, este não faz senão beijar o crucifixo das Irmãs por respeito. Portanto, ânimo e avante, que, com a ajuda de Virgínia, a nossa congregação obterá grande vantagem. Isto digo-o eu agora que estou e me aproximo cada vez mais do perigo de morrer; e digo-o em consciência, como se estivesse em transe de morte, digam o que disserem aqueles que não conhecem a missão e a verdadeira Irmã da caridade na África Central.

6538

Aprovo totalmente a sua ideia de pôr a quatro liras ao ano os nossos *Anais do Bom Pastor*. Se bem se lembro, também eu queria alterar a miséria de uma lira anual. Em suma, ponha os *Anais* a quatro ou *melhor* a três liras. A 3 liras ao ano ter-se-ão mais assinantes e mais orações. A três é melhor. Havendo tantas obras, muitos não quereriam fazer a assinatura a quatro. Tenha por certo que não lhe faltarão relatos dos missionários nem das Irmãs. Ânimo, e tenha sempre presente que P.^e José Sembianti *é e deve ser o primeiro missionário apostólico da África Central*.

6539

Consigno e com certos jesuítas orientais do meu conhecimento (sob a sombra benéfica do P.^e Vignola, prepósito geral, e os auspícios de Sua Em.^a o card. de Canossa) havemos de fazer grandes coisas pela África Central. As missões no Nyanza dos missionários de Argel estão a fracassar, embora em Lião se imprimam maravilhas a respeito delas: quem não caminha direito e só pela glória de Deus não tem as suas bênçãos. Esperemos que consigam endireitar a situação e que o arcebispo de Argel fale menos e faça mais, etc.

6540

Quanto a P.^e Francisco Walcher, falei com os seus companheiros, P.^e Dichtl e P.^e José Ohrwalder. Estes são de opinião de que ele, de modo algum, deve ir para Gratz, mas sim ficar em Verona, estudar nos estigmatinos e formar-se sob a sua direcção; a irmã de P.^e Francisco, Gabriela (minha filha), que assista, enquanto Deus quiser, a sua irmã Ana: ela está contentíssima por ele ficar em Verona. De lá escreve-me Francisco: «Aqui encontrei tudo tão em ordem que não se pode pedir mais. A direcção (agora, entende-se) é boa e firme; mas o que fez Grieff ainda não passou e essa é a causa pela qual não encontro total tranquilidade.» Digo-

lhe isto para seu governo; e apague da memória aquele pérfido sujeito. Quando (soube-o aqui) voltou de Colónia com 6000 francos, disse a Paulo: «Dou-lhos com a condição de eu ser superior aqui ou no Cairo.» Aqui ordenou a Alberto que nunca falasse com os árabes e fez coisas muito mais graves contra bastantes companheiros. O superior do seminário de Londres, quando Grieff pediu para partir, disse a P.^e Bouchard: «Ele que se vá, pois é uma bênção para o colégio: é incrível quanta malícia e perversidade se encontra nessa alma, etc., etc.»

6541

Voltando ao diácono P.^e João, por que razão, após o afundamento da obra de Ortalda, não se dirigiu logo para Verona?... Isso é o que me leva a suspeitar que a ele a missão não lhe importa nada e que tenha tentado (sem sucesso) fazer-se sacerdote na sua diocese; vendo-se não aprovado..., terá então recorrido a Verona... Reflicta e saiba regular-se também nisso.

De Roma chegou-me a notícia de que o nosso em.^o bispo publicou uma bela pastoral sobre a Propagação da Fé e que citou os importantes subsídios recebidos pela África Central e pelas canossianas da China. Rogo-lhe que agradeça da minha parte a Sua Em.^a o facto de ter incitado a Prop. da Fé e a Santa Infância a socorrer-me. Da Obra das Escolas do Oriente chega-me pouco, porque a mesma é monopólio de mons. Lavigerie e porque raramente escrevo para lá. Só recebo 600 francos ou pouco mais por ano e isto graças ao fundador dessa obra e meu caro amigo mons. Soubiranne, hoje bispo de Belley, que quando era o director me dava quase 2000 fr.

6542

Quanto às cartas que os antigos missionários escreveram a P.^e Bricolo, procurei-as aqui em Cartum e encontrei-as intactas e ainda atadas, tal como P.^e Squaranti as recebeu de P.^e Bricolo. Lançando-lhes uma vista de olhos, entre elas vi também algumas minhas e de P.^e Oliboni; mas o grosso da correspondência são cartas a P.^e Bricolo do falecido P.^e Dalbosco: esse santo sacerdote meu companheiro e primeiro reitor do Insto. Africano de Verona, quando o abri em S. Pedro Incarnario, a partir de Cartum informou P.^e Bricolo sobre muitas coisas. Creio que boa parte dessas cartas podem servir para os nossos *Anais*, com a autorização de P.^e Bricolo; portanto, vou mandá-las a si quanto antes. Avise disso P.^e Bricolo e diga-lhe que, como confiou em P.^e Squaranti, pode confiar em si. Saúde-o e agradeça-lhe da minha parte pelo belo livro que publicou, traduzido do francês. Eu escrever-lhe-ei quando tiver tempo.

6543

Chegaram-me notícias de P.^e Moron; eu mando-lhe a minha bênção e que reze por nós. A respeito de Sestri (não tenho tempo de escrever a P.^e Ângelo, nem à excelente Ir. Matilde), faça o que melhor lhe parecer no Senhor e mantenha-se em contacto com aquele rev.mo cón. arcipreste, a quem transmitirá as minhas saudações. P.^e Luciano conhece-me a fundo e, com certeza, saberá perdoar-me por não lhe escrever. Desde a morte do seu cunhado, queria escrever à sua irmã Angelina, mas nunca encontrei o momento. Dê-lhe os meus cordiais cumprimentos e que reze por mim.

6544

Esta manhã baptizei solenemente cinco adultos, de entre os quais escolhi um rapaz dinca de 18 anos, muito bom e piedoso, para lhe dar o nome pedido por Mitterutzner de *Henrique (Rex) Ana Maria*. Escolhi um dinca porque Mitterutzner é o autor da primeira gramática e dicionário da língua dos Dinca. Este *jovem*, negro como o carvão, e natural de Toi (região dos Dinca), mede 1,82 de altura e, portanto, é bastante mais alto que eu. Como não conhece o árabe, fiz com que fosse instruído em dinca; depois examinei-o e vi que conhecia bem o catecismo e muito bem o espírito da nossa santa fé. Instruiu-o *Kheralla* (que conhece bem P.^e Beltrame). O rapaz chama-se *A-Ghuer*, que significa *branco, virgem, etc.*, e é verdadeiramente branco de alma. Após o seu baptizado esta manhã, em que foi padrinho o meu fiel serviçal americano *Domingos Correia*, P.^e Luís fez o certificado de baptismo, onde ele aparece como *Henrique (Rex) Ana Maria A-Gher*, que vou enviar a Mitterutzner com o correio de hoje. São quatro pessoas do sexo masculino e uma do feminino. E há ainda muitas catecúmenas para baptizar, mas ainda não estão bem preparadas.

6545

Envio-lhe também a certidão de óbito de P.^e Domingos Noia para Barletta, visado pelo cônsul italiano. Já escrevi de Cartum a Nöcker, da Sociedade de Colónia, e estamos a preparar informações para a mesma.

Desde há mais de um ano tenho por pagar a conta do cav. Melandri, a quem encarreguei de trazer de Nápoles livros de filosofia e que, mediante o ajudante, é um dos meus principais correspondentes em Roma. Pedi-lhe que tivesse a bondade de esperar, porque eu aguardava o momento propício para rogar à Propagan-

da que pagasse, etc. Mas depois do favor dos 10 000 francos, por agora está fora de questão recorrer a ele e espero a ocasião de lhe destinar algumas das pequenas esmolas a mim dirigidas. Aviso-o a si disto, mas o pagamento espero fazê-lo eu. Ao cav. Melandri, director da Imprensa Poliglota da Propaganda, e a Tanfani, em S. Luís dos Franceses (pelas almofadas que estão em Verona), tratarei eu de lhes pagar dentro de pouco, a menos que morra, caso em que lhes pagará o senhor.

6546

O melhor meio de mandar caixas directamente para Cartum é enviá-las pela rota de Génova, Suez e Suakin, e dirigidas a mim, porque *só em meu nome* se não paga alfândega nem em Alexandria, nem em Suez, nem em Suakin; doutro modo paga-se oito por cento do valor de cada mercadoria, como aconteceu com Legnani. Escreve-se esta direcção:

Para D. Comboni, bispo de Cartum
em Suakin, mar Vermelho (transbordo em Suez)

e mandam-se à Companhia Rubattino, de Génova.

Os dois sacos de arroz de Grigolini e a cera de Montório já chegaram a Berber.

O meu agente em Alexandria é o *sr. Germano Carcereri*.

O meu agente em Suakin, *monsieur A. Marquet*.

As coisas que se enviarem devem-me ser dirigidas a mim e entregues aos meus agentes.

O meu procurador de Suez é o *Sr. Zahr*, vice-cônsul da Bélgica (é grego cismático e não sabe senão o árabe, mas dispõe de escrivães em todas as línguas; por isso, o senhor pode também escrever em italiano, claro).

6547

Quando mandar objectos de valor para Alexandria, então ponha a minha direcção, consignando o envio ao I. R. cônsul austro-húngaro em Alexandria.

Em ultteriores cartas dar-lhe-ei os nomes dos meus agentes noutros lugares.

Passando a outra coisa, na sua carta n.º 11 leio sobre Sestri: «Tanto o material de que desde há dez meses se servem as Irmãs como os outros gastos que *ab initio foram acordados* (é verdade isto?) pagar de imediato, etc.» Nem combinei nada, nem entendo nada, nem há nisso nada de verdade; portanto, o senhor responda que lhe apresente o escrito pelo qual eu me obriguei a isso.

Dou-lhe a minha bênção a si e a todos/as e reze pelo seu af.mo

† Daniel bispo

N.º 1033 (988) - A SEU PAI
ACR, A, c. 14/129

Cartum, 5 de Março de 1881

Breve bilhete.

N.º 1034 (989) - AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/112

N.º 9

Cartum, 8 de Março de 1881

Meu caro padre,

6548

Esta manhã partiu para o Cordofão a nossa grande caravana de mais de trinta camelos, na qual vão quatro Irmãs, P.º Luís, P.º Bartolo, P.º Rosignoli, Isidoro, etc., etc. As provisões mandei-as há vinte dias. Como tenho aqui muito que fazer, eu partirei sozinho para lá dentro de cinco dias; e dado que irei a bom trote para ganhar tempo, estou certo de os alcançar a todos em apenas dez dias, para entrarmos juntos na capital do

Cordofão. Por outro lado, encontrando-me sem dinheiro, vejo-me na necessidade de pedir emprestados mil táleres.

Deixei como superior em Cartum P.^e Artur Bouchard, homem firme e de grande abnegação, que, tal como nós, isto é, P.^e Luís, eu e sobretudo os dois alemães P.^e João Dichtl e P.^e José, bem como Francisco Pimazzoni, quase nunca prova vinho, mas bebe *merissa*. O seu ajudante é Dichtl, com quem Francisco estuda admiravelmente, entre outras coisas o catecismo romano. Bescir fica também aqui como catequista e encarregado de assuntos, com Gabriel e Domingos jardineiro.

Rogo-lhe que mande pagar em Viena ou a enviar ao livreiro Mayer 4 florins e 8 kreutzer.

6549

Por outro lado, como a caixa mais cheia está em Verona e a mais vazia no Sudão, hoje escrevi ao *Bon Marché* (Mme. Vve. Boucicaut) de Paris, dando ordens a esse imenso estabelecimento, onde encomendei todos os hábitos brancos para todas as Irmãs da África e todos os missionários (que ficaram muito contentes com os chapéus cinzentos que lhes trouxe de Roma – o I. R. cônsul austro-húngaro felicitou-me por isso), para que lhe mandasse a factura a si, que a pagará de imediato (ou com moeda sonante ou letra cambial, porque sempre mandam a mercadoria e se fazem pagar após a consignação). Encomendei mil metros de cetinta, bem como tecido para véus azuis e outras pequenas coisas.

Está bem que se mantenha o dinheiro em Verona, enquanto Deus assim o quiser. Abençoo o insto. masculino, o feminino e a si; reze por

Seu af.mo † Daniel bispo

N.º 1035 (990) - CONTRATO COM AL-NUR IBRAHIM

ACR, A, c. 22/3 n.º1

9 de Março de 1881

Contrato para a erecção da igreja de Cartum.

N.º 1036 (991) - A P.^e JOÃO BELTRAME

AMV, cart. «*Missione Africana*»

Cartum, 12 de Março de 1881

Meu caro amigo P.^e João,

6550

Não posso resistir ao desejo de lhe dar duas notícias: uma má, outra boa. A má é a morte do nosso caro Kheralla, aquele que tanto nos ajudou (especialmente a si) a tirar das sombras a língua dos Dinca: o senhor conhece a vida e os milagres deste incomparável cristão, que viveu e morreu como um santo. Irá ter ocasião de ver uma bela biografia que sobre ele está a fazer o excelente P.^e João Dichtl, aluno do meu instituto de Verona, que destinei aqui a Cartum.

6551

A boa notícia é... adivinhe... Fransis (seu companheiro da viagem a Benischangol... arrumou-se finalmente... Tomou por esposa uma das mais belas abissínias de Cartum, antiga concubina de um grego, que depois foi convertida ao Catolicismo por uma das minhas Irmãs árabes de Cartum e que esteve aqui três anos na missão. A esta boa rapariga, de uns vinte e três anos, tinham-na pedido como esposa até comerciantes; mas ela sempre declarou que desejava ficar solteira ou casar-se com um bom católico, ainda que fosse velho. Pois bem, Fransis, esse hábil pedreiro, é velho e, além disso, ficou com uma estatura mais baixa e sem voz. Casaram-se no último domingo de carnaval e, ontem, perguntei à esposa se estava feliz. Respondeu-me: «*Ana fil fardús..* estou mesmo feliz e ficar-te-ei grata a ti, meu padre, até à morte, porque me deste por marido o melhor homem que alguma vez conheci.» Veio depois Fransis ao meu salão e, após lhe perguntar igualmente se estava feliz, respondeu-me, arqueando os dedos como o senhor sabe tão bem imitar: «Sim, estou feliz... O senhor fez-me verdadeiramente de pai... agora estou arrumado.» Ofereceu à sua esposa um rico colar de ouro e braceletes também de ouro, etc. Manda-lhe a si muitos cumprimentos.

6552

No Cairo tive uma longa audiência com o novo *quedive*, o qual ordenou que me concedessem facilidades todos os governadores dos lugares por onde eu passasse com a minha numerosa expedição de dezasseis Irmãs, missionários, artesãos, etc. O certo foi que, com o meu numeroso grupo, em apenas 29 dias cheguei do Cairo a Cartum. Em Suakin detive-me cinco dias e apenas chegado a Berber vi o vapor que, por ordem do *quedive*, me tinha mandado o grande paxá, o *hokomdar*, para me levar a Cartum; havia onze dias que esperava por nós.

6553

Em Cartum encontrei *Gessi Paxá*, o terror dos traficantes de escravos no Bahar-el-Ghazal (onde fez enforcar e fuzilar mais de cinco mil *jilabas*). Adoeceu aqui gravemente e os médicos desenganaram-no. Em casa do agente consular italiano Calisto Legnani, onde estava alojado, eu coloquei-o sob o cuidado das nossas Irmãs, sendo alvo de atenção contínua; com a ajuda de um bom médico alemão, conseguimos que recuperasse a saúde. Ontem partiu de vapor para Berber e irá a Verona para conhecer o meu reitor e o meu instituto feminino, porque diz que as minhas Irmãs é que o salvaram. Mandeï para o Cordofão e Gebel Nuba uma caravana de mais de trinta pessoas; e eu, com o meu serviçal e acompanhado de Slatin, o governador-geral de Darfur, partirei para lá num dromedário na próxima semana e, em cinco dias, chegarei a El-Obeid. Saudações a P.^e Tomba, a Betta, aos sacerdotes, a Canterane, ao dr. Baschera e a P.^e Mamolo.

Seu af.mo amigo
† Daniel bispo

N.º 1037 (992) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/113

N.º 10

Cartum, 12 de Março de 1881

Meu caro padre,

6554

Encontrei as cartas de P.^e Bricolo, que mandarei por meio de Calisto Legnani no próximo Verão. Foram quase todas escritas por P.^e Alexandre Dalbosco, primeiro reitor do Instituto Africano de Verona e nelas encontrará o senhor muito material para o *Bom Pastor*. Ontem morreu Kheralla, um negro cuja biografia será escrita por Dichtl e que era conhecido por P.^e Beltrame (escrevi-lhe hoje uma carta dando-lhe a notícia); Kheralla era um santo negro, um dinca; eu nunca vira um cristão tão convicto, invadido e educado pela graça, ao menos entre os negros.

6555

P.^e Beltrame aperfeiçoou com Kheralla o dicionário e a gramática do dinca. (*Em segredo*: só a paciência que teve *Kheralla* com P.^e João Beltrame, que lhe ralhava e lançava reprimendas quando não percebia alguma palavra dinca, chega para concluir que *Kheralla* era um santo. Mas P.^e Beltrame – que só tinha esses assomos por momentos – conhecia bem a firmeza da fé e as virtudes do negro *Kheralla*).

6556

Gessi Paxá, que mandou enforcar e fuzilar mais de cinco mil *jilabas* ou comerciantes de carne humana, para destruir a escravatura (e eu, com todos os missionários que conhecem estes lugares, digo que fez bem), curou-se, e o seu restabelecimento chegou a tal ponto que ontem pôde partir de vapor para o Cairo. Ele atribui a sua cura (tendo estado desenganado pelos médicos e até por mim: eu digo que se deveu a Deus e à sua coragem) à missão e, especialmente, às nossas Irmãs, que o assistiram dia e noite. Por isso pediu-me uma carta para si, porque quer ir expressamente a Verona para o visitar a si e às Irmãs para lhes exprimir o seu agradecimento. Pediu-me também uma carta para o meu pai, a quem deseja visitar em Limone. *Gessi Paxá* era governador-geral do Sobat, no equador (um território três vezes maior que a França), e, com o seu valor e coragem fora do comum, domou os rebeldes. E fê-lo sem dispor de forças adequadas, porque o Governo turco não lhe dava o necessário, temendo que abolisse *de facto* a escravatura.

6557

Contudo, o Governo viu-se obrigado a nomeá-lo *paxá geral*, para calar as insinuações sobretudo da Inglaterra e cumulá-lo de condecorações. Quando, ao encontrar-se perto da morte, o incitei com bons modos a confessar-se, moveu a cabeça e disse-me: «Peço perdão a Deus por todos os meus pecados: eu tenho mais fé do que os senhores pensam; mas isso de contar as minhas misérias a outro homem, sobretudo tendo eu para cima de cinquenta anos de idade, é algo a que não me sinto obrigado e Deus não mo exige...» Ainda começou um pouco... mas depois disse: «Deixe-me descansar.» Em seguida (uma vez saído do quarto que habitava na casa de Calisto Legnani, onde estava alojado) disse a Legnani: monsenhor quer que eu me confesse; sou demasiado velho, etc., etc.» Mas a Ir. Vitória coseu-lhe na camisa uma medalha de Nossa Senhora do Sagrado Coração; e eu, graças à Ir. Francisca, que misturou água de Lourdes com o remédio, dei-lhe a beber dessa água que Virgínia tinha trazido de Lourdes. O facto foi que, pela sua coragem, e talvez também devido ao Senhor e à Virgem (embora eu pense que foi a Virgem), começou a melhorar; e, com grande surpresa do médico e de todos, curou-se.

6558

Gessi Paxá é um verdadeiro herói. E, apesar de nunca ter sido praticante, teve sempre afecto aos sacerdotes e foi ele quem um dia, sem me pedir nenhum papel, emprestou-me 20 000 francos, etc.... Em suma, irá com a sua mulher (que está em Trieste e com quem se casou há vinte anos): receba-o bem. Também foi ele quem há dois anos me convidou a fundar em Bahar-el-Ghazal, onde ele suportaria todos os gastos da implantação de dois grandes estabelecimentos, etc., etc. É um herói, cheio de virtudes e pecados. Como mantinha uma aberta inimizade com o seu superior Rauf Paxá, eu e os cônsules combinámos tudo para que se lhe dessem os seus pagamentos, uma segunda gratificação de mil libras egípcias (26 000 francos ouro), um vapor e uma *dahhabia*; após isso, ontem, quinta-feira, partiu em direcção a Berber.

6559

Não podendo eu escrever a meu pai para lhe comunicar a visita de Gessi, faça-o o senhor. Até seria melhor que nessa altura o meu pai estivesse em Verona, porque, não tendo meios para o receber convenientemente, vai ficar assustado e a tremer como uma folha. Isto será no Verão ou depois. Aqui deixo como superior Artur Bouchard, assistido pelo estupendo e valioso Dichtl, que ensina Francisco Pimazzoni. Ordenei-lhes: «Durante um ano têm que fazer como se Pimazzoni não existisse: ele deve unicamente estudar.» Eu não entendo esta Ir. Vitória (é uma verdadeira missionária e melhorará ainda mais quando souber árabe). Ou o seu cancro que se manifestou no Cordofão é fruto da sua imaginação, da de P.^e Fraccaro e da Ir. Grigolini, ou Nossa Senhora do Sagrado Coração fez um milagre estrepitoso, porque ela encontra-se saudável e forte, está em toda a parte, passa noites inteiras a cuidar dos doentes e, pela manhã, está no seu trabalho, comigo e em todo o lado; come de tudo e com apetite e goza de perfeita saúde (mas diz que conhece e sente o seu mal). P.^e Bonomi crê que o cancro nunca existiu; eu ainda não sou capaz de dar um juízo. O seu médico protestante, que está aqui em Cartum e que curou P.^e Bartolo, diz que é cancro e que os seus medicamentos a curaram. Espero exprimir o meu juízo quando me encontrar no Cordofão.

6560

Mando-lhe a si uma carta escrita para o falecido P.^e Alexandre Dalbosco a P.^e Bricolo em 9 de Junho de 1858, a qual me saltou à vista entre as do pacote de P.^e Bricolo. Kheralla, que vinha perguntar todos os dias quando é que eu chegava, é um verdadeiro santo do Céu, que rogará pela África. Tinha obtido de mim autorização para ir à sua tribo pregar o Evangelho quando eu fosse ao Bahar-el-Ghazal.

Muitas respeitosas saudações a Sua Eminência, ao rev.mo Vignola, a P.^e Luciano, à superiora, etc.

Seu af.mo † Daniel bispo

Recebo a nota da Tipografia Poliglota sem as suas cartas.

N.º 1038 (993) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 27/17 n. 1

Cartum, 12 de Março de 1881

Breve bilhete.

N.º 1039 (994) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI

Cartum, 14 de Março de 1881

Breve bilhete.

N.º 1040 (995) - AO CARD. LUÍS DE CANOSSA
ACR, A, c. 14/104

Cartum, 15 de Março de 1881

Em.º e Rev.mo Príncipe,

6561

Hoje faço 50 anos. Meu Deus! Uma pessoa vai envelhecendo a passos largos, sem fazer nada! É bem verdade que me encontro à frente de um Vicariato – o mais laborioso e difícil do mundo – que vai bastante bem e chegou a um ponto que, há oito anos, eu nunca pensava chegar a ver, dados os enormes obstáculos que vislumbra e para cujo progresso Deus quis que pudesse também eu contribuir com o meu grãozinho de areia. Mas, depois de tudo, é uma graça não ter servido só de estorvo e posso exclamar com toda a razão como o Apóstolo: *servus inutilis sum*. E esse pouco fi-lo somente devido ao apoio que tive de V. Em.^a Rev.ma. Portanto, digamos sem mais: *servi inutiles sumus*.

6562

Agradeço-lhe infinitamente a afectuosa circular que, movido pelo seu zelo apostólico, publicou em prol da Propagação da Fé e da Santa Infância, na qual tocou o tema da África Central. Espero que a dita circular dê resultado *quoad pecuniam et quoad vocationes*, pois tal é precisamente a ideia do sapientíssimo Leão XIII. Irá ver como hão-de surgir também as vocações ao sacerdócio, porque as dioceses que dão mais missionários dão igualmente maior número de sacerdotes. Os tempos são difíceis, mas Cristo, que pode com tudo e não morre, e partirá os cornos dos pecadores.

6563

Estou assoberbado com a visita de todos, quer europeus quer turcos, etc., que sabem que é o meu aniversário. E esta noite, com toda a sua corte de paxás, beies e mudires, etc., virá presidir à nossa mesa o *hokomdar*, isto é, Rauf Paxá, governador-geral do Sudão, que manda num território (todo ele sob a minha jurisdição) *cinco vezes* tão vasto como a França. A nossa caravana, formada por trinta pessoas, guiada pelo mui capaz e esforçado (ainda que algo áspero e tosco) P.^e Luís Bonomi, e que eu devia alcançar em três dias, entrou já no *agabe* ou deserto. Nela ia também P.^e Rolleri, mas como tinha estado recentemente doente, teve medo de novamente ser presa da febre e decidiu (e bem) voltar atrás; está aqui. Ele mudou muito quanto às suas ideias, porque, falando com alguns, disse que não pensava encontrar tanta actividade nem tanto bem em Cartum. Realmente não se encontra em condições de fazer nada e está sempre no quarto. Mas, embora não celebre missa nem reze o ofício quase há um mês, não deixa de ser útil pelo seu bom exemplo, boa conduta e piedade. Sua excelência o paxá fez-me hoje saber que, para me facilitar a viagem, sexta-feira ou sábado porá à minha disposição (*grátis*, entenda-se) um vapor que me leve a Tura-el-Khadra, de onde, em apenas seis dias, poderei chegar em dromedário ao Cordofão.

6564

Consegui grandes coisas do Governo egípcio e deste vice-rei governador-geral. Disse e provei que a missão católica é o mais poderoso meio de civilização, e que está aqui instalada para civilizar os negros fazendo-os cristãos, para ajudar na abolição do tráfico de escravos, etc., etc. E este governador muçulmano prometeu-me toda a protecção; e como em Gebel Nuba se sofrem os ataques de ladrões e beduínos que levam pessoas e até as nossas provisões, o paxá está disposto (mas fizemos-lhe chegar a ordem de cima, *fique isto entre nós*, até dessa peste da Inglaterra) a enviar um contingente de 200 soldados para nos defenderem. Eu rejeitei até agora; mas quando vier um comissário europeu pôr-se à frente da expedição, então aceitarei. Entretanto ofereceu-me todas as ajudas e ordenou ao paxá do Cordofão que se ponha à minha inteira disposição, que satisfaça qualquer petição minha e me conceda homens e o que for preciso.

6565

Mas por agora basta. Quando tiver efectuado a visita ao Cordofão e a Gebel Nuba (partirei de vapor sábado à tarde, festa de S. José), mandar-lhe-ei um breve e exacto relatório. Espero que, apesar de todas as dificuldades, a missão faça progressos. Por amor de Deus, estude-se aí em Verona o árabe, especialmente por parte das Irmãs, porque uma só delas que o saiba faz aqui tanto como dez boas Irmãs que o não sabem!

Desejo-lhe umas felicíssimas festas pascais em nome de todo o Vicariato; o mesmo ao marquês Octávio.

Seu dev.mo filho † Daniel bispo

N.º 1041 (996) - A VIRGÍNIA MANSUR
ACR, A, c. 15/56

J. M. J.

Cartum, 15 de Março de 1881

Excelente filha Virgínia,

6566

Estive com muitas dúvidas em enviar-te a carta em árabe que Jorge me escreveu do Cairo. Eu não quereia mandar-ta, para não te desgostar com a ideia de que o Jorge se tornou assim tão mau; mas, depois de pensar bem, decidi fazê-lo e incluo-a com a presente. Lê-a e tu mesma te convencerás de que o nosso reitor fez bem em levá-lo ele mesmo a Trieste e em o mandar para o Cairo ou Beirute. Como te disse na minha última, se eu estivesse no lugar do reitor, teria feito o mesmo, porque tu conheces o carácter do Jorge quando está irritado, e podes vê-lo por esta carta. Ele trata muito mal o reitor, que tanto o estimou e que é um dos seus grandes benfeitores.

6567

Mas tu mantém-te calma e reza ao Coração de Jesus pelo teu irmão e verás como ele se converte. Entretanto, eu escreverei e recomendá-lo-ei – como sempre fiz – a piedosas e diligentes pessoas para que olhem por ele.

Coragem! Mantém a alegria, não te deixes abater e confia em Deus e no teu pai

† Daniel

N.º 1042 (997) - AO QUEDIVE TAWFIK PAXÁ
ACR, A, c. 15/52

Cartum, 19 de Março de 1881

Senhor,

6568

Tomo a liberdade de me apresentar perante o trono de V. Alteza para lhe agradecer a elevada protecção que se dignou conceder-me com o apoio dos dignos ministros, a fim de facilitar a minha viagem para o Sudão com o meu séquito.

Enquanto tenho a honra de oferecer a V. Alteza a homenagem do meu mais sentido agradecimento e da minha mais completa devoção, atrevo-me a assinalar à sua alta atenção, senhor, uma consoladora realidade, isto é, que notei aqui, como tive a satisfação de verificar no Egipto, depois da exaltação de V. A., uma notável melhoria e um verdadeiro progresso nas actividades do Sudão egípcio.

6569

Isto é devido principalmente à sabedoria e ao zelo admirável de S. E. Rauf Paxá, *hokomdar* do Sudão, que, inspirado nos princípios e ideias que trouxe V. Alteza, faz todos os esforços para levar a cabo o seu nobre trabalho, apesar da escassez de meios e de pessoal capaz de que pode dispor para tão grande e laboriosa empresa, não obstante as enormes dificuldades que necessariamente há-de encontrar o governador de um imenso país que durante tantos séculos sofreu sob a opressão da mais atroz escravidão e da mais cruel barbárie.

6570

A bandeira egípcia inaugurada pelo grande fundador da sua gloriosa dinastia e que V. Alteza, ajudado por Deus, fez brilhar ainda mais luminosamente com as suas grandes ideias de liberdade e de progresso, é uma bandeira de civilização e de humanidade, e eu estou convencido de que esta bandeira sagrada será a divisa do seu digno representante Rauf Paxá, que cumprirá fielmente com toda a sua vontade e todo o seu interesse, em relação a estes povos sudaneses, a missão humanitária e laboriosa que V. A. lhe confiou.

6571

Faço votos, Senhor, e rogo a Deus todos os dias que se digne cobrir a sua augusta família *quedival* com a sua protecção e que difunda sobre V. Alteza as suas luzes e a sua graça divina para bem da prosperidade do Egipto e da civilização dos povos do Sudão.

Com estes sentimentos tenho a honra, Senhor, de lhe render a homenagem da minha profunda veneração e adesão sem limites, enquanto me declaro respeitosamente e para sempre

De V. A. hum.mo, devot.mo e respeit. servidor
† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vig. Apostólico da África Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 1043 (998) - AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/114

N.º 11

Cartum, 19 de Março de 1881
Festa de S. José

Muito rev.do e caro padre,

6572

Outro dia recebi a sua carta n.º 13, na qual me comunica a partida de Jorge para o Cairo e toda a história das causas pelas quais o senhor considerou prudente afastá-lo, sem falar do assunto a Virgínia, guardando-se para lho dizer a ela em momento oportuno.

6573

O senhor agiu de forma muito sensata, como convém a um sábio director, e prudentemente consultou o P.º Vignola, bem como Sua Eminência e Bacilieri. Mas teria bastado seguir os conselhos do P.º Vignola ou simplesmente bastaria agir por própria iniciativa, porque eu tenho o senhor na máxima estima, sabendo que quanto faz é pela glória de Deus e pelo bem da santa obra.

6574

Ao mesmo tempo da sua mencionada carta n.º 13, recebi uma *em árabe*, escrita do Cairo pelo próprio Jorge, na qual me conta algumas coisas, bem como a sua partida de Verona e a ida para o Cairo, etc. Quem tiver senso comum deduz do conjunto da carta do Jorge que o senhor agiu com a maior prudência e também caridade. Essa carta justifica plenamente a conduta do senhor: tinha que o afastar do colégio e devia fazê-lo logo, porque realmente o Jorge não correspondeu à graça da sua abjuração. Foi bom durante alguns meses, mas o certo é que se tornou mau e mereceu ser afastado de imediato.

6575

Eu, no seu lugar (embora não o proibisse de falar em árabe com a sua irmã, porque talvez ela, entrando em confidências com ele, se inteirasse das suas perversas maquinações ou pensamentos e o corrigisse. Mas se o senhor os proibiu de falar em árabe foi com o mais santo dos fins e também por isso terá mérito diante de Deus); eu, no seu lugar, dizia, teria feito o mesmo e tê-lo-ia mandado para sua casa, deixando o resto nas mãos do Senhor. Portanto, aprovo de maneira sincera e total essa atitude tão sábia, prudente e caritativa que o senhor mostrou para com o Jorge, exprimo-lhe o mais vivo e sentido agradecimento e agradeço de coração a Jesus, Maria e José por o terem assistido muito bem nesse assunto.

6576

O que inunda a minha alma de aflição é o que sucederá quando o senhor der a Virgínia a notícia de que Jorge já está no Cairo ou em Beirute, tendo partido sem dela se despedir. Mas pronto! O senhor fez bem em mandá-lo dessa maneira, porque assim evitou desgraças: eu conheço a índole dos orientais e sobretudo a daqueles que provêm do cisma grego; além disso, repito, eu teria feito o mesmo. Mas que dirá a pobre Virgínia, que também é oriental, que é irmã de Jorge e que tanto fez para o salvar e o converter? Estou certo que se ela lesse a carta que ele me escreveu do Cairo, aprovaria a sua decisão de o afastar do instituto. Mas sem conhecer os péssimos sentimentos que hoje o Jorge guarda em relação a si, seu insigne benfeitor, a quem ele mostrou tanto carinho e gratidão durante uns meses depois da sua conversão, como poderá aprovar e consi-

derar boa a partida de um irmão a quem não pôde sequer ver? Acordarão todas as paixões e não se sabe que coisas, e quererá ir-se embora do instituto, etc.

6577

Virgínia esteve quase vinte anos na congregação das Irmãs de S. José, tão benemérita das missões estrangeiras, a que presta ajuda com sessenta casas em quatro continentes, e nela comportou-se muito bem. Nos últimos anos da sua estada em África suportou tais insultos e injustiças, que se não tivesse tido um bom fundo e heroísmo de virtudes, teria cometido despropósito; mas Deus ajudou-a. Outra religiosa no seu lugar teria apostatado, como vi acontecer em certos casos. Além disso, Virgínia sente ainda viva a humilhação sofrida em Verona (o senhor, meu estimado reitor, não tem a menor culpa disso, nem tão-pouco os nossos superiores o cardeal e o P.^e Vignola, que tiveram as mais santas intenções; e eu no seu lugar, sem conhecer o que conheço, teria feito o mesmo), a humilhação sofrida, dizia, de ter sido separada da comunidade e confinada à casita como pessoa secular, etc., etc., etc.

6578

Isto leva-a e levá-la-á a estar indisposta consigo, com o instituto, etc. e daí nascerá a manifestação de sentimentos contrários ao espírito religioso; e, abatida por tantos desgostos passados (eu, oprimido como tenho estado por tantas cruces e injustiças, posso calcular o alcance disso) e pelos presentes, que também são graves, não poderá dar muito bons sinais de vocação, sobretudo porque ela (e nisto erra redondamente) vive com uma grande desconfiança desde que foi separada da comunidade e não se fia em ninguém. Acrescenta-se que o sistema do nosso instituto, ainda que bom, difere totalmente do que têm as Irmãs de S. José da Aparição, às quais pertencia desde 1860, altura do massacre da Síria, em que viu degolados o seu pai e o irmão mais velho. Como congregação de missionárias, a de S. José vale dez vezes mais que a nossa (a qual, contudo, espero que se aperfeiçoe, uma vez feita a sua aprendizagem).

6579

Além disso, mantém uma maior actividade e Virgínia na missão da África fazia cinco vezes mais que cada uma das nossas faz agora aqui. Estou impaciente por ver a reacção de Virgínia ao saber o assunto referente a seu irmão. Por certo dirá que se vai embora para sua casa. Isso quase me faria morrer, porque quero absolutamente salvar a alma de Virgínia, que tanta ajuda me prestou para a minha África e que talvez tenha salvo a minha vida. E hoje pus o meu ecónomo S. José contra a parede: encomendei-lhe Virgínia e a sua causa, para que a melhore, a corrija dos seus defeitos e lhe dê força e coragem para carregar a cruz e salvar a sua alma.

6580

Suei e padeci para salvar brancos e negros, protestantes, turcos e infiéis, pecadores e prostitutas; pedi esmolas desde Madrid a Moscovo e de Dublin à Índia para salvar brancos e negros, para favorecer vocações a bons e maus; fiz bem a boas jovens, e a gente que depois me cuspiu na cara; pedi donativos e esforcei-me por alimentar pobres, desgraçados, padres, frades, freiras, algumas pessoas torcidas e pouco recomendáveis (como era a falecida Ir. Marietta Caspi e Augusta, a de P.^e Falezza). Então não hei-de suar e pedir por Virgínia, que foi uma das mais valiosas e fiéis obreiras da áspera e difícil vinha da África e que sempre me tratou bem? Não hei-de suar e pedir por Virgínia, que tanto sofreu por minha causa, já que ela e alguns outros foram perseguidos por não se rebelarem contra mim? Estando na África, tal como trabalho pelos negros e por tantos brancos, trabalharei por Virgínia para que ela salve a sua alma no estado que o Senhor quiser.

6581

É verdade que, à força de sofrer, se apagaram um pouco certas virtudes que ela possuía, como a paciência e a humildade (neste último ano não lhe notei lá muita paciência e até mostrou um pouco de orgulho ao responder; mas trata-se de um ressaibo próprio dos convertidos do protestantismo e do cisma, que dura muito tempo, até nas almas mais selectas, e assim deve passar-se também com ela); mas com a graça de Deus converti muitos pecadores, hereges e infiéis, e S. José não poderá negar-me as graças que lhe pedi para Virgínia, a fim de que se acalme e se salve.

6582

Suplico-lhe quanto posso e sei que mostre a máxima bondade para com Virgínia – até ao ponto, entenda-se, donde não venham prejuízos para o instituto – e, depois, mantenha-me informado que eu tomarei as disposições que mais convierem. Far-lhe-ia uma ofensa em lhe dizer que nisto não ligue nem a Tiago, nem a quem como ele tem uma alma boa mas pequena e não percebe, embora pretenda compreender: as vias do Senhor são misericórdia e *Deus charitas est*.

Como missionário dos mais experimentados, porque vi no mundo muitas coisas, sei o que faço e conheço algo da grandeza dos Corações de Jesus, de Maria e do meu estimado José. Desde o dia em que recebi a sua carta e a de Jorge (pobre Jorge... tornou-se um verdadeiro velhaco. Eu sei o que precisam os recém-convertidos e nós não podemos tê-lo em Verona, porque tudo gravita sobre os seus ombros, e aí há o neces-

sário para o nosso Instituto, mas não para outras obras); desde que recebi o correio de Verona e do Cairo ainda não preguei olho e hoje sinto-me com febre.

6583

Muita gente de Cartum pediu-me que traga Virgínia e a Ir. Germana e a própria Ir. Vitória mostra desejo de que Virgínia venha para aqui, para dar nova vida e desenvolvimento às obras das nossas Irmãs de Cartum, mas eu não estou disposto a isso. O senhor não dê importância à reacção de Virgínia pela notícia da partida de Jorge: não é possível formar um juízo certo sobre a vida e o verdadeiro carácter de uma pessoa nos momentos em que reina a paixão, a dor e a aflicção.

6584

Estou indeciso sobre se hei-de mandar ou não a Virgínia a carta que Jorge me escreveu em árabe: é demasiado desagradável, mas justifica completamente a sua atitude ao tê-lo afastado sabiamente do instituto. Se me resolver a mandá-la e o senhor tomar conhecimento do que nela se diz, não o tome a sério; é um louco quem fala; e antes de morrer o senhor verá mais coisas como estas, porque, como me disse o Santo Padre, enquanto fizermos o bem sobre a Terra, teremos muito que sofrer, uma vez que o Demónio se afadiga e *circuit quaerens quem devoret*; mas os cornos de Cristo são mais duros que os seus. O senhor use de bondade com Virgínia e o Senhor ajudá-la-á a recompor-se e a fazer-se digna do conforto e das bênçãos celestiais e terrenas.

6585

A 15 do corrente completei 50 anos. Meu Deus! Fazemo-nos velhos e a mim aumentam-me as penas e as cruzes. Mas como todas estas cruzes são mandadas por Deus, confio na sua divina ajuda. *O crux, ave spes unica*.

Em Cartum tive uma autêntica festa e todos os paxás, cônsules, etc., etc. vieram apresentar-me os seus bons votos para outros cinquenta anos. O grande paxá mandou a banda militar tocar em minha honra e, à noite, veio ele mesmo com as autoridades, cônsules e aristocracia local passar o serão no meu salão, etc. Houve, além disso, uma autêntica bênção de Deus: P.^e Bartolo, que, após viajar durante duas jornadas com a nossa caravana, teve que voltar para trás mais morto que vivo, recuperou e deseja acompanhar-me ao Cordofão (para ver P.^e Losi, sobretudo). O grande paxá tinha-me oferecido o vapor para ir até Tura-el-Khadra, o que implica um terço da viagem de Cartum a El-Obeid, e eu havia aceite a oferta, com a vontade de partir esta manhã, mas como os missionários me avisaram de que P.^e Bartolo desejava tentar ir ao Cordofão, respondi ao paxá que não me era possível sair antes do próximo sábado, dia 26, para levar comigo P.^e Bartolo, ao que ele me respondeu que na quinta-feira mandará o vapor esperar em frente da missão e que eu parta quando puder. No dia seguinte, dia 16, *Slatin Bei* (que tinha posto à minha disposição dromedários para mim e para Domingos, com janízaros e guias), enviou à missão outro dromedário para P.^e Bartolo. E quanto à comida e o resto, ele ocupa-se de tudo.

6586

Estou em grandes apuros por causa do dinheiro. Outro dia voltou a escrever-me P.^e Fraccaro (a quem tinha dado uma boa chega) a avisar-me de que há ainda um total de 1300 (mil e trezentos) táleres de dívidas no Cordofão, pedindo-me perdão pela sua negligência na administração e em prestar contas (nunca tinha feito referência a estas dívidas) e dizendo-me que tudo está em ordem, etc. Primeiramente tinha-me dito por carta que os débitos ao todo eram 1800 táleres, após o que mandei 1900 táleres e depois outros; e agora saí-me com mais 1300 táleres (lá são 130 pessoas que há que manter, cuja alimentação e indumentária recai sobre os meus ombros). Resta saber que outras irei encontrar no Cordofão. Em Cartum temos apenas 50 táleres e P.^e Giulianelli acaba de me escrever a contar misérias. Hoje, depois de dar um puxão de barbas a S. José por Virgínia Mansur (cuja felicidade e salvação me preocupam mais que o dinheiro), voltei-lhas a puxar (ele é tão bom) para que me tire destes apertos económicos e para que *dentro de cinco meses* não haja um cêntimo de dívidas nem no Sudão, nem no Egipto, nem em Verona e Europa.

6587

O senhor tenha um pouco de paciência, confie de maneira firme, completa e verdadeiramente em S. José e não sofra *nem sequer um único minuto* pelo dinheiro e os meios materiais, os quais entram no *haec adiacentur vobis*. O senhor atenda tão-somente, como já faz admiravelmente (e isso é para mim um grande alívio), ao *regnum Dei et iustitiam eius*.

Apresente os meus respeitos a Sua Eminência, ao P.^e Vignola e ao P.^e Benciolini, a cujas orações me recomendo, saudando igualmente os padres estigmatinos, P.^e Luciano e o meu caro mons. Bacilieri e reze por

Seu preocupadíssimo

Hoje encarregámos S. José de nos proporcionar 60 000 francos para o próximo Agosto.

N.º 1044 (999) - AO P.^e SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/115

N.º 13

Cartum, 22 de Março de 1881

Meu caro P.^e reitor,

6588

Ontem chegou-me a sua n.º 14, na qual me comunica que já participou a Virgínia que Jorge partiu, sem que ela nem sequer o pudesse saudar. Por outro lado, ontem recebi carta da Virgínia, na qual fala da sua dor e do seu sentimento pelo sucedido. As consequências de tudo são como eu previa. É verdade que foi afastado de Virgínia um irmão, que desde há seis anos atrás ela chorava por não ser católico e é verdade que foi afastado sem que ela pudesse dizer-lhe uma palavra de aviso ou admoestação. Como lhe disse na minha última, o senhor fez bem em o mandar embora para evitar más consequências, etc., e porque foi desse parecer o nosso sapientíssimo e santo superior o P.^e Vignola, que é o anjo da obra africana de Verona, e para o qual Jesus tem preparado o galardão dos seus verdadeiros apóstolos. Eu desaprovo, e muito, as respostas que Virgínia lhe deu, a sua soberba, a sua imprudência e as falhas que teve; mas, tendo em conta as causas precedentes desta desconfiança, a dor natural pela partida inesperada de um irmão querido e o momento de paixão, que é sempre perigoso até para os maiores santos também humanos, eu compadeço-me de Virgínia como o faria com qualquer outra que estivesse no seu lugar.

6589

Mas, perante o juízo que o senhor dá dela com base na conversação havida e depois do que Virgínia me escreve, estou convencido de que o melhor é que ela abandone Verona e penso que a sua partida será útil ao instituto veronês e à própria Virgínia. Se esta estivesse no campo de acção, em Cartum, às ordens da Ir. Vitória, ou, no Cordofão, às da Ir. Amália (nada posso dizer sobre a Ir. Teresa Grigolini, porque ainda a não vi nem ouvi), tenho a certeza de que faria as delícias da Ir. Vitória e da população oriental de Cartum, pois desejariam tê-la lá e pediram-ma repetidamente, e da Ir. Amália, que me disse mil vezes que ficaria feliz de a ter como companheira e professora de árabe. Mas ainda não estou disposto a isso. Então para onde irá Virgínia? É certo que, a seu tempo, quererá visitar Beirute; mas, por agora, não o considero conveniente. Desejaria que antes fizesse uma cura na Europa, porque deve estar muito oprimida, talvez passe as noites a chorar, e vive com muita desconfiança e num sistema de vida completamente diferente do levado nos dezoito anos que passou na congregação de S. José.

6590

Ainda que esta cruz, junta às outras, pese muito na minha alma e há seis noites que não pregue olho, esteja fraco e cansado (e ainda por cima o médico desenganou P.^e Bartolo, que temo dificilmente recupere as forças para regressar ao Cairo), alquebrado e abatido, porque também estão mal no Cairo, donde P.^e Giulinelli me escreveu a dizer que não conseguiu obter ajuda de Verona (e a postulante de Mântua não poderia ir para Sestri: parecia uma pessoa de valor; desejo que o senhor lhe diga que me escreva), contudo tenho em S. José uma confiança firme, eficaz, segura de que ele me indicará o modo oportuno para assegurar a Virgínia o lugar que Deus quer.

6591

Pensei em rogar à condessa de Robiano e à madre fundadora da Adoração Perpétua que tenham Virgínia uns meses em Roma, para que assim possa fazer uma cura no Verão e depois decidir sobre o seu futuro. Sob o olhar daquelas santas religiosas, ela poderá trabalhar na obra das igrejas pobres nesse exemplar convento, ouvir uma personalidade de elevados conhecimentos e muito valor – a quem consulto frequentemente e consultei também para si – e beijar os pés ao Santo Padre e o túmulo de S. Pedro. Escreverei àquela boa superiora geral no próximo correio, antes de sair para o Cordofão; e se ela me não puder atender, dirigir-me-ei à fundadora genovesa, de Placência.

6592

A Ir. Vitória insiste em que mande Virgínia para o Cairo, a ajudar aqueles pobres infelizes; mas receio que Virgínia não goste de estar ali e que, pelo contacto com ela, as Irmãs venham a sofrer. Quanto a mim,

não temo nada, porque Virgínia quando exerce a caridade é verdadeiramente religiosa. Gostaria que Virgínia visitasse o pároco de S. Luca e as suas sobrinhas, irmãs de P.^e Bonomi, bem como, em Rovereto, visitasse Teresinha e seu irmão P.^e João Bertanza, que numa longa carta recebida ontem dela me pede informação; gostaria que visitasse igualmente minha prima Marietta, esposa de meu primo Pedro. Negar-lhe isso é tratá-la como uma mulher má; mas é algo que deixo nas suas mãos: eu não me oponho em nada à sua vontade, porque se para a conversão da Nigrícia eu valho dez, o senhor, meu caro reitor, vale cem.

6593

Somente lhe peço – rogo-lho *visceribus Christi* – que, quando Virgínia partir de Verona, Santiago e Estêvão nunca saibam que é feito dela, porque, ainda que bons cristãos, são camponeses que pensam como camponeses e não compreendem nada. Na carta de ontem também me dizia P.^e Giulianelli que recebeu de Viena 2000 francos, mas que não me pode mandar um cêntimo, porque tem que pagar o vinho; e acrescenta que me envia de seguida três mil litros de vinho!!! Nem eu nem P.^e Rollerli lhe dissemos que comprasse tanto vinho: a minha ordem era de mil litros para o Cairo e para todo o Vicariato.

Reze pelo seu af.mo

† Daniel

6594

Post scriptum. Hoje decidi permitir que parta para o Cairo e para a Europa Domingos Polinari, de Montório, hortelão de Cartum e veterano da África Central desde o tempo em que fui posto à frente do Vicariato. Este infatigável missionário leigo, que trabalhou aqui durante dez anos, é à prova de bomba, quanto aos bons costumes e piedade. Deixo que se vá porque de outro modo, com tanta fadiga, temo que morra. Mas voltará a Cartum no Outono. Como é de Montório e mo deu o pároco Grego, tenha cuidado para que ele o não seduza para que fique em sua casa. Creio que não o conseguiria com todas as artes, pois, apesar de um pouco extravagante no trabalho, Domingos é um homem de carácter sólido e firme, etc., etc. Grego escreveu duas vezes a P.^e Luís convidando-o a abandonar a África e a vir ocupar de novo o lugar de coadjutor em Montório. Mas quando, de facto, se confia em Deus, a justiça triunfa.

6595

Prometi a Virgínia o dote para o caso de ingressar noutra instituição e isto pelo impulso da minha consciência e com o conselho de um homem insigne e competente. E, sem mais, continuo a pedir agora ajudas para ela, como também já as recolhi na Primavera passada. Se Virgínia não tivesse pensado que eu sou o fundador e proprietário de um instituto Irmãs para a África, das quais as suas próprias companheiras lhe tinham falado bem depois de conhecer as cinco primeiras e se não estivesse certa de que eu a aceitava, talvez não tivesse abandonado a congregação. Por isso, tenho o dever absoluto de pensar nela e de não a abandonar até que se encontre uma situação semelhante à que tinha quando veio para a África sob a minha jurisdição. Certamente Deus não quer que ela fique em Verona: encontraremos outra para si com a ajuda de S. José, que, espero, já me ouviu. Os caminhos da Providência de Deus são amorosos e inefáveis. O nosso Instituto de Verona terá assim menos que fazer e eu encarregar-me-ei de lhe arranjar uma professora de árabe. Sem dúvida, Domingos Polinari dir-lhe-á que vale mais uma Irmã de S. José que três das nossas, apesar de estas serem mais obedientes. Gabriel, que nos foi mandado por mons. Marinoni, é uma pérola, um santo. Ah, se tivesse trinta como ele! Ânimo e confiança em Deus!

† Daniel bispo

N.º 1045 (1000) - A P.^e FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A c. 15/24

Cairo [*Cartum*], 26 de Março de 1881

Meu caro P.^e Francisco,

6596

Rogo-lhe que pague imediatamente ao ilustríssimo conde Glória, cônsul da Itália no Cairo, a soma de 24 táleres *megid*: prepare-lhos e leve-lhos logo que possível. Ordeno-lhe que envie imediatamente essa máquina de coser de pedal que a madre Amália encomendou.

Como eu já não sei que fazer quanto ao dinheiro (porque o senhor, que recebeu quase 19 000 francos, nunca me mandou um cêntimo e aqui paguei até agora mais de 15 000 francos de dívida, a qual ascendia, em

princípio, a seis ou sete mil), vá em seguida visitar o sr. Holz com a carta que lhe junto e rogo-lhe que me mande rapidamente por meio de *Manueliadis et Leontidis* 6000 francos e passará por mim o respectivo documento de obrigação.

O senhor fez mal em enviar tanto vinho: sabe que não temos dinheiro.

6597

Ordeno-lhe que de agora em diante não encomende mais vinho a Santorino, até nova ordem minha. Com o dinheiro que for vindo, pague a Holz e o resto envie-o para o Sudão. A respeito do Cairo, arranje-se como puder; agora a extrema necessidade está no Sudão. Eu pedirei a Verona que vos mandem dinheiro a vós. P.^e Bartolo curar-se-á e partirá para o Cairo. Ânimo, total confiança no Coração de Jesus e receba a minha bênção.

(† Daniel bispo)

N.º 1046 (1001) - A SEU PAI
ACR, A, c. 14/130

Cartum, 28 de Março de 1881

Breve bilhete.

N.º 1047 (1002) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 9, f. 121

Março de 1881

Um as palavras escritas por trás de uma foto da igreja de El-Obeid.

N.º 1048 (1104) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/116

Cartum, Março de 1881

Meu caro reitor,

6598

O nosso P.^e Losi pensa que a Europa, que faz sair sacerdotes e frades dos seus conventos, se quer ocupar dos negreiros e ladrões de homens de Gebel Nuba.

Mas eu adquiri tal ascendente sobre o quédive do Egipto e o governador-geral do Sudão e cheguei a tais acordos com este último, ou seja, com Rauf Paxá, que, na minha próxima ida a Gebel Nuba, porei ordem entre aqueles ladrões e assassinos, ou fá-los-ei entregar às autoridades para que os julgue. Confiemos só em Deus, que morreu pelos negros e rezemos e façamos rezar e a Nigrícia dobrará a fronte perante Cristo... Pense um pouco nos conselhos que me dá P.^e Losi, de depender de P.^e Bartolo ou de P.^e Batta e em nada do juízo do chefe... Não importa...

6599

Queria ter cem como P.^e Losi, porque, por outro lado, possui qualidades de missionário. É preciso que se estude em Verona a língua árabe, tanto por parte das Irmãs como dos elementos masculinos: a língua é de primordial importância e o desejo de a aprender revela a vocação dos aspirantes. Quem tem vocação procura encontrar o meio mais necessário e tal é a língua, depois da piedade e moralidade. Prego isto e sempre pregarei.

† Daniel bispo

N.º 1049 (1005) - AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACVV, XVII, 5, B

J. M. J.

El-Obeid, 6 de Abril de 1881

Meu caro padre,

6600

Escrevo-lhe pouco porque ainda estou cansado da viagem, em que apanhámos mais de 50 graus de calor. A caravana em que iam as nossas Irmãs e que era conduzida por P.º Bonomi demorou dezassete dias a ir de Cartum a Cordofão; em troca, eu empreguei só quatro dias de viagem em dromedário, ainda que em corrida contínua. Vim com plenos poderes do Governo, que me habilitam para meter na ordem as tribos errantes negreiras que circulam nos territórios da tribo dos Nuba e iniciar uma missão como deve ser. Como o senhor deve estar informado de tudo, para que se possa fazer ao menos uma pávida ideia desta importante missão, vou ordenar que lhe tirem uma cópia da tradução da carta com a qual o grande paxá do Sudão me recomenda ao paxá do Cordofão para que me prestem toda a ajuda.

6601

Não tenho tempo de escrever hoje nem à superiora nem a Virgínia. Encontrei aqui as Irmãs muito bem, tal como P.º Leão, de Gebel Nuba e P.º António, de Malbes, e uma estupenda igreja toda coberta de zinco, a maior e a mais bela da África Central. Temos tribulações, mas também satisfações. Porém, quantas cruzes! E eu sou quem mais as carrega, porque tudo gravita sobre os meus ombros. É tão rara no mundo a caridade! Muito respeitosa saudação ao eminentíssimo.

† Daniel bispo

[...] um calor sufocante! Mas lá está S. José.

N.º 1050 (1006) - A SEU PAI
BQZ, sez. Autografi (Manoscritti), c 380, fasc. II, n.º 1

J. M. J.

El-Obeid, capital do Cordofão
6 de Abril de 1881

Meu querido pai,

6602

A caravana de Irmãs e missionários conduzida por P.º Bonomi chegou de Cartum aqui em dezassete dias; eu vim de vapor e de dromedário, em grande correria, em cinco dias e estou forte como um leão. Encontrei em El-Obeid uma igreja coberta de zinco (fi-lo vir da França para aqui quando estava em Limone), a qual é a maior e a mais bonita de toda a África Central. Encontrei também 3400 táleres de dívidas; mas hoje acabei de pagá-los, porque S. José é um bom administrador. Só para comprar água vão-se-nos aqui três ou quatro táleres por dia.

6603

Estou munido de plenos poderes do Governo turco para meter na ordem os chefes ladrões de carne humana e ai de quem me enfrentar! Os cornos de Cristo são mais fortes que os do Diabo. Faz demasiado calor; a canícula de Verona é, em comparação, uma primavera. Aguentei a toda a brida até três horas seguidas no dromedário, que corre mais que o cavalo; e sinto-me bem e não perco tempo. A igreja católica de El-Obeid é a maravilha destes lugares, sobretudo as colunas; e muitos ricos desta capital (que possuem centenas de milhares em dinheiro contado) vieram copiar o modelo para construírem assim as suas residências.

6604

Saúda por mim Teresa e todos os parentes. Dão-me lembranças para ti os missionários e Teresinha Grigolini, a superiora provincial da África Central, que é um verdadeiro gendarme de Cristo. Reza por mim e escreve depressa a

Teu filho que tanto te quer
† Daniel bispo

Veio comigo o muito fiel Domingos que está desfeito e com o traseiro a sangrar pela corrida no dromedário; vai levar uns quinze dias a curar-se. Para não perder tempo, prefiro viajar assim. Convenci-me que ainda não estou totalmente tísico. Escreve-me.

† Daniel bispo

N.º 1051 (1007) - A P.^e FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/26

El-Obeid, 13 de Abril de 1881

Breve bilhete.

N.º 1052 (1008) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 9, ff.127-130

N.º 5

Estação de Malbes, Reino do Cordofão
15 de Abril de 1881

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

6605

Acuso a recepção da circular do em.^o card.-vigário sobre o execrável abuso e comércio das sagradas relíquias, coisa que, no meu Vicariato, se não verifica absolutamente; mas a venerada circular servir-nos-á de norma a mim e aos meus sucessores para não nos deixarmos enganar por quem tentasse conseguir a nossa cooperação na compra das santas relíquias para as nossas igrejas. Agradeço de coração.

6606

Espero com impaciência a estupenda encíclica do Santo Padre, que já li na imprensa, sobre o providencial Jubileu, que para as sagradas missões se prolonga ao longo de todo este ano. E que eu mesmo pregarei nas diversas línguas em todas as estações do meu fadigoso Vicariato.

Há mais de um mês recebi em Cartum o venerado escrito de V. Em.^a fechado em 14 de Fevereiro passado, com o qual, atendendo aos desejos de mons. Ciurcia, me convida a pôr-me em contacto com este prelado para determinar os direitos que eu tento reservar ao Vicariato Apostólico do Egipto a respeito dos meus institutos e das outras coisas.

6607

Demorei a escrever a V. Em.^a por não saber que responder e isto devido às seguintes razões: desde 1867, quando fundei aqueles institutos preparatórios para as missões da África Central, até 1872, ano em que a Santa Sé confiou aos meus institutos de Verona a África Central, eu mantive com mons. Ciurcia a mesma relação que um filho tem para com seu pai e a relação dos institutos com ele foi a mesma que há entre os frades de um convento com o seu Guardiã.

6608

Quando em 1872 voltei de Roma para o Cairo como pró-vigário apostólico, no caminho para a África Central, recomendei a mons. Ciurcia que tratasse o meu pessoal e os meus institutos como se fossem seus e como o reitor de uma casa de jesuítas trata os seus religiosos, advertindo os membros dos meus institutos a obedecerem-lhe a ele e ao seu representante, o pároco do Cairo Velho, um religioso franciscano. O que se fez com mútua satisfação.

6609

Em 1873 mons. Ciurcia, por meio do superior dos meus institutos do Cairo, convidou-me a redigir um acordo transitório, ou *modus vivendi*, entre ele e mim; mas eu respondi-lhe que, tendo como base as normas dos sagrados cânones, continuasse a fazer de pai e superior imediato como antes e que, portanto, desse ao superior dos meus institutos as ordens que considerasse oportunas. Contudo, como ele insistisse (sempre por meio do meu representante Rolleri) em pedir-me o *modus vivendi*, eu redigi-o; e talvez incitado pelos religiosos camilianos que então estavam ao serviço da missão, contra os meus sentimentos exigi demasiado. Enviei o tal projecto de acordo a mons. Ciurcia e, depois, chegou-me a notícia de que não obtivera a sua aprovação; mas ele nunca me escreveu nada sobre isso.

6610

Quando em 1879 passei pelo Egipto, fui visitá-lo e eu mesmo lhe roguei que me permitisse preparar um projecto, com o qual pudéssemos chegar rapidamente a um acordo; e acrescentei que estava aberto a tudo, uma vez que confiava plenamente nele. A sua resposta foi que *eu pedisse o mais possível, que ele me concederia o menos possível*.

6611

Então redigi uma petição com data de 2 de Maio de 1879, em que em três artigos lhe expunha as minhas solicitações e apresentei-lha a 3 de Maio do mesmo ano. Mas não só não obtive resposta de mons. Ciurcia à minha proposta de acordo de 1873, nem à minha petição de 2 de Maio de 1879, como nunca, tão-pouco, respondeu uma única sílaba a mais de *vinte cartas* que lhe escrevi *do Vicariato ou da Europa*. Unicamente me respondeu umas palavritas a quatro cartas que, entre 1877 e 1880, lhe escrevi do Cairo ou de Siut para Alexandria, a solicitar a faculdade para confirmar ou por outro motivo. Mas desde 1872 a 1881 *nem uma só vez* respondeu a mais de vinte cartas, que eu lhe escrevi da Europa ou da África Central.

6612

Em vista disto, considero uma perda de tempo escrever a mons. Ciurcia, tratando-se de um assunto que é melhor discutir e acertar verbalmente, para depois registar por escrito o acordo alcançado. E mais agora que, enquanto reinar e campear *no importantíssimo apostolado do Egipto o pernicioso monopólio franciscano*, que impede todas as outras instituições de agir segundo a plenitude das suas forças (do que mons. Ciurcia não tem culpa), nunca será possível fazer muito bem no Egipto, como todas as instituições actualmente lá existentes poderiam fazer, a minha incluída. Por este motivo deixo no Egipto o menor número de pessoal que posso (quereria dizer uma verdades... mas...); e presentemente tenho lá apenas um sacerdote, muito piedoso e bastante bom administrador, o romano P.^e Francisco Giulianelli, a quem V. Em.^a conhece, com três irmãos leigos que ali se aclimatam e quatro Irmãs, que, por certo, não dão nada que fazer àquele vigário apostólico; a todos recomendei em segredo aos conselhos dos padres jesuítas daí, meus verdadeiros amigos e benfeitores.

6613

Para mais, tenho a sorte de que o frade actualmente nomeado por mons. Ciurcia para confessor das minhas Irmãs, etc. é um homem pio e santo, com o qual estou muito contente e ele está contente connosco. Portanto, eu não peço nem nunca pedi nada do que menciona V. Em.^a no citado escrito: nem a faculdade aos missionários para se confessarem reciprocamente quero ter, porque no Cairo estão os jesuítas, com os quais contam os missionários e as Irmãs para os exercícios e para serem seus confessores extraordinários; nem o direito daquele vig. ap. para intervir, porque, em todo o caso, eu sempre roguei àquele prelado para que interviesse e tenho ordenado ao meu representante que recorra a ele, etc., etc., etc.

6614

Eu estou contente de que mons. Ciurcia seja para os meus institutos o mesmo que um bispo é para o seu seminário. E alegro-me de que actue como padre superior imediato a respeito dos meus estabelecimentos; e isto até que as regras dos meus institutos de Verona sejam submetidas à S. C. da Propaganda e recebam a sua aprovação, na viva confiança em Deus de que a Sagrada Congregação não tardará muito a tomar no Egipto as medidas necessárias para dar um maior desenvolvimento a esse importantíssimo apostolado.

6615

Por conseguinte, interpretando a vontade de V. Em.^a, escreverei a mons. Ciurcia rogando-lhe que cuide e seja sempre o pai dos meus pequenos estabelecimentos. E como tanto mons. Ciurcia como V. Eminência estão dispostos a outorgar aos meus institutos do Cairo o privilégio de oratório privado, do mesmo modo que, como me escreveu, fez com mons. Lavigerie em Tunes, conceda-mo imediatamente, sem mais, e fico-lhe antecipadamente grato.

6616

Mais para a frente arranjarei um momento melhor para lhe escrever, porque até agora suei, trabalhei e sofri muito com as viagens e pela terrível sede do Cordofão, onde só para comprar uma água suja e salobre preciso de 7 a 10 escudos por dia (somos 95 pessoas que aqui comemos e bebemos); e eu, embora frequen-

temente esteja doente pelo calor e pela fadiga, tenho que trabalhar dia e noite. Falar-lhe-ei da bela igreja, que bendirei dentro de dias, que se eleva na capital do Cordofão. Toda coberta de pranchas de ferro galvanizado, com trinta metros de comprimento, é a maior da África Central e Equatorial e constitui a maravilha destes países.

6617

Igualmente lhe falarei do bom andamento da missão, ainda que ela seja, sem comparação, a mais árdua e difícil do universo. Entretanto junto-lhe um documento: uma carta de recomendação que me expediu *Rauf Paxá*, que é o governador-geral do Sudão egípcio, ou seja, de um território *cinco vezes maior que toda a Itália*, que se estende desde o trópico ao equador e desde o mar Vermelho a Wadai. Mando-lhe cópia do dito documento em árabe com a sua tradução em italiano, onde V. Em.^a descobrirá o poder moral da minha missão. Aqui no Cordofão, onde ela foi muito combatida pelo fanatismo muçulmano, todos os paxás, os cadí e os faquí, bem como os árabes nómadas, me têm actualmente um grande medo; e desse *Divã* dimanaram para toda a parte ordens para que cesse o tráfico de escravos e para que se honre o bispo de todos os cristãos do Sudão. Vieram visitar-me os mais importantes negreiros, cada um dos quais arrebatava das tribos milhares de seres humanos por ano. Tefaala, um poderoso traficante de escravos, que raptou *Daniel Sorur*, aluno da Propaganda, convidou-me para jantar e assegurou-me (???) que daqui para diante não fará mais expedições para roubar negros. Eu valer-me-ei da minha posição para favorecer a nossa religião e acabar com o tráfico de escravos.

6618

Mas, tendo-lhe aludido em cima a medidas para melhorar o apostolado no Egipto e tendo eu nisso grande interesse para África Central, é preciso que arranque um espinho do coração e que subordinadamente dê a conhecer a V. Em.^a o meu parecer. Entretanto, beijando-lhe a sagrada púrpura, sou

De V. Em.^a obed.mo filho
† Daniel Comboni v. a.

N.º 1053 (1009) - À SOCIEDADE DE COLÓNIA
«*Jahresbericht...*» 29 (1881), pp. 31-34

El-Obeid, 15 de Abril de 1881

Ilustríssimos senhores,

6619

No dia 5 deste mês cheguei a El-Obeid, capital do Cordofão, e fiquei não pouco maravilhado ao encontrar uma igreja maior e mais bela que o palácio do governador, que aqui é considerado um monumento. O telhado e a fachada estão quase terminados; mas, pela falta de água, uma parte da nave e dos muros laterais ainda não puderam ser caiados. O problema da água, meus caros senhores, é um caso muito sério que se repete todos os anos, todos os dias e pende sempre sobre as nossas cabeças. Com um pouco de dinheiro sempre se pode comprar alguma coisa de comer, mas, para beber, é necessário muito dinheiro e este ano os dois institutos viram-se obrigados nalguns dias a sofrer sede, mesmo dispondo de dinheiro. O calor é insuportável e a sede é muita, mas como matá-la, se há muito pouca quantidade de água e ainda por cima a preços exorbitantes? Nalgumas alturas do ano, o preço da água potável ascende a quinze, vinte e até vinte e cinco francos, conforme o mês. Quanto mais ardente se torna o sol, mais escassa se torna a água e mais sobe o seu preço. Que pena, meus senhores, ouvir dizer à superiora das Irmãs: «Não há água para preparar a comida para as crianças!» Ou quando uma das crianças grita: «Padre, tenho sede e já não temos água!»

6620

A necessidade, às vezes, exige que o mesmo superior acorra ao governador a pedir água, que deve pagar a 15, a 20 cêntimos o litro. É difícil na Europa fazer uma vaga ideia do sofrimento que há que suportar nestas terras cálidas e sedentas da África Central; e ainda menos uma ideia precisa, sobretudo se nunca se experimentou o que significa não ter água. O dia em que ela falta, onde se vai buscar para lavar as mãos e a cara? Afortunados os missionários e as Irmãs que guardaram nas suas bacias a água com que se lavaram no dia anterior: talvez tenham de saciar a sede com essa água, já suja desde o princípio.

6621

E se for mesmo necessário lavar a roupa interior dos missionários, das Irmãs, dos meninos e meninas, dos rapazes, então os gastos dessa semana duplicam. Mas há ainda outro motivo pelo qual é necessário gastar somas consideráveis para conseguir água: a construção e a restauração dos quartos nos dois institutos.

Em todo o tempo das chuvas, que dura três meses, os trabalhos de construção e reparação são impossíveis, pelo que tudo deve ficar terminado antes. E também porque, como no Cordofão todas as casas são de terra, se o tecto não estiver bem sólido e as paredes bem recobertas com uma mistura de barro e estrume, então a água infiltra-se facilmente e estraga a casa.

6622

O ano passado, quando se iniciaram as obras de construção da igreja, era impossível realizar obras de reparação nos dois institutos e, quando chegaram as chuvas, foi preciso abrir guarda-chuvas dentro dos quartos para se proteger da chuva, que entrava neles em grande quantidade.

Aquilo que o ano passado não pudemos realizar temos que o fazer este ano, ou, então, vai chover-nos dentro de casa como na rua, e a água estragará os edifícios.

Todas as missões dispõem de aulas. Em El-Obeid há coptas que desejam mandar os seus filhos à escola e para isso devemos construir mais salas de aula. Mas a água para as poder fazer só se consegue comprar a preços impossíveis.

6623

Assim, actualmente não se pode realizar sequer esta obra indispensável. Seria preciso também um meio para eliminar estes obstáculos, ou seja, a construção de poços ou de uma cisterna. Seria preferível a cisterna, porque os poços têm que atingir uma profundidade mínima de 55 metros; e ainda por cima cada ano é preciso afundá-los mais, com a particularidade de aos 35 metros se encontrar granito, que só com pólvora e feramentas adequadas se consegue perfurar. Mas uma cisterna que fosse capaz de todos os anos guardar água necessária para matar a sede, lavar a roupa e realizar as obras necessárias representaria um forte gasto: seriam precisos tijolos e cimento.

6624

Os tijolos cozidos vêm a custar 20 francos o milhar e o cimento 30 francos o quintal. A cisterna deveria conter uns 300 metros cúbicos de água e, para isso, seriam necessários uns cinquenta a sessenta mil tijolos e a quantidade correspondente de cimento. Isto sem contar a mão-de-obra.

Quanto dinheiro! Mas que tormento, se penso nos missionários, nas Irmãs e nas pobres crianças que, durante nove meses por ano, sofrem a sede em maior ou menor grau, e durante os três meses restantes o açoite das chuvas!

E que alívio seria para mim dispor da água necessária para lhes matar a sede e saber que se encontram resguardados debaixo de um bom tecto.

6625

Até nos nossos dias há ainda miséria e sofrimento, que devemos procurar mitigar. Mas há também pessoas compassivas e a elas, meus caros senhores, me dirijo por vosso meio. Essas pessoas podem compadecer-se de nós e compreender os sofrimentos dos meus missionários, das Irmãs e das crianças. Que o bom Deus toque o coração delas, Ele que não deixa de recompensar nem um só copo de água dado aos pobres por seu amor e em seu nome, e então eu e todos nós rezaremos ao Salvador para que se digne abençoá-las na mesma medida do bem que nos tiverem feito.

Assegurando-lhes, ilustres senhores, a minha mais profunda veneração, sou dos senhores devotíssimo servidor

† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis
Vigário Apostólico da África Central

Original alemão
Tradução do italiano

N.º 1054 (1010) - A ESTANISLAU LAVERRIERE
«Annali del Buon Pastore» 26 (1881), pp. 3-7

Cordofão, 16 de Abril de 1881

Muito rev.do sr. director,

6626

Cheguei a El-Obeid, capital do Cordofão, a 5 do corrente mês, às nove da manhã. Fiquei maravilhado ao encontrar uma nova igreja, mais alta, maior e mais bela que a casa do governador, que aqui é considerada como um monumento. O telhado e a fachada estão quase acabados, mas uma parte do interior da nave e dos muros pela parte exterior não se puderam cair ainda por falta de água.

A falta de água é o grande problema de todos os anos que está ainda por resolver. Com um pouco de dinheiro consegue-se encontrar sempre algo para comer; mas para beber é preciso muito dinheiro e neste mesmo ano as duas casas desta missão sofreram sede. O gasto com a água ascende a 15, 20, 25 francos por dia, conforme os meses. Quanto mais ardente se torna o sol, mais sobe o preço da água. Que consternação quando a superiora das Irmãs vem dizer aos missionários: «Não podemos preparar a comida para as jovens negras»; ou quando um rapazinho negro grita: «Padre, tenho sede!» Então é preciso ir ter com o governador para que nos dê um pouco de água ao preço de quinze ou vinte cêntimos por litro.

6627

É difícil ter na Europa uma ideia cabal dos sofrimentos que têm que se suportar nestas áridas e tórridas regiões; para os compreender verdadeiramente, seria preciso antes passar por eles. Se alguns dias falta a água para beber, que dizer para lavar as mãos e a cara? Sorte terão os pobres negros e negras se os missionários dispuserem de água para se lavarem e a guardaram na bacia: servir-lhes-á de agradável bebida! E quando é necessário lavar a roupa interior dos missionários e das Irmãs, dos meninos e das meninas, essa semana a despesa é a dobrar.

6628

A construção e reparação das casas dos dois estabelecimentos aumentam ainda mais os gastos. É impossível meter-se em obras na estação das chuvas, que dura três meses; e antes delas as casas têm que estar a postos, porque como elas no Cordofão são construídas de barro arenoso, se o tecto não estiver em boas condições e os muros não estiverem bem revestidos de uma mistura de barro e excrementos de animais, a água entra e estraga a casa. O ano passado, por estar a igreja em construção, não foi possível cuidar dos dois estabelecimentos e, quando caíram as chuvas, tiveram que se abrir os guarda-chuvas dentro dos quartos. E este ano, para que as nossas casas não fiquem arruinadas, temos que pensar em repará-las.

6629

Em El-Obeid, muitos coptas desejariam confiar-nos os seus filhos, mas, para isso, haveria que construir salas de aula. Ora falta a água e é preciso pagá-la a preços impossíveis. E, entretanto, não se faz o bem. Para obviar a todos estes inconvenientes, haveria que fazer poços, ou melhor, uma cisterna. A cisterna é preferível, porque os poços devem ter como mínimo uma profundidade de 35 metros e todos os anos há que afundá-los mais; mas a trinta metros encontra-se um granito que não é possível romper senão com pólvora.

6630

Uma cisterna capaz de fornecer todos os anos a água necessária para matar a sede, preparar a comida, lavar a roupa e reparar as casas deve custar uma soma considerável, porque são precisos tijolos cozidos e cal. Mas um milhar de tijolos custa 20 francos, e a cal está a 15 francos o quintal; e como a cisterna teria que conter uns trezentos metros cúbicos, a sua construção requereria de 50 a 60 mil tijolos e certo número de quintais de cal, sem contar com a mão-de-obra. Que soma!

Mas que pena sinto ao pensar nos meus pobres missionários, Irmãs e negras, que sofrem sede durante vários meses, e a chuva e os outros males, durante o resto do ano. E que conforto sentiria, ao invés, se, finalmente, eu visse aqui água em quantidade suficiente!

6631

Nestes tempos de desolação, infelizmente, são demasiados os sofrimentos que há que aliviar; mas na estimada França sempre se encontram corações de uma caridade inesgotável. Oxalá tenham piedade de nós e se enternecem com os nossos padecimentos!

† Daniel Comboni

N.º 1055 (1227) - AO REI DA BÉLGICA LEOPOLDO II
APRB (Gabinetto del Re Leopoldo II, n. 1110)

El-Obeid, Cordofão, 16 de Abril de 1881

Majestade,

6632

Envergonhado, dirijo-me com a presente a vossa majestade, porque, depois de ter tido a dita de receber a magnífica carta, datada de 11 de Outubro de 1878, com cujo envio V. M. se dignou honrar-me, e que eu conservo religiosamente sempre comigo como um precioso monumento da vossa régia bondade e grande zelo pela civilização da África, não voltei a escrever a V. M. como era meu desejo.

A terrível carestia, a epidemia, a fome e a mortandade que despovoou muitas zonas; o falecimento do meu grande vigário e de numerosos missionários e Irmãs, mais as minhas próprias doenças e muitos outros problemas, etc., etc. (que exporei a V. M. na minha próxima carta), bem como a esperança que tinha de ter a honra de eu mesmo ir a Bruxelas e obter uma audiência de V. M., foram as causas do meu silêncio e estou certo de que a vossa generosa bondade me concederá o mais benévolo perdão. Contudo, eu sinto-me culpado em relação a V. M., pois era meu dever ter escrito.

6633

Tenho que comunicar a V. M. as notícias sobre a abolição da escravatura e informar-Vos também da organização das minhas obras apostólicas. Mas o mais interessante, a meu entender, são os resultados positivos e sólidos da admirável obra que V. M. fundou e o grito de guerra contra a escravidão que a partir dela ressoou na África Central desde o trópico até ao equador, espaço sob a minha jurisdição. Isso será objecto das minhas próximas cartas. O que me obriga a escrever a presente é implorar duas graças da vossa régia bondade.

6634

A primeira é que me permitais apresentar a V. M. as minhas felicitações mais sinceras e os meus mais ardentes votos de prosperidades e felicidade, por ocasião das próximas núpcias da vossa querida filha, a princesa Estefânia, com Sua Alteza Imperial e Real o arquiduque Rodolfo, príncipe herdeiro da coroa austro-húngara. As mesmas felicitações e votos a S. A. I. e R. e à Vossa filha Estefânia, a quem um dia homenagearei como imperatriz do glorioso Império dos Habsburgos, que é o protector do Vicariato da África Central.

6635

A segunda graça que imploro da eminente bondade de Vossa Majestade é a de que vos digneis ler a carta de felicitações que escrevi ao vosso digno genro S. A. I. e R. o arquiduque Rodolfo, príncipe herdeiro, por ocasião do seu glorioso casamento, e que, além disso, tendes por bem entregar-lha a ele em Viena, quando for à capital pela solene circunstância das suas festas nupciais.

Tais são as graças que desejava implorar-lhe.

6636

Reitero a V. M. que me concedais um benévolo perdão pelo meu silêncio: é indizível o que suportei e sofri pela redenção da África Central; mas não pararei nunca diante de obstáculo algum até ao meu último suspiro. O meu grito de guerra será sempre: «Nigrícia ou morte!»

6637

Queria dizer aqui muito mais, mas o dromedário que leva o correio está prestes a partir. Só acrescentarei uma coisa a V. M. numa palavra: a escravidão recebeu um golpe formidável e mortal, e nisso, senhor, Vós tendes grande mérito. Far-vo-lo-ei ver na minha próxima correspondência.

Digne-se V. M. aceitar a minha sentida homenagem de vivo agradecimento e eterna veneração e adesão, com que tenho a honra de me subscrever de todo o coração e para sempre

De V. M. hum.mo, resp. e devot.mo servidor
† Daniel Comboni, Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário Apostólico da África Central

6638

No dia da boda do príncipe imperial com a vossa filha a princesa, nós teremos uma bela festa em Cartum, com a participação do cônsul da Áustria, o cav. Hansal, e, aqui, no Cordofão, depois da missa pontifical e o *Te Deum*, haverá outra festa com uma grande iluminação, que contará com a intervenção do paxá governador do Cordofão e Darfur.

Desde o trópico ao equador, espaço pelo qual se estende a possessão egípcia, a bandeira austro-húngara é a bandeira da civilização cristã; e a missão católica constitui o poder moral mais sólido nestas imensas regiões.

Original francês
Tradução do italiano

N.º 15

El-Obeid, 17 de Abril de 1881

Meu estimado padre,

6639

É-me impossível responder a todos os pontos das suas cartas, porque faz calor e tenho muitas ocupações e correspondência, etc. Limitar-me-ei aos principais.

Quanto ao que me comunicou ultimamente, sobre as actuais exigências das Peccati, eis quanto, em consciência, devo dizer e é a pura e absoluta verdade. Tenha cuidado, meu padre, não haja aí gato, e não seja, afinal, esse malandro de pároco, esse pobre P.º Grego, quem está a mexer os cordelinhos, porque continua a escrever também a P.º Bonomi para o incitar a voltar ao seu antigo posto de coadjutor em Montório. E se conseguisse isso (o que certamente não conseguirá, porque P.º Luís é de carácter firme e não se deixa manipular), arrebatá-me-ia o braço direito do meu Vicariato.

6640

Antes de tudo, uma vez que a sr.ª Luísa Zago, calculando sobre 10 000 libras, pediu ao falecido P.º Squaranti 6600 e tal missas, para serem celebradas depois da morte delas, e, uma vez que a sua proposta foi aceite por P.º Squaranti, atendendo à justiça, a benfeitora não pode reclamar mais as 10 000 libras, mas apenas as missas: talvez com o ónus de pagar 10 000 libras nem P.º Squaranti nem eu, teríamos aceite o benefício; mas tratando-se de missas e a serem celebradas no futuro, então sim, como é natural. As 6000 e tal missas foram reduzidas por P.º Squaranti a metade, mediante o restringente raciocínio desenvolvido por P.º Squaranti perante aquelas almas piedosas: «Como é possível que a senhora, D. Luísa, que viveu sempre como uma santa e que fez tanto bem e tanta caridade no mundo, até se despojar de quase tudo, pode ir para o Purgatório e vai precisar dessas seis mil missas para se livrar das penas, etc., etc.?» Então foram reduzidas a metade.

6641

Depois, dois meses antes de a sr.ª D. Luísa, instigada pelos curas, me ameaçar que levaria a tribunal se não lhe assegurasse a pensão anual de 2500 libras, eu, repetindo o argumento de Squaranti, e acrescentando que *charitas operit multitudinem peccatorum*, roguei-lhe que me libertasse da obrigação de tantas missas depois da morte delas, e juro que ambas aceitaram dizendo-me: «Se o dinheiro das missas é necessário para a missão, então que deixem de as celebrar, pois a esmola para a missão é o mesmo, já que, contribuindo para salvar almas, salva-se a própria, etc.» O caso é que, em virtude disso, deixei nota em mais de um registo de Verona que não havia obrigação das missas, em caso de necessidade por parte da missão; e depois de ter acertado o resto com o em.mo cardeal nosso pai, ou seja, o pagamento de uma pensão de 2500 libras (eu queria 2400 e elas 2600 e o em.mo sugeriu que partíssemos a diferença), deixei escrito para os meus sucessores que os meus herdeiros não se devem considerar em consciência obrigados a mais com respeito às Peccati. Esta é a verdade.

6642

Quanto à promessa de nós lhe prestarmos ajuda quando as 2500 libras anuais não bastassem, oh, isso sim! Eu prometi-lhe repetidamente por palavras e por escrito, e até lho voltei a repetir a semana passada, em resposta a uma agradável carta que me escreveu Luísa no passado dia 9 de Fevereiro.

E nisto, meu caro reitor, até mesmo que outras respeitáveis personalidades pensem de maneira diferente, digo-lhe na verdade que mantenho na minha ideia; e se as Zago precisassem... eu sei lá... de cem mil francos eu apertaria S. José até os encontrar para elas. Porquê? Porque as Peccati me ajudaram com extraordinária caridade num momento em que eu precisava muito para dotar o Instituto de Verona, a fim de que a S. Sé lhe confiasse o Vicariato da África Central (talvez sem essas duas boas almas eu não tivesse obtido a missão). E então eu hei-de ter medo de lhes dar nem que sejam 100 000 francos?

6643

Esteja certo de que nas barbas de S. José há milhões à nossa disposição e tenha também a certeza de que as Peccati não abusarão (ainda que distintas influências pudessem triunfar momentaneamente sobre elas), antes, pedirão menos que o necessário; e, por isso, convém que o senhor lhes adiante, indo visitá-las e sendo o primeiro a oferecer-se para as socorrer. O senhor dê-lhes o que pedirem: trata-se de um dever de gratidão. Elas deram com grande caridade e nós retribuimos com caridade ainda maior.

6644

Trata-se de Jesus: elas deram por Jesus e nós damos-lhe por Jesus; e se lhes dermos mais do que recebermos, Jesus tê-lo-á também em conta. Tudo sai das barbas do Padre Eterno por meio de José e a este apertá-lo-emos pelas Peccati, que tanto o veneraram e amaram. Além disso, ele está em dívida comigo pela igreja do Cordofão que, com os seus trinta metros de comprimento (sem o largo em frente), é, até agora, a maior de toda a África Central e que está toda coberta de ferro (ou seja, mais de metade está coberta de pranchas de ferro galvanizado que mandei trazer da França e o resto de zinco). Nela celebrei o pontifical Quinta-Feira Santa e consagrei os santos óleos e celebrei outra missa solene dia de Páscoa. Mandar-lhe-ei um desenho da parte interior e exterior que me fez um hábil pastor protestante e o senhor irá litografá-los para os *Anais*. Penso ter dito tudo sobre o assunto das Peccati. Mando-lhe cordiais saudações e a bênção para elas.

6645

O arcebispo de Argel anda a imprimir e a apregoar que os limites da sua jurisdição ficam nos 10 graus e, entretanto, consegue de Lião 300 000 francos, em prejuízo do meu Vicariato, de que até o nome quereria apagar. Mas, com a ajuda de S. José, farei uma boa jogada: tenho-a pensado e meditado diante de Deus e só a disse a uma pessoa. Rogo a Deus que este grande prelado faça o bem; mas não tenho confiança nele, pois falta-lhe a poesia do verdadeiro espírito. Alcançará êxito, dado que dispõe de muito pessoal e de grandes meios; mas encontrará tropeços. E se me atacar a mim, será para ele um enorme fiasco, pois Deus é vingador de justiça e imparcial. Veremos. De tudo isto resultará muita glória para Deus e o maior bem para a África.

6646

Quanto a Sestri, eu não dei nenhuma ordem para construir: só manifestei que, se tivesse dinheiro, faria tal coisa e daí não passei. Em troca, P.^e Ângelo disse e escreveu várias vezes: «O que eu construir, se não for aprovado, pago-o eu.» Portanto esteja tranquilo e confie em Deus, que ele mesmo guia a sua obra.

O arroz e as velas de Montório chegaram a Cartum. Em ajuda das Irmãs do Cairo vou mandar com P.^e Calisto e P.^e Bartolo (que decidiu regressar e, embora esteja bem, falta-lhe a caridade de Cristo e, portanto, nunca valerá para nada e será um peso para os outros; mas nós teremos caridade para com ele) duas robustas negras da nossa casa de Cartum, mas nunca mandarei Irmãs daqui. Se possível, farei que venham as de lá para cá. É esta a opinião de todas as Irmãs daqui e especialmente da Ir. Teresinha, que é uma mulher à altura da sua árdua missão e que vê as coisas de uma forma clara.

6647

Quanto ao resto e voltando a Sestri, a minha opinião é de que não se gaste nada em construções, salvo aquilo que o senhor mesmo deu por escrito à Irmã Matilde no passado Outono. Abençoo e saúdo Sestri, as Irmãs, P.^e Ângelo, o rev.mo arcepreste, o presidente da Câmara e Serluppi.

Na primeira oportunidade mande-me quatro pacotes de cem folhas para sinapismos e meia dúzia de clisteres compridos com a parte de bombear no meio, para os nossos hospitais e enfermarias, etc. Encontrará tudo na loja de D. Vicente Caretoni, a quem o senhor pagou o vinho quinado e que vende barato.

Em Sestri, Virgínia caiu nas escadas do banho. Nem a madre-geral conseguiu que Virgínia e a Ir. Josefina Trabai, que era uma santa superiora – a primeira que tive – ficassem de cama; o mesmo com a Ir. Germana. As árabes são assim e sem elas a escola não funciona nem no Oriente nem na África.

6648

Com muito trabalho e sorte consegui arranjar um professor árabe da Síria, um jovem maronita que está aqui. Recebe, além da alimentação e roupa, 25 táleres (125 fr. ouro) por mês. É uma verdadeira sorte. Se encontrasse duas professoras nas mesmas condições para o Cordofão e Cartum, sentir-me-ia contente, mas é impossível.

Agradeço-lhe a si e ao instituto feminino as felicitações de Páscoa. Retribuo. O clérigo Neiss é um jovem bom e de talento, segundo me asseguram os jesuítas: não pôde entrar na Companhia, mas não sei mais. O senhor estude-o e poderá dar dele um recto juízo. Averigúe se, para além de ter estado com o P.^e Boetman, esteve noutros conventos. Quanto a Walcher, houve quem se mostrasse favorável. E Titz está em Verona ou em Viena?

6649

Vou escrever à Propaganda sobre o jovem negro Pedro. Entretanto, o senhor prepare-o para a terceira elementar e metade do primeiro de latim, porque é o mínimo na Propaganda. Veja se o mete nalguma escola.

Sobre o silêncio das freiras de Salzburgo, não tenha a menor preocupação: elas têm a África presente no seu pensamento, orações e actividades e amam loucamente a nossa obra. Às vezes inundam-me de cartas e eu não respondo. Não responder é típico do alemão: o alemão age e não palra. Às vezes recebi três ou quatro letras cambiais num ano, sem uma única linha a avisar-me. Faz mais um alemão com o silêncio que cem italianos com o seu palavreado.

6650

Mandei à minha prima Stampais o recibo de que o senhor me falou.

Os objectos (de antiguidade) que lhe deixei para o Em.^o card. de Canossa recolhi-os eu mesmo em Luxor (Alto Egipto), quer dizer, na antiga Tebas, a das cem portas, pátria dos 10 000 mártires tebanos, de S. Maurício, de St.^o Alexandre, etc.

De resto, continue a confiar em Deus e prepare-me excelente pessoal de ambos os sexos. Fico contente em saber que Jorge já aí não está: realmente ele perdeu a graça de Deus, que recebera em abundância. A oração e a caridade irão devolvê-lo aos caminhos da virtude no seu país.

6651

Quanto a Virgínia, não partilho da opinião do senhor, nem creio que seja tal qual ma descreve. Estou convencido de que o senhor falou em consciência e cheio de caridade e de que ficaria feliz de a ver santa; mas convença-se, por sua vez, de que também eu falo em consciência, de que tenho para com ela a verdadeira caridade de Cristo e de que espero bênçãos do Céu pelo que fiz e farei por ela. Como se explicam estes dois pontos de vista que parecem contrários? Vejamos. Virgínia não está no seu posto: tratá-la como uma postulante de catorze anos, proibir-lhe de falar com o seu irmão a ela que esteve 18 anos numa comunidade muito mais importante que a nossa, isso faz com que Virgínia esteja em Verona como peixe fora de água. Mas trata-se de uma experimentada missionária acostumada a uma vida activa, que se mortificou em dezoito anos de convento e sofreu mais que uma trapista. Por isso é bom para Virgínia, para o instituto de Verona e para a sua responsabilidade que ela deixe Verona. S. José protegê-la-á, a quem a encomendei e basta. Mas, antes de abandonar a Europa, quero que faça a cura, que não poderá fazer fora da Itália; o senhor fale, para isso, com o dr. Baschera. Agradeço-lhe infinitamente por quanto fez por Virgínia. Eu espero de Jesus o Paraíso pelo que fiz por essa pobre infeliz, a quem Deus, com certeza, concederá a glória, porque trabalhou muito por Ele e teve a verdadeira caridade divina. A África sabe-o.

A minha bênção para si e para os institutos, mil saudações ao P.^e Vignola, a Tabarelli, etc., etc. e reze muito por mim.

† Daniel bispo

N.^o 1057 (1012) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/118

N.^o 16

El-Obeid, 20 de Abril de 1881

Meu caro padre,

6652

Nunca me lembrei de lhe pedir que fosse buscar a casa de mons. Stegagnini (eu esqueci-me de os recolher em Verona e mons. Steg. esqueceu-se de os mandar ao nosso instituto) os diversos exemplares dos dois opúsculos sobre S. José que as Irmãs Girelli de Bréscia compuseram e que me ofereceram e, apenas publicados, os enviaram para mim a esse monsenhor. Além disso, desejaria que cada missionário e cada Irmã da África Central tivesse esses dois estupendos livros e se familiarizasse bem com eles (à parte do *Kempis e do Rodriguez*) para conhecerem bem as riquezas do Coração de J. C. e a poesia das grandezas de S. José.

6653

Estes dois tesouros, unidos à fervorosa devoção à grande Mãe de Deus e imaculada esposa do grande patrono da Igreja universal e da Nigrícia, são um talismã seguro para quem, ocupado com os interesses das almas na África Central, tem de se relacionar com gente de ambos os sexos nestes países, pois dão coragem e acendem a caridade de as tratar familiarmente e com desenvoltura para as converter a Cristo e à Virgem. Modelo de verdadeira missionária é a Ir. Teresa Grigolini (esta sim que se torna comparável ou superior à Ir. Josefina Trabauí, a mestra de Virgínia; à madre Emilienne, que admitiu Virgínia aos seis anos, e às melhores Irmãs de S. José), a qual (e aqui manifesto-lhe o meu consciencioso juízo, que é partilhado, entre outros, pela Ir. Vitória) é o *primeiro e mais conseguido* e perfeito membro das Pias Madres da Nigrícia (deixando de lado a eminente *santidade*, digo *santidade*, da Ir. Maria Josefa Scandola, que brilha demasiado numa pessoa de heróica humildade, etc.): inteligência, capacidade, caridade e piedade fora do comum. Portanto, ao mesmo tempo, existem nela as qualidades de uma filha de S. Vicente de Paula e a sublime vida interior de uma sacramentina e de uma filha da Visitação.

6654

A isto acresce uma saúde de ferro e uma actividade surpreendente e até um certo conhecimento do árabe: tal é o tipo de Irmã que eu quero. Aqui e em Cartum atraiu para Cristo e para a prática dos sacramentos algumas almas que eu não julgava fosse possível. Quando chegar o tempo em que eu estabeleça uma casa na Síria, estou certo de que a Ir. Grigolini a fará florescer em apenas seis meses; e então o senhor vai vê-la em Verona e verá o verdadeiro modelo da Irmã da África Central. Mas, para chegar a isso, ou seja, para que cada uma ou grande parte das Irmãs se tornem autênticas missionárias da África Central, concordo com Grigolini (que nem sonha que eu a tenho em tanta estima, porque até a rebato) que é preciso educar as noviças como se faz actualmente na nossa casa-mãe de Verona, sob a *inspiração estigmatina*. E porquê? Porque enviadas para a África tão humildes, dóceis, sinceras e simples como foram mandadas as que estão no Sudão, modelam-se para a vida prática como se quer.

6655

Portanto, quanto à educação religiosa, o senhor continue a fazer como até agora e como é seu desejo, porque eu conheço bem e profundamente o seu espírito e a sua intenção: formar elementos *santos e capazes*. Uma coisa sem outra vale pouco para quem segue a carreira apostólica. O missionário e a missionária *não podem ir sozinhos para o Paraíso*. Sozinhos irão para o Inferno. O missionário e a missionária devem ir para o Céu acompanhados das almas salvas. E ainda que, antes de tudo, devam ser *santos*, isto é, completamente alheios ao pecado e à ofensa a Deus, e humildes, isso não basta: precisam de ter *caridade*, que é a que os torna capazes.

6656

Uma missão tão árdua e laboriosa como a nossa não pode viver da *aparência*, e de sujeitos de pescoço torto, cheios de egoísmo e de si mesmos, que não cuida como se deve da salvação e conversão das almas. Há que inflamar os seus membros de uma caridade que tenha a sua fonte em Deus e do amor a Cristo; e quando se ama de verdade a Cristo, então são doces as privações, os sofrimentos e o martírio. Pobre Jesus! Que pouco amor Lhe têm os que deveriam amá-lo! E eu estou entre estes. Em *segredo de confissão* (para o P.^e Vignola não há segredos de confissão: a ele pode contar tudo) digo-lhe que todas as nossas Irmãs deram aqui um ótimo resultado, seguidas de perto pela vigilante e hábil Ir. Grigolini; mas se eu não tivesse contado com a mão de ferro da Ir. Grigolini e da Ir. Vitória, talvez, e mesmo sem talvez, ter-me-ia visto na necessidade de devolver a Verona a Ir. Marietta Caspi, minha primogénita, que era empregada do pai do padre camiliano Franceschini e que tinha como confessor o P.^e Dalla Chiara, superior dos filipinos.

6657

Esta Irmã, boa, obediente, dulcíssima e muito querida da superiora de Verona, viera para África com as primeiras. Mas era bastarda, isto é, filha do pecado, ilegítima (e desagradou imensamente à Ir. Grigolini e à Ir. Vitória que na biografia dos *Anais* se desse a entender que era ilegítima: poderia produzir má impressão a possíveis aspirantes ao nosso instituto), como também é ilegítima Augusta, a noviça que nos confiou P.^e Falezza. Eu sempre soube, por experiência ocular, que os filhos e filhas ilegítimos são ardorosos e cheios de fogo como quem os gerou; e que, ainda que sejam educados na piedade e na pureza, desde que haja ocasião, acendem-se e enamoram-se facilmente. Marietta Caspi, se não tivesse estado protegida por uma mão de ferro, teria caído nas malhas de um barrabás de um médico e, depois, nas de outro no Cordofão e em Berber. Ela não tentava fazer nem sombra de mal, mas queria falar e escrever. Em suma, em duas épocas diferentes, ou seja, em 1878 (e nessa altura pus cobro à situação com um procedimento semelhante ao que tão habilmente o senhor utilizou com o Jorge, supondo que se a irmã tivesse sido avisada não teria conseguido nada... e isso era de supor) e em 1880, devido ao dr. Zuchinetti, que a tratava, fez andar pelas ruas da amargura a Ir. Grigolini, que tinha decidido, no caso de ela se curar, reenviá-la a Verona, se eu consentisse. Mas nunca sucedeu nada de mal e Marietta morreu como verdadeira religiosa, pedindo perdão às superiores e a mim (como Grigolini me escreveu de Verona).

6658

Estudei esse assunto seriamente e até me aconselhei bem em Roma. Os fundadores de ordens e congregações excluíram sempre do estado religioso (salvo raras excepções) os ilegítimos; e nisto vejo com clareza meridiana que tinham bom faro. Portanto, excluamos também nós dos dois institutos africanos os filhos ilegítimos ou, pelo menos, que nunca vão para a África. Por isso, o senhor não mande para a África a Ir. Augusta, a de P.^e Falezza, ainda que seja boa; depois da profissão, deixe-a definitivamente em Verona, destinando-a à cozinha ou a outro lugar. Mas convinha que se tornasse uma boa cozinheira, como era a Ir. Marietta Caspi, para que, sendo encarregada permanente da cozinha, ensine bem as outras.

6659

Portanto, silêncio absoluto acerca do que se disse sobre a Ir. Marietta Caspi; mas não esqueça a norma de não admitir ilegítimos e de deixar a Augusta em Verona para sempre ou ao menos até passar a juventude.

Toda a regra tem exceções. Se se lhe apresentasse uma ilegítima com excelentes qualidades, um bom dote, cultura, etc. (tudo isso unido a um bom espírito), então a coisa muda... e alargam-se as mangas... porque os molengões não vão para o Paraíso.

6660

De resto, meu caro reitor, não desanime perante nenhuma dificuldade: as obras de Deus sempre custaram sangue, dores, morte, conflitos, etc. Antes pelo contrário, pense que todos os problemas, penas, cruces são meritórios, porque se trabalha unicamente por Cristo e pela glória do seu nome, e para ganhar as almas dos negros: é a obra mais difícil do apostolado da Igreja Católica. Veja, para não falar de outras, as recentes missões estabelecidas no equador, onde não se faz nada. Veja a missão do Alto Zambeze, confiada aos jesuítas: nela há abundante e valioso pessoal da Companhia de Jesus e um clima mais são que o mais saudável da Europa; e, para mais, os jesuítas levaram máquinas e meios estupendos, etc. Contudo, até agora, não conseguiram nada: leia as *Missioni Cattoliche* de Milão ou as *Missions Catholiques*, etc., e verá. Lance um olhar, entre outros, ao n.º 9, da sexta-feira 4 de Março de 1881, onde, a partir da pág. 97, se fala da missão do *alto Zambeze*, fundada e conduzida pelos Jesuítas, etc., e isto nas *Missioni Cattoliche* de Milão (rev.do Scurati); e olhe, nas páginas 98-99, o que escreve aquele superior jesuíta, que durante 18 anos foi missionário em Calcutá e Bombaim, na Índia.

6661

«Quantas dificuldades não teremos que enfrentar antes de habituar este povo às ideias e costumes do Evangelho!... Exigir a prática da lei moral, a restituição, a renúncia ao ódio... a inviolabilidade do matrimónio, a castidade, a caridade... *tudo isto é impossível para uma natureza decaída!* Como experimentamos aqui a necessidade da graça!... *A única coisa que impede que caiamos no desânimo é a história da Igreja, que nos mostra que mais que um povo bárbaro, como os nossos cafres da África, se submeteram ao jugo de Cristo*». É isto o que nos diz um grande missionário jesuíta, com uma experiência de 20 anos de apostolado! E certos cardeais da Propaganda, que só viram os salões dourados de Paris e de Lisboa, que não conhecem a história da Igreja e que nunca sofreram nem padeceram nada (como os em.mos Orelia de S. Stefano, Meglia e alguns outros, a quem o nosso em.mo pai e bispo conhece bem), disseram...

6662

Mas basta, porque também isto é por disposição de Deus, que tudo bem ordena... Esses cardeais (e Mitterrutzner incluiria também o cardeal Simeoni) medem e julgam as missões da África com o mesmo metro com que medem as da Índia, da China e da América. E isso é um grave erro contra o qual lutei, luto e lutarei na Propaganda (onde, bem entendido, reina todo o espírito de Deus, o zelo apostólico, a rectidão e a justiça, mas há aí um pouco de ignorância... quase culpável, diria eu). Muitos outros bispos, patriarcas e vigários apostólicos que pensam como eu, porque nós temos a experiência e a graça da vocação (*posuit episcopos regere Ecclesiam Dei*), murmuram com os outros (especialmente os frades), mas não dizem nada na Propaganda; ao invés, eu escrevo livremente (ainda que, isso sim, sempre tenha obedecido e obedecerei a qualquer indicação, desejo ou mandato da Propaganda, que é lugar-tenente do Papa e fá-lo-ei cegamente); e eu fustigo do modo mais suave mas com toda a tenacidade. Em Roma dão-se ouvidos a todas as canções e sente-se tudo.

6663

Mas eu estou certo de que quando cessar toda a poesia dos quatro famosos vicariatos dos missionários de Argel de mons. Lavigerie, e das novas missões confiadas aos jesuítas, aos de Argel, às Missões Africanas de Lião e aos padres do Espírito Santo do ven. Libermann, na Propaganda terão que ponderar e aceitar a veracidade e exactidão dos meus juízos e convencer-se-ão de que, afinal de contas, o instituto de Verona conseguiu algo na mais difícil de todas as obras do apostolado católico, de que a nossa obra recebeu certamente a bênção divina e de *que, na verdade, é obra de Deus*. Por isso, o senhor aja de forma acertada e correcta em Verona, que eu farei frente e partirei os cornos e cortarei as pernas a todos esses monstros do abismo, que, por muitos lados e com astúcia incrível, procuram acabar com a nossa obra ou então inutilizá-la. Cristo é mais esperto e ágil que o Diabo.

6664

O senhor pense que adquirirá muitos méritos e que uma grande multidão de apóstolos, virgens e negros convertidos o acompanharão triunfalmente ao Paraíso; mas, repito, terá que se realizar em nós e cumprir-se o *pati, contemni et mori pro te*. Teremos que sofrer, ser desprezados, caluniados (o senhor, não; eu, sim), talvez ser condenados e morrer... mas pelo nosso querido Jesus! Pelo mundo eu não dou um cêntimo e menos ainda pela opinião do mundo: mas por Cristo é pouco o sacrifício, o martírio. Em suma, valem mais todos os nossos sofrimentos por Jesus que todas as glórias e esplendor do czar, a quem as bombas dos niilistas mataram.

Desculpe por, sem querer, ter sido tão longo. Não durmo. *Vale*.

N.º 1058 (1013) - A P.º FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/27

N.º 9

El-Obeid, Cordofão, 23 de Abril de 1881

Meu caro P.º Francisco,

6665

Pelas cartas da minha prima Ir. Faustina, *tapa-buracos* das nossas Irmãs do Cairo, inteirei-me da sua admirável, pronta e cega obediência às minhas ordens sobre as velas, etc., etc. Dei-lhe essas ordens depois de ter visto em Cartum o enorme consumo das suas velas, que são mal feitas e se derretem demasiado rápido, provocando um gasto superior às nossas possibilidades e ao dinheiro que Deus me manda. Chegaram-me agora a Cartum duas grandes caixas de velas que comprei na Europa por mais de 1400 francos; de modo que, calculando as antigas, que temos, e estas novas, não precisaremos de mais velas no Vicariato durante dois anos, incluído o consumo que se fizer na bela e estupenda igreja do Cordofão, de mais de 30 metros de comprimento e toda coberta de pranchas de ferro galvanizado e de zinco, que dedicarei a Nossa Senhora do Sagrado Coração.

6666

Mas, meu pobre P.º Francisco, não poder acender no Cairo quantas velas lhe agradem e quando queira, para honrar o nosso doce e Sacratíssimo Coração de Jesus, que é o mais sublime tesouro que temos? Nem falar! Retiro por completo as ordens dadas, deixando-lhe plena liberdade de consumir quantas velas quiser e de fazer quantas novenas, funções e exposições do SS.mo Sacramento desejar, na certeza de que com o Coração de Jesus e com a nossa Mãe Imaculada não temos nada a perder, mas tudo a ganhar. Portanto, alegre-se, faça funções e novenas, queime cera a seu gosto e rogue a Jesus que abençoe a nossa árdua e importante missão. Saúdo e abençoo a sua mãe, saúdo a Ir. Maria Teresa Ferro e todas as madres agostinhas e a priora de S. Cat. dei Funari, de Roma. P.º João Dichtl e P.º José Ohrwalder são uns missionários de primeira ordem, com grande espírito de sacrifício e verdadeiramente santos.

6667

P.º João já prega em árabe na paróquia de Cartum de quinze em quinze dias. P.º Paulo Rosignoli porta-se assim assim: não vai mal. P.º Bartolo, já restabelecido, quer regressar à Europa e partirá com Calisto em Junho. Em todo o Vicariato, o missionário de maior valia, de maior abnegação e mais hábil, sólido e positivo como missionário, pároco e administrador, é P.º Luís Bonomi. Não tem modos polidos nem gentileza, pelo que não é apreciado por muitos, incluídos os cônsules, mas é o mais capaz, o mais firme e fiel: *Nigrícia ou morte!* O superior de Cartum é P.º Artur Bouchard, o do Cordofão é P.º João Baptista Fraccaro e o de Gebel Nuba nomeá-lo-ei quando fizer a visita.

6668

Dentro de poucos dias espero anunciar no Cordofão a chegada dos 6000 francos que pedi ao sr. Holz. Estou em grandes apuros, mas confio no Sagrado Coração de Jesus e em S. José. O gasto diário aqui, em El-Obeid, onde somos oitenta e cinco bocas a comer, é enorme. Só em água suja vão-se-nos sete ou oito táleres ou escudos. Meu Jesus, ajudai-me!

6669

Retiro também todas as ordens sobre o envio de dinheiro, que lhe dei num momento difícil (isto é, ao pensar que dos 19 000 francos por si recebidos não me tinha mandado nem um cêntimo, quando devia partir o mal a meias, porque, se no Cairo há dívidas urgentes, aqui são urgentíssimas): eu lanço-me nos braços de Jesus e da Providência e confio completamente em si, que me mandará o mais que puder.

6670

Quanto ao envio dos 3100 litros de vinho, é absolutamente desnecessário. Nós temos aqui uma provisão suficiente para todo o ano, e é uma loucura gastar dinheiro no transporte, tendo nós extrema necessidade de dinheiro. Mandará o vinho quando houver oportunidade e de várias vezes: por exemplo em envios de uns mil litros. Mas não mande nenhum leigo a acompanhá-lo antes do *kharif*, isto é, de Setembro. Dos leigos, o primeiro que irá enviar e que eu quero que venha para o Sudão com a primeira expedição (sempre depois do *kharif*) será *Baptista Felici*, para quem tenho um lugar preparado em Cartum.

6671

Quanto ao demais, é meu desejo: 1.º) Saber quem lhe mandou comprar tanto vinho, havendo tanta necessidade de dinheiro no Vicariato. 2.º) Que, doravante, encomende a Santorino por meio dos frades quando muito *uma cuba* ao ano e não mais; e isto até novas ordens. Quase todos nós aqui, e eu em primeiro lugar, bebemos a *merissa* do país, que as nossas negras preparam em casa, e gastamos pouco vinho. 3.º) Ordene-me que me mande todos os meses as contas da administração *ou ao menos cada dois meses*, porque preciso de fazer os meus cálculos. 4.º) Em que ponto se encontram as obras da nova igreja e da casa masculina? Alegro-me por saber que mandou fazer a nova cozinha. 5.º) Ordenei a Cartum que se enviem para o Cairo com Calisto duas fortes negras das nossas, para ajudarem as Irmãs na cozinha, na lavanderia e noutros trabalhos menos exigentes.

6672

Uma vez que tenha lido esta carta, faça-me o favor, se não for difícil, de a passar à minha prima Faustina, porque não tenho tempo de lhe escrever. Agradeço-lhe o interesse que mostrou para com as Irmãs doentes. Reze e faça rezar por nós, que com certeza partiremos os cornos ao Diabo e que o expulsaremos daqui com a ajuda de Jesus.

Mandei ao superior dos jesuítas uma letra cambial de Munique, no valore de 2475 fr. com 54 cts., no passado dia 12 de Fevereiro, dia em que igualmente escrevi para a dita capital da Baviera. Dela recebi resposta, mas não do superior dos jesuítas do Cairo. Será que se perdeu a letra cambial, pelo que não chegou aos jesuítas? Eu registei-a e tenho o recibo. Vá visitar esse superior, informe-se do assunto e escreva-me.

6673

Estou muito contente do espírito que reina entre as nossas Irmãs e das eminentes virtudes da superiora provincial da África Central, *Ir. Teresa Grigolini*. Vale muito e é, pelo que se diz, uma santa, como um anjo. Reze por ela e pelas quatro casas das irmãs que temos no Vicariato.

Rogando-lhe que transmita as minhas saudações aos padres jesuítas, aos *Frères*, a Holz, ao P.^e Pedro e aos franciscanos, ao P.^e Germano, o confessor, declaro-me no Coração de Jesus

Seu af.mo no Senhor
† Daniel bispo e vigário apostólico
1881

N.º 1059 (1014) - A SEU PAI
BQB, Autografi, cart. 380, fasc. II, 2

Colónia agrícola de Malbes
24 de Abril de 1881

Meu querido pai,

6674

Escrevo-te de um lugar do reino do Cordofão chamado Malbes, no qual há alguns poços e onde criámos uma pequena comunidade cristã (que se tornará grande em pouco tempo), com casais formados por rapazes e raparigas que se casaram depois de lhe termos ministrado a educação cristã nos nossos estabelecimentos de El-Obeid. A todos e a cada um desses casais distribuimos-lhe aqui um pedaço de terreno de cujo produto poderão viver, como vivem, e comprámos-lhe um burro. Dirige esta comunidade o negro P.^e António Doble, a quem conhecestes em Verona e em Limone, e também há aqui frequentemente um par de Irmãs, que mando a esta colónia para que mudem de ares, por ser um lugar mais saudável (ainda que mais quente).

6675

Mas é de pasmar: estas catorze novas famílias não tiveram até agora nem sequer um rapaz... todas raparigas!! Em El-Obeid, fiquei espantado com a bela igreja, onde benzi os santos óleos Quinta-Feira Santa e celebri missa pontifical dia de Páscoa e que inaugurarei dentro em breve; é realmente bonita, toda coberta de pranchas de ferro galvanizado que mandei trazer da França (o zinco que mandei de Milão vale pouco). Só em água que tive que comprar para a construção (aqui não há pedras nem cal) gastaram-se 800 táleres. Com trinta e um metros e meio de comprimento é a maior da África Central e, por isso e pela sua beleza, constitui a admiração destes países. Os cristãos de El-Obeid contribuíram para a sua construção com 1900 táleres em dinheiro e com muito material, como madeira, etc. Nela trabalharam (para além de um bom mestre de obras

local) os jovens de ambos os sexos dos nossos estabelecimentos e o estupendo pedreiro Ângelo Composta, de Negrar, a quem viste em Verona. Igualmente P.^e Fraccaro contribuiu com o seu esforço, suando as estopinhas e também eu, que tive que pôr o dinheiro que faltava, bastantes milhares de táleres. Mas o maior mérito desta obra (os belos adornos, estuques, etc.), é do jovem napolitano P.^e Vicente Marzano, a quem eu ordenei sacerdote em Cartum em Abril de 1878, e que, além do mais, fez prodígios recolhendo donativos junto dos nossos cristãos, bons e maus, e até dos concubinos. Esta igreja é a maravilha do país. Por isso, não querendo ficar atrás de el-Obeid, a cidade de Cartum, o cônsul francês de lá propôs-me, numa carta recebida hoje, construir em Cartum uma igreja ainda maior; e, sem mais, aproveitando o entusiasmo do momento, disponho-me a dar ordens ao superior daquele estabelecimento, o americano P.^e Artur Bouchard, a quem conheceste em Verona, para que se ponham mãos à obra.

6676

Dentro de quinze dias partirei para Gebel Nuba para aí fundar a nova estação de Golfan, entre umas tribos que andam completamente nuas. Tenho muitas notícias consoladoras para te dar, mas não disponho de tempo. Aqui encontrei a minha superiora da África Central, a Ir. Teresa Grigolini, que é o tipo de Irmã que pretendo ter: um verdadeiro anjo pela actividade, bondade, desenvoltura e capacidade. Este é o verdadeiro modelo de filha da caridade. Depois de ter organizado bem o Vicariato, prepararei um relatório geral que alegrará os bons. Encontrei as coisas no Vicariato muito melhor do que os caluniadores tinham propalado no Egipto, em Roma, na França e em Verona. O próprio P.^e Roller (o primeiro a falar mal) ficou agradavelmente surpreendido em Cartum e agora diz que o não tinham informado bem e que encontra fundados motivos de esperança. E isto apesar de não ter visto senão um pouco de Cartum (está sempre no seu quarto). Empreendeu a viagem com a caravana dos missionários e das Irmãs para o Cordofão, mas, após dois dias de viagem, deu-lhe a febre e regressou a Cartum. E como julga que não tem saúde suficiente, seguindo o meu conselho, decidiu voltar ao Egipto e regressar à Europa (talvez me venha a servir bem para Sestri). Partirá de Cartum em meados de Maio próximo com Calisto Legnani, de Como, cujo irmão viste em Verona.

6677

Lerás na *Unità Cattolica* e nos *Anais do Bom Pastor* a carta de recomendação que me fez Rauf Paxá, um fanático muçulmano, o qual é governador-geral do Sudão, território que está também sob a minha jurisdição e que é cinco vezes maior que toda a Itália. Se tiver paciência, transcrevo-ta para tua satisfação. E para confusão deles, teriam que lê-la os reis e potentados da Europa que injustamente atacam e perseguem o Papa, os bispos e a religião. Que aprendam de um turco. É esta: passo-ta à pressa.

(Tradução do árabe)

6678

«A Sua Excelência Mohamed Said Paxá, governador-geral do Cordofão e encarregado dos assuntos de Darfur (antes império).

Como Sua Excelência D. Comboni, bispo de todas as igrejas católicas do Sudão, é pessoa merecedora de toda a veneração, respeito e honra e, dado que, a partir desta data partirá daqui em direcção ao Cordofão e a Gebel Nuba para visitar as igrejas aí existentes, receba-o à sua chegada aos territórios que o senhor governa como convém à sua dignidade, prestando-lhe as honras e actos de respeito estabelecidos e ofereça-lhe boas mostras da sua amizade no mais alto grau, como nós mesmos lhas tributamos em especial, porque se trata de um alto dignatário da sua religião, a qual devemos honrar, e porque é considerado no mundo uma personalidade sábia e estimada de todos. Faça, pois, de modo que ele fique satisfeito consigo.

6679

E quando quiser partir para os montes de Nuba, ponha todo o empenho em lhe facultar os meios necessários para lá chegar, bem como regressar, quando lhe aprouver, com toda a comodidade; e que em toda a parte e por todos seja recebido com honra, a fim de que, quando se reunir de novo connosco, possa manifestar-nos a sua plena satisfação.»

Cartum, 28 de Março de 1881

(L. S.) O governador-geral do Sudão
Rauf Paxá

Abençoo-te a ti, a Teresa e aos nossos parentes e amigos.

† Daniel bispo

Aqui os paxás, generais, faquis, etc. têm-me muito medo e sabem que tenho poderes para impedir o tráfico de escravos.

N.º 1060 (1015) - A P.º FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/25

Abril de 1881

Breve bilhete.

N.º 1061 (1016) - AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 20/25 n.º 2

Abril de 1881

Breve bilhete.

N.º 1062 (1017) - AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/119

N.º 18

Colónia agrícola de Malbes
1 de Maio de 1881

Meu caro padre,

6680

Estou aqui a mudar de ares, porque o calor extremo e sufocante de El-Obeid é tão pesado para a minha constituição física, que não consigo pregar olho nem comer. Sofre-se por Jesus e basta; mas não estou em condições de atender a todas as minhas tarefas.

Antes de tudo, devo dizer-lhe que os mais de mil francos que P.º Vicente Marzano mandou para Nápoles, a seu pai, foram ganhos por ele em parte e em parte pedidos a pessoas benfeitoras, pelo que não tenho nada a reprovar-lhe; antes, encontrei-o muito melhor que pensava: trabalhou tremendamente como pároco (sabe bem a língua) e tem quase todo o mérito da igreja nova, que é magnífica. Tudo isto me leva a retirar quanto disse dele numa carta de Cartum, por imperativo de consciência e para honrar a pura verdade. Do mesmo modo tive que aprovar o envio dos cem francos ao pai de Ângelo Composta, de Negrar, porque se fez com autorização deste superior e porque Ângelo Composta, ao que parece, mereceu tal atenção pelo seu assíduo e grande trabalho na igreja como pedreiro e por se tratar, creio, de um homem excelente.

6681

Também o superior daqui, P.º Fraccaro, trabalhou e trabalha muito, embora esteja quase sempre doente: estes dois missionários de El-Obeid esforçaram-se muito e P.º Fraccaro não meteu no bolso nem um cêntimo da missão; antes, gastou alguns milhares de francos do seu. Mas não soube dar-me contas da sua administração, nem mas pode dar, porque não escreveu. Imagine que nem sequer apontou os três mil e tal táleres que em Fevereiro e Março paguei em Cartum para El-Obeid, seguindo as suas ordens. Tão-pouco apontou os 209 guinéus ingleses (5225 francos ouro) que recebeu de Zucchini e que eu mandei pagar o ano passado no Cairo, etc., etc., etc. Que devo fazer? Estou quase há um mês em Cordofão e todos os dias tenho insistido com ele para que apresente contas, pelo menos aproximadamente. Ele responde que sim, mas até hoje ainda não vi nada, nem nunca as verei.

6682

Mas as contas que paguei em relação ao Cordofão tenho-as registadas eu de forma exacta e aqui encontrei outros dados. Portanto, resulta que nos três anos a respeito dos quais esse pateta e mentiroso P.º Losi escreveu a Sua Eminência que *eu não tinha mandado nem uma piastra*, gastei, ao contrário, só em dinheiro conta-

do, *mais de quatro mil napoleões de ouro*, sem contar as provisões de treze expedições. São tantas as injustiças e as pílulas amargas que tive de tragar dos santos loucos, que o facto de sobreviver é um milagre. Mas eu tenho um olhar diferente deles: trabalho unicamente pela glória de Deus e pelas pobres almas o melhor que posso e sigo o meu caminho sem me preocupar com mais nada, certo de que todas as cruces que tenha que carregar são pura vontade de Deus e, portanto, sempre me serão queridas.

6683

P.^e Bartolo escreve-me a suplicar que o deixe regressar, porque se não sente com forças nem saúde suficientes para estar no Sudão e roga-me que lhe dê cartas de recomendação ou um destino no Cairo ou na Europa. Verdadeiramente isto causa-me uma viva dor, porque na minha imaginação eu tinha concebido a ideia fixa de que, tendo a meu lado como conselheiro e confessor um rígido, injusto e encarniado censor como P.^e Bartolo, a minha alma tiraria grande proveito e fortalecer-se-ia a minha *paciência*, que é o mais necessário para formar um missionário de África. Contudo, no que a ele se refere como conselheiro, perco pouco, porque lhe falta em absoluto critério, não vê um palmo à frente do nariz, nem compreende nada; e ainda por cima é teimoso: não representa uma grande perda para o Vicariato. Como confessor, ao invés, perco muito pessoalmente, pelas coisas miúdas e oportunas que me sugeria e também pelo exercício de paciência (seja dito entre nós), porque o que para mim é branco, para ele é negro, e o que para mim é vermelho, para ele é amarelo.

6684

Embora agora tenha uma opinião muito diferente sobre a missão de Cartum e tenha dito que foi mal informado, todos notaram, até Francisco Pimazzoni e os dois alemães que nunca perde ocasião de falar mal de mim e estão convencidos de que me é hostil. Contudo, eu tenho-lhe afecto, porque é um pobre infeliz, que não serve para nada: nem para ser superior, nem para trabalhar como missionário, nem para representar a missão. Pelo que, tendo-me ele perguntado para onde é que deve ser destinado, consultei quase todos os missionários e, de comum acordo, chegou-se à conclusão que seria muito prejudicial destiná-lo ao Cairo, onde, sob a direcção dele (que está sempre no seu quarto ou a falar mal do Vicariato), os candidatos que de Verona vão para o Cairo correm perigo de perder a vocação, como aconteceu a alguns; e os dois alemães, P.^e José Ohrwalder e P.^e João Dichtl, declararam-me que estiveram várias vezes a ponto de abandonar a missão do Cairo devido às tristes notícias que P.^e Bartolo lhes dera do Vicariato, dos missionários, etc.

6685

Em contrapartida, ambos dizem que são aqui felizes, porque viram precisamente o contrário em Cartum e no Cordofão e encontraram missionários excelentes e cheios de abnegação. E sobretudo convenceram-se de que, sob a minha direcção, a missão católica é a primeira força moral da África Central (do que dou graças ao Senhor, mas não é por meu mérito, que não tenho nenhum, mas pela minha condição de bispo e de representante da Santa Sé) e de que, apesar das calúnias e das infernais arremetidas dos meus velhos inimigos, toda a África Central me estima e respeita, ainda que, como lhe disse, eu não tenha nenhum mérito, mas apenas a consciência de ter conseguido dignamente e o melhor que pude manter a minha delicada posição e representar a religião católica. Contudo o santo (??) P.^e Losi, que desde há cinco anos me não tem visto, sempre falou mal de mim às nossas Irmãs (elas disseram-mo) e aos comerciantes, até aos mais velhacos e gatunos (como foi o nosso procurador, eleito por Carcereri) que, por graça de Deus, se vai agora embora do Egipito. E P.^e Leão, de Nuba, que encontrei aqui, e que esteve connosco vinte dias, confessou ter-me achado a mim, o vigário apostólico, totalmente diferente de como me havia descrito P.^e Losi, o qual queria que o chefe da missão fosse P.^e Rolleri, como homem mais prudente e capaz. Além disso, disse-me P.^e Leão que não devemos valorizar e ter por certos os juízos de P.^e Losi sobre a Nuba, pois são falsos e contrários à verdade, etc., etc.

6686

Contudo, quanto a abnegação, P.^e Losi é excepcional. Não precisa de nada: nem de cama, nem de roupa, nem de comida. É um portento: por uma alma priva-se de tudo e diz que quer morrer na África. Embora realmente cometa erros enormes por falta de cabeça e de critério, como quando se empenhou em que se casassem um rapaz de fé cristã com uma jovem prostituta, os quais se deixaram dois dias depois e se fizeram mulgumanos; e isto aconteceu em 1875, depois de eu lhe ter proibido formalmente que se celebrasse aquele casamento, etc., etc., etc.

6687

É honesto e casto; mas, assegura-me a Ir. Teresinha (ela viu), que é capaz de estar uma hora com uma jovem de 20 anos completamente nua e mais alta do que ele, para negociar a compra de quatro ovos ou de uma galinha. Mas ele diz sempre que Deus faz verdadeiros milagres na assistência ao missionário no meio destes

africanos e africanas completamente nus... sem que nunca haja nem a sombra de um só mau pensamento; e isto é verdade, um artigo de fé constatado pelos missionários desde 1849 até hoje. Por outro lado, P.^e Losi disse que escreverá contra mim quer à Propaganda quer ao cardeal de Verona quantas vezes considerar que em consciência o deve fazer. Pois que o faça: eu perdoo-lhe de coração. E, entretanto, aproveito as suas boas qualidades para o bem da missão.

6688

Outra cruz sobreveio-me no outro dia. Apesar da ordem que tenho dado desde 1872 (como fizeram todos os vigários apostólicos) de não se publicar nada sem a revisão do chefe da missão, há cinco meses, P.^e Leão, instigado por P.^e Losi, mandou para a sua publicação um artigo sobre a escravatura e contra o Governo egípcio como cúmplice da mesma. (P.^e Losi repreendeu-me duas vezes por carta por eu, antes de vir para a África, não ter percorrido as cortes da Europa, suplicando ajuda e protecção para reprimir o tráfico de escravos na Nuba... agora que a Europa é tão favorável ao Catolicismo!!!)

6689

Esse artigo, aparecido em alemão na *Gazeta de Colónia*, chegou às mãos de *Blum Paxá*, ministro das Finanças do Cairo, e, ao mesmo tempo, o cônsul-geral britânico apresentou-se perante o quedive, dizendo-lhe: «Vê o que escrevem os missionários de D. Comboni sobre a África Central? É evidente que o Governo de V. A. não faz nada para reprimir o comércio de escravos.» O quedive e todos os ministros do Egipto ficaram desgostosos por causa disso e *Blum Paxá* mandou este artigo da *Gazeta de Colónia* para Cartum, ao governador-geral do Sudão, com ordem de que me fosse enviado a mim convidando-me a dar o meu juízo sobre a questão. (Nele se diz, entre outras coisas, que o governador do Cordofão admite negros e negras como pagamento de impostos, o que, desde há alguns anos, não é verdade. Naturalmente, receber dos contribuintes escravos roubados na Nuba, em vez de dinheiro, é manter a escravatura.)

6690

E o grande paxá enviou-me anteontem o artigo e eu devo responder. Certamente que, se o Governo nos concede uma grande protecção, como a que nos tem concedido, é porque não espera de nós ingratidão. E ingratidão é, sem dúvida, se nós, em vez de nos dirigirmos às autoridades para lhes denunciar as desordens da Nuba, as lançamos na praça pública da imprensa europeia, acusando exageradamente o tenebroso Governo. Espero que o senhor me tenha compreendido. Entretanto, reze pelo seu af.mo

† Daniel bispo

N.º 1063 (1018) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/120

N.º 19

El-Obeid, 4 de Maio de 1881

Meu caro padre,

6691

Tenho um grande cansaço, porque, apesar de todas as minhas doenças e cruces, sempre tenho que pensar, estar de pé, despachar os assuntos e solucionar os problemas. P.^e Giulianelli que, desde a minha saída do Cairo, para além do dinheiro que lhe deixei, recebeu cerca de vinte mil francos, crê merecer um monumento por me ter enviado três mil. Comprou 5532 *okes* de vinho (cerca de 6000 litros) no valor de 3371,30 francos ouro. E queria enviar-me logo para o Vicariato nada menos que 3100 litros por meio de um dos leigos, sem pensar que o que nós precisamos aqui é dinheiro. Mandei-lhe que, por santa obediência, me escrevesse a dizer-me por que razão comprou tanto vinho, suficiente para quatro anos, e quem é que o tinha mandado; e ele, *santamente*, não me respondeu nada. Aqui dizem que foi P.^e Bartolo quem lhe deu a ordem, mas P.^e Bartolo assegurou-me que ele não tinha mandado nada. Hoje vou mandar-lhe dizer que não compre mais vinho até que eu não tome disposições diferentes. E que não faça mais velas, porque gasta muito nelas: ele quer velas grossas e com pavio também grosso e, só pelo fabrico delas, aparece nas contas uma boa soma.

6692

Em Fevereiro comprou de novo 96 rolos de cera por 172,50 francos e são apenas um sacerdote, três leigos e quatro Irmãs doentes. Além disso, ordenei-lhe que lhe escrevesse a si, dando-lhe explicações sobre essa estúpida compra de vinho, uma vez que aqui quase nunca bebemos vinho, mas *merissa* (espécie de cerveja),

etc., e sobretudo não há dinheiro. Como não tenho tempo de escrever, mando-lhe a mesma carta de Giulianelli para outras pequenas notícias. É-me impossível mandar Irmãs para o Cairo. Aí, para superiora, basta Faustina. No meio da adversidade, Faustina é uma grande Irmã, uma verdadeira missionária, e vale por duas irmãs Campostrini: eu conheço-a a fundo. Em Verona, numa vida sossegada e diametralmente oposta à actividade que cada Irmã deve ter na missão, Faustina é uma incapaz: no campo do apostolado vale por duas Irmãs nossas.

6693

Portanto, confiemos em Deus. Incluo-lhe, pois, a carta de Giulianelli, o qual, apesar de tudo, me é caro, porque é muito piedoso e reza muito. Estou contente de o ter no Cairo; mas, se pudesse contar com outro superior para lá, destiná-lo-ia a ele para si de boa vontade, porque não sabe tratar nem com os cônsules nem com o Governo e riem-se dele nas suas costas, o que me desagrada. Mas vamos ao nosso assunto relacionado com a nova cruz das duas cartas que me escreveram as Peccati e que também aqui lhe junto, rogando-lhe que, se o considerar oportuno, as mostre a Sua Eminência para descobrir a mulher (creio que é uma Campostrini) que escreve com tão pouca delicadeza, taxando-me de ingrato, etc. Eu responderei às Peccati quando puder e a carta mandá-la-ei a si, porque, realmente, me aborrece que estejam sempre a lançar-me à cara o bem que fizeram à missão, a minha ingratidão (*sic*) e dizendo que se arrependem de ter feito o que fizeram.

6694

Este não é o sentir da senhora Luísa, mas o dessa freira má que não tem religião, caridade, nem respeito para com um bispo, uma vez que eu não mereço que me chamem ingrato e recusaria esmolos ainda que fossem de *cem mil francos*, se soubesse que haveriam de lançar continuamente à cara e me teriam de custar tantas amarguras, mortificações e penas. O senhor, em meu nome, convide essas senhoras a darem-lhe cópia do documento de Sembianti [*É um lapsus calami* por Squaranti] das 10 000 liras, que elas sustentam que lhes competem, quando na realidade as deram em troca de missas. Eu, da minha parte, escrever-lhes-ei a dizer-lhes que aprovo totalmente a conduta do senhor, em se limitar então a antecipar-lhes em quinze dias a soma trimestral, e em me escrever a mim perguntando-me se se lhes devia ou não dar dinheiro. Mas como querem essas palradoras (ou melhor a freira, a quem chamarei *mestra*, em vez de freira) que uma instituição que vive de esmolos, como a nossa, possa, assim, de repente, dispor de quinhentos ou até mil francos, sem dar um tempo conveniente, etc., etc?! Além disso, pode algo ser seu, uma vez que o deram? E como vai competir-lhes a elas o que deram (e que foi gasto) para missas a serem celebradas depois da sua morte? Elas dizem ter dado tudo à missão; então por que vêm agora reclamá-lo?... Eu creio que desta vez não são curas os diabinhos que baralham as mentes dessas duas boas mulheres, mas as freiras Campostrini. Haveria que esclarecer o assunto, para eliminar todas as causas de novos desgostos. E o homem mais capaz para nos ajudar nisso seria o nosso caro mons. Bacilieri.

6695

Confesso-lhe de veras que ainda que sentindo a mais viva gratidão para com as Peccati, começo, como lhe disse não há muito, a esfriar-me muito a respeito delas, porque, depois de me terem pedido perdão por me terem intimado perante os tribunais, fazendo-me gastar muitas centenas de francos com o advogado Segala e, depois de dirigirem a este uma carta em que me arrastavam pelo lodo com calúnias e injúrias, etc., que venham agora taxar-me de ingrato e dizer que se arrependem, etc., etc., é algo que me magoa. Não é este o modo de praticar caridade. Não mostram (ou seja, a freira que escreve) nem fé em Deus, nem respeito a um bispo, nem amor ao próximo, nem virtude. A autora dessa carta é uma mulher sem religião, fé, caridade. Basta. Se puder, trate de lhes dar quinhentos francos e diga-lhes que mais tarde fará todo o possível por lhes dar outros quinhentos. Penso que com isto será suficiente.

6696

Quanto ao resto, segundo as circunstâncias, arranje-se como melhor puder. Com o próximo correio mandar-lhe-ei aberta a carta que lhes vou escrever.

Aqui, as Irmãs, e especialmente a Ir. Teresa e a Ir. Vitória, rogam-me que faça vir Virgínia para o Vicariato. Considerado tudo, aprovo a sua petição, porque aqui sente-se muita necessidade de Virgínia e a solução mais simples, objectiva e justa, e mais cómoda para mim e para si, é mandá-la para o Vicariato. A Ir. Teresa (que é o modelo mais perfeito da Irmã da África Central) assume toda a responsabilidade no que a ela se refere. Peça, pois a Sua.....

[*Falta uma folha – duas páginas*]

.....e estas que estão no campo de trabalho e que sabem sofrer muito por Cristo, são a minha força, depois do Coração de Jesus. Todos nós temos uma ilimitada confiança em que o senhor nos preparará bons operários apostólicos; e tenha por certo, meu caro padre, que Deus o assistirá, como estou certo que Deus assiste a minha insignificante pessoa, ainda que misérrima.

6697

A pequena colónia de Malbes é um estabelecimento de trinta e sete almas católicas que vivem como verdadeiros cristãos, que participam todas as manhãs na missa e que à noite rezam em comum o terço e as orações, sob a excelente direcção de P.^e António. Converter-se-á numa aldeia e depois numa grande povoação, etc., etc., de católicos; e será um exemplo para os outros, já que, por se encontrarem no meio de um território todo muçulmano e idólatra, constituirão uma luz no meio das trevas. Eu partirei na semana que vem para Nuba, de onde raramente poderei escrever e não voltarei antes de ter decidido estabelecer e pôr em andamento a estação central de Golfan.

6698

Há dez dias que comecei a escrever uma carta a Sua Eminência e ainda não pude continuá-la. Mas vou escrevê-la.

Estas Irmãs estão contentes, algumas por terem recebido cartas suas. Escreva-lhes com frequência. E encontre coragem no meio dos espinhos em que se encontra: Jesus foi coroado de espinhos e depois ressuscitou. Apresente os meus respeitos ao em.mo, ao P.^e Vignola, a P.^e Luciano, a mons. Bac. e a Casella, e reze sempre por

Seu indig.mo † Daniel bispo

N.º 1064 (1019) - A UM PAXÁ
AFM: Arch. Freschi Ing. Giovanni, Piazza Libia, 22 – Milano

El-Obeid, 5 de Maio de 1881

Meu caro paxá,

6699

Recebi em Malbes, onde estive por motivos de saúde, a sua estimada carta com o artigo do «*Kölnische Zeitung*» *Sklavenjadg und Sklavenhandel in ägyptischen Sudan*, no qual *com grande surpresa minha* encontrei o nome de um missionário meu de Nuba, P.^e Leão Henriot. Digo «*com grande surpresa*», porque desde o ano de 1873 que dei ordem aos meus missionários da África Central para não mandarem relatórios ou artigos sobre as nossas missões para a sua publicação na imprensa e que cada artigo e informação relativo às missões deve chegar somente a mim ou ao meu vigário. E as minhas ordens a este respeito tinham sido perfeitamente observadas.

6700

Li e reli o artigo em questão e falei com o seu autor, P.^e Leão, que estava aqui comigo também por razões de saúde. E tendo-me inteirado da verdade a respeito deste assunto, apresso-me a dá-la a conhecer a si confidencialmente.

P.^e Leão escreveu uma carta o ano passado a P.^e Luís, o superior de Cartum, sobre a escravatura na Nuba e P.^e João Losi, o superior de Nuba, escreveu-me para a Europa falando do mesmo.

6701

P.^e Luís, com a carta de P.^e Leão, foi visitar o *hokomdar* e falou com ele e com Marcopulos do problema. Depois, escreveu-me para a Europa exprimindo-me a sua satisfação e alegria porque Sua Excelência tinha prometido mandar ordens ao mudar do Cordofão para que pusesse cobro aos desmandos em Gebel Nuba.

Com isto fiquei muito satisfeito e nunca falei do assunto a P.^e Losi, nem a partir do Cairo nem de Cartum, tanto mais que fiquei a saber que as ordens do *hokomdar* tinham sido cumpridas.

6702

Mas P.^e Leão, que, além de escrever a P.^e Luís, tinha redigido o artigo em questão, escreveu outra carta, esta ao cônsul Hansal, rogando-lhe que se pusesse em contacto com o Governo, a fim de acabarem com a escravatura em Nuba. O sr. Hansal respondeu a P.^e Leão que com muito gosto lhe faria esse favor e pediu-lhe que lhe escrevesse a ele para Cartum e o mantivesse informado da situação de escravatura em Gebel Nuba. Prometeu-lhe, além disso, pôr-se em contacto com o dr. Schweinfurth (o qual se encarregou da publicação do mencionado artigo no *Kölnische Zeitung*, etc., etc.) no Cairo, para que este falasse com o cônsul-geral de Inglaterra, que, por sua vez, falaria com o quèdivè.

6703

Entretanto, muito satisfeito pela resposta do sr. Hansal, P.^e Leão escreveu ainda outra carta sobre o tráfico de escravos em Nuba, com a promessa de ulteriores informações sobre tão horrível comércio. Esta carta foi remetida de Nuba em finais de Fevereiro e penso que deveria ter chegado já às mãos do dr. Schweinfurth e talvez também seja publicada no *Kölnische Zeitung*, com o comentário do dr. Traveler, como apareceu na mesma revista o artigo anterior.

Repreendi P.^e Leão pela sua desobediência às minhas disposições de 1873. Ele não estava ao corrente das mesmas, porque veio para a missão em 1879; mas, como é obediente e bom, pedi-me perdão e prometeu comunicar-me só a mim todas as notícias sobre Gebel Nuba.

6704

Portanto, meu caro paxá, agora estará o senhor convencido de que os membros da missão católica não conhecem o que publica o *Kölnische Zeitung* e de que P.^e Leão não estava em contacto com o Cairo, mas com as autoridades locais, por meio do cônsul austríaco, com o fim de que ele procurasse a ajuda do Governo do Sudão para atender aos problemas de Gebel Nuba.

E estará o senhor igualmente persuadido de que o comerciante de Cartum a quem P.^e Leão tinha escrito de Delen era o cônsul Hansal e que a carta procedente do coração dos montes de Nuba foi enviada pelo dito cônsul austríaco ao dr. Schweinfurth, para o Cairo, o qual escreveu ao cônsul-geral inglês no Egipto e publicou o artigo no *Kölnische Zeitung*, etc., etc. (Tradução do alemão: *assim hoje, depois de uma viagem de meses, chegou ao Cairo uma carta do coração dos montes Nuba, onde se encontra o missionário P.^e Leão Henriot, que tinha escrito a um comerciante de Cartum, etc., etc.*)

6705

Na próxima semana irei a Gebel Nuba visitar aquela estação e aquelas montanhas. Depois de examinar tudo, mandar-lhe-ei uma pormenorizada informação sobre o tráfico de escravos. Espero poder assegurar-lhe que se levou a efeito a supressão da escravatura em Nuba, segundo as ordens enérgicas e precisas de Sua Excelência Rauf Paxá. O senhor poderá passar a minha informação a S. E. Blum Paxá no Cairo, a fim de que seja publicada pelo *Kölnische Zeitung*, para impugnar e pôr termo às afirmações do dr. Schweinfurth.

O manifestado por P.^e Leão é verdade. Mas também é certo que o *hokomdar*, com as ordens dadas ao mudir do Cordofão, procurou solução para esta desordem em Gebel Nuba.

6706

Tenho toda a confiança no Governo do quèdive e na firmeza do nosso estimadíssimo governador-geral do Sudão, Rauf Paxá. Por isso mandarei sempre as minhas informações e observações sobre o problema da escravatura ao Governo e ao *hokomdar*. Isto é para mim um dever de justiça, de gratidão e de reconhecimento.

Estou profundamente convencido e persuadido de que o Governo do quèdive tem a boa vontade e todo o poder para destruir, com a ajuda de Deus, o infame tráfico de escravos e dar assim um grande incentivo à civilização da África Central.

Rogo de sua gentileza que apresente os meus respeitos a S. E. Blum Paxá no Cairo e a Rauf Paxá em Cartum.

Seu af.mo amigo † Daniel Comboni
Bispo e vig. ap. da África Central

Original inglês
Tradução do italiano

N.º 1065 (1020) - RELATÓRIO SOBRE BRANCA LEMUNA
«*Annali del B. Pastore*» 25 (1881), pp. 36-47

El-Obeid, 8 de Maio de 1881

Festa do Patrocínio de S. José

6707

Nesta venerada solenidade do Patrocínio do nosso venerando patriarca S. José, compraz-me dar a conhecer uma graciosa florinha, toda perfumada de esquisita fragrância, informando brevemente os nossos benfeitores da Europa sobre uma jovem convertida há tempos do paganismo à nossa santa fé. Essa jovem é Branca Lemuna, sem dúvida a mais bela flor do nosso jardim da nascente Igreja da África Central.

Desde há quatro anos temos na missão católica de El-Obeid, capital do Cordofão, uma moça de uns quinze anos, de cor branco-rosada, ainda que filha de pais negros, sobre a qual creio interessante dizer umas palavras, tanto pelo fenómeno extraordinário e a anomalia que a sua cor constitui como pelas suas qualidades morais, de entre as quais sobressaem uma piedade singular, uma integridade e pureza de costumes verdadeiramente admiráveis e um especial fervor pela nossa santa religião, comparável à dos primitivos cristãos dos tempos apostólicos.

6708

Lemuna é o nome original desta jovem.

Mas, como nós costumamos dar aos nossos convertidos um nome cristão, deixando o nome primitivo como apelido e dado que se lhe pôs o nome de *Branca*, quando, em Junho de 1879, o rev.do P.^e Baptista Fracaro, superior das missões católicas do Cordofão, lhe administrou o santo baptismo, ela chama-se agora *Branca Lemuna*.

6709

Nasceu no país dos *Nambia*, situado, ao que parece, nas regiões ocidentais do Alto Nilo, entre as tribos antropófagas dos *Nyam-Nyam*, muito perto do território dos *Banda* e a algumas semanas de viagem a pé de Dar-Fertit. O país dos *Nambia* é desconhecido para a ciência geográfica; mas por estes dados e por outros que mencionarei mais abaixo, penso ser possível localizar esta região entre os 4^o e 6^o de latitude norte. Em 1858, ou seja, há vinte e três anos, encontrando-me eu na tribo dos *Kich*, entre os 6^o e 7^o graus de lat. norte, nas margens ocidentais do Nilo Branco, ouvi falar a muitos de um país chamado *Dor*, situado no interior, para ocidente e rodeado por todos os lados de tribos totalmente negras como o ébano, que era habitado por gente branca e avermelhada, notícia que depois me confirmou o comerciante e viajante Ângelo Castelbolognese, judeu de Ferrara, que, na viagem que fiz com ele em 1859 de Cartum a Dôngola, atravessando o deserto de *Bayuda*, me disse que tinha visitado o país dos *Dor* junto com Júlio Poncet, personalidade conhecida no campo da geografia africana e a quem tive ocasião de ver em Cartum e no Nilo Branco. Espero que nas nossas futuras explorações consigamos esclarecer estes mistérios.

6710

Branca Lemuna é uma jovem de baixa estatura, ágil, mas bem constituída e de compleição forte, incansável no trabalho e com uma voz mais de homem que de mulher. O seu semblante, bem pouco atractivo, tem os traços da raça negra. Mas a cor de todo o seu corpo é muito mais branca que o das mulheres italianas, francesas, alemãs ou inglesas e até mais branca que o das circassianas e o seu cabelo é louro mas com aspecto lanoso, como o da raça etíope. A sua pele, tanto a da cara como a do resto do corpo, é duríssima, a tal ponto que um dia, ao tirar-lhe sangue, partiu-se a lanceta. Com uns olhos que puxam mais para o claro que para o azul, ela de dia vê pouco, embora faça bem as suas tarefas. Mas de noite a sua vista é extraordinária e, sem candeeiro ou velas, em absoluta obscuridade, abre a despensa, onde procura e encontra o que quer; lava pratos, panelas, colheres, copos e coloca tudo no seu lugar; varre, limpa, enfim, trabalha e realiza muito bem, diríamos às escuras, as suas tarefas na despensa, no refeitório e na cozinha.

6711

O seu pai, de nome Ninguina, é completamente negro, tal como a mãe, que se chama Gentidi; e das duas irmãs que diz ter, uma é muito negra e a outra de cor avermelhada, semelhante à dos abissínios. Ninguina, o pai, é um dos mais ferozes e duros *jilabas*, ou negreiros, que enriqueceu com o sangue dos pobres escravos, roubando-os das suas terras e vendendo-os a outros *jilabas*. Enquanto ele estava ocupado a caçar escravos num país algo distante do seu, a nossa Branca foi raptada junto com uma escrava sua por outro bando de traficantes de carne humana. Depois de uma fadigosa viagem de muitos meses através de selvas intermináveis, povoadas de leões e de outros animais ferozes, ela chegou, viajando em parte a pé, em parte montada em búfalos, aos confins da mudirié de Shakka, não longe de Bahr-el-Ghazal, onde soldados do Governo egípcio do Sudão a capturaram juntamente com o grupo de escravos de que fazia parte; levaram-na para Darfur. Aí foi oferecida como uma interessante prenda a S. E. Gordon Paxá, governador-geral do Sudão, que, passando por El-Obeid, teve a nobre ideia de a dar à nossa missão do Cordofão, para que se tornasse cristã e fosse assegurado o seu futuro.

6712

A sua língua materna é o *itimirizandi* e, pelas diversas palavras que com a ajuda dela pude extrair dessa língua, parece de origem semítica e monossilábica, como a *dinca* e a *bari*, idiomas que são falados por muitas tribos situadas entre os 3^o e os 12^o de lat. norte. Branca entende também a língua dinca, mas não a fala, como eu mesmo pude várias vezes constatar. O *itimirizandi*, esse idioma, sim, fala-o bem e isso vê-se nas frequentes conversações que mantém com a antiga sua escrava com a qual foi raptada, a quem ela queria ganhar para o Catolicismo e que agora está ao serviço de um católico nosso de Alepo, residente em El-Obeid, o sr. Ibrahim Debbane.

6713

Branca afirma que o seu país, o dos *Nambia*, tem uma abundante e surpreendente vegetação, que nele há bons rios, belas montanhas, vastos campos e floridos hortos onde crescem os limoeiros, a vinha, as bananas, os tomateiros, as beringelas, o trigo, o sésamo, o milho, o feijão-verde, as batatas; e diz que para arranjar água mesmo longe dos rios basta colocar sob um montículo ou uma rocha as *bormas* (recipiente de barro cozido, com capacidade para 7 ou 8 litros) e enchem-se logo. Diz também que lá se conhece o maior dos rios, que se chama Branco e que ela viu não de muito longe; e conta que no seu país se viaja em *yamus* (búfalos) e que lá há bois, carneiros, ovelhas, cabras, búfalos, zebras, girafas, avestruzes e aves de toda a espécie, dimensões e cores, enquanto não existem em absoluto nem burros, nem mulas, nem cavalos, nem camelos, nem dromedários; e que, além disso, há abundância de elefantes, leões, hienas, leopardos e serpentes de toda a espécie e tamanho.

Afirma sobretudo que muitos do seu país exercem, como seu pai, o vergonhoso ofício de *jilabas* ou traficantes de escravos: nas tribos caça-se e rapta-se reciprocamente, vivendo-se sempre num ambiente de medo e temor.

6714

Deixando de lado outras notícias interessantes obtidas dela sobre a língua *itinirizandi* (da qual tirei os números e muitas palavras) e os costumes dos *Nambia*, encerro este relatório referindo-me brevemente às sublimes qualidades que adornam a alma e o coração desta afortunada criatura.

Apenas entrada na nossa missão, Branca foi instruída nos princípios da nossa santa religião por uma jovem Irmã oriental, de nome *Virgínia Mansur*, originária da província de Damasco, na Síria; depois teve como mestra a jovem negra Fortunata Quascé, de Gebel Nuba, que agora é noviça no instituto das nossas Irmãs e que continua a sua formação. Desde o dia em que Branca conheceu a nossa santa fé converteu-se numa fervorosa católica. Embora não dê sinais de possuir grande talento e perspicácia e custou-lhe muito aprender o catecismo em árabe (que não é a sua língua), percebeu bem as normas e os princípios da nossa santa fé e gravou-os profundamente no coração. É de uma piedade singular e muito da oração; reza nas horas estabelecidas pelo regulamento, participa com particular devoção na santa missa e abeira-se da comunhão com sumo respeito e fervor; nesses dias está sempre alegre e serena.

6715

Reza antes do trabalho, reza enquanto trabalha e reza com frequência ao longo do dia; e o Sacratíssimo Coração de Jesus, a Santíssima Virgem Imaculada e S. José são seus tesouros, que ela venera com particular devoção e amor e que tem sempre nos lábios. Fidelíssima às obrigações e às práticas religiosas, observa rigorosamente todos os jejuns prescritos pela santa Igreja e as vigílias da Virgem; e observa-os de modo que durante as vinte e quatro horas do dia não só não prova nenhuma espécie de alimentos, nem sequer a mínima quantidade, abstando-se até, às vezes, de tomar o menor sorvo de água. Muito parca e frugal no comer, jamais aceitou para seu sustento outra coisa que não fosse a comida ordinária das nossas negras, isto é, a massa de *dokkon*, espécie de milho, ou outra coisa semelhante. E amiúde priva-se até deste alimento para o dar aos pobres ou a outra negra mais sofredora e carenciada; e tudo isto por espírito de mortificação e caridade.

6716

Sumamente tenaz no cumprimento dos seus deveres, nunca está ociosa, nem se entretém com jogos pueris com as outras raparigas, embora apenas tenha quinze anos; antes, com assídua diligência atende a todas as tarefas que lhe são impostas.

A ela, como a pessoa em quem mais se confia no instituto, entregou-se a chave da despensa, da cozinha e do refeitório; ela guarda zelosamente quanto se lhe entrega de provisões e comestíveis e nunca se permite dar a ninguém ou repartir a mínima coisa sem ordem e consentimento de que ocupa o posto de superiora. Nem tão-pouco ela mesma se permitiu nunca tomar para si, ou nem sequer provar, a menor porção de comestíveis da despensa de que as Irmãs a encarregaram.

6717

Fortunata Quascé, sua mestra, convidou-a repetidamente a comer o pão branco das Irmãs, que é de trigo, ainda que muito inferior ao nosso pão da Europa, mas Branca negou-se sempre, dizendo: «É verdade que agora sou livre, porque tive a sorte de me tornar cristã; mas não é conveniente que eu coma o pão das Irmãs, que nasceram livres e foram sempre cristãs. Para mim é mais apropriado comer o pão dos negros e eu sinto-me feliz e afortunada por poder ser sempre servidora das Irmãs.» Branca está contente com tudo e vive em completa paz com as companheiras, a quem nunca ofende ou molesta minimamente. Quando, às vezes, sofre algum contratempo, ou as companheiras ou ajudantes partem algum objecto, etc., ela altera-se e repreende e a sua irritação lembra a de uma fera. Mas rapidamente a religião a acalma; o pensamento de Deus, da Santíssima Virgem e da fé faz com que num instante fique mansa e paciente como um cordeiro e continua calmamente o seu trabalho.

6718

Contudo, a virtude que nela mais brilha é a pureza do seu viver e a candura da sua angelical castidade. Embora na casa paterna e sobretudo nas viagens e no tempo da sua escravatura sob bárbaros amos ela tenha visto e ouvido de tudo..., Branca é uma flor resplandecente de pureza, um anjo de costumes imaculados. No meio das suas ocupações é zelosa guardiã de si mesma, mostrando-se escrupulosa ao evitar tudo o que possa ofender a sua virtude. Com o contínuo receio de ofender o Senhor, escandaliza-se da mais pequena coisa e sabe evitar toda a conversação e trato com quem não é do seu sexo; assim, quando algum negro, por qualquer motivo de trabalho ou serviço, passa pelo pátio das Irmãs, ela retira-se para a cozinha ou para o refeitório e mantém uma atitude séria e digna.

6719

Gordon Paxá, tendo recebido das províncias do equador um jovem branco da raça dela, decidiu levá-lo ao Cordofão, com intenção de o propor para marido de Branca. Como vinha acompanhado de oficiais e soldados do Governo, teve que se permitir que o jovem lhe fosse apresentado. Mas, apenas o viu, Branca correu a refugiar-se nos quartos das Irmãs. Foi-lhe várias vezes proposto que se casasse com ele, mas tudo foi inútil: não quis tornar a vê-lo nem ouvir falar dele nunca mais. O nosso P.^e João Losi, que tem por norma arrumar com o casamento as nossas jovens convertidas, propôs repetidas vezes a Branca que se casasse com um jovem branco que ele tinha encontrado em Shinjokae ao voltar de Nuba e assegurou-lhe que se o aceitasse iria ficar contente por o ter feito. Mas não houve maneira: ela declarou que nunca pensaria num esposo terreno, mas que sempre viveria como as Irmãs e que seria toda a vida servidora delas, que tinham renunciado para sempre ao matrimónio terreno. Branca Lemuna escolheu Jesus como esposo; só em Jesus encontrou o seu bem, a sua paz, as suas delícias, a sua vida.

6720

Ela é a mais fervorosa e exemplar criatura que temos nesta missão católica do Cordofão e talvez a flor mais esplêndida e fragrante que esta nascente vinha do Senhor de Sabaoth produziu entre os povos da África Central.

Que Deus no-la conserve muitos anos para edificação de todos nós e para incremento da nossa fé nestas remotas regiões, onde a maior parte destes povos infelizes gemem ainda sob o império de Satanás, envolvidos desde há tantos séculos nas trevas e nas sombras da morte.

† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário Apost. da África Central

N.º 1066 (1021) - AO DIRECTOR
DO «MUSEO DELLE MISSIONI CATTOLICHE»
«*Museo delle Missioni Cattoliche*», pp. 386-387

El-Obeid, capital do Cordofão
11 de Maio de 1881

Meu bom e caro amigo P.^e José,

6721

Estou muito contente de ver que o *Museo delle Missioni Cattoliche* melhorou muito e tem abundantes e interessantes informações de todas as missões da Terra, pelo que, de agora em diante, sentir-me-ei honrado em enviar importantes notícias da África Central.

Alegro-me também de saber que a sede central do *Museo* e da correspondência está na nossa igreja das missões apostólicas, na Ss.ma Trindade, e sob os auspícios imediatos do meu caro amigo. Certamente tenho muito que agradecer a V. S. pelo facto de se ter feito com que assuma a herança do estimado cônego Ortalda o arcebispo de Turim, repleto de zelo, e quantos deram novo impulso e novo alento ao *Museo delle Missioni Cattoliche*.

6722

Aqui há carestia de água. Há dias em que gasto de cinquenta a sessenta francos só a comprar água lodosa e salobre para beber e fazer a comida.

Vou mandar-lhe um pequeno relatório, assim como uma nota retratando Branca Lemuna, jovem com a pele de todo o corpo mais branca que a mulher circassiana, com a cara muito rosada, com o cabelo completamente louro, e nascida de pais negros. Hoje mandei essa nota ao *Osservatore Romano*.

6723

Escrever-lhe-ei amiúde para o *Museo*. Se abrisse nele uma colecta para os soffredores de sede do Cordofão, seria uma coisa boa; mas julgo necessária alguma informação especial referente ao caso.

Como o *Museo* mostra a vida do P.^e Leão d'Avancher, dir-lhe-ei que há dias me chegou uma carta dele em francês. Mando-lhe esta carta tal como a recebi, com o respectivo *envelope*, começada há anos e terminada pelo P.^e Leão antes de morrer; escreveu-ma com o seu próprio punho. Envio-lha para que, se o considerar oportuno, a publique no *Museo*; e, uma vez publicada, poderá mandar o original ao P.^e Sembianti, reitor do meu Instituto Africano de Verona.

Mil respeitosas saudações ao arcebispo, a todo o capítulo, ao teólogo Arpino, ao pároco de S. Salvario, aos membros do Círculo da Juventude Católica de Turim, ao seu venerável pai, etc., etc. Está para partir o correio. *Vale*.

Seu Af.mo amigo † Daniel Comboni
Bispo e vig. ap. da África Central

N.º 1067 (1022) - AO CÓN. CRISTÓVÃO MILONE
*Cristoforo Milone, «D. D. Comboni-L'abate Girolamo Milone»
Napoli (1833), pp. 35-36*

El-Obeid, 12 de Maio de 1881

Meu caro amigo,

6724

Duas linhas confidenciais e entre nós.

Se eu pudesse e tivesse tempo, escrever-lhe-ia com mais frequência, até todas as semanas para o seu folheto; mas não posso: além dos graves negócios do Vicariato, tenho que me ocupar de recolher mais de quinhentos francos ao dia para sustentar os meus estabelecimentos, o que me obriga a escrever como correspondente de outras quinze publicações: alemãs, francesas, inglesas, americanas, que me mandam um bom dinheiro. Além disso, estou em contacto com quase todos os jornais católicos da Itália, especialmente com *L'Osservatore Romano*, *L'Unità Cattolica*, *L'Osservatore Cattolico*, etc. (aos quais raramente escrevo), à parte os meu *Anais do B. Pastor*, de publicação trimestral.

6725

Eu a si escreverei sempre cartas; mas, quando encontrar nas publicações católicas alguma colaboração minha, pode publicá-la como dirigida a si, porque tal é minha intenção e meu gosto. Pode dizer: «Tivemos o prazer de receber de D. Comboni a seguinte carta, datada no Cordofão», etc. Dentro de uns dias enviar-lhe-ei a descrição da maior igreja da África Central, dedicada a Nossa Senhora do Sagrado Coração, Rainha da Nigéria; e o senhor deve ser o primeiro a publicá-la, porque o maior mérito desta maravilha da África Central cabe a um napolitano pertencente desde jovem a esse clero (que boa instituição a dos arcebispos de Nápoles para suscitar vocações sobretudo sacerdotais), ao qual eu ordenei na África: P.^e Vicente (Marzano). O senhor terá visto também colaborações minhas no *Museo delle Missioni* de Turim e nas *Missioni Cattoliche* de Milão e Lião: pois bem, prepare-as para as suas publicações como dirigidas a si e à *Libertà Cattolica*, porque tal é minha intenção. Meu caro, devendo eu ocupar os meus missionários no ministério, estou sozinho, sem secretário e sem vigário-geral, e para sustentar a missão devo escrever todos os dias em diversas línguas.

6726

Foi-me dada uma esplêndida carta de recomendação pelo vice-rei ou governador-geral do Sudão (que manda num território cinco vezes maior que a Itália), muçulmano, na qual diz que Comboni *é um alto dignitário na sua religião católica, à qual devemos honrar*, etc. Uma alta autoridade turca a afirmar que se deve honrar a nossa religião!! E entretanto, os nossos maçons e liberais italianos a perseguirem essa fé... Aí tem um tema para elaborar, como fez tão bem com o da vinda de brancos e noutras ocasiões. Que fazem esses de duradouro em comparação com a minha última Irmã italiana que tanto trabalha na África Central e entre os Nuba, a quem ela veste pela primeira vez? Lá conservam toda a moda de Adão antes da queda. Portanto, dê informação dessa carta de Rauf Paxá.

† Daniel Comboni

N.º 1068 (1023) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 9, ff. 121-123

N.º 7

Cordofão, 17 de Maio de 181

Em.mo e Rev.mo Príncipe,

6727

Mando-lhe a descrição da nova *Igreja de Nossa Senhora do Sagrado Coração* construída em El-Obeid, capital do Cordofão e que, sem dúvida é o maior e mais majestoso templo, consagrado ao verdadeiro Deus, de toda a África interior. Esta descrição é feita por aquele que, sendo um dos meus bravos e laboriosos missionários, foi o arquitecto dela e o director principal, isto é, P.^e Vicente Marzano; eu tenho toda a confiança em que Nossa Senhora do Sagrado Coração, Rainha da Nigricia e dona do Coração de Jesus, vai converter estas gentes, que até agora têm estado envolvidas nas trevas da morte.

6728

Este sagrado templo é objecto de espanto e maravilha para estes indígenas; e eu fiquei contente de Quinta-Feira Santa realizar aí as funções e consagrar os santos óleos, como também de celebrar lá o pontifical no dia da ressurreição de Jesus Cristo.

Quando regressar de Gebel Nuba, administrarei solenemente o santo baptismo a um bom número de catecúmenos, que, de há muito, vêm sendo instruídos nos princípios da nossa santa religião. No mês de Maio estamos lá a realizar celebrações com orações especiais e ladainhas cantadas por muitas vozes ao som do órgão; faz lembrar os templos de Roma, onde se pratica este santo exercício.

Entretanto, prostrado, beijo-lhe a sagrada púrpura e apresento a mais profunda veneração

De V. Em.^a Rev.ma hum.mo, dev., resp. filho
† Daniel Comboni bispo e vig. ap.

N.º 1069 (1024) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 9, ff. 131-132

J. M. J. N.º 6

El-Obeid, 17 de Maio de 1881

Em.º e Rev.mo Príncipe,

6729

A minha aparição no Cordofão encheu de terror – por disposição de Deus – a alma dos traficantes de carne humana, porque julgam que eu estou munido de poderes extraordinários do quédive (e em parte é verdade) para acabar com o tráfico, o que para eles significa perder a sua principal fonte de receitas e de riqueza. Aqui há milionários (entre eles Tefaala, o que raptou Daniel Sorur, aluno da Propaganda) que chegaram a sê-lo devido ao rapto de pessoas para as venderem como escravas. E há um (a quem os dois alunos, Artur e Daniel, conhecem) que, pelos seus méritos de negreiro, há sete anos que foi eleito paxá, porque colaborou com o Governo na conquista do Darfur. Este homem, chamado *Elias Paxá*, que conta com mil escravos ao seu serviço, tem 42 filhos e filhas (sem contar as suas mulheres), a cada um dos quais pode dar em dote de casamento 2000 *bolsas*, ou seja, 10 000 guinéus egípcios, equivalentes a 260 000 francos ouro; e isto, digo, a cada um dos 42 filhos e filhas, o que faz um total de 10 920 000 francos, quer dizer, quase onze milhões. Já não é negreiro, nem tão-pouco o amo do aluno Daniel Sorur, e deu em minha honra jantares de vinte e cinco, trinta e até trinta e cinco pratos.

6730

Mas o actual quédive faz grandes sacrifícios para a abolição do comércio de escravos, assunto que toma a sério. E nisto tem não pequeno mérito a missão.

À minha chegada ao Cordofão, tendo eu ouvido que Gebel Nuba estava infestada de bagara (árabes nómades ladrões e assassinos), que a certa distância da nossa missão roubavam meninos e meninas e também objectos, a pedido do grande chefe e dos missionários de Nuba solicitei ao grande paxá uma pequena força militar para que percorra os arredores dos montes de Nuba e nos livre dos ladrões, que nos roubaram também a nós bastantes coisas. Rauf Paxá mandou logo cem homens e escreveu-me a dizer que, se for preciso, lhe peça mil ou mais, que estão à minha disposição.

6731

Ontem, enquanto me preparava para ir para Gebel Nuba, eu mesmo com dois missionários e duas Irmãs (aos outros mandei-os com antecedência e já chegaram há quinze dias), recebi de Rauf Paxá a seguinte carta, que traduzida à letra para italiano transcrevo a Vossa Eminência:

«A sua excelência D. Comboni, bispo e vig. apostólico do Sudão.

Cartum, 10 de Maio de 1881.

Monsenhor,

6732

Inteirei-me com grande prazer da sua feliz chegada ao Cordofão e, ao mesmo tempo, do excelente efeito da sua presença na dita província. Dizia-me que o país sofria grande seca; eu não tenho a mínima dúvida de que foi devido às suas orações (*sic*) que o céu derramou a chuva. Queira Deus que, agora que parte para Gebel Nuba, a sua presença aí produza também felizes resultados e que, por seu lado, estas populações agradecidas vos acompanhem com as suas bênçãos.

Talvez o senhor tenha chegado a Gebel Nuba. Rogo-lhe, monsenhor, que tenha por bem examinar o país e a sua administração, a fim de que nós possamos tomar as medidas necessárias para conseguir o bem-estar e a prosperidade daquelas gentes.

6733

A questão da *escravatura* deve constituir o objecto principal de um estudo profundo. Encontrando-se no terreno, o senhor está em condições de descobrir e conhecer bem os erros que aí se possam cometer e de propor o remédio eficaz que se deva aplicar. Em mim, monsenhor, encontrará o mais válido apoio para a execução das ordens de Sua Alteza o quevede; e tanto mais que, como o senhor não ignora, essas ordens estão em perfeita sintonia com as minhas próprias convicções.

Profundamente convencido dos sentimentos humanitários que animam o senhor, não tenho a menor dúvida, monsenhor, de que tomará em séria consideração este pedido que lhe dirijo e que, apesar da moléstia que isso lhe pode causar, não deixará o senhor de me ajudar com as suas ideias e com os seus sábios conselhos num assunto de tanta importância.

Ser-lhe-á grato, monsenhor, saber que designei um oficial com *cem* soldados para a vigilância de Gebel Nuba. Essa medida será, certamente, muito bem acolhida no país e sobretudo na missão.

Tenha por bem aceitar, Monsenhor, as expressões de estima, etc.

O governador-geral do Sudão
(L.S.) Rauf Paxá»

Beijo a sagrada púrpura, etc.

† Daniel Comboni v. a.

N.º 1070 (1025) - AO CÓN. CRISTÓVÃO MILONE
«*La Libertà Cattolica*» XV (1881), p. 601

El-Obeid, 17 de Maio de 1881

Breve bilhete.

N.º 1071 (1026) - AO CÓN. CRISTÓVÃO MILONE
«*La Libertà Cattolica*» XV (1881), p. 509

El-Obeid, 17 de Maio de 1881

Breve bilhete.

N.º 1072 (1027) - AO DIRECTOR
DO «MUSEO DELLE MISSIONI CATTOLICHE»
«Museo delle Missioni Cattoliche» (26-06-1881)

J. M. J.

El-Obeid, 17 de Maio de 1881

Meu estimado sr. director,

6734

Ainda não passou um mês desde que lhe mandei da capital uma carta de recomendação redigida a meu favor por um paxá muçulmano, Rauf Paxá, que governa em nome do quevide do Egipto um território cinco vezes mais extenso que a Itália; e enviei-lha com a intenção de dar a conhecer ao mundo a protecção de que goza a Igreja Católica entre os muçulmanos, especialmente sob a bandeira do quevide do Egipto. Sim, estes governantes daqui reconhecem que a nossa santa religião contribui poderosamente para o bem moral e material dos povos; e sobretudo nestes lugares há a convicção de que os estabelecimentos das nossas missões católicas são a mais esplêndida representação da civilização europeia na África Central.

Agora, com o mesmo fim, envio-lhe um novo documento que, sem dúvida, servirá para a glória de Deus e da Igreja; trata-se de outra carta que ontem à tarde me chegou do mesmo governador-geral e que, sem mais, lhe transcrevo traduzida na nossa língua:

[Segue-se a carta de Rauf Paxá. Veja-se a carta ao Card. João Simeoni de 17-05-1881, n.º 1069, § 6731-6733].

6735

Como no território da missão que fundámos em Gebel Nuba vagabundeiam muitos ladrões e assassinos, a pedido dos chefes daí e dos nossos missionários, solicitámos a ajuda do Governo para os expulsar e para velar pela nossa segurança. Amanhã eu parto para aquelas tribos com missionários e com a superiora das Irmãs. O tráfico de escravos recebeu um grande golpe, graças às fortes medidas que tomou o actual quevide do Egipto; sobre esse assunto, escrever-lhe-ei lá mais para diante, se Deus me der vida. Rogue, etc.

† Daniel Comboni
Bispo e vig. ap. da África Central

N.º 1073 (1028) AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/121

N.º 21

El-Obeid, 18 de Maio de 1881

Meu caro padre,

6736

Mando-lhe aqui aberta a carta às Peccati, que, rogo-lhe, tenha a paciência de ler, não vá acontecer que, com a pressa (e com as insónias devido ao calor sufocante, etc.), eu me tenha enganado nalguma coisa. Segundo o verdadeiro bem da Nigrícia e as intenções de um autêntico benfeitor dela, parece-me que se deveria sugerir às Peccati – aproveitando sempre o momento oportuno – que o dinheiro que, para os casos urgentes, se lhes der a mais possa ser contado depois da morte de uma delas, dando à sobrevivente, por exemplo, não as 2500 libras, mas 2000 ou 1800, por ser já só uma pessoa e não duas. Isso não o posso fazer eu *hic et nunc*, depois do que se passou; mas o senhor sim, quando considerar a altura certa, como aquele que em consciência tutela zelosamente os interesses da Nigrícia. *Cogita*. Encontro-me ainda aqui porque ainda não vieram os camelheiros. Morreram-me em Nuba três dos camelos que foram para lá (103 táleres) e tenho que arranjar outros. Os meus sete soldados de cavalaria estão há uma semana à minha espera.

6737

Ultimamente mandei-lhe a si a carta que me dirigiu Marzano, ou seja, a descrição do novo templo consagrado a Nossa Senhora do S. Coração, etc. Juntei-lhe também um fragmento da carta em francês que me escreveu P.^e Artur, em que me falava da frequência dos sacramentos em Cartum e que convém incluir no próximo número dos *Anais*. Agora mando-lhe uma *nova* e estupenda missiva que escreveu *Rauf Paxá* a 10 do corrente, a qual mostra a alta posição de que goza a Igreja Católica no Sudão e o respeito que se lhe tem, em contraste com a atitude desses barrabás dos governos europeus, sobretudo os da França e da Itália. Para Lião mandei o desenho interior e exterior da igreja realizado aqui por um protestante gavaziano [*da Igreja Livre de Gavazzi*] que está connosco. Talvez P.^e Luís me entregue em breve uma fotografia da fachada, que tirou esta manhã.

6738

Desculpe por não responder às suas cartas: estou afogado de correspondência com os ministros do Egipto e com Rauf Paxá, a quem telegrafei esta manhã para que ao contingente de cem soldados com um oficial seja atribuído um inspector europeu – um excelente católico que está aqui –, para fazer as coisas em regra...

[*Aqui falta um pedaço de folha*]

6739

...Para Verona quer assim, porque para Verona eu tinha encarregado *Squaranti* quando estava comigo em Cartum. Mas *Squaranti* conhecia Verona melhor que eu e tinha melhor cabeça que P.^e Bartolo. Depois diz-me que faz uma prova se lhe agradar, quanto ao mais, quer ser livre de voltar à Europa quando quiser e até de se desvincular da missão. Que o Senhor o abençoe. Entretanto, suplicou-me que lhe mandasse a autorização de regresso (que lhe mandei) para voltar com Calisto. Realmente a sua saúde deixa a desejar e se tivesse vindo para aqui sofrer o que... [*Faltam palavras*]... já teria morrido.

[*Falta meia folha*]

[*Escrito na margem esquerda*]: Maestro a Pimazzoni e não a ele.

Rogue por

Seu a...† Daniel Comboni

N.º 1074 (1029) - A P.^e FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/28

El-Obeid, 18 de Maio de 1881

Estimado Giulianelli,

6740

Depois dos *três mil* francos não recebi mais nem um cêntimo. Escrevi-lhe, juntando uma carta para Holz, para lhe pedir seis mil francos. Mas não vi dinheiro nenhum nem de si, nem de Holz e estou em grandes apuros.

O senhor fez mal em escrever para Lião e Colónia a pedir ajuda. A sua súplica a essas Sociedades não fará com que acrescentem um cêntimo mais ao que decidiram entregar depois dos relatórios e rogos do Vicariato Apostólico. Devia era ter escrito aos seus conhecidos com quem eu não estou relacionado: então, sim, receberia algo e um pouco mais do que obteria eu.

6741

O senhor deve mandar-me sempre as cartas e quanto chegar de Lião, Colónia, Viena, sociedades benfeitoras, etc., como fazia P.^e Bartolo, porque, embora vão, por ordem minha, dirigidas a si, é a mim que pertencem, pois é baseado nelas que eu faço as minhas petições cada ano. Portanto, envie-me as cartas que receber de Lião, Viena, Colónia, etc.

Até nova ordem minha, isto é, enquanto no Cairo forem tão poucos, ordene-lhe que não compre na Europa mais provisões ordinárias, como queijo, presunto, enchidos, etc., à excepção de tomate em conserva ou macarrões de Nápoles ou algo para enviar para o Sudão. Pode mandar para Suakin, mas sem ninguém a acompanhar, um terço do vinho comprado, dirigindo-o ao *sr. A. Marquet*, que é o meu verdadeiro procurador.

8742

Recomendo-lhe a máxima economia: não gaste mais que o estritamente necessário. Do dinheiro que recebeu em Julho de Lião mande já 6000 francos para Verona, ao P.^e Sembianti, dê outros 6000 a Bonavia (se for possível, uma parte em Agosto ou depois) e fique só com 2000 para as necessidades do Cairo: todo o restante mande-mo a mim para Cartum. E igualmente todo o dinheiro de Colónia ou de Viena (o primeiro que chegar até Agosto) mandá-lo-á para mim. Obedeça cegamente às minhas ordens e não como fez quando lhe ordenei que mandasse todo o dinheiro que recebesse; quanto aos quatro gatos do Cairo, *aguçe o engenho...* Quantas vezes não escrevi a P.^e Bonomi e a P.^e Fraccaro que *se arranjassem*, ao pedir-lhes que não mandassem para o Cairo mais letras para pagar, e eles lá se *arranjaram* e confiaram em Deus, e Deus ajudou-os!

6743

Depois de o senhor ter pago para as necessidades do Cairo 18 000 francos e mais, com o *arranjar-se* eu entendia dizer: «Agora que pagou as dívidas do Cairo, contraia outras, e mandando-me a mim todo o dinheiro, deixe que eu possa pagar as minhas dívidas no Sudão.» Não era isto razoável e justo? Eu fi-lo mil vezes com os superiores do Sudão, onde tenho despesas ingentes, e eles obedeceram porque confiavam em Deus. Tanto mais o esperava eu de si, que tanto roga ao Senhor com palavras e desejos ardentes. Mas vejo que está muito atrás na confiança em Deus e na obediência e que os nossos bons missionários do Sudão têm maior confiança. Porque o senhor, como homem fraco e sem confiança em Deus, não só me dirigiu a mim as suas queixas (ao superior fale-lhe sempre de maneira clara e franca, tal como sente, para que ele com a sua lucidez o ajude e dirija) mas também as expôs aos meus subordinados, como fez com P.^e Bartolo e talvez com outros. Eu não o repreendo de nada, mas pensava que o senhor confiasse mais em Deus e fez como aquele padeiro que disse ao meu superior no colégio: «Senhor, nas coisas espirituais acredito em Deus e nas coisas temporais nos napoleões de ouro.» A P.^e Artur, o superior de Cartum disse-lhe também que *se arranjasse* e ele lá *se arranja* e não me pede mais dinheiro.

6744

Alberto *Sebastião* já partiu do Cordofão para regressar à Europa, para se tornar sacerdote. Queria sê-lo a todo o custo: mas durante toda a viagem a El-Obeid e durante a sua estada aqui mostrou tanta soberba, teimosia e desobediência, que, com essa maneira de ser, eu não o ordenaria, nem mesmo que tivesse toda a ciência de São Tomás. Tendo-lhe eu dito que, por agora, não lhe podia dar dinheiro, porque não o havia nem há, ele, contra a minha vontade e a despeito de todos, partiu com dinheiro encontrado. E desde esse momento deixou de pertencer à nossa sociedade. De modo que proíbo-lhe recebê-lo e alojá-lo em nossa casa, bem como dar-lhe dinheiro, nem sequer um cêntimo, nem para viver no Egipto nem para ir para a Europa ou para outra parte, e isto *contrariis quibuscumque non obstantibus*.

6745

Por caridade, pergunte aos Superior dos Jesuítas se recebeu aquela letra cambial da Baviera que eu lhe mandei para o seu colégio.

Saúdo e abençoo de coração a minha prima Faustina, a quem não tenho tempo de escrever, mas que, em contrapartida, me deve escrever amiúde, coisa que *essa cabecinha tapa-buracos* não faz desde há tempos. Abençoo as outras Irmãs, o Pedro, os irmãos, etc., e desejo ao ex.mo delegado apostólico muitas felicidades no dia de S. Luís, o do seu onomástico.

6746

O senhor tenha mais fé em Deus e mais caridade para conosco e mande-nos dinheiro. Entretanto, recomendo-o ao Coração de Jesus e peça-Lhe que lhe conceda a fé que o senhor não tem: tem uma fé mais exterior que interior. Mas esforce-se e rogue a Jesus, que lhe concederá tudo.

Mande-me dinheiro. Dê a P.^e Bartolo tudo o que quiser e desejar para ir para a Europa. Se tivesse vindo para El-Obeid, teria cá deixado a vida; até eu quase a deixei...

A nova igreja do Cordofão é estupenda. Já mandei a sua descrição para Roma, Verona, Colónia, etc. Louve a Jesus.

† Daniel bispo e vig. ap.

N.º 1075 (1030) - AO CARDEAL JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 9, ff. 133-138

Em.^o e Rev.mo Príncipe,

6747

No meu estabelecimento do Cairo, o meu excelente missionário P.^e João Dichtl formou e instruiu nas coisas da religião e em italiano um negro de uns treze anos, a quem, com a licença de mons. Ciurcia e seguindo o critério e mandato do P.^e Hermenegildo, coadjutor e guardião do Cairo, eu baptizei à minha passagem pelo Cairo.

6748

Tendo encontrado nele sólido juízo, piedade religiosa, inteligência e aplicação e, após ouvir o conselho dos meus companheiros, de um padre jesuíta e de muitos outros religiosos que o conheceram, dirijo-me à exímia caridade e ardente zelo de V. Em.^a rev.ma para lhe suplicar que se digne fazer com que o Santo Padre o admita no Pontifício Colégio Urbano da Propaganda Fide para o próximo ano escolar 1881-1882.

6749

Na firme esperança de que a caridade de V. Eminência me concederia esta graça para o bem do meu árduo e trabalhoso Vicariato, permiti que o dito jovem negro se transferisse em Março passado para o meu instituto de Verona, a fim de que lá receba o conveniente ensinamento e preparação para que esteja em condições de entrar nesse Pontifício Colégio.

Chama-se *Pedro Farag* e espero que esteja à altura do sublime fim da sua vocação, que sente desde há tempo, de abraçar o estado eclesiástico para suar e morrer pelos negros.

6750

Os camelos de que estamos à espera há duas semanas para ir para Gebel Nuba não nos chegam, porque a maior parte desses animais está consumida e fraca pela sede, devido à grande carestia de água que aqui reina. Já escrevi ao governador-geral a dizer-lhe que é preciso tomar grandes medidas, que certamente são possíveis. Entretanto, eu gasto cada dia de 15 a 20 escudos em água, que às vezes não se encontra e os rapazes choram de sede e pedem de beber. A mim, como bispo e vigário apostólico, forcem-me a aceitar um pouco de água para me lavar, mas tem que me durar para três ou quatro vezes e, depois, essa mesma água é bebida pelos negros. É impossível exprimir quanto sofremos devido à sede, ao calor, ao sufoco, em especial eu que sou forte e gordo e que tenho (como dizia mons. Vespasiani, bispo de Fabriano e Matellica, referindo-se à sua barriga) um *barril* que me pesa e que, para cúmulo, nunca tenho apetite e durmo muito pouco.

6751

Mas sinto um grande conforto em ver que todos os meus missionários (excepto Rosignoli, de Frascati, que age assim assim, ama as suas comodidades, mas é razoavelmente bom padre e ficará na missão enquanto aguentar; agora está em Gebel Nuba; exceptuo também P.^e Rolleri que está doente e que à primeira febre que o colheu a dois dias de Cartum quis voltar para aí, de onde, quinze dias depois, me pediu para regressar à Europa para se curar); sinto um grande conforto, dizia, em ver *todos* os missionários e *todas* as Irmãs sempre alegres, contentes e dispostos a sofrer e morrer. Eles e elas falam de fome, sede, doenças e morte como de coisas belas. E estou convencido de que, quanto à abnegação e espírito de sacrifício, nenhuma missão tem missionários tão sólidos como a minha, quer sejam seculares quer regulares. Para contar com um missionário e dizer que se pode dispor dele na África Central ou Equatorial ou interior, antes é preciso que passe, pelo menos, dois anos no campo de batalha. Se lutar durante dois anos, então pode-se contar com ele. Não se deve dar muito peso aos fervores da Europa (isto aplica-se a todos os institutos). Por exemplo, P.^e Rolleri esteve onze anos no Egipto, nunca queria vir para a África Central: no Egipto está-se melhor que na Europa. Mas quando estava já aqui, à primeira febre e apenas a um mês e meio da sua chegada, pede para regressar à Europa; com isso revela que não é um bom missionário da África Central, onde se deve carregar a cruz, como condição *sine qua non*, para cumprir o próprio dever.

6752

Não é para falar mal de ninguém, porque eu quereria que todos fizessem muito bem à África, *minha amante*, ou até a amassem mais que eu; mas, como homem prático e de experiência nas coisas sobre a África (porque me parece que se prestou uma confiança excessiva, total, para além dos dados reais), antes de emitir um justo e verdadeiro juízo sobre as missões, milagres e coisas de mons. Lavignerie e dos seus missionários de Argel na África Equatorial, atrevo-me a aconselhar a exímia bondade de V. Eminência que *vá lenta, pausadamente e com pés de chumbo*, como certamente teria feito com a sua peculiar perspicácia e com a sua experiência prática dos homens, das coisas e das santas missões, o nosso sapientíssimo e chorado pai e superior, o Eminentíssimo Barnabó. Vossa em.^a rev.ma e os em.mos cardeais da Sagrada Congregação, movidos pela mais ardente, distinta e verdadeira caridade apostólica, sinal dos sucessores dos Apóstolos e dos que se sentam ao lado do vigário de Jesus Cristo, favoreceram todas as não suficientemente ponderadas e justifica-

das petições desse eminente prelado, cujo juízo e solidez, assim como a sua caridade para com os seus irmãos bispos missionários, não estão certamente à altura da sua dignidade. E, respeitosamente, permito-me ter o receio de que na realidade os resultados fiquem reduzidos a números menores que os apresentados.

6753

Sinceramente, para mim seria um prazer que ele convertesse toda a África e ficaria contente de ser o seu último servidor; mas as notícias que recebo do Nyanza Vitória certamente não são boas. Esse P.^e *Livinhac*, superior do Nyanza Vitória, que é, sem dúvida, um homem de valor, com o qual se fez bem em contar, pois compreendeu que não é possível as coisas correrem como se pensava; e dizem-me que ele e os seus companheiros não se encontram em muito boas águas. Segundo fui informado, apesar de estarem lá já há dois anos, ainda vivem em cabanas e não dispõem ainda de uma casa como a que eu construí em Cartum para os rapazes negros. Tais são as notícias chegadas a Cartum com o último vapor de Ladó. Rogo de coração a Jesus e Maria por esses missionários, a fim de que tenham sucesso.

6754

Como V. Em.^a me tinha ordenado, apenas chegado eu a Cartum, P.^e Luís Bonomi deixou de ser *vigário-geral*, do que se alegrou muito esse humilde missionário. Nenhum tem tanta abnegação e espírito de sacrifício como ele, embora careça de bons modos em certos momentos. Apresso-me a beijar-lhe a sagrada púrpura, etc., etc.

Seu dev.mo, hum.mo filho
† Daniel Comboni bispo e vig. ap.

Ficaria contente de que as notícias recentemente recebidas do Nyanza fossem falsas. Rezemos e esperemos.

N.º 1076 (1031) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/122

J. M. J.

El-Obeid, 21 de Maio de 1881

6755

Com desgosto fico a saber pela sua última carta que está falto de dinheiro e que não poderá ir avante até Julho. P.^e Giulianelli, que mantém total silêncio, não me mandou mais que três mil francos desde que eu parti do Cairo. Em Cartum e em El-Obeid vejo-me e desejo-me para ir aguentando a marcha; e, embora aqui não tenhamos um cêntimo de dívida, todos os dias são precisos dez ou mais táleres para água e ontem não os havia. Assim que S. José tem que cumprir o seu dever. Não peço graças, mas justiça. O senhor esteja tranquilo e alegre, e confie em Deus. Com este correio saem algumas cartas que não serão inúteis. Se alguém lhe enviar dinheiro para que me mande a mim, entende-se que com o mesmo o senhor deve atender às necessidades de Verona e de Sestri. O resto tenha-o à minha disposição e segundo as minhas ordens.

6756

Ao tratar com S. José uma pessoa tem que lidar com um gentil-homem; e José é um cavalheiro tal que primeiro pensa *no espírito e nas nossas almas*, como sendo o substancial da obra, e depois no dinheiro. Sempre foi um homem formal e agora deve sê-lo para mim, que estou em bastantes apuros. Mas, tendo-me José tirado de tantos apertos, haveria agora de me deixar atrapalhado? Oh, não! Em suma, soframos um pouco por amor de Jesus, porque a cruz de Jesus, ou um só pedacinho dela, vale mais que todos os tesouros do universo. Entretanto, o senhor reze e faça rezar. Quero escrever para Praga, e depois de ter falado em meu favor (já que *charitas incipit ab ego*), quero recomendar as sacramentinas de Verona; e isto por espírito de interesse, porque quem sabe quanto rezarão por nós?! Saúdo e abençoo a todas, a P.^e Luciano, etc., e no Coração de Jesus *sum miser*

† Daniel ep.pus

N.º 1077 (1032) - AO CARD. JOÃO SIMEONI

Em.mo e Rev.mo Príncipe,

6757

Finalmente, graças à pronta ajuda do Governo, temos no nosso pátio todos os camelos para ir para Gebel Nuba. Para aí partirei dentro de duas horas com missionários e Irmãs e esta noite descansaremos ao pé de um colossal *baobá* (*Adansonia*) que fica a cinco horas daqui.

Como na minha última lhe falei dos planos e das obras de mons. Lavigerie e do tempo que é necessário antes de emitir um recto juízo sobre a realidade das coisas, sobre o verdadeiro resultado, etc., etc., e dado que agora só pretendo assinalar-lhe um assunto diferente, que diz respeito a outra parte da África, ao Egipto, deixando para depois da minha visita pastoral a redacção de um relatório exacto, que, sem dúvida, oferecerá matéria de estudo à S. C. sobre o muito que se fez, sobre o muito mais que resta fazer, sobre uma organização mais sábia das missões africanas, especialmente das da África Central e sobre um *problema* interessantíssimo que a minha consciência me obriga a submeter à sabedoria da S. Congregação, o qual *hic et nunc* me parece um teorema, quer dizer, *utrum nene expediat*, e se é verdadeiramente útil ou não, se é providencial para os interesses católicos de uma parte da África Central, cinco vezes maior que toda a França, que o Governo do quèdive do Egipto tenha conquistado uma parte tão grande da África interior, e se é útil que continue o seu plano, já estabelecido por Mehmet Ali, de prosseguir na medida do possível as suas conquistas no interior da África, para que, em caso contrário, eu saiba regular-me e possa exercer a minha influência – que não é pouca – perante o *Divã* do Egipto e perante o governador-geral do Sudão, etc., etc.; por isso, impõe-se antes de tudo que eu faça aqui a V. Eminência uma manifestação de acatamento, que é a seguinte:

6758

Quando escrevo propondo ou expondo o meu parecer a V. Em.^a e à S. Congregação, pretendo que seja um parecer e um juízo *subordinado* e nunca absoluto. De modo que se V. Em.^a ou a S. Congr., depois de examinarem, como lhes aprouver, qualquer das coisas que eu expuser humilde e subordinadamente, pensassem ou julgassem o contrário do que eu penso e julgo, estou disposto a recuar imediatamente, a mudar o meu parecer e juízo não rectos e a pensar e julgar como pensam e julgam V. Em.^a e a S. Congregação.

6759

Agora, por exemplo, estou profundamente convencido de que a concessão a mons. Lavigerie de quatro pró-vicariatos apostólicos, que não poderá ocupar de maneira substancial *nem em trinta anos*, ainda que tivesse quatro vezes mais pessoal que actualmente, e que lhe foram dados com grave prejuízo para o meu Vicariato, ao tirarem-me a mim o principal campo de acção do meu instituto, isto é, o principal objectivo das obras e dos estabelecimentos que com tantos suores, tantos gastos e, mais ainda, com tanta ajuda da graça e guia de Deus consegui erguer; ao tirarem-me, digo, as regiões situadas entre os 9º de lat. N e o equador, das quais já dominamos, para além de vários dialectos, duas das principais línguas, o *dinca* e o *bari* (algo que os missionários franceses com todo o seu zelo não haveriam de conseguir nem em 10 anos, mesmo que o tentassem).

6760

E tudo isto com grave prejuízo também da minha economia, sobretudo quanto ao contributo anual da Propagação da Fé. Pois bem, essa profunda convicção minha é que a concessão a mons. Lavigerie de quatro vicariatos, sem antes ter esperado prudentemente pelo verdadeiro resultado dos esforços iniciais levados a cabo nos dois primeiros pró-vicariatos concedidos em 1878, constitui, *segundo o meu subordinado parecer, um verdadeiro equívoco* que cometeram V. Em.^a e a S. Congregação, o que mostra que, *no que se refere à África interior*, ainda que na Propaganda haja toda a prudência e sabedoria humanas, todo o zelo apostólico e caridade evangélica, todo o amor a Jesus Cristo e às pobres almas negras, e todo o fervor pelas obras de Deus, de entre as quais destaco o benemérito instituto fundado pelo eminente e solícito arcebispo de Argel para a evangelização da África Equatorial, etc., faltou na S. Cong. *um suficiente conhecimento* do terreno a que se referia a concessão, houve um pouco de *precipitação* ao actuar e produziu-se nela, por um momento e sempre com santa intenção, um afastamento daquela sábia ponderação e maturação de juízo que sempre lhe foi habitual, porque para os seus santos fins não procurou a informação necessária em quem lha poderia dar (não me refiro a mim, mas a outros que sabem mais do que eu), nem perguntou primeiro, como foi sempre costume na Igreja, aos chefes de missões afectados, aos quais se pretendia retirar uma parte da sua jurisdição

(e aqui, sim, refiro-me a mim). Bem entendido, claro, que isto não é um *dever* da S. C., mas um prudentíssimo costume, porque a Propaganda é absolutamente dona de dar, tirar e fazer o que quiser, sem ouvir nem consultar ninguém.

6761

Ora bem, se V. Em.^a ou a S. Congregação me fizessem saber que esta minha opinião está errada e que eu não julguei rectamente, e V. Em.^a e a Propaganda agiram bem e de maneira judiciosa ao fazerem o que fizeram em relação aos quatro pró-vicariatos referidos, então eu retractar-me-ia imediatamente e exclamaria de coração: *asinus ego*, e penso e considero *bem feito, sapientíssimo e prudentíssimo* o disposto por V. Em.^a e pela Sagrada Congregação.

Realizada esta manifestação de acatamento, passo a outro assunto, que interessa à Igreja, ao Oriente, às missões apostólicas e até um pouco à minha obra. Exponho-o em duas palavras.

6762

Este é o momento oportuno, preparado pela Providência, de tomar medidas radicais para melhorar o interessantíssimo apostolado católico do Egipto e de lhe dar uma actividade que terá esplêndidos efeitos não somente no Egipto e sobre os descendentes dos seus antigos habitantes, que são coptas, mas também sobre o império etíope e sobre uma boa parte da África Central.

6763

Desde há muito que eu estou espantado do excessivo atraso em tomar esta essencial e sábia medida, desde há muito reclamada. Mas eu dizia cá para comigo: «Haverá razões para lá da minha escassa percepção e, portanto, inclino a cabeça.» Mas agora, depois de que V. Em.^a rev.ma com sapientíssima e prudente habilitade fez com que se introduzissem no Cairo os padres jesuítas (um grande acontecimento, muito mais glorioso para a prefeitura de V. Em.^a rev.ma que quatro...) e, depois de eu ver palpavelmente o que em menos de dois anos lá realizaram só dois jesuítas: o profundo conhecimento que eles adquiriram do Egipto, os seus hábeis recursos para converterem uma alta personalidade, as ideias que têm e o activo e capacitadíssimo pessoal de que podem dispor na Síria para o Egipto e, depois de ter visto muitas outras coisas, que agora me é impossível referir, etc., etc., disse cá para comigo: Este é o momento de dar o golpe mestre, decisivo, necessário, que tanto bem trará ao Egipto e tanta utilidade ao Oriente e tanta glória à S. Congregação e ao nosso muitíssimo querido cheio de zelo, sapiente e providencial Santo Padre Leão XIII. No Oriente estão prestes a acontecer grandes eventos e já vejo claro como a luz do dia que a sabedoria e a agudíssima sagacidade do nosso providencial Sumo Pontífice saberão tirar deles o máximo bem para a Igreja. O Egipto é o quartel general do apostolado católico e da civilização cristã para mais de uma quarta parte de toda a África.

6764

Além disso, tendo tudo em conta, eu estou bem certo de que, só com as instituições já existentes, sem aumentar o seu número com outras novas, mas dando-lhes simplesmente o conveniente desenvolvimento e pondo à frente delas um chefe cheio de Deus, da sua sabedoria e do seu amor, enérgico, activo e empreendedor e dotado de zelo e sobretudo de *costas duras*, para suportar todos os golpes dos adversários, se pode obter com a graça divina um bem *dez vezes maior* do que se obtém agora por causa do *gravíssimo obstáculo* que existe e que se opõe directamente ao incremento do ministério apostólico no Egipto.

E qual é esse obstáculo?

6765

É o *monopólio franciscano* que tem amarrado o apostolado católico do Egipto e impede substancialmente o seu desenvolvimento.

E qual é o remédio?...

É a muito prudente e sábia decisão por parte da S. C. e do Santo Padre de não nomear mais vigários e delegados apostólicos pertencentes à Ordem Seráfica, mas designar de agora em diante para a suprema direcção dos assuntos do Egipto prelados seculares dotados das capacidades que acabo de assinalar, os quais, armando-se de coragem e energia, aumentem as paróquias em Alexandria e no Cairo, fundem colégios de jesuítas em Alexandria, no Cairo e em Siut, criem residências e igrejas onde se pregue a palavra de Deus, aumentem o número de escolas, etc., etc. e façam outras inúmeras coisas derivadas destas obras, etc., etc.

6766

Esta medida essencial, que se deveria tomar imediatamente, prepararia o terreno para que em poucos anos a Santa Sé pudesse fazer algo também utilíssimo: restaurar o patriarcado latino de Alexandria, sobretudo com o objectivo de o contrapor ao lamentável patriarcado copta cismático (que hoje é encarnado por um piedoso burrinho), a fim de obter, pouco a pouco, a conversão dos coptas cismáticos do Egipto e da Etiópia.

6767

Aqui eu devia expor um por um os principais motivos que me levam a propor a Vossa Eminência este oportuníssimo e necessário *golpe de estado* e apresentar-lhe também um quadro da actual situação religiosa do Egipto, assim como *um plano de acção* para propor à S. C. e até para mandar quem substitua mons. Ciurcia, sucessor que devia ser nomeado quanto antes. Mas os camelos esperam-me e devo partir já para Gebel Nuba. Só acrescento que quanto aos *motivos* desta proposta, V. Em.^a saberá vê-los e descobri-los todos. A situação actual, ou seja, as condições em que agora se encontra o Egipto no aspecto religioso, conhece-as V. Em.^a melhor que ninguém; e no referente ao *plano de acção* para o novo delegado apostólico, a S. C. tem tempo para o elaborar com toda a comodidade, porque, antes de o pôr em execução, o recém-eleito deverá manter-se calmo e numa prudente expectativa para perscrutar, estudar, examinar e ponderar diligentemente... tudo... os homens... as coisas... e, depois, pôr mãos à obra definitiva. Precisa de um par de anos... para endurecer as costas e para receber os golpes, etc. *ad gloriam Dei*.

Lembre V. Em.^a Rev.ma a precedente manifestação de acatamento daquele que, beijando-lhe a sagrada púrpura, se honra em declarar-se

De V. Em.^a indig.mo, obed.mo filho
† Daniel Comboni bispo e vig. apostólico

N.º 1078 (1033) - AO P.^e JÚLIO CHEVALIER
«*Annales de N. D. du S. Cœur*» (1882), pp. 14-15

Gebel Nuba, 28 de Maio de 1881

Meu muito rev.do e caro padre,

6768

...Passo agora a falar-lhe de Nossa Senhora do Sagrado Coração. Graças à poderosa ajuda desta dona do Sagrado Coração de Jesus, conseguimos, à força de sacrifícios, e entre doenças e sofrimentos, construir em El-Obeid, cidade de cerca de cem mil habitantes e capital do Cordofão, a Igreja de Nossa Senhora do S. Coração, Rainha da Nigrícia, que é o maior e mais belo templo que até agora se levantou na África Central.

É dotada de uma cobertura de pranchas de zinco galvanizado, a fim de poder resistir às precipitações torrenciais da estação das chuvas e foi construída pelos missionários, os irmãos coadjutores e os negros da nossa missão, sob a direcção de um dos mais jovens missionários, que foi o arquitecto.

6769

E o que sobretudo é preciso assinalar nesta obra verdadeiramente milagrosa é que na África Central não há ferramentas nem outros meios de construção, de modo que os missionários e restantes membros da missão tiveram que fazer tudo com as suas mãos e dedos, pelo que custou um imenso trabalho. Acrescente a isso a escassez de água, que nos obriga a comprá-la a elevado preço. Certamente tivemos uma protecção especial de N.^a S.^a do Sagrado Coração, para ter podido levar a cabo esta obra em sua honra.

6770

Foi também uma alegria para mim, depois de todas as penas e fadigas suportadas, ter podido celebrar os ofícios da Semana Santa e uma solene missa pontifical no dia de Páscoa na nossa bela e milagrosa igreja de N.^a S.^a do Sagrado Coração! Mas ainda não temos mais que a pequena imagem que me ofereceu o senhor em Issoudun, a qual se deteriorou no desastre que sofreu no Nilo, quando a água entrou na nossa embarcação estragando tudo. Por isso, suplicar-lhe-ia, meu caro Padre, que procurasse uma grande e sólida de madeira, a benzesse e ma mandasse.

6771

...Além disso, na missão e em todas as estações o nome de N.^a S.^a do Sagrado Coração está em todos os lábios, pelas grandes graças obtidas mediante a sua intercessão. Este culto a N.^a S.^a do Sagrado Coração é devido ao grande zelo com que o propaga a minha superiora provincial da África Central, Ir. Teresa, que sempre mostrou carinho por esta devoção desde que teve a sorte de a conhecer em Osimo, Itália.

6772

Uma das graças mais clamorosas que recebemos foi a cura verdadeiramente milagrosa da Ir. Vitória, superiora da casa de Cartum, a quem, em Cartum, se manifestou um mal de que, segundo os médicos, devia morrer: um cancro. Depois de fazer um voto a N.^a S.^a do Sagrado Coração e de lhe rezar, a superiora pro-

vincial pôde realizar a muito longa e fadigosa viagem de El-Obeid para Cartum, de onde devia partir para a Europa, mas onde ficou em perfeito estado de saúde. Ser-lhe-á mandada pormenorizada notícia desta milagrosa cura.

6773

Outra Irmã que há aqui em El-Obeid, e que se encontrava nas últimas, curou-se também depois de rezar a N.^a S.^a do Sagrado Coração, há um ano, e continua a estar muito bem.

...Não tenho forças para continuar a escrever. O calor, a falta de apetite e de sono e as grandes viagens que em três meses fiz a cavalo, de camelo ou de dromedário, tudo isso me reduziu a uma situação de extrema fraqueza. Sofremos uma grande sede no Cordofão e ainda precisamos de 40 a 50 francos para comprar água suja e salobre. A mim, como bispo, ainda me dão água para me lavar, mas tem que me durar para três ou quatro vezes.

6774

O salão de onde escrevo esta carta é uma pequena cabana de palha, na qual, para me livrar da chuva, preciso de ter o guarda-chuva aberto. Tenho um baú por cadeira e ao lado um pequeno leito de missionário. A luz vem-me de um buraco sempre aberto, a modos de janela.

Contudo, nós somos muito felizes e eu mais que todos... aqui tenho os meus missionários e quatro Irmãs da minha congregação que não têm nenhum medo dos leões nem das hienas que nos rodeiam.

6775

Os povos entre os quais nos encontramos são completamente primitivos. Mas tenhamos confiança: N.^a S.^a do Sagrado Coração fará por eles o que nós desejamos.

Deste país primitivo escrevi e datei em 1875 a minha circular sobre a consagração do Vicariato da África Central a N.^a S.^a do Sagrado Coração. Também aqui erguemos uma igreja, que já está quase terminada, e que é a admiração do país: um altar será consagrado a N.^a S.^a do Sagrado Coração.

Adeus, meu caro padre. Abençoo-o, bem como a toda a sua comunidade e encomendo-me às suas orações.

† Daniel Comboni
Bispo de Claudiópolis i.p.i.
Vigário Apostólico da África Central

Original francês
Tradução do italiano

N.º 1079 (1034) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/123

N.º 24

Delen (Gebel Nuba), 29 de Maio de 1881

Meu caro reitor,

6776

Ontem ao meio dia, em companhia de P.^e Luís, P.^e Vicente, a Ir. Amália e a Ir. Catarina, com doze camelos e outros animais, escoltado por seis soldados de cavalaria com um *bazi-buzuk*, montando o cavalo do próprio governador do Cordofão, S. E. Mohamed Said Paxá, cheguei a Gebel Nuba depois de quatro dias e meio de viagem; e fomos recebidos muito bem (apesar de nos apresentarmos de improviso).

Aceitei esta escolta, que me quis dar o Governo para honrar a minha dignidade e posição, também porque estes países estão infestados de ladrões e assassinos, que não param de matar. Até se pode dizer que estes povos exercem o ofício de ladrões, sem se deterem mesmo perante o assassinio de homens, mulheres, meninos e meninas, começando pelos chefes e pelo nosso *cojur*, o pontífice e rei, que manda os seus súbditos e até o seu filho, a roubar e fazer escravos. Assim, semanas atrás, tendo enviado com essa finalidade o seu filho, este foi capturado e posto em cativeiro; e, quando ele enviou o dinheiro para o resgatar, os Bagara roubaram também o dinheiro.

6777

A nossa chegada fez com que o pânico se espalhasse entre todos estes bárbaros a que, ajudados pela cruz triunfadora do mundo e dos poderes infernais, também domaremos.

Encontrei a igreja que os nossos caros P.^e Losi e P.^e Leão Henriot construíram muito sólida e bonita; ela é uma verdadeira maravilha para estes países.

Dentro de uns dias, acompanhado dos sacerdotes P.^e Luís, P.^e Losi, P.^e Leão e P.^e Vicente e de um ou outro leigo, partirei para Golfan e farei o percurso destes montes (em companhia também do pontífice-rei *cojur* Kakum) e exploraremos tudo, principalmente Carco (pátria de Bajit Miniscalchi) espécie de quartel-general da escravatura junto com Golfan e determinaremos o lugar para fundar a estação central entre os povos Nuba. Tenho que fazer isso rapidamente, porque, de contrário, já não será possível por causa das chuvas.

6778

Abençoo a todos e a todas. Dê lembranças da minha parte à superiora e a Virgínia e reze muito por nós. Mil respeitosa saudações ao em.mo, ao P.^e Vignola, a P.^e Luciano, ao pároco de S. Jorge, a todos os padres estigmatinos, a mons. Bacilieri, a Casella, etc., etc.

Seu af.mo no Senhor
† D. Daniel Comboni e vig. ap.

Quanto aos meios, espero tudo de Deus. Enquanto com a ajuda de Deus mantivermos sólido, firme e em vigor o *quaerite regnum Dei*, etc., tenho a certeza de que não deixará de se cumprir o *haec omnia adiicientur vobis*. P.^e Rolleri pediu conselho a P.^e Losi sobre o que devia fazer: se ficar ou se regressar à Europa. O imbecil en...

[*Falta o resto da carta*]

N.º 1080 (1035) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 20/1 n.º 21

Maio de 1881

Breve bilhete.

N.º 1081 (1036) - NOTA DE CRÓNICA
ACR, A, c. 20/49

Maio de 1881

N.º 1082 (1037) - A ESTANISLAU LAVERRIERE
«Les Missions Catholiques» 643 (1881), pp. 458-459

El-Obeid, Maio de 1881

6779

Prestes a partir para Gebel Nuba, apresso-me a enviar-lhe um desenho que representa o interior da Igreja de Nossa Senhora do Sagrado Coração, Rainha da Nigrícia. Esse templo, que construímos nesta capital, é o de maiores dimensões elevado em honra de Deus e de Sua divina mãe no centro da África. Custou-nos enormes fadigas, porque nestes países não se encontram os materiais necessários para a construção regular europeia.

Mas o que nos permitiu poupar muito nos gastos foi que, para levantar este monumento da fé e da civilização cristãs, não tivemos que pagar mais que um único trabalhador indígena; praticamente tudo é obra dos nossos missionários, catequistas e irmãos leigos, assim como dos nossos alunos originários de diversas tribos do equador. O arquitecto foi o coadjutor da paróquia, P.^e Vicente Marzano, a quem, não há muito, ordenei sacerdote em Cartum.

6780

Dar-lhe-ei dados sobre as minhas missões quando regressar de Gebel Nuba. Sua Alteza o quevide do Egipto, desde a sua chegada ao trono dos faraós, tomou muito a sério o importante assunto da abolição da escravatura e faz todos os esforços e até os maiores sacrifícios para combater esta chaga secular que destruiu três quartas partes da população negra. A humanidade deverá estar-lhe reconhecida se, como espero, ele continuar por este caminho. Do mesmo modo que repetidamente lhe descrevi os horrores da escravatura que existia nesta capital ao fundar aqui a missão católica, tê-lo-ei a par da notável diminuição desta chaga.

6781

Depois, S. E. Gordon Paxá, o governador-geral actual, Rauf Paxá, consagra todo o seu talento a esta grande empresa humanitária, da qual S. M. Leopoldo II, rei da Bélgica, terá o principal mérito.

6782

Limito-me hoje a transcrever uma carta que o governador-geral do Sudão – quer dizer, de um território cinco vezes maior que a França – me escreveu de Cartum. Ela dará a conhecer aos nossos caros benfeitores da Propagação da Fé até que ponto o Catolicismo e as missões católicas recebem protecção dos turcos e dos muçulmanos.

[Segue a carta de Rauf Paxá: veja-se o n.º 1069, § 6731 – 6733]

6783

Já tivemos este ano uma boa chuva. Durou meia hora e chegou com um mês de avanço em relação à primeira dos anos anteriores. Durante três dias comprámos muito pouca água. Mas actualmente gastamos cada dia mais de 60 francos numa água lodosa e amarela, e acontece com frequência que, chegada a noite, das oitenta e sete pessoas que formam a missão, muitas ainda não beberam.

† Daniel Comboni

Original francês

Tradução do italiano

N.º 1083 (1038) - AO CÓN. JOÃO M. MITTERRUTZNER
ACR, A, c. 15/84

Nama (montes de Golfan, Gebel Nuba)
4 de Junho de 1881

Dulcissime rerum,

6784

Estou em exploração com os bons missionários P.^e Bonomi, P.^e Henriot e P.^e Marzano, e o excelente leigo José Regnotto, para estudar as populações Nuba nas quais o açoite da escravidão, ao longo de muitos anos, causou tais estragos, que foram dizimadas nove sobre dez, *id est*, de meio milhão que eram ficaram reduzidas a 50 ou 60 mil. O árabes nómadas Bagara quase acabaram com eles, ajudados pelos antigos governadores do Cordofão. Mas depois de eu expor as coisas claras e a verdade ao Governo, o governador Rauf Paxá, secundando as nobres intenções do actual quevide do Egipto, encarregou-me de examinar sobre o terreno os inconvenientes e os horrores que se dão aqui e propor um meio eficaz para a total abolição do tráfico de escravos nestes montes. Os que vivem neles andam todos nus, homens e mulheres, como os Kich; mas a gente daqui é mais vigorosa e mais capaz, com o tempo, de ser civilizada, graças ao Evangelho. Depois desta exploração voltarei a Delen, a primeira estação, e pôr-nos-emos a caminho para explorar Fanda e Carco, lugar de origem de Bajit Miniscalchi; depois, pelos Nyuma, iremos ao Pequeno Golfan.

6785

Trata-se de montes como os da Toscana, onde estes africanos vivem fortificados, fazem cultivos, e se defendem dos Bagara. Já tenho idealizado o plano para propor ao Governo. Vou acompanhado de seis guardas a cavalo e eu levo o próprio cavalo do paxá do Cordofão, que quis dar-me esta escolta de honra e de protecção. Depois escrever-lhe-ei outras notícias com mais comodidade, porque agora me falta o alento. Estamos sem sal e sem possibilidade de o arranjar, porque aqui não há. Toma-se aqui um alimento que não o leva. Para nos mostrar cortesia, o *cojur* matou um galo e, em dez minutos, foi passado pelas brasas e, sem sal, posto à disposição dos nossos dentes; e já o tragámos. Aqui estabeleceremos uma estação.

6786

Uma coisa que já lhe posso dizer é que, graças a P.^e João Losi (antes trabalhei eu nele e P.^e Bonomi ainda mais) compôs-se um dicionário de mais de *três mil* palavras da língua dos Nuba, traduzindo para ela as principais orações da Igreja. E como se experimentou quão trabalhoso e difícil é tirar uma língua das tribos do centro da África, e dado que nós dispomos dos meios para entrar a dominar as línguas dinca e bari – trabalho dos nossos antigos missionários, pelo senhor providencialmente recolhido – pôs-se a questão de se, *utrum nec ne necessarium sit*, devemos estabelecer missões nos lugares mais propícios das regiões onde se fala o dinca e o bari; e a resposta de todos, especialmente a de P.^e Losi, foi *totalmente afirmativa*, para utilizar do melhor modo possível os valiosos trabalhos do senhor.

6787

O senhor é o *único* a quem manifestei até agora este firme propósito nosso e meu, que, peço-lhe, não torne público até eu lhe escrever sobre o assunto de Cartum, quando me dispuser a partir para os territórios dinca e bari, o que será depois do *kharif*, nos próximos Outubro ou Novembro. Actualmente, por outro lado, ser-me-á mais fácil vigiar e dirigir as missões entre os Dincas e os Bari, tendo em Cartum os vapores do Governo à minha disposição. Gondokoro e Santa Cruz estão completamente destruídas; mas nós escolheremos sítios ainda melhores que os dessas estações. Assim, com as três novas línguas – a nuba, a dinca e a bari – podemos estender a nossa acção apostólica até muito longe.

6788

Aqui encontrei feita uma bela igreja, que dedicarei a S. José; mas a de N.^a S.^a do S. Coração, de El-Obeid, é toda coberta com pranchas de ferro galvanizado e de zinco e é a maior e a mais formosa da África Central. Parece que em Cartum faremos uma ainda maior. Reze, bata às portas e socorra quanto puder P.^e Sembianti e lembre-se que o senhor é a mais firme coluna da África Central. Chegou a Berber o busto de mármore de Knoblecher que mandei fazer em Roma. Mil saudações ao ilustríssimo bispo e aos caros benfeitores.

Tuissimus

† Daniel ep.pus et vic. ap.

6789

Rogo-lhe que dê notícias minhas a P.^e Sembianti, em Verona. Dichtl e Ohrwalder são dois dos *Überbacher* e Lanz. *Deo gratias*.

N.º 1084 (1039) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/124

J. M. J.

Delen, 24 de Junho de 1881

Meu caro reitor,

6790

Há dias recebi o correio e com ele a maior angústia e dor, que superou em muito todas as aflições que Deus me mandou de 1878 para diante e que me reteve na cama durante três dias. Não sei quando poderei recuperar-me de todo. Os missionários crêem que é das costas, porque verdadeiramente estou um pouco cansado pelas explorações que fiz a cavalo. Mas a verdadeira causa só Deus e eu a conhecemos; e é uma pena profunda, tremenda, que me dói mais que todas as humilhações e amarguras por tantas injustiças e desgostos que sofri, que todas as minhas justas aflições por Virgínia quando o seu irmão partiu sem ela saber, etc., etc. Tudo isso é nada.

6791

Tal causa é a imprudência colossal da superiora de Verona (a quem nunca direi nada para a não a perturbar), que teve a ideia – já imagino com que intenção – de escrever uma carta ao meu pai (que lhe mandarei de El-Obeid), em que lhe pinta os modos maternos com que trata Virgínia (esta sempre me falou e escreveu bem da superiora, etc.), na qual lhe solicita orientação sobre o que deve fazer, etc.; mais, a superiora sugeriu a Virgínia que pedisse conselho também a meu pai sobre o que devia fazer, etc., e a parva da Virgínia escreveu-lhe nesse sentido.

6792

O meu pai é um santo homem, recto e muito mais. Nos dezanove dias que permaneceu na minha casa de Limone, quando em 1879 fui consagrar a igreja, viveu sempre com Virgínia, da qual disse que era uma santa e o mesmo disse a minha prima Teresa: isso posso jurá-lo.

Mas quando ele foi para Verona, aquele fala-barato do Tiago, subornado por Grieff ou por impulso da sua cabeça mesquinha, contou em segredo a meu pai a solene mentira de que Virgínia tinha sido a causa de muitos dos meus problemas na África e que a superiora caiu gravemente doente (*sic*) devido ao enorme desgosto de ver que eu sempre chamava Virgínia quando tomava o pequeno-almoço no convento, etc., etc., etc. E, ao confrontar tais coisas com a aparência, etc., meu pai apanhou uma imensa pena, de modo que chorava como um menino; e *em segredo* confiou-me o que o idiota do Tiago lhe confiara a ele *em segredo*; e fez bem, porque é um pai verdadeiramente cristão (e isto, como não lho digo a si *em segredo*, se considerar oportuno, pode dizê-lo, por sua vez, até ao Tiago, porque é a pura verdade).

6793

O facto foi que, depois de contar isto a Tiago e de ter ouvido Virgínia queixar-se da sua desagradável e anormal situação na casita de Verona, e sobretudo depois de a ter visto em Sestri falar amiúde com Alexandre, o qual chegou até à loucura de ameaçar lançar-se ao mar se não se casasse com ele – e Virgínia sempre o recusou, apesar dos errados conselhos de meu pai, que tentava convencê-la a aceitá-lo –, depois de tudo isto, meu pai deixou de estimar Virgínia e repetia-me sempre as mentiras, etc. que Tiago lhe tinha contado. Este, que acompanhou Virgínia de Cartum até ao Cairo, escreveu-me para Cartum (juro-o), dizendo-me que no Cairo tinha ficado edificado com Virgínia e que, ao invés, tinha ficado escandalizado da outra Irmã, maltesa, que estava sempre a insultar Virgínia, etc., etc.

6794

O problema é que meu pai está muito magoado e, sem dúvida, escreverá a Virgínia e dar-lhe-á o imoral conselho (vai fazer 78 anos no próximo dia 6 de Dezembro) de se casar com um que agora odeia Virgínia pela sua persistente recusa, porque ela nunca sonhou casar-se; pelo que e também por causa de Jorge e dos seus loucos pais hereges, não permitirei nunca que Virgínia vá para a Síria, etc.

6795

Entretanto, eu sofro muitíssimo. Que Jesus, a Virgem e S. José me ajudarão, não o duvido, e dou graças a Jesus pelas cruces; mas a minha vida é um oceano de angústias proporcionadas por alguém que é bom e que me estima.

6796

Meu Deus! Tudo seja pelo «querido Paraíso», como diz com razão a Ir. Vitória, embora tenha o coração destroçado. Mas a África será convertida, caramba!, e Jesus ajudar-me-á a levar a cruz. Além disso, Deus abençoará Virgínia, à qual, pelos seus sofrimentos suportados pela África e por causa da justiça, Ele porá no caminho de realizar a sua verdadeira vocação de freira e missionária, etc. Mas nós estamos preparados para as cruces: a minha maior angústia está relacionada com meu pai, que sempre recebeu de mim satisfações e cuja santa vida poderia acabar, por culpa de outros, com a dor e o temor pelo seu filho, que chegam a uma espécie de loucura por causa do estado e posição em que me encontro totalmente consagrado à glória de Deus e a morrer por Cristo. Em suma, o senhor reze por mim, que sou o homem mais desgostoso e abatido do mundo e reze por meu pai. Viva Jesus!

6797

Mas não posso descansar. Um pouco de conforto tenho, isso sim, em ver o meu caro P.^e Losi, que reza, e a quem encontro na igreja às três, às cinco da madrugada e que, embora um pouco cabeçudo... é um santo e um autêntico missionário, com zelo pelas almas. Fez um dicionário, que começou com P.^e Luís. (Certamente, pediu-me que deixe P.^e Luís aqui como superior para dar impulso e desenvolvimento à missão e assegurou-me que, nos três anos que permaneceu aqui com ele, ficou edificado com a sua delicadeza, conduta, etc.). Mas basta. São as quatro da madrugada e o camelo do inspector está preparado para o correio. No Coração de Jesus, encomendo-lhe meu pai e Virgínia. Cumprimentos ao em.mo, ao P.^e Vignola, a Tabarelli, a Luciano, etc. O senhor não sofra, nem se doa e aflija por mim: são coisas dispostas por Deus.

† Daniel bispo

Breve bilhete.

N.º 1086 (1239) - AO P.º BERNARDINO DE PORTOGRUARO
AGOFM: saeculares

J. M. J.

Gebel Delen (Dar Nuba), 29 de Junho de 1881

Rev.mo padre geral,

6798

Recebi a sua veneradíssima carta do passado dia 20 de Abril, pela qual fiquei a saber o que, na sua grande prudência e sabedoria, decidi a respeito do P.º Boaventura, de Cartum. Eu não posso senão aprovar com plena convicção a sua excelente determinação, que mostra verdadeiramente uma grande caridade para com esse pobre padre africano; e estou convencido de que, pelo que se viu dele no passado e sobretudo pelo seu estado presente, em que ainda não dá provas certas, seguras, de firme e sólido juízo, a negativa de V. P. rev.ma é prudentíssima e providencial.

6799

Para o tranquilizar e fazer com que aceite mais facilmente a sua caritativa e acertada recusa, escrever-lhe-ei de Cartum a dizer-lhe que faremos todo o possível por ajudar espiritualmente o seu pai, o seu irmão e a sua irmã, que são coptas heréticos; que procurarei favorecer espiritualmente e com esmolas a sua mãe, muçulmana; ela é muito pobre (viveu sempre separada do pai, de quem foi apenas concubina, já que ele teve sempre a sua mulher legítima, da sua seita); e que, entretanto, o P.º Boaventura procure tornar-se um bom religioso no seu convento mediante a obediência e a observância da santa regra seráfica.

6800

Fiquei a saber que o excelente redactor-chefe de *La Libertà Cattolica*, onde vi em 1879 o P.º Boaventura, escreveu com a melhor das intenções ao em.mo card.-prefeito da Propaganda, talvez a rogo do solicitante. Ensinado pela experiência, tenho por máxima tratar pela recta via os assuntos neste mundo. De modo que eu nunca encarreguei nem sugeri a ninguém que recorresse à Propaganda nesta questão, a qual não deve depender senão da vontade e prudência de V. P. rev.ma.

6801

Passo agora a pedir-lhe uma graça, que por pura negligência não lhe pedi na Europa, ainda que me fosse tão necessária.

No Vicariato da África Central erigi quatro casas das Irmãs, a quem eu denominei *Pias Madres da Nigricia*. Há uma dessas casas em *Cartum*, em *El-Obeid*, capital do Cordofão, em *Malbes*, e aqui em *Gebel Delen*; e dentro de pouco levantarei uma outra entre estes africanos, onde impera completamente a moda de Adão e Eva, da época anterior à queda e onde esperamos uma messe abundante. No Cairo tenho outra casa destas Irmãs, e à casa-mãe fundei-a eu mesmo em Verona com a minha própria regra, em *S. M. in Organis*, onde em 1872 comprei o antigo convento dos olivetanos, que na altura era propriedade das beneditinas Astori. As Irmãs que se encontram na África, pertencentes a esta obra, que consegui instituir com a graça de Deus, são quase todas vénetas.

6802

Pois bem, acontece que, antes de virem para a África Central, elas se aclimatam sempre durante um ano na minha casa do Cairo, onde têm como confessores piedosos franciscanos, que com sumo prazer e grande satisfação das minhas Irmãs, as inscrevem na Ordem Terceira de S. Francisco.

6803

Neste momento tenho nove Irmãs, sete delas veronesas, que os franciscanos admitiram como noviças da Ordem Terceira e agora deviam fazer a profissão, o que me solicitaram insistentemente. Além disso, tenho uma negra freira também da congregação das Pias Madres da Nigricia e alguma outra, com vários dos meus irmãos leigos, que gostariam de pertencer à ordem terceira. Por isso, suplico humildemente da exímia caridade de V. P. rev.ma que me conceda a faculdade tanto de admitir noviços de ambos os sexos como de receber a profissão, depois do noviciado segundo as regras da Ordem Terceira.

6804

Eu também tenho a honra e a satisfação de pertencer desde há muito tempo à Ordem Terceira de S. Francisco. Admitiu-me como noviço no Cairo o P.^e Venâncio de S. Venanzio, quando exercia as funções de prefeito ou era prefeito definitivamente do Alto Egipto; e em 1872 recebeu a minha profissão em *Negadeh*, no Alto Egipto, o rev.mo P.^e Ângelo de St.^a Ágata, prefeito de Tripoli, quando desempenhava este cargo na prefeitura apostólica do Alto Egipto. Espero que isto sirva de ajuda para obter o que lhe peço.

6805

Em caso afirmativo, rogo-lhe que tenha por bem mandar-me a implorada faculdade para Cartum, a minha residência ordinária.

Agradeço-lhe imensamente os prezadíssimos votos que me faz sobre o meu árduo e laborioso apostolado; digo prezadíssimos, porque provêm de uma personalidade a quem venero há muitos anos, pelas grandes virtudes que V. P. rev.ma recebeu de Deus e que o tornam uma das colunas mais firmes da Igreja de Cristo, não só como geral da ordem mais colossal do mundo mas também como homem de grande conselho e prudência, que mereceria ser elevado, como devia acontecer em 1877, e como espero que suceda em breve, à sagrada púrpura cardinalícia, para tomar parte activa e directa, além da presidência da insigne ordem seráfica, na direcção dos mais relevantes assuntos da Igreja nas mais importantes congregações romanas. O grande Leão XIII é demasiado sábio e egrégio para não tornar isso realidade.

6806

Perdoe, meu padre rev.mo, mando-lhe um santinho para meter no seu breviário e um para o rev.mo P.^e Maurício de Venezia. Beijando-lhe as santas mãos, encomendo-me às suas eficazes orações e declaro-me para sempre em Jesus Cristo

Seu Dev.mo, af.mo, filho e seguro devedor
† Daniel Comboni bispo de Claudiópolis
e vig. ap da África Central

N.º 1087 (1041) - A P.^e LOURENÇO MAINARDI
ACR, A, c. 15/55

Delen, Dar Nuba, 30 de Junho de 1881

Meu caro P.^e Mainardi,

6807

Aqui, entre estes povos, que, no tocante ao vestir, ainda seguem a moda dos nossos primeiros pais Adão e Eva, mas que, quanto à moralidade, talvez sejam mais dignos de louvor e mais comedidos que certos países da cultura moderna, encontrei a sua fotografia, a qual me provocou um grande remorso por não lhe ter escrito em tanto tempo nem sequer uma linha e isto depois de tanto bem que o senhor me fez a mim e aos meus institutos africanos de Verona, especialmente quando me encontrava aí sem reitor em 1879, etc. Mas o senhor vai-me desculpar, sabendo bem que o meu silêncio não é culpável, por me encontrar sem secretário e ter tido e ter ainda que dirigir a árdua e difícil obra da redenção da Nigricia, que Deus me confiou. O senhor sabe que nunca o esqueci nem esquecerei nas minhas orações.

6808

Igualmente, na importante exploração que ultimamente realizei a esta interessante tribo, que se irá inclinar perante a cruz e que, antes, nenhum europeu tinha visitado, como agora fiz com o seu incomparável superior P.^e Luís Bonomi e com P.^e Losi (que é um verdadeiro santo piedoso), P.^e Vicente e P.^e Leão, lembramo-nos de si, de quem temos falado muito e com prazer. Mas desejo que me mande também a mim a sua fotografia e que inclua também uma do santo e venerável anjo da diocese de Parma, mons. Villa, a quem fará chegar os meus mais respeitosos e afectuosos cumprimentos, porque o trago sempre no coração, desde os anos em que difundia o odor de santidade, sabedoria e caridade na sua querida Bassano, onde fez um digno e completo noviçado da sua vida episcopal. Faça-lhe chegar também a estampa junta do Sagrado Coração de Jesus, padroeiro da África Central.

6809

Mandar-me-á as fotos para Cartum, a minha residência principal, onde espero estar para a Assunção. Dê-me notícias suas e faça rezar por mim – *humilis et inutilis servus afrorum* –, pela Nigricia, pelos meus missionários e pelas minhas admiráveis Irmãs, que enfrentam a morte pelo seu ministério, como quem bebe um

copo de água. Apresente os meus respeitos à Irmã Ursulina, correspondente do Em.mo de Canossa, a qual em 1861 me disse que ele chegaria a cardeal, dada a sua nobreza, etc. Abençoo, além disso, os Irmãos das Escolas Cristãs, aos quais quero muito pelo seu grande espírito religioso, prodigiosa preparação, exactidão na observância, etc. e que sempre foram e são os meus melhores amigos. O meu querido *ecónomo* José continua a portar-se sempre como é devido; é um bom administrador e tem boa cabeça, bom coração e recta consciência. Ultimamente encarreguei-o de me arranjar 100 000 francos e faria uma triste figura se não mos mandasse: seria a primeira vez que falharia.

6810

Mas ele nunca falhará; senão chamá-lo-ia à ordem, recorrendo à sua esposa, que o fez grande e respeitou na Terra e no Céu. A princípio eu pedi-lhe 60 000 francos (digo-lho confidencialmente) para 31 de Agosto do corrente ano e, com o que contribuíram quatro missionários, um comerciante veneziano de Cartum e o cônsul italiano Calisto Legnani, a estas horas já os ultrapassou. Mas a África devora tudo, pelas dificuldades de transporte, os muitos estabelecimentos, etc. e não bastam. Sou e serei sempre

Seu af.mo † Daniel bispo

N.º 1088 (1042) - AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/125

N.º 26

El-Obeid, 9 de Julho de 1881

Meu caro padre,

6811

Ontem cheguei de Gebel Nuba, depois de ter sofrido imenso calor e ter apanhado, ainda por cima, grandes chuvadas na mesma jornada. Tive febre nos dois últimos dias da minha estada em Delen; e agora não me encontro nada bem, oprimido como estou por cruces tremendas. Não é a última delas uma carta do em.mo card. bispo de Verona, na qual me recrimina de coisas de que eu não tenho culpa: que fiz contratos importantes sem lhe dizer nada a ele, como o da casa de Sestri (eu não tenho o menor contrato com Tagliaferro, salvo o que assinei com o senhor, depois de o senhor o examinar e copiar de novo; e se este não tem nenhum valor, como dizem os advogados, tão-pouco é válida a cláusula que obriga a pagar-lhe 20 000 francos); que se impõe uma ruptura para sairmos ele e eu dessa falsa situação; que ele se ocupará da sua diocese e eu da minha; *que eu faça o que me der na real gana (sic)*, e ele se ocupará de agora em diante dos seus assuntos, que lhe são suficientes; que não quer ver-se envolvido em empresas que depois venham a ser criticadas ou condenadas ou desaprovadas, etc.; que Tagliaferro não está contente com a situação, etc., etc.

6812

Mas... continua o nosso caro em.mo... é verdade que, dissolvendo a obra e retirando as Irmãs de Sestri, o senhor (eu) obrigou-se em tal caso a dar-lhe 20 000 francos? Céus! Que tipo de contrato é este?... Não, eu não vou contribuir para chupar (*sic*) e dilapidar o dinheiro dado à missão, etc. (Jamais dilapidei um centésimo e, embora bispo, vivo como os outros missionários e com eles, como qualquer religioso; antes, trabalho dia e noite para ajudar a missão e, enquanto os outros dormem tranquilos, eu velo à secretária por amor a Jesus C., etc. e aos pobres negros, enquanto poderia viver comodamente na Europa, se tivesse querido aceitar esplêndidos lugares diplomáticos ao serviço da Igreja, etc.)

6813

Mas isto não é nada; o que mais me magoou foi o que se segue; eis palavras textuais do nosso em.mo: «Quem empurrou o senhor, com segundas intenções, para fazer esse deplorável negócio de Sestri?... Deixe-me que lhe diga: a Virgínia (*sic*), etc., etc., etc.»; e aqui descreve essa pobre infeliz de uma maneira desprovida da menor sombra de verdade e totalmente diferente das informações que a superiora me dá, etc. etc.!

6814

Não sei já em que mundo hoje vivemos. De modo que eu, que estou aqui exposto à morte, servindo o meu Jesus no meio de penas e cruces, contente de morrer para salvar os pobres negros e para ser fiel à minha árdua, difícil e santa missão, ter-me-ia deixado guiar por baixos fins, indignos de um apóstolo da Nigricia, etc., ao comprar o convento de Sestri? Já não tenho forças nem alento para escrever; estou atónito de me ver assim tratado, de ver que em Verona o meu primeiro benfeitor tem nesta estima D. Comboni. Não, não é Jesus Cristo quem infunde no em.mo estes sentimentos para comigo; agora Sua Em.^a não é como sempre foi...

6815

Ainda que esteja ciente de sucumbir em breve com tantas cruces, que creio em consciência não merecer, seja sempre bendito o meu Jesus, verdadeiro vingador da inocência e protector dos aflitos: a Nigrícia converter-se-á; e se no mundo não encontro consolação, tê-la-ei no Céu. Aí estão Jesus, Maria, José; e se os homens falham, Deus não falha; ele salvará a Nigrícia e a pobre Virgínia, que é uma alma redimida pelo sangue de Jesus Cristo. Viva Jesus.

Seu af.mo † Daniel Bispo

N.º 1089 (1043) - AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/126

N.º 27

El-Obeid, 11 de Julho 1881

Meu caro padre,

6816

Desde o meu regresso de Nuba, ainda não pude pregar olho, nem sequer um momento, por causa dos grandes desgostos e cruces que, sem eu dar nunca verdadeiro motivo, como me assegura a minha consciência, o próprio Senhor me enviou. Sobretudo com a última carta de S. Em.^a o nosso card. bispo de Verona, o qual se deixa guiar pela mais pura caridade e amor para comigo e para com a minha santa obra, que, sem ele, nem sequer teria chegado a existir e que hoje, através de incríveis dificuldades absolutamente desconhecidas na Europa e até na Propaganda, mas que nós e especialmente a Ir. Teresa Grigolini (a qual recebeu de Deus grandes luzes e graças para esta obra, a mais árdua e talvez a mais importante da África, como, depois da minha morte e porventura antes, verão de modo palpável a Propaganda e quem na Europa se ocupar verdadeiramente da África, porque agora não é possível fazer-se na Europa uma ideia disso) [*aqui conclui o período, deixando o pensamento incompleto*]. Portanto, guardo a mais sentida gratidão para com Sua Em.^a, não só pelo grande bem que fez à África mas pelas repreensões que me dirige, porque é um modelo de rectidão.

6817

Mas, como estou convencido de que esta vez não as mereço, e que calar-me e não me defender representaria um verdadeiro dano para a obra, porque ao rebaixar a estima e a confiança no chefe prejudica a própria obra, talvez me decida a escrever-lhe e a não me calar, como tantas vezes me calei, não me defendendo, deixando tudo nas mãos de Deus, que é o protector da inocência e vingador da justiça. Que Sua Em.^a não queira ver-se envolvido nos meus *pretensos disparates e loucuras* e que queira ocupar-se só da sua diocese de Verona e que eu atenda, como único responsável, à minha África, parece-me muito razoável, e a Santa Sé sempre me pediu contas só a mim sobre o Vicariato da África Central, embora, por motivos da sua alta prudência, tenha às vezes interpelado o valioso e poderoso juízo do bispo de Verona, como necessariamente mais informado da África através dos missionários veroneses.

6818

Mas em Verona continuam os dois institutos africanos; e os cânones da Igreja não só dão ao ordinário o direito de neles meter o nariz, de os vigiar e de os dirigir para o bem, mas até impõem a obrigação de o fazerem por se encontrarem sob a sua jurisdição, e mais dado que o em.mo teve tanto a ver com a sua existência, especialmente nas sábias medidas tomadas ultimamente. Mas bendito seja sempre Jesus e a sua santíssima cruz, cujos mistérios e tesouros inestimáveis explicou tão bem o em.mo príncipe na sua estupenda homilia sobre a transfiguração, pronunciada na catedral no dia de Páscoa deste ano, que eu li no *Verona Fidele* e da qual desejaria uma cópia à parte (a partir de agora mande-me as cartas, telegramas e jornais não para El-Obeid, mas para Cartum, para onde partirei dentro de umas semanas).

6819

Bendita a santa cruz! «Nós estamos aqui para suar, sofrer e penar – dizia-me a Ir. Teresinha Grigolini. É impossível que, pelo que escrevemos, possam fazer na Europa uma ideia das virtudes que, com a ajuda de Deus, mostram os missionários e as Irmãs no meio de tantos sofrimentos, como é impossível – dizia – que possam conhecer Virgínia em Verona e o que ela sofreu e fez pela África, etc. Mas nós temos a graça da fé, o único conforto que nos sustém. Coragem, pois, monsenhor! – exortava-me a Ir. Teresinha. Nós sofremos aqui oposições e dificuldades de que nenhuma missão, nem da China, nem da Índia, nem de outras partes do mundo, fazem ideia; delas também não faz ideia a própria propaganda: aqui temos de enfrentar os bárbaros.

Mas o bem – continuava ela – vai-se fazendo; portanto, monsenhor, coragem: acontecem milagres na África sem que o mundo se aperceba, nem sequer os nossos venerados superiores; mas conhece-os Deus, Jesus e isto basta, porque Jesus é quem nos paga. Alegre-se, monsenhor, etc.» Assim me falava essa boa alma da Ir. Teresinha Grigolini.

6820

E isto era mais ou menos o que sempre me dizia para me confortar Virgínia Mansur, quando em 1875 me via abatido pelos desgostos que me davam os camilianos e os seus partidários. Virgínia, a quem sempre respeitarei e venerarei, mantém ainda, apesar dos defeitos que adquiriu por causa da perseguição, uma fé inamovível (embora os árabes sejam muito volúveis) e uma firmeza inquebrantável (deveria ter-se visto isso no campo de batalha), ao trabalhar como catequista, missionária e em todos os trabalhos fadigosos. Além disso é dócil e obediente às superiores, e mais capaz que todas as nossas Irmãs da África, se se exceptuarem a Ir. Grigolini, a Ir. Vitória e a Ir. Maria José Scandola, que é uma verdadeira santa.

6821

As virtudes e o talento de Virgínia, porque assim o quer o Senhor para seus fins, não são conhecidos em Verona, que não é o seu verdadeiro campo. Mas sou da opinião de que, dentro da ordem da Providência, foi um bem para a sua alma quanto sofreu espiritualmente em Verona e Sestri. Também ela avança nos anos e um dia, quando estiver firme no posto que Deus lhe determinar, compreenderá todos os tesouros da caridade do Senhor para com ela e dará a conhecer a si e à superiora de Verona o que certamente sentirá no coração: um grande respeito e estima por si e pela sua verdadeira caridade. Porque o senhor, caro reitor, sempre lhe fez e quis fazer-lhe bem, e ficaria certamente muito contente se ela, pouco a pouco, se tornasse uma santa; e Virgínia pode chegar a sê-lo, se contar com a graça divina e se puder corresponder a ela no lugar adequado, que não é Verona, dados os precedentes permitidos por Deus. Em suma, viva a cruz!, que para os apóstolos e as missionárias da África será sempre a preciosa companheira, como compete a quem deve salvar almas. Eu glorio-me do que fiz por Virgínia e espero que Deus me dê por isso larga recompensa.

6822

Duas únicas palavras sobre o que o nosso em.mo pai se dignou escrever-me a respeito de Sestri e basta.

O em.mo príncipe diz-me que cometi o erro de Sestri (*sic*), *empurrado por Virgínia*, etc. Mas se estivesse neste momento prestes a morrer, juraria sobre o Evangelho que Virgínia não tem absolutamente nada a ver com Sestri; ela nem sequer estava na minha mente. Além disso, nesse assunto de Sestri, com a ajuda de Deus, usei toda a prudência e ponderação, dignas de um bispo. Quando P.^e Propércio me escreveu sobre Sestri, eu roguei-lhe que o próprio Tagliaferro se me dirigisse por carta, o que ele fez em 19 de Agosto de 1879, quando Virgínia estava na Síria.

6823

Fui três vezes a Sestri para examinar cada coisa, e nessas três ocasiões aconselhei-me (antes de propor o assunto ao em.mo) com o marquês Negrotto e com o irmão de mons. Negrotto (a quem o em.mo conhece, porque durante 14 anos esteve ao lado de Pio IX), o qual é engenheiro e conhece os locais de Sestri. Para além destes marqueses, que têm lá residência de Verão, consultei o presidente da Câmara de Sestri, o arcepreste de lá e um rico proprietário local, parente da superiora da Apresentação em Sestri; e todos me disseram que era um magnífico negócio, mas que não consideravam Tagliaferro tão generoso a ponto de o levar a cabo.

6824

Não contente com isso, antes de molestar Sua Em.^a com projectos ainda no ar, quis experimentar se era viável para nós ter um instituto de Irmãs em Sestri. E resolvi-me a isso movido também pelo gravíssimo motivo da Ir. Matilde, que em Verona não teria podido sobreviver, como dizia o dr. Baschera, mas no Cairo, sim. Mas eu que conheço o Cairo melhor que o dr. Baschera, julguei conveniente prepará-la de modo gradual para suportar o Cairo e, por isso, mandei-a para Sestri, com o que matava dois pássaros com um só tiro, experimentando se era possível um instituto em Sestri e atendendo à saúde da Ir. Matilde. Foram até três os pássaros que matei, ao levar para lá Virgínia e a sua irmã para a tirar da casita, onde sofria não só um isolamento que para ela era duro por ter estado sempre no convento desde a idade dos cinco anos, mas sobretudo para a afastar do seu primo, a quem a delicadíssima honestidade dela não podia suportar, porque Alexandre lhe tinha feito na casita propostas de casamento, as quais Virgínia tinha rejeitado, também na Síria. E a presença de Alexandre foi o seu principal tormento na infausta casita.

9825

O senhor, meu caro reitor, objectar-me-á com o que depois se passou em Sestri com Alexandre; mas eu posso jurar-lhe com pleno conhecimento de causa (são sempre coisas delicadas) que, no final de contas, o que aconteceu em Sestri quando, a pedido de Virgínia, ordenei a partida de Alexandre para Roma, para depois o mandar para o Oriente, só faz resplandecer a virtude de Virgínia, que, embora incitada por meu pai a

casar-se com Alexandre, nem mesmo assim o quis aceitar, porque ela consagrou a Deus a sua virgindade, e nisto foi e é mais firme que os cedros do Líbano.

6826

Após obter uma experiência satisfatória sobre a possibilidade de estabelecer um instituto nosso em Sestri, não quis comprometer-me a nada, sem antes terem estudado bem o assunto o senhor e a superiora geral das Pias Madres da Nigrícia; e, por isso, sugeri ao senhor e à superiora que fôssemos a Sestri, depois de lhes ter submetido em Verona as propostas escritas pelo punho e letra de Tagliaferro. Já conhece o resto da história: o senhor e superiora foram comigo a Sestri, onde, juntos, examinámos tudo, discutimos, lutámos, aconselhámo-nos, etc., etc. até que, finalmente, se chegou à assinatura daquele acordo, que o senhor copiou várias vezes, examinou, esmiuçou e voltou a examinar, etc. Esse foi o único documento que eu assinei: nenhum mais. Palavras e cartas empoladas, isso sim, troquei-as com Tagliaferro; e se ele toma como verdadeiras as suas, eu tomo as minhas; mas essas coisas não implicam obrigação, nem perante a lei nem perante a consciência.

6827

Ora bem, o documento que assinei na presença do senhor, meu caro reitor, ou tem validade, como diz P.^e Ângelo, ou não tem, como afirma o nosso sapientíssimo conde Teod. Ravnigani. Se é válido, trata-se de um bom negócio, como opinava também o senhor; e a lei não pode obrigar-nos a fazer mais do que se fez até agora, quer dizer, destinar três Irmãs, um ou outro catequista, uma casita e acabou... até que estejamos em condições de fazer algo mais. E se o documento não tem nenhuma validade, então estamos livres de retirar as Irmãs, desfazer tudo e mandar Tagliaferro a passear.

6828

Eu aqui não vejo nenhum dislate da minha parte, mas uma medida prudentíssima, orientada para favorecer a missão sobretudo com novas vocações e com a perspectiva de ter oportunidade nas minhas visitas a Sestri de obter grandes recursos, porque em Génova há gente muito rica e *caritativa*, etc., etc. Eu tive a mais santa das intenções e ainda resta provar se disso não derivarão grandes e boas consequências para o futuro. Além disso, fi-lo também com vistas à saúde da superiora de Verona e de todos os nossos doentes da Europa e da África. E que me diz da saúde da Ir. Matilde? Se tivesse ido o ano passado para o Cairo, teria morrido.

6829

Por outro lado, não exigiu nenhum desembolso mais, porque o que gastei em Sestri teria que o gastar noutra parte para a gente daí. Em suma, viva a cruz, viva Jesus e viva o cardeal Canossa! Só no Paraíso a felicidade será completa, e espero que vamos para lá todos. *Vale et salve*.

† Daniel bispo

Se o nosso em.mo card. bispo é da opinião que se devem tirar de Sestri as Irmãs, retire-as. Eu escreverei também a P.^e Ângelo.

N.º 1090 (1044) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/127

J. M. J.

El-Obeid, 13 de Julho de 1881

Meu caro padre,

6830

Ainda tenho centenas de cartas novas a que responder e ontem sacudiu-me uma boa febre, e continua a inapetência e não sou capaz de dormir (porque agora tenho menos forças para suportar as cruces, depois de sustentados tantos combates pela glória de Deus e o bem da África), contudo, quero escrever-lhe a si (que é o mais verdadeiro, positivo e sólido amigo da África, sem tantas cerimónias, mas com a eloquência dos factos, e também o mais eficaz promotor da glória de Deus e da salvação da África Central, porque, dentro de dez anos, que passam rápido, ela terá verdadeiros apóstolos de ambos os sexos; assim que eduque e faça tudo à sua maneira para formar os alunos, segundo o seu pensamento e os conselhos do superior dos estigmatinos, e vá para a frente, etc., etc.), quero escrever-lhe a si, dizia, para o informar da missão, responder às suas cartas, etc., etc.

6831

Em Gebel Nuba fiz, com dois companheiros, um trabalho magnífico, não só no tocante à missão, mas também quanto à abolição do tráfico de escravos. A missão salvará a Nuba, como o esperam todos os chefes e *cojurs* dos mais de quarenta montes que visitei e, como o senhor verá claramente pelos nossos relatórios, que lhe mandarei para o *Bom Pastor* e pelo mapa que fizemos e que vamos mandar para Roma e a todas as Sociedades geográficas do mundo; a Rauf Paxá já foi mandado.

6832

Antes de dizer duas palavras sobre a Nuba, vem-me à mente falar-lhe de Domingos Polinari, o qual, ainda que piedoso e de bons costumes, anda parvo, não quer obedecer aos superiores locais e faz e desfaz a seu bel-prazer, com pouco proveito para a missão. Deu desgostos a P.^e Luís em Cartum, porque, por seu capricho, despediu da horta todos os nossos negros cristãos, até um ou outro que ali trabalhava havia vinte anos, tomando em sua vez muçulmanos e pagando-os bem com os rendimentos da horta, dos quais nunca quis dar conta a P.^e Luís. Além disso, leva para a nossa cozinha o refugo do que se produz, gasta e malbarata na horta quando lhe dá na real gana, cortou árvores colossais, etc., etc. E, por cima, era espião do cônsul, que o escutava a ele e tirava a razão a P.^e Luís, etc., etc. Chegado eu a Cartum, chamei-o à presença de P.^e Bartolo e intimei-o a obedecer em tudo ao superior local e a não fazer gastos sem autorização deste ou a ir-se embora.

6833

Ele disse que sim, mas acabou por me rogar e insistir pela centésima vez que o mandasse para a Europa antes de terminar no cemitério. Eu respondi-lhe que se tentasse submeter-se aos superiores das missões para onde depois fosse enviado, que voltasse e se não, que ficasse em Verona ou em Sestri, na casita ou em sua casa. Eu seria da opinião de que voltasse, dado que, forçando-o a comportar-se devidamente, pode tornar-se nos muito valioso, porque é um grande trabalhador, de provada e segura moralidade, mesmo no meio das mulheres totalmente nuas dos Nuba, e tendo a esperança de que na Europa, como sucede com todos, se desenganará, porque ele está melhor na África.

6834

Mas a Ir. Teresinha seria da opinião de que não voltasse mais: contribuiu para manter a inimizade entre o cônsul e P.^e Luís, diz-me a Irmã. Estando à mesa, P.^e Luís, que é divertidíssimo, zombava do cônsul da Áustria pela sua terminologia italiana (é alemão). Comentava, por exemplo, que me tinha escrito a mim: «Rogo a vossa “monsenhoria” que me mande tal coisa, etc.», e a P.^e Luís: «Rogo-lhe que dê hospitalidade a estes dois pobres súditos austríacos; fará o senhor uma grande “carestia” (queria dizer caridade), etc., etc.» e continuava a arremedar o cônsul: «Todo o meu coração e minha vida é para o meu “pimpo” [*vocábulo sem significado em italiano, mas engraçado*] (por *bimbo* – criancinha –, porque o cônsul tinha uma concubina que P.^e Luís e eu com muitos esforços não conseguimos que ele mandasse embora), etc., etc. Pois bem: de noite, Domingos ia contar tudo ao cônsul e entretanto crescia a inimizade, até que o cônsul denunciou P.^e Luís ao Ministério de Viena e à Propaganda, com grave dano pecuniário e moral; de modo que o Em.mo card. Simeoni ordenou-me (também pelo que escreveu para Roma o nosso em.mo bispo) que arranjasse um novo vigário-geral (isto tinha-lho sugerido P.^e Losi) e que P.^e Bonomi não ocupasse mais esse cargo. Em todo o caso, se Domingos vier para a África, colocá-lo-ei no seu posto.

6835

P.^e Bartolo partiu com grande satisfação de todos, porque não serve para nada. Não é capaz de ensinar um pouco o catecismo, e menos ainda de exercer o cargo de superior: apenas sabe semear discórdia e cizânia e é indigno de todas as considerações que usei para com ele. Mas quando me escreveu a dizer abertamente que tinha aceite vir para a África só porque pensava que ia ser vigário-geral e responsável absoluto (porque tem a soberba de pensar que ele teria dirigido bem as coisas) e que na minha ausência me punha como condição ter a seu lado P.^e Losi como seu ajudante, etc., então caiu a venda e soubemos que está maluco.

6836

Foi ele quem de viva voz e por escrito me rogou que lhe permitisse voltar para a Europa, espantado pelo medo de morrer. Depois, ao notar que ia recuperando, propôs-me ficar, mas só na condição de ter tudo nas suas mãos. E vendo que não respondo, porque é um indivíduo totalmente incapaz e que ninguém tem a menor confiança nele, escreveu-me que se se for embora, não será por doença, mas porque vê que a missão *vai mal*; entretanto em Cartum, antes de cair doente, dizia que os camilianos o tinham enganado e que a missão funcionava melhor do que ele pensava. Sobre P.^e Bartolo poderia escrever mil páginas; em Cartum conheceram-no. Pois bem, que o Senhor o abençoe e que vá para onde quiser, mas não para o Cairo nem para o Vicariato: pela sua incapacidade e porque aqui não teria as simpatias de ninguém não virá nunca, enquanto eu for vigário apostólico. Entre outras virtudes, carece de humildade e de caridade, como lhe observei a ele mesmo

numa carta (mas ele é soberbo e sempre desprezou as minhas admoestações). Mande-lhe cópia (mas já terá partido) de dois fragmentos da *Vida de Santa Ângela Merici*, escrita pela Girelli em 1871.

6837

Rogo-lhe, senhor reitor, que a leia, porque é boa para mim, para si e para todos os missionários, dei cópia desses fragmentos também às Irmãs daqui. Peça à superiora a *Vida de Santa Ângela* e leia na pág. 41, 12, sobre a *doçura e misericórdia*: «Disse-se com razão que para ganhar uma grande influência sobre os corações não basta só a santidade, mas que convém, segundo a sábia lição do apóstolo, que se revista de *vísceras de misericórdia, bondade, humildade, modéstia e paciência*. [...] Mas pôs-se (St.^a Ângela) a infundir isso na alma das suas virgens e desejava convertê-las quase em *ímanes celestiais* a fim de ganhar almas para Deus. [...] Longe de nós essa atitude severa e depreciativo (P.^e Bártolo), que não sabe aceitar as fraquezas do próximo e se levanta em censor das suas próprias virtudes; longe esse zelo indiscreto que nunca encontra suficientemente perfeitas as obras alheias e procura o bem com soberba e com ira. Honremos a todos com a [...] e mesmo quando devamos exortar e corrigir [...] façamo-lo com aquela santa amabilidade de que St.^a Ângela nos deu contínuo exemplo toda a sua vida».

6838

Leia também (copiei na Nuba muitos fragmentos) este parágrafo 15 da página 48, que também me deixou assombrado e conheço ser zero na caridade. Diz: «Quando J. C. vive espiritualmente num coração, inspira-lhe sentimentos de amor semelhantes aos seus; e esse coração torna-se, segundo a graciosa expressão de S. Francisco de Sales, *fonte pública*, de onde todos têm direito a alcançar ajuda e conforto. Acudiam a Ângela os pobres, os meninos, os aflitos, os pecadores, procurando nela uns ajuda, outros [...] e ela do tesouro da sua caridade tirava sempre com que satisfazer a todos... Com o seu amor maternal, escreve Cozzano, abraçava toda a criatura e quem era *mais pecador*, mais *carícias* encontrava nela; e se o não podia converter (pense nisto, sr. reitor; eu ignorava esta ideia), induzia-o com amorosas palavras a fazer algum bem, ou *menos mal*, a fim de que, com esse pouco de bem pudesse receber alívio no momento da morte e *no inferno menor tormento*», etc., etc., etc.

6839

Deveriam ler isto certos sacerdotes veroneses de vista curta e coração fechado, que não são capazes de nada e criticam os outros... porque *falta a caridade e a humildade*. O senhor conhece o juízo de P.^e Squaranti acerca de P.^e Bartolo, sobre o qual escrevia que *vê tudo escuro mais que no Inferno, fala de tudo e de todos, sonha com catástrofes* e concluía *que foi D. Bartolo quem fez o maior dano à missão*, e que era *tão teimoso que nem o Espírito Santo* era capaz de o fazer mudar de opinião. Portanto, desejo-lhe todo o bem, mas é melhor que não venha mais para a África. Eu tive para com ele as mais puras e santas intenções; mas todos aqui pensam que será uma bênção que ele não volte a África. As águas de Peio pode tomá-las em casa, mas para as de Recoaro é melhor que vá à nascente.

6840

A missão, apesar das suas imensas dificuldades, vai bastante bem. Passei dias felizes com P.^e Losi. É tão casmurro como P.^e Bartolo, mas sabe que não tem capacidades para dirigir. Como missionário, vale muito: é do melhor que temos. Todos são do parecer de que bastava estarem juntos dez dias para criarem inimizade. Todos os dias me pediu que nomeasse P.^e Luís Bonomi superior de Nuba, porque ele era o único capaz de dar um grande impulso a essa missão e, além disso, conhece um pouco a língua de lá. Disse-me várias vezes que nos três anos que esteve com ele em Nuba *ficou edificado* pela sua abnegação, pelo seu espírito e sobretudo pela sua pureza e delicadeza quanto à honestidade, e pelo seu comportamento naquele país, onde homens e mulheres andam completamente nus.

6841

E P.^e Bartolo escreveu-me várias vezes em 1878 para que o expulsasse por mulhengo e escandaloso (o que também disse de outros e de P.^e Gennaro, etc.). Eu não me decidia a pedir a P.^e Luís que ficasse em Nuba, porque tinha combinado com ele levá-lo como companheiro em todas as expedições pelo Nilo Branco, etc. E o próprio P.^e Losi, sem eu saber, tinha-lhe pedido que ficasse em Nuba. Então P.^e Luís veio ter comigo e disse-me: «Não se preocupe; eu fico em Nuba ou vou consigo, como o senhor quiser. Eu não conheço outra voz senão a da obediência e essa é o meu único dever. Também posso ficar aqui de boa vontade *às ordens de P.^e Losi*, etc.». Coloquei-o como superior em Nuba, com grande satisfação de P.^e Losi e pouco prazer de P.^e Rosignoli, que apesar de tudo não vai mal.

6842

Coisa admirável! P.^e Losi não vive senão para Deus e para as almas: tem um zelo para ganhar almas que entenece; está sempre fresco como um jovem quando se trata de fazer oração, falar com Deus, adorar o Santíssimo e ficar noites inteiras de joelhos na igreja. Ordenei-lhe que expusesse o Santíssimo Sacramento (na bonita e espaçosa igreja que dediquei a S. José), porque até agora ainda o não tinham podido fazer por falta de azeite para a lamparina e ele encontrava as suas delícias diante do altar; e eu (que durmo pouco ou nada) estive a fazer de vigia e vi que, à excepção de uma ou duas horas de sono, ele estava, toda a noite (e dia) na igreja. Quando reza o ofício, fá-lo sempre de joelhos e na igreja o seu rosto reflecte que encanta. Eu falei-lhe de Jesus, das coisas que presenciei, dos prodígios que vi em tantas almas de grande oração e caridade, e ele estava feliz.

6843

Não sente as necessidades do corpo, nem sequer as de comer e beber; para ele é o mesmo a horrível comida dos negros que um bom prato de macarrões. Nunca toma carne, ou raramente, mas sim, quando há, sopa, leite e legumes; e nunca se esquece de jejuar às sextas-feiras, o que nunca deixaria de fazer ainda que tivesse febre e estivesse a ponto de morrer, e nunca nesse dia, ainda que não tivesse outra coisa, tomaria caldo de carne. Dormia sempre no chão, mas, desde as minhas repetidas ameaças de há dois anos, agora dorme no *angareb* nu, ou quando muito numa simples esteira, que sempre cede a algum jovem negro necessitado dela. Tendo ido eu visitá-lo quando ele tinha uma febre de cavalo, e encontrando-o deste modo deitado vestido, roguei-lhe *in visceribus Christi* que aceitasse uma almofada minha, porque não tem nada, nem quer nada, para recostar a cabeça, que então estava mais baixa que os pés. Recorri às ameaças e à *ordem em virtude da santa obediência*; mas sorrindo e batendo os dentes pela febre, respondeu-me que aquelas coisas são inúteis, que nós somos missionários, etc. Mas, pela manhã, com febre ou sem ela, é o primeiro a celebrar missa. E está sempre disposto a rezar. Quanto ama ele a oração! Deseja escrever a meu pai, de quem gosta muito, porque em Verona iam os dois rezar juntos.

6844

P.^e Losi tem o fervor do mais perfeito monge ao fazer o noviciado; e desde que se fale de Deus, do Coração de Jesus, dos santos, dos jesuítas, da oração, ele estava sempre alegre e contente. Fez um dicionário nuba de mais de três mil vocábulos e agora, com P.^e Luís, está a fazer uma cópia desse trabalho para mo mandar, porque para ajuda dos missionários, quero mandá-lo imprimir. Por outro lado, quando lhe ordenei que comprasse meninos e meninas doentes e com pouca esperança de cura (às vezes conseguem-se por dois, três, cinco táleres cada um), foi enorme a sua alegria e sobretudo quando o autorizei a gastar cem táleres, que eu me ofereci a pagar. P.^e Losi é capaz de estar frente a frente com mulheres completamente nuas, mesmo só com uma, e manter uma atitude como a que o senhor teria diante de um aluno seu; e isto durante uma hora ou duas, para as exortar a tornarem-se cristãs, a vestirem-se e a não pecar. E está com a mesma indiferença com que o P.^e Vignola o recebe a si no salão para uma conversação confidencial; e muitas mulheres daqui não são nada feias. Mas o missionário e missionária da África Central têm que ser assim e são-no, com a graça de Deus. Os homens são mais feios do que as mulheres.

6845

Mas estou-me a alargar demasiado. Acerca desta missão, que faz nascer grandes esperanças, bem como sobre as estupendas explorações que realizámos e sobre a grande influência exercida neste percurso pastoral no espírito de todos os chefes, os quais me consideram o salvador dos Nuba, por lhes ter assegurado que se acabará com o tráfico de escravos e os Bagara serão dominados, etc., terá informações através do relatório geral que, dentro de uns meses, enviarei de Cartum para a Propaganda.

6846

Começo (porque não sei como é que eu sou assim tão longo e palavroso) por responder às suas cartas. Deixaremos a casa de Sestri e a Virgínia sairá de Verona, porque segundo o Em.mo é uma *chaga*, opinião que eu, nem remotamente, compartilho. S. José, em cujas mãos pus tudo, saberá encontrar os respectivos remédios: a Ir. Teresinha e eu estamos certos disso; na nossa missão é salvar almas, digam o que quiserem. Deus saber-mo-á ter em conta, porque *Deus charitas est*.

6847

Desprezo-me a mim mesmo quando se trata da caridade e não me preocupo da opinião alheia que se possa fabricar. Presto ouvidos *somente à minha consciência*, enquanto houver perigo de que uma alma se perca e, por graça de Deus, sigo perfeitamente esta grande norma: «*Ama nesciri et pro nihilo reputari*». No mundo vi coisas de toda a espécie e aprendi, por experiência, que, antes de tudo, se deve ter um grande amor a Deus, que gera o amor ao próximo, *quod universa lex est*; e depois aprendi e conheci quão sábio é a verdade pregada pelo Apóstolo: *cupio anathema esse pro fratribus meis*.

6848

É o que vem a escrever mons. Mermillod na oração fúnebre do arcebispo de Cambrai, feito card. com o nosso em.mo bispo, a quem sempre estimei e venerei como a um grande homem e primeiro benfeitor da África Central.

6849

Perdoe por me esquecer de uma coisa de P.^e Losi sobre o *ama nesciri et pro nihilo reputari*; quero aqui mencioná-la. P.^e Losi, tão virtuoso, santo e admirável como lhe disse, recebeu de P.^e Bartolo (que sempre semeou cizânia) a notícia que eu lhe dera – nisto fui *proprio de Comuni Confessorum non Pontificum* – de que P.^e Fraccaro mandou uma carta para Verona a Sua Eminência, a informar de que *não estava certo quanto escreveu P.^e Losi, a respeito de eu desde há três anos não ter mandado nem uma piastra*, ou seja, desde 21 de Outubro de 1877 a 21 de Outubro de 1880, e que isso lhe foi assegurado pelos missionários de El-Obeid (gastei nesses três anos cerca de 5000 napoleões ouro com o Cordofão e Nuba). De modo que encontrei P.^e Losi muito perturbado; ele não falou comigo, mas desabafou, lamentando-se, com P.^e Vicente Marzano.

6850

Então fui visitá-lo para o tranquilizar e o pobre do P.^e Losi estava desoladíssimo e disse-me: «Os de El-Obeid disseram-me verdadeiramente que em três anos o senhor não tinha mandado uma piastra. E tendo negado isto P.^e Fraccaro numa carta – explicava-me P.^e Losi –, eu *perco a credibilidade* perante Sua Eminência e já nunca mais vai acreditar em mim.» «Meu filho, disse-lhe, ainda que percas o crédito, por que não dás o assunto por encerrado, pondo assim em prática o *ama nesciri et pro nihilo reputari*?». «Não, respondeu-me, disseram-mo e eu devo justificar-me perante Sua Eminência e afirmar-lhe que eu disse a verdade», etc. E continuou mais uma semana nesta perturbação e escreveu e reescreveu a carta para o cardeal, que submeteu ao meu juízo. Eu aconselhei-o deste modo: «Meu filho, os de El-Obeid disseram-to ou não to disseram. Se to disseram e eles pensam que não, escreve a Sua Eminência explicando-lhe que tu estás convencido que eles to disseram, mas que reconheces ter escrito a respeito de mim uma coisa que não está certa, porque nesses três anos tu viveste e comeste somente graças ao dinheiro que eu mandei. E se não to disseram, então pede perdão a Sua Eminência por teres escrito com demasiada ligeireza uma coisa que tu agora sabes que não estava certa e humilha-te, etc.»

6851

Mas tudo foi inútil; quis escrever a S. Em.^a que os de El-Obeid lhe tinham falado assim *com certeza e que ele estava certo disso*, etc., etc. Então eu concluí: «Meu filho, escreve a Sua Em.^a o que quiseres contra mim; escreve até a Roma, à Propaganda e ao Papa, dizendo que sou um canalha digno da forca, etc.: eu, em todo o caso, perdoar-te-ei e nunca deixarás de ter o meu affecto. Contanto que fiques sempre na missão e me convertas e me salves os meus caros Nuba, tu serás sempre o meu querido filho e abençoar-te-ei até à morte.» Ao que ele respondeu: «*Quanto a isso, não tenha dúvidas: eu morrerei na Nigrícia, no lugar para o qual o senhor me destinar, para aí trabalhar pelos negros.*» Então abracei-o e disse-lhe: «*Moriamur pro Nigritia.*»

6852

Ora bem, caro padre, eu estou confuso e não entendo nada. Como se explica este fenómeno, ou seja, esta fraqueza de amor-próprio em P.^e Losi, que é tão piedoso, tão devoto, tão mortificado, tão grande desprezador do mundo e das próprias comodidades, que ama tanto a Deus e se sacrifica pela sua glória e que quando está unido a Deus na oração não sente as febres nem a fraqueza do corpo, nem a fome, nem a sede, etc.?... Meu caro padre, o Em.^o Barnabó dizia-me: «Quer comamos quer... seremos sempre fracos e homens; quando já não tivermos boca para comer, então estaremos livres das misérias.» Em todo o caso, viva P.^e Losi! Ele é uma das minhas alegrias.

6853

Em Delen baptizei oito adultos. O livro dos baptizados (ainda que pelas intrigas dos meus adversários, etc., etc. nos tenhamos visto obrigados a abandoná-lo durante dois anos) regista mais de sessenta, e penso que ainda se não aprendeu a língua, etc. O trabalho virá quando se souber a língua, etc. Aqui há muitos para baptizar, mas eu vou devagar...

6854

Passou o tempo, é a hora do correio e estou já sem forças, etc.; assim que já não escrevo a mais ninguém, embora tenha três cartas da Propaganda para responder. Além disso, a febre não está longe. Dê lembranças a meu pai com uma linha, assim como a P.^e Luciano, etc. Mil respeitosas saudações ao rev.mo superior e ao em.mo e igualmente a mons. o reitor, a Ravignani, às Peccati, etc. Abençoo ambos os institutos e os de Sestri e o dr. Baschera. Faça uma visita especial por mim à *superiora* e a *Virgínia*, e diga-lhes que as abençoo e

lembra a Virgínia que já há tempos que não recebo carta dela (dois meses). Viva Jesus! Viva Maria! Viva S. José! Aqui os missionários e as Irmãs estão bem: todos menos eu e, em parte, P.^e Fraccaro. Mas existe o Paraíso. Rogue por

Seu af.mo no Senhor
† Daniel bispo

N.º 1091 (1045) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/128

J. M. J. N.º 29

El-Obeid, 16 de Julho de 1881

Meu caro padre,

6855

A tintura *Perigozzo* é um ótimo remédio para o Sudão, que todos os nossos missionários e Irmãs recomendam para muitas doenças, febres, purgas, etc. Mas quem mais a elogia é P.^e Luís Bonomi, que, mediante uma nota que me foi entregue em Nuba, me rogou lhe mandasse dessa tintura de Cartum. Na África Central (não se tem ideia em Roma e na Europa destes sacrifícios, nem de cem outros e, por ignorância, medem-se com o mesmo rasoio todas as missões; mas nós estamos por cima destas ninharias e mesquinhas, e trabalhamos e sofremos por puro amor de Deus e pelas almas, e seguimos adiante), como diz amiúde a Ir. Grigolini, três quartas partes de cada ano passam-se entre fraquezas, esgotamentos, prostrações, etc., após se ter sofrido a trabalhar, após fastios, insónias, etc., etc. (Eu passo neste estado cinco sextas partes do ano; mas como sou forte de ânimo, armo-me de coragem e sigo em frente. A infeliz e desventurada Virgínia, ao invés, sofria menos destes achaques e trabalhava por quatro, como sabem as nossas Irmãs veronesas daqui.) Pois bem, a tintura *Perigozzo*, tomada quando alguém se encontra nesse estado, faz muitíssimo bem; mas igualmente é boa para prevenir febres, etc., etc.

6856

Mas na sua carta n.º 25 o senhor diz ter-me escrito as instruções do sr. Zamboni sobre a tintura no dia 29 de Janeiro de 1881. Mas procurada a carta correspondente a essa data, encontro nela uma alusão a tais instruções, mas não elas mesmas. Podiam bem estar numa folha à parte que eu terei esquecido em Cartum, onde recebi a carta em questão? O facto é que não as tenho e não sei de que se trata. Poderia o senhor rogar a Zamboni (a quem saudará da minha parte) que as escreva de novo e mandar-mas? A tintura é um remédio muito eficaz para a cólera e li todas as provas a respeito dessa cura, que é do mais racional. Contudo, na África Central não há cólera: aqui morre-se mais por outras causas. Por isso escrevi a P.^e Luís – é o mais competente – para que redija uma informação sobre os bons efeitos da tintura *Perigozzo* nas doenças aqui habituais e mandá-la-ei. Eu penso fazer outro, com base na minha experiência e nas afirmações de todos os nossos.

6857

Eu nunca prometi nem fiz crer a Alberto (Isidoro nem sequer sonha chegar a sacerdote, pois falta-lhe capacidade até para ser catequista; foi Alberto quem me disse a mim e a todos que Isidoro o seguia e todos lhe deram crédito, quando o outro não falou nem fala nada sobre o assunto; faz de sacristão e arranja um ou outro relógio, mas nunca estuda) que o ia ordenar sacerdote: nem no Cairo nem em parte alguma. Ele diz que sim? Eu juro que não. Em Verona (*nemo propheta in patria sua*) acreditarão no Alberto e não em mim, como pensa P.^e Bartolo e como acontece noutros assuntos, em que se crê mais nos campônios que nos missionários, etc. (não falo de si); mas se desci tanto na consideração alheia, não importa: iremos para o Paraíso. Quem serve a Deus no mundo deve padecer e ser humilhado.

6858

O Alberto nunca me pediu para se tornar sacerdote, nem no Cairo nem durante a viagem. Foi em Cartum, depois de eu ministrar as ordens menores a Francisco, que ele (que com outros negros se vestiu de clérigo para assistir à ordenação) me disse que, já que tinha o hábito de clérigo, lhe permitisse conservá-lo. No momento em que me pediu isto encontravam-se presentes quatro ou cinco dos nossos, que me disseram: sim, sim, deixe que o mantenha. E respondi-lhe afirmativamente. O Alberto nunca trabalhou em coisas manuais e próprias de secular, como fazem todos especialmente em El-Obeid, onde sacerdotes e leigos construíram a

igreja fazendo até de carregadores (até o P.^e Marani, de saudosa memória, segundo me contou P.^e Bertoni em 1851 quando estava de cama, trabalhou manualmente como trolha, carregando pedras, etc., quando em 1816 se construiu o convento das estigmatinas), e P.^e Fraccaro, P.^e Luís, P.^e Vicente, etc. fazem de tudo.

6859

Pois bem, vendo que o Alberto não mexia uma palha e que durante a viagem, nas paragens, era preciso que outro ou o próprio P.^e Luís lhe estendesse a esteira e que nunca arranjava lenha, etc., mas que sempre estava só e com os livros na mão, P.^e Fraccaro e especialmente P.^e Luís perguntaram-me: «Quem é esse Alberto que não quer fazer nada?» Então chamei o Alberto e na presença de P.^e José e de outros exortei-o a fazer o que faziam todos, etc. etc. Respondeu-me secamente: «Se não tivesse sido por si, que é um verdadeiro pai, não teria vindo para o Sudão. Estou escandalizado de todos e das Irmãs, do Cairo e de todo o lado, que querem que eu trabalhe; mas eu nunca farei nada, salvo o que deve fazer um sacerdote; só estudarei. Então observei-lhe que na África também os sacerdotes trabalham todos e que, com maior razão, ele devia trabalhar, que tinha feito o juramento de vir comigo como leigo catequista. «Não – disse-me – eu tenho que ser sacerdote ou, de contrário, agora mesmo dou meia volta e vou para Roma, para a Propaganda, cujo reitor prometeu admitir-me para ser sacerdote, etc., etc., etc.; e o senhor também mo prometeu.» «Não – respondi – eu não to prometi; antes pelo contrário, teria deixado que fosses para casa, se não tivesses jurado ser leigo.» «Sim, insistia, o senhor prometeu-mo; e prometeu-o também a Francisco, com quem manteve a sua palavra e destinou-o a Dichtl para que o ensine. Porque não me atribui a mim um mestre? Porventura sou menos que Francisco?» «Não, repliquei; vejo difícil que possas ser sacerdote dependendo de mim, porque te falta a capacidade e a vocação.» «Pois tenho mais capacidade que Francisco – afirmou – e verdadeira vocação. E se o senhor não me der já um mestre com quem estude, parto imediatamente para Roma e apresento-me ao reitor da Propaganda, que me fará sacerdote, etc., etc., etc.»...

6860

Passaram alguns dias (já todos se tinham apercebido do que se passava). Apesar da regra do estabelecimento, sem pedir autorização a ninguém saía todos os dias e passava horas fora com os protestantes prussianos [...]; e a Ir. Grigolini disse-me que tivesse cuidado com Alberto que ele não compreendia nada, etc. Então mandei que viesse ao pátio das Irmãs, onde eu me encontrava e, na presença da Ir. Grigolini, falei-lhe como verdadeiro pai, do que a Ir. Teresa ficou admirada. Mas ele não respondeu mais que isto: «Ou sacerdote, ou regresso imediatamente.» De noite, uma hora depois das ave-marias, chamei-o para o acalmar e disse-lhe que ficasse calmo e que obedecesse em tudo ao superior, que tão-pouco S. Francisco de Assis era sacerdote e foi um grande santo, etc. Então ele disse-me: «O senhor, monsenhor, vai-me dar já um sacerdote que me ensine latim e teologia e, depois, deve passar-me um documento em que declare em quanto tempo me vai ordenar sacerdote; eu nunca farei nada que não seja de sacerdote, nem trabalharei, nem mexerei uma palha, etc., etc.; unicamente estudarei e o meu mestre deve ensinar-me muitas horas por dia, etc.».

6861

Ouviram esta conversa vários missionários, que riam, etc., etc. «Pois olha, disse-lhe: ainda que tivesses a sabedoria de Salomão e os conhecimentos de S. Tomás de Aquino, com esses sentimentos não te ordenarei sacerdote em toda a vida.» Então saltou: «Dê-me o dinheiro para partir amanhã para Roma.» «Nem um centésimo agora para regressar, porque não tenho, etc., etc.» Os outros disseram-lhe que esperasse até ao meu regresso a Cartum, que iria comigo. «Não, respondeu, parto imediatamente e já encontrei eu o dinheiro». Levou dois baús e, ao fim de dois dias, partiu com um comerciante. Sabe-se que conseguiu dinheiro dos homens de negócios. Eu dei ordem a Cartum e ao Cairo (ouvido o parecer de todos os nossos) que não se recebesse na missão nem se lhe desse dinheiro, porque, como lhe declarei em frente dos outros e de acordo com eles: «Desde o momento em que tu te separe do instituto por tua vontade, etc., não pertences já à obra e, portanto, considero-te estranho a ela, de modo que não tens direito nem a alojamento, nem à viagem.» «Não importa, rematou, Deus estará comigo.» Já tinha recebido vinte táleres e o camelo foi por conta dos prussianos. Mas em Cartum estava P.^e Bartolo e foi recebido. Desde então não sei nada de Alberto. Que ele vá, fale, etc., não me importa.

6862

Deus protege a obra; o senhor não teve nenhuma intervenção quanto a Alberto; só sabe que eu tê-lo-ia mandado embora de Verona se ele não tivesse feito o juramento de catequista leigo. Mas é preciso – e esta é a norma de que o senhor fala sempre e da qual estou convencido, se bem que às vezes, apertado pelas circunstâncias, tenha agido de modo diferente, do que estou justificado diante de Deus – que os aspirantes do sexo masculino e feminino, os sacerdotes e os leigos sejam bem provados primeiro. E isto é o que constitui a razão de existir e a grande importância dos institutos de Verona. As obras não ficam perfeitas num instante. Pobres das Irmãs do Cairo se eu não tivesse admitido em Viena aquele anjo de noviça, a Ana! Ela, como me

escreve Faustina, foi o suporte e apoio das doentes. Mas isto são excepções raras ditadas pela necessidade; e, por norma, devem provar-se da maneira mais completa e o melhor possível, e durante o tempo mais longo que for possível em Verona. Estamos entendidos.

6863

Basta o que o senhor fez para protestar contra esse louco do conde Dalbovo, que foi sempre um chanfrado e que eu conheço desde 1855, quando, por causa dos meus serviços como padre, médico e enfermeiro durante a cólera, sua excelência o delegado de Verona, De Jordis, para além de uma gratificação em polenta a P.^e Mazza, escreveu-me oficialmente uma carta elogiosa pelos serviços prestados em Buttapietra, etc., etc., onde lhe curei quase todos os atacados de cólera; nesse documento dizia que todos os meus pedidos seriam sempre satisfeitos, em qualquer circunstância, porque eram *acompanhados das lágrimas sofredoras da humanidade*, etc., etc. Pois bem, o delegado de Verona redigiu e deu o documento ao presidente da Junta de Buttapietra a 2 de Outubro de 1855, e aquele chalado entregou-mo só em Fevereiro de 1856, e aberto! Por esse abuso foi deposto de presidente. Por isso, como eu conheço todas as loucuras e desatinos desse conde, digo que não merece outra resposta, porque, em última análise, está mal do *Nomine Patris* e isso em Verona é conhecido.

Parece-me bem que a Ir. Matilde seja mandada para o Cairo, mas não na época do calor: basta em Setembro, a não ser que, por outros motivos, tivesse que ser antes.

6864

Para além de um resumo administrativo numa simples folhinha, rogo-lhe que me envie uma lista pormenorizada de todas as ajudas e esmolas e de quem se receberam (refiro-me ao que chegou de Mitterutzner e de outros, não ao que lhe dei eu ou ao que lhe mandou e mandará Giulianelli); em suma, todas as receitas vindas de donativos e esmolas para Verona ou para a obra e isto desde 15 de Novembro de 1880 até hoje. Em meia folha cabe tudo. Igualmente, os rendimentos do *Bom Pastor*; ou seja, a soma total. Mas esta talvez a indique no breve resumo. Basta, portanto, os donativos em dinheiro. Perdoe este incómodo.

6865

Escreveu-me o negro P.^e João Farag, o qual é muito bom, mas a quem vou responder, que é uma verdadeira tentação do Demónio a ideia de querer trocar Roma por Verona. Já informei do assunto o reitor do Colégio Urbano, deixando-lhe a ele e à sua prudência acertar tudo. O Em.^o card. Simeoni escreveu-me a respeito de Lotermann; mas eu mandarei uma carta ao bispo de Gand, na qual lhe explicarei tudo sobre Lotermann, na qual lhe darei todas as minhas faculdades e na qual declararei que exonero Lotermann da obrigação de servir a África e o deixo nas suas mãos, fazendo com ele o que quiser. Só lhe peço que faça saber a Lotermann que tem a obrigação, da qual o não exonero, de ressarcir, quando puder e como puder, o instituto de Verona pelos quatro anos: uns 1500 francos.

6866

Na sua de 28 de Maio, o senhor escreve-me. «Virgínia, como se vê pelas cartas do monsenhor, escreve-lhe coisas não certas, exageradas, pelo que o monsenhor se aflige e não dorme. Deixe que eu lhe fale com o coração na mão e de modo franco, pois sabe a alta estima em que o tenho a si, ao seu instituto, a Sua Eminência, etc.; e se lhe falo claro, é só porque tem a bondade de me falar claro a mim, sempre por um santo fim...» Pois bem, deixe que também por um santo fim fale claro também eu, que aceito com gosto todas as observações. Oxalá que todos os homens sejam assim, mas a maior parte deles são aduladores. E quanto a isto, viva sempre o Em.mo Canossa, que fala claro, mortifica, etc. Às vezes, o que pensa no momento leva-o a reacções exageradas, mas depois acalma-se, etc., o que revela que todo ele é um senhor.

6867

O senhor é um santo – acredito-o – e os seus fins também o são; mas conceder-me-á que também é um homem e que às vezes se pode enganar nalguma coisa, como eu me enganei frequentemente. Eu e o senhor somos humanos... Permita agora que lhe fale com franqueza. Eu, quanto a Virgínia, peço por excesso de estima e de apoio; e o senhor, com Sua Em.^a (e isto deve-se às sinistras impressões que antes lhes meteram no coração o pérfido Grieff, o estúpido campónio Tiago – do qual devo ter cartas em Cartum nas quais elogia Virgínia – e o tosco Estêvão, os quais, segundo me disseram em Verona, se apresentaram a Sua Eminência a testemunhar, etc.), têm demasiada antipatia e hostilidade para com Virgínia, etc., etc. (Claro que o principal motivo é o zelo por Jesus e a preocupação por mim, a quem quereriam ver incólume – e não objecto de falatório – e estimado como deve ser estimado um bispo, e, portanto, não quereriam nem ver nem ouvir nada que pudesse lançar alguma sombra sobre a minha fama, reputação e dignidade, do que lhes estou e estarei sempre agradecido.) Para mim, Virgínia é demasiado estimável; para si, demasiado desprezível: exageros de uma parte e da outra.

6868

Eu vejo a boa intenção em tudo aquilo que o senhor faz; mas também no que respeita a mim deve ser tudo considerado, isto é, a razão pela qual protejo Virgínia. Diz a Ir. Grigolini às claras que eu fui levado a ser um

tenaz defensor de Virgínia primeiro por justiça, porque tal como os camilianos tratavam de me deitar a perder a mim, queriam fazer-lhe o mesmo a ela; depois, por necessidade de me defender (por justiça, tal como a Santa Sé me defendeu, a qual, depois de eu ter sido objecto das mais infames acusações, me nomeou bispo), e, finalmente, para a defender a ela, que praticou eminentes virtudes e era inocente. Mas mais tarde, em Verona, após as primeiras impressões sobre Virgínia, originadas por Grieff, Tiago, etc., ela sempre esteve sujeita a animosidades (não por parte da superiora, que chorou muitas vezes e me assegurou que ela não estava contente, nem via a necessidade de a confinar àquela casita, o que me repetiu várias vezes). E Virgínia e eu vimo-nos obrigados a chorar e a calar, e a levantar os olhos para o Céu, porque, se tivéssemos insistido, ter-se-ia gerado um mal maior para a obra: teríamos perdido o senhor como reitor. Para obviar a esse mal, sacrifiquei Virgínia e estava disposto a mandá-la para a Síria, como o senhor queria; mas nunca pude acomodarme a isso, pelo medo de que se perdesse a sua alma.

6869

Todos estes antagonismos e o facto de ver Virgínia mortificada no espírito fizeram com que aumentasse mil vezes mais o meu interesse por ela, vendo que só eu tenho a coragem de a defender acerrimamente. Atitudes estremadas de uma parte e de outra. Meu Deus! Todos a trabalhar para o maior bem e, entretanto, num verdadeiro martírio.

6870

Uma coisa é certa e declaro-a diante de Deus e diante de todo o mundo: Virgínia nunca me escreveu os exageros a que o senhor se refere na sua mencionada carta. Igualmente falou sempre bem da superiora. Mas disse-me que de noite chorava e que era o ser mais desgraçado deste mundo. Com razão. E isto, porquê? Por todos os acontecimentos sucedidos, desde o confinamento à casita, até aos últimos dias de recusa repetida de a admitir ao noviciado, bem como pela expulsão do seu irmão (pelo qual chorava também na África), sem ela lhe poder falar (o que deve ter sofrido por isso Virgínia, embora o senhor tenha feito bem em mandá-lo embora!); por tudo o que aconteceu entre si e Virgínia, desde o facto da casita até hoje, ela deduziu sempre e com acerto que em Verona não a querem nem pintada e que se teria cantado o *Te Deum* se se tivesse ido embora e não escutasse jamais o nome de Comboni nem o da África (quando afinal está mais inflamada pela África e pelo seu chefe do que todos e todas, o que demonstrou em seis anos de sublime apostolado e de sofrimentos na África).

6871

Ela deu conta disso desde o princípio; eu não, porque sou obtuso. Sempre esperei que a obra ganhasse aquela pessoa, que vale por cinco, diga-se o que quiser. Virgínia chorou e chora ainda por isso, e tem mil motivos, porque, como diz o em.mo, se cantaria o *Te Deum* em Verona se ela se fosse para sempre. Pois bem: o *Te Deum* será cantado (nunca da minha parte, porque estou convencido, apesar do que pensam Sua Em.^a e todos os demais, de que o seu afastamento da obra será uma verdadeira desgraça para a missão) e cantar-se-á em breve.

6872

Destinado por graça de Deus a sofrer, e aflito por causa dessa pobre infeliz que não tem ninguém e da qual apenas eu (que ela saiba, mas há outras almas santas que têm verdadeira caridade) sou o pai exterior e protector (o que tenho como uma glória porque espero uma grande recompensa de Deus por isso, que é mais meritório que muitos outros sacrifícios que fiz e farei pelos negros) e confio que só por isso Deus me dará o Paraíso, e que, em virtude das orações que se fazem por Virgínia, ela também o terá. Assim são as coisas, o senhor não se ofenda porque eu lhe digo o que sinto. Eu posso enganar-me, admito-o; mas, por isso, faça quanto puder pela obra, que tudo o que o senhor faz (excepto no caso de Virgínia) me inspira maior confiança e é da minha inteira confiança. Tenhamos apenas sempre em conta que nem a santidade, nem as profecias, nem os milagres, etc. têm valor algum sem a caridade para com o próximo e para com os infelizes e pecadores, da qual era modelo Santa Ângela Merici.

6873

Permita-me que lhe fale também francamente doutro ponto, porque, no que respeita ao apostolado e ao conhecimento do verdadeiro missionário, tenho não pouca experiência. O senhor agiu de modo irrepreensível ao despachar o Jorge; como o senhor pensavam os outros três e, por duas cartas que Jorge me escreveu, ele merecia o castigo. Mas deixe-me ser-lhe sincero. Eu talvez (digo talvez), com a minha estratégia, que mediante a ajuda de Deus salvou milhares de almas arrebatando-as ao Demónio e devolvendo-as a Cristo, eu talvez – dizia – tivesse matado dois pássaros com um só tiro e obtido:

6874

1.º A correcção do Jorge com a caridade, porque a graça de Deus é infinita (veja a conversão do *senador Littré*, um dos maiores ímpios deste século). Ao invés, Jorge foi abandonado e será só com um milagre (o qual acontecerá porque estamos em bom ponto) que regressa ao caminho da virtude.

2.º Ter-se-iam evitado as exacerbações de Virgínia, que agora poderá dizer sempre: «Tiraram-me e afastaram-me de repente o meu irmão, como se ele tivesse cometido os maiores crimes (e ela não sabe ainda o que fez); tiraram-me sem me dar oportunidade de lhe dizer uma palavra e afastaram-me não de Verona para Aversa ou para Veneza, mas de Verona para a Síria (Ásia).» E o mesmo se disse na Síria. E por estas justas queixas de Virgínia num momento de tanta dor e angústia, afirma-se que é soberba e arrogante, etc. e que respondeu mal? Não acabo por entender isso.

6875

Digo, pois, *talvez*. Não me é possível medir aqui as consequências funestas que teriam advindo ao instituto caso se não fizesse partir Jorge imediatamente e às escondidas. Por isso digo *talvez* e não dou um juízo definitivo; exponho-lhe isto à vontade e para seu conhecimento, como um caso de moral ou de dogmática, tanto mais que o senhor não cometeu o menor erro, pois agiu depois de escutar venerados conselhos. Não perca o ânimo nem a confiança; pense que a obra para a qual trabalha é toda de Deus e que o senhor e eu somos apenas uns ineptos, que, sem a divina assistência, cometeríamos mil vezes mais desatinos. E não se ressinta em seu amor-próprio: o senhor ainda não é forte na virtude da mortificação, no saber domar o eu, do levar a cruz e do *abneget semetipsum* e no *nihilo reputari*, porque vejo que se quer justificar – sem necessidade, porque lhe escrevi com clareza que não me passou pela mente que o senhor tivesse sombra de culpa nas infames acusações da carta de Jorge – e se quer defender, ao dizer: «Não fui eu quem sugeri isto a Sua Em.^a nem lho mandei dizer eu por meio de S. Em.^a, etc.», e ao manifestar-me que sempre se defenderá a si mesmo, etc., etc., coisas todas elas, digo *todas elas*, em que tem *toda a razão*, mas que indicam bastante que, ainda que puro e santo nas suas intenções, quanto à *sólida e viril virtude* da verdadeira e *profunda humildade* e ao desejo de levar a cruz e de se fazer anátema pelos irmãos como o Apóstolo, o senhor está nos começos e muito longe de conseguir o triunfo do *seipsum* prático e profundo.

6876

Perdoe, meu caro padre, se eu, que nestas virtudes estou muito mais abaixo que o senhor – não contando toda a caterva de defeitos e fraquezas que tenho, enquanto a sua vida é a de um anjo –, me ponho a fazer de mestre espiritual.

6877

Mas sou o chefe e fundador da obra mais difícil de apostolado, que deve formar santos e santas para converter a África; e Deus quis que o primeiro instrumento para os formar fosse o senhor, que deve ir aprendendo pouco a pouco o que é necessário para isso, e a conhecer a fundo a anatomia do espírito humano, para poder formar apóstolos santos, etc., etc. E por isso lhe falo sem rodeios e faço-lhe de mestre, certo de que o senhor fará o mesmo também para comigo e tudo isto para glória de Deus, para confusão e emenda nossa (porque a perfeição é uma alta montanha e nós estamos no sopé) e para a salvação dos pobres negros, que são as almas mais abandonadas do mundo.

6878

Mas o senhor dirá: «Se estou tanto no começo e careço tanto de virtudes e se, em consequência, sou tão inepto para levar a cabo o meu dever de formar santos, vale mais eu deixar isto e regressar ao meu convento e que Deus mande para aqui outro com mais virtudes e capacidades: eu desespero de o conseguir.» E aqui esperava eu o meu caro P.^e Sembianti (porque penso dar-lhe mais, pois ainda apenas comecei; e isto para salvar a Nigricia e para a sua própria salvação).

6879

Mas devagar, meu padre. É verdade que o senhor é criança quanto a virtudes, mas lembre-se de uma máxima que me inculcou o P.^e Marani, o qual era mais tosco que o senhor, de maneiras bem pouco corteses e às vezes mostrava muito pouca caridade (nisto não o imite de nenhum modo). Sendo estudante de teologia, tratei com o P.^e Marani, fiz com ele a confissão geral e dele recebi o conselho definitivo sobre a minha vocação (naquela manhã de 9 de Agosto de 1857, o P.^e Benciolini estava lá fora à espera, para saber de mim a resolução do P.^e Marani), quando me disse: «Ao senhor conheço-o desde os tempos de estudante. Aconselhei-o como estudante e como sacerdote em todas as suas coisas e conheço-as: tenho na mente como num espelho toda a sua vida, as suas coisas, o seu defeito capital, o que fez para o dominar, etc., etc. Olhe, eu comecei a examinar vocações em 1820, coisa que venho fazendo durante todos estes anos. E tive como mestre nada menos que P.^e Gaspar. Portanto, anime-se e não tenha medo (eu tremia como uma folha porque temia que me dissesse que não tinha nenhuma vocação para a África, receio que nessa manhã tinha manifestado ao P.^e Benciolini, o qual me respondeu: “Irá fazer o que o Senhor quiser, logo que fale com P.^e Marani e faça o que ele lhe disser”); há muitos anos que examino vocações de missionários, de sacerdotes, de frades, etc., e a sua vocação para a missão da África é das mais claras que vi; e por aqui passaram P.^e Vinco, o

jesuíta Zara, P.^e Ambrosi e cem outros. A sua vocação é das mais claras e seguras que vi na minha vida e já sou velho, de cabelo grisalho, de sessenta e sete quase sessenta e oito anos às costas. Vá em nome de Deus e esteja alegre». Ajoelhei-me, benzi-me, agradeci-lhe chorando de alegria e corri a contar tudo ao P.^e Benciolini (que ria). Portanto (desculpe o parêntese) continuo.

6880

O senhor, caro padre, lembre-se desta máxima do P.^e Marani, que ele me inculcou: «Quem confia em si mesmo, confia no maior burro do mundo». Ao que ele acrescentava: «Toda a nossa confiança deve estar em Deus.» E isto dizem muitas almas santas que eu conheço: muitos jesuítas, frades e sacerdotes piedosos e religiosos, que usam o cilício e se dão golpes no peito. Trapistas, cartuxos e almas de oração, etc., etc., que, com uma vida santa e contínuas orações afirmam confiar em Deus (eu mesmo os vi e ouvi e não só a religiosos e sacerdotes, mas também a prelados, bispos e a alguns cardeais) e dizem: Deus *pode tudo*, Deus fará tudo, cuidará de tudo; carreguemos a cruz, humilhemo-nos, neguemo-nos a nós mesmos, etc... mas, chegada a tormenta, quando desfalece a esperança humana, e não vêm brilhar o dinheiro, e só há cruzes e humilhação, sentem que não têm crédito, etc., etc., então vão-se abaixo porque a sua confiança em Deus é zero (confiam no maior asno do mundo) e a verdadeira e real perfeição fica em nada.

6881

Tudo isto vivi eu cem vezes e concluí que o P.^e Marani tinha razão, e que o único arrimo, refúgio e fortaleza é pôr toda a confiança em Deus, que nunca falha – o único que nunca falha – que tem cabeça, coração e consciência e que pode fazer com que nós façamos milagres. E sei por experiência a pouca segurança que se obtém pondo a total confiança nos homens, quer sejam bispos, santos (que comem), cardeais, príncipes, reis, poderosos, etc. A plena confiança no homem, em suma, é susceptível de geral desilusão. Esquecia uma coisa (escrevo depois de ter fugido três vezes do meu quarto, onde chove cada vez mais e depois de hoje ter mudado a mesa por três vezes).

6882

Disse que P.^e Marani era toscos, grosseiro em certos momentos, com pouca caridade (de algibeira), etc., etc. (nisto não o imite). Mas P.^e Marani era um santo, um grande mestre espiritual, um grande conselheiro de almas, um homem nascido e feito para mandar e fazer-se respeitar, profundo conhecedor do coração humano, modelo de sacerdotes, de directores espirituais e zeladores de almas, que não tinha estudado muito, mas que era muito douto nas ciências sagradas e no governo das almas, porque tinha estudado profundamente e compreendido e devorado um grande livro divino: «*P.^e Gaspar Bertoni*». *Resquiescat in pace*.

6883

Pois bem, ainda que incapaz, falho de virtudes, etc., o senhor foi destinado por Deus (e isso é mais claro que a luz do dia) a ser reitor dos institutos africanos, decisão que em nada dependeu do senhor. Portanto, esteja certo que desempenhará bem esse cargo (com a habitual diligência e vontade estigmatina: a única coisa que Deus lhe pede). Despojado de si mesmo, deve confiar em Deus e estar calmo e certo de que no seu lugar fará o mesmo e até mais que faria o Venerável Ávila, o geral dos jesuítas, etc., porque o senhor não é mais que um instrumento do Senhor.

6884

Portanto, não se aflija nem desanime se receber empurrões para abandonar o seu caminho, etc.: Satanás far-nos-á agora uma guerra tremenda, porque dá conta que em breve terá que abandonar a África e eu e o senhor (perdoe pela santa humildade) estamos destinados a ser os seus principais perseguidores e inimigos. Puxe, pois, para a frente e espere golpes tremendos, continuando sem se desviar e em silêncio.

Meu Deus, quantas digressões! Mas voltemos às suas cartas. Não pense que a pessoas mais formais eu escreva de modo descuidado, sem reler o escrito (o senhor também relê as suas cartas). Assim ao senhor pareço-lhe melhor do que sou: um medíocre dos comuns *confessorum non pontificum*, etc. Com o senhor tenho confiança; e se não ma dá, tomo-a e escrevo-lhe mais abertamente para que se aperceba de quem sou. Mas aos grandes, aos reis (ontem recebi uma esplêndida carta do rei dos Belgas), aos cardeais... de Roma, etc., escrevo-lhes como se fosse um homem sério e com a minha... consigo fazer-me crer.

6885

Estou tão angustiado e aflito, que me ponho a divagar sem me dar conta. Sabe por que citei o juízo do P.^e Marani sobre a minha vocação? Certos loucos veroneses de cabeça pequena não compreendem e põem-se a debitar sentenças e decisões, etc., à custa do próximo. Mas o senhor é um homem que compreende: avante, pois. Acenei-lhe e especifiquei este facto apenas para lhe dizer que no decurso da minha árdua e laboriosa empresa pareceu-me *mais de cem vezes* encontrar-me abandonado por Deus, pelo Papa, pelos superiores e por todos os homens (quanto me encontrava sob o peso das mais tremendas aflições e desolações, apenas

uma pessoa me não abandonou quando me podia falar e exortou-me a pôr toda a minha confiança em Deus, protector único da inocência, da justiça e das suas obras, e essa pessoa é V. M.).

6886

Vendo-me assim abandonado e desolado, tive *cem vezes* a mais forte tentação (e também a incitação de homens pios, respeitáveis, mas *sem coragem e confiança* em Deus) de abandonar tudo, entregar a obra e, como humilde servo, pôr-me à disposição da Santa Sé, do cardeal-prefeito ou de qualquer bispo. Pois bem, o que me fez não deixar de ser sempre fiel à minha vocação (mesmo quando era acusado pela mais alta autoridade, por assim dizer, de vinte pecados capitais, embora sejam só sete! E mesmo quando tinha 70 000 francos de dívidas, os institutos de Verona desorganizados, e na África Central muitos mortos e nenhuma perspectiva de luz, mas só trevas e, por cima, eu estava com febre em Cartum), o que me manteve a coragem de seguir firme no meu posto até à morte ou até diferentes decisões da Santa Sé, foi *a convicção da certeza* da minha vocação; e isto sempre e *toties quoties*, porque o P.^e Marani me disse a 9 de Agosto de 1857, depois de maduro exame: «*A sua vocação para as missões da África é uma das mais claras que já vi.*»

6887

Agora o senhor encontra-se na situação em que me encontrava eu: pois tenha a certeza de que Deus quer que seja reitor dos institutos africanos. O seu ânimo débil, pequeno, frágil, a sua virtude incipiente não o devem desanimar em nenhuma circunstância adversa (até agora seguiu uma via de rosas, mas surgirão espinhos), mas deve ir avante persistente, sem nunca dizer ao superior: «Não posso mais; estou abatido: tenho que resolver as questões com loucos e especialmente com esse chanfrado D. Comboni que não faz mais que divagar e dar lugar a confusões, que diz e desdiz, etc., etc. Eu quero viver tranquilo e voltar aos estigmatizados.» E assim, caro padre, ficaria sempre nos inícios, quanto à virtude. Por isso, coragem, avante, e lá no Céu nos encontraremos.

6888

P.^e Bartolo, à primeira febre (na viagem de Cartum ao Cordofão), desanimou e voltou para trás. A febre continuou em Cartum por alguns dias e, acobardado, suplicou-me que lhe permitisse abandonar o vicariato, porque não tinha saúde. Repetiu por escrito o mesmo pedido quando eu estava em El-Obeid. Depois pareceu-me encontrar-se melhor (doenças como a de P.^e Losi [*lapsus por Roller*]) e mais terríveis sofremos-las todos nós, muitas Irmãs e sobretudo a Ir. Vitória e Concetta; esta última sofre todos os anos doenças três vezes mais fortes que a de P.^e Bartolo; mas nunca ninguém pediu o regresso) e escreveu-me (eu estava prestes a partir para Nuba) que, se eu fosse do parecer, ele arriscar-se-ia a ficar nas condições de que já lhe falei noutra ocasião, e que consistiam em tornar-se com P.^e Losi o dono de tudo, vigário-geral, administrador-geral, nunca depender em nada de mim, salvo em dizer-me o que fazia, etc., etc., etc. E pretendia experimentar isto com plena liberdade de se retirar caso não resultasse como ele esperava (e não tem nenhuma habilidade), e de partir quando lhe apetecesse, porque ele não estava ligado à missão por nenhum juramento.

6889

Nós dissemos: «Assim estamos no ar: se lhe volta a febre como dantes, pede logo para voltar para a Europa, etc., etc.», e eu não respondi palavra, porque à sua primeira petição eu tinha acedido e mandado a autorização de regresso. Digo isto como suplemento em relação ao que lhe escrevi sobre P.^e Bartolo em resposta à sua carta n.º 26, onde diz: «gostaria que P.^e Bartolo ficasse no interior».

Quanto a Sestri – estamos entendidos – faça quanto ordena Sua Eminência; e parece-me muito bem que destinemos a Ir. Matilde ao Cairo, porque penso que a nossa retirada de Sestri é já um facto consumado. Mande a Jorge o atestado da sua abjuração, porque o sacerdote católico recusou-se a confessá-lo, julgando que ele ainda era cismático. Reze por ele.

6890

E não conviria que o senhor fizesse com que Sua Eminência falasse a P.^e Tomba acerca de P.^e João Beltrame, inimigo capital da obra? Eu penso que sim. Além disso, tenho um monte de argumentos para desmentir as falsas afirmações, etc., que publicou sobre o facto de que ninguém pôde ajudá-lo a fazer o dicionário e a gramática dos Dincas e que *ele* foi o *primeiro*, quando é falso, porque os primeiros foram Mozgan e Lanz; com este último, D. Beltrame, D. Melotto e eu *fizemos juntos* o dicionário, a gramática e um longo *tratado de religião católica*, com que eu depois ensinei as mestras em Verona. Recentemente P.^e Luís tomou de Cartum e devolveu-me para a Nuba um grosso volume em dinca: o tratado de religião que tínhamos feito em comum e que eu possuía e também P.^e Beltrame. O dicionário e a gramática tem-nos Miterrutzner.

6891

Além disso, há os sermões de Lanz, etc. e um grande catecismo todo obra de Lanz, que imprimirei; e Lanz morreu em 1860 nos braços do pró-vigário e de P.^e Beltrame, antes de este se pôr a aperfeiçoar o traba-

lho comum, que apenas publicou há uns anos. E há discursos de Lanz em dinca, feitos antes de chegarmos aos Kich e de começarmos em Abril de 1858 a compor juntos o vocabulário dos Dincas. É um velhaco, um soberbo, um egoísta, *um homem cheio de inveja*, como sorrindo me disse duas vezes o ministro César Correnti. Conteio a Baschera. Pobre Comini: P.^e Beltrame é uma causa perdida. Basta. *É um verdadeiro liberal moderno* e com isto fica tudo dito.

6892

Sobre Spazi, a vigária das velhas, é minha opinião desde há tempo, tal como da Ir. Teresa daqui, que não renove mais os votos e, se não se acalmar com as velhas, mande-se para casa. O que o senhor resolver fazer está bem feito.

O *livrão* de missas em cantochão, trazido por P.^e Policarpo, está em Cartum. Assegurou-me P.^e Luís. Na primeira ocasião segura, mandá-lo-ei para Verona. O senhor volte a lembrar-mo, embora eu tenha escrito uma nota para não me esquecer. Entreguei a P.^e Losi os 20 francos, etc. *Vale*. Mas que cansado e fraco que estou, meu Jesus! Faça-se a vontade de Deus.

Abençoo P.^e Luciano, etc. Reze por

† Daniel Comboni

N.º 1092 (1046) - A SEU PAI
BQB, sez. Autografi, c. 380, fasc. II, n.3

J. M. J.

El-Obeid, 18 de Julho de 1881

Meu querido pai,

6893

Hoje celebrei e rezei muito pela mãe. No próximo dia 21 é o dia do meu santo onomástico, S. Daniel profeta. Para esse dia a igreja maior da África Central estará ornamentada para a festa, com a intervenção de todos os cristãos, bons e menos bons, que participarão com os nossos dos dois estabelecimentos desta capital na missa pontifical, que celebrarei depois de ter baptizado solenemente bastantes adultos e administrado a confirmação a muitos. Assim o decidiram os meus missionários, embora eu preferisse que o dia do meu santo onomástico passasse despercebido.

6894

Também na Nuba administrei solenemente o baptismo a oito adultos, aí realizei uma fadigosa mas importante exploração por mais de cinquenta montes, quer a cavalo, quer a pé, dormindo em esteiras, comendo comida sem sal, e sob o tormento de muitas privações penosíssimas, ainda que bem aceites; e a verdade é que quando se trabalha por Jesus, tudo se torna doce. Subimos a pé, debaixo dum sol abrasador e sufocante, o monte *Carquendi*, depois de eu ter deixado o meu cavalo com os seis guardas turcos na planície. Acompanhavam-me P.^e Bonomi, P.^e Vicente Marzano, P.^e Leão Henriot e o nosso excelente leigo José Regnotto, de Chiesanuova, patrício de P.^e Squaranti. Fizeram sentar-nos nuns troncos nodosos, à sombra, rodeados de uma grande multidão de negros crescidos, rapazes, mulheres jovens e velhas, andando todos vestidos, eles e elas, como os nossos primeiros pais antes de fazerem a asneira de pecar.

6895

Chegámos às quatro da tarde sem que se pensasse em fazer-nos saborear fosse o que fosse e estávamos em jejum desde a noite anterior. Sentindo os meus companheiros os rugidos da fome, decidiram-se pedir ao chefe alguma coisa para comer. Então um galo velho e grande sacudiu as asas e cantou, quase a saudar-nos. Em quinze minutos, aquele desgraçado do galináceo estava morto, depenado e de cima das brasas, era servido diante de nós tal como estava, sem sal nem nenhum outro condimento, dividido por nós em pedaços, engolido e enterrado na sepultura temporal do nosso estômago. Depois partimos; mas a meio do monte surpreendeu-nos a chuva e procurámos refúgio na cabana de um africano. Este, por seu lado, deu-nos uma espécie de polenta em água amarga, sem sal nem nada, e comemos alegremente recordando o arroz seco da família Grigolini, em Mariona, nos jantares aos quais também participei uma vez com o reitor Dorigotti, com os párocos de S. Martinho e Montório, etc., etc.

6896

Tracei um plano para o Governo do Sudão para extirpar o tráfico de escravos nos montes de Nuba, onde cada ano os seus habitantes são dizimados. Vieram prostrar-se a meus pés os chefes, os *cojurs* e sultões des-

tes países, suplicando-me que os livrasse daquele flagelo, pelo qual desde 1838, altura em que foi raptado o negro Bajit Miniscalchi, esta população foi até hoje quase destruída, ficando apenas um de cada quinze habitantes. Vou consegui-lo, porque tenho o apoio do Governo e na nossa casa de Delen está alojado (com ordem de me consultar a mim) um capitão inspector francês, de Paris, com um contingente militar. Logo desde os primeiros disparos, em que morreu um chefe e outro foi aprisionado, ambos dos Baggara, os mesmos que raptaram Bajit, esses bandidos assassinos ficaram em pânico, eles que antes eram protegidos pelo Governo, mas agora não; e dentro de seis meses, a abolição do tráfico será um facto consumado, com grande honra para a Igreja e para a missão, que foi o primeiro e o mais forte instrumento para a erradicação dessa chaga, para a glória de Deus e o benefício desses desditosos povos.

6897

Agora estou a tratar com o paxá Gieglar, enviado de Cartum para prender os cabecilhas, enforçar alguns deles, apanhar os cavalos aos Baggara e tomar as medidas que urge implantar. Eu limitei-me a expor os factos e a realidade das coisas, contra centenas de ricos canalhas, que se fizeram poderosos com o sangue dos negros e com os mais horríveis delitos, vendendo e prostituindo milhares de honestíssimas donzelas, que devido a eles perderam a virtude e a vida; e deixo que o Governo actue como julgar conveniente.

6898

O Governo é de opinião que, sem a força, não se conseguirá nada, como sucedeu até agora. Eu não respondi nada a isso, mas no meu coração creio que tem razão. Porque é que para salvar dez bandidos assassinos se devem sacrificar milhares de inocentes? Que sejam enforcados os assassinos e se salvem os inocentes: para os primeiros a forca e o inferno, para os segundos a liberdade e o paraíso. Assim é a justiça de Deus, que adoro. Por agora não sei quando sairei de El-Obeid, porque talvez seja necessário fazer mudar de ares o superior daqui, P.^e João B. Fraccaro, que habitualmente está doente. Contudo escreve-me para Cartum, onde talvez esteja dentro de dois meses.

6899

Sobre as tuas últimas duas cartas que recebi, nas quais me falas da correspondência epistolar com a superiora de Verona e com Verona sobre a Virgínia, não tenho nada a acrescentar.

6900

O Senhor esteja sempre contigo; e espero que também comigo, porque *o servi sempre e o sirvo ainda agora*, e assim farei sempre até ao fim, mesmo no meio das maiores cruces e nos maiores sofrimentos, e com o sacrifício da minha própria vida.

Abençoo-te, assim como a todos os nossos parentes e amigos. Por favor, saúda da minha parte o novo ecónomo espiritual de Limone, de quem me falaste sem me dizeres o seu nome e apelido, o seu lugar de origem, a sua idade, etc., etc. E escreve a Hermínia rogando-lhe em meu nome que me dê notícias dos seus e especialmente de Eugénio. Lembranças para Pedro, para a sua mulher e filho e para os de Riva.

Teu af.mo filho † Daniel bispo

Dá esta estampa ao novo ecónomo espiritual.

N.º 1093 (1047) - A P.^e FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/29

El-Obeid, 23 de Julho de 1881

Ordem de compras.

N.º 1094 (1048) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 9, ff. 149-150v.

N.º 10

El-Obeid, 24 de Julho de 1881

Em.mo e Rev.mo Príncipe,

6901

No meu regresso da visita pastoral a Gebel Nuba, encontrei aqui as suas veneradíssimas de 22 e de 28 de Abril passado, na primeira das quais me comunica que o subdiácono Agostinho Lotermann, da Bélgica, continua a pedir que o dispense do juramento de servir a missão e lhe mande o *exeat*; e na segunda faz-me saber que o sr. José Genoud, de Bolzano, insiste em que lhe mande alguma recordação do seu filho P.^e Policarpo, que morreu em Cartum em 1878.

6902

Quanto ao primeiro, neguei-me até agora a desligar Lotermann do juramento de servir a missão, não porque esperasse que a vocação lhe fosse voltar, pois recentemente escreveu-me a dizer que os seus pais não lhe permitem voltar mais à Itália, porque se sente mal com o calor e que, portanto, lhe mande o *exeat*, ao qual lhe respondi que o declaro separado para sempre do meu instituto (não o voltaria a admitir por todo o ouro do mundo, depois de me aperceber que nunca terá tido a vocação e que só fez joguinho e se fingiu santo para obter a sagrada ordenação), mas porque, apesar das promessas, nunca retribuiu nem um cêntimo da pensão que normalmente pagam pelo tempo da prova os que não são verdadeiramente pobres. E como também da Bélgica prometeu muito que cumpriria a dita obrigação e não manteve a sua promessa, eu neguei-lhe o que pedia. Agora, seguindo o prudente conselho e convite de V. Em.^a, tomarei como um dever para mim mandar ao seu bispo de Gante (não lembro a terra do postulante) não só o *exeat* com a dispensa de servir a missão mas também uma breve e conscienciosa informação sobre o dito jovem, durante os quatro anos que permaneceu no meu instituto, onde, quanto ao comportamento, se conduziu de forma louvável.

6903

Quanto ao assunto de Genoud, logo que mons. Rampolla me rogou de maneira que fizesse com que o pai tivesse alguma recordação do filho morto em Cartum, escrevi ao superior daquela casa ordenando-lhe que mandasse ao meu reitor de Verona tudo quanto pudesse encontrar que tivesse pertencido ao falecido missionário. Depois de três meses, esse superior respondeu-me que não tinha encontrado nada e que não tinha conhecimento de nenhum objecto que tivesse pertencido ao extinto, também porque naquela altura da morte se encontrava em Gebel Nuba. Então lembrei-me de que, efectivamente, não podia haver nada, porque eu, que assisti à sua morte, tinha feito queimar e enterrar no deserto tudo o que se encontrava no seu quarto, por ter morrido de *tifo exantemático*, que é um mal dos mais contagiosos, uma verdadeira peste.

6904

Apesar de tudo, ao passar por Bolzano no último Verão, fiz saber a Genoud, por meio do prelado decano daí, que, quando me encontrasse de novo no Vicariato, faria todo o possível para encontrar algo. E, de facto, chegado a Cartum, encontrei vários objectos pertencentes ao falecido, ou seja, algumas medalhas pela valentia militar que tinha recebido na campanha austro-italiana de 1866, um relógio turco e outras coisas; dei tudo isso ao superior de Cartum para que o entregasse ao real agente consular da Itália, que, ao que parecia, ia partir em breve para Verona. Depois aqui, em El-Obeid, encontrei outro precioso relógio que ele tinha já em Bolzano e que o seu devotíssimo pai conhece, assim como música composta pelo filho e várias coisas mais, que enviarei quanto antes, depois de chegar a Cartum.

Inclinando-me a beijar a sagrada púrpura, subscrevo-me com o respeito mais profundo

De V. Em.^a Rev.ma ob.mo, devot.mo filho
† Daniel bispo de Claudiópolis
Vig. Ap. da Afr. Central

N.º 1095 (1049) - AO CÓNEGO CAMILO MANGOT
AGSR, Carte Mangot

El-Obeid, 26 de Julho de 1881

Meu muito estimado sr. cónego,

6905

Outro dia chegou-me de Delen a carta junta do nosso caro P.^e Losi e não quero mandá-la sem lhe dizer algo deste pio operário evangélico que, na visita pastoral que realizei a essa missão, me tocou o coração.

A missão de Dar-Nuba é uma das mais importantes, se bem que das mais difíceis e laboriosas da África Central. As populações de lá são primitivas, entre as quais ainda impera a moda dos nossos pais Adão e Eva, quando se encontravam ainda em estado de inocência. Mas, apesar disso, apesar dos defeitos que contraíram

por causa do secular açoitamento do horrível tráfico de escravos que, dizimando todos os anos estas populações, quase as destruiu ou, pelo menos, deixou reduzidas à duodécima parte, trata-se de um povo moralmente são, de forte têtpera, trabalhador e capaz que acabará por dobrar a frente ante a cruz e se converterá na parte escolhida do rebanho de Cristo.

6906

Graças às diligências que fiz para obter a força para acabar com a escravatura, alcancei esplêndidos resultados; e, por meio do governo providencial, ou melhor, graças às rectas intenções e à absoluta vontade de Sua Alteza o quèdive do Egipto e do seu digníssimo representante Rauf Paxá, governador-geral do Sudão (ou seja, de um território cinco vezes maior que a França), espero que, dentro de um ano, o tráfico de escravos nas tribos de Nuba tenha sido completamente eliminado, o que nos facilitará a nós a conquista para a santa religião dessas gentes, que vêm em nós o principal movimento para a sua libertação.

6907

Em 1877, estando eu em El-Obeid, escreveu-me P.^e João a dizer-me que gostaria muito que eu o destinasse a Gebel Nuba, porque, não imperando aí absolutamente o Islamismo, esperava naqueles africanos uma disposição para abraçarem o Catolicismo com mais facilidade. Acedi ao seu rogo e mandei-o para lá sob a direcção do superior da missão, P.^e Luís Bonomi, com o qual estudou os primeiros rudimentos da língua nuba, ainda desconhecida para a ciência e que os dois solícitos missionários, com incrível diligência e esforço, se puseram a aprender, palavra por palavra, dos lábios daquela gente.

6908

Depois, tendo eu chamado a Cartum o superior daquela missão, P.^e Bonomi, para me representar como vigário-geral durante a minha viagem à Europa, P.^e Losi continuou sozinho o difícil e importante estudo daquela língua, de modo que quando em Maio passado regresséi com missionários e Irmãs àquela estação, o nosso P.^e João tinha composto um dicionário *nuba-árabe-italiano* de mais de 3500 vocábulos, um catecismo católico em nuba e uma tradução para esta língua das principais orações da nossa santa fé. Apesar da dificuldade de se fazer entender por aquela gente, converteu alguns à fé, baptizou *in articulo mortis* muitas crianças infiéis e, com a eloquência sublime de uma conduta irrepreensível, verdadeiramente cristã e sacerdotal, fez amar e estimar o Catolicismo.

6909

E coisa edificante e admirável: construiu uma bela igreja, feita de ramos e barro, coberta de palha, onde baptizei no dia do Corpo de Deus alguns adultos e confirmei uns quarenta cristãos. Ele, que reza o ofício quase sempre de joelhos, nos momentos livres está sempre a rezar na igreja, onde passa grande parte da noite e, aos domingos, prega em árabe duas vezes por dia. Não sente as necessidades da vida, jejua frequentemente e a refeição mais simples parece-lhe um festim. Dorme no chão ou numa simples esteira sobre o *angareb*, mas sempre vestido; e uma certa altura, tendo ele uma febre altíssima, pedi-lhe que aceitasse ao menos uma almofada; ele rejeitou-a. Fica jovem, ágil, cheio de vida quando se trata de rezar, de falar das coisas de Deus, de salvar almas. E é tal o seu zelo por elas, que se mantém forte mesmo no meio das privações e dos maiores sacrifícios.

6910

Em suma, P.^e João Losi é uma pérola de trabalhador evangélico, o anjo daquela interessante missão; e a edificação que experimentei graças a ele nos quarenta e seis dias que gastei na visita e exploração daquela importante tribo alegrou-me o coração. A gente de lá estima e venera P.^e João como um verdadeiro pai e recorrem sempre a ele, que espero venha a ser o primeiro e mais válido instrumento para a conquista para a fé daquelas almas abandonadas. E há algo também admirável que tive a ocasião de ver e apalpar.

6911

Embora P.^e Losi esteja sempre entre gente grosseira, que anda em traje adamítico, que não conhece senão o delicto, as obscenidades e os bens fugazes do mundo; ainda que seja testemunha ocular de horríveis tropelias dos bandidos Baggara, que vivem de assassínios, roubos e ignomínias e embora esteja rodeado do que na Terra há de mais torpe e abominável, conserva todo o fervor da sua devoção e do espírito de piedade como o mais fervoroso noviço jesuíta, e mostra sempre entusiasmo e amor pelas coisas de Deus, da Igreja e dos santos. É uma alma toda de Deus, que me inspira o ardente desejo de poder ter outros fervorosos filhos do grande mártir tebano, que conservou a fé e o seu fervor na nobre diocese de Placência, cuja recordação é indelével na minha mente e no meu coração.

6912

Espero que lhe tenham agradado estas duas palavras que lhe escrevi sobre este dilecto filho meu, que é seu querido amigo.

Não tão elogiosamente (isto fique entre nós) posso falar de P.^e Bartolo Rolleri, que levei comigo para o Vicariato e que, à primeira febre mais forte sofrida, me suplicou repetidamente que lhe permitisse regressar. P.^e Rolleri é um sacerdote de boa conduta, mas que não serve (depois de doze anos de África) para dar o catecismo às crianças, para pregar *em nenhuma língua*, nem para tratar seriamente um assunto com os africanos. Não vale nem a centésima parte de P.^e Losi. Eu acedi ao seu pedido e, a estas horas, já terá bebido as águas de Peio e Recoaro: *haec intra nos*.

6913

Muitas saudações da minha parte aos seus veneradíssimos colegas, ao sr. arcipreste, a Rossi, ao reitor do seminário, a todos os rev.mos cônegos, párocos e aos meus conhecidos de Placência e às minhas piedosas anfitriãs, a quem sempre tenho na mente, sem quase nunca lhes poder escrever.

Aqui está-se a terminar a igreja mais bonita e maior de toda a África Central, que dediquei a N.^a Sr.^a do Sagrado Coração. Apresente os meus respeitos ao venerável e caro anjo da diocese de Placência, mons. Scablirini, ao vigário-geral, a P.^e Camilo e ao Seminário Alberoni. *Vale et mi* [...]

Tuissimus in X.to † Daniel Comboni
Ep.pus et vic. ap.

N.º 1096 (1050) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 9, ff. 145-148

N.º 11

El-Obeid, 27 de Julho de 1881

Em.mo e Rev.mo Príncipe,

6914

Não franza o sobrolho diante deste estranho cabeçalho: *Episcopatus et Vic.*, porque eu não tenho culpa alguma, mas foi aquela cabeça luminosa de P.^e António Dobale, aluno da Propaganda, que, em Roma, mandou imprimir um tal logótipo em duas resmas ao cav. Melandri, e mas trouxe para Cartum; e como terei que utilizar estas folhas muitas vezes para escrever a V. Em.^a e a essa Sagrada Congregação, sirva isto de aviso e informação para sempre.

6915

A nomeação do eloquente e muito estimável P.^e *Anacleto de S. Felice* como vigário e delegado apostólico do Egipto (da *Arábia* é uma anomalia, um *error* da Cúria Romana, porque na *Arábia nunca existiram nem existem* bispos, igrejas nem paróquias, nem sequer um católico de rito oriental, se se exceptuar o concubino Nicolau Mardrus, de rito armeno, residente em Gidá, a quem induzi a deixar alguma ajuda económica às suas concubinas abissínias e a voltar ao Cairo, seu lugar de origem, e a casar-se cristãmente, seguindo o exemplo dos seus prudentes irmãos, o que já deve ter feito); esta nomeação do P.^e Anacleto, dizia, embora não consiga eliminar completamente o *perniciosíssimo monopólio franciscano* do apostolado católico no Egipto (porque nunca se parte o nariz para se ensanguentar a boca), trará ao Egipto maiores vantagens que as de monsenhor Ciurcia, tanto por este distinto prelado estar impregnado dos princípios e máximas da S. Congregação da Propaganda, à qual serviu com muito zelo e inteligência desde 1877, quanto por ser um homem de acção, hábil e perito em tratar dos negócios, como o demonstrou com o Convento de S. Bartolomeu da Ilha, que ele salvou das garras do Demónio, isto é, do poder estatal; mas sobretudo porque dos púlpitos de Alexandria e do Cairo fará troar a sua eloquente palavra, com grande proveito das almas de tantos milhares de italianos e estrangeiros que entendem italiano, já que no Egipto têm grande ânsia de ouvir a Palavra de Deus (que não ouviram *ab immemorabili* dos lábios de um bispo, porque mons. Ciurcia não pregava e os franciscanos nunca deixaram que pregasse um orador não franciscano). Espero, em suma, que mons. Anacleto sentirá o dever de agir primeiro como pastor e, depois, como frade, especialmente concedendo plenas faculdades aos jesuítas, que possuem todas as qualidades e forças necessárias para fazerem prodígios de bem no Egipto.

6916

Como V. Em.^a ou outros me asseguraram em Roma que o Santo Padre ou a Sag. Congr. ou V. Em.^a decidiram criar na Propaganda um magnífico museu, que reunirá diversos produtos ou objectos que lhes forem mandados de todas as missões da Terra, mandei a V. Em.^a, por meio do sr. A. *Marquet* dois magníficos *den-*

tes de elefante (marfim finíssimo) de tamanho não vulgar (maiores) e com um peso conjunto de mais *de cem quilos*, para que sejam expostos no dito museu pontifício da Propaganda, conforme agradar a V. Eminência. Da minha residência de Cartum mandar-lhe-ei a descrição pormenorizada dos mesmos quanto à origem, qualidade, etc., porque agora não tenho tempo. A seu tempo, ir-lhe-ei mandando outros objectos interessantes da África Central.

6917

Tão-pouco tenho tempo para o informar da magnífica exploração que realizei aos principais lugares de Gebel Nuba, percorrendo mais de cinquenta montes; sobre o entusiasmo daqueles africanos, que se prostravam a meus pés para me suplicarem que os livrasse dos horrores do tráfico de escravos, pois, sendo dizimado todos os anos, aquele povo estava quase exterminado; sobre o apoio do Governo, o qual aceitou e começa a levar à prática o meu plano de libertação, com o qual tenho esperança de obter grande proveito para a nossa santa religião; nem sobre o terror dos chefes assassinos (alguns deles mataram centenas de nubas e mandaram milhares para a escravidão), que procuraram e procuram em mim o favor e protecção em relação ao Governo para não serem enforcados, exilados ou sofrerem outro castigo, etc., etc.

6918

Com incrível esforço, por obra de dois missionários, conseguiu-se compor um dicionário em língua nuba, bem como um catecismo e traduziram-se para a mesma todas as orações, etc., etc. Além disso, tracei um mapa muito exacto desses territórios, o único que existe deles e que enviarei a V. Em.^a Em Delen administrei solenemente o baptismo a 9 adultos e a confirmação a 43; e aqui baptizei oito adultos e crismei 67. Quando tiver feito aprender a difícil língua nuba aos missionários e às Irmãs, há muito fundadas esperanças de conseguir grande fruto. Mas expor-lhe-ei tudo no relatório geral sobre o Vicariato que lhe mandarei dentro do presente ano.

É inaudito o muito que nós sofremos: calor, febres, prostrações, fastio, fome, sede, privações. Mas afortunadamente os meus missionários e Irmãs têm uma abnegação e um espírito de sacrifício como nunca vi em nenhuma outra missão, porque em nenhuma parte do mundo se sofre tanto como na África Central.

6919

Um facto curioso e termino. Os meus missionários Bonomi, Henriot, Marzano (este, como agora lhe concedo três meses de *merecido descanso* para que vá ver seu velho pai – do qual é filho único e que repetidamente tinha suplicado à S. Congregação para que me pressionassem a conceder-lhe tal autorização –, se apresentará na Propaganda e a V. Em.^a no próximo Outono) e eu, com eles, partimos a pé de Nama, capital do Golfan e, depois de três horas sob um sol ardentíssimo, que nos abrasava o crânio, chegámos ao monte *Carquendi*. Parámos para nos recompormos da fadiga e depois subimos ao monte. Nele se fortificaram esses africanos para não caírem nas mãos dos Baggara, os quais exterminaram cinco sextos da população que vivia na planície, onde tinham os seus gados e cultivos. Chegados lá acima, fomos recebidos no santuário do *cojur* (pontífice-rei), onde dá os seus oráculos. Em breve: encontrávamo-nos no meio de uma multidão de homens e mulheres em *traje totalmente eva-adamítico*; e, ao fim de duas horas, sentindo os rugidos da fome, um dos missionários pediu ao *pontífice e rei* alguma coisa de comer. Junto de umas cabanas havia um enorme galo, que cantava constantemente. Em apenas *dez minutos* aquele galo foi apanhado, morto, depenado, posto no fogo e colocado diante de nós, sem sal nem qualquer outro condimento. E também em menos de *dez minutos* comemo-lo, acompanhado só a água.

Beijo-lhe a sagrada púrpura e declaro-me

Seu devot.mo, ob.mo filho
† Daniel bispo e vig. ap.

N.º 1097 (1051) - AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/129

N.º 30

El-Obeid, 30 de Julho de 1881

Meu caro padre,

6920

Esqueci-me de lhe responder sobre a questão da vigária das velhas, cujos compromissos em relação aos votos terminam. Por quanto me refere aqui a madre Teresa Grigolini e pelo que pude ver em Verona, estando presente a superiora local, em nenhum caso se deve permitir que renove os votos; mas, com bons modos

envie-se para sua casa, porque não tem espírito e só serve para perturbar a madre e a paz interior do instituto. Na África eu não a quereria, nem que ma trouxessem envolvida em ouro; e se não se adapta às velhas ou à superiora e o senhor considera que não convém que seja vigária das velhas, mande-a embora. Pela escassez das chuvas, deduz-se que, no próximo ano, vai haver uma atroz carestia no Cordofão. Meu Deus, quantos sofrimentos! Mas *misericordia eius super omnia opera eius*.

6921

Esta tarde apresso-me a partir para Cartum, onde me esperam assuntos importantíssimos relacionados com a luta contra a escravatura. A missão terá um grande mérito diante de Deus e da humanidade; mas sairá beneficiada em especial a fé, porque esses povos estão convencidos da verdade de que a sua libertação do horrível comércio de escravos, que quase os exterminou, teve a sua origem e vai-se tornando realidade devido à obra da Igreja Católica. Apresso a minha partida porque levo comigo P.^e Fraccaro para o salvar, pois aqui está sempre doente e acaba por deixar cá deixar a pele. Tenho a certeza de que com dois meses de descanso e reabilitação se vai recuperar e poderá voltar ao seu posto.

6922

Também levo comigo para Cartum P.^e Vicente Marzano, porque o seu velho pai, que desde há quatro anos anda mal de saúde, insistiu, recorrendo até à Propaganda, em ter a oportunidade de o ver pela última vez. Além do mais, P.^e Vicente merece um pouco de descanso e contenta-se com apenas dois meses de autorização, estando disposto a voltar ao vicariato em Novembro próximo. Por outro lado, prefiro mandá-lo agora a enviá-lo em Março, porque agora é tempo de doenças; e em Janeiro ser-me-á muito mais útil, já que nessa altura terá tirado um espinho do coração. E espero contar com ele muitos anos, pois é um missionário de valor, cheio de abnegação, aclimatado e estimado por todos. A Ir. Teresa Grigolini elogia-o muito. No Outono irá a Verona passar algumas semanas consigo. Como me acompanhou na exploração de todos os lugares da tribo de Bajit, chame este ao instituto.

6923

P.^e Vicente é protegido do muito famoso e douto mons. Salzano, arcebispo de Edessa, antigo representante de Pio IX em 1860 no exílio dos bispos, teólogo, historiador, canonista, etc., do qual ontem recebi carta de Nápoles, na qual, entre outras coisas, fala de P.^e Vicente; por isso, mando-lhe a carta deste ilustre arcebispo, com quem preguei em francês na montanha de N.^a Sr.^a de La Salette, em Julho de 1868. Trata-se do bispo que, há um mês, respondendo ao ex-padre Curci sobre a sua insensatez da Nova Itália, etc., escreveu aquela magnífica carta que dizia: «Antes havia que conter os jovens; hoje há que pôr freio aos velhos, etc.». É um dos mais doutos e santos preladados bispos da catolicidade.

6924

Há dez dias recebi a sua última, a n.^o 30, de 10 e 11 de Junho, que me encheu de dor; está cheia de imputações contra mim, que estão muito longe da verdade e que só existem na sua mente. Faça-se a vontade de Deus. Não respondo por agora, porque estou angustiado e quase desfeito; prefiro deixar o assunto para um momento de calma e tranquilidade. Jesus, que morreu na cruz, ajudar-me-á a levá-las todas. Abençoo a si e aos institutos.

† Daniel bispo

N.^o 1098 (1052) - AO DIRECTOR
DO «MUSEO DELLE MISSIONI CATTOLICHE»
«*Museo delle Missioni Cattoliche*» (14-08-1881)

Julho ? de 1881

Extracto de uma carta.

N.^o 1099 (1053) - MAPA DOS MONTES DE NUBA
ACR, Sez. *Carte Geografiche*

Julho ? de 1881

Inscrição que acompanha o mapa de Dar-Nuba.

N.º 1100 (1054) - A PELLEGRINO MATTEUCCI
«*Museo delle Missioni Cattoliche*» XXIV (1881), p. 720

El-Obeid, Julho ? de 1881
(Cartum, 3 de Agosto de 1881)

Caro doutor,

6925

No meu regresso de uma importante exploração pelos montes de Dar-Nuba comunicaram-me a fausta notícia da sua memorável viagem a partir das margens do Nilo, na Núbia, passando por Darfur, Waday, Bornu, etc., até à costa da Guiné, com o valoroso Massari, notícia que me encheu de sincera alegria, seja porque repara qualquer traço de insucesso, se é que existiu, das vossas duas viagens precedentes, que foram, todavia, importantes, seja porque a viagem feita por vós com Massari é muito digna de memória e com novidades comparáveis às de Nachtigal e às de outros célebres viajantes da África.

6926

Receba, pois, as minhas sinceras felicitações, porque as merece, como merece também o reconhecimento da ciência geográfica. Não tenho mais tempo senão para o saudar afectuosamente e para lhe manifestar que sou sempre

Seu af.mo amigo
† Daniel Comboni

N. B. A data de 3 de Agosto de 1881 aparece na revista.

A 3 de Agosto D. Comboni não podia estar em Cartum, mas viajando de El-Obeid para Cartum. Saído de El-Obeid a 30 de Julho, chegou a Cartum a 9 de Agosto (cf. Grancelli, p. 399).

N.º 1101 (1055) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 9, ff. 151-152

N.º 12

Cartum, 12 de Agosto de 1881

Em.mo e Rev.mo Príncipe,

6927

Ainda que doente – porque entre outras penas tocou-me, ao vir do Cordofão, estar uma noite inteira no meio da floresta sob um verdadeiro dilúvio caído de improviso e que, além de nos prejudicar a nós, deitou a perder toda a nossa provisão de pão e a indumentária que tínhamos guardada numa forte caixa –, saio um instante da cama para o informar da minha chegada à minha residência principal de Cartum e comunicar-lhe que receberá em Roma, para o novo museu mundial da Propaganda, dois magníficos dentes de elefante, com um peso total de 222 (*duzentos e vinte e dois*) rolos egípcios, correspondentes a mais de 97 quilogramas.

6928

Estes dois dentes provêm das tribos antropófagas dos Nyam-Nyam, dependentes da província do Bahar-el-Ghazal, submetida ao Governo de Cartum. Espero que V. Em.^a tenha por bem aceitar esta pequena doação com base num convite realizado por V. Em.^a a todos os vigários apostólicos numa data que não recordo. Apesar de ter caído tanta chuva sobre nós, contudo, os estabelecimentos católicos de El-Obeid têm que gastar ainda três ou quatro escudos por dia na compra de água.

Beijo-lhe a sagrada púrpura e com a veneração mais profunda declaro-me

De V. Em.^a Rev.ma, ob.mo, devot.mo filho
† Daniel Comboni, bispo e vig. ap.
1881

N.º 31

Cartum, 13 de Agosto de 1881

Meu caro padre,

6929

Levanto-me agora da cama para lhe dizer que junto com P.º Fraccaro e P.º Vicente cheguei a Cartum. Ao longo de toda uma noite tivemos que suportar sobre as nossas costas uma grande chuvada, que, além da nossa saúde, deitou a perder quase todas as coisas: pão, provisões e muitos dos meus paramentos pontificais. Estivemos estendidos no meu colchão durante cinco horas debaixo do aguaceiro. Roversi, um protestante do P.º Cavassi, que nos acompanhava, apanhou uma febre terrível; nós, à força de *eucaliptus* e de nos secarmos pela manhã, ficámos livres dela. No rio, o bom Rauf Paxá tinha-me o vapor preparado, que num dia nos trouxe a Cartum. Mas ainda me ressinto muito dessa noite. Aqui encontrei algumas cartas suas, as n.º 31, 33 e 34 (a 32 não a recebi: talvez tenha ido para o Cordofão), que aumentaram as minhas aflições.

6930

Aprovo plenamente (e receberá o dinheiro para isso) a execução do plano do mestre Bonato, aprovado pelo nosso estimado P.º Vignola, para as obras do instituto feminino, ainda que ultrapasse o orçamento de 3 000 libras. O meu caro S. José não deixará de cumprir no que lhe compete.

Fui informado da retirada das Irmãs de Sestri e até tive uma irritada carta de Tagliaferro, o qual me diz que esse convento será sempre (*sic*) o convento das Irmãs de D. Comboni. Mas o senhor, ao escrever, use sempre a doçura de S. Francisco de Sales e não a inflexibilidade ou outra coisa: *charitas Christi urget nos*.

6931

Igualmente me inteirei dos termos em que Virgínia foi intimidada (ela não me escreve já há muitos meses), inquirindo se está *disposta a ficar toda a vida em Verona* (coisa inoportuna e cuja razão não acabo de entender, talvez porque estou demasiado magoado; mas eu tenho o meu Jesus, pai dos aflitos e defensor da inocência e da justiça), pelo que se verá obrigada a ir-se embora. Deus, em quem Virgínia sempre confiou, como boa cristã, cuidará dela. Entretanto consola-me a ideia de que o senhor, libertado das moléstias de Sestri e de Virgínia, poderá dedicar-se tranquilamente a dirigir os dois institutos fundamentais da santa obra e a promover o bem dos mesmos, enquanto Deus se encarregará do resto. Entretanto, posso dizer-lhe, meu caro padre, que nestes assuntos nem o senhor nem Sua Em.^a (a quem tanto estimo e estimarei até à morte) mostraram consideração alguma pela minha opinião e juízo; e não vejo, até agora, nenhum motivo sólido que eu lhes tenha dado para terem em tão pouca consideração os meus pontos de vista.

6932

Mas não me sinto melindrado, porque quem trabalha com tanta constância como eu sempre fiz por Deus e pela sua glória deve estar continuamente preparado (e eu estou-o desde há muitos lustros) para todas as provas e cruces e para o valioso e indispensável *pro nihilo reputari*. Mas Deus existe para todos, ainda que a verdadeira caridade de Cristo *urget paucos in mundo*. Não digo que esta tenha faltado aos senhores, porque estou convencido de que em tudo foram guiados por um fim bom e santo. Mas juro diante de Deus que no assunto de Virgínia e de Sestri também eu tive como único fim Deus e a sua glória; e o Senhor sabe. Quanto a Sestri, as razões dos senhores são tão claras, justas e poderosas, que me compraz muito a sua decisão, *sobretudo porque não estamos em condições de ter lá uma escola*; e especialmente aplaudo o regresso daí de Caldara, a de Bérgamo, que veio para o nosso instituto para ser missionária, não para dar aulas na Europa: nesse caso teria ficado onde estava antes. Se Tagliaferro tivesse apreciado a nossa obra do catecismo e bem espiritual (a qual vale mais que as aulas), que as nossas realizavam aí, com satisfação do arcepreste e do ordinário, pelo momento ter-se-ia contentado com isso: mas o *homo quaerit quae sunt mundi et non Dei*. Por isso disse a Sua Em.^a que era inútil que três Irmãs se ocupassem em Sestri apenas *a rezar (!!!)* e não disse que catequizavam as raparigas pobres. De modo que fez bem em retirá-las todas de lá. Agora se verá ainda mais claramente quais eram as suas intenções: se era o lucro ou o benefício da Nigricia.

6933

Se ele reclama o dinheiro de que o senhor fala, etc., e não lança firmemente no papel a sua tão *decantada* doação, é certo que nos enganou. O senhor não tenha medo dos tribunais nem de nada: todos sabem que ele prometeu *uma doação* e esta deprende-se dos seus escritos e da famosa *carta* que está nas suas mãos. São

inúteis outros papéis adicionais; e além disso, é difícil que eu os encontre, doente como estou e atormentado com tantas preocupações pelo meu Vicariato e por obter ajudas da Europa. Não há ninguém que aprove esse homem, o qual se aborreceu sobretudo porque o senhor se foi de noite, *sem se despedir*, como me escreve. Além disso, nós trabalhamos para Deus: entreguemos-lhe o cuidado de tudo e Ele nos ajudará. A nossa obra baseia-se na fé. É uma linguagem pouca entendida na Terra, até entre os bons. Mas compreenderam-na os santos, os únicos a quem devemos imitar.

6934

O cônsul austríaco de Cartum ficou estupefacto ao inteirar-se de que regressava Domingos Polinari, que tanto o molestou (embora esse cônsul tenha também aversão a P.^e Luís, pela sua aspereza no trato, etc.). Por outro lado, o superior de Cartum, P.^e Bouchard, também não gosta dele (e com boa razão, pois estragou o quintal, cujos produtos nunca levava para a cozinha e, para mais, mandou embora trabalhadores cristãos para contratar muçulmanos, gastou, esbanjou, etc. Igualmente as Irmãs que estão no Vicariato, sobretudo a Ir. Grigolini, do Cordofão, são de opinião de que não se deve deixá-lo voltar, tanto mais que no quintal as coisas correm melhor desde que ele foi embora. De modo que mandei um telegrama para o Cairo, a Giulianelli, ordenando-lhe que retenha aí Domingos Polinari ocupado na quinta e a encher de terra o espaço que rodeia as casas entre o muro e a estrada; e isto sem dizer nada a Polinari, a quem, por agora, não queremos no Sudão. Mas por que não me explicou antes o cônsul as razões que agora apresenta? Limitou-se a pedir-me que deixasse voltar Domingos para a Europa, porque estava cansado. Enfim, tudo se acertará com o telegrama, que já saiu, porque o ditei da cama esta manhã. Mas há outra coisa: mais que as cartas do senhor e a do cardeal (que, além disso, conforme me disse, não tinha outro fim senão *ad salutem*), afligiu-me particularmente uma carta escrita por meu pai pelo seu punho e letra, esplêndida, mas que tinha um *post scriptum* cujo texto exacto, *ad litteram*, é o seguinte: «...beijo-te o sagrado anel, enquanto me subscrevo

Teu af.mo pai Luís Comboni

6935

P. S. Esta tarde chegou-me carta do superior na qual me diz: “Virgínia quis que a levasse eu (P.^e Sembianti) ao cardeal e ele perguntou-lhe se *ela ficava para sempre no convento de Verona*”. (Mas se Virgínia é *uma chaga* para a missão, como me escreveu Sua Eminência, porque fazer com que fique sempre em Verona? Por acaso não há Deus também para Virgínia? Ah, *confiemos sinceramente* em Deus, porque a divina verdade proclamou: *qui confidit in domino non confundetur. Iustus ex fide vivit*; e Virgínia, mesmo sendo tão desprezada, tem mais confiança em Deus que eu e que muitos eclesiásticos). «Ela respondeu que não e eu apostaria o pescoço que está feita contigo para ir para a África” (comigo nunca e há mais de quatro ou cinco meses que não me escreve; e eu sou avesso aos subterfúgios...).

6936

Meu pai baseia-se em suspeitas, devidas ao estúpido do Tiago, que à hora da morte dará contas à justiça divina das mentiras que disse a meu pai sobre mim e Virgínia, e será responsável pelo ódio que dedicou a dois árabes, ou seja, ao primo de Virgínia e ao irmão da Virgínia, sobretudo ao primo, que ficou disso escandalizado, e se fosse pelo Tiago, ele havia de se tornar turco em vez de católico e teve que se refugiar em Roma, na Congr. do Santo Ofício, para poder tornar-se católico. Os leigos devem tratar do que é seu e não meter-se nas coisas de regime e de espírito, coisas de que nada entendem. Não quereria encontrar-me na consciência do Tiago. Uma só alma custa o sangue de Jesus Cristo; e Tiago não compreende as elevadas intenções que tive ao fazer vir os árabes para bem do meu instituto. E ele, em vez de usar a caridade, como devia, para ganhar as suas almas, com o *pérfido Grieff* moveu-lhes uma perseguição de morte, por assim dizer.

6937

«O Diabo tentou-o tanto», prosseguia meu pobre pai, o qual, enganado desde o princípio por Tiago (o qual é muito ingrato para comigo, que lhe salvei a vida suportando gastos para o fazer voltar à Europa e nunca aludiu a isso; em contrapartida, em duas cartas disse-me que na viagem *tinha ficado edificado com Virgínia*), cometeu a imbecilidade de sugerir a Virgínia que se casasse, quando ela, afinal, preferia que a matassem a casar-se. (Mons. Salzano, falando de Curci, escreveu que antes havia que travar os jovens e agora os velhos.) «O Diabo tentou-o tanto – dizia ele – que, por fim, conseguiu desacreditar por completo o pobre bispo da África Central» (*sic*). *Em todo o caso* não é Virgínia que me desacredita: na suposição, admitido mas não concedido de que o que diz meu pai fosse certo, sou eu que me desacredito a mim mesmo deixando-me enganar (*sic*) por ela.

«Compreendo que *devo morrer com uma chaga no coração*. Que Deus te abençoe

Luís Comboni».

6938

Esta é a minha enorme, extrema dor. Se eu for atacado, se eu for denunciado ao Papa, causar-se-á dano à missão com a minha ausência da África durante algum tempo para me justificar perante o infalível *Vigário de Cristo*, que é pai de todos e faz só o que é recto e justo, como verdadeiro representante de Deus. Mas incomodar e afligir um santo velho, que não só me deu a vida material mas também, o que é mais, a espiritual, isso é de mais; e Tiago terá de dar conta disso ao Juiz Eterno, que não perdoa nunca a quem lhe toca a pupila dos seus olhos: um sacerdote, um bispo, uma virgem cristã, apesar de todos os defeitos que tenham. Faça-se a vontade de Deus. Tudo é disposto por Deus, que ouve o pranto dos aflitos e protege a inocência. E meu pai, morrendo com uma chaga no coração devido à calúnia, à suspeita e à mentira, ou melhor, às difamações propaladas por Tiago e Grieff, ganhará uma nova coroa no Céu, onde espero encontrar-nos juntos em breve.

6939

Peço-lhe perdão, caro P.^e Sembianti, por lhe causar estes e muitos outros incómodos. Mas com quem posso desabafar a minha dor senão com a pessoa que se dedica a prestar-me a mais séria e valiosa ajuda na minha santa obra, que é toda de Deus?

6940

A Jesus, em nome das suas adorabilíssimas chagas, e a si, em nome da sua caridade, caro P.^e Sembianti, encomendo meu pai Luís Comboni, que não merece terminar com dor os seus dias por causa de um filho (tudo se baseia na mentira) que sempre lhe deu e deve dar todos os motivos de satisfação espiritual.

No Coração de Jesus sou seu af.mo

† Daniel bispo

6941

Neste momento conta-me o cônsul austríaco que o Sudão está em plena rebelião por culpa de um pretense profeta que se diz enviado por Deus para libertar o Sudão dos Turcos e da influência cristã. Desde há anos recolhe impostos para si e conta com o total apoio dos que já se não podem enriquecer, por estarem impedidos de fazer o comércio de escravos (e são nove décimos dos indígenas) e os que pagam as contribuições. Junto com outros missionários, a madre provincial e Virgínia, eu vi esse profeta em 1875, quando, tendo ido nós com o vapor mais para lá de *Tura el-Khadra*, em Cavala, encontrámo-lo aí nu sobre um camelo; e dizia-se que vivia em cavernas com mulheres nuas, etc. Depois, voltámos com o vapor para Tura el-Khadra e aí descemos com Virgínia, a Ir. Germana, P.^e Vicente e os missionários, etc. e dirigimo-nos para o Cordofão.

6942

Anteontem Rauf Paxá mandou um vapor com duzentos soldados e um canhão para o capturar, mas, diz o cônsul, foram todos massacrados. Agora, o próprio Rauf Paxá quer partir com um bom contingente militar. Vamos ver. Aqui em casa ainda se não sabe de nada, mas não chegará a noite sem que a notícia chegue aos ouvidos de todos. Só eu fui avisado. Alegremo-nos! Iremos antes para o Paraíso. Viva Jesus!

† Daniel bispo

6943

Mande embora o belga; é o melhor. Bendito P.^e Norman! Não lhe disse ao senhor que quanto à perfeição, delicadeza, desinteresse e puro espírito de Deus e sua glória, para mim, em geral, vale mais o espírito bertoniano que o dos jesuítas? Eu sou um entusiasta dos jesuítas, mas nunca aprovarei o que mediante o belga se fez a respeito de nós. A marquesa Anguisola, de Placência, escreveu-me a dizer que entregou 2000 libras a mons. Scala-brini para mim, isto é, para que as fizesse chegar a Verona em favor da missão. As outras 240 são do meu caro amigo o bispo de Placência, que mas manda como ajuda. Como o senhor recebeu 2239,80, os 20 cêntimos que faltam devem ter servido para franquear a carta de agradecimento a Sua Eminência, porque Sua Em.^a é um homem muito minucioso.

Meu caro P.^e Francisco,

6944

Outro dia telegrafei-lhe para que retivesse no Cairo Domingos Polinari e para que ele permanecesse aí até nova ordem minha. *Em segredo*, digo-lhe que nenhum superior do Sudão o quer, porque faz tudo como lhe apetece, não quer depender de ninguém quanto ao seu trabalho, que não é útil à casa, porque deita as coisas a perder. Tão-pouco o querem por aqui o cônsul austríaco nem as Irmãs, que, quando ele cá está, têm que comprar a hortaliça fora, porque com ele a horta vai mal; ao contrário, depois de ele partir, o quintal tem estado em melhores condições. Ponha-o (porque é um grande trabalhador) a preparar uma horta nos nossos terrenos, a encher os buracos fora do recinto, junto à estrada, etc.

6945

Ordeno-lhe que mande para sua casa Domingos Donizzoni, porque tudo quanto o senhor me escreve deve ser a pura verdade, já que eu também o vi sem espírito, colérico, queixoso e sem virtude. Arranje-lhe na Companhia Rubattino uma passagem de terceira de Alexandria para Génova (com o desconto, entende-se, de metade da importância, que nos tem concedido a Rubattino). O bilhete de Génova a Verona, em terceira, custa mais ou menos 22 francos, aos quais acrescentará o que custar a viagem do Cairo a Alexandria, mais 30 francos, até 40, para a comida. Se se negar a partir, ponha-o na rua. Não o quero mais nem no Sudão, nem no Egipto, nem em Verona.

Estou muito contente com José: veio oportunamente para muitas coisas e todos os estimam.

6946

Só anteontem cobre a letra cambial de 20 000 piastras. Em segredo, digo-lhe que estou em grandes apuros económicos. No Cordofão, mesmo depois das chuvas, preciso de 30 francos por dia para comprar água e tenho muitos gastos; portanto reze ao Sag. Coração de Jesus para que me mande dinheiro. Sem dinheiro não se salvam almas.

6947

Dentro de três dias partirá P.^e Vicente Marzano, que trabalhou muito e deve recuperar as forças. À parte os 111 guinéus, não temos dívidas com o nosso amigo sr. Marquet. Com a primeira expedição, mande o Baptista, a quem destinei para o quintal de Cartum. Explique-me por que motivo foi ele à Terra Santa e porque lhe deu autorização, sem me ter consultado.

6948

Estou cansado e doente e não tenho tempo de escrever. Dou-lhe a minha bênção, assim como a Faustina e a todos/as. Como vão de saúde as Irmãs? Entregue o bilhete junto à Ir. Faustina, minha prima.

Seu af.mo † Daniel bispo e vig. ap.

N.º 1104 (1058) - AO CÓNEGO CRISTÓVÃO MILONE
«*La Libertà Cattolica*» XV (1881), n. 211

Cartum, 16 de Agosto de 1881

Meu caro amigo,
Director de *La Libertà Cattolica*

6949

Leio no n.º 151 da elogiada *Libertà Cattolica* a reportagem e a descrição da nova igreja de El-Obeid, capital do Cordofão, dedicada a N.^a Sr.^a do S. Coração, que o nosso estimadíssimo P.^e Vicente Marzano construiu. E leio que o senhor, na sua extraordinária bondade, faz um generoso apelo à proverbial caridade dos napolitanos, animando-os a que, restringindo os gastos, enviem o seu óbolo para a conclusão da dita igreja e para ajudar a nossa árdua missão da África Central, ao reitor dos institutos africanos de Verona e não para Nápoles, à Redacção da *Libertà Cattolica*.

6950

Por isso, suplico-lhe encarecidamente que rogue aos generosos benfeitores que os donativos para as missões da África Central não os mandem para Verona, mas para si, à Redacção da *Libertà Cattolica*; e isto tanto pela plena e ilimitada confiança que, baseado numa larga experiência, tenho em si, na sua publicação e na sua caridade, como por alguns benfeitores se decidirem com maior facilidade a mandar o dinheiro à pró-

xima cidade de Nápoles e a si, a quem conhecem bem, que à distante Verona. Por outro lado, se se enviarem os donativos para Verona, há maiores gastos e menores vantagens para a África, porque o meu reitor deve responder a cada benfeitor com uma carta de agradecimento e gastar nela um selo de 20 cêntimos, enquanto se receber o senhor o dinheiro não pressupõe nenhum gasto, porque responde a cada um publicando o nome e o donativo no seu acreditado periódico.

6951

Agradeço-lhe infinitamente pela sua grande caridade em socorrer a minha missão, que é das mais importantes do universo, mas também das mais necessitadas. No Cordofão, de onde vim há poucos dias, apesar das grandes chuvadas caídas, preciso de 30 a 50 libras diárias para comprar uma água suja e lodosa, para as necessidades desses dois importantes estabelecimentos.

6952

Quanto à nova igreja da capital do Cordofão (esta é a maior e a mais povoada cidade de toda a África Central e Equatorial; maior e mais povoada que Cartum, capital das possessões egípcias do Sudão; maior e mais povoada que El-Fasher, capital do Darfur, e do que Kuka, capital e grande empório de escravos no império de Tombuctu; em suma, como digo, a maior e mais povoada de toda a África Central), é uma igreja digna da cidade de El-Obeid.

6953

Rogo-lhe tenha por bem advertir o ex.mo e venerável mons. Salzano, arcebispo de Edessa, que, atendendo às repetidas súplicas que me fez o velho pai de P.^e Vicente, o qual, antes de morrer, quer abraçar esse seu único filho, decidi mandá-lo imediatamente, dado que, além do mais, precisa de se restabelecer um pouco da saúde, após ter trabalhado muito para a missão. Por esse motivo, trouxe comigo do Cordofão P.^e Vicente Marzano, junto com o qual tive que suportar verdadeiros dilúvios durante a viagem; mas, finalmente, chegámos a Cartum. Ele sairá daqui dentro de uns dias em direcção a Berber e ao mar Vermelho; e se Deus quiser, vê-lo-á no seu escritório de Nápoles antes do fim de Setembro próximo.

Reiterando-lhe os meus pedidos e o meu sentido agradecimento, abraço-os nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria e declaro-me com todo o afecto

Seu amigo muito sincero
† Daniel Comboni
Bispo e vig. ap. da África Central

N.º 1105 (1059) - AO CÓN. CRISTÓVÃO MILONE
*Cristoforo Milone, «D. Comboni-L'ab. Girolamo Milone»
Napoli 1883, p. 35*

Cartum, 17 de Agosto de 1881

Meu mui caro amigo,

6954

Notei bem que o senhor é o mais fervoroso promotor dos interesses da minha árdua empresa, tendo revelado em artigos de fundo não só todo o seu grande coração e o mais caloroso afecto, mas também o maior grau de interesse e de entusiasmo.

Sirva isto para reforçar e consolidar ainda mais a nossa sincera, cordial e velha amizade, a qual – pode-se dizer – nasceu no Verão de 1863, no primeiro hotel de Saluzzo, em que passei dois dias em companhia de Jerónimo, seu irmão, objecto do meu afecto e da minha admiração como escritor de força e “garra”, o qual estava aí condenado ao desterro e cuja libertação obtive de Vítor Manuel poucos meses depois, por meio da famosa Rosina, que depois desposou morganaticamente...

† Daniel Comboni

N.º 1106 (1060) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 9, f. 75v

Cartum, 18 de Agosto de 1881

Breve bilhete.

N.º 1107 (1061) - A P.º FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 26/24 n.6

Cartum, 20 de Agosto de 1881

Breve bilhete.

N.º 1108 (1062) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 9, ff. 153-155

N.º 13

Cartum, 23 de Agosto de 1881

Em.mo e Rev.mo Príncipe,

6955

Recebi ontem a sua estimada carta, a n.º 4, do passado 3 de Junho, em que me repete a ordem de mandar ao sr. Genoud alguma recordação do seu filho P.º Policarpo, falecido em Cartum em 1878; e eu repito-lhe, da minha parte, quanto lhe escrevi do Cordofão, ou seja, já mandei alguns objectos pertencentes ao falecido, entre eles dois relógios e medalhas de mérito militar, etc., e na primeira oportunidade mandarei também música que lhe pertencia e que encontrei há uns dias. Mas esse senhor, que já está a tornar-se um pouco aborrecido, deve ter em conta que viajar da África Central para a Europa não é como ir ali à esquina e que as pessoas a quem foram entregues os objectos têm que atender aos seus próprios afazeres e, às vezes, prometem cumprir imediatamente o encargo e, depois, falham e fazem as coisas quando lhes é mais oportuno; por isso, se não chega tudo com rapidez, a culpa não é minha.

6956

Graças ao Deus das misericórdias, o meu Vicariato e as suas obras vão bem, segundo o espírito de Jesus Cristo e consegue-se fazer não pouco bem, mas muito, apesar das enormes dificuldades e das cruces que me vêm de quem, ao invés, deveria originar-me satisfações. Mas as obras de Deus foram sempre assim. Confiado n'Ele, conduzo a minha vida contente ante a perspectiva de morrer por Jesus e pela Nigéria.

6957

Há três dias chegou o vapor do Nilo equatorial com importantes notícias, que me comunica Emin Bey, governador-geral das possessões egípcias nas províncias equatoriais. Ele mandou-me de volta três cartas, dirigidas a ele mas destinadas aos missionários do Uganda, isto é, para o superior *Livinac*, para o P.º *Barbot* e o P.º *Simeão Lourdel*, as quais eu envio hoje para o seu destino, via Zanzibar, porque as comunicações entre os lagos Alberto Nyanza e Vitória Nyanza encontram-se interrompidas por causa da guerra que rebentou entre os reis de Unyoro e do Uganda, conflito que lhe resumo em duas palavras.

6958

Kabarega, rei de Unyoro, mandou matar um tio de Mutesa, rei do Uganda, pelo que este, com vontade de matar Kabarega e se apoderar do seu reino, lhe declarou guerra.

Como Kabarega conta com menos forças que Mutesa e tem, por isso, um medo tremendo do seu inimigo, apressou-se a procurar apoio num poderoso chefe vizinho, Rionga, cujo território se estende entre Magungo, junto ao lago Alberto Nyanza e Foveira, fortaleza egípcia situada entre os dois Nyanza; teve êxito nisso e Rionga tornou-se seu aliado. Kabarega, temendo também os egípcios vizinhos, escreveu a Emin Bei (que – surpreendente casualidade – é muito amigo de Kabarega e de Mutesa) e rogou-lhe que intercedesse perante Mutesa para restabelecer a paz.

6959

Agora acaba de me escrever Emin Bei a dizer-me que pelos primeiros de Agosto sairá de Ladó (perto de Gondokoro) para Unyoro e que, depois de ter falado com o rei de Unyoro, com Kabarega e com Rionga, verá o que há a fazer. Isto é tudo.

Com o máximo respeito inclino-me para beijar a sagrada púrpura.

N.º 1109 (1063) - AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/131

N.º 32

Cartum, 27 de Agosto de 1881

Meu caro padre,

6960

Estive muito indisposto, porque não consigo dormir (desde que voltei a Cartum) nem sequer uma hora em cada quarenta e oito. Também se encontra doente, e com gravidade, o meu futuro secretário, P.º Francisco Pimazzoni: desde há um mês que tem dificuldades de respiração, febres, nunca dorme, etc., o que me faz temer muito por ele. Contudo, confio em Nossa Senhora do Sagrado Coração e nos cuidados que lhe dispensamos. Tem uma grave doença pulmonar. Reze por ele. Espero em Jesus.

6961

Outro dia chegaram-me de uma vez três cartas suas: a de Sestri (escreveram nos correios *África Meridional*, foi selada em Adem, na Arábia, no oceano Índico e depois mandaram-na para o Egipto) e as de 24 e 30 de Julho, n.ºs 35 e 36. Agora compreendi bem o assunto de Sestri e toda a história da retirada de lá das Irmãs. Meu Deus! Que imbróglio! O senhor agiu *estupendamente*, dispondo que se abandonasse aquilo, com o que fez um grande bem ao nosso instituto; eu, no seu lugar, teria agido de igual modo. Alegro-me muito disso: 1.º, porque tirou dos seus ombros um incómodo muito grave, o senhor que ainda não está habituado a carregar grandes cruces por Jesus: *non pervenitur ad magna praemia nisi per magnos labores*; 2.º, porque a Ir. Constância também saiu de lá e, assim, temo-la certa para a África; 3.º, porque é uma coisa que convém à obra. Se Deus quiser algo de nós para Sestri, ele indicará o caminho certo, que melhor agrade à sua Divina Majestade.

6962

Agradeço-lhe de coração o grande empenho em relação a este assunto, as grandes penas que teve que suportar e o bom êxito da retirada: *et Deus erit tibi merces magna nimis*. Eu escrevi a P.º Ângelo a dizer-lhe que me enganou, que com isso perdeu muito crédito perante todos e que o meu reitor não tinha outro remédio senão retirar tudo para salvaguardar os interesses de África, porque em Sestri eu estava numa situação precária.

6963

Estou comovido de ver quanto teve que sofrer não só com o assunto de Sestri mas também com os outros assuntos desagradáveis, do que lhe estou muito grato; e tenha a certeza de que, por isso, o seu nome está escrito no livro da vida e de que ganhou muitos méritos para a eternidade. Quanto à questão Virgínia, a minha opinião sobre tudo o que com ela se relaciona e sobre a maneira precipitada como agiram o senhor e o cardeal, difere muito da sua opinião, bem como da de Sua Eminência. Mas devo declarar uma coisa, de uma vez por todas: o P.º Sembianti, mesmo no assunto Virgínia (como em tudo o que diz respeito à África), agiu *santamente*, aconselhou-se, reflectiu profundamente, examinou todas as vias, etc., etc.; numa palavra, fez tudo em consciência e com o fim de dar glória a Deus.

6964

O mesmo digo de Sua Eminência. Mas ao mesmo tempo declaro-lhe com idêntica convicção que também eu agi no que toca a Virgínia sem sombra de paixão e para dar glória a Deus, por caridade e pelo bem da obra. E se o senhor e Sua Eminência dizem que a paixão é o motor dos meus actos, eu respondo-lhes que, se cometeram uma injustiça para comigo (estou convencido, repito, de que agiram com santas intenções e em consciência), foi a de não darem importância às minhas afirmações nem ao meu parecer sobre Virgínia, acreditando, ao invés, nos campónios e outros menos competentes que eu. Mas não me queixo absolutamente disso, porque *Christus humiliavit semetipsum usque ad mortem*, etc., de modo que estou disposto a lambar a terra e a receber qualquer humilhação por amor de Deus e da África.

6965

Sua Eminência deveria ter-me ouvido antes de decidir que Virgínia, depois de vinte anos de convento, fosse confinada à casita e afastada da comunidade; e nem sequer se dignou avisar-me. Sua Eminência (sempre segundo o meu subordinado parecer) devia ter-me escrito e consultado antes de emitir aquele errado juízo sobre Virgínia, relativamente a que ela seria *uma chaga* para a missão, que ela *me empurrou com segundos fins* a fazer o desastrado negócio de Sestri, que é uma mulher *transtornada, caprichosa*, sem mesmo nenhuma vocação para a vida religiosa, volúvel (é mais firme na fé que uma coluna) e que quando daí partiu (*sic*) cantaram o *Te Deum*. Ele deveria ter escutado as minhas razões antes de dar parte a Roma. Esta é a minha subordinada opinião, embora esteja convencido de que o fez com boa intenção e em consciência.

6966

Agora o senhor, na sua carta n.º 36, de 30 de Julho, comunica-me (eu não sabia de nada, mas já supunha que fosse acabar assim) comunica-me, dizia, que o Em.mo cardeal Simeoni *lhe ordenou a si que dissesse a Virgínia que ele não quer que ela empreenda a viagem para a África* e que o senhor procedesse de modo que esta ordem do em.mo cardeal-prefeito da Propaganda *fosse pontualmente cumprida*. Pois bem, tanto o senhor como o em.mo de Canossa e eu devemos serenar-nos e deixar actuar a Propaganda. Esteja certo de que o Em.mo Simeoni me escreverá a mim, procurando saber o que é que eu tenho a dizer sobre o assunto, e isso será ponderado e examinado com maior acuidade e interesse que em Verona.

6967

Em Roma age-se à luz do Espírito Santo: em Roma apreciam-se os juízos que dá o camponês sobre a terra e a agricultura, o sapateiro sobre os sapatos e botas, o cura sobre assuntos dos curas e o bispo sobre coisas de sacerdotes e bispos. Em Roma, na balança da justiça, será posto o peso das minhas razões de um lado e, do outro, o peso das razões de Sua Em.^a e do senhor. E quando Roma tiver falado, eu, o senhor e o em.mo teremos que baixar a cabeça e aceitar com respeito o juízo favorável ou desfavorável que se fizer sobre a nossa actuação. E mesmo que estejamos convencidos de ter agido bem e como exigia o nosso dever, eu serei o primeiro a dizer: *sou um burro, agi mal, enganai-me*, se Roma decidir que não tenho razão; e estou certo de que o senhor fará outro tanto e será norma de acção para o futuro.

6968

Estou mesmo contente: sofri o purgatório, temendo que, por culpa de outros, ou por minha culpa, Virgínia pudesse perder-se. Mas agora que, por iniciativa de Sua Eminência, Roma mete o nariz no assunto, estou mais que nunca tranquilo e confiante em que a inocência, a justiça e verdade triunfarão, estejam de que lado estiverem. Espero carta do cardeal Simeoni, o qual certamente me escreverá sobre a questão; e eu responder-lhe-ei. Não sei o que terá mandado dizer para Roma Sua Eminência, nem procuro saber. Eu ater-me-ei ao que me ditar a minha consciência e ao que me disser o em.mo card.-prefeito, meu superior. Asseguro-lhe que começo a respirar, porque estou certo de que as coisas de Virgínia e o seu agora sombrio futuro irão experimentar uma mudança conforme a vontade de Deus, e em benefício dela e da sua vocação. Tenho muitas coisas para lhe dizer em resposta às suas. Os jesuítas pregaram-me uma partida maior que a de Neefs; tratarei de proporcionar alívio à madre, etc., etc. Rogo-lhe que faça chegar a Virgínia as cartas que lhe escrever a ela.

† Daniel bispo

N.º 1110 (1064) - A P.^e FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/31

J. M. J.

Cartum, 27 de Agosto de 1881

Meu caro P.^e Francisco,

6969

Telegrafei-lhe antes para reter domingos no Cairo; mas como, por sua vez, o senhor me mandou um telegrama a dizer que ele não quer estar no Cairo, telegrafei-lhe de novo a comunicar que estou disposto a destiná-lo ao Cordofão, porque para Cartum quero Baptista.

Recebi 300 libras egípcias; portanto, não me mande dinheiro até nova ordem. Em contrapartida, ajude o reitor de Verona, se precisar.

6970

Diga a Faustina que é preciso que se adapte a fazer de tapa-buracos por mais algum tempo; mas não tardarei a mandar-lhe para aí uma superiora. Entretanto, ordene-lhe que me informe sobre a saúde de cada Irmã,

noviça e postulante. Na próxima Primavera chegará ao Cairo, procedente do Sudão, uma das minhas superiores para julgar sobre a admissão ao noviciado da postulante e sobre os votos da noviça do Cairo; isto, se Deus der saúde, claro. A mesma madre irá depois por algum tempo a Verona, para ajudar a madre de lá, que precisa de alívio e de se recompor. Reze muito ao Coração de Jesus segundo as minhas intenções para bem da Nigrícia, etc.

Cumprimentos ao P.^e Pedro, ao P.^e Germano, aos *frères*, aos jesuítas, etc., e ao delegado para os coptas. Abençoo no Sag. C. de J.

Seu af.mo † Daniel bispo e vig. ap.

N.º 1111 (1065) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 9, ff. 161-166

N.º 14

Cartum, 29 de Agosto de 1881

Em.mo e Rev.mo Príncipe,

6971

Mando-lhe aqui o mapa exactíssimo de Dar-Nuba, que os meus companheiros e eu traçámos, em seguida à importante expedição que com muita diligência e indizível esforço e sofrimento levámos a cabo por aquelas montanhas em Junho passado, a fim de se tomarem as medidas necessárias para abolir lá o tráfico de escravos, que todos os anos foi dizimando aquelas míseras populações e implantar a nossa santa fé. O respectivo relatório, que será muito interessante, vou fazê-lo e mandá-lo quanto antes, apenas me encontre melhor e tenha realizado outros trabalhos urgentes. Em Delen terminou-se uma igreja que tem um tamanho duas vezes superior às casas dos chefes, *cojurs* e sultões de Dar-Nuba e que constitui uma maravilha para aquela gente. Na festa do Corpo de Deus celebrei lá o pontifical e administrei solenemente o baptismo a oito ou nove adultos e a confirmação a uns quarenta.

6972

Após vivas instâncias do rev.do P.^e João Losi, que estava provisoriamente à frente daquela missão e que compôs um dicionário de mais de 3000 palavras na difícil língua nuba, totalmente desconhecida da ciência, e traduziu para a mesma as orações da Igreja e um catecismo, nomeei superior da dita missão P.^e Luís Bonomi, a quem em 1879 retirei daí para que me representasse em Cartum durante a minha ausência do Vicariato, porque – dizia-me P.^e Losi – P.^e Bonomi é o mais capaz de dar impulso àquela missão e de superar todas as dificuldades que se apresentarem; e é verdade. Ao comunicar-lhe a notícia, ele respondeu a P.^e Losi: «Basta que o queiras ou monsenhor o deseje e eu aceito com muito gosto, porque só quero fazer a vontade dos meus superiores.»

6973

Quanto à abolição do tráfico de escravos entre os Nuba, o Ex.mo Rauf Paxá, governador-geral do Sudão, adoptou *literalmente* os meus conselhos e, dentro de um ano, mais ou menos, será um facto consumado a total abolição do comércio de escravos entre os Nuba. Não é preciso referir a grande alegria e entusiasmo dos chefes e populações daquela zona, a quem, desde a minha visita, não foi roubado nem um filho nem uma filha, nem uma vaca, nem uma cabra; e reconhecem unanimemente que foi a Igreja Católica quem os libertou, sobretudo quando viram capturar os chefes dos bandidos Bagara, tal como eu lhes tinha prometido de forma categórica. Isto tornará o nosso apostolado entre aquelas gentes menos difícil. Rauf Paxá também adoptou a minha sugestão de separar da jurisdição do Cordofão (onde tanto o governador como os funcionários e os magnates são todos ladrões e assassinos, cúmplices e favorecedores do tráfico de escravos na Nuba, sobre o que falei a Sua Excelência para procurar um remédio, embora seja muito difícil) a zona compreendida entre o *Birchet-Koli* e o *Bahar-el-Ghazal*, e formar com ela *uma província especial, à parte*, a qual terá de se confiar a um europeu que não seja ladrão ou astuto. Também isto será um facto consumado dentro de um ano, porque a estas horas o grande paxá está a procurar no Egipto o homem adequado e porque informou disso Sua Alteza o quedive, que sinceramente quer acabar de uma vez por todas com o tráfico de escravos, que ainda existe na zona confinante com a Abissínia, nos territórios junto ao Darfur e noutros lugares dos vastos domínios egípcios na parte do equador.

6974

Dentro das minhas limitadas possibilidades, à força de falar e de escrever, consegui convencer profundamente S. E. o governador (já tinha falado claramente do assunto ao quédive no Cairo, o qual me disse *muito boas palavras*) da utilidade e necessidade de um caminho de ferro que una o mar Vermelho com o Nilo em Cartum. Além das imensas vantagens materiais para o Egipto e o Sudão, daí adviriam grandes possibilidades para as missões católicas e para pôr fim definitivamente à horrível chaga do comércio de escravos na África Central. O facto é que ontem veio visitar-me o governador-geral, a quem encontrei *entusiasmado* com a ideia do caminho de ferro a ligar o mar Vermelho com o Nilo em Cartum. Disse-me que tinha escrito sobre isso ao *Divã* do Cairo (o qual se mostra contrário por questões políticas) e que não o deixará tranquilo até obter a aprovação; e irá obtê-la.

6975

A ideia também seduz muito o cônsul francês, que me prometeu tratar o assunto com Paris, para que presione o Egipto sobre o assunto (se não morrer: desde há bastantes dias que lhe mando as Irmãs para o assistirem, porque está a ser presa das ardentíssimas febres do Sudão). Entretanto Rauf Paxá vai preparando uma importante soma de dinheiro para começar a construir o caminho de ferro.

6976

Vossa Eminência verá na parte inferior do meu mapa de Dar-Nuba o *Bahar-el-Arab*. Pois bem, o Bahar-el-Arab está-me a causar desde Setembro do ano passado (altura em que, estando em Roma, li nas *Missions Catholiques* que o limite setentrional das missões de mons. Lavigerie, como escreveu esse prelado, é o Bahar-el-Arab) uma *grande dor de dentes*, que não me passará até à morte ou até que a Sag. Congregação tome outras decisões mais convenientes e necessárias. A sul do Bahar-el-Arab vivem imensas populações, que se estendem até ao Alberto Nyanza e ao equador, as quais falam ou compreendem duas línguas, das quais nós, com grande esforço e estudo, conseguimos compor ao longo de vários anos um dicionário, uma gramática e o catecismo, mais outras obras já publicadas (e o resto que eu publicarei), que formam em conjunto o elemento e o material necessário e suficiente para implantar naquelas regiões a fé, tanto mais que se trata de países incorporados na coroa do Egipto, a qual se mostra tão favorável às missões católicas da África Central. Mas confio no dulcíssimo Coração de Jesus e na sabedoria, caridade e justiça da Santa Sé, que acertarão tudo.

6977

Outra dor de dentes chegou-me hoje de Verona, em relação à absoluta discrepância de opinião entre mim e o meu benfeitor, o Em.mo card. de Canossa, sobre uma virgem cristã, isto é, sobre a vocação de uma tal *Virgínia Mansur*, a quem esse em.mo atira por terra e a quem eu coloco logo abaixo das nuvens. Mas esta dor de dentes começa-me a passar, porque, segundo parece, o card. de Canossa informou disso V. Em.^a (o que para mim é um grande alívio, porque em Roma será feita justiça) e o meu caro reitor Sembianti recebeu ordem de V. Em.^a para dizer a Virgínia que, por agora, não vá para a África, ordem prudentíssima e para mim sumamente venerável e justa, que *será cumprida pontualmente*.

6978

Antes, quanto a Virgínia, nada se deve fazer que *não seja decidido e ordenado por V. Em.^a*, verdadeiro intérprete da vontade divina, depois de ter ouvido as duas partes, isto é, Verona e a África Central, e isso para triunfo da justiça, da caridade e da verdade, cujo refúgio bendito é apenas a Roma papal.

6979

Estando próxima a saída do correio, não posso começar a escrever-lhe sobre esse assunto; mas fá-lo-ei com o próximo correio de sábado, ou seja, dentro de três dias, se Deus me der força e saúde, porque ainda estou fraco e sem sono e apetite.

Depois dos meus primeiros argumentos que eu lhe irei apresentar, rogaria a sua bondade que, se o considerar certo, escrevesse ao P.^e Sembianti a dizer que *ordene e comunique a Virgínia que fique no convento em Verona na condição de postulante*, que é a ínfima do convento, até novas ordens de V. Em.^a rev.ma. O convento e a instituição é minha e, por isso, V. Em.^a é dono dela.

Seu indig.mo filho † Daniel Comboni

N.º 1112 (1066) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/132

Meu caro padre,

6980

Mando-lhe um pedacinho do pequeno relatório sobre a nossa exploração de Gebel Nuba, escrito por P.^e Vicente. (Este chegou a Berber e está prestes a partir para Suakin. Com ele mandei também o meu serviçal Domingos Correia, que vai para Roma, porque morreria se continuasse aqui: está acostumado a servir grandes senhores, a andar de carro, a comer bem e beber melhor e aqui não consegue adaptar-se a suportar privações, etc. Para o seu lugar assumi José, um toscano, que me rende dez vezes mais que Domingos: é bom, capaz, diligente, trabalhador e cheio de boa vontade. Todos estão contentes com ele. Este tinha necessidade de trabalho; não fazer nada no Cairo matava-o. Graças a Jesus). Pode publicá-lo no próximo número dos *Anais*. Mas o grande relatório, com o mapa que já tenho pronto, prepará-lo-ei quando me encontrar melhor e dispuser de tempo, se não morrer antes. O formato, etc. dos *Anais* é muito melhor que antes, e isso deve-se à sua diligência e interesse: agradeço-lhe muito.

6981

Ainda não vejo claro sobre a saúde de P.^e Francisco Pimazzoni; P.^e Artur, algumas Irmãs e outros dizem que o seu estado não lhes agrada nada. Meu Deus! Será que o irei perder? No Coração de Jesus, confio que não. Ah, quantas cruces e tribulações sobre mim! Mas Jesus foi o primeiro a carregar a cruz e, depois, têm-na carregado todos os seus servidores. À noite (não durmo quase nunca, mas esta noite dormi três horas e meia) encontro-me satisfeito por ter sofrido e padecido muito as 24 horas precedentes; infinitamente mais contente do que quando em Londres, Paris, Viena ou Sampetersburgo voltava para casa depois de um banquete com aristocratas. Jesus é mais amável com aqueles de quem gosta, quando os visita no meio dos espinhos. As rosas são para o mundo. Estou convencido de que também a pobre Virgínia, que Deus confiou aos meus cuidados, até que Roma decida sobre ela, está perto de Jesus, pelo qual aceita sofrer de boa vontade.

6982

Agora compreendo quanta razão tinha em chorar de noite e sofrer. Ela via claro (e eu não) que não a queriam no instituto. Não foi chamada para se juntar com as outras desde Maio e, nem a superiora nem o senhor, meu caro reitor, lhe disseram o motivo. Ela escreveu-me uma carta que é a linguagem da franqueza e da verdade e cuja leitura fez com que a Ir. Vitória dissesse: «Pelos sentimentos que transpiram desta carta, vê-se que a sua autora é uma alma boa, cheia de abnegação e com ânsia de ser religiosa; em suma, por esta carta – dizia-me ontem –, creio que deve ser uma espécie de heroína.» O senhor abanará a cabeça, meu caro reitor, e dirá que é a paixão que fala.

6983

Não; jamais se alojou no meu coração paixão alguma, a não ser a África. Se se me acendesse uma centelha de paixão (coisa que se não coaduna com o meu carácter e com a minha profunda, antiga, extraordinária vocação), não teria sido por Virgínia, por uma freira que se confessa, e não a teria mandado para Verona, nem a teria confiado àquelas Irmãs que fundei para as fazer santas, etc. Em resumo, tudo é possível para as limitadas mentes dos camponeses, que querem ir mais além da sua esfera. Vou mandar ao meu em.mo superior, o card. Simeoni, esta carta de Virgínia, logo que me escreva sobre o assunto. Oh, que contente estou de que Deus tenha inspirado o nosso caro em.mo bispo de Verona a informar a Propaganda. Se isso não tivesse sucedido, o em.mo de Canossa, o senhor, meu caro Sembianti e eu teríamos vivido e morrido com a nossa opinião sobre Virgínia, tão oposta uma à outra.

6984

Mas agora, com a graça de Deus, ou eu ou o senhor e o em.mo, deveremos mudar de opinião, atendo-nos ao que Roma decidir, essa Roma papal e bendita, que é o oásis providencial onde têm refúgio a verdade e a justiça e que difunde a sua luz no meio das foscas trevas que turvam o universo. *O senhor e o em.mo de Verona* estão convencidos de que eu ajo movido pela paixão a respeito de Virgínia; e a mim, ao contrário, parece-me indubitável que o em.mo e o senhor, tendo sempre como guia o espírito de Deus e um fim verdadeiramente santo, agem movidos de paixão, mas em sentido contrário. E no meio está Virgínia, a vítima que sofre, sem ninguém que lhe proporcione um verdadeiro conforto, porque a superiora (que não é nada expansiva) a uma pergunta que Virgínia lhe fez relacionada com o que Sua Em.^a lhe dissera, que soubera da superiora (ou directamente ou por meio do reitor) o verdadeiro motivo pelo qual saiu da Congregação de S. José, a boa superiora disse que nunca tinha falado disso, nem com o cardeal nem com outros. Mas como o senhor me escreveu que a razão que a levou a deixar a congregação não é razoável, então tem que ser verdade que a superiora falou, pois eu não posso sequer imaginar que o senhor ou o em.mo o tenham inventado.

6985

Por outro lado, um ano antes de sair, Virgínia discutiu sobre isso com as Irmãs. No Egipto examinaram-se as três graves razões, e um bispo frade – que ainda vive – disse-me que as mesmas eram válidas, etc., de

modo que Virgínia, ao sair, não agiu de forma ligeira, mas sim depois de muito reflectir e se aconselhar. Mas o senhor não me acredita, nem tão-pouco Sua Em.^a e pensam que tudo é por paixão; enganam-se. Ela invoca e obtém o único conforto de Deus e de mim que, como mil vezes me rogava a minha santa provincial, sua superiora e madre, escrevo-lhe precisamente para a consolar e para que mantenha inamovível a sua confiança em Deus. Sua Eminência, o senhor e eu iríamos viver e morrer com a nossa opinião.

6986

Mas agora que o assunto está em Roma, se Roma decide contra mim (falo da vocação, etc.) eu serei o primeiro a manifestar-lhe a si e a Sua Eminência que sou um grande asno; e creio que o juízo de Roma também será aceite sem pestanejar por si, de quem a primeira coisa que posso dizer é isto: o senhor é um santo, como santa é a sua congregação, e trata os meus assuntos da África com um empenho, um zelo e uma caridade maiores do que eu trataria dos seus; é uma grande bênção que Deus tenha destinado o senhor para cuidar dos interesses capitais da Nigrícia como reitor dos institutos africanos; eu desejo morrer antes de si, para o bem da África.

6987

Em qualquer caso, tudo acontece por adorável disposição de Deus; aceitemos, pois, de coração e ponhamos toda a nossa confiança n'Ele. E o senhor tenha coragem e avante, pois um dia cantaremos no Paraíso as glórias de Deus, porque, ainda que indignos, fez-nos instrumentos da salvação dos negros, que são as almas mais abandonadas do universo. A mim não me importam nada os falatórios que talvez já corram por Verona em desdouro e descrédito da minha dignidade, do meu carácter, e não me interessa que se pense ou se diga (contra a verdade) que tenho paixão por uma mulher, etc., como pensam certos vis campónios, etc., etc.: *cupio anathema esse pro fratribus; amo pro nihilo reputari*, etc. Só me importa (e essa foi a única e verdadeira paixão de toda a minha vida e sê-lo-á até à morte, e não coro por ela), só me importa, dizia, que se converta a Nigrícia e que Deus me conceda e conserve os instrumentos auxiliares que me deu e me há-de dar.

6988

Sabe o que me fizeram os jesuítas? Já lhe disse várias vezes que, quanto à santidade verdadeira e recta, delicadeza, desinteresse e puro espírito de Deus, o senhor vale mais que todas as ordens e congregações da Igreja de Deus e mesmo que os jesuítas, dos quais, não obstante, gosto, estimo e idolatro tanto. Veja o que me disse P.^e Dichtl na presença de P.^e Francisco, que estava na cama, quando lhes contei o desagradável assunto do belga Neefs, vindo do Cairo. Os jesuítas de lá convidaram várias vezes para sua casa P.^e Francisco, P.^e Dichtl e P.^e José Ohrwalder, que agora está no Cordofão e, com palavras claras, propuseram-lhes que abandonassem o pobre D. Comboni, etc., e que se tornassem jesuítas, etc., etc. Mais ainda: quando o P.^e Villeneuve veio dar aos nossos os exercícios, ao tocar o tema da escolha de estado, recomendou-lhes que examinassem uma possibilidade e outra, isto é, se deviam ser *jesuítas* ou missionários da África Central; e ao ponderar ambas as opções, pôs todas as razões do lado dos jesuítas. Então P.^e Dichtl e P.^e José responderam que a eles já não lhes competia fazer a eleição de estado, porque quando fizeram o juramento e foram ordenados subdiáconos *titulo missionis*, eles estavam certos da vocação da África e que não a trocariam na vida. E P.^e Francisco manifestou que, desde o momento em que tinha pronunciado o seu juramento diante de D. Comboni, somente reconhecia D. Comboni como único intérprete da vontade de Deus sobre ele; que tinha uma ilimitada confiança em D. Comboni; que tinha recusado outros conselhos de homens santos que o queriam separar de D. Comboni e que D. Comboni era dono da sua vida e da sua morte, etc.

6989

Maldito mundo! E maldito egoísmo fradesco religioso! Tudo no mundo é engano, mentira e tentação. Não há nada firme e estável, excepto Cristo e a sua cruz.

Abençoe a todos, a P.^e Luciano, ao convento feminino. Mil respeitosas saudações ao em.mo, ao rev.mo P.^e Vignola (vale por cem jesuítas, aos quais, contudo estimo!) e a Bacilieri. E reze por

Seu indigníssimo
† Daniel bispo e vig. ap.

N.º 1113 (1067) - A P.^e ZEFERINO ZITELLI-NATALLI
AP SC Afr. C., v. 9, f. 157

Agosto ? de 1881

Breve bilhete.

N.º 15

Cartum, 3 de Setembro de 1881

Em.mo e Rev.mo Príncipe,

6990

P.^e José Sembianti, reitor dos meus institutos africanos de Verona, comunicou-me recentemente que o senhor mandou que se dissesse a *Virgínia Mansur*, postulante oriental do meu Instituto das Pias Madres da Nigricia, que *não deve empreender por agora a viagem a África* e que lhe mandou fazer de modo *que essa ordem de V. Em.^a fosse cumprida pontualmente*. Embora eu saiba que a minha superiora principal da África Central, a Madre Teresa Grigolini, bem como a superiora de Cartum, Ir. Vitória Paganini, ambas mulheres de eminente virtude e prudência, e que conhecem muito bem as coisas, pediram humildemente ao em.mo de Canossa que permitisse a vinda de Virgínia para a África, *da qual elas assumiriam toda a responsabilidade*, convencidas que isso reverterá num grande bem para a missão (porque Virgínia vale por três, goza de saúde e está disposta a morrer, se for preciso, nestas letais regiões) e ela realizaria a sua vocação, contudo não sei em absoluto se Virgínia quereria vir este ano; antes, escreveu-me há pouco que, se os superiores responderem favoravelmente à petição da superiora provincial da África, desejaria ir primeiro a Beirute para tentar a conversão do seu irmão Abdala, que é cismático grego, porque a informaram da Síria que está doente há muitos meses e sem esperança de cura.

6991

Em qualquer caso, não se preocupe V. Em.^a, que se cumprirá *pontualmente* a sua sábia e venerada ordem, e que se Deus determinar chamar a África essa infeliz mas virtuosíssima jovem, ela não virá senão com o consentimento e disposição de V. Em.^a, meu venerado superior e chefe de todas as missões do mundo.

6992

Entretanto eu estou contente de que o em.mo de Canossa, como resulta da mencionada ordem que V. Em.^a deu ao P.^e Sembianti, pusesse o assunto de Virgínia nas suas mãos, porque, por detrás desta importante questão, surgem outras não menos importantes, que dizem respeito ao bem da minha obra e desejo que sejam conhecidas em Roma, nessa arca santa da justiça e da caridade, nesse oásis providencial, onde está refugiada a verdade, que difunde a mais refulgente luz no meio das escuras trevas do universo.

6993

Já há tempos que o meu coração sente a necessidade de se abrir a Vossa Eminência sobre certos pontos, para o maior bem da Nigricia; mas eu sentia uma grande, invencível repugnância, por consideração para com o em.mo de Canossa, que, não obstante tudo, é um grande benfeitor meu, pelo poderoso apoio moral que me concedeu desde o princípio, em 1876, para fundar a obra, e sem o qual eu talvez não conseguisse fazer nada. Mas sendo esta a *segunda vez* que o mesmo em.mo me abre a brecha para entrar na Propaganda para dar conta de *todos os meus actos*, que dizem respeito unicamente à redenção da África, não devo coibir-me por respeito humano para com ninguém, porque antes de tudo deve estar Deus e os grandes interesses da sua glória.

6994

A primeira vez que soube que o em.mo de Canossa tinha aberto a brecha para a Propaganda, sem eu ter dado conta antes, porque ele *nunca me tinha feito a mínima alusão*, foi o ano passado, quando V. Em.^a se dignou ordenar-me que *livrasse a missão dum tal Virgínia que tinha sido despedida pelas Irmãs de S. José*. Esse escrito chegou-me em 3 de Agosto a Ischl, onde estava a visitar o imperador da Áustria. E a 15 de Agosto recebia em Viena carta de Verona, na qual se me pedia que me encontrasse aí no dia 22 de Agosto para celebrar o pontifical e fazer a homilia de S. Zeno na sua grande basílica, porque o em.mo se encontrava indisposto. Eu estava muito longe de pensar que a ordem que V. Em.^a me tinha dado, de mandar embora Virgínia, tivesse tido a sua origem em Verona e menos ainda no em.mo de Canossa.

6995

Fui a Verona e, no dia 22, depois de fazer o pontifical e a homilia que me tinham solicitado, apresentei-me ao em.mo. Falei-lhe da carta e da ordem recebida de V. Em.^a e roguei-lhe que apoiasse Virgínia, depois

de se informar dela junto da superiora, que conhecia bem a postulante que desejava ingressar no meu instituto, e que, depois, escrevesse a V. Em.^a sobre isso. «Está bem – respondeu-me –, eu irei ao convento falar com a superiora e depois tratarei do que se refere ao card. Simeoni. O senhor fique tranquilo e siga em frente.» Então, abraçou-me e deu-me dois beijos dizendo: «Tenho-lhe muito afecto.» Eu fui para casa, onde encontrei uma áspera carta do em.mo de Canossa, escrita umas semanas antes, mas só então chegada às minhas mãos, na qual, entre outras coisas, me dizia que *se arrependia de ter gasto seiscentas liras para ir a Roma em Julho de 1877 com o objectivo de conseguir que me fizessem bispo (!!!)*. Hei-de encontrar a carta e mandá-la-ei a Vossa Eminência.

6996

Desolado e choroso, volto a ir ter com o em.mo de Canossa e pergunto-lhe os motivos do seu arrependimento e daquela carta. Ao que ele, todo bondade e gentileza, me respondeu: «Nada, nada, eu irei falar com a superiora e escreverei a Simeoni: o senhor esteja calmo, e avante!» E abraçando-me e dando-me três ou quatro beijos, despediu-se, encarregando-me de algumas coisas para Roma. Só então entrevi que a ordem que me tinha dado V. Em.^a a respeito de Virgínia tinha a sua origem em Verona. Oh, mas as cruces dispostas por Deus são caras e veneráveis!

6997

Chegado a Roma e tendo-me apresentado a V. Em.^a para falar sobre Virgínia e outras coisas, inteirei-me, por V. Em.^a, de que o em.mo de Canossa tinha escrito de modo favorável sobre Virgínia, pelo que a ordem de a mandar embora já não era para executar. Eu calei-me e não pensei mais naquela pobre infeliz, assoberbado como estava com o trabalho que fiz sobre os quatro vicariatos da África Equatorial confiados a mons. Lavigerie e com os preparativos da minha partida para a África.

6998

Um dia antes de partir de Verona para a África, um bondoso leigo do meu instituto, que, contudo, foi um dos dois primeiros que se opuseram à vinda dos árabes para Verona, por não se sentir capaz de estudar o árabe (embora bondoso, é bastante fechado e teimoso, mas o meu reitor tem-no em muita estima), disse diante do meu serviçal Domingos Correia, a quem agora mandei regressar a Roma, pois doutro modo morria, e que vai entrar em contacto com o seu antigo amo, o em.mo Sanguigni para encontrar trabalho: «Agora que o bispo se vai para a África, em breve nos livraremos do professor e da professora árabes.» Eu não fiz caso disso, mas tudo se cumpriu.

6999

Entro de seguida na questão de Virgínia e, depois, falar-lhe-ei doutros assuntos, pelos quais V. Em.^a compreenderá que se em Verona desde 1867, altura em que comecei a obra, tivesse havido até hoje um verdadeiro bispo, sério, firme, realista, sempre coerente consigo mesmo e generoso, como são Verzeri, de Brescia; Carsana, de Como; Scalabrini, de Placência; Zitelli, de Treviso, etc., a minha obra teria dado passos de gigante, as regras dos meus dois institutos fundamentais de Verona já teriam obtido a aprovação da Santa Sé, eu não me teria visto obrigado a afastar-me várias vezes do vicariato para pôr em ordem os meus institutos de Verona, etc., etc., e teria avançado já muito, sob a orientação da Propaganda, para a definitiva conquista para a fé da África Central.

7000

É-me muito doloroso pronunciar estas expressões desfavoráveis em relação ao em.mo de Canossa, que, por outro lado, tem tão belas e sublimes virtudes; ficaria feliz de me enganar no meu juízo, que nunca manifestaria a ninguém no mundo, excepto a V. Em.^a, meu venerado e adorado superior, que sabe dar às palavras o peso justo e que, por participar em todos os assuntos da Igreja e viver em Roma – onde deve ser conhecido o excelente cardeal de Verona, especialmente no Santo Ofício, nos Ritos, no Concílio, etc. –, pode calcular o verdadeiro valor das minhas palavras e juízos. Não creia V. Em.^a que, por me encontrar atrasado na obra, perco o ânimo. Não, eu nunca desanimarei, porque é obra de Deus e porque, embora eu seja um pobre bonifrate, um *servus inutilis* nas mãos de Deus, estou certo de que, com a graça de Deus, recuperarei o atraso e com a ajuda da Santa Sé levarei a obra tanto para a frente, que, antes de morrer, se a morte não me sobrevier demasiado cedo, a conquista da África Central para a fé chegará a bom porto.

7001

Em todos os assuntos, incluído o de Virgínia, prometo a V. Em.^a *obediência perfeita*, mesmo que tivesse de morrer de dor e de perder a vida, porque desde a minha infância até hoje sempre quis e sempre quereei até à morte fazer a vontade de Deus e dos superiores; e eu ficaria mais contente de ser condenado à prisão perpétua e à morte sob o Papa, por parte da Igreja, *minha senhora e mãe*, do que ser rei e viver glorioso e honrado no mundo. Este maldito mundo está verdadeiramente *totus positus in Maligno*.

7002

Quanto a Virgínia, eis aqui a principal discrepância entre o em.mo de Canossa e mim. Ele diz que Virgínia é uma chaga para a missão, que nunca teve nem tem vocação religiosa, que é enigmática, volúvel e indigna de ser missionária na África, etc. Ao contrário, eu, *submissamente, sou de opinião e digo precisamente o contrário*; e se é certo que agora não mostra vocação (do que em Verona me não deram nenhum argumento válido, afirmando-o apenas *gratuitamente sem o provar*), Virgínia tê-la-á perdido pelas vexatórias disposições tomadas contra ela, sem me ouvirem e consultarem como deviam, sem me escutarem em nada (o que eu provarei claramente a V. E. com argumentos fortíssimos). Ao invés, colocada sob outra direcção, sem preconceitos, etc. contra a sua pessoa, Virgínia corrigir-se-á dos defeitos contraídos em dois anos de humilhações e sofrimentos padecidos na Itália, à sombra do meu instituto, e ficará contente e será imensamente útil para a minha obra sob a direcção das minhas admiráveis e santas Irmãs.

7003

Tenho que fazer ainda duas declarações que são *a pura verdade*.

A primeira é esta: não é o em.mo de Canossa que está contra Virgínia e que age nisto como noutras coisas, mas sim, segundo o meu parecer, é apenas o meu caro P.^e Sembianti. Nisto como noutros assuntos, o em.mo de Canossa faz aquilo que lhe sugerem: um padre, um clérigo é capaz de o levar a fazer determinada coisa, porque quer bem e gosta de agradar. Em geral ou pelo menos em muitíssimos casos, o em.mo de Canossa dá razão a quem está perto dele, a quem o consegue abordar oportunamente, quando (como dizem os velhos párocos e nobres de Verona) não lhe dá a *canossina*, isto é, o mau humor causado por palpitações do coração, etc.

7004

A segunda verdade é que tanto o em.mo de Canossa como o meu reitor Sembianti na questão de Virgínia agem em consciência, movidos por um santo fim e procurando unicamente o bem da missão e o meu (creio, ao invés, que o bem dessa pobre infeliz e do seu irmão convertido, cuja abjuração perante mim, por ordem de S. Em.^a, na bela igreja da sua congregação, o P.^e Sembianti viu com bons olhos, não é para eles motivo de atenção, como se fosse algo de secundário). Devo dizer-lhe, por outro lado, que tenho em muita estima ao R. P.^e Sembianti, embora seja casmurro como todos os santos, pessimista e escrupuloso em excesso, porque, além de ser um sacerdote pio e um homem de bem, me prepara muito bem o pessoal e, sem dúvida, mandará para a missão gente de óptimo espírito e disposta a morrer pela África. Todas estas discrepâncias são coisas dispostas por Deus, que fabricou a cruz para que a levemos; e Deus saberá tirar disso grande bem em favor da África e das almas de todos nós.

7005

Ora bem, quem é esta Virgínia? Aqui só vou tocar o assunto ao de leve, mas depois explicar-lhe-ei e provarei tudo, valendo-me exclusivamente da verdade. Ela é uma órfã destinada desde o seu nascimento a sofrer na Terra para depois gozar muito no Céu. Depois de ter visto com os seus próprios olhos o seu pai e irmão mais velho degolados na tremenda matança de cristãos ocorrida na Síria em 1860 e depois de ter visto queimadas as casas e quintas paternas, foi levada com seis anos de idade para *Saída* pela superiora das Irmãs de S. José da Aparição, Ir. *Emilienne Naubonnet*. Esta, que morreu em Cartum em 1877, quando era minha superiora provincial, contou-me quanto lhe digo. Quando tinha já 15 anos, o bispo grego cismático e os parentes dela, também cismáticos, ajudados por um agente francês maçónico, tiraram-na do convento e levaram-na para Beirute, onde tentaram à força casá-la com um jovem cismático, que durante seis meses o teve sempre à sua volta. Mas ela manteve-se firme como uma coluna. E obrigada a permanecer em casa, com absoluta proibição de ir à igreja, de se confessar e comungar, porque a queriam fazer cismática, suportou este martírio *durante seis meses*. Finalmente, uma noite, vendo que ninguém a vigiava, fugiu e essa noite e todo o dia seguinte esteve a caminhar. Tinha já os pés a sangrar quando se encontrou com um maronita, que a levou a *Saída*; e daí a mesma madre superiora passou-a sub-repticiamente para a França. Tendo terminado o noviciado no Convento de S. José de Marselha, foi mandada para Cartum, a pedido da superiora do mesmo, que me dizia que Virgínia (em religião Ir. Ana) Mansur valia *por três Irmãs*.

7006

Durante os seis anos que estive no meu Vicariato teve um comportamento excelente e trabalhou mais que nenhuma outra. Teve o afecto e a estima das quatro superiores que lhe morreram nesses seis anos, mas foi muito odiada e perseguida – injustamente, como demonstrarei – por outras duas Irmãs não superiores. Quando em Cartum se baptizava solenemente oito ou dez raparigas que ela tinha instruído e preparado, enquanto para todas aquilo era uma festa, ela chorava e dizia: «Estou aqui a converter negros e, entretanto, deixo que possam perecer eternamente a minha mãe, os meus irmãos e irmãs, que são cismáticos.» Várias vezes pediu à minha provincial, a madre Emilienne (a mesma que em 1870 a tinha levado para França para se tornar religiosa), que lhe permitisse ir por alguns meses a sua casa, a Beirute, para converter a sua família. Mas aquela santa e boa madre respondia-lhe precisamente que a rev.ma madre geral nunca permitiria que ela voltasse,

mesmo por pouco tempo, para junto de sua família, porque como as Irmãs de S. José a tinham levado de modo oculto para a França e a família não tinha voltado a ter notícias dela, «a Congregação de S. José na Síria poderia ficar em muito difícil situação perante os cismáticos». Isto foi um espinho no coração de Virgínia e a origem e primeira causa para ela começar a pensar em abandonar a sua congregação, que ela tanto amava, como, de facto, acabaria por fazer, movida por três razões principais, que direi mais adiante, porque se aproxima a hora de despachar o correio.

7007

É pois uma mentira dos de Verona dizerem que foi expulsa do seu instituto, porque, quando as Irmãs foram chamadas da África Central, ela tinha a obediência, que eu mesmo vi, para uma casa da congregação.

E eu não tive nada a ver com a sua decisão de deixar as Irmãs de S. José, porque às repetidas petições que me fez, de viva voz e por escrito, eu respondi-lhe sempre que *não aconselharei nunca ninguém a deixar a sua congregação ou ordem e, por norma, não admitirei no meu instituto quem vier de outro.*

7008

Entre as principais razões pelas quais abandonou a Congregação de S. José, cito-lhe só (para, depois, aduzir provas e documentos) as seguintes:

1.^a Converter a sua família

2.^a O facto de as Irmãs de S. José abandonarem a África Central, onde, diz ela, uma só casa de Irmãs converte mais gentios que todas as casas sírias juntas.

3.^a O facto de ter sido horripelmente maltratada por algumas companheiras suas e ter sabido que em casa das Pias Madres da Nigricia há paz absoluta e um afecto fraternal entre as Irmãs.

4.^a Finalmente, chegada ao Cairo, tendo pedido e obtido a obediência para ir para Marselha, disse e assegurou à madre geral que foi uma calúnia e uma mentira o que foi escrito à madre geral, ou seja, que D. Comboni *tinha feito passar fome às Irmãs na África*, porque «D. Comboni tratou as Irmãs melhor que a si mesmo e melhor que um pai: quando faltou a água no Cordofão, primeiro bebiam as Irmãs, depois os missionários, etc.».

7009

Foi no mês de Julho de 1879 que Virgínia deixou a Cong. de S. José e partiu para a Síria, com dor de muitas das suas companheiras. Portanto, esteve nas comunidades religiosas da congregação, fazendo muito bem, desde 1860 até mais de meados de 1879: portanto, *quase vinte anos.*

7010

Por conseguinte, digo que é uma proposição falsa e muito arriscada a do em.mo de Canossa e do P.^e Sembianti, que escreveram que Virgínia *nunca teve vocação religiosa*, uma vez ela permaneceu 20 anos num insto., aprovado pela Igreja e tão benemérito das missões.

Dois meses depois da sua ida para Beirute, comunicou-me por carta que três membros da sua família estavam já dispostos a tornar-se católicos, mas que era necessário afastá-los de sua casa, que distava mais de duas horas da igreja católica mais próxima; e também que ela, acostumada à vida religiosa desde há vinte anos, estava a passar um purgatório ao ficar em sua casa, especialmente porque, para ir à missa, precisava de duas horas. Por isso perguntou-me:

7011

1.^o Se eu a admitia entre as minhas Irmãs, disposta a tudo e especialmente a morrer na África e logo (e disso deu na África esplêndidas provas durante seis anos).

2.^o Se a ajudava a colocar o seu irmão, a sua irmã e o seu primo Alexandre nalguma casa, onde se preparassem para abjurar.

7012

À primeira pergunta, sendo eu o fundador e chefe dos meus institutos e conhecendo quem se me oferecia e as necessidades da minha obra quanto a pessoal que dominasse o árabe, respondi *afirmativamente*, embora deixasse para mais tarde ponderar se devia mandá-la para um noviciado, quer em Verona com a superiora geral, quer na África com a superiora principal, Teresa Grigolini. Entretanto, disse-lhe que fizesse todo o possível por converter sua mãe.

7013

Quanto à segunda pergunta, tendo eu vivido o gozo do meu santo superior P.^e Nicolau Mazza quando eu lhe levava para o insto. almas infieis e protestantes para converter, respondi-lhe que receberia os seus três familiares nos meus institutos, tanto em Verona como no Cairo.

Detenho-me aqui e continuarei com o próximo correio a narração do resto, para terminar propondo-lhe submissamente uma pequena coisa. O em.mo cardeal de Canossa nunca me falou nem escreveu sobre Virgínia, nem nunca me pediu informações, explicações ou algo semelhante. Sempre agiu por sua conta, embora

seguindo as sugestões de alguém não competente, com a relativa excepção do reitor que, ao fim e ao cabo, foi enganado por um tal Grieff, a quem logo mandou embora, e por dois camponeses.

7014

Ainda antes de o P.^e Sembianti tomar o cargo de reitor, S. Em.^a excluiu dos institutos Virgínia e os dois árabes, que eram uns anjos, sem me consultar, enquanto eu estava em Roma em Fevereiro de 1880 e mandou que ficassem isolados numa casita que tenho fora dos meus estabelecimentos, ordenando que não tivessem nenhum contacto com os institutos fora da hora em que, vigiados, davam a lição de árabe. Imagine-se o purgatório de Virgínia em tal isolamento, habituada como estava desde há vinte anos a viver em comunidade e numa comunidade tão animada e activa como a das Irmãs de S. José. Foi por isso que, ao cabo de alguns meses, a mandei para Sestri.

7015

Mas o em.mo de Canossa nas suas disposições a respeito de Virgínia não só não se dignou nunca consultar-me a mim, que certamente era juiz competente, como nem sequer consultou as superiores de Verona e de Sestri, antes de o ano passado escrever a V. Em.^a para que me ordenasse *livrar a missão de Virgínia, expulsa* (sic) *pelas Irmãs de São José*. E prova disso é:

1.^o Que tendo falado depois com a superiora de Verona, escreveu a V. Em.^a em sentido contrário ou não conforme ao que tinha escrito antes.

2.^o Demonstram-no também *os dois documentos* manuscritos que lhe junto, isto é, uma carta da minha superiora geral, a madre *Maria Bollezzoli*, que aprova o eminente espírito religioso de Virgínia (Anexo I) e outra da Ir. Matilde Corsi, superiora de Sestri, que faz o mesmo (Anexo II).

7016

Certamente julgará V. Em.^a que o card. de Canossa, antes de lhe escrever esta vez a dizer tão mal de Virgínia para lhe rogar que desse ordem de que *por agora ela não venha para a África*, consultou a superiora de Verona sobre a conduta de Virgínia. Pois não foi assim, Em.mo Príncipe: *ele mesmo me diz* numa longa carta dirigida a mim em 27 de Maio passado (Anexo III, que enviarei com o próximo correio, porque tenho que fazer a cópia) que não consultou o reitor Sembianti (sic), nem a madre superiora geral. Eis as palavras textuais de Sua Eminência:

«Virgínia é uma *chaga* para a missão; é uma mulher turbada, caprichosa, volúvel, sem nenhuma vocação para a vida religiosa... e tal, que *de onde ela saiu* (Congregação de S. José) todos cantaram (sic), e se agora se fosse embora, todos cantariam o *Te Deum*, etc., etc.».

7017

Depois deste belo retrato, acrescenta: «Não creia que o P.^e Sembianti ou a madre superiora me informaram disto; não, não me falaram absolutamente nada disso: nem sequer sabem que lhe escrevo... Mas por meias palavras recolhidas por outros aqui e ali (meu Deus!) e por P.^e Tagliaferro, formei uma ideia dos factos, que força a julgar Virgínia deste modo.»

Ao contrário, a madre superiora de Verona nunca me deu más informações sobre Virgínia, mas sim boas; e há um mês escreveu-me a dizer que Virgínia é alegre, que todas as postulantes e noviças a respeitam, *a amam e estimam*, etc. Ora, se todos a respeitam e amam, como diz o em.mo que ela é uma *chaga*, etc.? Mais adiante mandar-lhe-ei as cartas da superiora, que encontrarei, porque agora, eminência, estou cansado, fatigado, cheio de achaques, uma vez que não consigo conciliar o sono, etc.

7018

Agora vou pedir-lhe uma graça, meu em.mo pai: tenho fundado receio de que os de Verona mandem Virgínia imediatamente para a Síria, para o meio dos cismáticos, com o perigo da perda da sua alma, como há dois meses fizeram com o seu irmão Jorge, a quem, sem o avisar previamente a ele nem a Virgínia, o conduziram a Trieste e o fizeram embarcar para a Síria.

7019

Por isso, uma vez que V. Em.^a teve a bondade e prudência de ordenar a P.^e Sembianti que diga a *Virgínia que por agora não deve ir para a África*, mande duas linhas ao mesmo Sembianti para «ordenar a *Virgínia que permaneça no instituto na condição de postulante e isso até novas ordens de S. Eminência*». O grau de postulante é o mais baixo no meu instituto e requer uma boa dose de humildade e abnegação por parte de Virgínia para permanecer aí, ao ver que outras *chegadas depois dela* lhe passam à frente e são admitidas ao noviciado. Mas ela tem essas virtudes.

7020

Eis a principal razão desta minha humilde petição:

Logo que o irmão e o primo de Virgínia e Bescir chegaram a Verona, os dois camponeses e Grieff, que tanta influência tinham sobre o meu bom P.^e Sembianti, que acreditava neles cem vezes mais que em mim, foram repetindo por meses e meses que aqueles árabes nunca se tornariam católicos. Estes suportaram as maiores humilhações, injúrias, a negação da saudação e a sua expulsão da comunidade, mais o afastamento da mesma, como lhe disse mais acima e tudo isso com uma paciência heróica. Finalmente, desesperando de os converter em Verona, mandei Alexandre, primo de Virgínia, e Bescir para Roma, ao P.^e Dionísio Sauaia, para que me ajudasse a fazê-los católicos. O bom P.^e Dionísio, que vive na Via Frattina 17 e é procurador dos monges gregos do monte Líbano, ocupou-se deles. Em poucas palavras: fale V. Em.^a com o P.^e Sauaia e ele dir-lhe-á quão bons foram esses dois orientais. Um deles abjurou ante Mons. Sallua; ao outro baptizou-o um bispo após o catecumenato e depois levei-o eu para o Cairo.

7021

O P.^e Sembianti, admirado do que se tinha feito em Roma, teve a bondade de levar Jorge, o irmão de Virgínia, aos padres da sua santa congregação; e, depois de vários dias de exame, tendo encontrado nele elevados sentimentos de fé católica, decidiram que Jorge merecia fazer já a abjuração. E, por ordem de Sua Em.^a, pronunciou-a perante mim, na própria igreja dos padres bertonianos, num acto comovedor, a que assistiu o rev.mo P.^e geral.

7022

O P.^e Sembianti gostava muito do Jorge e levava-o com frequência ao seu instituto, etc. Mas que aconteceu depois?

Antes de eu partir para o Cordofão, recebi uma carta de P.^e Sembianti, na qual me dizia que, seguindo o conselho de S. Em.^a e dos habituais conselheiros (que são homens muito piedosos), «meti Jorge num carro e com ele fui a S. Martinho. Aí apanhámos o comboio e, chegados a Trieste, fi-lo embarcar no *Lloyd* para a Síria. Mas Virgínia não sabe ainda nada, nem sequer o imagina; amanhã vou-lho dizer e verei o que diz. Tive que o fazer pelo bem do instituto, por prudência e seguindo o conselho de S. Em.^a, etc.».

7023

Eu admito, embora não o saiba, que tenham feito assim pelos *mais justos e santos motivos*. Mas V. Em.^a conceder-me-á que se pode desculpar Virgínia se, ao dar-lhe tal notícia, ficou perturbada e respondeu com arrogância. Eu teria reagido pior.

«No dia seguinte – escreve-me Sembianti – fui ao locutório e, chamada Virgínia à presença da superiora, comuniquei-lhe friamente que tinha embarcado o seu irmão em Trieste, em direcção à Síria e que, por motivos de prudência, o em.mo de Canossa não tinha julgado conveniente avisá-la e que tinha de se resignar, etc.». Virgínia, atónita, não podia acreditar e perguntou-lhe o que é que Jorge tinha feito de mal, etc., etc. Depois do que, diz Sembianti, ela acrescentou que queria partir, que não queria continuar submetida ao seu mandato, etc., etc. Depois, ele transmitiu-me aquelas respostas, etc. O P.^e Sembianti julga em *consciência* que Virgínia *não tem vocação*, nem paciência, que está inquieta, etc. Mas a madre superiora disse-me numa carta dois dias depois que ela chorava, sim, mas que estava tranquila e deixou de se queixar do P.^e Sembianti, a quem tinha dito que *não tinha coração*, e que se lhe tivesse permitido falar primeiro com o seu irmão, tê-lo-ia corrigido e ele teria pedido perdão, etc. Mas com o P.^e Sembianti foi tudo inútil.

7024

Eu irei mandar-lhe as duas cartas escritas pelo punho e letra do P.^e Sembianti, pelas quais julgará V. Em.^a. Mas, entretanto, não considera que Virgínia teve razão para se afligir, ao ver arrancar do seu lado um irmão, sem oportunidade de lhe dizer adeus e sabê-lo enviado para a Síria, para o meio dos cismáticos, *com o perigo de perder a fé*, pelo tratamento pouco bom recebido em Verona; um irmão pelo qual ela chorou tantos anos na África e que lhe custou tantos sacrifícios, como o ter deixado a sua congregação para converter o Jorge e os seus outros familiares?

7025

Esta é a verdade. Portanto, suplico a V. Em.^a que escreva a Verona no sentido que lhe disse.

Por outro lado, o P.^e Sembianti retirou de Sestri as Irmãs e o instituto (tinha mil razões, que eu aprovo, pela mudança do Tagliaferro, o qual, dizem, não se confessa há trinta anos e anda vestido como um camponês secular e porque Virgínia, como *verdadeira missionária*, exortou duas vezes Tagliaferro a *vestir de sacerdote em honra do monsenhor [de mim]* e a pôr-se em ordem com Deus para ir para o Paraíso; Tagliaferro disse-me que Virgínia era uma *intriguista*: não é estranho, pois, que ele falasse mal de Virgínia ao em.mo de Canossa, o qual, como disse mais acima, cita Tagliaferro como fonte pela qual S. Em.^a a julga a ela tão mal)

e à uma da madrugada partiu com as Irmãs, sem se despedir e sem ter avisado o dono da casa. Não é que eu trate de exprimir um juízo negativo, mas, em geral, *estes sistemas de prudência* não me agradam. Beijo a sagrada púrpura, etc.

Seu hum.mo, obed.mo, devot.mo filho
† Daniel Comboni bispo e vig. ap.

Segue o Anexo I

N.º 1115 (1069) - AO PRÍNCIPE DE TEANO
ASGIR, v. IV (18700), Esplorazioni e Spedizioni, c. 4

Cartum, 3 de Setembro de 1881

Excelentíssimo príncipe,

7026

Peço-lhe desculpa pela demora em agradecer a V. E. e aos honoráveis senhores o comendador Malvano, o prof. Dalla Vedova e a todos os membros do conselho da Sociedade Geográfica Italiana, pela honra de que me fizeram objecto ao nomear-me sócio-correspondente dessa ilustre Sociedade a que V. E. com tanta inteligência preside. O documento com a carta que o acompanhava foi-me entregue só pouco antes de partir desta capital para a visita às missões do interior. E antes de lhe dar resposta desejava oferecer-lhe uma demonstração prática de que sou membro correspondente dessa ínclita Sociedade não só de nome, mas também de facto.

7027

Por isso, tendo efectuado com vários dos meus missionários uma importante exploração pelos montes de Dar-Nuba, para organizar e ampliar aí as missões católicas e, além disso, para acabar de vez com o infame tráfico de escravos, graças à poderosa ajuda e aberta, leal vontade de S. A. o quédive e do seu digno representante Rauf Paxá, governador-geral do Sudão, os quais me prestaram todo o seu apoio, apresso-me a enviar a V. E. uma cópia do mapa que, depois de diligentes observações, tracei com os meus missionários e que é muito exacto. Tenha, além disso, a certeza de que, quando eu dispuser de um pouco de tempo livre, escrever-lhe-ei a correspondente informação sobre aquelas interessantíssimas populações que, com a divina ajuda e um bom número de missionários e Irmãs veroneses, depois de enormes dificuldades, iniciei a instruir e civilizar.

7028

Confio em que dentro de um ano seja um facto consumado a total abolição do tráfico de escravos em Dar-Nuba, que todos os anos dizimava aquelas nobres e infelizes populações. Espero igualmente que se leve a cabo a proposta que fiz ao prudentíssimo e na verdade excelente governador-geral, de segregar da jurisdição do Cordofão os ditos montes dependentes dela e constituir uma nova província, chamada Dar-Nuba, que se estenda desde Birkat el-Koli, a 12º de lat. norte, até ao Bahar-el-Arab e o Bahar-el-Ghazal e seja dirigida por um mudir ou governador europeu. Tenho também a esperança de que a boa vontade de S. A. o quédive e a sabedoria dos seus ministros produza dentro de não muito a concessão da permissão para um caminho de ferro que una o mar Vermelho e o Nilo em Cartum, havendo quem toma a seu cargo o financiamento da empresa. Rauf Paxá é entusiasta do mesmo e sabe explicar sabiamente as vantagens materiais que derivarão dele para o Sudão e para o Egipto e muito mais as morais, entre as quais não figura em último lugar o axioma: «Via férrea no Sudão é igual a abolição definitiva da escravatura.»

7029

Para além de outros trabalhos, preparámos com indizível esforço um dicionário – que em breve publicarei – de mais de três mil palavras da interessante língua de Dar-Nuba, a qual é totalmente desconhecida para a ciência. Só quem tem experiência disso, por o ter tentado, pode compreender as enormes dificuldades que há em tirar uma língua desconhecida dos lábios dos indígenas, entre os quais há um outro que sabe um pouco de árabe, mas muito mal. Eu vivi isso em 1858-59 quando, encontrando-me na tribo dos Kich com P.^e Beltrame e com P.^e Melotto (de saudosa memória) na estação de Santa Cruz, à frente da qual estava o mui sábio tirolês P.^e José Lanz (que morreu em Cartum em 1860), juntos conseguimos compor, com enorme trabalho e estudo, um dicionário, uma gramática e um não breve tratado de religião na língua dos Dinca, que depois (tendo

nós mandado os manuscritos para Bressanone) foram publicados pelo douto professor Mittertutzner e, mais tarde, pelo excelente P.^e Beltrame.

7030

Dentro de pouco publicarei um importante volume manuscrito de P.^e José Lanz, com quem P.^e Beltrame e eu vivemos mais de um ano na tribo dos Kich e estudámos juntos o dinca. O livro em questão, que encontrei nesta biblioteca, consiste num longo catecismo, bastantes discursos em dinca dirigidos àquelas gentes e outro trabalho que fizemos juntos nessa mesma língua e que pode servir de ajuda aos missionários que dentro de pouco destinarei àqueles povos, onde pretendo fundar novas missões, estabelecendo missionários, Irmãos e artesãos leigos. Quando fundei a estação de *Delen* no Dar-Nuba, todos os nativos, homens e mulheres, trajavam à moda de Adão e Eva. Nós introduzimos – especialmente os meus bons missionários P.^e Luís Bononmi, de Verona, o superior, e P.^e João Losi, de Placência, que tem o principal mérito do dicionário nuba – o costume de lhes comprarmos o necessário para comer pagando com pedaços de tecido; assim, na visita que agora fiz por esses países, verifiquei que uma parte da população em Dordor anda vestida fora das suas cabanas. Contudo não há em Dar-Nuba nenhum chefe indígena, nem homens, nem mulheres, que andem vestidos, mas literalmente nus.

7031

Alegro-me muito do feliz resultado da longa viagem, única nessa direcção, numa parte, que realizaram o dr. Matteucci e Massari, os quais chegaram à Guiné e agora estarão já de volta na Itália. Isto redundará em grande honra, depois dos descalabros sofridos com a expedição de Antinori e com o infeliz Giulietti.

Disponham de mim V. E. e essa ilustre Sociedade, naquilo que puder resultar realmente útil para a ciência e a autêntica civilização na África Central, porque a divisa da minha árdua e laboriosa obra, que com tantos suores fundei, é: *religião católica e civilização cristã*, como pode ver por um opúsculo que redigi em *oito dias* em Sestri Levante. Esse opúsculo, que fiz publicar em Verona antes de abandonar a Europa em Setembro passado, sem ter podido supervisionar a impressão (contém erros tipográficos), intitula-se: *Quadro Histórico dos Descobrimentos em África* e permito-me mandá-lo a V. E.

7032

Para além deste opúsculo, mando-lhe outro em alemão, que publiquei em Viena e que compreende uma breve resenha sobre a história do *Vicariato Apostólico* da África Central, desde a sua fundação até à minha nomeação como primeiro *bispo* e vigário apostólico da África Central em 1877. Junto com estes dois opúsculos mando-lhe um terceiro e o n.º 25 dos *Anais do Bom Pastor*, que fundei em Verona, no qual está uma carta de S. E. Rauf Paxá. Nela me encarrega de estudar a questão da escravidão no Dar-Nuba e propor-lhe os remédios oportunos; algo que levei a cabo à letra e com utilidade, uma vez que o governador-geral adoptou as minhas propostas, como verá pela breve informação que lhe enviarei quando o fizer, se recobrar as forças.

7033

Desejaria que a fim de eu poder mandar a V. E. relatórios para a sua possível aparição nas publicações dessa ilustre sociedade com o devido conhecimento das mesmas, se dignasse mandar-me enviar para Cartum, minha residência provincial, o boletim da sociedade, do que lhe ficaria muito grato.

Honro-me em me declarar com o mais profundo respeito

De V. E. devot.mo e verdadeiro servidor

† Daniel Comboni bispo

N.º 1116 (1070) - A SEU PAI
AFC

Cartum, 6 de Setembro de 1881

Querido pai,

7034

Esta noite, às três, celebrei missa no meu salão (não dormindo quase nada). Como pela manhã não tenho forças nem para a celebrar nem para assistir, celebro-a depois da meia-noite, altura em que sinto forças, nos meus aposentos. E a missa desta noite foi por ti, para comemorar os 78 anos desde que vieste ao mundo a armar imbróglis e a servir de intriga para os outros.

Rezei para que Deus te santifique e te dê muitas graças espirituais que assegurem o grande negócio da tua alma.

Não rezei nenhuma oração para que te prolongue os anos, porque isso é demasiado terreno e mundano, embora eu tivesse imenso gosto que vivesses até aos *cem anos*, se isso contribuísse para te aumentar a graça e os méritos.

Se não for por isso, para que serve este mundo sujo?

7035

Rezo, ao invés, muito para que prolongue a vida a quem vive mal, longe da graça de Deus, para que deus lhe conceda tempo de penitência, ao menos quando o mundo estiver cansado dele e não souber que fazer.

Rogo pelos nossos parentes, porque têm família, etc.; porém, nem por ti nem por mim me incomodo nada a rogar pela vida.

Devemos pedir, em vez disso, para salvarmos muitas almas e não irmos sozinhos para o Céu, mas com uma multidão de convertidos.

7036

Há mais de duas semanas partiu P.^e Vicente Marzano e, com ele, Domingos, meu camareiro, que antes foi visitar as Irmãs e a superiora e, chorando, lhes disse: por favor, recomendo-vos o monsenhor, pobrezinho, que não tem ninguém que cuide dele, etc., etc.

Para te dizer mesmo a verdade, depois da partida de Domingos, tomei como camareiro José, aquele toscano alto, etc., a quem conhecestes em Verona e que me veio de Placência, embora seja da Toscana. Trata-se de um homem excelente que vale *cem vezes mais* que Domingos, porque, além de me servir dez vezes melhor e com mais habilidade que ele, não me enfada com tagarelices e maluqueiras como costumava Domingos, mas trabalha, mexe-se, faz e cala-se; e é um modelo de gentileza, tem-me afecto e respeito, etc.: em suma, um serviçal digno de um bispo.

Ainda por cima este não bebe, enquanto Domingos, bebendo às escondidas, mentindo por de mais, etc., etc. era para mim causa de desonra, até ao ponto de me ter envergonhado dele várias vezes em Verona, em Roma, na África.

7037

Oh, quão mais contente eu agora estou! E mais contentes estão ainda todos os missionários e as Irmãs. Mas ao Domingos mandei-o para a Europa com toda a simpatia e amabilidade, porque, com a sua língua comprida e a sua falta de vergonha, teria podido prejudicar em Roma alguns missionários e especialmente P.^e Luís, que se opôs a que ele viesse a Gebel Nuba, pois seriam precisos dois criados só para o Domingos. Agora em Roma está em plena paz comigo e com todos e quer escrever-te e ir ver-te (não tem dinheiro, pelo que não irá); ele olha tudo o que me pertence como se fosse seu.

7038

Mas eu agradeço ao Céu por se ter ido. José, ao contrário, não só não me deu *nem uma vez* motivo de aborrecimento, mas até suscita o meu respeito ao vê-lo tão gentil, atento e modesto. Além disso, José está sempre disposto a prestar serviços a todos, pelo que todos os missionários estão entusiasmados com ele.

Dá saudações minhas aos nossos parentes que, certamente, irão em Outubro de Milão e da Suíça a Limone. Lembranças também ao Pedro e sua mulher, aos de Riva, a Teresa e Faustino, etc.

Teu af.mo filho
† Daniel bispo

P. S. Domingos foi-se pensando que eu ficava desolado com a sua partida.

N.º 1117 (1071) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/134

N.º 35

Cartum, 6 de Setembro de 1881

Meu caro padre,

7039

Na sua carta de 11 de Junho, a n.º 30, o senhor escrevia-me: «Não quero terminar esta carta sem exprimir a V. E. rev.ma um receio que tenho e consiste em que as Irmãs de África possam ser *submetidas a uma pres-*

são tão penosa quão injustificada para que mostrem vontade de ter Virgínia no Vicariato. Eu não sei nada; *mas o passado faz-me temer o futuro* e poderia acontecer que tivéssemos umas vítimas emudecidas», etc.

7040

Como é algo *completamente alheio à verdade que no passado eu tenha pressionado* alguma Irmã ou superiora das Pias Madres da Nigrícia (e esta é uma de tantas afirmações falsas que se encontram nas cartas que o senhor me escreve desde há três meses em relação à pobre e desventurada Virgínia) e, dado que estando em África não posso chamar à sua presença essas Irmãs de Verona, sobre as quais o senhor afirma que eu *exerci pressão*, para lhe dar a conhecer quanto se refere às Irmãs de África (porque para o bem da obra interessa-me que entre si e mim haja a mais sincera, franca e verdadeira estima recíproca, para se poderem alcançar mais facilmente os objectivos pelos quais trabalhamos), desde o momento em que recebi a sua carta no Cordofão decidi mandar a Verona a Ir. Teresa Grigolini, a fim de que, colocada sob a sua influência, o senhor tenha a oportunidade de averiguar e de se persuadir de que jamais fiz pressão alguma, porque eu sou o mais interessado em que as coisas vão bem e que as Irmãs não sejam vítimas de ninguém, e menos de mim, que sou o seu primeiro pai e mestre e seu fundador. Além disso, escolhi esta santa Irmã, que, sem dúvida, é o primeiro e mais perfeito modelo da verdadeira Irmã filha da caridade para os necessitados da África Central, porque agora está reduzida a metade do que era e precisa de um pouco de descanso; e recaiu nela a minha escolha, embora isso possa vir a causar-me os maiores sacrifícios, também porque, no dizer dos missionários que a conhecem e da Ir. Vitória, que a admira, constitui o mais forte apoio da África Central, para além do meu alívio e conforto, porque é uma alma toda de Deus.

7041

Depois, quando li na sua carta n.º 35, de 24 de Julho: «Há que assinalar que a madre (de Verona) não tem já nem a energia, nem a capacidade de resistência de antes; precisa da ajuda de alguém que a substitua nalgumas funções, etc., etc.», fiquei mais firme na sua decisão; e já escrevi para o Cordofão, à M. Grigolini, a dizer-lhe que se prepare para vir para Cartum depois do *kharif* e a ordenar-lhe que avise em meu nome a que deve substituí-la. Na sua viagem para o Cairo farei com que vá devidamente acompanhada e não terá problemas. Estou certo de que a sua ida a Verona por alguns meses fará bem à obra, ao instituto e sobretudo à superiora que, durante esse tempo, poderá gozar de um repouso total, ir às termas, etc. Chegará a Itália na próxima Primavera.

7042

Ao ler depois na carta de S. Em.^a à Ir. Vitória que ela tinha pedido *submissamente* a vinda de Virgínia por *pressão alheia* (ou seja, minha), então decidi mandar a madre Grigolini também a Roma, para dar conta à Propaganda do apostolado das Pias Madres da Nigrícia, a fim de que se saiba lá como são as coisas na África Central, e dar uma resposta clara ao cardeal Simeoni sobre se eu *faço pressão* sobre as Irmãs, no caso de o cardeal de Canossa ter dito à Propaganda que eu as pressiono e as converto em *vítimas*.

Por outro lado, interessa-me mandar a M. Grigolini ao Cairo para que decida sobre a vocação de uma postulante nascida no Egipto e que nos foi oferecida (!) pelas Irmãs Franciscanas (!), bem como para que examine o estado de saúde das nossas Irmãs daí e veja quem é que posso mandar vir para a África Central.

7043

Brown escreveu-me de Malta a dizer-me que, antes de ele abandonar Roma, preparou e separou 400 libras esterlinas (10 000 francos), que eu lhe tinha pedido, para que mas entregasse o seu filho, e que não é culpa sua (do velho) se o seu filho, o cav. José Brown, mas não deu. E que, além disso, o encarregou de me entregar a mim ou aos meus encarregados um magnífico anel de Pio IX com a autenticação de mons. Ricci (certificado que eu vi, assim como o anel, que Brown avaliava em 20 000 francos); mas não mo entregou. Incluo-lhe aqui o bilhete que Brown escreveu para Roma a seu filho, e a carta que me dirigiu a mim; e solicitaria a sua bondade de se aconselhar com o dr. cde. Teod. Ravnigani, para ver se se pode meter uma causa a José Brown por reter o que me é devido.

7044

Com tal objectivo escrevo ao velho Brown em italiano, porque o entende o senhor e também Brown, convidando-o a fazer-me *uma declaração legal* do modo que lhe indicar o P.^e Sembianti, meu procurador, e a mandá-la de Malta directamente para si. Para o ajudar em Roma, ou para os assuntos em inglês, ou para fazer falar Brown filho, recorra a mons. António Grasselli, arcebispo de Colossi i.p.i. e secretário da Sag. Congr. da Visita Apostólica, que habita no *Colégio Grego, Via Babbuino*, Roma, e que conhece bem S. Em.^a, bem como todos os Brown, e para o qual lhe junto um bilhete.

Eis a tradução do bilhete que de Malta Brown pai escreveu para Roma ao filho.

Anexo I

(do inglês:) «Malta, 22 de Julho de 1881

Sr. José Brown Júnior,
131 Via Rasella, Roma

Como me parece que não pagaste a D. Comboni o dinheiro que preparei e destinei para ele antes de partir de Roma, peço-te que lhe dês a ele ou a quem ele designar o anel precioso (de grande valor) de Pio IX com os documentos de autenticidade que te deixei, ou o dinheiro equivalente, se é que foi vendido.

H. G. Brown»

O mesmo velho Brown escreveu-me depois uma longa carta, *Anexo II*, da qual extraio os seguintes fragmentos:

42 Cathedral Street
Sliema – Malta
22 de Julho de 1881

7045

«O senhor acusa-me de *premeditação!* Pois eu posso provar-lhe que dias antes de deixar Roma *eu preparei e pus de lado para si* as 400 libras esterlinas que me tinha pedido e estavam à sua disposição, etc... Isto, quanto à *premeditação* (!!!) de que me acusa. Estou muito surpreendido por o José lhe ter dito que lhe reservei as 400 libras em Nápoles, quando ele sabia bem que *eu tinha entrado em acção logo depois de receber o seu aviso...* (na realidade ele falhou em muitas coisas, etc. e tratou-me indignamente). José (o filho) foi a nossa ruína, etc., etc.

7046

O anel de grande valor de Pio IX, que sempre esperei se pudesse vender (tinha-me encarregado a mim disso, mas não encontrei quem o comprasse; e não me deixou o anel, mas só um anúncio impresso), tinha um valor intrínseco de 2000 fr.; mas, com o documento de autenticidade que o acompanhava, podia ter o valor de mais de 20 000 e, dizia-se, até mesmo *mais de vinte mil liras*. Este anel sempre lhe esteve destinado e agora junto-lhe uma ordem de entrega com esse fim, embora tema que não consiga recuperá-lo dele.»

7047

Pense nisso e aconselhe-se com Ravnani para arrancar também o anel a esse ladrão (tenho direito de chamar assim ao cav. Brown filho em Roma, por tudo o que nessa carta me conta o seu pobre pai, a quem escreverei em melhores termos daqui em diante).

Para além de mons. Grasselli (que lhe pode ser útil para o inglês, etc.), recorra, se for preciso, a quem dei poderes para recuperar o saldo a meu favor que eu tinha com Brown e só arrancou 5% dos 13 000 francos que encontraram registados nos livros do velho, isto é, ao cav. Luís Pelagallo, uma pessoa excelente que vive em Roma, Via Capo le Case 9, 4.º piso.

7048

Mas o velho escreve-me ainda na sua carta que em Agosto não recebeu de mim nenhum dinheiro para depósito. Realmente eu mandei-lho a ele, mas em Agosto tratou-se sempre com o filho, também para a expedição, etc. Contudo, vejo pelos meus livros e recordo com certeza que em Agosto fiz esse envio para Roma, a Brown (talvez o tenha recebido o filho e não disse nada ao pai).

7049

De Viena, no dia 7 de Agosto de 1880, mandei a Brown uma letra cambial de Lião (*Vve. Guerin et fils à Lyon, compte n. 335, Mandat 393*) de 12 000 francos ouro. Mandei-a; mas, como digo, então tratava-se com o filho, o qual me escreveu relativamente à ordem do envio de 5000 francos a Giulianelli, dizendo-me que como não sabia se este nome era com G ou com J, não tinha podido enviar a letra (gatuno). Em suma, em mando-lhe tudo a si e estou certo de que algo se tirará para bem dos institutos de Verona. Ah, o anel de Pio IX! A mim pouco me importa, mas os príncipes pagá-lo-iam muito bem.

7050

Queria enviar a S. Em.^a as cinco grandes folhas que são a continuação das quatro que lhe remeti de El-Obeid em resposta e justificação relativamente à sua carta de 26 e 27 de Maio passado, de Verona e de Monteforte; mas agora que o em.mo meteu ao barulho o card. Simeoni, já não vale a pena mandá-las para Verona, onde eu seria escutado tanto como até agora, ou seja, nada. Por isso retenho-as com intenção de as utilizar para Roma, se o em.mo Simeoni me escrever sobre a questão.

É uma coisa total e absolutamente contrária à verdade que o arcipreste de Sestri me tenha falado claro sobre a vocação de Virgínia e escrevi-lhe imediatamente pedindo-lhe que me explicasse o que pretendeu ter-me dito. Nunca me falou nem bem nem mal de Virgínia e em Sestri não se tratava de vocação; mas a pobre da

Virgínia lá teve desgostos com a sua irmã, que fugiu várias vezes do convento, tendo Virgínia que correr atrás dela. Aproveitando este correio, vou escrever de novo àquele arcebispo, para lhe dizer que é mentira que ele me tenha falado de Virgínia e muito menos de vocação.

7051

Termino esta carta com um episódio do grande Pio, em que participei em Roma.

Em 1864, encontrando-me em Roma, depois da beatificação de Alacoque, o em.mo Barnabó (de saud. mem.) encarregou-me de ir ao Colégio de Catecúmenos (onde foi instruído Bescir) procurar um jovem de Damasco convertido do Islamismo (hoje é um rico lorde que vive em Londres), o qual já tinha recebido o baptismo, para o apresentar ao Papa Pio IX. Vou aos Catecúmenos e encontro também aí aquele pobre sapateirinho judeu de 10 anos, que em Damasco tinha recebido o baptismo com ele. O reitor do colégio e eu entramos com os dois afortunados convertidos no carro de mons. Jacobini, que então era o prelado chefe dos Catecúmenos e hoje é card. secretário de Estado de Leão XIII, e fomos ter com o Papa. Voltámos e mons. Jacobini conduziu-me à Propaganda, onde devia informar o em.mo cardeal-prefeito. Nesta circunstância conheci bem o sapateirinho do gueto, muito mais tosco e menos educado que os nossos sapateiros de aldeia, mas feliz por se ter tornado cristão.

7052

No domingo seguinte, em Outubro, encontrava-me eu como convidado num jantar que dava o conde Sartiges, embaixador da França na Santa Sé, em companhia do barão Visconti, comissário das Antiguidades, e de mons. Place então auditor da S. Rota Romana, depois bispo de Marselha e hoje arcebispo de Rennes. O embaixador contou-nos que, por encargo do imperador Napoleão III, ele tinha estado no dia anterior a visitar Pio IX, para lhe comunicar a vontade do imperador de que Sua Santidade entregasse o sapateirinho baptizado a seus pais judeus e que o Papa tinha respondido com um *não rotundo e decisivo*. «Que loucura – exclamou o conde de Sartiges –, que estupidez, que fanatismo por parte do Papa, negar ao imperador tão pequena coisa! Um sapateiro! Isso é de mais! Negar ao imperador dos franceses tal insignificância! Isso não está bem: isso não é política», etc.

7053

Depois de o comendador Visconti e mons. Place terem falado e respondido para justificar o Papa, o embaixador dirigiu-se a mim e disse-me: «*Et vous, mon cher abbé, que pensez-vous? Vous n'auriez pas fait aussi*». «Peço-lhe perdão, meu caro embaixador – respondi –, mas não vê que o Papa é um perfeito imitador de Jesus Cristo, que teria derramado todo o seu sangue por uma só alma? Não vê o estupendo espectáculo de um Papa que dá ao mundo uma esplêndida lição do que custa uma alma, pela qual morreu o Divino Redentor? A mim, ao invés, parece-me distinguir neste acto sublime do Sumo Pontífice a formosura da nossa santa fé. Sim, que a maior autoridade da Terra negue ao mais poderoso imperador do mundo algo como a entrega a um sapateiro judeu do seu pobre filho convertido, é um espectáculo verdadeiramente sublime e digno da admiração do universo. Esta surpreendente coragem de Pio IX ao rejeitar a petição de Napoleão III para entregar um sapateirinho mostra a grandeza de ânimo, o zelo apostólico e a caridade sobre-humana do maior Papa da idade moderna, ao qual eu admiro, e torna verdadeiramente sublime Pio IX.»

7054

«Oh, o senhor é um poeta, meu caro amigo», disse-me sorrindo o embaixador; e os outros aplaudiram a minha resposta.

Pode deduzir disto, meu caro reitor, que, em Roma, Virgínia, embora infeliz e insignificante, encontrará maior caridade que a que encontrou em certos lugares do mundo.

Rogue por mim, enquanto o abençoar de coração, bem como aos institutos.

Seu af.mo † Daniel bispo

N.º 1118 (1072) - AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/135

N.º 36

Cartum, 10 de Setembro de 1881

Meu caro padre,

7055

Leia primeiro a carta que escrevo a P.^e Rolleri e assim poupo-me a explicar-lhe os motivos pelos quais deixei que P.^e Rolleri fosse para a Europa. Isto é em resposta ao que o senhor me dizia de que podia retê-lo em Cartum como administrador (sobre Rolleri e sobre a sua saúde não posso fazer cálculos positivos).

Mando-lhe diversas cartas de Sestri, mais o anúncio de Brown relativo ao anel de Pio IX, que ele me encarregou de vender (só com a etiqueta – ele guardou o anel) a algum príncipe; mas em Viena eu não tive tempo de o mostrar a ninguém.

7056

Mando junto cartas de Properzi, testemunha das promessas de Tagliaferro, e do próprio Tagliaferro. Fique com os 6300 fr. de Paris. O correio parte. Até ao próximo.

Recebi a magnífica colcha de Virgínia, que demorou 32 dias a ser trazida de Berber até Cartum. As Irmãs ficaram encantadas e disseram que a colcha era digna de ser oferecida ao grande paxá.

Abençoo a todos/as.

Seu af.mo † Daniel bispo

N.º 1119 (1073) - A P.^e FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/32

Cartum, 13 de Setembro de 1881

Meu caro P.^e Francisco,

7057

Repito-lhe o que lhe disse na minha última, n.º 1, de 16 do corrente, ou seja, que o nomeei procurador-geral com plena liberdade de pôr e dispor dos fundos confiados à sua consciência, de fazer compras quando as julgar necessárias para a obra, etc., recomendando-lhe a mais conscienciosa economia.

Recebi as suas de 10, 15 e 22 de Agosto, com a prestação de contas do mês de Julho tudo em ordem.

Pouco a pouco ir-lhe-ei mandando nota de todas as receitas entradas no presente ano e que não passaram pelas suas mãos, para fazer o respectivo registo no livro da administração geral.

7058

A partir de agora e para o que resta do ano, não mande mais dinheiro ao P.^e Sembianti, porque com o que tem em seu poder e o que receberá tem o suficiente para os institutos de Verona para o corrente ano.

O dinheiro que o senhor receber, uma vez atendidas as estritas necessidades do Cairo, guarde-o à espera de ordens minhas, para o que eu lhe disser. Tenha-o à minha disposição.

De três em três meses dar-me-á conta da administração geral.

Além disso, continuará todos os meses a mandar-me a informação mensal das entradas e dos gastos.

Ao escrever-me, por causa da ordenação, ponha sempre no princípio o número de referência, como eu comecei a fazer consigo e como faz sempre a Propaganda.

7059

Espero que tenha mandado para casa Domingos Donizzoni e que Domingos Polinari aceite ir para o Cordofão. Cartum está provido. Informe-me sempre do comportamento dos seculares e de todos os seus subordinados.

Há muito tempo que ando a insistir junto do Governo de Cartum para receber o dinheiro do copta católico *Armenios*, do qual parece reconhecer pelo menos 47 000 piastras obtidas com a venda das suas mercadorias no Nilo Branco; mas até agora não consegui que nada me fosse entregue.

Saúde da minha parte o delegado apostólico dos coptas, abuna Marcos. Quando vir o novo delegado apostólico, mons. Anacleto de S. Felice, apresente-lhe os meus respeitos e ponha-me à sua disposição.

[segue uma nota administrativa]

Recebi os sais de quinino, etc.

Informá-lo-ei de outras importâncias recebidas em Verona e mandadas ao Vicariato, etc., etc. Saudações ao P.^e Pedro, ao P.^e Germano, etc.

Abençoo a todos/as.

Seu af.mo
† Daniel bispo e vig. ap.

O dia 1 de Janeiro de 1881 é a data a partir da qual o senhor deve efectuar os registos da administração geral.

N.º 1120 (1074) - AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/136

J. M. J.

Cartum, 13 de Setembro de 1881

Meu caro reitor,

7060

Com a minha carta n.º 36 mandei-lhe algumas cartas de P.º Tagliaferro e de P.º Properzi, que foi o intermediário. P.º Properzi, que é um homem de extraordinário talento e argúcia, *previu tudo* o que ia acontecer, ou seja, que Tagliaferro não é *capaz* de um acto de generosidade e que nunca me *doaria* (como nos tinha prometido a si e a mim) a sua propriedade de Sestri. Properzi é advogado e é arguto, etc. Eu disse-lhe que conseguiria obter o convento, esperando depois ser a causa e ocasião para beneficiar espiritualmente Tagliaferro, fazendo com que voltasse a ficar na graça de Deus, pois dizem que há anos e anos que não se confessa e que é usurário, etc. Meu Deus! E foi religioso! *Corruptio optimi pessima*. Se Properzi se lhe oferecer (mantenha sempre certa reserva em relação a ele, porque, precisamente pelo assunto de Tagliaferro, que ele me propôs e iniciou, deixei de lhe falar), o senhor não se negue definitivamente, mas diga-lhe que se quer fazer que faça. Properzi é um homem *de grande coração*, que se venderia a si mesmo pelos outros, um homem cheio de virtudes e de defeitos. É napolitano.

7061

Eu escrevi a Tagliaferro secamente, dizendo-lhe que me tinha enganado, que o senhor não podia fazer de outra maneira senão retirar as Irmãs, porque tê-las em Sestri era prejudicial para o instituto e que um homem – disse-lhe – que faz pagar os móveis, umas camas miseráveis, etc. dificilmente podia fazer a propalada *doação*. O senhor não pague tais coisas; responda-lhe que sobre isso não lhe dei instruções de espécie alguma e que se entenda comigo. Quanto ao resto, não vejo que haja motivo para receio: o acordo não tem valor e, não tendo valor, nós não podíamos apresentá-lo ao Governo. Quanto ao aluguer que queria cobrar, deve-se dizer que ele nos deu *grátis* (é verdade) o alojamento, etc.

7062

A Rollerli não lhe devo nem um cêntimo. O depósito de 2200 liras, feito nas suas mãos em Novembro passado, pagou-se por si em Cartum com o dinheiro que lhe dei como administrador para a viagem do Cairo a Cartum.

Há dez dias li na *Gazeta de Gratz* que S. M. a imperatriz Maria Ana de Praga mandou a D. Comboni 500 florins (poucos); eu escrevi-lhe (a mons. Gaspardis) rogando-lhe que mandasse a esmola para Verona. Regra geral: tanto os 6300 francos da Santa Infância de Paris como estes 500 florins e outros que lhe cheguem, etc., retenha-os para as necessidades de Verona. Só lhe repito: no caso de eu ter extrema necessidade de retirar fundos de Verona para o Vicariato, fá-lo-ei, escrevendo-lhe que mande para o Cairo, etc. a soma de que se tratar. Confiança em Deus, que é tão rara mesmo nas almas mais piedosas, porque *se conhece e se ama pouco* a Deus e a J. C. Se se conhecesse e amasse de verdade Jesus C., mover-se-iam montanhas; e a pouca confiança em Deus (assim mo diz uma longa experiência e assim pensava o em.mo Barnabó) é comum a *quase todas* as almas boas, incluídas as de muita oração, as quais têm muita confiança em Deus *dos lábios para fora*, mas pouca ou nenhuma quando Deus as põe à prova ou se alguma vez lhes faz faltar o que querem.

7063

Isto pude vê-lo eu mesmo em frades, em jesuítas, em cartuxos e em muito bons sacerdotes. Eu não pensava que assim fosse, mas é assim. Digo-lhe para o advertir que tenha firme e decidida confiança em Deus, na Virgem e em S. José. Impressionou-me a queixa que me dirigiu numa carta quando soube que do envio de Lião só lhe atribuí 6000 francos. *Modicae fidei, quare dubitasti?* Quem tem verdadeira fé e confiança n' O de lá de cima, mais do que o senhor e do que eu e mais que os santos que comem na Europa (ou ao menos que grande número deles) são a Ir. Teresa Grigolini, a Ir. Vitória Paganini e a Ir. Maria Josefa Scandola, mais alguns dos meus missionários, Nöcker, o santo pároco presidente da nossa Sociedade de Colónia, e muita outra gente que conheço no mundo. Portanto, rezar e ter fé; mas rezar não com palavras, mas com o fogo da

fé e da caridade. Assim se implantou a obra africana e assim foram implantadas a religião e todas as missões do mundo.

7064

Não tive tempo de o informar sobre Domingos Polinari. O único que se mostra favorável a ele na África sou eu, porque, embora louco, é de bons costumes e grande trabalhador e porque é o mais antigo dos da nova fase do Vicariato, isto é, desde que o Vicariato me foi confiado a mim e ao instituto de Verona. Mas P.^e Bouchard, o cônsul, os missionários e as Irmãs (com mil razões para isso) não querem nem ouvir nomeá-lo. Por que desejava apresentar-me a mim a administração do quintal? O seu dever era dar conta dela ao superior local, P.^e Luís, e obedecer-lhe a ele. Contudo, vendia os produtos fora e não levava nada para casa, e P.^e Luís nunca viu um cêntimo. Agora, ao contrário, além de se abastecer a casa, que é provida de tudo o que há no quintal, cada dia se entrega ao superior um ou dois táleres da venda de limões, e quando há outros frutos ainda entra mais. Agora, para além de 400 táleres de tâmaras, há para vender *okalib*, cana-de-açúcar, etc., e tudo entra na missão. Com Domingos Polinari, a missão não viu nunca um cêntimo e ele não quis prestar contas a ninguém. E agora quer conduzir-me a administração? Está louco. P.^e Giulianelli telegrafou-me do Cairo, avisando-me de que Polinari não quer ficar aí: «Ou vai para o Sudão ou vai-se embora.» Por isso, roguei a P.^e Fraccaro que o recebesse no Cordofão e ele aceitou. Então, com outro telegrama, respondi a Giulianelli que para Cartum destinei Baptista (mas subordinado ao negro Lonardo, chefe do quintal, a quem Polinari despediu, sem dizer nada ao superior, ele que já estava no quintal há 22 anos), e para o Cordofão Polinari.

7065

Não sei ainda o que decidi Domingos depois desse telegrama de resposta. Somente eu, entre todos, tenho gosto em que venha. Escreverei para Trieste, ao *barão de Bruck*, a quem conheço bem: é filho daquele que era *ministro das Finanças do império austríaco*, e que, dizem-me, se suicidou. Eu tinha muito contacto com ele, e foi em Viena, no Ministério das Finanças, onde conheci o jovem barão de Trieste.

Não encontrei ainda o recibo das 1299,50 libras que paguei a Tagliaferro em Novembro, mas talvez o encontre.

7066

P.^e Francisco Pimazzoni, que, tendo melhorado um pouco, já se passeava (talvez de mais) pelo jardim, recaiu e agora não sei que dizer. Será uma grande cruz se perco este caro missionário.

Pobre Matteucci! Foi desde o mar Vermelho até ao Atlântico, numa viagem nunca feita por ninguém, feito que o coloca ao nível de Stanley, etc. e morreu em Londres, como Gessi Paxá no Suez, no momento de recolher os louros do triunfo. Que vida esta! *Porro unum est necessarium*: a alma, os interesses da glória de Deus, a salvação das almas. Muitas saudações ao em.mo, ao P.^e Vignola, a Baclieri, a Ravignani e a P.^e Luciano. Abençoo a todos.

† Daniel bispo

7067

Com esta, mando-lhe cartas de Tagliaferro e Properzi. Seria uma grande alegria para mim poder recuperar de Brown o anel de Pio IX.

[*No alto da p. 1*] Oh! Ficaria muito agradecido a Deus, se me fizesse recuperar o anel de Pio IX, do qual tiraria, sem dúvida, *vinte mil* francos em Paris ou noutra parte.

O senhor faça todos os possíveis e mande rezar a S. José *ad hoc*.

[*À margem, nas pp. 1 e 3*] Todas as Irmãs daqui, especialmente a Ir. Vitória, a Ir. Maria Josefa, as piemontesas, etc. tecem elogios à pequena Elvira de Astori, cuja proveniência se ignora, e dizem a Ir. Vitória e a Ir. M.^a J. Scandola que ficariam muito contentes de a ter com elas, uma vez professora.

N.º 1121 (1075) - À IR. MATILDE CORSI
APMR / F / 1 / 2812

Cartum, 13 de Setembro de 1881

7068

Recebi as tuas estimadas cartas de Sestri e de Verona e partilho da tua pena por aquela retirada. Mas é disposição de Deus e o reitor não podia agir de outro modo, dada a atitude daquele vil usurário, que despre-

zou talvez a última e mais poderosa graça que Deus lhe oferecera para se reconciliar com Ele e de melhorar a sua imagem perante o mundo, fazendo uma generosa doação à Nigrícia. Disse-me por carta que o convento continua à minha disposição; mas eu respondi-lhe censurando-o por me ter enganado e ter procurado enganar o mundo. Não sei como conciliar tão repugnante avareza com algum rasto de generosidade, de que também tu foste testemunha. A verdade é que, se não me doar, com todos os requisitos legais, o convento e os jardins, sem nenhum encargo e sem a condição de ser ele o administrador, não conte comigo para nada. Ânimo: fundaremos outros institutos.

7069

Tu, por agora, ajuda a superiora. Na próxima Primavera, dará uma volta pela Europa a madre Teresa Grigolini, que levará um pouco de vitalidade ao instituto. Verás como irás ficar contente. É uma verdadeira pérola da África Central, o meu granadeiro mais poderoso para converter a mulher africana. Também a Ir. Vitória é uma mulher superior; e, em geral, estou contente de todas e de cada uma das nossas irmãs, que desprezam a morte, calcam aos pés o mundo e seguem a direito o seu caminho. Tu põe-te bem forte. Diz à Ir. Constança que quero que me escreva dando-me notícias do seu irmão. Abençoo a todas. Saúda da minha parte a superiora e Virgínia.

Teu af.mo † Daniel bispo

N.º 1122 (1076) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 9, ff. 203-208v

N.º 18

Cartum, 17 de Setembro de 1881

Em.mo e Rev.mo Príncipe,

7070

Ontem recebi uma carta do P.^e Sembianti, que lhe incluo como Anexo V, da qual resulta que o dito padre me justifica perante o Em.mo de Canossa a respeito de algo falso que o mesmo em.mo escreveu ao fazer-me uma censura sobre Sestri.

Por outro lado, eu, do Cordofão, tinha transcrito ao P.^e Sembianti um pedaço de uma carta recebida do mencionado cardeal, ou seja, o Anexo III, na qual o em.mo expunha o seu negativo e falso juízo sobre Virgínia, isto é, copiei-lhe desde as palavras da segunda página: «Paixão. Sim, permita-me falar claro, etc. que o empurrou a si com segundas intenções, etc. Virgínia... é uma chaga para a missão, etc.» até esta frase da página terceira: «Quantos desgostos não produziu a parcialidade do santo Jacob pelo seu santo José». Agora o P.^e Sembianti, a quem transcrevi este fragmento, que tanto denigre Virgínia, responde-me que ele *nunca insinuou* ao em.mo estas lamentáveis ideias sobre Virgínia. Até, ao ler tais palavras sobre Virgínia, *sentiu nojo*; e anima-me a levar com ele, que ficou pesaroso, *a cruz* que nos conduzirá aos dois ao Céu; e exorta-me a perseverar na santa obra.

7071

Como V. Em.^a terá dificuldade em ler a má letra do P.^e Sembianti, transcrevo-lhe aqui a carta de modo mais claro.

«N.º 39

Verona, 17 de Agosto de 1881

Excelência rev.ma,

A sua última de El-Obeid, de 9 de Julho, causou-me grande dor. Oh, que desgraça estar neste mundo! Quantas aflições nascem, crescem e oprimem por causa, muitas vezes, de um mal-entendido sem que ninguém tenha culpa. Isto me dizia também o distinto advogado Brasca; quer dizer, a vida do homem está cheia de desgostos e amarguras, que, por mais que tratem de se evitar, acabam por se encontrar involuntariamente, sem se ter culpa. Tudo isto não é mais que a cruz, *essa estimada cruz*, como costuma escrever V. E. Rev.ma, que devemos carregar no nosso intento de seguir Jesus. Mas falemos de nós.

7072

A minha dor, causada pela dor e aflição que, como V. E. me escreve, lhe produziu a carta de S. Em.^a de Canossa, provocou-nos uma nova dor a ambos, sem querer, por um mal-entendido. De facto, eu encontrava-me no palácio episcopal com S. Em.^a quando ele me perguntou: «É verdade que, retirando as Irmãs de Ses-

tri, D. Comboni tem de pagar 20 000 liras? E dizia isso bastante agitado. Então, devido à sua agitação e à *falsidade daquilo*, respondi-lhe com assombro e com energia: “Oh, não, eminência! Não tem que pagar nada, já que estão escritas estas precisas palavras: D. Comboni pagará outras tantas (20 000 liras) se viesse a utilizar o imóvel doado *para usos alheios* à obra a que preside”. Com isto acalmou-se; mas não mencionou quem lho tinha dito [foi esse impostor do Tagliferro, com cujas palavras o em.mo de Canossa formou – como escreve ele mesmo no Anexo III – o adverso e negativo juízo sobre a pobre Virgínia], nem me falou de que o tinha escrito a V. Em.^a rev.ma.

7073

Na sua última carta, V. E. culpa outros da indisposição e enfado com que lhe escreve Sua Eminência: de quem suspeita é algo que sei adivinhar [eu suspeitava do próprio P.^e Sembianti; seria feliz de me enganar]. Só lhe direi que eu não inculquei no em.mo as ideias que exprimo a V. E. Rev.ma a *respeito de si e Virgínia*. Antes, para lhe dizer a verdade, ao ler transcritas, como V. E. faz tais ideias, *senti nojo*; e poderá testemunhá-lo P.^e Lu-ciano, a quem não fui capaz de não ler toda a carta.

7074

Ah, quantas aflições, sem culpa de ninguém! [Aqui a culpa é do em.mo de Canossa, que escreve sem reflectir e ao deus-dará]. Que desgraça estar neste mundo! Ânimo, monsenhor, levemos juntos a cruz e esta levar-nos-á a nós ao Céu. Diz V. E. que vai sucumbir: nada disso! *Ainda lhe estão reservadas outras empresas, outras obras e outras coroas mais preciosas.*

Seu devot.mo J. Sembianti»

Beija-lhe a sagrada púrpura

Seu indig.mo filho
† Daniel Comboni bispo e vig. ap.

Anexo V

7075

Carta autografada do P.^e Sembianti, na qual me justifica a mim perante o em.mo de Canossa sobre o que este chama *infeliz negócio* de Sestri.

Depois declara *ter-se enojado do juízo* do dito em.mo sobre Virgínia, e anima-me a mim a levar *junto com ele*, que fica magoado e enojado, a *cruz*, que nos conduzirá ambos ao Céu e exorta-me a perseverar na obra.

N.º 1123 (1077) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACVV, XVII, 5, B

J. M. J.

Cartum, 17 de Setembro 1881

Meu caro reitor,

7076

Começo a tranquilizar-me quanto a P.^e Francisco, a quem fiz aplicar um sinapismo, etc., e agora respira, dorme e está alegre. Embora virtuosíssimo, todos nos apercebemos que era *noviço* no padecer e sofrer por Jesus Cristo e em não temer a morte. No Juízo Universal os missionários da África Central, tão desprezados por alguns, como P.^e Bartolo – pelo que seria loucura ter em conta certos juízos seus sobre eles – e até não bem conhecidos pela Propaganda, pelo facto de nós lhe escrevermos pouco, farão certamente boa figura, porque, com a graça de Deus, souberam padecer muito por Jesus Cristo. Falo daqueles que aguentaram *três anos* no centro da África. Dos outros não se pode dizer nada com certeza, ainda que haja motivos para esperar muito deles. Confio em que todos os que o senhor formar correspondam à altíssima vocação.

7077

Estou muito satisfeito com o meu camareiro José Fortini. Nunca, *nem uma única vez*, tive que o *repreender*, enquanto antes passava a vida a berrar ao americano Domingos pelo seu descaramento em mentir e por

ter a cabeça vazia. Este trabalha sempre para a casa, obedece a todos e muito mais e, por cima, sente-se feliz e diz que finalmente alcançou a sua meta, o que desejava.

E mais contente estou ainda de P.^e Giulianelli. Provei-o de todas as maneiras, tentei-o, ameacei-o e até lhe restringi os poderes. É um santo. Por isso nomeei-o *administrador-geral* e também porque quase todo o dinheiro passa por suas mãos e é ele quem o distribui. A questão do lugar onde deve ficar o administrador-geral é algo em que ando a pensar há três anos. Provisoriamente vou agora experimentar com o Cairo. A seu devido tempo farei com que Giulianelli dê uma volta por todo o Vicariato para que conheça as necessidades de cada estação, e depois voltará para o Cairo.

7078

Em Cartum não é segura a vida de um administrador e todos os missionários que tenho devo empregá-los no ministério. Já enviei a Giulianelli informação das receitas recebidas no Vicariato que não passaram por suas mãos. O senhor, em todo o caso, mande-me todo a mim, porque a Propaganda, ao sugerir-me que escolhesse um administrador de confiança, disse-me que *tudo ficava à minha responsabilidade*, como é natural. Se isto é assim com todos os vigários apostólicos, com maior razão no meu caso, sendo eu entre todos quem obtém pessoalmente mais recursos.

7079

Recomendo-lhe P.^e Bartolo: depois de Recoaro poderia tomar as águas *acídulas catulianas* em casa. Noutro ano mande-se a Recoaro em princípios de Julho para lá ficar até fins de Agosto, do modo que direi.

Abençoo a todos/as.

† Daniel bispo

7080

Em duas palavras: a cura da Ir. Vitória é um milagre, segundo a minha subordinada opinião, ou ao menos uma graça portentosa de N.^a S.^a do Sag. Coração, a esposa do meu José. Desculpe em confiança: aqui também sopra o ar de Montebaldo. Aqui gastávamos três táleres diários em água; ontem e hoje gastaram-se quatro táleres, e, a partir de agora, será ainda mais. Mas José paga.

Para o meu caro amigo P.^e Luciano: saúdo-te e abençoo-te desde o Cordofão, assim como à tua irmã Angelina, a quem escreverei, bem como à tua família.

Teu af.mo † Daniel bispo

N.º 1124 (1078) - AO CARDEAL JOÃO SIMEONI
*AP SC Afr. C., v. 9, ff. 209-209v;
220-223v; 229-241v; 85-90v*

N.º 19

Cartum, 24 de Setembro de 1881
Festa da Virgem das Mercês

Em.mo Príncipe,

7081

Sob os auspícios de Nossa Senhora das Mercês, espero que Deus me dê a graça de tratar dignamente a causa da Nigrícia e de adquirir perante Ele não pouco mérito, defendendo a causa sacrossanta de Virgínia, injustamente e contra todas as regras da caridade, oprimida em Verona. E confio, com a ajuda de Nossa Senhora, poder consegui-lo, tanto porque tal causa se trata na Propaganda, no tribunal da justiça e da caridade, como porque estou profundamente convencido de que, tal como eu ajo por dever de consciência e pelo mais santo fim do duplo imenso benefício da minha missão e da santificação da excelente e atribulada Virgínia, também são santos os fins pelos quais agem o em.mo de Canossa e o meu caro P.^e Sembianti.

7082

Encontramo-nos nos campos mais opostos por culpa de ninguém, talvez apenas pela involuntária imperícia do digníssimo P.^e Sembianti, o qual, dispondo assim Deus para os seus amorosos projectos, saiu do seu convento sem nunca ter conhecido o mundo e encontrou-se no meu instituto tão deploravelmente sobreavido, como disse, pelo pérfido de P.^e Grieff e o camponês Tiago, contra Virgínia, a qual, desde aquele dia, se tornou uma verdadeira vítima, a mais inocente. Continuo a narração.

7083

Virgínia, apesar de todas as contrariedades mencionadas, e especialmente a de ter sido separada da vida em comum com as demais e confinada a uma casita minha, depois de ter estado habituada desde os *seis anos* de idade e por quase *vinte anos* a viver em comunidade religiosa, comportou-se como uma verdadeira cristã e mostrou edificante resignação tanto em Verona como em Sestri, como se vê claramente pelos escritos das superiores de Verona e de Sestri, que são os dois primeiros anexos que enviei a V. Em.^a no dia 3 do corrente, com a carta n.º 15. Agora trata-se de ver como se comportou Virgínia enquanto postulante em Verona, desde que entrou no meu Instituto em Novembro passado até Maio deste ano, quando Sua Eminência declarou que ela não tinha vocação religiosa e deixou de ser chamada a participar com as outras nas práticas do postulante, até hoje. As superiores e especialmente a madre geral exultaram quando Virgínia foi admitida ao postulante. Não se passou o mesmo com o P.^e Sembianti, que declarou, sem nunca a ter visto na obra, que não acreditava que desse resultado. E o campónio Tiago, que tem grande influência, disse no dia antes da minha partida para a África: «Agora que o monsenhor vai para a África, vamo-nos livrar rápido dos árabes, irmão e irmã.»

7084

Virgínia, por seu lado, exprimiu-me o seu receio: «Eu fico aqui para ser freira e estou disposta até a morrer; mas verá, monsenhor, como, uma vez que já esteja na missão, terá o desgosto de ouvir dizer que me mandaram embora, porque nem Sua Eminência, nem o P.^e Sembianti, querem saber de mim. Mas eu, por amor de Deus e pela sua querida missão, farei também esta tentativa: o senhor não terá queixa de mim, pois, com a ajuda de Deus, cumprirei o meu dever.»

7085

Depois da minha partida, foi-lhe dito que nunca falasse em árabe com o seu irmão que, de quando em vez, ia visitá-la e ao qual a maior parte das vezes não recebia; e entenda-se que, como é regra, ela nunca se apresentou no locutório sem a superiora. As cartas em árabe que lhe chegavam da sua mãe e da sua família de Beirute, como o Superior dos Jesuítas me fez ver no Cairo, eram enviadas para o Cairo para tradução e, depois, efectuava-se a sua entrega. De resto, Virgínia escrevia-me para África dizendo-me que a superiora era muito bondosa com ela, bem como todas as outras e nunca lhe fazia nenhuma repreensão; mas que via claramente que nunca contaria com a aprovação do P.^e Sembianti e de Sua Eminência, porque nunca era admitida à conferência como as outras.

7086

Apresentou-se *oito vezes* à superiora para que lhe fosse permitido vestir o hábito; e a superiora dizia-lhe que, embora estivesse contente com ela, vestir o hábito dependia do reitor e este respondia ora que não a conhecia o suficiente ora que para esse assunto tinha que se dirigir a Sua Eminência. Por isso, Virgínia, que é muito perspicaz e tem um bom conhecimento das coisas, escrevia-me a dizer que era infeliz, a mais desditosa das criaturas, porque via claro que nem o em.mo, nem o reitor a queriam como religiosa. E isso concordava, mais ou menos, com o que me escrevia o P.^e Sembianti, o qual me dizia que ainda não conhecia bem Virgínia e não estava persuadido da sua vocação; mas nunca me expôs uma razão, um motivo do seu severo e muito injusto juízo.

7087

O P.^e Sembianti exprimiu-me uma única vez um juízo pormenorizado sobre Virgínia, abandonando o seu modo de escrever unicamente: *não tem espírito religioso, não tem vocação*. E foi quando a 16 de Fevereiro deste ano me deu a notícia de ter comunicado a Virgínia que, em Trieste, tinha feito embarcar o seu irmão para a Síria.

7088

A 9 de Fevereiro escrevia-me para Cartum e notificava-me que o irmão de Virgínia, Jorge (o mesmo por cuja abjuração advogou o P.^e Sembianti perante o em.mo, por se manter *firme na nossa fé e ser de edificante conduta*) se portava mal e que, por isso, depois de se aconselhar com Sua Em.^a, o tinha conduzido a Trieste, onde lhe disse que tinha de partir imediatamente para Beirute num barco da companhia Lloyd. Jorge recusava-se a partir, porque, ao menos, queria despedir-se da sua irmã; mas finalmente viu-se obrigado a fazê-lo. Explicava-me também o P.^e Sembianti que, por medidas de prudência e para o bem do insto. tinha julgado conveniente não avisar a irmã, a qual pensava que Jorge estava em Verona. Terminava a carta dizendo-me que quando regressasse de Trieste a Verona comunicaria o assunto a Virgínia e me informaria do resultado.

7089

De facto, a 16 de Fevereiro escreveu-me a dizer que no dia 13, na presença da superiora, tinha feito saber a Virgínia que o seu irmão já não estava em Verona e que teve que o mandar para a Síria sem lhe ter podido permitir, por ordem de Sua Eminência, que antes se despedisse dela. «Contei a Virgínia – escreve o P.^e

Sembalianti – o assunto da partida do Jorge com todos os pormenores. Ela escutou toda a narração, sem dar mostras de surpresa e, quando terminei, disse-me em *tom resolutivo e com lágrimas* que lhe fosse dado o dote prometido por V. E. (quando estava na casita afastada da comunidade e me explicava chorando que não podia apresentar-se em nenhum instituto porque não tinha dote, etc.; ao que eu lhe disse que, caso Deus a chamasse para algum outro instituto, eu me sentia na obrigação de lho proporcionar, por meio de tantos benfeitores como tenho; e o P.^e Sembianti escreveu-me que isso era justo), pois queria juntar-se às religiosas da Bélgica, que também vão para a África (Virgínia sempre suspirou e suspira pela África, e eu seria um louco se a deixasse fugir, conhecendo como conheço os seus eminentes dotes e virtudes).

7090

«Juntamente com a madre procurei acalmá-la [depois de lhe dar o golpe de misericórdia, quis reanimá-la] e aconselhei-a a que pensasse devagar, que uma decisão tomada num momento de tanta emoção poderia não ser acertada. Ela respondeu-me que tinha decidido desde há tempo e acrescentou: *ou o dote para entrar nas religiosas da Bélgica, ou o hábito e a mudança para a África quanto antes*. Hoje, dia 15 [dois dias depois], voltou ao mesmo: que se lhe dê o dote ou que se mande para a África, porque, em consciência, não pode continuar aqui. Diz que quer ir ao cardeal com a mesma petição; mas como Sua Eminência nestes dias anda de visita, terá que o deixar para mais adiante. O que mais lhe dói é ter sido afastada de Jorge sem ser avisada [e tem razão, e mil razões], porque, diz ela, tê-lo-ia corrigido e, caso se não emendasse, teria encontrado um bom pretexto para o remeter para sua casa [e também aqui Virgínia tem toda a razão]. Eu respondi-lhe que também tinha pensado nisso, e que, se não ordenei que se lhe deixasse Jorge para que ela o corrigisse, foi pelo receio de que, pela correção, pudesse aperceber-se de que as suas faltas se tinham revelado e que fizesse alguma cena desagradável; o que teria sido *error peior priore*.

7091

Assim o pensaram todos aqueles a quem solicitei conselhos. A respeito da petição de que se lhe desse o hábito e se mandasse quanto antes para a África, procurei fazer compreender a Virgínia que era preciso passar aqui o tempo estabelecido [Virgínia pediu oito vezes à superiora e ao P.^e Sembianti que lhe permitissem vestir o hábito e dizia: “Se querem que eu faça algo, digam-mo, que estou disposta a tudo; se os molesta que eu escreva ao monsenhor, não escreverei mais. Mas falem”]. E ela: “Quanto tempo tenho que ficar aqui? [Isto diz o P.^e Sembianti, mas... há que considerar e ter em conta a angústia do seu coração nesse 15 de Fevereiro, ou seja, dois dias depois de o P.^e Sembianti lhe comunicar a partida do irmão... sem o ver... e daquele modo!]. Eu estou aqui já há dois anos [e agora vem o grande ‘delito’ que levou o P.^e Sembianti a acreditar que Virgínia não tem vocação] e mesmo que permaneça aqui trinta anos *serei sempre a mesma: eu não mudarei*”. [Se Virgínia continua a ser a descrita pelas superiores de Verona e de Sestri, haveria tão grave inconveniente em que mudasse? Porque acontece que aquelas superiores me escreveram a mim, e a S. Em.^a de Canossa a si, em Agosto do ano passado, manifestando que Virgínia era boa e digna de ser admitida no meu Instituto.]

7092

Eu considero que, se Virgínia disse alguma vez algo atinado e verdadeiro, foi precisamente isto: *que não mudará*. Na sua idade não é possível [tem 27 anos ou menos] e tal como é hoje será sempre, confessa-o ela mesma. [O argumento não é justo, especialmente porque Virgínia se expressou assim num momento de exaltação. Além disso, quando ela afirmou *não mudará*, foi com a convicção, como precisamente diz a superiora, de ter cumprido o seu dever; e quem cumpriu o seu dever durante vinte anos nas Irmãs de S. José pode dizer que agirá assim sempre e que não mudará. Mas Sembianti falseia o sentido dessa afirmação, partindo da sua ideia errónea, expressa outras vezes, de que Virgínia *nunca teve vocação religiosa* – o que é uma afronta à Congregação de S. José, à qual pertenceu durante vinte anos –, que *não a tem agora* – isso está por provar – e que *nunca a terá* – e isto já é demasiado, porque nem o P.^e Sembianti nem o em.mo de Canossa podem medir a magnitude dos tesouros da graça divina, que faz os santos]. E Virgínia tal como é hoje [16 de Fevereiro, ou seja, três dias depois do golpe tremendo da partida do irmão sem lhe poder dizer adeus] será sempre: confessa-o ela mesma.

7093

«Ela não é feita para se juntar às nossa Irmãs, nem, acrescento, às irmãs de nenhuma religião [*sic*] que *sejam verdadeiras irmãs*. [De modo que, segundo o P.^e Sembianti, as Irmãs de S. José, aprovadas pela Igreja, que servem tão bem as missões e das quais V. Em.^a é card. protector, *não são verdadeiras Irmãs*; são Irmãs que não têm espírito. Isto é uma injúria à Santa Igreja, que aprovou a Congregação de S. José, onde com muitos elogios esteve Virgínia durante vinte anos; é um agravo à Propaganda, da qual dependem mais de trinta casas dessas Irmãs e é uma afronta a V. Em.^a, que é o seu protector]. Ela não é feita para pertencer a

nenhuma congregação religiosa de verdadeiras Irmãs. [As Pias Madres da Nigrícia, por mim fundadas, são excelentes e fazem *todas, sem excepção*, todas, muito bem na África; mas ficaria muito contente e orgulhoso se pudesse formar uma congregação aprovada pela Igreja, como a de S. José da Aparição. Espero-o, mas ainda tenho de progredir antes de alcançar esse ponto].

7094

«Os defeitos de que parece afectada [na mente do P.^e Sembianti], ou diria melhor, aos quais parece habituada [mas ele é seu reitor só há três meses, isto é, desde 15 de Novembro de 1880 até 16 de Fevereiro, altura em que escreve esta carta], não me permitem esperar nada bom, mas fazem-me prever muitos males.

7095

«Petulante [*sic*], falsa [*sic*, etc.], mentirosa, totalmente inclinada a interpretar mal e a supor mal até as coisas mais indiferentes [o P.^e Sembianti deveria comprovar-mo com factos, não com palavreado, a mim, fundador, bispo e superior geral dos meus institutos; mas tudo aquilo em que se baseia – nunca me mencionou outras circunstâncias – é essa conversa que teve com Virgínia ao notificá-la de que mandara embora seu irmão sem a avisar previamente. E mandou-o não de Roma para Frascati, mas de Verona para Beirute, para o meio dos cismáticos, com perigo de se perder eternamente]; de espírito inquieto e turbulento, mostra-se privada daquela franqueza [*sic, sic, sic, etc. in omnibus et quoad omnia*] e sinceridade que nas outras Irmãs permite ver até ao fundo do seu coração; carece de simplicidade e rectidão de ânimo, de docilidade espontânea, de capacidade de abandono nas mãos dos superiores. [Mas como pode Virgínia abandonar-se nas mãos de um homem como Sembianti, que não quis ser reitor no meu instituto, sem que antes Virgínia fosse afastada da comunidade, depois de vinte anos de comunidade religiosa, que sempre a viu com maus olhos – as mulheres são finas e apercebem-se facilmente –, e que em todos os encontros mostrou não querer saber dela? Porventura Virgínia não tem todos os motivos para ser *desconfiada* e não se abandonar nas mãos do P.^e Sembianti, ainda que por muito tempo se tenha abandonado?

7096

Confiança nasce de confiança] e do respeito às regras [Virgínia observou, de boa vontade, todas as regras], tão necessárias para que uma irmã possa viver contente ela mesma e não servir de carga e de tropeço às demais; ausência do bom critério [*sic*] que dá o justo valor às coisas e leva a falar e actuar com sensatez [parece-me que é o P.^e Sembianti quem não dá o justo valor às coisas, não tendo calculado o momento crítico da repentina partida do irmão, que lhe custou a ela tantas lágrimas]; volúvel [pergunto eu se Virgínia é volúvel, quando suportou tantas provas para ser religiosa, até ao ponto de, aos quinze anos, fugir da sua família, que lhe tinha preparado um marido, para se tornar religiosa, etc., etc., e que depois de tantas provas insiste ainda agora e insistirá até à morte em ser religiosa missionária]. Em suma, repito, não a considero feita para conviver com as nossas Irmãs, nem para estar em nenhuma comunidade religiosa bem regulada.

José Sembianti»

7097

Este juízo negativo sobre Virgínia escreveu-mo o P.^e Sembianti *três dias* depois de ele ter contado a Virgínia que tinha expulso seu irmão do instituto e o tinha mandado para a Síria, para o meio dos cismáticos, com perigo de *se perder eternamente*. Assim se expressou depois de ter visto Virgínia *na mais crítica situação* em que se possa encontrar uma Irmã, uma missionária, uma virgem cristã, que nunca pensou senão na salvação das almas; numa situação da mais justa dor... Eu não sei que pensar perante este juízo injusto e irracional, procedente de santos... que comem, como o meu caro P.^e Sembianti, e que mostram carecer por completo da rainha das virtudes, a caridade, sem a qual, segundo a linguagem das Escrituras, de nada servem nem a vida santa, nem as profecias, nem os milagres, nem todas as boas obras.

7098

Porém, não pretendo aqui, em.mo príncipe, discutir as razões pelas quais o em.mo de Canossa e o P.^e Sembianti expulsaram Jorge do instituto e o mandaram para a Síria *sem avisar a sua irmã* (nisto não vejo de nenhum modo a caridade, porque, pela decisão do em.mo e do P.^e Sembianti, o irmão de Virgínia está certamente exposto a *perder-se eternamente*); até admito que tenham tido justos motivos e agido perfeitamente. De facto, respondi ao P.^e Sembianti (recebi a comunicação ao meio-dia e respondi esse mesmo dia às três da tarde) que *tinham feito bem* e que eu lhe agradecia de coração; embora tenha escrito assim *não por convicção*, mas *in verba magistri*, ofuscado nesse momento pela autoridade do em.mo e pela estima que dedico ao P.^e Sembianti e aos dois conselheiros.

7099

Mas pretender que Virgínia escutasse sem pestanejar tão dolorosa e inesperada notícia como a da expulsão e possível *perdição eterna* de um irmão que lhe tinha custado tantas lágrimas e sacrifícios; pretender que

não abrisse a boca e que até se mostrasse contente e agradecesse aos autores de tão estranha e até injusta determinação, e inferir da perturbação e comoção de Virgínia por essa tão grande desgraça sua que não *teve, nem tem, nem terá nunca vocação*, isso é *demasiado* e não o entendo. Não, o juízo do em.mo de Canossa e do P.^e Sembianti sobre a Virgínia não é um juízo recto, mas contrário à justiça e à caridade.

7100

Desde 16 de Fevereiro até hoje o P.^e Sembianti escreveu-me sempre no mesmo sentido, mas não o provando com factos e com razões consistentes, mas limitando-se a repetir o seu irrevogável juízo. E desde aquele dia, sem que se dissesse nada à infeliz Virgínia (com três meses de postulante), ela foi excluída dos exercícios e práticas das postulantes e isolada; pelo que não faz mais que chorar e chegou a escrever-me que prefere a morte a continuar nessa dolorosa e insuportável situação.

7101

Vossa Eminência rev.ma já conhece o juízo do em.mo de Canossa e do P.^e Sembianti a respeito de Virgínia.

Ora bem, qual é a opinião que formou sobre ela a madre *Maria Bollezzoli, superiora geral das Pias Madres da Nigrícia* e superiora local da casa-mãe de Verona, a quem o em.mo de Canossa não consultou nem escutou em absoluto, segundo me assegura ele mesmo no Anexo III?... Desde o passado Novembro, altura em que Virgínia foi admitida ao postulante, até hoje a m. superiora geral escreveu-me *dezasseis cartas*, em *nove* das quais cita Virgínia ou fala dela. Nessas *nove* cartas, a superiora não se alarga em elogios sobre Virgínia; até se mostra muito parca e reservada, porque sabe muito bem o que dela pensam o em.mo de Canossa e o P.^e Sembianti.

7102

A M. Bollezzoli é uma mulher piedosa, dotada de critério e perspicácia, mas tímida, muito humilde, com muita falta de confiança em si mesma e sobremaneira respeitosa para com os seus superiores imediatos e especialmente para com o Em.mo card. bispo, até ao ponto de renunciar em muitas circunstâncias à sua própria opinião para se curvar à dos mesmos. Pois bem, pelo conjunto destas poucas e breves cartas da m. superiora geral de Verona, que eu mando como anexos a V. Em.^a, o senhor convencer-se-á de que o juízo da superiora geral sobre Virgínia é *diametralmente oposto ao do em.mo de Canossa e ao do P.^e Sembianti*. Citar-lhe-ei brevíssimos fragmentos para não aborrecer V. Em.^a rev.ma.

7103

A 16 de Novembro de 1880, a madre superiora escrevia-me assim:

Anexo VII

«Estas caras filhas são *todas boas*, saudáveis e alegres, *incluída* a Virgínia, que conta algumas histórias divertidas. Todas rezam muito de coração pela saúde e conservação do seu excelentíssimo pai e *procuram apressar* o momento de se poderem reunir com as suas Irmãs que já estão no seu grande campo de trabalho». Do que resulta claramente que Virgínia é *bondosa*, que *reza* com as outras e que *procura apressar* o momento de se juntar às suas Irmãs da África, que já se encontram no campo de batalha».

7104

A 25 de Janeiro deste ano a madre superiora escrevia-me:

Anexo VIII

«Virgínia mostra-se alegre, fala até amavelmente com o P.^e reitor, o que me causa muita satisfação. Desde o dia 3 do corrente começaram as aulas de árabe; as estudantes são sete e todas educadas, pelo que espero que farão honra à mestra.»

Aqui segue o Anexo IX, carta em que a madre superiora me fala de quando o P.^e reitor anunciou a Virgínia que seu irmão Jorge tinha partido para a Síria, sem que lhe fosse permitido vê-la. E esta é *a primeira e a única* queixa que a superiora me apresentou de Virgínia desde que ela está em Itália.

7105

E qual é essa queixa? A superiora diz que naquela terrível circunstância Virgínia *se portou pouco bem* com o reitor, dando-lhe *algumas respostas pouco respeitadas* e mostrando desconfiança para com ele mesmo. E conta-me *em segredo* que se manifesta *obstinada* também com ela, que procurava persuadi-la a que afastasse certos *preconceitos* contra o reitor (é impossível que Virgínia afaste as *sinistras prevenções* para com o P.^e Sembianti, que desde o primeiro dia que a viu se mostrou sempre contrário a ela com as palavras e com a eloquência dos factos, como contei mais acima). Mas a superiora tem o máximo interesse por Virgínia

e roga-me que lhe escreva para que com as minhas palavras a ajude a fazer-lhe ver que está enganada. Eis a carta:

7106

«Verona, 16 de Fevereiro de 1881. Com pesar escrevo a presente, porque devo ser mensageira de notícias pouco agradáveis; mas exige-o o meu dever, a que tenho de obedecer.

Nestes dias, Virgínia portou-se pouco bem com o reitor e deu-lhe algumas respostas pouco respeitosas, mostrando até *desconfiança* [meu Deus! Pode Virgínia ter confiança no P.^e Sembianti?]; e digo-lhe em segredo que se mostra um pouco teimosinha também comigo, porque procuro que afaste certos preconceitos que tem contra o mesmo reitor, de quem não fala muito favoravelmente. Disto nenhuma sabe nem uma palavra; mas creio que devo avisar disso V. E. rev.ma, a fim de que com a sua inata caridade tenha por bem fazer ver a Virgínia que está enganada. Eu não deixo de a exortar a humilhar-se, mas... não se dobra muito. [Verá V. Em.^a no próximo anexo que poucos dias depois se *humilhou e dobrou* efectivamente e que pediu perdão]. Sirva-se V. E. il.ma e rev.ma rogar por esta intenção, o que eu não deixo de fazer. Terminando a minha grande confiança nas suas fervorosíssimas preces. Não faltam as cruces, mas também não faltará a assistência divina.

Sua hum. serv. Maria Bollezzoli»

7107

No dia 14 de Março, a madre superiora escrevia-me (Anexo X) que Virgínia, ainda que angustiada pela partida do seu irmão, se *humilhou* e, de joelhos, *pediu perdão* ao reitor, com total satisfação da mesma superiora, que mostra o maior interessa e afecto por Virgínia.

«Por estes dias, Virgínia pediu-me para falar com o reitor, o qual de bom grado veio vê-la e ela recebeu-o com boas maneiras; depois, voltou a chamá-lo e então pediu-lhe perdão por tudo, do que ele se mostrou contente. Eu confesso-lhe de verdade que tal humilhação me agradou muito, porque pode redundar em benefício da própria Virgínia. Agora ela está de bom humor e alegre com todas.»

7108

A 19 de Abril, a madre superiora escrevia-me de novo (Anexo XI):

«Demorei alguns dias a decidir-me a escrever-lhe a presente, porque tinha esperança de poder dar a V. E. alguma notícia consoladora; e não me enganava, pois o bom Deus escutou a minha humilde prece. Ontem Virgínia e eu estivemos algum tempo com o reitor, o qual falou a Virgínia com uma afabilidade verdadeiramente paternal e ela respondeu-lhe com amabilidade e gentileza. Isto causou-me grande satisfação, porque me magoava muito vê-la um pouco áspera. Tenho a esperança, mesmo *a certeza*, de que continuará a mostrar-se como agora e de que estará sempre contente. Esteja tranquilo, monsenhor, e tenha por bem animá-la a perseverar na sua serenidade e alegria, o que redundará em bem. Eu posso bem pouco, mas dentro desse pouco, não me pouparei a esforços, porque *me interessa mais o bem-estar de Virgínia do que o meu*, ela que é ainda jovem e *pode ainda trabalhar muito na vinha do Senhor.*»

7109

Deste esplêndido testemunho pode deduzir V. Em.^a que se a minha superiora geral (que é tão reservada e reflectida) chega a declarar que *o bem-estar de Virgínia lhe interessa mais que o próprio, porque Virgínia pode trabalhar ainda muito na vinha do Senhor*, é sinal evidente de que ela *formou um grande conceito e opinião de Virgínia e tem-lhe verdadeira estima*, ao que se deve que o juízo da superiora geral seja diametralmente oposto ao do em.mo de Canossa e do P.^e Sembianti. E é precisamente pelo interesse e bem da África Central que eu defendo a causa desta excelente colaboradora, que *pode trabalhar ainda muito na vinha do Senhor*; e creio que eu cometeria uma estupidez se agisse de outro modo, porque em Virgínia há capacidade, docilidade, saúde, abnegação e coragem heróica para morrer por Cristo e pela África, como pude verificar com os meus próprios olhos durante os seis anos que ela permaneceu na África sob a minha jurisdição.

7110

Quando o P.^e Sembianti com a carta de 16 de Fevereiro (Anexo VI) me comunicou a conversa tida com Virgínia sobre a repentina partida do Jorge para a Síria e o juízo sinistro e horrível que ele então formou dela, afirmando que ela não tinha vocação para nenhuma comunidade religiosa *de bom espírito, que esteja bem regulada* (e Virgínia esteve *vinte anos* na congregação das Irmãs de S. José com plena satisfação de todas as suas superiores, ou seja, geral, provincial e locais), eu escrevi a Virgínia dizendo-lhe que se preparasse para partir de Verona, porque aí, sob o peso de tão negativos juízos do em.mo de Canossa e do P.^e Sembianti, não podia estar tranquila (isto não lho disse a ela, entende-se) e que com o próximo correio lhe indicaria o lugar para onde, entretanto, se poderia dirigir.

7111

No dia de correio, querendo escrever o que lhe tinha prometido, pus-me a pensar onde mandá-la, mas encontrei-me em grande dificuldade para decidir. Uma vez que tinha grande receio de a pôr em perigo de se perder se a mandasse para Beirute, à sua família cismática, devido à contínua pressão desta, e dado que o irmão, por ter sido expulso sem contemplanções e de improviso, não terá falado da caridade dos *católicos* de Verona. Quanto a mandá-la para outro instituto, com que coragem podia eu a partir da África recomendá-la, tendo sido despachada de Verona e tendo pertencido a outra congregação religiosa? E nem pensar em mandá-la para uma casa de beatas para morrer de melancolia, como queria o P.^e Sembianti: não é essa a sua vocação...

7112

Confesso-lhe, em.mo príncipe, que passei dias de purgatório; e, contudo, não soube tomar nenhuma resolução. Tendo-me eu aberto confidencialmente com a minha superiora principal, ou provincial da África Central, a madre *Teresa Grigolini*, mulher superior em todos os aspectos e de eminente virtude, que nunca viu Virgínia mas que conhece todas as suas virtudes, qualidades, coragem e abnegação, e quanto sofreu, e que sabe que as superiores a apreciavam grandemente e sobretudo a sua bondade, ela disse-me: «Acalme-se, monsenhor! Todos estes conflitos são coisas dispostas por Deus para o bem dessa grande alma, que tanto sofreu aqui na África e em Verona, e para o bem da nossa santa missão, que deste modo poderá ter antes Virgínia. Eu mesma escreverei ao em.mo bispo e ao P.^e reitor para que mandem sem mais Virgínia para o Vicariato; e eu fico totalmente responsável por ela: pelo seu comportamento, pelo seu noviciado, por tudo. E farei com que também a Ir. Vitória escreva a Sua Eminência e ao reitor [a Ir. Vitória Paganini é a superiora da casa de Cartum e mulher de eminente virtude e talento, autêntica missionária e habilíssima superiora], ela que tanto deseja ter Virgínia. Eu estou certa de que Virgínia se tornará uma boa religiosa, porque aqui estará no seu elemento e terá em que empregar a sua grande actividade.

7113

«E se acaso não desse resultado entre nós, quer por, devido a tantas contrariedades, ter perdido o espírito quer por qualquer outro motivo, eu falar-lhe-ei francamente e rogarei a V. E. que a mande para outro lado, fora da nossa missão. Às vezes, sob o peso de tantas calamidades e cruces, especialmente quando falta um anjo que conforte, como seria V. E., que anime quem sempre sofre, perde-se o norte e o primitivo fervor, enfraquece-se e desmoraliza-se; mas espero que tal coisa não tenha acontecido com Virgínia. Rezemos e confiemos no Coração de Jesus, em Nossa Senhora e em S. José, que nunca nos abandonaram.»

7114

Tal linguagem serviu-me de alívio, porque esta é a solução mais prática e conforme a vocação de Virgínia. Por isso mostrei-me satisfeito e respondi que escreveria também; e, de facto, escrevi sobre isso ao Em.mo. A resposta recebida tanto de Sua Eminência como do P.^e Sembianti convenceu estas duas principais superiores minhas de que em Verona se procede contra Virgínia *com paixão violenta* e que, boa ou má, querem pô-la fora, quer da missão quer da obra. E agora estão mais que nunca persuadidas de que se não se livra Virgínia rapidamente da sua crítica situação em Verona e se não faz vir para o Vicariato, para a submeter a uma prova sobre a supervisão delas, Virgínia poderia chegar a transtornar-se mentalmente e ser até à morte uma mulher desgraçada, sem proveito para si mesma nem para nada. As minhas superiores de África leram e reflectiram sobre toda a correspondência a respeito de Virgínia do em.mo, do P.^e Sembianti e da própria Virgínia; e a superiora de Cartum, Ir. Vitória Paganini, ao ler algumas cartas de Virgínia, disse-me: «Virgínia deve ser uma alma grande, franca, aberta e vê-se claramente que só suspira pela África. Por isso, seria uma crueldade e um erro se fosse abandonada; mas é preciso encontrar remédio rápido.»

7115

E a proposta das minhas duas superiores da África e especialmente a da principal, a madre Grigolini, será a que humildemente, *com lágrimas e suspiros*, submeterei a V. Eminência ao fim deste relatório, e isso em nome da *justiça e da caridade*. Que deus escute a minha humilde súplica! Da minha superiora principal da África Central, a madre Teresa Grigolini (que agora está no Cordofão), não vou fazer eu o elogio a V. Em.^a, mas deixarei falar a minha superiora de Verona, com as palavras que há pouco me escreveu (Anexo VII).

7116

A minha superiora geral dizia-me, a 21 de Maio, de Verona:

«A sua venerada do passado 13 de Abril encheu-me de satisfação ao comunicar-me o bom comportamento as Ir. *Teresa Grigolini*. Sim, excelência il.ma e rev.ma, a Ir. Teresa é uma alma verdadeiramente grande, modelada pela própria graça divina e que compreende bem a sublimidade da sua vocação. Confesso-lhe de veras que, desde o primeiro instante em que a vi, me inspirou tal sentimento de veneração que até me teria oferecido de boa vontade a servi-la... Agora, porém, que se encontra no meio do campo de acção que a Pro-

vidência lhe destinou, e que pode desenvolver em toda a extensão o seu zelo, imagino o que terá chegado a ser. Oh, alma generosa! Se eu pudesse, pelo menos, imitá-la de longe! Mas já passou o tempo e não me resta senão um estéril arrependimento.» Mas a minha superiora geral, que assim fala, só tem 54 anos.

7117

Logo que regresse a Cartum em Novembro da sua visita ao Cordofão e a Gebel Nuba, a madre *Teresa Grigolini* irá ao Cairo para organizar bem aquela casa segundo o critério e os desejos do novo delegado apostólico do Egipto, *mons. Anacleto*, e para trocar impressões com ele. Depois partirá para Verona para resolver certos assuntos e para acompanhar, no regresso ao Cairo, a superiora Matilde Corsi, que está destinada a essa capital e que foi retida em Verona para assistir no seu trabalho a madre geral. Se isso se realizar, conforme previsto, mandarei à madre Teresa que passe por Roma, a fim de que tenha o prazer de beijar os pés ao Santo Padre e de conversar com V. Em.^a sobre o árduo mas importantíssimo e mesmo *necessário* contributo das irmãs para o apostolado da África Central, e para dar a esta excelente superiora a oportunidade de escutar as prudentíssimas opiniões e instruções de V. Em.^a sobre o modo de se conduzir em cada caso. Além disso, poderá V. Em.^a dar à superiora principal da África Central todas as ordens sobre Virgínia que houver por bem. Os de Verona escandalizam-se cada vez mais porque mostro tanto interesse por ela; mas faria o mesmo por qualquer outra Irmã, mesmo a mais insignificante, se fosse atacada e *perseguida injustamente* como Virgínia, porque tal é o meu dever de justiça e de caridade.

7118

Vejo que fiz uma digressão demasiado longa; mas volto ao que estava a dizer a V. Em.^a. E era que, depois da conversa do P.^e Sembianti com Virgínia, em que lhe comunicou a partida do seu irmão para a Síria e depois da sentença irrevogável do P.^e Sembianti de que Virgínia não podia ficar numa comunidade *religiosa bem regulada [sic]*, eu escrevi-lhe a dizer-lhe que se dispusesse para sair de Verona. Ao mesmo tempo que o P.^e Sembianti enviava a carta de 16 de Fevereiro (Anexo VI), Virgínia escrevia-me que estava infeliz e desolada, porque o em.mo e o P.^e Sembianti não queriam que ela fosse religiosa nossa e que chorava dia e noite. Então informei de tudo isto a superiora geral, que, consternada pelo que eu lhe contava, o dia 26 de Abril dirigiu-me a seguinte carta (Anexo III), que lhe junto:

7119

«A sua venerada de 15 de Março passado produziu em mim surpresa e consternação; por ela tive conhecimento da sua angústia a respeito de Virgínia, bem como da sua decisão.

«É bem certo que Virgínia esteve magoada pela partida do seu irmão; mas não houve meio a que eu não recorresse para a acalmar [muito bem; entretanto, contudo, o irmão está em perigo de se perder eternamente e Virgínia teve motivo para chorar]; e como saberá por outra carta minha, falou depois com o reitor, mostrando-se desenvolva e afável, e assim continua actualmente.

7120

«Ontem teve uma conversa de uma hora com o reitor, e quando ele foi embora vi-a contente [*sic*]. [O reitor faz tudo isto para agradar à superiora; mas ele, de acordo com o em.mo, condenou Virgínia para sempre]. Portanto, rogo encarecidamente a V. E. que se tranquilize, que as coisas não são como as imagina. [Mas, entretanto, eles enganaram a superiora e Virgínia, e o em.mo escreveu a V. Em.^a o que escreveu; e, por parte deles, Virgínia não tem nada que fazer. Mas eu nunca suportarei estas injustiças e crueldades: nem que me custasse a vida! O Coração de Jesus ajudará essa vítima infeliz e inocente, que não merece esse tratamento iníquo!]

7121

«Aqui todos a respeitam e eu, no pouco que posso... etc., etc. O reitor quer que dentro de uns dias eu faça uma viagem a Trento e deseja que leve comigo Virgínia, o que farei com agrado. Console-a, pois, com algumas das suas cartas e assegure-lhe que aqui todas lhe têm afecto.»

Tudo isto está muito bem. Mas como a respeitarão e estimarão, quando virem que as outras, que entraram depois dela, são admitidas ao hábito religioso, e Virgínia não, porque o em.mo e o P.^e Sembianti lho negam? Querem-na fora.

7122

A superiora, consternada porque avisei Virgínia que se preparasse para deixar Verona, escreveu uma carta até ao meu pai (isso deve ter sido uma jogada do P.^e Sembianti com o fim de dar maior alcance ao assunto e ter mais argumentos para suster que Virgínia carece de vocação), na qual lhe comunicou também que eu escrevi à superiora a dizer que Virgínia é desgraçada e chora dia e noite. Eis a carta (Anexo XIV), escrita em 25 de Abril:

«Digníssimo senhor,

Não sei que terá escrito Virgínia ao monsenhor, que lhe causou tanta consternação. Ele escreveu-me que ela é desgraçada, que chora dia e noite, que se sente observada [sim, porque lhe não permitem ir à reunião com as outras e, quando virem que não é admitida ao hábito religioso, mais a observarão]; e por isso decidi ordenar que vá embora.

7123

«Certamente Virgínia esteve bastante amargurada pela partida do seu irmão; mas eu, em todo o momento, fiz quanto pude para a tranquilizar e, de facto, ao cabo de uns dias, ela mostrou-se desenvolta e alegre e assim continua agora; e todos a respeitam. [Virgínia também me escreve dizendo que está muito contente com a superiora e com todas e que todos a olham como Irmã. Mas o em.mo e o reitor não a querem nem religiosa nem missionária: não tem razão para chorar?] Ontem, vendo-a consternada pela carta recebida do excelentíssimo seu filho, na qual lhe comunica o projecto da saída de Verona [E Virgínia ignora para onde lhe vou dizer que vá], exortei-a a escrever-lhe a si pedindo-lhe conselho; e creio oportuno acrescentar também eu uma palavra para rogar da sua bondade que tenha por bem dizer-lhe rapidamente o que a sua caridade e prudência lhe sugerirem, porque é urgente, etc.». Como o reitor sabe muito bem que meu pai, enganado, como lhe disse, pelas mentiras do campónio Tiago – ou pelo que *inimicus homo* lhe fez crer – não quer que Virgínia venha para a África, e conhecendo que meu pai tem a superiora e o reitor no conceito de santos – o que é verdade – sabe que a resposta e o conselho de meu pai a Virgínia será que fique sempre, *toda a vida*, em Verona, para se santificar sob a direcção dessas duas almas santas: a superiora e o P.^e Sembianti.

7124

Mas eu não fundei o instituto para que as Irmãs fiquem em Verona e muito menos as que têm coragem, saúde e zelo, e que conhecem bem a língua, como Virgínia, mas sim para que venham para a África converter estes pobres infieis, que não conhecem Deus.

E aqui desejo voltar a assinalar-lhe que tanto o meu pai, a quem escreveu o P.^e Sembianti, como o próprio P.^e Sembianti me comunicaram que este e o em.mo perguntaram a Virgínia *se estava disposta a permanecer por toda a vida no instituto de Verona* e que ela respondeu que não. O que fez com que meu pai *se escandalizasse* e que o P.^e Sembianti se convencesse ainda mais que *portanto ela não tem vocação*.

7125

Mas se Virgínia é uma *chaga, é turbulenta, desconfiada*, etc., porque propor-lhe que fique para sempre em Verona, na casa-mãe e modelo, onde não deve haver nem *chagas, nem turbulentos, nem desconfiados, etc.*? Portanto, Virgínia fez bem em responder com um *não rotundo*. Como pretender que ela seja feliz estando subordinada ao P.^e Sembianti, que desde o princípio se negou a entrar no meu instituto como reitor, se antes Virgínia não saísse da comunidade e que sempre foi contra ela e inimigo da sua vocação religiosa?

7126

Tenho, além disso, Eminência, quatro cartas recentes da superiora, nas quais me diz que Virgínia é boa, está alegre, tem o respeito e o afecto de todas, e que ela mesma gosta dela e a estima muito, e que olha mais por Virgínia do que por ela própria, porque ainda pode fazer um grande bem e trabalhar muito na vinha do Senhor, e que tem todo o interesse por ela, etc., etc.; mas temo aumentar ainda mais o aborrecimento que V. Em.^a teve de acumular até agora.

Contudo, tenho que lhe mandar o resumo da minha resposta ao em.mo de Canossa, à carta que ele mandou em 26 de Maio, e fá-lo-ei.

7127

Estou disposto a responder a qualquer *animadversionem* que Vossa Eminência creia fazer-me sobre o assunto ou que fizessem o em.mo ou o P.^e Sembianti.

Mas parece-me ter-lhe exposto nestas folhas, documentado com provas e testemunhos, o necessário para que V. Em.^a possa estar bem informado do assunto de Virgínia. Por isso, ponho ponto final por agora e concludo:

7128

O juízo do em.mo de Canossa e do P.^e Sembianti sobre Virgínia (que é completamente diferente do da minha superiora geral de Verona e *diametralmente oposto* ao meu) não tem como base a verdade dos factos, mas foi concebido e pronunciado sem as devidas provas – que, por certo, se me deviam dar a conhecer – e sem razoáveis motivos. Por exemplo: o em.mo e Sembianti dizem que Virgínia é *inquieta*. Que fez ela para ser assim julgada? Alterou o instituto, a comunidade, a tranquilidade das outras? Mas, ao contrário, a superiora afirma que é alegre e está contente e que todas a respeitam, estimam e amam. Os mesmos dizem que Virgínia é *volúvel*; mas a história da sua vida, que lhe mencionei resumidamente, mostra que desde os 14

anos, quando, tendo sido tirada do convento de Saida por sua família, com a qual esteve seis meses, e que a queria casar com um jovem que a visitava todos os dias, ela fugiu de noite para se fazer religiosa, perseverou na mesma ideia até hoje e é desditosa precisamente porque procuram impedi-la de seguir esse caminho.

7129

O P.^e Sembianti diz que é *mentirosa*; mas não menciona que mentiras disse, onde, quando, a quem e em que circunstâncias. Disse que é *desconfiada*; sim, mas só o é para com ele, que desde o princípio e sempre lhe deu motivos não só para *desconfiar*, como também para *ter a certeza* de que está contra ela e que não a quer nem no instituto nem na missão, opondo-se assim ao desejo e aspiração capital da sua vida. Diz que Virgínia não se abandona plenamente nas mãos dos superiores. Nas mãos dele, claro que não. Ela sabe bem que o seu destino não depende da superiora, em cujas mãos se abandonaria por completo, mas de Sembianti; e nas mãos deste não tem nenhum motivo para se abandonar, porque até antes de a ver se opôs aos seus desejos, às mais fervorosas aspirações do seu coração, como a de se consagrar a Deus nas missões da Nigricia. Sembianti diz que é *falsa*.

7130

Quando li isto aos meus missionários, que a conhecem, começaram a rir, porque, disseram, Virgínia tem os seus defeitos, mas em caso algum o da *falsidade*; e aquele que eu trouxe do Cordofão, onde era superior desde a época em que estava aí Virgínia, disse em dialecto paduano: «*Sembianti precisa de uns óculos.*» Este é P.^e João Baptista Fraccaro, homem de consciência, maduro e muito habituado no ministério, a quem trouxe comigo para Cartum do Cordofão para o fazer meu vigário-geral. Sembianti diz que Virgínia é *inquieta e agitada*; e expressa este juízo ao vê-la a chorar e ao ouvir dos seus lábios que expulsara o irmão daquele modo. Mas a superiora diz precisamente o contrário; e é certo, porque doutro modo Virgínia não contaria com o respeito e o afecto das suas companheiras, como escreve a superiora geral nos anexos que mandei.

7131

O em.mo de Canossa diz que Virgínia é uma *chaga* para a missão; e fala assim em Verona, sem aduzir a menor prova. Ao invés, as minhas superiores de África, que estão no lugar dos acontecimentos e conhecem o *heroísmo* de Virgínia, mostrado nas mais críticas circunstâncias de mortes, doenças, carestia, etc., dizem que *Virgínia* seria uma *verdadeira bênção para a missão*; e por isso escreveram várias vezes ao em.mo e ao P.^e Sembianti, rogando-lhes que mandassem para aqui *Virgínia* e comprometendo-se *elas a assumir a responsabilidade de tudo*. Porventura é a madre *Teresa Grigolini* uma *mulher* a quem se deva negar *com desprezo* o envio de Virgínia, como fizeram o em.mo e Sembianti? Estas superiores minhas queriam repetir a petição sobre Virgínia a V. Eminência; mas eu disse-lhes que não o fizessem, mas que *rezassem* e deixassem fazer a Deus e a Roma, que tem a luz do Espírito Santo.

7132

E assim poderia refutar *todas as outras acusações* que, por disposição de Deus, gerou a fantasia do P.^e Sembianti, homem *desconfiado* por natureza, como comprovei em muitas circunstâncias, o qual tende a ver as coisas negras (como resulta claro do Anexo VI), tira consequências ilógicas, etc.; e isto apesar de ser um sacerdote de *vida santa* e de trabalhar para os meus institutos com um zelo e diligência que me comovem e me consolam. Só no assunto de Virgínia nos não entenderemos nunca: para me acomodar ao seu juízo nisso, eu teria que violentar a minha consciência e chamar negro ao branco, mentira à verdade e virtude ao pecado. E eu sou um juiz mais competente que ele. Pela teimosia do P.^e Sembianti dever-se-á arruinar Virgínia? Não, *in aeterno*.

7133

Eu sempre salvei almas e nunca perdi nem uma. Virgínia deve fazer-se santa na sua vocação, salvando ainda muitas almas. Portanto deve ser separada do P.^e Sembianti e da sua jurisdição e ser posta à prova sob outro qualquer, que não o P.^e Sembianti, para comprovar a sua vocação.

7134

Finalmente o em.mo de Canossa, como se vê pela sua carta (Anexo III), depois de ter declarado que não tinha falado com o P.^e Sembianti (sic: é uma absoluta mentira) nem com a madre superiora para emitir o seu negro e sinistro juízo sobre Virgínia enunciado no referido Anexo III, afirma que é ele (o em.mo) quem julga, *por si mesmo*, depois do que observou. Pois bem, em que bases fundamenta o em.mo o seu estranho e negativo juízo? Abra V. Em.^a a sua carta (Anexo III) e veja. O em.mo funda todo o seu juízo no seguinte:

7135

1.^o *Em meias palavras de outros, recolhidas aqui e ali.*

2.^o *Em P.^e Tagliaferro*, que, segundo o em.mo, é “pouco reverendo” e que não via com bons olhos Virgínia, porque ela, com bons modos e como verdadeira missionária, o exortou a *andar vestido de sacerdote* e

não à lavrador, como faz e a ir à igreja como os outros sacerdotes, dado que mais tarde não o poderia fazer, por ter já 74 anos.

7136

E sobre estes dois fundamentos o em.mo de Canossa, com inconcebível ligeireza, escrevia-me a mim, que sou bispo, tenho cinquenta anos, e conheço o mundo e que *durante seis anos* observei Virgínia na África Central (*seis anos de África Central numa jovem Irmã, que exerce o mais difícil apostolado, entre doenças, fome, sede, etc. é um prodígio*: para estar *seis anos* a trabalhar nesta vinha tão árdua, precisa-se de uma *virtude* maior que para estar *vinte anos* como missionária no Oriente, no Egipto ou na Europa); sobre estes dois fragilíssimos fundamentos, dizia, o em.mo de Canossa baseia o seu *juízo negativo* sobre Virgínia; e diz-mo a mim que por, com a graça de Deus, ter feito o que fiz, não devo ser completamente louco. Ando, em.mo príncipe, há dois meses a reflectir sobre este estranho modo de proceder do em.mo de Canossa em prejuízo de uma alma que custou o sangue de Cristo, de uma virgem cristã que tem tantos...

[*aqui há quatro linhas apagadas*]

...méritos em relação à África Central, em que, para permanecer seis anos no meio daquelas extraordinárias calamidades, sofrendo por causa da epidemia e da carestia, não só se precisa de uma extraordinária virtude mas até do heroísmo da virtude; e vocações tão sólidas, generosas e sublimes são bem raras. Perante tal procedimento do em.mo, fico confuso e estupefacto. Não é a primeira vez que age de semelhante maneira. Mas basta.

7137

Pelo que, depois de ter rezado muito e de me ter aconselhado com um prudentíssimo frade bispo (porque como frade defende com seus conselhos os direitos e os interesses da ordem ou congregação religiosa e, como bispo, tutela os direitos da Igreja e o interesse das almas), aceitei há dois anos Virgínia na minha missão da África Central e avisei disso a superiora, que se alegrou muitíssimo. Fiz isso com todo o conhecimento e por um santo fim; e, além disso, com pleno direito e poder, porque sou vigário apostólico da dita missão e porque sou fundador e chefe supremo dos institutos que servem a África Central.

7138

Admitida na missão, que conhece a fundo, Virgínia preparava-se para se dedicar a ela com toda a sua alma, sob a direcção das minhas Irmãs da África, das quais tinha ouvido falar tão favoravelmente às suas mesmas companheiras da congregação de S. José, que tinham tido ocasião de as conhecer bem, por uma convivência de três meses no Cairo e de um mês em Cartum. *Só per accidens* Virgínia foi temporariamente para Verona, para ensinar aí o árabe, a fim de prover de mestras estáveis aquele instituto. Ela estava destinada a fazer o noviciado da minha congregação não em Verona, porque já se tinha tostado com o abrasador sol de África, mas em Cartum ou no Cordofão, sob a direcção das minhas boas e capazes superiores Teresa Grigolini e Vitória Paganini, onde, enquanto era formada por elas no espírito da minha congregação, podia, pelo seu domínio do árabe, ser de grande utilidade para a missão.

7139

Pois bem, em.mo príncipe, terei de renunciar aos meus direitos e deveres de vigário apostólico e de fundador dos meus institutos? Terei de faltar às minhas obrigações e às sagradas promessas feitas a quem, confiando absolutamente em mim e na minha obra se entregou a ela com toda a alma? Terei de ceder perante um P.^e Sembianti, que *até antes de ver Virgínia*, antes de *examinar as suas qualidades*, antes de entrar como reitor nos meus institutos, quis que Virgínia fosse afastada da comunidade das minhas Irmãs e só tomou posse do cargo quando Virgínia já estava há dezassete dias na casita, fora da comunidade? Terei que abdicar dos meus sacrossantos deveres e direitos, pela teimosia de um homem que não aprovaria a vocação de Virgínia nem que a visse fazer milagres?

7140

Oh, não! Não cederei jamais, porque não se deve ceder ante tais injustiças com detrimento das almas: antes prefiro a morte. Só a obediência poderá fazer-me ceder. E obedecerei certamente, mas custar-me-á a vida, porque é verdadeiro e real o desprezo que o P.^e Sembianti e o em.mo card. de Canossa mostram para com a minha dignidade e carácter de bispo e de vigário apostólico e chefe dos meus institutos de Verona; e eu não fiz nada para merecer isto. Antes, espero que Deus me premeie pelo que fiz por Virgínia tanto ou mais que pelos méritos que eu possa ter ganho, esforçando-me toda a vida e morrendo para salvar a Nigricia.

7141

Vivo unicamente e sempre vivi para salvar almas e não para as perder, como *talvez* tenham feito eles, expulsando daquele modo de Verona o irmão de Virgínia e pondo-o em perigo de se perder eternamente.

7142

Além disso, se eu cedesse às injustas pretensões dos de Verona, Virgínia teria direito de me lançar em rosto que a tinha atraído, como já (crendo que eu estou de acordo com o P.^e Sembianti e que até é ordem minha que não seja admitida como Irmã) começou a dizer-me nas suas cartas. Mas eu, sabendo quanta confiança Virgínia pôs em mim, no meu carácter de bispo, de fundador e de pai, não posso nem devo defraudá-la. E não sendo possível tornar-se religiosa em Verona, pela absoluta oposição do P.^e Sembianti, tenho o dever e o direito de a submeter às necessárias provas da sua sublime vocação aqui no Vicariato, sob pessoas da minha confiança e não de antemão contra ela, como o P.^e Sembianti. Pessoas que conheçam a missão e sejam juízes competentes, como são as minhas superiores *Teresa Grigolini* e *Vitória Paganini* e o rev.mo P.^e João Baptista Fraccaro, superior e meu futuro vigário-geral, homem devoto, prudente, justo, recto, como mostrou ser nos quatro anos que esteve como superior no Cordofão e como sempre foi tanto em Verona, onde, por duas vezes, exerceu a função de reitor e na sua diocese de Pádua, onde esteve sete anos como co-adjutor, e como consta das informações que recebemos do bispo de Pádua.

7143

E se depois de ao menos um ano de prova, sob a direcção imediata das pessoas mencionadas, Virgínia não resultasse apta para se integrar definitivamente na minha congregação (e estou certo de que será apta), quer porque os enormes sofrimentos e aflições lhe tivessem feito perder a fé quer por outra causa – porque às vezes as contrariedades e as cruces fazem perder o norte –, em tal caso, como, por ser o fundador e iniciador dos meus institutos, ninguém pode ter mais interesse do que eu que eles e a minha obra vão bem, consideraria um dever absoluto mandar Virgínia embora do Vicariato e da obra, porque então, não tendo ela superado a razoável prova na missão, cessariam todas as minhas obrigações a respeito de Virgínia e só a título de caridade poderia ajudá-la a encontrar um sítio onde lhe fosse possível assegurar o negócio da sua eterna salvação.

7144

Por isso, tendo eu agora que defender os seus direitos não só por dever de consciência mas também por dívida de gratidão, pelos imensos serviços prestados *durante seis anos* seguidos na África Central, nas circunstâncias mais difíceis e duras de fome e sede, doenças e epidemias, de mortes, circunstâncias em que realizou actos heróicos de caridade e de constância, superiores aos que eram de esperar da sua idade e da sua condição de mulher, nos quais esteve por três vezes à beira da morte, eu, ajoelhado aos pés de V. Em.^a, com lágrimas e suspiros, imploro humildemente a graça de que V. Eminência dê quanto antes as ordens oportunas a Verona para que *Virgínia seja posta à disposição da minha superiora principal da África Central*, a madre *Teresa Grigolini* e à *minha disposição* e que tais veneradas ordens se comuniquem imediatamente a Virgínia para a tranquilizar e para a tirar dessa desoladora aflição e incerteza que a oprimem e que, exacerbada, poderiam provocar-lhe tristes e deploráveis consequências. E informo V. Em.^a de que a minha superiora e eu tomaríamos imediatamente as medidas necessárias, a fim de que, antes de vir para a África, pudesse ir bem e com segurança a Beirute ver a sua mãe e demais familiares, para que lhe fosse possível procurar a salvação eterna dos seus e especialmente do seu irmão doente crónico, Abdalla, como ela deseja.

7145

Elevo a V. Em.^a esta humilde e fervente súplica, enquanto me encontro aqui, no campo de batalha, exposto a perder a cada instante a vida por Jesus e pelos infiéis e enquanto estou mergulhado num oceano de perturbações e calamidades, que me oprimem e dilaceram a alma.

Anteontem chegou-me a notícia da morte do meu bom P.^e Matias Moron, tão piedoso, a quem tinha ordenado *titulo missionis* e que tinha um princípio de pneumonia. Celebrámos o ofício e a *missa de requiem* pelo descanso da sua alma.

7146

Não se tinha retirado ainda o catafalco, quando recebi notícia da morte de P.^e António Dobale, aluno do Colégio Urb. da Propaganda, afectado em El-Obeid por uma intensíssima febre tifóide; de modo que, ontem, pela manhã, celebrámos o ofício e a *missa de requiem* por sua alma.

7147

Depois, a meio da manhã, estando ainda montado o catafalco, chegava-me um telegrama do Cordofão a anunciar-me a desapareição, com uma morte edificante e invejável, da Ir. Maria Colpo, das Pias Madres da Nigrícia, a quem uma febre tifóide com disenteria tinha arrebatado a uma multidão de negras, que ela formava na piedade e no fervor cristão. Pelo que esta manhã celebrámos o habitual serviço fúnebre; e ordenei que se deixasse por desmontar o catafalco no meio da igreja.

7148

Temos aqui um irmão leigo, habilíssimo ferreiro e mestre deste ofício para os negros, o qual contraiu o tifo e ainda não está fora de perigo.

Este ano, pela primeira vez, *ab immemorabili*, depois de tantas chuvas, não se vê uma gota de água nos poços, pelo que, como nos vem acontecendo há dez meses, teremos que gastar até ao ano que vem *oito ou dez* escudos diariamente na compra de água para beber e preparar a comida. Desde há dois anos que me estou a aperceber que o clima no Cordofão está a piorar muito; por isso, ando muito preocupado procurando tomar as medidas necessárias em tal circunstância.

7149

Em suma, a cruz que temos que levar é pesadíssima. Um consolo para nós é que as grandes cruzes vêm a dar verdadeira firmeza e consolidação às obras de Deus. Por outro lado, devo confessar que *nunca tive tanta abundância como agora de verdadeiros e provados* missionários e Irmãs; todos se mantêm firmes, sólidos e persistentes nas dificuldades. Precisamos de uma bênção especial do Santo Padre e de V. Em.^a, a quem beijo a sagrada púrpura.

Seu devot.mo filho
† Daniel Comboni bispo e vigário ap.

Seguem os vários Anexos (v. vol. VIII, pp. 3155ss).

N.º 1125 (1079) - ÀS IRMÃS GIRELLI
ACR, A, c. 14/136 n.º 1

Cartum, 26 de Setembro de 1881

Veneradíssimas irmãs,

7150

Desejaria rogar-lhes que me dessem a conhecer o actual paradeiro de uma tal Delfina Vercelino, que foi postulante no meu Instituto das Pias Madres da Nigrícia de Verona e que, depois, partiu para Bréscia, parece-me que em 1876, recomendada à vossa caridade. A minha superiora de Cartum suplicaria às senhoras que fizessem chegar a Delfina a carta aqui incluída, porque deseja ardentemente ter notícias dela.

7151

Eu quereria escrever à senhora Bettina muitas coisas acerca dos escritos sobre *S. José, o Sag. Coração e a Vida de J. C.*, que todos os dias se lêem e são objecto de meditação por parte dos missionários e das Irmãs da África Central. Mas agora não tenho tempo e estou no meio de grandes tribulações, porque assim o quer Jesus, que, como dizem os veroneses, *fez as hastes das cerejas*. Outro dia celebrámos ofício e missa de *requiem* por um dos meus missionários, muito piedoso, falecido recentemente, que eu tinha ordenado sacerdote: o polaco P.^e Matias Moron. Antes ainda de desmontar o catafalco, chega-me a notícia da morte de outro missionário meu, P.^e António Dobale, aluno da Propaganda (a quem eu resgatei nas Índias Orientais em 1861 e levei para Verona), falecido de febre tifóide em El-Obeid, capital do Cordofão; e ontem pela manhã celebrámos por ele o ofício e missa *de requiem*.

7152

Apenas terminada a cerimónia fúnebre, recebo um telegrama: *sóror Maria Colpo*, do meu insto., morreu em Malbes, no Cordofão, como santa e heroína, mais contente e alegre que uns noivos no dia do seu casamento e foi enterrada ao pé de um baobá (*Adansonia digitata*), árvore de uma grossura de 27 a 30 metros. Que fazer? Esta manhã, depois de celebrar os serviços fúnebres por esta feliz Irmã de Vicenza, ordenei que deixassem armado o catafalco, porque espero outras carícias das mãos amorosas de Jesus, que mostrou mais talento (em certo aspecto e por assim dizer) e prudência ao fabricar a cruz que ao criar os Céus. No Cordofão ando a gastar há dez meses de 40 a 50 francos diários em água suja, para não morrermos de sede. E este ano é o primeiro, desde que o mundo é mundo, em que depois de *três meses* de chuva não há ainda uma gota de água nos poços. Ah, meu Jesus, que cruz para um bispo missionário! Mas, caro Jesus, nós somos muito obtusos e, por cima, curtos de vista: se esta alcançasse o suficiente e pudéssemos ver por que razão Deus age deste modo, teríamos que o louvar e bendizer, porque as coisas estão bem assim em todos os aspectos.

7153

Nas tribos dos Nuba, onde impera ainda a moda de Adão e Eva, antes de caírem no pecado original, gozei verdadeiramente com a leitura e meditação da vida de Santa Ângela, publicada em 1871, e mandei-a ler às

minhas Irmãs daquela missão. Nunca, em todos os meus anos, tinha desfrutado tanto com a vida da nossa grande santa. Que caridade tão generosa, sublime! E como a põe em relevo a autora! Santa Ângela Merici é um excelso modelo de caridade para os bispos missionários, para os missionários e para as Irmãs da caridade; e eu queria que todos os vigários apostólicos e todas as missões a tivessem, para que aprendessem a envolver-se nesse santo fogo em que ardia St.^a Ângela.

7154

Oh, quanto mérito as senhoras contraíram com St.^a Ângela! Eh, cedam-me umas migalhas e rezem por mim e pela minha árdua missão! A monsenhor o bispo, ao secret. Carmin, a Capretri, ao P.^e Rodolfo e ao santo P.^e Chiarini mil respeitosas saudações. E as senhoras recebam a minha bênção; encomendo-me às vossas orações.

† Daniel bispo e vig. apostólico da A. C.

N.º 1126 (1080) - A P.^e FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/33

Cartum, 27 de Setembro de 1881

Meu caro Giulianelli,

7155

Jesus bate-nos e dá-nos a cruz. Este dia houve que utilizar o catafalco três vezes, sem o mover, para o ofício e a missa de *requiem*.

Anteontem por P.^e Matias Moron, ontem por P.^e António Dobale e hoje pela Ir. Maria Colpo. Bendito seja sempre Jesus. Na cruz tem um sólido fundamento a nossa santa obra. Não mande para aqui nenhuma Irmã, nem leigos recém-chegados (excepto Domingos Polinari), a não ser apenas Baptista Felici.

7156

Comunique estas notícias em meu nome a P.^e Vicente Marzano, em Nápoles, porque eu não tenho tempo e saúde-o cordialmente em meu nome.

Rogue sempre a Jesus e ao Seu Ss.mo Coração por mim, que estou crucificado, a fim de que ame verdadeiramente cada vez mais a cruz e os espinhos, que converterão a Nigrícia.

Ao P.^e Pedro, ao P.^e Germano, aos *frères* e aos jesuítas, mil respeitosos cumprimentos.

† Daniel bispo e vig. ap. da África C.

N.º 1127 (1081) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. ff. 91-95v

N.º 20

Cartum, 29 de Setembro 1881

Em.mo e Rev.mo Príncipe,

7157

Envio-lhe aqui as últimas três folhas, com as quais termino de expor o assunto de Virgínia e formulo a minha humilde petição. Pus fim à minha narração para não terminar por aborrecer V. Em.^a, que bastante enfadado deve estar já e porque me parece ter-lhe dado uma ideia suficientemente completa do caso, para que V. Em.^a possa emitir o seu autorizado juízo e resolução. Ainda teria muita coisa a dizer sobre o assunto, mas estou cansado e mais que cansado da questão. Contudo, se V. Em.^a quisesse interrogar-me sobre qualquer tipo de *animadversiones*, estou disposto a responder na volta do correio.

7158

Far-lhe-ei chegar também o resumo da resposta que dei ao em.mo de Canossa, em seguida à sua multi-forme carta de 26 e 27 de Maio, que lhe enviei como Anexo III; mas tenho que esperar uns dias, porque es-

tou fraco e porque me tenho de ocupar a examinar 26 adultos, a quem os meus missionários e Irmãs prepararam para o baptismo, que lhes administrarei solenemente no dia do Santo Rosário. Até agora só aprovei 13, talvez 14 deles, entre os quais há uma fervorosa rapariga muçulmana. Esta está há dois anos com as nossas Irmãs, desde que morreu seu pai, que era *miralai* (chefe ou general do exército), por causa de cujo falecimento a mãe no-la entregou a nós para a educar, mas proibindo que se tornasse católica. A moça, de uns treze anos, ao ver a vida das Irmãs – ainda que avessa a conviver com negras, que aqui são sempre olhadas como escravas –, enamorou-se tanto da nossa santa fé, que depois de uns meses manifestou a sua mãe o desejo de se tornar cristã; mas obteve um «não», sobretudo porque a mãe teme o Governo, que lhe paga a pensão. Em suma, esta rapariga não só se quer tornar cristã mas também religiosa como as nossas Irmãs (veremos); e tanto insistiu com a mãe, que esta lhe deu o consentimento; de modo que a rapariga não cabe em si de alegria. Eu não tenho nenhum medo do Governo turco e estou disposto até a travar batalha com o grande sultão; mas, por precaução, e também para reclamar do Governo (que é turco e, portanto, ladrão) uma boa soma de dinheiro que o falecido deixou à sua filha, que ainda não lhe deram, chamei ao meu gabinete o I. R. cônsul austro-húngaro e também a mãe e filha, bem como a superiora, e fiz-lhe passar um documento legal com seis testemunhas, no qual se declara que a filha, depois de dois anos de reflexão, *por sua própria vontade*, se quer tornar católica, para o que a mãe, de boa vontade, lhe dá permissão. E mãe e filha assinaram; e a mãe, muçulmana (ainda que não esteja longe de se tornar católica), pôs como assinatura o sinal da cruz.

7159

Com tal documento, para além de fazer valer as nossas razões aqui no Sudão, podemos provar que a moça, fazendo-se católica, passa a ser não só uma protegida da missão (que é o primeiro e mais forte poder moral do Sudão) mas também uma protegida da Áustria. O baptismo de um muçulmano na Igreja, abertamente e em público, é algo a que ainda se não atreveram os vigários apostólicos do Egipto, porque nunca foi eliminada e abolida a pena de morte contra o muçulmano que se fizesse cristão e contra quem lhe administrasse o baptismo; por isso, os Irmãos das Escolas Cristãs do Cairo já me mandaram cinco jovens muçulmanos que estavam ao seu serviço e que se converteram; baptizei-os a todos em Cartum. Também o ano passado o coadjutor franciscano e os jesuítas do Cairo mandaram-me para Verona um jovem de Alepo, de 22 anos e de boa família, o qual se tinha refugiado no Egipto, para o baptismo.

7160

É oportuno fazer referência a Bescir, a cuja chegada a Verona o campónio Tiago, Estêvão e outros disseram que não tinha intenção de se tornar cristão e a quem eu me vi obrigado a enviar com Alexandre, primo de Virgínia, para Roma, recomendado ao P.^e Dionísio Sauaya, *Via Frattina, 17*; aí entrou no Colégio de Catecúmenos e, ao cabo de um mês, era baptizado e, depois, conduzido à presença do Santo Padre Leão XIII. Agora está aqui em Cartum, é muito piedoso e um excelente catequista na missão.

7161

Esta jovem tem muito fervor e julgo que, com a graça de Deus, chegará a ser como Branca Lemuna, a moça que tenho na missão de El-Obeid, que, ainda que nascida de pais negros, é de uma cor totalmente branca rosada e que eu descrevi não há muito num artigo publicado no *Bom Pastor* de Verona e no *Osservatore Romano*. Essa jovem, sem dúvida a mais bela flor de virtude, fé e pureza que temos em todo o Vicariato, foi convertida, instruída e preparada para o santo baptismo em El-Obeid por essa *chaga* da missão, por essa petulante, mentirosa, inquieta, caprichosa e turbulenta Virgínia Mansur, de quem o em.mo de Canossa e o P.^e Sembianti declararam não ter a menor vocação religiosa e que nunca poderá conviver numa comunidade bem regulada e dotada de espírito religioso.

7162

Termino esta carta mandando-lhe um cartão-de-visita do em.mo de Canossa, pelo qual poderá ver como o dito em.mo trata os assuntos e que junto como Anexo XV.

Recordará Vossa Eminência que o ano passado, em Agosto, se dignou ordenar-me que me dirigisse ao em.mo de Canossa para obter um vigário-geral que me ajudasse no governo do meu Vicariato; mais, sei que por sua extraordinária caridade, V. Em.^a se dirigiu ao em.mo bispo de Verona para que me ajudasse nesta obra. Resumindo: esse vigário-geral encontrou-se na pessoa de P.^e Francisco Grego, arcepreste de Montório, com plena satisfação minha e do em.mo de Canossa, e, tanto eu como o em.mo, informámos V. Em.^a da conclusão do assunto.

7163

Mas durante os três meses que passaram entre a relação feita por mim e pelo em.mo a V. Em.^a e a minha partida para a África, alguns sacerdotes veroneses, meu amigos, confidenciaram-me que esse P.^e Grego se encontrava bastante mal nas relações com a paróquia, que estava em litígio com algumas autoridades e mesmo com o em.mo bispo, o qual estava prestes a substituir P.^e Grego por outro para arcepreste de Montório.

Entretanto, aconteceu o assunto do meu vigário e então o em.mo houve por bem ceder-mo. Eu não sabia nada desses assuntos secretos; mas quando fui comunicar a P.^e Grego que se preparasse para partir dentro de três semanas, e ele me pôs como condição que, para poder deixar sua mãe, sua irmã e seu tio, eu devia obrigá-lo a pagar-lhes durante a vida três libras diárias e facultar-lhes uma residência, por isso e pelo que tinha ouvido dizer dele, que referi acima, decidi não o aceitar e escrevi ao em.mo dizendo-lhe que não via clara a vocação para a África de P.^e Grego, e que não estava disposto a pagar três libras diárias à mãe, à irmã e ao tio, etc.

7164

Ao que o em.mo me respondeu no Anexo XV nestes termos: «Não lhe disse eu sempre [menos quando escreveu a V. Em.^a] que P.^e Grego não tinha verdadeira vocação? A mesma não era senão um meio de se beneficiar. Que fique aqui: eu, com a ida dele, já pouco perdia; agora pouco ganho.

O card. de Canossa, bispo de Verona»

O comentário fica para V. Eminência. Esta era a maneira que o nosso caro em.mo de Canossa tinha de atender e corresponder gentilmente à confiança de V. Em.^a e ao meu humilde pedido: concedendo para a África Central como vigário-geral um pároco veronês, com cuja partida pouco perdia para a sua diocese e, reavendo-o, pouco ganhava. *Sic itur ad astra*.

Beijo-lhe a sagrada púrpura.

Seu hum. e obed.mo filho
† Daniel Comboni bispo e vig. ap.

ANEXO XV

7165

Documento autógrafo importante do em.mo card. de Canossa, cuja explicação está na p. 27.

«Não lhe disse eu sempre que P.^e Grego não tinha verdadeira vocação? A mesma era só uma maneira de se beneficiar. Que fique, pois, aqui: pouco perdia eu antes e pouco ganho agora.

No próximo domingo, dia 14, se Deus quiser, farei serviço em Verona e assim terei o prazer de o ver e de lhe falar.

Saúdo-o a si e a todos e, ao mesmo tempo, envio-lhe as expressões obsequiosas e atentas de todos os meus, os quais estão prestes a concluir o veraneio. Ontem, na grande igreja de Valeggio, cheia de gente e no meio de grande solenidade, administrei o baptismo, a confirmação e a comunhão a uma evangélica de uns quarenta anos, com grande edificação, etc.

Grezzano, 9 de Novembro de 1880».

P. Scriptum

7166

Como é que o em.mo de Canossa e o P.^e Sembianti (os quais, repito, creio que agem com um fim bom) são tão rigorosos com Virgínia?... Eu estive a pensar e, finalmente, encontrei a verdadeira origem disso.

Há que notar que, quando as Irmãs de S. José foram chamadas de África, partiram em primeiro lugar a Ir. Ana, ou seja, Virgínia Mansur e a Ir. Maria Josefa Azzopardi, maltesa, inimiga acérrima de Virgínia. De acordo com as outras quatro Irmãs que estavam em Cartum, eu confiei estas duas ao irmão leigo Tiago, que já estava doente em Cartum e a quem, pela saúde, mandava para o Cairo.

7167

Durante a viagem de dois meses, a Ir. Azzopardi insultava a todo o momento Virgínia e maltratava-a, ela que cozinava e servia a todos. E Virgínia, cansada, respondia-lhe e, uma vez, disse-lhe que caso encontrasse outra caravana, abandonaria a sua, porque a companhia dela era insuportável.

Assim me escreveu e disse, depois, Tiago, o qual afirmava que Virgínia tinha uma paciência de Job. Mas, ao mesmo tempo, a Ir. M. J. Azzopardi contou a Tiago tantas coisas más de Virgínia, que ele, acreditando só em parte no que Azzopardi dizia, ficou escandalizado com as duas e disse que isso era uma chaga das Irmãs de S. José, que ambas estavam sempre a discutir e não havia entre elas concórdia e paz, como tinha observado nas de Cartum. Isto, em certo modo, é verdade, a respeito das antigas Irmãs de Cartum.

7168

Com tão má impressão das Irmãs de S. José, em geral, e das duas em particular, Tiago foi para Verona; e, quando viu que Virgínia tinha chegado aí com os árabes, contou tudo aos membros do insto. e, depois, ao P.^e Sembianti, etc., afirmando que onde houvesse uma Irmã de S. José se perdia a paz e contou aos mesmos

todas as calúnias que tinha ouvido à Ir. Maria J. Azzapardi, pelo que o P.^e Sembianti não quis tornar-se reitor nos meus institutos enquanto Virgínia não estivesse afastada da comunidade, situação na qual ela continua hoje.

7169

Mas qual é, ao invés, a pura verdade? Virgínia e sóror Maria J. Azzapardi estiveram juntas dois meses no Cairo, dependendo da superiora que tenho aí há dez anos, Ir. Verónica Pettinati, de Empoli, a qual foi todos os dias testemunha das injúrias e insultos que Virgínia recebia da sua companheira M.^a Josefa, com a qual tinha estado dois anos no Cordofão. Eis o que me declarou a dita superiora do Cairo, o que digo a V. Em.^a sob juramento, e V. Em.^a pode comprová-lo, porque a Ir. Verónica Pettinati, que é uma valorosa mulher, está em Itália: «Há dois meses, monsenhor, que tenho aqui a Ir. Ana (Virgínia). Examinei-a, estudei-a e encontro a uma Irmã excelente. Presenciei como a Ir. M.^a J. Azzapardi a insulta e injúria a cada momento e declaro que é um verdadeiro milagre que Virgínia tenha podido estar dois anos com essa Irmã. Eu não teria aguentado nem cinco minutos.»

N.º 1128 (1082) - A MGR. HENRI TETU

Mgr. Henri Tetu, «Le R. P. Bouchard», Québec 1897, pp.66-68

Cartum, 30 de Setembro de 1881

7170

...Teria muitas coisas para escrever desta missão da África Central; mas não disponho de tempo para isso e, além disso, estou agora a passar cruéis provas. Há uns dias celebrámos a missa e o ofício de defuntos por um dos meus missionários, Matias Moron, polaco, a quem eu mesmo tinha elevado ao sacerdócio. Ainda não se tinha tirado o catafalco, quando fui informado da morte de outro missionário meu, António Dobale, a quem eu tinha comprado no Oriente em 1861 e que tinha sido educado na Propaganda. Morreu de febre tifóide na capital do Cordofão. Ontem, pela manhã, tínhamos celebrado de novo o ofício e a *missa de requiem*, quando chegou um telegrama a anunciar a morte da Ir. Maria Colpo, do meu insto., de Malta [*lapsus calami*: Verona], um pouco mais para lá do Cordofão. Morreu como uma santa e heroína, partindo com alegria e felicidade para as bodas do Cordeiro. Que havemos de fazer?

7171

Por isso, esta manhã ordenei que deixassem o catafalco na igreja, porque espero novas provas do amor de Jesus, que mostra maior sabedoria ao mandar-me cruzes que a fazer os Céus.

7172

No Cordofão, há dez meses que gasto de quarenta a cinquenta francos por dia na compra de água suja para impedir que a gente morra de sede. Este ano, pela primeira vez desde a criação do mundo, depois de três meses de chuva, não há uma única gota de água no nosso poço. Oh, meu Jesus, que cruz para um bispo missionário! Nós, meu doce Jesus, não temos suficiente sabedoria para compreender estas coisas. Oxalá pudéssemos compreender a razão pela qual Deus age assim connosco! Porém, devemos bendizê-l'O e louvá-l'O, porque tudo o que Ele faz é verdadeiramente bom.

7173

No meio das primitivas tribos de Nuba, que, quanto ao vestir, não conhecem outro modo senão a dos nossos primeiros pais antes da queda, li e meditei com grande prazer a vida de Santa Ângela, publicada em 1881, e fi-la ler e reler às Irmãs que se encontram nessa missão. Nunca a vida de uma santa me tinha causado tão feliz impressão. Que generosa e sublime caridade! Santa Ângela Merici é um sublime modelo de caridade para as Irmãs da caridade. Eu gostaria que todos os vigários apostólicos e que todos os missionários pudessem ler esta vida admirável, a fim de que aprendessem a encher os seus corações daquele fogo sagrado em que ardia o coração de Santa Ângela Merici...

† Daniel Comboni
Bispo e vig. ap. da África C.

Original francês
Tradução do italiano

N. B. No livro aparece a data de 30 de Agosto de 1881; mas esta não pode ser a verdadeira, entre outras coisas porque a notícia da morte da sóror Maria Colpo chegou a Cartum a 27 de Setembro.

N.º 1129 (1083) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 9, ff. 156-159; 193-202

N.º 17

Cartum, Setembro de 1881

Em.mo e Rev.mo Príncipe,

7174

Por causa da doença, não pude escrever, como lhe tinha prometido na minha última carta, a n.º 16, para continuar com o primeiro correio a narração sobre *Virgínia* postulante no meu insto. de Verona. Agora, encontrando-me um pouco menos mal, retomo o trabalho, não sem uma grande dor, por me ver obrigado a causar incómodos e aborrecimentos a V. Em.^a, já bastante ocupado em negócios da mais alta importância. Porém, conforta-me o pensamento de que se trata de fazer *justiça e caridade* a uma alma consagrada a Deus, à qual, sem fundamento, se queria afastar da sua vocação, com *perigo* de se perder *eternamente*. O sublime espectáculo, bem conhecido de V. Em.^a, que deu ao mundo, com o seu extraordinário zelo e caridade, o grande Pio IX, de santa memória, quando, em Roma, em 1864, teve a coragem de *recusar* com desdém ao poderosíssimo imperador Napoleão III a *entrega ao próprio pai, um sapateiro judeu, de um filho, um menino de onze anos, que se tornara católico*, e a quem eu mesmo levei do Colégio de Catecúmenos (do qual era director mons. Jacobini, hoje card.-secretário de Estado) à audiência pontifícia, estou certo de que dará ânimo a V. Em.^a, para que com a sua exímia caridade se ocupe em tutelar a vocação de uma virgem cristã que, segundo o meu subordinado parecer, é muito digna disso em todos os aspectos.

7175

Desde havia muitos anos que, por meio de mons. Darauni, em Roma, do patriarca dos maronitas e dos bispos e superiores orientais, cujo favor tinha procurado, eu tratava de *dotar* os meus institutos africanos de Verona de um professor e de uma professora de árabe. Todos me prometiam, mas sempre me obrigavam a uma despesa de, pelo menos, 15 francos diários, tudo incluído, pelo que não pude combinar nada: tal gasto era-me demasiado gravoso.

7176

Foi então que escrevi para Beirute, a *Virgínia*, como escrevi a Vossa Em.^a na minha carta n.º 15, respondendo-lhe que *a aceitava como Irmã* na minha obra e que admitia também o seu irmão Jorge, a sua irmã Khatum e o seu primo Alexandre num dos meus estabelecimentos, a fim de fazer com que fossem instruídos e se preparassem para abjurar da heresia grega. Pedi-lhe que me procurasse um professor e uma professora árabes para os meus institutos de Verona; ao não consegui-lo, respondeu-me que, se eu próprio fosse à Síria, encontraria não só professores e professoras, mas também vocações árabes (também mo asseguraram os jesuítas do Cairo, que tinham vindo todos da Síria). Mas ela acrescentou: «Até ser possível V. E. vir à Síria com essa finalidade, pode colocar como professor de árabe o meu primo Alexandre que o domina bem. Como professora de árabe iria eu provisoriamente para Verona, levando comigo o meu irmão e a minha irmã, a fim de aí os preparar para a abjuração; deste modo poderão imbuir-se das máximas da nossa santa fé melhor que no Cairo e assim V. E. não terá outros gastos senão o sustento do professor».

7177

Depois de tantos anos de inúteis buscas, custava-me acreditar que as coisas saíssem tão bem, podendo dotar de mestre e mestra de árabe os meus institutos veroneses e, ainda por cima, preparar os três cismáticos para abjuração. Com lágrimas nos olhos, dei graças a Deus de coração e dei ordens a *Virgínia* que partisse com todos para Verona. Ela chegou lá em Setembro de 1879.

7178

A superiora e o insto. feminino encheram-se de alegria por possuírem *Virgínia* e a irmã para converter à nossa fé. Não assim o vice-reitor do insto. masculino, o luxemburguês Grieff (que, depois, o P.^e Sembianti me pediu para expulsar e que agora está na América) e o irmão leigo *Tiago Cavallini* (homem de bons costumes, mas de poucas luzes), os quais tinham regressado de África e feito crer que sabiam o árabe; mas, com a chegada do mestre Alexandre ao insto., todos se aperceberam que Grieff e Tiago não sabiam nada. Ambos acolheram com o maior desprezo os árabes e trataram-nos tão mal, que se eles se não tivessem mantido fir-

mes e inamovíveis (por mérito de Virgínia, que os convenceu da verdade da fé) no seu desejo de abraçar o Catolicismo, teriam regressado à Síria e à sua heresia.

7179

Em vão tratou P.^e Mainardi, reitor septuagenário, que durante dezassete anos tinha sido jesuíta, que se comportassem como deviam. Às escondidas, eles já tinham feito os seus planos para conseguir expulsar os árabes, homens e mulheres. E como entre todos os nossos eu era o único que conhecia a língua árabe, reunia-me frequentemente com os dois árabes e todos os dias ia passar uns momentos do recreio ao insto. feminino, onde chamava ao quintal as árabes (mas sempre com a superiora e nunca sem ela, mesmo sendo eu o *fundador* e superior geral); por isso Grieff e Tiago, sem que eu me apercebesse de nada, puseram-se de acordo com o camponês que servia no convento feminino, um tal Estêvão, e fizeram-me uma acusação perante o cardeal bispo, dizendo que eu só tinha olhos para os árabes e que tinha excessivo trato no insto. feminino (eu o *fundador e superior* do mesmo) com Virgínia, pela qual mostrava *parcialidade*, etc.

7180

O em.mo escutou, mas nunca me disse nada. Por seu lado, o leigo Tiago chegou ao extremo de amargar a velhice de meu pai, homem de setenta e oito anos, temente a Deus, que *já* durante a sua longa vida deixou de *se confessar uma vez por semana*, nem de comungar mais vezes, dizendo-lhe *em segredo* (sem me avisar nunca de nada a mim) que eu tinha *demasiada familiaridade* com Virgínia, o que podia ser-me prejudicial. Meu pai, um autêntico santo, nos dezassete dias em que Virgínia esteve na sua casa de Limone com a minha devotíssima prima, disse – no que também minha prima estava de acordo – que Virgínia era *uma verdadeira santa*; e por tal a teve até Março de 1880, quando o leigo Tiago lhe falou contra ela. Desde então aconselha-me a que me livre de Virgínia e, citando-me Santo Hilarião, St.^o António Abade, os santos e as Escrituras, diz-me que com as mulheres é preciso ter muita e toda a cautela (e nisto tem razão); mas eu sempre a tive; apesar disso não deixei de atrair muitas à fé e à piedade, quer fossem protestantes, infieis, cristãs, etc., e dou-me por satisfeito ter realizado a minha vocação de missionário em Verona, Viena, Dresden, Berlim, Paris, Londres, Sampetersburgo e em Roma, tal como no Egipto e na África Central.

7181

Em Roma há duas antigas protestantes que vivem como santas católicas e que Deus ganhou para a fé por meio de mim: Maria Kessler e Ernestina Talkenberg, ambas saxónicas.

Mas há mais. O mencionado P.^e Grieff (que se pensava ser um santo, mas que era um hipócrita, um matreiro e manhoso) suspirava por ser reitor dos meus institutos, como pôde aperceber-se o P.^e Sembianti quando me suplicou que o deixasse ir embora do instituto. Mas como Grieff (a quem eu mesmo descrevi ao P.^e Sembianti como sendo óptimo, baseando-me no autorizado juízo de um pio padre filipino de Verona, seu confessor, o c.de António Perez) sabia que eu andava em negociações com o superior geral dos bertonianos para pôr o P.^e Sembianti como reitor dos meus institutos, a fim de o desanimar e o dissuadir de aceitar o cargo foi em segredo com os mencionados leigos Tiago e Estêvão visitar o geral e o P.^e Sembianti e descreveu-lhes com tinta negra os árabes e sobretudo a minha pretensa parcialidade com Virgínia. Então os bertonianos foram aconselhar-se com o Em.mo de Canossa (que, enquanto nunca se dignou consultar-me ou escutar-me sobre o assunto a mim, bispo, fundador e chefe dos institutos, teve agora por bem – segundo me disseram – chamar os dois campónios leigos, Tiago e Estêvão, e ouvir o seu juízo); Canossa decidiu (sem sequer ter consultado a superiora, a qual, como me contou, sofreu muito por Virgínia e por mim, pois eu, deste modo, ficava demasiado humilhado) que o P.^e Sembianti aceitasse ser reitor, na condição de que fossem enviados para fora da comunidade tanto Virgínia como a sua irmã, o seu irmão e primo: exactamente o que queriam conseguir os dois camponeses.

7182

Eu encontrava-me em Roma quando tive informação certa desta decisão e para me assegurar o P.^e Sembianti como reitor definitivo dos meus institutos e para o bem da obra, fiz este grande sacrifício ao Senhor, submetendo-me à grande humilhação de ver o meu juízo desprezado, etc. E, ainda que soubesse a dor e a humilhação que ia causar aos árabes e especialmente a Virgínia, ordenei de Roma aos quatro que saíssem dos institutos, para irem viver numa casita da minha propriedade anexa ao convento feminino, mas sem comunicação com este; que os dois elementos masculinos se instalassem no primeiro andar e as mulheres no segundo, esperando eu depois dispor as coisas de modo mais caritativo para esses quatro infelizes.

7183

É indescritível a desolação que causou a Virgínia tal medida. Habituada desde há quase vinte anos a viver em comunidade religiosa com freiras e freira ela própria durante dez anos e numa comunidade tão alegre como a das Irmãs de S. José, no Oriente, o ver-se confinada sozinha com a sua irmã a um quarto, onde não

via senão uma vez por dia a superiora, fê-la chorar dia e noite, ainda que confiante em Deus, seu único consolo, para além de Nossa Senhora e S. José, de quem sempre foi e é devotíssima.

7184

Eu, de Roma, roguei ao arcepreste de S. Lucas, decano dos párocos de Verona, com os seus 37 anos à frente da paróquia e tio do meu ex-vigário-geral P.^e Bonomi (hoje superior da missão de Dar-Nuba), que fosse visitar e consolar Virgínia e que mandasse as suas três sobrinhas, irmãs de P.^e Bonomi, fazerem-lhe companhia.

Lá foi o velho pároco e lá foram indo as sobrinhas durante quatro meses. E, depois de ter conhecido Virgínia, disse-me que é uma mulher de eminentes virtudes, de critério e de mente recta e perspicaz, uma verdadeira santa. Ele falou muitas vezes com Virgínia e longamente, enquanto o em.mo de Canossa falou com ela apenas em quatro ocasiões e pouco. Mas Sua Eminência prestou ouvidos a dois camponeses, sem perguntar àquele venerável pároco, que há trinta anos tem dois conventos de freiras na sua paróquia, que dirige, e que, dos pregadores de Verona, é talvez o que melhor prega sobre Jesus crucificado.

7185

Ao fim de uns quarenta dias, cheguei a Verona; e como encontrei aqueles quatro árabes aflitos e sem nunca falarem com ninguém, eu, que sei o árabe, ia visitá-los amiúde, procurando proporcionar-lhes conforto e instrução e reforçar-lhes a sua decisão de se converterem. Isto deu azo a que eu, que era sempre espiado pelos dois campónios, talvez por encargo do P.^e Sembianti e de Sua Eminência (que coisa tão reprovável!), fosse acusado perante o cardeal do mesmo que antes, isto é, que mostrava preferência e parcialidade para com os árabes e especialmente para com Virgínia: ficavam todos alegres e parecia que reviviam quando me viam. O que, por outro lado, fazem também na África os meus missionários, as minhas Irmãs e os meus convertidos, que exultam quando me vêem; e é natural, pois sabem que eu sou seu pai, que me sacrifico pelo seu bem.

7186

Quando de Roma cheguei a Verona e visitei Virgínia, que sofria um tremendo purgatório naquele tremendo isolamento em relação à comunidade, à qual apenas ia cinco horas por semana para ensinar o árabe, ela dirigiu-me estas palavras, que é a pura expressão da verdade, às quais apenas pude responder que confiava em Deus, vingador da inocência e da justiça.

7187

«Monsenhor, o senhor admitiu-me na sua missão da África Central, a qual amo até ao ponto de ter abandonado por ela a minha cara Congregação de S. José; e, confiada em si, que é chefe e fundador do Instituto das Pias Madres da Nigrícia, fiz todos os sacrifícios para ser religiosa da África Central e consagrar o meu modesto trabalho à salvação daquelas pobres almas, que são das mais desditosas e abandonadas do mundo. O senhor aceitou-me e chamou-me para Verona para que ensinasse o árabe, ao que eu obedeci. Mas aqui puseram-me fora da comunidade e não me querem para nada. Eu julgava que o senhor era o superior e fundador do seu instituto e que tinha autoridade para mandar.

7188

Mas vejo tudo ao contrário. O senhor, monsenhor, não tem nenhuma autoridade nem mando no seu instituto ou não me quer ter no seu instituto nem na sua obra. Se eu fiz alguma coisa má, que mo digam, que estou disposta a fazer penitência. Mas se não fiz nada de mal, porque me afastam do instituto? Ah, sinto-me a pessoa mais desgraçada do mundo. E fui traiçoada por si: eu julgava-o um pai e pensei que me aceitava verdadeiramente na sua obra. Mas não importa: o Senhor há-de ajudar-me, como sempre me ajudou. Irei servir e sofrer por toda a vida, mas espero salvar a minha alma. E como vejo que aqui não só estão contra mim mas também contra meu irmão, minha irmã e meu primo, a quem nem o reitor, nem o cardeal, nem Tiago, nem Estêvão podem ver, e aos quais até a saudação se nega, rogo-lhe que nos ajude para que possamos voltar os quatro para Beirute, que Deus e Maria nos assistirá também a nós.»

7189

A este discurso, no qual a Virgínia dizia a verdade, respondi que não considerava conveniente que voltassem à Síria antes de os três cismáticos terem abjurado: na Síria, no meio dos cismáticos, talvez o não pudessem fazer, donde adviria novo sofrimento para Virgínia. Por isso decidi mandar o irmão e o primo para Roma, e Virgínia e a irmã para Sestri, aonde pensava enviar as três Irmãs que estavam destinadas a África, mesmo antes de vir para reitor o P.^e Sembianti. Depois eu pensaria o que se havia de fazer.

7190

É natural, Em.mo Príncipe, que Virgínia tivesse certa antipatia e olhasse *com maus olhos* o P.^e Sembianti, sabendo e crendo que era o autor do seu afastamento do instituto. E Virgínia tinha muita razão na sua atitude, embora o P.^e Sembianti seja um digno religioso, que terei sempre com prazer à frente dos meus institutos,

porque é um homem de Deus e uma excelente pessoa; e, ainda que careça de prática, seja teimoso e cabeçudo como todos os santos que comem e, além disso, tímido e muito falto de confiança em si mesmo, apesar de tudo, estou certo que formará para a África Central pessoal capaz e de excelente espírito, que fará muito bem à missão. Mas o P.^e Sembianti desde o princípio que ganhou uma má predisposição para com Virgínia, por arte diabólica de Grieff, coadjuvado por dois bons mas estúpidos camponeses. V. Em.^a sabe bem quão poderosas são, mesmo sobre almas boas, *as primeiras impressões negativas*; e disto vi, às vezes, exemplos muito deploráveis em frades e mesmo em excelentes prelados romanos, porque conheço bem o mundo e a anatomia do espírito humano. O P.^e Sembianti age em consciência; mas Virgínia tem razão em olhar – e assim o olhou sempre – o P.^e Sembianti *com maus olhos*, como claramente demonstrarei mais abaixo.

7191

Fui visitar o em.mo de Canossa para que se melhorasse a situação dos árabes e fiz-lhe grandes elogios sobre Virgínia, da qual eu fui ordinário durante seis anos, e director, a quem conhecia a fundo. Mas ele respondeu-me que se ordenasse que os árabes fossem readmitidos no instituto, o P.^e Sembianti se retiraria. Em todos os institutos religiosos da Alta Itália há pias mestras que vivem em comunidades religiosas; este podia ser também o caso de Virgínia, de quem a superiora se tinha declarado sempre contente pela sua modéstia, humildade, obediência e caridade, até ao ponto de Virgínia ser servente de todas.

7192

Eu estimarei e venerarei sempre o em.mo de Canossa, porque moralmente me ajudou muito na implantação da minha obra. Mas causou-me e fez-me sofrer tais humilhações de há vinte anos a esta parte, que teriam bastado para matar um homem, embora não esteja nada ressentido por elas, porque estou disposto *ad plura et maiora tolleranda* por amor a Cristo e à África. O Anexo III, que agora lhe mando, está cheio de falsas imputações totalmente alheias à verdade, como demonstrarei ao apresentar-lhe a resposta que dei a Sua Eminência (a essa desagradável carta, o Anexo III, que lhe mando), a fim de que V. E. conheça tudo – incluído o que o em.mo de Canossa não lhe terá escrito –, na certeza de que a verdade brilhará e de que V. Em.^a poderá julgar com certeza. Mas a humilhação mais terrível de todas provocou-me o em.mo de Canossa ao escrever-me que *se arrependia de ter gasto 600 liras na viagem para Roma, para me fazer bispo*, como figura no Anexo IV, que por brevidade e, para não aborrecer V. Em.^a, inseri antes do Anexo III, escrito pelo punho e letra do próprio em.mo. E eu, com delicadeza, procurarei um modo para lhe devolver as 600 liras, que diz ter gasto para me fazer bispo (meu Deus!), para que fique satisfeito.

7193

Ele nunca deu *nem um único cêntimo* à África, como não dá nada a ninguém, porque o seu copioso património deixou-o à sua nobre família quando se tornou jesuíta, e hoje vive dos rendimentos episcopais; o que sobra do necessário para a alimentação e vestido reparte-o muito sabiamente entre os pobres ou dá-o a obras da diocese veronesa. Mas para a obra de África nunca deu *um cêntimo* (Pio IX e alguns cardeais pensaram em tempos que o em.mo dava muito dinheiro para a África). Até as cartas para Roma, que ele me escreveu a mim ou à obra, ou a algum alto benfeitor (que, por consideração a Sua Em.^a, me deu milhares de francos) paguei-as sempre eu ou os meus representantes, e diga-se o mesmo das que ele escreveu a V. Em.^a contra Virgínia e contra mim. Até ao ponto de há um mês, tendo o bispo de Placência mandado para mim (como resultado das cartas que escrevi a uma benfeitora de Placência) 2240 liras ao Em.mo de Canossa, o P.^e Sembianti escreveu-me que o em.mo lhe havia entregue 2239 liras com 80 cêntimos, porque os 20 cêntimos restantes tinha ficado ele com eles para o selo da carta de agradecimento ao bispo de Placência.

7194

Sinto vergonha de escrever estas coisas; mas sinto-me muito ofendido por o em.mo de Canossa ter intervindo ultimamente no meu instituto, sem me pedir a mim a menor opinião, que, para além de ter dado a regra ao instituto, o mantenho totalmente mediante os milhares de escudos que todos os anos consigo para ele com tantos sacrifícios e com o suor da minha frente. Mas eu dou tudo ao Senhor, porque tudo é disposição divina para o bem da obra e para a nossa perfeição.

Virgínia estava há três meses na casita, separada da comunidade, quando, vendo eu como dia a dia se ia deteriorando sensivelmente a sua saúde, segui o conselho de a tirar da triste atmosfera que a rodeava e mandei-a para Sestri Levante, onde já se encontravam as minhas Irmãs.

7195

Não vou falar da heróica virtude e paciência que mostrou Virgínia com a sua irmã Khatum (a quem ela converteu ao Cristianismo e nele a instruiu), a qual sofria de grave depressão:

1.º Porque ainda vivia sob a impressão do horror vivido quando, em 1860, com os seus próprios olhos, viu, tal como Virgínia, o seu pai e a irmã mais velha degolados.

2.º Porque na idade de 8 anos tinha caído em Beirute de um terceiro piso, tendo-lhe saltado miolos a um metro de distância. Talvez por isso, quando encontrava a porta aberta, saía do convento e Virgínia via-se obrigada a correr atrás dela pela via pública. Por vezes ia para o quintal de P.º Tagliaferro e, de forma parva, arrancava um pêsego ou um figo ou outro fruto, e P.º Tagliaferro repreendia Virgínia de não guardar bem a irmã, etc., etc.

7196

O certo é que Virgínia em Sestri se portou bem, como se pode ver no testemunho da superiora local (Anexo II, que enviei a V. Eminência). Mas isso não valeu nada para o obstinado do meu caro P.º Sembianti, o qual, vindo comigo a Sestri para a reunião em que se decidiria aquele assunto, estava sempre com as Irmãs, a quem deu lembranças, e nunca dirigiu uma palavra a Virgínia, o que eu próprio verifiquei; pelo que Virgínia me disse: «Verá, monsenhor, que, quando eu for para Verona e o senhor tiver partido para a África, este *seu caro amigo* [eu disse a Virgínia que o P.º Sembianti era meu verdadeiro amigo, não de palavras mas de factos, por se ter dedicado com tanto zelo e amor de Deus a desempenhar a função de reitor dos meus institutos] me mandará embora, porque ele nem me pode ver; eu sou-lhe antipática. O senhor, monsenhor, é demasiado bom, mas eu sou desta opinião. Eu vou para Verona e lá morrerei.»

7197

Como o ano passado o em.mo escreveu a V. Em.ª, Virgínia pediu e obteve a admissão no Instituto das Pias Madres da Nigrícia de Verona. E em Novembro do ano passado, poucos dias depois da minha partida para a África, ela foi de Sestri para Verona e entrou no insto. como postulante.

O que aconteceu lá, e como se comportou Virgínia, será objecto da minha próxima carta.

Entretanto beijo-lhe a sagrada púrpura e sou de V. Eminência

Indig.mo e crucificado filho
† Daniel Comboni bispo e vig. ap.

Anexo III

7198

Carta autografada do em.mo de Canossa, na qual lança paternalmente muitas acusações não justas contra D. Comboni (a todas as quais ele respondeu ao em.mo e transcreverá o resumo ao cardeal-prefeito).

Descreve Virgínia com as cores mais negras e, ao emitir o seu juízo perverso, não consultou nem escutou o reitor e nem sequer a madre superiora do insto., mas formou-o a partir de:

7199

1.º Meias palavras, ouvidas aqui e acolá.

2.º P.º Tagliaferro (padre de 74 anos, ex-frade), que não se confessa há mais de 30 anos, a quem Virgínia incitou a que se vestisse e vivesse como padre, também por consideração a quem ajudou o convento para lá meter as Irmãs, isto é, D. Comboni.

Anexo IV

Escrito autografado do em.mo de Canossa em que atira à cara de D. Comboni estar arrependido da despesa de 600 liras para ir a Roma a fim de o fazer bispo (meu bom Jesus!). D. Comboni ficará sempre grato pelos benefícios que o em.mo de Verona lhe prestou.

N. B. A carta n.º 15 ao card. Simeoni é de 3-09-1881 (N.º 1114). Não temos a carta n.º 16; a carta n.º 18 é de 17-09-1881 (N.º 1122). É portanto de supor que esta carta n.º 17 tenha sido escrita entre 3 e 17 de Setembro de 1881.

N.º 1130 (1176) - A STONE PAXÁ
Bulletin de la Société Khediviale de Géographie
Serie II. N.6, Fevereiro de 1885, pp. 287-288

Cartum, Setembro de 1881

Excelência,

7200

Permito-me oferecer a V. E. um pequeno mapa de Dar-Nuba, que tracei após uma exploração realizada por mim e pelos meus missionários àqueles montes. O nosso fim era estudar, sob pedido de S. E. Rauf Paxá, o digno governador-geral do Sudão, a questão muito importante da escravidão e de lhe propor remédios práticos e eficazes: coisa que fiz com plena satisfação de S. E.

7201

O Dar-Nuba tornar-se-á um país muito importante para o Governo egípcio e será, ao mesmo tempo, uma posição estratégica que facilitará a introdução da civilização numa boa extensão de outras terras da África Central.

7202

Este mapa foi traçado com toda a diligência possível, depois de ter visitado, passo a passo, mais de cinquenta montes habitados por uma das mais interessantes e simpáticas raças da África Central.

Nós, além disso, escrevemos um dicionário de 3500 palavras na língua nuba.

7203

Nas imediações dos Nuba existe um povo que habita nove montes e se chama *Gnuma*, cuja língua é totalmente diferente. Esse povo, ainda inacessível ao Governo egípcio, recebe-nos sempre de braços abertos, porque, dizem eles, os missionários não fazem nada de mal, mas sempre bem. Mas, depois de os Nuba terem experimentado os benefícios do Governo que os libertará dos velhacos Bagara, estou certo que também os *Gnuma* abrirão as suas portas, até agora fechadas a S. E. o que deve...

[† Daniel Comboni]

Original francês
Tradução do italiano

N.º 1131 (1084) - A P.º FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 26/4 n.27

Cartum, Setembro ? de 1881

Breve bilhete.

N.º 1132 (1085) - AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/133 n.1

Cartum, Setembro ? de 1881

P.º Sembianti,

7204

Hoje tive notícias do Cordofão, onde estão todos razoavelmente. P.º Losi andava a fazer sangrias e esteve nas últimas, mas agora está melhor e anda apoiado a um bordão. Um furacão estragou um pouco a igreja e a cobertura de zinco. Vou mandar de Cartum algumas chapas desse material.

Em Gebel Nuba, tudo bem. Não podendo escrever, mando-lhe as duas cartas, uma da Irmã Amália, superiora, outra da Ir. Eulália.

7205

Oh, sonho noite e dia poder possuir o anel do Papa, com a autenticação de mons. Ricci, que Brown me destinou. Caro anel, que foi trazido por um santo pontífice como foi Pio IX! O senhor use toda a prudência e habilidade para o arrancar das mãos rapaces do [Brown] filho, a quem eu julgava um santo, que Pio IX nomeou cavaleiro, porque foi ferido em Castel Fidardo. Peça estimada, ando a pensar o que devo fazer com ele. Usá-lo eu, não, porque sou demasiado profano; vendê-lo a príncipes que comem por mil, dois mil merengues... não! Parece-me profanar o anel. Veremos. Reze e faça rezar para que se recupere. *Vale et fave.*

† Daniel bispo

N.º 1133 (1086) - AO P.º JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/133 n. 2

Cartum, Setembro ? de 1881

Breve bilhete.

N.º 1134 (1087) - A P.º FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/34

J. M. J.

Cartum, 1 de Outubro de 1881

Meu caro P.º Francisco,

7206

Sob um aspecto, perdi 200 táleres, ao fazer o envio por meio do cônsul grego; mas sob outro aspecto não perdi nada. Depois de pensar bem, vê-se que não perdi nada, porque as vossas letras cambiais eram pagáveis não no Cordofão mas em Cartum; e assim o cônsul grego tinha razão em mas querer pagar em Cartum; no Cordofão o táler *megid* vale 16 piastras egípcias; em Cartum 16,35, isto é, com taxa. Vê bem, portanto, que cobrando o dinheiro no Cordofão, teria ganho; mas não podia pretender que o cônsul grego me pagasse no Cordofão com a taxa local. Portanto não perdi nada; de resto, o cônsul grego é um cavalheiro.

7207

Como andamos em obras e o dinheiro sai às mãos-cheias, vamos fazer deste modo. O senhor guarda em caixa o dinheiro que Jesus mandar. Quando eu tiver necessidade, envio-lhe um breve telegrama: por exemplo, «preciso de dinheiro» ou «mande dinheiro». Então o senhor vai ao banqueiro habitual, como fez com os 300 guinéus egípcios e mande ao banqueiro que telegrafe ao cônsul grego para ver se pode dar a tal soma. Ao mesmo tempo, telegrafe-me brevemente a dizer que dispõe da tal soma que eu vou levantar do cônsul grego. Em tudo como se fez na penúltima vez.

7208

Há uma semana recebi do Governo 3000 francos em 150 napoleões de ouro, que meti em caixa.

Não mande mais remédios, a não ser que receba ordens minhas ou algum superior ou superiora, porque por 325 *megid* (1445 francos) comprei uma magnífica e bem apetrechada farmácia, onde há de tudo e para todas as estações e por muito tempo.

7209

Não mando vir nem Irmãs do Cairo, nem irmãos leigos. Faça com que se aclimatizem no Cairo. Apenas terminada a igreja e logo que se possa usar em perfeita ordem, a capela das Irmãs e os anexos devem servir para a sua habitação, e fiquem o menos possível em baixo, porque creio que isso é uma das causas das suas doenças.

P.º Paulo encontra-se bem sob a direcção de P.º Losi em Nuba (*per accidens* desde o *kharif*, P.º Losi está no Cordofão); José Fortini trabalha sempre e muito bem, é bom e piedoso e é uma verdadeira bênção para mim como camareiro e para a casa e todos o estimam. Já encadernou mais de 40 volumes. É um dom da Providência. Ele diz que é verdadeiramente feliz e tem... [*falta o resto*].

[† Daniel Comboni]

N.º 1135 (1088) - A P.º GENNARO MARTINI
«Museo delle Missioni Cattoliche» XXIV (1881), pp. 710-711

Cartum, 1 de Outubro de 1881

Meu caro P.º Gennaro,

7210

Não sei por que razão sois tão avesso a escrever. Esperava resposta a uma carta minha, em que lhe dizia que faríamos uma exploração ao Nyanza, mas, contra o que esperava, não tive uma resposta com notícias positivas ou negativas. Li no *Museo* que o senhor estava em Beinasco doente; esperava uma carta, mas nada... Aqui as Irmãs e todos os missionários, especialmente P.º Luís, estão sempre a perguntar-me por si. Mas que resposta hei-de dar?

7211

Em Nuba fiz uma magnífica exploração a todos os montes de Nuba, Grande Golfan, Pequeno Golfan (onde, depois do *kharif*, se fundará uma estação), Tarda, Carkendi, Cuggiala, Juckor, Carko, Sobes, Condokor, Kondrkara, etc., etc. e fizemos um novo mapa exacto (o feito pelo P.^e Carcereri tinha muitos erros), que mandei a quase todas as sociedades geográficas da Europa e que, agora, eu mesmo farei imprimir. Fiz a exploração com P.^e Luís, P.^e Vicente, P.^e Leão e ao Pequeno Golfan com P.^e Losi...

7212

Na Nuba, onde P.^e Losi fez um dicionário de mais de 3000 vocábulos, dada a imensa dificuldade em recolher uma língua da boca dos nativos, fizemos uma reunião em que ficou decidido estabelecermo-nos nas terras onde é falado o dinca e o bari, de que já possuímos há 16 anos as gramáticas e dicionários, em cuja elaboração também eu trabalhei; isto porque é muito mais fácil aprender uma língua quando se têm dicionários e gramáticas do que recolhê-la como se fez na Nuba. E como depois está a florescer muito a província do Bahar-el-Ghazal, que compreende os Guaw Gram, Makraka, etc., assim decidimos fundar uma missão naquelas partes. Gessi escreveu e falou tanto delas; o novo governador sucessor de Gessi, Lypton Bei, de Londres, convidou-me a ir até lá. Ele que parte dentro de dias, devido à confiança que tem em mim, pediu-me e eu aceitei exigir todos os meses os seus pagamentos aqui em Cartum e conservá-los na minha caixa e, quando eu estiver ausente, fará isso o superior local.

7213

Além disso, a viagem não se fará pelo rio Branco, mas de El-Obeid por Nuba, Bahar-el-Ghazal, Makraka e Alberto Nyanza.

Para mais, é provável que eu (com o senhor, se vier), com P.^e Artur, faremos em três meses com o *hokomdar*, Rauf Paxá, uma viagem de Cartum a Sebeth, Bahar-el-Ghazal, Giser, Guaw Gram, Makraka e Alberto Nyanza e, após um giro de barco por todo o lago, viremos para Fatiko, etc., Gondokoro, Ladi-Halfa e Cartum, ao que nos parece lá para os fins de Novembro.

Não diga nem mande imprimir nada sobre tudo isto. A mim agrada-me primeiro realizar e depois contar. P.^e António Dobale, negro, que vimos em Secakim, morreu em El-Obeid. Morreu também, em Malbes, a Ir. Maria, que partiu comigo do Cairo.

7214

Depois de três meses de chuva em El-Obeid, não apareceu nem uma gota de água nos poços, pelo que, desde há dez meses, se gastam ainda de 8 a 10 táleres por dia em água. Portanto, estou seriamente preocupado com o Cordofão e devo chegar a uma resolução. Aqui temos um excelentíssimo cônsul francês, Mgr. Voision, antes diplomata na Birmânia e na Índia; é soberbamente abastado, em todos os aspectos bem colocado e é bem pago. Pelo que o Hansal está alegre, porque lhes disse que são agora uma verdadeira potência temida pelos franceses. O cônsul francês vem sempre aconselhar-se comigo, mas é um homem que pode dar conselhos. O seu chanceler e intérprete é nada menos que o filho primogénito de Faragialla Musalli; Jorge Papa está estabelecido aqui em Cartum.

7215

Na Nuba já estão 300 soldados; mas eu mandei mudar o inspector e comissário para a escravatura e propus ao Governo Paxá Roversi, de Bolonha, nosso companheiro de exploração na Nuba, que partirá daqui a próxima semana. O Governo adoptou todas as minhas propostas para debelar os Bagara. P.^e Vicente Marzano (que fez muito bem) partiu para Nápoles, aonde a esta hora já deve ter chegado, e deixará Nápoles depois do Natal para regressar à África. Irá também a Verona.

Saudações para a sua mãe, irmãs e irmão, para Prevosto, presidente da junta, para o nosso caro P.^e Casalegno e o pároco de S. Pedro e S. Paulo; a minha bênção.

† Daniel bispo

N.º 1136 (1089) - A P.^e VICENTE MARZANO
ACR, A, c. 15/57

Cartum, 1 de Outubro de 1881

Breve bilhete.

N.º 41

Cartum, 2 de Outubro de 1881

Meu caro P.º Sembianti,

7216

Fiquei muito estupefacto ao tomar conhecimento da perturbação da superiora ao receber a minha carta, em que lhe pedia coisas que diziam respeito ao seu dever e que, em consciência, eu tinha o direito de lhe perguntar. Mas sendo assim as coisas e como eu não quero ser causa de incómodo, asseguro-lhe e o senhor assegure igualmente à superiora que jamais eu a perturbarei com alguma carta ou escrito meu. Que magníficas relações existem entre um instituto, onde deve florescer a caridade, a obediência, a confiança e o respeito à autoridade, que magníficas relações, dizia, existem entre o Instituto das Pias Madres da Nigrícia e o seu fundador que sua, se afadiga e não dorme para o sustentar e fazer com que nada lhe falte! Que espírito do Senhor!

7217

Esta manhã baptizei solenemente, sob os auspícios de N.ª Sr.ª do SS.mo Rosário, *catorze* infiéis, uns pagãos outros muçulmanos. Brilhava sobretudo a alegria de uma jovem muçulmana de *catorze* ou quinze anos, filha da mulher do antigo comandante geral das tropas do Cordofão e do Darfur, que, depois de cinco anos de contínuas orações e suspiros, obteve da mãe muçulmana a autorização de receber o baptismo; e eu quis que se fizesse primeiro um acto público disso perante o I. R. cônsul austro-húngaro, no qual ficou declarado que a filha quer ser católica, que a mãe lhe dá o pleno consentimento e que muitas testemunhas subscreveram. A mãe, iletrada, embora nobre, assinou *com o sinal da cruz*, se bem que muçulmana.

7218

No Cairo, para onde foi o general com a mulher, a filha que suspirava tornar-se católica e sob a direcção da Ir. Vitória (e deu-lhe o nome de Vitória) definhava dia a dia, até que a mãe, para a não ver morrer, a conduziu a Cartum para junto da Ir. Vitória. Agora é a criatura mais feliz do mundo. Sobre esta prodigiosa conversão escreverei um artigo especial para os *Anais*, porque Deus será glorificado na conversão desta muçulmana.

7219

Baptizei também um dinca de cerca de 60 anos, convertido por um milagre da graça e dei-lhe o nome de Mitterutzner, isto é, *João Crisóstomo*.

Fizemos hoje o cálculo, enquanto assistíamos o recaído P.º Francisco, etc.; desde 19 de Março, festa de S. José, até hoje só eu baptizei 52, digo, cinquenta e dois infiéis entre pagãos e muçulmanos, dos quais 46 eram adultos. Em relação a muitos outros, quer a Ir. Teresinha quer a Ir. Vitória fizeram a sua parte. Todas estas almas estariam eternamente perdidas se não existisse a nossa santa obra.

7220

No meio desta consolação, sinto no coração o peso da cruz. Paulo Scandi, de Roma, piorou. P.º Francisco Pimazzoni (que ofereceu a Deus a sua vida, para que o Senhor ponha fim à perda de vidas de missionários e de Irmãs no Vicariato) teve uma recaída. P.º João Bapt. Fraccaro sente-se muito mal.

7221

Ó meu doce Jesus! Ah, ele fabricou a cruz não por cerimónia, mas para a carregarmos. Sim, levá-la-emos e de boa vontade. Do Cordofão as notícias são razoáveis. Reze e faça rezar por nós.

Na nota de administração não está a soma que Tiago recebeu, com a minha autorização mas com obrigação de restituir quando puder, para tratar da causa contra o seu irmão.

Quanto dinheiro o senhor receber por conta minha ou da missão, retenha-o para Verona, prestando-me contas.

Jesus seja louvado.

Seu dev.mo † Daniel bispo

Cartum, 3 de Outubro

7222

Esta manhã, às sete, por tifo, morreu de morte muito edificante e muito contente, assistido por todos, Paulo Scandi, de Roma. Durante sete dias, pedido por ele, recebeu o viático. P.º Francisco, vivamente impressi-

onado, está nas últimas e pediu os sacramentos. P.^e Baptista, depois de confessado, etc., assistido o moribundo foi para a cama com febre fortíssima. Faça rezar sobretudo as estigmatinas.

† Daniel bispo

N.º 1138 (1091) - AO CARD. JOÃO SIMEONI
AP SC Afr. C., v. 9, ff. 242-245

N.º 21

Cartum, 3 de Outubro de 1881

Em.mo e Rev.mo Príncipe,

7223

Com razão mandei deixar montado o catafalco quando se celebraram os ofícios e a missa *de requiem* pelos três falecidos, a que me referi na minha última. Esta manhã sucumbiu, devido à febre tifóide, com uma morte edificantíssima e invejável, o irmão leigo *Paulo Scandi*, de Roma, carpinteiro, ferreiro e especialista nos trabalhos de cobre, o qual durante um ano que esteve aqui e no Cordofão prestou bons serviços, por quem sinto muita dor. No momento em que escrevo, pediu-me os últimos sacramentos P.^e Francisco Pimazzoni, o qual, pela piedade e santidade verdadeira, é, sem dúvida, o primeiro elemento da missão, possuidor de um critério e talento admiráveis. Tendo que interromper os estudos para ir fazer a tropa, santificou a caserna e manteve na sua companhia a fé, a religião, induzindo muitos companheiros a frequentar a igreja e os sacramentos. Bastante perito no árabe, começava já aqui a produzir bons frutos.

7224

Por isso, colocámos na cruz S. José e rezámos ardentemente para que não morra. Ah! Não pode morrer. Por isso, apenas realizado o funeral de Paulo Scandi, mandei imediatamente tirar o catafalco, porque, por agora, Pimazzoni não deve ir lá para cima. O meu óptimo Baptista Fraccaro, meu futuro vigário-geral, apenas terminadas as exéquias do defunto, a quem prestou assistência durante toda a noite e de quem era confessor, teve que se deitar atacado pela febre.

7225

Meu Deus! Sempre cruces! Mas Jesus, dando-nos a cruz, ama-nos; e todas estas cruces pesam terrivelmente no meu coração, mas aumentam-lhe a força e a coragem para combater as batalhas do Senhor, porque as obras de Deus nasceram e cresceram sempre assim; a Igreja foi fundada no sangue do Homem-Deus, dos apóstolos e dos mártires; todas as missões católicas do universo que deram frutos cresceram assim à imagem da Igreja, assim prosperaram, assim se consolidaram e prosseguiram no meio de mortes, sacrifícios e à sombra da salutar árvore da cruz.

7226

Ontem, festa do Santíssimo Rosário, administrei solenemente o santo baptismo a *catorze* adultos infiéis, entre os quais se distinguiu uma jovem muçulmana de cerca de 14 anos, que lhe mencionei na minha última. É um verdadeiro prodígio da graça de Deus, que, por vias admiráveis e portentosas, guiou para o seio da Igreja esta alma vigorosa e afortunada, que não só é católica, mas quer absolutamente fazer-se religiosa das Pias Madres da Nigricia. É um assunto digno de ser referido a V. Em.^a e ei-la em duas palavras.

7227

Em 1877 estava no Cordofão *Mohamed Bei*, comandante chefe das tropas do Cordofão e de Darfur. Por razão de medicamentos iam às vezes ao seu harém duas Irmãs árabes de S. José, que baptizaram também uma criança *in articulo mortis*. Entre estas duas Irmãs estava sóror Ana, isto é, aquela *petulante e turbulenta* da Virgínia, que o P.^e Sembianti quis afastada da comunidade antes de se tornar reitor dos meus institutos de Verona. No harém havia uma jovenzinha de nome Sekina e que Virgínia depois lhe mudou em Nina.

7228

Esta, tendo visto várias vezes as Irmãs, pediu encarecidamente à mãe para ir aprender costura junto das Irmãs, etc. Em breve: tendo o comandante-geral de partir de El-Obeid para o Darfur, a sua mulher colocou a filha Sekina entre as nossas Irmãs e manifestando ela o desejo de se tornar católica, assistia sempre à instrução de catequese ministrada por Virgínia às jovens negras da missão e muitas vezes perguntava explicação de alguns pontos da nossa fé.

7229

Em 1879, tendo as minhas Irmãs substituído as de S. José, Nina agarrou-se especialmente à superiora, a *Ir. Vitória Paganini*, que agora é superiora da casa de Cartum. Mas regressado o comandante-geral de Darfur, foi chamado para o Cairo por S. A. o quèdivè; por isso, levou consigo toda a sua família; Nina chorou muito ao deixar as Irmãs. No Cairo, Nina suplicava continuamente à mãe para a deixarem ir para o Sudão para junto das Irmãs, sob a direcção da *Ir. Vitória*. Mas tanto a mãe como o marido comandante-geral responderam com um «não» absoluto. Nina continuava a chorar e pedia sempre para voltar para o Sudão; e morto no Cairo [o comandante general] (dizem que foi envenenado), a mãe vendo que a filha definhava, emagrecendo sensivelmente, resolveu levar a Cartum a filha para junto da *Ir. Vitória*; e ela cá tratou de reclamar do Governo do Sudão as somas do grande pagamento devido ao marido que ainda não tinha cobrado, e em que ainda não tocou. Quando eu cheguei a Cartum, esta senhora veio ter comigo esconjurando-me para que não permitisse que a sua filha recebesse o baptismo. Eu respondi-lhe que isso era um assunto que dependia totalmente da vontade da filha. Ela respondeu que toda a família era contrária.

7230

Mas a filha sempre insistiu que queria ser cristã e, depois, tornar-se freira das Pias Madres da Nigrícia, até que, ao meu regresso do Cordofão e do Gebel Nuba, não podendo a mãe resistir mais às súplicas e lágrimas da filha, deu o seu consentimento para o baptismo da filha. Mas eu, para maior cautela, sabendo que este assunto era conhecido a muitos turcos bem colocados e ao grande paxá, quis primeiro que o I. R. cônsul austro-húngaro interviesse para receber num escrito legal o consentimento quer da mãe quer da filha, com assinatura de muitas testemunhas, como aludi acima.

7231

A alegria da filha foi indescritível, que manifestou sobretudo ontem ao receber o baptismo; todos ficaram surpreendidos. Eu sei que Sua E. o governador-geral do Sudão, embora meu amigo, torceu o nariz com este facto, uma vez que é muçulmano muito fanático; mas depois deverá endireitá-lo. Ontem, cumprida a cerimónia dos baptizados, veio ter comigo o inspector-geral sanitário de todo o Sudão *Giorgi Bei* e disse-me: “Sua Excelência o governador-geral queria esta manhã assistir à função em que tantos negros foram feitos por vós cristãos; mas, depois, ouvindo dizer que a cerimónia demorava mais que uma boa hora, desistiu”.

7232

Entre os baptizados também estava um velho de 60 anos da tribo dos Dincas, que lá tinha ouvido falar do Cristianismo há *vinte e três anos*, quando eu andei no país dos Ghog no 6^o grau de lat. N., no Outono de 1858. Não sei se este velho veio para Cartum porque naquele país do interior nunca mais viu um missionário ou porque foi feito escravo e roubado de lá e depois conduzido para Cartum. Ele em Fevereiro passado escapou ao seu patrão e refugiou-se na missão, e nós entendemo-nos com o patrão desembolsando alguns escudos.

7233

O certo é que há todas as razões para adorar a amorosa Providência divina, que, por tantas vias, guia as almas ao porto da Igreja, na qual se encontra unicamente a salvação eterna. Igualmente quando as irmãs visitam os haréns, seja para exercício da caridade, seja para aí baptizarem meninos infieis *in articulo mortis*, seja também por motivo de cortesia e para se conservarem em boas relações com as mulheres dos grandes, a fé católica ganha sempre, também porque o bom exemplo e a conduta das Irmãs é uma eloquentíssima lição para os muçulmanos, que ficam sempre admirados com elas. Eu verifiquei isto numa longa experiência; e o facto da solidíssima conversão da jovem muçulmana, que no baptismo tomou o nome de *Vitória*, é disso uma bela prova.

7234

Esta noite, enquanto assistíamos o leigo Paulo Scandi, fizemos o cálculo que desde 19 de Março, festa de S. José, até ontem, festa do Santíssimo Rosário, eu baptizei 52 (cinquenta e dois) infieis, entre pagãos e muçulmanos, os quais, sem a nossa santa obra, teriam perecido eternamente, entre os quais 46 adultos. Isto só eu. Mas os outros missionários e as Irmãs fizeram também a sua parte em todas as estações do vicariato.

7235

É preciso que se note que este Vicariato é o mais difícil e laborioso de todas as missões do mundo e que nós devemos quase sempre lutar com um clima letal, com doenças terríveis e com a própria morte, muito mais que em todas as outras missões da África. E eu, por disposição do Senhor, tive que lutar com imensas e não menos perigosas dificuldades internas, a que aqui é inútil fazer referência, porque conhecidas em parte pela Sag. Congregação, pelo que tive de renovar de raiz o pessoal da missão, perdendo muito tempo, saúde e energia.

7236

Nunca estive tão bem como agora, porque, embora ainda em pequeno número, posso dispor de elementos de uma grande virtude e abnegação, que enfrentam as maiores privações e a própria morte, como quem bebe

um copo de água. Isso deve-se seriamente ter em conta. Pelo que, se V. E. esperar, *verbi gratia*, até 1890, para dar um juízo definitivo sobre todas as missões do interior da África ultimamente fundadas, isto é, a *África Central, o Sara, o Nyanza, Tanganica, o Alto Zambeze, o Baixo e Alto Congo e o interior das Guinés*, e examinar atentamente as diferentes fases e os progressivos resultados de cada uma destas missões, calculando-lhes as dificuldades naturais e extraordinárias, e as forças de cada uma, V. Em.^a, espero, deverá concluir que a África Central não se irá encontrar no último lugar, embora seja a mais árdua e perigosa de todas.

Estou oprimido por uma forte febre reumática. O calor destes dias com o vento do [*khamzin?*] ultrapassa todos os limites. Beijo a sagrada púrpura.

Seu hum.mo, devot.mo filho
† Daniel Comboni, bispo e vig. ap.

N.º 1139 (1092) - A P.º JOÃO BERTANZA
AGFCR

J. M. J.

Cartum, 4 de Outubro de 1881

Meu caro P.º João,

7237

Desejando que Virgínia se restabeleça por algum tempo, e tome um pouco de alívio pelos incómodos sofridos, antes de voltar ao Oriente pela via de Roma, onde desejo que tenha a consolação de beijar os pés e receber a bênção do Santo Padre, peço-lhe que o senhor mesmo vá a Verona ou que mande lá uma pessoa eclesiástica da sua confiança para ir buscá-la e conduzi-la a fim de ficar em sua casa sob a orientação de sua digna irmã, Teresinha.

7238

Se o óptimo P.º Sembianti tivesse qualquer dificuldade em conceder a Virgínia tal graça, suplique-lhe com a sua caridade e insistência e, certamente, ele acederá.

Certo de que me fará este prazer, peço-lhe saúde Teresinha, o monsenhor, o dr. Manfroni, P.º Pedro e P.º Tilino com todos os meus amigos.

Serei sempre

Seu af.mo amigo
† Daniel bispo e vig. ap.

N.º 1140 (1093) - A P.º FRANCISCO GIULIANELLI
ACR, A, c. 15/35

Cartum, 4 de Outubro de 1881

Meu caro P.º Francisco,

7239

Ontem de manhã, às sete horas, morreu com uma morte muito edificante Paulo Scandi, de Roma, atingido por febre tifóide. Vê-se mesmo que Roma é a metrópole da fé. Sete dias antes, logo que caiu doente, ele mesmo pediu os sacramentos e, com grande devoção, tomou o viático, dizendo-me que ficaria contente se Deus o chamasse a si. Nos outros dias, embora estivesse melhor, também se confessou todos os dias. Ontem à noite sobreveio-lhe improvisadamente a febre, quis tomar novamente o santo viático e recebeu o os santos óleos e a bênção papal, dizendo: «Estou mesmo contente de morrer». Entregou a P.º Baptista, seu confessor, o seu relógio para que o mandasse ao seu pai e expirou como um verdadeiro cristão. Ficámos todos edificad-

7240

P.^e Francisco e P.^e Baptista também estão doentes. P.^e Francisco caiu numa fraqueza extraordinária. Reze por nós, que nos sentimos felizes e estamos resignados a levar a cruz, sobre a qual morreu o nosso doce Jesus.

7241

Do vosso telegrama não percebi nada. Suspeito que o em.mo Casolini, movido pelo reitor do Seminário Mastai, o vá chamar para Roma. Protesto altamente contra tal decisão; o senhor, por vontade de Deus e da S. C., é missionário da África Central, ao serviço da qual tem um múnus importantíssimo e da máxima glória de Deus, que o senhor desempenha de forma magnífica.

7242

Escreva ao P.^e Sembianti para que não aceite no instituto o pequeno Domingos; que o mande para sua casa, pois tal medida será útil aos outros.

Reze por mim de modo particular, que estou cheio de cruces da cabeça aos pés. Mas caro Jesus! Devemos recusá-las, uma vez que nos permitem conquistar o céu?

Anteontem eu baptizei solenemente 14 infieis, entre os quais uma muçulmana.

Abençoo a todos/as

† Daniel bispo

N.º 1141 (1094) - AO P.^e JOSÉ SEMBIANTI
ACR, A, c. 15/38

J. M. J.

Cartum, 4 de Outubro de 1881

Meu caro padre,

7243

Recebi hoje a sua carta registada de 31 de Agosto p.p., assinada também pelo Rev.mo P.^e Vignola.

Fiquei surpreendido pelo conjunto da carta... e até escandalizado... Não sei se o peso das caras cruces que Jesus me manda contribui para este meu sentimento e juízo.

Parecia-me que quanto ao assunto de Virgínia, tendo a questão sido levado por si e pelo em.mo para Roma, se devia esperar pelo autorizado juízo de lá. O em.mo Simeoni escreveu-lhe a si a dizer que *Virgínia por agora não fosse para a África*, mas a mim não me deu nenhuma ordem sobre o assunto.

7244

Todavia, para não pôr obstáculos à respeitável vontade do P.^e Vignola que quer *Virgínia imediatamente fora do Instituto*, eu ordeno-lhe a si que entregue 500 francos a Virgínia e que a mande imediatamente para Roveredo, para casa de P.^e Bertanza e da sua irmã Teresinha, onde Virgínia ficará tranquila até outra destinação que Deus tenha por bem atribuir-lhe. Para Beirute, para junto da sua família *cismática*, não quero que vá agora e já há muitos dias o declarei ao meu veneradíssimo superior, o Em.mo cardeal Simeoni.

7245

Que Virgínia saia fora do insto. de Verona é urgente pelo seu moral, porque está demasiado isolada, humilhada, desprezada. Procure-se persuadi-la a ir, por agora, para Roveredo, e terá aí também conforto espiritual. Com tal objectivo, escrevi agora a P.^e João Bertanza que venha ou mande buscar Virgínia. Assim o Insto. das Pias Madres ficará contente.

7246

Que aconteça tudo o que Deus quiser. Deus nunca abandona quem nele confia. Ele é o protector da inocência e o vingador da justiça. Eu sou feliz na *cruz*, que levada de boa vontade por amor de Deus gera o triunfo e a vida eterna.

Af.mo † Daniel bispo

Peço-lhe que entregue à Virgínia a carta aqui incluída.

N.º 1142 (1095) - NOTAS DE VIAGEM

ACR, A, c. 18/33 nn.1-4

1881

N.º 1143 (1096) - POST SCRIPTUM A UMA CARTA
ACR, A, c. 20/56 n. 4

1881

N.º 1144 (1097) - NOTA DE CORRESPONDÊNCIA
ACR, A, c. 20/24

1881

N.º 1145 (1098) - DO LIVRO DOS DEFUNTOS DE CARTUM
ACR, A, c. 10/3

Cartum, 1881

N.º 1146 (1099) - MAPA DO FAR-NUBA
ACR, sez. carte geografiche

1881

ESCRITOS SEM DATA

Acrescentamos os “documentos sem data” para completar a documentação.

N.º 1147 (1100) - HORÁRIO QUOTIDIANO
AMV, cart. “Missioni Africane”

N.º 1148 (1101) - NOTA SOBRE OS INSTITUTOS COMBONIANOS
(minuta)
ACR, A, c. 25/25

7247

A obra para a redenção da Nigéria fundada por mim em Verona, sob os auspícios do em.mo de Canossa, arrancou, direi assim, do nada e preparou para o apostolado da África interior os seguintes elementos que são necessários para obter com eficácia e estabilidade o santíssimo intento.

7248

1.º *O Instituto das Missões para a Nigéria que educa e forma para o apostolado africano sacerdotes, catequistas e artesãos, para o qual elaborei regras adequadas que, a seu tempo, serão submetidas à sanção da S. Congregação, para ele se tornar uma congregação.*

7249

2.º *O Instituto das Pias Madres da Nigéria para formar Irmãs da caridade, aptas para implantar na África Central todas as obras católicas femininas, ao qual dei regras adequadas, as quais, depois de uma conveniente experimentação na África nos lugares de trabalho, submeterei também à sanção da Sagrada Congregação ou à dos bispos regulares.*

Estes dois institutos, para além das coisas convenientes para o seu estabelecimento, estão providos de duas casas e de uma quinta, cujo fruto constitui uma parte do seu sustento.

7250

No Cairo (Egipto) existem fundados por mim:

3.º *O estabelecimento para os missionários da África Central, onde se aclimatam os missionários, catequistas e artesãos do instituto veronês e, com o estudo e a piedade se preparam para as missões do interior.*

4.º *O Instituto das Pias Madres*

5.º *O estabelecimento dos missionários da África Central, onde os sujeitos do instituto masculino veronês se aclimatam e se preparam com o estudo e a piedade para as missões do interior.*

6.º *Estabelecimento das Pias Madres da Nigéria, onde igualmente se aclimatam, etc. para as missões do interior.*

7251

Estes dois estabelecimentos foram erigidos de raiz por mim, sobre um terreno cedido pelo quediwe.

Na Núbia superior, na cidade de Berber:

7.º *Estabelecimento masculino para repouso dos missionários provenientes do Egipto pela via do deserto de Korosko ou pela de Suakin sobre o mar Vermelho e acolhimento-refúgio para os missionários doentes de Cartum.*

8.º *Estabelecimento feminino para as Irmãs para o mesmo fim. As duas casas para este estabelecimento com um grande terreno de horticultura por mim compradas e restauradas são minha propriedade; e na passagem dos missionários e das Irmãs por Berber, presta-se assistência aos poucos católicos e procura-se salvar alguma alma.*

7252

Em Cartum, capital das possessões egípcias no Sudão:

9.º *Estabelecimento masculino com:*

A casa masculina de Cartum que foi construída pelo dr. pró-vigário Knoblecher em 1857. A casa feminina, com 109 metros de comprimento como a masculina, foi construída de raiz em 1874. O quintal, que produz um rendimento líquido de cerca de 8000 francos ao ano, com máquina a vapor, foi todo feito por mim. Segundo Gordon Paxá, que visitou a Abissínia, Adem, etc. e segundo os grandes viajantes que visitaram as

costas orientais e ocidentais da África, a missão católica de Cartum é o maior monumento de civilização europeia (cristã!) da África Central e Ocidental.

VI No reino do Cordofão

A. Em *El-Obeid*, capital:

7253

10.^o *Estabelecimento masculino*, com a segunda residência do vigário apostólico, escola de agricultura, escolas, creche, colégio ou seminário menor para negros, refúgio de escravos, escola de artes e ofícios, etc., etc.

11.^o Estabelecimento das Pias Madres da Nigrícia, com a segunda residência da madre provincial, com o noviciado para as candidatas negras, escolas, creches, labores femininos, refúgio de escravas, etc.

Estas duas casas, com outros armazéns úteis no centro da capital, a igreja e as hortas e poços, foram todos adquiridos e restaurados por mim. Os poços, num região onde não há rios, são de maior apreço que as casas. São a garantia da subsistência da missão.

B. *Malbes* a sudoeste

7254

Os negros convertidos são pobres e, depois da conversão, ver-se-iam obrigados a ir servir os muçulmanos, com cuja convivência perderiam a fé; uma vez que a missão os não pode manter, para prover ao sustento deles e das suas famílias e sobretudo para cuidar das suas almas, a uma jornada de caminho de El-Obeid, na planície de *Malbes*, adquiri muitos terrenos que se estendem por cerca de um quilómetro; escavámos poços e fundámos aí uma *colónia católica* dos negros, chamada "*Pio IX*", onde colocámos as famílias dos negros convertidos, atribuindo a cada família um pedaço de terra para trabalhar e semear o necessário para viver sozinha todo o ano, sem gastos para a missão.

7255

A colónia católica de Malbes, que agora consta de 22 famílias católicas, está destinada a tornar-se uma povoação, uma cidade toda católica, segregada dos muçulmanos e ajudada a conservar a fé por freiras adequadamente atribuídas por mim.

Nesta colónia construímos bastantes cabanas, bem sólidas, de adobe e palha, e uma capela.

12.^o *Casa de veraneio* para os missionários do Cordofão e de Gebel Nuba, quando estão doentes e exaustos pela febre, etc., para além de uma escola de agricultura dirigida por um perito do instituto de Verona. Todos os domingos e festas do ano há missa e catecismo.

N.º 1149 (580) - NOTA ADMINISTRATIVA
ACR, A, c. 22/5 n. 10

N.º 1150 (1102) - A DANIEL SORUR
ACR, sez. Fotografie

Dedicatória numa imagem do Sagrado Coração.

N.º 1151 (1103) - AUTÓGRAFO NUMA IMAGEM
DE NOSSA SENHORA
ASC

N.º 1152 (1104) - ESBOÇO DE REQUERIMENTO
ACR, A, c. 18/4 n. 3

Pedido para nomeação de Mitterrutzner para consultor da Prop. Fide.

N.º 1153 (1105) - ELENCO DOS MISSIONÁRIOS
CHEGADOS AO VICARIATO: 1846-1858
ACR, A, c. 18/4 n.5

N.º 1154 (1106) - ELENCO DE BISPOS
E VIGÁRIOS APOSTÓLICOS DA ÁFRICA
ACR, A, c. 18/4 n. 6

N.º 1155 (1107) - ELENCO BREVE E DECRETOS, etc.
ACR, A, c. 18/4 n. 7

N.º 1156 (1108) - DATA DA ERECCÃO DE VICARIATOS,
PREFEITURAS
ACR, A, c. 18/4 n. 8

N.º 1157 (1109) - APONTAMENTOS SOBRE PREFEITURAS
E VICARIATOS APOSTÓLICOS DA ÁFRICA
ACR, A, c. 18/4 n.9

N.º 1158 (1110) - LISTA DOS MEMBROS DA MISSÃO
ACR, A, c. 18/4 n. 10

N.º 1159 (1111) - ELENCO DOS MISSIONÁRIOS DE CARTUM
E DO CORDOFÃO
ACR, A, c. 18/4 n.11

N.º 1160 (1112) - ELENCO DE 37 CRISTÃOS DE LÍNGUA ÁRABE
ACR, A, c. 18/4 n. 12

N.º 1161 (1113) - LEGENDA MUÇULMANA
ACR, A, c. 18/27

N.º 1162 (1114) - A P.º JOSÉ CALZA
BCV, cod. 1114

El-Obeid

7256

Ao meu dulcíssimo amigo P.º José Calza, arcepreste de Zevio, mando, da capital do Cordofão, uma afetuosa saudação, assegurando-lhe que o trago no coração e que não perdi absolutamente a esperança de que me arranje no meio da sua fecunda grei algum elemento de virtude masculina semelhante à sua paroquiana Amália Andreis que, de Verona, de Roma e do Cairo, conduzi até aqui, onde está muito contente de trabalhar pelas almas. Ao clero, religiosas e amigos de Zevio mando a minha bênção.

† Daniel Comboni

N.º 1163 (1115) - AUTÓGRAFO NUM LIVRO
ASC

N.º 1164 (1116) - À Mlle. DE TANQUEREL DES PLANCHES
AFV, Versailles

Breve bilhete.

N.º 1165 (1117) - AO P.^e ESTANISLAU CARCERERI
APCV, 1458/607

D. Comboni escreveu assim sobre Carcereri:

7257

“O P.^e Carcereri é um hábil e fino espertalhão; com a sua santidade e ciência e prudência sabe preparar bons petiscos para Deus, procurando e apresentando-lhe os corações destes jovens negros.”

† Daniel *Ep.pus Claudiopolitan. i.p.i.*
Vicarius ap.licus Africae Centralis

N.º 1166 (1118) - INSERÇÕES NO BREVIÁRIO
ASC

N.º 1167 (1119) - A P.^e ALBERTO SUGHI
ACR, sez. fotografie

Autógrafo sobre uma foto.

N.º 1168 (1120) - NOTA PARTICULAR
ACR, A, c. 25/17

N.º 1169 (1121) - A SÓROR ANNUNZIATA COSEGGI
APMR

Autógrafo numa imagem do S. Coração.

N.º 1170 (1122) - A P.^e FELICE PERLATO
BCV, carteggi b.131 (Netti-Perlato)

Breve bilhete.

N.º 1171 (1123) - DECLARAÇÃO NUMA CARTA
ACR, A, c. 27/39

N.º 1172 (1124) - AUTÓGRAFO NUM CERTIFICADO DE BAPTISMO
ACR, A, c. 30/5 n. 1

N.º 1173 (1125) - A FAUSTINA COMBONI
ASC

Fragmento de uma carta.

N.º 1174 (1126) - DO LIVRO DE BAPTISMOS DE CARTUM
ACR, A, c. 10/8

N.º 1175 (1127) - DO LIVRO DE MATRIMÓNIOS DE CARTUM
ACR, A, c. 10/1 i

N.º 1176 (1128) - DO LIVRO DE DEFUNTOS DE CARTUM
ACR, A, c. 10/2

N.º 1177 (1129) - NOTAS SOBRE O DIÁRIO DE P.º SQUARANTI
ACR, A, c. 29/8 n. 6

N.º 1178; 1179 (1130; 1131) - NOTAS
ACR, A, c. 22/5 nn. 4 e 5

N.º 1180 (1132) - FRASÁRIO “AKKA”
ACR, A, c. 109/19

N.º 1181 (1133) - PEQUENO DICIONÁRIO DA LÍNGUA NUBA
ACR, A, c. 109/6

N.ºs 1182-88; (1134-40) - AUTÓGRAFOS EM FOTOS
ACR, sez. fotografie

N.ºs 1189-91 (1177-79) - AUTÓGRAFOS EM LIVROS
APMR

N.º 1192 (1140) - APONTAMENTOS
ACR, A, c. 22/5 n. 9

N.º 1193 (1229) - ELEMENTO NOMINATIVO IRMÃS PMMN
ACR, A, c. 31/2

N.º 1194 (1230) - ASSINATURA NUM LIVRO
ACR

N.º 1195 (1231) - EUGÉNIO COMBONI
Original junto de Anna Maria Comboni

Autógrafo em foto.

N.º 1196 (1232) - CORRECÇÃO DE COMBONI
CAR, A, c. 21/1 n. 23

N.º 1197 (1233) - NOTA EM RODAPÉ DE UMA TRADUÇÃO
ACR, A, c. 33 b/1

N.º 1198 (1234) - AO P.^e ESTANISLAU CARCERERI
APCV, 1858/607

Autógrafo numa foto.

N.º 1199; 1200 (1235; 1236) - NOTAS
ACR, A, 20/36 n.8 e 20/38 n. 4